This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

481.06
I59r.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO XXVI.

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

STANFORD LIBRARY

RIO DE JANEIRO.

TYP. DE D. LUIZ DOS SANTOS

Rua Nova d'Ouvidor n. 20.

1863.

I.

981.06
I59r
v.26
222822

STANFORD LIBRARY

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

1°. TRIMESTRE DE 1863.

HISTORIA DA REPUBLICA JESUITICA DO PARAGUAY

desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, anno de 1861,

PELO

CONEGO JOAO PEDRO GAY,

Vigario de S. Borja nas missões brasileiras

PREFACIO.

FAZ apenas trezentos e cincoenta annos que pela primeira vez os europeus pisaram no territorio do Rio da Prata. Então desde as cabeceiras do magestoso Paraguay, do caudaloso Paraná e do soberbo Uruguay o territorio era occupado por uma multidão de tribus selvagens, que geralmente são denominados Guaranis.

Os primeiros descobridores e conquistadores hespanhóes que fundaram a immensa provincia do Paraguay, avassalaram ou escravisaram todo o gentio que puderam segurar, trucidando outros, ou obrigando-os a procurar refugio em longinquas selvas. Os missionarios da celebre companhia de Jesus, encarregados de coadjuvar a colonisação hespanhola, e sobretudo de reduzir ao christianismo estes gentios indigenas, mais humanos do que os

conquistadores, conseguiram, empregando meios mais brandos, domesticar centenares de mil indios, com os quaes fundaram os trinta e tres povos, que constituiram precisamente a extincta Republica Jesuitica do Paraguay.

Os maravilhosos resultados obtidos pelo zelo dos jesuitas tiveram echo ao longe; e sua christandade de guaranis da provincia do Paraguay foi comparada muitas vezes com a christandade dos primeiros seculos da igreja. Sem embargo os estabelecimentos jesuiticos do Paraguay iam em opposição aos interesses dos colonisadores, foram accusados de ambiciosos os possuidores de tantas reducções sumptuosas; e conseguiu-se emancipar da sua tutela estes numerosos indios, que eram meros automatos sob a mão poderosa que os tinha subjugado. Cahiram então sob a administração hespanhóla os christãos guaranis, gozando em geral de uma liberdade mais ampla, porém sujeitos a mais privações, e as vezes subordinados aos caprichos de despotas subalternos. Com a emancipação da America do Sul da Metropole Europea, a palavra *liberdade*, resoou aos ouvidos dos guaranis como dos outros habitantes d'estas regiões remotas; que em geral, desconhecendo a natureza do thesouro que lhes era concedido, confundiram a liberdade com a licença; desde então tudo ficou perdido para estes infelizes indigenas. Para elles, como para muitos ainda infelizmente em nossos dias, a liberdade foi o poder de fazer a sua vontade, a faculdade de quebrantar a seu bel-prazer as leis divinas e humanas, sem reconhecerem freio que contivesse seus extravios. Indemnisaram-se dos trabalhos e privações á que tinham sido submettidos, antes, entregando-se sem reserva á preguiça, á toda sorte de vicios.

Desde aquella época, para elles nefasta, os guaranis tem sido sempre promptos a acompanharem o primeiro

caudilho que se lhes apresenta, deixando suas companheiras e filhas na devassidão, que elles mesmos procuravam na licença dos acampamentos, até que desappareceu quasi inteiramente a sua raça, juncando os campos as ultimas vergonteas dos guaranis civilisados e christianisados pelos jesuitas. Poderosa lição para os dominadores da terra e para os povos; que ensina á aquelles que não é pelo servilismo, e obediencia cega á que reduzem os seus subditos que podem grangear bons servidores, se não tem ao mesmo tempo o cuidado de lhes fazerem dar a instrucção precisa para que por si mesmos reconheçam quaes são seus deveres como bons cidadãos, e como bons christãos, que ensina a estes os castigos que a Providencia lhes reserva quando surdos ás leis de Deus e do Estado, tomam seus caprichos ou interesses por guia da sua conducta. As vastas scenas que a historia dos guaranis desenvolve desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, os dramas immensos de que o territorio da Republica Jesuitica do Paraguay foi o theatro, merecem de certo alguma consideração e algum estudo. Este trabalho é muito superior á meus escassos conhecimentos e muito além de minhas forças. Nunca imaginei desempenhar esta tarefa. O meu plano primitivo foi escrever um memorial sobre as missões jesuitas sitas á Léste do Uruguay e pertencentes ao imperio do Brasil. Tendo posto mãos á obra achei impossivel prescindir de tocar nos outros povos jesuiticos, cuja historia geral é a mesma que a dos sete povos orientaes.

Por fim encontrei a historia particular dos povos jesuiticos tão ligada á historia geral da antiga provincia do Paraguay, que insensivelmente me achei com uma agglomeração de factos que lhe dizem respeito.

Conheço bem a imperfeição do meu trabalho; n'elle ha

immensas lacunas, tanto por não ser eu profissional em muitas materias que deixei de tratar, como por me faltar absolutamente n'este retiro de S. Borja onde escrevo os poucos livros que tem sido publicados sobre a mesma historia. Apenas encontrei alguns fragmentos de livros mui antigos, e são tão poucos os homens illustrados ou de bom criterio, que poucas tradições pude colher verbalmente. * Sem embargo da insufficiencia do meu escripto que assim mesmo me tem tido dez annos de trabalho e de investigações, annuindo ás repetidas exhortações de amigos meus, resolvi-me a mandal-o publicar. Esperando que seja esta a primeira obra que eu saiba ter sido publicada em portuguez, e tendo o mesmo assumpto, o leitor encontrará sempre nella alguma cousa interessante; e que attendendo a boa vontade do auctor, lhe desculpará as faltas. Faz muito mais de anno que um amigo meu mineralogista me prometteu umas notas sobre a geologia do territorio de Missões; outro amigo prometteu-me levantar o mappa do territorio que descrevo n'esta historia, mas infelizmente até agora não recebi o que me haviam promettido ambos; e talvez estas notas e o mappa só possam ser publicados em a 2.ª edição. Ao mesmo tempo supplico á meus leitores que descobrirem erros, que julgo involuntarios e sem vontade de inverter os factos, ou que conhecerem algum melhoramento que se possa effectuar, de terem a bondade de me communicar suas observações, que serão por mim devidamente attendidas.

* Muito me tem servido uma parte das viagens de Azara escriptas em italiano, o livro do Dr. Charque, do Dr. de Moussy e a Historia Argentina que são escriptos em castelhano.

HISTORIA

DA

REPUBLICA JESUITICA DO PARAGUAY.

CAPITULO I.

Descobrimento do Rio da Prata e do Paraguay. Portuguezes no Paraguay e no Perú. O Brasil em 1530. Conquistas dos descobridores no Paraguay, etc. Fundação de cidades e colonias até 1620. Governadores e vice-reis do Rio da Prata desde aquelle anno até 1810.

O descobrimento do Novo Continente, onde o immortal Colon pisou no dia 12 de Outubro de 1492, fez nascer a ambição dos descobrimentos e das conquistas no antigo mundo. Nobres castelhanos, lusitanos, aventureiros de todas as nações da Europa prepararam seus baixeis para ir aportar ás praias americanas. A côrte de Hespanha, á qual é devida a gloria de ter favorecido tão fausto acontecimento, enviou varias expedições para fazer novas descobertas. D. João Dias de Solis que capitaneou algumas d'ellas, tinha reconhecido a embocadura do Rio da Prata desde 1509; e para proseguir no seu descobrimento, depois de ter abordado em 1515 na magnifica bahia de Nictherohy, (1) em cujas margens está ora sumptuosamente assentada a rainha da America do Sul, depois de ter tocado na risonha ilha de Santa Catharina, chegou á ponta de Santa Luzia, onde encontrando inesperadamente agua doce, resolveu ir adiante nas aguas por elle chamadas *Solis*. Tendo porém avistado indigenas sobre a costa septentrional do mesmo rio, desembarcou para fallar com elles; mas infelizmente esses indios, que eram

charruas de uma nação errante que occupava então a margem septentrional do Rio da Prata desde Maldonado até o Uruguay, e se estendia como umas trinta leguas ao Norte no interior das terras.

Massacraram a Solis e a uma porção de seus companheiros junto a um riacho, que por este desastroso incidente tomou o nome de Solis, e que se acha entre Maldonado e Montevidéo. (2) Alguns historiadores asseguram que Solis e os companheiros que com elle pereceram foram devorados pelos seus matadores. Aquelles porém que tinham escapado ao morticinio tratavam de voltar á Hespanha; ficando alguns bem que mui poucos errantes nas mesmas praias. escondendo-se dos selvagens.

Ninguem se occupou mais do Rio da Prata até 1525. No dito anno o conde D. Fernando de Andrade e outros pertencentes ao contracto das especiarias, que tinha sua casa na Corunha, propuseram-se fazer uma expedição ás terras descobertas sob a dominação de el-rey de Castella no rio de Solis. E tendo tratado com el-rey, deram o commando d'esta armada a Diogo Garcia, portuguez visinho da villa de Moguer, com ordem de procurar na terra que tocassem os companheiros que tinha deixado o infeliz Fernando de Magalhães, descobridor do Estreito d'este nome.

D. Diogo Garcia sahiu da Corunha a 15 de Janeiro de 1526; tocou nas ilhas Canarias, e em S. Vicente no Brasil onde fez um contracto obrigando-se a ir buscar oitocentos escravos ao Rio da Prata, e entregal-os a um portuguez em S. Vicente para d'ahi serem enviados á Europa. Garcia fundeou no porto dos Patos, (Santa Catharina) em Janeiro de 1527, e n'elle encontrou a Sebastião Cabot ou Gaboto, que depois de ter descoberto as costas do Labrador e da Terra Nova em 1497, e offerecido seus serviços ao rei de Hespanha tinha sido enviado por uma sociedade de nego-

ciantes ás ilhas Molucas, devendo passar pelo estreito reconhecido pelo portuguez Magalhães em 1520.

Gaboto que tinha sahido de Sevilha em Abril de 1526, achou no porto dos Patos dois hespanhóes desertores da expedição de Solis, e mais outros quinze desertores da expedição destinada ás Indias Orientaes sob as ordens de D. Rodrigo d'Acuña.

Estes individuos informaram a Gaboto de que no Rio da Prata existiam immensas riquezas de ouro e prata, o que que lhe fez nascer a idéa de tentar seu descobrimento.

Em consequencia abandonou na ilha de Santa Catharina alguns de sua gente que se oppunham a esta nova resolução, e tendo tomado comsigo quatro indios dos Carijós dos Patos, fez-se de vela seguindo a derrota de seu predecessor Solis, e foi fundear na confluencia de um rio que desagua no Uruguay, que foi chamado S. Salvador, e hoje S. João, onde estabeleceu um forte, em 1527. N'esse lugar encontrou Francisco Puerto, o unico que ainda existia dos companheiros de Solis, mandou depois um de seus officiaes entrar no rio Uruguay, com um navio que foi submergido por uma tempestade escapando-se a tripolação parte em canôas, e parte por terra, porém estes ultimos foram assaltados por indios do Javó que moravam a Leste do rio Uruguay, entre o rio Negro e S. Salvador, que mataram o official e alguns companheiros. Entretanto Gaboto tinha entrado no braço mais austral do rio Paraná, ligou-se de amizade com os guaranis Mbeguás que achou nas suas margens, e continuou sua viagem até a fóz *Cara-Cara-ana* hoje Carcavanâl, aos 32.° 25' 12" de latitude, onde estabeleceu outro forte com o nome de *Espirito Santo* para onde mandou conduzir os objectos que tinha deixado em S. João. Tendo feito alliança com os Mbeguás, Carcavanâs e Timbús, tribus de Pampas; Goboto seguiu sua navegação pelo rio

Paraná acima até chegar perto da ilha *Apipé*, onde encontrou um salto no rio e pouca agua. N'aquellas paragens demorou-se uns trinta dias durante os quaes se relacionou com os indios guaranis que fez vir de Sant'Anna, e que depois se reuniram á colonia christã d'Itati. Aquelles indios levavam nas orelhas laminas de ouro e de prata que trocavam por mercadorias com os hespanhóes. Esperando achar em outro ruumo objectos preciosos em maior quantidade, retrocedeu Gaboto d'esse porto até a confluencia dos rios Paraguay e Paraná a 28 de Março de 1528, e seguindo pelo primeiro, chegou perto da Assumpção. N'aquella viagem viu certos indios que tinham trocado laminas de ouro e de prata com os hespanhóes. Fez entrar um brigue com trinta homens no rio Vermelho, onde estes acharam indios sagazes, que persuadiram aos hespanhóes de que possuiam effectivamente em suas casas muito ouro e muita prata, e manifestavam desejos de fazer trocas por outros objectos, por cujo fim alliciaram a quinze d'elles a ir ás suas habitações, onde os mataram todos. Depois d'este desastre e como desejo de se informar se não tinha chegado embarcações de Hespanha, Gaboto voltou atraz e apenas tinha navegado trinta leguas encontrou com D. Diogo Garcia, que do porto dos Patos tinha ido após elle no rio Solis ou Prata, e que depois de enviar sua encommenda de escravos, na ausencia de Gaboto tinha-se feito reconhecer como chefe dos commandantes por elle deixados em S. João e no Espirito Santo, e o perseguiu pretendendo para si a primasia na descoberta do paiz. Apesar d'isso Gaboto o recebeu bem, convencionou com elle de continuarem de commum accordo a descoberta e a conquista, e se retiraram juntos ao forte *Espirito Santo*. Mas a boa harmonia durou pouco tempo entre elles; Garcia que tinha menos partido, fez-se de vela para a Hespanha, levando laminas de prata e de ouro que tinha adquirido dos indios

com quem tinha tratado nas terras recentemente percorridas, pratas que, como logo veremos, como as de Gaboto os indios tinham roubado á portuguezes vindos do Perú, e por elles mortos.

Gaboto mandou dois de seus companheiros de confiança chamados Calderon e Jorge Barlo levar ao conhecimento d'el-rei de Hespanha suas descobertas e operações, e apresentar as laminas de ouro e prata e as pedrarias ricas que tinham trocado com os indios. Os enviados de Gaboto chegaram em Outubro de 1528 a Toledo onde encontraram o imperador, que á vista da relação que se lhe fez julgou mui conveniente que fossem povoadas as terras recem descobertas do Rio da Prata ou Solis. E para que não ficasse prejudicada a companhia de armadores das ilhas Molucas ou da Especiaria, que tinham equipado a armada de Gaboto que acabava de fazer este descobrimento, mandou que a mesma companhia mandasse a Gaboto os soccorros que elle reclamava para aproveitar das vantagens e beneficios da sua descoberta de uma terra de mais de duzentas leguas de extenção. Não podendo a companhia mandar os soccorros pedidos e demorando-se a chegar os que el-rei estava disposto a enviar, Gaboto cançado de esperar, se resolveu a ir em pessoa a Hespanha, deixando a D. Nuno de Lara o commando das fortalezas chamadas Gaboto e do Espirito Santo. Era no anno de 1530, e Gaboto fez a seguinte relação a el-rei: que a principal raça de indios da terra por elle descoberta, são guaranis, nação guerreira, traidora, soberba, e que tem por escravos todos aquelles que não fallam sua lingua, com quem sempre andam em guerra; que são mui sanguinarios e crueis, matando a quantos podiam sem fazer prisioneiros: que d'esta nação era povoada a cidade da Prata, d'onde em tempo de Guainaçapá, rei do Perú, pai de Atabalipa, sahiram numerosos esquadrões, que caminhando mais de quinhentas leguas

por terras da sua nação, chegaram ao Perú: e depois de terem feito grandes estragos voltaram victoriosos a seu paiz ficando varios nas serras; que continuam a fazer estragos no Charcas, sendo de noite que fazem seus ataques, e depois de feitas suas correrias se retiram ás montanhas onde se mantêm. Se bem que Sebastião Gaboto houvesse feito a paz com estes indios, e tivesse deixado a povoação de Sancti Spiritus e uma fortaleza ao mando do Valente Nuno de Lara, logo depois do seu regresso para Europa houve entre os indios e hespanhóes differenças, que concluiram pelo abandono que estes fizeram d'estas terras; o que aconteceu da maneira seguinte: a tribu dos indios Timbus era a principal das visinhanças dos estabelecimentos hespanhóes, e a que lhes fornecia mantimentos. Eram caciques d'esta tribu dois irmãos por nome Mangoré e Scripó, de idade de trinta e quatro annos, ambos valentes, temidos e respeitados, sobre tudo Mangoré. Este se enamorou de uma senhora hespanhóla chamada Lucia de Miranda que se achava na fortaleza e casada com Sebastião Furtado. Não podendo obter os favores d'esta senhora pelos meios ordinarios, o cacique Mangoré aproveitou a occasião em que o capitão Ruy Garcia Mosqueira tinha sahido da fortaleza com quarenta soldados, entre elles o marido de Lucia, para irem embarcados comprar viveres dos indios das ilhas e das margens do rio, para se apresentar nas portas da fortaleza como um amigo que trazia viveres e refrescos á guarnição que d'elles necessitava, mas de repente e por traição fez entrar na fortaleza, no momento que os hespanhóes estavam dormindo e descuidados, um grande numero de indios selvagens, que em luta desproporcionada e imprevista mataram todos os hespanhóes que se achavam na fortaleza, vendendo estes, sobretudo Nuno de Lara, caro a sua vida, pois mataram tambem muitos indios e entre elles o cacique Mangoré. Pereceram todos

os hespanhóes varões, excepto tres ou quatro meninos que foram cativados e cinco mulheres, entre ellas a nova Helena, Lucia de Miranda que tocou por parte ao cacique sobrevivente Siripó, que tambem muito se namorára d'ella, e que depois mandou queimar n'uma fogueira por descobrir que tinha relações com seu marido Furtado, que fugira dos hespanhóes para ir em sua procura, e que na mesma occasião mandou o cacique matar horrorosamente. Ao regressar com seus soldados Ruy Garcia Mosqueira não pode mais que deplorar a sorte de seus companheiros, e tendo os indios na sua ausencia, depois da morte de Nuno de Lara, queimado a povoação e a fortaleza, continuou com o seu brigue e seus companheiros, menos o desertor Furtado, marido de Lucia, a navegar para sahir do rio e ganhou a costa do Brasil. onde se foram estabelecer em Iguá, vinte leguas distante de S. Vicente, colonia portugueza. Os portuguezes declararam guerra aos recem chegados; mas estes com o auxilio de uma embarcação e de alguns canhões que tinham tomado a um corsario francez bateram os seus aggressores. Os hespanhóes victoriosos saquearam a colonia portugueza de S. Vicente, e embarcados vieram-se estabelecer em Santa Catharina. Isto se passava entre os annos de 1530 e 1534.

El-rei de Hespanha vendo que a companhia das especiarias das ilhas Molucas não podia ou não queria fornecer os soccorros pedidos por Gaboto, nomeou a este piloto mór do reino, deu o nome de Rio da Prata (3), ás terras em que Solis tinha entrado primeiro e que Gaboto tinha de novo reconhecido, levando mais avante seus descobrimentos; e como estas terras ficassem desamparadas e abandonadas pela catastrophe de Nuno de Lara e de seus companheiros, e se achassem perto das possessões portuguezes, temendo que os lusitanos fossem estabelecer n'ellas alguma possessão, mandou lavrar um auto do descobrimento e posse que d'ellas

tinham tomado D. João Dias de Solis em 1509 e 1515 e D. Sebastião Gaboto em 1527 estabelecendo n'ellas fortalezas e povoações.

No anno de 1526, (4) antes que Gaboto e Diogo Garcia entrassem pelo Rio da Prata e entrassem nos rios Paraná e Paraguay, sahiram de S. Vicente quatro portuguezes por ordem de Martim Affonso de Sousa, senhor d'aquella capitania. levando em sua companhia alguns indios amigos d'aquella costa, e penetraram nos territorios do Paraguay e foram até o Perú para descobrir o que havia no interior d'essas terras.

Um d'esses portuguezes chamava-se Aleixo Garcia, estimado na costa de S. Vicente por sua pratica na lingua dos carijós ou guaranis e na dos tupis e tamoyos. Caminhando sertão dentro com seus companheiros foram sahir no rio Paraná, e atravessando depois por povos de indios guaranis, chegaram ao rio Paraguay, onde foram bem recebidos e agazalhados pelos moradores do paiz. Elles convidaram aos habitantes d'aquella comarca a irem com elles descobrir e reconhecer as terras situadas ao Oeste, d'onde se traziam roupas ricas e metaes. Cubiçosos e inclinados á guerra, estes os acompanharam com facilidade em numero de dois mil indios; segundo uns, caminharam elles pelo porto de S. Fernando promontorio sobre o rio Paraguay, e segundo outros entraram pouco ao Norte da Assumpção pelo rio Paraguay e caminhando pelas planicies d'aquella terra encontraram muitos povos de indios de diversas linguas e nações com quem tiveram varios encontros, ganhando com uns e perdendo com outros.

Ao fim de muitas jornadas, reconheceram as serranias e cordilheiras do Perú e approximando-se d'ellas entraram n'aquelle reino entre Misque e Tomina; e encontrando povoações de indios subditos do poderoso Inca, rei d'aquelle paiz, os atacaram matando e roubando tudo o que encontra-

vam e entranhando-se mais de quarenta leguas no interior, até que perto de Presto e de Tavabuco lhes sahiu ao encontro uma multidão de indios chavas. Retiraram-se então em boa ordem sem experimentar revezes nem damnos, deixando toda a provincia de Chavoas com medo e com as armas na mão. Por este motivo os incas mandaram com cuidado fortificar todas estas fronteiras e ainda hoje na cordilheira de Cusco-toro se vêem restos d'estas fortificações.

Tendo os portuguezes com sua comitiva ganhado as planicies, carregados de cabedaes, vestidos, vasos, coroas e mais obras de prata, de cobre e outros metaes, regressaram por um caminho mais accommodado que encontraram, não sem padecerem fome e ter que suster refregas até chegarem ao Paraguay. Aleixo Garcia determinou despachar d'ali dois de seus companheiros para o Brasil, para dar conta a Martim Affonso de Sousa, do que tinha descoberto n'aquella jornada, da sua derrota a levar amostra dos metaes e peças de ouro e de prata que tinha trazido, ficando Aleixo Garcia no Paraguay esperando o que se lhe ordenasse.

Passados alguns dias, combinaram matal-o alguns indios d'aquella terra dos que o tinham acompanhado, o que realisaram. Uma noite estando Garcia descuidado o atacaram e mataram a elle e a seus companheiros, deixando unicamente a vida a um seu pequeno filho do mesmo nome a quem pouparam a vida por causa de sua tenra idade.

Tendo chegado a S. Vicente os dois enviados deram relação do que haviam descoberto, e da grande riqueza que tinham visto nas terras do poente e limites de Charcas, que ainda não estavam descobertas pelos hespanhóes. Com esta noticia mandou-se sahir do Brasil uma tropa de sessenta soldados commandados pelo capitão Jorge Sedenho. Sahiu esta expedição de S. Vicente levando muitos indios amigos, desceram em canôas pelo rio Ayembi e chegaram ao Paraná que des-

ceram tambem até o Salto Grande. Ahi deixaram suas canôas e dirigiram-se por terra ao Occidente em procura do rio Paraguay aonde Aleixo Garcia tinha ficado.

Os indios que o tinham assassinado reuniram seus comarcãos para fazer frente aos portuguezes que foram por elles perseguidos e atacados e tendo sido em um combate morto o capitão Sedenho, seus soldados foram compellidos a retirarem-se com muita perda. Chegados de regresso ao rio Paraná, os indios d'aquelle territorio não menos maliciosos e traidores que os do Paraguay, lhes offereceram passagem em suas canôas, que tinham arrombadas e dissimuladamente compostas e barreadas de maneira a podel-as romper com facilidade. Embarcados os portuguezes quando chegaram ao meio do rio, os indios abriram os rombos das canôas e os portuguezes com o peso de suas armas e de sua roupa se afogaram, escapando tal ou qual do naufragio para serem inhumanamente assassinados, com frechas, de fórma que não escapou ninguem da expedição.

Estes quatro portuguezes foram os primeiros descobridores do Paraguay, de Charcas e do Perú, antes mesmo da expedição de Gaboto, de Diogo Garcia e dos hespanhóes no Perú, mas infelizmente sua descoberta só serviu para lhes attrahir a morte, sem que Portugal, se aproveitasse dos seus descobrimentos.

Emquanto o Rio da Prata e Paraguay acabavam de ser descobertos e que os hespanhóes tinham abandonado o unico e fraco estabelecimento que ahi tinham feito como acabo de dizer, acho que não é sahir da materia para quem escreve em portuguez e no Brasil, escrever algumas linhas sobre o estado do Brasil no mesmo tempo, isto é, no anno de 1530. (5)

Diz Antonio de Herrera chronista-mor d'el-rei de Hespanha que n'aquelle anno, o Brasil tinha nove capitanias,

tendo todas ellas portos mui seguros, onde podem entrar quaesquer náos por grandes que sejam, e que não ha no interior das terras povoações dos portuguezes. A povoação da primeira capitania que é a mais antiga, está em uma ilha Tamaracá, hoje Itamaracá, que tem tres leguas de comprido e duas de largura e que é mui perto da terra firme, e que estende sua jurisdicção a trinta e cinco leguas pela costa do mar. Esta capitania tinha n'aquelle tempo alguns engenhos de assucar, produzia muito páo Brasil e algodão e tinha cerca de cem visinhos.

A segunda capitania é a de Pernambuco ao Sul, na latitude de oito gráos, (e a cinco leguas de Tamaracá). Tem duas povoações, a principal se chama Olinda, e a outra Garaçú e dista da primeira quatro leguas. Terá a capitania mil visinhos e vinte e tres engenhos de assucar, de que se tem fabricado cincoenta mil arrobas por anno, dá muito páo Brasil e algodão; o porto está a uma legua da povoação, ao qual vão pela praia e por um rio pequeno. Existe n'ella uma casa da companhia de Jesus. D'esta capitania á Bahia de Todos os Santos encontram-se dois rios.

O de S. Francisco que se acha a dez gráos e meio e que entra no mar com tanta furia que dizem que suas aguas correm vinte leguas nas aguas do mar sem se misturar. Chamam ao outro rio, Rio Real, que está em onze gráos e dois terços e que tambem é mui grande e furioso.

A capitania da Bahia de Todos os Santos é a terceira, está em treze gráos, a cem leguas de Pernambuco.

Ahi reside o governador, o bispo, o auditor geral de toda a costa do Brasil e essa terra é mais povoada. Tem treze bairros ou povoações, o primeiro junto á barra que chamam Villa Velha, que foi a primeira que se fundou na capitania, a cidade de S. Salvador edificada por Thomé de Sousa; e quatro leguas no interior está a povoação de Paripe. Em

tudo haverá mil e cem visinhos com dezoito engenhos de assucar, se bem que os habitantes se dedicam mais á cultura do algodão. Na cidade ha cinco igrejas, e um collegio dos padres da Companhia. Existe n'aquella capitania uma bahia que tem treze leguas de largura e na qual se navega quinze leguas ao interior. N'ella se acham muitas ilhas viçosas que produzem muitissimo algodão. Tem dentro muitas divisões, muitos braços e muitas enseadas, e os seus moradores por ellas navegam para suas fazendas. Seis leguas mais adiante o rio Camamú aos treze gráos e dois terços pelo qual póde entrar qualquer náo umas cinco leguas, e aos quatorze gráos se encontra o Rio de Contas. N'estes rios ha muita abundancia de peixe e de caça.

A capitania de Ilheos é a quarta, situada á trinta leguas da Bahia de Todos os Santes em quatorze gráos e dois terços, e conta duzentos visinhos e tem um rio junto da povoação. N'ella ha oito engenhos de assucar e uma casa de padres da Companhia. A sete leguas da povoação no interior existe uma lagôa d'agua doce que tem treze leguas de comprido e tres de largura e mais de quinze braças de fundo. Sahe d'ella um rio com boca tão estreita que apenas póde por ella entrar um barco e depois de entrado não sabe determinar por onde entrou; quando ha vento as ondas se levantam tão furiosas n'ella como no mar. Tem muito peixe, entre elle, um muito parecido aos bois a que chamam Manatís que pesam até quarenta arrobas e são mui saborosos. Tem a ossamenta do boi e dois cotovellos com que nadam á maneira de braços, não tem escamas, nem outra feição de peixe senão a cauda. As femeas tem duas tetas com que criam seus filhos, cousa que dizem não se achar em nenhum outro peixe.

Acha-se em dita capitania uma arvore de que se extrahe um precioso balsamo que destilla do tronco, dando-lhe alguns

golpes e que tem um cheiro suavissimo e de muita virtude.

A quinta capitania chama-se Porto Seguro, está a trinta leguas da dos Ilheos em dezeseis gráos e meio; tem tres povoações, Santo Amaro, Santa Cruz e Porto Seguro, n'ella ha duzentos e vinte visinhos, cinco engenhos de assucar e uma casa de padres da Companhia.

A sexta capitania é a do Espirito Santo á cincoenta leguas de Porto Seguro em vinte gráos; só tem um engenho de assucar, recolhe muito algodão e páo do Brasil. Terá duzentos visinhos e uma casa dos padres da Companhia. Adiante em vinte e um gráos se encontra o rio Parahyba que é mui grande, formoso e que tem muito peixe. Junto do Cabo Frio em vinte e dois gráos se acha a bahia Formosa.

A setima é a capitania do Rio de Janeiro á sessenta leguas do Espirito Santo onde está edificada a cidade de S. Sebastião.

Tem duzentos visinhos e uma casa de padres da companhia. Tem muito páo Brasil e muito algodão. O rio é mui formoso e tem muitas ribeiras e bem proveitosas.

A oitava e ultima capitania se chama S. Vicente á setenta leguas do Rio de Janeiro. Tem tres povoações com quinhentos visinhos, quatro engenhos de assucar, uma fortaleza em uma ilha junto da terra firme que se chama Bertioga para defender contra indios e corsarios. A principal povoação tem o nome de Santos, onde existe uma casa de padres da Companhia que tem feito grandissimos beneficios á povoação d'aquella terra para conversão dos indios e para sua liberdade. (De certo, a nona capitania que não é nomeada é a do Maranhão).

Os portuguezes d'estas nove capitanias tem muitas fazendas que beneficiam com escravos da terra, que fazem frequentemente e se se podesse impedir a sua fuga, os portugues seriam todos mui ricos. O assucar, o algodão e o páo Brasil são os generos que lhes dão mais proveito. N'aquelle

paiz ha muitos bois, vacas, poucas ovelhas, as cabras dão melhor que estas e tem dois ou tres filhos de cada parto. Ha tambem muitas eguas, porcos e galinhas, além de infinita caça de aves, animaes terrestres, muito peixe no mar e nos rios, e riquissimas fructas da Europa e indigenas. Na costa do Brasil existe muito ambar que o mar em tormenta lança fóra e que tem enriquecido muitas pessoas. Com todas estas vantagens e proveitos, os portuguezes que sabem se ajudar uns aos outros vivem todos na abundancia e descanço no Brasil.

Tal era o estado do Brasil em 1530, quando o Rio da Prata estava apenas descoberto, e d'elle se retiravam os poucos homens que ahi tinha deixado Gaboto. (6)

Sem embargo tanto a noticia d'esta primeira viagem de Gaboto ao interior das terras do Rio da Prata, pelo curso dos rios, e dos descobrimentos feitos n'aquelle paiz, como o receio de que os portuguezes do Brasil. n'ellas fossem se estabelecer, fez que el-rei de Hespanha enviasse em 1534 a esta parte da America a colonia mais numerosa que se tivesse formado até esta época. cujo mando foi confiado a D. Pedro de Mendonça, rico fidalgo. que se obrigou a continuar a conquista á expensas suas, e que recebeu o titulo de governador ou adelantado do novo paiz.

D. Pedro de Mendonça partiu de Sevilha em 24 de Agosto de 1534 e passando pelo Rio de Janeiro, foi ancorar no porto da ilha de S. Gabriel, chamado depois porto da Colonia do Sacramento com quatorze navios, perto de tres mil homens setenta e dois cavallos; e immediatamente mandou reconhecer a costa opposta para estabelecer-se.

Mendonça depois de escolhido o terreno fez passar toda sua frota á margem meridional do Rio da Prata e ahi no anno de 1536 no territorio dos querandis fundou a cidade que a excellencia de seu clima fez appellidar *Buenos Ayres*.

Ao principio os guaranis, pampas e querandis levavam e vendiam mantimentos aos hespanhóes, mas pouco depois matavam todos aquelles que podiam e iam mesmo atacar a cidade para a destruir. Entretanto as molestias e a falta de viveres incommodavam os colonos. Mendonça despachou dois navios em busca de mantimentos, um ás ilhas do Paraná e outro ás costas do Brasil, e ordenou a D. João d'Oyola de subir o Paraná com uma embarcação bem guarnecida e armada a procurar um lugar mais apto para um estabelecimento. Oyola não tardou em voltar depois de haver levantado o pequeno forte de *Corpus Christi* não longe de Corondá no territorio dos timbus que guarneceu com cem homens.

O governador ahi se transferiu com mais da metade da sua gente, mui diminuta pela guerra, pelas molestias e pelas deserções de varios hespanhóes para os indios. E depois de experimentar varios desastres dos querandis que lhe queimaram tres embarcações e quasi destruiram Buenos Ayres, Mendonça cahindo enfermo embarcou-se para Hespanha e falleceu durante o trajecto tendo confiado o leme do governo á D. João d'Oyola, 1537.

Antes da sua retirada, Mendonça tinha mandado Oyola com trezentos homens fazer novas descobertas rio acima.

Este tinha seguido as pisadas de Gaboto subindo o rio Paraná e tratando com amizade e benevolencia a todos os indios que encontrou.

Depois de ter entrado no rio Paraguay em um lugar em que é muito mais estreito, Angostura foi vigorosamente atacado pelos indios agans que lhe fizeram perder quinze homens.

Necessitando de viveres quiz comprar os mais necessarios aos indios caúos que formaram depois a colonia de Ytá, os quaes recusaram vender-lh'os e lhe declararam guerra. O cabo hespanhol offereceu-lhes batalha no valle de Guarnipitã

Onde os indios foram batidos em 15 de Agosto de 1536 e obrigados a subministrar aos hespanhóes, não sómente viveres porém tambem sete moças para Oyola e duas mulheres para cada um dos hespanhóes. Sobre o campo de batalha se edificou immediatamente uma casa forte que foi o principio da cidade d'Assumpção a qual foi assim chamada do dia do combate Ahi deixou Oyola uma pequena guarnição, forneceu-se de viveres, navegou rio acima e desembarcou no porto da Candelaria pelos 21° e 5' de latitude em 2 de Fevereiro de 1537. No mesmo porto deixou sua esquadrilha sob o commando de D. Domingos Martines de Irala, com ordem de o esperar durante seis mezes: e com duzentos homens se entranhou por paizes desconhecidos no rumo de Noroéste passando pelos territorios do Chaco e de Chiquitos, Oyola penetrou no Perú, onde depois de ter feito boas provisões de prata, regressou para o porto da Candelaria, mas, não encontrando mais ahi a sua esquadra se estabeleceu sobre o territorio dos payaguas Serigué que unidos com os mbayas o surprenderam e mataram com seus companheiros.

Durante a expedição d'Oyola ao Perú que foi a primeira feita pelo Rio da Prata, Irala recebeu no mesmo porto a João de Salazar que de volta de Santa Catharina trazia os hespanhóes que temos visto estabelecidos n'aquella ilha, que levava reforços a Oyola e a noticia de sua nomeação de governador pela côrte de Hespanha, o qual voltou a Buenos-Ayres depois de reforçada a guarnição de Assumpção: porém depois de esperar em vão durante os seis mezes indicados a Oyola sem ter d'elle noticias regressou para a Assumpção onde se encontrou com Ruy Golon commandante de Buenos-Ayres que ahi tinha ido refazer-se de viveres, e que lhe ordenou de regressar a Candelaria, voltando elle mesmo a Buenos-Ayres. Durante sua ausencia a discordia tinha-se accendido entre os hespanhóes de Corpus Christi e os indios. Apesar dos reforços tra-

zidos n'esta occasião por Alonzo Cabrera expedido de Hespanha tiveram elles que abandonar a colonia para não sacrificar toda a sua gente, e se acolheu em Buenos-Ayres onde a posição dos hespanhóes não era quasi menos duvidosa, pois que em 1537 tiveram que evacuar a cidade onde penetraram pouco ao depois, sustentando-se mal depois dos reforços trazidos por Cabrera, até que em 1539 a evacuaram e abandonaram inteiramente, indo todos os cabos de guerra com seus companheiros para a Assumpção depois de se terem unido no porto do Pilar; e durante o periodo de tempo que correu d'aquella época, até 1580, todos os estabelecimentos hespanhóes se fizeram no Paraguay onde os selvagens eram geralmente mais pacificos.

Foi durante o periodo do governo de Oyola que se formaram as seguintes colonias, segundo o mappa de Azara, ou ao menos por elle ou por seus officiaes ou por Irala logo ao principio da sua administração.

NOME DAS COLONIAS.	ANNO DA SUA FUNDAÇÃO.	LATITUDE AUSTRAL.	LONGITUDE DE PARIS.	OBSERVAÇÕES.
Itá.	1536	25° 30' 30"	59° 45' 8"	
Jaguaron.	1536	25° 33' 20"	59° 39' 14"	
Areguá.	1538	25° 18' 1"	59° 45' 38"	
Altos.	1538	25° 16' 6"	59° 38' 30"	
Joi.	1538	25° 16' 45"	59° 30' 22"	
Tobaty.	1538	25° 1' 35"	59° 29' 1"	
Ipané.	1538	23° 16' 26'	59° 22' 10"	
Guarambaré.	1538	23° 23' 1"	59° 19' 29"	Reunida á de
Atirá.	1538	23° 16' 17"	59° 26' 57"	Joi em 1674.
(*) Maracajú.	1538	24° 7' 25"	57° 52' 54"	Destruidas
(*) Terecany.	1538	24° 9' 30"	58° 12' 10"	pelos Portu-
(*) Ibira-parya.	1538	24° 22' 36"	58° 15' 28"	guezes em
(*) Candelaria.	1538	24° 39' 43"	58° 29' 4"	1676.

(*) Estas quatro colonias na provincia de Vera. Vide nota (**), pag. 39.

Irala não esteve longe de soffrer a mesma sorte que o infortunado Oyola; porque estando á espera d'este n'uma

ilha do rio Paraguay, cem indios payaguas se lhe apresentaram desarmados convidando-o a desarmar-se tambem para terem uma entrevista.

Mas apenas se aproximaram os indios, um d'elles se lançou sobre um hespanhól emquanto duzentos selvagens armados sobre a costa se puzeram a correr para prender os hespanhóes entretidos em defender-se dos primeiros indios.

Felizmente Irala pôde retroceder um pouco e armar-se do seu escudo e da sua espada, com que em um instante matou doze payaguas de maneira que os cem tinham quasi todos perecido quando chegaram os outros que não foram mais felizes do que os primeiros apesar de serem victimas alguns hespanhóes.

Informado Irala do fim desastroso de Oyola, regressou então a Assumpção aonde se tratou de nomear um governador segundo as instrucções recebidas de Hespanha no caso que Oyola tivesse morrido. De commum accordo foi eleito Domingos Martines de Irala que tendo reunido todos os hespanhóes de Buenos Ayres e Rio da Prata na Assumpção, como já temos dito, achou pelo censo que fez, que dos tres mil e tantos homens que tinham vindo de Hespanha apenas restavam seiscentos. Deu-lhes terrenos para edificar e terras annexas para cultivar, e mandou circumdar a cidade de uma palissada. Creou alcaides regedores e estabeleceu uma policia não só na cidade como nas colonias de Cairos e Guaranis de que já temos fallado e fez a todos prestar juramento de fidelidade e de vassallagem, recusando-se a isso os guaycurús e mais indios.

Estes acontecimentos se passavam em fins de 1538 e ao principio de 1539. Os trabalhos sem embargo ainda não estavam concluidos. No principio d'este ultimo anno os guaranis tentaram matar a todos os hespanhóes na Assumpção, para cujo fim se introduziram na cidade para assistir a semana

Santa com intenção de cahirem de surpreza sobre os hespanhóes durante a procissão da flagellação. Na quinta-feira santa tudo estava para arrebentar quando uma india descobriu a conspiração a Salazar que avisou immediatamente a Irala, o qual fez tocar logo a *retraite* como se temesse uma surpreza dos guaycurús e apoderando-se dos principaes cumplices os fez passar pelas armas perdoando aos outros.

A côrte de Hespanha informada dos acontecimentos, tinha sentido a morte de Oyola e nomeado para o substituir Alvar Nunes Cabeça de Vaca, que offereceu de continuar o descobrimento e conquista a expensas suas. Em quatro navios embarcou-se em 1540 com quatrocentos soldados, quarenta e seis cavallos e abordou na Cananéa da qual tomou posse e seguiu para Santa Catharina, tendo perdido vinte cavallos e perdendo tambem ahi dois navios, o que o fez determinar seguir ao Paraguay por terra.

Para este fim enviou por mar a Filippe de Cauzas com as duas embarcações que lhe restaram e alguma tropa; e levando comsigo duzentos e cincoenta soldados com toda a cavalhada embarcou-se no rio de Itabucu que se acha em face da ponta da ilha de Santa Catharina. remontou-o emquanto pôde e a 12 de Novembro de 1541 principiou a atravessar cadeias de montanhas desertas. Ao fim de dezenove dias deu com umas p'anicies povoadas de guaranis, e d'ellas tomou posse em nome d'el-rei e as appellidou provincia de Vera, continuando sua derrota no dia 1.º de Dezembro junto ao Iguassú que passou e repassou umas tres vezes, e caminhando mais seis dias deu com um outro rio chamado Atibagira cujas margens eram muito povoadas de indios guaranis e onde se achava um grande alojamento do cacique Abapará. Procurou o rio Ubay ao Occidente fazendo amizade com os infieis que encontrava. Por fim chegou ao rio Pecpiri onde se demorou alguns dias: sahiu depois caminhando vinte dias para o Sul sobre o rio

Paraná abaixo do salto grande: ahi tomou informações dos naturaes a respeito do lugar que occuparam os hespanhóes da Assumpção e comprou algumas canoas que acommodou em balças para aliviar-se dos doentes e enfraquecidos da sua comitiva; enviou-os com Nuno de Chaves nas mesmas balças Paraná abaixo para irem tomar o rio Paraguay e seguirem por elle a Assumpção. Elle porém tendo passado o Paraná continuou a seguir por terra, costeando o rio Manday com os outros companheiros e no dia 11 de Março de 1542, fez sua entrada solemne na capital do Paraguay e tomou posse do governo.

Em seguida chegaram os doentes e as embarcações sahidas de Santa Catharina ao mando de Filippe de Cauzas a quem elle recusou dar posse do emprego de regedor para que tinha sido nomeado por el-rei (7).

Por estes tempos os guaranis mataram alguns hespanhóes e guaranis occupados a edificar casas ao redor da cidade. Nunes mandou contra elles, foram surprendidos, ficando alguns mortos e fez-se grande numero de prisioneiros. Aquella victoria fez determinar aos indios lengua á lhe fazerem presente de alguns jovens da sua tribu e a pedir-lhe paz.

Nunes tinha recebido da côrte de Madrid ordem de procurar um caminho para communicar com o Perú, incumbiu esta descoberta a Irala.

Este seguiu com tres brigues e noventa hespanhóes e sobre o tropico tomou oitocentos guaranis das provincias de Ipané, Guarambaré e Atirá, remontou o rio até as Pedras Partidas aos 22° 34'. D'ahi enviou uma expedição de indios e tres hespanhóes ao mando do cacique Aracaré para o occidente a descobrir uma passagem por este lado e continuou elle a remontar o rio. Ao fim de poucos dias voltou a expedição que tinha tido medo dos indios do Chaco. Irala enviou outra que retrocedeu por falta de agua e de viveres e sem achar caminho.

No dia 6 de Janeiro Irala se achava aos 17° 57' de latitude, e ancorou no lago Jaibá que chamou *Porto d'El-Rei* por causa do dia da sua chegada. Tratou com a maior brandura os habitantes do paiz. Internou-se ainda durante quatro dias pelas terras a pé, pois tendo tomado as convenientes medidas embarcou-se para regressar pelo rio á capital, mandando no seu caminho passar pelas armas ao cacique Aracaré, segundo a ordem que lhe tinha mandado Nunes para castigal-o da sua retirada da expedição que lhe tinha sido confiada e chegou sem novidade á Assumpção, onde os indios de Ipané, Garambaré e Atirá para vingar a morte de seu cacique tinham incendiado grande numero de casas, declarando guerra aos hespanhóes. Irala marchou contra elles, e os sujeitou a uma batalha sangrenta em que pereceram dezeseis hespanhóes e muitos indios.

Depois de receber as informações que lhe deu Irala, o governador Nunes se decidiu a ir em pessoa descobrir o caminho do Perú.

Fez varias mudanças nos empregados, sobretudo nas finanças, desprezando nomeações d'el-rei e partiu a 8 de Setembro de 1543 com quatrocentos hespanhóes e doze cavallos. Uma parte da comitiva foi por agua e outra por terra até o monte S. Fernando, hoje *Pão de Assucar* aos 21° 21' seguiram então unidos experimentando no trajecto algumas perdas que lhe fizeram soffrer os indios guararapes e chegaram ao Porto d'El-rei, onde se lhe apresentaram com disposições pacificas os indios oreiones, cacoa, chané e guaranis. Sem perder tempo despachou dois hespanhóes que fallavam guarani com alguns oreiones, que voltaram ao fim de oito dias, dizendo terem sido bem recebidos pelos xarages, mas que seu terreno era todo inundado. O governador tratou de ir elle mesmo para o occidente com trezentos homens e viveres para vinte dias e com effeito partiu no dia 26 de Novembro entranhando-se nos

bosques. No 6.° dia encontrou um troço de quatorze guaranis e dois dias depois outro de dez que lhe contaram que necessitava de dezeseis dias de viagem para chegar ao monte Itapia Guassú, e que adiante d'esta montanha um dia de viagem, havia muitos indios. Falto de viveres e principiando a inundação periodica das terras n'aquelles lugares, Nunes julgou conveniente ir com a sua gente ao Porto dos Reis D'ahi mandou comprar viveres para o que despachou um brigue; mas os indios da vizinhança receberam bem os hespanhóes, os quaes não poderam conseguir viveres, mas trouxeram cobertores que cada soldado tinha comprado por sua propria conta e de que Nunes se apoderou despoticamente contra as representações do commandante do brigue e dos soldados. Varios d'estes estavam doentes das febres terçãs e todos descontentes da avareza, dureza, despotismo e máos tratamentos de Nunes que padecia tambem das febres quartãs e que se viu na necessidade de regressar, apoderando-se na sua volta á mão armada dos oreiones da ilha Comprida que trouxe prisioneiros.

Chegou á Assumpção a 8 de Abril de 1544, desgostoso de se ver aborrecido de todos, e tomou o partido de não sahir de casa; porém na noite que precedeu ao dia 26 de Abril, duzentos hespanhóes se dirigiram á sua residencia e o fizeram prisioneiro. No outro dia Domingos Martines de Irala foi eleito governador e decidiu-se que Alvar Nunes fosse mandado prisioneiro a Hespanha. A' sua sahida proclamou elle por duas vezes que nomeava a D. João de Salazar para o substituir no governo. Este reuniu a sua gente e os affeiçoados a Nunes, mas emquanto deliberavam se lhe apresentou Irala que intimou de não perturbar a tranquillidade publica e tratando elle de replicar foi preso e enviado para Hespanha no mesmo navio que Nunes.

Depois de ter ganho tres batalhas com muitos alliados lenguá e guaycurús contra os agans e guaranis que se ti-

nham revoltado contra os hespanhóes, animado pelas divisões que via entre elles, Irala partiu no mez de Agosto de 1548 segunda vez para descobrir a passagem ao Perú.

Do Pão de Assucar dirigiu-se para Noroeste, e depois de incriveis fadigas, falta de agua e de viveres, e batalhas terriveis dadas aos mbayás e outros indios, atravessou o Chaco, a provincia de Chiquitos, e chegou ao rio Guapuy que passou sobre uma ponte feita de troncos de arvores, a que chamamos *pinguela* em cuja passagem perdeu quatro homens. Quatro leguas mais longe encontrou a colonia dos machasi que pertencia ao commando de Pedro Anzures que no anno 1538 fundou a cidade da Prata ou Chuquisaca. Ahi soube o que tinha acontecido a Pizarro no Perú. Não julgou conveniente penetrar n'um governo alheio mas enviou quatro mensageiros a comprimentar o licenciado Lagasca governador de Lima no Perú, offerecendo-lhe tropas e pedindo-lhe sua confirmação no governo do Prata.

Lagasca aconselhou-lhe de não se entranhar no paiz, recebeu bem seus mensageiros, e os encheu de donativos, porém deu o governo do Prata á Diego Centeno, que tres dias antes de ter a participação falleceu em Chuquisaca. Os soldados d'Irala estavam bem descontentes por terem de voltar, achando-se tão proximos do Perú onde se podiam enriquecer. Nomearam outro chefe á quem não obedeceram mais do que ao primeiro, mas entretanto cada um tratou de regressar em desordem, chegando porém ao Pão de Assucar tiveram noticia dos movimentos que se passavam na Assumpção onde tendo-se espalhado a morte de Irala se tinha procedido á eleição de um novo governador.

D. Diego de Abreu tinha feito matar seu competidor D. Diego Mendonça; e os companheiros de Irala que eram de seu partido, temendo por si mesmos, o elegeram de novo para seu chefe e com elle marcharam á Assumpção d'onde

Abreu fugiu com cincoenta de seus amigos, sendo depois surprendido e morto por um destacamento mandado pelo genro do seu finado competidor. Logo depois chegaram Nuno de Chaves e seus companheiros que Irala tinha enviado a Lima, trazendo comsigo mais de quarenta voluntarios, e as primeiras ovelhas e cabras que foram vistas no Paraguay.

Em 1559 Irala mandou João Romero com mais de cem soldados edificar a cidade de S. João Baptista. em frente a Buenos Ayres na confluencia do rio de S. João: mas os fundadores tiveram que regressar á Assumpção por causa dos charruas que os molestavam continuamente.

Por aquelles tempos os guaranis de Guayrá imploravam a protecção dos hespanhóes contra os portuguezes que os faziam prisioneiros e que os vendiam para escravos. Querendo conhecer o paiz por si mesmo, Irala partiu com gente sufficiente, passou o Paraná ácima da celebre Cataracta, navegou o Tieté até a segunda cadeia de Caxoeiras onde desembarcando correu toda a provincia de Guayrá vencendo os indios que se lhe oppunham e regressou á Assumpção

D'alli enviou a Garcia Rodrigues de Vergore a fundar uma cidade sobre a costa oriental do Paraná, uma legua acima da Cataracta nas terras dos guaranis chamados canendiyus. Era em 1554.

Em quanto estes acontecimentos se passavam no Paraguay, a côrte de Hespanha, tendo desterrado a Alvar Nunes para Africa, nomeou para o substituir no governo do Paraguay a Jayme Resquem e depois a João de Sanabria que nunca foram tomar posse do governo. Sem embargo se despachou para thesoureiro geral do Paraguay a João Salazar de quem já fallamos, o qual tocou na ilha de Santa Catharina onde deixou uns companheiros descontentes que escolhendo por chefe a Hernando de Treixo, fundaram S. Francisco de Cananéa e povoaram a ilha de Santa Catharina em 1553: e

foi chegar em 1555 á Assumpção com sua comitiva. Esta expedição trouxe da Europa o primeiro touro e as primeiras vaccas, em numero de sete, que se viram no Paraguay.

Na vespera de Domingo de Ramos de 1555, entrou na Assumpção D. Francisco Pedro de la Torre, primeiro bispo do Paraguay. Trazia comsigo seu clero e foi recebido com a maior alegria. Levava tambem a patente de governador para Irala, muitos despachos para o mesmo e com elles faculdades extraordinarias. Irala principiou a exercer amplamente suas funcções. nomeou muitos empregados civis, dividiu os indios em commandos, e estabeleceu o modo de governo que trataremos no capitulo seguinte, e mandou a Nuno de Chaves á Guayrá para abrir communicação com algum porto da costa do Brasil e assegurar a defesa dos indios contra os portuguezes. O que effeituado em Setembro do mesmo anno, Chaves voltou á Assumpção; sem a menor demora Irala enviou a Ruy Dias Melgareio com cem soldados a Guayrá, para de commum accordo com os colonos se repartirem os indios submettidos por Chaves, e fazel-os prestar homenagem e juramento de fidelidade, e escolher lugar para uma cidade. O que fizeram marcando em principio de 1557 o confluente dos rios Pequiry e Paraná algum tempo porém se passou sem se pôr mão á obra.

Querendo facilitar a passagem do Paraguay ao Perú, Irala mandou em o mesmo anno 1557 a Nuno de Chaves com duzentos e vinte soldados com ordem de fundar uma cidade no territorio dos indios xervayes, mas apenas esta frota se tinha feito á vela, Irala cahiu doente na colonia d'Itú que tinha ido visitar e regressando para a Assumpção ahi morreu ao fim de sete dias na idade de setenta annos, sendo geralmente sentida a sua morte, e tendo designado para lhe succeder seu genro Gonçalo de Mendonça que foi reconhecido por todos. Melgareio estava a esse tempo occupado em edificar

a cidade real, e Chaves a subir o rio Paraguay onde reconheceu a ilha Comprida de que já fallamos e á qual chamou os Oreiones:

Subiu a fóz do rio Jaurú que appellidou porto de Perabazones e ahi deixou seus navios e se entranhou pelas terras, percorreu todo o paiz chamado hoje provincia de Chiquitos e Matto Grosso onde teve indicios de minas de ouro e foi recebido amigavelmente dos indios paysury, xaramosy e samaracori, e teve um forte combate com os trabasicosi. Recebeu então a noticia da morte de Irala e quiz fundar uma nova provincia independente do Paraguay ao que não annuiu a maioria de seus companheiros que se retiraram á Assumpção, ficando Chaves sómente com sessenta homens, com os quaes chegou até o rio Guapy e penetrou nas planicies de Guelgoigotá e ahi se encontrou com André o Manso, que vinha do Perú a estabelecer-se em o dito paiz.

Elevou-se uma disputa entre Manso e Chaves, sobre a posse do paiz, a qual foi resolvida pelo vice-rei de Lima, a quem se dirigiram, o qual accedeu á favor de Chaves, declarando o paiz independente e nomeando para governador interino a seu filho D. Garcia de Mendonça que ficou na côrte paterna, expedindo a Chaves o titulo de seu lugartenente e enviando-lhe tropas e soccorros. De volta Chaves fundou a cidade de Santa Cruz de la Sierra, visinha da colonia actual de S. José na provincia de Chiquitos aos 18° 8' de latitude, e 62° 24' de longitude, sendo a mesma em 1575 transferida para o lugar onde se acha actualmente aos 17° 49' 44" de latitude e 61° 43' 30" de longitude.

Nem todos os habitantes foram para a nova cidade, alguns fundaram a colonia de S. Francisco e outros construindo uma embarcação, navegaram pelo Mamoré e sahindo pelo rio Maranhão seguiram para Cadix.

Entretanto o governador D. Gonçalo Mendonça castigou

aos agaces da sua arrogancia e falleceu em o 1.° de Julho de 1558, sendo nomeado para lhe succeder Francisco Ortiz de Vergara outro genro de Irala, o qual teve que comprimir uma rebellião geral de guaranis, o que executou felizmente junto ao monte Acaay e os pequenos rios Jaguary e Mbuyapey.

Tendo-se levantado uma contenda entre Nuno de Chaves e seu cunhado D. Diego de Mendonça apoiados por Felippe de Cacera de uma parte e o governador Ortiz de Vergara apoiado pelo bispo da Assumpção por outra parte, a questão foi levada perante o vice-rei de Lima que expoliou do governo á Ortiz de Vergara e o cedeu a D. João Ortiz de Zarate, com a condição que fosse n'esta nomeação confirmada por el-rei.

Zarate nomeou a Cacere para seu lugar-tenente e seguiu para a Hespanha a pedir sua confirmação no Paraguay.

Cacere esteve de volta do Perú á Assumpção em principios de 1569 e foi immediatamente ao Rio da Prata procurar terreno para fundar uma cidade e de regresso á Assumpção foi preso pelo bispo na occasião de ouvir missa e posto n'uma cadeia de que o mesmo guardava a chave. Martino Zuares de Toledo confidente principal do prelado se apoderou do governo e mandou a D. João de Guaray fundar uma cidade no Rio da Prata, e ao mesmo tempo levar Cacere preso á S. Vicente na costa do Brasil, o que se effeituou, sendo Cacere posto em liberdade pelos portuguezes e sua conducta approvada por el-rei de Hespanha.

Guaray fundou em Julho de 1573 a cidade de Santa Fé da Vera-Cruz.

Em seguida foi levar soccorro a Zarate que tinha voltado de Hespanha e se achava na colonia do Sacramento, tendo perdido trezentos homens na sua longa navegação e a quem os charruas acabaram de matar oitenta. Levou-lhes viveres, deu uma grande batalha aos charruas na costa do Uruguay e

juntos fundaram a cidade de S. Salvador junto ao rio d'este nome e deram a todo o paiz o nome de Nova Biscaia. Por gratidão Zarate confirmou a Guaray o commando de Santa Fé e o fez seu tenente-general.

Zarate seguiu para a Assumpção e tendo desapprovado os actos dos inimigos de Caceres, foi surpreso por elles que o puzeram na cadeia onde morreu em fins de 1575, deixando por herdeira sua unica filha D. Joanna que se achava em Chuquisaca e como tinha obtido o governo do Paraguay por duas gerações, nomeou para governador aquelle que desposasse a sua filha á quem deu por tutor a Guaray, concedendo o commando interino a seu sobrinho Diego Ortiz de Zarate e Mendista que os hespanhóes de Santa Fé prenderam para mandar á Hespanha, mas que foi morto pelos indios em Mbiaza na costa do Brasil.

Guaray tinha ido a Chuquisaca para casar sua pupilla D. Joanna com D. João de Torres de Vera y Aragon auditor d'aquelle tribunal, o que effeituou contra a vontade do vice-rei de Lima que o deteve em Chuquisaca muitos annos ao mesmo Vera y Aragon que como esposo de D. Joanna era o legitimo governador do Paraguay; mas elle nomeou para seu lugar-tenente no governo a Guaray.

Este logo que tomou posse do governo em fins de 1576, mandou Ruy Dias Melgareio fundar uma colonia no Guayrá, que se denominou Villa Rica do Espirito Santo. Os habitantes d'esta nova cidade e os da cidade Real, repartiram entre si os guaranis da provincia e estabeleceram regularmente as treze colonias que já vimos reduzidas e submettidas em 1555 por Chaves.

Com cento e trinta hespanhóes Guaray foi em pessoa reconhecer as planicies do rio Jaguary que desagua no Paraná acima do Salto Grande, visitou tambem as planicies de Xeres e fundou a colonia de Perico-Guaçú composta de indios gruara

e a de Jesay composta de guaranis e igualmente a colonia hespanhóla de Talavera sobre o rio Jesay que os payaguas saquearam em 1650. De volta á Assumpção em 1579 mandou sessenta soldados a Ruy Dias Melgareio para fundar a cidade de Xeres sobre o rio Mbotetey que desemboca no Paraguay aos 19° 25' 20" o que se effeituou em 1580; mas os habitantes abandonaram logo aquella colonia, que não se deve confundir com outra do mesmo nome fundada em 1593 perto da origem do Rio Pardo que reduzidos ao numero de quinze habitantes tomaram a resolução de unir-se aos portuguezes.

N'aquelle tempo (em 1580) Guaray se transportou com sessenta hespanhóes ao lugar em que tinha sido edificada Buenos Ayres, e sobre suas ruinas abandonadas por medo dos querandis principiou no dia da Trindade no mesmo anno 1580 a reedificar Buenos Ayres attrahindo a seu partido algumas tribus de indios.

Dividiu em commendas os guaranis de Monte Grande e do valle de S. Thiago, (hoje S. Isidoro e as Conchas) e as das ilhas inferiores do Paraná e com os mbeguá formou a colonia do Baradero.

Depois foi visitar a cidade de S. Salvador e regressando pelo rio á Asumpção desembarcou para dormir aos 32° 41' e foi surprendido pelos minuanos que o mataram com quarenta dos seus, regressando para a Assumpção os que ficaram.

Tomou então as redeas do governo Affonso de Vera y Aragon (cara de cão) que á testa de cento e trinta e cinco hespanhóes penetrou no Chaco sobre as margens do rio Vermelho ou Ipita: no dia 15 de Abril de 1585, fundou a cidade da Conceição de Boa Esperança.

Chegou pouco depois á Assumpção. (1587) o governador proprietario D. João Torres de Vera y Aragon, que no anno seguinte (1588), mandou oitenta hespanhóes ao mando de

e Santa Luzia.

Depois d'estas expedições o governador de
governo e se retirou á Hespanha, seus successo
ram descobertas nem conquistas, por isso
quasi unicamente seus nomes no fim d'este cap

No anno **1592** João Cabalevo Bazan com sua
de hespanhóes formou as colonias de Tarey,
Caaguazú na provincia de Ytaty á Leste do rio
encarregou ao padre Hernando Cueva da sua dir
tarde em **1632** o medo dos portuguezes fez que s
as duas primeiras com o nome de S. Bento, e
encarregados os jesuitas lhe deram o nome de
da Fé, e a de Caaguazú tomou o nome de S.
depois ainda de Santiago.

Em **1610** os hespanhóes reduziram aos guara
unir-se em colonia no lugar onde se acha act
povo de S. Cosme, mas em **1673**, elles passa
povo d'Yuti no lugar actualmente habitado.

Colonias fundadas desde 1555 até 1610 pelos hespanhóes.

NOME DAS COLONIAS.	ANNO DA SUA FUNDAÇÃO.	LATITUDE AUSTRAL.	LONGITUDE O. DE PARIS.	OBSERVAÇÕES.
Loreto.				
Santo Ignacio				
Miri				
S. Xavier.				
S. José				
Annunciação.				
S. Miguel.	(*) 1555	Na provincia de Guayrá, cujos 13 povos foram saqueados e destruidos pelos portuguezes em 1631.		
S. Antonio.				
S. Pedro.				
S. Thomé.				
Angelis.				
Conceição.				
S. Paulo.				
Jesus Maria.				
Calchaqui.	1573	32° 34' 2"	63° 26' 30"	Parte se uniu aos hespanhóes e outra se dispersou.
Perico-Guaçú.	1579	23° 13' 50"	59° 15' 25"	Destruida em 1674 pelos portuguezes.
Jesui	1579	24° 4' 0"	59° 19' 0"	Idem em 1676.
*Curumiay.(**)	1580	23° 0' 0"	57° 1' 0"	
* Pacuyú.	1580	20° 25' 0"	57° 41' 0"	Destruida em 1635 pelos portuguezes.
Baradero.	1580	33° 46' 35"	62° 6' 30"	
Ohome.	1588	27° 46' 0"	60° 59' 56"	Idem em 1748 pelos payaguas.
Guacaras.	1588	27° 27' 31"	60° 55' 8"	
Itaty.	1588	27° 17' 0"	60° 31' 38"	
S. Luzia.	1588	28° 52' 30"	62° 18' 2"	
Tavey.	1592	22° 4' 0"	60° 13' 4"	
Bomboy.	1592	22° 14' 0"	60° 0' 0"	
Caaynazú.	1592	22° 30' 0"	59° 30' 0"	
* Caazapa.	1607	26° 11' 8"	58° 49' 49"	
* Juty.	1610	27° 18' 55"	58° 29' 29"	

(*) Estas treze na provincia de Guayrá a Leste do Paraná, ao Norte do Paraná-Pané.

(**) As colonias marcadas por uma * foram fundadas na provincia de Vera a Leste do Paraná ao Sul do Salto de Guayrá, e destruidas pelos portuguezes foram em geral reedificadas em outros lugares onde agora se acham.

Affonso de Vera (el tupi) para estabelecer a cidade de Corrientes.

Os colonos se formaram em commendas e se dividiram os indios da vizinhança.

Foi tal a origem das colonias dos Guacará, Itaty, Ohoma e Santa Luzia.

Depois d'estas expedições o governador demittiu-se do governo e se retirou á Hespanha, seus successores não fizeram descobertas nem conquistas, por isso apontaremos quasi unicamente seus nomes no fim d'este capitulo.

No anno 1592 João Cabalevo Bazan com sua companhia de hespanhóes formou as colonias de Tarey, Bomboy, e Caaguazú na provincia de Ytaty á Leste do rio Paraguay, e encarregou ao padre Hernando Cueva da sua direcção. Mais tarde em 1632 o medo dos portuguezes fez que se reunissem as duas primeiras com o nome de S. Bento, e sendo d'ella encarregados os jesuitas lhe deram o nome de Santa Maria da Fé, e a de Caaguazú tomou o nome de S. Ignacio, e depois ainda de Santiago.

Em 1610 os hespanhóes reduziram aos guaranis d'Yuti a unir-se em colonia no lugar onde se acha actualmente o povo de S. Cosme, mas em 1673, elles passaram para o povo d'Yuti no lugar actualmente habitado.

Colonias fundadas desde 1555 até 1610 pelos hespanhóes.

NOME DAS COLONIAS.	ANNO DA SUA FUNDAÇÃO.	LATITUDE AUSTRAL.	LONGITUDE O. DE PARIS.	OBSERVAÇÕES.
Loreto.	(*) 1555	Na provincia de Guayrá, cujos 13 povos foram saqueados e destruidos pelos portuguezes em 1631.		
Santo Ignacio Miri				
S. Xavier.				
S. José				
Annunciação.				
S. Miguel.				
S. Antonio.				
S. Pedro.				
S. Thomé.				
Angelis.				
Conceição.				
S. Paulo.				
Jesus Maria.				
Calchaqui.	1573	32° 34' 2"	63° 26' 30"	Parte se uniu aos hespanhóes e outra se dispersou.
Perico-Guaçú.	1579	23° 13' 50"	59° 15' 25"	Destruida em 1674 pelos portuguezes.
Jesui	1579	24° 4' 0"	59° 19' 0"	Idem em 1676.
*Curumiay.(**)	1580	23° 0' 0"	57° 1' 0"	
* Pacuyú.	1580	20° 25' 0"	57° 41' 0"	Destruida em 1635 pelos portuguezes.
Baradero.	1580	33° 46' 35"	62° 6' 30"	
Ohome.	1588	27° 46' 0"	60° 59' 56"	Idem em 1748 pelos payaguas.
Guacaras.	1588	27° 27' 31"	60° 55' 8"	
Itaty.	1588	27° 17' 0"	60° 31' 38"	
S. Luzia.	1588	28° 52' 30"	62° 18' 2"	
Tavey.	1592	22° 4' 0"	60° 13' 4"	
Bomboy.	1592	22° 14' 0"	60° 0' 0"	
Caayuazú.	1592	22° 30' 0"	59° 30' 0"	
* Caazapa.	1607	26° 11' 8"	58° 49' 49"	
* Juty	1610	27° 18' 55"	58° 19' 29"	

(*) Estas treze na provincia de Guayrá a Leste do Paraná, ao Norte do Paraná-Pané.

(**) As colonias marcadas por uma * foram fundadas na provincia de Vera a Leste do Paraná ao Sul do Salto de Guayrá, e destruidas pelos portuguezes foram em geral reedificadas em outros lugares onde agora se acham.

Vinte e oito colonias ás quaes juntando as treze da pagina 25 fazem quarenta e uma. fóra as cidades que enumerarei na nota 8.ª

A D. João Torres de Vera y Aragon succedeu no governo sendo adelantado D Hernando Arias de Saavedra em 1591 ou 1592. Ganhou uma explendida batalha contra indios infieis e inspirou aos hespanhóes commiseração para com os indios. Durante seu governo descobriu-se n'uma embarcação que os indios levavam a Buenos Ayres um volume de herva do Paraguay que elles chamavam *caá* que n'essa época se principiou a beneficiar. Logo que desembarcaram, Saavedra dissimulando mandou queimar na praça publica o volume de herva, dizendo aos indios «N'esta demonstração vos manifesto minha affeição, pois tenho por presentimento. que esta herva será a ruina de vossa nação ».

D. João Ramires de Velasco lhe succedeu em 1595.

Em 1597 tomou posse como adelantado D. Fernando de Zarate.

D. Diego Valdez de la Banda tomou conta do governo em 1598; por este tempo existia no Paraguay Fr. Martim Ignacio de Loyola, sobrinho carnal de Santo Ignacio de Loyola. Tinha professado na ordem seraphica e resplandecia em virtudes religiosas. o qual foi nomeado bispo do Rio da Prata de que tomou posse em 1601 e que em viagem para Buenos-Ayres pelo Uruguay, encontrou naufragados em suas margens aos P.P. Marcelo Larenzano e José Cataldino que enxugavam sua roupa ao sol. Eram uns dos primeiros jesuitas de que fallaremos, e que penetraram na provincia do Paraguay. Por morte de D. Diego de Valdez de la Banda, entrou a governar em 1602 D. Hernando Arias de Saavedra. Como tinha animo guerreiro, emprehendeu algumas operações militares. O successo não correspondeu ao valor do capitão e á grandeza das empresas.

Tendo-se internado umas duzentas leguas de Buenos Ayres para o estreito de Magalhães, elle e sua gente cahiram prisioneiros de guerra dos barbaros. Teve a fortuna de escapar-se e foi reunir soldados com os quaes voltou a libertar seus companheiros. Emprehendeu a conquista do Paraná e do Uruguay, encontrou tantos obstaculos na primeira, que teve de a deferir, e na segunda perdeu toda sua milicia composta de quinhentos soldados; tanto era o furor dos indios do Paraná e do Uruguay para defender o patrio territorio. Em 1606 frei Reginaldo de Lizarraga tinha succedido na sé do Rio da Prata ao sobrinho do fundador dos jesuitas. Este prelado com o adelantado Saavedra conseguiram que o provincial dos jesuitas designasse missionarios para Guayrá e Paraguay, o que o dito provincial Diego de Torres fez da maneira que por extenso veremos.

Em 1610 D. Diego Martins Negron tomou conta do governo, havendo-se com summa prudencia no meio de questões suscitadas a que deu origem a cobiça dos hespanhóes que ao principio escravisaram os indios e depois se utilisaram do serviço de suas pessoas. Um fidalgo portuguez D. João de Salazar, visinho de Tucuman, mui caritativo, consumiu todos seus haveres para ir á presença de Filippe III advogar em favor dos indios contra o serviço pessoal. A côrte despachou a D. Francisco Alvaro ministro integerrimo e de muitos merecimentos para visitador nas tres provincias do Paraguay, Rio da Prata e Tucuman. As sabias providencias que o visitador tomou e a nascente influencia dos jesuitas abrandaram a sorte infeliz dos indios. D. Hernando Arias de Saavedra pela terceira vez tomou conta do governo em 1615. Não só promoveu o bem-estar dos indios como a propagação da fé entre os infieis. Durante seu governo houve consideraveis augmentos em Guayrá e Paraná, e se deu principio á conversão dos indios do Uruguay, em cujo paiz nenhum

hespanhól até então tinha pisado sem pagar com a vida seu atrevimento.

Para melhor desempenho das funcções do adelantado, representou, Hernando Arias sobre a necessidade de dividir a extensissima provincia do Paraguay. No anno 1620 se fez essa divisão no espiritual e no temporal, da fórma seguinte: Ao governo e bispado do Paraguay designou el-rei todo o territorio no interior da provincia á Leste do rio Paraguay, e de Norte á Sul até o rio Paraná, ficando a cidade Corrientes ao governo e bispado de Buenos-Ayres.

Ao governo e bispado de Buenos-Ayres que se criou n'aquella occasião, sendo primeiro bispo frei Pedro Cazanza, designou o territorio comprehendido entre o Rio da Prata até a provincia do Chile e a barra do Tacuman; e de Sul á Norte desde as terras de Magalhães até dar no rio Paraná. Tomou conta do governo do Paraguay D. Manoel de Frias, continuando na sé episcopal frei Tomas de Torres. Vamos agora dar a relação dos governadores da provincia de Buenos Ayres.

GOVERNADORES DE BUENOS-AYRES DESDE QUE SE DIVIDIU DA PROVINCIA DO PARAGUAY EM 1620 ATÉ SUA ERECÇÃO EM VICE-REINADO EM 1776.

D. Diego de Gongára foi o primeiro governador de Buenos-Ayres em 1620 e em 1622. Alguns caciques do Uruguay pedindo fazer-se christãos, o governador confiou este negocio aos jesuitas.

D. Alonzo Peres de Salazar, em 1623.

D. Francisco de Cespides, em 1624.

D. Pedre Estevan de Avila, em 1632, anno em que os paulistas e tupys arrasaram as reducções do Guayrá.

D. Mendo de la Cueva y Benavides, em 1636.

D. Ventura Mogica em 1640, governou só cinco mezes durante os quaes ganhou uma grande batalha em Mborone no Uruguay contra os tupys e portuguezes, morrendo na acção cento e sessenta d'estes.

D. Pedro de Roxas, alguns mezes.

D. André de Sandoval, quatro mezes.

D. Jeronymo Luis de Cabrera, em 1641.

D. Jacintho de Lavis, em 1646. Teve discussões com o bispo de Buenos Ayres.

D. Pedro Luis Buigore, em 1657.

D. Alonzo de Mercado e Villa Costa, em 1660.

D. José Martines de Salazar, em 1663.

D. Andres de Robles, em 1674.

D. José de Garro, em 1678. Fez os portuguezes abandonarem o territorio em frente ás ilhas de S. Gabriel.

D. José de Herrera em 1682. Cedeu a colonia do Sacramento aos portuguezes.

D. Agostinho Robles, em 1691 defendeu Buenos Ayres contra os francezes.

D. Manoel de Prado Maldonado, em 1700, bateu os portuguezes confederados com infieis.

D. Alonzo João de Valdez, em 1703, tomou a colonia do Sacramento aos portuguezes.

D. Manoel de Velasco, em 1708 foi preso e deposto.

D. Alonzo de Arce e Soria, governou 6 mezes em 1712.

D. Balthazar Garcia Ros, por ordem de Sua M. C. restituiu a colonia do Sacramento aos portuguezes: favoreceu aos guaranis contra os charruas.

O Marquez de Salinas, nomeado não tomou posse.

D. Bruno de Zavala, em 1717 desalojou os francezes do Cabo de Santa Maria á oito leguas de Castilhos, e o mesmo praticou com os portuguezes que intentavam estabelecer-se em Montevidéo, fundou aquella cidade em 1726 com o nome

de S. Filippe e Santiago, e em 1730 a Bajada, capital d'Entre Rios.

D. Manoel de Salcedo, em 1734.

D. Domingos Ortiz de Rosa. em 1742.

D. José de Andonagui, em 1745. Em virtude dos tratados de 1750 se rebellaram os sete povos jesuiticos orientaes do Uruguay: em 1755 Andonagui com 1500 homens auxiliado de mil portuguezes commandados pelo capitão-general do Rio de Janeiro, conde de Bobadella, marcharam contra os revoltosos que bateram em Caybaté. Tomaram conta dos sete povos os exercitos alliados.

D. Pedro de Ceballas, 1756. Continuou a guerra de missões, tomou a colonia do Sacramento. Rio Grande de S. Pedro, os fórtes de Santa Rita, Santa Theresa e S. Miguel e bateu a esquadrilha ingleza que queria recuperar a colonia do Sacramento.

D. Francisco de Paula Buareli y Ursua, 15 de Agosto de 1766. Estando elle no governo foram supprimidos os jesuitas que elle mandou sahir das missões jesuiticas.

D. João José Vertiz, em 1770. Os portuguezes fazem invasões na Banda Oriental do Uruguay: tomam a colonia.

VICE-REIS DE BUENOS AYRES.

D. Pedro de Ceballos Cortes e Calderon, 1º vice-rei nomeado por cedula de 8 de Agosto de 1776. Tomou Santa Catharina em 20 de Fevereiro de 1777, apoderou-se da colonia do Sacramento, e penetrou no Rio Grande.

D. João José de Vertiz e Salcedo, em 1778.

D. Nicolas del Campo, em 1784.

D. João Vicente de Guemes. que não tomou posse.

D. Nicolas de Aredondo, em 4 de Dezembro de 1789. Mandou calçar as ruas de Buenos-Ayres.

D. Pedro Mello de Portugal e Villena, em 1795. Fundou o fórte de Serro Largo na Banda Oriental na fronteira de Portugal.

D. Antonio Olaguar, em 1797.

D. Gabriel de Avilez y del Fierro, em 1799.

D. Joaquim del Pino, em 1801. Durante seu governo os portuguezes conquistaram as sete missões orientaes do Uruguay.

D. Raphael de Sobre Monte, 1804. Seu vice-reinado foi desgraçado para Buenos-Ayres que os inglezes tomaram em 27 de Junho de 1806, o povo de Buenos-Ayres abandonado do vice-rei, retirado em Cordova escarmentou aos invasores, destinguindo-se o capitão Súmier.

D. Pascual Rui, em 27 de Junho de 1807.

D. Santiago de Linniers y Bremont, em 16 de Maio de 1808.

D. Balthazar Hidalgo de Cisneros e la Torre, de 19 de Julho de 1809 até 25 de Maio de 1810 em que se installou a junta superiora das provincias que proclamaram a sua independencia.

CAPITULO II.

ORGANISAÇÃO DAS TRIBUS CONQUISTADAS PELOS HESPANHÓES

Janaconas — Mitayas.

Foi Domingos Martines de Irala que estabeleceu o systema seguido durante seculo e meio de governar os indios, e do qual vou dar um idéa.

Os cabos de guerra encarregados da conquista do Paraguay e Rio da Prata estabeleceram uma distincção no tratamento que devia dar aos indios.

commendas ditas *Janaconas*, ou de indios *C*
tes estabelecimentos cada commendatario tin
grande numero de indios de toda idade e
occupava como melhor lhe convinha. Porém
vendel-os, maltratal-os ou abandonal-os por c
ducta, velhice ou enfermidade.

Era obrigado a cuidal-os em suas molesti
yestil-os, ensinar-lhes algum officio e instrui
christã. Todos os annos havia uma inspecção
se tudo se executava em fórma e na qual o
apresentar suas queixas. D'esta maneira foran
só os guaranis de S. Isidoro, das Conchas, das
do Paraná, mas tambem os prisioneiros p
payaguas, guaycuruzes, mbayas, assim como
neiros de guerra oreiones e outros que da pr
quitos foram conduzidos ao Paraguay.

Quando uma tribu um pouco numerosa
durante a paz ou se rendia na guerra median
lação, a obrigavam a escolher um sitio a prop
mar uma colonia. Obrigavam-a tambem a nom
alcaides e outros officiaes da municipalidade
seguida era dividida por secções compostas c
chefe e por certo numero de indios que o rec
tal. Cada secção formava uma commenda ch

o resto do tempo os indios ficavam perfeitamente senhores de suas occupações e em tudo iguaes aos hespanhóes.

Como a côrte de Hespanha recommendasse continuamente aos governadores de augmentar as descobertas e conquistas, Irala inventou um meio de satisfazer as ordens que recebia sem fazer despeza, o que tambem incitou os hespanhóes a se entregarem a emprezas d'esta natureza, e foi de auctorisar os hespanhóes a fazerem á sua custa expedições aos pontos distantes para reunir indios e estabelecel-os em commendas de *Janaconas* que eram as mais procuradas. Se o empresario chamava auxilios de tropas do estado, a reducção nova entrava sómente na classe de *Mitaya*. Se o chefe da expedição julgava poder reunir um numero consideravel de selvagens, (como aconteceu nas provincias de Guayrá, de Chiquitos e nos campos de Xeres), o governador despachava para alli uma companhia de hespanhóes para levantar uma cidade mais ou menos grande, e aquelles hespanhóes repartiam os indios e formavam commendas de Janaconas ou de Mitayas seguindo a regra assim estabelecida. Sem embargo ao fim de duas gerações as Janaconas e as Mitayas ficavam abolidas e os seus indios entravam no regimen geral sendo consideradas a par dos hespanhóes gozando da sua plena liberdade, e unicamente obrigados a pagar um pequeno tributo ao thesouro real.

Eram tambem livres como os hespanhóes os *mestiços* que nasciam da união dos hespanhóes com as indias. Os primeiros conquistadores não tinham levado comsigo mulheres; elles e seus companheiros tinham-se casado com indigenas ou pela mór parte tinham-se juntado com ellas, d'onde vieram os mestiços bastante numerosos, e que eram considerados como hespanhóes. Apesar d'esta desordem inevitavel, por causa do genio e das occupações dos cabos da descoberta e conquista e de seus companheiros, os hespanhóes mostravam-se fervorosos em converter á nossa religião os indios, e apenas

Quando uma tribu de indios tinha obrigado os hespanhóes a submettel-os pelas armas, os vencedores repartiam entre si como servos ou escravos os vencidos, e houve tambem muitos indios que solicitaram com muitas instancias aos hespanhóes de os receber n'esta qualidade. D'ahi a origem das commendas ditas *Janaconas*, ou de indios *Originarios*. N'estes estabelecimentos cada commendatario tinha em seu serviço grande numero de indios de toda idade e de todo sexo que occupava como melhor lhe convinha. Porém lhe era vedado vendel-os, maltratal-os ou abandonal-os por causa de má conducta, velhice ou enfermidade.

Era obrigado a cuidal-os em suas molestias, alimental-os, vestil-os, ensinar-lhes algum officio e instruil-os na religião christã. Todos os annos havia uma inspecção para examinar se tudo se executava em fórma e na qual os indios podiam apresentar suas queixas. D'esta maneira foram repartidos não só os guaranis de S. Isidoro, das Conchas, das ilhas inferiores do Paraná, mas tambem os prisioneiros pampas, agans, payaguas, guaycuruzes, mbayas, assim como muitos prisioneiros de guerra oreiones e outros que da provincia de Chiquitos foram conduzidos ao Paraguay.

Quando uma tribu um pouco numerosa se apresentava durante a paz ou se rendia na guerra mediante uma capitulação, a obrigavam a escolher um sitio a proposito para formar uma colonia. Obrigavam-a tambem a nomear um cacique, alcaides e outros officiaes da municipalidade. A colonia em seguida era dividida por secções compostas cada uma de um chefe e por certo numero de indios que o reconheciam como tal. Cada secção formava uma commenda chamada *Mitaya* a qual se concedia a um hespanhól em qualidade de recompensa nacional. Porém em uma commenda d'essa classe não se podia exigir serviço senão dos varões de 18 a 50 annos que as compunham, e isso sómente durante dois mezes do anno;

o resto do tempo os indios ficavam perfeitamente senhores de suas occupações e em tudo iguaes aos hespanhóes.

Como a côrte de Hespanha recommendasse continuamente aos governadores de augmentar as descobertas e conquistas, Irala inventou um meio de satisfazer as ordens que recebia sem fazer despeza, o que tambem incitou os hespanhóes a se entregarem a emprezas d'esta natureza, e foi de auctorisar os hespanhóes a fazerem á sua custa expedições aos pontos distantes para reunir indios e estabelecel-os em commendas de *Janaconas* que eram as mais procuradas. Se o empresario chamava auxilios de tropas do estado, a reducção nova entrava sómente na classe de *Mitaya*. Se o chefe da expedição julgava poder reunir um numero consideravel de selvagens, (como aconteceu nas provincias de Guayrá, de Chiquitos e nos campos de Xeres), o governador despachava para alli uma companhia de hespanhóes para levantar uma cidade mais ou menos grande, e aquelles hespanhóes repartiam os indios e formavam commendas de Janaconas ou de Mitayas seguindo a regra assim estabelecida. Sem embargo ao fim de duas gerações as Janaconas e as Mitayas ficavam abolidas e os seus indios entravam no regimen geral sendo consideradas a par dos hespanhóes gozando da sua plena liberdade, e unicamente obrigados a pagar um pequeno tributo ao thesouro real.

Eram tambem livres como os hespanhóes os *mestiços* que nasciam da união dos hespanhóes com as indias. Os primeiros conquistadores não tinham levado comsigo mulheres; elles e seus companheiros tinham-se casado com indigenas ou pela mór parte tinham-se juntado com ellas, d'onde vieram os mestiços bastante numerosos, e que eram considerados como hespanhóes. Apesar d'esta desordem inevitavel, por causa do genio e das occupações dos cabos da descoberta e conquista e de seus companheiros, os hespanhóes mostravam-se fervorosos em converter á nossa religião os indios, e apenas

entendiam algumas palavras do seu idioma, principiavam, segundo seu estado de ignorancia em materia religiosa lhes permittia, a infundir n'elles as idéias do Christianismo. Porém essa instrucção religiosa a pouco se devia reduzir, porque quasi todos os seus cuidados eram reduzir indios para procurar-se os braços necessarios ás suas especulações.

Mais tarde se estabeleceu no paiz alguma influencia religiosa promovida pelos ecclesiasticos. Os primeiros hespanhóes só tinham conduzido um unico sacerdote. Vinte annos o depois da conquista só existiam dezesete ecclesiasticos, inclusos n'este numero o bispo, os conegos e os regulares; segundo Azara e segundo a Memoria Historica de Mr. Martin de Mussy, no anno 1557 em que morreu Irala só existiam vinte. Havia sem embargo um vastissimo paiz descoberto e conquistado que na opinião de um auctor era tão extenso como a Hespanha, a França e a Italia reunidas. N'esse paiz existiam já nove ou dez cidades (8) e as quarenta colonias que temos apontado. Era pois impossivel a este diminuto clero acudir ás necessidades espirituaes de tanta gente disseminada a grandes distancias uns dos outros. Nem teria sido possivel mesmo estando em continuas corridas de baptizar seus freguezes, quanto menos de lhes subministrar os outros soccorros espirituaes.

Nós veremos chegar os jesuitas para acudir a estas necessidades e será o assumpto de um dos capitulos seguintes.

Antes porém de passar adiante farei notar que no anno 1610, é a epocha da entrada dos Jesuitas na provincia do Paraguay e quasi o termo da fundação das colonias de selvagens, tão felizmente principiadas pelos conquistadores e que tinham tido tão rapidos progressos.

Seja qual for a causa d'este acontecimento, ou por prohibição que fez D. Francisco Alfaro, visitador no Paraguay em 1612 de auctorisar expedições particulares para submetter os selvagens e que n'esta parte derogou as sabias instituições de

Irala, ou porque o regimen dos jesuitas não fosse idoneo para esse fim, a historia nos mostra que desde a entrada dos jesuitas na provincia do Paraguay, pelo anno 1610, não se fundaram mais colonias hespanhólas na provincia, e as antigas foram abandonadas; que as descobertas e as conquistas não deram mais um passo avante, e que o poder da Hespanha se foi ahi dia a dia enfraquecendo.

Consulte-se a este respeito Azara.—Cap. XII.

CAPITULO III.

EXTENSÃO DA PROVINCIA DA COMPANHIA DE JESUS CHAMADA DO PARAGUAY.

O que em seus catalogos a companhia de Jesus chamava a sua provincia do Paraguay, comprehendia os territorios do Paraguay, Rio da Prata e Tucuman que no civil e no ecclesiastico, formavam, em fins do seculo dezesete tres differentes provincias, com bispo e governador real em cada uma.

Os bispos eram suffraganeos do arcebispado de Chuquisaca ou cidade do Prata na provincia de Charcas, e que era a dignidade mais rendosa de todo o Perú, subindo suas rendas e emolumentos licitos acima de oitenta mil pesos fortes annuaes.

No governo civil e politico, as tres provincias pertenciam á real audiencia da referida cidade de Chuquisaca para todas as appellações e recursos, concedidos por direito e leis d'aquelles reinos ás chancelarias. No governo militar e superior pertenciam as mesmas tres provincias ao vice-rei do Perú, que tinha seu assento ordinario em Lima, cidade afastada trezentas leguas de Chuquisaca e novecentas leguas distante do Paraguay.

A provincia da companhia de Jesus do Paraguay tomou

este nome, por haverem os primeiros missionarios entrado no Paraguay antes de penetrar nas provincias de Buenos-Ayres e Tucuman e por terem principiado n'ella suas espirituaes conquistas, e ter ahi havido maior numero de conversões.

Na cidade da Assumpção os Jesuitas tinham unicamente um collegio, tendo dois na provincia de Buenos-Ayres, a saber: o de Santa Fé da Vera Cruz, distante duzentas leguas da Assumpção e o de Buenos Ayres distante noventa leguas de Santa Fé. Na provincia porém de Tucaman, os jesuitas tinham cinco collegios; o de Cordova que era o principal, distava cento e vinte leguas de Buenos-Ayres; o da cidade de Rioya, distante cem leguas de Cordova; em Santiago do Estero tambem distante umas cem leguas da ultima, havia outro collegio de jesuitas: e existia ahi a sé episcopal: á distancia de trintam leguas de Santiago havia um collegio de jesuitas na cidade de S. Miguel; e emfim na cidade do Salta distante cem leguas da ultima cidade estava outro collegio. Na cidade de Cordova tinha os Jesuitas o seu noviciado e ahi fundaram um seminario para a cargo da companhia se educarem seculares com a virtude e sciencia necessarias para occuparem dignamente os curatos, parochias, prebendas, conezias e os mais beneficios ecclesiasticos d'aquellas provincias.

Se bem que os jesuitas exercessem as suas funcções ecclesiasticas n'estas tres provincias, do Paraguay, Buenos-Ayres e Tucuman, que elles appellidavam como já disse, provincia da companhia de Jesus do Paraguay, e que ao principio formavam uma só provincia, foi principalmente nas provincias de Guayrá, desde o rio Iguassú até o rio Tieté em uma superficie de tres gráos de latitude e dois de longitude (do 21° ao 24° de lat. Mer. e do 54° ao 56° long. O. de Pariz), onde temos visto que os hespanhóes tinham já fundado as cidades de Outiveras, Villa-Rica, Cidade Real, Xeres, &c., e treze colonias na costa do grande rio Paraná e ao Norte do Salto Grande

d'esse mesmo rio, e de Vera, onde abaixo do Salto os hespanhóes tinham já fundado nove colonias e em que os primeiros missionarios, mostraram o seu zelo apostolico. Ao mesmo tempo segundo o destino que foi assignalado aos sete primeiros jesuitas, elles catechizaram e estabeleceram reducções desde o 23° até o 30° de lat. Sul e entre os 56° e 60° de long. O. de Pariz, estando Belem reducção mais septentrional aos 23° 26' 17" de lat. Sul e aos 59° 28' 0" de long. O. e a reducção de Japeyú a mais meridional e mais proxima ao rio Mirinhay que fazia divisa do resto de Entre-Rios, aos 29° 31' 47" de lat. Sul e aos 58° 53' 28" de long. O. servindo de limites a essa republica jesuitica ao Norte o rio Tebicuary que desemboca no Paraguay, as ultimas ramificações da cordilheira d'este paiz e os espessos bosques que o cobrem até Belém; a Oeste a lagôa Ibera e o rio Mirinhay; ao Sul na margem oriental do Uruguay o rio Ubicuy; a Leste a serra dos Tapes e do Herval pela picada de S. Martinho e ao Nordeste as matas virgens do Uruguay até o mato castelhano e as matas virgens do territorio até o rio Iguassú, terreno immenso regado por tres dos maiores rios do mundo e seus innumeraveis affluentes, pittoresco em sua parte montanhosa e matos virgens, summamente fertil e em um clima perfeitamente suave e saudavel.

CAPITULO IV.

INDIOS QUE EXISTIAM E SEUS COSTUMES.

Para que não se torne demasiadamente extenso este capitulo e para dar tregua á attenção do leitor o dividirei em dois artigos.

No artigo primeiro farei um breve resumo dos indios que existiam na extensissima provincia do Paraguay, e no segundo

fallarei da origem dos caciques, governo e costumes, das guerras, dos trajes, dos divertimentos, dos casamentos, da educação dos filhos, dos recursos e emigrações, dos idolos, feiticeiros e idéas religiosas, dos enterros, dos medicos, das tradições historicas e da cosmographia dos indios e de sua aptidão para as artes.

ARTIGO I.

Breve resumo dos indios selvagens que existiam e existem na provincia.

Todas as povoações das provincias de Guayrá e de Vera estavam na classe de Mitayas. Depois de terem sido administradas com este regimen cincoenta e tantos annos, sua direcção espiritual foi confiada aos jesuitas que ahi fizeram seus primeiros ensaios.

As povoações das provincias jesuiticas propriamente ditas do Paraguay desde o rio Tibicuary até o rio Paraná e do Itaty entre o Paraná e Uruguay estavam umas em classe de Janaconas e outras de Mitayas; porém a gente que formava esses povos pertencia exclusivamente á raça Guarani.

Julgo indispensavel fazer aqui um pequeno resumo das nações selvagens que na epocha da entrada dos jesuitas existiam nos territorios de que tratamos n'esta obra, compilando o que varios auctores escreveram até nossos dias.

1.°—Guaranis.—A raça guarani, segundo Mr. Martin de Mussy, era uma raça numerosa cujas variedades se achavam espalhadas desde a foz do Orinoco até o Rio da Prata, sobre a enorme extensão de quarenta e cinco gráos de latitude, e offerecia o phenomeno assombroso de fallarem todos o mesmo idioma designado pêlo nome geral de *Guarani* pelos hespanhóes e pelos portuguezes.

Entre os rios Paraguay e Paraná, entre o Paraná e Uruguay sobre a margem Oriental d'este ultimo rio, a grande maioria da povoação indiatica era guarani: os guaranis se encontravam tambem nas margens do rio Vermelho, nas provincias de Moxos, de Chiquito, e nas de Guayanas.

Em nenhum ponto formava um verdadeiro corpo de nação, mas unicamente grupos de tribus ou de familias designadas pelo nome do lugar em que viviam ou de seu cacique temporario, o que explica a immensa variedade de nomes que tem nos annaes d'aquella epocha. Estas tribus se sustentavam com caça e pesca, e ás vezes com um pouco de agricultura que os obrigava a estarem fixas e não inteiramente errantes como quasi todas as tribus errantes de indigenas. Antes de serem doutrinados pelos jesuitas eram em geral nomades e reduziam a captiveiro os individuos das outras nações para augmentar seu numero e poder, o que deu occasião a suppor-se que eram de tribus differentes os indios que dominavam nas terras cercadas pelos tres grandes rios. De um caracter sombrio e taciturno, pouco communicativos, com pouco asseio e medianamente intelligentes, tinham apesar de tudo alguma doçura que lhes tinham feito tomar o costume de alliar-se com outros, e eram mais proprios que os outros indios para mesclar-se pouco a pouco com as povoações que os rodeavam, particularmente com os Europeus. Segundo alguns auctores o seu nome significa guerreiro (9).

2.° — Guayanas. — A denominação de guayanas estendia-se a varias tribus de indios que tinham certa relação entre si, e cujo genio, costume e lingua se differençava pouco do guarani. Era bastante numerosa, e viviam esses indios no tempo em que floreciam os estabelecimentos jesuiticos a uma e outra banda do Paraná, em cima e por baixo do Salto Grande, estendendo-se até perto do Uruguay pelos rios Iguassú, Santo Antonio e outros.

Seu natural era mui docil e tão sociavel com os indios das reducções, que não ha noticia que lhe fizessem o mais leve damno nas frequentes viagens que faziam aos hervaes, antes os ajudavam a trabalhar, buscavam e lhes indicavam as paragens em que existiam muitas arvores de Congonha, e ainda lhes davam soccorros de sustento quando lhes faltava, contentando-se com alguns objectos de pouca monta, que se lhes davam como pequenos espelhos, machadinhos, algum tecido de algodão. Estes indios viviam nas matas e se alimentavam da caça que matavam com frechas, sem veneno, que nem se quer o conheciam, de mel das abelhas do mato que era seu principal sustento e mesmo do producto de algumas plantações.

3.° — Tapes. — Grande nação de indios que dominavam nas terras que jazem entre o mar, a serra do mesmo nome e o Uruguay no centro da actual provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Quando os vicentistas, e paulistas penetraram no sertão d'essa provincia para cultivarem eram os tapes de um genio máo e cruel. Sua estatura era alta.

Bem que na apparencia não tivessem religião alguma e que não parecessem ter idéa da immortalidade da alma, enterravam seus mortos com suas redes, frechas e outras armas Os jesuitas tiveram a industria de trazerem varios d'elles á civilisação. Os tapes não existem mais em estado selvagem, e se restam alguns estão civilisados e misturados com os habitantes da provincia do Rio Grande e da Republica Oriental.

4.° — Minuanos. — Nação india de indole mais branda que os tapes de que faziam parte, (10) quando os portuguezes começaram a estabelecer-se na provincia de S. Pedro, retiraram-se os minuanos para os rios Caciqui, Batori e Vacca-Cahy, e escolhendo algum descampado rodeado de matas, construiram cabanas cobertas com os despojos de animaes silves-

tres e guarnecidas por tres lados com esteiras, com uma porta pela qual só podiam entrar quatro pessoas. Constava cada aldêa de cincoenta familias governadas por um chefe, eram em geral mais corpulentos que os tapes, mais resolutos, generosos, e habeis em ensinar a diversos animaes a serem-lhes uteis, montavam a cavallo, e suas principaes armas eram frechas e arcos. Segundo Azara os minuanos entraram com seu contingente para a formação do povo de S. Borja em 1690, que o Sr. visconde de S. Leopoldo diz ter sido formado de charruas. O caso é que póde ser que ambos tenham razão, porque corridos os minuanos pelos portuguezes e os charruas pelos hespanhóes, fizeram estes indios uma especie de allança, e occuparam o terretorio entre os rios Negro e Ibicuy, apesar de que os charruas ordinariamente estavam mais perto da costa do Rio Negro e os minuanos da costa do Ibicuy. Elles adquiriram quasi os mesmos costumes, e tanto que alguns auctores os confundem. O auctor da Cosmographia Brasilica diz que pouco antes da conquista das missões orientaes pelos portuguezes os minuanos invadiram a reducção de S. Borja e lhe causaram grande damno, porém não pude encontrar nenhum pormenor a este respeito. Os minuanos como os tapes estão actualmente todos civilisados. Foram os minuanos que mataram a D. João de Guaray, um dos primeiros conquistadores.

5.° — Charruas. — Esta nação numerosa que matou a D. João de Solis o descobridor do Rio da Prata, era guerreira e cruel, e dominava entre o Rio da Prata, a Lagôa Mirim, e o Uruguay. Inquietados pelos paulistas, que vendiam como escravos quantos podiam colher, retiraram-se á margem septentrional do rio Negro e a alguns sertões da provincia de S. Pedro e das missões orientaes, e se alliaram estreitamente com os minuanos de que acabámos de fallar. Na guerra se serviam além do arco e frechas, de lanças e fundas que manejavam com grande destreza.

Estes indios, diz, referindo-se aos charruas e minuanos, o auctor da Memoria Historica sobre a provincia de Missões dirigida a Felix de Azara em 1785; e estes indios são semelhantes em genio, costumes e modo de viver. Vivem em *tolderias* compostas de parcialidades, bem que regularmente reconhece superioridade em algumas dos caciques d'esse territorio, como o cacique Miguel Caray que hoje ahi domina. Elles são bastante trataveis, guardam fé em seus contractos, castigam os delinquentes, sem permittir que se cause damno a ninguem, se não tem recebido antes algum aggravo, e assim vivem bem com os indios dos povos, menos com os de Japezú porque estes lhes causaram algum damno de que se vingam. Estes indios recebem em suas tolderias e em todo o terreno por onde se estendem a todos os indios guaranis que desertam de seus povos e querem viver com elles, mas devem ter a politica de os avisar que vão viver com elles, ou favorecer-se d'elles.

Elles consentem aos hespanhóes de andar pelos campos onde as reducções tem estancias, tirar bois e cavallos que levam clandestinamente a Montevidéo, e em troca de regalos que recebem dos portuguezes lhes consentem o mesmo, os protegem em caso de ataque para que levem para Rio Pardo e Viamão gados dos campos dos hespanhóes e dos Peros.

Parece que o bom natural d'estes indios lhes franquearia a entrada em nossa religião. Esta não lhes é repugnante, mas lhes repugna a sujeição e o regimen das reducções. Ninguem os manda, elles fazem o que querem. No campo encontram muito gado para se sustentar, e não tem bastantes luzes para conhecerem a felicidade da vida civil, e muita malicia para não se deixar sujeitar ao jugo de uma redução. Me parece que nunca elles se reduziram só com a prégação evangelica.

Porém os ultimos charruas tem desapparecido pelas matanças que n'elles fez D. Fructuoso Rivera depois de sua expedição de 1828.

6.°—Tupys.—E' certo que quando Cabral descobriu o Brasil a nação tupy estava de posse da costa maritima d'este grande imperio. Ella devia ter passado em tempos remotos por varias e grandes revoluções, pois que se dividiu até em dezeseis tribus cada uma com seu nome proprio. Citarei algumas que tem mais relação com a historia do Brasil. Os *carijós* habitavam nas vizinhanças de S. Vicente e na ilha de Santa Catharina. Os *tamoios* occupavam os arrabaldes do Rio de Janeiro e se estendiam até perto de S. Vicente, sem conhecer outros alliados que os *tupinambas* seus visinhos com os quaes tinham semelhança em seus habitos. Os *tupininquins* possuiam o territorio de Porto Seguro e se estendiam em uma área de cinco gráos Eram de melhor indole, que as outras tribus de tupys, mais trataveis, mais fieis á sua palavra e mais valentes. Os *tupynais* moravam nas vizinhanças d'estes ultimos com os quaes tinham certa semelhança em suas maneiras. A Bahia e todo o terreno adjacente era occupado pelos *tupinambás* a mais numerosa e mais guerreira das tribus dos tupys. A costa de Pernambuco era em grande parte habitada pelos *cahités* uma das mais ferozes de todas as tribus, e os *tabajarás* occupavam o resto da costa; mais humanos supposto que da mesma qualidade que os precedentes. A região da Parahyba do Norte até o Rio Grande do Norte era habitada pelos *pitagoares* que era a tribu mais cruel de toda a raça dos tupys (11). Todas essas tribus assim como as tupys de Missões de que vou fallar tinham o costume barbaro de devorar os seus prisioneiros, para o que ordinariamente faziam uma grande festa. Uma tribu d'esses tupys conhecida pelo seu nome generico occupava tambem na epocha da entrada dos jesuitas na provincia do Paraguay, os montes da margem oriental do Uruguay em frente á reducção jesuitica de S. Xavier até a de Santo Angelo, sem que se saiba ao certo a extensão de terreno que corriam ao Norte e ao

Sul. São caribes e tão ferozes que nem os tigres os igualam, diz D. Francisco Gonçales Doblas auctor da memoria já citada, vivem nos matos sempre nús, armados de arcos e frechas que tem mais de duas varas de comprimento. As vezes se mostram nas approximações do povo de S. Xavier do outro lado do Uruguay e bem que todas as vezes que isso succede se tenha procurado fallar-lhes, e attrahil-os, mostrando-lhes fitas, barretes vermelhos, milho, &c., nunca hão querido chegar nem esperar, correspondendo com suas frechas com as quaes hão ferido alguns indios nossos quando viam chegar as canôas ou balsas perto da praia onde estavam, retirando-se precipitadamente para o mato. O povo de S. Xavier tinha n'aquelle lado uma pequena estancia (no campo do Serro Pellado nas margens do Juhy Grande) e por causa das invasões d'estes indios, lhes foi preciso abandonal-a. Mesmo que não atacassem as casas (o que ás vezes fizeram como aconteceu de passarem ao occidente do Uruguay, destruir a colonia de S. Francisco de Paula que se formava perto de Cerpus, e fugirem para o mato,) espiavam algum indio que sahisse só, e não podiam ser perseguidos porque logo fugiam para o mato de que nunca se afastavam muito.

No tempo dos jesuitas os indios de S. Xavier aprisionaram um d'esses tupys e o trouxeram ao povo onde procuraram acaricial-o com a suavidade do trato, mas nada pôde-lhes fazer largar sua ferocidade. Não quiz tomar alimentos nem fallar até que morreu. Este caso aconteceu duas vezes. Quando os indios das reducções jesuiticas vão beneficiar a herva nos matos é preciso que vão com precaução de não separar-se, porque os tupys os vigiam do mato á maneira de tigres, e se vêem algum andar só retirado dos outros o atacam, e se não póde escapar o matam e comem.

Os guaranis tem um medo extraordinario dos tupys e d'elles narravam muitos casos incriveis originados pelo terror que

lhes infundiam. Um d'esses era que os pés dos tupys não tem dedos, mas sim dous calcanhares, porque pelas suas pisadas não se conhece se vão ou se vem.

7.° — Bugres. — Nação india barbara e assás numerosa que ainda actualmente vive no vasto territorio que medeia entre o rio Tieté, o Uruguay e a cordilheira, d'onde vem as vezes atacar os habitantes das provincias de S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e os fabricantes de herva no departamento de S. Xavier em Corrientes.

Os paulistas os combateram antigamente e os vendiam como escravos. Algumas tribus d'esses indios furam o beiço inferior como os botucudos, outros se distinguem pelos cabellos que cortam em modo de corôa. As casas d'estes indios são formadas de estacas, forradas e cobertas com as folhas da palmeira anã, a que chamam guaricanga: são compridas com a porta mui baixa e sempre situada n'um dos extremos.

Cada familia acende o seu fogo debaixo do mesmo tecto e os individuos que a compoem dormem á roda d'elle estendidos em esteiras com os pés para o lar. Alguns cultivam amendoim, aboboras, feijão e milho: outros fazem algumas panellas para seu uso.

Seria necessario escrever volumes para fazer a historia de todos estes indios, dar a conhecer seus usos e costumes, assim como de muitas outras raças e tribus selvagens de que se fallou no tempo do descobrimento e da conquista d'este paiz da America e no tempo dos estabelecimentos que n'elle existiram ou existem ainda. Algumas d'estas grandes familias ainda existem, porém a mór parte foram destruidas já pelos europeus, já por outros indigenas. Assim mesmo farei aqui uma especie de quadro resumidissimo das principaes.

Os pampas tambem chamados querandis pelos primeiros conquistadores, occupavam errantes a costa meridional do Rio da Prata e se estendiam até á cordilheira dos Andes,

vizinhando nas extensas planicies do Sul com os *arguelos* ou *cesares* que os separavam dos *araneanos* (12).

Os jesuitas tentaram formar duas colonias de pampas, mas foram infructuosas suas tentativas. Os pampas as vezes se alliam com alguns chefes das provincias argentinas, mas em geral fazem avançadas e corridas sobre o territorio de algumas d'estas provincias e carregam tudo o que encontram. A provincia de Buenos-Ayres é a mais perseguida d'elles.

Os jarós que na epocha da conquista habitavam á margem Oriental do rio Uruguay entre a foz do Rio Negro e do rio S. Salvador e que mataram ao capitão João Alvares que foi o primeiro navegador do rio Uruguay; os jarris que habitavam as ilhas do Uruguay pelas mesmas alturas, e emfim os bohanés que moravam na costa Oriental do Uruguay ao Norte do Rio Negro; foram exterminados pelos charruas. Os chanás que moravam nas mesmas ilhas que os jarris d'onde se estendiam as vezes pela costa Oriental do Uruguay que estava em frente; pediram protecção contra os charruas aos hespanhóes de Buenos-Ayres. que com elles formavam a colonia de S. Domingos Soriano em 1650. Tendo-se misturado com os hespanhóes são agora quasi todos considerados como taes, podendo sem embargo ainda se encontrar por ahi algum chaná puro.

Os *nuarás* viviam nas planicies de Xeres. Os portuguezes captivaram toda essa tribu. que alguns auctores chamavam guaranis.

Os *nalimegas* viviam sobre o 21° de latitude a dois dias de viagem das planicies de Xeres. e se compunha de poucas familias que viviam em cavernas; foram os mbayas que deram conhecimento d'elles.

Os *guasaropos* ou guachiés habitavam terrenos baixos e pantanosos nas margens de rios do mesmo nome que desembocam pelo Este no rio Paraguay pelo 19° 46' de latitude.

Esta nação era pouco numerosa, porém corajosa e valente, e sempre prompta a alliar-se com os mbayas para atacar aos indios ninaquiguilás e as colonias da provincia de Chiquitos.

Os *guatás* no tempo da conquista como ainda agora esta nação pouco numerosa e pouco procreativa, viviam em umas lagôas que os jesuitas chamaram lagôa da Cruz, a qual communica pelo Oeste com o rio Paraguay aos 19° 12'.

Os *aguitequedichayás* habitam a mais consideravel das pequenas montanhas do paiz ao Occidente do rio Paraguay pelos 18 e 19 gráos de latitude, chamado antigamente Santa Lucia e actualmente S. Fernando; são pouco numerosos e mansos, não fazendo guerra a ninguem, chegando de vez em quando até o rio Paraguay para se lavarem ou pescarem.

As mulheres d'essa nação são notaveis como as dos linguás pelo comprimento de suas orelhas que lhes cahem pelas espadoas, e conseguem esse comprimento furando as orelhas e pendurando-lhes pedaços de páo redondos e pesados.

Os *ninaquiguilás* ou potareras se dividem em varias tribus que não sahem dos matos não, fazendo guerra senão para defender-se, sendo elles as vezes atacados por indios residentes ao septentrião do paiz em que residem, que é pelos 19 gráos de latitude a distancia de algumas leguas a Oeste do rio Paraguay; interna-se muito ao O. S. O. no Chaco, e se divide pelo Sul com os guanás e mbayas na provincia de Chiquitos.

Os *guanás* assim chamados pelos habitantes do Paraguay, são conhecidos por algumas tribus de indios pelo nome de *saleguá* e de *chané* que tambem na dita nação contam tantas outras nações quantas divisões ou subdivisões ella contém, o que erradamente tem multiplicado o numero das nações indias. Os guanás cujo nome em sua lingua significa macho, na épocha da descoberta e conquista, habitavam o Chaco, e iam como ainda agora vão em companhias a unir-se aos mbayas

para servil-os e cultivar suas terras sem salario. Por isso estes chamavam escravos seus aos primeiros; doce escravidão a que os guanás se submettiam de sua livre vontade e que abandonavam a seu bel prazer. Além d'isso os proprios patrões ou senhores não mandavam com imperio a seus escravos e repartiam tudo com elles, amavam-os extraordinariamente, recusando as vezes de receber elles mesmos presentes para os destinar a seus escravos que nunca vendiam, mesmo que os tivessem aprisionado na guerra, fiando-se na sua boa fé a ponto que nunca houve prisioneiros que quizessem deixar aos mbayas preferindo ficar com elles, mesmo as senhoras hespanhólas já adultas presas em guerra e talvez mães de familia.

Grande contraste entre o tratamento que os indios mbayas dão a seus escravos e o que as nações civilisadas e christãs deram e dão aos seus.

Pelo anno 1673 uma porção de guanás passaram a estabelecer-se a Leste do rio Paraguay e ao Norte do Tropico, na então provincia de Ytayti e mais para o Sul. Os hespanhóes do Paraguay n'aquelles tempos dividiram os guanás em 6 hordas principaes.

1.° A Sayana ou Eguaachigo habitando ao Norte do rio Jesuy.

2.° A Chabaraná ou Echoaladi habitando o territorio da colonia de Caazapá aos 26 gráos.

3.° A Equiniquinao no Chaco a 8 leguas do rio Paraguay.

4.° A Ethelená da qual uma parte vive junto aos precedentes e a outra á Leste do rio Paraguay sobre uns montes chamados Echatiga e Nogoná.

5.° A Niguecaetamia habitada a um dia de viagem do rio Paraguay aos 21° 32' de latitude e fórma quatro colonias ou aldêas.

6.° Emfim a Echoroaná em grande parte reunida aos mbayas

e moram em umas eminencias a Leste do rio Paraguay pelos 21 gráos.

Alguns faziam subir o numero dos guanás a vinte mil individuos, mas Azara não lhes dá mais de oito mil e trezentos, sendo todavia a mais populosa e mais mansa das nações indias depois dos guaranis.

Cada horda d'esses indios fórma uma aldêa, estabelecendo suas casas construidas de madeiras em redor de uma praça quadrada mais ou menos espaçosa segundo o numero dos indios. Elles recebem com hospitalidade aos viajantes de qualquer parte que venham, fornecem-lhes casa, sustentam-os e os acompanham até os confins de suas terras. Mantém um pequeno numero de cavallos, de vaccas, de ovelhas, e vivem do producto da agricultura que é a mesma que a dos habitantes do Paraguay. O numero dos varões é n'esta nação muito superior ao das mulheres, cuja desproporção vem do barbaro costume da maioria das mulheres guanás de matarem as meninas ao nascer, retirando-se quando estão para ter o seu successo a um lugar solitario no campo; e apenas livres, se o que nasceu é femea fazem um buraco no chão e enterram a criança viva, e voltam ás suas casas alegres como se nada tivesse acontecido. Baldados tem sido os esforços dos hespanhóes para lhes fazer perder este barbaro costume.

Os mbayas são chamados tambem taguanich e guaiquilet por outros selvagens.

Na épocha da conquista habitavam o Chaco na superficie de dois gráos de latitude os 20° e 22° e se dividiam em grande numero de hordas.

Já vimos que eram vizinhos dos guanás que tinham como escravos. Em 1661 passaram a Leste do rio Paraguay, atacaram a reducção de Santa Maria de Fé dirigida pelos jesuitas, mataram muitos indios, fizeram fugir outros; continuaram sua expedição para Leste e destruiram a cidade hespanhóla

de Xeres. Então uma parte d'elles voltaram ao Chaco e a outra ficou no mesmo paiz.

Em 1673 foram atacar a colonia de Ypané, mas sendo presentidos, os habitantes d'esta colonia, os de Guaramberé e de Atira fugiram e se retiraram á capital do Paraguay; ficaram os mbayas donos da provincia de Ytati a qual principiava pelo rio Jesuy até o lago Xaray sem passarem ao Oeste do rio Paraguay, e mudaram o nome dos territorios e rios da provincia, produzindo assim uma confusão para a geographia e demarcação de limites. Avançaram depois para o Sul, devastaram a colonia de Tobaty, atacaram os hespanhóes que mataram em grande numero, postaram-se contra a cidade de Curuguaty, e pouco faltou que não exterminassem a todos os hespanhóes do Paraguay. Em 1746 fizeram pazes com os hespanhóes e se estabeleceram pelo tropico do capricornio não distante do rio Paraguay e voltaram suas armas contra os caayguás, aguitoquedichagá, ninaquiguilá, contra as colonias das provincias de Chiquitos e atacaram os portuguezes de Cuyabá.

Esta nação é dividida em muitas hordas que se reduzem a quatro principaes, a Catiguebó a Tchiguebó, a Gueteadebó e a Beutucbó; as quaes ainda se subdividem: a primeira divisão habita a vizinhança do Lago Oyola á Oeste pelos 21 gráos; as tres ultimas divisões moram as de Neatequidi e Noateliya entre os 20 e 21 gráos a Leste do rio Paraguay o numero total dos individuos d'esta nação chegava a perto de quatro mil.

Os mbayas são de estatura alta, fortes, bem formados e elegantes. Elles se consideram como a nação mais nobre, mais generosa e mais valente do mundo, porque quanto ás qualidades physicas se julgam superiores aos hespanhóes que de muito tempo se crêem superiores a todas as nações da Europa.

Eis a linguagem que Azara põe na boca de um sabio mbaya sobre a origem d'elles: « Deus criou ao principio

todas as nações numerosas como o estão hoje, e não satisfeito da criação de um só homem e de uma só mulher, espalhou esta sua obra por toda a superficie da terra, depois lhe veio á mente criar um mbaya e a mulher d'este, e havendo já cedido toda a terra áquella outra gente, sem que ficasse parte nenhuma n'ella para suas novas creaturas, mandou o passaro chamado Caracará dizer em seu nome ao mbaya que sentia muito não poder-lhe designar um terreno para habitar, e que tendo reflexionado n'isso só tinha creado dois mbayas, mas que por compensação impunha á sua geração de andar sempre errante sobre o territorio dos outros, de fazer sem cessar guerra a todas as nações, de matar todos os homens adultos, e de conservar as mulheres e as crianças para augmentar o numero da sua geração.

Jámais preceito divino foi mais escrupulosamente observado, nota o mesmo Azara, de que as ordens trazidas pelo Caracará aos mbayas, exceptuando sem embargo os seus caros guanás que já temos visto que eram carinhosamente tratados por elles.

As occupações dos mbayas são pescar, caçar, e fazer a guerra. Seus escravos são numerosos. O mbaya mais pobre tem tres ou quatro para o servir, que trabalham na terra, cuidam dos cavallos e de todos os outros misteres. Os homens são em geral affectos a toda especie de alimentos, porém as mulheres solteiras nunca comem carne nem peixes que tenham mais de doze polegadas de comprido, e as mulheres casadas que são as mais seductoras e menos difficeis de todas as indias e que como as guanás tem o barbaro costume, que tambem tem as guayanás de procurarem o aborto, não comem carne de boi nem de alguns outros animaes, e ha certos tempos em que se sustentam de legumes unicamente ou de fructas, e sob nenhum pretexto se permittem comidas preparadas com graxa. Crêem que uma mulher que em seu tempo critico comesse peixe, criaria chifres.

Ha uma singularidade na linguagem dos mbayas. São differentes as significações das palavras, segundo são proferidas por mbaya solteiro ou mbaya casado; de maneira que um estranho suppõe que esta nação falla duas linguas. Aproveitando esta occasião notarei outra extravagancia que se encontrava na cidade de Curuguaty no Paraguay, onde as mulheres só sabiam fallar o guarani, em cuja lingua conversavam com os homens, emquanto estes entre si unicamente fallavam o castelhano. O mais curioso é que os hespanhóes nascidos no Paraguay em geral só fallam o guarani.

Os melhor educados unicamente conhecem o castelhano. O motivo d'este phenomeno, é que os hespanhóes fundadores d'aquella cidade casavam-se com indias guaranis que ensinavam sua linguagem á seus filhos, que depois estudavam o hespanhól por ponto de honra e para provar que eram de origem europea.

O que não aconteceu em todas as partes do Paraguay, onde a maioria dos hespanhóes excepto os mais distinctos, descuidaram-se da sua propria lingua e só fallam guarani.

Payaguás. — Essa nação forte e poderosa deu seu nome ao rio Paraguay, que se chamava ao principio: Payaguay ou rio dos Payaguás, nome que os europeus alteraram e estenderam ao paiz. A' chegada dos primeiros hespanhóes os payaguás, divididos em duas hordas, partilhavam o dominio do rio Paraguay, não permittindo sua navegação a ninguem. Uma d'ellas habitava aos 21 gráos nos terrenos occupados hoje pelos mbayas, e a outra aos 25 gráos, e se denominavam *Cadiguè* e *Mayachi*. Mas os hespanhóes deram o nome de payaguás á divisão mais septentrional, e de *Agares* á outra, e acabavam de fazer desapparecer este ultimo nome para dar a todos o nome geral de payaguá.

Hoje os septentrionaes se chamam *sarigués* e os meridionaes *tacumbús*.

Foram estes tacumbús antigos agans que mataram quinze homens a Gaboto e outros quinze a Oyola, e que mais, rio acima, mataram o mesmo Oyola com duzentos companheiros. Destruiram um estabelecimento hespanhól junto ao rio Jesui e a colonia dos indios ohomas e ameaçaram outras. Foram grandes inimigos dos hespanhóes e dos portuguezes de Cuyabá e de quasi todas as nações de indios; e pouco faltou que não exterminassem todos os habitantes do Paraguay. Porém reparando no augmento da povoação hespanhóla no Paraguay e da portugueza em Mato Grosso, e não se sentindo com forças para lutar com elles, vieram á Assumpção offerecer-se para uma liga offensiva e deffensiva com os hespanhóes, entrando n'um artigo d'esta proposta o serem admittidos a residir na capital do Paraguay, o que se effectuou no anno 1740; e desde esta épocha em que os tacumbús se fixaram na Assumpção, tem sido para os paraguayos não só alliados fieis na guerra como habitantes mui uteis; subministrando aos hespanhóes peixes, cannas, canôas, remos, madeiras, cobertores, ferragens para cavallos e outros objectos, prestando-lhes outros mais serviços. Convertem o producto do seu commercio em aguardente, carne &c., e tem conservado seus antigos habitos, não reparando nos costumes dos hespanhóes. Em 1790, os sariguês se reuniram aos tacumbús e com elles vieram viver na Assumpção, formando entre todos um total de mil individuos pouco mais ou menos. Poucos tem consentido em se fazer baptizar, e julga-se que seria motivo de uma guerra obrigal-os a isso. Todo o divertimento dos payaguás é de embriagar-se, a cujo vicio são summamente propensos.

Guaycurús. — Esta nação india é uma das mais celebres na historia do Paraguay. Era ella numerosa e seus individuos eram crueis, valentes e de alta estatura. Habitavam o Chaco quasi em frente á Assumpção. No tempo de Azara essa nação estava quasi extincta; se bem que d'ella ainda se podem en-

Ha uma singularidade na linguagem dos mbayas. São differentes as significações das palavras, segundo são proferidas por mbaya solteiro ou mbaya casado; de maneira que um estranho suppõe que esta nação falla duas linguas. Aproveitando esta occasião notarei outra extravagancia que se encontrava na cidade de Curuguaty no Paraguay, onde as mulheres só sabiam fallar o guarani, em cuja lingua conversavam com os homens, emquanto estes entre si unicamente fallavam o castelhano. O mais curioso é que os hespanhóes nascidos no Paraguay em geral só fallam o guarani.

Os melhor educados unicamente conhecem o castelhano. O motivo d'este phenomeno, é que os hespanhóes fundadores d'aquella cidade casavam-se com indias guaranis que ensinavam sua linguagem á seus filhos, que depois estudavam o hespanhól por ponto de honra e para provar que eram de origem europea.

O que não aconteceu em todas as partes do Paraguay, onde a maioria dos hespanhóes excepto os mais distinctos, descuidaram-se da sua propria lingua e só fallam guarani.

Payaguás. — Essa nação forte e poderosa deu seu nome ao rio Paraguay, que se chamava ao principio: Payaguay ou rio dos Payaguás, nome que os europeus alteraram e estenderam ao paiz. A' chegada dos primeiros hespanhóes os payaguás, divididos em duas hordas, partilhavam o dominio do rio Paraguay, não permittindo sua navegação a ninguem. Uma d'ellas habitava aos 21 gráos nos terrenos occupados hoje pelos mbayas, e a outra aos 25 gráos, e se denominavam *Cadiguè* e *Mayachi*. Mas os hespanhóes deram o nome de payaguás á divisão mais septentrional, e de *Agares* á outra, e acabavam de fazer desapparecer este ultimo nome para dar a todos o nome geral de payaguá.

Hoje os septentrionaes se chamam *sarigués* e os meridionaes *tacumbús*.

Foram estes tacumbús antigos agans que mataram quinze homens a Gaboto e outros quinze a Oyola, e que mais, rio acima, mataram o mesmo Oyola com duzentos companheiros. Destruiram um estabelecimento hespanhól junto ao rio Jesui e a colonia dos indios ohomas e ameaçaram outras. Foram grandes inimigos dos hespanhóes e dos portuguezes de Cuyabá e de quasi todas as nações de indios; e pouco faltou que não exterminassem todos os habitantes do Paraguay. Porém reparando no augmento da povoação hespanhóla no Paraguay e da portugueza em Mato Grosso, e não se sentindo com forças para lutar com elles, vieram á Assumpção offerecer-se para uma liga offensiva e deffensiva com os hespanhóes, entrando n'um artigo d'esta proposta o serem admittidos a residir na capital do Paraguay, o que se effectuou no anno 1740; e desde esta épocha em que os tacumbús se fixaram na Assumpção, tem sido para os paraguayos não só alliados fieis na guerra como habitantes mui uteis; subministrando aos hespanhóes peixes, cannas, canôas, remos, madeiras, cobertores, ferragens para cavallos e outros objectos, prestando-lhes outros mais serviços. Convertem o producto do seu commercio em aguardente, carne &c., e tem conservado seus antigos habitos, não reparando nos costumes dos hespanhóes. Em 1790, os sariguès se reuniram aos tacumbús e com elles vieram viver na Assumpção, formando entre todos um total de mil individuos pouco mais ou menos. Poucos tem consentido em se fazer baptizar, e julga-se que seria motivo de uma guerra obrigal-os a isso. Todo o divertimento dos payaguás é de embriagar-se, a cujo vicio são summamente propensos.

Guaycurús. — Esta nação india é uma das mais celebres na historia do Paraguay. Era ella numerosa e seus individuos eram crueis, valentes e de alta estatura. Habitavam o Chaco quasi em frente á Assumpção. No tempo de Azara essa nação estava quasi extincta; se bem que d'ella ainda se podem en-

só havia quatorze homens e oito mulher

Machicuiy ou cabanataith, manoy; e
Chaco sobre as margens dos arroios Lae
saguam no Pilcomayo, antes que este
innundados e se una ao Paraguay. Esta
dezenove hordas cujos nomes não se pod
nem escrever. Uma d'estas vive em ca
onde só penetra a luz por uma pequena
zem casas portateis e se parecem com
mil e quinhentas pessoas que vivem de caç
alguma agricultura. Estimam muito os cã

Enimaga ou cocaboth, tabosle; eram
bandos, e habitavam a costa meridional d
parte mais interna do Chaco. Narram que
escravidão aos mbayas, mas que sendo
orgulhosos e ferozes, declararam a gueri
qual aquelles perderam muita gente, circu
veitaram os mbayas para retirarem-se d'
para o Norte.

Fizeram então os enimagas alliança co
deixando de guerrear as outras nações in
o seu numero, retirando-se uma parte d'
sobre as margens do rio que desagua no
Flagmagmeg-tempelà e a

é mais que todas propensa ao divorcio, e Azara conheceu um individuo que aos trinta annos tinha repudiado seis mulheres e casado com uma setima.

Guentuzé. — Esta nação dividida em duas hordas habitava o Chaco em frente aos enimagás dos quaes ficaram tão amigos que emigraram com elles. São mansos e só fazem guerra para se defenderem; são parecidos com os lenguás com excepção das mulheres que não procuram abortar. Vivem de caça e de cultura, cultivando a terra com cavallos, bois e com arado.

Tem por costume semear alguma cousa em todos os lugares por onde passam, para colher no seu regresso, tendo uma vida bastante errante.

Tobá, ou natocaet, yncanabaetè; pequena nação que habita no Chaco entre os rios Pilcomayo e Vermelho.

São parecidas com os pitilagás seus vizinhos e tem alguns usos dos payaguás e dos lenguá. Caçam e tem alguns rebanhos de ovelhas e vaccas.

Debalde os jesuitas e outros procuraram reduzil-os.

Pitilagá. — Nação de duzentos combatentes que vivem em uma aldêa sobre o rio Pilcomayo e perto dos Tobá, n'um districto que tem uma legua de agua salgada; passam em porções o rio Paraguay para roubarem gado e cavallos aos hespanhóes.

Aguilot. — Nação composta da metade da gente que contam os pitilagás com os quaes vieram viver, deixando o interior do Chaco e margens do rio Vermelho aonde permaneciam. Julga-se que não differem dos mocoby.

Mocoby. — Nação feroz, orgulhosa, bellicosa e temivel, que se divide em quatro hordas que podem dar dois mil combatentes, moradores sobre as costas dos rios Vermelho e Ipita no interior do Chaco. Não conhece agricultura, vive de caça e de alguns rebanhos que tem e do gado que rouba aos

Ha uma singularidade na linguagem dos mbayas. São differentes as significações das palavras, segundo são proferidas por mbaya solteiro ou mbaya casado; de maneira que um estranho suppõe que esta nação falla duas linguas. Aproveitando esta occasião notarei outra extravagancia que se encontrava na cidade de Curuguaty no Paraguay, onde as mulheres só sabiam fallar o guarani, em cuja lingua conversavam com os homens, emquanto estes entre si unicamente fallavam o castelhano. O mais curioso é que os hespanhóes nascidos no Paraguay em geral só fallam o guarani.

Os melhor educados unicamente conhecem o castelhano. O motivo d'este phenomeno, é que os hespanhóes fundadores d'aquella cidade casavam-se com indias guaranis que ensinavam sua linguagem á seus filhos, que depois estudavam o hespanhól por ponto de honra e para provar que eram de origem europea.

O que não aconteceu em todas as partes do Paraguay, onde a maioria dos hespanhóes excepto os mais distinctos, descuidaram-se da sua propria lingua e só fallam guarani.

Payaguás. — Essa nação forte e poderosa deu seu nome ao rio Paraguay, que se chamava ao principio: Payaguay ou rio dos Payaguás, nome que os europeus alteraram e estenderam ao paiz. A' chegada dos primeiros hespanhóes os payaguás, divididos em duas hordas, partilhavam o dominio do rio Paraguay, não permittindo sua navegação a ninguem. Uma d'ellas habitava aos 21 gráos nos terrenos occupados hoje pelos mbayas, e a outra aos 25 gráos, e se denominavam *Cadiguè* e *Mayachi*. Mas os hespanhóes deram o nome de payaguás á divisão mais septentrional, e de *Agares* á outra, e acabavam de fazer desapparecer este ultimo nome para dar a todos o nome geral de payaguá.

Hoje os septentrionaes se chamam *sarigués* e os meridionaes *tacumbús*.

Foram estes tacumbús antigos agans que mataram quinze homens a Gaboto e outros quinze a Oyola, e que mais, rio acima, mataram o mesmo Oyola com duzentos companheiros. Destruiram um estabelecimento hespanhól junto ao rio Jesui e a colonia dos indios ohomas e ameaçaram outras. Foram grandes inimigos dos hespanhóes e dos portuguezes de Cuyabá e de quasi todas as nações de indios; e pouco faltou que não exterminassem todos os habitantes do Paraguay. Porém reparando no augmento da povoação hespanhóla no Paraguay e da portugueza em Mato Grosso, e não se sentindo com forças para lutar com elles, vieram á Assumpção offerecer-se para uma liga offensiva e deffensiva com os hespanhóes, entrando n'um artigo d'esta proposta o serem admittidos a residir na capital do Paraguay, o que se effectuou no anno 1740; e desde esta épocha em que os tacumbús se fixaram na Assumpção, tem sido para os paraguayos não só alliados fieis na guerra como habitantes mui uteis; subministrando aos hespanhóes peixes, cannas, canôas, remos, madeiras, cobertores, ferragens para cavallos e outros objectos, prestando-lhes outros mais serviços. Convertem o producto do seu commercio em aguardente, carne &c., e tem conservado seus antigos habitos, não reparando nos costumes dos hespanhóes Em 1790, os sariguès se reuniram aos tacumbús e com elles vieram viver na Assumpção, formando entre todos um total de mil individuos pouco mais ou menos. Poucos tem consentido em se fazer baptizar, e julga-se que seria motivo de uma guerra obrigal-os a isso. Todo o divertimento dos payaguás é de embriagar-se, a cujo vicio são summamente propensos.

Guaycurús. — Esta nação india é uma das mais celebres na historia do Paraguay. Era ella numerosa e seus individuos eram crueis, valentes e de alta estatura. Habitavam o Chaco quasi em frente á Assumpção. No tempo de Azara essa nação estava quasi extincta: se bem que d'ella ainda se podem en-

contrar alguns individuos. As mulheres dos guaycurús tinham o mesmo custume das mbayas de promoverem o aborto.

Lenguá. — Nação errante que vivia no Chaco na vizinhança dos guaycurús, cujas historias quasi se confundem: se existem ainda alguns lenguás devem ser mui poucos, porque em 1794 só havia quatorze homens e oito mulheres d'essa nação india.

Machicuiy ou cabanataith, manoy; existem no interior do Chaco sobre as margens dos arroios Laeta e Nelquata que desaguam no Pilcomayo, antes que este rio passe por terrenos innundados e se una ao Paraguay. Esta nação se divide em dezenove hordas cujos nomes não se podem quasi pronunciar nem escrever. Uma d'estas vive em cavernas subterraneas onde só penetra a luz por uma pequena porta. As outras fazem casas portateis e se parecem com os lenguás. Póde ter mil e quinhentas pessoas que vivem de caça, de rebanhos e de alguma agricultura. Estimam muito os cães.

Enimaga ou cocaboth, tabosle; eram divididos em dois bandos, e habitavam a costa meridional do rio Pilcomayo na parte mais interna do Chaco. Narram que tinham reduzido á escravidão aos mbayas, mas que sendo os primeiros muito orgulhosos e ferozes, declararam a guerra aos guentusè na qual aquelles perderam muita gente, circumstancia que aproveitaram os mbayas para retirarem-se d'elles e mudarem-se para o Norte.

Fizeram então os enimagas alliança com os lenguás, não deixando de guerrear as outras nações indias, o que reduziu o seu numero, retirando-se uma parte d'elles para o Norte, sobre as margens do rio que desagua no Paraguay chamado Flagmagmeg-tempelà, e a outra parte mui pequena se aggregou a um hespanhól Francisco Amazio Gonçales, que a sustentou. Alimentam-se de caça e dos productos da agricultura a que dedicam alguns escravos que tem. As mulheres não tem o barbaro costume de se fazerem abortar, mas esta nação

é mais que todas propensa ao divorcio, e Azara conheceu um individuo que aos trinta annos tinha repudiado seis mulheres e casado com uma setima.

Guentuzé. — Esta nação dividida em duas hordas habitava o Chaco em frente aos enimagás dos quaes ficaram tão amigos que emigraram com elles. São mansos e só fazem guerra para se defenderem; são parecidos com os lenguás com excepção das mulheres que não procuram abortar. Vivem de caça e de cultura, cultivando a terra com cavallos, bois e com arado.

Tem por costume semear alguma cousa em todos os lugares por onde passam, para colher no seu regresso, tendo uma vida bastante errante.

Tobá, ou natocaet, yncanabaetè; pequena nação que habita no Chaco entre os rios Pilcomayo e Vermelho.

São parecidas com os pitilagás seus vizinhos e tem alguns usos dos payaguás e dos lenguá. Caçam e tem alguns rebanhos de ovelhas e vaccas.

Debalde os jesuitas e outros procuraram reduzil-os.

Pitilagá. — Nação de duzentos combatentes que vivem em uma aldêa sobre o rio Pilcomayo e perto dos Tobá, n'um districto que tem uma legua de agua salgada; passam em porções o rio Paraguay para roubarem gado e cavallos aos hespanhóes.

Aguilot. — Nação composta da metade da gente que contam os pitilagás com os quaes vieram viver, deixando o interior do Chaco e margens do rio Vermelho aonde permaneciam. Julga-se que não differem dos mocoby.

Mocoby. — Nação feroz, orgulhosa, bellicosa e temivel, que se divide em quatro hordas que podem dar dois mil combatentes, moradores sobre as costas dos rios Vermelho e Ipita no interior do Chaco. Não conhece agricultura, vive de caça e de alguns rebanhos que tem e do gado que rouba aos

hespanhóes do Paraguay, de Corrientes e de Santa Fé. Por causa do damno que esta nação causa a estas nações civilisadas, tem-se procurado com esmero reduzil-a e com effeito ainda existem no territorio de Santa Fé, as povoações de S. Severino, de S. Pedro, e de Inispin que não são christãos e nada tem de civilisadas, formadas por indios d'essa nação.

Apiponi ou meponis, ecusgina guiabanabaité. — Parecidos com os mocoby com os quaes tiveram guerras terriveis, pedindo os apiponi a mediação dos hespanhóes que com elles em 1748 formaram a colonia de S. Jeronymo. Confiada aos jesuitas, em 1770 a de las Garzas, onde permanecem contumazes a seus antigos usos.

Em outro tempo viviam no Chaco sobre os 22° de lat. São dados á embriaguez, crueis em suas festas, e tem horror aos defuntos, os quaes carregam logo para fóra de casa, e sepultam de maneira a não deixar vestigio que procure sua lembrança, e immolam sobre a sepultura os cavallos da maior estimação do finado. Os homens usam chapéos e as mulheres andam como as hespanhólas pobres.

Vilelá e epumpy habitavam no Chaco na vizinhança da cidade de Salta ao sul do rio Vermelho; são pacificos, vivem de caça, pesca e culturas.

Orejones que habitam a ilha de Orejones, lavradores, amigos dos hespanhóes.

Jarayè, nação cuja corpulencia denotava muita força e que no tempo da conquista vivia em terrenos baixos sugeitos á inundação, que formam hoje a provinc a brasileira de Mato Grosso. Suppõe-se que são os indios actualmente chamados bororós pelos brasileiros.

Existiam outras nações de indios na provincia de Chiquitos, que todas foram redusidas pelos hespanhóes de Santa Cruz de la Sierra e pelos jesuitas na referida provincia de Chiquitos.

Actualmente ainda existem no Chaco varias nações de indios chamados na Confederação Argentina indios do Norte, que as vezes sahem em grande numero para invadir a Confederação como acaba de acontecer. Póde-se ler na *Epocha* de Gualeguayassú de 16 de Outubro d'este anno 1859, a derrota de varias nações de selvagens pelo tenente-coronel D. Telmo Lopes, no lugar denominado Zanyon de las Conchitas, cujos selvagens tendo tres caciques á sua frente iam invadir as provincias de Santa Fé, Cordova e talvez Santiago.

Entre Santa Catharina e o Rio da Prata immediatos ás reducções orientaes do Uruguay existiam uns gentios denominados Guanaôs pelos jesuitas que talvez tivessem relação ou se confundiram com alguma das nações barbaras já descriptas.

Seus ranchos a que chamavam esteiras, são formados de esteiras de palhas compridas que prendem á umas estacas, servindo as esteiras de paredes e de telhado á habitação. Nas vastas planicies do territorio que occupam (na provincia do Rio Grande do Sul), ha numerosos rios e capões, criam muito gado do qual se sustentam, assim como da caça, roubando as vezes gados das estancias dos jesuitas. Frequentam as reducções orientaes, Japeyú, Cruz e S. Thomé para comprar fructas. Quando lhes fallecia algum parente proximo, se aparavam os dedos, de maneira que os velhos quasi já não tinham dedos.

Os jesuitas tinham formado uma reducção d'estes indios, sob o patrocinio de Santo Antonio, poucas leguas ao sul de Japeyú nas terras dos Jaros, sendo seu cura o padre Francisco Ricardo, flamengo, que sendo superior de todas as missões morreu como apostolo, cheio de meritos em 1672. Mas no dia seguinte á uma festividade, todos os indios desertavam do povo, dizendo que não queriam um Deus que enxergasse tudo e estivesse em toda a parte, e que elles

viviam mais a seu commodo nos bosques sem serem tanto registados por suas divindades. Havia muitas cobras e sobre tudo cascavel de que curavam as mordeduras com a *herva da vibora*. Vide a carta do padre Garcia que trata d'estes indios.

Gentios no Brasil.

No Brasil era grande a multidão dos gentios e não se podia caminhar seguramente pelo interior das terras, onde se encontravam numerosas povoações de indios armados, que viveram sempre em discordia uns contra outros. O que facilitou o estabelecimento dos portuguezes, que não teria podido effectuar-se, se os indios tivessem sido unidos. Assim mesmo os luzitanos tiveram que lutar com muitas difficuldades, mas pouco a pouco foram afastando da costa do mar aos gentios.

A lingua d'estes indios era uma em toda a costa, viviam nús homens e mulheres, e dormiam em redes. Não tinham rei, nem justiça. Em cada aldêa havia unicamente um principal, ao qual os gentios obedeciam por vontade e não por força. Morrendo este, seu filho o substituia; mas não tinha outra funcção senão a de levar sua gente á guerra e de os aconselhar na maneira de se governar; não castigava seus crimes, nem lhes mandava nada que não fosse do seu agrado. Este principal tinha tres ou quatro mulheres, sendo a primeira mais estimada. Não adoravam cousa alguma, segundo um chronista castelhano que já citei e que sigo n'esta narração; nem criam na vida futura com remuneração para os bons e castigo para os máos, antes acreditavam que tudo se acabava na morte e com estes principios viviam como verdadeiros brutos.

Mui guerreiros, sempre estavam em guerra uns contra

outros, e eram mui inclinados a brigar. Servindo-se de arcos e frechas em cujo manejo eram mui destros. Quando iam á guerra sempre contavam com a victoria certa, e era curioso ver tres ou quatro mil homens brigar com outros tantos, nús uns e outros, e fazendo com a maior ligeireza evoluções para não serem apontados, assim mesmo eram mui atrevidos e mostravam desprezo da morte. Não faziam prisioneiros, matavam e comiam os que encontravam, mas se no impeto do combate alguns dos adversarios escapavam, levavam-os para suas aldêas. Poem ao captivo uma soga grossa ao pescoço para que não se escape, e lhe dão uma rede para dormir. Dá-se-lhe uma india moça das mais bonitas e honradas para que durma com elle, e o guarde, e não o perca de vista e lhe dê de comer.

E ao fim de cinco mezes, prazo designado para o matar, preparam uma grande festa com muito vinho com que se embebedam, e que fabricam com hervas. No dia designado para a morte do captivo, levam o infeliz ao rio ou á fonte para o lavar no meio de muitas cantigas, e de volta o atam pela cintura com quatro cordas mui compridas, que seguram em cada ponta quatro indios, para que elle não possa fazer grandes movimentos. Ao mais valente do lugar compete matar o captivo, o qual vem com todo o corpo enfeitado de pennas de diversas côres e com uma *macuna* na mão.

Vomitam mil injurias contra elle, e contra os habitantes de sua terra e dão-lhe um golpe na cabeça: logo que cahiu, acode uma china velha com uma bacia para lhe receber o sangue e os miolos, e comem todo o seu corpo, mais por vingança, do que para saciar seu appetite, e assim vão-se perpetuando as inimizades entre os gentios de todas as aldêas. Se a mulher que cuidava d'elle ficou pejada, os infieis comem a criança logo que nasce. Estas mulheres muitas vezes, sabendo o fim que espera a seus filhos pro-

curam abortar, e tem acontecido tambem affeiçoarem-se ellas tanto aos captivos de que deviam cuidar, que tem procurado meios de fugir e os tem acompanhado á sua terra para os livrar da morte, e d'esta maneira se tem libertado alguns portuguezes. Mas ha alguns indios tão brutos que se lhes proporcionando a occasião de escapar-se e de se salvar, não o tem querido fazer com receio de que seus parentes os tratassem de cobardes. Estes indios são mui inhumanos, não tem compaixão de ninguem, vivem sem nenhuma ordem: são mui dados á sensualidade e assim mesmo homens e mulheres mostram alguma decencia em publico. Todos são anthropofagos, e a unica caridade que exercem é de repartir quando comem aos que se acham presentes, as suas iguarias, por poucas que ellas sejam. Os homens tem furado o labio inferior e por galanteria n'elle tem uma pedra embutida. Outros tem muitos buracos no rosto e n'elles pedras encaixadas, o que os torna mui disformes e feios. Arrancam a barba e todo o pello do corpo, excepto os cabellos da cabeça. e alguns o tem todo pintado. Os que se tem distinguido por algum acto de valentia, tem signaes particulares pintados no corpo. As mulheres apreciam seu cabello que trazem mui comprido. As pinturas se fazem com o sumo de uma herva, que se torna negra, e que desapparece só depois de nove dias. As indias guardam fidelidade a seus maridos que são zelosos, e se fazem casamentos entre tios e sobrinhos. Entre ellas ha mulheres que promettem viver em castidade, para o que affrontam a morte. Estas deixam as occupações de seu sexo, imitando em tudo os homens, cortando como elles os cabellos, indo á guerra e caça com arco e frechas. Estes gentios vivem sem cuidado de nada, só tratam de comer, beber e de matar gente, por isso são mui gordos, se bem que enfraquecem pela menor contrariedade, seguem os conselhos dos velhos que prezam muito. Logo que as mulheres tem concluido o

seu parto se lavam e ficam logo boas, e em seus lugares seus maridos ficam nas redes, sendo visitados como se elles fossem os paridos. Quando algum morre o enterram sentado sobre os pés com a rede em que dormia, e nos primeiros dias lhe levam comida, pensando que elle dorme na cama. Estes gentios não procuram negociar; sem embargo cobiçam as camisas e ferramentas que vem de Portugal e em troca entregam escravos que se roubam uns aos outros.

Em sua excellente *Historia Geral do Brasil*, o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, tratando do mesmo assumpto, faz algumas observações mui sensatas que se applicam em geral aos indios que habitavam o Brasil e a grande provincia do Paraguay.

« Essas gentes vagabundas, diz elle, tom. 1.° pag. 99, que « guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do « Brasil, eram segundo parece, verdadeiras emanações de « uma só raça ou grande nação; isto é, procediam de uma « origem commum, e fallavam todas dialectos da mesma « lingua, que os primeiros colonos do Brasil chamavam *Ge-* « *ral*, e era a mais espalhada das principaes da America « Meridional.

« Esta unidade de raça e de lingua, desde Pernambuco « até o Porto dos Patos, e pelo outro lado quasi até as cabe- « ceiras do Amazonas, e desde S. Vicente até os mais aparta- « dos sertões, onde nascem varios afluentes do Prata, explica « a rapidez do progresso das conquistas feitas pelos colonos « do Brasil (o que diremos tambem pelos colonos da Hespa- « nha). que onde a lingua se lhes apresentou outra, não con- « seguiram tão facilmente penetrar.

« Salvando pois com excepção o facto de algumas tribus « de nacionalidade differente e que no grande terreno que « nos occupa formavam, como pequenos oasis ilhados e sobre « si, em que se haviam estabelecido caravanas refugiadas ou

« transmigradas, eram dialectos da mesma lingua como « dissemos, as que se fallavam em geral por toda a extensão « do Brasil; e a identidade de nomes geographicos, e, com « raras excepções dos das plantas e animaes, são sufficientes « para nos deixarem d'isso a mais convincente prova.»

Confrontando os poucos livros da lingua *geral* dos indios que foram escriptos no Brasil, com os um pouco mais extensos porém muito raros da lingua guarany, escriptos no Paraguay, encontra-se n'elles uma differença puramente accidental, como temos tido occasião de o verificar. O Sr. Vanhagen entra em seguida a elucidar a questão do nome das nacionalidades dos selvagens por meio da propria lingua d'elles, e procurando convencer de que tantos nomes de nações diversas de indios de que estão cheias paginas de livros não são mais do que *alcunhas com que se designavam as cabildas visinhas umas ás outras, alcunhas que em geral serviam a denunciar-se se odiavam ou respeitavam, e se se consideravam ou não com certa distincção, em virtude de algum bom ou máo costume ou qualidade particular.*

Eis um breve resumo d'este importante trabalho do Sr. Varnhagen.

Tupy é o nome generico pelo qual eram conhecidos os selvagens na vasta extensão de que tratamos, os quaes tendo provavelmente sua origem nos densos matos das margens do Amazonas por terra e por agua, ao norte e ao sul, quaes *Jazões* da nossa mythologia, quaes *Fenicios* da nossa historia antiga, são os nossos invasores normandos em tempos barbaros. Sem dar outra origem a estes *tupys*, do que as fortes inducções de que em remotas eras estaria a America em communicação com outros continentes da terra. A palavra *tupy* significa *tio*, e poder-se-hia talvez tambem usar por *camarada* ou *companheiro*. Os indios só consideravam o parentesco do lado paterno, e depois do pai o parente mais recommendavel

era o tio paterno mesmo de preferencia ao irmão; não ha pois admiração de que á imitação da *antiguidade*, os barbaros adoptassem este termo para reciprocamente se tratarem. Os adjectivos *mbá*, *iki*, *aem*, &c., que accrescentavam varias tribus a este nome generico de *tupy*, eram modificações que estabeleciam certas distincções. Assim *tupinambá*, que pareceu ser o tronco nacional dos indios do Brasil, pois a este nome respondiam os barbaros de suas diversas capitanias; *tupinambá*, composto de *tupy* e *mbá*. Tupy significando tio, camarada, companheiro, e mbá illustre ou guerreiro. Supprimiam o adjectivo mbá, se a tribu se fraccionava, se cessava a liga ou amizade. *Tupi-n-aém*, quer dizer: tupys máos ou perversos.

Tupi-n-ikis, quer dizer: tupys visinhos.

Tupinambaránas ou tupinambas bravos, aquelles que d'elles se separavam por alguma rixa. Os assim separados sobrenomeavam as vezes *tamoy* (d'onde veio tamoyos) ou avós, aquelles de quem faziam brazão de proceder; e para melhor sustentarem tal brazão se appellidavam a si *temiminós* ou netos.

Outras vezes se davam simultaneamente o nome de gente estimada; isto é, *guayá* ou *guayá-ná*, d'onde veio *guaiazes* e *guaianazes*. *Amóipirás* póde significar parentes afastados, e *anaces* quasi parentes. Outros *tupys* se denominavam *guaranis*, expressão que quer dizer *valentão* ou guerreiro. D'esta geração eram os chamados *caribes caraibes*, ou *calybes* que habitavam a Guyana, muitos dos quaes haviam chegado, com suas invasões maritimas até as Antilhas; e que temos visto nas bacias dos rios Paraguay, Paraná, Uruguay e mesmo do Rio da Prata.

Seguindo com esta analyse, applicada a muitos outros nomes que até agora se nos inculcavam como distinguindo nacionalidades se vê que eram *alcunhas*.

Assim o eram do odio os nomes de *maracayás* ou gatos bravos quando contra elles estavam assanhados e em guerra: de *nhengaibas* ou más-linguas: de *tibirás* ou infames. Eram de respeito e de consideração as de *tamoyos* ou avós, e de *mbeguas* ou pacificos. *Bugres* significava *escravos*. *Caboclo* foi expressão que os colonos adoptaram por antithese á de *emboaba* ou *perni-vestido*, dado pelos indios aos europeos por trazerem calças.

Caboclo quer dizer pellado, alludindo-se ao uso dos indios de se arrancarem o cabello do corpo e da cara. Foram chamados *botocudos*, os indios que furavam os beiços ou a cara, pondo no buraco um grande *botoque; coroados* os indios que deixavam crescer a guedelha, ou usavam de cercilho; mas cujo uso mais geral era tosquiar e aparar o cabello mui regularmente, por uma linha que passava pelo cimo das orelhas

Podemos considerar como alcunhas de distincção os seguintes ainda: *ubirá-járas* ou caceteiros. *Poty-uaras* ou pescadores de camarões. *Taba-járas* ou aldeões, isto é, que habitavam em aldêas. Guatós ou navegadores. *Guaita-cá* ou corredores. *Ca-iapo* ou salteadores de matos.

Cary-yó ou descendentes dos brancos ou dos anciões, *ju-ru-una* ou boccas-negras por levarem os labios pintados de preto.

Tremembés ou vagabundos, nome este só dado pelos que habitavam aldêas e eram *tabajáras*. *Camacans* de *cuam-akam* que significa cabeças enrodilhadas.

Purus ou *puris* não quer dizer senão anthropofagos. O nome de *curúmará* nos denuncia que a praga da sarna assolava os desgraçados que o levavam.

Outras denominações ha que não se podem nomear para não excitar idéas deshonestas.

Nota o mesmo Sr. Varnhagen que taes alcunhas não só tinham lugar entre os d'esta raça como tambem entre outros

da America. Assim o nome de *aimarás* ou saccos, provinha das camisolas que vestiam estes indios. O de *moxos* ou molengas era dado pelos mesmos aimarás aos visinhos que elles desprezavam. *Otauás* na lingua Norte-americana mais espalhada que os francezes chamaram *algon-quina* quer dizer traficantes; e mascutinos significa habitadores de varzeas.

Depois de ter escripto o 1.° artigo d'este capitulo encontro o que segue no *Correio do Sul* de Porto Alegre. Julgo que esta nova tribu de indios é uma ramificação dos mbayas de que fallei n'este mesmo artigo e que tambem eram chamados paypanich e *guaiquilet*; ora de *guayaquil* a *guayquilet* não ha muita differença, sobre tudo sendo estes nomes unicamente pronunciados e não escriptos. Seja o que for, para completo conhecimento das nações indiaticas que existiram ou que existem na provincia do Paraguay, achei necessario inserir o artigo do *Correio do Sul*.

Lê-se no *Correio do Sul* n. 54 de 6 de Março de 1851.

Tribu Indiana.

A *nacion* de Montevidéo dá os seguintes pormenores ácerca de uma nova tribu de indios ultimamente descoberta no interior do Paraguay. « Communicou-nos um amigo uma noticia summamente interessante a respeito de uma tribu descoberta no Paraguay ha alguns annos. Foi-lhe remettida essa noticia por pessoa respeitavel residente n'aquella republica. »

« A tribu tem o nome de *Guayaquil*, os seus instinctos são inteiramente os de animal irracional. O individuo que refere a existencia d'esses seres dá os seguintes detalhes:

« Os *guayquiles* não participam como todas as raças sel-

vagens da susceptibilidade de modificar-se; é inteiramente negativa. Tomei um menino de dois annos e tratei de educal-o por humanidade, e para convencer-me do que podia o methodo em uma criança que havia nascido como os potros no deserto. Doze annos esteve comigo sem aprender uma palavra ou um movimento que indicasse um ente racional. Mas este ente mudo, irracional quiz surprender brutalmente a castidade de uma mulher, e desde então o expellí da minha casa.

Os habitos d'esta raça são inteiramente selvaticos, trepam em arvores como ourangotangos sem participar do modo d'esses animaes; antes tem o typo da creatura racional perfeitamente desenvolvido.

Não se sabe que lingua fallam, pois que nenhuma tem, apenas um grito penetrante ao encontrar-se ou separar-se: assignal-a n'elles o principio de sensibilidade organica, comem as fructas das arvores sem distincção tanto as verdes como as maduras, e o seu immenso prazer é estarem ao ar livre. Alimentam-se de hervas e parece que das carnes cruas dos animaes dos bosques. Eis a noticia d'essa nova e estranha raça da humanidade que o nosso amigo recebeu da pessoa a que nos referimos.

Indios selvagens que moram nos sertões do Uruguay e do Parana na actualidade (13)

Quatro tribus de indios selvagens moram nos sertões do Uruguay e do Paraná. A primeira tribu maior de indios, conhecidos pelo nome de *cuimans*, occupam o sertão de toda a margem direita do Paraná, e da esquerda do mesmo até a barra do Iguathí para o Norte. Tem estes indios um chefe central ou cacique superior, ao qual dão o titulo de — menagem —, o que não se move. Relacionam-se com os pa-

raguays, e conservam um encarregado por Villa Rica temporario para representar em nome do dito chefe. Consta que estes indios são estaveis em um centro e independentes, mas que pouco commercio fazem com os paraguays, pela grande distancia em que se acha o seu centro no mesmo sertão da fronteira e parte povoada da mesma republica.

A segunda é a tribu de guayanazes que occupa o sertão da margem esquerda do Paraná, do Iguassú para o sul, tendo por centro o campo denominado Nhuguassú ou Campo Grande. Dizem uns que estes indios são oriundos de povos jesuiticos e que em tempo de Artigas, pelos annos de 1817 a 1819 se refugiaram ao sertão em numero de cem almas e que foram occupar aquelle campo, e que ainda conservam os habitos e costumes das communidades jesuiticas missionarias, que tem uma imagem da Conceição, a qual adoram e reverenciam como padroeira; outros dizem que a tribu guayanaz é de uma familia guarani que não chegou a ser reduzida, e que por sua boa indole se reunira áquella fracção de indios guaranis de povos christãos e que pela mesma raça e lingua a que pertenceram se ligaram em commum. Costumam estes indios descer pelo Paraná em jangadas e canôas muito mal construidas á Itapúa a venderem aos paraguays mel, cera, balaios, herva e outros generos de sua industria; são doceis, porém quando vão á Itapúa em pequeno numero, são tão unidos e reservados, que por mais que os acariciem nada descobrem dos mesmos indios. O governo d'aquella republica, mandou o coronel Oyedas com uma força a explorar o sertão pela margem esquerda do Paraná, o qual coronel chegou a encontrar um affluente do mesmo Paraná onde lhe appareceram indios do lado opposto do dito affluente fallando o guarani, e intimando ao dito coronel que não consentiam que proseguisse na exploração, do que resultou o mesmo retirar-se; presumiu o explorador, que fossem

guaysnazes, e a consequencia de não terem os mesmos voltado á Itapúa desde então, é a prova incontestavel, que os ditos indios já eram conhecidos com os mesmos paraguays.

A terceira é a tribu de indios errantes no sertão entre o Uruguay e Paraná, aos quaes dão o nome de guayaquis, mui timidos e estupidos, não chegam a falla de outros estranhos d'elles; dizem serem d'estes indios os que tem apparecido pelas serranias de S. Xavier; porém mui cobardes; tem-se dado casos de encontros inesperados com um e dois homens hervateiros, e de despararem os indios deixando porretes e frechas, que são distinguidas dos das outras tribus de indios por mui pequenas. Uma mulher brasileira de nome Maria Antonia, que mora hoje no porto do Uruguay em frente á S. Xavier, habitando em outro tempo além do dito rio, e perto do mesmo povo deserto, tinha o seu rancho immediato ao mato onde tinha uma roça de milho, e indo um dia á mesma roça, ficou surprendida com o achado repentino de uma porção de frechas, porretes, balaios e algumas espigas de milho que deixaram na mesma roça os indios: sem duvida de susto ao vel-a os bugres dispararam, o que suppoz ella serem guayaquis, pelos instrumentos que deixaram. A que raça e lingua pertencem estes indios não ha tradicção, mas da indagação que mais se aproxime á possibilidade do principio oriundo d'esta horda de indios, é que algum casal perdido pelas matas, do tempo dos jesuitas, tenha sido o seu principio, e que degenerada tem chegado ao estado de bestialidade e idiotismo.

A quarta familia de selvagens, é a fracção da tribu de coroados, que se separaram do cacique Fongui e de outros que estão reduzidos, seguindo aquella ainda no estado selvatico encabeçado pelo cacique Chico, que escapou da horrorosa carnificina e immoralidade praticada pelos moradores dos coritibanos quando passaram a degolar porção de

indios que se lhes tinham apresentado. O cacique Pruden'e diz que estes indios moram pelo sertão da margem direita do Uruguay percorrendo os dois Pepiris e Santo Antonio, e outros informam que pelas immediações dos primeiros ha um campo, em cujo lugar demoram indios coroados.

A nossa linha divisoria hoje com a republica Argentina por aquella parte offerece ao imperio um poderoso auxilio, para tentar com proveito efficaz a catechese de muita parte d'estes indios, contando-se com os coroados reduzidos para conciliar os do cacique Chico, e por meio do commercio chamar-se os outros de amizade, estabelecendo colonias na barra do Iguassú e no Uruguay na barra do Pepiry Guaçú. O grande movimento de exploradores, por parte do habil governo de Corrientes, que se está desenvolvendo sobre os hervaes entre os dois rios Uruguay e Paraná, e para onde estão indo muitos brasileiros, vai sem duvida afugentar nos primeiros tempos para a fronteira do Brasil por aquella parte aquelles mesmos indios, que sem duvida estabelecidos ás duas colonias nos pontos indicados, no Iguassú e aguas do Paraná, e no Pepiry-Guaçú e aguas do Uruguay, serviráõ para levar-se a effeito o que se deseja a respeito de chamar-se os indios á civilisação, e de cuja amizade tirará o imperio grandes vantagens em todos os tempos.

ARTIGO SEGUNDO.

Da origem dos indios, de seus caciques, governos e costumes, de suas guerras, de seus trajes, de seus divertimentos, de seus casamentos, da educação de seus filhos, de seus recursos e emigrações, de seus idolos feiticeiros, de suas idéas religiosas, de seus enterros, de seus medicos, de suas tradições historicas e cosmographia e da sua aptidão para as artes.

ORIGEM DOS INDIOS.

Por curiosidade podemos narrar aqui a origem que se attribuiam os indios moradores na extensa provincia do Paraguay. Já temos visto no art. 1.° a origem que se attribuem os mbayas. Alguns dizem que no principio do mundo, antes do diluvio universal, ao lado do norte veiu ao Perú um homem chamado Filho do Sol, revestido de poderes tão extraordinarios que foi considerado como Deus em seus actos, se bem que na apparencia fosse homem. Este governou muitos annos pacificamente á satisfação de seus subditos. Mas Pachacamae, Deus mais antigo e supremo pretendeu tirar-lhe o mando. O Filho do Sol fugiu, o que indignou á Pachacamae que não podendo se vingar contra seu rival, dirigiu suas iras contra seus subditos, transformando-os em grillos.

Destruida esta primeira raça de homens, Pachacamae criou outra que por suas virtudes mereceu a protecção do seu criador que os quiz eternizar de geração em geração. Pelo que aproximando-se o tempo do diluvio para que seus fieis adoradores não perecessem pela inundação Pachacamae lhes aconselhou de subir ás mais altas montanhas e de se esconderem em cavernas em quanto elle estava irado. O que

fizeram com alguns animaes, e quando cessaram as aguas do diluvio, abriram as portas de suas grótas e tendo reconhecido que as aguas desamparavam a superficie da terra, sahiram para respirar ares benignos e agradecidos á seu conservador.

De outro modo contam a sua origem algumas tradições pernanas. Um Deus Supremo e antiquissimo creador do céo e da terra e de tudo o que n'elles existe e chamado Contice Viracocha, criou ao homem na provincia de Collasuyo. Mas os homens por sua ingratidão moveram á este Deus á reduzil-os ao nada de que os tinha criado.

Destruidos estes primeiros homens por rebeldes, Contice Viracocha criou os segundos, e para que não participassem da condição má dos primeiros, tomou o expediente seguinte: Fez tantos montões de pedras quantas provincias queria povoar, e talhou estas pedras com grande variedade de feições, segundo o lugar á que destinava aos povoadores. Concluida esta operação, chamou a seus ministros e lhes fallou n'estes termos: « Vede estas imagens que lavraram minhas mãos, umas hão de se chamar F. e hão de sahir de tal caverna em tal provincia: Outras sahiráõ de outra caverna e se chamaráõ F., e hão de povoar em tal provincia. Todas hão de sahir das fontes, rios, cavernas e serros nos lugares que tenho designado, quando vós as chameis por ordem e mandado meu. Caminhai pois ficando dois em minha companhia, e partindo ao nascer do sol; que cada um de vós siga o rumo que lhe designo. »

Assim executaram os obedientes ministros, e ao imperio da sua voz auctorisada pelo soberano poder de Contice Viracocha, das cavernas, das fontes, dos rios e das serras, sahiram homens e mulheres semelhantes em figura e lineamentos ao modelo das pedras lavradas. Estes povoaram as

provincias immediatas, e com os annos se propagaram nos mais remotos.

Uma antiquissima tradicção dos indios guaranis refere, que dois irmãos com suas familias do lado do mar chegaram embarcados á Cabo-Frio e ao Brasil.

Procuraram em toda parte outros homens que lhes fizessem companhia, mas os montes, os matos e os campos só estavam habitados por féras, tigres e leões. Ficaram persuadidos de serem os unicos da sua especie no paiz, e resolveram levantar cidades para sua moradia, que foram os primeiros d'esta terra.

N'esta sociedade intima e estreita alliança viveram muitos annos, augmentando-se consideravelmente o numero das familias. Porém crescendo o numero dos habitantes, se originaram disturbios, divisões e a guerra civil. O principio d'essas dissenções teve lugar por causa de uma rixa de duas mulheres casadas com dous irmãos, chefes de familias numerosas. Estas mulheres se disputavam a posse de um papagaio mui fallador. D'estas mulheres passou a discordia aos maridos, aos parentes e por fim á nação inteira.

Para não se destruirem pelas armas, se dividiram as familias. *Tupy* que era mais velho, ficou no Brasil de posse da terra que já occupava. *Guarani* que era mais moço com toda sua descendencia se retirou para o grande Rio da Prata, e fixando sua morada ao sul, veio á ser o progenitor de uma grande nação que se estendeu sobre as margens do rio e no interior das terras até Chili, Perú e Quito.

Não se extinguiu a geração dos guaranis com as aguas do diluvio universal, do qual tinham uma confusa noticia, porque *Tamanduaré*, antigo profeta da nação e grande amigo de *Tupá* (Deus), tendo tido anticipada noticia do diluvio, se livrou da inundação com algumas familias subindo ao alto de uma elevadissima palmeira, que estava carregada de fru-

provincias immediatas, e com os annos se propagaram nos mais remotos.

Uma antiquissima tradicção dos indios guaranis refere, que dois irmãos com suas familias do lado do mar chegaram embarcados á Cabo-Frio e ao Brasil.

Procuraram em toda parte outros homens que lhes fizessem companhia, mas os montes, os matos e os campos só estavam habitados por féras, tigres e leões. Ficaram persuadidos de serem os unicos da sua especie no paiz, e resolveram levantar cidades para sua moradia, que foram os primeiros d'esta terra.

N'esta sociedade intima e estreita alliança viveram muitos annos, augmentando-se consideravelmente o numero das familias. Porém crescendo o numero dos habitantes, se originaram disturbios, divisões e a guerra civil. O principio d'essas dissenções teve lugar por causa de uma rixa de duas mulheres casadas com dous irmãos, chefes de familias numerosas. Estas mulheres se disputavam a posse de um papagaio mui fallador. D'estas mulheres passou a discordia aos maridos, aos parentes e por fim á nação inteira.

Para não se destruirem pelas armas, se dividiram as familias. *Tupy* que era mais velho, ficou no Brasil de posse da terra que já occupava. *Guarani* que era mais moço com toda sua descendencia se retirou para o grande Rio da Prata, e fixando sua morada ao sul, veio á ser o progenitor de uma grande nação que se estendeu sobre as margens do rio e no interior das terras até Chili, Perú e Quito.

Não se extinguiu a geração dos guaranis com as aguas do diluvio universal, do qual tinham uma confusa noticia, porque *Tamanduaré*, antigo profeta da nação e grande amigo de *Tupá* (Deus), tendo tido anticipada noticia do diluvio, se livrou da inundação com algumas familias subindo ao alto de uma elevadissima palmeira, que estava carregada de fru-

etas, que lhes subministrou alimentos, até que tendo se retirado as aguas, baixou com seus companheiros, e multiplicaram tanto que encheram a terra de colonias descendentes de guaranis.

As outras nações indiaticas ignoram sua origem ou nada tem ella de particular. Se bem que se tenha fallado muito da existencia de gigantes na Patagomia, sita na extremidade meridional da extensissima provincia do Paraguay: se bem que na capitania dos Ilhéos no Brasil apparecessem pelo tempo da sua povoação pelos portuguezes certa geração de indios mui brancos e tão grandes que pareciam gigantes, fallando uma lingua que ninguem entendia, crueis anthropofagos e que alli chegaram perseguidos dos seus inimigos, usando de arcos e frechas, brigando sem serem juntos e acommettendo sómente aquelles que andam só, vivendo no campo como brutos sem casas: se bem que sobre as margens do Carcarañal, se tenham encontrado vestigios de craneos, dentes e tibias muitas vezes petrificados e de um tamanho despropositado que mostram ter pertencido a gigantes da especie humana: se bem que varios auctores fallem na existencia de indios pygméos que o auctor da Argentina manuscripta colloca nos confins dos Xarayes, e faz viver em covas subterraneas, e que outros collocam no coração do Grão Chaco, accrescentando que só de noite sahem de suas covas para buscar comida, temendo se as desamparassem de dia de *serem acommettidos pelos passaros grandes;* todas as nações de indios conhecidos na dilatadissima provincia do Paraguay eram de estatura e correspondencia de partes bastantes proporcionadas, com alguma differença de feições e de côr que se approxima á côr d'azeitona, mais clara em uns e mais escura em outros. A frente *ceñida* atada e humilde, os olhos rasgados e sem vigor; os narizes chatos e abertos; o rosto demasiadamente prolongado e avultado. Todas as feições da physionomia desenha

n'elles uma alma agreste, incivil, tosca e propriamente barbara.

Se criam sem urbanidade no trato, sem cultivo nas sciencias; sem exercicio na mecanica, em politica sem leis, em religião sem Deus, e em tudo como brutos.

CACIQUES. — GOVERNO E COSTUMES.

O governo dos indios era dos mais infelizes. Tudo se reduzia ao cacique que era cabeça do governo, e a uma diminuta porção de indios que o seguiam. Em geral o cacique era uma especie de rei e senhor de trinta, oitenta ou cem familias que lhe obedeciam, o acompanhavam com affeição, lhe pagavam algum tributo, lavravam suas terras e recolhiam suas fructas.

Entre os guaranis o sequito dos caciques era maior, isto é, era maior o numero de seus vasallos, mas não tanto que nos atrevamos a contal-os por milhares.

Será mais facil multiplicar por milhares os caciques, do que os subditos de cada um.

Estes pequenos soberanos tinham isso de louvavel que não aggravavam seus subditos com impostos de serviços pessoaes, satisfeitos com os fructos de suas terras e com alguns peixes que se recolhiam para sustento da *real familia*. Os indios livres de gravames eram muito amantes de seus caciques, lhes tributavam terno carinho e lhes eram sinceramente adherentes. Se bem que em algumas nações indiaticas só se preste obediencia aos caciques em tempo de guerra, em todo o tempo não deixam sem embargo os indios de lhes professar amor, sujeição e vassallagem.

O cacicado passa de pai a filho, herdando-o o primogenito, e em falta d'este o segundo e terceiro filho. A's vezes sem taxar de usurpação, se algum indio se torna celebre por suas

proesas militares e adquire muitos adherentes, estes o acclamam cacique, e o constituem seu rei, a quem obedecem. Entre os guaranis a eloquencia e a culta verbosidade em seu elegante idioma, era um titulo para subir ao cacicado. Entre elles não havia escolas para ensinar a lingua, mas faziam-se muito apreço d'aquelles que a fallavam bem.

Toda distincção entre nobreza e plebe se tomava dos caciques. Os que não eram da raça de caciques, eram tidos por plebeus, mas os que eram d'esta raça eram tratados com o respeito e veneração com que na Europa são tratadas as pessoas de familia real. Não só os indios olhavam com distincção aos caciques e á sua descendencia, mas os hespanhóes mesmos observavam n'elles um caracter de nobreza, e de magestade varonil que em seus barbaros estylos os fazia distinguir da inculta plebe, e não duvidavam contrahir com elles allianças casando-se com suas filhas. Estes caciques não tinham a ostentação real dos Incas peruanos e dos Montezumas mexicanos, mas em sua extrema pobreza e em sua rudeza, apreciavam o nobre, e tinham gloria de ser senhores de vassallos, que os tratavam com respeito e os serviam com fidelidade.

Não consta que tivessem leis para regular seus costumes. Viviam e vivem hoje, diz o Dr. Charque, estes barbaros, sem Deus, sem lei estavel; e sem outro governo que, o que lhes dá o demonio por meio de seus feiticeiros. As leis que mais duram n'esta republica do inferno, são a sensualidades sem limites de mulheres, a embriaguez ordinaria, os odios, as vinganças, as superstições e a ambição de subir ao gráo supremo de feiticeiro ou de mago extraordinario. São iniciados com certas cerimonias como de ordens e consagrações pelo intermedio de outro mago ou feiticeiro que unge ao pretendente com graixa de animaes, tendo o seu corpo todo nú como andavam ordinariamente. Fazem lhes dar muitas carreiras perto dos bosques e das cavernas onde lhes falla visivelmente

o demonio e tendo sido revestido de pennas como symbolos de sua nova jerarchia: sua vida era tão escandalosa que superfluaslhes pareciam as leis e vãas as regras de bem viver. Seu principal cuidado e quasi seu unico exercicio, eram as armas de arco, frechas, lança e macana.

Algumas nações usavam tambem do laço e das bolas de que se serviam com rara habilidade.

GUERRAS.

Antes de declarar guerra precede uma junta dos principaes, de cuja combinação pende a ultima resolução. Junta-se o congresso em uma tolderia de algum cacique, onde anticipadamente são preparadas as *chichas* e *alojas*, bebidas usadas nas assembléas e parlamentos. Não sei se estas bebidas tem a mesma actividade que o vinho e a aguardente, mas é certo que causam o mesmo effeito que é embriagar e fazer perder o juizo aos indios. Estes conselheiros de guerra não tomam resolução definitiva até que tomados pelas bebidas e faltos de juizo, decretam ordinariamente a guerra considerando a utilidade que hão de tirar dos espolios dos inimigos, dos escravos que hão de fazer e da gloria que hão de adquirir.

Ao decreto da guerra segue a eleição do general em chefe, que sempre é renhida porque todos a ambicionam. Cada um expõe seus direitos, suas façanhas, &c. Mas apesar da difficuldade da combinação, uma vez eleito o chefe, todos, mesmo os caciques, lhe obedecem, e elle dá as ordens competentes para os preparativos da guerra e para todas as operações militares. Convocam-se as companhiás por fogueiras e fumaças, signaes que entendem perfeitamente, e todos concorrem ao sitio onde principiaráõ os fogos levando suas armas, porque não havendo deposito commum, cada um deve levar as suas.

O arco, a frecha, a macana (especie de bordão) são suas

armas principaes. O dardo e as bolas são armas particulares de algumas nações de indios. Usam de muitos enfeites e galas militares em suas maiores solemnidades; plumagens na cintura, diversidade de côres com que pessimamente se pintam, imaginando que a pintura os torna formidaveis ao inimigo, e até causa espanto aos espiritos infernaes.

Começa-se e se conclue o combate com tal algazarra de vozes, que enche o ar de confusão e os ouvidos de espanto. Póde-se dizer que principiam o combate atturdindo ao inimigo para entorpecer-lhe as mãos no momento da briga. Effectivamente quando os hespanhóes não estavam acostumados a semelhante gritaria, nos primeiros encontros tinham mais que fazer para vencer o horror e a confusão que causavam as vozes, do que para resistir ao estrago de suas debeis armas. Era lei invariavel entre elles retirar seus cadaveres, seja para lhes dar sepultura como costumavam, seja para occultar suas perdas ao inimigo, uso louvavel por sua natureza, mas que as vezes lhes roubava as vantagens de uma esplendida victoria, por se entreterem muito tempo n'esta escrupulosa observancia. O vencedor desfructava os despojos. O principal e mais estimado eram os prisioneiros a quem cortavam a cabeça, que carregavam por troféo na ponta de suas lanças.

Alguns se serviam d'elles ou os vendiam por escravos. Os guaranis e outras nações caribes faziam um celebre e solemne banquete com a carne dos prisioneiros.

TRAJOS.

Em geral os indios d'estas provincias andavam nús. Alguns costumavam cobrir-se com um couro em fórma de manta que pendia desde os hombros até abaixo dos joelhos. Outros usavam de uma especie de rendas que não os preservavam do frio e que pouco serviam á decencia. Muitos faziam um tecido

de pennas que atavam á cintura, e as vezes ao redor da cabeça, principalmente em tempo de guerra e de festividades. As mulheres tinham um supprimento que mostrava que por natureza ellas eram mais recatadas, que ao menos indicava que não eram descaradamente licenciosas.

Mais usual de que os vestidos e as pennas era a pintura, que os indios usavam de duas maneiras; fazendo pinturas leves que apagavam á vontade ou fazendo pinturas indeleveis que se não podiam desmanchar.

A' primeira classe pertenciam as pinturas, em que com sumos de hervas ou com barros de côres differentes, desenhavam sobre seus corpos figuras que pela mór parte eram um labyrintho de confusões. O que para elles sem embargo era o mais vistoso ornamento de que se vangloriavam mais do que Apeles de suas delicadas pinturas.

A segunda classe de pintura que os indios faziam sobre seus corpos era mais custosa, mais delicada e mais permanente. Deitavam de molho uns pós de certas hervas e quando a infusão estava ao ponto certo que elles sabiam, n'ella molhavam a ponta de uma espinha e com ella se picavam o rosto e mais partes do corpo com summa delicadeza e nimia prodigalidade, até que apontasse o sangue, o qual incorporado com o sumo da infusão deixava um botão e signal sensivel no lugar picado. E' provavel que o sumo dos pós por fermentação tivesse a propriedade de coagular e de cauterisar o sangue que a espinha fez sahir. Seja o que for, é certo que essa pintura é indelevel, e que imita as delicadezas e primores da miniatura. Não se percebe bem de longe, mas visto de perto, por entre meio de suas imperfeições, se encontram alguns paineis graciosos.

Outras tribus de indios tem em particular estima outras especies de adornos, como são brincos e collares de pedrinhas, e de dentes de animaes que enxertavam no corpo.

As aborrecidas velhas que fazem o officio de harpias na morte dos prisioneiros, gozam do privilegio de arrancar os dentes dos defuntos, para enxertal-os em prova da sua valentia. Algumas tribus estimam mais estas prendas do que o ouro e a prata. Os payaguás trocaram o ouro que roubaram aos portuguezes de Cuyabá por pedaços de vidro e outras exquisitices. Alguns se furam as orelhas de uma maneira mui disforme, outros se furam o labio inferior, no qual introduzem o *tambota*.

DIVERTIMENTOS.

D'essas galas e adornos usavam os indios nas guerras, nas festas e nas borracheiras que costumavam fazer para entreter o tempo. Os indios sul-americanos interrompiam as inacções da sua ociosidade e preguiça com bailes, que as vezes eram innocentes e com bebedeiras que mostram sua indole barbara.

Os bororós costumavam celebrar festas com bailes mui innocentes. Estes bororós eram indios infieis, de natural docil e pacificos. Habitavam na parte mais septentrional da provincia do Paraguay, nas vizinhanças do rio *Porrudos*, aonde acudiam os portuguezes ás *malocas*, aprisionando-os, e levando-os para Cuyabá para trabalharem nas minas, e para as fazer recuar em suas faluas e jangadas. Se se captivava alguma mulher d'elles, todos os parentes se entregavam ao captiveiro do portuguez, em cujo poder se achava a captiva. Como eram estes indios innocentes, diz o auctor da *Argentina* impressa, seus trajes tambem eram innocentes, e *iam inteiramente nús;* (que innocencia!!) menos a cabeça, que rodeavam com pennas de gavião enlaçadas em fórma de grinaldas.

Coroados assim e (desnudados, que innocencia!!) armam seus bailes fazendo roda e circulos uns de outros. O chefe

da orchestra entôa uma canção barbara e sem arte, ao som de roucos porongos e de sons desusados que o côro repete. Entretanto dão voltas sem desarranjar o circulo, pisando fortemente na terra, e seguindo os golpes que dão no chão compassados com o canto e o barulho dos porongos. Assim passam muito tempo divertindo-se innocentemente, sem se entregarem ás bebedeiras de outras tribus que trazem funestas consequencias.

Na vespera da festa e borracheira, o que tem lugar em muitas tribus de indios, se juntam os convidados indios e indias no lugar do festejo, que é uma praça em cujo centro está levantada uma arvore ou mastro, junto do qual está a mulher ou a filha do festeiro, com uma cana, ou taquara na mão, de cuja superior extremidade pendem muitas unhas de javalis e veados. Logo entôa ella a musica, sacudindo galhardamente a canna de maneira que as unhas batendo umas contra outras acompanhem o tom da musica. Ao som d'esta musica pouco agradavel se dança ao redor do mastro desde o entrar da noite até o raiar do dia. De madrugada principiam os brindes, mas com moderação, de maneira a ficarem com juizo para se enfeitarem festivamente. Os homens se pintam, ordinariamente de um confuso jaspeado que imita o couro de tigre, cingem-se com vistosas pennas, e ornam a cabeça com uma corôa de couro enfeitada de pennas de varias côres. As mulheres se pintam a cara de preto e vermelho e ornam a cabeça com pennas azues. A mulher do festeiro conserva sempre na mão um distinctivo que é um punhado de fio de *chaguar*. Assim bailam com ordem, e tomam assento regularmente n'uns assentos de palha preparados á proposito, junto á cópa. Emfim todos bebem quatro ou cinco vezes até que as fumaças da bebida os torna emprehendedores e valentes. Então descarregam suas armas indistinctamente, e o resultado da festa é ficarem uns mortos, outros feridos, outros

mutilados e outros bebados estendidos no chão, sem que tornando a si, depois da bebedeira, nenhum se queixa do acontecido.

CASAMENTO.

Algumas tribus indiaticas criam sobrias as mulheres, para que estas escondam as armas a seus maridos, e evitem maiores desgraças, ellas exercem este officio segundo o uso entre ellas estabelecido.

O matrimonio em geral é rescindivel, isto é, póde-se annular. D'este abuso aproveitam homens e mulheres por qualquer motivo e suspeita. A's vezes acontece grande rixa entre a mulher repudiada e sua substituidora na qual ha muitos arranhões e ordinariamente effusão de sangue. A gritaria e algazarra conclue com o apparecimento de uma velha que lança vituperios contra a nova consorte que usurpou os direitos da primeira. Entre os homens o roubo das mulheres é mais serio, e occasiona ás vezes dissenções serias entre as familias e mesmo entre as tribus. Sem embargo a pluralidade das mulheres é permittida, e seu numero é maior ou menor segundo a possibilidade de as manter ou de as comprar. Entre algumas nações os pais vendem as filhas por um pouco de milho de mandioca e outras cousas semelhantes, e mesmo que seja contra seu proprio gosto são ellas entregues aos maridos pelos pais que tiram esta utilidade da venda de suas filhas.

Entre as nações caraibes, era indispensavel antes de poder casar que as donzelas déssem provas de merecerem ser casadas, provando primeiramente o sangue dos inimigos da nação. O que não era difficil em tribus acostumadas a beber o sangue humano em suas festas.

Os guaranis que tambem eram anthropofagos, não permit-

tiam a suas filhas tomar estado, antes que fossem reguladas, circumstancia indispensavel e que não admittia excepção. Obrigavam-as a passar por muitas provas, de cuja execução dependia o juizo que d'ellas se formava pelo presente e pelo futuro.

Cosiam-as em uma rede (hamac) de que usam para dormir, deixando apenas uma pequena abertura para respirar. Assim as tinham amortalhadas dous ou tres dias, e as obrigavam a um rigoroso jejum. Eram depois entregues a uma matrona trabalhadora e de haveres, para que as fizesse trabalhar e exercitar em duros exercicios. Esta lhes cortava os cabellos e o pello, e lhes prescrevia abstinencia de toda especie de carne, até que crescendo os cabellos, lhes cobrissem as orelhas. Com a inauguração dos cabellos, principiava para ellas a lei do recato e da modestia, intimava-se lhes a obrigação de serem circumspectas, e o estylo usual de baixar os olhos, e de não fitar o rosto dos homens. A' estas provas de virtude e de recato, seguia-se a ceremonia de as vestir com seus pobres enfeites, e a licença de conhecer varão e de tomar estado.

No intervallo das provas rigorosas antes de conceder a licença de viver em publico, fazia n-se os augurios com vaticinios e predicções que prognosticam pelas aves que voam e pelos animaes que passam sobre o caracter futuro da noiva. Se passa algum papagaio, a qualificam de falladora; se um *nhacurutú* ou coruja, a prognosticam inutil para os trabalhos domesticos e preguiçosa; e fazem outras predicções do mesmo genero, loucuras de suas cabeças e que acreditam cegamente.

Não eram menos supersticiosos a respeito das mulheres em estado de prenhez. Eram condemnadas a um jejum severo em quanto se achavam n'este estado, e deviam se abster de tudo quanto julgavam poder ser nocivo á criança. Assim se bem que em geral ellas como todos os indios fossem mui golosos da carne da *grão besta* (anta), era-lhes prohibido

proval-a com receio de que a criança nascesse com o nariz disfórme; nem podiam comer aves pequenas, para que a pequenhez do alimento não se transmittisse aos filhos. Temendo dar a luz a gemeos, privavam-se de tocar e de provar duas espigas de milho.

O rigor da lei se estendia tambem aos maridos, a quem era prohibido matar féra alguma; e para não serem tentados se a occasião se offerecesse de violar a prohibição, eram desarmados durante este tempo. Logo que a mulher dava á luz, o marido jejuava quinze dias sem sahir de casa, e em algumas tribus elle ficava de cama, em quanto a mulher se purificava no rio e lavava o recem nascido. Adoecendo a criança, todos os parentes tem que abster-se das comidas que julgam poder fazer mal ao pequeno. Apesar de tantos cuidados e precauções que denotam um amor extraordinario dos progenitores para seus filhos, acontece ás vezes que as mães os privam do leite de que a natureza as proveu para as sustentar, afim de alimentar á uns cachorrinhos que criam com terno amor junto a seu peito.

EDUCAÇÃO DOS FILHOS.

Este amor e esta affeição dos pais aos filhos, tão expressivo como desregrado, precipita a uns em permissões indecorosas e a outros em ousados atrevimentos. Os pais permittem a seus filhos toda desenvoltura e lhes dão toda liberdade, não lhes dão conselho, nem os castigam, e supportam com paciencia que os mesmos filhos lhes ponham as mãos; e, cousa singular, elles não mostram ter sentimento d'este atrevimento julgando habilital-os, fomentando desde seus primeiros annos sua audacia, para se tornarem valentes contra os inimigos. Quanto ao mais educam seus filhos a seu modo barbaro e incivil, limitando-se toda a educação aos exercicios proprios

da nação como o uso do arco, da frecha, e a ligeireza á correr.

O primogenito a quem de direito pertence o cacicado, não está isento d'estes exercicios, e como nascido com maiores obrigações, se esmeram seus pais em crial-os mais destros em todos os exercicios. Este é o merecimento que o torna digno do direito de primogenito e digno herdeiro do valor e pericia militar de seus pais. Os guaranis principalmente se esmeram n'esta educação dos seus primogenitos. No dia em que o desmamam fazem uma festa solemne, bebendo muito, e dançando com alegria ao som de barbaros instrumentos. Repetem esta funcção quando o caciquinho principia a exercitar-se na carreira. A's vezes o enviam acompanhado de alguns indios pelas serras e caminhos asperos, para que endurecido nos trabalhos, não se torne folgazão e se acostume a viver do arco e da frecha que lhe asseguram sustento para o resto de seus dias. Como não lhes roubam tempo as universidades, nem a profissão das artes, elles tem tempo de sobra durante seus primeiros annos para habilitar-se e mesmo para aperfeiçoar-se no genero de milicia que elles usam e no manejo de suas armas ordinarias, respeitaveis para as outras nações indianas, mas sempre debeis contra os hespanhóes.

DE SEUS RECURSOS E EMIGRAÇÕES.

Pelo que diz respeito aos meios que os indios empregavam para prover á seu sustento, podemos dividil-os em duas classes. Os da primeira classe eram lavradores que se sustentavam dos fructos da terra e tinham moradia fixa. Os da segunda que se sustentavam de caça e de pescaria viviam nomades e errantes.

Os primeiros tinham seu estabelecimento fixo, composto de rancherias para quarenta, cincoenta ou mesmo cem fa-

milias, sujeitas a seu cacique. Tiravam seu sustento dos fructos da terra, á qual confiavam sementes e raizes, para depois a seu tempo aproveitarem seu producto.

A sua industria agricola correspondia á sua natural indolencia e aos parcos instrumentos que empregavam. Roçavam um pedaço de mato, que queimavam depois, servindo as cinzas de esterco. Quando chovia, com um páo pontudo abriam ahi alguns buracos, em que lançavam sementes de milho e outros legumes, mandioca e outras raizes, e sem outro cuidado, abandonando as plantações á fecundidade do terreno e aos meteoros naturaes, tiravam ricas colheitas d'esta terra tão mal preparada, porém vigorosa e forte.

Os segundos mudavam de paragem quando a caça e a pesca escasseava no lugar que occupavam. O seu domicilio era portatil, e era carregado pelas mulheres, que tinham que carregar não só as estacas e esteiras das casas, como o trem de cozinha e toda a equipagem domestica. Por isso nas transmigrações ellas gozam do privilegio de regular as marchas: quando uma está cançada larga ao chão a carga, e a seu exemplo as outras mulheres fazem o mesmo, e tratam de levantar a cidade portatil, fincando as estacas contra os ventos. Em quanto as laboriosas transportadoras, convertidas em architectas levantam as casas e preparam a comida, seus maridos ficam meros espectadores estendidos no chão, olhando para ellas em suas arduas occupações sem procurar ajudal-as em nada. Porém prompta a comida comem elles até fartar-se sem reparar se sobra ou não para a mulher e para os filhos. N'estas transmigrações pouco se caminha, apenas se avança um quarto de legua por dia e ás vezes menos. Um insigne missionario, o padre Pedro Romero que morreu martyr, acompanhou a um cacique dos guaycurús em uma d'estas transmigrações, em que estes indios regressando para sua terra natal, gastaram mez e meio para ca-

minhar sete leguas. Ao meio de tantos afazeres das infelizes guaycurús, nascidas para escravas e jumentas de seus maridos, assim mesmo ás vezes ellas brigavam disputando-se sobre o melhor sitio á escolher para parar. Os golpes e arranhões que ellas se davam fazia verter bastante sangue, e por fim a victoria pertencia áquella que ficava dona do terreno ou sitio, disposta a dar e receber os maiores golpes. Os maridos se alegravam de ver as brigas de suas mulheres, e em vez de as acommodar se vangloriavam de possuir mulheres tão valorosas.

Quando o padre Romero se achava presente, elle acommodava as partes, indicando a cada uma um sitio competente. Se com esta lentidão caminhavam os guaycurús para suas terras, com a mesma ou com maior morosidade caminhavam as outras nações em suas transmigrações. Para elles todos os sitios são bons para levantar cidade portatil, e em todos acham proporção para demorar-se, sustentando-se com caça e pescaria durante alguns dias. A natureza espalhou em todas as partes d'esta provincia, grande abundancia de caça e de pesca. E como o procurar sustento com arco e frecha é o motivo das suas peregrinações, emquanto a caça e a pesca não escassea no sitio que occupam, não o desamparam.

Os payaguás, os agans e outras nações que se acabaram ou que perderam seu nome confundindo-se com outras, eram mais aquaticas que terrestres, vagando pelos rios que remontavam e cruzavam com liberdade e á seu bel-prazer. Os payaguás usavam de umas canôas e embarcações tão ligeiras á força de braços, que nenhuma embarcação á vela ou a remo as podia alcançar. Eram piratas dos rios, onde armavam ciladas para saquear os navegantes. Quando se veem perseguidos ou receiam algum ataque mettem-se n'agua aparelhando seus arcos para frechar ao inimigo e mergulhando ao fundo evitam o tiro de bala. E' incrivel o tempo

que elles ficam debaixo d'agua, e ha quem acredite que elles usam do artificio de uns canos compridos que sobresahem para facilitar a respiração.

SEUS IDOLOS, FEITICEIROS E SUAS IDÉAS RELIGIOSAS.

A religião que não é alheia ás nações mais barbaras, mereceu pouco cuidado e desvélo dos indios que povoavam a extensissima provincia do Paraguay. Poucas d'essas tribus tiveram idolos e templos destinados para adoração e para queimar incenso. Na parte mais meridional, acharam-se alguns idolos, cujos templos eram tristes ranchos proprios do nume que os occupava, e expressão do pequeno conceito em que eram tidos por seus adoradores. Os calchaquis eram supersticiosos com os raios e trovões. Adoravam-os por deuses e lhes tinham levantado templos e ranchos nos quaes faziam interiormente aspersão de sangue de carneiro, tambem em suas casas e plantações, promettendo-se muita felicidade e abundancia por causa da virtude contrahida em presença do nume. No sul da provincia não eram frequentes os idolos, mas existiam alguns cujos templos eram objecto de romarias, profanadas com sacrificios humanos. D. Ruy Dias de Gusmão refere que á algumas leguas de distancia dos Xarayes havia uma enorme serpente, monstruosa que os indigenas adoravam e applacavam com sacrificios. Em uma cidade de oito mil habitantes e no meio da praça estava uma especie de cercado *palenque*, que servia de prisão para sujeitar ao monstro e de templo para os indios que concorriam em grande numero para consultar ao nume e receber suas respostas. Era sustentada com carne humana, e seus devotos estavam quasi sempre em guerra para ter provisão de captivos para sustentar e fartar a serpente com o sangue dos prisioneiros. Alvar Nunes que foi commandante da expedição

onde o auctor da *Argentina* diz ter-se encontrado este idolo, não diz nada a respeito em seus commentarios, se bem que consta que os hespanhóes que o acompanhavam queimaram alguns idolos monstruosos, admirando a paciencia d'estes deuses em deixar se queimar. Em tempo de calamidade e de guerras, algumas tribus, estabeleciam prégações e augmentavam seus sacrificios para aplacar seu deus que julgavam irritado, esperando que com a reconciliação se veriam livres das calamidades, e seriam victoriosos na guerra. Não se sabe ao certo o poder que attribuiam a seus deuses, mas está averiguado, que dividiam o poder da divindade entre varios idolos, concedendo á uns poder sobre as enfermidades, á outros sobre as plantações e á outros sobre a guerra, etc.

Os guaranis reconheciam a *Tupá* por conservador da nação durante o diluvio universal, porém não lhe edificaram templo para adoral-o, nem altares para lhe offerecer sacrificios.

Os mocobis rendiam cultos ás pleiades ou a seu *gdoapidalgate*, á quem veneravam como creador e pai, mas não lhes rendiam outro culto, senão o da sua gritaria e algazarra quando appareciam estas estrellas. Os guaycurús celebravam com mil loucuras a lua nova, e o descobrimento das pleiades, sahindo de seus ranchos com páos na mão, sacudindo suas esteiras, gritando, vociferando e promettendo-se toda especie de felicidades. O mesmo faziam quando apparecia algum temporal de vento ou chuva. Sahiam animosos para provocar o temporal e aos demonios que julgavam vir com elle conjurados para destruir sua nação. Bem que se desarme o temporal, até que desappareçam as nuvens, elles continuam armados, ficando persuadidos que os diabos, temendo suas armas, vão sepultar-se nos abysmos. E' provavel que estas e outras nações indigenas celebrando os astros, as constellações, não reconheçam n'elles suprema divindade, mas sim uns bemfeitores da nação, á quem tributavam agradecimento.

Mais temivel era uma maldita especie de fingidos demonios, que se apregoavam arbitros das tempestades, dos raios, dos rios, das inundações, das pestes e das mortes. Estes eram uns homens astutos e falladores, demonios vivos e visiveis, que tinham muito sequito e muita aceitação entre essas nações. Não acontecia mal ou desgraça, que elles não acclamassem como effeito do seu despeito e da sua vingança. Não havia prosperidade ou ventura de que se não proclamassem os auctores, ameaçando com aquellas e promettendo estas á seu arbitrio, segundo o merecimento em que tinham á cada um. Estes chamavam-se feiticeiros, que se apropriavam do poder e que eram temiveis pelas suas ameaças. Teremos occasião de fallar posteriormente de suas obras, principalmente no capitulo seguinte.

Os indios que se dão por feiticeiros, fingem estudar na escola do demonio para enganar os outros, e são finos embusteiros. Carregam hervas, iman, fazem imprecações, ameaçam com maleficios e com impunidade, declaram ter causado muito damno, ter matado e maleficiado á muitos, mas averiguando a verdade, tudo é mentira e engano.

Estes feiticeiros tem ordinariamente duas ou tres familias complices de sua iniquidade, e que estão adestradas á imitar com a voz os bramidos dos animaes. Ligados pelo sacramento do segredo não descobrem a verdade sob pena de privação do officio e da perda de ganho. Chegado o caso em que o feiticeiro tem que consultar o diabo, seus familiares se occultam em algum mato, em cuja vizinhança se prepara de antemão uma especie de rancho, que serve de tripode e de locutorio. No dia aprazado se ajunta o povo, mas não se lhes permitte approximar-se. O feiticeiro alegre sobretudo por effeito da chicha que bebeu com abundancia, salta, brinca junto do ranchinho e invoca o demonio para que venha visitar o povo, e revelar-lhe o futuro. Quando todos

estão n'esta espectação, esperando pela vinda do demonio, ouve-se pelo mato o ruido dos familiares disfarçados com pelles imitando ás vezes as do tigre e mais animaes. N'esse trage, que o povo não discirne por estar retirado, entram no rancho e com elles o diabo e seus satellites. No meio de uma grande confusão e ruido infernal imitando sempre as expressões de animaes, principiam a ennunciar prophecias e vaticinios sobre o assumpto que interessa aos circumstantes. O feiticeiro com uma gesticulação extraordinaria arqueando as sobrancelhas, revirando os olhos repete as predicções e vaticinios dos suppostos diabos. O povo cego, incapaz de exame e de reflexão, arrebatado de estulta persuasão os admitte como oraculos do diabo, cuja presença é para elles o fundamento de um terror panico, e priva os indios de approximarem-se do rancho, receiando insultos ferozes e serem acommettidos sem piedade pelo tigre, cujos bramidos imitam os familiares do feiticeiro. Esta é a origem, admittida mesmo pelos indios e abraçada pelos escriptores, das operações diabolicas e dos fingimentos dos feiticeiros.

Um missionario hespanhól estava formando uma nova reducção; e um dia faltavam quasi todos os indios do povo, que ainda não estavam baptisados. Pela manhã reparou o padre que era pastor sem ovelhas, encontrando unicamente no povo um velho á quem os annos impediam de fazer comprida romaria, e por este soube que os catechumenos tinham ido consultar o diabo. Pois eu tenho tambem que ir, disse o missionario, para espantar o vosso diabo, para que nunca mais volte. Não vá, padre, replicou o ancião, não vá porque o diabo é mui bravo, e te ha de matar. Nós não nos atrevemos a chegar perto d'elle, só o feiticeiro póde approximar-se d'elle, fallar-lhe e receber suas respostas. Eu tenho de ir irremissivelmente accrescentou o missionario, e dito isto se pôz a caminho e encontrou os indios á alguma dis-

tancia do rancho onde o diabo dava oraculos. Os indios commovidos de compaixão procuravam deter ao padre, intimidando-o com o receio que o diabo o matasse. Mas o zeloso missionario sem attender a estas razões se dirigiu para o rancho, e encontrou, o que? o feiticeiro, que era o indio que tinha este officio, e dois familiares seus que urravam e berravam a maneira de animaes ferozes, com espantosas e fingidas vozes, ameaçando castigos e profetisando futuros contingentes.

O que é mui estranho é que, mesmo que tenham á sua vista o desengano dos fingimentos do feiticeiro e do fingido diabo que é um indio commum, não se persuadem d'esses fingimentos. Tem succedido encontrar-se missionarios na occasião em que sahia o fingido diabo, e mostrar aos indios que o tal diabo não era mais que fulano indio conhecido de todos elles; mas sem poder convencel-os, respondendo com cega obstinação que era o mesmo demonio, que assim acreditavam.

A nação guarani teve um grande feiticeiro, que se dava por seu libertador, chamava-se *Obera*, que significa resplendor. Dava-se por unigenito de Deus Padre, nascido de uma virgem sem communicação com varão, plenipotenciario de Deus com seus poderes e faculdades para converter na utilidade dos indios todas as creaturas, e em particular para excitar ou empregar todos os elementos contra os hespanhóes a favor dos indios. E o signal que dava da sua missão, era o apparecimento de um cometa que se viu n'aquelles dias, signal infallivel da liberdade que era encarregado de conquistar para seus amados guaranis. O resultado foi que o exercito guarani foi batido e debandado, muitos indios mortos, prisioneiro o summo sacerdote, e fugitivo pelos matos o mesmo deus *Obera*, com medo dos hespanhóes que reconheceram n'elle um feiticeiro enganador e vil.

A *Obera* foi mui semelhante outro indio de Huybay adorado nas vizinhanças, que vestia habito talar branco, levando na mão uma espantosa caveira, com unhas de veado que faziam ruido dentro. Este feiticeiro foi convertido pelos jesuitas e confessou perante todo o povo, que suas palavras eram puras ficções, e que não tinha outro objecto que os enganar e atemorisar para que lhe cedessem todas as mulheres que cobiçava. *Obera* mantinha tambem um numeroso serralho.

Do Brasil foi para Guayrá um celebre feiticeiro brasileiro. que ao som das unhas de veado dentro da caveira, bailava, brincava com agilidade incrivel, soprando com força pelo ar, provocando raios e tempestades contra aquelles que lhe fizessem opposição. O fiscal do povo de S. Ignacio no Guayrá, desprezando suas ameaças o mandou prender, pôz-lhe um par de grilhões, e em presença de todo o povo mandou dar cem açoites ao fingido nume e verdadeiro embusteiro.

Aos primeiros açoites, elle exclamou: *eu não sou Deus, sou um pobre indio como os outros, e não tenho poder de causar damno e de fazer mal a ninguem.* Entretanto estes feiticeiros com seus enganos eram respeitados como arbitros do bem e do mal, da vida e da morte, com supremo poder no céo, sobre os elementos, e sobre todos os entes creados. Elevados a essa hierarchia gozavam de todas as mulheres que appeteciam. Fazia-se-lhes muitos obsequios, de caça, pesca, e sem gastos sustentavam seu serralho. Suas palavras eram tidas como oraculos. Diremos agora alguma cousa de suas idéas religiosas.

Os indios conheceram a immortalidade da alma, mas era mui incompleta a idéa que d'ella formavam. Eternisavam a duração da alma no céo entre as estrellas, ou em alguma região d'elles só conhecida ou imaginada. Uma cousa que parece certa, é, que elles não admittiam que as almas logo

depois da morte subissem ás celestiaes regiões, concediam-lhe alguns annos de gozos n'este mundo, segundo seu costume, não apparecendo visivelmente, mas divertindo-se invisivelmente nos exercicios que praticavam unidos aos corpos. Assim elles os consideram amigas da boa comida, caçadoras, passeadoras, brincalhonas, guerreiras e inimigas de seus inimigos. Por isso elles collocam viandas sobre as sepulturas dos finados, assim como ahi collocam cuyas cheias de chicha. Mas esta providencia é temporaria e limitada, porque confiam que com seus arcos e frechas, os mortos hão de procurar depois o seu sustento e ser formidaveis para seus inimigos.

Não consta de suas tradicções como subiam as almas ao céo. Os mocobis fingiam uma arvore, chamada *nalliagdigua*, de altura tão desmedida que ia tocar ao céo. Por esta arvore de galho em galho subiam as almas para irem pescar em um rio e lagôas mui grandes, abundantes de peixe mui delicado. Mas um dia que a alma de uma velha nada pôde pescar e que se lhe negou uma esmola para seu sustento, o céo se irritou tanto contra a nação mocobi, que transfigurada em *capivara* a velha, teve que roer o tronco da arvore por onde se subia ao céo até cahir, cujo acontecimento causou um damno irreparavel a toda a nação.

As outras tribus não explicam como as almas dos mortos chegam ás eternas mansões.

A crença dos supplicios eternos não lhes dava cuidados, e não tinham lugar determinado para o castigo dos culpados. Quando se fallava aos chiriguanos das chammas abrazadoras do inferno, respondiam que haviam de afastar as brazas; e quando os padres os ameaçavam com as pennas eternas, respondiam com grande calma: *Ahi não se achará o diabo, no se verá el diablo en este espejo.*

Sua tenacidade é extrema para mudar de parecer sobre

uma cousa em que já assentaram seu juizo, debalde se lhes dê razões mais claras que a luz ao meio dia. Temos exemplo. Um indio catechumeno estava moribundo, não se julgava que elle chegasse ao dia immediato sem pagar o devido tributo á natureza. Sua mulher era infiel e obstinada e lhe persuadiu que se elle se deixasse baptizar, morreria infallivelmente. Apezar de todos os esforços do missionario, este não foi capaz de fazel-o mudar de opinião Tu breve vás morrer, lhe dizia o padre, e se não te baptizas vás para o inferno ... Não, respondia o indio, não estou tão enfermo como dizes; amanhã estarei bom, e poderei sahir para o mato a *meleur*. Não irás, lhe dizia o missionario, a melear, senão á queimar-te no inferno, se não abraças a religião christã, recebendo o baptismo que abre as portas do céo e fecha as do inferno. « Não acredites, lhe disse a mulher, no que este padre falla, porque se vás para o mato, sem te baptizar nunca has de morrer. »

DE SEUS ENTERROS.

Entre os guaranis se o defunto é pessoa principal ou cacique, a mulher grita espantosamente. Se não era de tanta distincção, desata os cabellos e abraçada com o cadaver canta tristemente as façanhas e proesas do seu esposo. Os antigos charruas na morte de seus parentes cortavam uma articulação dos dedos, succedendo ás vezes que na idade avançada careciam de falanges e eram inuteis para o uso das armas. Os mocobis cortavam o cabello mais ou menos, segundo o gráo de parentesco que tinham com o finado. Os isistinés não coçavam na cabeça com o dedo, temendo ficarem calvos sem lhes crescer mais o cabello nas partes que tocassem n'aquella occasião.

E' commum em quasi todas as nações indiaticas lamentar

ou chorar o finado com lugubres berros, lagrimas fingidas durante alguns mezes e mesmo durante alguns annos. Isso praticavam principalmente os parentes e tambem alguns estranhos com o interesse de algumas das alfaias do defunto.

O cadaver estava sentado sobre um mocho ou tamborete. e ás vezes toscamente pintado. Cobriam-o com mantas e pennas para que se apresentasse decentemente na outra vida. Algumas tribus, abriam aos defuntos os olhos que fechou a morte, para que podessem descobrir o caminho que levava á região dos mortos.

Ao redor da sepultura ou dentro d'ella collocavam o arco, frechas, panellas, cuyas, ou porangos, tambem chamados *mates*, com alguma porção de comida e de chicha.

O que tudo tinha sua significação. O arco e frecha para brigar contra os inimigos, caçar e pescar. As panellas para cozinhar e para que não lhe falte fogo; incumbem muitas vezes a uma das mulheres pagas para chorar, de o entreter diariamente no sepulchro. O mate serve para tirar agua, e refrescar a mansão insipida da sepultura.

E' uso e costume em algumas nações indiaticas que na morte de seus principaes e parentes immediatos, as mulheres acompanhem á seus maridos, os parentes á seus mais proximos, e os vassallos á seus caciques, especialmente as velhas como inuteis ao mundo.

A' primeira noticia da morte do cacique ou do seu primogenito, muitos vassallos se matam para ir servil-o, e que não lhes falte sustento no outro mundo. Ceremonia rigorosa, e argumento de fidelidade e de carinho das mulheres para com os maridos, e dos vassallos para com seus caciques; e tão enraizada que as mulheres, os parentes e os vassallos se offereciam voluntariamente á morte para observar este rito gentilico.

DE SEUS MEDICOS.

Eram os feiticeiros que exerciam a medicina, em cuja arte eram tão enganadores como em suas feitiçarias Toda sua medicina, se reduzia a *chupar e á receitar*.

Quando por necessidade eram chamados para ver algum enfermo, se poeviam logo de medicamentos, que em toda parte encontravam, tudo lhes servia: um palito, uma pedra pequena, um espinho, um bichinho feio, que occultavam na boca e chegados perto do enfermo, e tendo indagado d'elles o que lhes doia, principiavam suas convulsões e contorsões, e logo applicavam a boca sobre a parte doente do enfermo, chupando-os com incrivel vehemencia, e tendo acabado sua operação, diziam como havia de descançar este pobre enfermo, se este bicho, (que extrahem da boca) se este espinho, se esta pedra, estavam mettidos em suas carnes, é agora que eu as extrahi, ha de descançar, e alliviar o doente.

A receita era universal, e estendia-se aos sãos e parentes do enfermo, prescrevendo-lhes severissima abstinencia de certas comidas, para que o enfermo melhorasse com o jejum dos sãos; e se morre o enfermo, a culpa recahe sobre os miseraveis parentes que quebraram a dieta dos jejuns, ou que foram insufficientes para merecer o restabelecimento do doente.

Entre os pampas e os querandis acontecia o contrario. Se o enfermo morria, toda a culpa se lançava contra o medico, e seus parentes não descançavam até vingar o defunto, vertendo o sangue do medico *chupador*. Não obstante este rigor, apenas perecia violentamente um medico, a faculdade nomeava outro, que desempenhava o officio, com perigo de morrer á primeira vez que com desgraça profanasse o officio.

Entre os lules, em lugar de chupadores havia *sarjadores*,

para sarjar a parte dorida. Era crença entre elles que todas as molestias provinham, excepto as bexigas, do *ayaquá*, que é um insecto pequenino do campo, e que, segundo elles apesar de sua pequenhez anda armado de arco e frechas, que lança aonde quer, e de cujas frechadas provém todas as molestias. Com este ayaquá, tem especial communicação todos os curandeiros, d'elle aprendem a fabricar frechas semelhantes ás suas, e a sarjar a parte dorida. Chupam logo o sangue na mesma parte, lançam ao longe a frechinha que levavam escondida na boca e procedem nos curativos da mesma fórma que os chupadores, e sem embargo de seu trabalho lhes dão um prato de comida, e regressam ufanos para seus ranchos.

DE SUAS TRADIÇÕES HISTORICAS E DA SUA COSMOGRAPHIA.

Os rapsodistas cantando refrescavam a memoria com algumas das antiguidades das nações indiaticas, mas que misturavam com fabulosas novidades que as desfiguravam. A tradição entre nações que não cultivavam a memoria, que não usavam de pedras, de hieroglíphicos, nem de caracteres, não podia ser pontual, nem abraçar muitos pormenores. Tal ou qual successo memoravel, viciado com o tempo e pela fragilidade da memoria, conservavam e perpetuavam os rapsodistas em seu canto. Emquanto ás façanhas de seus caciques, dos seus maiores e dos vassallos, tudo ficava em eterno esquecimento; apenas os filhos se lembravam das proesas de seus pais. Eis alguns dos seus conhecimentos cosmographicos.

Ao eclipse do sol e da lua, chamavam morte d'estes planetas. Os lules attribuem o eclipse do sol á passagem de um passaro grande, que abrindo suas azas, cobriu o globo luminoso do seu corpo. Os mocobis o attribuem a um as-

salto do diabo que quer comer o sol, (que consideram como mulher) e gritam então para o diabo: *que a deixe, e não a comam, compadecendo-se da sua companheira.* Eis o systema do mundo que estes indios se formavam, e que póde dar uma idéa do systema de outras nações. Consideram o céo e a terra fazendo um só corpo, mas tão inquieto e bulliçoso que anda sempre em movimento. As estrellas são arvores, cujos ramos são raios lucidos e brilhantes. Ao *crucero*. (cruzeiro) chamam annú, que quer dizer avestruz, e as estrellas que o rodeiam, *ipiogo*, que significa cachorros. O que quer dizer que estes cachorros perseguem a avestruz para a caçar, e que como ella corre muito, os cachorros nunca a podem alcançar. Fazem alguma distincção entre as estrellas, chamam a umas pavões ou *dagadac;* a outras quirquinchos ou *natumnae*; a estas perdizes, *nazaló*, e as outras com varios nomes.

Chamam *cidiago* a lua, que julgam ser homem, á quem os cachorros arrancam as tripas quando se eclipsa. Em opposição da lua, os grandes pedem á *cidiago*, que lhes dê mulher, e os pequenos á grandes gritos, puchando-se o nariz, lhe pedem de o fazerem mais comprido.

Ao sol chamam *gdazoa*, que significa companheira. D'elle contam varias tragicas aventuras. Em uma occasião o sol cahiu do céo e enterneceu tanto o coração de um mocobi que se esforçou para o levantar, e que o amarrou para que não tornasse a cahir. A mesma fatalidade aconteceu ao céo, mas os engenhosos e robustos mocobis, conseguiram levantal-o na ponta de uns páos e de repôr nos seus eixos. Segunda vez cahiu o sol, e foi quando inundações de fogo e chammas correram por toda a parte abrazando, consumindo arvores, plantas, animaes e homens. Alguns mocobis para evitar o incendio, se abysmaram nos rios e lagôas, onde foram transformados em capivaras e jacarés. Dois mocobis

marido e mulher, buscaram asylo no cume de uma arvore altissima, donde viram correr rios de fogo sobre a superficie da terra; mas de repente uma labareda subiu até elles, tostou-lhes a cara e os converteu em macacos.

Assim principiou a especie d'estes ridiculos animaes.

SUA APTIDÃO PARA AS ARTES.

Os indios não tinham instrumentos para exercer as artes mecanicas. Com um trabalho porfiado preparavam suas canôas, seus dardos, suas macanas, seus arcos e suas frechas.

Pegavam fogo ao tronco com que queriam fazer uma canôa, cujo fogo consumia as superfluidades, convertendo-as em cinza e carvão, que desprendiam á força de golpes de pedras com fio agudo até chegarem á parte solida. Tornavam a pegar fogo, e a tirar o carvão á força de golpes, até lhe dar com estes golpes e com a actividade das chammas a fórma interior e exterior que elles pretendiam para a navegação.

Da mesma maneira trabalhavam, e poliam os dardos, macanas, arcos e frechas. O fogo gasta, as pedras ajudam, e quando as tinham da grossura e proporção que desejavam, os poliam com delicado esmero, e os deixavam tão lisos e limpos como se o tivesse feito o melhor official europeu. E' verdade que ás vezes necessitavam empregar mezes de serviço para uma unica obra d'estas, mas apesar de sua preguiça e da falta de instrumentos, com paciencia e gastando immenso tempo aperfeiçoavam as suas armas.

Depois de terem sido civilisados, os indios aprendem os officios de maneira a imitar com perfeição o modelo, sem pretender nenhuma gloria de inventores.

São mui habeis para a imitação, tão delicados, tão pontuaes, olhando durante muito tempo ao modelo e tornando-o

a considerar com tanta paciencia repetidas vezes, que chegam a imitar e copiar perfeitamente a obra. Tem acontecido estar a copia tão semelhante ao original, que pessoas entendidas não as podiam distinguir.

Acharam-se alguns indios habeis na sua lingua, floridos e concisos em suas palavras, e persuasivos em seus raciocinios. Entre elles não havia aulas para ensinar a juventude; mas quando em um sujeito de regular entendimento, se juntava a penetração do idioma, á verbosidade, orava com doçura, e suas palavras persuadiam. Os seus idiomas, e em particular o guarani, que era geralmente fallado n'esta provincia é mui rico em expressões, naturalmente proprias, vivas em sua significação, efficazes na persuasão, reduzidas sem confusão, claras sem emphase, e magestosas sem affectação. Direi aqui de passagem que segundo o que pude descobrir, o primeiro livro escripto em guarani pelos europeus, foi o cathecismo composto e traduzido em guarani pelo veneravel padre Luiz Bolaños, frade de S. Francisco, que foi apostolo do Paraguay antes que os jesuitas chegassem á esta provincia, cujo cathecismo foi composto e traduzido por ordem do concilio Luisense terceiro, para catechizar os indios; de cujo cathecismo se serviram mais tarde os proprios jesuitas, se bem que estes escrevessem grammaticas, diccionarios e outros livros em guarani.

Sou devedor da mór parte das noções d'este artigo aos editores da *Historia Argentina do descobrimento, povoação e conquista das provincias do Rio da Prata.*

(*Continúa.*)

NOTAS.

(1) Ja o Brasil tinha sido descoberto em 1500 por Pedro Alvares Cabral. E em 1503 D. João III tinha mandado a Martim Affonso de Sousa reconhecer o Brasil descoberto por Cabral. Sousa fundou a colonia de S. Vicente, e segundo o Sr. visconde de S. Leopoldo, pag. 2, continuou rota para o sul, e erigiu padrões com as quinas lusitanas em uma e outra margem do Rio da Prata para attestar a posse que tomára pelo seu soberano. Estes actos solemnes formariam ainda hoje d'aquelle Rio (da Prata) a natural divisa do Brasil, se fosse desde logo cimentada por estabelecimentos nacionaes. O visconde de S. Leopoldo, Ruy Dias de Gusman, asseguram que Americo Vespucio, ao serviço de Portugal, descobriu as costas do Brasil em 1493.

(2) Segundo Ruy Dias de Gusman, Solis não foi morto pelos indios, mas regressou á Hespanha para dar conta de seus descobrimentos.

(3) Nome que foi dado a este rio ou paiz antes chamado Solis ou ás vezes Paraná, porque d'elle foram remettidos por Gaboto á Hespanha o primeiro ouro e a primeira prata, e o que dos indios recebêra Diego Garcia depois do seu descobrimento.

(4) O auctor que sigo n'esta narração é Ruy Dias de Gusman, que na cidade de la Plata, provincia de Charcas, com data de 25 de Julho de 1612 escreveu sua historia sobre o descobrimento, povoação e conquista das provincias do Rio da Prata.

Elle pretende que no anno 1503 el-rei D. Manoel mandou continuar o descobrimento do Brasil, e deu ordem para que se povoassem suas terras. Opinião que aliás é consignada na deducção chronologica do general Abreu e Lima sem que este designe a éra, fazendo todavia para esse fim sahir do Tejo no dia 10 de Maio de 1501, uma armada de tres caravelas debaixo do mando de Gonçalo Coelho. Se bem que se encontrem anachronismos na obra do escriptor hespanhol, como v. g. de fazer sahir em 1526 quatro portuguezes de S. Vicente por ordem de Martim Affonso de Sousa, quando pela

Synopsis e pelo *Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa*, recem descoberto, se vê que foi em 1530 que Martim Affonso embarcou para o Brasil, e que só em 1532 foi fundada a villa de S. Vicente e que d'este anno por diante foram fundadas as primeiras capitanias do Brasil; todavia por causa d'estes anachronismos, que facilmente se podem explicar, julgo que não se póde duvidar da expedição dos referidos quatro portuguezes pelas terras do Paraguay ao Perú antes da ida de Gaboto e de Garcia ao Paraguay. Eis as razões que me parecem abonar esta opinião.

1.ª Muitas foram as expedições em principios do seculo 16, para a costa da *Terra da Vera Cruz*; a de Gonçalo Coelho, que correu toda a costa até a Patagonia em 1501; a de Affonso de Albuquerque em 1503; a de Francisco de Almeida em 1505; a de Tristão da Cunha em 1506; a de Fernando de Magalhães em 1519, e outras; já n'esta epocha, diz o Sr. Coruja em suas *Lições da Historia do Brasil*, alguns especuladores visitavam o novo paiz convidados pelo commercio do páo Brasil; sendo alguns d'elles victimas dos naufragios pelo pouco conhecimento dos lugares perigosos da costa. (proprias palavras do Sr. Coruja), etc.

E' muito possivel, e mesmo provavel que de tantas expedições e de tantos exploradores tivessem ficado alguns na nova terra da *Vera Cruz* e talvez em varios lugares d'ella, e que levados pela ambição das riquezas e pelo seu genio emprehendedor tivessem (como o fizeram os primeiros hespanhóes descobridores do Rio da Prata, Oyola, Irala, etc), procurado ir por terra ao Perú, onde segundo a fama bastava chegar para possuir immensas riquezas.

Ora, tendo o escriptor castelhano Ruy Dias de Gusman, de fazer a narração de uma d'estas atrevidas expedições feita por portuguezes obscuros e sahidos de terras do Brasil que não tinham nome no tempo da expedição, serviu-se na sua historia dos nomes das terras do tempo que elle escrevia em 1612, e suppoz facilmente que a expedição fôra mandada pelo primeiro povoador de fama das mesmas terras.

2.ª E' impossivel que a narração de uma expedição tão circumstanciada, onde vem o nome dos que fazem parte d'ella, a derrota que tomaram, o resultado da jornada, o fim que tiveram os expedicionarios fosse inventada. Ao contrario, esta expedição nos explica como os indios do Paraná possuiam a prata que Gaboto e Garcia lhes encontraram.

3.ª Se qualquer devesse inventar esta expedição, não era de certo Ruy Dias de Gusman, militar hespanhól, filho de descobridores do Paraguay, empregado elle mesmo em serviços importantes na mesma provincia, e que escreveu a historia dos oitenta e dois primeiros annos do descobrimento, conquista e povoação do Rio da Prata, com o fim de realçar as façanhas dos seus patricios os hespanhóes, como elle declara na *dedicatoria* da mesma obra ao duque de Medina Sidonia. Era mister que esta expedição fosse bem certa, bem conhecida, para que um auctor hespanhól lhe consagrasse um capitulo da sua historia, désse por ella a primazia do descobrimento do Paraguay e do caminho por terra do Perú, a uns portuguezes, quando sem isto toda a gloria do referido descobrimento tivesse ficado para sua nação.

(5) O chronista de el-rei de Hespanha, que refere ao anno de 1530, a descripção que faz do Brasil, escrevendo posteriormente commette um anachronismo, fazendo para aquelle anno 1530 uma descripção do Brasil, que apenas póde se applicar á aquelle paiz em 1560. Sem embargo como me parece interessante a descripção que elle faz, a deixo subsistir no meu texto, pedindo ao leitor de não perder de vista que se podem referir ao anno 1560, os estabelecimentos de que elle trata. E para dar a meu leitor que não tiver livros á consultar sobre a fundação das capitanias e estabelecimentos dos portuguezes no Brasil, lhes offereço o seguinte resumo, compulsado da *Synopsis* e da historia do Sr. Coruja, podendo para maior intelligencia consultar estes e outros auctores estimaveis.

A 3 de Dezembro de 1530 Martim Affonso de Sousa, capitão de uma armada e governador do Brasil, partiu de Lisboa para o Brasil, trazendo patentes de capitão-mór, dadas por D. João III com data de 20 de Novembro do mesmo anno. Em principios de 1532 fundou uma villa na ilha de *S. Vicente*, e outra nove leguas dentro pelo sertão, á beira de um rio, que se chamava *Piratininga*, que tomou o nome de *S. Paulo*, em 1555 porque a primeira missa celebrada ahi no collegio dos jesuitas, foi no dia da conversão de S. Paulo, 25 de Janeiro. El-rei, com data de 28 de Setembro de 1532, fez doação de cem leguas de costa em S. Vicente a Martim Affonso de Sousa, doação confirmada ainda em foral de 6 de Outubro de 1534.

Pero Lopes de Sousa, irmão do antecedente, teve doação de oitenta leguas de costa em varios lugares e trinta em particular entre o rio

lhe servir de guia até a Assumpção, mandando embora por este motivo os guias de Santa Catharina que o acompanhavam.

Relata tambem que nas immediações da fóz do Iguassú ao Paraná o adelantado Alvar Nunes encontrou a geração dos indios que por alli mataram os portuguezes que tinham ido descobrir estas terras do Paraguay e Perú como temos dito precedentemente.

(8) 1.° Buenos Ayres fundada em 1536, e reedificada em 1580.
2.° Assumpção fundada em 1536.
3.° Outiveras fundada em 1554.
4.° Cidade Real fundada em 1557.
5.° Santa Cruz da Serra fundada em 1558.
6.° Santa Fé fundada em 1573.
7.° Villa Rica fundada em 1576.
8.° Xeres fundada em 1579.
9.° Conceição da Boa Esperança fundada em 1585.
10.° Corrientes fundada em 1588.

(9) Os guaranis são chamados na provincia do Paraguay por todos os nomes seguintes: Mbguá Caracará, Timbu, Tucagué, Calchagui, Quiloazá, Cario, Mangolá, Itatiné, Taru, Bomboi, Corrupaiti, Curumai, Caiaguá, Guaran, Tapé, Chiriguani, Coronda, Culchachi, e com muitos outros nomes.

(10) Na épocha da conquista, os minuanos viviam nas planicies septentrionaes do Paraná. Occupavam tambem o territorio entre Paraná e Uruguay até a latitude da ilha de Santa Fé. Perseguidos pelos conquistadores e pelos jesuitas passaram o Uruguay e chegaram então a dominar nas margens septentrionaes e occidentaes das lagôas Mirim e dos Patos.

(11) Os aymorés, os puris, os coroados e muitas outras tribus pertenciam á mesma raça.

(12) Ao occidente dos pampas tambem se achavam os *aucás* que ás vezes se ajuntavam com outras tribus para descerem ás planicies de Mendonça. Sobre a costa da Patagonia existiam os *balchita, uhilicé e tehuelchu* que frequentemente se uniam aos pampas para fazer a guerra a Buenos-Ayres.

(13) Esta relação é extrahida do *Conciliador* de Porto Alegre, sendo seu auctor o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega.

(Continúa.)

DISSERTAÇÃO

ACERCA DO SYSTEMA DE ESCREVER A HISTORIA ANTIGA E MODERNA DO IMPERIO DO BRASIL.

(*Pelo marechal Raymundo José da Cunha Mattos.*)

§ 1.° Havendo eu em o dia 15 do mez de Dezembro do anno proximo passado feito a leitura de uma breve dissertação perante o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, respondendo ao progamma apresentado pelo nosso secretario perpetuo o Illm. Rvm. Sr. conego Januario da Cunha Barbosa, concebido em os termos: — *Quaes são as verdadeiras épochas da Historia do Brasil;* — tendo prestado a maior attenção tanto ás notas offerecidas *in scriptis* pelos illustres socios os Srs. José Silvestre Rebello, José Lino de Moura como aos brilhantes discursos do mencionado Sr. Cunha Barbosa, e dos Srs. Pedro de Alcantara Bellegarde, Lino Antonio Rebello, Emilio Joaquim da Silva Maia, José Marcelino da Rocha Cabral, e ultimamente ao do Exm. Sr. visconde de S. Leopoldo, presidente do Instituto; cumpre que em desempenho dos deveres que me propuz de concorrer para a melhor elucidação da historia d'este imperio, eu escreva mais algumas palavras e offereça mais alguns argumentos que corroborem as opiniões já emittidas, e apresentem o systema que eu tenho seguido até hoje e pretendo seguir d'aqui em diante em todos os meus trabalhos historicos e geographicos do Brasil, e de differentes outras regiões do universo.

§ 2.° Não podendo eu ser juiz do merecimento das minhas obras litterarias; havendo talvez tomado o peior caminho em a disposição e narração dos acontecimentos de que me occupei;

e achando-me provalmente deslumbrado por algum amor proprio que me apresente como bom aquillo mesmo que outras pessoas desprevenidas, sem paixões, e muito a sangue frio reconheçam absolutamente máo; continuarei a sustentar que por ora não convém, nem é possivel escrever de um só jacto a historia geral do imperio do Brasil, que seja digna d'elle e faça honra aos membros d'este Instituto, que de tal tarefa houverem de ser encarregados. Pela parte que me toca declaro francamente que se a sorte ou a votação por escrutinio recahir em mim para trabalhar *in solidum* ou como collaborador em uma empresa tão gigantesca, eu me ostentarei inhabilitado, e recusarei aceitar essa honrosa commissão, para não ter de representar um papel desagradavel e muito em desabono do Instituto Historico.

§ 3.° O Sr. Bellegarde quando fez o seu ultimo discurso em a sessão do dia 15, sustentou que se deve escrever por épochas distinctas a historia philosophica do imperio do Brasil; e consecutivamente apontou algumas d'essas eras, ou periodos que lhe pareceram mais proprias para a organisação, e arranjo de toda a obra: outros senhores discorreram em o mesmo sentido, indicando todavia maior ou menor numero de épochas; e ultimamente o Exm. Sr. visconde de S. Leopoldo, ferindo com mão de mestre o complexo dos argumentos, mostrou, e parece-me que mui bem, que *por ora não estamos habilitados a escrever a historia geral do imperio do Brasil, por nos faltarem muitos elementos provinciaes para isso necessarios.* — Felizmente o Exm. Sr. visconde faz honra á minha opinião, quando quer que indaguemos em primeiro lugar a historia particular ou das provincias, para com bons materiaes escrevermos a historia geral do imperio brasileiro.

§ 4.° Como será possivel escrever uma historia philosophica do povo do Brasil antes de levar ao cadinho da censura mais severa o immenso fardel de escriptos inexactos, insulsos, in-

digestos, absurdos e fabulosos anteriores ao anno de 1822 em que unicamente se imprimia em Portugal, e rarissimas vezes no Brasil, aquillo que um governo desconfiado, uma inquisição intolerante, um Ordinario sem criterio, uma mesa da commissão sobre a censura dos livros permittiam que fosse publicado? Como será possivel escrever a historia philosophica do Brasil tomando por pharól os livros estrangeiros impressos antes da declaração da independencia do imperio? O que vemos ácerca da historia em quasi todos os escriptores estrangeiros? Aquillo que escreveram os portuguezes, e os brasileiros; e demais a mais muitas invectivas, insultos, calumnias, improperios, falsidades em desabono do povo do Brasil! O melhor de todos aquelles escriptores, o sabio Southey, a todo o instante nos lança em rosto a nossa incapacidade; e fere-nos em a parte mais sensivel das nossas opiniões, atacando sem rebuço a crença religiosa, em que vivemos qualificando-nos de idolatras, fanaticos, supersticiosos e de perpetradores de toda a especie de maldade, por acreditarmos, que a confissão e absolvição, purifica-nos perante Deus e os homens! Quantas reflexões poderemos nós fazer a respeito da crença e da moral d'esses estrangeiros que não tem a confissão nem absolvição *supersticiosa* dos brasileiros, e apesar d'isso commettem crimes de natureza tão atroz como os que se praticam em todos os lugares do universo! Eu entendo que seria uma tarefa mui interessante d'este Instituto o encarregar a alguns dos seus membros, o exame, e a censura de todos os livros impressos ácerca da historia do Brasil tanto nacionaes como estrangeiros, começando pela carta que Pedro Alvares Cabral remetteu ao rei D. Manoel pelo capitão Gaspar de Lemos, se felizmente chegar a descobrir-se esse monumento precioso e assim mais entrar na averiguação das circumstancias apontadas na carta de Pedro Vaz de Caminha dirigida ao sobredito monarcha em o dia 1.° de Maio de 1500,

a qual não se acha confórme as noticias de outros historiadores, que por differentes canaes recebiam avisos dos successos da armada de Cabral, ou seriam d'ellas informados quando este capitão-mór se recolheu a Portugal. Outros documentos estão pedindo o escalpello da boa critica, e são as celebradas cartas de Americo Vespucio cuja authenticidade é atacada e defendida por escriptores mui modernos,

§ 5.° Permitta-se-me que eu apresente algumas reflexões ácerca de varios escriptos de nacionaes, e estrangeiros sobre as cousas do Brasil. Os estrangeiros distinguiram-se acima dos portuguezes e dos brasileiros no que respeita ás sciencias naturaes; e com effeito além de Marcgraff o hollandez Guilherme Pizon escreveu em latim a sua Historia Natural do Brasil impressa em Leyde no anno de 1648 sob os auspicios do conde Mauricio de Nassau; mas antes d'elle os jesuitas tinham dado varias noticias que foram por Pizon aproveitadas. O barão de Eschwege, Mawe, Neuwied, Pohl, Natherer, Langsdorff, Spix e Martius, Varnhagen, St. Hilaire, Freircip, e alguns outros publicaram viagens interessantes como naturalistas, mas deve confessar-se que elles foram precedidos por frei Antonio do Rosario, frei José Mariano da Conceição Velloso, Bernardino Antonio Gomes, Joaquim José Lisboa, frei José da Costa e Azevedo, frei Leandro do Sacramento, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt, padre João Daniel, frei José de Santa Rita Durão, João da Silva Feijó, padre Diogo Soares, Dr. Arruda e muitos outros brasileiros e portuguezes; nem é justo lançar em rosto aos habitantes do Brasil o não terem publicado as relações das suas viagens scientificas antes do anno de 1808, sabendo-se que o governo apenas concedia subsidios mui escassos aos naturalistas nacionaes, e que antes da abertura dos portos aos estrangeiros, de proposito se punham obstaculos ás explorações e ás noticias mais circumstanciadas das provincias internas, por temor de alguma ten-

tativa de conquista cujos resultados fossem mais duradouros de que a de Duguay-Trouin. A prova d'isto é a prohibição que houve de correr o pequeno livro intitulado *Cultura e Opulencia do Brasil*, composto por André João Antonil, ha pouco tempo reimpresso n'esta côrte do Rio de Janeiro á vista de uma copia manuscripta que a muito custo o Sr. José Silvestre Rebello pôde alcançar. Os naturalistas estrangeiros de maior candura confessam, haverem-se aproveitado dos escriptos de muitos sabios nacionaes.

§ 6.° Pelo que respeita á historia, são alguns estrangeiros mui injustos e mui severos contra os brasileiros e os portuguezes; pois é facto reconhecido, que em consequencia da calamitosa sujeição da corôa de Portugal á de Castella, e pela systematica diligencia dos reis Filippes foram suffocadas as sciencias e as artes em Portugal, para d'este modo haverem um maior numero de braços de homens ignorantes; mas valentes que defendessem os interesses castelhanos nas fronteiras da França, na Italia, e sobretudo nos Paizes Baixos contra os hollandezes revoltados. A politica atroz de Filippe II, unida á da inquisição, fez precipitar na furna da Torre de S. Julião da Barra de Lisboa dois mil ecclesiasticos e seculares das mais imminentes qualidades para servirem de pasto aos peixes, e deixarem assim desassombrados um monarcha tyranno e supersticioso, e os seus ministros inimigos jurados de Portugal. A mortandade de tão grande numero de homens sabios foi causa do desapparecimento de obras mui preciosas dignas emulas dos escriptos por Osorio, Couto, Barros, Góes, Galvão, Castanheda, e outros que honravam a litteratura portugueza: e dos poucos que escaparam á geral catastrophe da monarchia, merecem attenção a respeito do Brasil as dos seis escriptores agora citados; a de Pedro de Magalhães Gandavo, Francisco da Cunha, e poucos outros: tudo o mais que temos escripto é do principio do seculo dezesete em diante, e então começou a apparecer

uma differença mui sensivel no estylo, e um gosto mui particular de attribuir os factos mais insignificantes a decretos especiaes da providencia, e quaesquer felizes resultados a prodigios e a milagres. Tal era o dominio do tempo: ninguem se queria livrar dos grilhões da superstição, para não cahir no cadafalso da inquisição. Parece-me ocioso citar por ora os escriptores nacionaes que merecem o titulo de classicos nas cousas do Brasil; mas não deixarei de dizer que um frei Rafael de Jesus, frei Manoel Callado, Bernardo Pereira de Barredo, Francisco de Brito Freire, Gaspar Estacio, e alguns outros devem ser confrontados com Marcgraff, Lery, Hans-Staden, Barlæus, Grinxer, Nieuhoff, le Clerc, Dapper, e diversos auctores hollandezes, francezes, e inglezes, que seguidamente se copiaram faltando muitas vezes á verdade historica. Southey reconhece Sebastião da Rocha Pita como unico escriptor de uma historia geral do Brasil, a que dá o nome de *magra, e inexacta, e que só merece attenção por não existir outra melhor*. Southey aproveitou-se todavia d'esta obra, e accrescentou mais algumas noticias extrahidas de manuscriptos portuguezes que muitas pessoas não queriam publicar em quanto existiu a censura da mesa do desembargo do Paço, tanto no Brasil como em Portugal. Eu conservo um manuscripto de certo religioso que não deixa de ter algum merecimento, ao qual se negou a honra da typographia por existirem umas linhas que feriram as opiniões das camaras ou do governo do anno de 1816: os censores procediam em regra, mas a censura lançou pêas aos talentos dos brasileiros e portuguezes, tanto em as materias politicas como nas religiosas: nenhum escriptor se atrevia a fazer observações sobre a marcha da administração; ninguem se atrevia a censurar um acto menos acertado do governo: os seus erros eram umas vezes methamorphoseados em mysterios sublimes da mais polida civilisação, e outras vezes apenas se censuravam

em termos equivocos, e na mais recondita solidão. Em Portugal e no Brasil não existia tribunal de historia como o da China, nem ministros historiadores, que á semelhança do presidente e membros do que havia no tempo do imperador Tait-Song, declarassem ao monarcha que fielmente escreveriam as observações que lhe estavam fazendo sobre a irregularidade da sua conducta, no caso de se deslizar do caminho virtuoso, que até então havia trilhado. Os historiadores portuguezes e brasileiros posteriores ao anno de 1540 e ainda mais ao de 1580 são mui differentes dos que os tinham precedido: os mais sabios gemiam em silencio, sem se atreverem a fallarr conta os desacertos dos ministros. Mui raros são os exemplos de homens corajosos, que se arriscassem a dizer a verdade aos reis, e que quizessem cumprir os deveres de bons conselheiros: nem todos elles eram da tempera de um Padre Antonio Vieira; de um Thomé Pinheiro da Veiga. A historia só pode ser composta por philosophos, mas para isso devem estes gozar uma inteira e sensata liberdade.

§ 7.° Não havendo liberdade de fallar, e de escrever na côrte ou na metropole, ainda menos havia nas colonias! Ninguem se arriscava a escrever no Brasil ácerca da marcha da administração, e ainda menos em favor dos direitos politicos e civis dos habitantes. O governo de Portugal reputava aggressão contra o monarcha qualquer censura contra as administrações coloniaes: era crime de lesa-magestade fallar contra os ministros, e mui raros foram os governadores que soffressem castigos rigorosos em consequencia das suas malversações contra os povos por elles administrados. Bem sabida é a anecdota do embaixador da Persia, que examinou os retratos dos vice-reis da India; e igualmente é conhecida por todo o mundo a carta de Alexandre de Gusmão, dirigida por ordem do rei D. João V ao marquez de Castello Novo ou de Alorna (o bem famoso conde de Assumar das Minas Geraes) na

qual ao mesmo passo em que se lhe lançavam em rosto as suas extorsões, comparando-o ao valente e avaro José Sobiiski, rei de Polonia, e libertador de Vienna d'Austria, n'essa mesma occasião lhe enviavam despachos de novas mercês, em lugar de ordens para castigo das suas iniquidades! Tambem é constante que quando o governo da metropole á força dos clamores das camaras, e principalmente das queixas dos commerciantes, mandava render um governador, fazia substituil-o por um seu parente, que se interessava em purificar a conducta do antecessor; e não foi raro o ver punidos aquelles que contra esses despotas levaram as mais justas representações aos pés do throno do monarcha. Eu poderia apontar os nomes de varios governadores ignorantes e faccinorosos, que em lugar de castigos receberam premios muito assignalados. Ainda mais; ninguem ignora que as antigas capitanias do Brasil constituiam virtualmente outros tantos governos territoriaes separados; e que as leis administrativas de umas, eram differentes das que se achavam em observancia nas outras. A capitania de Minas por um longo numero de annos não podia communicar-se com a Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo senão por tres estradas: uma typographia que se estabeleceu no Rio de Janeiro pelo zelo ou pela condescendencia de Gomes Freire de Andrade, foi destruida; os innumeraveis teares de tecidos de linho, lã, seda e galões que tinham levantado nas terras centraes, e nas do littoral, foram despedaçados; em conclusão se alguem imprimia alguma obra em Portugal, ou se escrevia algumas memorias no Brasil, eram os seus auctores obrigados a queimarem o incenso mais lisongeiro ao idolo que presidia aos destinos de um povo realmente agrilhoado. Leiam-se as memorias de Claudio Manoel da Costa, de João José Teixeira Coelho, de Diogo Ribeiro de Vasconcellos, de frei Gaspar da Madre de Deus, de José Joaquim da Rocha, de Paulo José Miguel de Brito, de monsenhor Pizarro, e muitas

outras anteriores ao anno de 1822, para se conhecer que nenhum d'elles se atreveu nem devia arriscar-se a censurar o systema da administração. Tudo quanto aqui digo, são verdades reconhecidas geralmente no Brasil, é pois desde o anno de 1823 em diante que entre nós existe liberdade de escrever; e por conseguinte parece-me absolutamente desculpavel a falta de bons escriptos nacionaes antigos, e absolutamente impossivel o arranjar-se desde já uma historia geral, ou uma historia philosophica do imperio de Santa Cruz. Aquelle que se metter n'essa empresa, ha de soffrer toda a sorte de torturas, ha de achar-se no meio de grandes dificuldades; ha de infallivelmente naufragar nos baixios de contradicções.

§ 8.° Eu abraçarei de boa vontade a opinião do nosso illustre secretario perpetuo, ácerca da divisão das epochas da historia do Brasil, por achal-o conforme ao de diversos escriptores antigos e modernos. Sejam tres as epochas da nossa historia: na 1.ª trate-se dos aborigenes ou autochthones: em a 2.ª comprehendam-se as éras do descobrimento pelos portuguezes, e da administração colonial; e a 3.ª abranjam-se todos os acontecimentos nacionaes desde o dia em que o povo brasileiro se constituiu soberano e independente, e abraçou um systema de governo imperial, hereditario, constitucional e representativo. Talvez haja alguma divergencia ácerca de principios da 1.ª e 3.ª epocha; e cada um terá bôas razões para marcar éras diversas.

§ 9.° A primeira epocha que eu apresento é a dos aborigenes ou autochthones, em a qual infelizmente andaremos quasi ás apalpadelas, por falta de monumentos biblicos ou lapidares que sirvam ao menos para dar uma certa côr de probabilidade ás nossas conjecturas. Esta parte da historia do Brasil existe enterrada debaixo de montanhas de fabulas, porque cada tribu ao mesmo tempo que apresenta origens as mais extravagantes, não sabem dar razão clara das suas

emigrações, e a actual residencia: e para cada uma d'ellas um seculo dos nossos, é a eternidade. A historia dos nossos aborigenes não tem sido estudada, e ninguem póde affirmar authenticamente que os indios do territorio do Brasil são da mesma raça dos peruvianos, dos chilenos, ou dos habitantes de Nova Granada. Ao norte do Amazonas existem tribus que fizeram e ainda fazem uso dos quippos na contagem por meio de nós á moda dos mais antigos chinezes, e dos naturaes do Mexico, e do Perú; está reconhecido que aquelles indios tambem fizeram uso de ferro e aço, e que provavelmente foi com esses instrumentos ou com os de cobre encalcado que elles abriram certas figuras em diversos rochedos contiguos aos rios Orenoco, Atapabo, Negro e Cassiquera. Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio em a sua interessante viagem pela capitania do Rio Negro, dá noticia da existencia de uma tribu da margem do Rio Izano em que se conservam alguns nomes proprios do povo hebraico, o que a ser certo, levar-nos-ha a grande questão da vinda dos phinicios ás terras do novo mundo.

§ 10. A's indagações do sabio Humboldt, ás do mencionado Sampaio. Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, Antonio Pires da Silva Pontes, José Simões de Carvalho, Manoel Lobo de Almeida, Francisco José Rodrigues Barata, e Manoel José Maria da Costa e Sá, devemos as melhores e mais recentes informações a respeito dos indios dos Rios Negro e Branco, mas se cumpre reconhecer que os jesuitas e outros missionarios em tempos anteriores haviam feito explorações, e aberto caminho ás pesquizas mais recentes de homens que se inculcam mais philosophos. Foi moda obscurecer os importantissimos serviços feitos ao Brasil pelos religiosos da companhia de Jesus, e de outras congregações regulares, para marchar de acordo com ministros cujas vistas e projectos ácerca do Brasil, não se acham sufficientemente elucidados.

§ 11. Os portuguezes á medida que iam estabelecendo feitorias pelo littoral da terra de Santa Cruz para negociarem em Páo Brasil, observaram que os indios formavam tribus ou nações differentes, e que tinham idiomas que lhes pareciam diversos. Os colonos de S. Vicente foram os primeiros que se metteram aos matos, e tiveram relações amigaveis, e tambem hostis com a indiada de lugares mais remotos; mas como as suas expedições eram mais guerreiras e mercantís, do que philantropicas e philosiphicas, não trataram de esquadrinhar a historia da origem e dos factos memoraveis de um povo que por desdita era reputado pouco acima dos irracionaes. Com Thomé de Sousa vieram para a Bahia no anno de 1549 alguns religiosos da companhia de Jesus, e foi então que se deu principio ao exame da historia de uma raça, que ainda se achava mui distante da aurora da civilisação. Os jesuitas encontraram a maior parte das tribus brasileiras em estado perfeitamente selvagem; anthropofagos e ferozes em uns lugares, pacificos e mais industriosos em outros, e em tudo mui distantes do estado policial das nações que dominavam as planicies do Cusco, os chapadoens do Quito, os montes de Popoyan, e os valles de Guatemala e do Mexico ou de Anahuac.

§ 12. Os conhecimentos philologicos e ethnographicos dos primeiros missionarios não eram tão extensos que podessem alcançar as raizes dos differentes idiomas, nem elucidar com exactidão quaes eram as linguas mãis, as irmãs, as sexuaes, e as que apenas se distinguiam por algumas modificações. Os missionarios entenderam que fariam muito, compondo grammaticas e diccionarios das linguas guarani e tupy, a que se deu o nome de geral por ser fallada, e mais ou menos entendida por quasi todos os indios que habitavam ao longo das costas do oceano, e em muitos lugares centraes. Os jesuitas pretendiam com effeito estabelecer o guarani e o tupy como

nem os habitantes do Perú conhecem a origem do celebre Manco Capac. Em a excellente *Memoria da capitania dos Ilhéos* publicada pela academia real das sciencias de Lisboa, mostrou o nosso venerando e sabio consocio o Sr. conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, que no sertão da Ressaca apparecêra varios pedaços de louça da Asia com jeroglyphicos orientaes, e que sendo remettidos para Lisboa pelo general D. Rodrigo José de Menezes, não consta que a academia real das sciencias apresentasse opinião alguma sobre aquelles restos preciosos, os quaes em boa critica, não se deva suppor terem sido para alli transportados por algum antigo explorador portuguez agora desconhecido, e ainda menos pelo capitão-mór João Gonçalves da Costa descobridor dos taes pedaços de louça, por não haver até aquelle tempo chegado ao Brasil o gosto das mystificações archeologicas. Nas Minas Geraes tem se ultimamente descoberto escriptos figurados semelhantes aos mexicanos.

§ 15. Ainda que eu tenha ouvido dizer quasi geralmente que os indigenas do Brasil sempre foram tão barbaros, que nunca se encontrou em a vasta extensão d'este imperio, uma pedra collocada por elles sobre outra para servir de monumento religioso ou historico. Ainda que esta é tambem a opinião do respeitavel auctor da *Chorographia Brasilica;* todavia pessoa que eu muito venero, contou-me haver-se encontrado no sertão da provincia de Pernambuco a ruina de uma obra que parecia fortificação, alguma cousa semelhante ás que existem nas chapadas do Ohio dos Estados Unidos da America. O sabio Humboldt, e os naturalistas portuguezes dão noticia das figuras esculpidas em varios rochedos ao norte do Amazonas pelos indios antecessores, remotos d'aquelles que agora alli habitam: eu não sei se poderemos classificar como obras dos indios as figuras existentes a pouca distancia da estrada velha da aldêa do Carretão para a villa

do Pilar da provincia de Goyaz, em a porção da serra chamada Morro das Figuras. Tambem não sei se os artefactos existentes no lugar denominado Martyrios da margem direita do rio Araguaya da dita provincia de Goyaz, de que dei noticia em a pagina 211 do tomo 2.° dos meus itinerarios impressos em 1836, são em parte, obra dos aborigenes, em que os bandeiriantes a par das cobras, jacarés e outras esculturas, arvoram a cruz, cravos, corôa, gallo e outros emblemas da paixão de Jesus Christo. No mesmo meu itinerario, tomo 1.° e pagina 63, dei noticia da serra das Letras, e da tradição existente de ser obra do apostolo S. Thomé a quem dedicaram uma capella que ahi existe, e recebe o nome de S. Thomé das Letras. Eu não pude examinar os taes jeroglyphicos ou caracteres, e entendo que são dendritos formados na grez. E pretende-se que no meio da ignorancia em que ainda hoje os vivemos a respeito de muitas provincias, se escreva a historia philosophica do Brasil? Pela parte que me toca direi que ainda não estamos para isso habilitados: contentemos-nos com pouco bom, para chegarmos ao muito optimo, eu não me envergonharei de seguir a doutrina do aviso de 26 de Janeiro de 1819, citado em a pagina LXXXV do tomo 9 da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*: escrevamos as historias particulares das provincias e depois redigiremos a nossa historia geral chronologica, que é o que eu propuz em a minha dissertação lida perante o Instituto em o dia 15 de Dezembro do anno proximo passado. Eu digo a respeito da historia geral philosophica do imperio do Brasil, aquillo mesmo que outr'ora disse o Redemptor do genero humano, aquelle que não tem peccado, lançe a primeira pedra!

§ 16. E' para lamentar que o governo portuguez ou o brasileiro não tenham até hoje encarregado á alguns sabios nacionaes as explorações ethnographicas e archeologicas

o muito pouco que sabemos mais circumstanciadamente, deve-se aos estrangeiros, que n'estes ultimos annos tem viajado pelo Brasil, os primeiros descobridores disseram que existiam ácima de trezentas nações e idiomas differentes na terra de Santa Cruz: este numero foi muito rebaixado pelos jesuitas, os quaes julgaram que só eram tribus separadas, e até mesmo inimigas, mas pertencentes a uma identica origem. O sabio Humboldt aponta duzentas em uma porção de territorio ao norte do Amazonas; comprehendendo dezenove mil leguas quadradas, os naturalistas Spix e Martius fazem mensão de sessenta. e Mr. Balbi não admittindo comtudo a opinião dos dois viajantes bavaros, mostra no seu mappa aquellas em cuja certeza podia contar. O mappa ethnographico dá melhores informações do que qualquer noticia que eu possa aqui indicar. Eu não devo fazer censuras em desabono de varios naturalistas estrangeiros apontando-os pelos seus nomes; mas posso asseverar com muito conhecimento de causa, que alguns d'elles improvisaram, e até se inculcaram conhecedores de tribus, que nunca viram, e de idiomas. e dialetos, que nunca examinaram. As circumstancias em que me achei. obrigaram-me a servir-me de indios chavantes para entender os cherentes; e depois de muitas horas matadoras, conheci que os meus interpretes nem entendiam o que eu lhes dizia, nem as respostas, que me davam os interpretados. A maior parte dos indios é demasiadamente estupida, quasi todos são pessimos interpretes. e os chamados mansos e civilisados, tem até certo ponto perdido a sua linguagem, principalmente quando em uma aldêa vivem indios de nações diversas como succede nas da provincia de Goyaz, e em as de Oeste das Minas Geraes. A pronunciação dos viajantes, fal-os cahir em grandes erros. e certos nomes por elles escriptos tem muita differença dos verdadeiros. Mr. St. Hilaire é aquelle que escreveu com maior exactidão e assim mesmo

apresentou erros mui notaveis; não obstante ser a linguagem portugueza a melhor para se escreverem os nomes que não são gutturaes. O que eu digo a respeito de Mr. St. Hilaire, deve tambem entender-se ácerca dos nomes proprios que se encontram em as obras de Mawe, Koster, Neuwied, Spix, e Martius e outros estrangeiros que viajaram pelo Brasil, e nem sempre poderam escrever segundo a pronunciação das pessoas melhor educadas: essas pessoas faltam quasi sempre em os sertões.

§ 17. Cumpre-me agora apresentar o systema que tenho seguido e pretendo continuar nos meus escriptos geographicos e historicos, tanto a respeito do Brasil como de outros lugares do universo. A historia é a sciencia de narrar ou descrever os acontecimentos presentes e os passados. Tambem ha historia ácerca do futuro, a qual deve ser considerada como vaticinios, prophecias, pressentimentos ou previsões. A historia abrange todos os ramos dos conhecimentos humanos: póde ser geral ou particular, e divide-se em secções principaes, que são subdivididas em particulares ou especiaes. Ella em a materia, ordem, e estylo deve ser escripta por um modo harmonioso, agradavel, conciso, decente, exacto e o mais claro que for possivel; e o fim principal da historia politica e civil, é encaminhar os homens á pratica das virtudes e ao aborrecimento dos vicios para que d'ahi resulte o bem estar das sociedades. Os historiadores costumam dividir os seus trabalhos em epochas ou periodos; e os que tratam especialmente dos homens ou dos estados, descrevem em primeiro lugar as noticias ou as tradições dos tempos fabulosos, depois d'estes os heroicos, e finalmente os verdadeiros antigos e modernos. Os melhores materiaes para escrever a historia do Brasil (e a de outros lugares), são os monumentos e as inscripções abertas em laminas de pedra e metallicas; os diplomas legislativos, as cartas imperiaes ou regias, os

regulamentos ou regimentos, resoluções, avisos, provisões e patentes. Termos de posse dos governadores, bispos, magistrados, officiaes municipaes, e das outras classes de empregados publicos, e as cartas de sesmarias das terras concedidas aos mais antigos povoadores. Um critico mui austero deve presidir ao exame d'estes monumentos; observar o talho da letra, a côr e o estado das tintas, confrontar as eras ou as cousas com pessoas, emfim desempenhar os deveres de bom paleógrapho e bom chronologo. Se os escriptores do Brasil tivessem praticado estas regras que são imprescreptiveis, e aconselhadas desde a mais alta antiguidade por aquelles que estão reputados mestres dos historiadores, não teriamos o desgosto de encontrar ficções em vez de realidades, e de ler mui desfigurados alguns dos mais bellos episodios dos fastos brasileiros. Bem conheço que aquillo que nos acontece ácerca de noticias antigas, succede em todos os outros lugares do universo; não existe obra alguma historica dos tempos passados e dos modernos, que não contenha muitos erros por motivos mui differentes. Os gregos sempre orgulhosos, honraram Herodoto com o epitheto de pai da historia: esta asserção é falsa. O philosopho de Halicarnasso escreveu muito tempo depois de Dionisio de Mileto, Hecatéo, Phorecide e outros. Elle lisongeou a vaidade grega, e deprimiu todos os estrangeiros, dando-lhes o nome de barbaros. A sua relação da victoria obtida por Themistocles sobre a armada de Xerxes, é uma impostura. A historia dos médos é outro amontoado de falsidades, e ninguem melhor do que Dionisio de Halicarnasso, Plutarco e D. Chrisostomo, apresentaram o verdadeiro caracter de Herodoto sobre o modo com que escreveu a historia. Cethescos, Cephalion, Beroso, Babilonico, Abydene, Diodoro de Sicilia e muitos outros commetteram grandes erros, porque não ha pessoa alguma que seja superior ás humanas fragilidades. Ninguem deve

criminar o historiador que merecer boa fé, quando emprega todas as diligencias para se informar; mas merece grande censura aquelle que por preguiça ou por espirito de partido não relata, ou desfigura factos verdadeiros em desabono de alguma corporação ou de qnalquer homem particular. Plinio dizia a respeito de Diodoro, que fora o primeiro grego que deixou de escrever bagatellas pomposas. *Primus apud græcos desiit nugari Diodurus*, mas outros historiadores tambem apontam immensas bagatellas escriptas por Diodoro. É certo que no Brasil muitos diplomas que podiam servir de baxes á historia, levaram descaminho, tanto nos originaes como em registos dos archivos de diversas repartições; mas assim mesmo não é absolutamente impossivel descobrir dentro e fóra do imperio os elementos necessarios para boas historias, se houver paciencia, gosto e vontade de fornecel-os e de procural-os. Sei que muitas auctoridades negam-se a franquearem os documentos necessarios para se escrever a historia, porque a titulo do bem publico, diversas pessoas a quem foram confiados, serviram-se d'elles em detrimento alheio, e outras vezes deram-lhe descaminho irremediavel. Por este modo tem sido dilapidados alguns archivos brasileiros.

§ 18. Em o § da memoria que escrevi, e ha de servir de introducção a obra que compuz, e a que dei o titulo de *Epochas Chronologicas do Imperio do Brasil*, a qual tambem poderá preceder á historia geral da terra de Santa Cruz, disse em que a historia da população do novo mundo, anterior ao seu descobrimento pelos povos do norte da Europa, e conquista dos portuguezes e castelhanos, póde classificar-se em tres epochas differentes e distinctas: A primeira é a da primitiva occupação do paiz pelos individuos a que podemos denominar autochthones, filhos da natureza ou da sociedade selvagem. A segunda é a da civilisação primitiva introduzida

por homens industriosos que o acaso, as adversidades ou as conveniencias da vida, obrigaram a abandonar os paizes dos seus nascimentos, e a estabelecerem-se em lugares por elles descobertos. A terceira é a da entrada dos taltecos, dos chichimecos, dos nahualtecos, dos acolhues e dos astecos, os quaes destruiram em parte, e aliaram-se emfim com esses povos agora desconhecidos, e de origem apenas suspeitada, que levantaram os admiraveis edificios cujas ruinas magestosas hoje se estudam, e se assemelham as do antigo Egypto, e as de differentes povos do Indostão e da Asia Occidental. Quem não se enche de enthusiasmo vendo em o novo-mundo monumentos assombrosos da mais antiga e polida civilisação? e quem não lamentará a perda de tempo d'aquelles que escreveram, e se esforçaram em persuadir que o novo mundo sahiu ha tres dias do fundo das aguas, como se as serras do Orgãos, da Mantiqueira, dos Aymorés, da Ibiapaba, dos Pyreneos, do Cayapó, os Andes, os Apalaches e muitas outras não sejam contemporaneas com as do Caucaso, do Atlas, do Himalaia, dos Alpes e de diversas outras do antigo mundo! O grande livro da natureza, começou ha pouco a ser estudado; a archeologia e a ethnographia começa a dar os primeiros passos, e por ventura já se tem encontrado documentos preciosos, que testeficam a mais alta antiguidade das terras que habitamos

§ 19. Muitos philosophos e historiadores para organisarem os seus systemas do universo, disseram que antes do diluvio geral a terra não tinha montanhas, e que as que ora existem foram formadas pelas correntezas das aguas quando houve a inundação. Outros disseram, que as montanhas são de data tão antiga como a da primitiva creação do universo, conforme a letra do escriptor sagrado. Outros affirmam que as aguas foram gradualmente diminuindo, e deixando em secco muitos lugares que d'ellas se achavam cobertos, e

por isso dizem que se tem encontrado muitas povoações enterradas á grandes distancias dos mares, as quaes outr'ora estiveram banhadas pelas aguas. Todos estes philosophos auctores de systemas contrarios apresentam razões mui plausiveis em apoio das suas doutrinas: lembram-se de mares mediterraneos inteiramente fechados: lembram-se de communicações francas do Mar Roxo com o Mediterraneo; do Golfo Persico com o Mar Caspio; d'este com o que ora se chama Baltico, e com o Mar Glacial. Apresentam razões diversas ácerca da corrente do Oceano Atlantico para o Mediterraneo; calculam a evaporação das aguas d'este ultimo, pela força do sol; affirmam que os Mares Caspio, Azow, Baltico, com os seus colfos de Finlandia, e Bothnia, hão de ficar aterrados ou em secco; e mostram pelos escriptos mais antigos, que o delta do Egypto é de creação comparativamente moderna.

§ 20. Parece-me que não póde entrar em duvida que as aguas tem diminuido pela força da evaporação causada pelo sol, que as montanhas foram antigamente mais elevadas, que os diversos meteoros, e principalmente as chuvas, e os degelos tem feito descer para os valles grandes porções de terra, e que os rios tem impellido muitas areas para os mares. As terras que ora se acham seccas abaixo das serras do Brasil, desceram provavelmente das montanhas; e a ilha do Marajó no Amazonas, todas as do Rio da Prata foram creadas pelo mesmo modo que se formou o delta do Egypto, e o da fóz do Mississipi. Os baixos e bancos do Rio da Prata, hão de um dia ficar convertidos em ilhas; a bahia do Rio de Janeiro, ha de aterrar-se, e com effeito já se vai aterrando com os despojos da serra, e por diversos outros modos, e as lagôas Mirim e Patos do Rio Grande, hão de cessar de existir, conservando-se unicamente os canaes sufficientes para a passagem dos rios. Eu acredito na evapora-

ção das aguas, e por conseguinte vejo-me obrigado a reconhecer a possibilidade de deixarem de existir mares em alguns lugares em que ora se navega sobre nossas columnas de liquido de insondavel profundidade. Isto não ha de ser obra de dez, vinte ou trinta seculos: a natureza tem muitos recursos, e os homens hão edificar novos portos em terras que tem de apparecer descidas das montanhas, ou creadas pelos grandes artificios que a natureza está empregando dia e noite para se augmentarem ou fazerem novas ilhas e formarem novas regiões que hão de ter habitantes civilisados.

§ 21. Estes artifices são os polypos: as suas obras são admiraveis e muitos navegantes philosophos do Mar Pacifico, reconhecem que a elles se devem a maior parte das ilhas; e que alli se estão creando grandes continentes. Estas creações vão impellindo as aguas para outros lugares, e por isso se observa, que o mar tem entrado por algumas terras, e destruido povoações que outr'ora existiram no estado mais florescente As opiniões dos philosophos ácerca da successiva diminuição das aguas do oceano, não admittem razões em contrario. Elles dizem que depois do diluvio, por effeito do sopro divino, ficaram descobertas as mais altas montanhas da terra, e que todas as regiões inferiores existiram por um grande numero de seculos cobertas d'agua: dizem que o Sahará da Africa, e Cabo da Tartaria, as Pampas da America, e a maior parte da Nova Hollanda estiveram inundadas; dizem que o Mar Caspio unido ao Aral occupava um terreno muito mais extenso do que o do tempo presente; que parte da Italia não existia, finalmente mostram que as terras seccas das idades antigas eram mui pequenas em comparação das que hoje existem descobertas. Isto prova que as montanhas estão soffrendo delapidações, que as terras vão entrando para os mares e que as aguas desappareceram por via da

evaporação, pois não é possivel que, todas as que cobriram o Continente, entrassem para cavernas subterraneas, salvo no caso de se entender que o globo em que habitamos é inteiramente oco, e que houve no tempo em que existiu vasio em todo ou na maior parte. Os compositores de systemas do mundo combatem-se a respeito da creação do globo terrestre; e eu que acredito, que as aguas vão-se evaporando, não deixo todavia de entender que todas as terras que ficam acima da serra do mar do Brasil, acham-se em secco ha immenso numero de seculos, e que todas ellas foram habitadas; e que d'ahi desceram para as planicies contiguas ao Oceano muitas hordas selvagens, que lá superabundavam.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE O ESTADO DE PORTUGAL E DO BRASIL DESDE A SAHIDA D'EL-REI DE LISBOA EM 1807 ATÉ AO PRESENTE.

Indicando algumas providencias para a consolidação do reino unido

---

A invasão dos francezes em Portugal, e a consequente transição do throno portuguez para o Brasil, necessariamente deviam produzir uma revolução no systema politico e commercial dos continentes europeu e americano. O ser esta revolução vantajosa ou fatal á monarchia portugueza, dependia inteiramente do bom ou máo regimen que adoptasse o governo. Nunca el-rei precisou tanto como n'aquellas circumstancias, de ter um ministerio completo, composto de ministros habeis e activos que de perfeito accordo se empregassem assiduamente, não só a elevar o Brasil ao gráo de prosperidade de que as suas circumstancias physicas o fazem susceptivel: mas em consolidar por meio de misticos interesses politicos e commerciaes, a união dos diversos e preciosos membros da monarchia, que a natureza pôz tão distantes uns dos outros, espalhados pelas quatro partes do globo.

Infelizmente não succedeu assim. Treze annos que sua magestade esteve no Brasil nunca houve ministerio que merecesse esse nome. Só no principio pareceu querer-se formar um ministerio completo; mas no pouco tempo que durou, os ministros que o compunham não obravam de concerto: não havia conselhos regulares: não se tratava senão de negocios

de rotina, pois de outros nem se queria ouvir fallar. Pôz-se portanto de parte até o pensar nos grandes planos que as urgencias mais vitaes da monarchia exigiam se combinassem com discrição, e se puzessem em pratica sem perda de tempo. A este curto ministerio, do qual resultaram mais males do que bem á nação, seguiu-se uma serie de ministros moribundos que se succediam uns a outros, encarregados além das suas, das pastas interinas das outras repartições; o que fez que o mesmo manejo dos negocios de rotina, ficou pela maior parte nas mãos dos subalternos, e de certos cortezãos consultados no gabinete secreto, que interessados em perpetuar a sua influencia, enganavam el-rei, fazendo-o crer que a administração publica não podia ir melhor, que os negocios se faziam mui bem com as pastas interinas, que um ministerio unido e regular seria perigoso, pois daria a lei, e ataria as mãos ao soberano, &c. Quanto estas doutrinas eram erroneas e fataes, se mostra, não só pela pratica contraria adoptada pelas nações que bem se governam; mas pelos deploraveis resultados que um tal systema de ministerios incompletos instaveis, e contrariados por *camarillas* secretas, produziram nas monarchias hespanhola e portugueza.

Restabelecida a gloria das armas portuguezas com a memoravel restauração de Portugal; e seguindo-se cinco annos depois a tão desejada paz geral, que terminou com o congresso de Vienna e Paris: esperavam todos aquelles que tinham verdadeiro zelo pela conservação da integridade da monarchia, e pela sua prosperidade, que o governo mudasse de systema, e se applicasse em fim com assiduidade, a combinar e pôr em pratica grandes medidas de administração, que consolidassem sobre bases firmes de interesses mutuos, a perpetua união dos diversos membros da monarchia. Foi a este fim que os ministros da legação portugueza no congresso de Vienna se lembraram, não tendo para isso instrucção alguma, de sondar

as differentes potencias sobre o reconhecerem a creação do reino unido de Portugal e Brasil, elevando esse ultimo a cathegoria de reino. Não achando a isso difficuldade da parte das potencias, propozeram nos seus officios ao ministerio, que sua magestade julgando-o conveniente declarasse por lei fundamental da monarchia a união dos dois reinos debaixo do titulo de reino unido: suggerindo ao mesmo tempo, que para a união ser effectiva seria indispensavel que na mesma lei se declarasse: que S. A. R. o principe herdeiro se transferia a Lisboa com o titulo de vice-rei revestido de grandes poderes. Porém os fataes conselheiros da camarilla tiveram a habilidade de aconselhar el-rei a adoptar só uma parte da medida proposta, transformando-a assim de uma medida saudavel e segura da união em outra de perpetuo ciume, desunião e discordia entre os dois reinos.

Publicada a carta de lei de 16 de Dezembro de 1815, sem dar providencia alguma para conservar por vinculos de igualdade de prerogativas, e de interesses reciprocos a união dos dois reinos: logo uma nova nuvem negra de desgosto gerou sobre os corações dos habitantes de Portugal, vendo na guerra todas as disposições de o reduzir a estado de colonia, quando se elevava o Brasil á graduação de reino, e essa humilhação se fazia tanto mais sensivel a Portugal, quando ele acabava de restaurar a coroa ao seu legitimo senhor com tão grandes sacrificios: o que o fazia cuidar de perdas e não de degradações. No meio de tanto desgosto, ainda aquelle lhe se lisongeava, que depois dos desposorios de S. A. R. o principe hereditario, este senhor passasse ao reino com sua esposa visto saber-se que algumas potencias com efficacia o aconselhavam. Porém taes esperanças foram malogradas.

A todos estes desgostos que pesaram fortemente sobre os habitantes de Portugal, se accumularam mais as enormes sangrias com que o erario do Rio de Janeiro esgotava o de

Lisboa; não só para acudir ás precisões occorrentes do estado; mas tambem para satisfazer ás dilapidações de que muito se aproveitavam no cháos de uma pessima administração de fazenda. Exhauridos por este modo os cofres do erario de Lisboa, os pagamentos dos empregados publicos, e até os da tropa, se atrazaram muito; do que resultavam novas dilapidações e peculatos, e até uma escandalosa corrupção, como tambem acontecia no Brasil. Posso asseverar o que acabo de referir, não só pelas informações que tinha de boa auctoridade, mas porque no serviço em que me achava me passaram pelas mãos diversas transacções ruinosas, que tiveram lugar entre os dois erarios, sobre as quaes, apesar de saber que remava contra a maré, não deixei de fazer representações, que por esta legação se remetteram para o Rio de Janeiro; ás quaes não se attendeu, continuando-se na mesma desordem.

A' proporção que as rendas do estado diminuiam com taes descaminhos e dilapidações, as despezas augmentavam cada dia mais, por novas mercês de pensões consideraveis, e novos empregos que se conferiam pela insistencia dos pretendentes, em pessoas incapazes de os exercer por mais de uma razão. Isto fazia, que os negociantes fallidos que não souberam manejar os seus negocios, e todo o intrigante que não tinha obstaculo em fazer a viagem ao Rio de Janeiro, obtinham á força de importunações os empregos que solicitavam em projuizo dos benemeritos por qualidades e serviços que a elles tinham direito! Entre estes intrigantes não faltavam emissarios das sociedades secretas de Portugal, que preparavam a revolução e a ruina da monarchia: taes como o Dr. Heliodoro, que bem desmascarado está pelos infames papeis que tem publicado em Lisboa, e o desembargador Rebello que com o pretexto de estabelecer novos regulamentos de saude, enganou tanto o ministerio que quando viu a revo-

lução proxima a rebentar, fez-se expedir como correio, pagando-se-lhe a passagem, e gratificação do costume, e chegando a Lisboa foi logo eleito deputado das côrtes! Foi este tratante quem redigiu a indecente carta que as côrtes dirigiram a el-rei; e quando nos debates da constituição se discutiu o artigo da auctoridade regia: teve a ousadia de insistir que se devia declarar a pena que se devia impôr ao rei, se infringisse algum artigo da constituição.

Não posso deixar de mencionar, que quando no anno de 1817 aconteceram as desgraçadas revoluções de Pernambuco e Lisboa, o escriptor d'esta memoria, estando intimamente persuadido de que o throno portuguez pousava sobre um volcão, e que a monarchia ia cahir em pedaços, e vendo ao mesmo tempo que não existia um ministerio, ao qual podesse dirigir as suas representações com esperança de serem attendidas: resolveu-se escrever sobre ponto de tão grande importancia a um seu antigo amigo, guarda roupa de S. A. R. o principe hereditario (que pouco depois partiu para Lisboa) expondo-lhe as desgraças que previa estarem imminentes, e que deviam necessariamente produzir a dissolução da monarchia e a ruina da nação. Que o unico remedio para obviar taes males seria que o principe real passasse immediatamente a Lisboa com o titulo de vice-rei, acompanhado de uma sessão do conselho de estado que se deveria criar, ficando a outra sessão junto a el-rei, no Rio de Janeiro; e que se passasse depois em um e outro reino, a combinar e pôr em pratica as reformas e melhoramentos que se julgassem necessarios, para promover a prosperidade progressiva de Portugal e do Brasil, e a perfeita consolidação do reino unido, ouvindo pelo modo que se julgasse mais proprio os votos dos principaes habitantes de cada provincia.

A esta carta respondeu o meu amigo, que elle combinava inteiramente com as minhas idéas, que conhecia a ruina para

que caminhavamos, que lêra a carta a S. A. R.: porém que infelizmente, quasi todos que rodeavam a el-rei eram de contrario parecer!

Vendo assim obstruidos todos os caminhos de informar el-rei com a energia que requeria o caso, dos grandes perigos que ameaçavam a monarchia: resolvi-me a fazer ainda uma tentativa para que tinha bastante repugnancia, que foi, escrever no anno de 1818 ao ministro Thomaz Antonio, com quem eu tinha tido bastante amizade até que sahi de Lisboa no anno de 1794: deixando-o a elle no lugar de provedor de Mont'alegre. Declarei-lhe nas minhas cartas, que achando-me em situação de estar bem informado do estado das cousas em Portugal e no Brasil; lhe podia segurar, que nunca a monarchia portugueza se achou em maior perigo do que actualmente: remettendo-lhe ao mesmo tempo varias memorias sobre o estado presente da Europa e da America, combatendo os principios com que algumas cabeças ocas procuravam suscitar a insensata questão, se convinha a el-rei abraçar o systema europeu, ou o americano! Questão fatal, que só tendia a confundir as idéas com sophismas, e a semear a zizania e a desunião entre os dois reinos; e mostrava-lhe nas mesmas memorias, que o rei do reino unido, não devia adoptar algum d'aquelles dois systemas, mas sim um novo systema combinado de maneira, que seja ao mesmo tempo europeu e americano. Que este systema não era tão difficil de combinar como parece á primeira vista; e desenvolvido nos seus verdadeiros pontos de vista, não se podia duvidar que as grandes potencias europeas, tem todo o interesse em apoiar a sua conservação.

Disse que tinha repugnancia a escrever áquelle ministro, porque conhecia pelos seus despachos que me passavam pelas mãos, a certeza do seu entendimento, e a sua ignorancia em materias politicas; e sabia igualmente, que era dominado,

sem elle o saber, por pessoas que olhavam mais para os seus proprios interesses, do que para os da monarchia e da nação. Julguei porém quando lhe escrevi sobre objectos de tão alta importancia, e que tanto pesavam sobre a sua responsabilidade, elle despertasse do lethargo ; e lembrando-se que quem lhe escrevia era uma pessoa da sua antiga amizade, que nunca lhe escrevera a pedir mercês ; que por espaço de 30 annos tinha presenciado em diversos paizes, o andamento e resultados das revoluções, e que pelo mesmo espaço lhe tinham em grande parte passado pelas mãos os negocios politicos mais importantes da monarchia: julguei, digo, que elle despertasse do lethargo, e procurasse informar-se ; ao menos por curiosidade, de quaes eram os meios que eu julgava capazes de estabelecer o systema europeu-americano que lhe indicava: enganei-me porém n'esta minha idéa: nem me accusou a recepção das cartas e das memorias ; ao que eu não estava acostumado, pois todos os secretarios d'estado a quem tinha remettido outras memorias, sempre me escreveram agradecendo, e informando-me que as tinham posto na presença d'el-rei. Passou portanto aquelle inepto ministro pelo desgosto de ver a monarchia cahir quasi em pedaços das suas mãos ; e se n'elle existem alguns sentimentos de patriotismo, deverá sentir no resto dos seus dias, os mais vivos remorsos de ter desprezado o que lhe escrevi dois annos antes da revolução de 24 de Agosto de 1820, annunciando-lhe que aquella catastrophe ia acontecer se não se tomassem para a obviar medidas promptas e adequadas.

Como pois a cega obstinação do ministerio em não querer apartar-se da antiga rotina, fazendo diariamente augmentar o descontentamento dos povos, concorria como de concerto com as manobras occultas das sociedades secretas para o identico fim de accelerar a revolução : não podia esta deixar de acontecer em pouco tempo : e a intempestiva partida do marechal

Beresford para o Rio de Janeiro, removeu o unico obstaculo que a podia retardar.

Um pequeno numero de individuos obscuros da cidade do Porto, de mãos dadas com outros semelhantes de Lisboa, foram os corifêos da pretendida regeneração portugueza; e não a poderiam effeituar, se não lhes fosse facil seduzir a tropa ao seu partido com falsas representações e promessas, visto andarem os seus soldos tão atrazados. Foi pois com o auxilio da tropa que aquella facção rebelde obrigou as auctoridades locaes, desde o Porto até Lisboa, a prestarem um juramento impraticavel e risivel, qual era de guardar fidelidade e obediencia a duas auctoridades supremas, a el-rei e ás côrtes. Tal juramento não só por esta, mas ainda por tres outras razões é nullo, e são: 1.ª Por ser forçado com bayonetas ávista em Lisboa, Porto, e Rio de Janeiro. 2.ª Porque um juramento d'esta natureza não póde desligar el-rei e os portuguezes do juramento que em virtude da constituição do reino tinham prestado ao seu legitimo soberano, e áquella constituição, a qual fôra formada pela vontade livre dos povos, e consagrada pela sua duração e saudaveis resultados no espaço de tantos seculos. 3.ª Porque ninguem em consciencia se póde obrigar por juramento, a cumprir cousas que não conhece; como é uma constituição que ainda se ha de fazer, e que póde conter em si principios destructivos da religião, da integridade e da existencia da mesma monarchia que se juramentar.

Que as auctoridades e o povo nas provincias não tomou parte na revolução, mas antes mostravam não a favorecer, se descobre bem das proclamações dos commandantes da tropa, e da correspondencia que tiveram com a junta do Porto, que incautamente publicaram.

Chegados os governantes do Porto a Lisboa escoltados por um grande numero de tropas: formaram o governo provisorio, composto de parte d'aquelles governantes, e de algum

dos seus socios de Lisboa. O povo, como era natural, exultou de alegria ao principio por ver evitada a guerra civil de que estava ameaçado, e lisongear-se de gozar as felicidades que se lhe promettiam nas proclamações, e entre ellas a vinda d'el-rei ou do principe real para Lisboa, que todos desejavam: porém logo o peso do aboletamento da tropa, e as transacções do governo intruso, lhes fez ver bem depressa que estavam enganados; e se desenganaram ainda mais quando presenciaram os acontecimentos do tremendo dia 11 de Novembro, em que foram constrangidos a dar dois juramentos contradictorios, e differentes do primeiro que tinham prestado.

Os individuos da facção que não foram empregados no governo intruso, se empregaram na junta preparatoria para as eleições das côrtes. Assim tendo, como dizem, a faca e o queijo na mão, arranjaram as formulas das eleições de tal modo, que combinadas com as manobras dos clubs secretos, fizeram sahir eleitos tantos individuos da facção, que esta adquiriu nas côrtes uma grande pluralidade de votos, com os quaes estabeleceu o seu despotismo desorganisador.

Segura pois d'esta pluralidade, a facção, despojou logo com um rasgo de penna el-rei da sua soberania e auctoridade real, e das prerogativas que gozava desde o principio da monarchia, e destruiu do mesmo modo a veneravel constituição que por tantos seculos fez a gloria da nação nas quatro partes do mundo, e com a qual, ajuntando-lhe algumas correcções accommodadas aos tempos se poderiam effeituar as reformas necessarias com mais segurança, que com uma constituição que ainda se ha de fazer, fundada em principios anarchicos, destruidores da monarchia, e da sabia e antiga organisação social, formada pelo bem entendido equilibrio de poder entre os tres estados: equilibrio que só póde manter na devida força e harmonia os direitos sagrados da religião, os do soberano e os dos subditos, cada um n'aquella ordem em que se acha

constituido. Sem a conservação d'estes direitos legitimamente adquiridos e possuidos por tantos seculos, não póde existir satisfação geral nos individuos que compõem a nação; e esta satisfação é o distinctivo mais conspicuo e certo de um bom governo, e da sua duração.

Destruindo pois a facção as bases em que pousava o magestoso e antigo edificio da monarchia, pretendeu estabelecer em seu lugar a monstruosidade já experimentada em Hespanha, de associar a existencia de um rei com uma constituição democratica ou anarchica, que são quasi synonimos! Porém os demagogos portuguezes não se contentaram com imitar os hespanhóes, mas declararam, que a constituição que fabricassem, deveria ser mais liberal do que a de Hespanha, o que quer dizer, ainda mais anarchica: sem se lembrarem, que os fundadores da anarchia sempre vem a ser victimas dos seus horrorosos resultados!

O primeiro passo da facção para destruir o poder real, foi o proclamar a soberania do povo: Chavão sophistico bem conhecido na tactica revolucionaria, como preliminar, da desorganisação de toda a ordem social existente. Por este meio, a mesma facção revestiu as côrtes, e por ellas a si mesmo. do poder soberano usurpado a el-rei, a quem segundo as formulas revolucionarias fingiram deixar o poder executivo: porém devendo este poder illusorio, obedecer aos decretos das côrtes, e declarando-se estas fiscaes dos actos d'aquelle poder, é a facção que dirige todas as suas operações. e é por insinuações d'ella que se provém todos os empregos, sendo el-rei meramente um executor subalterno dos seus decretos e mandados.

As attribuições do poder judicial foram igualmente usurpadas pela facção: pois as côrtes avocam a si processos, recebem requerimentos de toda a especie, e decidem até de tomadias de vinagres e aguas ardentes!

Todas estas usurpações feitas pela facção em nome das côrtes, além de serem subversivas de toda a ordem social, são tambem contrarias aos poderes que os deputados das intrusas côrtes receberam dos seus constituintes. Pelos ditos poderes os constituintes se obrigam « a obedecer, cumprir e « guardar tudo que os deputados das côrtes fizerem, e por « elles for decidido, *conforme as instrucções e ordens da junta « provisional, do supremo governo do reino.* « E a circular da « dita junta aos presidentes das eleições, que acompanhava « as sobreditas instrucções, se exprime assim: —» A necessida- « de que obrigou os portuguezes a dar este passo, como unico « que podia salval-os de uma total ruina, justifica as medidas « que até agora se tem tomado; e a paz e socego de que « felizmente gozamos, é um bem e um signal manifesto, com « que a mão do Omnipotente premêa o nosso zelo, e abençôa « os nossos desejos: *porque elles nunca foram nem são outros, « senão os de conservar em sua integridade e pureza a santa « religião de nossos pais, o amor e obediencia ao mais adora- « vel dos monarchas o Senhor D. João o VI, e a mais firme « adhesão á sua augusta descendencia.* » Portanto todas as usurpações feitas a auctoridade d'el-rei, e todos os desacatos e indecencias que as intrusas côrtes indignamente commetteram desde a chegada do mesmo senhor a Lisboa, retendo o á bordo por tanto tempo, degradando sem processo as pessoas que o acompanhavam, e muitos outros attentados contra a magestade do throno, que depois perpetrou a facção em nome das côrtes: são inteiramente contrarios á profissão expressada na referida circular; e por conseguinte são tantas infracções aos poderes que os deputados receberam dos seus constituintes.

Subvertidos por taes usurpações e attentados os principios fundamentaes da ordem social estabelecida desde o principio da monarchia: passou logo o genio destruidor da facção a

ingerir-se, sem ainda se ter feito a constituição, em reformas de todos os ramos da administração publica; sem attenção aos direitos de propriedade e individuaes, possuidos alguns d'elles desde o estabelecimento do throno portuguez: o que fizeram tambem em contravenção dos poderes concedidos aos deputados, que só os auctorisava a formar a constituição.

Logo pois que a facção deu este passo tão illegal como insensato, reduziram-se os trabalhos das côrtes a formar uma verdadeira torre de babel. Querendo imitar os governos representativos das outras nações. que em negocios e reformas complicadas, se servem ordinariamente de commissões para os investigar e referir: começaram por criar ao mesmo tempo uma infinidade de commissões compostas dos membros das côrtes, e tão mal distribuidas, que objectos que deviam estar unidos em uma commissão pela connexão que tem entre si, se acham separados em diversas commissões. Além pois das muitas commissões criadas para os objectos geraes dos diversos ramos de economia publica; ainda cada dia se estão criando outras novas para objectos de pouca monta. Por este modo, ha quantidade de commissões para os diversos ramos de administração, commissão da constituição—diplomatica—de premios—commissões *ad hoc*, commissões especiaes; emfim no meio de tal barulho, até ha uma commissão de commissões! Ainda aqui não pára. Não sendo sufficiente os membros das côrtes para as commissões que todos os dias se accumulam: criaram ainda commissões chamadas de fóra, e em cada provincia uma para objectos de industria, commercio, &c.!

Uma tal multiplicidade de commissões compostas de gente quasi todas sem conhecimentos praticos de negocios economicos, commerciaes e politicos, que são os que mais se precisam para reformas; e por conseguinte possuindo só as theorias que lhes inspiram os livros que cada um lê: é evidente,

que não póde produzir, senão uma confusão de idéas e medidas erroneas ; e é mesmo impossivel, que os trabalhos de tantas e tão mal ordenadas commissões, não empeçam uns a outros: tanto mais que os relatorios que ellas apresentam ás côrtes, são em grande parte improvisados, pois não se referem a documentos officiaes e depoimentos de pessoas praticas e intelilgentes nas matérias de que se tratam como se pratica nas commissões bem organisadas. Accresce mais, que por estas commissões, se distribue diariamente uma infinidade de requerimentos sobre bagatelas, que em paiz algum se dirigem a um corpo legislativo, com os quaes tomam o tempo ás commissões. Os resultados pois de um tal labyrintho de trabalhos, tem sido, e cada dia deve ser mais, os soffrimentos e clamores de todas as classes, e um descontentamento geral.

A immensa papelada contendo pareceres contradictorios, que se deve amontoar em tal cháos de commissões, seja dos trabalhos que n'ellas se fazem, seja das informações que se lhes dirigem, ou dos immensos projectos de curiosos que todos os dias se apresentam ás côrtes, e se distribuem pelas commissões: tal immensidade de papelada, digo, não póde deixar de infundir uma confusão de idéas nas cabeças dos que redigem os relatorios, os quaes sendo depois discutidos em côrtes pelos deputados, dos quaes a maior parte não tem conhecimentos praticos em materias economicas, commerciaes e politicas (como tem assás mostrado nos seus discursos:) é natural que o maior numero das suas decisões em taes materias, sejam mais nocivas do que uteis aos interesses do estado; particularmente sendo taes decisões definitivas; não havendo camara alta que d'ellas faça a revisão, nem tendo el-rei um *veto* que as possa sustar, pois o que as côrtes lhe querem deixar, é inteiramente illusorio.

A monstruosidade do systema de governo que a facção tem estabelecido, se faz igualmente conspicua examinando-o pela

parte da despeza. Uma moeda de ouro por dia a cada deputado —Despezas da secretaria das côrtes.—Dita das immensas commissões, cada uma das quaes deve ter secretario e amanuenses, &c. Uma relação que se deve criar em cada provincia segundo a constituição que estão forjando, &c., &c. Una-se pois a estas despezas que são novas, e devem ser enormes, a das secretarias de estado, tribunaes existentes e estações subalternas que só para as copias e informações que as côrtes e as commissões todos os dias d'ellas exigem precisam ter um grande numero de amanuenses, e veja-se que bellas economias resultam de tal governo! Toda a economia que estes famosos legisladores tem feito, consiste, em arbitrarem uma miseravel e indecente mantença a el-rei e á familia real, e reduzirem as pensões e os rendimentos dos empregados publicos de maneira, que é impossivel que estes não prevariquem.

Tendo até aqui considerado o governo regenerativo da facção em Portugal, pelos vicios da sua organisação e pelas despezas que custa ao estado: resta-me fazer ver a sua enormidade por signaes ainda mais palpaveis, que são os calamitosos resultados que tal systema vai amontoando todos os dias, sobre as diversas classes que compõem a nação; e bastará apontar os seguintes:

1.° O clero e a nobreza despojados da sua representação que gozaram desde a fundação da monarchia: o que não só é um ataque á propriedade, mas priva a religião e o throno dos seus mais seguros esteios, contra os ataques da irreligião, da demagogia, e da anarchia popular.

2.° Estabelecendo o sophistico e subversivo principio da soberania do povo: as tropas que se crêem parte d'elle e têem a força na mão, hão de necessariamente ingerir-se ás vezes em deliberar, e subtrahir-se á obediencia do executivo; muito mais existindo uma constituição que faz jurar obediencia a duas magestades! esta obediencia biforme, não póde deixar

de ser um principio activo de indisciplina no exercito, de anarchia e guerra civil. Os acontecimentos do Porto e Lisboa, e os que tem já occorrido em diversas partes do Brasil, são uma prova dolorosa da verdade d'esta asserção.

3.° Um grande numero de antigos criados do paço de ambos os sexos privados de subsistencia: um grande numero de empregados publicos lançados fóra dos seus empregos e pensões sem crime, comprehendidos os que do Rio de Janeiro acompanharam el-rei. Muitos dos empregados actuaes esbulhados de parte dos seus rendimentos, e nenhum tendo certeza de conservar o que lhe resta; pois a multidão de reformas que os energumenos das côrtes improvisam todos os dias, os ameaça continuamente da abolição dos seus empregos; ao mesmo tempo que a paga que recebem anda atrazada de muitos quarteis! Os bens da corôa extorquidos da propriedade e dignidade do throno. Os bens ecclesiasticos, que são uma propriedade como qualquer outra, ameaçados de disporem d'elles os facciosos em nome da nação, como succedeu em França e em outros paizes depois da revolução franceza. A reforma dos foraes reduz a metade os foros e pensões que os proprietarios por tão longo tempo receberam, sem se lhes assignar compensação alguma; e o mesmo succedeu com os direitos banaes. Todos estes actos do despotismo mais insoffrivel, promovidos pela facção nas côrtes, e concertados antes nos clubs revolucionarios, atacam directamente o direito de propriedade: todos tendem a deprimir o valor das propriedades, e fazel-as passar das mãos dos proprietarios ás *dos sans culotes* da facção. Esta incerteza na segurança das propriedades, tem produzido os consequentes resultados de uma miseria progressiva em todas as classes da nação, de esterilizar todas as fontes da riqueza publica, empecendo todos os ramos de industria; e finalmente, de criar immensos bandos de vadios e salteadores, que assolam o reino com roubos e

assassinos! Taes são os beneficios que o systema constitucional introduzido pelos facciosos, tem derramado sobre a nação! Isto é quanto pertence ás infracções do direito de propriedade, uma das bases da ordem social; e pelo que respeita a outra base que é a segurança individual; a protecção que a facção lhe promette na constituição que está fabricando, é a conscripção militar universal, a qual já se começou a praticar no actual recrutamento, com tal doçura constitucional, que os pretendidos cidadãos livres, são conduzidos algemados, do que já um deputado se queixóu nas côrtes! E isto succede, quando ao mesmo tempo, veteranos cobertos de honrosas feridas recebidas em longo serviço na gloriosa defesa da patria, são expulsos do exercito, vendo entrar n'elle com as antigas graduações os que marcharam armados contra a patria! E são estes miseraveis, constrangidos pela fome, forçados a mendigar, e a ir em tropel apoderar-se do trabalho dos galegos da alfandega, sendo depois lançados em masmorras por este acto de desesperação, provocado pelo despotismo da facção. Accresce a tudo isto que o pagamento da tropa anda atrazado de tres e quatro mezes!

Os actos que acabo de referir são infracções directas aos artigos 1.°, 3.°, 4.° 5.° e 7.° das bases da constituição; e quando os legisladores são os primeiros a illudir e annullar o juramento que deram de guardar fielmente aquellas bases, quem póde julgar-se ligado a tal juramento?

Não contente a facção de fazer experimentar no interior de Portugal a enormidade do seu governo regenerador, quiz ainda dar a conhecer no exterior ás outras potencias os seus extravagantes e vergonhosos effeitos. Todos os empregados nas missões diplomaticas foram despedidos dos seus lugares, sem attenção ao seu honrado procedimento e bom serviço de muitos annos; e para os seus lugares se nomeou um bando indecente de criminosos bem conhecidos: o que foi ao mesmo

tempo uma deshonra para a potencia que representavam, e um insulto áquellas junto ás quaes deviam render! O resultado de tal desatino foi, ter a facção o dissabor de não serem recebidos nas respectivas côrtes a maior parte dos que ella fizera nomear; e aquelles que o foram, fizeram logo taes despropositos, e mostraram tão depressa o pé de cabra, que as côrtes onde residiam recusaram tratar com elles, e exigiram que os retirassem. Tal foi a sorte das duas primeiras *caricaturas* diplomaticas, que a facção fez enviar á Londres e Paris.

O designio primitivo da facção era republicanisar gradualmente todos os Estados portuguezes; e de mãos dadas com os *exaltados e desencamisados* de Hespanha, os *carbonarios* de Italia, e as mais sociedades revolucionarias dos outros paizes, adiantarem, quanto fosse possivel, o estabelecimento do plano denominado Constituição fundamental dos libertadores do genero humano, de que até já se conhecem os estatutos. A existencia d'aquella fraternização prova-se bem pelas communicações dos membros da facção com os emissarios hespanhóes desde a conspiração de Gomes Freire, até ao tempo do revolucionario Pando encarregado de Hespanha, e pelos vinte mil cruzados mandados dar por decreto das côrtes ao general Pepe, quando fugido de Napoles chegou a Lisboa; ao mesmo tempo que a paga dos empregados publicos, e até a das tropas estava muito atrazada. Quando estas provas não bastassem; a atrocidade de algumas disposições adoptadas pelas côrtes, e a de varias expressões que n'ellas tem pronunciado os membros da facção, não deixam a menor duvida, de que os seus designios vão de accordo com o partido republicano e anarchico do Brasil a que allude o juiz de fóra do Rio de Janeiro na sua excellente falla dirigida a sua alteza real, dizendo — Desejou-se aqui, e escreveu-se para lá, que vossa alteza real sahisse do Brasil. E'

portanto fóra de duvida, que o partido que isto escrevia, estava de intelligencia com a facção que dictou nas côrtes o impolitico, indecente e monstruoso decreto para sua alteza real voltar para Lisboa, e ir viajar, fixando-lhe até os paizes onde exclusivamente devia ir; o que é um insulto não só á magestade do nosso soberano, mas tambem á sensibilidade dos outros soberanos, ligados com sua alteza real por vinculos de sangue e de amizade!!

Ajunte-se a esta prova a de outra determinação que a facção extorquiu das côrtes logo no principio do seu ajuntamento, e foi, que reconheceriam qualquer governo que se erigisse em cada provincia do Brasil, tendo como uma declaração de guerra contra Portugal, qualquer hostilidade que se commettesse contra elle! E' pois claro, que tal decreto foi deliberadamente publicado para excitar divisões e anarchia n'aquelle reino, para subtrahir aquelles povos da obediencia á El-rei e ao principe regente, e apoiar o partido republicano que deseja promover a anarchia e a independencia do Brasil, sem lhe importar os perigos, a que no meio de tal confusão ficaria exposto el-rei e a familia real, e igualmente as propriedades e segurança individual dos habitantes d'aquelle reino. Creio que não podem haver provas mais evidentes do quanto a facção procura accelerar a dissolução da monarchia.

Felizmente a sensata e energica representação da junta de S. Paulo, e os ultimos acontecimentos do Rio de Janeiro, foram um raio que assombrou a facção demagoga das côrtes, e fez despertar do lethargo o partido moderado. Os discursos de Fernandes Thomaz e outros da sua relé sobre aquelles acontecimentos, fizeram distinctamente ver quanto elles desejam a separação do Brasil; porém a minoridade em que ficaram em aquelle debate, mostrou assaz, quanto a opinião publica, e mesmo a das côrtes se vão elevando contra elles.

Tendo até aqui dirigido as minhas considerações aos factos

que occorrêram desde a invasão dos francezes em Portugal, até ao presente: cumpre-me consequentemente indicar algumas idéas e providencias que me parecem essenciaes para salvar a monarchia da perigosa crise em que se acha, conservando-a na sua integridade, e consolidando a união dos dois reinos; mas antes de referir estas idéas e providencias, convém que aponte as grandes razões de interesse, que tem cada um dos dois reinos em aquella consolidação; e faça mais algumas observações accessorias ao mesmo objecto.

Que Portugal separado do Brasil ficaria privado da principal base da sua prosperidade e poder, é uma verdade de tal evidencia, que só póde ser contestada por loucos ou por facciosos inimigos da monarchia, que para evitar o justo castigo que merecem os seus crimes, são capazes de sacrificar a patria ao jugo de outra nação.

Que o Brasil separado de Portugal perde muitos meios de augmentar progressivamente a sua prosperidade e poder, e fica exposto a bastantes perigos, é tambem uma verdade facil de demonstrar. Acresce mais, que se da separação dos dois reinos podem provir grandes desvantagens ao Brasil; não lhe resulta certamente d'ella vantagem alguma. Passo a exhibir as provas d'estas proposições.

E' bem conhecido que a monarchia portugueza considerada collectivamente na totalidade dos paizes que a compoem, contem em si elementos os mais proprios para elevar um imperio ao maior auge de prosperidade e poder, e apresenta ao mundo o novo e magestoso espectaculo de um reino unido, formando ao mesmo tempo uma potencia europea e americana, que tenha um grande peso, logo que a união seja bem consolidada, na balança politica dos dois hemispherios. A maior massa de elementos de riqueza e poder não se póde duvidar que estão encerrados no Brasil. Mas elles acham-se ainda em embrião; e para os desenvolver se precisa empregar os

meios mais seguros e que estão mais ao nosso alcance. Ora que a união de Portugal e das mais possessões portuguezas nas diversas partes do globo podem, debaixo de um bem entendido regimen, contribuir muito ao augmento progressivo da prosperidade e poder do Brasil: é uma asserção que quasi se prova pelo seu simples enunciado — tres milhões de consumidores seguros dos generos do Brasil que contêm Portugal e ilhas adjacentes: numero que uma boa administração póde mais que duplicar; e ajuntando a estes os habitantes das possessões portuguezas de Africa e Asia; são recursos que fariam grande falta ao Brasil se fosse d'elles privado. Sendo as possessões da monarchia tão vastas e tão escassas de povoação; que desgraça seria para os dois reinos, se a pequena familia portugueza fizesse entre si uma scisão separando a povoação branca em duas partes! A immensa extensão de costas que possue o Brasil: a quantidade e qualidade de generos que já produz, e a immensidade que póde ainda produzir; fazem necessaria a existencia de uma grande marinha mercante, que é a base de uma marinha de guerra, igualmente necessaria para proteger o commercio, e as vastas costas de mar d'aquelle reino de qualquer aggressão estrangeira. E' porém indubitavel, que não ha meio mais seguro de fomentar o augmento da marinha mercante do Brasil, e do ramo importante de construcção de navios, que o de reservar quanto for possivel para os navios nacionaes a navegação entre os portos das possessões portuguezas nas diversas partes do globo, o que não se póde pôr em pratica, se não se conservar a união d'aquellas possessões. Para o commercio de entreposto dos generos do Brasil não póde haver posição melhor que a do porto de Lisboa, que facilita ao mesmo tempo o commercio no Oceano e no Mediterraneo, e igualmente o de transito para Hespanha. As nossas possessões da Asia e Africa, são um grande recurso para o com-

mercio do Brasil. Se este recurso desapparece tal acontecimento póde produzir mui funestas consequencias n'aquelle reino; e é mui provavel que desappareça desatando-se a união dos dois reinos: pois nenhum d'elles tem forças maritimas nem terrestres para proteger possessões tão distantes, e não faltam potencias poderosas que as cubiçam. Não nos esqueçamos, que a Inglaterra ha muito tempo trabalha para ter estabelecimentos proveitosos na Africa, e que os de Angola, Benguella e ilhas adjacentes são de invejar. Lembremo-nos mais, que os inglezes tem o pretexto plausivel da abolição do commercio da escravatura que se lhes prometteu no tratado de 1810. Não nos esqueçamos finalmente, que os Estados-Unidos já tem feito varias tentativas para estabelecer colonias na Africa, e livrar-se assim gradualmente do grande mal da negraria que ainda se conserva n'aquelles Estados. A ambição d'aquelle governo, e o seu machiavellismo democratico (que é muito mais refinado que o dos governos absolutos), está bem conhecido; e elle será sempre um inimigo natural do reino do Brasil. Se o olharmos de outro modo achar-nos-hemos enganados.

Olhando agora a união dos dois reinos debaixo de um ponto de vista militar, e de segurança para conservar a integridade da monarchia: que recursos de posições favoraveis não offerecem os seus diversos portos! — Do porto de Lisboa se póde interceptar facilmente o commercio do Oceano e Mediterraneo. Da Madeira e Açores o commercio da America. Do Rio de Janeiro o commercio da Asia. Das ilhas de Cabo Verde o da Africa. Conservada pois a união dos dois reinos, as potencias maritimas, hão de cortejar a nossa amizade para terem aquelles portos abertos em tempo de guerra; e por este meio poderemos formar as allianças que mais nos convierem. Não posso tambem deixar de mencionar, que a povoação de Portugal e ilhas adjacentes, é a mais propria para fornecer recrutas

ao exercito do Brasil: assim como em quaesquer guerras futuras que aquelle reino possa vir a ter: a tropa e marinha de Portugal poderão prestar grande auxilio aos seus irmãos no Brasil, logo que o exercito seja reorganizado como o era antes que a facção revolucionaria o seduzisse e introduzisse n'elle a indisciplina, fazendo d'elle instrumento para desorganizar todos os fundamentos da ordem social, e fazer cahir em pedaços o magnifico edificio do imperio lusitano! O mesmo auxilio poderá o Brasil receber da tropa de Portugal reorganizada em qualquer sério levantamento de negros, que ainda mais se devem temer, em quanto o incendio revolucionario não se extingue inteiramente no continente americano.

Tendo (segundo creio) produzido provas sufficientes para mostrar o grande interesse que tem os dois reinos na sua estreita união: resta fazer ver os meios mais proprios de consolidar esta união, e de evitar os erros e obstaculos que a ella se possam oppôr.

Na excellente falla que o juiz de fóra do Rio de Janeiro dirigiu a S. A. R. o principe regente se acha expressado ; « que aquelle povo vive animado da mais sincera e ardente vontade de permanecer unido a Portugal pelos vinculos de um pacto social, que fazendo o bem geral de toda a nação, faça o do Brasil por anneis de condições em tudo iguaes. »

Parece-me pois, que as clausulas da lei fundamental de união que referirei na conclusão d'esta memoria, preenchem completamente os desejos manifestados n'aquella falla ; estabelecendo, quanto é possivel, condições as mais iguaes para os dois reinos irmãos ; e as quaes tambem, não só obviam que algum d'elles pese sobre o outro, mas promovem que elles se coadjuvem mutuamente em tudo que fôr do commum interesse. — Logo que todas as operações dos governos dos dois reinos tiverem por base estes principios : é evidente que a sua

união deve ser permanente : e só circumstancias externas, ou commoções e anarchia internas, a poderão perturbar.

Quanto a commoções internas e anarchia, que é o que o Brasil mais póde temer, só a poderão produzir indiscripções e falta de união da parte dos seus habitantes que tem que perder, e são interessados em evitar tão grande mal. Os muitos exemplos dos horrores e desgraças, com que a revolução franceza, e as outras que ella gerou em differentes paizes tem assolado a Europa por trinta annos : fazem assás ver, que constituições representativas improvisadas, particularmente por meio de revoluções, devem sempre ter aquelles terriveis effeitos. Os que figuram ordinariamente em taes occasiões para legislar sobre a felicidade dos povos, são homens audazes com as cabeças cheias de theorias, que reduzidas a pratica, produzem mais mal do que bem: tanto mais, que poucos obram de bôa fé, e a maior parte são guiados por paixões e fins particulares. Querer pois equilibrar por garantias as paixões e vistas interessadas, ou para melhor dizer a collisão dos diversos interesses dos homens, com a mesma precisão com que se equilibram as forças de uma machina, será sempre uma chimera que produzirá fataes consequencias. A garantia da ordem social são as leis ; mas para que estas se mantenham sempre em vigor, é indispensavel que o executivo (particularmente em um governo monarchico) tenha uma superioridade de poder, e seja revestido de tal magestade, que infunda um grande respeito aos povos e a todas as auctoridades do estado, e adquira a devida consideração entre as outras potencias. Basta pois em um governo representativo, que os dois poderes legislativo e judicial tenham uma grande influencia, como de ordinario tem, um na formação das leis, e outro na applicação d'ellas. Isto é sufficiente para cohibir o executivo de abusar do seu poder contra a ordem social estabelecida: tanto mais que da conservação d'ella depende a conservação d'a-

quelle poder. Não é pois de recear, que elle cometta alguns abusos essenciaes se a balança do poder inclina mais para a sua parte: quando se ao contrario ella inclina para a parte da representação nacional; bem depressa o executivo ficará paralysado, e a anarchia será a consequencia.

As verdades que acabo de referir bem evidentes em theoria, são comprovadas não só pelos factos historicos de todos os tempos, mas pelo que se tem passado na Europa e na America estes quarenta annos, e se estão ainda passando actualmente. Muitas cabeças superficiaes endoudeceram com o espectaculo de prosperidade que n'este periodo lhes tem apresentado a Inglaterra e os Estados-Unidos: capacitando-se ser ella toda devida á excellencia das suas constituições, e por conseguinte procuram por todos os meios fabricar tambem uma constituição á sua fantasia para os seus proprios paizes.

Examinando-se porém com a devida attenção os factos e as circumstancias, descobre-se facilmente, que a prosperidade de Inglaterra é devida pela maior parte as seguintes causas que são alheias da constituição. Ter o seu governo o bom senso de perceber que a posição insular da Gram-Bretanha exigia que o seu principal cuidado fosse dirigido a augmentar progressivamente o seu commercio e navegação mercante, e assim tambem a sua marinha de guerra.—O seguir o mesmo governo este trilho por mais de um seculo, desprezando algumas das doutrinas de Adam Smith, que muitos theoristas adoram como as de um oraculo; e empregando para conseguir o fim proposto, regulamentos restrictivos, que o estudo das circumstancias lhes aconselhou, e a experiencia confirmou com felizes resultados.—O desgoverno e loucuras das outras nações de que o governo inglez se tem sabido aproveitar. Por este meio a emigração das manufacturas dos Paizes Baixos, deram principio e vigor a uma parte das da Inglaterra; e a

revolução franceza destruindo ao mesmo tempo a sua propria marinha, a de Hespanha, de Hollanda, de Veneza e Dinamarca: destruindo o commercio e navegação de todas as nações maritimas da Europa; e ameaçando de total ruina a todos os capitalistas e braços industriosos d'este continente: fez passar á Gram-Bretanha a maior parte dos capitaes, a industria, commercio e navegação das outras nações; além de importantes possessões, que a mesma loucura revolucionaria do continente lhe fez adquirir constituindo-a inteiramente senhora dos mares, pela destruição total das outras marinhas.

Eu não duvido que a constituição ingleza tenha tambem alguma influencia na prosperidade da Gram-Bretanha: mas note-se que esta constituição, o que a tem conservado, são os defeitos que os radicaes lhe imputam: isto é, os grandes meios de influencia ou de corrupção, como elles lhe chamam, que o governo tem nas suas mãos para dirigir os negocios. Se o governo fôr despojado d'estes meios pela reforma do parlamento solicitada ha tantos annos pelo partido demagogo: succederáõ na Gram-Bretanha as mesmas desgraças com que o fanatico espirito revolucionario tem devastado os continentes europeu e americano.

Quanto aos Estados-Unidos, póde-se dizer que a sua independencia não foi effeituada por uma revolução na ordem das cousas estabelecida, mas só por uma simples separação. Aquelles estados, tiveram sempre no tempo de colonia governos com fórmas republicanas, a que estavam habituados; e a legislação era feita debaixo das mesmas fórmas. Com a separação ficaram subsistindo quasi as mesmas fórmas de governo em cada estado; e só tiveram a formar um governo e representação central. A prosperidade que se notou n'aquella republica depois da sua independencia, não foi devida á sua constituição; mas sim ao acontecimento da revolução franceza immediato ao estabelecimento d'aquella constituição.

A carestia de grãos que houve em França no principio da revolução, fez adquirir grandes ganhos aos americanos; e sendo a sua bandeira a unica neutra na longa guerra que aquella revolução produziu, por esse meio se senhorearam da maior parte da navegação mercante das outras nações, alcançando até superioridade sobre a navegação ingleza na India. Os capitaes pois adquiridos por circumstancias tão favoraveis, e os que conduzia áquelles estados a emigração que n'elles se refugiava dos horrores revolucionarios que devastavam a Europa; foram o principio activo que fomentou mais e mais n'aquelle longo periodo a industria interna e externa d'aquelles republicanos. Por conseguinte, as rendas publicas cresceram, e o credito publico se restaurou em grande parte.

Foram por tanto estas circumstancias accidentaes, e não a constituição nem a independencia que produziu a prosperidade d'aquella nova potencia: o que é ainda mais evidente quando se observa, que depois da paz geral de 1815, a sua industria, commercio, navegação e as rendas publicas, diminuiram de metade n'aquelles estados: começou logo a apparecer um grande *deficit* nas contas annuaes, e o credito publico a soffrer grandes embaraços. Tambem aquelles que conhecem bem aquelle paiz e sua constituição, a differente mistura de habitantes que em si encerra, e as inquietações, e dissenções continuas a que dão causa as repetidas eleições, e os partidos que existem n'aquella republica, estão persuadidos de que, logo que a povoação chegue a um certo auge n'aquelle vasto territorio, ou não esteja em justa proporção com a industria e meios de subsistencia: aquella constituição não póde subsistir.

Vê-se pois do que acabo de expôr, que todo o paiz que pretender imitar os Estados-Unidos em declarar a sua independencia, se antes não foi regido por fórmas republicanas, ás quaes as leis sejam moldadas e os seus habitantes affeitos:

devem esperar resultados mui differentes dos que seguiram á independencia d'aquelles estados, muito mais não existindo as circumstancias accidentaes que referi.

Se nos recordarmos tambem do acontecido em França a respeito de constituições n'estes ultimos trinta annos: não podemos deixar de reconhecer, que nas differentes constituições adoptadas n'aquelle paiz em tão curto periodo, a ordem publica se restabelecia á proporção que o executivo tinha maior poder. As Constituições que se adoptaram em Baviera e em outros estados da Allemanha, tambem se sustentam pela mesma razão de inclinar a balança do poder para o executivo.

Note-se mais que todas as constituições de que tenho fallado, além do grande poder que conferem ao executivo, todas dividiram a representação nacional em duas camaras; tão geralmente é conhecido, quanto é absurdo e perigoso concentrar aquella representação em uma só camara, das decisões da qual não se póde appellar: o que necessariamente a deve fazer degenerar em um despotismo anarchico o mais insupportavel de todos os despotismos: pois no de um só, ainda se podem prever e culcular os males que póde produzir, para os evitar com destreza. Mas no despotismo de muitos, os males são incalculaveis na sua qualidade e quantidade, pois cada dia apparecem alguns novos. —Os mesmos republicanos dos Estados-Unidos, apesar de terem uma constituição democratica, estavam tão persuadidos do quanto em taes assembléas eram necessarias duas camaras, que não só as criaram no congresso geral; mas até os governos de cada estado, são pela maior parte compostos de duas camaras.

A' vista da exposição rapida que acabo de fazer dos resultados das constituições representativas dos diversos estados, que espanto não deve causar o ver a Hespanha improvisar uma constituição, marcada desde a sua nascença com o sello

da anarchia, que se vai cada dia manifestando mais, e precipitando a nação no abysmo da guerra civil.

Os diversos governos revolucionarios formados nas americas hespanhólas commetteram o mesmo erro, o qual é uma das causas mais poderosas da anarchia e devastação que tem assolado aquelles paizes. Pelos documentos apresentados na sessão actual (1822) pelo presidente dos Estados-Unidos á camara dos representantes, consta, segundo os relatorios de pessoas que o governo expedira ao Mexico, para informarem sobre o seu estado actual, que a povoação d'aquelle reino antes da insurreição de 1810, era de seis milhões as rendas publicas vinte milhões de dollars por anno: cunhando-se na casa da moeda da cidade vinte oito milhões de dollars por anno. A em 1821 a povoação acha-se reduzida a quatro milhões as rendas a metade do que eram; e o cunho da moeda a quatro milhões; tendo tudo decahido de anno a anno!

Os nossos demagogos da cabala do Porto e de Lisboa deitaram a barra ainda mais longe do que os das outras nações que tomaram por modelo. As villanias escandalosas usadas com el-rei, e com o herdeiro da corôa tambem definidas na representação da junta de S. Paulo, excede tudo quanto os hespanhóes fizeram; e na arte de destruir sem edificar, se tem distinguido muito mais a facção demagoga portugueza do que a hespanhóla.

Não satisfeita porém aquella cabala da anarchia que plantou em Portugal: tem tentado todos os meios para transplantar ao Brasil esta planta destruidora. Muito tinham já adiantado esta iniqua obra de perdição, e a levariam bem depressa ao fim, se a representação da junta de S. Paulo e da camara do Rio de Janeiro; e o memoravel decreto de 16 de Fevereiro de 1822 não viessem estabelecer as bases de deliberações, que sendo madura e prudentemente tomadas, poderáõ salvar a monarchia e a nação de grandes calamidades que as ameaçam

e as deveriam conduzir a uma total dissolução. Estes importantes documentos, puzeram as côrtes de Lisboa na maior perplexidade, e a facção no cume da desesperação, vendo descobertos os seus iniquos projectos, e elevando-se contra elles um grande partido nas mesmas côrtes, que se fosse forte em energia, como o é em numero, já os membros da cabala estariam reduzidos ao nada de que sahiram.

CONCLUSÃO.

A'vista de tudo que fica exposto, dependendo inteiramente a salvação da monarchia e da nação, nas criticas circumstancias em que se acham, das deliberações que S. A. R. o principe regente houver de tomar, ouvindo o seu conselho composto de representantes das diversas provincias do Brasil segundo as clausulas do decreto de 16 de Fevereiro de 1822: cumpre-me lembrar algumas maximas essenciaes que nunca se deveráõ perder de vista no decurso d'aquellas deliberações; e assim tambem as principaes clausulas de uma lei fundamental, que consolide sobre as firmes bases de perfeita igualdade de direitos, de prerogativas e de reciprocos interesses, a união dos dois reinos.

As maximas de que trato, são:

1.ª

Que o ponto fundamental para segurar a prosperidade e mesmo a existencia não só do magnifico reino do Brasil, mas de toda a monarchia, consiste, em conservar aquelle reino na sua integridade, prestando todos os seus habitantes a devida e necessaria obediencia a S. A. R. o principe regente.

N. B. — A facção das côrtes tem assás feito ver quanto procura por todos os meios retalhar e republicanisar o Brasil. Já

ficam referidas n'esta memoria provas bastantes d'esta asserção. As grandes calamidades que taes tentativas tem já causado, e podem ainda causar áquelle reino, são obvias, quando se considera, que a sua povoação contém tanto vadio, e um tão grande mosaico de differentes côres. E' sobre os que tem que perder que o maior peso d'aquellas calamidades ha de recahir. — Accresce, que não faltam potencias, que já calculam com a anarchia e dissolução d'aquelle reino, para d'ahi tirarem partido.

O unico remedio é formarem uma muralha á roda do throno do regente todos que tem que perder, e empregarem todos os meios para conservar a ordem publica, a obediencia ao principe, e assim a integridade do reino.

2.ª

Tendo, segundo creio, provado assás n'esta memoria as grandes vantagens que devem resultar aos dois reinos de se manterem na mais perfeita união: para que esta se effeitue; será necessario ter sempre em vista a seguinte maxima, que julgo de eterna verdade.

« Que é uma chimera pretender consolidar a união de Portugal com o Brasil por meio de uma constituição representativa, com um só congresso annual, e legislando este para ambos os reinos. »

N. B. — Cada um dos dois reinos se acha em differentes circumstancias, que em muitos casos requerem differentes leis e promptas providencias adaptadas ás localidades, e ás mudanças que n'ellas occorrem. Porém a mania do espirito revolucionario do tempo, é pretender simplificar e uniformar cousas que não admittem simplificação ou uniformidade. Por conseguinte os effeitos de taes operações são sempre confusão e desordem. A chimera porém de generalizar a legislação

para os dois reinos, deve ter ainda effeitos mais fataes, quando ella é producção de um congresso formado nos principios mais anarchicos, que o delirio revolucionario tem até aqui inventado.

A cabala das côrtes tem feito ver pelos seus discursos e publicações feitas em Lisboa, quanto promove a separação dos dois reinos. E' pois necessario, que os habitantes do Brasil, que tão discretamente tem conhecido, quanto convém aos dois paizes o manter-se em uma bem entendida união, não se deixem cahir na trama: e desprezem todas as insolencias e loucuras que contém aquelles discursos, para excitar odios entre os portuguezes dos dois reinos.

Devendo pois o reino unido, para promover a sua prosperidade e poder, adoptar um systema politico europeu e americano: deve-se renunciar ás phantasticas e loucas idéas de abraçar o Brasil o pretendido systema americano, alliança com os Estados-Unidos, ou com os insurgentes hespanhóes: extravagancias, que pondo-se em pratica, produziriam ruina certa ao reino do Brasil; o qual nas circumstancias actuaes não deve procurar novas allianças; mas só manter-se em paz com todo o mundo.

3.ª

Que uma constituição democratica seria a ruina do Brasil, e particularmente dos que têem que perder: por conseguinte, que aquelle reino, não deve sujeitar-se para o seu regimen, á constituição que as côrtes de Lisboa tem forjado.

N. B. — Os calamitosos resultados que tem tido todas as constituições democraticas de uma só camara que nos nossos dias se formaram em França, Hespanha, Napoles e Portugal, e mesmo nas americas hespanholas: devem servir de exemplo ao Brasil: tanto mais tendo ainda que temer as consequencias que a revolução de França teve em S. Domingos.

4.ª

Que é a unidade de um poder executivo hereditario, e não a do corpo legislativo, que póde perpetuar a união dos dois reinos. Porém esta unidade só se póde effeituar, residindo o soberano em um reino e o principe herdeiro da corôa no outro: pois só por este modo o rei se póde reproduzir em duas pessoas com os mesmos direitos, e com identicos interesses na prosperidade e perpetua união dos dois reinos. E' portanto indispensavel formar uma lei fundamental de união sobre este principio, e estabelecendo uma igualdade de direitos, prerogativas e vantagens em ambos os reinos, e regulando a sua administração de maneira, que algum d'elles seja de peso ao outro; mas antes se coadjuvem mutuamente em tudo que for de commum interesse. Logo que todas as operações dos governos dos dois reinos tiverem por base estes dois principios: não se póde duvidar que a sua união deve ser duravel. Passo pois a expôr algumas clausulas essenciaes que julgo deve conter a dita lei.

1.ª Que a residencia do soberano será indistinctamente em Portugal ou no Brasil, segundo as circumstancias dos tempos, e os interesses da monarchia o exigirem: porém que havendo principe real, logo que tenha a idade competente irá residir com o titulo de regente n'aquelle dos dois reinos em que não está o soberano.

2.ª Que se forme um conselho d'estado, o qual se dividirá em duas secções, residindo uma junto a el-rei e a outra junto ao regente. Em ambas as secções deve haver conselheiros oriundos de Portugal e do Brasil. Os ministros secretarios de estado em ambos os continentes serão membros d'este conselho. El-rei nomeará os conselheiros e ministros d'estado que tiver junto a si; e o regente proporá á sancção d'el-rei os que formarem a secção do seu conselho Todos os membros

do conselho, a qualquer das duas secções que pertençam, terão a mesma graduação, sendo a precedencia nos assentos por ordem da antiguidade. El-rei chamará julgando-o conveniente para a secção do conselho que tiver junto a si, qualquer dos membros da outra secção; e n'esse caso o regente proporá outro para o seu lugar.

(Discutir-se-ha se o conselho deve ter numero certo de membros.)

3.ª No caso que em futuro (o que Deus não permitta) não haja por algum tempo principe real, ou este não tenha a idade competente para ser regente: a secção do conselho d'estado do reino onde o principe deve residir, se formará em conselho de regencia para o qual el-rei nomeará um presidente.

4.ª Todos os empregos a prover, serão provisoriamente conferidos pelo regente no reino em que residir, fazendo a proposta a el-rei para a sua confirmação, e indicando-se n'ella as qualificações do nomeado, afim de se examinar em conselho antes de obter a sancção regia, se as qualificações correspondem ao que sobre ellas se achar determinado na lei regulamentaria que se deve formar sobre este objecto. Os cargos e empregos em cada um dos dois reinos serão conferidos indistinctamente a oriundos de Portugal e do Brasil.

5.ª A administração interna de cada um dos dois reinos será regulada pelos seus governos respectivos segundo as suas circumstancias locaes: porém todos os regulamentos que fizer o regente no reino em que residir, serão mandados executar provisoriamente até que pela confirmação do soberano passem em lei.

N. B. — Creio ser este o unico meio de conservar o rei a prerogativa da sancção de todos os actos essenciaes do governo do reino unido, sem impedir o curso da administração em cada um dos dois reinos, como pela primeira clausula d'esta

lei fundamental, o soberano em uns tempos ha de residir em Portugal, e em outros no Brasil: todas as clausulas precedentes. vem a estabelecer a maior igualdade possivel de direitos, prerogativas e vantagens entre os dois reinos: pois se um pela residencia do soberano, goza por um tempo de mais algumas pequenas prerogativas do que o outro: este gozará as mesmas quando o rei lá residir.

6.ª O regente poderá conferir no reino onde residir certos gráos de nobreza (que se devem ind'car;) segundo as qualificações e serviços que se designarem por uma lei que se publicará a es'e respeito. Os gráos mais altos de nobreza serão só conferidos pelo rei: podendo, porém, o regente recommendar alguma d'estas graças, quando ellas recaiam em qualificações determinadas pela lei.

N. B. — Quando por lei se designarem com precisão os requisitos que se requerem para cada emprego, e para alcançar os diversos gráos de nobreza; tendo aquelles requisi'os por objecto o melhor serviço dos empregos. e estes o pagar com gráos de nobreza serviços feitos ao estado: a; pessoas oriundas dos dois reinos ficam com igual accesso aos lugares e á nobreza.

O conferir-se a nobreza debaixo de regras tão justas, produzirá outro grande bem, que é, o criar uma nobreza nova adornada de qualidades que lhe adquiriram aquelles titulos: e entre ellas a actividade e energia, sem as quaes nenhum corpo representativo do estado, póde substituir, particularmente em tempos de turbulencia; e a antiga nobreza tem-se mostrado tão nulla, tão apathica vendo-se despojar das suas prerogativas e rendas, que só a emulação e exemplo de uma nobreza novamente creada, a fará despertar, e envergonhar-se da triste figura que estão fazendo, bem differente da que fizeram seus antepas ados.

As clausulas que acabo de referir, segundo me parece

indicam os meios mais proprios para consolidar a união dos dois reinos; e portanto lisongeo-me que mereçam a attenção de sua alteza real o principe regente e do conselho do reino que o mesmo senhor se dignou convocar. Conheço bem que a adopção d'aquellas clausulas, depende não só das decisões do governo do Brasil, mas tambem da annuencia do de Portugal; e que em quanto a facção predominar nas côrtes, estas recusarão sempre annuir a taes clausulas.

Porém, por outra parte não havendo duvida, que seria uma ruina para o Brasil, se o seu governo obedecesse ás extravagancias loucas e impoliticas d'aquellas intrusas e informes côrtes: é portanto necessario, que aquelle governo encare com essa difficuldade, e prosiga para a vencer com a mesma energia, que tem empregado na grande obra da restauração da auctoridade real, que com tanto acerto começou.

Parece pois natural, que o conselho dos representantes das diversas provincias d'aquelle reino, logo que se reunam, comecem os seus trabalhos por formar uma serie de resoluções que sirvam de base áquelles trabalhos, e ás quaes possam transmittir ás côrtes de Lisboa, como a expressão da vontade dos habitantes do Brasil para a união dos dois reinos. Entre os diversos pontos que para esse fim podem lembrar, creio que devem ter lugar os seguintes:

1.° Que os habitantes do reino do Brasil, estão intimamente persuadidos que a constituição democratica feita pelas côrtes de Portugal, não póde ser adoptada no reino do Brasil, sem uma ruina certa para aquelle reino.

2.° Que não sendo possivel amalgamar uma constituição democratica com uma monarchia: a constituição que as côrtes estão formando, não póde tambem deixar de produzir desgraças incalculaveis em Portugal, e a dissolução da monarchia.

3.° Que os juramentos prestados a uma constituição que

não existe, devem-se julgar illegaes e portanto nullos: tanto mais que foram prestados por coacção imposta pelas tropas seduzidas a obrarem contra o juramento das suas bandeiras.

4.° Que um congresso annual de uma só camara, revestido do poder soberano, é uma monstruosidade de que só póde resultar o mais horrivel despotismo: Que o estado da Hespanha comparado com o dos mais paizes da Europa, bem o patentêa. — E até os membros do primeiro congresso dos Estados-Unidos estavam bem penetrados d'esta verdade, pois crearam duas camaras na sua constituição.

5.° Que portanto os habitantes do Brasil não podem deixar de ver com a maior magoa e reprovação, que os representantes da nação residentes em Portugal, tenham tomado sobre si derrubar de um golpe a antiga constituição da monarchia portugueza; e despojar el-rei dos seus direitos e prerogativas de que foi revestida a corôa desde o estabelecimento do throno: reduzindo assim a magestade do monarcha a uma auctoridade subalterna, que indevida e indecentemente é obrigada a executar os decretos das côrtes: o que é tanto mais de admirar por serem taes actos em perfeita contradição ás promessas que os primitivos regeneradores do Porto fizeram á nação na sua proclamação de 24 de Agosto.

6.° Que reconhecendo os habitantes do Brasil o principio de que a soberania deriva originariamente do povo, que não a podendo exercitar, é obrigado a delegal-a: reprovam comtudo o principio de que a magestade do poder supremo, possa ser delegado aos representantes do povo em uma monarchia.

7.° Que sendo o objecto da regeneração portugueza, o corrigir grandes abusos de administração que existiam: os habitantes do Brasil estão intimamente persuadidos, que pelo que pertence áquelle reino, o melhor modo de effeituar as reformas necessarias sem pôr em perigo a tranquilidade pu-

blica, é o que sua alteza real o principe regente adoptou pelo decreto de 16 de Fevereiro de 1822. E á proporção que as reformas se forem effeituando, se discutirá com madureza a época em que convirá ao Brasil adoptar uma constituição de duas camaras, que se aproxime quanto ser possa a antiga constituição da monarchia, que a creou e fez florescer por tantos seculos.

8.° Que é a opinião dos habitantes do Brasil, que á vista do descontentamento que existe em Portugal com a nova ordem de cousas, e a desapprovação que tem ássás mostrado as grandes potencias de verem el-rei despojado dos seus direitos e prerogativas: as côrtes d'aquelle reino reconheçam que a constituição que tem começado a formar é impraticavel, e revertam á convocação das antigas côrtes com aquellas emendas e variações, que as circumstancias dos tempos requererem, para cujo saudavel objecto concorreráõ de boa vontade os habitantes do Brasil.

9.° Que é bem decidida opinião dos habitantes do Brasil, que para se consolidar a união dos dois reinos sobre as firmes bases de igualdade, de direi'os, de prerogativas e de interesses reciprocos, será mui necessario que se forme uma lei constitucional com as seguintes clausulas.

(Aqui os artigos que ficam apontados para a dita lei, e os mais que lembrarem.)

10. Que qualquer que seja a resolução que as côrtes de Portugal adoptem á vista das presentes tomadas pelos habitantes das provincias do Brasil; estes declaram ser sua firme e inalteravel vontade, que este reino em todas as circumstancias que possam occorrer, se considere sempre como parte integrante do reino unido de Portugal, Brasil e Algarves, jurando perpetua fidelidade ao seu augusto fundador o Sr. rei D. João VI, e á sua augusta dynastia. E para que esta resolução tenha toda a força e validade: nós os representantes

de nação, convocados n'esta assembléa: rogamos, respeitosamente a sua alteza real o principe regente, que nos faça a promessa solemne de nunca renunciar aos direitos e prerogativas que lhe competem como herdeiro da corôa em todos os paizes que compoem a monarchia portugueza.

N. B. Estas resoluções fazendo-as ratificar pelas diversas camaras das provincias do Brasil; e ajuntando o protesto do regente de as approvar e manter: hão de certamente produzir um grande effeito em Portugal; e o governo do Brasil, seguindo este plano com firmeza e energia, poem-se na melhor posição possivel para fazer recahir sobre as intrusas côrtes, toda a responsabilidade dos males que soffrer Portugal: quando ao mesmo tempo se o reino do Brasil se consolida na sua integridade, debaixo de um regimen monarchico: deve necessariamente ter a maior preponderancia no continente americano; e Portugal ainda quando por intrigas e violencias atrozes da facção se venha a separar: não poderá tal separação durar por muito tempo.

O plano da união dos dois reinos que acabo de propôr; e cuja adopção procurei infructuosamente promover desde 1815, quando dependia sómente do governo de o pôr em pratica: vejo que a providencia, que sempre protege a monarchia, o vai promovendo agora, ainda que por circumstancias extraordinarias e violentas. El-rei acha-se em Portugal, e o principe real no Brasil, apesar de tantos esforços que fizeram para o impedir pessoas que lhes importa mais os seus interesses particulares do que os da monarchia. Não desprezemos, mas antes sigamos assiduamente a indicação que a providencia tão evidentemente nos faz: pois os caminhos que ella nos mostra são sempre os que mais nos convém.

Julgo não dever terminar esta memoria, sem fazer menção de alguns pontos de grande interesse para o reino do Brasil, e que os representantes das provincias convocados em con-

selho, convém que tomem em consideração sem perda de tempo. Vem a ser:

1.° Dar pomptas e adequadas providencias para que a abolição do commercio da escravatura promettida no tratado de 1810, se effeitue quanto antes, prevenindo com taes providencias os males que ella deveria produzir no Brasil. Nenhuma providencia efficaz deu o ministerio do Brasil no espaço de treze annos para prevenir estes males, excepto a medida de carregar de direitos a entrada dos escravos, e outras obvias e inefficazes. As medidas a adoptar, devem ter por objecto, animar a procreação dos negros no Brasil sem novas importações serem necessarias; e criar novos meios de conservar o commercio do Brasil com a Costa de Africa, sem o trafico de escravos; e não faltam certamente providencias para preencher objectos tão essenciaes.

Lembremo-nos que pretender civilizar o Brail, e promover a sua prosperidade e segurança, transplantando para elle a negraria da Africa, é um absurdo o mais extravagante e nocivo. Cada nova importação de escravos, são novos combustiveis que se accumulam no volcão! Não nos esqueçamos tambem, que os cruzadores inglezes, hão de aproveitar-se da desordem em que se acha a monarchia, para commetter depredações nos navios de escravatura; e agora não haverá negociações que os faça pagar quinhentas a seiscentas mil libras que lhe fez pagar o tratado de Vienna de 1815.

2.° Ter todo o cuidado em regular a policia a respeito das pessoas que passam ao Brasil tanto portuguezes como estrangeiros: a fim que se não augmente o numero de vadios e intrigantes demagogos: pois me affirmam que francezes ahi estabelecidos, tem lojas maçonicas, onde até admittem os negros!

3.° Organizar os governos das diverssas provincias, de maneira que o governo central, e por conseguinte o regente,

tenham n'elles grande influencia; e que toda a força armada do reino esteja debaixo das ordens do mesmo governo. Que o regente nomeie os governadores das armas, e que estes sejam os presidentes dos governos provinciaes.

4.° Que os orçamentos annuaes de receita e despaza formados no erario, sejam apresentados ao conselho dos representantes para serem examinados por uma commissão que elle nomeará: tendo esta commissão o poder de pedir todas as informações que precisar de qualquer repartição ou estação subalterna, e de chamar a exame e depoimento as pessoas que julgar necessario.

Sem uma providencia continuamente activa d'esta natureza: será impossivel desfazer a intrincada e extensa cadêa de conluios e dilapidações, que ha muito tempo existem na administração da fazenda, e em cuja continuação tantos individuos são interessados.

Muito tinha que dizer e suggerir sobre os precedentes quatro pontos, mas o limite do tempo para expedir esta memoria, não o permitte.

4 de Junho de 1822. — Londres.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

2.º TRIMESTRE DE 1863.

HISTORIA DA REPUBLICA JESUITICA DO PARAGUAY

desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, anno de 1861,

PELO

CONEGO JOÃO PEDRO GAY,

Vigario de S. Borja nas missões brasileiras.

(CONTINUAÇÃO.)

CAPITULO V.

ENTRADA DOS PADRES JESUITAS NA PROVINCIA DO PARAGUAY. TRABALHOS QUE PASSARAM. FUNDAÇÃO DE VARIOS POVOS. MARTYRIO DE ALGUNS PADRES JESUITAS.

ESTE capitulo ha de se dividir em nove artigos que são todos traduzidos de um velho manuscripto em guarani para serem inseridos n'esta obra e que julgo ineditos. Bastante singela é a narração do auctor do manuscripto em guarani, e para não lhe tirar ou lhe fazer perder o encanto particular que lhe reconheço, não quiz que nada se lhe alterasse na traducção a que mandei proceder (14).

Por tanto os leitores tão de perdoar a diffusão d'esta historia. Confesso ingenuamente que são tão extraordinarios certos factos n'ella narrados que meu primeiro intento foi de os publicar á parte, acrescentando muitos outros mais singulares, supersticiosos, que contém o mesmo manuscripto e que não foram traduzidos; mas por fim persuadi-me que muitos dos meus leitores não desgostariam de ler os nove artigos d'este capitulo, por isso aqui os insiro. Para não interromper a narração do manuscripto guarani, ponho em notas varios acontecimentos que tiveram lugar em aquelles tempos para dar melhores esclarecimentos. O manuscripto foi escripto em S. Borja e tem a data de 2 de Junho de 1737 por Jaime Bonentí.

ARTIGO I.

Entrada dos padres jesuitas nos terrenos do Paraguay. Fundação do povo de Santo Ignacio Maior e de N. S. do Loreto.

N'esses antigos tempos residiam no Perú muitos padres jesuitas com seu competente geral, ou superior. Este mandava seguidamente d'estes padres ao territorio do Paraguay com o fim de ver se podiam descobrir para catechizar os indios selvagens que, se sabia, existiam por aquellas serras. Com effeito os acharam e descobriram, fallaram com os ditos selvagens, travaram conhecimento, e ficaram com elles em boa harmonia (15). Regressaram estes padres para o Perú, a dar parte da descoberta ao seu superior, ficando só no Paraguay um d'estes jesuitas o padre Thomaz Fildi, á espera que voltassem do Perú aquelles ou outros padres munidos de ordens e de todo o preciso para com formalidade principiarem a catechese d'aquelles infieis, já descobertos e de todos os outros que podessem descobrir.

No anno de 1602 era geral ou superior dos jesuitas no Perú o padre da companhia Claudio Aquaviva (16), o qual recebeu a participação da descoberta acima dita, e em consequencia mandou sete padres jesuitas, tres hespanhóes e quatro italianos, sendo superior d'elles o padre Diogo de Torres, o qual trazia todas as ordens, e o necessario para o fim a que vinha, e este superior depois de entrar no territorio do Paraguay e juntar-se com o padre Thomaz Fildi que alli tinha ficado, repartiu os seis padres que vieram em sua companhia por aquellas povoações de christãos brancos que estavam mais perto da serra habitada pelos indios selvagens. E' impossivel contar ou escrever, todos os trabalhos, todas as fadigas, miserias e riscos de vida que passaram ou soffreram estes santos padres e outros, pois só narro uma pequena parte.

Dos mencionados seis padres, o primeiro que entrou para os matos ou serra, foi o padre Marcello de Lorenzana que foi procurar aquelles indios selvagens com quem tinham fallado e ficado de boa harmonia os padres descobridores. Felizmente não se demorou muito em achar os ditos selvagens e com alguns sacrificios conseguiu reduzil-os juntando maior porção, e caminhou com elles para o campo até um lugar que tinham escolhido para este fim e que denominaram Santo Ignacio Maior, onde já o estavam esperando os padres italianos José Cataldino, Simão Mazeto e o superior Diogo de Torres (17). Depois de estarem alli estes quatro padres prégando aos infieis, não se demorou muito tempo que o padre encarregado ou superior Diogo de Torres, mandasse dois d'elles com as ordens e insinuações precisas para que seguissem e caminhassem para a banda do nascente do sól cento e sessenta leguas. O que assim fizeram: e, no fim da extensão d'este terreno acharam um pequeno povo, que só tinha trinta homens brancos christãos, aos quaes os dois padres prégaram alguns dias, e chamava-se este lugar Guayrá, segundo informaram os infieis recem re-

duzidos (18). N'este pequeno povo de Guayrá os dois padres José Cataldino e Simão Mazeta tiveram noticia que d'alli a sessenta leguas ao mesmo rumo havia outro povo de christãos brancos que se chamava Villa Rica. Estes padres mandaram parte de tudo isso á seu superior Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior, e ficaram a espera da resposta no dito pequeno povo de Guayrá onde continuaram a prégar e confessar. Passados poucos mezes, chegou-lhes a resposta que esperavam, e ordem para que seguissem á Villa Rica; o que immediatamente fizeram. Chegando á mencionada villa, n'ella acharam cem christãos brancos com suas familias, e alli começaram os mesmos padres a prégar e confessar; porém, logo adoeceu gravemente um d'estes padres, e em seguida adoeceu tambem o outro da mesma enfermidade. E vendo-se estes dois padres assim enfermos por bastante tempo, sem a minima esperança de medico, de remedios e sem o mais pequeno recurso no lugar remoto em que se achavam longe do seu superior Diogo de Torres, deliberaram descer embarcados pelo rio Paraná-Pane (1610), e assim o fizeram com todas as pessoas da sua comitiva e com seu antigo e inseparavel interprete para com os selvagens. Depois que caminharam rio abaixo alguns dias, quiz a divina providencia que principiassem os dois padres a melhorar muito da grave enfermidade que padeciam sem mais recursos ou medicamentos do que tomar o chá de algumas hervas e raizes. Chegando á barra de um arroio grande chamado Pirapó (depois é que souberam este nome) na barranca do mesmo arroio acharam um pequeno povo, ou para melhor dizer um pequeno alojamento de duzentos indios selvagens que não fugiram ao verem os padres. Estes lhes fallaram, catechizaram-nos, e como os padres reconhecessem nos indios docilidade e gosto de ouvirem a palavra de Deus, e vontade de se baptizar, levantaram n'aquelle lugar uma cruz benta, á qual fizeram uma coberta de palha e denominaram o lugar

Nossa Senhora do Loreto, para alli baptizarem e prégarem como fizeram (19). Passado pouco tempo, perguntaram os padres á estes indios já reduzidos e rendidos á palavra de Deus e de Nossa Senhora do Loreto, se não sabiam que houvesse por aquella serra mais alguns infieis. Responderam que sim; que sabiam haver n'ella vinte cinco alojamentos pequenos e outro um pouco maior, todos de indios infieis como elles tinham sido, mas que agora já não eram, porque elles (os padres) os tinham feito filhos de Deus e da Senhora do Loreto e livrados do inferno e das tentações do demonio. Ouvindo isto, os padres ficaram contentissimos, porém foi quando o seu antigo e fiel interprete intentou uma falsidade contra os padres, mas nunca desmanchando ou desfigurando o serviço dos dois padres, antes sim d'elle se valia para reduzir uma porção de infieis do mato por sua propria conta quando os padres entrassem para os reduzir.

Prepararam-se os padres, o interprete e alguns indios dos já reduzidos e christãos, e caminharam para o mato ou serra, em seguimento dos novos selvagens de que tinham tido noticia, e aos quatros dias de marcha ligeira chegaram aos referidos vinte e seis alojamentos onde foram recebidos pacificamente pelos selvagens, que conversaram muito com os outros seus patricios já christãos que tinham acompanhado e servido de guia aos padres. Estes estiveram alli oito dias prégando e catechizando, e no fim d'este tempo voltaram para Loreto, levando em sua companhia bom numero d'aquelles selvagens acabados de reduzir no mato para se baptizarem em Nossa Senhora do Loreto, como se baptizaram, regressando depois para seus alojamentos, dizendo e promettendo aos padres que haviam de vir de muda para residirem em Loreto. Os padres tinham concedido licença ao seu interprete, que a pediu, para acompanhar aquelles selvagens recem baptizados até o seu alojamento como fez.

Passado um mez voltou o interprete para Loreto, onde estavam os padres, e alli se demorou oito dias, findos os quaes pediu nova licença e tornou a seguir para o mesmo alojamento, porém então já levando tudo quanto tinha.

E, assim continuou a ir e vir, mas uma vez apparecia sem jaqueta, outra vez sem capote, outra sem chapéo, descalso e por fim quasi nú. Ficando os padres muito admirados de o ver assim, lhe perguntaram como tinha perdido toda a sua roupa, ou que fim tinha dado ao que era seu. Respondeu o interprete: os senhores padres tem reduzido os indios infieis com suas praticas, e muito tenho ajudado a tudo isso e não lhes tenho posto tropeços. Eu tambem agora tenho reduzido para mim, com minhas agencias, com meus carinhos e com tudo quanto tinha que reparti com alguns dos caciques lá do mato, e por isso venci d'elles o me acompanharem com suas familias até Santo Ignacio Maior, e pretendo sahir por estes oito dias, (como assim fez) pois tambem já ando aborrecido d'esta vida. Os padres ouvindo isto se assustaram muito e ficaram silenciosos por um instante, e depois disseram ao interprete que fizesse o que fosse de seu gosto.

Ouvindo estas palavras o interprete dispediu-se politicamente e seguiu o seu destino. Depois da sahida d'este interprete com os selvagens e suas familias como acima disse, os dois padres mandaram dois homens brancos christãos dos da sua comitiva e confiança, como se tivessem fugido dos padres para se reunirem ao interprete e á sua selvagem comitiva, dizendo que tinham fugido dos padres porque tambem já estavam aborrecidos d'aquella vida, que queriam ir para suas casas e que desejavam ir juntos até Santo Ignacio Maior; o que assim aconteceu, e lá entregaram a parte que levaram á respeito mandada pelos dois padres ao seu superior Diogo de Torres. Depois de ter-se retirado o interprete com a sua gente, os outros infieis e não infieis que ficaram, pensaram que todo

quelle acontecimento tinha tido lugar por ordem dos padres. Retiraram-se por alguns dias um tanto desconfiados; porém felizmente informaram-se bem de tudo, tornaram a voltar para Loreto, pediram perdão aos padres, ficaram em boa harmonia, e principiaram a fazer algumas casas cobertas de palha em arruamento debaixo da direcção dos dois padres.

ARTIGO II.

Os padres jesuitas Antonio Rodrigues e Diogo de Moranta sahem de Santo Ignacio Guaçú para catechizar. Successos que lhes acontecem.

Mais de seis mezes os padres José Cataldino e Simão Mazeta estiveram em Loreto esperando ordens de seu superior Diogo de Torres, o qual mandou os dois padres Antonio Rodrigues e Diogo de Moranta com ordens e mais precisos para os padres de Loreto, e tambem para ajudal-os. Estes dois padres que iam em commissão, depois de terem andado quasi a metade do caminho, já não tinham mais que um resto de milho para seu sustento por causa do máo tempo que arruinou e estragou o mantimento que levavam, e viram-se reduzidos a comerem unicamente um punhado de milho de vinte e quatro em vinte e quatro horas, pois que nem fructas achavam pelos matos.

O padre Diogo de Moranta, ficou mui debil, enfermo e impossibilitado de continuar a viagem. Voltou para traz com o seu criado e mais dois homens dos da comitiva, estando já perto de um lugar denominado Maracajú, onde tinham ido perdidos, e onde moravam cento e setenta infieis casados, que o padre Antonio Rodrigues principiou a catechizar. Porém logo fugiram cento e vinte casaes e só ficaram cincoenta casaes que o padre conseguiu reduzir e

baptizar. Depois d'isto, e passados alguns dias, seguiu o padre Antonio Rodrigues com toda sua comitiva de christãos a juntar-se com os padres José Cataldino e Simão Mazeta que anciosos o esperavam na capella de Nossa Senhora do Loreto em Pirapó. Ahi chegou o dito padre Antonio Rodrigues, levando vestuario, calçado e algumas cousas mais para aquelles padres que já não tinham senão só as sotanas, e essas muito remendadas, andando descalços, e não tendo absolutamente cousa alguma n'aquelle lugar deserto entre os indios. Está bem conhecido o grandissimo contentamento que tiveram estes dois padres com a chegada d'aquelle seu irmão em Christo. Depois de quinze dias de descanço, o padre Antonio Rodrigues seguiu com o padre José Cataldino e alguns indios de Loreto a um outro alojamento de selvagens mais entranhado na serra, que tinham descoberto sem nunca ter fallado com nenhum de seus habitantes. Chegaram com effeito ao dito alojamento de selvagens dos quaes era Taubici cacique mui respeitado, e de quem todos tinham medo. Todos tremiam quando lhe iam fallar, sobretudo se elle estava incommodado. Este cacique Taubici era bravo, endemoninhado, feiticeiro e por qualquer cousa mandava matar se não estivessem pelo que elle queria, ou não fizessem o que elle mandava. Este hypocrita sabendo que os padres se aproximavam para prégar a palavra de Deus, para ver se os enganava, e a gente que os acompanhava, mandou á seu encontro um indio selvagem de sua confiança a quem insinuou. Este indio tendo chegado á frente dos padres deu muitos saltos em sua presença, fez muitas micagens, e depois deu um passo largo e ficando assim parado com as pernas abertas, abriu tambem os braços e n'esta posição principiou a gritar. Eu fiz e criei o céo e a terra, eu faço produzir e apparecer todas as qualidades de generos e de mantimentos, eu castigo com as mais fortes e temerarias doenças á todos aquelles que não acreditarem em

mim e no que eu digo. A isto abandonou a posição em que estava, pôz-se em pé bem direito e continuou dizendo. Eu tenho noticia que vocês vem querendo nos ensinar á palavra de Deus, e vocês não hão de entrar lá no meio de minha gente, sem primeiro aqui me dizerem alguma cousa d'esse Deus de vocês; quero ver se é mais, ou póde mais do que eu. Então lhe responderam os padres: Está bom, nós vamos procurar melhor lugar para descancarmos e amanhã ou depois aqui estaremos outra vez. Voltou o impostor selvagem ao seu alojamento, e os padres com sua comitiva se retiraram á duas leguas de distancia. E'preciso notar que em muitos, ou em todos os alojamentos de selvagens, havia alguns indios christãos, diziam que seus pais e avós lhes contavam que antigamente alli tinha estado como em todos os outros alojamentos um padre fazendo alguns baptizados e prédicas, dizendo tambem que elle mesmo ou outros padres haviam de alli voltar promptos para lhes ensinar a palavra de Deus e fazel-os christãos baptizando-os. Felizmente no dia seguinte de manhã, se apresentaram a estes padres uma grande porção de selvagens com o seu competente cacique de nome Maracáná, o qual disse aos padres que tinha muita vontade de se baptizar com toda sua gente, e como tinha tido noticias d'elles (padres) vinha procural-os para o fim já dito. Ficaram muito contentes uns e outros e ahi estiveram todos juntos tres dias em muito boa harmonia, e os padres obsequiando como lhes era possivel á Maracáná, e á sua gente, e igualmente fazendo-lhes algumas praticas, pelo que se mostraram mui contentes e satisfeitos os infieis N'estes tres dias teve Maracáná occasião de saber de todo o acontecimento do infiel impostor que queria fazer-se conhecer por um Deus. Chegou-se Maracáná aos padres e lhes disse : Toda a gente do cacique Taubici é má gente, e elle ainda é peor que todos, por muito cruel, falso, e querer ser mesmo quasi um Deus. Eu agora

venho disposto com toda a minha gente, a brigar com elle e sua gente se vocês levarem isso a bem. Responderam-lhe os padres: Não. Vamos primeiro ver de que accordo estão e como se portam comnosco. Se elles não nos quizerem obedecer, então faze o que quizeres. Ficou Maracáná n'este proposito, porém sempre ensinou tres rapazes da sua gente e da sua fiança para prenderem e amarrarem o impostor enviado de Taubicì quando elle Maracáná lhes fizesse certo signal. Ao quarto dia seguiram os padres com sua comitiva e Maracáná tambem com a sua gente, e chegando já perto do alojamento de Taubicí, ahi já lhes appareceu outra vez o fingido Deus com as mesmas ceremonias, tornando a dizer o mesmo que tinha dito á primeira vez e acabando com a mesma temeraria pratica. Então Maracáná fez signal aos seus tres rapazes, os quaes immediatamente se lançaram ao malvado, que era possante e desembaraçado, por isso não poderam logo de prompto os rapazes segural-o, e durante a luta o malvado lhes cuspia nos rostos dizendo: só com a minha saliva os hei de matar. Porém os rapazes não desanimaram e nem fizeram caso algum dos dicterios do malvado; levaram-o ao chão, e o amarraram. A isto chegou-se o Maracáná e disse ao malvado: agora se tú és Deus, livra-te da morte, que eu então te acreditarei. E mandou Maracáná amarrar-lhe uma grande pedra ao pescoço, e assim o lançaram em um rio que estava mui perto, onde logo findou sua temeraria e desenfreada existencia. Seguiu então Maracáná com toda sua gente ao alojamento de Taubicí, o qual logo carregou fortemente brigando com Maracáná, do que resultou morrer Taubici e muita gente sua. Outros fugiram e outros renderam-se a Maracáná, o qual só perdeu doze homens dos seus no combate. Depois d'isto, chegou-se Maracáná aos padres e lhes perguntou o que determinavam. Responderam-lhe estes: agora devemos seguir para Loreto. e tambem esta gente que se apresentou do finado

Taubicí, para lá se baptizarem todos e você tambem, e ouvirem a palavra de Deus. Marcharam para Loreto onde chegaram sem novidade, recebendo applausos e grandes demonstrações de alegria dos padres e de toda a gente residente em Loreto. Ao segundo dia começaram os padres a prégar continuando até o setimo dia em que deram principio á baptizar, sendo Maracáná o primeiro que se baptizou com o nome de Roque, o qual com a sua gente muito ajudaram a prosperar e florecer a povoação de Loreto. Quando se tornou mais conhecido o bom procedimento e a actividade do bom cacique Roque Maracáná, foi elle empregado em Loreto na qualidade de corregedor.

Todos o respeitavam e lhe queriam bem.

ARTIGO III.

O jesuita Martinho Ortaça sahe de Loreto para catechizar infieis, com mais dois padres: o que lhes aconteceu. (20)

Estando o padre Martinho Ortaça com mais dois padres apromptando-se para seguirem a procura de infieis para catechizar e sabendo d'isto o bom cacique Roque Maracáná, foi offerecer-se ao dito padre Martinho para o acompanhar com alguma gente sua, pois elle (Maracáná) tinha noticia de um grande alojamento de infieis, bastante longe, que elle havia de descobrir e achar. Estes tres padres com os outros que ficavam em Loreto, fizeram sua consulta sobre este offerecimento de Roque Maracáná, e resolveram aceital-o. Assim seguiram os mencionados tres padres com a sua comitiva e tambem Roque Maracáná com trezentos homens guerreiros dos seus. Depois de caminharem trinta e quatro dias. perceberam que estavam descobertos e bombeados pelos infieis. A' vista d'isto cuidaram em entrincheirar-se na barranca

de um grande rio abundantissimo de peixe e caças. Além da estacada ou trincheira fizeram tambem alguns ranchos. O firme e fiel Roque Maracáná construiu uma jangada, (que é uma especie de soalho de páos amarrados uns aos outros em cima d'agua, na qual se póde carregar muita carga, conforme o tamanho d'ella,) para quando preciso fosse, ou em ultimo caso n'ella salvar a vida dos padres. Durante este tempo e em quanto trabalhavam n'estes serviços, sahiam todos os dias bombeiros ou vigiadores por toda a circumvizinhança, não só para ver qualquer força inimiga que tentasse vil-os atacar e bater, como tambem para ver se descobriam o grande alojamento que procuravam. Durante estas diligencias os vigiadores ou descobridores da gente de Roque Maracáná tiveram a fortuna de agarrar um vigiador inimigo e o conduziram perto do acampamento de Maracáná, com a cautela (talvez ensinados) de não o trazerem dentro do acampamento. Veio parte d'isto a Maracáná, o qual com dois padres foram ver e fallar com o dito prisioneiro, e este disse: que o grande alojamento d'elles estava distante d'alli pouco mais de duas leguas, que o seu cacique era christão, que se chamava Miguel Atiguajé e que havia lá mais tres indios christãos. Perguntaram-lhe os padres se o seu cacique já sabia d'elles? O que dizia? Qual era sua intenção? Respondeu que o seu cacique já sabia que se vinha aproximando uma porção de gente e que elle (seu cacique) se apromptava para brigar com elle. A isto os padres se descobriram ao prisioneiro dizendo-lhe quem eram, e que vinham para ensinar a palavra de Deus e baptizar a todos aquelles que quizessem ser christãos, e emfim fizeram-lhe uma grande pratica, e o mandaram para que fosse dizer tudo aquillo ao seu cacique Miguel Atiguajé, e que voltasse com a resposta áquelle mesmo lugar, que alli havia de achar gente para o receber. Seguiu o prisioneiro para seu alojamento e os padres

voltaram com o seu fiel Roque Maracáná para a trincheira. Todos os dias mandavam gente bem insinuada, a se haver com muita cautela, ao lugar marcado para receberem o enviado com a resposta do cacique Atiguajé, porém ao quinto dia da sahida do ex-prisioneiro, os padres e toda a gente da trincheira, ouviram pelas dez horas da manhã, muitos gritos e alaridos no rio para a parte de cima, lugar este menos resguardado pela gente da trincheira, por pensarem que alli ninguem passaria, por causa da formatura do lugar. A isto, algumas pessoas da trincheira que andavam por fóra, vieram correndo a esconder-se nos ranchos, dizendo: ahi vem muita gente, e ha de ser o cacique Atiguajé que nos vem matar a todos. N'este interim o valente Roque Maracáná, pôz em ordem os seus guerreiros apartou trinta d'estes para guarda dos padres, os quaes animaram muito á Maracáná, e a toda a sua gente, dizendo-lhes de confiar em Deus, que nada lhes aconteceria e que haviam de ser felizes. Partiu Maracáná cheio de valor, e com sangue frio, ouvindo-se já os toques dos tambores e pifanos e um rumor immenso da gritaria da gente do cacique Miguel Atiguajé, o qual vinha todo enfeitado de pennas de passaros de diversas côres, com uma corôa na cabeça mais profusamente enfeitada de pennas, e uma grande lança na mão e que marchava á frente de seus guerreiros. Estes todos vinham armados de arcos, frechas, bastões, fundas, e a mór parte com lanças cujas folhas eram feitas de ossos de certos animaes e do cerne de certos páos, e eram tão bem fabricados e fortes, que pareciam o mais duro e mais cortante ferro. A força de Atiguajé, era superior em numero a de Maracáná, porém este já brigava pela fé e foi ajudado de Deus, porque fez á seu adversario uma carga tão bem determinada, tão violenta e tão forte, que immediatamente desbaratou ao inimigo que fugiu em um extravio completo, ficando bastantes mortos, e muitos feri-

dos, os quaes com uma porção de prisioneiros foram todos recolhidos á trincheira. Maracáná perdeu sete homens no combate e teve quinze feridos. O cacique Miguel Atiguajé fugiu tambem e foi ferido gravemente no braço direito. Quatro dias depois do combate mandou Atiguajé um enviado aos padres, para dizer-lhes que tinha sido ferido no combate e que conhecia que tinha sido castigo de Deus, e que se os padres não os matassem, estava resolvido a ir com sua gente, pedir-lhes perdão, obedecer-lhes e viver na lei de Deus, pois já era christão. Mandaram-lhe dizer que elle podia vir com toda a sua gente sem o mais pequeno receio, pois que elles sentiam muito o que tinha acontecido, que andavam unicamente ensinando a palavra de Deus, e fazendo christãos aos que se quizessem baptizar, como já lhe tinham mandado dizer pelo bombeiro que havia sido agarrado, que não mataram, mas que deixaram e fizeram regressar, que por isto já podia ver que elles não matam á pessoa alguma, e que viesse sem susto. Seguiu com esta resposta o enviado do cacique Miguel Atiguajé, o qual ao terceiro dia se apresentou com a sua gente na trincheira. Sahiram os padres a recebel-o, e em presença de todo o povo tanto christãos como infieis, Atiguajé ajoelhou-se aos pés dos padres, os quaes logo lhe fizeram uma grande pratica e acabada esta Atiguajé ainda de joelhos pediu perdão aos padres do crime que commetteu, perguntando com instancia se Jesus Christo Nosso Senhor perdoaria aos arrependidos, pois que elle agora ouvindo de novo a palavra de Deus, tinha conhecido o grande erro em que tinha cahido, e as maldades que queria fazer, do que estava arrependido de todo o seu coração. Responderam-lhe os padres que estava perdoado, por que Jesus Christo Nosso Senhor tinha sido crucificado, e morto para nos livrar do captiveiro do peccado e das tentações do demonio, e para perdoar a todos aquelles que se

arrependessem do mal que tinham feito e desejavam fazer. Ahi ficaram todos na trincheira quinze dias, porque Miguel Atiguajé pediu aos padres para mandar reunir a gente que se tinha extraviado no combate ao que os pabres annuiram promptamente. Fez-se esta diligencia e reuniu-se duzentas e quarenta e tres pessoas. Com esta grande comitiva marcharam os padres outra vez para Loreto; e não só n'esta viagem como sempre o bom Roque Maracáná tratou muito bem ao cacique Miguel Atiguajé e eram amigos. Chegaram a Loreto onde foram recebidos com muitas festas e banquetes, do que já havia proporções, pois que Loreto então já se achava em boa prosperidade e estava mui abundante de mantimentos. Entretanto nunca cessavam as repetidas praticas dos padres que em seguida baptizavam (21).

ARTIGO IV.

O padre José Cataldino com mais dois padres seguem de Santo Ignacio Maior a catechizar infieis. Fundação do povo de S. Francisco Xavier (22).

Santo Ignacio Maior, foi o primeiro lugar que os padres povoaram, e assim o denominaram. Era superior de todos os padres, o padre Diogo de Torres, assim como tambem era commandante de todos os lugares povoados, e que tinham de povoar se de infieis reduzidos. A residencia d'este padre era Santo Ignacio Maior que já figurava como capital da catechese.

Seguiram os tres padres com seus criados, interpretes, muitos indios já christãos e vinte e cinco homens brancos bem armados, e municiados, e assim se entranharam pela serra e matos, e depois de terem caminhado muito, ouviram um dia córte de machado, isto é, ouviram cortar um páo com machado. Os

padres logo mandaram gente bem insinuada, e acautelada a descobrir o que era. Chegaram e viram dois infieis cortando um páo, para tirar mel. Um d'estes infieis escapou-se, o outro porém foi agarrado e conduzido á presença dos padres. Perguntaram-lhe se estava mui distante o seu alojamento, e ao que andava com seu companheiro. Respondeu que elle com seu companheiro, faziam parte de uma partida de gente que tinha sahido para caçar, que elles dois se tinham apartado dos companheiros para melarem; quanto á distancia do alojamento que seria pouco mais de duas leguas. Perguntaram-lhe mais se havia muita gente no alojamento, e como se chamava o seu cacique. Respondeu que havia muita gente, que o seu cacique chamava-se Ara-potí (que quer dizer dia de flores) e que era já muito velho, e que por isso tinha posto outro em seu lugar, porém debaixo das suas ordens; mas que assim mesmo velho era respeitadissimo e bem quisto de todos. Resolveram os padres a mandar com este infiel tres indios da sua gente já christãos; a saber, um d'estes de quarenta annos já casado, outro de vinte e nove annos solteiro, e o outro de vinte e quatro annos casado, e que desde a idade de dez annos, tinha sido criado e educado por um d'estes padres que o estimavam muito. Seguiram os quatro para o alojamento do cacique Ara-potí, indo bem ensinados pelos padres do que lá deviam dizer ao cacique Ara-potí, principalmente o rapaz criado pelo padre por fiel como era e mais instruido. Chegaram ao alojamento e foram apresentados não a Ara-potí, mas sim ao seu immediato, que acabando de os ouvir, e sabendo o fim que os trazia, fez prender immediatamente os tres enviados dos padres. No dia seguinte foram alguns infieis á prisão e fizeram suas propostas aos tres christãos para que abraçassem a sua seita, aliás morreriam os tres. O mais velho d'elles logo annuiu, e esteve por tudo o que quizeram; porém os dois mais moços não cederam a nada. Puzeram logo em liberdade ao

mais velho, e n'esse mesmo dia o casaram, ao que elle não pôz duvida, apesar de já ser casado como dissemos. Tornaram os infieis á prisão para a mesma diligencia que da primeira vez, e tambem reduziram o mais velho dos dois que era solteiro. Logo o tiraram da prisão e o fizeram casar. Porém o terceiro e mais moço casado e que tinha sido criado por um dos padres de quem era fiel, foi inabalavel e não quiz se render á nada. Porfim trouxeram-lhe os infieis uma formosa rapariga para que elle se casasse com ella; não quiz este virtuoso joven nem olhar para ella. Disseram-lhe os infieis: ao menos levanta a cabeça e os olhos, e olha para a moça que é bonita. Elle respondeu que não, porque o padre que o tinha criado e educado lhe tinha dito que justamente pelos nossos olhos entra a causa do peccado, e que decididamente, não queria, não podia e não devia casar segunda vez, pois que era christão, e era casado com uma christã. Os infieis ouvindo esta ultima decisão o entregaram ao pai da regeitada noiva, que deu-se por muito affrontado para não vingar-se d'elle, como com effeito assim o fez, cravando-lhe um punhal no peito, que o fez cahir morto. Disseram então os infieis ao matador, agora leva-o para comeres com a tua familia, o que assim fez, porque era estylo, ou lei d'elles. O companheiro d'este distincto finado que tinha vinte e nove annos, que era solteiro e que sahiu solto para casar, como casou, ou porque fizesse isto com segunda tenção ou porque se atemorizasse de ver matarem seu companheiro, fugiu deixando a mulher e veio dar noticia de tudo aos padres que já estavam incommodadissimos e sem saberem que determinar pela demora de seus enviados; e sabendo d'este fatal acontecimento o sentiram muito, ficaram penetrados de dôr e compaixão, maxime o padre que tinha criado o nobre martyr que morreu pela fé, e que correndo-lhe as lagrimas, disse a seu superior o padre José Cataldino: a minha dôr só terá linitivo se eu lá morrer

tambem, e por isso haveis de me dar licença para ir mesmo que seja só á esse alojamento para ensinar a palavra de Deus, porque se me matarem morro contente, senão vos darei parte do resultado. Ouvindo isto o padre José Cataldino, chorou tambem, e disse: sim, havemos de ir todos. Os padres chamaram os vinte e cinco homens brancos armados, e lhes perguntaram se se animavam a acompanhal-os ao alojamento. Responderam-lhe todos com valor decidido, que estavam promptos e que nada havia a temer, porque os infieis tinham muito medo das armas de fogo, pois que pensavam que ellas estavam sempre carregadas ou que os tiros sahiam seguidos sem ser preciso carregar de novo, que nunca se acabava a munição, e que as armas nunca tinham o mais pequeno desconcerto, por isso que logo aos primeiros tiros, quando vissem morrer alguns d'elles, era certo que todos haviam de fugir. Esta resposta animou extraordinariamente os padres e á toda comitiva, de maneira que marcharam para o alojamento. Chegando perto d'elle, veio uma grande porção de infieis, com tão grande rumor, e gritos, e com tal violencia que pareciam cães damnados que queriam despedaçar a gente que lhes estava na frente. A isto, um dos interpretes christãos chegou-se aos padres muito assustado, e disse: agora sim, meus padres, apromptemo-nos, e me deitem a absolvição, que sem remedio morremos todos, e ajoelhou-se. Ao que lhe respondeu o padre José Cataldino, sem mudar de côr: que se cumpra a vontade de Deus. Porém a este forte alarido dos infieis, sobresahiu um grandissimo pranto de mulheres e familias dos infieis chorando, que os fez parar como assustados. Os christãos tambem estavam parados á espera que elles chegassem bem perto para não perderem os seus tiros, e fazerem-lhe uma carga decidida. De repente appareceu tambem o velho e respeitado cacique Ara-potí, deu um forte grito e disse: ninguem levante a mão contra aquella gente, indicando aos recem

chegados, ahi hão de estar uns padres e elles não vem buscar ouro, nem prata, nem cabedaes e nem fazer-nos o menor mal; elles vem para nos ensinar a palavra de Deus, e fazer-nos christãos. Os padres á vista d'este feliz acontecimento, ou para melhor dizer d'este prodigio da divindade caminharam mais para perto dos infieis, e começaram a prégar, de maneira que quando acabaram a pratica, já estavam todos aquelles selvagens, que a principio pareciam tigres ferozes, reduzidos a mansos cordeiros. Veio logo o velho cacique Ara-potí, ajoelhou-se perante os padres, beijou-lhes as mãos e ordenou que toda a sua gente fizesse o mesmo. Depois d'isto o bom cacique Ara-potí, convidou os padres para entrarem no alojamento, onde já tinha mandado preparar comida para elles, se não receassem comer d'ella. Os padres lhe responderam que não tinham medo de nada porque tinham fé em Deus. Seguiram com sua comitiva e com o velho cacique ao alojamento d'este, que fez entrar os padres em um rancho grande, fel-os sentar, e sem demora trouxeram varias comidas, feitas de carne de caça, de peixes, de legumes e de fructas. Acabando os padres de comer, foram passear pelo alojamento que estava situado em uma deliciosissima campina perto de um grande rio abundante de peixe, e emfim em um lugar encantador. N'este mesmo dia de tarde, já os padres mandaram levantar uma cruz em rico lugar para uma bonita praça de povoação. Assim que se levantou a cruz principiaram os padres a prégar. Todos os infieis com o seu respeitado cacique vieram ouvir a pratica com grande respeito e prestando a maior attenção, conhecendo-se em seus semblantes o gosto com que estavam ouvindo a palavra de Deus. Assim continuaram a prégar todos os dias, sem interrupção, até que se concluisse um grande rancho que os padres mandaram fazer mesmo em frente da cruz para servir de igreja. Aos vinte e tres dias contados da primeira pratica, que os padres alli fizeram, celebraram missa

no dito rancho ou igreja e denominaram o lugar: — S. Francisco Xavier. Acabada esta missa, principiaram os padres a baptizar, sendo o primeiro o velho cacique que se baptizou com o nome de Francisco Xavier, e na occasião em que se estava baptizando, corriam-lhe as lagrimas de contente; e acabado que fosse de baptizar, ajoelhou-se, e disse. agora sim, posso morrer, porque morro como tenho tanto desejado sempre; porque me dizia o finado meu pai que era christão. Os padres continuaram sempre a prégar, dizer missa, e baptizar. A este tempo o velho cacique Francisco Xavier Arapotí, ia todos os dias á casa dos padres aos quaes deu satisfação, narrando-lhes como seu immediato tinha mandado matar o rapaz por elles enviado, sem que elle Ara-potí consentisse em tal, pois que estava de cama enfermo, que só teve conhecimento por gente mesmo da sua casa, que tinham chegado tres christãos, que estavam na prisão; que esperava que d'isso se lhe désse parte, e que como se demoraram em o levar ao seu conhecimento, mandou chamar o seu immediato e lhe perguntou o que se tinha passado; porém já foi tarde, porque já o attentado estava feito. Ara-potí em consequencia demittiu do emprego o seu immediato, e lhe mandou dar duzentos açoites, dizendo aos padres, que agora elles lhe déssem o castigo que quizessem. Responderam-lhe os padres: é sufficiente o castigo que lhe déstes, porque elle não é christão, se elle o fosse teria muito que soffrer. Tambem teve occasião Ara-potí n'estas visitas que todos os dias fazia aos padres, de lhes contar que seu finado pai tinha sido baptizado em Guayrá, onde viveu muitos annos e muito bem com os poucos brancos christãos que alli havia, com os quaes aprendeu muita cousa sobre Deus, e a santa religião, e tambem como se devia viver no mundo; porém que um seu companheiro fez uma morte e foi logo preso, e que um branco christão muito amigo do mesmo seu pai, lhe aconselhou de fugir, porque o haviam de

prender tambem, e ia padecer sem ter crime. Meu finado pai, assim o fez, dizia elle, tornando para os matos, onde então juntou-se com minha tambem já finada mãi, e por ser christão, não queria nem podia casar com ella, e como eu fui filho unico, meu finado pai me queria muito, e não se cançava de me ensinar tudo, não só sobre Deus Nosso Senhor, e a santa religião, como sobre os costumes dos bons christãos, e a perversidade dos máos. Eis os motivos porque tanto desejava receber o baptismo, e Deus Nosso Senhor, teve dó de mim, concedendo-me o grande gosto de morrer christão. Ouvindo isto os padres lhe fizeram uma especie de pratica, elogiando muito o seu procedimento e modo de pensar. Os padres continuaram sempre no seu serviço de prégar e baptizar, de maneira que os cinco mezes da chegada d'estes padres n'aquelle lugar tinham baptizado quatro mil e tantas almas; e cada vez mais este povo se humilhava com gosto, e se mostrava mais satisfeito.

ARTIGO V.

O padre Diogo de Torres, superior dos jesuitas e commandante da catechese envia padres a Guayrá á pedido dos christãos brancos de Villa Rica.

O padre Diogo de Torres á vista d'este aviso, mandou apromptar ao padre Francisco Dias, homem sabio e virtuoso, com mais dois padres, para seguirem a Villa Rica, para depois de serem ahi informados marcharem ao alojamento dos infieis para os catechizar. Chegando estes tres padres com a sua comitiva e mais duzentos indios christãos á Villa Rica, tiveram noticia que havia dois alojamentos de infieis, o primeiro denominado Couval, e adiante d'este o segundo muito grande, e de gente muito brava, sendo

ainda peor o seu cacique de nome Jaguà-pitã (que quer dizer Tigre Vermelho). Estas noticias eram dadas por um infiel de quarenta e tantos annos, que tinha, sendo rapaz de dezesete a dezoito annos fugido da furia do cruel Jaguà-pitã, que o queria mandar matar. Elle tinha acompanhado uma partida de infieis que vieram á falla com os christãos de Villa Rica, que os receberam muito bem e lhes fizeram (aos infieis) muitos presentes, o que o animou a fugir, e experimentar se poderia ir dar á Villa Rica, e se alli seria bem recebido, o que felizmente lhe aconteceu á medida de seus desejos. A referida partida de infieis tinha sido mandada por um velho cacique que tinha muita vontade de se baptizar, e de ouvir a palavra de Deus, e fazia indagar se os christãos de Villa Rica podiam dar algum arranjo para este fim. Com satisfação fizeram dizer ao velho cacique que tudo arranjavam da maneira que elle quizesse, que podia vir á Villa Rica baptizar-se e ouvir a palavar de Deus porque havia alli um padre, ou que podiam ir padres ao seu alojamento, mas que n'este caso haveria uma demora grande, porque se achavam mui distantes os padres que lá podiam ir. Voltou a partida de infieis com esta resposta ao seu velho cacique, e quando elle começava a apromptar-se para vir á Villa Rica, adoeceu gravemente e morreu. Entrou outro cacique em lugar d'este, e governou doze annos ao fim dos quaes morreu. Era bem máo. Succedeu-lhe o temerario Jaguà-pitã, o qual dizia que se lá fossem alguns padres com conversas ou forças para batel-o, não havia de voltar um só homem, porque elle havia de matar a todos. Apromptaram-se os padres em Villa Rica, levando d'alli setenta christãos brancos bem armados, e cento e cincoenta indios christãos e marcharam com mais de quatrocentos combatentes, direito ao alojamento do Couval. Chegando perto d'elle, um bombeiro dos padres avistou outro dos infieis que não fugiu,

e se encaminhou para o christão com um semblante alegre. Conversaram e vieram juntos á presença dos padres que lhe perguntaram como se chamava o seu cacique, se já sabia da sua vinda, se era bravo e máo. Respondeu que o seu cacique se chamava Paracáu (que quer dizer Papagaio) que não tinha nem sabia noticia d'elles (padres), e que não era bravo nem máo, mas sim que era muito bom. Os padres lhe fizeram uma pequena pratica, dizendo-lhe que vinham para ensinar a palavra de Deus, e baptizar a todos aquelles que quizessem ser christãos, que fosse dizer tudo isso á seu cacique e que voltasse com resposta, que elles esperavam n'aquelle lugar. Seguiu este infiel ao seu alojamento (que estaria um pouco mais de um quarto de legua distante do lugar que occupavam os padres) e deu parte do acontecido ao seu cacique Paracáu, o qual logo ao outro dia seguiu com uma porção de gente sua, e chegando á vista dos padres amontoaram seus arcos, frechas, e mais armas, e assim desarmados se aproximaram dos padres que os receberam bem alegres e satisfeitos, e principiaram immediatamente uma pratica, á qual prestaram muita attenção, e reverencia. Acabada a pratica mostrou-se Paracáu e toda a sua gente mui satisfeitos. Disseram-lhe os padres: depois com mais vagar trataremos do baptismo, agora vamos a tratar de Jaguà-pitã. Que me dizes d'este cacique? Respondeu Paracáu: senhor, este cacique, é máu e bravo, tanto assim que eu estou para me mudar para bem longe com a minha gente, porque Jaguà-pitã, vem ao meu alojamento quando quer, e leva os rapazes e raparigas que lhe parece para o seu alojamento, e eu tenho que soffrer isto, porque elle tem mutto mais gente do que eu, por isso se vão ao alojamento d'elle, eu os quero acompanhar, com a minha gente, levando só os que servirem para brigar. Disseram-lhe os padres: sim vamos a ver se o reduzimos á

palavra de Deus. Tornou a dizer Paracáu: mas elle ha de brigar por força, porque é muito máo e alvoratado. Determinaram os padres seguir ao alojamento de Jaguà-pitã; Paracáu os acompanhou, levando comsigo mais de duzentos homens dos seus. Chegados todos a pouco mais de uma legua de distancia do alojamento de Jaguà-pitã, acharam os padres um lugar muito bonito, e com boas proporções para se entrincheirarem ad cautelam O padre Francisco Dias alli fez parar todos, disse missa, e fez uma grande pratica ou discurso aos christãos brancos e pelo interprete aos indios, animando a todos, e fazendo-lhes certas reflexões e advertencias. Depois d'isto o padre Francisco Dias, mandou o padre Diogo de Salazar com duzentos indios e vinte christãos brancos, estes com armas de fogo, para que seguissem ao alojamento de Jaguà-pitã, a ver o que resultava. Se rendessem ia o padre Diogo Salazar para prégar, e se fosse preciso brigar, tinham ordem de se retirarem para a trincheira, na qual ficava toda a outra gente trabalhando para a concluir. O padre Diogo de Salazar com a gente que o acompanhava chegando a pouco menos de um quarto de legua do alojamento de Jaguá-pitã, encontrou já uma grande partida de infieis, os quaes com immensos gritos avançaram fortemente á sua gente, porém ao ouvirem alguns tiros das armas dos christãos brancos, que mataram dois ou tres infieis, se assustaram muito, arrefeceu a furia com que vinham e foram retirando-se. Os christãos estiveram alli esperando a ver se apparecia algum infiel á falla ou o que aconteceria. O resultado foi que á tarde veio sobre os christãos, uma grandissima força de infieis, mas como receiosos, e não faziam carga forte com medo dos tiros das armas dos christãos, os quaes foram se retirando toda aquella noite e o outro dia. Pelas dez horas da manhã, chegou da trincheira aos christãos um consideravel reforço, sendo estes sempre per-

seguidos dos infieis sem que aquelles podessem conhecer ou calcular o numero de seus perseguidores. Assim os christãos acantoaram-se na trincheira que os infieis sitiaram, porém sempre com muito receio das armas de fogo, por cujo motivo não se aproximavam d'ella como desejavam e queriam. Aos cinco dias de sitio já se ia acabando a polvora da força christã, e mesmo a munição de boca. Valeu-lhe ser a trincheira construida no cotovello de um grande arroio abundantissimo em peixe, e os sitiados, terem lugar de o apanhar em cóvos (cesto de taquara feito á proposito) e tambem abundar a barranca do dito arroio de certas raizes boas para comer. Mas preparavam-se os christãos afiando facas e facões para fazerem uma carga cerrada e forte para viver ou morrer, depois de salvarem a vida dos padres, para o que excogitaram e lhes propuzeram de os pôr á salvo n'aquella mesma noite, podendo sem risco fazel-os sahir da trincheira; porém os padres agradecendo muito não annuiram a isso e antes duplicaram suas animadas exhortações, recommendando-lhes com instancia que redobrassem de cuidado para a pontaria de seus tiros, tanto de armas de fogo como de frechas, e que não os esperdiçassem de nenhuma maneira, que ajuntassem e arrecadassem as frechas atiradas pelos selvagens inimigos, os quaes ao sexto dia fizeram uma carga forte á trincheira. Mas os sitiados já mais acautelados e impellidos pela falta de munições, esperavam-os com uma especie de pouco caso e silenciosos, porém não perdiam tiro, nem occasião nenhuma de offender e de matar. Este procedimento dos christãos fez que os selvagens se fossem retirando mais receiosos e atemorizados, tanto assim que não tocaram mais os seus pifanos e tambores. Deve-se notar que durante o sitio, o cacique Paracáu mostrou á muita gente da trincheira o cacique Jaguà-pitã, de maneira que ficou conhecido de muitos. Determinaram os padres dar no setimo dia uma

acção decisiva aos infieis. Repartiram e destacaram toda a sua gente nos pontos e lugares por onde deviam sahir da trincheira carregando sobre os infieis; o que tudo fizeram ao amanhecer do mencionado setimo dia do sitio. Foi tão forte, tão violenta a carga que fizeram os christãos aos selvagens que ficaram estes inteiramente sorprendidos e pouco se detiveram a brigar, não obstante os gritos animadores de Jaguà-pitã, que brigou mais que ninguem, porém como já era conhecido, todos os que podiam o perseguiam, de sorte que não tardou muito a cahir morto, o que desanimou plenamente os infieis que cobardemente fugiram em completa debandada. O cacique Paracáu distinguiu-se valorosamente n'esta jornada. Houve alguns mortos e feridos de parte a parte, sendo o maior numero de infieis dos quaes cento e tantos ficaram prisioneiros. Entraram os padres com toda a sua gente para a trincheira e descansaram até a tarde, em que os padres fizeram uma grande pratica dando graças a Deus por tel-os ajudado e protegido para sahirem victoriosos.

Vendo os padres que n'aquelle lugar os soccorros de boca eram mui escassos, assim como a caça, fructas e raizes por causa da vizinhança dos sitiantes determinaram seguir no outro dia com toda a gente. Regressaram duas leguas para traz, onde encontraram um lugar que offerecia abundancia de sustento. Ahi pararam e prégaram todos os dias. Ao quinto dia de parada, foram vinte e tantos dos prisioneiros pedir licença aos padres para irem ao seu alojamonto a ver se por lá achavam as suas familias e as dos companheiros que ficavam, e emfim para convidar todos aquelles que quizessem vir para os trazerem todos á sua presença, pois que todos elles se queriam baptizar e ser christãos. Os padres ficaram mui contentes e com muito agrado deram a licença pedida. Seguiram pois os infieis a esta diligencia, e em treze dias estiveram de volta trazendo comsigo que apre-

sentaram aos padres mil quinhentas e tantas pessoas, dizendo que este numero não era a metade da gente que morava no alojamento, e que de certo os que faltavam tinham fugido para longe, assustados do extravio. Os padres receberam esta gente com muita alegria e carinho, deixaram-os descansar dois dias, e depois foram para o alojamento de Paracáu, que os padres sempre trataram com distincção. Alli pararam oito dias não cessando os padres de fazerem praticas, que eram ouvidas com attenção, gosto e respeito por toda a gente do cacicado de Paracáu. Havia mil e tantas pessoas, que com seu competente cacique acompanharam os padres a Villa Rica, onde foram recebidos com muitas festas e tudo quanto se pode fazer em signal de satisfação e de alegria. Em Villa Rica os padres principiaram a prégar e a baptizar em quanto mandaram parte ao seu superior o padre Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior, não só do resultado da sua commissão, como que alguns dos christãos brancos e indios, que os acompanharam em aquella penosa e arriscada diligencia pediam que desejavam ficar com alguns infieis e suas familias. Respondeu o padre Diogo de Torres que podiam deixar aos habitantes de Villa Rica, toda gente que elles quizessem da recem catechizada, e que seguissem com a demais para Santo Ignacio Maior; o que tudo assim executaram.

ARTIGO VI.

O padre Christovão de Mendonça, homem illustrado, virtuoso e de uma vida exemplar, se aprompta com mais dois padres em Santo Ignacio Maior para ir catechizar infieis.—Fundação de S. Thomé.

Os padres residentes em S. Francisco Xavier, povoação

nova de infieis, convertidos, souberam de uns indios velhos dos ditos infieis já christãos, que antigamente andavam uns padres por aquelles sertões, ensinando tambem a palavra de Deus, e que era sabido existir d'alli a trinta leguas pouco mais ou menos um grande alojamento de infieis, porém que julgavam ser de outra nação, por serem demasiadamente bravios e crueis, tanto assim, que mataram a um d'esses padres e alguma gente da sua comitiva que os queriam catechizar, cujo acontecimento teve lugar em uma bonita campina, denominada S. Thomé distante pelo que julgavam tres leguas do referido alojamento de infieis bravios. N'aquelle lugar de S. Thomé os padres tinham levantado uma cruz de boa madeira, e parecia que tambem alguns ranchos, e no dito lugar sepultaram o padre e mais pessoas que os infieis tinham matado. Um dos indios velhos já christãos que deu esta noticia, disse: que sendo moço tinha ido com seu finado pai ao referido lugar de S. Thomé em uma partida de gente que sahiram não só a caçar, como mesmo para fazer descobertas como era costume de todos os infieis, e que elle se animava a ir mostrar a deliciosa campina de S. Thomé se fosse preciso, e conversando-se sobre este assumpto, alguns indios velhos christãos de outros lugares confirmaram a mesma noticia, porém ponderando cada vez mais a maldade e costumes dos infieis d'aquelle alojamento, tanto que os outros selvagens tinham sempre medo de se aproximarem d'elle. Todas estas temiveis noticias não deixaram de desanimar alguns padres de irem catechizar taes infieis. Por fim se animou o distincto padre Christovão de Mendonça com mais dois padres a entrarem n'esta perigosa empresa, e marcharam de Santo Ignacio Maior direito a S. Xavier, levando comsigo cem christãos brancos bem armados e municiados e cento e cincoenta indios tambem christãos, a saber: cem armados de lanças e cincoenta de

arcos e frechas. Assim chegaram os padres com sua grande comitiva á povoação de S. Francisco Xavier onde descansaram oito dias, e alli se offereceram aos padres duzentos indios christãos para os acompanharem. Para este offerecimento cooperou muito a insinuação dos dois padres residentes em S. Francisco Xavier. Com effeito marchou d'alli o padre Christovão de Mendonça com os dois padres seus companheiros, com o velho vaqueano que se tinha offerecido, e quatro centos e cincoenta combatentes. Chegaram felizmente á campina de São Thomé, com poucos perdidos do rumo como o tinha annunciado o velho vaqueano ou pratico. Os padres fizeram tanta diligencia, que acharam enterrado no chão o pé da grande cruz, que por noticia sabiam haver alli plantado os outros padres antigamente. Levantaram outra grande cruz no mesmo lugar, e cuidaram logo em fazer uma forte e grande trincheira, alguns ranchos, sendo um d'elles em fórma de igreja. Beneficiaram a porção de carne de caça, de fructas e de raizes que poderam. Concluidas estas disposições, o padre Christovão de Mendonça mandou o padre Thomas Fildi com cincoenta christãos brancos com armas de fogo, cincoenta indios de lança e cincoenta de arcos e frechas para descobrirem o alojamento dos infieis: seguiram para este fim e uma tarde chegaram á barranca de um arroio onde acharam bastantes ranchos, dos quaes alguns ainda estavam em bom estado, com signaes de uma trincheira ou estacada que alli tinham feito; porque o lugar era mesmo á proposito para isso; porém não apparecia signal de que ahi estivesse gente habitando ou que houvesse tido habitantes desde algum tempo; e como se armava uma tormenta de chuva, ahi fizeram pouso, sem ainda terem a minima noticia nem vestigios do alojamento que procuravam. Cahiu com effeito uma horrivel tormenta de chuva, vento e tro-

vões fortes e sobreveio a noite mui escura. Estando a tormenta no seu auge na escuridão da noite, entraram por um dos ranchos quatro infieis carregados de carne de anta, vindo correndo e tão cegos que quando deram accordo de si se viram rodeados dos christãos que os agarraram, e immediatamente os levaram ao padre Thomas Fildi, o qual os recebeu com muito agrado, e mandou-lhes dar de comer. Um d'elles que era máu e de má catadura não quiz comer, os outros tres porém comeram. Um d'elles era muito alegre, muito dado e tinha um semblante leal. Quando acabaram de comer, lhes perguntou o padre o que andavam fazendo e como tinham vindo alli dar e porque motivo. Respondeu o mais dado e alegre: nós tinhamos sahido a caçar, e como encontrassemos uma anta, que já são raras aqui perto do alojamento, seguimos longe para matal-a, e por isso anoitecemos n'esta altura, e por causa da tormenta de chuva vinhamos nos abrigar n'estes ranchos, e riu-se como por terem sido pegados. Perguntou-lhe mais o padre se o seu alojamento estava longe e como se chamava o seu cacique. Respondeu-lhe o mesmo bom rapaz por que os outros tres nunca fallaram: o alojamento estará d'aqui a meia legua. O cacique geral chama-se Guirá-vêrá (que quer dizer: Ave dourada); porém como ha muita gente, estão repartidos em dois cacicados. O outro cacique chama-se Jacé-tátá (que quer dizer Estrella). Eu sou d'este cacicado, moramos todos juntos, mas é Guirá-vêrá quem governa tudo. Tornou-lhe a perguntar se os seus caciques ainda não sabiam que estava chegando gente para aquelles lugares, e se Guirá-vêrá era bom ou máu, e se elle não queria ouvir a palavra de Deus e ser christão. Respondeu o rapaz que nenhuma noticia tinham que viesse ou andasse gente por aquelles lugares, e que Guirá-vêrá não havia de querer ser christão, porque era muito máu, bravo, furioso e

que não acreditava em Deus; mas que o seu cacique Jacé-tátá, sim era muito bom, e tinha vontade de ser christão, mas que não queria que Guirá-vêrá por nenhum principio soubesse de seus desejos. Determinou o padre que fossem descançar, e dormir, ficando os quatro selvagens soltos, porém debaixo de uma vivissima guarda. No outro dia, tornou a perguntar o padre que mais lhe narrava de Guirá-vêrá e de seus costumes. Respondeu-lhe o mesmo rapaz: Guirá-vêrá é peor que um tigre bravo, porque gosta de comer gente. Quando lhe parece ou tem vontade, escolhe da sua gente um homem dos mais gordos, mata-o e come-o com a sua familia. Quando alguem commette qualquer crime ou erro, não é preciso ser grande, o mata e come tambem se é gordo; e se é magro não o mata á menos que esteja com raiva e manda pôr o corpo morto em um rio grande que ha mui perto do alojamento dizendo que carne de gente magra não presta para comer. O padre fez então uma grande pratica aos quatros selvagens, não só censurando os máos costumes e proceder de Guirá-vêrá como declarando que vinha para ensinar a palavra de Deus e baptizar a todos aquelles que quizessem ser christãos. Depois d'isso disse o padre aos quatro infieis: agora vão para o seu alojamento, e contem aos seus caciques tudo o que lhes acabei de dizer, e eu aqui fico a espera da resposta d'elles. Respondeu o amavel infiel, unico que sempre fallava: eu agora não vou mais d'aqui e nem largo de vocês porque estes meus companheiros vão contar á Guirá-vêrá tudo quanto eu disse d'elle e irremediavelmente me mata. Disse-lhe o padre; pois está bom, fica tú e que vão estes outros, o que logo fizeram seguindo ao alojamento. Depois o padre perguntou ao bom infiel que tinha ficado porque motivo tinham feito aquelles ranchos em que estavam. Respondeu que Guirá-vêrá, mandou alli fazer aquelles ranchos e estacada porque quando scismava haver

alguma novidade, ou que havia indicios de se approximar gente mesmo dos infieis, logo mandava para alli uma guarda forte e guarnecer a estacada, afim de quem quer que viesse não entrasse de repente no alojamento para batel-o, pois não havia outro lugar senão este por onde se possa entrar para o alojamento. E era certo, porque a serra faz duas carreiras de mui altos e intransitaveis morros, e por entre estes no seu comprimento ha uma grande chapada ou varzea toda de mato por onde unicamente se póde ir ao alojamento; o que mui bem se divisava da campina de S. Thomé. O padre a esta noticia, repassou com sua gente o arroio e se collocou para a parte de S. Thomé, acautelando-se para não ser sitiado pelos infieis no lugar em que estava que era mui proprio para isso. No dia seguinte de manhã quando Guirá-vêrá estava para sahir do alojamento para ir atacar o padre, mandou matar a Jacé-tátá por ter sabido o que tinha dito ao padre o rapaz do seu cacicado que lá tinha ficado; porém Jacé-tátá na noite antecedente tinha sido informado de tudo e immediatamente se puzera em fuga com toda a sua familia, de maneira que quando foram executar a ordem de Guirá-verá já o não acharam. Sabendo d'isso Guirá-vêrá ficou muito desesperado, e desconfiou de alguma entrega ou traição de Jacé-tátá.

Foi na realidade Guirá-vêrá com numerosissima porção de gente sobre o padre Thomaz Fildi e sua comitiva que com valor e sangue frio os esperavam. O valente padre Fildi animava continuamente aos seus companheiros; dizia-lhes elle, este rumor que estaes ouvindo (porque os infieis vinham fazendo um rumor espantoso com toques de buzinas, pifanos, tambores, gritos e alaridos como costumam todos) é rumor de infieis que vem contra Deus. Vereis d'aqui a pouco o que a zem. Somos christãos e sabemos sem termos a minima du-

vida que Deus póde tudo. Elles são contra Deus e nós a seu favor; havemos de ser felizes! Tenhamos fé em Deus e não temamos nada. Animo. Eil-os aqui. Os christãos deram alguns tiros com armas de fogo, que não foram perdidos e que fizeram abrandar a grande furia com que os infieis vinham. Não tardou o padre Fildi a reconhecer a numerosa força de infieis que o vinham acommetter, e por isso mandou immediatamente aviso ao padre Christovão de Mendonça em S. Thomé, que elle ia retrogradando, não sendo muito apertado dos infieis que tinham muito medo das armas de fogo, mas que os iam sempre perseguindo, forcejando de os rodear para os involver em seu centro; e sendo conhecido este plano dos infieis, os christãos procuravam defender-se d'elles em sua retirada. Entretanto o rapaz alegre e leal que tinha ficado com os christãos teve occasião de lhes mostrar o grande cacique Guirá-vêrá, que ficou conhecido de muitos. Elle vinha com uma estreita tanga na cintura, pintada assim como o corpo e cara; tinha na cabeça uma grande corôa de arcos bem pintados e cravados de pedras grosseiras por serem mal trabalhadas, porém bonitas. Guirá-vêrá era mui alto, corpulento e trigueiro e com as pinturas ficava horrendo e medonho. No outro dia chegou o padre Christovão de Mendonça com reforço de gente quando seu companheiro se achava na serra a meia legua da campina de S. Thomé. Tendo elle tomado conhecimento do plano e das operações dos infieis, dividiu a sua gente e a destacou nos lugares convenientes para que os infieis não os podessem rodear nem atacal-os pela retaguarda. Os dois padres então sabendo o lugar em que se achava Guirá-vêrá com toda a gente de que dispunham lhe fizeram uma carga tão forte e inesperada que mataram logo ao famoso cacique Guirá-vêrá, e os cabos de guerra mais valentes que o rodeavam. Com este acontecimento começaram os infieis a gritar mataram a Guirá-vêrá, Guirá-vêrá morreu.... de

maneira que estes gritos repetidos, deram conhecimento da morte do seu cacique á todas as phalanges infieis que fugiram precipitados, e em completa debandada, levando o corpo de Guirá-vêrá; mas com a pressa ou com o medo com que fugiam deixaram a corôa de Guirá-vêrá que um dos christãos recolheu e entregou ao padre Christovão de Mendonça, e que este depois mandou a seu superior o padre Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior. N'esta acção os christãos fizeram oitenta e tantos prisioneiros que conduziram para a trincheira de S. Thomé, onde logo os padres lhes começaram a prégar e ensinar a palavra de Deus. (14)

O cacique Jacé-tátá, na noite em que fugiu do alojamento, quiz vir direito aonde estavam os christãos; porém tendo receio de uma partida que Guirá-vêrá tinha mandado como de guarda avançada pelo mesmo caminho, entranhou-se pelos elevados e intransitaveis serros que tinha para o lado da varzea por onde se caminhava, e por alli com muito custo foi seguindo com sua familia. Ouvindo sempre os tiros das armas dos christãos, o que muito o animava, chegou emfim á beira da campina de S. Thomé; porém como não sabia do resultado da batalha, tinha receio de cahir em poder de Guirá-vêrá; porque sabia que n'este caso morria infallivelmente, por isso não seguia para a campina de S. Thomé, sem que soubesse que lá estavam os christãos, sabendo unicamente por tradição que antigamente os padres tinham levantado alli uma cruz grande, onde estava enterrado um d'esses padres, e mais alguns christãos que os infieis tinham matado. Não deixava de imaginar que no mesmo lugar deviam achar-se os padres de que acabava de ter noticia. Sem embargo conservou-se Jacé-tátá tres dias no mesmo lugar, depois do combate, até que felizmente viu passar pela beira do mato uma partida de indios e de alguns brancos que iam descobrindo se havia alguma novidade. Verificando Jacé-tátá que os da partida eram

christãos procurou apresentar-se-lhes: a gente da partida o recebeu muito bem assim como á toda sua gente e os conduziu á presença dos padres na trincheira de S. Thomé, onde foram muito bem recebidos. Então Jacé-tátá disse quem era e contou a sua fugida do alojamento da fórma que já dissemos.

Disseram-lhes os padres que queriam mandar alguns dos prisioneiros ao alojamento e suas circumferencias para ver se reduziam alguns infieis e suas familias para virem a S. Thomé fazerem-se christãos e ouvirem a palavra de Deus, e indagaram d'elle se queria se encarregar d'esta diligencia. Respondeu Jacé-tátá, que ainda tinha medo de lá ir, porque o finado Guirá-vêrá tinha um immediato ou executor de ordens chamado Jaguá-pé (que quer dizer couro de tigre) que era mui amigo do finado Guirá-vêrá e condescendente com elle, e que ignorava se esta amizade e condescendencia provinha do medo, ou se era porque Jaguá-pé adoptava a mesma opinião e procedimento de Guirá-vêrá. Responderam-lhe os padres que tinha razão e não devia ir. Ahi ficou Jacé-tátá com sua familia e bem tratado. Os padres mandaram para o alojamento vinte e cinco prisioneiros dos que lá tinham deixado as suas familias, bem ensinados; entretanto continuaram a prégar na fórma do costume.

No fim de tres dias disse Jacé-tátá que seria bom haver ahi mais cautela, e na trincheira tambem, assim como na gente que ia fóra passear e caçar, porque não se sabia o que quereria fazer agora Jaguá-pé, que de certo hoje é cacique e tem muita gente. Os padres agradeceram-lhe muito esta lembrança, e tiveram mais cautela. Aos dezesete dias da sahida dos prisioneiros, appareceram só dezenove d'estes com suas familias; alguns dos outros tinham adoecido, outros tinham pessoas enfermas em suas familias, e mandaram dizer que haviam de vir logo que se restabelecessem.

Perguntaram-lhes os padres se Jaguá-pé, estava no aloja-

mento e se tinha sido nomeado cacique em substituição de Guirá-vêrá. Responderam que sim, que Jaguá-pé era agora cacique em lugar do finado Guirá-vêrá e que elle com numerosa comitiva de homens estava ahi bem perto. Viemos juntos, disseram elles, e elle nos mandou adiante para dizer que não vem para brigar nem fazer o menor mal a ninguem, vem só para fallar com vocês. Os padres não se fiando n'isso prepararam-se para os receber fóra da trincheira, como com effeito o fizeram, porém em um lugar d'onde os infieis divisassem bem sete estampas ou painéis de anjos mui bonitos que tinham feito levantar na frente do rancho que servia de igreja. O lugar em que os padres receberam os infieis era mui perto da trincheira da qual elles não queriam que os selvagens tomassem conhecimento por dentro. Fizeram-lhes uma grande pratica e os infieis lhes vieram beijar as mãos, mas ficaram summamente admirados de verem as referidas estampas, e gostaram tanto de as ver, que pediram licença para as contemplar de mais perto. Responderam-lhes os padres que não podiam consentir n'isso, que só os christãos podiam ir lá perto, que depois de se baptizarem se queriam ser christãos, haviam de poder chegar bem perto todas as vezes que as quizessem ver e adorar. Chegou-se então Jaguá-pé aos padre e disse : eu sou o cacique d'esta gente e quero ser christão. Hoje ouvi a palavra de Deus, e agora reconheço bem que andava enganado ; mas vou primeiro ao alojamento para trazer a minha familia e as de toda esta gente que veio comigo e que me dizem que tambem querem ser christãos ; emfim trarei todos quantos quizerem vir, porque lá ainda ha muita gente fóra espalhada pelos matos desde o ataque em que morreu Guirá-vêrá.

Os padres annuiram a tudo, e fizeram a Jaguá-pé alguns presentes entre os quaes havia anzóes, agulhas e alfinetes que muito prezou o cacique, retirando-se mui satisfeito com tod[a]

sua gente. Ao fim de onze dias esteve de volta Jaguá-pé com duas mil seiscentas e tantas pessoas de todos os sexos e idades. Os padres os receberam contentissimos e lhes destinaram um lugar encostado a trincheira do lado de fóra: ao outro dia começaram a prégar de manhã e de tarde durante dez dias.

No undecimo principiaram a baptizar, sendo o primeiro baptizado o cacique Jacé-tátá com o nome de Thomé Estrella; o segundo foi o bom rapaz dos quatro infieis que o acaso trouxe ao padre Fildi, que não quiz ir mais para o alojamento, nem tão pouco separar-se do dito padre Thomas Fildi que foi seu padrinho e lhe pôz o seu nome; o terceiro foi o cacique Jaguá-pé com o nome de Pedro; assim seguiram baptizando e tambem fazendo os infieis trabalharem em casas ou ranchos para si mesmos, porém tudo em arruamento. Repartiram a gente em dois cacicados, á saber: um de Pedro Jaguá-pé, e outro do cacique Thomé Estrella. Os padres fizeram a este, capitão corregedor e por conseguinte superior de Pedro Jaguá-pé que ficou muito satisfeito com esta nomeação.

Dois mezes depois disse Thomé Estrella aos padres, que Pedro Jaguá-pé devia ir ao alojamento com gente afim de conduzirem os mantimentos que lá tinham, como grande porção de pinhões beneficiados (procediam a isso pondo os pinhões certo tempo na agua corrente e expondo-os depois poucos dias á fumaça para se não damnificarem); feijão, porém de arvore, cuja arvore em sua maior altura tem doze palmos e dura cada pé cinco ou seis annos, e dando todo o anno; o grão é como feijão miudo, mas tem melhor gosto; carás mui bellos, umas raizes bem semelhantes a batatas e quasi com gosto de amendoim, e muitos balaios ou cestos cheios de azedinha, que é um grão branco redondo do tamanho de uma ervilha grande; cava-se no chão para tirar este grão que é abundantissimo aqui em quasi todos os matos; come-se fresco e tambem se faz seccar ao sol, e póde-se conservar para se co-

mer secco. E na mesma occasião procuraria achar ainda alguma gente extraviada para a conduzir. Os padres annuiram ao que lhes propôz o corregedor Thomé Estrella. Assim seguiu Pedro Jaguá-pé, com a gente precisa para o fim já dito. Aos vinte e um dias esteve de volta Pedro Jaguá-pé, não só com os mantimentos que fôra buscar, como com mais de mil e tantas pessoas entre homens, mulheres e crianças, o que tudo logo foi repartido pelos dois cacicados, e d'esta data a seis mezes todos os que tinham sido infieis estavam baptizados, mui contentes e satisfeitos, obedientes e tementes a Deus, e a povoação de S. Thomé bem brilhante e em estado de prosperidade.

ARTIGO VII.

O padre Claudio Aquaviva, homem sabio, virtuoso e mui pacifico se aprompta em Santo Ignacio Maior com mais dois padres para irem catechizar infieis. — Fundação do povo de Nossa Senhora do Carmo com a gente do cacique Ita-puú, etc. (25)

Os padres residentes na povoação já catechizada e denominada S. Francisco Xavier tendo noticia pelos indios catechizados da sua povoação de que a campanha do Paraguay não deveria estar muito longe, mandaram gente a descobrir campo. E, com effeito a gente empregada n'esta diligencia descobriram os campos do Paraguay como á trinta leguas distantes da mencionada povoação de S. Francisco Xavier. Estes descobridores em seu regresso obliquaram para um lado do caminho por onde tinham ido; e tendo caminhado quatro leguas pelo mato ouviram bulha de córte de machado; puzeram-se logo em guarda e com cautela foram reconhecer o que ouviam. Chegados ao lugar viram tres infieis cortando um páu para tirarem mel. Carregaram sobre os infieis que se

puzeram em fuga, mas felizmente um d'elles cahiu, o que deu tempo aos christãos de o agarrar. Seguiram precipitadamente com elle e fizeram n'este dia uma grande jornada com receio de que alguma força de infieis os perseguisse para tomar-lhes o prisioneiro. Este contou que do lugar onde foi pegado ao alojamento havia pouco mais de um quarto de legua e que ahi existia um alojamento grande e quatro pequenos. Em virtude do que os padres de S. Francisco Xavier mandaram participação ao seu superior o padre Diogo de Torres em Santo Ignacio Maior. Este enviou de encarregado o mencionado padre Claudio Aquaviva com mais dois padres e sua comitiva particular, sessenta christãos brancos com armas de fogo e bem municiados, e cem indios christãos com lanças. D'esta maneira chegou o padre Claudio Aquaviva á S. Francisco Xavier onde descançaram dez dias; e n'este tempo os padres em commissão perguntaram ao prisioneiro infiel o estado do alojamento, a força de gente que n'elle havia, os costumes e modo de pensar ou opinião do seu cacique sobre ser christão, e como se chamava. Respondeu que o cacique geral ou do alojamento grande se chamava Ita puâ (que quer dizer pedra em pé ou levantada) e que fóra do alojamento grande havia quatro mais pequenos, perto uns dos outros, e que era cacique d'estes Chimboí (que quer dizer Timbauva, arvore) porém subordinado a Ita-puâ, porque os quatro alojamentos pequenos não tinham tanta gente entre todos como o grande só, que o cacique Itá-puâ era mui paciente e muito bom, mas que o cacique Chimboí, era máu, bravo e alvoratado; que por ter pouca gente não brigava com Itá-puâ de quem não era amigo, pois andavam sempre em duvidas por qualquer cousa, mas que valia então não só a grande prudencia e bondade de Itá-puâ, como igualmente não ter este o minimo receio de Chimboí, o qual ficava muito bravo quando Itá-puâ lhe dizia que tinha vontade de ser christão,

como de facto tinha. Este cacique Itá-puâ, é como já disse, muito bom, manso e mui condescendente com todos, pelo que é amado e respeitado em geral de toda a gente e até dos quatro pequenos alojamentos, dos quaes continuamente se mudam algumas familias para o seu, que é sito em uma deliciosa campina quasi de tres quartos de legua em quadro, e pela beirada da dita campina pelo lado de Leste passa um grande rio abundantissimo em todas as qualidades de peixes, e na barranca do qual, tanto por elle abaixo como acima, quasi não ha páo ou arvore que não seja de fructas e todas muito boas de comer. Com as boas maneiras e carinhos d'este nosso amavel cacique Itá puâ, temos muita abundancia de sustento no alojamento, porque este nosso bom cacique nos faz trabalhar em plantar e colher muito milho, feijão, aboboras, mandioca, batatas e arroz. Ha ranchos grandes nos quaes o nosso cacique manda recolher e guardar todos estes mantimentos, para depois os ir dando e repartindo á toda sua gente. Tambem ha no alojamento bastantes laranjas, pecegos e outras fructas dos christãos, de maneira que vivemos fartos e contentissimos com o nosso amavel cacique Itá-puâ. Elle tem uma unica cousa de que alguns não gostam muito, e é que inclinando-se elle ou gostando de qualquer filha ou mulher de algum seu subdito, este tem de lh'a entregar, ainda que não seja de sua vontade. E' verdade que era estylo (dizem os antigos) que os caciques querendo podiam ter quinze, vinte e trinta mulheres cada um, assim como usam quasi em geral casar até irmãos como irmãs, se bem que alguns tem medo de casar-se entre parentes, quanto mais entre irmãos. Informado assim o padre Claudio Aquaviva e seus dois companheiros, seguiram com toda a sua comitiva e gente, levando mais cento e cincoenta indios já christãos armados de arco e frechas dos residentes em S. Francisco Xavier, e levando tambem de vaqueano ou pratico o infiel prisioneiro. Tendo chegado todos a uma

legua de distancia do alojamento de Itá-puâ mandaram ao dito prisioneiro bem ensinado a contar tudo e fallar com Itá-puâ a ver se queria ouvir a palavra de Deus e ser christão, ou qual era a sua opinião e seu modo de pensar a respeito, e que elles (padres) esperavam ahi a resposta. Seguiu o prisioneiro e chegando ao alojamento contou ao cacique Itá-puâ tudo que havia e ao que ia. Este ficou um tanto assustado, e mais assustados ainda ficaram todos os infieis do alojamento, que alvorataram-se muito, e quasi a metade d'esta gente fugiu e reuniu-se ao cacique Chimboí. Sabendo o que se passava Chimboí ficou muito bravo e como endemoninhado, e logo tratou de fazer uma grande jangada para (se fosse preciso) n'ella passar a sua familia no famôso rio em cuja barranca moravam, preparando-se ao mesmo tempo a brigar, porque se via com muita gente. Ao terceiro dia Itá-puâ com a gente que lhe tinha ficado apresentou-se aos padres, que os receberam com muita alegria, e lhes fizeram immediatamente uma grande pratica, acabada a qual, vieram todos os infieis mui contentes beijar as mãos dos padres. Então Itá-puâ deu-se-lhes a conhecer e offertou aos padres as laranjas que tinham podido carregar, dez infieis. Os padres agradeceram muito, e fizeram-lhe tambem seus presentes de anéis, tesouras, rosarios, contas de diversas côres para o pescoço das mulheres e anzóes; do que ficaram os infieis tão contentes como admirados, principalmente das contas de côres e dos anéis. Seguiram depois todos os infieis, christãos e padres para o alojamento, o qual os padres acharam ainda mais bonito e aprazivel do que imaginavam, pela agradavel descripção que d'elle lhes tinha feito o prisioneiro infiel, porque na verdade nada deixava a desejar pela agradavel vista que tinha, e bellas proporções para formar uma grande cidade. Ao outro dia disseram os padres ao cacique Itá-puâ: seria bom que fosse com a tua gente ver o que é feito do cacique Chimboí, e saber de que accordo está. Res-

pondeu Itá-puâ : eu agora estou com pouca gente, e Chimboí de certo tem mais do que eu, porque havia de se lhe reunir toda a que sahiu assustada do alojamento. Sim, estou prompto para ir mas ha de ser em companhia da gente christã; então sim vou com animo, porque se acharmos Chimboí elle ha de brigar infallivelmente, porque é máo e furioso. Ouvindo isto o padre Claudio Aquaviva lhe disse que sim; e mandou então ao padre João Vasco com quarenta christãos brancos com armas de fogo, sessenta indios tambem christãos com lanças, e quarenta com arcos e frechas. O cacique Itá-puâ com toda a sua gente foi com elles, e seguiram para o alojamento de Chimboí, o qual veio com sua força encontrar aos christãos já perto do dito alojamento com os gritos do costume, e assim carregaram fortemente sobre os christãos. Estes deram uma descarga de armas de fogo, da qual poucos tiros foram perdidos, o que fez dar volta aos infieis; porém logo se tornaram a reunir, e vieram outra vez sobre os christãos, mas já tinha determinado o padre João Vasco que se os infieis tornassem a vir sobre elles, que haviam de lhes dar uma descarga de armas de fogo e em seguida carregarem sobre elles, os lanceiros e todos os de arco e frecha, de maneira a fazer uma carga geral e atropellada sobre os infieis, o que se executou pontualmente. N'esta carga, uma bala por fortuna quebrou um braço do cacique Chimboí, que foi fugindo com muitos outros para a jangada que estava no rio, na qual tambem já estava a familia de Chimboí e mais gente : e porque ou a jangada estivesse muito carregada ou por causa de um grande temporal de chuva, pedra e trovões e de um furacão de vento que cahiram, como de proposito, quando a jangada ia quasi ao meio do rio, ella se desmanchou toda, e ahi morreram afogados Chimboí com toda a sua familia e muita gente mais. Alguns se salvaram em cima dos páos da jangada e outros á nado. Todos gritavam : castigo de Deus, castigo de Deus: de maneira

que tendo cessado quasi instantaneamente o temporal, não abonançaram os gritos dos infieis, tanto dos que escaparam ao naufragio, como dos que da barranca presenciaram o acontecimento, que continuavam a gritar e a repetir: castigo de Deus, correndo assustados a encostar-se aos christãos para se abrigarem. O padre João Vasco, a vista d'isto lhes fez uma pratica e principiou a acommodal-os porque chegava a noite. No dia seguinte o padre João Vasco seguiu com todos para o alojamento de Itá-puâ, onde estava a gente christã com o padre encarregado Claudio Aquaviva, o qual recebeu a todos com muita satisfação, e immediatamente lhes fez uma grande pratica que os infieis ouviram com muita attenção, respeito e humildade, e ainda como assustados. Os padres continuaram a prégar tres dias consecutivos, no fim dos quaes disseram ao cacique Itá-puâ, que seria bom que elle mandasse alguma gente sua pelos matos, a ver se reuniam mais alguns extraviados. Respondeu Itá-puâ que sim, mas que queria mandar duas partidas de gente, uma por um lado do rio, e outra pelo outro lado, o que assim fizeram. Os padres continuaram sempre a prégar, ensinando aos infieis a palavra de Deus, e mandando fazer um rancho grande que servisse de igreja, e denominaram a este rico lugar Nossa Senhora do Carmo, por ser este o dia que os padres ahi chegaram.

Aos treze dias da sahida das duas partidas de gente, a que não tinha passado o rio chegou trazendo comsigo setecentas e tantas pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Os padres contentissimos receberam esta gente e deram-lhe commodos. Em tudo o cacique Itá-puâ ajudava muito aos padres, e conhecia-se com quanto gosto se esmerava em fazer suas vontades, obedecendo-lhes cegamente, e pedindo sempre que se queria baptizar. Os padres lhe respondiam que esperasse que se concluisse a igreja e então se baptizaria. Os padres sempre prégavam de manhã e de tarde. Aos vinte e cinco dias

da sahida das duas partidas de gente, chegou a outra que tinha seguido pelo outro lado do rio, trazendo trezentas e tantas pessoas de todas as idades e sexos. Os padres ainda continuaram a prégar alguns dias em quanto acabavam de fazer a igreja. Tendo-a concluido, disseram missa e principiaram a baptizar, sendo o primeiro que se baptizou, o cacique Itá-puâ com o nome de Pacifico, seguiram baptizando e prégando sempre, de maneira que aos cinco mezes da sua chegada alli, tinham baptizado tres mil e tantas almas, entrando a gente que tinha ficado com o cacique Pacifico Itá-puâ. Os padres logo cuidaram em alinhar e arruar este delicioso lugar de Nossa Senhora do Carmo, para toda essa gente fazer seus ranchos nos lugares marcados. Em todo este tempo o cacique Pacifico Itá-puâ teve occasião de contar aos padres que lh'o perguntaram, como havia alli milho, feijão e mais legumes, assim como laranjas, pecegos e outras fructas. Disse que antigamente no tempo do seu avô, o qual tambem foi cacique, descobriram um morador christão em um rancho dos campos do Paraguay que confinava com aquella serra; os infieis avançaram á casa d'este morador; não a queimaram, porém mataram a gente que puderam, saquearam-a e conduziram uma china christã com duas filhinhas já baptizadas; uma de cinco annos e outra de tres. Passados tempos tornaram os infieis a ir á mesma casa que acharam despovoada, e ainda conduziram muitos legumes, que então a china christã plantou no alojamento. Foi ella mesma depois com os infieis á referida casa e conduziram mudas de laranjeiras e mais fructas que plantou no alojamento; assim continuaram muitas vezes a conduzir de tudo o que havia n'aquelle arranchamento dos christãos, que nunca mais alli vieram. A mencionada china christã foi a mestra que ensinou a fazer todas as plantações, e com ella aprenderam os infieis a plantar. O cacique Pacifico Itá-puâ não conheceu a dita china, mas conheceu as duas filhas que mor-

reram de velhas, quando elle tinha a idade de dezoito annos. A' vista d'estas noticias, e da certeza que lhes davam de que os campos do Paraguay estariam d'alli distantes quatro leguas, pouco mais ou menos, os padres determinaram mandar fazer canôas pelos christãos brancos, que levavam em sua companhia, e descer pelo rio abaixo para ver o que descobriam. Com effeito depois de tudo prompto, os padres deram ordem aos christãos de seguir para essa diligencia. Desceram trinta leguas pouco mais ou menos por este rio abaixo, e viram ranchos e gente na barranca do lado do Paraguay, pelo que se foram encostando a ella com muito receio. Fallaram e lhes responderam, e conheceram immediatamente que todos eram christãos brancos. Então atracaram a terra sem susto, desembarcaram e ficaram todos muito contentes. Souberam que aquella gente que ahi encontravam, era uma guarda de cincoenta homens do Paraguay, que n'este ponto estavam entrincheirados, legua e meia abaixo da beirada da serra d'onde sahia o mencionado rio para o campo. Estiveram todos juntos tres dias, e disseram os da guarda que d'aquelle lugar havia quatro dias de viagem para chegar ao primeiro morador, e que d'este para diante já havia mais moradores e duas freguezias para chegar até a capital do Paraguay, e que da dita guarda á capital se gastava de oito a nove dias de viagem.

Com esta descoberta e com estas noticias, regressaram os enviados dos padres, que de tudo isso ficaram contentissimos e mui satisfeitos. O padre encarregado Claudio Aquaviva mandou pelo rio ao padre João Vasco até á dita guarda para ahi pedir transporte e pratico, por ser muito mais perto e mais favoravel do que pela serra, para seguir com a parte geral e minuciosa de todos os acontecimentos e de todos seus feitos ao seu superior o padre Diogo de Torres, em Santo Ignacio Maior, o que tudo assim aconteceu.

No tempo da viagem do padre João Vasco a Santo Ignacio

Maior, os dois padres que ficaram em Nossa Senhora do Carmo, souberam pela gente da partida, que tinha ido pelo outro lado do grande rio a reunir a gente do extravio do cacique Chimboí, que todos tinham visto d'ahi como a umas dez ou doze leguas na serra, uns grandes serros de pedra, e em um d'elles uma casa de pedra muito bonita com portaes, faltando unicamente as portas e com quartos, o que tudo parecia feito por gente; fizeram todos esta narração com tanta exageração que o padre Claudio Aquaviva apromptou-se, e seguiu levando quarenta christãos brancos com armas de fogo, sessenta indios de lança e cem de arco e frechas. Chegando ao dito lugar viu com effeito um dos grandes serros de pedra, com tres portas na frente, um pateo mui plano que parecia até estar varrido, todo de pedra, assim como a frente da casa e tudo o mais era de pedra; as portas e as paredes tinham onze palmos de alto, e acima levantava-se o serro da mesma pedra a uma altura de dezeseis a vinte palmos; a sala grande do meio tinha vinte e cinco palmos de comprimento e dezenove de largura de um lado e dezesete do outro lado; o quarto da direita tinha quatorze palmos em quadro, o quarto da esquerda tinha dezesete palmos de comprimento e doze de largura da banda da sala grande, e da outra banda quinze; n'esta parede vinha em meia altura d'ella (por dentro do quarto) como uma bica por onde corria uma crystallina agua, á meia altura da parede, e varava o canto d'esta na frente e cahia em um grande tanque no canto da casa do lado de fóra, na ponta e frente do pateo. Claro está que por cima o forro d'estes quartos e sala eram de uma só pedra. Não havia n'elle a mais pequena fenda ou abertura que fizesse temer que cahisse ou abatesse nada do dito forro; o soalho tambem era uma lage de pedra e era feito com bastante perfeição. Conservavam-se limpos estes aposentos como se fossem varridos todos os dias. Estes tres quartos não tinham mais repartimento

algum nem mais portas que as tres da frente, que eram ao norte. Ahi esteve um dia o padre Claudio Aquaviva com a sua gente admirando o grandissimo auctor da natureza e o asseio d'aquelle lugar, pois parecia nunca ter andado ahi bicho ou insecto de qualidade alguma pela limpeza em que se conservava. No dia seguinte pôz-se de marcha para traz o padre com sua comitiva, e tendo caminhado menos de um quarto de legua, ouviram todos um estrondo forte como um grande trovão, mesmo na altura e rumo da mencionada casa de pedra, e d'ahi como a dez minutos viram um fumaça serrada sem o minimo cheiro, cuja fumaceira durou como um quarto de hora e tudo se acabou. O padre com a sua gente foram sempre seguindo o seu caminho até á povoação de Nossa Senhora do Carmo, aonde chegaram felizmente.

O padre João Vasco aos tres mezes da sua sahida da nova povoação de Nossa Senhora do Carmo, chegou de volta á ella, trazendo de Santo Ignacio Maior um grande sortimento do que o padre Claudio Aquaviva tinha pedido a seu superior o padre Diogo de Torres, e as competentes ordens para o que devia fazer, afim que prosperasse aquella nova e rica povoação, visto as bellissimas proporções que para isso tinha.

ARTIGO VIII.

Martyrio dos tres padres jesuitas Roque Gonsales, João de Castilho e Alonzo Rodrigues nas margens do Uruguay, perto de S. Nicolau, pelo cacique Neçu.

O padre Roque Gonsales nasceu no Paraguay, era filho de um homem de bastante capacidade (26) que deu a seu filho uma excellente educação. Depois de ter feito seus estudos, Roque foi ordenado pelo bispo da Assumpção, que quiz conservar junto de si o joven sacerdote; mas este quiz entrar na companhia de Jesus. Isto se passava no anno de 1609. Depois

de um anno como membro da companhia o padre Roque Gonsales foi para terras de infieis para lhes prégar e os baptizar. Elle exerceu primeiramente o seu ministerio catechizando infieis e reunindo-os nas immediações do rio Paraná; depois elle passou a exercel-o nas margens do rio Uruguay. Alli o padre Roque Gonsales catechizou a infieis que viviam em pequenos alojamentos e os baptizou assim como a seus caciques de nomes Rombi Tavará e Quarabai, que o estimavam muito. Tinha entrado nas terras dos dois caciques um outro cacique chamado Ñeçu, e os dois primeiros tiveram intenção de o matar por lhes ter vindo este usurpar o seu territorio. Este cacique Ñeçu que era mui feiticeiro, procurou a amizade do padre Roque, que tendo esperanças de que elle se fizesse christão e o ajudasse a reunir outros infieis, se ligou com elle e persuadiu aos dois primeiros caciques de lhe não fazerem o mal que tencionavam. Com effeito, Ñeçu tratou de coadjuvar ao padre e principiou a levantar casas para formar um novo povo. O padre Roque Gonsales mandou então chamar ao padre João de Castilho que se achava em S. Nicolau, e quando este chegou foram os dois padres levantar uma grande cruz no lugar destinado para o novo povo, e onde Ñeçu já tinha feito uma casa para o padre Roque Gonsales. Chegou ao mesmo tempo á este lugar o padre Alonzo Rodrigues que o padre Roque tinha feito chamar para ser seu companheiro. O padre João de Castilho já tinha conhecimento de quem era Ñeçu. Sabia que elle era muito máo, que passava por feiticeiro, que era mui soberbo e que não se queria sujeitar a ninguem, e d'isso deu aviso ao padre Roque Gonsales. Este chamou a Ñeçu em particular e lhe fallou admoestando-o contra os vicios que sabia que elle tinha. Ñeçu declarou ao padre que elle não era feiticeiro, mas que fingia de o ser para imprimir mais medo aos outros caciques e a todos os indios. O padre Roque Gonsales que queria ganhar todos os infieis a Deus, e con-

servar uma boa harmonia entre todos os seus catechizados, narrou aos dois caciques christãos Rombi Tavará e Quarabai a conversação que tinha tido com Ñeçu, assegurando-lhes que elle não era feiticeiro, e que por tanto estivessem com elle em boa intelligencia, pelo que ficaram mui contentes e satisfeitos. A conversação do padre Roque com os dois caciques christãos fôra ouvida por um indio moço filho de um d'elles, o qual narrou a mesma cousa á alguns outros indios, que sabendo que Ñeçu não era feiticeiro deposeram o medo que lhe tinham e ficaram alegres. Não tardou muito que Ñeçu fosse informado do que se passava, e de que os indios não lhe tinham mais medo, por ter dito elle ao padre que não era feiticeiro. Então Ñeçu enfureceu-se muito contra o padre Roque Gonsales, por ter descoberto a conversação que tinham tido, o que era causa de que os indios não tinham mais receio d'elle, e resolveu matal-o.

Não foi só ao padre Roque Gonsales que Ñeçu cheio de ira tratou de matar, quiz tambem fazer o mesmo aos dois outros padres Alonzo Rodrigues e João de Castilho que ás vezes iam pelos povos ou alojamentos visinhos de indios pagãos, sobre a costa do Uruguay. Em uma d'essas diligencias tinha sahido então o padre João de Castilho. Ñeçu mandou dizer aos caciques dos pequenos povos que elles tinham feito mal de acreditar na palavra dos padres e que os matassem, e que se tinham compaixão d'elles ou receio de os matar, elle Ñeçu mandaria para alli uma porção de tigres, que devorariam os caciques e a todos os indios que lhe desobedecessem, em qualquer lugar mais recondito do mato que elles se escondessem.

Os padres Roque Gonsales e Alonzo Rodrigues que estavam catechizando no povo onde se achavam com Ñeçu, já tinham convertido a metade dos indios pagãos do dito alojamento, e ignorando as disposições e ordens do cacique Ñeçu,

estavam-se preparando para fazer uma festa. N'esta festividade o padre Roque Gonsales celebrou a missa, depois da qual fez soar uma porção de peças de moeda de prata, que tinha collocado atraz do calix e ao redor da pedra d'ara, para excitar a admiração dos indios que nunca tinham visto moeda cunhada, e para os dispôr mais facilmente a acreditarem na palavra de Deus, o que com effeito muito agradou aos indios. O padre em seguida guardou as moedas, a pedra d'ara, o calix e mais paramentos. Entretanto o cacique Ñeçu convencionou com um indio, de que a certo signal que o cacique fizesse, acommettesse o padre. Foram a comer, e durante este tempo o cacique fez signal com os olhos ao dito indio que se chamava Marágué, o qual com um garrote fortemente deu na cabeça do padre Roque Gonsales que cahiu morto, dando-lhe ainda outro indio varios garrotaços na cabeça. Em seguida foram procurar ao padre Alonzo Rodrigues que estava no seu quarto. O cacique Ñeçu o agarrou pela cintura com os braços, e fez signal com os olhos a um indio de descarregar o golpe sobre o padre; em quanto este o descarregava, Ñeçu largou o padre com medo de ser elle mesmo ferido. O padre atordoado com o golpe retirou-se para o lado do corpo inanimado do padre Roque, e exprobou aos indios sua acção, perguntando-lhes porque os matavam, e concluiu dizendo que se o queriam acabar não o fizessem ahi, mas na igreja. Levaram-o para a igreja, e chegados á porta o fizeram cahir debaixo de seus golpes repetidos. Depois de morto partiram o cadaver em dois pedaços e os arrastaram um pouco para traz da igreja. Entraram depois na igreja os indios, tiraram o calix, a patena que partiram em pedacinhos que repartiram entre si. O mesmo fizeram da casula. Sahiram da igreja para irem arrancar a cruz que os padres tinham erguido e a queimaram, e desmancharam completamente uma pequena imagem da Virgem que um dos padres trazia sempre comsigo (27). Uma parte dos indios não

approvou estes excessos que lamentavam, porque estimavam os padres, e fallaram entre si para se reunirem e matarem aquelles que tinham commettido este attentado; mas como eram inferiores em numero, não o fizeram. Um indio velho não podendo conter sua indignação contra os indios, e exprimindo a compaixão que lhe causava a morte dos padres, que, dizia elle, haviam de os levar para o céo, foi morto a garrotaços pelos indios; assim como o foram dois indios mais moços que approvaram os ditos do velho.

Um dos indios favoraveis aos padres, tendo receio que lhe coubesse a mesma sorte, retirou-se d'aquelle lugar, e foi dar parte d'este funesto acontecimento aos indios amigos dos padres nos povos circumvizinhos, em um dos quaes se achava o padre João de Castilho. Soube Ñeçu d'este aviso e immediatamente mandou a sua gente para que matassem o ultimo dos tres padres. Um d'estes indios mandados por Ñeçu entrou repentinamente no quarto do padre e lhe pediu agua, anzóes e mais cousas; ignorando inteiramente o padre o fim a que vinha, lhe perguntou que queria fazer d'estas cousas. Na occasião de responder, o indio que tinha seus companheiros na porta, se lançou sobre o padre, o segurou, ataram-lhe as mãos e o tiraram para fóra. Na sua sahida do quarto lhe deram com um páo pela cara, dizendo-lhe: você ha de acabar em nossas mãos. Pediu-lhes então que o levassem para o enterrar com os outros dois padres. Elles lhe cravaram successivamente tres espadas no corpo, e um dos indios lhe furou os olhos, dizendo que havia de morrer como cachorro; ao que respondeu o padre que seu corpo havia de morrer, mas que sua alma era immortal, e que ella não havia de morrer. Enlaçaram-o com uma corda (guasca) e o arrastaram por entre os pedregais, rompendo toda a sua roupa, e tanto o arrastaram, que arrebentou a corda antes que elle expirasse. O corajoso martyr disse-lhes então que elle não sentia os soffrimentos e

que atassem de novo a corda. O que fizeram, e um indio puxando por ella subiu a uma alta pedra e esteve puxando pela corda, fazendo-lhe bater repetidas vezes a cabeça contra a pedra, o qual exclamou: Jesus, Maria e logo expirou. O indio disse então aos seus companheiros: deixemol-o aqui para que o comam os cachorros. E um dos indios que estimava os padres queimou o seu corpo para que não fosse comido pelos cães.

Esta infausta noticia chegou aos povos christãos circumvizinhos, que em massa com os seus padres foram á sepultura dos tres martyres. Então o coração do padre Roque Gonsales proferiu estas palavras: « Mataram o meu corpo e tem feito pedaços os meus ossos, porém não mataram a minha alma. Estou no céo gozando da gloria. Por me terem morto injustamente Deus ha de castigar os meus assassinos » cujas palavras foram ouvidas por todos os assistentes christãos e pagãos. Ñeçu soube d'isso, e ordenou que fizessem pedaços o coração do veneravel padre Roque. Marânguâ o assassino do padre estava presente e disse: ainda está fallando aquelle que nos estava enganando; e fez uma grande fogueira em que pôz o corpo do padre Roque para que se consumisse inteiramente ao fogo; mas, oh! maravilha! o fogo respeitou o coração do apostolo martyr, o qual depois mandaram para Roma. A' vista d'estes prodigios, os outros povos visinhos de christãos se juntaram para fazer frente a Ñeçu, que vendo a superioridade de seus contrarios se arrependeu, e foi pedir perdão aos padres de S. Francisco Xavier que muito sentiam a morte de seus tres companheiros (28).

ARTIGO IX.

Morte do padre Christovão de Mendonça, martyrisado em Ceaguayú, no territorio de S. Borja, segundo o manuscripto.

Achando-se no povo de Jesus Maria os padres Pedro Romero superior e o padre Christovão de Mendonça, aquelle

PD 387 - X 39

mandou a este para catechizar nas costas do rio Aguapey. Durante a ida do padre Christovão se lhe apresentou no trajecto o cacique Ybitiraí acompanhado de alguma gente, supplicando ao padre de ir para sua terra catechizar tambem, porque elle e sua gente queriam ouvir prégar a doutrina christã e se fazer baptizar. Dizia isto fingidamente, porque sua intenção era attrahir o padre para sua terra e matal-o, de cuja traição não teve o padre a menor desconfiança; por isso, depois de ter prégado e baptizado á varios na costa do Aguapey, o padre Christovão de Mendonça com o seu sachristão e fiel companheiro acompanharam ao cacique Ybitiraí e a sua gente que o tinham esperado. Veio ao seu encontro outro cacique de nome Manãndara que tinha entrado no plano de Ybitiraí, mostrando as melhores disposições para com o padre. Chegaram á costa de um grande rio onde os apanhou uma copiosa chuva. Os indios da comitiva dos caciques se espalharam pelo mato afim de se garantir melhor da chuva, e então principiaram a combinar a morte do padre Christovão, que ahi mesmo foi avisado por um indio amigo dos christãos da perversa intenção dos caciques; mas infelizmente os indios amigos dos christãos eram em menor numero do que seus contrarios: e era impossivel que elles não fossem mortos se tentassem resistir. O padre Christovão de Mendonça, para dar animo aos seus, montou a cavallo e caminhou para ir encontrar aos caciques e aos indios que vinham sobre elle; mas tendo andado uma pequena distancia o seu cavallo se atolou em um banhado sem que o podesse fazer sahir. Entretanto os infieis se aproximavam d'elle, que desceu do cavallo e disse á seu fiel sachristão de ganhar o mato para se escapar; o que o joven fez, deixando porém seu arco e frechas junto do padre. Tendo chegado a distancia propria os selvagens principiaram a atirar frechas ao padre, que tambem se armou machinalmente para sua defeza, com o arco e frechas que tinha deixado o sachristão.

Mas como nunca tivesse feito uso d'esta arma, só pôde fazer demonstrações de defeza, sem poder acertar a tirar nem uma frecha, em quanto os infieis lhe cravaram muitas nas costas. Procurou o padre retirar-se á pé, do meio do banhado, e como lhe pezassem muito as frechas que tinha cravadas no corpo, as rompeu para poder mal e mal caminhar. Apenas se achava elle fóra do banhado, uma frecha inimiga lhe acertou na cabeça, e lhe atravessou a cara. Cahiu á este golpe, e immediatamente se chegaram a elle os infieis, e um d'elles lhe deu dois garrotaços pela cabeça. Apararam-lhe a lingua, cortaram-lhe uma orelha, desnudaram-o, apoderaram-se de um crucifixo que levava, o qual os indios jogaram. Elles queriam queimar o corpo do padre que julgavam morto se bem que não estivesse, mas tendo principiado a chover de novo, se retiraram deixando estendido o corpo, com resolução de voltarem pela manhã seguinte a fazer esta operação. Pouco tempo depois o padre Christovão de Mandonça tornou a si do desmaio, e vendo-se desnudado se arrastou para o mato com crueis dôres nas duas feridas grandes que os garrotes lhe tinham feito na cabeça. Procurou alguma cousa para cobrir a sua nudez e não achando nada no mato, sahiu outra vez para o campo, aonde extenuado de suas feridas e de cancaço cahiu no chão, não tendo mais forças para se ter em pé. Pela manhã os infieis foram ao lugar onde o tinham deixado na vespera, e não o encontrando foram a sua procura, guiando-se pelo rasto das gottas de sangue que tinham cahido das suas feridas. Encontraram-o na posição que temos dito e principiaram a zombar d'elle. Dirigiram-lhe a palavra, dizendo-lhe: como é que Nosso Senhor que nos disseste ser tão poderoso não te tem preservado de nós, que temos tido mais poder do que elle. O padre quasi exanime respondeu-lhes com voz desfallecente que Deus havia de remunerar á sua acção criminosa com algum grande castigo. Então um indio á vista

d'esta resposta descarregou um forte golpe na boca do padre Christavão de Mendonça, o qual lhe quebrou a dentadura, que apesar de seu medo, recolheu o sachristão que já os infieis tinham achado. O sacerdote moribundo pôde ainda balbuciar as palavras: vós matais o meu corpo, mas não tendes poder de matar a minha alma que ha de viver sempre, e que vai subir no céo para gozar da gloria. Oxalá! que vós acreditasseis na palavra de Deus que vos tenho ensinado, porém sois máos, por isso não me acreditais » Os infieis ao ouvir este dito ficaram de mais á mais enfurecidos, e disseram: *Por debaixo de la barba assi lo usen em S. Borja*, (proprias palavras em castelhano que se acham no manuscripto) e se arremessaram ao padre, abriram-lhe a garganta, e pela mesma garganta lhe tiraram a lingua, (como para dizerem que no lugar onde elles estavam que se fizesse assim pelo futuro arrancando-lhes a lingua pela garganta aos que viessem catechizar, e em cujo lugar mais tarde dá claramente a entender o auctor do manuscripto se formou o povo de S. Borja. E' nota do traductor. Tendo arrancado a lingua do padre pela garganta lhe tiraram a pelle do peito e do ventre, abriram-lhe o peito e com a ponta de uma frecha que cravaram no seu coração, dizendo: talvez este ainda esteja vivo, e o extrahiram do corpo já exanime. Assim findou o veneravel padre Christovão de Mendonça. (29)

Tendo-se espalhado esta infeliz noticia pelos povos christãos, que o padre Christovão de Mendonça havia catechizado, quizeram os indios baptizados em numero de mil quatrocentos ir procurar os assassinos e os matar tambem, mas intervieram os outros padres jesuitas dizendo-lhes, que o que tinha acontecido era um mal irremediavel, e que tratassem antes de ir buscar o corpo do fallecido padre Christovão de Mendonça para lhe dar sepultura, ao que se conformaram. Guàibî, cacique principal do povo de S. Miguel, que tambem tinha sido

fundado pelo padre Christovão de Mendonça onde tinha sido substituido pelo padre Miguel Gomes, que ainda no dito povo se achava, Guàîbî que era christão, em suas diligencias agarrou a um dos assassinos do padre Christovão de Mendonça. Chama-se este indio Tayubaî, e o pôz em confissão. Este confessou ser um dos assassinos do padre, e indicou o lugar onde tinha ficado o seu corpo. Partiram em dois pedaços a cabeça do indio assassino, e foram á procura do corpo do padre Christovão de Mendonça que encontraram e levaram para S. Miguel, fazendo-se-lhe no dito povo solemnes exequias, nas quaes os padres jesuitas fizeram o panegyrico do illustre martyr que tantos trabalhos tinha passado, e tantos serviços tinha prestado a christandade e a humanidade nas missões da provincia, reduzindo e baptizando nas immediações do povo de S. Miguel uns cinco mil indios.

NOTAS.

(14) Uma boa parte d'esta traducção foi feita por meu distincto amigo o Sr. Capitão Francisco Marques Pereira, e alguns artigos pelo Sr. D. José Ramon Ximenes.

(15) Desde o anno de 1588, alguns jesuitas tinham penetrado na provincia do Paraguay. Porém esta companhia não se estabeleceu definitivamente no referido territorio senão em 1609, depois da creação d'esta nossa provincia jesuitica. Em 11 de Agosto de 1588 chegaram a uma paragem distante tres leguas da Assumpção, capital do Paraguay, diz o padre Pedro Lozano em sua historia, os padres jesuitas João Saloni, Manoel de Ortega e Thomaz Fildi procedentes da sua provincia do Brasil, sendo mui peritos na linguagem do Brasil, que era a mais usada na governação do Paraguay. Estes tres padres foram sem duvida os primeiros da companhia que pisaram o terreno do Paraguay. Foram optimamente acolhidos pelo governador da provincia o licenciado João de Torres de Vera e Aragão, e sobretudo pelo governador episcopal, religioso dominicano, que concedendo amplas faculdades aos padres jesuitas recem chegados, aproveitou toda e qualquer occasião para ser util ao Instituto da companhia de Jesus.

O jesuita ainda noviço João Saloni, natural do bispado de Lerida em Catalunha em companhia dos missionarios padre Luiz Mesquita e o irmão Manoel Dias se embarcaram em Lisboa á 19 de Fevereiro de 1574, e chegaram á Bahia de Todos os Santos a 2 de Maio do dito anno. Em Agosto de 1576, Saloni foi ordenado sacerdote em Pernambuco pelo bispo D. Antonio Barreiros, e foi empregado em varias missões. Com o seu mestre o padre Gaspar Lorenzo Tullio Brasiliense, seguiu a conversão de infieis sobre o rio

Real, e fundaram com indios Tabayaras, apesar dos ardís de varios indios, e das perseguições crueis dos mamelucos, a reducção de S. Thomé, e prégaram aos gentios pelo espaço de vinte leguas que ha entre o rio Real e o grande rio de S. Francisco. Nas terras dos Surubís os incansaveis missionarios fundaram a igreja de S. Ignacio bispo e martyr, e tendo atravessado o rio Sergipe fundaram na beira do mar a reducção ou aldêa de S. Paulo. O padre João Saloni no Brasil teve occasião de exercitar sua caridade ardente em uma aldêa acommettida pelo terrivel flagello da peste que n'ella fez tremendos estragos, prodigalizando soccorros de toda especie aos moribundos e pesteados, e mantendo-se nas aldêas de indios, se distinguiu pelo zelo intrepido com que defendeu sempre a liberdade dos indios contra a qual na America se haviam armado poderosos inimigos, e no Brasil eram seus inimigos todos os que tinham vindo do Reino, ou portuguezes mesmo nascidos no Brasil, que n'elle moravam; porque como então não se conheciam ainda minas de prata, de ouro, de diamantes, etc., todo o commercio se reduzia ao páo brasil, o assucar; e estas industrias occupavam necessariamente multidão de braços, e se inventavam mil fraudes e tyrannias para captivar e fazer trabalhar os indios, que acostumados a uma vida licenciosa e folgasã, antes queriam perecer nas unhas das féras, nos bosques aonde fugiam, do que sujeitar-se a tão dura servidão. E por tomar a defesa dos indios o padre Saloni padeceu não poucos dissabores durante os quatorze annos que trabalhou nas missões do Brasil. Nas do Paraguay em cuja metropole foi o primeiro jesuita que entrou, o padre João Saloni viveu doze annos, sendo quasi sempre superior dos outros dois jesuitas que andavam n'aquella missão, se bem que durante cinco annos, ficou elle só na Assumpção, emquanto seus companheiros Ortega e Fildi se empregavam em missões no Guayrá. Mais tarde lhe enviaram os padres Alonzo de Barzana, Marcello de Lorenzana e o irmão João de Aquila, que se empregaram em varias missões para catechizar indios. O padre Marcello de Lorenzana foi reitor do collegio da Assumpção, e muito fez para catechizar os indios do Paraguay, dando missões as vezes com o padre Saloni pelo Tebiquari, e ao Norte mais de duzentas leguas do lado de Santa Cruz da Serra. Foram visitados pelo visitador padre João Romero.

Tendo-se retirado do Paraguay o padre Barzano, que depois de immensos trabalhos evangelicos no Perú em Tucuman e no Para-

guay, foi morrer santamente em Cusco, e tendo fallecido no anno de 1599 na Assumpção o veneravel padre João Saloni, foi nomeado para sua substituição no cargo de superior o padre Marcello de Lorenzana que teve ordem de chamar á Assumpção os padres Manoel de Ortega e Thomaz Fildi, e de limitar seu zelo á cidade sem emprehender outra missão na provincia do Paraguay. Pouco depois não tendo companheiros para lhes enviar auxilio determinou o visitador padre Estevão Paes, que os jesuitas deixassem a provincia do Paraguay para se recolherem á de Tucuman, porque, dizia elle, se bem que os tres mencionados padres tenham sua casa no Paraguay em grande credito e fama, e n'aquelle paiz produzissem abundante fructo, comtudo a excessiva distancia que havia do Paraguay ao Perú, cabeça do corpo religioso dos jesuitas lhe fazia temer que para o futuro desfallecessem, e que sendo o Paraguay mais vizinho do Brasil, podiam os jesuitas d'aquella apostolica provincia exercitar ahi seu zelo com mais fructo, por ser a lingua do Brasil semelhante a do Paraguay, sem os riscos que aprehendia, se pertencesse á do Perú. Apesar do profundo desgosto que esta determinação infundiu nos vizinhos do Paraguay, e do sentimento que tinham os padres jesuitas ahi residentes de abandonar um paiz regado já de seus suores, e onde suas prégações tinham produzido e podiam produzir abundantes fructos de salvação, resolveram obedecer a seu superior. Porém tendo adoecido o padre Thomaz Fildi de penosa enfermidade, e não podendo por causa de seus numerosos achaques sem perigo de sua apreciavel vida emprehender uma viagem de mais de trezentas leguas, resolveu o padre Marcello de Lorenzana deixal-o na casa jesuitica do Paraguay, o que foi uma sabia disposição da providencia divina, que facilitou mais depressa o regresso dos padres da companhia á provincia do Paraguay.

Eis um resumo bem succinto da estada dos jesuitas no Paraguay, antes que o geral da companhia padre Claudio Aquaviva desligasse a dita provincia da do Perú, e mandasse para provincial d'ella ao padre Diogo de Torres.

Em 1603, D. Hernando Arias de Saavedra, valente caudilho e melhor governador, sahe da Assumpção com um numero mui regular de tropas; resolvido a sujeitar as tribus do Uruguay á obediencia da Hespanha, ou a perecer na contenda. Toda sua infantaria composta de quinhentos milicianos, ficou estendida nas verdes planicies que rega esse caudaloso rio; tão grande era o furor, e a

ga obstinação com que os naturaes defendiam seu solo natal! uerara.) Tantas tentativas, diz D. Alejandro Magariños Cervantes, ntas tentativas estereis acabaram por fim de desenganar os Hespa- ões de que não era facil sujeital-os pelas armas, e recorreram ao eio de que deveriam ter usado desde seu principio. Felippe III, or uma real ordem de 30 de Janeiro de 1609, ordenou que se ntasse a reducção dos indigenas por meio das missões evangelicas. companhia de Jesus apparecendo então n'aquella rica vinha, rutou almas para o céo com a rapidez que veremos e com o erto que se deduz das reaes providencias expedidas em seu favor 1634.

O preambulo de uma d'ellas, diz assim: « D. Felippe pela graça e Deus, rei de Castella, de Leon, etc.

« Por quanto Alonso Messia, da companhia de Jesus, me tem ito relação que os religiosos da dita companhia, sem escolta de oldados, nem mais força que o santo Evangelho, tem entrado o governo do Rio da Prata, conquistando provincias e reduzindo aturaes d'ellas em povoações com igrejas, vencendo para conse- ail-o grandes impossiveis, com offerecer-lhes de serem postos em encommenda) em minha corôa real, e no que tem procedido om tanto desvelo e cuidado, que no presente estão reduzidos mais « de setenta mil nas ditas provincias do Rio da Prata, Paraguay e « Villa do Espirito Santo, etc. »

Estas poucas linhas, diz o acima citado Sr. Cervantes, fallam mais alto em favor da companhia de Jesus, considerados como missionarios, do que tudo o que se tem dito (e se tem dito muito) e que se possa dizer contra elles e seu systema.

(16) N'esse tempo o reverendo padre Claudio Aquaviva, quinto geral da companhia de Jesus, como por inspiração de Deus, resolveu se fundasse com effeito provincia da sua sagrada religião nas provincias do Paraguay, Tucuman, e Buenos-Ayres, enviando sujeitos de todas as prendas e qualificadas virtudes, a cargo do veneravel Diogo de Torres Bollo, a quem despachou patente de provincial, o qual deu principio á nova provincia no anno 1607.

Insignes missionarios, em Pamplona 1687. Era em 1606 provincial dos jesuitas na provincia do Perú o padre Estevão Paes, e superior o padre João Romero. O padre Diogo de Torres era procurador da provincia do Perú. A este escreveu de Roma o geral da companhia padre Claudio Aquaviva em Março de 1604, uma

carta do theor seguinte: « Saiba que depois que V. Rvma. partiu d'aqui, resolvi duas cousas: — a primeira fundar no Paraguay uma provincia independente da do Perú, a segunda que V. Rma. execute isso e se ponha esta carga ás costas, do que espero ha de se servir Deus Nosso Senhor. Poderá V. Rvma. para isso tomar quinze companheiros dos que leva, e pelo mais que diz respeito a este objecto, o saberá lá no Perú, pelo que se escreve e ordena.

O manuscripto Guarani, n'este artigo e no artigo 7.° d'este capitulo, falla do padre Claudio Aquaviva, como se elle fosse então provincial dos jesuitas no Perú, ou superior de alguns missionarios no Paraná. Póde ser que houvesse dois padres Claudio Aquaviva do mesmo nome, porque é certo que assim se chamava então o geral dos jesuitas em Roma.

(17) Vide a nota (22) do artigo 4 d'este cap.

(18) A provincia que os hespanhóes chamaram Guayrá, do nome de um cacique famosissimo, em cujo territorio fundaram a cidade Real e Villa Rica, era uma grande extenção de terreno do vastissimo governo do Paraguay, de cuja capital distava mais de cento e cincoenta leguas para Leste: e se estendia mais de cem leguas. Tinha o Brasil ao Oriente e ao Sul a provincia de Uruguay. Antes que a conquistassem os hespanhóes e portuguezes, eram innumeraveis os indios que a povoavam e n'ella viviam já nos matos, já nos arroios, já nos rios que ahi são innumeros e caudalosos dos quaes o principal é o Paraná. O celebre cacique Guayracá, tinha outros caciques amigos que governavam doze grandes povos que das terras do Brasil continuavam até á fóz do Paranapanéma, e seguiam o curso do Paranaguaçú, seus nomes eram: *Tapurá*, *Itaquebà*, *Hindò*, *Tarapopè*, *Povo Celebre*, *Yacarcati*, *Taparaguà*, *Tacaraquí*, *Ybizù*, *Maendà*, *Tabeté*, povo de fama e mui povoado, e *Yapaguay*. Oitenta leguas mais ao Norte até o Brasil, e pelo lado austral até o mar, houve antigamente uma multidão innumeravel de indios, especialmente no rio Huybay, nos grandes povos de *Tubacay*, *Asboypitan*, *Yaguaquè*, *Cummimingurà*, *Nunguarù*, *Itacurà e Arayx*. Era igualmente populosa a provincia dos *Tayaobas*, a mór parte de nação Guarani e lavradora, mas tão briosa que em cem annos não a poderam conquistar nem castelhanos nem portuguezes por meio das armas, e conservaram os fóros da sua liberdade incolumes, grangeando-lhes seu valor tal respeito que os europeus não se atreviam fazer chegar aos seus limites os rumores de guer-

ra. Porém os tayaobas estavam em guerra continua com seus confinantes os cabelludos, gente não menos valorosa, que povoava dilatados campos do lado do rio Iguassú, e aos quaes se deu este nome, porque usavam o cabello solto até á cintura. Mais ao Sul dos tayaobas, em um paiz mui frio no inverno por causa da sua demasiada altura, e sujeito no verão á terriveis tempestades de trovões e de raios, habitavam os ybirayáras, assim chamados por uns garrotes de que usam na guerra com grande destreza. N'elle ha campinas mui ferteis e dilatadas, que faz mais formosas e agradaveis á vista a variedade de alguns capões raros de pinheiros, que se encontram de distancia em distancia, e que dão pinhões com abundancia, para o sustento dos naturaes. E' cousa certa que n'este paiz se encontra a arvore da canella da mesma qualidade, e tão fina como a da India Oriental, de que fez experiencia o veneravel padre Francisco Dias Taño, que beneficiando umas cortiças á moda das ilhas Molucas achou-se a canella excellente sem differença da das Indias. Todas estas nações em geral, fallavam o guarani, excepto os gualachos e os ybirayarás que tinham linguagem peregrina. O territorio da vasta provincia de Guayrá situado no Capricornio e geralmente humido, é insalubre e sujeito a febres. Prova mal sobre tudo para os estranhos. As fructas da Europa não dão bem ahi. As fructas silvestres, a caça e a pesca, forneciam o sustento dos habitantes. O animo da gente correspondia com a miseria do paiz. Pouco aptos para o serviço braçal, sua industria se limitava á fabricação da herva mate. Foram mui dispostos estes indios a receberem o Evangelho.

(19) O rio Paraná-pané, cujo nome significa *é esteril de peixe*, se bem que possante em aguas não produz creatura vivente, até que misturando suas aguas com as do Pirapó com ellas se enriquece de peixes. Nasce este rio, nas remotas campinas de Caayù sobre as eminentes cordilheiras do Brasil, povoadas antes de innumeraveis indios, mas hoje desertas pelas caçadas dos portuguezes. Elevadas e frondosas arvores que parecem querer subir ás nuvens corôam seus valles. N'elles se encontram plantas aromaticas, madeiras incorruptiveis, cedros, louros, páos amarellos, páo brasil, e outras mui olorosas e medicinaes com raras virtudes, de agradavel diversidade e de vivas e variadas côres. Povoavam suas vistosas margens vinte grandes povoações que bebiam de suas aguas: mas existiam as familias em crescedissimo numero que viviam sem

governo e sem domicilio fixo. Estes indios plantavam, deitando fogo no terreno em que queriam plantar, as cinzas o fertilizavam, e faziam duas colheitas uma no outono, e outra na primavera, porém eram mui preguiçosos para o trabalho, e portanto apesar da fertilidade do sólo como pouco trabalhavam, pouco colhiam e continuavam sempre miseraveis. Só sacudiam sua preguiça em occasiões de guerra que tinham a miudo com os Tupys do Brasil. Uns e outros comiam seus prisioneiros em festins. Estes indios tinham noticia bem que confusa de que ha um Deus creador do universo, que todo o genero humano teve principio em Adão e Eva; que tudo pereceu pelo diluvio, salvando-se Noé e sua familia na arca. Diziam que Pay Zumé (S. Thomé Apostolo. Vide artigo 6.º d'este capitulo nota 23) tinha ensinado esta doutrina a seus maiores; porém nenhum culto tributavam a Deus, nem a outra creatura qualquer. A polygamia simultanea, não é unicamente n'elles um distinctivo de auctoridade porque se julgavam mais poderosos, segundo o maior numero de concubinas que tinham; mas n'esse uso encontravam utilidade, não só para satisfazer seus desejos lascivos, senão tambem para terem mais copiosa provisão de bebidas que as mulheres preparavam com milho fructas silvestres e com mel que se encontra copiosamente nos matos, e quanto maior era o numero de suas mulheres, maior era a quantidade de licores com que saciavam sua paixão desenfreada da embriaguez. Havia d'estas bebidas tão fortes, v. g. a *encalabrina* que deixava vinte e quatro horas sem mais movimento que um pedaço de madeira. Chegava as vezes a cincoenta o numero das mulheres dos principaes indios.

(20) N'estas e outras sortidas d'estes padres e de seus companheiros para conversão dos infieis do Guayrá, os missionarios Jesuitas muito tiveram que padecer tanto por parte dos mesmos hespanhóes, como dos portuguezes e dos mesmos indios. Vou apontar alguns d'estes padecimentos, etc.

Houve um portuguez de S. Paulo, que vendo-se admoestado pelo padre Cataldino, porque sem temor de Deus e dos homens, ia no povo de Santo Ignacio Miri de casa em casa, roubando quanto indios e indias podia, apontou com a espingarda á cabeça do padre porque como bom pastor, impedia o estrago que se fazia em suas indefesas ovelhas. Outros paulistas publicavam entre os infieis que os missionarios eram os mais interesssados na venda dos indios, e [illegible] juntavam nos povos para poder mais facilmente enriquecer;

ra. Porém os tayaobas estavam em guerra continua com seus confi-
nantes os cabelludos, gente não menos valorosa, que povoava
dilatados campos do lado do rio Iguassú, e aos quaes se deu este
nome, porque usavam o cabello solto até á cintura. Mais ao Sul
dos tayaobas, em um paiz mui frio no inverno por causa da sua
emasiada altura, e sujeito no verão á terriveis tempestades de
rovões e de raios, habitavam os ybirayáras, assim chamados por
uns garrotes de que usam na guerra com grande destreza. N'elle ha
campinas mui ferteis e dilatadas, que faz mais formosas e agrada-
veis á vista a variedade de alguns capões raros de pinheiros, que
e encontram de distancia em distancia, e que dão pinhões com
bundancia, para o sustento dos naturaes. E' cousa certa que n'este
paiz se encontra a arvore da canella da mesma qualidade, e tão fina
como a da India Oriental, de que fez experiencia o veneravel pa-
lre Francisco Dias Taño, que beneficiando umas cortiças á moda
as ilhas Molucas achou-se a canella excellente sem differença da
as Indias. Todas estas nações em geral, fallavam o guarani, excepto
s gualachos e os ybirayarás que tinham linguagem peregrina. O
ritorio da vasta provincia de Guayrá situado no Capricornio e
geralmente humido, é insalubre e sujeito a febres. Prova mal sobre
tudo para os estranhos. As fructas da Europa não dão bem ahi.
As fructas silvestres, a caça e a pesca, forneciam o sustento dos
habitantes. O animo da gente correspondia com a miseria do paiz.
Pouco aptos para o serviço braçal, sua industria se limitava á fa-
bricação da herva mate. Foram mui dispostos estes indios a rece-
berem o Evangelho.

(19) O rio Paraná-pané, cujo nome significa *é esteril de peixe*,
se bem que possante em aguas não produz creatura vivente, até que
misturando suas aguas com as do Pirapó com ellas se enriquece de
peixes. Nasce este rio, nas remotas campinas de Caayù sobre as
eminentes cordilheiras do Brasil, povoadas antes de innumeraveis
indios, mas hoje desertas pelas caçadas dos portuguezes. Elevadas e
frondosas arvores que parecem querer subir ás nuvens corôam seus
valles. N'elles se encontram plantas aromaticas, madeiras incor-
ruptiveis, cedros, louros, páos amarellos, páo brasil, e outras mui
olorosas e medicinaes com raras virtudes, de agradavel diversidade
e de vivas e variadas côres. Povoavam suas vistosas margens vinte
e cinco grandes povoações que bebiam de suas aguas: mas existiam
muitas outras familias em crescedissimo numero que viviam sem

governo e sem domicilio fixo. Estes indios plantavam, deitando fogo no terreno em que queriam plantar, as cinzas o fertilizavam, e faziam duas colheitas uma no outono, e outra na primavera, porém eram mui preguiçosos para o trabalho, e portanto apesar da fertilidade do sólo como pouco trabalhavam, pouco colhiam e continuavam sempre miseraveis. Só sacudiam sua preguiça em occasiões de guerra que tinham a miudo com os Tupys do Brasil. Uns e outros comiam seus prisioneiros em festins. Estes indios tinham noticia bem que confusa de que ha um Deus creador do universo, que todo o genero humano teve principio em Adão e Eva; que tudo pereceu pelo diluvio, salvando-se Noé e sua familia na arca. Diziam que Pay Zumé (S. Thomé Apostolo. Vide artigo 6.º d'este capitulo nota 23) tinha ensinado esta doutrina a seus maiores; porém nenhum culto tributavam a Deus, nem a outra creatura qualquer. A polygamia simultanea, não é unicamente n'elles um distinctivo de auctoridade porque se julgavam mais poderosos, segundo o maior numero de concubinas que tinham; mas n'esse uso encontravam utilidade, não só para satisfazer seus desejos lascivos, senão tambem para terem mais copiosa provisão de bebidas que as mulheres preparavam com milho fructas silvestres e com mel que se encontra copiosamente nos matos, e quanto maior era o numero de suas mulheres, maior era a quantidade de licores com que saciavam sua paixão desenfreada da embriaguez. Havia d'estas bebidas tão fortes, v. g. a *encalabrina* que deixava vinte e quatro horas sem mais movimento que um pedaço de madeira. Chegava as vezes a cincoenta o numero das mulheres dos principaes indios.

(20) N'estas e outras sortidas d'estes padres e de seus companheiros para conversão dos infieis do Guayrá, os missionarios jesuitas muito tiveram que padecer tanto por parte dos mesmos hespanhóes, como dos portuguezes e dos mesmos indios. Vou apontar alguns d'estes padecimentos, etc.

Houve um portuguez de S. Paulo, que vendo-se admoestado pelo padre Cataldino, porque sem temor de Deus e dos homens, ia no povo de Santo Ignacio Miri de casa em casa, roubando quanto indios e indias podia, apontou com a espingarda á cabeça do padre porque como bom pastor, impedia o estrago que se fazia em suas indefesas ovelhas. Outros paulistas publicavam entre os infieis que os missionarios eram os mais interesssados na venda dos indios, e que os juntavam nos povos para poder mais facilmente enriquecer;

outros em numero de trezentas pessoas receberam em paz os guayrenhos. Em pagamento da sua quiéta submissão, mandou matar os quatro caciques, e condemnou todo o resto a desterro perpetuo nas cercanias da cidade Real; e todas as vezes que appareciam portuguezes lhes vendia a gente de Guayrá quantos indios podiam ! ! !

Os indios por sua parte eram em geral mui deshonestos, e mui depravados em seus costumes: por isso foi-lhes summamente difficultoso sujeitarem-se á santa lei de Christo que lhes prégavam os missionarios. Houve por tanto caciques que não pouparam diligencias para alterar os animos da sua gente contra os jesuitas com designio de os expulsar do paiz: eis um discurso que o cacique Atyguayé fez em uma occasião a sua gente: — Os demonios sem duvida trouxeram a nossa terra esses homens (os jesuitas) que com novas doutrinas e invenções procuram apartar-nos do antigo e louvavel modo de vida que observaram nossos maiores. Elles tinham sem reparo muitas mulheres e grande numero de criados que livremente e a seu gosto escolhiam, e agora estes forasteiros com o especioso titulo de padres verdadeiros, inimigos e tyrannos da nossa liberdade, nos querem forçar a uma vida austera, e que ligados a uma só mulher, sacrifiquemos nossos gostos a seu bel prazer; isto já não se póde soffrer, nem ha razão que permittaes que essa doutrina passe adiante, senão que venerando a que recebemos de nossos antepassados por seu exemplo e por suas acções, que é a verdadeira regra pela qual devemos nivelar as nossas, nos descartemos d'estes falsos mestres, desterrando-os do nosso paiz, ou o que será melhor tirando-lhes as vidas, que bem tem merecido este castigo sua damnada intenção e perversa doutrina, e com esta diligencia infundiremos terror a outros da mesma profissão, para que não venham com sua importunidade assustar nosso repouso, e turbar o gozo de nossos gostos. Se commettemos um erro em os admittir, temos ainda tempo de desmanchar o feito, restabelecendo depois da sua morte a maneira de viver que herdamos, e lavando com seu sangue o escandalo que se tem praticado contra nossos venerados estylos e antigos usos. «Ouçamos o mesmo cacique em outra circumstancia, fallando á multidão dos indios junto da casa dos padres» — Eu entendia que n'estes padres nós tinhamos encontrado a boa maneira de viver; mas não foi assim, e muito pelo contrario, pois que este não é o modo de vida que nos convém. Estes padres prohibem que se nos entreguem as indias, e as apartam da nossa companhia, con-

tra o que sempre se tem praticado entre nós, e contra o que praticáram nossos paes, que sempre tiveram muitas mulheres. Este sim, é que é o modo de viver que devemos conservar se queremos viver com gosto; fazer o contrario é tyrannisar nossa vontade com uma lei intoleravel que nos querem ensinar estes estrangeiros. Por tanto acabemos com elles, ou se isso vos parece duro, vamo-nos d'aqui, mettamo-nos por estes bosques, procuremos sitio para nosso povo, onde possamos nos divertir á nosso gosto, sem as importunas admoestações d'estes homens importunos e desabridos que nos querem estreitar com maximas austeras, e oppostas á nossos gostos e phantasias que seguiamos antes de sua vinda infausta. Ahi poderemos restabelecer nosso antigo modo de viver, ahi gozaremos de muitas mulheres, como nossos maiores, ahi não haverá quem nos obrigue a assistencia incommoda na igreja, ahi poderemos sahir para a guerra, e procurar escravos para nós.

O padre Lozano de quem tomamos estes discursos, põe ainda os seguintes na boca do mesmo cacique dirigindo-se aos padres jesuitas: — Quem sois vós para me ensinar o que devo fazer? Sou por acaso menino para que necessite de vossos conselhos? Sei mui bem que hoje é Domingo, porém não quero ouvir missa, e tenho que trabalhar, como me dá vontade, mesmo que eu vá ao inferno porque esta foi a maneira de viver de nossos antepassados que não estavam ligados a estas observancias escrupulosas.... Vós não sois sacerdotes enviados de Deus para nosso remedio, senão demonios do inferno enviados por seu principe para nossa perdição. Vós sois quem haveis de ir ao inferno, como nos ameaçais, e nós não porque seguimos a boa maneira de viver de nossos antepassados. Que doutrina é a que nos tendes trazido? Que descanço? Que contentamento? Nossos maiores viviam com liberdade, tinham quantas mulheres queriam, sem que ninguem os impedisse, e passaram sua vida com alegria, e vós quereis destruir suas tradições e pôr-nos mui pesada carga ligando-nos comuma só mulher. Oh! não ha de ser assim, eu hei de remediar a isso... Já não se póde soffrer a liberdade d'esses homens que mesmo em nossas terras querem nos reduzir a viver a seu modo pessimo ». Porém vãas foram as palavras e as ameaças de Atiguayé que veio a se converter sinceramente ao Evangelho. Vãas foram as tentativas dos outros caciques. Debalde os portuguezes, e os hespanhóes conspiraram contra os enviados de Christo no Guayrá. Em poucos annos os apostolos Simão Mazeta, José Cataldino, Antonio

Ruiz de Montoya e Martinho Xavier Ortaço reduziram grande porção da gentilidade da provincia de Guayrá. Foi em Loreto que no anno 1613 o padre Antonio Ruiz de Montoya ajudado do capitão hespanhol Bartholomeu de Escobar, que possuia em mui alto gráo a lingua guaraní, e que sobre ella costumava ser consultado pelo veneravel padre Frei Luiz Bolános, pôz a ultima mão á sua Arte e Vocabulario da lingua guaraní, pelos quaes escriptos sempre estudaram os jesuitas, se bem que fossem impressos mais tarde em 1639. Foram os padres Antonio Ruiz e José Cataldino, que pelo mesmo tempo levaram para Guayrá o primeiro gado, que ahi muito prosperou contra a opinião dos hespanhoes da referida provincia. Consistia esta introducção em 44 vaccas, algumas ovelhas e cabras, que lhes regalou o padre Marcello de Lorenzana então reitor do collegio da Assumpção.

(21) O sitio que occupava Atiguayé se chamava *Itambaracá*, e era de bastantes conveniencias, por isso os padres o destinaram para uma nova reducção á qual deram o nome de S. Ignacio ou S. Ignacio-miri, para o distinguir de S. Ignacio-guaçú, que foi engrossado pelos amigos de Atiguayé e por muitos indios que os mesmos missionarios recrutaram nos povos infieis da Tibaxiva.

No anno de 1614 nos povos de Loreto e de S. Ignacio-miri no Guayrá, os jesuitas baptizaram 2,026 adultos e 400 crianças, e celebraram 505 casamentos, o que não deixa de ser um numero consideravel, attendendo á grande difficuldade que ao principio se experimentava em livrar os indios dos abusos consequentes da extrema licença da gentilidade. P. Lozano.

No anno 1612 tinha havido n'elles 1393 baptismos de adultos.

Nos dois povos de Loreto e S. Ignacio-miri, os dois santos missionarios chegaram a juntar como cinco mil familias, recolhidas de Paranapané, Tibaxiva, Itanguá e Pirapó. Póde-se fazer idéa das privações pelas quaes os dois jesuitas n'ellas passaram pelo seguinte trecho da carta que o padre Cataldino escrevia ao provincial Diogo de Torres em data de 19 de Outubro de 1610: « Pelo que nos toca, « nos vai mui bem de espirito e de corpo. Emquanto ao primeiro « existe entre nós dois, muita união, paz e contento, não faltamos « ás observancias do collegio, até fazemos as conferencias das sextas « feiras. Emquanto ao segundo, temos saude, e eu a tenho por es- « pecial graça de Deus, attendendo ás comidas, porque tendo nós « um pouco de farinha de mandioca, de que ha agora muita falta, e

« algum peixe sem sal, que por cá não se conhece, estamos mui « contentes, e parece que o Senhor dá tanto sabor e gosto no que « nos fornece, que excede a todos os gostos de que nos privamos por « seu amor; por isso vivemos mui alegres em nossos trabalhos, e « quanto mais somos privados dos regalos da terra, tanto mais so- « mos favorecidos das consolações do céo. »

Estes são os principios dos dois primeiros e mais celebres povos jesuiticos do Guayrá, N. S. do Loreto e S. Ignacio-miri, que vieram a ser a praça de armas, d'onde os jesuitas sahiram a conquista espiritual de outras muitas gentes na provincia de Guayrá, na qual propagaram o Imperio de Christo, fundando outras numerosas reducções, de cujos trabalhos não nos é possivel dar conta por extenso em uma obra resumida como esta.

(22) Como o povo de S. Francisco Xavier é o primeiro formado dos indios do Paraná e do Uruguay de que trata esta historia, julgamos conveniente fazer preceder este artigo da nota seguinte:

Immensas difficuldades tiveram que vencer os jesuitas para reduzir os barbaros dos rios Paraná e Uruguay. Os do Uruguay nunca tinham permittido que planta hespanhola pizasse seu paiz, mostrando sempre a mais orgulhosa altivez e a mais obstinada porfia para não permittir aos europeus a entrada em suas terras. Os do rio Paraná, defendiam a entrada pela fronteira do Paraguay, com aquelle empenho que lhes inspirava um odio inveterado á nação hespanhola, desde que se tinham rebellado em 1556. Se algumas vezes foram vencidos pelos hespanhoes, sacudiram o jugo logo que poderam, e muitas vezes ficaram vencedores dos europeus. Infestavam de continuo a navegação dos rios Paraná e Paraguay até a cidade de Corrientes, animados a tudo pelo innato desejo de defender sua liberdade, e livrar-se das vexações que viam soffrer outros guaranís, seus patricios e parentes no serviço dos hespanhoes. Não faziam distincção entre os excessos commettidos pelos christãos e a lei que professavam, attribuindo estes mesmos excessos ao christianismo, e portanto recusavam abraçal-o e receber seus prégadores. Por isso, tanto se oppozeram a fundação do povo de S. Ignacio-guaçú, que depois de terem sido vencidos em 1611 pelo mestre de campo João Resquim no Aguapehy, alliando-se com os barbaros do rio Uruguay, dos quaes era cacique Manãrimbi, procuraram destruir, e com esta valorosa gente, se esforçaram de mais a mais a cerrar a porta do seu

mutuo paiz, á propagação do Evangelho que primeiro intentou levar-lhes o padre Lorenzana.

O veneravel padre Marcello de Lorenzana esteve longe de desistir da sua empresa de catechizar aos indios, tanto do Paraná como do Uruguay. Quando viu que com o tempo se diminuia a animosidade dos barbaros a atacar o povo de S. Ignacio, tratou de estabelecer communicação com elles, valendo-se de alguns parentes seus já christãos, que mandava visital-os e lhes fazia patentear seu desejo de os ver e de os tratar. Ao principio ouviam com desgosto a estes enviados, e se negavam a corresponder-se com o missionario; mas este não desistia do seu empenho, tentando todos os meios de chegar a seus fins, enviando-lhes presentes, que foram mui apreciados, e agazalhando da melhor maneira possivel alguns d'esses barbaros que iam ao povo visitar os indios christãos. D'esta fórma conseguiu inspirar-lhes mais confiança, e estes chegaram a confessar-lhe, que desconfiavam que elle os queria reunir em um povo para poder melhor entregal-os aos hespanhoes que os escravisariam, dando por motivo das suas suspeitas o que acontecêra aos indios que tinham sido convertidos pelos primeiros clerigos e religiosos que vieram de Hespanha com os primeiros conquistadores, e que depois de baptizados foram reduzidos a servidão em que ainda gemem.

A este argumento estribado em experiencias oculares, e em factos verdadeiros não foi facil responder. Procurou o veneravel Marcello de Lorenzana, persuadir-lhes que el-rei de Hespanha, que em seu idioma chamavam *Mburubichabete*, poría remedio a esses males. Os barbaros apreciavam muito aquelle nome, e o zeloso missionario nada poupava para os affeiçoar a el-rei, a cuja vassallagem lhes aconselhava de se submetterem, e para os animar lhes mostrou um *quatiá* mui grande (cedulas reaes) feito em um dos seus palacios chamado *Aranjuez*, em 26 de Março de 1609, em que mostrava que os estimava muito, e havia por bem chamal-os *chemboyá*, que quer dizer vassallos seus, e não dos hespanhoes; e que mandava que não se lhes fizesse guerra, nem fossem tratados como escravos, mas como seus amigos. Que sómente entrassem sacerdotes para suas terras, que lhes ensinassem as leis de Christo, os fizessem filhos de Deus, os ajudassem a fazer amizades com os hespanhoes como vassallos de um mesmo monarcha, á quem hespanhoes e guaranís deviam igual obediencia, que portanto não duvidassem, que sendo christãos, não fossem bem tratados dos hespanhoes.

Sem embargo não se desvaneceram as desconfianças dos indios, cujos paes tinham dado o nome de *caray* aos hespanhoes brancos, palavra que quer dizer homens sagazes, astutos, dissimulados e traidores. Mas aconteceu que n'estas circumstancias dois caciques principaes do Paraná visitaram ao padre Lorenzana que a fama da sua bondade tinha attrahido. O missionario os agasalhou, regalou o melhor que pôde e com destreza lhes rogou que aplainassem as difficuldades, para que dois sacerdotes da companhia (não podendo elles nada receiar de tão diminuto numero) podessem entrar em seu paiz, os quaes muito haviam de contribuir para a felicidade de suas almas e de seus corpos; accrescentando que podiam estar bem seguros de que, fazendo-se christãos, não seriam maltratados dos hespanhoes, porque assim o ordenava nosso grande rei, o qual em seu grande amor para os guaranís acabava de mandar um varão muito sabio chamado D. Francisco de Alfaro, de seu mesmo conselho, na audiencia de Chuquisaca, o qual trazia grandes poderes, e vinha visitar os hespanhoes, para averiguar quem faz mal aos indios, e os castigar em virtude das *quatiás* que lhe tinha dado nosso rei, firmadas da sua mão, e que havia de tirar tambam o serviço pessoal dos indios aos hespanhoes. Prompto, dizia-lhes elle virá ao Paraguay (como veio), e vereis executado tudo o que vos digo, como vos contaram vossos patricios e parentes da Assumpção, e das outras reducções. Muita alegria causou esta noticia aos dois caciques, e desejosos de a participar aos seus, partiram para o Paraná, acompanhando-os por ordem do padre Lorenzana, um cacique de S. Ignacio-guaçú já christão. Este ponderou aos barbaros as utilidades que lhes sobreviria se tivessem em seu paiz os missionarios, porque não só cuidariam de lhes ensinar o caminho do céo: mas os ajudavam e protegiam como seus filhos queridos, se qualquer intentasse fazer-lhes mal. Confirmou tambem a vinda do visitador, dizendo que era *mbaequaapará*, isto é, varão mui sabio, e que em sua companhia vinha o *Pay-guaçú* dos missionarios; isto é, o provincial, que amava muito a todos os indios, e não pouparia diligencias em seu favor, para que fossem tratados como mandava o grande rei de Castella. Em consequencia principiaram os barbaros do Paraná a duvidar se lhes convinha admittir em suas terras padres que lhes ensinassem a lei do céo, e os fizessem filhos de Deus; e convocando alguns caciques dos indios do rio Uruguay, celebraram com suas ceremonias uma junta os de ambos os rios, e conferenciaram muitos dias sobre esta

materia com o cacique christão. Combinaram finalmente, de mandar ao padre Marcello de Lorenzana um embaixador em nome dos caciques do Paraná e do Uruguay, para lhe annunciar que elles desejavam ser christãos, mas que o temor que tinham dos hespanhoes era o unico motivo que os impedia de admittir desde já os missionarios em suas terras; que pois lhe dizia que el-rei os amava tanto e era tão poderoso, que da sua côrte mandava aos hespanhoes que lhe obedeciam, alcançasse do mesmo rei que os hespanhoes os deixassem viver em paz em suas terras, e não os inquietassem com guerra; que elles se absteriam tambem de fazer guerra aos hespanhoes, e que como elles os indios do Paraná e do Uruguay se lhe sujeitariam, e executariam quanto lhes mandasse, com tanto que não os obrigasse a viver nos povos dos hespanhoes, nem a os servir de qualquer maneira que fosse. Para esta embaixada foi eleito de commum acordo o famoso cacique Tabacambi, e todos os caciques da assembléa se comprometteram em nome dos indios dos rios Paraná e Uruguay e territorios adjacentes, de consentir aos missionarios a entrada em suas terras, se fossem aceitas as suas propostas. Em companhia pois do cacique christão veio a S. Ignacio-guaçú o embaixador Tabacambí, com todo o apparato e ostentação que requeria a qualidade da sua pessoa, e o padre Lorenzana o cortejou com quantos obsequios lhe dictou seu zelo, para ganhar o genio altivo do barbaro, que por ser o principal do Paraná, podia contribuir muito com sua auctoridade á conversão d'aquella gentillidade. Chegado á presença do padre Lorenzana o embaixador cacique Tabacambí lhe fallou n'estes termos: « Padre, sou enviado em nome dos indios dos rios Paraná e Uruguay, para dizer-vos, que eu assim como todós meus irmãos, os mais caciques de ambas as provincias, desejamos muito sermos filhos de Deus, e estão no mesmo desejo nossos filhos, nossas mulheres e nossos vassallos; mas como temos visto e sabemos todos a maneira porque os carays tem tratado e tratam os guaranís que têem em suas casas e chacaras para seu serviço, achamo-nos possuidos de um grande temor para nos sujeitar a servil-os. Este é o motivo que unicamente retarda a execução e cumprimento de nossos desejos. Se houvesse fórma de podermos ser christãos, e vermos livres nossos serviços d'estepesado jugo, logo abraçariamos a lei de Christo, e prestariamos ouvidos á prégação. Portanto nos ha occorrido, que se este grande varão *Mbacquaapará* que sabemos vem visitar estas terras, e traz tanto poder de *Mburu-*

bichabeté e tantos *quatiás*, quizesse vir, e conceder-nos um grande *quatiá*, em que declare que somos *Mboyás* ou vassallos do grande rei de Hespanha, e que não temos obrigação de servir a algum *Caray*, senão que sejamos (como vós dissestes que o mesmo grande rei nos ha declarado) vassallos seus e tão livres como os mesmos *Carays*, nem que temos obrigação de ir servir-lhes, ou *á mitas* em suas casas e chacaras e que podemos viver sempre em nossas terras, dando à sua magestade algum tributo, em reconhecimento da nossa vassallagem, desde já nos daremos com muito gosto por vassallos, ou Mboyás do grande rei, e por tal o reconheceremos sempre fielmente, e faremos que entreis em nossas terras para prégar a santa lei, e nos fazer christãos. ?

Ardua pareceu esta pretenção ao padre Lorenzana; mas o vizitador Alfaro, baseando-se nas cedulas regias, ordenou que se *concedesse* aos *indios tudo quanto pediam*, que *não fossem encommendados em pessoa alguma*, e apesar da opposição dos governadores do Paraguay e do Rio da Prata, as resoluções tomadas por elle, o vice rei do Perú as approvou, assim como houve por bem approval-as sua magestade, mandando incorporar os ditos indios á real corôa, que se lhes guardasse palavra, e que não fossem encommendados a nenhum particular; como consta das reaes provisões insertas no tomo 2.º paginas 820 e seguintes da Historia da Compamhia de Jesus da provincia do Paraguay, escripta pelo padre Pedro Lozano da mesma companhia, impressa em Madrid no anno de 1755.

Sem embargo, o zelo do padre Lorenzana a prégar o christianismo fez temer sua vizinhança aos indios (canoeiros) do Paraná, que desejavam continuar em seu modo de vida, em seus vicios e torpezas. Os seus temores augmentaram com a conversão de uma india mulher de um indio principal e valente, que morava na vizinhança do rio Yabebiry que desagua no Paraná, onde então se achava o povo de S. Ignacio-mini, o qual com a fama da nova religião, se sentiu movida da vontade de a abraçar; fugiu com uma filha do seu amante, e se foi apresentar a Santo Ignacio-guaçú, onde foi bem recebida pelo padre Lorenzana. Logo que o barbaro deu pela fuga da sua concubina, convocou seus parentes, foram armados de frechas, arcos e macanás atraz d'ella, resolvidos a tiral-a do povo, e enforcal-a com sua filha em uma arvore; mas o ministro de Deus com

sua gente tomaram medidas que fizeram burlar as intenções do indio, que furioso regressou vomitando injurias e ameaças contra o padre e seu povo, jurando levantar todo o Paraná contra a reducção. Assim o cumpriu, sendo-lhe facil alvorotar animos já preparados e resentidos. O padre Lorenzana mandou indios christãos junto d'elles para conhecer seus intentos; encontraram-os em aprestos, mas com fingimento, persuadiram aos enviados que se preparavam para irem se juntar com elles em Yaguaracamygtà, lugar onde se tinha fundado S. Ignacio-guaçú, para se fazerem christãos. Em quanto os do povo jesuitico descuidados celebravam alegres a festa do Natal, os canoeiros do rio Paraná armados em guerra embarcaram-se no dito rio, penetraram no rio Paraguay e deram de improviso sobre o povo dos Mahomas, seus inimigos, alliados sinceros dos hespanhoes, e famosos guerreiros. Captivaram a uns, com inhumana crueldade mataram a outros, escapando-se da carnificina mui poucos que foram dar a noticia a Assumpção. O tenente governador Santiago de Velasco conhecedor do barbaro costume dos indios do Paraná, de sacrificar os captivos a seus festins de borracheiras depois da victoria, despachou immediatamente para o padre Lorenzana, afim de que enviasse mensageiros de confiança a reclamar os captivos, com ameaças de fazer a guerra aos indios do Paraná, e que ahi entraria a fogo e a sangue se detivessem um só captivo. Os caciques do Paraná com altivez receberam os tres enviados do padre e lhes disseram: « Andai, ide-vos, que não queremos dar nossos captivos, que cobardes não tememos aos hespanhoes: que venham quando quizerem, para vingar seus escravos serventes, que temos arcos, frechas, macanas e fortes braços, e não pararemos até lhes dar a morte a todos: vosso padre Lorenzana que tão zeloso se mostra para seu resgate soffrerá a mesma triste sorte, e sua cabeça nos servirá de *mate* (*vaso*) para nossos brindes em nossas reuniões. Os mesmos enviados escaparam á morte que lhes queriam dar por traição de noite, por sua fuga antecipada. O padre Lorenzana e os de S. Ignacio ficaram mui afflictos com esta noticia, e em quanto o padre S. Martin ia dar esta desagradavel noticia a Assumpção, o padre Lorenzana preparava seus subditos para uma vigorosa defesa, ora fazendo nomear chefes para a tropa, ora ensinando o manejo aos indios, e sobretudo orando a Deus de valer a

seu povo fiel. O que lhes valeu foi a demora com que os canoeiros celebraram suas crueis festas, matando um dia a uns captivos com rigoroso genero de morte, outro dia a outros com diverso supplicio, chegando sua barbaridade a abrir com o ferro o corpo de suas captivas depois de terem abusado d'ellas, e de as ter feito servir a seus deleites. Entretanto é enviado soccorro da Assumpção, com o mestre de campo João Resquin, que juntamente com a gente de S. Ignacio apresenta o combate aos barbaros do Paraná. Renhida foi a batalha que por fim se declarou a favor dos hespanhoes, em quanto o padre Lorenzana, qual outro Moysés levantava suas mãos á Deus, orando pelos christãos. Durante bastantes dias choraram por seus mortos os indios do Paraná, e logo trataram de tomar uma solemne vingança do padre Lorenzana e dos de S. Ignacio, e fizeram novos preparativos para a guerra. Os hespanhoes e os christãos de S. Ignacio inquietos pela vida de Lorenzana quizeram fazel-o retirar para a Assumpção, ao que se negou obstinadamente o santo valoroso ministro de Deus, que não cessou de tomar providencias para a salvação do seu rebanho, sobre tudo para a salvação das suas almas baptizando aos cathecumenos antes que fossem expostos aos perigos da batalha, de cujo beneficio quizeram participar as indias que tinham feito esconder nos matos, e que d'elle sahiram para receberem o beneficio do baptismo quando souberam que se conferia a seus pais e maridos por causa do perigo da guerra. N'esta occasião tinham combinado as indias sahirem do seu retiro no tempo da batalha, para se collocarem adiante do padre Lorenzana, e lhe fazerem escudo dos seus corpos para que elle não fosse ferido. Sem embargo os infieis ou desconfiando momentaneamente de suas forças, ou por que Deus lhes inspirasse sentimentos diversos, contentaram-se em destruir o povo velho do cacique Arapizandù, e não inquietarm os christãos.

Não tardou muito que elles tivessem novo sobresalto, porque chegou aviso de que o cacique Mañarimbí, situado do outro lado do rio Aguapey, queria fazer alliança com os paranás canoeiros para os ajudar a tomar vingança, e para acabar de uma vez com o baluarte da fé, que viam com despeito plantado em seu paiz, na reducção de S. Ignacio-guaçu. Novo medo panico n'este povo, tanto que o padre S. Martin perdeu o juizo pelos perigos da morte, e demente o enviaram a Assumpção, aonde obrigaram o padre Lorenzana

a se retirar tambem. Mas Sáavedra mandou seu cunhado o general D. Antonio de Anasco com cem soldados acompanhar o padre Marcello de Lorenzana que trouxe para companheiro o padre Balthasar Seña. Em Jaguarão receberam novo reforço. Os barbaros tinham esmorecido em seus intentos e até tinham projectado de se deixar catechizar; mas com a approximação das tropas castelhanas, fugiram receiosos. O cacique Mañarimbí pegou fogo a seu povo, e retirou-se a lugar seguro; fugindo da mesma maneira outros caciques que pela graça de Deus, tinham ficado bem dispostos. Os padres Franciscanos entre elles Fr. Luiz Bolaños, vendo a multidão de gente paranaense que fugia á approximação do exercito castelhano entre o Paraná e o Juty, *levantou cruz*, e com elles formou um povo. O resto dos barbaros paranás que ficaram sobre o rio, juntaram-se depois, e reduziram os jesuitas que seguiram as pisadas do padre Marcello de Lorenzana.

Com o padre Marcello de Lorenzana, trabalharam na reducção dos indios do Paraná, entre outros o padre Francisco de S. Martin e o padre Valle. Uma grande parte dos successos obtidos sobre os barbaros do Paraná e do Uruguay se deveu tambem ao padre Roque.

O padre Roque Gonçalves de Santa-Cruz, de uma das mais nobres familias do Paraguay, irmão do general Francisco Gonçalves de Santa-Cruz, que governou algum tempo a provincia do Paraguay e do Rio da Prata, que a chegada do padre provincial Diogo de Torres que foi a 23 de Outubro de 1609, fez doação á companhia de Jesus de que era membro, de uma casa e de uma chacara sita na povoação do Tacumbú, depois de ter sido empregado nas missões dos guaycurús, tinha passado para a do Paraná, e dirigiu algum tempo o povo de Santo Ignacio-guaçú. Ahi teve o preclaro varão occasião de exercer suas virtudes, sobre tudo sua caridade durante tres mezes que o povo foi assaltado da epidemia das bexigas, e que ao mesmo tempo experimentou muita fome por causa da esterilidade da colheita no dito anno 1612; mas a abundancia do anno seguinte tendo feito desapparecer a pobreza do anterior, seu caritativo coração quiz remediar á alguns dos soffrimentos dos indios, que moravam em grandes galpões tão mal cobertas, que em tempo de chuva não podiam d'ella preservar suas redes; e apesar da repugnancia dos indios para executar esta nova disposição que não lhes agradava, mandou reedificar o povo de Santo Ignacio, em lugar mais commodo e mais airado, e dispôz que o novo povo se fizesse em quadras á maneira dos

hespanhoes, e que cada casal se repartisse em casas onde vivesse cada familia separada das outras, tendo sido o padre Roque o auctor da planta porque foram edificados todos os povos jesuiticos. Com grande empenho trabalhou na construcção da nova igreja que tinha ideado: Foi-lhe preciso cortar nos matos para este fim mais de setecentos esteios de mais de quarenta pés de comprido, e de dois de largura, preparal-os no mesmo lugar, fazel-os conduzir ao povo distante mais de uma legua, fazendo-os arrastar pelos bois, sem outro mestre que o padre Roque. Este sem mais conhecimentos que os que lhe inspiravam seu zelo, era mestre carpinteiro architecto e elle mesmo serviu de pedreiro para fazer as paredes, o que motivou a seguinte carta que seu companheiro naturalmente alegre o padre Francisco do Valle escreveu ao padre provincial. « O padre Roque em sua caridade é superior a tudo: agora está feito um Salomão, não pensando senão em sua igreja: é um rei de Tyro, cortando sua madeira, e conduzindo-a com summo trabalho, mas não pára n'isso, porque elle em pessoa é o factotum, e exerce todos os officios até o de carreteiro, juntando os bois. « Mas nem por isso se descuidava de ensinar aos indios a plantar algodão e cultival-o, etc. »

O novo povo continha nove quadros, e cada quadro seis casas de cento e vinte pés; depois augmentou-se muito mais. Ficou este povo de Santo Ignacio tão vistoso que por sua ordem, symetria, boa disposição e vista agradavel fez a admiração de toda a comarca. Muitos indios foram pela curiosidade ahi attrahidos, o que foi occasião, a que não poucos dos curiosos ficassem invejosos das commodidades temporaes dos moradores de Santo Ignacio, e se determinassem a seguil-a, pedindo ser alistados no numero dos catechumenos.

Gozou então de mais tranquillidade o povo de Santo Ignacio. O padre Roque occupando-se a fazer differentes traducções que eram mui procuradas por ser elle mui perfeito no idioma guarani, e ter boa letra, nutria grandes desejos de attrahir ao christianismo as gentes circumvizinhas, para as quaes se devia abrir as portas do Evangelho nas dilatadas provincias do Uruguay, cujos barbaros tinham sempre opposto uma resistencia valorosa ás armas catholicas. Tinha Deus reservado esta conquista para a Cruz, pois no anno seguinte 1614, o santo padre Roque Gonçalves da Cruz, mereceu que se lhe facilitassem os meios que anhelava seu zelo, para entrar a allumiar com a luz da fé, aos moradores das costas, ilhas ou matos do Pa-

4. Para ahi seguiu no dito anno; e a virtude poderosa da Cruz, ıou suavemente as cervises d'estes barbaros. Assim se abriu tran- para os barbaros do Uruguay, onde primeiro fez ouvir a pré- ão evangelica, e onde Deus lhe tinha preparado uma illustrissi- corôa. Vide o art. 8º d'este cap.

ım Santo Ignacio, no anno 1612, baptizou o padre Roque, 120 ltos; 60 no dia da Assumpção, e 60 no dia de Natal. Achava-se o interinamente na Assumpção o padre Lorenzana, a cujos sa- ıcios e trabalhos deveu este povo e outros uma grande parte do adiantamente.

reverendo frei Luiz Bolaños, franciscano descalço com dois panheiros da sua religião, tinham precedido aos jesuitas nas mis- do Paraná e tinham a seu cargo as reducções de Itú, Caazapa ıti que já existiam quando foi fundado Santo Ignacio-guaçú, padre Lorenzana. Frei Luiz Bolaños era grande mestre na ıa guaraní, e era mui amigo dos jesuitas, assim como o licen- e Hernando de la Cuera, cura de Jaguaron, que veio acompa- r ao padre Marcello em Santo Ignacio. Frei Gregorio de ına, varão apostolico da religião seraphica, succedeu ao padre años nas mesmas missões, nas quaes trabalhou mais de quarenta ıos desde 1600.

Nota 1ª. — Os missionarios jesuitas desejavam o martyrio: assim o padre Martinho de Urtasum que morreu em Loreto a 2 de Fevereiro de 1614, se queixava de morrer naturalmente em sua cama, e fazia ler o martyrio do veneravel padre Ignacio de Azevedo, e de seus trinta e nove companheiros, que vindo prégar o Evangelho ao Brasil foram mortos no mar por odio da fé. O padre Urtasum só tinha 26 annos, e era parente de S. Francisco Xavier.

Nota 2.ª — O padre Antonio Ruiz de Montoya achando-se em Loreto, traçou as plantas das igrejas de Loreto e de Santo Ignacio-miri, e por falta de mestres, que os guayrenos lhe arrebataram. ensinou aos indios estes serviços.

O mesmo padre plantou ahi vinhas n'um lugar por elle preparado. e em dois annos fez vinho que servia para missa e para os doentes.

(23) A Divina Providencia costuma para as acções grandes prevenir as attenções do mundo com secretas noticias, que antecipadamente participa aos prophetas seus servidores. A conversão á fé christã da dilatada e numerosa nação guaraní, conseguida á custa

de immensos trabalhos, suores e fadigas pelo zelo principalmente dos jesuitas, foi annunciada muitos seculos antes a esta nação pela boca de um amado propheta e apostolo do Senhor. Dezeseis seculos antes de effectuar-se a conversão á fé da nação guarani, Deus a fez annunciar ao mundo pelo orgão do apostolo S. Thomé, com maravilhosas circumstancias que unicamente póde saber e descobrir aquelle Senhor, que em sua infinita sabedoria comprehende como presente toda a serie de successos futuros, que litteralmente se cumpriram no tempo de que fallamos.

A vinda do apostolo S. Thomé á estas partes da America, e principalmente ao Brasil e ás regiões do Paraguay, está baseada em taes fundamentos, que d'ella não se póde duvidar. Faltam monumentos antigos que testifiquem a vinda de S. Thomé, e que por tanto a tornem perfeitamente certa, mas é innegavel que a tradição constante e uniforme de diversas nações do novo mundo, os signaes e vestigios, e o nome de S. Thomé conhecido desde tempo immemorial por ellas, fazem probabillissima sua vinda a estas regiões. Muitos auctores, e entre elles o padre Pedro Lozano, trataram diffusamente d'este ponto. Desde que chegaram os jesuitas ás provincias de Guayrá, Paraná-pané e Tibaxiva, ouviram os gentios fallar de S. Thomé, ao qual davam o nome de pai Zumé, e d'elle narravam cousas prodigiosas, e o tinham em conta de varão maravilhoso, cuja memoria o tempo no decurso de tantos seculos não poude fazer esquecer. Eis o que em 1613 o padre José Cataldino escrevia a este respeito ao provincial padre Diogo de Torres. «Muitas cousas me tinham dito desde o principio estes indios, acerca do glorioso apostolo S. Thomé, que elles chamam pay Zumé, e não as tenho escriptas antes, para melhor me certificar e averiguar a verdade. Dizem pois os indios anciãos, e os caciques principaes, que tem por certissimo, por tradição derivada de pais a filhos que o glorioso S. Thomé apostolo veio á suas terras do lado do mar do Brasil, e que atravessando o rio de Tibaxiva (onde elles e seus antepassados moravam) então povoadissimo de indios, foi passando por seus campos ao rio Haybay, e que d'ahi foi ao rio Piquiri, d'onde não sabem aonde foi. Nas cabeceiras d'este rio, dizem os indios, se acham as pisadas do glorioso santo impressas em uma penha, e o caminho pelo qual atravessou estes campos está ainda aberto, sem se ter nunca fechado, nem ter crescido nunca a herva, apesar de estar no meio do campo onde não trilham os indios, e asseguram que as penhas por onde vem este caminho estão

abertas, deixando no meio um caminho igual ao mesmo chão, e affirmam terem-o elles mesmos visto. »

Conservam por tradição, que o glorioso S. Thomé, revelou a seus antepassados muitas cousas futuras, e entre ellas as seguintes: que haviam de penetrar sacerdotes em suas terras, e que alguns entrariam unicamente de passagem para retirarem-se logo; mas que outros sacerdotes, que entrariam com cruses nas mãos, estes sim seriam verdadeiros padres, estariam sempre com elles e lhes ensinariam como haviam de se salvar e servir a Deus; que estes padres lhes viriam descendo pelo rio Paraná-panè, onde fariam duas grandes povoações uma na boca do Pirapó e a outra em Itamaracá, nomeando-as por seus nomes, que é precisamente o que tem acontecido. E, é para notar que então não havia indios nenhuns pelos referidos lugares, nem em todo este rio. Disse-lhes tambem que entrando os ditos sacerdotes em suas terras, elles haviam de se amar muito entre si; e que cessariam as guerras que de continuo tinham uns com outros; que então cada um teria uma só mulher, com a qual os padres os casariam, e que o assento dos padres seria principalmente no Pirapó, o que em Tibaxiva não ficariam mais povos. Preveniu-os tambem de que os ditos padres não haviam de ter mulheres indias em suas casas para os servirem, que trariam sinos, que usariam de todas as comidas que elles têem, mas que não beberiam dos seus vinhos; que os indios de Maracayù viriam a esses povos, e que elles teriam por capitão a um hespanhol, e outras particularidades, de que me admirei muito quando as ouvi, ás quaes eu não teria dado credito, ou pelo menos teria tido muita suspeito que era leviandade d'estes indios, se elles não me narrassem isso, muito tempo antes que acontecesse, tendo-o por tradição tão antiga dos seus antepassados. Perguntando-lhes como sabiam isso? Responderam-me os indios que seus avós lhes tinham contado, e que perguntando elles a seus avós a origem d'onde sahia esta narração, lhes respondiam o mesmo que seus pais lhes tinham contado; por onde parece que não póde haver duvida da verdade, sendo uma tradição tão fundada e assentada, de que tem sempre feito grande estimação, e agora elles estão mui satisfeitos por verem realizado o que seus pais e avós lhes disseram.

Quando esta relação se escreveu, sómente faltava a despovoação de Tibaxiva para cumprir exactamente a prophecia, e esta despovoação não tardou a se verificar, tendo-se alguns d'estes indios ag-

gregado ás reducções de Loreto e de S. Ignacio-miri, outros foram evados prisioneiros pelos paulistas e tupys, e os que ficaram, de medo de serem aprisionados abandonaram as margens do rio e se refugiaram nos matos.

As predicções de S. Thomé, não foram unicamente encontradas entre as gentes de Tibaxiva, mas tambem em comarcas mais remotas, onde produziram o mesmo effeito de facilitar a conversão dos infieis por meio dos jesuitas. Foram testemunhas d'esta verdade os padres Antonio Rodrigues de Montoya, e Christovão de Mendonça, que penetrando armados de cruz, como insignias do seu ministerio na provincia de Tayatí, terra aspera, e montuosa no anno de 1624, foram recebidos dos infieis com extraordinarias demonstrações de alegria, com danças, musica e cantos usados n'aquelle paiz; sahindo-lhes ao encontro as mesmas indias carregando seus filhinhos alegres e festivas, signal de paz, e regalando-os com suas comidas de raizes e fructas silvestres, o que nunca assim lhes tinha succedido. Admirando-se os padres d'esta recepção, os indios satisfizeram sua curiosidade, dizendo-lhes, que não tinham que admirar-se, porque quando muitos annos antes passou por aquelle paiz o pay Zumé ensinando a doutrina a seus antepassados, entre outras cousas lhes disse: « Sabei que com o tempo haveis de esquecer esta doutrina, que vos ensino; mas depois de passar muito tempo, virão sacerdotes successores meus, que trarão como eu trago cruzes nas mãos, dos quaes vossos successores ouvirão a mesma lei que vos prégo. » Ora, padres reconhecendo em vós o signal que nos deixou pay Zumé, cremos que sois os sacerdotes que elle nos disse que são os mestres da doutrina; por isso nos alegramos com vossa vinda e para a festejar, fizemos estas demonstrações extraordinarias. Gostosos ouviram estes indios a palavra de Deus, e com elles os padres fundaram o povo da Encarnação, e depois outras na mesma provincia e sem experimentar contradicção; por que a persuação em que estavam os indios de que nos missionarios jesuitas se cumpria a prophecia de S. Thomé, fazia desapparecer todas as difficuldades.

Na verdade, diz o padre Lozano em sua historia, não admitte duvida ter prégado o apostolo S. Thomé por todas estas partes, segundo as noticias que se encontraram em todo o Brasil e no Paraguay, sendo constante esta tradição desde Guayrá até o grande rio Maranhão. Refere o mesmo auctor um caso inserto n'uma relação manuscripta do padre Antonio Rodrigues de Montoya, que com-

va esta assersão. Tendo por esses tempos cem portuguezes da
a de S. Paulo, penetrado no interior das terras perto do Mara-
nhão, foram recebidos pacificamente pelos barbaros em quanto estes
ram pacificos. Estes indios conservavam tão fresca a memoria de
Thomé e de seus prodigios, que parecia que elles mesmos o ti-
nam visto e conhecido. E tendo os portuguezes para melhor se apo-
ar d'elles, dito que iam-lhes ensinar a palavra de Deus, os bar-
os por estranha sinceridade lhes traziam seus defuntos para que
resuscitassem, porque assim (diziam) o fazia o pay Zumé, para
var que era a palavra de Deus a que elle ensinava, quando veio a
s regiões. Dizem existir nas serras de Guayrá uma pedra que con-
a a impressão de dous pés, e que é considerado como o pulpito
e prégava S. Thomé. Apparecem tambem indicios da passagem
S. Thomé na ilha de Santa Catharina.

(24) Varias historias do Paraguay fallam de um cacique Guirá
que existiu na provincia de Guayrá e que fez muita resistencia
missionarios jesuitas, mas que afinal se converteu ao christianis-
Em Guayrá houve tambem um povo de S. Thomé que foi des-
do em 1631, pelos mamelucos e tupys; mas a relação feita n'este
go parece applicar-se ao povo de S. Thomé na margem direita do
guay, pela descripção que se faz da expedição e do lugar.

(25) Entre os povos jesuiticos não ha nem um com o titulo de povo de N. S. do Carmo. Apenas existe á algumas leguas do povo de Itapûa uma capella com este titulo, e que em 1848 foi decorada com o titulo de Povo, por terem ahi reunido os indios que habitavam em Itapûa. As circumstancias relatadas n'este artigo me parecem pela descripção topographica pertencerem tanto ao povo de Itapûa como á capella do Carmo, que decerto foram confundidos com o appelativo do famoso cacique Itapûa. Porém sabe-se que foi o padre Roque Gonçalves da Cruz que fundou o povo de Itapûa, hoje villa de la Encarnacion. É de presumir pois que a fundação de que se trata n'este artigo seja a do Povinho do Carmen, que se acha a algumas leguas de Itapûa, mas que nunca foi elevado á cathegoria de reducção jesuitica.

(26) O padre Roque Gonçalves da Cruz, que como já disse, era irmão do general Francisco Gonçalves da Silva Cruz, era tambem cunhado do governador Sáavedra, veio só, e o primeiro do lado do rio Uruguay em 1619, fundou os povos da Conceição, de S. Nicoláu dos Santos Reis ou Japejú. Em 1627 o mesmo padre Roque Gonçalves subiu o Ubicui-guaçú, umas 40 leguas, e fundou ahi um povo chama-

do Candelaria que mui pouco tempo subsistiu e que logo depois foi reedificado perto do Piratiní. Penetrou em o mesmo tempo pelas serras dos Tapes que eram colonias antigas dos guaranís e foi até o Jacuhy. Em 1628 o padre Roque percorreu os terrenos do Juhy onde se achavam 500 familias de indios e varios caciques dependentes de Nieçú. No dia 15 de Agosto de 1628 os padres Roque e Castilho fundaram a capella da Assumpção com Nieçú perto de S. Nicoláu. N'esta capella é que foi martyrisado o padre João de Castilho perto do Juhy em 17 de Novembro do mesmo anno. Alguns dias antes tinham recebido a mesma corôa do martyrio os padres Roque Gonçalves e Alonzo Rodrigues em um lugar onde no dia 1 de Novembro tinham levantado uma capella em honra de todos os santos, e que era pelas cabeceiras do Juhy. O martyrio d'estes tres padres é narrado um pouco differentemente por alguns auctores que fazem morrer impenitente e desgraçado ao cacique Nieçú.

(27) No anno 1613 o padre provincial Diogo de Torres visitou o povo de Santo Ignacio-guaçú onde se achavam os padres Roque Gonçalves e Francisco do Valle. Entre as cousas que levou para adorno da igreja, existia uma imagem de Nossa Senhora mui linda. Attrahidos pela curiosidade de ver o padre provincial foram a Santo Ignacio dois caciques infieis da costa do Paraná. Os padres agradeceram sua urbanidade á qual quizeram corresponder aconselhando-os em termos mui affectuosos de residirem em Santo Ignacio para aprender a lei do céu e tornar-se filhos de Deus. Não houve razões que pudessem vencer a repugnancia dos dois caciques para seguir este saudavel conselho; obstinadamente responderam que não desampararíam sua terra natal, dando por motivo poderoso, de que em sua patria tinham abundancia de peixe, que era seu sustento ordinario em quanto que faltando elle em Santo Ignacio, lhes era impossivel de se manter n'elle. Não podendo abrandar sua obstinação os padres recorreram a este ultimo recurso, pedindo aos caciques de se prostrarem com os outros christãos perante aquella formosissima senhora, e lhe pedissem affectuosamente os allumiasse sobre o que lhes convinha fazer. Por politica os dois barbaros annuiram ao que se exigia d'elles. No outro dia, sem ter precedido combinação entre elles, os dois caciques procuraram ao padre provincial, declarando-lhe que por intercessão da Santissima Senhora, Deus os tinha allumiado sobre o que deviam fazer, e que estavam resolvidos a se fazer christãos, pedindo-lhe perdão da resistencia que tinham posto á seus conselhos. Muito se ale-

grou o padre provincial com isso, e deu-se á imagem que tinha reduzido a dureza dos caciques o titulo de *Nossa Senhora a conquistadora*; e sendo desde aquelle momento a companheira inseparavel do veneravel padre Roque Gonçalves em todas suas emprezas, desempenhou bem o titulo, facilitando a conquista da gentilidade do Paraná e do Uruguay, que este insigne campeão da milicia de Christo trouxe a seu conhecimento e amor, á custa de fadigas immensas, e da sua propria vida. (P. Lozano.)

(28) Ha auctores que fazem morrer Nieçu impenitente e miseravelmente. E' certo tambem que na épocha do martyrio dos tres padres, ainda não se achava fundado o povo de S. Francisco Xavier, que só o foi no anno seguinte em 1629.

(29) O padre Christovão de Mendonça era filho de um governador da provincia de Santa-Cruz da serra. Trocou o nome de Ruiz, que tinha, pelo de Christovão para que sua nobre familia não lhe embargasse a entrada na sociedade de Jesus. Foi um dos mais distinctos e zelosos missionarios do Paraguay. Os historiadores contam com pequena differença a historia do seu martyrio que parece ter tido lugar, não no proprio territorio de S. Borja, mas sim na serra dos tapes, pouco mais ou menos onde se acha actualmente a colonia de Santo Angelo, na margem esquerda do Jacuhy. Parece certo que o padre Christovão de Mendonça era cura de algumas capellas sitas no paiz dos tapes, e em particular de uma de nome Jesus-Maria que ahi existia. Seu martyrio teve lugar no dia 26 de Abril de 1635.

QUESTÕES AMERICANAS

Por Joaquim Caetano da Silva.

ARTIGO I.

Lido nas sessões de 5 de dezembro de 1862, e 10 de abril de 1863.

Com o titulo de *Questões Americanas* emprendo apurar varios pontos que Alexandre de Humboldt deixou indecisos no seu — Exame Critico da Historia da Geographia do Novo Continente —, cujas laudas tiveram remate na epoca da fundação deste Imperial Instituto.

Compete o primeiro lugar ao artigo *Brazil*, já pelas exigencias do affecto, já por jus de antiguidade; mas como lhe é devido igualmente espaço muito maior, e esta é no anno actual a nossa ultima sessão, tomar-lhe-ha a dianteira o que na ordem chronologica se lhe segue, e que possue tambem ancianidade não pouca.

ANTILIA.

Humboldt, t. 11. *pp.* 173—214.

Antes de encontradas por Colombo as hodiernas *Antilhas*, delineavam alguns cartographos no Atlantico, ao occidente do meridiano da mais occidental das ilhas Açores, uma ilha muito grande com o nome de *Antilia*.

Estabelecem esta verdade os seguintes testemunhos.

Documento de 1424. Carta de marear, na bibliotheca grão-ducal de Weimar; feita por um Anconitano cujo nome se não póde ler; annunciada e descripta em 1837 por Alexandre de Humboldt. —Representa, 87 leguas nauticas ao occi-

dente dos Açores, a porção septentrional de uma ilha rectangular com o nome de *Antilia*; 60 leguas ao norte da Antilia, e no mesmo lançamento, a totalidade de uma ilha anonyma, igualmente rectangular, com 50 leguas de sul a norte e 15 de leste a oeste; e logo ao norte desta, sempre no mesmo lançamento, outra ilha anonyma, semicircular, com 12 leguas de diametro.

Documento de julho de 1435. Mappamundi na bibliotheca de Parma, composto pelo Genovez Bechário; noticiado por Tiraboschi em 1790, por Bossi em 1818, por Pezzana em 1846; descripto por Placido Zurla em 1819, e por Humboldt em 1837. — Representa, ao poente dos Açores, a totalidade de cada uma das tres ilhas comtempladas na carta de marear de 1424: dando á maior e mais meridional o nome de *Antillia*, com a extensão de 80 leguas nauticas de sul a norte e 20 de leste a oeste; á do meio um nome duvidoso, que uns lem *Sarastagio*, outros *Saravagio*, outros *Satanagio*, explicando-o por *S. Atanagio*; e á menor e mais septentrional um nome tambem problematico, que se lê *Canmar*, *Danmar*, *Tanmar*. Além destas tres ilhas, 20 leguas ao poente da Antillia, e parallelamente a ella, accrescenta Bechário mais uma, de 12 leguas de sul a norte e 10 de leste a oeste, com um nome que passa universalmente por ser o de *Royllo*. E por baixo das quatro escreve: *Insulle de novo Repte* (Insulæ de novo repertæ), *Ilhas ultimamente descobertas*.

Documento de 1436. Atlas maritimo de dez mappas, na bibliotheca de S. Marcos de Veneza; feito pelo Veneziano Andrea Bianco; descripto por Formaleoni em 1782 e 1783, por Buache em 1806, por Zurla em 1819, por Humboldt em 1837, por Pezzana em 1846.—O mappa 5.º representa, 103 leguas nauticas ao poente do meridiano da mais occidental das ilhas Açores, a totalidade da mais meridional das quatro ilhas de Bechário, e a extremidade meridional da segunda

em tamanho, dando á primeira o nome de *Y^a d: antillia*, e á outra o de *Y^a delaman satanaxio*. Esta jaz pela altura do cabo de Finisterra; a Antillia cobre de longe o grupo da Madeira, o estreito de Gibraltar, e o grupo dos Açores.

Documento de 25 de junho de 1474. Carta de Paulo Toscanelli, medico e cosmographo em Florença, ao conego Martins, capellão d'El-Rei D. Affonso V de Portugal; escripta em latim, e impressa pela primeira vez em 1571, vertida em italiano, a folhas 16—18 do livro intitulado « Historie del S. D. Fernando Colombo... di lingua Spagnuola tradotte nell'Italiana dal S. Alfonso Ulloa. » Explicando uma carta de marear offerecida por elle a D. Affonso V, diz o doutor florentino ao conego portuguez: « Da cidade de Lisboa ao poente em di-
« reitura ha na dita carta vinte e seis espaços, cada um dos
« quaes abrange duzentas e cincoenta milhas, até a nobilis-
« sima e grande cidade de Quisai... E da ilha de *Antilia*,
« que vós chamais de Sete Cidades, da qual tendes noticia
« (*Et dall'Isola di Antilia, che voi chiamate di Sette città,*
« *della quale hauete notitia*), até a nobilissima ilha de Cipan-
« go, ha dez espaços, que fazem duas mil e quinhentas
« milhas. »

Que ilha será esta?

Quando ainda estavam frescas as memorias exhibidas, pretenderam alguns instruidos contemporaneos de Colombo que as ilhas por elle achadas em 1492 não eram terras incognitas, mas o sabido grupo da já velha Antilia.

Assim o delatam estes quatro textos.

Ruy de Pina, guarda-mór da Torre do Tombo e chronista-mór de Portugal desde 1497, cap. 66 da Chronica d'El-Rei D. João II: « a seis dias de Março (de 1493) arribou arres-
« tello em Lixboa Christovam Colombo Italiano, que vynha
« do descobrimento das Ilhas de Cipango, e d'Antilia, que
« per mandado dos Reys de Castella tynha feito. »

Americo Vespucio, na carta datada de Lisboa a 4 de setembro de 1504, referindo-se á ilha Hahite e ao mez de abril de 1499: « fummo a tenere all'Isola d'Antiglia, che è questa, « che discoperse Cristofal Colombo più anni fa. »

Pedro Pasqualigo, embaixador de Veneza em Lisboa, noticiando em outubro de 1501 o descobrimento de Corte-Real: « credeno conjungersi con le Andilie. »

Pedro Martyr de Angéra, protonotario dos Reis Catholicos e primeiro historiador da America, no livro 1.° da 1.ª Decada Oceanica, impressa em abril de 1511: « Affirma (Colombo) « haver descoberto a ilha Ophir; bem considerada porém a « arrumação cosmographica, são as ilhas Antilias, e ou- « tras adjacentes. A esta deu elle o nome de Hespanhola. » —« offyrā ĩsulā sese reperisse refert sed cosmographorum « tractu diligēter considerato ātilie ĩsule sūt ille et adiacētes « alie. hāc hispaniolā appellauit. »

De *Antilias* fizeram *Antilhas*; e tão promptamente se foi generalizando este plural na inexacta accepção de Pasqualigo e Angéra, que já em agosto de 1512 escrevia de Hespanha a El-Rei D. Manoel seu embaixador João Mendes de Vasconcellos, fallando de Solís: « Diz que de Lisboa partirá outra « (armada) á parte das Antilhas, que muito craramente he de « Castela. » (Navarrete, t. III p. 138).

E universalizado o nome entre todos os povos, passou por mui curial a etymologia dada por Bluteau em 1712: « ANTILHAS. He o nome de humas pequenas Ilhas do Archipe- « lago da America Meridional, assim chamadas, como quem « dissera, Ilhas oppostas, ou fronteiras às grandes Ilhas da « America. » — Assim o Diccionario de Trevoux em 1721, assim Murr em 1778.

Resurgida em 1782, com o atlas de Bianco, a Antilia da idade media, mais estrepitosamente soou então, que este nome naquelles tempos era prova irrecusavel de noticia das ilhas

americanas antes de Colombo. Assim Villoison, Formaleoni, Tiraboschi, e ainda em 1817 o mui erudito e mui judicioso Portuguez Antonio Ribeiro dos Santos, o qnal tambem honrou com o seu voto a etymologia de Bluteau.

Mas nem todos pensaram assim.

Sem se occupar com a etymologia, opinou Muñoz em 1790 ser a Antilia uma representação da ilha importantissima que o pseudo—Aristoteles e Diodoro Siculo davam como existente ao oeste da Africa septentrional.

Em 1802 affirmou Pinkerton ser puro invento dos mathematicos e philosophos da idade media, que systematicamente fantasiaram terras oceanicas para contrapeso do continente conhecido; e modificando um pouco a etymologia vulgar, accrescentou que, por oppostas ao continente, é que aquellas terras imaginarias se chamavam na idade media *Ante-insulæ* ou *Antinsulæ*.

Analoga doutrina professou outro insigne Portuguez, Sebastião Francisco de Mendo Trigozo; com a differença de oppor a Antilha da idade media, não ao continente conhecido então, mas ás ilhas occidentaes então conhecidas, e que elle cifrava indebitamente no grupo das Canarias.

Em um trabalho consagrado por inteiro a esta mesma questão, lido em 1794 no Instituto de França, e publicado em 1806 nas Memorias daquella sapientissima corporação, expendeu Nicolao Buache uma grande novidade. Fundando-se na synonimía de *Antilia* e ilha das *Sete Cidades*, attestada por Toscanelli, e na existencia da cratera das *Sete Cidades* na ilha de S. Miguel; e considerando por outra parte, que, segundo Thevet, naquella mesma ilha açoriana acharam os primeiros exploradores portuguezes duas cobras esculpidas em pedra, quando, segundo Ben-al-Uardi, uma das ilhas dos Açores tinha em arabe o nome de *Tinnin*, que justamente

quer dizer *Cobras:* conjecturou que a Antilia havia de ser a dita ilha de S. Miguel dos Açores.

A esta conjectura de Buache concederam Zurla e Baldelli os foros de demonstração.

Tambem lhe deu Alexandre de Humboldt o honrosissimo apoio de sua autoridade; com a grave modificação porém de entender que a Antilia havia de ser primitivamente uma grande terra em que se confundiam as mal discernidas costas, não de uma só, mas de muitas das ilhas dos Açores; e que, reconhecidas estas com mais certeza, foi ella trasladada para o occidente do respectivo grupo, e alli ficou reduzida a um mytho geographico.

Inclina-se á explicação de Humboldt o engenhoso Sr. D'Avezac, mas com sua resalva tambem; porque, firmando-se em um texto de Antoniotto Usodimare, prefere ver o nome da *Antilia* no da *Atlantide* de Platão, desfigurado com o andar do tempo.

E na mesma Atlantide enxergaram outros, não sómente o nome da Antilia, mas tambem a substancia; como Bossi em 1818, como em 1819 o inconsequente Zurla, e como em 1848 o subtil Visconde de Santarem.

Estes são os resultados das anteriores indagações sobre a ilha Antilia.

Vejamos se é possivel additar-lhes alguma cousa, apalpando cuidadosamente o campo das probabilidades.

No tempo em que os cartographos signalavam a Antilia, toda a Europa pronunciava a lingua grega como ainda agora a moderna Grecia, dando ao η o som de *i*. Bastam para prova duas frases conservadas até hoje pela Igreja immutavel: na Missa —Κύριε, ἐλεήσον—, no trisagio de sexta feira da Paixão—ἐλεήσον ἡμᾶς—, que nunca se deixaram de pronunciar—*Kyrie, eleison*—, —*eleison imas* —.

Portanto, bem póde *Antilia* ser a parte feminina do adjectivo grego ἀντήλιος, pronunciado *antilios*.

Ora ἀντήλιος, variante classica de ἀνθήλιος, compõe-se do nome ἥλιος, *sol*, e da preposição ἀντὶ, que notoriamente exprime opposição.

Logo, *Antilia* significará *opposta ao sol*, OCCIDENTAL.

Ora, ao OCCIDENTE do Mundo, em consideravel distancia das Columnas de Hercules, situavam o pseudo—Aristoteles e Diodoro Siculo aquella ilha immensa lembrada por Muñoz.

Davam-na positivamente como real, sem laivos da Atlantide de Platão, que, de mais da apparencia claramente fabulosa, confessa o seu proprio descriptor que de todo se sovertera. E como os caracteres daquella supposta realidade não quadravam a nenhuma das ilhas Canarias, nem da Madeira, nem dos Açores, mui naturalmente deviam consideral-a os eruditos da idade media como mais occidental que todas ellas, como a terra propriamente *occidental*.

Nem parece que possa haver explicação mais satisfactoria.

Desgraçadamente porém desmancha-lhe a efficacia um estorvo insuperavel.

Acontece com a particula grega o mesmo que em portuguez com a sua correspondente *contra*. Não exprime unicamente opposição, mas tambem *achegamento*. E esta ultima força é a que ella tem no adjectivo ἀντήλιος, aonde *contra o sol*, segundo um terminante exemplo de Sophocles apontado no Thesouro de Henrique Estevão, significa *da banda do sol*, ORIENTAL.

E esta significação de *Oriental* servirá por ventura?

Antolha-se que sim.

No livro das Peregrinações de Marco Paulo, ditado em 1298 na cadeia de Pisa, e que logo se propagou pela Europa toda, dicera o famoso Veneziano que ao *oriente* da China coalhavam o mar ilhas numerosas, tão afastadas do continente asia-

tico que demandavam para ida e volta um anno inteiro. E em um mappa explicativo daquellas memoraveis Peregrinações, construido em Veneza entre 1323 e 1339, e que na mesma cidade se conserva ainda no palacio dos Doges, está pintada como termo *oriental*, a grande distancia da Asia, uma terra que se estende ao norte da Equinocial desde 10 até 55 gráos. Naquelle tempo todas as viagens eram *orientaes*, e *orientaes* todas as latitudes, começando das Canarias. Que cousa mais conforme com a razão que dar-se áquella extrema terra do *Oriente* o nome de *Oriental?*

Bem justificados ficam então os contemporaneos de Colombo.

Mas infelizmente o mesmo Placido Zurla, a quem devemos a noticia deste mappa curioso, revela certas particularidades, que desautorizam muito a sua porção oriental. Tem a letra de outra mão; e os nomes são os de *Nuova Spagna*, *California*, *Mar Vermejo*, e *Quivira*. Nem é de admirar: porque o mappa foi feito sim no tempo do Doge Francisco Dandolo, que falleceu em 1339 ao cabo de dez annos e dez mezes de administração; mas foi restaurado por Gastaldo no tempo do Doge Francisco Donato, eleito em 1545 e fallecido em 1553; e outra vez restaurado por Griselini em 1762, em perfeita conformidade com a primeira restauração, — excepto que Griselini poz tudo a oleo, quando no trabalho de Gastaldo *só estava a oleo a porção que nos occupa*, e tudo mais á tempera.

Por muito que seja de presumir que no lugar em que Gastaldo enterreirou a America havia de haver primitivamente alguma cousa, porque o panno do mappa é sempre o mesmo, e se nada houvera alli, sem proveito ficaria em branco um espaço consideravel, pede a prudencia que não se levante edificio sobre tão fraco alicerce.

Larguemos portanto o vocabulo grego, que nem no appa-

rente sentido de *Occidental*, nem no verdadeiro de *Oriental*, nos dá segurança, e tomemos por outro caminho.

Reconsidero, no 1.° volume de Navarrete, as seguintes declarações do diario da primeira viagem de Colombo, summariado por Las Casas.

16 de Setembro de 1492: « Aquí comenzáron á ver mu-
« chas manadas de yerba muy verde que poco habia, segun
« le parecia, que se habia desapegado de tierra, por la cual
« todos juzgaban que estaba cerca de alguna isla. »

17 de Setembro: « Vieron mucha yerba y muy á me-
« nudo. »

19 de Setembro: « No quiso detenerse barloventeando el
« Almirante para averiguar si habia tierra; mas de que tuvo
« por cierto que á la banda del Norte y del Sur habia algu-
« nas islas, como en la verdad lo estaban y él iba por medio
« dellas; porque su voluntad era de seguir adelante hasta
« las Indias, y el tiempo es bueno, porque placiendo á Dios
« á la vuelta se veria todo: estas son sus palabras. »

20 de Setembro: « Vieron mucha yerba. »

21 de Setembro: « En amaneciendo hallaron tanta yerba
« que parecia ser la mar cuajada de ella. »

22 de Setembro: « Por un pedazo de dia no hubo yerba,
« despues muy espesa. »

23 de Setembro: « Las yerbas eran muchas. »

25 de Setembro: « Iba hablando el Amirante con Martin
« Alonso Pinzon, capitan de la otra carabela Pinta, sobre
« una carta que le habia enviado tres dias hacia á la carabe-
« la, donde segun parece tenia pintadas el Almirante ciertas
« islas por aquella mar, y decia Martin Alonso que estaban en
« aquella comarca, y respondia el Almirante que así le pare-
« cia á él; pero puesto que no hubiesen dado con ellas lo
« debia haber causado las corrientes que siempre habian
« echado los navios al Nordeste, y que no habian andado

« tanto como los pilotos decian; y estando en esto dijo el
« Almirante que le enviase la carta dicha, y enviada con al-
« guna cuerda comenzó el Almirante á cartear en ella con su
« piloto y marineros. »

29 de Setembro: « Vieron mucha yerba. »

30 de Setembro: « Viéronse cuatro alcatrazes, yerba mucha. »

3 de Outubro: « Aparecieron pardelas, yerba mucha, alguna muy vieja, y otra muy fresca, y traía como fruta; y no vieron aves algunas; creía el Almirante que le quedan atrás las islas que traía pintadas en su carta. »

Governava-se pois Colombo por uma carta de marear.

Uma carta de marear, e precisamente para sua pilotagem gloriosa navegação, recebera Colombo de Paulo Toscanelli, ...o consta do citado livro de seu filho D. Fernando, no ...al se declara tambem, pela propria boca do sabio cosmo-...pho, que esta carta era *semelhante* á que elle offertara em ...74 a El-Rei de Portugal, e onde figurava, como fica notado, a Antilia, que por certo não exclue, antes presuppõe as suas habituaes companheiras. — « Ti mando vn'altra carta « nauigatoria, simile a quella, ch'io mandai a lui. »

Quer fosse, como tenho por infallivel, esta mesma tal qual; quer fosse a mesma com accrescimos de Colombo, como cuidam Irving e Humboldt; quer fosse, como parece a Navarrete, novo trabalho, preparado com mais subsidios que o de Toscanelli: o que não padece duvida é que a carta por onde se effeituava a primeira viagem transatlantica, tinha pintadas *certas ilhas*, as quaes não podiam ser senão as do grupo antiliano; — e que na paragem em que a dita carta apresentava as ditas ilhas, o que só appareceu foi um extenso hervaçal.

Sabido é que aquella vasta alcatifa oceanica, tecida por uma alga, é o que constitue o *Mar de Sargaço*, accurada-

mente descripto por Alexandre de Humboldt. (T. III, p. 46 e 64—91).

Dar-se-ha que o grupo da Antilia não seja outra cousa que o Mar de Sargaço?!

Diz Humboldt (p. 68) que o Mar de Sargaço se prolonga entre os parallelos de 19 e 34 gráos de latitude, que vem a ser de comprido perto de 300 leguas nauticas: e nós vimos nos documentos de 1424 e 1435 que o comprimento do grupo da Antilia é de mais de 200 leguas.

Diz Humboldt (p. 46) que o Mar de Sargaço fica de 80 a 110 leguas nauticas ao poente dos Açores; concordemente declara Colombo, na carta de 1498 (p. 254) que em cada uma das tres viagens americanas que até então havia feito, sempre encontrara o Mar de Sargaço « en pasando *cien* leguas á Poniente de los Azores »: e nós vimos que no documento de 1424 está a Antilia a 87 leguas dos Açores, e no documento de 1436 a 103 leguas.

Continuemos portanto na esperançosa direcção em que o diario de Colombo nos abriu carreira.

No atlas de 1436 figurou e nomeou Andrea Bianco, em Veneza, as ilhas *antillia* e *delaman satanaxio;* e a 26 de agosto de 1460, vinte e quatro annos depois, na mesma cidade concluia Fra Mauro o seu famoso mappamundi. Era Fra Mauro, segundo attesta Humboldt, juiz bem competente, « um geographo de immensa instrucção »; e o mesmo Humboldt noticia que o coadjuvara naquelle grande lavor seu discipulo Andrea Bianco, o autor do atlas de 1436. Ora, no mappamundi de Fra Mauro, como tambem adverte Humboldt, não vem a Antilia, nem ilha nenhuma das que se lhe costumavam aggregar.—Porque seria?—Não seria por já saberem ambos que aquillo não passava do Mar de Sargaço?

Responde maravilhosamente o proprio Andrea Bianco.

O mesmo atlas de 1436, em cuja folha 5.ª figura e nomea

aquelle cartographo as ilhas *antillia* e *delaman satanaxio*, encerra na folha 9.ª um mappamundi. Ora Formaleoni, pagina 47 do opusculo publicado em Veneza em 1783. descrevendo este mappamundi com o original á vista, exara nos seguintes termos uma preciosa informação: « A carta geral « de Bianco não tem nem a *antilia*, nem a ilha *delaman sa-* « *tanaxio*, talvez por não caberem; mas tem naquelles lu- « gares, ou nas suas immediações, um letreiro que diz, « *é mar de baga.* » — « Nella carta generale del Bianco non « avvi nè l'*Antilla*, nè la *delaman satanaxio*, perchè forse « non si capivano: avvi però una leggenda in que' luoghi, o « all' intorno, que dice, *questo xe mar de baga.* »

Este letreiro interpreta Formaleoni assim: « Quer dizer, « este mar respeita a Portugal, talvez porque naquelles tem- « pos o lugar mais afamado de Portugal fosse a cidade de « *Vagas* ou *Bagas*, ao sul de Aveiro, que os Venezianos, que « tinham então o privilegio de fallar como queriam, chama- « vam *baga* ou *boga* á sua vontade. » — « Vale a dire. questo « mare spetta al Portogallo, perchè force in que' tempi il luo- « go più rinomato del Portogallo era la città di *Vagas* o *Ba-* « *gas*, a mezzodì d'Aveiro, che i Veneziani, i quali avevano « alloro il privilegio de parlare como volevano, chiamavano « *baga* o *boga* a lor talento. »

E este commento adopta Zurla, e não o despreza Humboldt.

Mas, em primeiro lugar, essa *Vagas* ou *Bagas* ao sul de Aveiro é dormitação de Formaleoni. que metamorphoseou em cidade o rio Vouga, latinamente chamado *Vacca;* em 2.º lugar no Diccionario do Dialecto Veneziano, impresso em Veneza em 1829, diz Boerio que *baca* com um *c* é em veneziano o mesmo que em toscano *coccola*, *coccolina*, e *bacca* com dous *cc*, e significa o fructo do cypreste, do zimbro, do loureiro, e semelhantes; e em 3º lugar, o dialecto veneziano dá muitas

vezes ao *c* forte o som de *g*, como se observa nos nomes *Caboto*, *Cicogna*, cuja pronunciação é *Gaboto*, *Cigonha*.

Sem recorrer ao condão que Formaleoni attribue aos seus patricios daquelle tempo, de fallarem como queriam, podemos portanto assentar que *baga* do atlas veneziano de 1436 é meramente orthographia popular, ou philosophica, de *baca*, e vale o mesmo que o latim *bacca* e o portuguez *baga*.

Ora Guilherme Piso, no livro 4° cap. ultimo da 2.ª edição do seu acreditado trabalho sobre o nosso Brazil, diz do Sargaço: « Est Arbuscula *baccifera*. »

No seu artigo Sargaço diz Bluteau: « Cada pé de folha tem hũa *bagã*. »

Pelos mesmos termos repete o nosso Moraes: « Cada pé de folha tem huma *baga*. »

E neste caracter das suas numerosissimas *bagas* (que parecem fruto, mas são umas bexigasinhas, que boiam a planta) se funda hoje o nome scientifico do Sargaço: porque, em vez de *Fucus natans* de Linneo, chama-lhe Turner *Fucus bacciferus*; Agardh em 1824, no seu « Systema Algarum », *Sargassum bacciferum*; e assim Martius em 1833, no primeiro volume da sua « Flora Brasiliensis », *Sargassum bacciferum*.

Logo, a frase veneziana *questo xe mar de baga* significa evidentemente *é mar de Sargaço*.

E como Andrea Bianco applica este rotulo no lugar em que tinha posto as ilhas *d'antillia* e *delaman satanaxio*, irrefragavelmente se verifica a suspeita com que nos alvoroçou o diario de Colombo.

Com muita clareza diz Bianco — Fiquem sabendo que a existencia das ilhas *d'antillia* e *delaman satanaxio* é uma abusam; o que assim se denomina é puro Sargaço, de que o mar está juncado.

Haverá porém alguma etymologia que se ajuste solidamente com esta conclusão?

Indaguemos.

Achamos no Elucidario de Viterbo, que *anta* significava outrora em Portuguez monte que serve de estrema.

Achamos no Diccionario de Honnorat, impresso em Digne no anno de 1846, que *anta* significa em Provençal *bocal de poço*, e tambem qualquer *parapeito*.

Achamos no Diccionario de Le Gonidec, impresso em Saint Brieuc em 1847, que *ant* significa em Bretão *valla*, e *trincheira*.

Achamos no Ensaio sobre os Dialectos Gallo-Italicos de Biondelli, impresso em Milão em 1853, que *anta*, na Lombardia e no Piemonte, significa valva de porta ou janella, a taboa com que *se fecham*.

E na 3.ª edição do Diccionario Rouchí de G. A. I. Hécart, impressa em Valenciennes no anno de 1834, achamos finalmente que neste dialecto francez ainda agora chamam á tramela *antiliète*, e que antigamente davam ao *ferrolho* o nome de *antile*.

Antile, portuguezmente *antilha*, bem parece diminutivo de *anta*, e bem conserva na significação de *ferrolho* o sentido geral de *impedimento* que se envolve em todas as accepções da raiz donde procede.

Mas que relação póde haver entre o Mar de Sargaço e um *ferrolho?*

Mui estreita relação.

Diz Bluteau: « Levãtase esta herva sobre a superficie do « mar a altura de hum palmo, tão pegada, & liada, que cada « montão della parece hũa grande mata, com grande emba- « raço, & perigo dos navegantes. »

Diz Guilherme Piso: « Tamanha extensão de mar occupa o « Sargaço, que já não parece mar, mas terra; e por pouco « que o vento escacee, força os navios a bastante detença. »

Diz Lery, narrando a sua atribulada volta do Rio de Janeiro

para França : « Com esta incerteza fomos navegando até o « tropico de Cancer ; e naquellas partes estivemos quinze dias « entre hervas sobreaguadas, tão espessas, e em tamanha « quantidade, que, se para abrir caminho á embarcação, que « a custo rompia por ellas, nos não valessemos dos machados, « creio que alli ficavamos encalhados para sempre. »

E na citada carta de 1498, diz Colombo : « pasando las « dichas cien leguas de las dichas islas (Azores), fallo la mar « toda llena de yerba de una calidad que parece ramitos de « pino y muy cargada de fruta como de lantisco, y es tan « espesa que al primer viage pensé que era bajo, y que daria « en seco con los navios. »

Esta medonha catadura do Mar de Sargaço, ainda não desbastado pelo incessante sulcar de quilhas innumeras, necessariamente havia de refrear os primeiros acommettedores dos confins du Atlantico, — aquelles mesmos que já em 1351 proporcionaram arrumarem-se em um mappa, não só as ilhas Canarias, mas tambem as da Madeira, e tambem as dos Açores.

A elles se deve indubitavelmente, no mappa dos dois Piziganos, construido em 1367, offerecer o lugar correspondente á borda oriental do Mar de Sargaço um letreiro em latim barbaro, que em vernaculo diz assim : « Até aqui ha fundo para « segura navegação ; porém da parte de fóra são baixios que « não dão passo. »

E tanto basta para termos por justificados os que por ventura caracterizaram o Mar de Sargaço com a denominação de *Ferrolho*.

Mas abona-os tambem outro titulo, amplamente analysado por Humboldt com diverso intuito, e que naquelles escuros tempos redundava em mais assombro. (T. III. pp. 29-58, 64-65).

Justamente na mesma paragem em que se lhes atravessava

o Sargaço, salteava os navegantes dos seculos XIV e XV uma estranheza cosmologica formulada por Colombo nos termos seguintes. — Carta de 1498 (Navarrete, p. 254): « Fallo que « de Septentrion en Austro, pasando las dichas cien leguas de « las dichas islas (Azores), que luego en las agujas de marear, « que fasta entonces nordesteaban, noruestean una cuarta « de viento todo entero; y esto es en allegando allí á aquella « linea.» — Diario da primeira viagem, 17 de setembro de 1492. « tomaron los pilotos el Norte marcándolo, y hallaron « que las agujas noruesteaban una gran cuarta, y *temian* los « marineros, y estaban *penados*, y no decian de qué. »

Assim litteralmente *desnorteados* os anonymos descobridores da idade media, com sobeja razão haviam de respeitar o já por si pavoroso Mar de Sargaço, e mais o deviam conceituar um ferrolho lançado por Deos, — como que ouvissem troando estas vozes de Vieira: « Declara o mesmo Deos que essas mesmas portas do mar as tem muito bem ferrolhadas, e « muito bem trancadas. »

Parece que em todas as suas partes está resolvido o problema.

E entretanto desassocega-me um reparo de Humboldt, — que os mareantes, ao darem nomes. mais costumam attender ás relações de fórma, côr, ou producção.

Não haverá outro vocabulo, que. conservando a semelhança que tem com Antilia aquelle que no dialecto Rouchí significa ferrolho, satisfaça cabalmente ao requisito apontado por Humboldt?

Tornemos a procurar.

Anthyllion, *Anthyllum*, *Anthyllis*, nos livros 21 e 26 de Plinio Naturalista, e bem assim nos diccionarios latinos, inclusive o nosso tão familiar Magnum Lexicon; *Anthyllis*, no diccionario francez de Trevoux; *Antillide*, *Antille*, *Antillio*,

nos diccionarios italianos de Vanzon e Alberti di Villanova: é uma herva parecida á lentilha, — *lenticulæ similis.*

E d'outro lado, o mesmo diccionario Rouchí que nos deu *Antile* com a significação de *Ferrolho*, depara-nos no mesmo dialecto, fallado em muitos lugares do departamento francez do Norte, e em alguns da vizinha fronteira belga, o mesmo nome *Antile* significando a propria *Lentilha.*

Ora, Mar de Lentilha, *mer de lentille*, é a denominação com que está o Mar das Antilhas no mappa 4.º da inedita Cosmographia Universal de Guilherme Le Testu, acabada no Havre de Grace em abril de 1555, e hoje conservada em Paris no Deposito Geral do Ministerio da Guerra, onde tive o gosto de examinal-a em companhia do muito douto, muito amavel, e muito prestante Ferdinand Denis, meu amigo saudosissimo.

E no já duas vezes aproveitado texto de Guilherme Piso, livro 4.º cap. ultimo, p. 266 da 2.ª edição, diz o grave Hollandez: « A herva marinha a que os Hespanhoes dão o nome « de *Sargaço*, e os nossos o de *Steen-kroost*, chama-se, posto « que impropriamente, *Lentilha do Mar*. Por toda a parte « sobreaguada perto das ilhas Açores, sem se lhe saber a ori- « gem, tamanha extensão occupa, que já não parece mar, « mas terra ; e por pouco que o vento escacee, força os navios « a bastante detença. E por isso os Hollandezes da carreira da « India denominam aquelle trecho do Oceano DE KROOST-ZEE, « *O Mar de Lentilha.*»

Isto é grande clarão.

Entre a herva parecida com a lentilha e o Mar de Sargaço relação nenhuma se póde colher da descripção que della faz Plinio.

Tão pouco serve ao nosso proposito a iguaria de Jacob e Esaù.

Mas com o mesmo nome do legume biblico designamos

Francezes, Italianos, Hespanhoes, e Portuguezes, a *Lentilha d'agua*, botanicamente chamada *Lemna*, e contemplada com o seu nome vulgar na Flora Lusitanica de Brotero.

A Lentilha d'agua e o Sargaço atlantico tem a relação estreitissima de serem hervas sobreaguadas, totalmente desapegadas de apoio, e sempre paradas no mesmo lugar.

E tanto fere os olhos esta materialidade, que levou os Hollandezes a darem ao Mar de Sargaço o nome de Mar de Lentilha, *Kroost-Zee*, segundo o relatado positivo testemunho de Guilherme Piso; onde cumpre ponderar que *Kroost* é em hollandez nome privativo da Lentilha d'agua, porque naquelle idioma a lentilha legume chama-se *Linz*.

Agora sim, podemos descançar.

Por mais que outra qualquer se ostente formosa, esta é que é a etymologia de Antilia, trajada modestamente, mas com as vestes da Verdade.

No mesmo departamento francez do Norte, em muitas partes do qual se dá á lentilha o nome de *Antile*, está o antiquissimo porto de Dunkerque, cujos mareantes foram tão afamados na idade media por sua pericia e afouteza.

Elles descobriram o Sargaço atlantico; e por aquella parecença que lhe acharam com a lentilha d'agua, fizeram como ulteriormente os Portuguezes, de quem diz Barros, que « sem « ser çargaço por a semelhança que tem com elle lhe deram « o seu nome. »

Chamaram-lhe no seu dialecto *Antile;* e da falta de conhecimento da significação desta palavra resultou entre os Italianos de então *Antilia*, entre os Hespanhoes e Portuguezes *Antilla* e *Antilha*, e no geral dos Francezes *Antille*.

Os Hollandezes porém, que pela vizinhança bem sabiam o que significava *Antile*, conservaram intrinsecamente ao Mar de Sargaço o nome que lhe puzeram os seus descobridores.

E o Francez Le Testu, domiciliado não longe de Dunkerque.

tambem se mostrou inteirado da significação de *Antile*, quando, acompanhando a transferencia do nome primordial do Mar de Sargaço para as ilhas colombianas, empregou na expressão *mer de lentille*, em vez de *Mer des Antilles*, a genuina fórma franceza correspondente á corrupção do dialecto Rouchí.

Antile é com effeito naquelle dialecto uma palavra inteiriça, alteração normal do francez *Lentille:* porque, quanto á suppressão da consoante inicial, dizem nelle *étanies*, *yard*, *lopol*, em vez do francez puro *litanies*, *liard*, *Léopold*, como tambem *ante*, *etarder*, *isorée*, em lugar de *tante*, *retarder*, *mijaurée;* quanto á troca do *e* em *a*, dizem *frane*, *argot*, *garbée*, em lugar de *frêne*, *ergot*, *gerbée*, e bem assim *lant* do latim *lentus* no sentido de humido; e quanto ao som de *l* simples pelo nosso *lh*, dizem *file*, *quévile*, *fauchile*, em vez de *fille*, *cheville*, *faucille*, como tambem *pale*, *viéle*, *akeulir*, em vez de *paille*, *vieille*, *accueillir*.

Desconjuntar *Antilha*, á maneira de charada, em dois comezinhos elementos portuguezes, como Bluteau, os lexicographos de Trevoux, Murr, Pinkerton, Ribeiro dos Santos, Trigozo, e até alguma vez Humboldt: é cahir na equivocação do historiador da Asia com o cabo *Bojador*, que elle assevera terem assim alcunhado os descobridores do infante D. Henrique *pelo seu muito bojar*, sendo que já em 1405 pessoalmente o conhecia o Francez Bethencourt com o nome de cabo de *Bugeder*, e já em 1375 o appellidava cabo de *Buyetder* o atlas catalão da bibliotheca imperial de Paris.

E como teria razão a escola de Bluteau?

Ouçamos a João de Barros, contando o apparecimento da terra de Santa Cruz: « A qual terra, estáuam os hómeẽs tam « crentes em nã auer algũa firme occidental a toda a cósta « de Africa, que os mais dos pilotos se afirmáuã ser algũa « graude jlha, assy como as terceiras, e as que se acháram

« por Christouão Colom que erã de Castélla : a que os caste-
« lhanos comũmente chamã Antilhas. »

Se dos Castelhanos receberam os Portuguezes o nome *Antilha;* e se na lingua castelhana se não diz *ilha*, mas *isla:* claro está que semelhante nome nem he portuguez, nem castelhano, e não se resolve em *Ante-ilha*.

Fica pois averiguado que a mysteriosa Antilia, longe de ser, como julga Humboldt. um mytho geographico, era o mui positivo Mar de Sargaço, cuja circumscripção, traçada pelo primeiro que o assentou em mappa, deu azo a tomarem-no por uma ilha.

Prova-o concludentemente o atlas composto em 1436 por Andrea Bianco, onde, no proprio lugar em que a folha 5.ª dicera *Ilha d'antillia*, diz com emphase a folha 9.ª *é mar de baga*, que vem a ser *mar de sargaço*, porque o caracter especifico desta planta são as suas boiasinhas, a que todos chamam *bagas*.

E lucidamente o assella uma lhana etymologia, revelada em 1658 por Guilherme Piso: porque o douto Hollandez informa que ao Mar de Sargaço nomeam os seus compatriotas Mar de *Lentilha*, e do diccionario Rouchí nos consta que naquelle dialecto francez o nome de lentilha é *Antile*.

Outra cousa agora.

Visto que o Mar de Sargaço foi arrumado em mappas antes, e muito antes do descobrimento colombiano, é indubitavel que até alli tinham batido o Atlantico os antecessores de Colombo.

Logo, aquelle hervaçal perenne, que principia cem leguas ao poente dos Açores, era a raia verdadeira do Antigo Mundo e do Mundo Novo : dalli, e não da ilha de Ferro, é que o varão impavido foi cortando « por mares nunca d'antes navegados » ; alli é que se lhe oppunham os realmente vedados

terminos, que elle se ufana de haver quebrantado. quando, na sublime carta de Jamaica, introduz a apostrophal-o em sonhos um messageiro de Deos, que lhe diz: « De los atamien-
« tos de la mar océana, que estaban cerrados con cadenas tan
« fuestes, te dió las llaves. »

Por isso, mal tornava do Novo Mundo, em continente diligenciou Colombo a ephemera mas sempre fallada linha divisoria estatuida pela Santa Sé a 4 de Maio de 1493.

Conjectura Humboldt o muito que era de crer que o enthusiasmado descobridor se empenhasse em inculcar para demarcação politica uma demarcação physica que tanto o impressionara. (T. III. pp. 52—55.)

E bem o conjectura: pois effectivamente, em carta datada de Barcelona quatro mezes depois do acto pontificio, e publicada por Navarrete no documento LXXI do tomo segundo, escrevem a Colombo os Reis Catholicos — « fasta la raya que
« vos dijistes que debia venir en la Bula del Papa. »

E que espectaculo grandioso se manifestava alli!

Em um notavel artigo de Zig-zag da secção geologica da commissão scientifica do Norte, no Diario do Rio de Janeiro de 3 de março de 1862, diz um Brazileiro benemerito, o nosso illustradissimo consocio Guilherme de Capanema: « Em todo
« o mar de sargasso não se acha uma unica planta com se-
« mente, o que provém de que elle só fructifica agarrado á
« pedra; e por isso o grande mestre Humboldt, e o nosso Mar-
« tius, estabeleceram hypotheses sobre a sua proveniencia,
« que mais tarde Martens destruio. Elle, com perspicacia de
« naturalista, deu em examinar os animaes parazitas do sar-
« gasso, e achou algumas especies inteiramente estranhas ao
« oceano atlantico, porém mui frequentes nas aguas da India
« e do Mar Persico, de onde elle possuia exemplares do mes-
« mo sargasso fructificado. A' vista disso é quasi certo que
« a corrente pelagica que vem dos mares da India, desce pelas

« costas de Moçambique, e dobra o cabo da Boa Esperança
« para tomar novo rumo em busca das regiões equatoria, traz
« o sargasso, que de viagem perde a sua semente, e atira com
« elle aos enormes bancos. »

Logo, no meridiano por onde anhelava Colombo corressem os politicos a repartição do Mundo, estavam patentes as suas quatro partes: diante dos olhos, Europa, Africa, America; e representada pelo seu sargaço a remotissima Asia, — a Asia, que o heroico Italiano com tanta fé procurava, que elle se desvaneceu de ter achado sem achal-a nunca, e de que só viu, sem saber o que via, aquella interessante amostra.

DOCUMENTOS

RELATIVOS Á EXHUMAÇÃO DOS OSSOS DE ESTACIO DE SÁ, FEITA POR DELIBERAÇÃO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

SENHORES.

O magnanimo principe que nos honra com sua presença e que tão dedicadamente protege este Instituto, incumbiu-me como sabeis do honroso e para mim nunca assaz apreciado encargo de dirigir a exhumação dos restos mortaes de Estacio de Sá 1.° governador do Rio de Janeiro.

Desejando elle obter um resultado exacto debaixo de todos os pontos de vista possiveis, determinou-me que de commum accordo com o meu collega o distincto professor de medicina legal, o Sr. Dr. Francisco Ferreira de Abreu, fizessemos todas as pesquizas necessarias para chegarmos ao fim desejado. Seu decreto foi religiosamente cumprido e hoje aqui estamos para apresentar-vos o resultado de nossas investigações.

ESTADO EM QUE ESTAVA A SEPULTURA NO ACTO DA EXHUMAÇÃO.

A sepultura de Estacio de Sá estava bem demarcada na capella-mór da igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro, por uma lapida na qual estava exarada a seguinte inscripção :

AQVI IAZ ESTA@O D
SAA PR° CAPITAO E CÕ
QVISTADOR DS R TERRA E
@DADE E A CAMPA M A
DOV FAZER SALVADOR
COREA DE SAA SEV P
RIMO SEGD° CAPITAO
E GDR° CÕ SVAS ARMAS
E ESTA CAPELLA ACA
BOV O ANO DE 1583.

Por baixo d'esta inscripção viam-se as armas de sua casa. A lapida tinha a fórma de um paralellogrammo rectangular, era de granito, e das dimensões seguintes: comprimento nove palmos, largura quatro e espessura pouco menos de um palmo. Collocada na capella-mór tres palmos distante do 1.° degráo do altar principal, a recta que passasse pelo meio de sua largura confundir-se-hia com a que dividisse a igreja em duas partes lateraes e iguaes. Ao lado esquerdo de quem olhasse para a lapida com o fim de ler a inscripção, os religiosos capuchinhos tinham mandado collocar tres taboas grossas de pinho, que formando angulos rectos com o lado correspondente da pedra estavam dispostos obliquamente, formando um plano inclinado e ascendente para a esquerda. O solo que cercava a lapida tinha sido cavado previamente para proceder-se á remoção da pedra na largura de um palmo e na mesma profundidade, pois que tanto foi mister para descobril-a em toda a sua espessura.

EXHUMAÇÃO.

Os religiosos capuchinos, os membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e um numeroso concurso de espectadores esperavam que S. M. I. chegasse para dar-se principio á exhumação. Ao meio dia em ponto chegou o augusto presidente e começaram os trabalhos.

Cavando-se ainda um pouco com o fim de abalar a pedra, entraram em acção as alavancas e foi a lapida removida para o lado esquerdo sobre as taboas para esse fim collocadas, tendo-se o cuidado de conserval-a em posição paralella a primitiva, ficando seus lados menores no prolongamento das rectas, que primitivamente occupavam, no intuito de ter-se a medida exacta da sepultura e um guia seguro para a excavação.

Isto feito reconheceu-se que a pedra descançava sobre o solo onde se não notava signal algum de carneiro, ou cova preparada, era portanto uma cova rasa.

Procedendo-se a excavação na arêa deixada pela pedra e mais um palmo de cada um de seus lados, chegou-se á profundidade de dois palmos sem que se encontrasse nada mais do que terra; continuando-se porém a aprofundal-a encontraram-se n'esta segunda camada, que teria pouco mais ou menos a mesma profundidade, ossos de diversas regiões do corpo humano promiscuamente dispostos, alguns em duplicata indicando a existencia de mais de um esqueleto, envoltos em terra fofa, sem que se encontrasse em sua disposição o menor vislumbre das relações anatomicas, de tal sorte que junto a ossos da cabeça se encontraram os dos membros superiores e inferiores. Recolheram-se estes ossos em uma bandeja á medida que iam sendo encontrados e proseguiu-se na extracção da terra cavada. Estando a cova limpa, acreditou-se ter chegado ao seu fundo e concluida a excavação necessaria. Ao tirar-se porém as ultimas pás de terra solta, faltou o terreno debaixo de um dos pés do excavador no extremo da cova que fica para o lado da porta principal, continuou-se a excavação, e encontraram-se em um espaço talvez de $\frac{1}{3}$ do comprimento da cova reunidos e cercados por barro avermelhado muito socado os ossos seguintes: Quasi metade esquerda do frontal ligado no parietal, o 2.º dente molar inferior direito, nove fragmentos de vertebras, a clavicula direita, quatro cabeças esphericas das quaes duas pertenciam aos humeros, e duas aos femures, pedaços de humeros e cubitos, duas porções dos illiacos, fragmentos do pubis e ischions, pedaços de femures, tibias, peroneos, e calcaneo, havendo além d'estes muitos outros fragmentos osseos que não se puderam classificar com a certeza e evidencia dos primeiros. Collocaram-se em uma outra bandeja todos estes

ossos. Estrahida a terra existente na sepultura reconheceu-se pela natureza do solo seus limites e deu-se por finda esta parte da pesquiza.

Agora que tendes ouvido o que comigo vistes e observastes, passaremos a dar-vos conta do resultado a que chegamos pelo estudo feito sobre esses restos que tão recommendaveis se tornam á historia da nossa terra e ao reconhecimento e respeito de todos nós.

Passamos a descrever esses ossos e a expôr-vos as bases em que scientificamente nos fundamos para as conclusões finaes.

DESCRIPÇÃO ANATOMICA DOS OSSOS.

Frontal. — A porção encontrada d'este osso era quasi a sua metade esquerda ainda articulado com parte do parietal correspondente, notava-se na face externa d'esta peça ossea parte da sutura fronto parietal, a bossa frontal e arcada superciliar bem desenvolvidas, a arcada orbitaria e as apophyses do mesmo nome a interna um pouco desfeita, e a externa mais bem conservada; a chanfradura nasal percebia-se perfeitamente porém não se lhe notavam as suas dentilações, a bossa nasal era pouco desenvolvida, a face orbitaria do osso deixava aperceber parte da abobada da orbita e na sua região lateral se via bem desenhada a linha curva temporal abaixo da qual se encontravam restos da fossa do mesmo nome, na face posterior ao osso notava-se o sulco correspondente ao seio longitudinal superior terminando anteriormente nos restos da lamina da apophyse crista galli. O osso era mais espesso, os seios frontaes estavam destruidos, e não se percebia a chanfradura ethmoidal. Era esta peça de uma fórma irregular e de tão pouca consistencia que parecia ser formada unicamente pelas substancias inorganicas tendo desapparecido todo o tecido organico. Este era o estado em que se encontraram todos

os ossos recolhidos da ultima camada. Nenhum outro osso da cabeça encontrámos de maneira a poder ser classificado; muitos fragmentos porém tinham signaes que faziam crer que pertenciam ao craneo.

Dente.—O 2.° molar inferior direito que foi o unico achado n'esta camada apresentava a corôa pouco gasta e bem desenvolvida, o que indicava provavelmente uma idade superior a trinta annos e inferior a cincoenta.

Vertebras. — Os nove fragmentos d'estes ossos classificámos pela maneira seguinte: 1.° segunda vertebra cervical, ou axis reconhecida não só pelos caracteres communs d'esta classe como pelo que lhe é especial, queremos fallar do resto da apophyse odontoide que distinctamente se percebia; 2.° uma vertebra dorsal sem corpo com as apophyses transversaes desfazendo-se, porém permittindo o reconhecimento de suas facetas articulares para as costellas; 3.° tres outras das quaes se percebiam as apophyses espinhosas, as articulares, e as lamonas; 4.° dois corpos de vertebras dorsaes em cujos lados se viam as facetas que se articulam com a cabeça das costellas; 5.° um outro corpo pertencente a uma vertebra cervical reconhecida pelos caracteres de suas faces superior e inferior; 6.° a ultima vertebra lombar que assim classificámos em consequencia da altura da parte anterior do seu corpo, da inclinação da face inferior do mesmo, e pelos caracteres geraes da classe.

Thorax. — Não encontramos signal algum da existencia de costellas nem tambem de sternon.

Membros Thoracicos. — A clavicula direita existia se bem que muito alterada marcando a extensão de 0,14 cent. de comprimento. Duas cabeças esphericas mostravam signaes caracteristicos de pertencerem aos humeros, fragmentos de diversas dimensões indicavam visivelmente serem restos de humeros e cubitos, pois que distinctamente se percebiam

n'elles a fossa olecrana para os primeiros e as apophyses coronoide, olecranas, e grande cavidade segmoide dos segundos; nenhum d'esses fragmentos pareciam pertencer aos radios.

Bacia. — Das duas porções dos illiacos uma era direita, e outra esquerda notamos-lhe bem a crista illiaca a qual era muito desenvolvida, e as fossas quer internas quer externas muito planas. A altura d'estas peças osseas tomada do alto da crista illiaca ao ponto que corresponde ao rebordo da cavidade cotyloide tinha 0,14 cent; a cavidade cotyloide não se percebia nem tão pouco o buraco subpubiano, apesar d'isso porém cremos serem os illiacos de um homem. Os fragmentos de schions e pubis não nos poderam fornecer uma idéa exacta ácerca da fórma do buraco obturador.

Membros abdominaes. — As outras duas cabeças sphericas pertenciam aos femures direito e esquerdo, reconheciam-se bem pelo fosseta de emplantação do ligamento redondo da articulação coxofemural, uma d'ellas estava ainda reunida ao collo e a este ainda adherente uma lásca do corpo do femur pelo que vimos bem: 1.° que o angulo formado pelo collo e o corpo era muito obtuso, 2.° que o collo era muito desenvolvido e espesso, e suas rugosidades mui sensiveis. o que tudo nos levou a crer serem femures de homem. Os outros fragmentos d'estes ossos (femures) eram bastante espessos; o canal medular muito augmentado de diametro por ter desapparecido a lamina interna que o fórma ficando d'esta arte representado em suas paredes pela face interna da parede externa do osso. A linha aspera além de mui rugosa era saliente e assim tambem todas as outras tuberosidades de inserções musculares, o que ainda nos confirma serem de individuo de sexo masculino. Os dois tibias encontrados estavam, um dividido em dois pedaços no sentido longitudinal de maneira a serem representadas a sua crista, e as faces interna

e externa por uma lamina ossea mui pouco espessa, e os condylos, face posterior, e maleolo pelo outro pedaço. Foi este comparado com o outro que era mais consistente e estava incompleto por lhe faltar o extremo inferior, pareciam ser do mesmo tamanho; aquelle foi por nós medido e tinha de comprimento 0,36 cent.; a circumferencia de seu corpo logo abaixo dos condylos 0,14 cent.; no centro da diaphyse 0,085 mill; e ao nivel do malleolo 0,13 cen. Dos ossos do pé só encontrámos o calcaneo esquerdo dividido em duas porções e tendo de altura 0,05 cent.

Os ossos não classificados e o pó osseo despidos da terra o mais que nos foi possivel pesaram 56 onças; os classificados 61 ditas, o que produziu um total de 117 onças para os ossos da ultima camada.

Os ossos recolhidos na primeira bandeja que como vistes pertenciam á segunda camada ou camada media da sepultura, estavam ainda bastante consistentes, conservavam bem suas fórmas embora muito carcomidos alguns, e gasto o tecido reticular interno de todos. Entre elles se via, um frontal que por seus caracteres parecia ser de um individuo cujo maximo de idade seria 15 annos, tres maxillares superiores dos quaes dois estavam ainda articulados entre si e d'estes o direito com o mallar correspondente, e o outro que era do lado esquerdo estava isolado; um numero variado de vertebras de diversas classes indicando pertencerem a esqueletos de criança e de adultos; varias costellas nas mesmas circumstancias; femures, tibias, peroneo, ossos do tarso, metatarso, e dedos do pé, assim como tambem omophatas-ossos do carpo, metacarpo, e dos dedos da mão foram encontrados indicando tudo restos de diversos esqueletos. O peso de todos elles foi 128 onças.

Attendendo ás relações de conservação d'estes ossos para com os da ultima camada não receamos julgal-os de outros individuos, e mesmo porque como já dissemos elles se acha-

vam misturados e collocados mui distantes dos outros que tinham igual consistencia, achavam-se reunidos formando um grupo, cercados por terra muito mais compacta, e ainda mais que n'esse grupo não achamos duplicata.

Analyse chimica.

Cumprindo-nos colligir, senão dados de toda a precisão; *o que nos parece fóra dos recursos da sciencia*, pelo menos os indispensaveis elementos para poder chegar á um juizo conjectural, e á maior somma possivel de probabilidades acerca da epocha presumivel, em que foram confiados á terra, e do periodo, durante o qual ahi permaneceram os restos, que fazem o assumpto do actual exame, invocamos em ultimo lugar o auxilio poderoso da analyse chimica.

Esses ossos, ou antes fragmentos ou restos de um esqueleto incompletamente destruido pela mão do tempo, notaveis pela sua extrema friabilidade, destituidos geralmente da menor cohesão, e por isso mesmo reduzindo-se á pó entre os dedos do observador, sob o influxo de uma pequena pressão ou attrito, de côr uniformemente pardacenta ou *branco-suja* no exterior, de fractura granulosa, branca e assás analoga ao aspecto de massas puramente calcareas; conservando porém fielmente as respectivas configurações anatomicas das peças, á quem pertenceram, de um peso especifico unicamente fraco ou reduzido; e não offerecendo finalmente, quer á simples inspecção ocular, quer ao exame microscopico, a menor apparencia de qualquer vestigio dos principios ou elementos organicos, que entram na constituição dos ossos humanos, periosteo, materia graxa, *medulla*, que, segundo Berzelius contém um p. cem de membranas e vasos, e tres p. cem de substancias identicas áquella, que se

extrahe da carne muscular, vasos, nervos e o competente tecido ou trama organisado, cartilaginoso (*osseina*) em que se encontram estes ultimos; como assim (*sub-entendido está*) inteiramente despidos de quaesquer vestigios de tecido fibroso, de fibro-cartilagens de incrustação, etc; mas parecendo sim reduzidos exclusivamente aos principios mineraes ou inorganicos, que constituem essencialmente a parte solida dos ossos (*saes calcareos,*) foram por nós submettidos aos necessarios exames analyticos, para cuja execução e desenvolvimento cingimo-nos principalmente ás indicações de Frémy, Marchand e outros, que melhor se tem occupado de semelhantes analyses.

As operações foram praticadas sobre oito onças de fragmentos diversos procedentes ou tomados indistinctamente de differentes ossos d'entre aquelles que foram encontrados reunidos mais profundamente, e separados por uma espessura de dois a tres palmos de terra, dos ossos do primeiro jazigo ou deposito superficial, os quaes são visivelmente de epocha muito mais recente, e procedem pelo menos de dois cadaveres distinctos, de um adulto e de uma creança; as peças melhor conservadas foram respeitadas, quanto possivel, em sua integridade.

Depois de lavados com agua destillada, para melhor destacar as particulas de terra argilosa que restavam adherentes em pontos diversos, foram elles tratados, pelo acido chlorhydrico puro, e diluido em nove partes, mais ou menos, d'agua distillada; um tratamento unico foi bastante: com effeito no fim de doze horas os ossos estavam integralmente dissolvidos, *quasi sem residuo*, dizemos, *quasi sem residuo*, por isso que, em vez de apresentar o liquido em seu seio as massas de *osseina*, ou tecido cartilaginoso, que necessariamente apresentaria, se se tratasse de ossos recentes, offerecia apenas alguns flócos de côr pardacenta ou branco-suja, de aspecto

gelatiniforme, sobrenadando a superficie do liquido ou fluctuando no gremio d'este.

Filtrado o liquido atravéz do amianto; lavados os flócos gelatinosos primeiramente com agua destillada fria, e depois com o mesmo liquido quente, até extincção completa da reação acida, (*o que facil foi reconhecer pela acção do soluto de azotato de prata*); purificados pelo alcool e pelo ether que nenhum vestigio subtrahiu de substancia gordurosa; lavados novamente pela agua, e finalmente tratados por este liquido em temperatura de ebullição, obtivemos pela evaporação lenta uma quantidade proporcionalmente insignificante de gelatina. E' pois fóra de duvida que o tecido ou trama organisado (*osseina*) dos ossos sujeitos aos nossos ensaios analyticos, ainda não foi completamente destruido apesar da acção prolongada do tempo; d'elle restam porém apenas proporções insignificantes, o que nos dá a razão sufficiente da grande friabilidade de semelhantes ossos, que se pulverizam facilmente pelo menor attrito, reduzidos, como se acham, quasi exclusivamente aos seus elementos calcareos.

Emquanto aos elementos mineraes ou inorganicos; seguindo ainda as indicações de Frémy e outros, de preferencia ao processo de calcinação, nenhuma difficuldade tivemos nós em reconhecer e demonstrar a presença do phosphato, (*phosphato tribasico, phosphato insoluvel dos ossos*) e carbonato calcareo, como assim de pequenas proporções de phosphato magnesiano, phtorureto de calcio, soda, chlorureto sodico, oxydos de ferro, e de manganez; não tentando fazer a analyse quantitativa, não só pela angustia de tempo como ainda porque nenhum interesse real poderia ella offerecer na actual conjunctura, *maximé* por termos de operar sobre fragmentos procedentes indistinctamente de ossos diversos, ainda que de um mesmo individuo. E' certo pois que no que respeita a natureza dos elementos inorganicos constituintes de taes

ossos, nenhuma alteração apreciavel parecem ter experimentado, *em suas qualidades* as respectivas massas calcareas á despeito da sua prolongada inhumação.

A' vista de semelhantes resultados, que poderemos nós inferir, com maior ou menor verosemelhança, ácerca da questão capital, que procuramos resolver pela analyse? A' que epocha devemos nós referir, segundo as conjecturas mais provaveis, e os dados mais seguros da observação e da sciencia, a inhumação do individuo, cujos ossos foram por nós analysados? *Vejamos*. Ninguem hoje ignora que os ossos resistem prodigiosamente ás multiplicadas e poderosas causas naturaes de destruição, de modo que, mesmo no fim de centenares de annos, elles tem podido ser encontrados apresentando, ás vezes, apenas uma ou outra alteração, em relação, e dependencia das circumstancias infinitameute variaveis em que se achavam collocados, como seja a natureza do sólo, suas condições hygrometricas, calorificas e outras, que seria longo enumerar. Ouçamos os observadores á respeito. Orfila, cujas opiniões seráõ sempre ouvidas, com interesse, em assumptos d'esta ordem, refere no seu tratado monumental das exhumações juridicas que os ossos do rei Dagoberto foram encontrados em Saint-Denis no fim de quasi mil e duzentos annos ou doze seculos; cumpre porém accrescentar que estes ossos se achavam encerrados em um caixão de madeira, e este disposto no interior de um tumulo de pedra. Haller diz, nas primeiras paginas dos seus *Elementos de Physiologia*, que a gelatina dos ossos conservou-se durante dois mil annos em algumas mumias, ao passo que, ao ar ou em terrenos humidos alguns seculos bastam para sua destruição: os ossos se convertem então em pó e desapparecem. Os dentes resistem por muito tempo; o esmalte é quasi indestructivel.

As sabias palavras do illustre physiologista são para nós de um poderoso auxilio n'este momento. Os ossos de Estacio

de Sá, *a analyse chimica o demonstrou*, exhibem apenas uma quantidade proporcionalmente insignificante de gelatina; alguns annos mais... e esta teria sido totalmente destruida; e esses ossos, já hoje tão friaveis, e sem cohesão alguma, ter-se-hiam convertido em pó, e desapparecido de todo, termo natural e inevitavel, que pôde ser talvez um pouco retardado em razão da natureza do terreno (*argiloso, compacto e secco*, á que foram confiados os restos do valoroso capitão. A consumpsão experimentada pelos ossos, a disparição *quasi absoluta* dos seus elementos organicos, dando como já dito foi, a razão sufficiente da sua excessiva fragilidade, como da sua facil e completa pulverização pela minima pressão ou attrito, induzem-nos pois á concluir que os ossos, de que ora se trata, estiveram indubitavelmente inhumados por um immenso periodo, *durante seculos*, diremos nós sem hesitação e sem escrupulo, (*ainda que sem a pretenção de os precisar*,) pois que seculos são necessarios, como a observação e a experiencia o tem demonstrado, e bem se comprehende á vista da immensa resistencia, da quasi incorruptibilidade da *osseina*, para que os ossos humanos confiados ao seio da terra, sejam naturalmente reduzidos ás condições, em que foram encontrados os ossos de Estacio de Sá.

A terra recolhida dos pontos visinhos ao jazigo d'estes ossos é notavelmente calcarea; esta circumstancia tem, segundo toda a probabilidade, a sua procedencia nos principios inorganicos que se tem successivamente destacado dos ossos carcomidos ou destruidos pela acção voraz do tempo.

CONCLUSÕES.

De todos os dados colhidos durante e depois da exhumação, e do escrupuloso estudo e exame anatomico, e analytico, á que procedemos em commum sobre as peças osseas exhumadas, julgamos dever concluir.

1.°

Que foram evidentemente reconhecidos, e com precisão determinados durante a exhumação (*pelo primeira perito*) e pelos exames ulteriores feitos em commum, apreciada a disposição e natureza do sólo, os limites da sepultura indicada, como devendo conter os ossos de Estacio de Sá.

2.°

Que n'essa sepultura não fôra inhumado cadaver algum; mas sim depositadas as peças pertencentes á tres esqueletos; este facto se deduz naturalmente da falta de relações anatomicas, em que foram encontrados os differentes ossos, accumulados sem ordem, e confundidos entre si; como assim do respectivo exame anatomico dos mesmos.

3.°

Que os ossos encontrados no primeiro jazigo, ou camada superficial, á uma profundidade apenas de dois palmos mais ou menos, procedem de dois individuos distinctos; o primeiro dos quaes teria no maximo quinze annos de idade, e cujo sexo não pôde ser determinado; e o segundo era um adulto.

4.°

Que ás peças osseas do primeiro jazigo, separadas dos do segundo por uma espessura de terreno de tres palmos pouco mais ou menos, e visivelmente distinctas d'estas ultimas pela sua maior consistencia, e peso especifico, pela melhor conservação dos seus elementos, e por outros caracteres mais, procedem indubitavelmente de individuos, que

ambiram posteriormente, e em uma epocha muito mais aproximada de nós. Procedem ellas dos restos de outros membros da mesma familia ou tronco, e que mais tarde foram tambem transladados para o mesmo jazigo?....

5.°

Que as peças osseas encontradas no segundo jazigo e em grande parte carcomidas ou destruidas pela voracidade do tempo, parecem pertencer todas á um unico e mesmo esqueleto.

6.°

Que este esqueleto pertenceu á um individuo do sexo masculino.

As proporções e grossura, geralmente observadas nas peças osseas, que melhor se conservaram; o notavel desenvolvimento das desigualdades, e asperezas destinadas ás inserções musculares, como assim das espinhas osseas, e dos sulcos diversos; o volume das extremidades articulares dos ossos longos dos membros; o comprimento, a grossura, e a notavel incurvação da clavicula encontrada; a grande espessura do frontal como dos fragmentos de outros ossos largos do craneo, que foram igualmente encontrados; os caracteres anatomicos das vertebras achadas; e sobretudo a disposição das duas porções iliacas dos respectivos ossos coxaes, nos induzem com effeito á acreditar que o esqueleto de que se trata pertenceu a um individuo do sexo masculino; não podendo todavia deixar de lastimar a impossibilidade em que nos achámos de apreciar a disposição geral da excavação da bacia, o gráo de concavidade da face anterior do sacrum, as dimensões, e configuração dos buracos infrapubianos, o gráo de afastamento das cavidades cotyloides; como assim as dimen-

sões dos principaes diametros do pelvis, elementos, cuja apreciação imprimiria á esta nossa conclusão o desejavel caracter de certeza anatomica.

7.º

Que esse esqueleto procede de um individuo, cuja idade póde, com grande verosemelhança, ser calculada entre trinta e cinco e cincoenta annos. Na deficiencia dos elementos anatomicos, que principalmente caracterisam semelhantes idades sobre o esqueleto —*união completa da primeira peça do sacrum com as outras; soldadura do appendice xiphoide com o corpo do sternum, como assim do sacrum com coccyx*, baseámos esta nossa conclusão sobre —*a completa soldadura dos discos épiphysarios das vertebras encontradas*, e sobre o estado *das suturas dos ossos do cranco* ; as ametades do frontal eram perfeitamente reunidas ou soldadas: a sutura fronto-parietal e as porções encontradas das suturas sagital e lambdoide são ainda muito apparentes, com quanto a união das peças osseas, e o encravamento das suas dentilações seja já assás completo. O segundo molar encontrado é alvo, e pouco gasto na sua corôa.

8.º

Que esse esqueleto devia pertencer a um individuo, cuja estatura aproximada e provavel deve ser avaliada em 1,^{m}741, por isso que o osso tibia tinha 0 36 c.

9.º

Que esse individuo seria de um corpo regular, pois que a clavicula encontrada tinha 0,14 c, o que inculca que o peito na sua parte superior, de um extremo clavicular a outro offo-

receria, mais ou menos 0,32 c; por outra que era um individuo de typo portuguez e de estatura regular.

10.°

Que os ossos pertencentes a este esqueleto, despidos, tanto quanto foi possivel da terra argilosa, que lhes era adherente, pezaram 7 libras e 5 onças ou 117 onças; a saber, os ossos que por muito quebrados não foram classificados, e os detritus pulverulentos—56 onças; ossos classificados— 61 onças.

11.°

Que os osssos reunidos pertencentes aos dois esqueletos encontrados no primeiro jazigo pesam 128 onças.

12.°

Que finalmente, as peças osseas encontradas no segundo jazigo, e que fizeram o mais particular assumpto dos nossos estudos e analyse estiveram indubitavelmente inhumadas por um immenso periodo, durante seculos, pelo menos dois pois que seculos são necessarios para reduzir os ossos humanos ás condições em que foram encontrados os restos, que com todo o fundamente se julga pertencer a Estacio de Sá.

Rio de Janeiro 21 de Novembro de 1862.

Dr. José Ribeiro da Sousa Fontes.
Dr. Francisco Ferreira de Abreu.

ITINERARIO

da viagem terrestre da cidade de Santos, na provincia de S. Paulo, á Cuyabá, capital da provincia de Mato Grosso,

FEITA PELOS ENGENHEIROS

major bacharel José de Miranda da Silva Reis, e capitão bacharel Joaquim da Gama Lobo d'Eça.

Em 1857.

Parti do Rio de Janeiro no dia 15 da Outubro de 1857, ás quatro horas da tarde, á bordo do vapor «*Conde d'Aquila*» com destino á cidade de Santos, e a 16 cheguei á cidade de Ubatuba, onde, demorando-se o vapor tres horas, mais ou menos, foi ancorar junto á ilha de S. Sebastião, não podendo continuar a viagem por ser já tarde e offerecer a navegação algum perigo. A' 18, pelas sete e meia horas da manhã, cheguei á cidade de Santos, e ahi me demorei dois dias, occupado em preparativos de viagem.

Outubro 21. — Deixei a cidade de Santos ás sete e meia horas da manhã, e caminhei quatro leguas até o alto da serra do Cubatão, verificando d'ahi estar este ao rumo 82° de N. para O. d'aquella cidade, (*) tendo passado a uma e meia legua a ponte do Casqueiro, que com pegões de pedra, e arcos e gra-

(*) Cumpre advirtir qne as leguas a que n'este itinerario, e relatorio, que o acompanham, me refiro, são as de tres mil braças ou de 18 ao gráo, e foram calculadas pelo andamento de animaes de marcha ja bem conhecida, e outrosim que os rumos, de que faço menção, são os pela agulha apontados no limbo de bussola graduada seguidamente de « O a 360° » á contar de N. para L.

des de ferro, transpõe o rio S. Vicente, e a uma legua e tres quartos a ponte coberta sobre o rio Cubatão, pouco mais de um quarto de legua alem do qual começa a subida da serra do mesmo nome. Do alto da serra caminhei ao rumo de 41° duas leguas até o pouso chamado —Rio Grande— onde cheguei ás quatro horas da tarde, e ahi pernoitei.

22. —A's oito horas da manhã deixei o pouso, e, andando cinco leguas, ao rumo medio de 41° por estrada regular (campos em geral arenosos e poucos accidentados) cheguei ás duas horas e dez minutos da tarde á cidade de S. Paulo, e ahi me demorei até o dia 9 de Novembro, esperando que o Exm. presidente da provincia me fornecesse as praças e meios de transporte precisos para continuar a minha viagem para Cuyabá.

Novembro 10. — Parti da cidade de S. Paulo ás cinco horas e um quarto da tarde, e caminhei uma legua por estrada regular ao rumo de 60° até o lugar chamado—Agua Branca— onde cheguei ás seis horas da tarde, e ahi pernoitei. A' distancia estimada em tres e meia leguas e em direcção mais ou menos de parallela á estrada, corre a serra do Juquiri. Ha n'este pouso um morador á esquerda da estrada.

11.—Deixando o pouso d'Agua Branca ás nove horas da manhã, segui como no dia antecedente ao rumo medio de 60°. Pouco adiante divide-se a estrada em dois ramaes, e preferindo eu o mais curto (o da direita, que, segundo informações que colhi atalha tres quartos de legua de caminho) caminhei em direcção á freguezia de Nossa Senhora do O', distante do pouso um quarto de legua, e passei pela estreita ponte de madeira que transpõe o rio Tieté. Pouco adiante e á direita do caminho existe a igreja de Nossa Senhora do O', situada no cimo de um monte e com o frontispicio voltado para S. Paulo, d'onde dista uma e meia legua. Continuando, passei pelo lugar chamado —Taipas— e cheguei ás quatro horas da tarde aos — Olhos d'Agua—onde pernoitei. Existe n'este lugar uma fonte de aguas

thermaes de pouco elevada temperatura formando um pequeno lago a vinte braças á direita da estrada. Ha no pouso um morador. O caminho percorrido n'este dia foi em geral plano.

12. — Parti dos — Olhos d'Agua — ás sete e meia horas da manhã, e seguindo ao rumo de 70° passei pouco alem pelo corrego chamado dos — Crystaes. A' pouco mais de uma legua existe o lugar conhecido com o nome de — Varginha — e pouso da — Casa Pintada. Continuando depois ao rumo N. cheguei á villa de Jundiahy á uma hora e vinte cinco minutos da tarde, e fui pousar pouco aquem do ribeirão do mesmo nome, e um quarto de legua alem da villa. Este ribeirão corre ao rumo de L. O, e é atravessado por uma estreita ponte de madeira. Existem no pouso duas hospedarias, e mais alguns moradores. A villa de Jundiahy dista da cidade de S. Paulo nove e meia leguas, e acha-se situada sobre um chapadão (plateau) com suaves descidas. A marcha d'este dia, foi feita em terreno pouco accidentado.

13. — Deixei a villa de Jundiahy ás sete horas e quarenta minutos da manhã, e seguindo ao rumo de 20°, passei pouco além pelo ribeirão — Jundiahy-mirim — e á duas leguas e ao rumo de 18° pelo sitio chamado — Leitão, onde existe uma pequena casa de negocio. Caminhando mais meia legua no mesmo rumo, passa-se pela ponte que transpõe o rio Capivary, cujas aguas correndo no lugar da passagem a S. O. vão lançar-se no rio Tieté, quinze leguas, mais ou menos, abaixo da confluencia do ribeirão Jundiahy. Continuando, caminhei uma legua ao rumo N. O, e mais uma e meia a 20° até o lugar chamado — Dois Corregos — onde cheguei a uma e meia hora da tarde, e ahi pernoitei, tendo deixado a tres e meia leguas do pouso o sitio chamado — Bairro da Cachoeirinha. — A marcha d'este dia foi feita em terreno regularmente accidentado.

14. — A's oito horas da manhã deixei os Dois Corregos e

caminhando duas leguas ao rumo medio de 49°, cheguei á cidade de Campinas ás dez horas da manhã, e ahi me demorei o resto d'este dia e o dia seguinte para refazer-me de alguns viveres, fazer curar, e ferrar os animaes e concertar arreios de cargueiros. Esta cidade acha-se situada em uma elevada planicie a dezeseis e meia leguas de S. Paulo, sendo o terreno, que a cerca, a pouca distancia, um pouco mais elevado. O caminho percorrido n'este dia foi geralmente plano.

16. — Sahindo da cidade de Campinas ás nove horas da manhã, e caminhando quatro e meia leguas ao rumo medio de 350° por terreno accidentado, cheguei ao lugar chamado — Camanducaia — e pousei aquem do rio do mesmo nome ás tres horas da tarde.

Este rio vem da villa de Camanducaia e suas aguas correm na direcção de L. para O; é atravessado por uma estreita ponte de madeira em bom estado; seu leito é de pedra, e sua largura no lugar da passagem de seis braças.

Ao sahir da cidade, o terreno declinando um pouco passa se um pequeno corrego, e d'ahi em diante a estrada começa a apresentar alguma irregularidade de subidas e descidas. Meia legua distante de Campinas, passa-se o ribeirão das Anhumas, e meia legua distante d'este, o corrego da Ponte Alta, proximo ao qual ha um rancho e casa de negocio. Continuando, passa-se o rio Atibaia, distante da Ponte Alta meia legua, cujas aguas correm na direcção de 50°, e é atravessado por uma estreita ponte de madeira. Tem este rio doze braças de largura, e dando váo no tempo da secca, torna-se entretanto na estação chuvosa impetuoso, e inunda suas margens. O Atibaia nasce na serra do Cubatão, e vai lançar suas aguas no Piracicaba. Ao chegar ao rio Atibaia desce-se uma ladeira bastante ingremo e pedregosa, e passada a ponte, que o transpõe, existe na margem direita um morador, que nenhum recurso póde prestar Continuando passa-se o rio Jaguary a quatro leguas de

Campinas, e meia legua alem d'este, chega-se ao rio —Camanducaia— aquem do qual pousei. Ha no pouso uma casa de negocio, e morador á esquerda e á direita um rancho.

17. — Deixei o pouso — Camanducaia — caminhando ao rumo N. Passada que seja a ponte sobre o rio Camanducaia sóbe-se uma rampa bastante ingreme, á qual se segue uma ladeira suave, e depois de se caminhar algum tempo na mata, entra-se em um campo plano bastante extenso e lindo á que chamam—Campo da Volta da Mata— ainda no mesmo rumo N. e a tres quartos de legua de Camanducaia.

Continuando cheguei ao ribeirão dos Couros, e ahi termina o Campo; ha n'este lugar pouso e rancho. Passado o ribeirão dos Couros, sóbe-se uma rampa, do alto da qual se goza de uma vista muito agradavel. A tres quartos de legua do ribeirão dos Couros, passa-se pelo lugar chamado — Pirapetinguy— proximo do qual corre um ribeirão do mesmo nome; ha n'este lugar pouso e rancho. Continuando cheguei á cidade de Mogi-mirim á uma hora da tarde.

A' excepção das subidas já mencionadas á sahida do pouso e pouco alem do ribeirão dos Couros, o caminho andado n'este dia foi muito regular. Poucos recursos se encontram n'esta pobre cidade, e as pastagens de seus arrabaldes são más e pouco seguras; d'ellas fugiram os animaes de sella e de carga, que só depois de sete dias de activas diligencias consegui fazer reunir.

Tendo partido da cidade de S. Paulo com um arreeiro contratado pela presidencia sómente até esta cidade, aqui fui forçado a demorar-me até o dia 24 em busca de outro, o qual sómente com grande difficuldade pude conseguir.

25. — Parti da cidade de Mogi-mirim ás dez horas da manhã, seguindo ao rumo de 325°, e depois de caminhar uma legua e um quarto cheguei á freguezia de Mogi-assú, junto da qual corre o rio do mesmo nome, atravessado por uma ponte de madeira bem soffrivel e em bom estado com nove lances de

vinte seis palmos cada um e pegões extremos de pedra; sua largura é de 18 palmos.

Deixando a freguezia de Mogi-assú, segue-se ao rumo de 27°, e depois de uma pequena subida de máo caminho, atravessa-se uma mata extensa e plana, á sahida da qual vê-se correndo á direita e parallelamente á distancia estimada em tres leguas a cordilheira chamada das Caldas, que divide a provincia de S. Paulo da de Minas Geraes.

A' sahida da mata, vê-se a pequena capella de Santa Cruz da Lagoa, e continuando por um lindo e extenso campo plano, que chamam de Santa Cruz, chega-se ao lugar conhecido pelo nome de —Boa Vista— onde ha um rancho e casa de negocio: ahi pousei ás quatro horas da tarde, por não poder continuar a viagem, visto achar-se o rio Orissanga, que corre d'ahi a um quarto de legua muito cheio e com a ponte em parte coberta pelas aguas.

26. — Deixei o pouso do campo da Boa Vista, ás oito horas da manhã seguindo ao rumo de 25°, e depois de haver andado um quarto de legua em caminho de campo plano, cheguei ao rio Orissanga, o qual com grande difficuldade atravessei por achar-se ainda muito cheio, e parte da ponte que o transpõe muito arruinada e coberta pelas aguas: aquem do rio ha pouso e rancho. Legua e meia distante do Orissanga e ao rumo N. está o lugar chamado Itaqui: sendo necessario para ahi chegar passar uma grota com um grande atoleiro, demandando uma ponte: ha n'este lugar uma casa de negocio e rancho á esquerda. Continuando, passa-se a meia legua de Itaqui pelo ribeirão da Lage, e á distancia de meia legua d'este, o corrego Taquarantá ao rumo 20°: ha n'este lugar pouso e rancho. Cheguei ao lugar chamado Jtupeva ás duas horas da tarde e ahi descancei o resto do dia. Junto do pouso, corre um ribeirão com uma pequena ponte de madeira já em máo estado, e proximo d'elle ha um rancho e casa de negocio. onde muito pouco

recurso se encontra. O caminho percorrido n'este dia foi geralmente plano.

27. —Partindo de Itupeva ás nove horas da manhã, caminhei ao rumo N. O. A' uma legua de Itupeva, passa-se o rio Jaguary-mirim atravessado por uma ponte de madeira de duzentos palmos de comprimento e dezoito de largura, mal construida e com um dos lances desarrumado. Este rio é piscoso no tempo das aguas, fornecendo tambem as matas de suas margens alguma caça, dá váo no tempo da secca.

A meia legua do Jaguary-mirim, acha-se o pequeno ribeirão chamado —Olhos d'Agua— e a uma legua d'este uma grande e linda lagôa toda cheia de vegetação a que chamam — Lagoa Verde—; ha n'este lugar pouso e rancho. Continuando, cheguei ao lugar conhecido com o nome de Aterradinho ás quatro horas da tarde, e ahi acampei; ha n'este pouso uma casa de negocio e rancho á esquerda. A marcha d'este dia foi pela maior parte feita por lindas e planas campinas.

28. — Sahi do Aterradinho ás oito horas da manhã, e caminhando meia legua ao rumo de 3 °, cheguei á villa de Casa Branca, que por suas construcções, e trato de seus habitantes se mostra uma das mais civilisadas povoações que em minha viagem atravessei; n'ella os viveres são abundantes e ha bom mercado. Continuando d'ahi ao rumo N. O, caminhei tres quartos de legua até o alto do Campo. A uma legua e um quarto da villa passa-se pelo lugar chamado — Estiva — ainda no mesmo rumo N. O, e atravessa-se a váo um pequeno corrego, proximo do qual ha um rancho. Da Estiva caminha-se ao N. uma legua e um quarto até o ribeirão Tambahú, pelo qual se passa em uma ponte de madeira; ha proximo um morador. Continuando mais meia legua ainda no mesmo rumo, cheguei ao lugar chamado —Paciencia— e ahi pousei ás cinco horas da tarde. Junto corre um corrego com o mesmo nome do pouso. O terreno mostrou-se n'este dia pouco accidentado.

29. — Deixei o pouso junto ao corrego da —Paciencia— ás nove horas da manhã, e caminhei duas leguas ao rumo N. em terreno accidentado até o rio Pardo.

A ponte, que transpõe este rio, é de madeira e dividida em duas, apoiadas sobre as margens do rio e sobre um rochedo que a meio d'elle divide suas aguas, formando assim duas cachoeiras; tem ao todo dezeseis braças de comprimento. Suas aguas são más, e nos terrenos proximos de suas margens reinam endemicamente febres intermittentes, que se podem talvez attribuir á sua natureza paludosa; é piscoso. Ha na margem direita uma pequena casa de negocio. Do rio Pardo andei ao rumo N. O. meia legua de caminho plano até a fazenda d'Alegria, no rancho da qual pousei ás cinco horas e um quarto da tarde. Poucos passos alem do pouso, corre um corrego, que permitte passagem a váo, e a mais ou menos cem braças á direita a casa da fazenda já mencionada. Cumpre notar que o que geralmente por estes lugares chamam fazenda não passa de uma pequena casa coberta de palha, e cujo morador possue algum gado.

Assim a esta fazenda e a todas as outras das quaes eu no decurso d'este itinerario fizer especial menção, posto que estejam bem longe de merecer o nome de fazenda, todavia em relação a outras pode-se-lhes dar, attendendo a que algum recurso n'ellas se encontra.

Demorei-me neste pouso os dias 30 de Novembro, 1 e 2 de Dezembro, por se haverem extraviado alguns animaes de carga; vendo-me mesmo assim obrigado a continuar a viagem com falta de um que, apesar de empregar todos os esforços, não foi possivel achar.

Dezembro 3. — Deixei o pouso as nove horas da manhã, e segui ao rumo 60°. A tres quartos de legua do pouso, passa-se pelo campo chamado da —Boiada— e uma legua alem da Boiada pelo lugar chamado Ponte Funda. Continuando no mesmo

rumo (60°) chega-se no fim de tres leguas de marcha ao Catingueiro, onde ha pouso e rancho á direita da estrada. A meia legua de Catingueiro, passa-se pela ponte que transpõe o ribeirão do Cubatão, o qual borda o serrote do mesmo nome, e um quarto alem o ribeirão das Mortes, que corre sobre lage. Deixando o ribeirão das Mortes, caminha-se um quarto de legua até o arraial do Cajurú, e passa-se o ribeirão do mesmo nome, correndo sobre arêa, e permittindo passagem a váo, e uma legua alem o corrego e rancho do lugar chamado —Lage. Caminhando mais meia legua no mesmo rumo (60°) começa a descida da serra conhecida com o nome de —Serra da Lage— com um quarto de legua de extensão de pessimo caminho, a qual finda na ponte do ribeirão chamado —Pé do Morro. Continuando mais um quarto de legua cheguei ao pouso —Retiro da Lage ás cinco horas da tarde, e ahi pernoitei. Junto do pouso corre sobre lage o ribeirão do mesmo nome. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano arenoso, á excepção da serra já mencionada. Ha um rancho e uma pequena casa de negocio á direita do caminho.

4. — Partindo do pouso —Retiro da Lage— ás oito horas e quarenta minutos da manhã, caminhei ao rumo N. N. O. meia legua e ao rumo N. duas ditas até o lugar chamado — Alto do Servo —, tendo passado pelo ribeirão do Araraquara, que se acha uma legua aquem do Servo. No lugar em que atravessei o ribeirão ha pouco fundo e permitte facilmente passar-se a váo, e um pouco mais abaixo ha uma ponte nova que o transpõe. Desde o pouso até este lugar vê-se sempre a L e á distancia estimada em meia legua, a serra chamada do —Mato. —

Do serro, caminhei ao rumo N. N. O. duas e meia leguas até os Batataes, onde cheguei ás tres horas da tarde, e ahi pousei. Junto do pouso, ha um rancho e casa de negocio.

A marcha d'este dia, foi geralmente feita em terreno pouco accidentado.

Do numero das praças que em S. Paulo me foram dadas para acompanhar a commissão d'engenheiros, ausentaram-se n'este pouso duas, e no mesmo dia se apresentaram ao capitão Luiz Ribeiro dos Guimarães Peixoto, que de perto me seguia com um dos contingentes de infantaria, do qual ellas tinham sido tiradas.

5. — Parti dos Batataes a uma e meia hora da tarde, por não terem antes apparecido os animaes, e depois de ter caminhado meia legua ao rumo de 30° avistei a 60°, e a distancia estimada em uma e meia legua a villa do Senhor Bom Jesus da Canna Verde. Caminhando mais meia legua ao rumo N. passam-se dois corregos e chega-se ao pouso chamado — Alegre. Continuando no mesmo rumo caminhei mais duas leguas até o alto do Pitangui, onde cheguei e fiz pouso ás cinco horas e quarenta minutos da tarde, tendo pouco antes passado a váo dois corregos. A marcha d'este dia foi feita por lindas e extensas campinas.

6. — Deixando o Pitangui ás nove horas e meia da manhã, caminhei duas leguas ao rumo N. até o lugar chamado — Vallinho — tendo passado a meia legua do pouso pelo rio Sapocahy, atravessado por uma velha ponte de madeira. Este rio dá váo no tempo da secca, e nascendo na serra de Mogi-assú vai confluir no rio Pardo. No vallinho ha pouso e rancho. Do vallinho caminhei meia legua ao rumo N. E. até a cidade da Franca, onde cheguei ás quatro horas da tarde, e ahi me demorei os dias 7 e 8 para mandar comprar alguns viveres, e tratar dos animaes. Do Pitangui até o rio Sapocahy o terreno mostrou-se plano e d'ahi em diante um tanto accidentado.

9. — Deixei a cidade da Franca ás onze e meia horas da manhã, e por terrenos pouco accidentados, caminhando uma e meia legua ao rumo N. e mais uma legua a N. O. cheguei ao lugar chamado — Lageado — ás duas horas e vinte dois minu-

tos da tarde, e ahi pousei. Junto ao pouso, corre um corrego e ha uma casa de negocio.

10. — Parti do Lageado as onze horas e vinte dois minutos da manhã, e depois de um quarto de legua de caminho ao rumo N. O. cheguei á fazenda chamada do Januario, junto da qual corre um corrego atravessado por uma ponte : o terreno proximo a este lugar é muito accidentado. Caminhando-se mais um quarto de legua ainda no mesmo rumo N. O. chega-se ao lugar chamado Valim, onde ha rancho e uma pequena casa de negocio. Do Valim caminha-se ainda no mesmo rumo tres e meia leguas até a Ponte Alta, onde fiz pouso: ha uma pequena casa de negocio e rancho á direita, e algumas braças antes de chegar ao pouso outro rancho á esquerda. Demorei-me n'este lugar o dia 11 por d'elle terem fugido os animaes.

12. — A's nove e meia horas da manhã deixei o pouso, e caminhando ao N. O. por terrenos pouco accidentados passei a duas leguas pelo Corrego Grande, e a duas e meia pelo lugar chamado —Bority Grande— onde ha um pequeno rancho.

A' tres e meia leguas do pouso, passa-se pelo sitio chamado Soledade, onde ha um rancho, e depois de seis leguas de marcha cheguei ao arraial de Santa Rita dos Paraisos ás tres horas e vinte e cinco minutos da tarde.

13. — Deixei o arraial de Santa Rita dos Paraisos ás nove horas e tres quartos da manhã, e caminhei ao rumo N. uma legua até o porto do Rio Grande ou Paraná, onde me demorei algumas horas esperando que passassem os animaes e cargas. No lugar da passagem tem este rio cento e dez braças e cinco palmos de largura. Duas barcas, formadas de pranchões collocados sobre tres pequenas canoas unidas, servem para dar passagem. Na margem esquerda existem alguns moradores e uma casa de negocio, e na margem direita algumas praças e um official de policia encarregado de cobrar os direitos de passagem. Serve este rio, que ahi corre a O, de divisa entre

as provincias de S. Paulo e Minas Geraes. Depois de ter passado o rio, andei mais meia legua ao rumo N. até a fazenda do commendador Eloy, chamada do—Corguinho do Rio Grande— onde pousei ás quatro horas da tarde. N'esta fazenda encontra-se algum recurso de viveres. Do arraial de Santa Rita até o porto do Rio Grande o terreno é accidentado, e do Rio Grande até o pouso plano Deixei de viajar no dia 14 por se ter evadido o arreeiro contratado na cidade de Mogi-mirim, levando a quantia de 180$000 rs. que já havia recebido adiantadamente.

15. — Deixando o pouso ás dez horas da manhã caminhei por terrenos pouco accidentados cinco leguas ao rumo N. em direcção á cidade de Uberaba, á qual cheguei ás quatro horas da tarde, e ahi me demorei até o dia 23, procurando novo arreeiro que me quizesse acompanhar até Cuyabá, e tratando dos animaes, que por serem de sua natureza fracos e manhosos, e em virtude das grandes chuvas já com muita difficuldade caminhavam. A' meia legua antes de chegar á cidade passa-se pelo ribeirão da Conquista, que corre sobre lage, e dá váo.

23. —Auxiliado por um dos arreeiros da tropa de cargueiros, que acompanhavam os tres contingentes em marcha para a provincia de Mato Grosso, e que n'esta cidade me haviam encontrado, e comigo marcharam até o rio Paranahyba, parti ás onze e meia horas da manhã, e andei meia legua ao rumo N. até o rio Uberaba sobre o qual se passa em uma ponte de madeira com tres lances: pouco além do rio ha uma casa de negocio á direita. Passada a ponte, caminhei ao rumo de 20° duas e meia leguas até o lugar chamado —Larangeiras— onde cheguei e fiz pouso ás quatro horas da tarde: ha uma casa de negocio e rancho á esquerda. Junto do pouso, corre um corrego chamado das Larangeiras, que se passa a váo, e pouco adiante outro formando ambos o ribeirão das Larangeiras. Toda a marcha d'este dia se fez sobre bellas campinas.

24. —Parti das Larangeiras ás onze horas e quarenta minutos da manhã, e caminhando uma legua ao rumo de 15°, meia a 60° e mais uma e meia a 20°, cheguei ao lugar chamado —Tijuco— onde pousei ás cinco horas da tarde. A duas leguas do pouso deixado, vêem-se duas fazendas para um e outro lado da estrada, ambas á distancia de um quarto de legua mais ou menos, e meia legua adiante outra fazenda á esquerda á distancia tambem de um quarto de legua. Perto do pouso ha um corrego chamado —Tijuco— pelo qual se passa em uma pequena ponte. O terreno n'este dia mostrou-se geralmente plano.

25. — Deixei o pouso ás dez horas e dez minutos da manhã e andei duas e meia leguas ao rumo de 45° até o cemiterio da fazenda da Polvora, o qual foi visado do ponto de partida.

Do cemiterio andei mais legua a 15° e uma e um quarto a 40°, fazendo o caminho grandes curvas á direita, até o sitio chamado —Macega— onde, em razão de um temporal, acampei ás tres horas da tarde. A' uma legua e um quarto do Tijuco passa-se pelo ribeirão do Salto, na margem do qual, e á esquerda ha um rancho, e a 100 braças além e á esquerda uma casa. A' duas leguas, e á sahida de uma pouca extensa mata, passa-se um pequeno corrego, e quinhentas braças alem, outro. A' duas e meia leguas a casa da já mencionada fazenda da Polvora a duzentas braças á direita do caminho, e cincoenta braças a esquerda o cemiterio da mesma fazenda, vendo-se adiante e á direita na distancia estimada de meia legua outra casa, pertencente á mesma fazenda. Aquem do cemiterio oitenta braças ha um rancho e trinta aquem d'este uma ponte sobre o ribeirão que recebe cincoenta braças abaixo um corrego que passa a vinte braças aquem do rancho. A' tres leguas e um quarto passa-se a váo o ribeirão do — Lageadinho— e um quarto, antes de chegar a Macega, o ribeirão do mesmo nome, que tambem se passa a váo. Toda a marcha

d'este dia foi feita em terreno, ora plano, ora accidentado. Deixei de vigiar no dia 26, por causa da muita chuva.

27. — Deixando o pouso de Macega ás dez horas da manhã, andei meia legua ao rumo de 40°, fazendo o caminho grande curva á esquerda, e uma legua a 45°, e mais duas a O. até o pouso de Santa Maria, onde acampei ás tres horas da tarde. A meia legua do pouso deixado, vê-se ao rumo de 110° uma pequena fazenda, e ás duas e meia leguas passa-se pelo corrego—Bebedor; nas margens do qual existem duas fazendas, a 1ª a cem braças á esquerda, e a 2ª a cem a direita. Junto do pouso de Santa Maria corre um corrego e á esquerda do caminho, vê-se uma fazenda. Não ha rancho n'este lugar. O terreno n'este dia mostrou-se pouco accidentado.

28. — Apparecendo tarde os animaes, parti do pouso de Santa Maria a meia hora depois do meio dia, e, por terrenos planos, caminhei meia legua aos rumos NO, 350 e 10°, mais meia a 60°, e duas e meia a 85° até o lugar chamado —Panga— onde cheguei, e acampei ás seis horas da tarde. A' poucos passos do pouso, corre um ribeirão, que se passa a váo, na margem direita do qual ha um rancho e casa de negocio.

29. — A's onze horas da manhã puz-me em marcha e tendo caminhado uma legua ao rumo de 65° passei pela ponte que transpõe o ribeirão — Pouradinho — e a duzentas braças alem d'este por um corrego na margem direita do qual, e á esquerda do caminho ha uma fazenda. Andando-se mais uma legua a N.O, encontra-se um outro corrego, que se passa a váo, chamado da —Tapera—aquem do qual e cem braças a direita ha uma fazenda com o mesmo nome do corrego. Caminhei mais um quarto de legua ao mesmo rumo (N.O.) e uma e um quarto a 60° até o pouso da Babylonia, onde acampei ás quatro horas da tarde. Junto do pouso se deslisa um corrego sobre lage, que se passa a váo; e cujas aguas seguem ao N. havendo, pouco aquem d'elle e á direita do caminho uma fazenda. A mar-

cha d'este dia foi feita em teerrno plano. Não viajei no dia 30 por continuarem as chuvas, que incessantemente cahiam desde os dias antecedentes.

31. — A' uma hora da tarde tendo abrandado um pouco o temporal, deixei o pouso da Babylonia, e caminhei uma legua ao rumo de 60°, formando os tres primeiros quartos de legua grande curva á direita; e mais duas e meia leguas no mesmo rumo até o lugar chamado — Dois Corregos da Posse — onde acampei ás seis horas da tarde, tendo deixado a um quarto do pouso um ribeirão atravessado por uma ponte, a tres e um quarto adiante um corrego, meia legua alem um outro, que se passa em ponte, e, á direita do qual quinhentas braças existe uma fazenda; uma legua adiante o corrego chamado da — Mata; e meia legua alem d'este a freguezia de Monte Alegre com dois corregos, um á entrada e outro á sahida. O caminho percorrido desde a Babylonia até Monte Alegre foi pela mór parte accidentado, tornando-se, d'ahi em diante até o pouso plano. Deixei de viajar no dia 1° de Janeiro por continuar com intensidade o temporal, que ha muitos dias reinava.

Janeiro 2. — A's oito horas e um quarto da manhã deixei o pouso e depois de caminhar um quarto de legua a 45°, um quarto a 20°, um quarto ao N. tres quartos a N. E. e um quarto a 330° passei pela ponte de madeira, que transpõe o ribeirão — Bebedor — proximo do qual se acha a fazenda da Piedade, duas casas aquem do mesmo ribeirão a sessenta e cem braças á direita, e uma outra tambem aquem, e a cem braças á esquerda. Caminhando-se mais um quarto de legua ao rumo de 60°, passa-se em ponte o ribeirão da Piedade, adiante do qual correm dois corregos, que dão passagem a váo, o 1° á distancia de duzentas braças, e o 2° a um quarto de legua. Do ribeirão da Piedade, anda-se no mesmo rumo 60° uma legua e um quarto até a fazenda da Boa Vista da Piedade, proximo do qual corre um corrego, que se passa a váo. Caminhando mais uma

legua ao rumo de 45°, cheguei ao lugar chamado —Pantano— onde acampei ás duas e meia horas da tarde. Junto do pouso corre um corrego, e alem d'este, ha uma pequena fazenda, e dois ranchos. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano.

3. — Deixando o pouso ás dez horas da manhã, caminhei tres leguas ao rumo de 60° até o ribeirão —Passa Tres— que passei em ponte, sendo a ultima meia legua andada em uma serra pedregosa chamada — Serrinha.— Continuando caminhei ao rumo de 45° uma e meia legua até a bocca da mata da margem do rio Paranahyba, a qual atravessei ao rumo medio de 60°; sua extensão é de uma legua e um quarto de pessimo caminho. Ao sahir da mata desce-se uma ladeira bastante ingreme, e chega-se á margem esquerda do rio Paranahyba: ahi acampei ás seis horas da tarde. Serve este rio de limite entre as provincias de Minas Geraes e Goyaz; sua largura no lugar da passagem é de oitenta braças, e corre na linha de L. O, descendo logo para L. d'onde vinha; suas margens são baixas. Na margem direita existe a freguezia de Santa Rita do Paranahyba, onde ha aquartelado um pequeno destacamento da provincia de Goyaz, e na margem esquerda uma barreira, em que se pagam os direitos de passagem que é feita por meio de uma barca em pessimo estado.

4. — Passei o rio Paranahyba n'este dia e pousei na margem direita, deixando de seguir viagem, não só por achar-se a hora já muito adiantada, como tambem por causa da chuva, que ainda no dia seguinte continuou.

6. — A's dez horas da manhã parti da freguezia de Santa Rita do Paranahyba, e caminhei ao rumo de 55° tres leguas, e meia a 45° até a fazenda chamada do Marquez, poucas braças além da qual, acampei ás tres horas e dez minutos da tarde. A' distancia de meia legua da freguezia, passa-se a vio um corrego; a tres quartos outro, a uma e um quarto outro com estiva, um quarto de legua antes de chegar á fazenda

outro corrego, que corre sobre lage, e pouco alem outro. N'esta fazenda encontra se algum recurso. Deixei de viajar no dia seguinte (7) por causa da muita chuva.

Deixei o pouso junto á fazenda do Marquez, no dia 8, ás nove horas e vinte minutos da manhã, e andei meia legua ao rumo de 90° e ½ a 60° até um corrego que passei em estiva. Andando mais uma legua e tres quarto, a 90° passei pela fazenda da Salina, proximo da qual corre sobre lage um ribeirão, que permitte passar-se a váo. Caminhando mais um quarto de legua ao mesmo rumo 90° cheguei á margem esquerda do rio — Meia Ponte — a uma e meia hora da tarde, e atravessando em canôa, acampei na margem opposta. Tem este rio no lugar da passagem trinta braças de largura e suas aguas correm a 30°; no tempo da secca permitte passagem a váo. O caminho andado n'este dia, foi geralmente plano, á excepção de uma descida bastante ingreme e pedregosa, que se encontra á distancia de uma e meia legua do pouso deixado.

9. — Sahi do pouso na margem direita do rio — Meia Ponte — ás oito e meia horas da manhã e andando um terço de legua a S. O. passei a trezentas e a seiscentas braças, dois corregos. Caminhando mais uma legua a 60°, e tres quartos a 15°, chega-se a um alto do qual se avista á distancia estimada em seis leguas e ao rumo de 195° o morro chamado— Bahú —, o qual já antes tinha sido visto da Serrinha do Paranahyba. Continuando andei mais um quarto de legua a 345°, meia a 50°, tres quartos a 110°, e tres quartos a 90° até o lugar chamado — Bom Jesus — junto do qual corre um ribeirão, e ha uma casa abandonada. Seguindo d'este ponto, ao rumo de 90°, caminhei duas e meia leguas, e fui acampar no lugar chamado — Santa Barbara — ás quatro e meia horas da tarde. Junto ao pouso corre o ribeirão Santa Barbara, na margem esquerda do qual, e pouco affastado, ha um morador.

A marcha d'este dia foi feita pela maior parte em terreno accidentado.

10. — A's oito horas e tres quartos da manhã deixei o pouso junto ao ribeirão de Santa Barbara, e tendo caminhado dois terços de legua ao rumo de 50°, passei a um terço por um corrego que a quarenta braças faz barra no ribeirão de Santa Barbara, que durante as suas enchentes rega a passagem por um ou dois dias. Andando mais tres quartos de legua ao rumo de 55°, passa-se pelo ribeirão do Bom-Successo. Continuando caminhei um terço de legua no mesmo rumo (55°), meia a 70°, meia a 40°, uma a 30° e dous terços a 50° até o pouso chamado Santo Antonio, pouco aquem do qual, e á direita ha uma fazenda. De Santo Antonio caminhei mais meia legua a 50°, meia a 90°, uma e meia a 50°, e uma e meia a 20°, até o lugar chamadò — Gallinhos — onde acampei ás seis horas da tarde, tendo deixado a tres quartos de legua o corrego grande. Junto ao pouso e á direita do caminho ha um morador. O caminho percorrido n'este dia mostrou-se pela maior parte plano.

11. — Deixei o pouso ás onze horas e quarenta e dois minutos da manhã, e caminhando por terreno plano meia legua ao rumo de 60°, meia a 130°, e uma e um quarto a 40°, acampei um quarto de legua distante do rio dos Bois, para no dia seguinte pela manhã atravessal-o, e continuar a marcha.

12. — A's 10 horas e um quarto deixei o pouso, e seguindo ao rumo de 100°, caminhei um quarto de legua, comprehendendo uma pouco extensa mata, até a margem esquerda do rio dos Bois, onde me demorei cinco horas, esperando que passassem a nado os animaes, e as cargas em uma pequena canôa. Este rio, que somente durante o tempo secco dá váo, tem de largura trinta e cinco braças, suas margens são baixas, e nos terrenos proximos reinam endemicamente febres intermittentes. Depois de ter atravessado o rio,

andei um quarto de legua, margeando-o, até um corrego (a que chamam Corixo) o qual achando-se de nado me obrigou a demorar a marcha algumas horas esperando que passassem os animaes a nado, e as cargas carregadas, servindo como de ponte um tronco de arvore lançado atravez do rio. Vencida esta difficuldade, caminhei mais meia legua aos rumos de 90° e 50° até um campo de boritys (coqueiros) onde acampei ao anoitecer. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano.

13. — Deixei o pouso ás dez horas e cinco minutos da manhã, e, caminhando ao rumo de 50° meia leguas, passei no fim d'ella a váo um corrego. Continuando, andei mais meia legua a 15° e meia a 330° até o corrego do Bebedor, o qual tambem passei a váo; ha um morador á esquerda do caminho. Andei tres quartos de legua no mesmo rumo (330°), uma e meia a 50°, e uma ao N. até a fazenda da Formosa, onde pousei ás quatro e meia horas da tarde. Encontra-se n'esta fazenda algum recurso de subsistencia. O caminho percorrido neste dia foi um tanto accidentado.

14. — A's nove horas da manhã, partí da fazenda Formosa, e andando sempre em terreno plano, uma legua ao rumo de 50°, uma ao N. e uma e meia a 10°, passei pela fazenda chamada do Porto, á esquerda do caminho. Continuando, andei ainda em campos, mais meia legua ao rumo de 60° e meia a 30°, até um alto, d'onde se vê no rumo de 90°, e á distancia estimada em uma e meia legua dois morros. Caminhei mais meia legua a 55°, uma ao N. e uma e tres quartos a 300° sobre planicies até o ribeirão do Fernandes, que atravessei parte a váo, e parte em uma estiva em pessimo estado e coberta pelas aguas, e acampei na margem opposta ás cinco horas da tarde. Este ribeirão dá váo no tempo da sêcca, e demanda uma ponte de 6 braças de vão. A uma e meia legua da fazenda Formosa vê-se uma lagôa a 100 braças á esquerda, e tres quartos de

legua antes de chegar ao ribeirão do Fernandes passa-se um corrego.

15. —Deixei ao pouso junto ao ribeirão do Fernandes, ás dez horas da manhã, e caminhei tres leguas ao rumo de 340° e tres e meia ao de 10° até o ribeirão — Rio Preto — o qual passei em estiva, e acampei na margem opposta ás cinco e meia horas da tarde. A' distancia de duas e meia leguas do pouso deixado, vêem-se ao rumo de 90° e á distancia estimada de um terço de legua dois morros. A' tres leguas, passa-se um corrego a váo e um quarto de legua adiante tres pequenos corregos e um ribeirão, correndo sobre lage. A's quatro e tres quartos e ás cinco passam-se dois corregos e chega-se á quebrada do morro escarpado do alto de um chapadão que de longe foi visto figurando uma serra. Junto ao pouso ha um morador. A marcha d'este dia foi feita em terreno muito accidentado.

16. — Parti do pouso junto ao ribeirão Rio Preto ás nove horas e vinte minutos da manhã, e caminhei uma e meia legua ao rumo de 20° e um quarto a 110°, sendo esta legua e tres quartos contornada de montanhas graniticas, as quaes no primeiro quarto de legua correm pela direita a quatrocentas braças e nos restantes a cincoenta braças á esquerda. Andei mais meia legua a 10° e uma e meia a 90°, em direcção a um morro agudo (já visto na marcha antecedente) o qual depois de andar-se mais um quarto de legua ao N. deixa-se a quatrocentas braças e ao rumo de 115°, ficando-lhe a trezentas e cincoenta braças ao S. o extremo N. da serra das Araras.

D'este ponto bastante elevado visam-se ao rumo S. e á distancia estimada em meia legua um grupo de picos, a 190° um morro redondo separado do extremo S. de um serrote e a 50° um monte bastante alto; a 350° e a uma e meia legua um pico: a 55° e a uma legua um pequeno monte de fórma conica, a 65° quatro, a este ultimo semelhantes, e a 73° e á distancia de

quatro leguas um morróte. Andei mais meia legua a 50° e por fim por caminho a principio entre collinas, e depois transpondo-as á direita, subindo e descendo, andei meia legua a 90° até o pouso do morro agudo, onde acampei ás tres horas e um quarto da tarde. A' direita do caminho e junto ao pouso ha um morador. A marcha d'este dia foi feita em terreno arenoso, ora plano, ora accidentado.

17. — A's dez horas da manhã deixei o pouso do morro agudo e andei ao rumo de 25° uma legua, atravessando á distancia de meia legua, a tres quartos e no fim d'ella tres corregos sobre lage. Ao passar o ultimo e sua cabeceira da esquerda, voltei ao N. e caminhei meia legua, passando no fim do primeiro quarto de legua sessenta braças pela direita de um pico sobre um chapadão, e no segundo quarto por um corrego. D'este ponto, seguindo ao rumo de 55°, caminhei meia legua até outro corrego, passado o qual, o caminho segue a 10° na extensão de duas leguas e um quarto até a Fazenda chamada —Tres Barras —onde acampei ás cinco horas da tarde. N'esta fazenda encontra-se algum recurso. A marcha d'este dia foi feita em terreno muito accidentado, e descrevendo para a direita uma curva muito consideravel.

18. — Deixei o pouso ás dez horas e dez minutos da manhã, e andei 2 leguas e um quarto (descrevendo o caminho grandes curvas á direita) até a margem direita do ribeirão Santo Antonio, o qual, não se achando muito cheio permittiu passagem a vão. Este ribeirão no tempo das aguas nega passagem e demanda uma ponte de quinze braças de vão; suas margens são bastante altas. A' meia legua e a tres quartos de pouso, passam-se dois corregos. Continuando, andei mais um quarto de legua a 90° até a direita de um pico, passado o qual, o caminho segue ao rumo de 330° em distancia de uma meia legua a passar pela direita de dois picos unidos, que ao sahir do pouso visei a 55°. D'ahi em diante segue o caminho ao rumo N. na

extensão de tres quartos de legua até o pouso chamado do — Corrego do Ouro —proximo do qual acampei ás tres horas da tarde. Junto ao pouso ha um morador e a quinhentas braças alem e á direita um monte chamado do Ouro. As tres primeiras leguas percorridas n'este dia foram em terreno muito accidentado e pedregoso, e o restante plano arenoso.

19. — Sahindo do corrego do Ouro ás oito horas e tres quartos da manhã, caminhei tres quartos de legua, ora ao rumo de 80°, ora ao N. até um monte de apparencia conica, do qual passei affastado á esquerda sessenta braças, tendo deixado no fim da primeira meia legua o morro—Monte de Ouro—a cem braças á direita, e 50 braças á esquerda um outro morro chamado das Guaritas, pela semelhança que com estas tem algumas rochas salientes de suas faces escarpadas. Seguindo d'ahi ao rumo N. caminhei duas e meia leguas, descrevendo o caminho grandes curvas á esquerda a tocar a ponta escarpada de um espigão, até a fazenda do Retiro, á esquerda do caminho e um quarto alem do ribeirão chamado do Retiro. A sahida do pouso passa-se um corrego, a uma legua e tres quartos o ribeirão da Bagagem e ás duas e meia o ribeirão chamado — Brumado. Da Fazenda do Retiro andei mais uma e meia legua ao rumo de 15° até o arraial do Rio Claro, situado na margem direita do rio do mesmo nome, onde cheguei ás tres horas da tarde, tendo deixado meia legua aquem do arraial e cincoenta braças á direita um morro isolado. Todo o caminho desde a fazenda do Retiro até confrontar com o morro isolado, é bordado á direita por uma cadeia de collinas pedregosas, que estendendo-se d'ahi a N. E. até a margem direita do rio Claro, por ella desce e vai terminar na barra do rio dos Pilões, uma legua abaixo do arraial. Todos os ribeirões atravessados n'este dia negam passagem no tempo das enchentes. Da fazenda do Retiro ao arraial, ha oito pequenos corregos. A marcha d'este dia foi feita em terreno accidentado até o Retiro, e d'ahi em

terreno plano arenoso. Tem o rio Claro quarenta braças de largura e corre ao rumo 330°, suas margens são altas, e seu leito é em parte formado de rocha e arêa, e em parte de cascalho. Pretendia demorar-me n'este arraial sómente o tempo necessario para refazer-me de alguns viveres com os quaes pudesse atravessar o sertão, porém a extraordinaria enchente e rapida corrente do rio Claro, devida a abundantes chuvas, tendo arrebatado a unica canôa, que existia, impossibilitou-me de transpol-o, o que só no dia 29 pude conseguir, não sem grande difficuldade e perigo, em uma pequena canôa mandada vir do rio dos Pilões. Acampado porém na margem opposta, vi-me completamente ilhado até o dia 4 de Fevereiro, pelas inundações do mesmo rio e corregos proximos, e sem poder proseguir em minha viagem por se acharem de nado os campos e todos os ribeirões pelos quaes tinha forçosamente de passar.

Fevereiro 5. — Tendo diminuido as chuvas sahi da margem esquerda do rio Claro ás onze horas e cinco minutos da manhã, e caminhei meia legua ao rumo de 70°, meia a 110, meia a 340° e uma e meia a 50° até a margem direita do ribeirão — Guarda Mór — onde acampei ás tres horas e cinco minutos da tarde, não atravessando-o por achar-se de nado; este ribeirão demanda uma ponte de seis braças de vão, e fóra das enchentes passa-se a váo. A' distancia de duas leguas de pouso, passa-se por uma tapéra á esquerda do caminho, e ás duas e um quarto por um corrego. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano.

6. — N'este dia pelas duas horas da tarde, passei o ribeirão — Guarda Mór — com grande difficuldade por achar-se ainda muito cheio, e caminhando meia legua em terreno plano ao rumo de 60° cheguei ao corrego — Guarda Mórzinho — o qual achando-se com muita agua e a ponte que o transpõe quebrada, tive de atravessal-o um pouco mais abaixo d'esse luga

com grande difficuldade e perigo. Seguindo d'ahi já bastante tarde, caminhei meia legua em terreno pouco accidentado ao rumo de 90°, e fui acampar ás seis horas da tarde na margem direita do ribeirão dos Motuns, que tambem se achava ainda com muita agua e não tinha ponte. Este ribeirão demanda uma ponte de oito braças de vão e suas aguas correm ao N. Falhei n'este lugar o dia seguinte para mandar construir uma ligeira passagem sobre troncos de arvores abatidas em uma e outra margem, pela qual se passou a bagagem e praças, e protegeu contra a correnteza do ribeirão o nado dos animaes atravez d'elle.

8.— Conseguindo passar o ribeirão dos Motuns, puz-me em marcha n'este dia ás oito horas da manhã, e caminhei meia legua ao rumo de 70° e mais tres quartos ao N. até uma casa á esquerda do caminho, tendo deixado a duzentas braças do pouso o corrego chamado —Motumzinho, e ás distancias de meia e de uma legua mais dois corregos. Seguindo d'ahi ao rumo de 90° andei tres quartos de legua até o ribeirão da Capivara, o qual, achando-se de nado, n'elle serviu-me de ponte um tronco de arvore lançado atravez do ribeirão. Este ribeirão demanda uma ponte de dez braças de vão, e suas aguas correm a N. E; dá váo no tempo da secca. Continuando ao rumo de 90° mais meia legua e tres quartos a 77°, cheguei ás seis horas e vinte minutos da tarde á margem direita do ribeirão dos Poções, onde acampei, tendo deixado as distancias de um terço, meia, dois terços, uma e meia e duas leguas, corregos, os quaes sempre dão váo. Este ribeirão demanda uma ponte de quinze braças de vão, e suas aguas correm a N. E: dá váo fóra da cheia. E' plano e arenoso todo o terreno percorrido n'esta marcha.

9.— Passado o ribeirão dos Poções ás duas horas da tarde, caminhei ao rumo de 100° até um campo quasi todo fechado por uma serra, onde pousei. A' um quarto de legua do pouso,

passei pelo corrego chamado dos Poções, á tres quartos pelo ribeirão Lambari-grande, a meia legua pelo Lambari-pequeno, ás duas e um quarto pelo ribeirão do Canga, e ás duas e tres quartos pelo corrego denominado do Canguinha, o qual dá váo sómente fóra das enchentes e demanda uma ponte de tres braças de vão, e no quarto de legua seguinte tres pequenos corregos ou cabeceiras. Todos os ribeirões acima mencionados, negam passagem no tempo das aguas e demandam pontes de dez braças de vão, á excepção do Lambari-pequeno que é um pouco mais estreito. Desde o Lambari-grande acompanha o caminho á distancia de um quarto de legua á esquerda, uma serra que vem terminar no lugar do pouso, e pela direita a uma e meia legua um chapadão. O terreno n'este dia mostrou-se pouco accidentado, arenoso e pedregoso.

10.— A's oito horas da manhã deixei o pouso, e andei um quarto de legua a 90°, um quarto ao S. meia legua rondando de S. para O. uma legua a 90° e mais duas e meia, ora a 90°, ora a 50°, até a fazenda do Gomes (á esquerda do caminho,) onde descancei alguns instantes. Continuando mais uma legua ao rumo de 15°, fui pousar n'um campo ás tres e meia horas da tarde. A um quarto de legua do pouso deixado, passei um corrego, e meia legua um ribeirão, a uma legua outro, a uma e tres quartos outro, e quatrocentas braças alem, outro e casa á esquerda, a duas leguas outro ribeirão, e ás tres e tres e meia dois ditos, havendo entre elles doze cabeceiras nascentes dos rochedos á direita. Pouco alem da fazenda do Gomes corre um corrego, e junto ao pouso outro. Todos os ribeirões atrevesssados n'este dia negam passagem no tempo das aguas, e demandam pontes de seis braças de vão. Em toda a primeira legua, terceira e até meio da quarta o terreno foi montanhoso e muito pedregoso, sendo o restante regular, arenoso, e pedregoso.

11.— Deixando o pouso ás doze horas e quinze minutos,

por terreno plano e arenoso, caminhei uma legua aos
de 45°, 8.°, 120° e 130° até uma legua á direita do car
seguindo d'ahi ao rumo de 90°—duas e meia leguas
margem direita do rio das Almas, onde cheguei ás quat
ras da tarde, e atravessando-o em canôa, e os animaes a
acampei na margem esquerda. Este rio tem quarenta
de largura, e suas aguas correndo ao N. vão lançar-
Araguay; dá váo no tempo da secca (de Maio a Dezemb
uma legua e um quarto do pouso deixado, passei em e
ribeirão das Arêas; a uma e tres quartos deixei á es
uma lagôa grande (ficando á direita um caminho ve
abandonado,) a qual margeei a O. e a S. O, a duas e um
margeei semelhantemente uma outra lagôa mais peq
esquerda. A's tres leguas passei outra lagôa á esque
andei o quarto de legua restante para o completo da
cionadas tres leguas e um quarto pela margem direita
ferido rio das Almas até o lugar da passagem sempre sol

12.— A's nove horas e quarenta e cinco minuntos
nhã, deixei o pouso na margem occidental do rio das A
caminhei ao rumo de 45° um quarto de legua até
rego, deixando a duzentas braças e á direita uma
pouco alem d'ella um corrego.

Andei mais um quarto de legua ao N. e uma e tres
entre N. e 30° até uma lagôa á direita do caminho;
nuando ao rumo de 80° passei no fim de uma e meia l
caminho pelo estivado e ponte, que transpõe o ribei
praiado chamado—Ponte Alta,— tendo o estivado e p
todo trinta braças de comprimento e o ribeirão seis b
largura. A' distancia de tres leguas do pouso pass
lagôas, e a tres e um quarto outra; todas á esquerda
minho. Continuando andei mais uma legua e um q
45° até a margem direita do rio Grande, (Aragua
cheguei ás quatro horas da tarde. Este rio, que é o ma

de todos os que se atravessa desde S. Paulo até Cuyabá, tem no lugar da passagem cento e cincoenta braças de largura, e suas aguas, correndo a N. E, vão lançar-se no rio Tocantins; suas margens são um pouco baixas, e baixo o arvoredo que as guarnece; suas aguas são bôas, e é piscoso. Serve este rio de limite entre as provincias de Goyaz e Mato Grosso, havendo em cada uma das margens um pequeno destacamento. A passagem é feita por meio de uma barca formada de pranchões collocados sobre tres pequenas canôas unidas. Conseguindo n'este mesmo dia passar o rio, acampei na margem opposta, onde existe a pequena freguezia de Nossa Senhora da Piedade. Deixei de viajar os dias 13 e 14 por causa da muita chuva, e máo estado dos animaes. O caminho percorrido n'este dia é geralmente plano.

15.— As' onze horas e tres quartos da manhã, parti da freguezia de Nossa Senhora da Piedade, na margem esquerda do rio Araguay, e atravessando logo um ribeirão, que sempre dá váo, caminhei um quarto de legua ao rumo N. até o ribeirão da Voadeira, o qual atravessei a váo ao rumo de 155°, e cujas aguas correm com grande velocidade, demanda uma ponte de seis braças de vão. Caminhando d'ahi em diante ao rumo de 115°, passei aos tres quartos de legua pelo ribeirão da estiva, o qual dá váo fóra das enchentes, e demanda uma ponte de cinco braças de vão. Do ribeirão da estiva, segue-se ainda ao rumo de 115°, e no fim de uma legua, passa-se um corrego, que serve de esgôto a uma lagôa chamada da Tólda, á esquerda do caminho, tendo deixado a uma legua e tres quartos do pouso outra lagôa tambem á esquerda, alimentada por dois corregos. Do lugar em que completam duas leguas de caminho avista-se em frente, e correndo á esquerda, á distancia estimada em duas leguas um braço da serra do Taquaral. Seguindo d'ahi ao rumo de 90°, chega-se depois de duas e meia leguas de caminho ao corrego chamado da

Ponte Alta, pelo qual se passa em estiva, tendo deixado ás tres e meia leguas uma lagôa, chamada—Raizama—e dois corregos que a esgotam para a direita e dão váo fóra das enchentes; ás cinco leguas uma outra lagôa grande chamada dos Boritys, á esquerda do caminho, e dois corregos, que a esgotam para a direita e permittem passagem a váo fóra das enchentes. Continuando mais uma legua e um quarto ao rumo de 35°, cheguei ao ribeirão de José Dias, proximo do qual acampei ás sete horas da noite. Este ultimo ribeirão no tempo das aguas nega passagem, e demanda uma ponte de quatro braças de vão. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano arenoso, porém muito alagado.

16.— Deixando o pouso ás nove horas e vinte cinco minuntos da manhã, caminhei ao rumo de 90° um quarto de legua até um corrego na ponta da serra, tendo deixado outro a duzentas braças contadas da sahida do pouso. Continuando, andei mais em terreno pouco accidentado quatro e meia leguas; ora a 40°, ora a 80°, até pouco alem do corrego do Taquaral, vendo sempre á esquerda e á distancia de cem a quatrocentas braças a serra já dita do Taquaral, e á direita á distancia de quatro leguas uma extensa cordilheira. Acampei um quarto de legua aquem da subida da serra ás duas horas da tarde. A tres quartos de legua do pouso deixado passei pelo ribeirão—Taquaral do Fogaça—as duas leguas pelo ribeirão—Insua—a tres quartos pelo ribeirão—Taquaral das Violas—pouco alem do Taquaralzinho—e ás quatro e meia pelo Taquaral grande; todos estes ribeirões dão váo fóra das enchentes, e demandam pontes de oito braças de vão.

18.— As oito horas da manhã deixei o pouso junto ao ribeirão do Lageado, e caminhei um quarto de legua ao rumo de 90°, um quarto ao N. e meia legua a 35° com grandes curvas á direita, e d'ahi em diante mais tres quartos de legua aos rumos de 70, 25, e 45 até um corrego d'onde visei a 60° o

caminho pelo qual tinha de passar além do rio Passa-vinte. Continuando mais um quarto de legua sempre descrevendo o caminho grandes curvas, passei por uma mui estreita ponta de morro, com despenhadeiros para um e outro lado, a qual se póde considerar uma ponte natural communicando sobre um valle duas serras; e continuando sempre o terreno a mostrar-se irregular desci a serra já mencionada do Taquaral em caminho de zig-zag e bastante ingreme na extensão de tres quartos de legua, havendo no fim um corrego. Andei mais um quarto de legua a 40° até o corrego da Abundancia, passado o qual segui a 45° e depois de ter caminhado uma legua, cheguei á ponte que transpõe o ribeiro Passa-ventinho. Continuando mais uma legua, ora a 90°, ora a 45° cheguei á margem do ribeirão Passa-vinte, onde acampei ás quatro horas da tarde, não podendo atravessal-o por achar-se de nado. Este ribeirão tem vinte braças de largura e suas aguas correm de L. para O. A primeira legua andada n'este dia foi em terreno muito escabroso de grés saccarino de mui fraca cohesão, e assim continuou sempre accidentado, a excepção da ultima legua, que foi em terreno plano.

19. — N'este dia permittindo já o ribeirão Passa-vinte passagem a váo com grande difficuldade, prosegui na viagem aos 45 minutos da tarde caminhando ao rumo de 25° uma legua até o corrego — Figueirinha — tendo deixado a tres quartos do pouso o corrego Bority; ambos permittindo passagem a váo, e demandando pontes de seis braças de vão. Continuando caminhei, ora ao N. ora a 90°, uma legua e tres quartos até a margem esquerda do ribeirão Barreiros, tendo deixado a uma legua e tres quartos o ribeirão da Salobra, a duas e um quarto um corrego e ás duas e meia o ribeirão — Voador. Ambos estes ribeirões demandam pontes de dez braças de vão e dão passagem a váo sómente no tempo da secca. Do ribeirão Barreiros subi, margeando-o, meia legua a 90° e meia a 70; atrav ando a cadeia de morros e mata até o braço do N. do

mesmo Barreiro, em cuja margem direita acampei ás cinco horas e tres quartos da tarde. A parte percorrida do ribeirão Barreiros recebe seis pequenos corregos e seu referido braço exige uma ponte de dez braças de vão. A marcha d'este dia, foi feita toda em terreno argillo-pedregoso com ingremes subidas e descidas em zig-zag.

20. — Deixando o pouso na margem direita do braço do ribeirão Barreiro ás nove horas e tres quartos da manhã, caminhei meia legua ao rumo de 25° até o ribeirão chamado — Bosica — que passei a váo; este ribeirão nega passagem no ɜmpo das aguas e demanda uma ponte de cinco braças de vão. Continuando, caminhei mais ao rumo de 75°, duas leguas e ɯm quarto, descrevendo o caminho grandes curvas á direita, o corrego das Antinhas, junto do qual acampei a uma hora ı tres quartos da tarde, tendo deixado a uma legua e tres quar- s do pouso o ribeirão chamado — Portão — que passei a ɾão, e demanda uma ponte de seis braças de vão.

A uma legua do pouso visei a 120° e á distancia estimada de uma legua tres picos de fórma conica apparentemente unidos. A marcha d'este dia foi feita em terreno um pouco accidentado, sendo a primeira legua de grês argilloso e o restante arenoso. D'este pouso visou-se a 100° uma collina no alto de um chapadão e a 65° e a um quarto de legua á direita d'ella um morro redondo.

21. — A's oito horas da manhã, puz-me em marcha e caminhei ao rumo de 100° uma legua até a collina no alto do chapadão, que do pouso deixado foi visado no mesmo rumo 100, tendo deixado a um quarto de legua um corrego e a meia legua o ribeirão da Porteira, o qual nega passagem no tempo das enchentes, e demanda uma ponte de seis braças de vão. Andei mais tres leguas ao rumo de 105° até o alto das — Torrinhas — que são cinco grupos de pedras em fórma de torres, onde acampei ás duas e meia horas da tarde, pouco

alem de um corrego, tendo ficado a uma legua e tres quartos do pouso deixado o ribeirão chamado — Pissarrão — a duas leguas o ribeirão do Pantano; a duas e um quarto um corrego, a duas e meia o ribeirão — Motuns — e finalmente ás duas e tres quartos o ribeirão — Páo-furado — pouco aquem do qual corre um corrego que n'elle faz barra; todos estes ribeirões dão váo sómente durante a secca, e demandam pontes de seis braças de vão. A marcha d'este dia foi feita em terreno accidentado, arenoso, e argillo-pedregoso.

22. — Deixei o pouso no alto das Torrinhas ás oito horas da manhã, e andei tres e meia leguas ao rumo de 90°, tendo passado á sahida do pouso um corrego, a um quarto de legua as Torrinhas, a tres quartos um ribeirão, a uma legua o ribeirão do Jatubá e a uma legua e um terço o corrego — Munjolinho — estes ribeirões negam passagem no tempo das enchentes, e requerem: o primeiro uma ponte de quatro braças de vão, e o segundo uma de dez braças — A meia legua do pouso, visei a 100° o morro Redondo já visto dois dias antes a 65°, e no fim de tres e meia leguas de marcha ficou para a esquerda. Caminhei mais meia legua ao rumo de 130° até um alto d'onde visei a 120° e á distancia de duas leguas mais ou menos o morro chamado — Paredão — tendo aos lados e a quatrocentas braças cada um, dois morros menores. Continuando no mesmo rumo 130°, fazendo o caminho grande curva á direita, caminhei mais uma legua e um quarto até o ribeirão da Lage, proximo do qual acampei ás tres horas e um quarto da tarde. A primeira e ultima legua de caminho percorrido n'este dia foi por ingremes sahidas e descidas sobre rochas de grèz chistoso de fraca cohesão e o restante sobre chapadão arenoso.

23. — A's oito horas e um quarto da manhã puz-me em marcha e andei com repetidas voltas quatro e meia leguas ao rumo medio 110° até o corrego da Furna, junto do qual

acampei, ficando 500 braças mais menos em linha recta alem o morro Paredão.—A' entrada e sahida do pouso n'este dia deixado corre o trilho sobre extensas lages de grèz argilloso, cortadas por seis cabeceiras. A um oitavo de legua do caminho, passa-se a váo um corrego; a meia legua o ribeirão das Arêazinhas, o qual nega passagem no tempo das enchentes e demanda uma ponte de dez braças de vão; a tres quartos um corrego e a uma legua outro, seguindo-se depois mais seis corregos, vertendo de um chapadão de pedra, que, por mais de meia legua corre á esquerda do caminho á distancia de cincoenta a cem braças; ás duas leguas o ribeirão das Arêas com dez braças de largura; ás duas e um quarto um corrego e morros á esquerda; ás duas e tres quartos o ribeirão Guanandy; ás tres leguas o corrego do Aterradinho e ás quatro finalmente o ribeirão da Cachoeira com oito braças de largura. A marcha d'este dia foi feita parte em terreno accidentado de grèz argilloso, e parte em terreno plano e muito arenoso.

24.— A's oito horas e um quarto da manhã deixei o pouso e caminhei ao rumo de 110° antes visado duas e meia leguas até proximamente a ponta de S. O. do morro Paredão, a qual deixando a sessentas braças á esquerda passei pela ponta de N. E. a trezenta braças mais ou menos de distancia d'aquella; percorrendo entretanto uma e meia legua de tortuosissimo caminho, sempre confrontando á pequena distancia o dito morro. Caminhei mais duas leguas e tres quartos até o ribeirão do Tijuco, junto do qual acampei ás tres horas e trinta e cinco minutos da tarde, tendo deixado a duas leguas do pouso o ribeirão chamado do Paredão; ás quatro e tres quartos o ribeirão da Samambaia e ás cinco uma collina a sessenta braças á direita do caminho, da qual verifiquei a visada do paredão. Todos os ribeirões acima mencionados negam passagem no tempo das aguas e requerem pontes

de seis braças de vão. O terreno n'este dia mostrou-se plano, arenoso, menos nas proximidades dos ribeirões.

25.— Deixado o pouso junto ao ribeirão do Tijuco ás duas horas da tarde, por terem muito tarde apparecido os animaes, caminhei ao rumo de 95° duas leguas e tres quartos com grandes voltas á esquerda até o pouso dos Macacos, onde cheguei ás cinco e meia horas da tarde, tendo deixado a uma legua o ribeirão do Corisco, a uma e tres quartos o corrego do Torresmo, a duas leguas o corrego — Cabeça de Boi — com outro braço pouco alem e quasi a completar duas leguas e tres quartos o ribeirão dos Macacos com estiva. Todos estes ribeirões e corregos, só dão váo no tempo da secca e requerem pontes de seis braças de vão. De um chapadão a duas leguas e um quarto do pouso deixado visei para a retaguarda a 290° a collina do chapadão por onde passei na marcha antecedente: a 295° a ponta de L. do morro Paredão, e a 155° e a tres quartos de legua do pouso um grupo de seis morros em linha de S. E. a N. O. á distancia estimada de uma legua e um quarto. N'este pouso (dos Macacos) que é o primeiro habitado desde o Araguay existem alguns moradores, formando uma pequena aldêa. O terreno que n'esta marcha trilhei é plano arenoso, fóra das proximidades dos ribeirões e corregos. Demorei-me n'este lugar seis dias em diligencia de reunir os animaes, que, todos se haviam dispersado, vagando pelos campos, o que, conseguindo, posto que sómente quanto aos de propriedade nacional, continuei a viagem resignado á perda de um dos de propriedade particular.

Março 4. —A's onze horas e um quarto da manhã parti do pouso dos Macacos, e caminhei quatro leguas e um quarto até o lugar chamado Sangradouro, onde cheguei e acampei ás quatro horas da tarde; sendo as tres primeiras leguas percorridas aos rumos de 90°, 110°, 65°, e 90°, e o restante a 115°

e 90°. A uma e meia legua do pouso passa-se pelo ribeirão —Couro de Porco— e ás tres e tres quartos pelo ribeirão —Mortandade—o primeiro com estiva e o segundo a vão, requerendo uma ponte de seis braças de vão. A meia legua do pouso verifiquei achar-se elle a 110° da collina por onde passei na penultima marcha; ás tres leguas visei um serrote a 160° e a quatro leguas de distancia mais ou menos; ás quatro leguas do pouso visei a 95° um pequeno morro alem do Sangradouro pelo qual na marcha seguinte passa o caminho. N'este pouso existe aquartellado um pequeno destacamento commandado por um official inferior. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano, excepto na passagem dos ribeirões.

5. — Sahi do pouso ás nove horas da manhã e transpondo pela respectiva ponte o ribeirão chamado Sangradouro, que se acha poucas braças alem do pouso, descrevendo o caminho grande curva á esquerda caminhei duas e meia leguas ao rumo de 95° até o ribeirão das Alminhas, proximo do qual acampei a tres horas e tres quartos da tarde, tendo deixado a tres quartos de legua um corrego, a uma legua outro chamado da Pontezinha, e a uma e tres quartos o ribeirão das Malas, todos com estiva. A marcha d'este dia foi feita, como no antecedente em terreno plano. Na passagem sobre a estiva do ribeirão das Malas, uma das bestas de carga, fracturando uma perna precipitou-se no ribeirão que se achava muito cheio, e n'elle morreu, conseguindo-se apenas com muita difficuldade e perigo salvar as cargas que conduzia.

6. — Deixando o pouso junto ao ribeirão das Alminhas ás dez e meia horas da manhã, andei quatro e meia leguas ao rumo de 95° até o alto de uma descida bastante ingreme. Seguindo d'ahi mais uma legua em volta para N. O. atravessei as montanhas da serra d'Agua-branca. Continuando caminhei mais meia legua a 95°, deixando á esquerda a cem braças a

dita serra, e á direita a cincoenta braças um serrote. Caminhei mais meia legua a 160° até o corrego d'Agua-Branca, proximo do qual acampei ás seis e meia horas da tarde, tendo deixado a uma legua e um quarto do pouso o ribeirão Sangradourozinho; ás duas e tres quartos um corrego, ás quatro o ribeirão da Forquilha, ás quatro e um quarto um corrego, e um oitavo de legua adiante outro corrego; todos estes ribeirões dão passagem a váo sómente durante a secca, e demandam pontes de seis braças de vão. A tres leguas e um quarto do pouso deixado visei a 151 e a 140° á distancia de cinco leguas, mais ou menos, um pico na direita de um serrote e um outro serrote. Nas quatro primeiras leguas de caminho o terreno mostrou-se plano arenoso, na legua seguinte muito montanhoso e pedregoso, e o restante pouco accidentado e arenoso. Deixei de viajar no dia seguinte por se terem extraviado alguns animaes.

8.—A's onze horas e um quarto da manhã puz-me em marcha, e andei tres quartos de legua, sendo um quarto ao rumo de 60°, um quarto ao N. e um quarto a 20° até o ribeirão d'Agua-Branca, o qual atravessei em um tronco de arvore lançado atravez do rio: este ribeirão dá váo fóra das cheias e demanda uma ponte de dez braças de vão. Andei mais uma legua e um quarto aos rumos de 90°, 20°, e 55° até um corrego que passei a váo, e d'ahi seguindo a 95° passei no fim de meia legua de caminho pelos dois corregos chamados do Cercadinho. Continuando, caminhei meia legua a 65° e d'ahi visei a 105° e a mais ou menos duas leguas de distancia um morro pela direita do qual segue alem o caminho. Seguindo d'ahi ora á direita, ora á esquerda, demandando sempre o morro visado caminhei uma e meia legua e acampei aquem do corrego chamado das Vertentes ás cinco horas e tres quartos da tarde. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano arenoso.

9. — Deixei o pouso aquem do corrego das Vertentes ás nove horas da manhã e caminhei uma e meia legua ao rumo de 105°, já no dia antecedente visado, ficando á direita do pouso a um oitavo de legua mais ou menos dois morrotes e a 125° a um quarto de legua um serrote. A' um quarto de legua do pouso passa-se o ribeirão chamado das Vertentes, o qual só dá váo no tempo da secca, demanda uma ponte de oito braças de vão, e a uma legua e um quarto adiante o corrego S. João-zinho, pouco aquem e á direita do morro ado. Continuando andei mais uma legua e tres quartos a até o ponto do trilho visado no dia antecedente, tendo deixado a uma legua e tres quartos do pouso o ribeirão S. João, m braças aquem e á direita de um morro redondo; a duas leguas e a cincoenta braças á esquerda outro morro redondo ás duas e meia leguas o corrego chamado Portinho. A tres guas e um quarto do pouso visei a 100° e á distancia estiada de meia legua, o extremo da direita do serrote chamado Lavrinha, e a 95° a ponta escarpada da esquerda do chapadão da estiva á distancia de tres leguas mais ou menos. Continuando caminhei mais duas leguas e um quarto até a ponta do serrote Lavrinha, onde acampei ás quatro e meia horas da tarde, tendo passado por um espigão ou ponta de morro que com trinta braças de comprimento e duas no maximo de largura transpõe, como se fôra uma ponte, um valle formado por dois braços de um alto serrote, o qual correndo para direita com grande volta termina por uma ladeira bastante ingreme. A's quatro leguas e um quarto deixa-se o ribeirão Sucurihú, o qual nega passagem no tempo das enchentes e requer uma ponte de quartro braças de vão, e ás quatro e meia leguas uma pequena lagôa á direita e um corrego. O terreno n'este dia percorrido é plano arenoso, á excepção da quarta legua, onde é montanhoso e pedregoso.

10. — A's oito horas e um quarto da manhã deixei o

pouso e passando o ribeirão das Lavrinhas, pouco alem d'elle, andei uma legua e um quarto ao rumo de 95°, vendo sempre a cem braças mais ou menos á esquerda o serrote chamado Lavrinha. A' duas leguas do pouso visei a 140°, e a uma legua mais ou menos uma montanha da figura de um cone truncado, e a 15° e a um quarto de legua um morro agudo. A duas e meia leguas entrei na mata do ribeirão Paranahyba e a duas e tres quartos atravessei-o acompanhando um pouco pela margem esquerda seu curso para este lado. Andei mais uma e meia legua até a ponta escarpada da serra da Estiva, no dia antecedente visada, e deixando a sessenta braças á direita a mesma ponta e a sessenta braças á esquerda umas montanhas dispostas na continuação da mesma serra, caminhei tres quartos de legua ao N. pela bocaina ou valle entre a serra e as referidas montanhas e por um chapadão até ao pouso Estiva, junto ao ribeirão do mesmo nome que atravessei sobre uma arruinada estiva, onde acampei ás tres horas e um quarto da tarde, tendo deixado a tres leguas e um quarto o corrego do Alecrim.

Da ponta escarpada da serra da Estiva, verifiquei estar ella ao rumo de 95° da das Lavrinhas, e a 230° do morro de forma conica truncada, antes visado. Existe n'este lugar (Estiva) um destacamento commandado por um official inferior. A marcha d'este dia foi feita em terreno plano arenoso na primeira uma e meia legua, sobre collinas de seixos roliços na legua seguinte, em vargem arenosa na primeira meia legua que depois se segue e o restante sobre terreno montanhoso e pedregoso.

11.— A's sete horas e vinte oito minutos da manhã deixei o pouso e caminhei um quarto de legua até um alto, d'onde verifiquei estar a 70° do pouso ultimo deixado e a 20° da ponta escarpada da serra da Estiva. Andei mais duas leguas e tres quartos aos rumos de 80, 90, 100, 110, e 95° até o

ribeirão do Morcego, o qual passei a váo; demanda este ribeirão uma ponte de quartro braças de vão. Continuando, caminhei mais uma legua e tres quartos ora a 70° ora a 65° até a fazenda de Vicente Antonio. N'esta fazenda como na de que abaixo fallarei encontra-se algum recurso de subsistencia. Seguindo d'ahi aos rumos de 100°, 130°, 120°, e 115 caminhei uma e meia legua até o lugar chamado Santo Antonio do Bority, onde ha uma fazenda de fulano Pacheco, na qual pousei ás quatro horas da tarde. Pouco alem da Estiva ssa-se a váo um corrego, a meia legua dois ditos em pontes, uma legua outro corrego tambem com ponte, ás tres meia leguas sobre ponte o ribeirão Roncador, e ás quatro tres quartos, tambem sobre ponte o ribeirão S. Lourenço, ceira do rio que com este nome, depois de receber o yabá, desagua no Paraguay. A's quatro e meia leguas sei entre quatro morros isolados distantes entre si cento e oenta braças mais ou menos, e pouco alem d'elles um orrego. Na primeira legua de caminho andado n'este dia é o terreno um pouco accidentado, e no restante plano.

12. — Parti da fazenda de Santo Antonio do Bority ás nove e meia horas da manhã, e caminhei duas leguas e um quarto ao rumo de 120° até o alto de um chapadão, d'onde visei a 115° a serra chamada do capitão Victoriano e a 110° a serra chamada do capitão Corrêa, ambas da cordilheira denominada Serra de Cuyabá. Andei mais meia legua aos rumos de 115° e 110° até a mais alta vertente do rio S. Lourenço, pela esquerda da qual passei. Continuando, caminhei tres quartos de legua a 115° e com voltas á direita mais meia legua a 70° gaté a margem direita do ribeirão denominado Rio Manso que correndo ao N. se vai lançar, me parece, no Araguay, onde acampei ás duas e meia horas da tarde. A tres quarto, de legua do pouso deixado, verifiquei estar a 95° e a seis lesuas mais ou menos da ponta escarpada da serra da Estiva.

Todo o caminho d'este dia foi feito em terreno plano argillo-arenoso sobre um lindo e elevado chapadão (plateau).

13. — A's nove horas e tres quartos da manhã, deixando o pouso passei pela ponte de madeira que transpõe o rio Manso, e caminhei duas e meia leguas, ora a 70° ora a 80°, e mais meia legua a 120° até o ribeirão do Tijuco, o qual atravessei a vão e acampei na margem direita a uma e meia hora da tarde. Este ribeirão nega passagem no tempo das aguas e demanda uma ponte de oito braças de vão. A uma legua do pouso deixei á esquerda a serra do capitão Victoriano, ficando-lhe á direita a do capitão Corrêa, e á esquerda á distancia estimada em uma legua a serra do Cuyabá-merim. Todas estas tres serras se encadeiam até a bocaina dos chapadões que a duas leguas do pouso visei a 90° e por onde passei na marcha seguinte. O caminho d'este dia foi feito em chapadão plano arenoso, menos a descida do morro chamado da Cangica a uma e meia legua do pouso, e bem assim tambem a descida ao chegar ao ribeirão do Tijuco.

14. — A's oito horas e um quarto deixei o pouso da margem direita do ribeirão do Tijuco, e caminhei duas leguas e um quarto em chapadão plano arenoso aos rumos de 140°, 100°, 90°, e 20° até o alto da serra de Cuyabá. Continuando andei mais uma legua e um quarto descendo esta serra pelos cimos dos espigões ou saliencias de suas faldas ; e uma legua a 155° e 120° em terreno plano arenoso, até o lugar chamado — Auassú — onde acampei á uma e meia hora da tarde. A tres leguas e um quarto do pouso passam-se dois corregos e ás tres e meia um dito. A tres quartos de legua do pouso deixado passei pela bocaina hontem visada a 90°, e de um alto na serra de Cuyabá a tres leguas do pouso fiz as seguintes visadas : ultimo ponto visivel na cordilheira a 60° e á distancia estimada em uma legua, extremidade visivel á esquerda da mesma cordilheira a 165°, uma pequena serra a 65° e á distancia de duas

leguas, um pequeno morro a 70° e a seis leguas, um outro morro a 75° e a seis leguas. A extremidade da direita de uma serra a 80° e a seis leguas, cidade de Cuyabá a 95° mais ou menos (por não se poder distinguir bem) e a cinco leguas o — pico Praia Grande — a 105° e a cinco leguas, esquerda do serróte Santo Antonio a 118° e a seis leguas dois morros alem do rio Cuyabá a 150° e 155° e a seis leguas, e finalmente um morro á esquerda da serra a 160°. A' excepção da serra e das descidas que se encontram a uma e a duas leguas do pouso deixado; o caminho andado n'este dia foi em terreno plano arenoso.

15. — Deixei o pouso ás oito horas e tres quartos da manhã, e andei seis leguas aos rumos 150°, 90°, 85°, 45°, 130°, 120°, 100°, 90° e 30°, até o lugar chamado — Cabeça de Boi — onde cheguei e a acampei ás quatro horas e um quarto da tarde, tendo passado pelo sitio chamado — S. Bento — onde ha uma tapéra á direita do caminho, e pouco adiante á esquerda um morador. A' sahida do pouso passei dois pequenos corregos, a meia legua outro, a tres quartos o ribeirão do — Auassú — o qual só dá váo no tempo da secca, e demanda uma ponte de quatro braças de vão. Pouco alem do pouso e á direita ha um morador. Durante a marcha ficou sempre á direita, á distancia de uma legua, a pequena serra já visada. A marcha d'este dia foi feita sobre varzeas arenosas, que se conservam alagadas na estação das aguas. Não viajei no dia seguinte (16) por se terem extraviado alguns animaes.

17. — Deixei o pouso ás seis horas da manhã, e caminhei quatro e meia leguas até a margem esquerda do rio Cuxipé, onde cheguei ao meio dia: sendo meia legua ao rumo de 120° até os dois pontilhões e ponte que transpõe o rio Aricá: tres quartos de legua a N. O. e S. O; e tres quartos a O. até a volta dos Olhos d'Agua, no fim da qual visei em frente a 120° e a tres quartos de legua mais ou menos o morro — Praia

Grande —; mais duas e meia, ora a 90°, ora a 120°; tendo passado ás duas leguas e um quarto pelo ribeirão do Peixe, o qual só dá váo no tempo da secca, e demanda uma ponte de quatro braças de vão, e finalmente ás quatro leguas, contadas do pouso, o corrego — Barreiros dos Morrinhos. — A's tres leguas visei a 55° um edificio da cidade de Cuyabá, que supponho ser o arsenal de guerra. O caminho percorrido n'este dia foi plano e pela maior parte alagado.

18 de Março. — A's sete horas da manhã deixei o pouso, junto á margem esquerda do rio Cuxipó, e passado a ponte de madeira que o transpõe, caminhei uma legua e um quarto em terreno plano ao rumo de 55° até a cidade de Cuyabá, na qual, ás nove horas da manhã, conclui a viagem que faz o objecto d'este Itinerario.

Provincia de Mato Grosso 12 de Agosto de 1858.— Bacharel *José de Miranda da Silva Reis*, major chefe da commissão de engenheiros na provincia de Mato Grosso.

Distancias dos pousos em leguas andadas na provincia de S. Paulo.

	LEGUAS.
Da cidade de S. Paulo ao pouso Rio Grande.....	6
Do Rio Grande á cidade de S. Paulo.....	5
De S. Paulo a Agua Branca.....	1
D'Agua Branca aos Olhos d'Agua.....	4 ½
De Olhos d'Agua á villa de Jundiahy.....	4
De Jundiahy aos Dois Corregos.....	5
Dos Dois Corregos á cidade de Campinas.....	2
De Campinas a Camanducaia.....	4 ½
De Camanducaia á cidade de Mogy-merim.....	4
De Mogy-merim á Boa Vista.....	3
De Boa Vista á Itupeva.....	4
De Itupeva ao Aterradinho.....	5 ½
Do Aterradinho á Paciencia.....	3 ½
Da Paciencia á fazenda d'Alegria.....	3 ½
Da fazenda d'Alegria ao Retiro da Lage.....	6
Do Retiro da Lage aos Batataes.....	5
Dos Batataes ao Pitangui.....	3
Do Pitangui á cidade da Franca.....	5 ½
Da Franca ao Lageado.....	2 ½
Do Lageado á Ponte Alta.....	4
Da Ponte Alta á freguezia de Santa Rita.....	6
Da freguezia de Santa Rita ao Rio Grande.....	1
	88 ½

Distancias dos pousos em leguas andadas na provincia de Minas Geraes.

Do Ribeirão Grande á cidade de Uberaba.....	5 ½
De Uberaba ás Larangeiras.....	3
Das Larangeiras ao Tijuco.....	4

Do Tijuco á Macega.....	4 ¼
Da Macega ao pouso de Santa Maria.....	3 ½
Do pouso de Santa Maria ao Panga.....	4 ½
Do Panga á Babylonia	4
Da Babylonia aos dois corregos da Posse.....	3 ½
Dos dois corregos da posse ao Pantano.....	4 ¼
Do Pantano ao rio Paranahyba.....	5 ¾
	42 ¼

Distancias dos pousos em leguas andadas na provincia de Goyaz.

Do rio Paranahyba á fazenda do Marques.....	4 ½
Da fazenda do Marques ao rio Meia Ponte.....	3
Do rio Meia Ponte á Santa Barbara.....	6 ½
De Santa Barbara aos Gallinhos.....	8 ¼
Dos Gallinhos ao rio dos Bois.....	2 ½
Do rio dos Bois ao campo dos Boritys.....	¾
Do campo dos Boritys á fazenda — Formosa —.....	4 ¾
Da fazenda — Formosa — ao ribeirão do Fernandes.	6 ¾
Do ribeirão do Fernandes ao rio Preto.....	6 ½
Do rio Preto ao pouso do Morro Agudo.....	5
Do Morro Agudo ás Tres Barras.....	4 ¼
Dás Tres Barras ao corrego do Ouro.....	4 ¾
Do corrego do Ouro ao rio Claro.....	4 ¾
Do rio Claro ao ribeirão Guarda Mór.....	3
Do ribeirão Guarda Mór ao ribeirão dos Motuns...	1
Do ribeirão dos Motuns ao ribeirão dos Poções....	4 ½
Do ribeirão dos Poções ao Pouso Fechado.....	3
Do Pouso Fechado a um pouso no campo.....	5 ½
D'este ultimo ao rio das Almas.....	3 ¼
Do rio das Almas ao rio Araguay.....	5
	87 ½

Distancias dos pousos em leguas andadas na provincia de Mato Grosso.

Do rio Araguay ao ribeirão do José Dias.....	5 ¾
Do ribeirão do José Dias até o começo da subida da serra do Taquaral.....	4 ½
Do começo da subida da serra do Taquaral ao ribeirão Lageado.....	4 ¾
Do ribeirão do Lageado ao ribeirão Passa Vinte...	5
Do Passa Vinte ao ribeirão Barreiros.....	3 ¾
Do Barreiros ao corrego das Antinhas.....	2 ¾
Das Antinhas ao alto das Torrinhas.....	4
Das Torrinhas ao ribeirão da Lage..... ...	5 ¼
Da Lage ao corrego da Furna.....	4 ½
Do corrego da Furna ao ribeirão do Tijuco	5 ¼
Do ribeirão do Tijuco ao Pouso Macaco.....	2 ¾
Do Pouso Macaco ao Sangradouro.....	4 ¼
Do Sangradouro ao ribeirão das Alminhas.....	2 ½
Do ribeirão das Alminhas ao corrego d'Agua Branca	6 ½
Do corrego d'Agua Branca ao corrego das Vertentes	4 ½
Do corrego das Vertentes ás Lavrinhas.....	5 ½
Das Lavrinhas á Estiva.....	5
Da Estiva ao pouso de Santo Antonio do Bority.....	6 ¼
De Santo Antonio do Bority ao rio Manso.....	4 ¼
Do rio Manso ao ribeirão do Tijuco.....	3
Do ribeirão do Tijuco ao Auassú.....	4
Do Auassú ao Cabeça do boi.....	6
Do Cabeça do boi ao Cuxipó.....	4 ½
Do Cuxipó á cidade de Cuyabá.....	1 ¼
Total.. .	105 ¾

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

3.º TRIMESTRE DE 1863.

HISTORIA DA REPUBLICA JESUITICA DO PARAGUAY

desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, anno de 1861.

PELO

CONEGO JOÃO PEDRO GAY,

Vigario de S. Borja nas missões brasileiras.

(CONTINUAÇÃO.)

CAPITULO VI

TRABALHOS DOS JESUITAS NA PROVINCIA DE GUAYRÁ. — INVASÃO DOS PAULISTAS E TUPYS NA DITA PROVINCIA.—EMIGRAÇÃO DOS JESUITAS E DOS INDIOS DE GUAYRÁ PARA O TERRITORIO SITO ENTRE OS RIOS PARANÁ E URUGUAY EM 1631.

OS jesuitas foram bem acolhidos pelos indios avassallados na provincia de Guayrá e das outras commendas que lhes tinham sido confiadas como já temos visto. Mas foram muito mal vistos das auctoridades civis e militares e pelos possuidores de commendas por causa da demasiada solicitude com que constantemente protegiam os indios con-

tra sua tyrannia e despotismo, desmascarando com um excessivo zelo a libertinagem, preguiça e o poder absoluto e caprichóso dos possuidores de commendas. Não foi senão gradualmente, e em virtude da protecção constante da côrte de Madrid, que elles vieram a occupar completamente os differentes povos que se lhes havia dado para educar, e supprimir as janaconas e mitayas que substituiam por um tributo annual pago com muita regularidade ao thesouro real, a afastar os hespanhóes dos povos e emfim a poder governar inteiramente os indios pelo systema que tinham julgado melhor para com esta gente simples e de pouca intelligencia.

A' opposição systematica dos hespanhóes que attribuiam aos jesuitas todos os regulamentos feitos pela côrte de Madrid para livrar os indios do serviço pessoal das commendas, não tardou a accrescentar-se outros males.

Os habitantes de Villa Rica e sobre tudo os habitantes de S. Paulo no Brasil, apesar de serem christãos, não faziam escrupulo de vir roubar os indios das reducções confiadas aos jesuitas e de ir vendel-os como escravos. Estes e outros obstaculos inflammavam mais o zelo d'estes heróes do christianismo, e apesar da inimizade dos hespanhóes commendatarios, apesar do ciume dos clerigos seculares e regulares, apesar do descuido das auctoridades em protegerem e defenderem as colonias hespanholas confiadas aos jesuitas que ainda não eram reducções propriamente ditas, poucos annos depois da sua entrada na provincia do Paraguay, os jesuitas dirigiram e administravam em Guayrá, no Paraguay e sobre as margens do Paraná vinte e nove reducções, que apesar do abandono dos governadores pozeram logo em estado de resistir aos selvagens. Estes algumas vezes foram repellidos pelos neophytos zelosos de vingar a morte de alguns sacerdotes que tinham perecido martyres. Mas abandonados inteiramente de seus defensores naturaes, os governadores da provincia, não pode-

ram resistir aos ataques frequentes dos paulistas unidos aos selvagens tupys e outros indios não menos barbaros. Em 1631, foram obrigados os jesuitas e os indios a abandonar todas as suas reducções das provincias do Guayrá e de Vera, e a retirar-se como a duzentas leguas ao sul, ficando reduzidas as reducções de cem mil almas que contavam, a doze mil que chegaram ao lugar escolhido para fundar novas reducções. Diz Mr. Alcide d'Orbigny em sua *Voyage en Amérique*, que está provado por documentos authenticos que de 1628 a 1630 os paulistas roubaram e venderam como escravos mais de sessenta mil habitantes das reducções.

Eis como o Dr. Francisco Xarque em sua obra *Insignes Missioneros de la Compañia de Jesus en la provincia del Paraguay*, narra o assalto dos paulistas ao povo de Jesus Maria no Guayrá.

« Como não pôde o inimigo pelos feiticeiros embaraçar a salvação de tantas almas que se convertiam a Deus, suscitou aos *mamelucos* do Brasil, (nome que n'este paiz davam aos paulistas) gente atrevida, bellicosa que de christãos tem só o baptismo e que são mais crueis que os infieis. Elles formaram um esquadrão com outros alliados e se dirigiram á reducção de Jesus Maria. »

Quando se sentiu que o inimigo se avizinhava e que marchava a toda a pressa, resolveu o padre Simão Mazeta (jesuita encarregado da direcção do povo) mandar a seu encontro alguns indios de paz para informarem-se dos intentos que os traziam ás suas terras e os alliados sem armas unicamente com suas varas, signaes do seu emprego. O inimigo composto de oitocentos mamelucos, tres mil tupys com armas de fogo e outros instrumentos de guerra, se lançaram como lobos sobre aquelles cordeiros que os iam receber, prendendo-os e carregando-os de cadêas, e tirando-lhes os vestidos com crueldade.

« Avisaram ao padre Simão do estrago que o inimigo principiava a fazer, e como já estava tão perto que se ouvia o ruido e alvoroto do exercito, julgando o missionario que haveria nos inimigos algum rasto de christandade e que respeitariam os ministros de Christo, revestiu-se de sobre pelliz, e a estola e com uma cruz na mão, sahiu ao seu encontro. Saudou-os com singular doçura e lhes pediu por Jesus Christo redemptor do genero humano que derramou seu sangue por todos, de não fazerem aggravos a seus freguezes recem-convertidos, dando occasião a que fosse blasphemado o nome de Deus entre as gentes com menospreço da sua santissima lei. A esta petição tão justa respondeu-se com horriveis blasphemias e com grandes accusações para desacreditar a virtude do sacerdote perante aquella gente simples. Com santa liberdade o padre Simão justificou-se e os ameaçou com os castigos do céo, quando de repente com furor e raiva infernal, o commandante de uma companhia por nome Frederico de Mello levantou um facão sobre a cabeça do veneravel ministro. Porém deteve, sem duvida, algum anjo a atrevida mão, pois que o golpe não feriu ao servo de Deus com grande admiração dos que estavam presentes, que reconheceram n'isso como um milagre. »

N'esta conjunctura chegou o cacique Carubà para pedir auxilio contra os tupys que lhe tinham captivado os filhos e vassallos. Então o cabo feroz que tinha experimentado o seu instrumento contra o sacerdote, julgando que a pelle d'este era de bronze e lhe tinha feito perder a faculdade de cortar, carregou o mosquete e o descarregou contra o cacique em quanto este fazia suas representações. Cahiu o indio atravessado por uma bala. Bem instruido da nossa religião o cacique ainda não estava baptizado: immediatamente foi o ministro de Deus procurar agua, administrou-lhe o Sacramento e logo depois expirou o ferido como filho de Deus e da igreja.

Em quanto o padre Simão desempenhava este dever, os inimigos se dividiram por toda a povoação em partidas e a sangue e fogo em pouco tempo a saquearam sem resistencia, captivando a gente desvalida, e matando a todos aquelles em quem achavam ou presumiam resistencia.

Verteu o padre qual outro Jeremias um mar de lagrimas, corria de uma a outra parte, de choça em choça, curando as feridas de uns e consolando a outros. Roubaram-lhe a casa, e tiraram sua pobre roupa que eram duas camisas velhas e uma sotana de algodão remendada. Entraram na igreja, saquearam a sacristia, profanaram os altares, derramaram os santos oleos, fazendo escarneo das cousas sagradas, diz o auctor, com mais ousadia que os hereges de Inglaterra; e tendo aprisionado os pobres captivos e carregado de ferros, tendo receio que lhes chegasse soccorro dos povos vizinhos, tocaram a retirada e marcharam ao amanhecer.

Logo depois de sua sahida chegou do seu povo o jesuita Francisco Dias Taño que vinha consolar ao seu collega e desolados freguezes. Foram juntos visitar as rancherias abrasadas, e a cada passo encontraram lastimosos espectaculos de mulheres que por terem resistido em defesa da sua honra, tinham sido degolladas e abandonadas com grande indecencia e estendidas nas portas como trophéo da sua barbara tyrannia, e em testemunho do apreço que tinham da virtude as novas christãs. »

Consultando sua fervorosa caridade resolveu o jesuita Simão Mazeta, fazer seguir para S. Paulo o exercito que levava suas caras ovelhas, para que no caminho não se perdesse nenhuma por falta do espiritual remedio.

N'essa jornada padeceu immensos trabalhos pelos caminhos asperos, escabrosos, rios caudalosos, serras, despenhadeiros, barrancos, &c.

Eis como elle mesmo escreveu sobre esta viagem. « Os

tristes espectaculos que temos achado no caminho, de muitos pobres, velhos, enfermos, cegos, mancos, aleijados perecendo sem remedio, que ficavam no deserto por não poderem seguir as bandeiras, não se podem escrever sem banhar os olhos com lagrimas de sangue. Encontrámos a muitos lutando com a morte; achámos no mato cinco crianças que davam os ultimos suspiros, os caminhos eram povoados de cadaveres. E em uns bosques ouvimos os choros de um menino que nos servira de guia para o encontrar, era criança de dez para doze mezes, núa e tremendo de frio. Carregamol-a duas leguas nos braços aquecendo-o com o nosso bafo, baptizamol-o debaixo de condição, até que dêmos com gente aquartellada; procurámos uma india para lhe dar de mamar, e não foi pequena maravilha de a achar a vista do embaraço que puzeram aquelles brutos a esta obra tão propria da humana compaixão.

« Havendo alguns indios inteiramente rendidos de cansaço se lhes tiraram os ferros a pedido nosso, e os tupys, não podendo nos reprimir sua maldade, lhes pegaram fogo e se algum fugia das chammas, estes perfidos tornavam a arrojal-os a ellas.

« Nem os mouros, nem os judeos, nem os hereges se portam com tanta insolencia, deshumanidade e tyrannia, nem os hollandezes quando tomaram a Bahia, usaram de rigores semelhantes, antes tratavam os vencidos com mais humanidade e brandura. » (Carta do padre Simão, inserta nos *Insignes Missioneros*, pag. 65.)

Se bem que os cabos do exercito portuguez fizessem tudo o que lhes era possivel para que o padre Simão não chegasse á costa do Brasil, onde havia de noticiar seus crueis e atrozes delictos commettidos contra as leis de Deus e dos reis; aportou sem embargo o zeloso missionario a S. Paulo, onde logo que chegaram os indios foram repartidos entre a povoação

que quasi toda era cumplice n'esse attentado, e occupados nas plantações e engenhos de assucar. Nem em S. Paulo, nem no Rio de Janeiro, nem na Bahia (que era capital do Brasil) omittiu o padre Mazeta industria, trabalho e diligencias para poder libertar seus pobres e caros freguezes, sendo o padre optimamente acolhido n'estas ultimas cidades aonde se dirigiu, gabando elle mesmo a distincta caridade e o amor fraterno dos portuguezes que primam entre todas as nações para agasalhar os seus hospedes, sem excepção de pessoas, de reinos e de provincias. O governador ou vice-rei da Bahia Diogo Luiz de Oliveira, despachou sem demora ao capitão fidalgo Francisco de Acosta Bazzios para juiz de residencia em S. Paulo e para executar o castigo, segundo o mandado d'el-rei D. Sebastião do anno de 1570 do theor seguinte: *Mando que d'aqui em diante se não use mais em ditas partes do Brasil dos modos que até agora se usou de fazer captivos os ditos gentios, nem que se possam captivar por modo nem maneira alguma.* Porém amotinaram-se os paulistas por causa da ordem do vice-rei, ameaçaram ao juiz, maltrataram ao padre Simão.

Alguns moradores, sem embargo, com palliada obediencia manifestaram os indios que lhes tinha tocado n'esta leva; mas os preveniam com ameaças, de maneira que cheios de medo, preferiam ficar em sua misera servidão. Com este e outros ardís, de quinze mil indios que tinham ido, só cincoenta foram restituidos ao padre Simão Mazeta, os quaes estavam descontentes por terem que apartar-se de suas mulheres e filhos que lhes tinham occultado.

Considerando o ministro de Deus ser-lhe impossivel conseguir por meios humanos a liberdade de seus freguezes, resignou-se á vontade do Senhor, e regressou a toda a pressa ao Guayrá, porque soube que estavam-se preparando outras tropas de mamelucos e tupys para renovarem sua expedição ás outras reducções.

Já tinham os paulistas com os tupys destruido não só dez numerosos povos no Guayrá, como tambem assolado algumas cidades povoadas de hespanhóes nas mesmas provincias, quando ao regresso do padre Simão Mazeta, julgaram os missionarios jesuitas que lhes era impossivel ficar ahi com os christãos que tinham, e considerando por outra parte que os selvagens d'aquellas paragens não queriam reduzir-se em razão de que os paulistas e tupys tinham-se apoderado mais facilmente dos indios convertidos nos povos e nas igrejas; determinaram ir a outra parte aonde estavam esperançados de recolher mais copioso fructo dos seus trabalhos religiosos. Em consequencia persuadiram aos christãos indios que só lhes restava fugir do perigo em que se achavam, e os apartaram d'ahi a umas duzentas leguas, conduzindo-os ás margens do rio Paraná no lugar em que as aguas d'este grande rio principiam a demandar e seguir para oeste, proximo aos povos principiados na costa do rio Uruguay para que unidos e formando um só corpo, podessem mais facilmente defender-se.

Transmigração, diz o mesmo Dr. Xarque, um tanto semelhante á de Moysés quando do Egypto levou para a Palestina o povo de Deus para livral-o da escravidão; e não menos trabalhosa, porque bem que essa nova transmigração fosse menos numerosa que a primeira pelas pessoas que chegaram ao termo da peregrinação. Aquella carecia dos recursos e riquezas que esta pôde tirar do Egypto. Aos indios faltaram tambem o maná e codornizes que todos os dias choviam abundantemente do céo sobre o campo dos israelitas.

Como se repetiam os avisos de que o esquadrão de paulistas e tupys, composto de oitocentos portuguezes e quatro mil tupys, se avizinhava dos povos do Guayrá, tornou-se de immediata necessidade a fuga em todos os povos da provincia, á vista do perigo inevitavel.

Muitos indios sentiam abandonar suas casas, seus bens,

seus trastes, o lugar do seu nascimento e da sua criação Entre a perturbação e o temor geral foi preciso que os jesuitas os fizessem partir á força para os arrancar ao imminente perigo. Nem assim mesmo se salvaram os indios de todos os povos, porque em alguns aconteceu que como na comitiva de emigrantes iam muitas crianças carregadas por seus pais, velhos, enfermos e meninos caminhavam de vagar, e foram alcançados pelos tupys e paulistas que a toda a pressa seguiam o seu rasto e que feriram e mataram como de costume aos resistentes e aprisionaram o restante da gente. Porém na maioria dos povos como na reducção de S. Paulo nas de Loreto e Santo Ignacio Mirí que se achavam então nas margens do Paraná-pane, tinha-se effectuado a retirada dos indios christãos quando alguns dias depois chegaram aos ditos povos furiosos e raivosos os paulistas. Depois de muitos trabalhos e perigos por caminhos asperos, atravessando rios caudalosos, e depois de varios successos, chegaram os emigrantes ao Salto ou antes ás cataratas do rio Paraná, chamado *Salto de Guayrá*, cujas caudalosas correntes de duas mil e cem braças reduzindo-se de repente á estreitura de trinta braças e arrojando-se em uma profundidade de oitenta palmos e continuando no espaço de trinta e tres leguas seus saltos, com violencia de precipicio em precipicio, levantando poeiras d'agua, compondo os mais graciosos iris, fazem um rumor ruidoso que se ouve na distancia de oito leguas. Para evitar o perigo pela violencia com que a correnteza e golpes das aguas arrebatam, foi mister que a caravana fizesse este trajecto por serros altissimos e numerosos despenhadeiros, durante o qual se lhe acabaram os viveres. O mantimento para essa multidão era carregado ás costas, e como muitas pessoas tinham outra carga, como as indias que carregavam seus filhos pequenos, os moços aos velhos, enfermos e invalidos, não se tinha levado sustento para muito tempo. N'esta urgente necessidade

muitos se retiraram para os matos a procurar o debil sustento que mal se achava logo se concluia n'essas paragens estereis, a ponto de se verem obrigados a comer cobras e outros insectos asquerosos, pelo que muitos enfermaram e outros succumbiram.

E como acontecia que a gente se repartia, se ocultavam alguns morrendo sem soccorros e sem serem sepultados, em cujos corpos deram as feras que ahi existiam numerosas e que cevadas na carne humana atacavam aos vivos quando não encontravam mortos, e fizeram crueis estragos. Muitas indias tambem com tantos trabalhos e adversidades, adiantaram o tempo da sua gravidez e se desembaraçaram antes do tempo. Em todas estas funestas conjecturas se achava o padre Mazeta que acudia com forças quasi sobrenaturaes ás necessidades espirituaes dos indios.

Parecia imminente para todos a perda da existencia, mas o resignado sacerdote que adorava os secretos juizos de Deus, qual outro Moysés no deserto, dirigiu fervorosas preces ao Altissimo, implorando com piedosas lagrimas remedio para aquella afflicta nação. Pouco depois da oração do ministro de Deus, divisou nas aguas do Paraná uma canôa grande que descendo o rio se aproximava á costa sem leme, nem piloto. Receberam o padre e os indios esta embarcação como um presente milagroso de Deus para os salvar, e sem dilação se embarcaram accrescentando balsas á canôa. Infelizmente como a gente era muita, e as embarcações poucas e pouco seguras, a cada passo com o demasiado lastro e peso, se iam a pique, mas por especial disposição da Providencia Divina nem uma só vida se perdeu.

Outras provas lhes tinham sido reservadas. Quando elles se viram fóra do alcance dos paulistas e tupys, os vizinhos das cidades de Guayrá e Villa Rica julgando esta occasião opportuna para boa presa, os acommettiam pelos caminhos

e montes quando divididos procuravam algum sustento, e d'esta maneira captivaram mais de duas mil pessoas das reducções do Guayrá em tempo de sua transmigração. Emfim quando chegaram ao lugar escolhido, em Loreto e Santo Ignacio Mirí, encontraram ahi grande quantidade de vacas que por cuidado dos jesuitas que já tinham fundado alguns povos n'estas paragens tinham sido conduzidas para o sustento quotidiano dos indios e de suas familias. Mas como elles tinham muito padecido de fome, comeram demasiado para saciar-se, e estes manjares á que não estavam acostumados, lhes occasionaram uma peste de diarrhéa de sangue, tão sem remedio, que falleciam mais de quarenta pessoas por dia. Durou este flagello até que amadureceram as plantações, que muito por anticipação tinham feito semear os jesuitas, e com a salubridade d'esta abundante colheita restabeleceu-se a saude nos emigrados que em numero de doze mil, como temos dito ao principio deste capitulo, principiaram em 1631, a fazer casas, formar outros povos e levantar igrejas nas margens dos rios Paraná e Uruguay debaixo da direcção immediata dos jesuitas, como se vai explicar no capitulo seguinte.

CAPITULO VII.

POVOS DE INSTITUIÇÃO HESPANHOLA E REDUCÇÕES DE INSTITUIÇÃO PURAMENTE JESUITICA QUE FORMARAM A REPUBLICA CHRISTÃ DOS JESUITAS DO PARAGUAY.

Depois de terem reorganisado e tomado a direcção do povo de Loreto, como temos visto no capitulo 3° e de ter acontecido o mesmo no povo vizinho de Santo Ignacio-Miri, os jesuitas Cataldino e Mazeta tiveram a primeira idéa de estabelecer a republica jesuitica de christãos indios, para cujo

fim solicitaram d'el-rei de Hespanha auctorisação de estabelecerem reducções propriamente jesuiticas. El-rei D. Filippe III no anno de 1605 mandou despachar uma real cedula, em a qual manda sua magestade ao general Hernando Saavedra, governador do Rio da Prata, que sem dilação alguma despachasse ministros de conhecida virtude, talento e zelo para a conversão das provincias de Guayrá, tomando das rendas e cofres reaes, quanto fosse necessario para seus preparativos, não consentindo que os indigenas fossem reduzidos com violencia, nem com os rigores da guerra, mas sim com suavidade e benignidade christã. O governador obedecendo ás ordens d'el-rei, encarregou d'esta tarefa, ao provincial dos jesuitas, que como já vimos com seis companheiros tinha feito a sua entrada na provincia do Paraguay. Os jesuitas accedendo ás instancias que lhes eram feitas e valendo-se da occasião (proprias palavras do Dr. Xarque) não só tomaram a direcção das colonias hespanholas do Guayrá, como principiaram a levantar novas reducções propriamente da sua instituição. Quando chegaram os jesuitas com a emigração dos indios da provincia de Guayrá, em 1631, ao territorio encerrado entre os rios Paraná e Uruguay, além dos quatro povos de Loreto, Santo Ignacio-Miri, Santiago e Santa Maria de Fé de instituição dos governadores, mas que os jesuitas tinham e dirigiam como se fossem da sua propria instituição, existiam já alem do Paraná, entre os dois rios e aquem do Uruguay outros dez povos de instituição propriamente jesuitica, e que poderosamente contribuiram para a edificação de outras reducções e para accommodar os doze mil indios emigrados de Guayrá.

Estes dez povos eram: ao norte do Paraná: Santo Ignacio Guazú, principiado a 2 de Janeiro de 1610 pelo jesuita Marcel de Lorenzana e pelo padre secular Hernando Cueva; Itapua fundado em 1614, entre os rios Paraná e Uruguay;

Conceição fundado em 1620; Corpus em 1622; Santa Maria Maior em 1626; Japejú em 1626; Candelaria em 1627; S. Xavier em 1629; A Cruz em 1629; e na margem oriental do Uruguay, S. Nicoláo fundado em 1627.

No mesmo anno da chegada dos padres e dos indios de Guayrá em 1631, os jesuitas fundaram a reducção de S. Carlos. No anno seguinte 1632 fundaram quatro reducções, de Apostolos, S. Luiz, S. Miguel e S. Thomé.

No anno de 1633 fundaram tres reducções, Santa Anna, S. José, Martyres; e em 1634 a de S. Cosme. E para pôrmos de uma vez debaixo de um só golpe de vista todas as reducções jesuiticas, accrescentaremos que em 1685 fundaram o povo de Jesus sobre a margem direita do Paraná.

No anno de 1690 fundaram S. Borja, colonia de S. Thomé; e em 1691 S. Lourenço, colonia de Santa Maria Mayor; ambos estes povos na margem oriental do Uruguay.

Em 1698 fundaram S. João, colonia de S. Miguel, tambem na mesma costa oriental. No mesmo anno 1698 fundaram o povo de Santa Rosa, colonia de Santa Maria de Fé; e em 1706 Trindade, colonia de S. Carlos, ambas estas colonias sobre a margem occidental do Paraná. Em 1707, S. Angelo foi fundado por colonia da Conceição. Em fim nos annos 1746, 1749, e 1760 para reunir suas missões do Paraguay com as que a companhia de Jesus tinha na provincia de Chiquito, fundaram os jesuitas da provincia do Paraguay ao norte do rio Tebiquary no alto Paraguay as tres reducções de S. Joaquim, S. Estanisláo e Belém.

Sendo assim o total dos povos governados pelos jesuitas na provincia da companhia de Jesus do Paraguay trinta e tres povos, dos quaes quatro de instituição hespanhola e vinte e nove de instituição puramente jesuitica. Estas trinta e tres reducções ou povos formaram a muito celebrada republica christã dos jesuitas do Paraguay.

CAPITULO VIII.

TRABALHOS DOS JESUITAS PARA FUNDAR SUAS PRIMEIRAS REDUCÇÕES, E MEIOS QUE ADOPTARAM PARA AS CONSERVAR.

Os guaranís e outras nações indiaticas que entraram na formação das reducções jesuiticas eram selvagens que nunca tinham dobrado a cabeça perante nenhum principe, e sem que nenhuma republica os tivesse sujeitado ás suas leis. Sómente vivia junto a gente de uma familia, que obedecia ao parente maior, ou o seu primeiro filho ou parente mais chegado. Os orphãos e os que não se achavam com forças para resistir a seus inimigos acclamavam ao mais valente para seu cacique ou *capitão*. Poucas vezes excedia de cem o numero das familias que prestavam obediencia a um cacique. Os caciques eram independentes uns dos outros. Cada cacique governava seus vassallos, não com auctoridade de um superior mas com a de um pai, que os reunia á sua mesa sem salario, e os hospedava em seu rancho ou nos seus contornos e os amparava como filhos.

Nada semeavam estes selvagens para sustentar-se, e menos civilisados que as formigas não faziam provisão alguma para o inverno, gastando cada dia tudo quanto tinham. Commummente todos os tres mezes faziam mudar de territorio a seus vassallos, procurando para elles um lugar abundante em raizes, hervas, fructas silvestres, caça, pesca, e que nunca tinha outro cultivo que o da natureza, provida com mais abundancia n'estas regiões do que em muitos paizes do mundo. Estas nações ou hordas selvagens algumas das quaes (mas poucas) eram anthropophagas e estavam em continuas guerras entre si, já para se captivarem mutuamente, já para se caçarem como animaes ferozes, já para se vingarem de alguma injuria ou derrota, já finalmente para se disputarem um territorio abundante de productos, de caça e de pesca.

Com immensas difficuldades tiveram que luctar os illustrados e zelosos padres da companhia de Jesus para fixarem em povoações semelhantes barbaros, dar principio á sua republica, e procurar n'aquelles desertos com que satisfazer os estomagos vorazes dos selvagens. E' verdade que nas cidades e povos dos hespanhoes tinham os jesuitas alguns principios de collegios, mas que carecendo de estabelecimentos não lhes fornecia o sustento, sendo obrigados os jesuitas ahi residentes a alimentar-se de esmolas; as quaes esmolas os hesponhóes do Paraguay recusaram aos jesuitas, logo que viram o amparo e protecção que estes concediam aos indios. Viram-se em consequencia os jesuitas em tal estado de penuria que tiveram de mandar pedir esmolas ao Chile e ao Perú para poderem subsistir e lançar os fundamentos das primeiras reducções de que temos fallado no capitulo precedente.

Os apostolos de Jesus Christo prégando a nossa santa religião fallavam ordinariamente nas tres partes do velho mundo, a homens já civilisados, intelligentes moradores em povos, cidades, provincias, republicas, reinos e imperios mais ou menos adiantados em polidez, em agricultura e sciencias: As vezes mesmo fallavam perante senados de sabios doutores. Bastava-lhes para introduzir a fé de Christo, applicar-se logo ao ministerio apostolico da prégação provando com razões e argumentos a verdade e divindade da religião de Jesus Christo, segundo o sublime dito de S. Paulo: *fides ex auditu:* a fé entra pelos ouvidos. Mas os missionarios jesuitas do Paraguay tiveram que vencer uma grande difficuldade antes de fazer penetrar a fé pelos ouvidos dos selvagens do Paraná e do Uruguay. Foi preciso predispôr os ouvidos dos indios a se abrirem para deixar-se penetrar pela fé, que os missionarios, segundo a expressão do Dr. Xarque, segurassem com um anzol a boca d'estes barbaros. Era impossivel resolver esta classe de gente a ouvir a prégação evangelica se não os tivessem attrahido com

meios materiaes mais perceptiveis pelos seus sentidos, entre os quaes o mais efficaz para elles era o *manjar*. Se quereis ver-nos quietos e gostosos, diziam os indios nos principios de sua reducção aos missionarios, dai-nos muito que comer, porque nós a maneira de *bestas* estamos sempre comendo. « Não somos como vós que comeis pouco e a hora determinada » (até agora os indios confundidos entre nós não tem horas fixas para comer).

O primeiro cuidado dos missionarios jesuitas para a conversão e reducção dos selvagens, foi em consequencia de occupar-se de ministerios temporaes; como praticava S. Paulo: *Ad ea, quæ mihi opus erant, et his qui mecum sunt, ministra verunt manus istæ;* entregar-se a todos os officios braçaes para accommodar os infieis, agradar-lhes com a abundancia do sustento e pelas conveniencias que lhes proporcionavam, attrahil-os ao gremio da igreja. Fizeram-se os caritativos missionarios lavradores, derrubando com o machado na mão porções de mato para poder semear. Outros com arados de páu, por faltarem ferros mesmo para fabricar os arados, e lavravam o terreno. Mesmo lhes aconteceu principiarem a semear em umas covas feitas com um páu, em quanto não apparecia alguma pequena enchada que supprisse a falta de animaes domesticos para puxar o arado. Ao mesmo tempo outros cortavam e tiravam do mato as madeiras necessarias para a fundação de uma povoação de uma, duas, e mais mil pessoas, que ao principio se construiam de páus e canas enlaçadas.

Assim os jesuitas nascidos e criados com todas as commodidades da vida na Europa, educados com esmero, homens cheios de saber, se transformavam voluntariamente em lavradores, lenhadores, carreteiros, peões e exerciam todos os officios braçaes com summo afan e empenho, para que os infieis, que muitas vezes os presenciavam cançados e cobertos

de suor sem se dignar-lhes dar a mão sendo elles robustos, se affeiçoassem a estes trabalhos e os aprendessem. Logo que as plantações estavam maduras ficavam as reducções abastecidas. Mas durante o primeiro anno em que os indios ainda não sabiam trabalhar, passavam os jesuitas trabalhos immensos e inauditos para plantar, levantar casas e sobre tudo procurar o sustento para tanta gente.

Deus abençoou os trabalhos d'estes varões illustres. *Honestavit illum laboribus, et complevit labores illius*, pois que poucos annos depois a republica jesuitica do Paraguay possuia numerosos povos, comparaveis aos estados europeos cheios de abundancia e com todas as commodidades da vida.

Mas o conservar esta abundancia nos povos, costumava custar aos fundadores d'aquella nova republica quasi tanto desvelo como sua primeira erecção. O genio indolente dos indios, sua pouca previdencia e capacidade lhe faz perder o cuidado de attender ás cousas mesmo para elles convenientes e summamente importantes e das quaes ás vezes depende sua existencia.

Por isso os jesuitas directores de um povo qualquer que fosse o numero de seus habitantes, necessitavam ter tanta solicitude com cada um d'elles, como se cada um d'esses indios que elles graciosamente chamavam: *meninos com barba*, fossem seus proprios filhos ainda privados do uso da razão. Se não fosse o medo do castigo, os indios não seriam capazes de plantar para seu necessario alimento; por isso todos os annos se dava a cada familia um terreno sufficiente para seu sustento e sementes para o plantar, porque nem mesmo as sementes elles cuidam de conservar. Se o padre que d'elles cuida não os obrigasse a entregar-lhe no tempo da colheita as sementes necessarias de todos os fructos para uma nova plantação, ter-se-iam perdido as sementes em todo o povo. A cada familia de indios se emprestam os bois necessarios para lavrar que ás

vezes deixam alguns dias presos ao jugo da preguiça de os soltar e procurar depois, e tem havido indios tão torpes ao ponto de matarem estes mesmos bois, sem dar outra desculpa do que allegar que estavam com fome. Os padres cuidam summamemte dos trabalhos dos indios para que semêem, cuidem e conservem o de que precisam durante o anno, e castigam os omissos segundo merece o descuido. Com tudo isso pelo meio do anno a muitos falta o sustento, por sua divida no trabalho, ou descuido em conservar seus productos ou emfim por sua prodigalidade.

Para occorrer á penuria que d'isso poderia resultar, estabeleceu-se em cada povo, mandar-se fazer grandes plantações de todas as plantas e fructos cultivados, para o que se escolhem as melhores terras mais proximas ao povo, e os indios que são mais diligentes e que tem maior aptidão para cada uma d'estas lavouras. Os productos d'estas grandes lavouras se recolhem em armazens bem accommodados, e segundo as necessidades se repartem como esmola e gratuitamente a todos. Em fim não podendo conseguir proveito nenhum do trabalho particular dos indios, os jesuitas deixaram-se de os fazer trabalhar em lavouras privadas e occuparam toda a gente do povo nas grandes lavouras e estabelecimentos da communidade.

Tendo os primeiros missionarios levado do Paraguay para as reducções algumas cabeças de gado vaccum e cavallar, haviam multiplicado mais, segundo a expressão do Dr. Xarque, do que as ovelhas pintadas de Jacob; e determinaram os padres que cada povo cuidasse de alguns estabelecimentos de creação de gado; augmentou este ramo a tal ponto que os numerosos campos de ambas as margens do rio Uruguay se achavam cobertos de gados, sufficientes para abastecer todos os povos, além dos animaes cavallares mais que sufficientes para todos os serviços.

Nem todas as reducções recolhiam os mesmos fructos ou igual abundancia, ou por causa da adversidade das terras, ou porque os administradores se inclinavam mais para qualquer ramo de producção. Assim umas reducções abundavam de trigo, carneiros, vaccas, cavallos, mulas, etc., e outras sabresahiam em colheitas de algodão, anil, canna de assucar, mel de páu, cera, etc. Elles permutavam entre si os productos (nos povos não existia o uso de vender por dinheiro) cedendo um povo as sobras de um artigo a outro povo que d'elle necessitava, e recebendo o valor em qualquer outro producto de que carecia. Padecendo qualquer dos povos jesuiticos qualquer carestia, que ordinariamente provinha da secca, ou outros accidentes que custam o suor do lavrador mais solicito, ou de alguma epidemia, os demais povos o soccorriam gratuitamente em tudo quanto podiam.

D'esta communhão de bens entre todos os povos e entre os habitantes de cada povo entre si, resultava vestindo todos, sem excepção alguma da mesma maneira e tendo igual sustento, onde ninguem guardava o que lhe sobrava, e em que cada um era servido em suas precisões, não havendo pobre nem rico, resultou uma christandade, vivo retrato da primitiva igreja. Era a republica christã dos jesuitas do Paraguay.

Com semelhante abundancia e proporção, os jesuitas poderam logo ensinar quasi todos os officios a seus neophytos, como o fizeram para renovar as construcções dos povos com pedras lavradas e materiaes mais solidos, edificar e decorar os magestosos templos de que teremos occasião de fallar.

CAPITULO IX.

MEIOS EMPREGADOS PELOS JESUITAS PARA ATTRAHIR OS SELVAGENS ÁS REDUCÇÕES E AO CHRISTIANISMO. — CARTA CURIOSA ESCRIPTA EM 1683 DO POVO DE S. THOMÉ PELO REVERENDO PADRE FRANCISCO GARCIA.

Varias são as opiniões dos auctores que trataram d'esta materia pelo que diz respeito aos meios empregados pelos jesuitas para reduzir os indios que formaram os primeiros povos jesuiticos, que em numero de dezenove foram pelos padres da companhia fundados no curto espaço de vinte quatro a vinte cinco annos, em quanto ao depois no espaço de cento e trinta e tres annos que correram de 1634 até o anno da sua expulsão em 1768 fundaram unicamente dez povos, dos quaes seis foram formados não de indios selvagens mas de indios submettidos em os povos já existentes e que, como colonos, foram organizar e povoar seis novas reducções. Os jesuitas escreveram, que os unicos meios por elles empregados, foram unicamente a persuasão e a prégação evangelica. Seus adversarios avançaram o contrario. Os auctores que se chamaram imparciaes, sem inclinar-se aos dois partidos contrarios não deixaram de dar a perceber a sua opinião, que apoiava a serie dos factos e acontecimentos.

Não póde haver duvida que muitos elogios merece a conducta dos primeiros jesuitas que pisaram o solo americano, e pela pratica de todas as virtudes foram, durante o primeiro periodo de sua vinda no Paraguay, atraz dos selvagens para os reduzir á fé e á civilisação.

Dão a entender todos os auctores amigos ou inimigos dos jesuitas, que a causa que contribuiu para augmentar consideravelmente o numero de seus neophytos, foi a guerra que os mamelucos do Brasil, ajudados dos tupys, faziam ás tribus

indias e ás colonias hespanholas do Paraná. Dão a entender os mesmos jesuitas em seus escriptos, que o máo trato que os hespanhóes davam aos indios das suas commendas, e as guerras incessantes entre as tribus selvagens lhe subministrou innumeros neophytos. Parece-me pois fóra de duvida o que assevera Azara, que os jesuitas que tinham muita habilidade e eram dotados de muita prudencia e de varias excellentes qualidades, superiores sobre tudo em delicadeza e brandura aos primeiros conquistadores hespanhóes, aproveitaram o terror panico de indios perseguidos pelos paulistas, tupys e mais selvagens e pelos mesmos hespanhóes, e aproveitaram a facilidade que lhes offerecia o desanimo de uma nação expatriada, para no espaço de vinte cinco annos fundarem e povoarem dezenove povos.

Vamos a ver agora os meios empregados pelos jesuitas para submetter os selvagens, depois do estabelecimento dos ditos dezenove povos. N'esta narração me cingirei quasi unicamente aos escriptos dos mesmos jesuitas, excepto para a fundação dos tres ultimos, para a qual invocarei o testemunho de Azara.

Em fins do seculo dezesete, os missionarios da companhia de Jesus da provincia do Paraguay julgando que era impossivel a conversão dos infieis vizinhos das suas reducções e das colonias hespanholas, por estarem os ditos infieis escandalizados da conducta dos hespanhóes e seduzidos por apostolos que ordinariamente fugiam das colonias hespanholas, resolveram ao exemplo de S. Paulo, que deixou de prégar aos judios para ir converter os gentios, e abandonar os indios infieis vizinhos das suas reducções e colonias hespanholas para emprehender a conversão de infieis que moravam a muitos centenares de leguas nas provincias de Buenos Ayres, Tucuman e na margem oriental do Uruguay, vizinhos ás suas reducções; e os meios que empregaram para attrahir os selvagens foram os seguintes:

1.° meio —Comprar indios. As nações selvavens estavam

entre si em continua guerra em que captivavam seus inimigos.

Não tendo meios de conservar presos os inimigos adultos, os matavam, os assavam, segundo asseguram os mesmos jesuitas faziam festins até se embriagarem, bebendo nos craneos de seus prisioneiros, de cujos ossos faziam pontas para suas frechas, mas conservavam as mulheres e os filhos pequenos dos vencidos em rigoroso captiveiro. Chegando depois os vencedores ás reducções jesuiticas (a mais proxima á sua rancheria) tratavam de commerciar, pedindo tabaco, milho, trigo, algodão e outros productos. O corregedor avisado de antemão pelo padre jesuita cura do povo, lhes pedia em pagamento alguns escravos, e concluindo-se ordinariamente o contracto, resgatava-se uma porção de meninos da escravidão para conseguir a liberdade dos filhos de Deus, porque immediatamente os jesuitas os accommodavam optimamente nas melhores casas do povo.

2.° meio. — Enviar caciques por entre os infieis. Usavam os missionarios de enviar para reduzir aos selvagens, alguns dos caciques ou indios mais capazes, mais zelosos e mais exemplares.

Houve em S. Thomé um cacique chamado Francisco Arazay que sahia todos os annos, em mezes convenientes, escoltado dos indios mais valorosos seus subditos, para que lhe tivessem respeito, sem que elle perigasse, o qual convenceu bom numero de selvagens a reduzirem-se nos povos jesuiticos.

Ia elle com alimentos sufficientes e os padres lhe entregavam alguns dos generos que mais apeteciam os selvagens, e devidamente ensinado procurava logo os lugares onde se sabia existiam gentios. Encontrando-os lhes fazia festejos e regalos, assegurava-lhes que ia ter com elles unicamente com tenções pacificas e com desejos de lhes fazer saber a fe-

licidade de que gozavam nos povos, onde nada lhes fatal pela vida temporal emquanto asseguram sua dita eterna, onde não receiam inimigos que lhes roubem suas familias, lhes tirem o sustento que Deus lhes envia quasi sem trabalho corporal, como elles selvagens tem que procurar dispersos pelos campos, bosques e rios, expostos ás aguas, tempestades, sol, mosquitos, véspas, viboras, tigres e jacarés, que lhes causam tantos damnos e mortes; que tem em suas reducções uns ministros de Deus, mui differentes dos outros hespanhóes, pois que livres de todo o interesse só cuidam que não falte conveniencia nenhuma aos indios, mesmo que seja preciso para isso privar-se da propria comida, dar o seu vestuario, passar noites inteiras sem dormir, expôr-se aos maiores perigos e perder a propria vida, como muitos a tem perdido; sendo certo que elles nos querem mais do que nós queremos ás nossas familias e que são mais verdadeiramente nossos pais de que nós o somos dos nossos filhos: e confirmam estes seus e outros discursos pelo testemunho de seus companheiros e sobretudo com os presentes que levam, que abrandam os corações de muitos infieis em todas as viagens que fazem os ditos caciques.

3.° meio.—Viagens ou carreiras dos jesuitas nos paizes dos infieis. N'essas viagens os primeiros missionarios jesuitas encontraram com effeito summas difficuldades e grandes perigos a ponto de serem alguns d'elles victimas do seu zelo; porém no tempo em que fallo tinham-se facilitado muito essas empresas; porque dispõe os superiores jesuitas enviando missionarios para reduzir infieis (em fins do seculo 17) que elles levem escolta de indios christãos com suas armas, sufficientes para que os respeitem os infieis, e tenham maior idéa da auctoridade dos padres e não se atrevam a atacal-os. Os barbaros já estão informados que nunca os padres lhes causam damnos nem tão pouco os seus neophytos senão para

justa defesa. Portanto mesmo que os vejam superiores em numero, quando reconhecem que são indios das reducções perdem todo o medo, e se vêem o padre adiante, abandonam as armas, e o cacique principal desarmado se adianta para beijar a mão do padre, cumprimentando-o por sua chegada e perguntando-lhe o motivo da sua entrada nas terras do seu dominio. Então o padre por si ou por seu interprete lhe agradace a cortezia e humano trato, louva seu valor, e o de seus soldados, de cuja fama está cheia a terra inteira; e que só para o ver emprehendeu tão larga peregrinação, e com outros cumprimentos d'este genero, põe tão inchado ao barbaro como se fosse o maior triumphador que nos tempos antigos entrasse em Roma. O padre faz um pequeno presente ao cacique e assim consegue sua affeição. Este lhe apresenta sua familia, seus amigos, e o ministro de Deus que se estabelece perto do alojamento do cacique, póde examinar as disposições de todos. De ordinario o cacique principal com toda sua gente se deixa reduzir pelo padre, mas se o cacique não abre os ouvidos ás vozes do céo, as ouvem varios de seus vassallos e captivos. Acontece as vezes que o medo dos caciques, dos magos ou *feiticeiros* impede toda uma nação a receber a luz do christianismo, mas como o padre leva soldados para os ampararem, estes protegem a todos quantos n'estas carreiras se aggregam aos padres; e se aquelles que se aggregam ao padre são bastante numerosos para formar um povo, se funda immediatamente uma nova reducção em sitio commodo para conservar os primeiros povoadores e para attrahir novos que a augmentem. Quando são pouco numerosos os individuos que recebem as prégações dos padres, os aggregam á alguma das reducções ja fundadas. E adverte o Dr. Xarque, de quem extrahimos estes promenores, que na comarca de Missões é mui facil fundar novas reducções, porque todas as já fundadas concorrem com

os recursos temporaes, dando-lhes gratuitamente o sustento necessario até que suas colheitas lhes possam supprir, enviando-lhes ao mesmo tempo lavradores e officiaes de todos os officios, de maneira a poder em mui poucos annos ser a nova reducçao tão adiantada como as antigas.

Azara em seu capitulo 13.º narra de uma maneira bem differente da que escreveram os jesuitas, os meios com que os mesmos jesuitas formaram, pelos meados do seculo 18, as reducções de S. Joaquim, S. Estanisláo e Belem no Alto Paraguay, e assegura este auctor ter sabido do caso por muitas testemunhas que foram auctores. Assim, em resumo, querendo os jesuitas reunir as suas reducções do Paraguay com as de Chiquito e sabendo que nas margens de Tarumã existiam diversos guaranis selvagens, para alli mandaram seus presentes por indios que fallavam a mesma lingua e que lhes dirigiram os discursos que podem se suppôr pelo que acabo de escrever. Recebidos os presentes que consistiam pela maior parte em rezes, disseram os commissionados que quem lhes enviava estes presentes era um jesuita que solicitava a graça de ir ao lugar com maiores presentes. Foi o jesuita com as vaccas e com uma *escolta grande de indios experimentados*. Os selvagens pediram mais vaccas, mandou o jesuita vir mais vaccas, mas ao mesmo tempo vieram *mais indios reduzidos*. e no meio das festas e musicas, quando o padre viu que a sua gente era superior em força á dos selvagens, mandou cercar a estes, intimou-lhes com brandura a obrigação que elles e suas mulheres tinham de trabalhar para poderem viver e vestir-se. Ficaram alguns descontentes, mas como viram a superioridade da comitiva do padre, callaram-se, e assim se formou a reducção de S. Joaquim, assim como a de S. Estanisláo. Fizeram ainda peior os jesuitas; tendo medo que se rebellassem os indios d'essas duas reducções, os fizeram repartir pelas reducções jesuiticas do Paraná. Em-

quanto á reducção de Belem aconteceu o seguinte: querendo por força os jesuitas estabelecer uma communicação entre suas reducções do Paraguay e as da provincia de Chiquito, tentaram o ultimo esforço. Os mbayás estavam de posse do terreno que os jesuitas necessitavam alem das reducções de S. Joaquim e de Santo Estanisláo; e como os jesuitas não tivessem força para os desalojar, usaram de perfidia para com elles, indicando-lhes, depois de lhes ter enviado presentes varias vezes, de que os christãos de Chiquitos queriam se r com elles. E indo os mbayás com os jesuitas para tra- l'esta alliança em Chiquitos, alli foram presos e ficaram sioneiros até a expulsão dos jesuitas.

Estando a concluir este capitulo acho curioso e interessante erir n'elle a carta do padre Francisco Garcia, escripta de Thomé em 10 de Dezembro de 1863, na qual trata por tenso das corridas dos padres jesuitas nas terras dos selva- as infieis pelas vizinhanças das reducções ao Oriente do rio uruguay na actual provincia do Rio Grande do Sul, dando conta ao padre provincial seu superior.

« N'esta darei noticia á V. R. do que me succedeu na terra dos guanoás da qual cheguei á este povo de S. Thomé á 23 de Outubro, tendo sahido á 17 de Setembro, dia do dulcissimo nome de Maria Santissima Nossa Senhora. No dia de tão doce nome me quiz essa soberana Senhora consolar dando-me esperança de que teria bom fim minha missão, porque de tarde encontrei tres infieis que precediam a outros cinco que vinham conduzindo vaccas para vendel-as n'este povo como costumam fazer. Alegraram-se muito ao ver-me, e maior consolação tive eu em encontral-os, pela esperança que Deus me deu de que seria bem succedido em minha viagem, pois que desde meus primeiros passos se me apresentava o que eu procurava.

Voltaram atraz comigo tanto os tres primeiros como os

cinco que levavam as vaccas e que encontrámos no dia seguinte. Caminhámos juntos quatro dias durante os quaes estes infieis presenciaram o trabalho que tinham os christãos que iam comigo carregando ás costas, na passagem dos rios, o mantimento, altar portatil, barraca e o demais necessario para ganhar os infieis: um d'elles então de nação cloyá compadecido disse-me que queria ir adiante para procurar trazer os seus companheiros e que eu ficasse com minha gente n'um posto, de nome *Sacangi*. Sua determinação me satisfez e em agradecimento lhe entreguei o que eu levava para os infieis, e lhe pedi que como chefe d'elles m'os trouxesse. Enviei com elle o capitão da minha escolta Gaspar Guayuri que levou comsigo alguns soldados. Ficou o cloyá de avisar-me dentro de tres dias, precedendo aos seus que suppunha veriam todos e que se achavam mui perto. Esperei sete dias, e não vendo chegar a ninguem, entrei a suspeitar que lhes teria acontecido algum desastre. Os infieis que tinha ficado comigo, disseram-me que se admiravam que seus companheiros se demorassem tanto, e que poderia ter acontecido que os barbaros yarós seus inimigos que sabiam, tinham passado o Uruguay, os tivessem encontrado e se tivessem apoderado d'elles.

Immediatamente enviei os ditos infieis com dois indios christãos para irem indagar o que tinha succedido.

Quiz Deus que ao outro dia de manhã encontrassem com dois dos christãos que tinham ido com o chefe gentio, enviados por elle para me dizer que os infieis estavam muito mais distantes do que me tinham dito ao principio, que entre elles havia muitos enfermos pela mór parte crianças, das quaes já tinham morrido duas sem baptismo. Por isso me pediam, como affirmavam dois caciques que tinham chegado para me visitar, que fosse depressa para baptizar estes enfermos. Parti voando pela manhã e depois de dois dias de

caminho quiz o Senhor que eu os encontrasse em suas esteiras, recebendo-me com muita alegria, no dia dos gloriosos anjos. Os musicos que eu levava cantaram a ladainha de Nossa Senhora, bem que já fosse noite, a que assistiram os gentios, que disseram ter gostado muito desse canto.

« Conversei com elles, reparti por todos tabaco em folha e herva do Paraguay, generos da sua maior estimação: disse-lhes que tinha chegado a esse ponto por causa dos seus enfermos, e que tinha deixado atraz meus companheiros e alojamento onde os esperava, e que se para lá fossem lhes faria presentes como desejava conforme o amor que lhes tinha.

« N'aquella noite baptizei uma criança que no dia seguinte voou ao céu, com grande contentamento da minha alma vendo este fructo do meu trabalho, se bem que ninguem se tivesse convertido.

« Deferi de lhes declarar o fim principal de minha entrada em suas terras, esperando que elles fossem a meu rancho, onde agasalhando-os, minhas razões seriam mais attendidas. Porém como conhecesse que não gostavam de ir comigo, querendo pelo contrario que eu me fosse embora, para elles irem em busca dos xarós e vingar das hostilidades e mortes que lhes tinham feito estes inimigos, reuni de noite os caciques aos quaes patenteei o intento da minha empresa, dizendo: Que os portuguezes situados em S. Gabriel (colonia do Sacramento) estavam perto de suas terras e que encontrando-os espalhados podiam prendel-os. A isso responderam dois feiticeiros (Magos, provavelmente sacerdotes dos infieis) que fariam cahir trovões e raios, e promoveriam taes tempestades que as aguas dos rios haviam de trasbordar, e que incendiariam os campos, para os pôr a salvo dos seus inimigos, etc. Repliquei-lhes o que foi sufficiente para os fazer calar. Os caciques levantaram-se então agradeceram-me o trabalho que eu tinha tomado de ir ás suas terras por amor

d'elles, e me offereceram de presente cinco filhos seus com os quaes no dia seguinte eu podia regressar, porque elles tinham que procurar os yarós seus inimigos. Ouvindo sua determinação disse-lhes que a cumpriria, bem que me pezasse de os deixar tão prompto, porque meu maior empenho era regalal-os, e livral-os de seus inimigos, receiando que Deus castigasse a obstinação com que desprezavam seus ministros. »

« No outro dia de manhã, festa de S. Francisco de Assis, celebrei missa para retirar-me com os cinco filhos dos caciques; mas o Senhor que tinha ali outros escolhidos, foi servido dispôr as cousas de outra maneira. Depois da missa lhes disse que visto me despedirem tão prompto ouvissem ao menos um pouco a palavra de Deus e lhes propuz os principaes mysterios da nossa fé. Ouviram a pratica com muita attenção, agradeceram-me accrescentando que criam que era verdade tudo quanto lhes tinha prégado e lhes tinha feito bem entender, por eu ter fallado na lingua d'elles. Fiz-lhes distribuição de herva, tabaco e outras ninharias e me despedi d'elles; mas no momento de partir, apesar de ter sido a noite e a manhã serenos, o céo desandou tão borrascosa tempestade que eu tive de recolher-me á minha barraca, onde se recolheram tambem alguns caciques, porque os outros infieis já se tinham retirado para suas esteiras. Aproveitei gostoso tão opportuna occasião para fallar sobre o tremendo juizo de Deus e sobre o inferno, cuja pintura bem que pobre eu levava em uma taboa que lhes mostrei e que os encheu de medo. Entrou n'esta circumstancia um feiticeiro que eu fiz sentar junto a mim, e comecei a ponderar-lhe a sorte que o esperava depois da sua morte se não se convertesse a Deus, etc, e que olhasse com attenção para o condemnado da pintura. Respondeu-me que tão grande era o horror que lhe causava este espetaculo, que não se atrevia

a olhal-o; que elle em outro tempo tinha morrido e que tinha visto o inferno da maneira retratada n'aquella taboa, e que n'aquelles lugares lhe tinham assegurado que mesmo que tornasse a morrer não havia de ficar n'esse fogo, que tornaria a resuscitar etc. Foi facil refutar estes disparates e o Senhor lhe fez confessar que era verdade o que eu prégava. Perguntou-me se acaso eu era Deus e propôz-me outras duvidas, a que facilmente respondi com satisfação. Tomando a palavra um cacique principal, disse que nunca tinha ouvido semelhantes cousas, sobre as quaes devia tornar a haver discursos, porque materias tão graves exigiam outra resolução, etc. Respondi que assim desejava eu, que não tinha chegado alli para voltar tão depressa como elles o tinham exigido, e que por isso o Deus do céo e da terra por amor d'elles e compadecido de suas miserias, me tinha feito ficar enviando esta tempestade inesperada. N'estas conferencias e discursos passei o dia, ora com uns, ora com outros fazendo-lhes grande impressão a todos o que viam e ouviam.

« De tarde, antes de anoitecer, se ajuntaram alguns caciques e eu continuei a explicar as doutrinas, que interrompeu um sobrinho do cacique principal, dizendo que nunca tinha ouvido essas cousas, e que não sabia como aquelles que já os tinham ouvido por duas vezes, que eu tinha ido á suas terras, não tratavam de cousas tão importantes e tomavam providencias para mudar de vida, e que apesar de ser esta a primeira vez que me ouvia, não podia já resistir mais.

« Alegrei-me infinitamente de vêr aquella alma tão tocada de Deus, e valendo-me da occasião lhes disse com nova energia : que, pois que o Senhor os movia d'esta maneira, era signal manifesto de que os queria para si, e que se não correspondiam á sua chamada, os entregaria a seus inimigos, fazendo-lhes experimentar proximamente o mesmo inferno de que ouviam fallar com tanto horror, e no qual admirados acre-

ditavam. Na mesma noite tornei a reunir os caciques para os regalar e lhes aconselhar de conferenciarem entre si sobre um negocio de tanta importancia para elles. Ficaram de fazer sua conferencia. No outro dia, estando eu occupado a dar graças a Deus depois da missa, me avisou um dos principaes, que tinham os chefes decretado que eu me demorasse alguns dias entre elles para melhor lhes explicar a doutrina do céo, de que desejavam instruir-se; e que mandasse eu buscar mais herva e tabaco no arranchamento aonde estava a minha gente; resolução que era conforme aos meus desejos, se bem que entendí que esses gentios gostavam mais da herva e do tabaco do que dos meus sermões, como o mostrou claramente o mesmo cacique, que unicamente apparecia no fim de minhas instrucções para ter parte nos regalos que eu lhes repartia. Durante oito dias lhes ensinei a todos de manhã e de tarde a doutrina em suas esteiras.

« Sem embargo todas as noites instruia com summo esmero ao cacique sobrinho do cacique principal, que como já narrei, tinha fallado com tanta persuasão; e era necessario fallar mui secretamente com elle, para que os outros não estorvassem sua conversão, como costumam fazer.

« Dentro de minha barraca lhe persuadia com poderosas razões, de resolver-se a deixar aquelle estado, e Nosso Senhor penetrava em sua alma, illustrando-o com mais luzes, dando-lhe cada dia ardentes desejos, como elle me dizia, de fórma que não podia mais dormir nem comer pela perturbação interior que lhe causavam as maravilhas de Deus que tinha ouvido. Reparava todavia no que seu tio o cacique principal e seus outros companheiros diriam. Empreguei todos os meios humanos e divinos; valí-me dos indios christãos nossos freguezes que offereciam as missas que ouviam, os rosarios e suas outras devoções, e fizemos a novena de nosso padroeiro S Xavier. Todos os padres missionarios instavam com Nosso

Senhor, em seus sacrificios, em suas orações e penitencias, e todos os povos rogavam aos céos com tantas instancias, que no de S. Thomé, repetiram os fieis continuamente as novenas de S. Francisco Xavier durante todo o tempo que gastei n'esta missão desde o dia em que partí até que regressei. Não podiam ser infructiferas orações tão gratas a Deus.

Tendo voltado os indios que eu tinha mandado buscar herva e tabaco que repartí pelos infieis, queriam estes que eu me fosse logo, promettendo irem á minha reducção logo que concluissem sua guerra, e que entretanto não deixariam de fallar a suas familias e vassallos sobre a doutrina de Deus, sem se olvidar do que eu lhes tinha ensinado. Como minhas esperanças no Senhor eram de fazer maior colheita do que os infieis pensavam, procurei demorar minha partida tres dias, durante os quaes o numero dos convertidos que era só de cinco subiu a dezeseis; sem contar o cacique sobrinho cuja conversão estava sempre occulta assim como a de muitos outros, mas que tinham receio de a fazer publica temendo encontrar obstaculos nos seus companheiros, mas tendo resolvido fugir d'elles quando podessem. Intentei obter licença dos caciques para que nenhum d'elles impedisse a conversão dos infieis que voluntariamente queriam ser christãos, por cujo motivo enviei muitas dadivas aos principaes, que me deram palavra de não os impedir; o que uns cumpriram e outros não. Entretanto o demonio, por meio de seus feiticeiros, fazia tudo o que podia para estorvar as conversões; e se bem que me fizesse perder alguns moços esperançosos não pôde conseguir tudo o que desejava.

« Em uma noite veio o cacique sobrinho fallar-me de sua determinação a minha barraca, que eu fiz fechar, temendo que acudissem os infieis e me impedissem de o instruir como convinha, e que se viessem a saber da sua conversão a poderiam impedir. Rodearam os infieis minha habitação por fóra,

e entre elles se achavam os cloyás, muito irritados de ver-me encerrado; entre elles um famoso feiticeiro, disse que haviam de me tirar os meninos, &c. Observou o cacique que estava comigo, que para não os irritar mais, não convinha que elle ficasse alli por mais tempo, e tendo-se retirado os infieis para suas esteiras, sahiu elle secretamente da minha habitação. Chamei então os cloyás, entraram dois que recebi com muito agrado, dizendo-lhes que eu me tinha encerrado para cumprir com minhas obrigações, para o que não me davam lugar de dia. Tirei alguma cousa de comer para lhes dar, e sendo necessario uma faca para cortar pão, o cloyá feiticeiro tirou uma grande faca que julgo tinha trazido para tirar-me a vida (em castigo de meus peccados fui privado de tão ditoso fim), e com isso se abrandaram. Perguntou-me o feiticeiro quanto lhe havia eu de dar por seu irmão, respondí-lhe que lhe daria o que elle quizesse, sem reparar no preço. Sahiram mui contentes. O tal irmão é um bom menino cuja conversão eu muito desejava, e considerando que os outros seus irmãos o haviam de perder se não o deixassem vir comigo, m'o deram.

« Concluido este negocio, fiz chamar o cacique principal para que me désse uma irmã com seu marido e tres ou quatro filhos que queriam vir comigo e de quem eu já tinha duas filhas que se tinham apresentado antes. Valí-me de um indio da mesma nação chamado José, bom christão, para lhe fazer esta proposição. Respondeu o chefe infiel que elle não tratava de impedir a conversão de ninguem, e o mesmo disseram os outros, e accrescentou um, que todos quantos quizessem podiam vir comigo, que isso até lhes convinha, para que se fizessem homens, que depois elles os procurariam para serem ensinados por elles mesmos. Muito lhes agradeci sua boa vontade e os tratei o melhor que pude. D'esta maneira passei a noite, sem que me deixassem uns e outros.

« Voltou no outro dia antes de amanhecer o cacique que eu ensinava occultamente, e me disse que tinha tomado sua resolução, e que só faltava fallar com seu tio, o superior dos caciques. Não deixei de ter algum receio de que este o impedisse de executar o seu projecto, se bem que elle me tinha optimamente tratado, tinha-se offerecido para me ajudar, e me tinha promettido não embaraçar a conversão de ninguem; mas eu tinha posto minha confiança em Deus, por cuja causa tanto trabalhava.

« N'aquelle dia de manhã escolhi o inferno para thema de minha prégação, mostrando-lhes a pintura dos supplicios dos condemnados que eu tinha.

« Perguntando eu aos reprobos as causas de seus tormentos, davam por minha boca as desculpas que os infieis alleam para deferir sua conversão. Foi extraordinario o effeito duzido, sobretudo nos caciques e no feiticeiro que ao principio me tinha proposto seus disparates, e que me perguntou com espanto: *Como Deus sendo tão misericordioso os tinha deixado tanto tempo na escuridão e trevas da infidelidade, permittindo que se condemnassem.* Respondi-lhe que os decretos de Deus não se podem penetrar, mas se devem venerar, que com justiça obrava Deus para com elles, pois tinham sido ingratos a seu Creador desprzsando-o todas as vezes que lhes tinha enviado missionarios para os ensinar aos quaes não tinham querido obedecer: e que já que agora lhes concedia luz e occasião para se converterem, não a desprezassem, etc. A' vista da emoção produzida por meus sermões, julguei que a colheita para o Senhor fosse maior. Grande numero se teria convertido se o demonio não tivesse semeado a zizania, por meio de um christão apostata ou mal convertido que chegando ahi, vindo de um povo de christões, narrou aos infieis tantas maldades dos catholicos, que quasi foram á vias de facto contra nós: foi necessaria a propria virtude de Deus para que

os que me tinham dado palavra da sua conversão não a retratassem.

« De tarde lhes fallei dos premios que os esperavam na outra vida se se convertessem a Deus, e dos castigos que os esperavam se não o fizessem. Agradecidos disseram-me que acreditavam todos os meus discursos e que de regresso da sua expedição bellica, se converteriam. De noite convoquei os caciques, com intenção de fazer-lhes presentes, para que não detivessem os que queriam ir comigo, mas antes de eu tomar a palavra, se pôz em pé um feiticeiro e me disse : *muita impressão teriamos, se agora fizesseis um milagre.* Ao que retorqui, que não seria difficultoso fazel-o se fosse necessario para que elles se convertessem ; mas que tendo-lhes Deus dado luzes sufficientes para conhecerem a verdade, não serviria o milagre senão para satisfazer sua curiosidade. Outros disparates continuava a propôr o tal feiticeiro, até que enfadado de o ouvir, um dos caciques o mandou calar e elle se retirou envergonhado e corrido.

« N'aquelle momento se me apresentou o cacique Cloyá pedindo-me o pagamento de seu irmãozinho. Eu lhe offereci pagamento igual ao que tinha dado para outros, porém elle não ficou satisfeito, e eu tive de dobrar o preço com que se foi; apenas tinha elle sahido quando entrou um irmão mais velho do dito cacique, mui enfadado contra elle, por ter-me exigido tão grande preço sem consultar com elle, que sendo mais velho devia-lhe dar conselhos, etc. Tratei de o apaziguar, dizendo-lhe, que tinha razão de queixar-se de que o cacique sendo seu irmão menor, não o tivesse consultado, mas que pelo que me tocava lhe perdoava, e com isso se satisfez e se retirou.

Quando todos estavam dormindo, chegou á minha barraca o cacique convertido, muito alegre, tendo obtido licença de seu tio que lhe disse o segueria depois; mas que o avisasse da

reducção como se dava com a vida christã. Com summo jubilo encarreguei-o de levar ao tio todos os presentes que lhe podia fazer. Disse-me o cacique sobrinho que eu partisse adiante e que elle me seguiria; e bem que eu sentisse d'elle não ir antes de mim, confiando em Deus, na manhã seguinte depois da missa despedi-me de todos, parti com minha gente e ao meio dia alcancei os dezeseis convertidos que me tinham precedido. Com elles achei um filho do Cloyá feiticeiro qual tinha fugido de seu pai. Recommendei-o a um indio ristão, e os fez caminhar adiante com mais pressa para que podesse o pai achal-o se o perseguisse, mas o christão se descuidou, porque tendo seguido atraz o pai, os alcançou e ou seu filho sem que eu tivesse aviso, porque se o tivesse ido não teria levado mesmo que me custasse a vida. Deixou o menino que se seu pai se descuidasse, elle havia de vir muitos outros que estavam dispostos á fugir d'aquelles estorvavam sua salvação. Caminhei até a noite muito to por ter perdido esta ovelha.

No outro dia de manhã despachei quatro christãos para procurarem obter noticias do cacique que devia acompanharme com sua familia, e com seu gado, recommendando-lhes de me avisar do que descobrissem. Tendo parado, depois de ter caminhado toda a manhã, tive noticia pelo meio dia de que os cavallos do cacique tinham cansado, que elles traziam uma criança doente, e que me mandava dizer que o esperasse, por cujo motivo foi-me forçoso caminhar de vagar para que elle me podesse alcançar. Mandei-lhe cavallos de refresco, de maneira que em poucas horas se juntou comigo, acompanhado de toda sua familia que constava de dezeseis pessoas: tres mulheres d'elle, sua mãi, um cunhado, filhos e sobrinhos, excellentes moços cuja vista me encheu de satisfação. Triumphou n'este cacique a graça de Deus contra as tentações do demonio que lhe fez cruel guerra por meio de seus parentes. Porém era

tão valoroso que se levantou a meia noite, e deixando bom numero de vaccas e cavallos que possuia se pôz n'aquella hora á cam nho para me seguir. Pediram-lhes dois dos principaes caciques com as lagrimas nos olhos que regressasse para suas terras onde elles ficavam como orphãos privados de um companheiro tão valente e tão amavel como elle, que possuia toda sua confiança. Acompanharam-o no decurso de quatro leguas dois caciques dos quaes um era feiticeiro, para detêl-o com rogos e lagrimas. Retorquiu-lhes que elles não tinham mais valor do que uma gallinha, porque quando elle se achava a frente dos inimigos ou prestes a cahir em suas mãos, elles fugiam e o deixavam só, e que quando elle como n'estas horas o fazia, queria libertar-se e procurar remedios para si e para elles o impediam; mas que debalde se cançavam, porque havia de cumprir a palavra que tinha dado ao ministro de Deus. Assim os despediu mui afflictos, sem que por isso deixassem outros de o acompanhar mais de dez leguas, redobrando seus ataques, que a não ser fortalecido o virtuoso cacique pelo Todo Poderoso o teriam vencido. A todas as instancias que lhe fizeram, respondeu o fervente neophyto, que tinha saboreado as prégações do ministro de Deus, que estas não o deixavam dormir nem descançar, e que não podia deixar de cumprir o que elle entendia dever fazer, e que por tanto não o cançassem com suas importunidades.

Com tudo isso estes discursos causaram o seu damno, por que estas artificiosas e mal fundadas razões fizeram impressão n'um menino cacique que vinha com elle e que retrocedeu voltando com os gentios, para ir ter com sua mãi viuva que não tinha querido acompanhal-o. Sentí mais do que posso expressar, o logro que o demonio nos pregou com aquelle moço em quem eu descobria disposições excellentes. Espero entretanto que, o Senhor nol-o mandará depois com todos os outros, segundo a boa disposição que n'elles diviso. Disse-me

este bom cacique meu neophyto, que conhecendo bem os mysterios da nossa santa fé e costumes christãos haviamos de tornar a ir para converter os seus, e que então viria seu tio e outro cacique chamado Yaguarití, e que todos os mais nos seguiriam, por serem creaturas e vassallos d'estes dois caciques que são superiores a todos os outros.

São trinta e dois os infieis que vieram comigo, dos quaes dez já receberam o baptismo. Logo que tiver recebido o baptismo meu bom filho o cacique, iremos atraz dos outros, se o dono d'esta vinha continúa os trazer como tem succedido até agora. Depois de ter escripto o acima referido chegaram mais dez pessoas em 11 de Novembro, movidas pelo menino que tinha voltado.

Verdade é que elle assegura que voltou por sua vontade não para viver pagão, mas para trazer sua mãi, e outra mu-er de seu defunto pai e sete irmãos, dos quaes logo baptizei quatro que eram pequenos. Fugiu com a familia para que não o embaraçassem os infieis que queriam matar sua mãi, por suspeitarem que queria vir comnosco.

Provou este moço sua coragem e energia; o que me faz avivar a esperança de que toda a nação ha de converter-se, sobretudo tendo já fallecido o terrivel feiticeiro que me disse disparates e me quiz despachar para o céo, tendo assim um impedimento de menos, porque elle não resuscitou como assegurava-lhe tinham promettido na outra vida. Asseguram este moço e sua familia, que muitos eram os que vinham em seu seguimento para se converterem, mas que os infieis com grandes forças, lhes tomaram o passo e os fizeram regressar. Depois em 17 de Novembro chegaram doze infieis para venderem vaccas n'este povo, e entre elles vinha um filho do cacique fervoroso que eu trouxe, que vinha com tenção de indagar qual era a vida dos christãos, suas commodidades, &c., para informar a outros que desejavam ser esclarecidos.

Ficou com seu pai; outro levou as informações. Veio tambem outro cacique com a mesma intenção, e me prometteu voltar depois com sua familia e seus vassallos, cujas promessas fizeram outros que espero a cada hora. Todos estão contentissimos e satisfeitos. Que o Senhor pela intercessão de Sua Santissima Mãi, do glorioso apostolo padre S. Francisco Xavier se sirva trazel-os todos brevemente. S. Thomé, 10 de Dezembro de 1683!!

CAPITULO X.

GOVERNO ECCLESIASTICO DAS REDUCÇÕES JESUITICAS. OBSERVANCIAS RELIGIOSAS DOS NEOPHYTOS. ADMINISTRAÇÃO DOS SACRAMENTOS. CELEBRAÇÃO DAS FESTAS PRINCIPAES. — GOVERNO ECCLESIASTICO DAS REDUCÇÕES JESUITICAS.

O bispo do Paraguay tinha jurisdicção sobre dezeseis povos jesuiticos, e o bispo de Buenos-Ayres sobre dezesete. Quasi toda a administração d'esses prelados sobre estes seus freguezes reduzia-se ordinariamente a dar-lhes conhecimento das leis ecclesiasticas e decretos pontificios, pelo intermedio de seus parochos; conferiam tambem a collação ou instituição canonica, que eram para os ditos povos, padres da companhia de Jesus. Cada reducção tinha dois jesuitas, um com o titulo de *cura*, que devia em geral ser um dos sujeitos distinctos da companhia, o qual não exercitava as funcções parochiaes, não conhecendo ás vezes a lingua dos indios, mas que estava occupado unicamente da administração temporal de todos os bens da reducção, de que era director. As funcções parochiaes eram confiadas a outro jesuita chamado *companheiro* ou vice-cura, que estava submettido ao primeiro. Era o provincial dos jesuitas quem nomeava os curas e vice-curas. Em nome de sua magestade el-rei como soberano

lroeiro, o governador da provincia apresentava o eleito, e o bispo dava a instituição canonica, quasi sempre por procu-
1 o aos curas, porque os vice-curas eram sómente nomeados o provincial, e approvados pelos governadores.

Apesar de ser mui difficultoso para esses bispos o fazerem viagens de trezentas, quatrocentas, quinhentas até seiscentas las por desertos e caminhos pessimos para visitar seus guezes, assim mesmo varios bispos visitaram, sobretudo s annos mais proximos á sua fundação, as reducções iticas da sua diocese, como o fizeram Dom frei Gabriel de Guillestigui, bispo do Paraguay, e seu successor Dom Faustino las Casas que as visitou em 1678 e segunda vez em 1681, os bispos de Buenos-Ayres Dom frei Christovam Mancha e successor doutor Dom Antonio Azeona Imberto que visitou educções da sua diocese no anno de 1681, e ao mesmo mpo esses prelados administravam o Sacramento da Conmação. Eram recebidos com as maiores demonstrações de jubilo por companhias de indios formados militarmente sobre os limites da parochia que o bispo ia visitar, os festejos redobravam a proporção que elle se approximava do povo, onde era recebido com summo jubilo, optimamente tratado e acompanhado da mesma fórma sempre com toque de musica até chegar ás divisas de outra freguezia, que o esperava da mesma fórma. Quanto ao mais eram os jesuitas das reducções exclusivamente submettidos a seu superior que residia ordinariamente em Japejú, cuja nomeação era feita em Roma, e que tendo do summo pontifice a faculdade de administrar o Sacramento da Confirmação, veio a ser de facto o bispo das reducções. Por isso quando os bispos de Buenos-Ayres e do Paraguay não eram do paladar dos jesuitas, estes luctavam com elles e até chegaram a os expellir do territorio das reducções como aconteceu em 1644 com Dom Bernardino de Cardenas, bispo do Paraguay.

A gravidade e conducta regular dos padres jesuitas lhes conciliava o respeito e a obediencia dos neophytos. Elles se conservavam de ordinario encerrados em seus aposentos e não sahiam senão em grandes occasiões. Governavam por meio de assessores escolhidos por entre os indios. Quando appareciam na igreja eram rodeados de uma numerosa comitiva de sacristães, acolytos, meninos de côro magnificamente vestidos. Nunca pisava mulher nenhuma no collegio, residencia dos padres, que raras vezes entravam nas casas dos indios. Na igreja recebiam a todos os que deviam se confessar, e os mesmos doentes em geral eram transportados a um quarto espaçoso contiguo ao collegio que servia de hospital, onde os padres os visitavam.

Observancias religiosas dos neophytos.

Parece que aquelles novos christãos viviam mais tempo na igreja do que em suas casas com suas familias. Todos os dias, mesmo de trabalho, todos os habitantes do povo logo ao amanhecer acudiam ao templo, onde faziam oração e ouviam missa, durante a qual mesmo que fosse rezada, os musicos com seus instrumentos cantavam alguns hymnos sagrados. O trabalho em que se occupavam depois tinha tambem um ar festivo e religioso. Dirigiam-se a elle processionalmente ao som da flauta e do tambor, carregando n'um andor a imagem de algum santo. Chegado ao lugar do trabalho, collocavam a imagem em uma ramada e rezavam um instante.

Concluido o trabalho que nunca durava mais de meio dia, o regresso para o povo se fazia com as mesmas ceremonias. Á tarde, depois do ensino da doutrina aos meninos, os repiques dos sinos chamavam todos os fieis ao templo para rezarem o rosario, o que faziam em côros, e ao qual accrescentavam outras orações. Tocando *Ave-Maria*, os meninos se

reuniam ao redor da cruz mais proxima a seu bairro, entoavam as orações principaes do cathecismo e em seguida algumas canções da vida e morte de Jesus Christo, de sua Santissima Mãi e outros santos, segundo ás festividades occorrentes, que compuzeram os jesuitas em guarani, ou outros cantos moraes. Antes de deitar costumavam sempre rezar os indios, costume que guardavam nas viagens por mais cançados que estivessem. Todos os sabbados de manhã, costumava-se nas reducções jesuiticas cantar missa solemne de *Beata Virgine*, com assistencia de todo o povo, e de tarde a *ladainha solemne*, seguida de um *responso* cantado pelos defuntos.

A's segundas-feiras de manhã todo o povo ia em procissão ao cemiterio assistir a uma missa, que se cantava no mesmo emiterio em uma capella ; e que era seguida do canto de um *sponso* em cada esquina do cemiterio e junto á cruz levanta-no centro.

Todos os domingos e quintas feiras de manhã se fazia rezar a todos a doutrina christã, e depois se lhes dava explicação d'ella.

Todos os dias de tarde se ensinava da mesma fórma a doutrina aos meninos, as vezes em numero de mais de seiscentos ou mesmo de mil.

Todos os dias uma ou duas vezes se ensinava tambem a doutrina aos cathecumenos. Fazia-se ensino especial aos meninos que tinham capacidade de confessarem-se e de commungarem, assim como aos velhos que podiam ter esquecido as doutrinas. Em cada povo havia duas congregações ou irmandades: uma composta de meninos e moços de doze a trinta annos sob a tutella de S. Miguel seu padroeiro, outra do resto do povo, debaixo da invocação de Nossa Senhora Em ambos se recebiam mulheres como irmãs, e todos os domingos de tarde tratavam dos pios exercicios costumados n'essas irmandades. Todos os mezes se confessavam e commungavam os ditos

irmãos e irmãs assim como na festa principal da irmandade, que celebravam com todo o apparato possivel. Cada christão adulto costumava-se confessar ao menos quatro vezes por anno, o que fazia que em um povo de seis mil almas, houvesse pelo menos vinte quatro mil confissões annuaes.

Administração dos Sacramentos.

Os Sacramentos se administravam da maneira seguinte: — *Casamentos.* Para celebrar os matrimonios parece que os jesuitas tinham tempo determinado, que era depois da quaresma. Então se mandava vir a lista dos moços e moças, viuvos e viuvas do povo em estado de casar, e os chamavam á porta da igreja. Indagavam d'elles se tinham tratado casamento, e aquelles que não tinham tratado, que eram todos ou quasi todos, ahi mesmo se lhes fazia escolher mulher ou os padres mesmo as indicavam, e tratando logo de cumprir os pregões, os casavam todos em um dia, que pelo costume era o domingo antes da missa parochial, para que se fizessem com maior solemnidade. Os recem-casados passavam á jurisdicção do seu chefe competente, eram obrigados a fazer chacara; os homens trabalhavam do seu officio se o tinham; se não, seguiam os trabalhos da communidade e as mulheres recebiam *tarefas*, e se occupavam como as outras nos serviços da communidade.

Baptismos. — As crianças que recebiam a agua de soccorro ou das mãos dos jesuitas, ou por ministros, ou indios capazes por elles estabelecidos, que ordinariamente eram em grande numero por causa do pouco cuidado das mãis em tratarem seus filhos recem-nascidos, por cujo motivo os jesuitas lhes davam ou faziam dar agua de soccorro logo que nasciam, eram solemnemente baptizados *sub-conditione* ou unicamente eram ungidos dos santos oleos, no primeiro domingo seguinte

pelas duas horas da tarde. Emquanto aos cathecumenos adultos costumavam conferir-lhes o baptismo de manhã em algum dia festivo, para que a solemnidade fosse maior, e que os recem-baptizados assistissem logo á missa celebrada com *pompa*.

Para avivar a attenção e a fé cuidavam os padres que os paramentos que serviam na administração d'este primeiro Sacramento fossem preciosos, que todos os vasos que serviam fossem de prata, e as toalhas primorosamente bordadas com grandes pontas, e a agua cheirosa e cheia de perfumes.

Viatico aos enfermos.—Dada a occasião de levar o viatico a um enfermo (que raras vezes morria sem os Sacramentos) eram varridas as ruas, e adornado o pavimento com folhas e flores cheirosas e outros perfumes desde a igreja até a residencia do enfermo, na qual se tinha armado de improviso um formoso altar preparado e guardado para esse fim no deposito da igreja.

Ao repique dos sinos todos os habitantes do povo em procissão bem organizada acompanhavam o viatico, durante cujo trajecto os musicos cantavam hymnos e psalmos.

Enterros.—Não com menos piedade e assiduidade assistia todo o povo aos enterros que. o mais que se podia, se faziam de manhã com missa de canto gregoriano e assistencia de musica, ou de tarde antes do rosario, para que a mór parte do povo e a musica podesse assistir.

Tendo o cura depois da missa regressado á sua residencia, todo o povo, homens e mulheres, crianças mesmo de peito iam-lhe beijar a mão. Isto se usou até a destruição dos povos.

Pelo que acabo de referir se collige facilmente de que maneira os neophytos das reducções passavam o domingo.

Desde o nascer do sol achavam-se elles na igreja rezando a doutrina e outras orações e ouvindo sua explicação.

Assistiam em seguida aos matrimonios. Seguia-se a missa solemne com orgão e sermão, a que todos assistiam. Concluida a missa pelo meio dia, o padre averiguava se alguem faltára á doutrina, ou á missa, se alguem se descuidára das plantações, se tinha havido alguma desordem dentro ou fóra do povo, e segundo a culpa o padre cura mandava que o corregedor fizesse castigar o delinquente, e mesmo que este seja um dos principaes do povo, depois de receber o castigo, vai procurar o padre, beija-lhe a mão, dizendo-lhe: *Deus lhe pague, padre, pois me tendes dado o entendimento.* A's duas horas da tarde, baptismos, seguidos das reuniões das congregações com seus canticos, orações e sermões, o rosario, etc. N'estes dias como nos outros, o cuidado dos enfermos toma muito tempo aos jesuitas seus confessores, medicos e quasi sempre enfermeiros.

Celebração das festas principaes.

As pessoas rudes se convencem mais pelo que veem do que pelas razões mais convenientes; foi por isso que os missionarios jesuitas procuraram sempre fallar aos olhos dos indios, pela magestade e adornos dos templos, pela variedade das festas, pela musica, danças e exercicios corporaes divertidos, o que tudo chamava muito a attenção dos neophytos.

Todas as reducções tinham um templo grande e espaçoso, pela mór parte de tres naves, com cinco altares de retabulos bem lavrados e com muitas imagens em vulto. De certo que sua architectura deixa bastante a desejar em respeito a arte propriamente dita, porém a variedade dos ornamentos, das pinturas e sobretudo a profusão dos dourados dos templos era por seu conjuncto verdadeiramente deslumbrante.

O que mais attrahia á igreja os pobres indios era a musica. Tendo conhecido os jesuitas o effeito maravilhoso que esta arte produzia sobre os indigenas dedicaram-se particularmente a ensinal-a. Se bem que as vozes dos indios não são tão suaves como as dos europeos, com tudo escolhendo desde seus tenros annos os meninos que tinham melhor metal de voz, aperfeiçoaram-a com o cultivo, de maneira a formar vozes que acompanhadas de algum instrumento recream como se fossem vozes de hespanhoes. D'esta maneira se tornou em cada povo, uma capella composta de quarenta musicos com todos os instrumentos mais sonoros conhecidos na mesma Europa, como harpas, cornetas, orgãos, violas, citaras, alaúdes, rabecão, fagotes, etc.; cujos instrumentos não só tocam aquelles indios como tambem os fabricam.

Escreveu o Dr. Xarque que tinha ouvido algumas d'estas musicas e que ficou admirado da pontualidade com que se conformavam a todas as regras da arte, em que julgava que, descontando alguma differença na suavidade das gargantas, igualavam a qualquer musica das primeiras cathedraes de Hespanha. Nem alcanço, accrescentou o mesmo auctor, que haja semelhante provincia no mundo, e que nenhum povo possua tão numerosa capella de concordes e bem instruidos musicos com tal harmonia de instrumentos, que cada igreja representa uma casa do céo.

As danças dos meninos servem tambem muito para attrahir os adultos á igreja. Os indios consideram-se felizes vendo os seus filhos dançar galantes nas festividades e procissões. São tão habeis estes meninos indios de oito annos que farão cincoenta figuras sem perder o compasso da viola e da harpa, como o hespanhol mais ligeiro, e com primor. Ha em cada reducção quatro quadrilhas de oito, que de ordinario são os mesmos meninos que aprendem a musica, que vestem de gala á hespanhola e cada quadrilha com sua libré distincta.

Além d'isso cada igreja tem um sacristão-mór e outros menores que o ajudam como subordinados, e seis acolytos que vestem roupas largas com a extremidade arrastando, com pescocinhos de cambraia engommados, e sobrepellizes tambem engommadas, mui lindas, com bordados e mangas dobradas.

Tudo está conservado com tanto asseio que á menor mancha ou gotta de cêra que se divise, se mudam as toalhas ou paramentos. A igreja, a cujo serviço estão adaptadas algumas pessoas, ficam sempre como as salas principaes de um sumptuoso palacio.

Eis a ordem em que os neophytos de ambos os sexos se collocavam na igreja.

Junto a varandilha da mesa da communhão assistem os meninos e os moços em duas repartições ficando como uma rua entre ambas. Atraz d'elles vigiam em pé dois ou mais aguazis ou fiscaes com suas varas na mão que prompto descarregam sobre o menino que falta ao respeito devido. (Consta que mais tarde estes empregados não usavam mais das varas, mas me asseguram que o mesmo se pratica até agora nos povos que foram dos jesuitas no Paraguay). Em seguida são collocados os homens tambem em duas repartições e vigiados por outros fiscaes de maior auctoridade que os primeiros para observar se algum olha para as mulheres que estão bastante separadas por um espaço consideravel que existe para entrar e sahir da igreja pelas portas lateraes na metade do corpo d'ella. Vem então as duas repartições das meninas e moças vigiadas tambem por dois zeladores anciões. Em ultimo lugar são situadas as mulheres, cujo recato é tão circumspecto que nenhum homem era capaz de se atrever a passar por uma das portas pelas quaes ellas entram ou sahem.

Além d'estes aguazis ou fiscaes, existiam outros ministros secretos, instruidos pelos padres para os avisarem de todos os riscos que podessem descobrir, que podessem correr o cura e

os povos; e tambem uma especie de sentinellas que de noite á horas fixas cantavam versos religiosos que cuidavam da segurança do povo contra os inimigos extranhos, e mantinham a moralidade. Porém devo tratar do meu assumpto que é da celebração das festas principaes.

Se bem que para os indios das missões jesuiticas podessem considerar todos os dias da semana e do anno, como dias de festa pelos numerosos exercicios de religião que cada dia praticavam, se bem que os domingos nos seus povos se celebrassem com a solemnidade que temos visto; existiam outros dias ainda mais festivos para elles. D'esse numero eram as festas de primeira classe, communs á toda igreja, que se celebravam com todo o ceremonial usado na igreja universal, e com todos os numerosos empregados vestidos de gala de que dispunham os jesuitas nos povos, accrescentando as danças usadas nas igrejas depois da primeiras vesperas solemnes e antes de principiar a missa parochial.

As festas de *Corpus Christi*, do padroeiro da provincia, do padroeiro do povo e a semana santa, se celebram ainda com maior solemnidade do que todas as outras nas reducções jesuiticas. Não posso deixar de dizer alguma cousa sobre a procissão de *Corpus Christi* e sobre as festas do padroeiro; dizendo de passagem que a semana santa se celebra nos povos com todos os ritos da igreja romana, e com os monumentos costumados em Hespanha. Elles levam em procissão o corpo inteiro dos Passos com o apparato e devoção que pede o tempo. O maior silencio reina nas procissões, unicamente interrompido pelos golpes dos disciplinantes que se ensanguentam todos e que marcham do lado de fóra das fileiras da procissão. A procissão allumiada por fragueis lamparinas caminha sem nada se ouvir da multidão que a acompanha, senão clarins roucos, caixas destemperadas, golpes de disciplinas e lamentações que em tom triste cantam os musicos.

Procissão de Corpus Christi.—Adornam o mais pomposamente possivel a igreja, a praça e as ruas. Ordena-se a procissão na fórma praticada em Hespanha, com todos os empregados das igrejas; musicas e muitas variedades de danças foram ensaiadas para este objecto.

Confecciona-se o ar com toda a sorte de cheiros os mais aromaticos, que se acham n'estes paizes privilegiados da natureza, e cuja fragrancia se percebe por todas as ruas. A cada canto de rua se encontra um altar não de ouro, nem de prata, porém ornado de todas as flôres mais delicadas, que produz a natureza, e guarnecido de pinturas e imagens que movem tanto á devoção como o mais custoso apparato. Porém o que se vê de mais singular são uns arcos de triumpho que se encontram nas ruas, distantes entre si dez ou doze passos e que unem uns com outros curiosos encaixes de canas e madeiras bem lavradas e pintadas. A distancia de um arco a outro é preenchido por imagens de varios portes ahi collocadas, e o arco e os demais intervallos vasios são preenchidos pelas aves mais exquesitas e mais lindas que voam no ar na provincia chamada Paraguay, que no idioma indiatico significa: que rio de pennas! por causa das muitas e singulares aves que tem de linda a plumagem. Os caciques são encarregados cada um dos enfeites de um arco, por isso além das aves, outros se applicam para se distinguir de fazer pescar nos grandes rios que banham a provincia, os peixes de maior estima, que vivos em vasilhas são adaptados aos enfeites da procissão.

Outros mandam correr os campos e matas para caçar os animaes mais exquisitos e ás vezes as féras mais bravias, que dedicam ao mesmo fim. E quem não póde mais, contribue com gallinhas, perdizes, pavões, pombas e animaes domesticos. Procuram tambem nas florestas virgens arvoredos e todas as fructas apreciaveis, os legumes, suas sementes e raizes para

o dito enfeite. As mulheres tem preparado tambem massas de farinhas de trigo, de mandioca, de milho e numerosa variedade de curiosidades, que cozidas augmentam a variedade. Os arcos revestidos de ramos verdes, de flôres, por entre as quaes apparecem aves, peixes, animaes do mato, fructas de toda a qualidade, e causam um espectaculo mui estranho. O chão é coberto de flôres, de folhas odoriferas e de sementes de legumes, de trigo, e de milho que os devotos ahi collocam para serem pisadas pelos pés do sacerdote, que em suas mãos carrega a custodia de prata dourada que encerra o Santissimo, na santa persuasão de que estas sementes procuradas depois para plantar hão de produzir cento por uma. A maior ordem, o mais rigoroso silencio e a mais expansiva devoção reina n'esta procissão.

Festa do santo padroeiro. — Esta festa se faz com mais concurrencia, porque são convidados a ella duas ou tres reducções das mais vizinhas. O ceremonial da igreja é dos mais pomposos; porém deve-se accrescentar que para assistir a vesperas no dia anterior e á missa no dia da festa, o corregedor com os principaes do povo vão a cavallo com os melhores arnezes que ha no povo guardados para esse fim de seiscentos ou mil cavalleiros, seguindo o povo acompanhados de musica empunhando a bandeira.

Este estandarte ou bandeira, fica na capella-mór onde é collocado pelo cura. Concluida a ceremonia na igreja levam o estandarte em procissão a cavallo, em redor da praça e depois o collocam no castello primorosamente preparado bem em frente da igreja do outro lado da praça. Ahi fica todo o dia, ás vezes toda a noite com vinte homens uniformados de guarda.

O uniforme era todo branco com vivos azuis. Os cascos do cavallo do alferes real, a que chamam cavallo do santo, são prateados com pão de prata, e é ensinado a dançar, e appa-

rece dançando. Isto se usou até 1818 nas sete reducções orientaes.

O alferes real se apresenta como em triumpho na praça e porta da igreja onde é recebido pelo cura que lhe offerece agua benta assim como a lança depois aos demais fieis.

Para esse dia o alferes real tem assento distincto na igreja. Concluida a missa do dia da festa acha-se uma mesa posta para todos os principaes convidados e os do povo que comem as viandas depois de receberem a benção do cura, cujas viandas em geral abundantes se mandou preparar debaixo da direcção, do mesmo cura. Se lhes dão agua, um pouco de uma bebida espirituosa chamada *chicha* que é como cerveja frouxa e umas garrafas de vinho, que então era de muito apreço. A's tres horas da tarde todos concorrem á praça, aonde quadrilhas de aventureiros, com libré de varias nações correm a cavallo carreiras e torneios, argolinhas e carteis de desafio em prosa e em verso.

Os premios se acham collocados em umas mesas perante os padres missionarios, que assentados assistem como juizes aos jogos e repartem os premios de sorte que todos, mesmo aquelles que correram menos bem são premiados. Assim, diz o Dr. Xarque, ficam alegres todos, devotos aos santos e exercitados á guerra.

CAPITULO XI.

GOVERNO POLITICO E CIVIL DAS REDUCÇÕES JESUITICAS. REGIMEN ADMINISTRATIVO EMPREGADO PELOS MISSIONARIOS.

As reducções jesuiticas deviam prestar obediencia aos governadores do Paraguay ou de Buenos-Ayres, segundo pertenciam á jurisdicção de um ou de outro. Nomeava o governador em cada povo um corregedor o qual devia ser como

seu lugar-tenente, e devia approvar a nomeação que todos os annos se fazia em cada reducção de dois alcaides, alguns regedores, procuradores, officiaes e outros ministros necessarios para administração do povo. Alguns governadores como Hernando Arias de Saavedra e Dom Jacintho Lariz que governaram a provincia de Buenos-Ayres, e os togados da real audiencia da mesma cidade. Dom Diogo Ibañes de Faria, Dom Pedro de Roxas, o doutor Dom João Blasques de Valverde, ouvidor de Chuquisaca, Dom João Dias de Andino, Dom Felippe Rege Corbalan, Dom Alonso Sarmiento, governadores do Paraguay e outros visitaram as reducções jesuiticas. Ás vezes os governadores pediam aos jesuitas indios para occupar ou construir alguma praça ou qualquer obra de utilidade commum. Por alguns annos acudiu quantidade de indios a trabalharem em serviços publicos em Santa Fé de Vera-Cruz. Em 1668 o governador de Buenos-Ayres Dom José Martines de Salazar chamou quinhentos indios, que foram levantar a fortaleza principal de Buenos-Ayres e uma pequena fortaleza no Riachuelo, e deram principio ao forte de Lujan a doze leguas no interior sobre o caminho de Cordova; os indios das missões foram tambem occupados em levantar a nova cathedral de Buenos-Ayres: Dom José de Herrera no anno de 1683, empregou trezentos indios missionarios em fabricar uma grande fortaleza no sitio de S. Sebastião, fóra, mas á vista da cidade; os governadores do Paraguay por ser a cidade da Assumpção mais perto das reducções, ainda tem empregado mais vezes os indios missioneiros: Dom João Dias de Andino levou mil quinhentos indios contra os portuguezes que saquearam Villa-Rica em 1678; e Dom Francisco Monforte, seu successor, conservava destacados trezentos indios de missões para fazer frente aos inimigos guaycurús, payaguás e outros infieis.

Os jesuitas conseguiram extinguir as commendas dos quatro

povos que lhes estavam submettidos, porém de origem hespanhola, para o que houve muitas dissenções entre os jesuitas e os hespanhóes, e queixas de uma e outra parte á côrte de Hespanha. Tendo obtido um contracto com a mesma côrte sobre tributos e dizimos, por cujo contracto eram as reducções obrigadas a pagar annualmente ao thesouro real um peso forte por homem de dezoito a cincoenta annos, do qual tributo ficavam isentos os nobres, os caciques seus primogenitos, o corregedor e outros até doze individuos occupados em servir na igreja e sacristia, e mais cem pesos fortes annualmente para dizimos, e que eram todos os annos religiosamente pagos, e com a licença que tinha o provincial dos jesuitas de chrismar; cortaram os jesuitas quasi todas as relações com as auctoridades castelhanas e muitas vezes estiveram em contradicção com os bispos e governadores.

Antequera pagou em 1731 com sua cabeça o ter resistido aos jesuitas como dizem alguns auctores.

Estabeleceram pois para dirigir seus povos um governo sem leis civis nem criminaes. A unica lei era a vontade e auctoridade do cura jesuita. O corregedor e outros officiaes municipaes não exerciam poder algum, eram instrumentos passivos do cura de quem faziam cumprir a vontade mesmo na parte criminal, porque nunca os indios das reducções se apresentaram nem foram citados perante os tribunaes reaes nem em nenhum juizo ordinario. Os missionarios infligiam o castigo que lhes parecia, e se raramente eram injustos quasi sempre eram rigorosos. As pequenas faltas eram castigadas com orações, jejuns e carcere; os crimes, porém se castigavam com açoites até seguir-se a morte, se o caso era mui grave.

Os indios de todo o sexo e idade eram obrigados a trabalhar para a communidade, não se lhes consentindo o uso de cousa que fosse propriedade particular. Os indios são occupa-

dos segundo suas forças em trabalhos mais ou menos pesados na escavação de pedras, no córte de madeiras, no seu transporte, na construcção de edificios e nos trabalhos ou *faenas* que se reduzem a podar, lavrar, carpir os algodoeiros, recolher o algodão, semeal-o de novo; fazer plantações de trigo, de feijão, de milho, e beneficial-as; cultivar anil; fabricar herva do Paraguay, plantar hervaes artificiaes; pescar, cuidar do gado, &c., &c.

Os officiaes de officio tem que se occupar d'elle todos os dias á beneficio da communidade. As mulheres eram quasi unicamente encarregadas de fiar algodão, as quaes se dá dez onças de algodão para que entreguem tres onças de fio. Dizem alguns que isso era diariamente e que eram severamente castigadas se não cumpriam; dizem outros que duas vezes por semana. As que tinham filhos de mais de mez é que recebiam tarefas. As solteiras e as que não tinham filhos pequenos iam para o serviço da communidade.

Com os pannos fabricados d'este genero se fazem os vestidos de todos, os quaes são para os homens uma camisa, uma calça, um ponche, e um barrete de algodão; e para as mulheres uma camisa comprida chamada *Tipoy*, sem mangas nem pescoço e que assevera Dom Gonçalo de Doblas, tenente governador do departamento da Conceição, deixava os peitos descobertos e que ficava apertada ao meio do corpo por uma cintura.

Nenhum indio andava calçado. Os musicos, sacristão e coristas eram unicamente empregados em trabalhos de agulha. Logo que as crianças entram na idade de quatro para cinco annos, a communidade as toma a seu cargo. Ha ministros encarregados pelo cura, que tem a matricula de todos esses meninos e de manhã ao romper do dia os reune na porta da igreja onde os detem até depois da missa, e depois os distribuem pelos trabalhos designados, deixando unicamente

no povo os aprendizes musicos e dos officios e alguns que aprendem as primeiras letras.

As duas ou tres horas da tarde os reunem de novo e os detem juntos até depois do rosario, e então podem voltar ás suas casas. A escolha dos officios é feita não pelos meninos, nem pelos seus pais, mas pelos curas que empregam os que lhes parecem melhores para seu serviço e para servirem na igreja. Isto não causa nenhum sentimento aos pais que se consideram desprendidos d'elles n'aquella idade, nem mais cuidam d'elles, nem lhes ensinam a doutrina, nem reparam nos seus costumes. Se não vem á casa ás horas marcadas não os buscam, e mesmo que fujam do povo não fazem diligencia para os encontrar; consideram-se desobrigados de todo para com elles. O mesmo acontece com as meninas que estão a cargo de indios velhos. São occupadas em carpir, recolher algodão, recolher mantimento e outras occupações leves até a idade de dez para dose annos. Então as applicam a fiar, sem cuidar de se lhes dar outro ensino, nem mesmo custurar, o que as indias fazem mui mal.

Verdade é que em cada reducção havia escolas para ensinar aos filhos dos caciques e dos principaes do povo a ler, escrever, contar, cantar e dançar, de cujas escolas escreveram os jesuitas terem conseguido admiraveis fructos. Azara porém com razões que julgo plausiveis, diz, que os que sabiam ler e escrever eram os poucos individuos de que necessitavam os jesuitas para governar os outros e para o seu commercio, sem que nenhum indio aprendesse o hespanhol.

O Dr. Xarque narra as difficuldades dos jesuitas para ensinarem as contas aos indigenas que só sabiam contar até quatro. Para dizer cinco, elles tinham que mostrar os dedos de uma mão; para dez os dedos das duas mãos, e vinte os dedos das duas mãos e dos dois pés, e que eram absolutamente incapazes de contar além de vinte.

Sem embargo, os jesuitas conseguiram ensinar a alguns indios a ler e cantar o latim como se fossem bons grammaticos, expressando todas as letras e sem errar os acentos, porém sem nenhuma intelligencia do que lêem, como refere o citado Dr. Xarque, que tendo por costume os indios chamar os seus filhos pelo nome do santo do dia em que nascem, tem acontecido incumbirem os mais sabios d'elles que lêem e cantam nos livros dos padres o nome do santo de tal dia designado, e que estes doutos procurando no missal e lendo no evangelho de uma missa de feria as palavras: *Piscina Caifás, Cafarnaum, Iscariotes, Belzebuth*, etc. indicavam que esses nomes eram os santos que deviam dar os seus nomes aos recem-nascidos. Sem embargo pela indole dos indios que em geral são bons imitadores, d'estas escolas dos jesuitas sahiram indios excellentes copistas que suppriam a falta da imprensa, copiando missaes e outros livros da igreja com tanta perfeição como se tivessem sido impressos. Tenho um manuscripto de perto de 150 annos, escripto em lingua guarani, no qual se distinguem ainda muito bem as letras e podem-se ler correctamente as palavras.

Os maiores cuidados dos jesuitas eram evitar que os hespanhóes ou qualquer estranho tivesse communicação com seus neophytos, e manter uma perfeita igualdade entre todos os indios tanto no traje como na assistencia e trabalhos; de maneira que o corregedor e a corregedora deviam ser os primeiros nos trabalhos a que acudiam os cabildantes como os outros. Estes só se distinguiam por suas varas, e nos dias de festa e de funcção pelas roupas guardadas pela communidade para aquellas occasiões. Os caciques eram regularmente os mais miseraveis. Os productos do trabalho commum se encerrava em um armazem geral e se distribuiam pelos membros da communidade em relação a suas necessidades. Os anciãos, as viuvas, os orphãos, os invalidos eram

assistidos como os outros. De maneira que era inutil para elles a propriedade particular de que alguns auctores negaram e outros affirmaram a existencia debaixo d'esse regimen. O que sobrava do trabalho commum era levado por embarcações pertencentes aos jesuitas e pelos rios aos mercados hespanhóes, no Rio da Prata, ou no Brasil e o seu producto era empregado em pagar o tributo real e na compra de artigos europeos que se não podiam fabricar nas reducções. Assim foi que os templos das missões se enriqueceram com as alfaias mais preciosas, com os generos mais ricos de seda, velludo e pannos tecidos de ouro e prata. Assim é que os jesuitas para o culto divino. procissões e para os espectaculos, jogos e danças, com que alegravam a miudo, divertiam ou entretinham seus neophytos, procurarando objectos de maior riqueza e de um luxo deslumbrante.

Tem calculado alguns escriptores que se avaliava annualmente em um milhão de pesos fortes hespanhóes o rendimento dos povos jesuiticos, e quanto ás suas despezas, não chegavam á decima parte d'esta quantia. Não é pois de admirar que tendo os jesuitas durante mais de cento e cincoenta annos com sua economia e seu regimen de communidade dirigido as reducções tão abundantes e ricas de productos, e suas tão afamadas, numerosas e bem povoadas estancias, das quaes uma a de *Santa Tecla*, no tempo do explendor dos jesuitas, contava cincoenta mil cabeças de gado vaccum, cavallar e muar, tivessem no tempo da sua expulsão grandes fundos tanto nas igrejas como no que se chamava *fundos* da communidade.

Suas estancias eram magnificas. Cada estancia tinha sua capella, seu laranjal e sua plantação de arvores fructiferas, cujos vestigios ainda se encontram. Seus estabelecimentos eram os mais lindos do paiz, e quasi depois de um seculo ainda d'elles se falla As estancias de Tambuireta, Santo Agos-

ıho, S. Xavier, S. Clemente nas costas da Laguna Ibera; as de S. Miguel, S. Estanisláo, S. Jeronymo, Conceiçao e Tataraby na margem direita do Aguapey; as de Jesus Nazareno, Santa Rosa, Santo Isidoro, Nossa Senhora das Mercês, Caçapava, S. Alonso, Santa Maria, Santa Martha, S. Thomaz entre Aguapey e Uruguay; as de S. Borjita, Curupay, Santa Tecla, S. Gonçalo, Santa Maria, Rosario e Coraguaty na costa eridional do Paraná; as de Santo Antonio, Itaroquem, ınta Rosa, Gabriel, S. José, S. Matheus entre Piratinim quam na margem esquerda do Uruguay, a da Conceiı Passaretam, S. João, Mirim, S. Gabriel, Cruz, Saican, uiz, S. Vicente, S. Domingos, etc., na provincia de S. edro, todos tem conservado uma fama que se conservará inda muitos annos n'estas regiões.

CAPITULO XII.

GOVERNO MILITAR E MILICIAS DOS JESUITAS.

O governo militar da provincia do Paraguay ao principio estava confiado ao vice-rei do Perú, residente em Lima, mas tendo os jesuitas uns vinte annos depois do seu estabelecimento das reducções obtido da côrte de Hespanha para seus neophytos o uso de armas de fogo, fundaram uma força militar sob o mando de um cacique particular, reservando-se o provincial o governo d'ella.

Os missionarios julgando que d'essa medida dependiam os progressos da fé e a conservação da sua christandade, puzeram immediatamente mãos a obra. O padre Montoya desde 1641, segundo uns, e desde 164[illegible], segundo outros, mandou ensinar o manejo das armas aos indios capazes de as manejar e depois deu lhes um regulamento militar. Logo tiveram canhões, fabricaram polvora e tiveram um arsenal bem pro-

vido de armamentos. Todos os domingos á tarde eram os indios obrigados a comparecerem na praça da matriz ou em qualquer outro azado com armas de fogo e arcos ao toque de caixas, e se lhes mostrava o modo porque se deviam haver no accommetter o inimigo, e como se deviam retirar em boa ordem. No fim do exercicio depositavam as armas no arsenal até o domingo seguinte, bem fechadas por ordem do cura até o domingo seguinte. Os que no exercicio se tinham distinguido pela promptidão e regularidade do movimento eram premiados. Eis como das milicias das reducções falla um auctor do seculo 17: « Em cada povo ha companhias de soldados a pé e a cavallo, que se compõe de todos os homens capazes de pegar em armas, cada uma com seu capitão, alferes, sargento, cabos de esquadra, e os mais officiaes que se acostumam na milicia, com suas insignias, caixas, clarins e bandeiras, com as armas de Borgonha e reaes, na fórma usada em nossa Hespanha nas campanhas e fronteiras melhor guarnecidas. As armas que maneja a infantaria são pela mór parte as da sua gentilidade; uns com arcos, frechas de pontas de osso ou de páo mui forte e penetrante; outros brigam com pedras pequenas lavradas e esquinadas que lançam com fundas; outros talham pedras redondas como bolas e com uma pequena abertura em seu circulo, onde atam a ponta de um laço de duas varas de comprido, e na outra extremidade põe outra semelhante bola, arma que atirada longe póde enlaçar e mesmo aturdir a um touro e com mais segurança de perto. Quando vem as mãos de perto, todos usam de macanas de tres palmos lavradas e de páo mui pesado, mui forte e de uma só peça, mais grosso de uma ponta que da outra, cujo golpe na cabeça é sufficiente para matar. Se os novos christãos não tivessem outros inimigos que os infieis, lhes bastariam as ditas armas para se defenderem, porque os barbaros não os atacam com outras. Mas estando

tão expostos aos ataques do Brasil que tão repetidas vezes os hão invadido com armas de fogo, alfanges e espadas, não poderiam resistir ao valor e coragom luzitana se não tivessem as mesmas armas. Por isso os ministros reaes e sua magestade lhes hão concedido que possam usar as ditas armas, de que formam tambem companhias de infantes com mosquetes, espada e rodela; e de cavallaria com espingardas, carabinas e lanças. »

« Estas armas de fogo e aço estão sempre guardadas em armarias onde ha officiaes que as conservam mui limpas; e a nenhum indio se permitte o uso d'essas armas se não quando urge justa defesa segundo ordem superior. »

« Sendo necessario exercitar-se nas armas para que a seu tempo sirvam, e sobretudo em mãos de gente rude e de seu natural ociosa; os corregedores os obrigam nos domingos a entreterem-se em mostras de armas e alardes de guerra na praça que cada povo tem... ahi depois da revista de cada companhia, se formam os esquadrões como se um fosse brazileiro e outro missioneiro.»

« Depois de preenehidos os preliminares... dado o signal de atacar, se trava uma batalha tão renhida como se fosse verdadeira, tão cegos ficam esses pobres indios que é necessario apartal-os para que não se matem como se fossem inimigos, e para isso se introduzem entre elles cabos com bastões fortes e pesados. Os meninos mesmo governados por moços um pouco maiores, formam suas companhias, e se acostumam desde tenra idade a brigar e não temer a guerra. Ensaiam-se todos em atirar frechas, pedras, e a servir-se das outras armas, sendo premiado aquelle que dá no alvo, para o que ha alguns tão destros que com uma frecha não só dão em uma lança posta por alvo, se não que atravessam de um tiro e formam uma cruz com ella. Do mesmo modo acertam outros com diversas armas.»

« No principio os indios tinham tanto medo dos cavallos, que trepavam nas mais altas arvores para fugir de um d'elles como poderiam fugir de um tigre ou de um leão; porém com estes exercicios, com os jogos de argolinha, de torneios e de canas perderam-lhes tanto o medo que já correm a redea solta a cavallo, atiçam com elles fogo nas peças, e é formidavel um esquadrão de indios á cavallo. »

Os paulistas foram os primeiros que experimentaram, assim como os indios tupys, o valor das novas armas dos neophytos. Apesar da distancia em que os jesuitas tinham estabelecido suas novas reducções desde 1631, e das grandes difficuldades dos caminhos atrahidos pelo lucro de captivarem os indios, os paulistas e os tupys atacaram algumas vezes as novas reducções; porém os neophytos com canhões e armas de fogo obtiveram contra elles assignaladas victorias. Desde 1641, os neophytos, diz Mr. Alcide d'Orbigny, não temiam mais os terriveis paulistas.

Reunidos contra elles em numero de quatro mil sómente, lhes mataram e ás suas milicias auxiliares doze mil homens em uma de suas invasões. Em outra em que com uma immensa força por terra e pelo rio Uruguay com novecentas canôas, atacaram o povo da Cruz, os neophytos se entrincheiraram escondidos em uma especie de castello de madeira construido sobre umas canôas, d'onde sem serem presentidos com carabinas, espingardas e mosquetes, atiravam sem perigo sobre os inimigos, derrotando sua esquadra, que aprezaram toda sahindo do seu cavallo troyano, e fazendo muitos prisioneiros tanto paulistas como tupys. Tendo-se escapado alguns paulistas, mandaram tratar com os indios da reducção, que por conselho do cura lhes mandaram dar canôas e mantimentos com condição de não pisarem mais por aquellas terras, e para que fossem levar ao Brasil noticia do successo, o qual, diz o chronista, aterrou

tanto áquelles piratas que não se tem atrevido desde então a chegar á vista das reducções, aprisionando unicamente os indios que encontram pelos campos, e que não podem ser soccorridos pelas milicias dos povos. Para resguardar-se d'elles, os jesuitas estabeleceram corpos de guarda pela serra do Herval na margem oriental do Uruguay e sobre as costas do grande mato de pinhaes araucarias, que cobre uma parte da serra limitrophe ás provincias de Santa Catharina e do Paraná, chamado até hoje *Mato Castelhano*, que dava passo ás tribus barbaras e aos paulistas. As milicias dos padres coadjuvaram muito ao governo do Paraguay quando em 1676, os paulistas principiaram de novo suas excursões na dita provincia, e foi á afouteza, á audacia de tres mil indios dos jesuitas que Dom José de Garro, governador de Buenos-Ayres deveu a tomada da colonia do Sacramento aos portuguezes em 6 de Agosto de 1680, cujo brilhante feito de armas estabeleceu em toda a America Meridional a sua reputação de guerreiros. Os jesuitas a vista dos perigos não se descuidaram em aperfeiçoar a organização militar das suas reducções, para o que mandaram vir do Chile alguns padres que tinham sido militares e que redigiram varias ordenanças, tres das quaes eram:

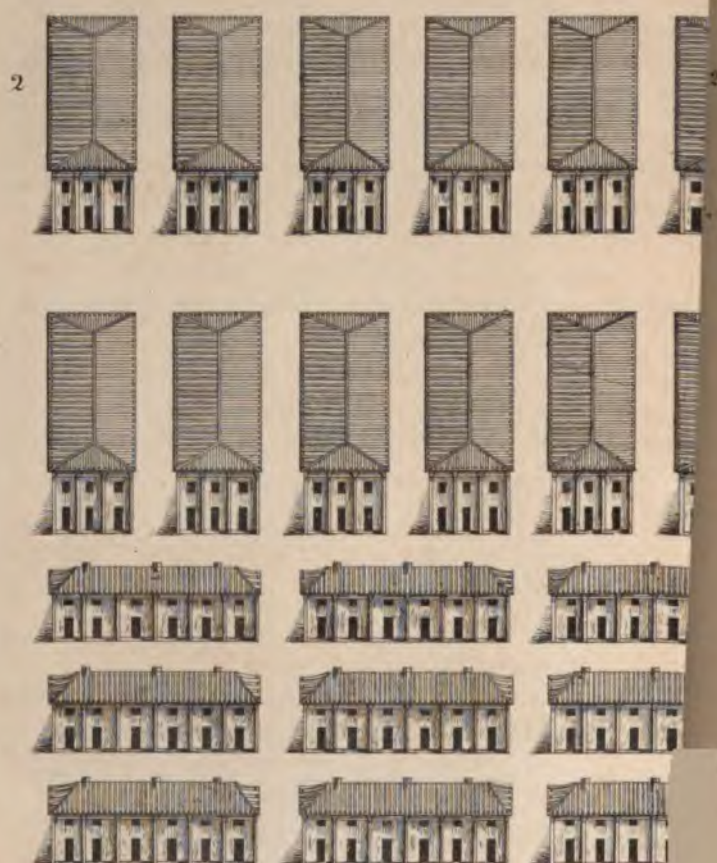
240.—Faça-se em todos os povos quanta polvora se poder. P. Zea.

241.—Nos casos de guerra haverá quatro superintendentes designados pelo padre provincial: um, Uruguay acima; outro em Japejú, outro na banda oriental do Uruguay, e outro no Paraná; e cada um terá seus dois consultores para os casos de guerra.

242.—Os povos da outra banda do Uruguay farão por sua parte a vigia dos pinhaes nos tempos costumados e se lhes designarão paragens para deixar seus signaes. P. Ignacio Frias. P. José de Aguirre.

PLANTA DO EX

Collocar-se-ha em frente da pagina 413 da 3ª Revista do Inst. Hist. de 1863 Tomo XXVI.



Imp. Lith. de Bevira Breça

1. Igreja
2. 24 Casas Ed
3. 24 Casas De

Citam os padres jesuitas Matheus Sanches e Alfaro como tendo desenvolvido um valor notavel: Aquelle contra os charruas que, segundo narra o Diccionario Historico e Topographico do Brasil, queria exterminar sem motivo plausivel, por não quererem elles fazer parte das commendas; este em 1653 contra os paulistas commandados pelo mestre de campo Manoel de Campos Bicudo. Emfim, em 1750 quando a Hespanha cedeu á Portugal as missões orientaes do Uruguay em troca da colonia do Sacramento, e que a povoação india se levantou para se oppôr á execução de um tratado que os obrigava a expatriar-se de um territorio que tinham, diziam elles, recebido *de Deos e de seus padres*, outros jesuitas se puzeram attesta das milicias missioneiras para se oppôrem aos hespanhóes e portuguezes que assignalavam os limites das terras pertencentes ás duas corôas. Mas apesar das proesas dos cabos de guerra indios Sepé ou José Tiarayú e Nicolau Languirú (que se diz que os jesuitas denominaram Nicolau I rei do Paraguay) uma grande porção das milicias missioneiras pereceram n'essa guerra, e os indios que recusaram submetter-se tiveram que expatriar-se até 1761 em que foi annullado o tratado de limites. Por ter tratado por extenso d'este assumpto o nobre visconde de S. Leopoldo nos seus Annaes da Provincia de S. Pedro, nada mais digo a este respeito, até que trate da historia particular do povo de S. Miguel.

CAPITULO XIII.

DESCRIPÇÃO GERAL E RESUMIDA DOS POVOS JESUITICOS.

Todos os povos jesuiticos da provincia eram semelhantes e traçados pelo mesmo modelo, com pequenas differenças; ver um d'elles era ver todos, portanto descrever a um d'elles é descrever todos. Os povos são situados sobre alegres col-

linas adornadas de uma esplendida vegetação, e das quaes correm alguns arroios ou mananciaes de aguas crystallinas, e em seus declives existem varias chacaras e campos cultivados. Ao ver de longe estes grandes telhados de telhas vermelhas que a igreja domina mas sem ter torres, se diria que é um d'esses castellos antigos que o feudalismo tinha levantado para assegurar sua independencia e despotismo nas provincias agricolas de França, mas que a luz do seculo tem transformado hoje em immensas fazendas de productos agricolas e industriaes, se as palmas, as larangeiras que se avistam em toda a parte não fizessem lembrar outro paiz, outro clima.

Entra-se em uma espaçosa praça quadrilatera, de que com frente ao Norte, o collegio, a igreja e o cemiterio fazem o costado mais predominante.

As outras tres faces da praça na qual desembocam ora cinco, ora nove ruas, são formadas de galerias symetricamente repartidas de vinte a vinte quatro braças de comprido e quatro a cinco de largo com varandas de ambos os lados. Pelo alinhamento das mesmas ruas, se formam outras quadras com a mesma planta e perspectiva, se o augmento da povoação o requer. Na fachada principal da praça e fazendo-lhe bem frente se encontra a igreja sempre magnifica de tres ou cinco naves, e todas com capacidade de conter muitas mil pessoas. São de architectura irregular e de pouca duração, por causa das muitas madeiras de que são feitas as numerosas columnas dobradas que sustentam o pesado telhado, e das linhas que se acham intercaladas no centro das paredes do edificio, que contém mesmo que sejam feitas inteiramente como em alguns povos de grossos pedruscos de grés sem cimento, mas em geral as paredes são feitas em parte com pedras lavradas e em parte com tijolos crús e branqueados de tabatinga. Entra-se na igreja pelo portico em fórma de

concha, que em geral é sustentado por oito ou mais columnas de pedra quadradas ou redondas de uma só peça e de um vulto e peso enorme, e a cujo piso se chega por uma gradaria de pedra branda e vermelha.

Varios povos sem embargo tinham estas columnas de madeira.

Da mesma pedra são feitos os arcos, nichos, corôas que enfeitam o frontispicio e os frisos, cornijas que corôam o frontispicio e as columnas e as estatuas dos santos que adornam a frente, onde ha tres portas de madeiras diversamente lavradas. (32) A' direita da porta principal vê-se uma capella com seu altar e pia baptismal ordinariamente de pedra vermelha primorosamente lavrada assim como o seu pedestal, e em alguns povos, de barro vidrado com um grupo ou pintura representando o baptismo de Nosso Senhor. As columnas que separavam as naves e que são nove ou doze de cada lado, tem em seu intercolumnio a estatua de um apostolo de dimensões maiores que o natural e ricamente lavradas e adornadas. As capellas não são menos ricas nem menos explendidas. Os confessionarios curiosamente esculpidos e pintados são collocados entre as capellas. Ordinariamente ha cinco altares com retabulos do tamanho que requer a igreja, feitos de madeira com columnas, cornijas, entalhadas de diversos feitios, debuxos, guarnições, estatuas, molduras douradas e pinturas em que são representados os sagrados mysterios. O altar mór com seu retabulo occupa todo o fundo do coro que é todo dourado com mais ou menos profusão de adornos e de riquezas. O coro de alto abaixo está coberto de estatuas de santos: a do padroeiro do povo corôa a cornija do altar mór; a meia laranja esculpida e pintada a ouro, tem em seus quatro pendores um nicho com o busto de um papa.

Os soalhos são feitos com lousas de pedra bastante bruni-

das, são de dois palmos quadrados pelo ordinario; raras vezes o ladrilho é empregado para esse fim. Ha igrejas de trezentos e cincoenta palmos de comprido e de cento e vinte de largo como a de S. Miguel. A nave principal da igreja de Santa Rosa que com a de Corpus eram as mais ricas e sumptuosas, tinha duzentos e oitenta palmos de comprido, e a nave principal do templo de S. Luiz trezentos palmos de comprido e cem de largo Atraz do retabulo do altar mór que acaba de se destruir, lê-se 1728, 15 de Maio.

Os retabulos e as estatuas de santos que occupam seus nichos são pela mór parte toscos, e poucos são os que se encontram de boa esculptura. As pinturas das paredes, do zimborio e do portico são pela mór parte toscas e desproporcionadas. As alfaias de prata como jarros, bacias, cruzes, castiçaes lampadas, candelabros são mui numerosos e grandes, posto que pouco polidos com excepção de raras peças. Os vasos sagrados são muitos e da melhor obra e alguns são de ouro. Igualmente os ornamentos são numerosissimos, mui ricos e de grande preço. Immediata ao lado direito da capella mór, se acha a sacristia, igualmente adornada com um altar carregado de esculpturas. Vastos armarios applicados contra as paredes são igualmente trabalhados com o mesmo luxo e esmero. Em todas existe lavatorio, mas em algumas como em S. Luiz e em Santa Rosa o lavatorio é de marmore, e n'este ultimo povo a agua se derrama em uma grande bacia de prata. Nos sete povos da margem oriental do Uruguay, o templo de S. João, foi o unico concluido pelos jesuitas, os outros nunca o foram.

Bem que para o serviço de Deus, diz o Sr. de Doblas já citado, nenhuma riqueza seja excessiva, comtudo attendendo a pobreza dos povos e dos naturaes, parece que os jesuitas se excederam na riqueza das alfaias e ornamentos de seus templos. O que é para admirar, é que n'estas grandes construc-

ções não se encontram outros prégos se não os que seguram as fechaduras.

Entre a igreja e o portão grande do collegio se acha a torre feita de madeira formada de quatro pilares altos e grossos, com dois ou tres entablamentos que fazem outros tantos corpos, e seu competente telhadinho. Sóbe-se n'ella por uma escada pelo claustro ou pateo do collegio. Na torre ha muitos sinos, nunca menos de seis de varios tamanhos e alguns bastantes grandes e de bom som. Nos povos mesmo, como em Apostoles, eram fundidos os sinos. As torres de S. Miguel e de Santa Rosa eram de pedra lavrada.

Immediato ao lado esquerdo da igreja se acha o cemiterio (33) que se communicam por uma porta especial, fazendo tambem frente á praça, e de bastante capacidade para todo o povo, e cercado de paredes altas. Está plantado de cyprestes, palmeiras e laranjeiras que formam ruas por onde circulam as procissões, e que dividem terrenos para sepulturas de cadaveres innocentes, de membros das irmandades &c., sendo todos os fieis n'elle sepultados, excepto os padres jesuitas que se enterram separadamente na capella, junto ao altar mór. Ao meio do cemiterio ha uma grande cruz lavrada. A do povo de S. Lourenço é uma gigantesca cruz de uma enorme pedra que de uma só peça é formada com dois pares de braços. Ella ainda actualmente está estendida no meio do cemiterio, porque a derrubaram do seu pedestal para procurar dinheiro em seus alicerces. No dito cemiterio no de S. Nicolau e da Cruz encontram-se lousas sepulchraes com inscripções em guarani.

Existe no mesmo cemiterio ordinariamente pegada á igreja uma capella com pinturas, em que se representam ao vivo as almas penando no purgatorio, e no altar do qual (tambem lavrado) se dizia missa todas as segundas feiras.

Fôra do povo á distancia competente como de dois, ou tres

mil palmos em cada reducção, ha uma ou duas ermidas com capellas parecidas á parochial nos retabulos, pinturas e adornos, ás quaes se vai em procissão nas rogações e varias vezes no anno, e em tempo de necessidades. Estas capellas são dedicadas á algum santo da especial devoção dos fieis, como S. Izidro lavrador, Nossa Senhora de Loreto, &c.

Pela sacristia da igreja em todos os povos ha communicação com o collegio onde se acham os cubiculos dos padres jesuitas, e varios edificios destinados a diversos uzos. O collegio dos jesuitas é um vastissimo edificio que de um lado (Este) é flanqueado pela igreja em todo o seu comprimento, e fórma um quadrado de casas que fazem frente á praça á direita da igreja.

Estas casas tem uma dupla varanda, exterior e interior, que descançam sobre formosas columnas de pedra lavrada ou de madeira da altura ordinariamente de vinte cinco palmos, com seus competentes pedestaes e capiteis. No centro se encontra um claustro ou pateo vasto de duzentos ou trezentos palmos de cada lado no qual se vêem quadros de varias datas: o da cruz, v. g. tem a data de 1730, o de S. Luiz de 1746. e o de S. Lourenço de 1717; e em alguns se acha um poço no centro d'este claustro. Um lindo portão serve para entrar no claustro.

Elle se acha collocado a igual distancia de ambas as extremidades do pateo, e desde o portão uma calçada em linha recta leva ao cubiculo principal onde reside o cura. Os aposentos destinados aos jesuitas são vastos de trinta e mais palmos quadrados bem soalhados, forrados e pintados com vistas deliciosas. As varandas externas e internas são magnificas. O collegio de S. Luiz tem quatorze columnas quadradas na frente dos quartos dos padres, e na frente paralella, e treze em cada uma das duas outras faces do seu claustro, as quaes são de vinte palmos de comprido e tres de cada face.

Em S. Lourenço as columnas são mais delicadas, mais delgadas, e por isso se collocaram duas unidas para fazer a força de uma só e são redondas como em S. João. Em S. Borja as columnas eram de madeira. No angulo recto do collegio, correspondente á sacristia, está o refeitorio dos jesuitas, quasi sempre todo edificado de pedra lavrada com lindas portaladas que serviriam magnificamente para capellas. Esta peça tinha sempre subterraneo mais ou menos extenso. As casas que vem em seguida paralellas á igreja contém as escolas, e varias officinas de ourives, pintores, entalhadores, ferraria, muitos armazens e uma casa forte para prisão.

Contiguo ou nos arrabaldes se encontra um recolhimento de viuvas e donzellas, e hospital. Uma espaçosa varanda exterior, tomando os fundos inteiros do collegio, da igreja, e do cemiterio, olha para uma horta murada de pedra e barro, com ruas alinhadas e plantadas de pinheiros, laranjeiras, limoeiros, marmeleiros, macieiras, pecegueiros, nogueiras da Europa, oliveiras, parreiras, e outras muitas arvores e arbustos tanto indigenas como exoticos, « el unico lujo que se permitian los padres, diz Monsieur Martin de Moussy, era el de una hermoza huerta, bien plantada de naranjos, parras, higueras, durasneros, granaderos, guayaveros, bananos, palmas, &c., &c., e de todos las legumbres de Europa. Pues este lujo era simple e poco custoso; cualquier propriétario inteligente puede ahy conseguir otro tanto e nel suelo de Misiones. » Em quanto as casas da praça, ellas se acham repartidas em quartos de trinta palmos quadrados. Cada quarto contém uma e mais familias que dormem e cozinham em um só aposento e que com o desalinho que lhes é proprio o tornam logo negro, immundo e asqueroso, notando-se que poucos dormem em redes ou hamaes, e sim no chão.

Em uma nota dos Annaes do Sr. visconde de S. Leopoldo, 2.ª edição, pag. 85 lê-se:

« Entretinham-se n'esta missão, (fallando de S. Miguel, o que eu applico em geral a todas) mil e quatrocentas familias que viviam em commum passando aliás em miseria, mórmente de vestuario; do seu trabalho se utilisavam os jesuitas para as extensissimas plantações e colheitas de herva mate, algodão, trigo, mandioca, canna de assucar, batatas, hervilhas, favas, feijões, aboboras, &c., &c., além dos empregados nas olarias, nos cortumes, no trafego e custeio das estancias de animaes vaccum e eavallar, &c. »

Nos arrabaldes de cada povo existe uma plantação artificial de arvores de congonha para fabricar herva mate. Em S. Lourenço está a plantação semi-circular á maneira de ferradura. Em todos os povos é sufficiente a colheita d'estas arvores para o uso dos habitantes.

A preparação da herva se fazia com esmero, de tal modo que toda a que procedia das missões tinha preferencia nos mercados de Buenos-Ayres. Houve época em que subministravam annualmente até quarenta mil arrobas a este mercado, mas tendo negociantes da Assumpção reclamado a este respeito, uma cedula real de 1679, havia limitado a doze mil arrobas, a quantidade que das missões podia ir annualmente á Buenos-Ayres. Em geral todos os productos das missões tinham uma superioridade distincta, porque sua preparação era feita com esmero e alheia á rotina, que se restabeleceu logo depois da retirada dos jesuitas.

CAPITULO XIV.

EXPULSÃO E SAHIDA DOS JESUITAS. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SUAS RIQUEZAS METALLICAS E SOBRE MINAS DE METAL PRECIOSO. JUIZO SOBRE OS JESUITAS.

. As queixas dos hespanhóes povoadores, possuidores de commendas das provincias do Paraguay, de Buenos-Ayres e

Tucuman durante o espaço de cento e cincoenta annos, as queixas dos portuguezes que encontraram os jesuitas nos campos de batalha e querendo senhorear-se da provincia do Rio Grande do Sul, a queixa dos bispos e governadores do Paraguay e de Buenos-Ayres contra as pretenções da sociedade de Jesus n'estas regiões, motivados por idéas de independencia que elles tinham ou que se lhes attribuiu, indispuzeram a côrte de Hespanha contra os jesuitas que tinham cortado aos indios seus subditos toda a especie de relações com o monarcha, com os vice-reis, governadores, e bispos, e emfim, com todos os hespanhóes, pois não consentiam que os indios fizessem nenhum commercio em particular.

Para evitar toda a communicação com os hespanhóes e conter os indios, fizeram cavar fóssos profundos e levantar fortes palissadas seguras por cadeados nos lugares de passagem necessaria e inevitavel, e ahi collocavam sentinellas e guardas vigilantes para não deixarem entrar nem sahir ninguem sem ordem por escripto. Rodearam o territorio da jurisdicção de cada reducção de novos fóssos, portas e guardas nos lugares de passagem para não deixarem os habitantes de cada reducção emigrarem, ou irem de uma para outra. Não permittiam andar a cavallo senão a pequeno numero de indios indispensaveis para levarem suas ordens de um para outro lado, e para o cuidado das estancias que não requeriam muita gente, pois que estavam intrincheirados tambem os campos onde pastavam os animaes, pelo que vinham a ser verdadeiros parques. As disposições tomadas pelos jesuitas, os canhões que se tinham procurado, os armamentos que tinham mandado fazer, as munições de guerra que possuiam, deram a suspeitar a uns que elles tinham descoberto minas de subido valor, e a outros que queriam elles formar uma republica independente. Augmentavam as suspeitas, ao considerar-se que a maioria dos jesuitas da provincia do Paraguay eram inglezes, italianos e

allemães, e que os poucos hespanhóes que ahi existiam occupavam empregos subalternos; que não só se prohibia a entrada nas missões aos hespanhóes, mas tambem aos bispos vizitadores das igrejas, e aos governadores e seus empregados encarregados da administração civil e politica; que os jesuitas faziam todos seus esforços para tornar aguerridos seus subalternos, reduzindo todas as suas festas em lições esgrima e de espada, as quaes nem as mulheres deixavam de assistir. Emfim, seja o que fôr, bem que os jesuitas contassem numerosos defensores nas côrtes de Madrid e de Portugal, o seu reinado estava concluido, e sua influencia não pôde prevalecer junto das duas côrtes ás razões falsas ou verdadeiras de seus inimigos. Em 1759 os jesuitas foram desterrados de Portugal e de suas colonias, e por decreto de 2 de Abril de 1767, Carlos III os expelliu igualmente de Hespanha e de suas colonias.

Bucareli, governador de Buenos Ayres, fez pôr em execução em 1768 as ordens que tinha recebido de Madrid. Os jesuitas, que de certo esperavam este golpe á vista do que se tinha passado em Portugal, no Brasil, e mesmo em Hespanha no anno anterior, obedeceram com docilidade ás ordens do governador. Reuniram-se pela mór parte em S. Thomé, e seguiram para Buenos Ayres, onde foram embarcados para a Italia (34). A ser certa a allocução que um jesuita fez aos neophytos em o povo de S. Nicoláo, pareceria que os missionarios da companhia de Jesus, não pensavam que a sua expulsão das reducções fosse tão seria, nem que fosse duradoura. Eis em substancia o que me foi referido por um ancião que nos seus verdes annos era destinado ao serviço da igreja de S. Nicoláo no tempo dos jesuitas, e que falleceu, não faz muito, na idade de cento e vinte annos: « Nós vossos padres, que vos tiramos do captiveiro do demonio para vos fazer e a vossos pais, filhos de Deus, de S. Nicoláo e de S.

Miguel; nós que a vós e a vossos pais temos trazido dos desertos e dos matos, onde não tinheis que comer, que vestir, nem casas para morar, para este povo onde tendes casas, vestidos e comidas, e onde viveis como filhos de Deus e de S. Nicoláo que vos darão a salvação; nós vossos padres somos obrigados a vos deixar e desamparar, mas será por pouco tempo. Já por duas vezes nos arrancaram do meio de vós, (35) porém Nosso Senhor logo nos restabeleceu em nossos povos junto de vós. Sim, brevemente tornaremos a voltar, porém guardai-vos bem durante nossa ausencia de descobrir os segredos e os thesouros de S. Nicoláo e de vossos padres. Os outros não vos querem e gastariam todos vossos thesouros se soubessem d'elles. Antes morrer do que descobrir os segredos e os thesouros de S. Nicoláo e dos padres, porque essa morte será premiada pela felicidade eterna. »

O indio que referiu este discurso dos padres jesuitas não descobriu os segredos nem os thesouros de S. Nicoláo e dos padres. Apenas disse ter visto mui poucos dias antes da sahida dos jesuitas de S. Nicoláu, seis carretas carregadas de alfaias e ornamentos de igreja com direcção ao passo do Sarmento no rio Piratini, e que no outro dia viu voltar as carretas vasias, sem nunca ter sabido o fim que levaram as ditas alfaias, se foram embarcadas ou se foram lançadas em algum fosso ou subterraneo nos matos que bordam o Piratini: nem nunca pôde averiguar nada dos carreteiros que conduziam as ditas carretas, porque nunca mais os viu

Por estar agora n'este assumpto dos thesouros enterrados, e das riquezas e minas preciosas descobertas pelos jesuitas, materia que tanto tem dado que fallar antes da suppressão da celebre companhia e ainda depois, sem que nenhum escriptor tenha dado a entender que elles tivessem descoberto minas de metaes preciosos na provincia do Paraguay, que formava a sua republica christã; direi alguma cousa do que pude

instruir-me durante varios annos de residencia nas missões. Narro além d'isso factos que me foram contados por pessoas que me parecem veridicas, deixando aos leitores formarem o seu juizo, e ao tempo descobrir a verdade.

Além do discurso que o indio de S. Nicoláo fez pronunciar aos jesuitas do dito povo e da sua declaração que acabo de referir, vou narrar a declaração do indio Christoval que no tempo da expulsão dos jesuitas era sacristão-piá do cura, companhia do povo de S. João, que foi depois corregedor do mesmo povo durante a dominação hespanhóla, e que foi porteiro do administrador do dito povo durante a administração do distincto capitão Francisco Marques Pereira, depois da conquista. O mesmo capitão que ainda existe me narrou este facto que elle mesmo ouviu da boca do indio Christoval. « Na noite anterior á sahida do cura e do seu sacristão-piá, o cura e o seu companheiro depois da ceia chamaram os seus sacristães e com seus lenços lhes taparam cuidadosamente os olhos e os ouvidos. Fizeram-os então durante varias horas carregar caixas pesadas, com as quaes desceram degráos como quem ia á quinta (36), e depois lhes fizeram dar varias voltas com as mesmas caixas, para que os sacristães não podessem conhecer o rumo do caminho que levavam. Fizeram em seguida passar os mesmos piás um do lado de dentro, outro do lado de fóra do aposento onde tinham carregado as caixas, e n'este intervallo ouviram elles socar terra, e ao fim de algum tempo tendo parado o rumor, o primeiro piá impaciente destapou um pouco os olhos e os ouvidos e disse devagarzinho para o seu companheiro, que ouvia gemer um indio, que lhe parecia ser o cozinheiro, que morria enforcado em presença dos padres. Ao depois foram chamados os piás para socarem tambem terra. O que feito foram levados para os seus aposentos, e na madrugada da mesma noite partiu o padre cura com o seu sacristão, sem que nunca mais

o indio narrador tivesse noticia d'elles. Pela manhã tinha desapparecido o cozinheiro. De tarde o padre companheiro mandou o seu sacristão Christoval que fosse pedir a benção a seu pai, para partir na noite seguinte com elle.

Mas o piá assustado fugiu para o monte onde se conservou mais de um mez até que soube que havia no povo corregedor castelhano.

Dizia pois Christoval que elle tinha ajudado a esconder os thesouros dos padres jesuitas de S. João; que está certo que elles se achavam na quinta dos mesmos jesuitas, mas que era impossivel a elle designar o lugar.

O cura de S. Miguel chegou perigosamente enfermo a Buenos Ayres, tanto que não pôde embarcar com seus companheiros para a Europa. Em Buenos Ayres falleceu poucos dias depois. E em virtude de uma nota que elle deixou a um irmão seu na mesma cidade, vieram, não faz muitos annos procurar os thesouros de S. Miguel, com os quaes dois individuos que poderia nomear, mas que os não nomeia, compraram cada um uma estancia.

Nos arrebaldes do povo de S. Lourenço existe um buraco entupido conhecido pelo nome de *Quarepoti* (buraco de prata), onde por tradição se diz que os jesuitas tiraram prata. E no de S. João ha indicios de ter-se tirado ouro, abaixo do arroio do Moinho.

Não longe do povo de S. Thomé existe um fosso que foi bem profundo e comprido, onde a tradição ensina que os jesuitas descobriram uma mina de ouro, e que elles mesmos mandaram entupir por não lhes fazer conta que esta noticia se propalasse.

Apenas alguns vestigios restam d'este trabalho, estando actualmente o lugar dentro do mato.

Tem apparecido varias vezes indicios da presença de ouro em S. Thomé. Em 1849 os periodicos, em particular o *Jor-*

nal do Commercio do Rio de Janeiro, fallaram da descoberta do ouro de S. Thomé, como de uma nova california; porém nunca pessoa alguma com as devidas habilitações tratou de certificar-se da existencia do metal precioso nas missões.

Asseguram que nas vizinhanças do povo de Corpus sobre o Paraná ha ouro com abundancia. Conheci uma india velha que me assegurou ter ajudado seu pai á extrahir ouro em seu territorio perto de Corpus.

Em Roma nos archivos da sociedade de Jesus, devem-se achar algumas notas preciosas sobre estes objectos que haviam de fornecer esclarecimentos uteis ás nações que actualmente possuem o vasto territorio da provincia da companhia de Jesus do Paraguay. Deixam-se alguns persuadir que ellas existem na realidade, por ter havido pessoas que vieram da cidade Eterna para a America alliciadas por algumas notas por ellas vistas, mas que as circumstancias não favoreceram em suas empresas.

O celebre viajante francez Mr. de Saint-Hilaire em sua visita ás missões orientaes do Uruguay, parou poucos dias em S. Borja, onde sem embargo travou amizade com o commandante de missões coronel Antonio José da Silva Paulete, engenheiro portuguez, porém, d'este povo seguiu a visitar os outros; e consta que de S. João mandou ao governador coronel Paulete uma memoria sobre as missões orientaes, cuja memoria infelizmente se perdeu nas mãos das numerosas pessoas que a quizeram ler.

Mas asseguraram-me pessoas de distincção, e entre ellas meu finado amigo Mr. Bonpland, de que na referida memoria se tecia o maior elogio ao territorio de missões e a seus productos, e que n'ella se assegurava que em missões se achava muito ouro e muita prata, e que elle concluia dizendo: que os habitantes de missões eram uns cegos que não sabiam aproveitar as riquezas immensas que pisavam e calcavam com os pés.

Seja que os jesuitas tivessem descoberto minas de metal precioso ou não, seja que elles occultassem seus thesouros ou não; o caso é que posteriormente á elles não se tem obtido noticias d'estas minas, nem d'esses thesouros. Em minha opinião, mesmo que sua existencia fosse certa, o que não ouso asseverar, teria sido difficultoso descobril-os, tanto por causa da ignorancia da grande maiorja dos indios a este respeito, como pelo obstinado silencio que muitos motivos recommendavam aos poucos que teriam podido dar alguma relação sobre este assumpto. Emfim as guerras de que as missões tem sido o theatro durante tantos annos, a sua distribuição por tres potencias distinctas, a introducção no seu territorio de uma nova povoação quasi toda inclinada e occupada á vida pastoril, não deram lugar a fazerem-se pesquizas d'esta importancia.

Se os filhos de Santo Ignacio de Loyola se retiraram com docilidade da sua republica christã da provincia do Paraguay, os seus neophytos não se mostraram menos submissos ás ordens que se lhe deram, e todos os seus empenhos se limitaram a fazer supplicas para conservar seus directores. Em sua Memoria historica Mr. Dr. Martin de Moussy transcreve a carta seguinte que a municipalidade de S. Luiz dirigiu em lingua guarani ao governador de Buenos Ayres Bucareli a este respeito:

« Nós o cabildo e todos os caciques e indios, homens, mulheres e meninos de S. Luiz, pedimos a Deus que guarde a V. Ex. que é o nosso pai. O corregedor Santiago Pindo e D. Pantaleão Carpeari pelo amor que nos tem, nos hão escripto pedindo-nos certos passaros que desejam enviar á el-rei, e sentimos muito não poder conseguil-os, porque elles vivem nos bosques onde Deus os criou e se afastam de nós de maneira que não os podemos caçar. Comtudo, somos os vassallos de Deus e de el-rei e estamos sempre promptos a

cumprir com os desejos de seus ministros em tudo o que elles nos pedem. Não é certo que fomos por tres vezes até a colonia offerecendo nosso auxilio? Não é verdade que trabalhamos para pagar o tributo? Tambem agora rogamos a Deus para que a mais linda das aves, o Espirito Santo desça sobre el-rei e o illumine, e que o santo anjo de sua guarda o acompanhe.

Confiando em V. Ex., Sr. governador, vimos com toda a humildade e com as lagrimas nos olhos, supplicar que os filhos de Santo Ignacio, os padres da companhia de Jesus, possam continuar a viver com nosco, e permaneçam sempre aqui. Imploramos de V. Ex. que se digne solicitar isso de el-rei em nosso nome pelo amor de Deus. Todo nosso povo, homens, mulheres e crianças e especialmente os pobres solicitam esta graça com as lagrimas nos olhos. Nós não queremos os frades e sacerdotes que nos enviaram para os substituir. O apostolo S. Thomé assim o ensinou a nossos antepassados n'estas mesmas comarcas. Estes frades e sacerdotes não nos prestam cuidados: os filhos de Santo Ignacio, sim. Estes desde o principio cuidaram em nossos pais, os ensinaram, os baptizaram, e os salvaram para Deus para el-rei; mas emquanto os ditos frades e clerigos, de nenhuma maneira os queremos.

Os padres da companhia de Jesus sabem contemporizar com nossas fraquezas, e nós eramos felizes debaixo da sua direcção por amor de Deus e d'el-rei. Se V. Ex. bom governador quer prestar ouvidos á nossa supplica e conceder-nos o que lhe pedimos, pagaremos um tributo mais crescido na herva *Cuamine*. Nós não somos escravos e queremos manifestar que não gostamos do uso hespanhol de que cada um se ajude a si mesmo, em lugar de auxiliarem-se uns aos outros em seus trabalhos quotidianos. Esta é a verdade sincera e pura que participamos a V. Ex. para que attenda a ella, se-

não este povo se perderá como os outros. Seremos perdidos para V. Ex., para el-rei e para Deus; cahiremos sob a influencia do demonio; e onde encontraremos auxilio na hora da nossa morte? Nossos filhos que se acham nos campos e nos povos não encontrando em seu regresso os filhos de S. Ignacio fugiram para os desertos a fazer mal. Parece que a gente de S. Joaquim, S. Estanisláu, S. Fernando e Tombó está perdida. Nós o sabemos mui bem, e o dizemos a V. Ex., nem os mesmos cabildos são capazes de recobrar estes povos para Deus e para el-rei como o estavam antes.

Assim pois, bom governador, concedei-nos o que pedimos, e que Deus vos ajude e guarde. Isto dizemos em nome do povo de S. Luiz, hoje 28 de Fevereiro de 1768. Vossos humildes servos e filhos. Os membros da municipalidade. »

Alguns escriptores, entre elles De Pradt, deduzindo argumento da docilidade, com que a companhia obedeceu e largou um imperio, desceu de um throno creado a preço de tantos suores e sangue, em que exercia um dominio absoluto lhe seria facil defender, dizem que esta conducta é a mais bella apologia dos jesuitas e uma resposta victoriosa a seus calumniadores.

Outros escriptores, entre elles o visconde de S. Leopoldo, dizem que a docilidade dos jesuitas é o melhor que resta allegar em seu abono, pois que o exercito combinado dos hespanhóes e portuguezes (na guerra chamada dos jesuitas contra os hespanhóes e portuguezes, e que havia custado vinte e seis milhões de cruzados 31,200.000 pesos fortes á Portugal) levando sempre de vencida as forças dos jesuitas, e tendo franqueada a entrada de missões, tinha arrancado a mascara impostora, e desfechado golpe fatal sobre o credito e opinião com que esses padres eram ahi venerados. Accrescentando que nem se quer elles lograram a consolação de serem tão chorados como se esperava; indifferença que procedeu talvez

do enojo em que os indios, ao que parecia bem afortunados, passavam tranquillos e doceis, mas não felizes... em uma escravidão abjecta, cercados de terrores e de opiniões tristes, de obrigações puerís, de macerações e de penosas privações, formando apenas confusas idéas do tanto quanto deviam aos cuidados dos seus instituidores, só conservavam o sentimento de despotismo com que eram regidos; e proviria tambem da persuasão de ficarem pela expulsão d'elles libertos, e nem por isso menos ditosos.

O illustre auctor dos Annaes da provincia de S. Pedro que acabo de citar, e que se declara estranho á toda especie de partido e que assegura ter-se instruido de proposito no pró e contra o que se tem dito d'estes estabelecimentos jesuiticos, cita o quadro que d'elles nos deixou Raynal, que tinha tantas razões de haver penetrado a indole d'essa sociedade, quadro que elle designa como fiel e veridico; eil-o: « Os primeiros missionarios, que entraram a apostolar n'esses desertos, jámais sonharam de apropriar-se dos productos de um territorio, que sem elles provavelmente jazeria até hoje no estado inculto e inhabitado do resto da America, encontrando a cada passo obstaculos indiziveis, fadigas excessivas, e algumas vezes a mesma morte.

Que incomprehensiveis trabalhos, cuidados, e paciencia não lhes custaria para fazer passar selvagens de uma vida errante para o estado social! E' preciso convir, que este prodigio de civilisação só podia ser desempenhado por estes religiosos, que haviam adquirido um heroismo christão, e a arte tão difficil de fallar aos corações e aos espiritos ferozes á um gráo, em que não tem sido igualados; e se em geral semelhantes corporações são as mais proprias para essas empresas, e com as forças necessarias para desempenhal-as, já pela santidade dos motivos que sugam na sua instituição, já pelas virtudes adquiridas, e sobretudo pelo espirito de per-

severança de que participam, quanto mais completa deveria ella ser pela sociedade dos jesuitas, que sobrepujou infinitamente, e eclipsou tudo quanto fizeram as outras congregações na mesma carreira!

Todavia seus successores tiveram vistas menos nobres, e menos puras, lançaram o germen do dominio, e fundaram um systema de ambição e de soberania sobre a destruição de todas as bases sociaes, e buscaram um augmento de fortuna e de poder, onde não deveriam ter em fito mais que a gloria do christianismo, e o bem da humanidade: nada poderá disfarçar e diminuir o horroroso attentado, com que abusando, por tudo aquillo que a virtude e a probidade tem de mais sagrado, da boa fé e da confiança da côrte de Madrid, se prevaleceram da innocencia, da simplicidade, e do trabalho dos seus proselytos, para se fazerem opulentos, para comprarem credito na Europa e para augmentarem uma influencia já perigosa por todo o globo; para estragarem e perverterem os principios de equidade natural com maximas depravadas; e para emfim, com enthusiasmos de independencia os levarem ao fogo da rebellião a combater com fanatismo e desigualdade contra tropas regulares e disciplinadas. « Annaes da provincia de S. Pedro, 2.ª edição, cap. 13. »

Distinguem pois estes dois celebres auctores, dois tempos ou duas épocas, para julgarem o proceder dos jesuitas na republica christã do Paraguay. Durante a primeira época elles mereceram os maiores elogios, e não tem faltado quem lhes tecesse louvores desde *Il Cristianismo felice nelle missioni dei padri della compagnia di Gesù nel Paraguay*, de Muratori, 1743, as *Letras Edificantes* traduzidas do latim em francez, em 1638 até os quadros tocantes do *Genie du Christianisme* de Chateaubriand, &c.

Porém a *Collecion General* de documentos tocantes a la persecucion contra D. Bernardino de Cardenas, bispo do Pa-

raguay, publicada em 1768 e tocantes a la persecucion contra Dom José de Antequera, publicada tambem em Madrid no anno seguinte 1769. Os auctores do *Ensayo de la Historia civil do Paraguay*, e tambem a History of the vice Royalty of Buenos-Ayres; a carta escripta pelo punho de Dom José I, rei de Portugal, em 5 de Dezembro de 1767 ao papa Clemente XIII e o *Investigador Portuguez*, em Inglaterra, publicado em 1815, etc., fazem aos jesuitas accusações que correspondem á segunda época em que aquelles regulares mereceram censuras.

Os viajantes modernos que percorreram as regiões regadas pelo suor dos jesuitas, que fundaram as reducções e reduziram os indios n'esta parte da America do Sul, e que viram como eu estou vendo as ruinas d'estas obras verdadeiramente grandiosas, e que ouvem as queixas de alguns indios isolados, que não conheceram bem o regimen dos jesuitas são em geral apologistas dos jesuitas, assim como Monsieur Alfred de Orbigny em sua *Viagem nas duas Americas* e Monsieur Martin de Moussy em sua *Memoria Historica sobre la decadencia y ruina de las missiones jesuiticas em el Seno del Plata*, 1856. Estes louvores e elogios se applicam muito bem á primeira época em que os jesuitas tanto os mereceram, mas para que o leitor julgue se estes viajantes auctores destruiram os argumentos feitos contra os jesuitas na segunda época, transcrevo aqui a ultima pagina da citada *Memoria*.

« Não é certamente, em um paiz onde quasi em toda a parte se encontram vestigios das obras creadas pela mão intelligente e bemfeitora da companhia de Jesus, que se póde resistir á evidencia e desconhecer tudo o que esta ordem celebre havia feito de bom e de grande na America. Seus traços se encontram em todas as partes, nas regiões povoadas pelos portuguezes, como n'aquellas que colonizaram os hespanhóes; deve-se-lhes a civilisação de numerosas tribus de

indios, a educação da mais escolhida mocidade crioula, a geographia da parte interior do continente que povoaram com suas ultimas reducções. Qualquer que seja a série de acontecimentos sobre que, na Europa, se tenha posto sua influencia, e qualquer que seja o juizo que se haja crido dever formar sobre ella, póde-se affirmar que aqui, n'estas regiões do Prata, esta mesma influencia sempre foi saudavel e bemfazeja; e podemos julgal-o pelas missões.

Pelo que toca ao estranho regimen que se seguia n'estes estabelecimentos, d'este communismo criticado com apparencias de razão, a melhor prova de que era mui conveniente para os indios, é que os successores dos jesuitas se viram obrigados a seguil-o quasi até a época actual, que sua destruição não tendo sido preparada com medidas judiciosas e paternaes, não se obteve outro resultado senão de precipitar os indios na miseria. Actualmente seus ultimos herdeiros choram amargamente por este regimen imperfeito, sem duvida, mas mui conforme com seus instinctos e usos.

Crer-se-ha por ventura que na época em que nos achamos em nossos dias, depois da emancipação das colonias hespanholas e com a emigração européa n'estas regiões, os jesuitas, tão intelligentes em tudo, teriam continuado com a communidade e com o isolamento, quando a civilisação moderna com suas necessidades e instinctos viesse se estabelecer no Prata? Elles sem duvida teriam preparado seus neophytos para a propriedade e liberdade, tel-os-iam attrahido gradualmente á fusão com a raça européa que os teria absorvido e modificado sem destruil-os. Nenhum homem de bom senso póde fazer a esta companhia, tão notavel pela sabedoria de seus planos e pelo tino de suas idéas, a injuria de crer que ella tivesse querido erigir o communismo das reducções em systema permanente applicavel á todos e em tudo. Como o temos visto, se os indios eram considerados pelos jesuitas

como grandes meninos, ao menos elles os estimavam, os cuidavam e os tratavam como filhos. Porém os meninos chegam a idade viril e as nações crescem com elles. A época da virilidade teria chegado com ella para os guaranis, e seus directores certamente teriam sabido dirigil-os em uma nova estrada para seu desenvolvimento.

Não é meu intento nem me cabe dizer o que os jesuitas teriam feito se se tivessem conservado na administração da provincia da companhia de Jesus do Paraguay.

De certo os trinta e tres povos que tinham na sua expulsão em 1768, e que pela mór parte só contém ruinas, seriam hoje cidades ou villas bem lindas e opulentas. Teriam tambem elles formado novas reducções, mas se calcularmos o incremento que teria tido essa republica pelo que teve durante os cincoenta ultimos annos da administração jesuitica, nem por isso se teria muito augmentado o numero das suas novas reducções, pois que de 1708 até 1768, só fundaram as tres reducções do alto Paraguay, S. Joaquim, S. Estanisláu e Belém.

O numero dos habitantes da republica ia tambem em diminuição, pois que constando em 1733 a população total de cento trinta e tres mil almas, não contava na época da expulsão cem mil almas. (37) A população dos sete povos da margem esquerda do Uruguay na época da expulsão era segundo uns de vinte sete mil almas, e segundo outros de trinta mil. Se o territorio pertencente aos ditos sete povos tivesse ficado debaixo do governo jesuitico, de certo não alcançaria sua população ao algarismo a que tem chegado sob a dominação do imperio do Brasil, que de quatorze mil habitantes que contava em 1801, subiu a perto de sessenta e cinco mil que calculo ter actualmente o mesmo territorio.

Muitos serviços prestavam os jesuitas á humanidade, á civilisação e á sciencia na provincia da companhia de Jesus

no Paraguay, levantaram cartas geographicas e escreveram grammaticas, diccionarios e varios livros em lingua guaraní, mas não se póde negar que os hespanhóes descobridores, conquistadores e fundadores antes da admissão dos jesuitas n'estas regiões e em menos espaço de tempo desde 1526 até 1607 fundaram mais colonias do que os jesuitas, pois edificaram quarenta povos e oito ou dez cidades, descobriram passagem do Paraguay ao Perú, trouxeram os primeiros cavallos, as primeiras vaccas, as primeiras ovelhas, penetraram até a provincia do Mato-Grosso, onde acharam caminho por um affluente do rio Maranhão, e por esse rio para irem a Europa &c., como narrei no capitulo 1.° O padre Bandini, chamado principe da lingua guaraní tinha bastante escripto na dita lingua antes que os jesuitas a aperfeiçoassem.

Se um governo despotico, e talvez mais despotico que o dos jesuitas não tivesse presidido aos destinos de uma porção dos neophytos deixados por elles; se a guerra, as sedições, as convulsões politicas não tivessem favorecido a pilhagem nas reducções jesuiticas e occasionado sua ruina; se um governo illustrado, paternal, tivesse guiado os indios na senda da civilisação e do progresso, e que como a Polonia seu territorio não tivesse sido repartido entre tres vizinhos, talvez hoje a republica da companhia de Jesus do Paraguay, fosse uma das mais opulentas nações da America.

Quanto aos jesuitas no Brasil, póde-se ver no que segue, o juizo que d'elles fez seu principal historiador.

O Sr. Varnhagen, depois de ter citado o diario com o titulo de *Ephemerides*, escripto em latim pelo padre Thadeu Henis sobre os feitos dos indios na guerra de 1752 á 1756, de cuja narrativa, existe o original em Simancas, e foi por elle visto, revela que os indios rebeldes seguiam a voz dos padres, ou, o que vem a ser o mesmo, que estes eram os seus chefes; diz que se limita á registrar o facto de que a

ingerencia dos padres das missões n'esta rebeldia dos indios do Uruguay foi patenteada com documentos, ás duas côrtes de Lisboa e Madrid, por Gomes Freire e Valdelirios.

O mesmo erudito historiador accrescenta: quanto á companhia de Jesus, respeitavel por tantos titulos, que deu ao mundo tantos talentos insignes, e á igreja varios santos, instituição que, longe de ter infancia, começou logo varonilmente, justo é confessar que prestou ao Brasil grandes serviços bem que por outro lado parcialismo ou demencia fôra negar, quando os factos o evidenciam que, ás vezes pela ambição e orgulho dos seus membros, provocou no paiz não poucos disturbios.

« Os seus serviços no Brasil podem-se reduzir a tres: Conversão de indios, educação da mocidade, e construcção de alguns edificios publicos que passaram a ser propriedade do estado.

« Na conversão de indios prestaram um grande serviço na infancia da colonisação, animando os governadores a proseguir sem escrupulos o systema de os obrigar á força, em toda a parte reconhecido como o mais proficuo para sugeitar o homem que desconhece o temor de Deus e a sujeição de si mesmo pela lei. Entretanto é lamentavel que justamente se apresentassem a sustentar o systema contrario, quando tiveram fazendas que grangear com o suor dos indios, ao passo que os moradores da terra, comprando os escravos d'Africa, e arruinando-se com isso, não poderiam competir com elles na cultura do assucar, &c.

Na educação da mocidade tambem prestaram importantes serviços, embora sejam accusados de influir demasiado em seus alumnos o amor á companhia, a ponto de tratar sempre de reduzir, para entrarem n'ella, os mais talentosos... Com a reforma da instrucção publica de Pombal, a instrucção superior... ganhou sem duvida, e acaso tambem a primaria;

porém a *educação* popular perdeu, fazendo-se profana em demasia.

« A construcção de alguns edificios publicos, foi pela maior parte obra dos braços dos indios, monopolizados pelos discipulos de Santo Ignacio. São construcções solidas, de muita cantaria; porém de ordinario pesadas e faltas de gosto, como ainda hoje se vê na cathedral da Bahia, igreja de Peruibe e outras. Falta n'estas construcções o sublime que offerece a continuidade das grandes linhas:—horizontal no genero classico;—vertical no ponta-agudo.

« Entretanto a abolição da companhia foi favoravel aos povos pela desamortização e venda de seus bens, que, pelos preços baratos com que foram vendidos. serviram como de indemnizar a perda dos braços dos indios, então de todo libertados...

« Não defenderemos os jesuitas, como alguns, dizendo que elles no Brasil eram contra os mandões e a favor dos povos, quando a historia nos prova o contrario: que os mandões mais arbitrarios os protegiam sempre, e os povos sempre contra elles se levantavam: e quando havendo elles feito voto de pobreza, eram, a pretexto dos seus collegios, tão ricos e manejavam tantos cabedaes, e tinham tantos engenhos, terras e escravaria e até marinha e commercio; o que justamente contribuia para que os povos, por natural inveja, os amassem menos, ainda quando a isso não concorresse a excessiva influencia politica que a companhia se arrogou sobre os povos e as côrtes, da qual se originou o facto de que havendo a dita companhia sido approvada por Paulo III (pelas bullas de 27 de Setembro de 1540, e 28 de Fevereiro de 1547, e breve de 15 de Novembro de 1549) ainda não decorrêra meio seculo quando já inclusivamente outros religiosos a accusavam como degenerada do seu primitivo instituto.

Não falta quem allegue entre os meritos d'estes religiosos

o haver prégado sempre aos homens os seus *deveres*, quando tantos ambiciosos de popularidade e por moda, não fazem mais que engodal-os, exagerando-lhes os seus *direitos:* Infelizmente no Brasil não foram elles coherentes n'este ponto, quando aos proprios indios faziam dizer aos reis que os donos das terras eram elles, e phrases quejandas. Historia geral do Brasil, tomo II. »

---

(30) Origem do castigo dos açoites nas missões jesuiticas.

Em sua Historia da Companhia de Jesus da provinciado Paraguay o padre jesuita Pedro Lozano refere o que segue: Tom. 2.° pag. 616, que se passou no anno de 1612 em S. Ignacio-guaçú.

« Como é impossivel que haja republica tão bem ordenada em que a fraqueza humana se conserve muito tempo, sem commetter algum desmando contra a santidade das leis, e que para seu remedio seja necessario o freio do medo servil para conter aquelles que não o fazem por amor, se esteve excogitando até então como se introduziria com suavidade um castigo, que não exasperasse o animo delicado dos neophytos, Por fim se achou um estratagema (*traza*) que pareceu e foi sem duvida inspirado do céo. »

« Os padres tinham em sua companhia um menino hespanhol que lhes ajudava a missa, e concertaram com elle, que misturando-se com os outros indioszinhos de sua idade em algumas travessuras innocentes, se deixasse açoitar por castigo, para poder em outras occasiões se fazer o mesmo aos meninos indios, e experimentar por esta fórma de que maneira isso seria tomado pelos pais d'elles, e ver-se se podia ir mais adiante e intentar o mesmo castigo com os mais avançados em idade.

O hespanholzinho para executar o plano combinado, e não foi pequena victoria que superasse o medo que geralmente se tem n'aquella idade á palmatoria, e tendo feito barulho com os outros no jogo, lhe mandaram dar uns açoites, que soffreu humilde e pacientemente, e depois tendo-se ajoelhado, beijou a mão do padre Roque, agradecendo-lhe a correcção que lhe tinha feito para seu bem.

Aproveitou esta occasião o referido padre de dirigir a palavra as pessoas que casualmente se achavam presentes, e lhes disse, que este era o meio porque os hespanhoes educavam seus filhos, corrigiam suas faltas, emendavam suas más inclinações, e os indireitavam em pequenos para que crescessem sem vicios. Acharam isso bom e não só a razão, como tambem o exemplo da nação dominante os dispôz a consentirem que se exercesse o mesmo castigo em seus filhos. Estes depois de o terem recebido principiaram a praticar a mesma ceremonia, de se humilharem reverentemente perante o missionario que os mandava corrigir.

Principiada esta pratica com approvação commum para a cor-
o da primeira idade, se deu um passo mais adiante applican-

do-a para com os jovens de mais idade; e sendo consultados os velhos conselheiros, que se julgavam isentos de semelhantes castigos e que viam o proveito que d'elle se tirava para conter os meninos na moderação, consentiram sem difficuldade que se usasse tambem com os moços. Por felicidade a primeira culpa merecedora de um exemplar castigo foi commettida por um moço, filho de um cacique principal, que teve por brio que se castigasse o delinquente como elle merecia sem distincção de pessoas.

Assim os inferiores mostravam menos repugnancia em sujeitar-se á elle, e se foi introduzindo pouco a pouco ao ponto que os homens adultos são açoitados se commettem faltas, e servem de exemplo aos outros, para que se contenham e não pequem.

(31) Todos os povos faziam frente ao Norte, excepto o de Santo Angelo que fazia frente ao Sul. O povo de S. Cosme era o unico coberto de capim, todos os mais eram de telha. A telha do povo de Santo Angelo era fabricada por outra fórma, segurava na ripa com um gancho que tinha a mesma telha e o encaixe de uma telha com outra era recto.

(32) O frontispicio de S. Miguel é obra prima e foi lithographado.

(33) Uma cousa particular se tem observado nos povos dos indios guaranis, e é que nas sepulturas se consomem os ossos dos defuntos juntamente com as carnes, de modo que abrindo-as se encontra tudo consumido, sem haver caveiras, canellas, nem ossos quaesquer. Doblas que referiu esta particularidade procurou se informar se isso acontecia tambem com os cadaveres dos hespanhoes, e mandou abrir uma sepultura na igreja do povo da Conceição, onde se tinha enterrado fazia quatro annos um hespanhol, e se encontraram todos os ossos inteiros, se bem que principiassem a desmanchar-se na superficie, e d'ahi concluiu que se o tivessem deixado mais tempo sem abrir a sepultura, ter-se-hia encontrado consumido. Attribuia este tenente governador este phenomeno á que os indios não comiam sal por não o terem, pois d'elle eram mui glotões.

(34) *Guerra de* 1754. — O Rev. padre jesuita João Escandão que largos annos fora empregado na provincia jesuitica do Paraguay, onde exerceu empregos de importancia e em particular o de companheiro do provincial padre José Barreda, foi com o padre Simão Baylina nomeado procurador da companhia de Jesus, para irem a

Madrid justificar os jesuitas das accusações que se lhes faziam da sua resistencia ás ordens da côrte de Madrid no cumprimento do tratado de 1750. E narra que o provincial dos jesuitas, seus companheiros, e sobretudo o enviado Luiz Altamirano empregaram todos os seus esforços para que os indios dos sete povos orientaes do Uruguay, abandonassem suas cidades, e fossem edificar novas em outras partes, onde mesmo se escolheu o lugar alem do Uruguay; que tudo estava preparado para esta emigração, e que os indios pareciam dispostos; mas que tendo principiado a reunir seus rebanhos no que encontraram summa difficuldade, e que pensando que tinham que abandonar suas chacaras, suas hervas tão productivas e que lhes offereciam tantos lucros, suas casas, seus magnificos templos edificados e enriquecidos com todos os trabalhos e custos para os deixar aos portuguezes, que sempre lhes foram infensos e hostis; esta consideração fez renascer n'elles o amor da patria natal, á que os indios sao tão affectos, e que principiaram a regressar para seus povos, sem que as promessas que lhes faziam os padres, sem que a munificencia real que lhes patenteavam, sem que mesmo as ameaças que lhes fizeram, podessem fazel-os mudar de intento de não abandonarem seus povos. Elles principiaram a lamentar-se, a preparar-se á defesa contra os hespanhóes e lusitanos, tomaram as armas, e encerraram em seus aposentos os seus curas, aos quaes puzeram sentinellas para que não podessem sahir e os impedir; que os indios fizeram a defesa e a guerra sem ordem e tumultuosamente, não tomando os lugares proprios da defesa, não escolhendo as occasiões proprias de atacar, conduzindo-se em tudo como meninos, e deixando-se matar perto de mil pessoas em um lugar estreito, sem que os padres que estavam presos e não tiveram nenhuma parte na defesa, nem na guerra, podessem por pedidos nem por ameaças conseguir sua liberdade, para os aconselhar a se submetterem e obedecerem as ordens de el-rei.

Um outro historiador (Brishoffio) disse, que n'isto os indios peccaram mais por falta de intelligencia que por má vontade, porque elles eram summamente affectos a el-rei. Que fariam, continua elle, os hespanhoes, os allemães e os francezes, se o inimigo os obrigasse a abandonar a sua patria? Toda a eloquencia dos missionarios não foi sufficiente para persuadir a esses indios de que el-rei a quem tanto queriam, lhes ordenasse de abandonar sua patria para a entregar aos lusitanos seus mortaes inimigos.

Não é fóra de proposito notar que a côrte de Madrid para mais facilmente conseguir por persuação a execução do tratado, mandou dar quatro mil duros a cada uma das aldêas das missões cedidas para effectuarem a mudança, depois de recolherem os fructos pendentes, e as isentou no lugar para onde fossem estabelecer-se, de tributos por dez annos: (28 mil duros em dinheiro, deu Valderios aos jesuitas pouco depois de chegar: 21 foram depois a 14 de Março de 1754 mandados entregar por Andonaegui, ficando só os 4,000 para o povo de S. Borja não rebellado.)—*Varnhagen.*

Sobre o mesmo assumpto diz o Sr. Cervantes:—Os padres representaram respeitosamente contra esta medida, tornaram palpaveis os graves prejuizos que causava ao mesmo monarcha, mas que á seus interesses proprios. Tiveram varias consultas, e não pouparam meio algum para interessar em seu favor a quantos estavam dispostos a favorecer seus intentos.

Esta conducta, effeito do interesse e do amor que tinham para estes povos, que com tanto afan e desvelos, tinham posto em um pé tão brilhante, que excitava os ciumes e a inveja de todos, forneceu armas a seus inimigos, para serem considerados como provocadores da rebellião que brevemente rebentou.

E' difficil condemnar os padres, porém mais difficil ainda manifestar sua innocencia. Sabe-se quão doceis eram os indios, que nada faziam sem seu consentimento; quasi cremos que elles os incitaram á rebellião, persuadidos de que prestavam um eminente serviço ao soberano, o qual sendo bem informado, não podia fazer menos do que annullar o tratado.... Como não nos é possivel, nem seria facil nos estreitos limites a que forçosamente temos de nos cingir, ventilar todos os actos que militam a seu favor ou os condemnam, narraremos em poucas palavras o principio e o desenlace da luta, valendo-nos de uma obra consagrada exclusivamente dia por dia aos principaes successos d'este famoso levantamento. Fallamos do Diario do P. Thadeo Xavier Henis, cura do povo de S. Lourenço, cujo autographo se encontrou entre outros papeis no seu escriptorio, quando entraram vencedoras no dito povo as tropas de Hespanha e de Portugal.

« Pelos meados de Janeiro de 1754, diz Henis (*) appareceu nas

(*) Em seu —Diario Historico — sempre citado pelo Dr. Alejandro Magariños Cervantes que traduzimos livremente em seus *Estudos Historicos sobre el Rio de la Plata.*

cabeceiras do *Rio Negro* um numeroso esquadrão de portuguezes, e com este motivo se tocou alarma em todas as partes, se despacharam para os povos apressados correios, se reuniram os cabildos, se tomaram pareceres e unanimemente proclamaram que deviam defender-se. A 27 do dito mez sahiram armados do povo de S. Miguel duzentos homens a cavallo para reunir-se a de mais gente nas estancias até chegar ao numero de novecentos. Depois seguiram duzentos do povo de S. João e outros tantos dos povos de S. Angelo, S. Luiz, e S. Nicoláo com oitenta de S. Lourenço, de sorte que levantou-se ao todo 1500 homens que foram repartidos para defenderem os confins de suas terras.

Com a noticia das disposições tomadas pelos guaranis, o marquez de Valdelirios, Gomes Freire, governador do Rio Grande, e Andonaegui, governador de Buenos-Ayres, fizeram uma conferencia em Martin Garcia para determinar os meios de apagar a nascente insurreição. Se determinou que Andonaegui os atacaria por S. Nicoláo, e Gomes Freire pela fronteira do Rio Grande. Mas pouco praticos do theatro das operações e mal tomadas as medidas, gastaram esterilmente quatro mezes sem obter resultado nenhum favoravel. Entretanto a divisão grassava entre os indios promovida pelos emissarios dos portuguezes e hespanhóes. E os indios persuadidos de que o general portuguez tratava de os allucinar, romperam as hostilidades, matando a quantos podiam. Gomes Freire pediu tregoas, mas D. Joaquim Vianna, 1.° governador de Montevidéo, se trasladou a seu campo e reunidos deram um primeiro ataque aos indios em Mbatobi, em que sahiram vencedores os generaes alliados, que em uma batalha campal destroçaram completamente os indios rebeldes em Caybaté. Até aqui a historia do padre Henis.

O padre Baptista faz subir a dois mil quinhentos o numero dos indios mortos n'essa campanha. Os que ficaram fugiram para os matos e serras a esconder sua vergonha e infortunio. Um unico povo, o de S. Lourenço se atreveu a resistir, mas foi facilmente tomado.

O de S. Miguel foi reduzido a cinzas na noite da sua derrota. Dom Pedro de Ceballos em 1762 reconquistou a colonia, e em 1763 os povos de Missões.

Mas não tardou que o mesmo Ceballos fosse removido a instancias do gabinete de Lisboa que tambem conseguiu a suppressão da ordem dos jesuitas.

Desde a resistencia dos guaranis, eram os jesuitas accusados de serem os principaes instigadores da sua rebellião. Esta gravissima accusação unia-a outras, e os antecedentes que contra elles constaram na Europa, acabaram de os malquistar, e ajudaram muito a derrocal-os.

A historia não tem descoberto sufficientemente as causas secretas que influiram no animo de ambos os reis, e não falta quem ponha em duvida e demonstre a falsidade da mór parte das accusações que fazem á companhia de Jesus. Mas sem nos intrometter em decidir se esta difficil questão, podemos assegurar como o Sr. Cervantes, que seguimos n'esta relação com o exame dos dados que temos a vista, que as missões da America do Sul tanto hespanholas como portuguezas, sob seu influxo e administração chegaram ao mais alto gráo de prosperidade, e que apenas cahiram em outras mãos, ellas foram arruinadas; conseguindo elles com a unção de suas palavras, com as armas brandas da religião que os indios trabalhassem etc., empresa bem ardua na verdade, considerada a indomavel preguiça, a aversão a um trabalho methodico e continuado que se observa em todas as raças americanas e mui particularmente nas tribus errantes, e pastoris, como eram as do Uruguay, Paraná, Paraguay e as que se estendiam pelo immenso littoral do Brasil...

Expulsão dos jesuitas.—Quando em Julho de 1767 Dom Francisco Bucareli, governador de Buenos-Ayres recebeu o decreto da suppressão dos jesuitas, era provincial d'elles o reverendo padre Manoel de Vergara o qual se achava em Iapejú. O reverendo padre Lourenço Balda tinha o titulo de superior das Missões. Bucareli escreveu á este ordenando-lhe de enviar a Buenos-Ayres o corregedor e um cacique de cada povo, e a Vergara de ir quanto antes a Buenos-Ayres, sem indicar o motivo d'esta ordem. Ambos obedeceram.

Os enviados do padre Balda chegaram primeiro a Buenos-Ayres. Quando o reverendo Manoel de Vergara com seu immediato o padre Segismundo Griera chegaram de ida a cidade da Bajada no Paraná, tiveram ordem de regressar para as Missões, o que fizeram voltando para Iapejú. Em vão o padre Balda superior solicitou a ida de Bucareli para as Missões, um anno inteiro se passou, durante o qual tudo estava em paz, e durante cujo tempo os jesuitas exhortavam os indios a receber reverentemente os sacerdotes que os deviam substituir. De certo Bucareli deu esta dilação para execução do decreto de el-rei, pensando que os indios haviam de sentir profundamente a sahida dos jesuitas, e que deixando o padre Vergara entre

elles pouco a pouco com o tempo se havia de abrandar a sua dôr, e haviam de conformar pouco a pouco e dispôr a execução das ordens regias. Esta medida que teve feliz exito, e foi sem embargo a causa de immensos desgostos e trabalhos para o padre Vergara e para todos os padres da companhia que tinham cada dia sob suas vistas os indios queridos dos quaes esperavam continuamente a ordem de se separar, tendo que ouvir suas queixas, seus gemidos, etc.

Por fim tendo decorrido um anno, Bucareli mandou ao padre Vergara que reunisse em certo ponto sobre o rio Uruguay (foi em S. Thomé), todos os padres da companhia. Ahi compareceu um enviado de Bucareli que intimou ao padre Vergara e aos padres seus companheiros o desterro dos povos jesuiticos. O padre Vergara e seus socios com a maior submissão receberam a ordem régia, e tendo chegado os successores dos curas jesuitas, foram recebidos reverentemente pelos indios.

Os jesuitas se embarcaram no Uruguay para Buenos-Ayres aonde depois de muitos incommodos de viagem chegaram em fins de Agosto de 1768.

No mez de Novembro do mesmo anno, oitenta e dois padres jesuitas se embarcaram emdo is navios para a Europa.—Extrahido da Vida do padre Manoel de Vergara pelo padre José Manoel Peramos, 1791.

(35) Fazendo de certo allusão á expulsão dos jesuitas do Paraguay no tempo do bispo Cardenas e á sua expulsão momentanea das reducções orientaes na guerra da demarcação de limites.

(36) De ambos os lados do collegio de S. João tinham que se descer por uma escada, pois era como assobradado, construido sobre uma eminencia formada ou pela natureza ou por aterrados.

(37) POPULAÇÃO DAS CIDADES JESUITICAS PELO SENSO FEITO EM 1767.

Na bacia do rio Paraná.—Santo Ignacio Guaçú	1926
Santa Maria de Fé	3954
Santa Rosa de Lima	2243
Santiago	2822
Santos Cosme e Damião	2337
Itapûa ou Encarnação	4784
Candelaria	3064
Sant'Anna	4334
Loreto	2462
Santo Ignacio Mini	3306
Corpus	4587

... is	2365
Trindade	2866
Na bacia do rio Uruguay. —S. José	2122
S. Carlos	2367
Santos Apostolos	2127
Conceição	2839
Santa Maria-Maior	1475
S. Francisco Xavier	1527
Santos Martyres	1662
S. Nicoláu	3811
S. Luiz Gonzaga	3353
Lourenço	1242
Miguel	3164
João Baptista	3791
Angelo	2362
Thomé	2172
S. Francisco de Borja	2585
a Cruz	3243
jú	7974
ao norte do Paraguay. —S. Joaquim	2017
Estanisláu	2300
(Belém falta). Total.	93,181

Este mappa é extrahido da obra do jesuita Peramas.

Julgo que meus leitores verão com gosto a nota seguinte sobre o estado dos jesuitas em Montevidéo na occasião de se fundar aquella cidade.

Em 1724, os portuguezes estabelecidos na colonia do Sacramento, achando-se apertados por falta de territorio, se apoderaram da enseada de Montevidéo. O governador de Buenos-Ayres Dom Bruno Mauricio de Zavala, tendo recebido um exercito de quatro mil indios guaranis foi desalojar os portuguezes, e pelos annos de 1726 e 1730 mandou conduzir colonos das ilhas Fortunatas que fundaram a linda cidade de Montevidéo.

Foram chamados então os jesuitas conhecidos por sua habilidade e energia tanto para exercer o ministerio ecclesiastico com os povoadores como para catechizarem os indios minuanos que habitavam na vizinhança. Era governador de Montevidéo Uriarte. Foram enviados os jesuitas Cosme Agullo como superior, e Ignacio de

Leyba como companheiro, que com seu ministerio produziram copioso fructo. Mas depois de muitos trabalhos não tendo podido conseguir formar ahi estabelecimentos para prover a seu temporal, faltando-lhes o necessario para o sustento e o vestir, e imitando segundo a engenhosa comparação de Peramas, as abelhas que não encontrando mel nas colmeias se espalham pelos prados para o procurar, e definindo-se segundo a expressão de Jeremias: *Sacerdotes mei et senes mei, in urbe consumptisunt; quia quæsierunt cibum sibi, ut refacillarent animam suam.* Se retiraram de Montevidéo com grande descontentamento do povo e do governador que era então Dom Joaquim de Viana.

Sem embargo Montevidéo teve um augmento consideravel. Eis o seu senso em 1782.

	Homens		*Mulheres.*	
Cidadãos hespanhóes.....	4322	.....	2950	
Indios.....	107	.....	121	
Estrangeiros (Habridæ)..	312	.....	291	
Negros livres.....	312	.....	261	
Negros escravos.....	861	.....	606	
	5924	homens.	4229	mulheres.

Total geral... 10,153

(*Extrahido de Peramas na Vida do jesuita Cosme Agullo.*)

MEMORIA

SOBRE A DEFEZA MILITAR DA CAPITAL DO BRASIL E DOS PONTOS QUE SERÁ BOM FORTIFICAR, A FIM DE A PÔR AO ABRIGO DE UM DESEMBARQUE REPENTINO, ACAUTELANDO O ESTABELECIMENTO MAIS UTIL, E O MAIS EXPOSTO DOS SEUS SUBURBIOS, DE QUALQUER TENTATIVA HOSTIL DE UM INIMIGO VIGILANTE, E EMPREHENDEDOR.

(Offerecida ao Instituto pelo Sr. conselheiro L. A. da Cunha Mattos.)

Malheur à ceux qui ne suivent que la rotine du service boivent, mangent, dorment e se battent quand on se bat. Combien de ces officiers qui on fait dix campagnes et qui sont hors d'état de rendre compte des causes de leur triomphe, ou de leur defait?

La Grande Tatique suivant les grincipes de Sa Magesté Prussiènne, chap. 7.° au fin.

Na entrada da barra do Rio de Janeiro existem fortalezas que a tornam respeitavel, e não é de presumir que os inimigos do Brasil, que anticipadamente se declararem taes, tem-tem insultar a capital pela dita barra (excepto por traição), por que se exporiam a sacrificar um grande numero de tropa, e embarcações, sem terem a certeza de um feliz resultado: não digo se deve desprezar o ter as referidas fortalezas bem guarnecidas, e em bom estado de defesa, mas a opinião que se tem da sua força concorrerá tambem a não tentarem entrar pela barra. Tambem não ha probabilidade de fazerem um desembarque na costa que corre da fortaleza de Santa-Cruz até Cabo-Frio, por ficar ainda por vencer o passo da passagem da bahia e poderem ser cercados por terra, como ha pouco aconteceu com os Avillezes.

Qual será pois a tentativa que poderáõ fazer os inimigos do Brasil declarando-se abertamente contra esta capital, que provavelmente virá a ser o alvo dos seus tiros, se não levarem a bem o que aqui se está fazendo emquanto não forem conduzidos a principios razoaveis.

O estabelecimento que elles mais terão a temer e do qual certamente lhe resultará o maior mal, e que mais procuraráõ destruir é sem duvida a fabrica da polvora, estabelecida na proximidade do mar junto a lagôa de Rodrigo de Freitas, e é de sentir que um estabelecimento tão necessario e que tanto concorre para ser respeitada esta capital, e por consequencia todo o Brasil, esteja collocado em um ponto tão perigoso: Digo perigoso na hypothese de um rompimento hostil com qualquer potencia maritima, porque em uma costa maritima aonde ha praias e restingas, sem defensa alguma. é possivel a um inimigo emprehendedor com o conhecimento das paragens, o conduzir alguma embarcações com tropas avistando a terra a boca da noite, aproximarem-se até dar fundo, e trazendo um numero sufficiente de pequenos barcos, e jangadas, mui proprias para desembarque. da meia-noite para o dia poderem desembarcar em terra alguns corpos para se apoderarem da estrada nos destiladeiros de S. Clemente, em quanto outros desembarcando na Praia Comprida, se dirigem pela Boa-Vista e pelas restingas e praias que mediam entre o mar, e a lagôa até se apoderarem da fabrica, senão para a conservar ao menos para a destruir, o que poderáõ effectuar em um momento. incendiando-a se acaso julgarem não se poderem ahi sustentar por mais tempo, o que depende dos recursos que tiverem e das forças que se lhe oppuzerem, e quando da cidade forem tropas acudir, já o mal está feito, e os inimigos reembarcados, mas a audacia ainda podemos suppôr, que se atreva a fazer outro desembarque do mesmo tempo, na Tijuca, para que dirigindo-se pela estrada de An-

darahy, fazer uma diversão nas forças que contra elles se possam logo apromptar na cidade.

Um semelhante desastre causaria um terror panico, e um abalo, e susto, tanto n'esta provincia, como em todas as que se unem para o bem da causa do Brasil, que lhe fariam um grande prejuizo, mesmo na opinião; principalmente se isto acontecesse no momento em que o Brasil mais carece da fabricação em grande d'aquelle combustivel; e sendo esta a unica fabrica, que póde produzir muitas arrobas de polvora em poucas horas, o que não acontece em pequenas officinas, ainda deve merecer maior attenção.

Como sou assaz addido ao bem da causa do Brasil minha patria adoptiva, e tenho o maior interesse em que esta justissima causa se sustente com a dignidade e gloria que convém as altas personagens que n'ella se acham empenhadas, por isso ainda que minhas luzes sejam poucas, e essas mesmas quasi suffocadas, por émulos, que servindo-se d'ellas mesmo para si, procuram extinguir as alheias, de que se servem: comtudo julgo ser de meu dever patentear as minhas reflexões não a todo o publico, mas a quem possa remediar o perigo eminente d'aquella posição, porque a prudencia e a vigilancia devem antever os males muito antes d'elles acontecer, por isso julgo prudente e necessario providenciar aquellas paragens que são as que considero mais fracas, e susceptiveis de uma repentina surpreza, n'esta capital: quero dizer, as praias e restingas que se acham indefesas entre a Copa-Cabana, e a Tijuca. Cujas providencias se podem mesmo simular com o titulo de evitar contrabandos que por ellas se fazem; medida que se deve adoptar estando em paz com todo o mundo.

Em quanto a possibilidade do desembarque, ha pouco mais de cem annos que Monsieur Le Clerc, com tropas francezas desembarcou na Tijuca sem o menor obstaculo, e como ahi não havia estabelecimento algum de que se podesse apoderar,

se dirigiu logo a cidade aonde não foram bem succedidos, por que só d'ahi a tres annos entrou Monsieur Du Guay-Trouin, pela barra com uma grande força, e fez um grande mal a cidade; porém hoje um tal desembarque talvez fosse apoiado por muitos estrangeiros que se tem estabelecido por estas paragens, que ajudando os seus patricios, se mostram indefferentes ás contendas particulares ou domesticas da nação que os tem agasalhado.

Desde aquelles tempos até hoje nada de fortificações se tem construido para defesa d'aquellas praias, antes se tem descortinado os matos que tambem são fortalezas naturaes, em quanto servem de obstaculo, e estão assaz conhecidas de nacionaes, e estrangeiros.

Ao valor dos nossos antepassados cederam em um momento, praças mui fortes, e bem defendidas taes como em Africa, Mazagão, Alcacere, Arzila, &c. Na India infinitas que seria fastidioso nomeal-as, só o Brasil nunca lhe offereceu resistencia, e por isso não lhe tem sido preciso effectuar desembarques, mas em um instante mudam-se as scenas.

Eu não proponho planos de fortificações permanentes ou passageiras, só lembro fazerem-se alguns fortes de um, e de outro lado das barras da Lagôa, e da Tijuca, e nas praias adjacentes capazes de accommodar alguns destacamentos para vigiarem estas praias. Um campo de instrucção na proximidade da Lagôa de Rodrigo de Freitas, seria talvez uma medida bem acertada, pois como diz o auctor da Grande Tactica e manobras da guerra segundo os principios de Sua Magestade prussiana no capitulo 7.° acima citado « je crois qu'il vaut « mieux ne pas accoutumer l'officier, et le soldat à toujours « manœuvrer sur le même local, » e poderia mudar-se o campo depois de ter feito sobre o lugar, alguns intrincheiramentos, que poderiam ficar servindo de fortins e pequenos

destacamentos para vigiarem sobre a sua conservação, e ao mesmo tempo sobre as praias, &c.

Outra medida de providencia seria o fazer se retirar parte da officina da fabrica da polvora para um lugar mais seguro no interior, aonde se construisse uma nova fabrica com os armazens convenientes, para no caso de qualquer incidente em um d'estes estabelecimentos ficar sempre outro.

O perigo que acabo de expôr é mui facil de lembrar aos inimigos do Brasil principalmente os d'além mar, e muitas vezes se fingem os ataques para uma parte, mas se determinam para outra, d'onde resulta maior proveito aos inimigos. A capital é sempre o alvo, bem como nas praças fortes os armazens de polvora que por isso se construem a prova, e nas frentes menos atacaveis.

Se estas medidas forem attendidas, não pelo que tem de meu, mais pelas lembranças, eu proporei muitos planos não só para defesa do Brasil, mas para sua grandeza e prosperidade futura, como desejo, e do principe que o céo reserva para felicidade de um povo nascente; que talvez n'elle se cumpra a prophecia seguinte:

« Si l'on voyoit s'elever au milieu de l'Amérique un peuple
« nouveau, qui fondât, sur le patriotisme, et l'amour de la
« vertu, l'empire qu'il voudroit etablir, peut-être ce peuple
« pourroit-il aspirer á la monarchie universel. »

Cap. 1.° da mesma obra acima citada.

Queira o céo, seja nos felizes dias do reinado de V. A. R. que tal prophecia se cumpra, e que concorram estabelecimentos publicos e nacionaes, que eu desejo fazer prosperar para utilidade do Brasil e de toda a nação em geral.

De V. A. R. subdito mui obediente.—*José Victorino dos Santos e Sousa.*

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1822.

ITINERARIO

DA VIAGEM DA CÔRTE Á VILLA DE MIRANDA, PROVINCIA DE MATO-GROSSO, FEITO EM CUMPRIMENTO DE ORDEM DO EXM. MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA BRIGADEIRO JERONIMO FRANCISCO COELHO.

1857.

Novembro 21.

Parti da côrte e cheguei a Santos.

23.

Informei-me do estado em que chegaram os objectos que do arsenal de guerra haviam sido remettidos no vapor *Paraense*, e vim no conhecimento de 590 volumes. Dei parte ao Exm. Sr. ministro da guerra que dos caixotes contendo arêa de moldar, e outros aço em vergas, alguns estavam estragados e derramando o conteúdo, que as barricas com pregos não tinham a precisa segurança, estando algumas já estragadas; e que, finalmente, em execução do aviso da repartição da guerra de 30 de Setembro ultimo, havia recebido do alferes encarregado do armazem de artigos bellicos seis peças de ferro de calibre 12, que entregaria ao Sr. deputado José Delfino de Almeida. No mesmo officio pedia a S. Ex. as providencias que julgasse acertadas.

Dezembro 4.

Recebi o aviso do ministerio da guerra de 27 de Novembro, estando em S. Paulo, aonde havia chegado a 28,

e tratei de dar execução ás suas disposições em solução ao meu officio de 23, partindo para Santos.

8.

Parti para aquella cidade, aonde cheguei no dia 9, e encontrando alli o Sr. deputado, providenciei afim de concertar-se os caixotes que estavam estragados, e muitos outros que posteriormente chegaram no vapor, *Conde d'Aquila*, arruinados, e officiando a S. Ex., no mesmo dia 9, parti ás 5 horas da tarde para S. Paulo, chegando a 12 com o mesmo Sr. deputado e sua comitiva.

18.

N'este dia sahiram de Santos as peças grandes de artilheria ultimas cargas que alli existiam, acompanhando-as o machinista Luiz Gonçalves Lima, conforme as ordens que recebeu do Exm. Sr Delamare, presidente nomeado de Mato-Grosso.

1858.

Janeiro 1.

Tive noticia pelo mesmo Lima, que as peças se achavam em pouca distancia áquem do Ypiranga, á excepção de uma de 13, que estava para traz 4 leguas.

5.

Fui ao lugar aonde se achavam as peças, e achei uma de 12, e a cabrilha por terra, por haverem os donos de dois

carros que os tinham emprestado ao conductor, Salvador Baptista, só recebido alli.

8.

O machinista Lima, officiou ao conductor, afim de indicar-lhe o dia em que partiria com as peças. Não lhe respondeu, e nem lhe veio fallar no dia seguinte, como havia promettido ao portador do officio.

12.

Dirigi ao Ex. Sr. presidente de S. Paulo um officio, cobrindo outro que em 11 recebi do dito Lima, a respeito da demora das peças, e communicando-me que o conductor a quem fôra fallar pessoalmente lhe faltara ao respeito, e indicando que se dessem as peças a Augusto Certaim, homem seguro capaz de fazer essa conducção, por ter carros de muito melhor conducção. N'aquelle officio eu apoiava esta lembrança; mas tendo n'esse mesmo dia passado o conductor com as peças, limitou-se S. Ex. a mandar pelo Dr. chefe de policia intimando-lhe que tratasse bem e respeitasse áquelle empregado, observando o que elle lhe indicasse em todas as eventualidades que por ventura occorressem n'esse transporte. Seguiu, pois, o mesmo Lima acompanhando as peças.

16.

Fui chamado á presença de S. Ex. o Sr. presidente, que me communicou as recommendações reservadas que o Exm. Sr. ministro da guerra se dignou fazer-me, e tendo eu dirigido n'essa data ao mesmo Exm. Sr. um officio participando as occurrencias do dia 12, e outras, tornei a officiar-lhe a respeito de taes recommendações.

20.

Com o officio do Exm. Sr. presidente de S. Paulo, d'esta data, recebi a copia do aviso acerca das recommendações reservadas.

26.

Recebi dois avisos de S. Ex. o Sr. ministro da guerra datados de 23, em os quaes me communica S. Ex., que S. M. Imperador Houve por bem dispensar do recrutamento, em-:a fossem recrutaveis, os individuos que se empregassem no :viço dos combois, se desempenhassem satisfactoriamente e serviço, e que se ordenava ao presidente do Paraná, que .s dois contingentes que por alli seguiam a Mato-Grosso, esse partir pelo rio dos Dourados acima 50 praças, até nde fosse navegavel, a explorar aquelles lugares, dando-se) do que fosse observado.

Maio.

Desde 26 até 27 : as occurrencias constam de terem chegado todas as cargas inclusive as peças, no fim de Fevereiro ; de ter o Sr. deputado encontrado immensas difficuldades para conseguir a factura, e promptificação das canôas, valendo-se os habitantes da cidade da Constituição d'esta occasião para venderem seus trabalhos, canôas e generos, bem como madeiras, por preços exorbitantes, faltando sempre aos contractos até escriptos ; terem continuado as chuvas que, por copiosas, não davam lugar á factura das canôas, e a outros trabalhos indispensaveis ; terem se desenvolvido as bexigas em S. Paulo, tendo fallecido treze soldados do contingente destinado para marchar na expedição como trabalhadores ; a ter o Exm. presidente de S. Paulo determinado que o dito contingente

fosse estacionar no lugar denominado — Agua Branca — par, desinfecção das praças que, no quartel, já infeccionado, estavam a cahir diariamente, e tendo marchado para aquelle lugar em 21 de Abril, nos primeiros dias, cahiram ainda d'esse mal seis praças, porém nem uma mais até 28 de Maio, em que parti com a força para a cidade da Constituição. No decurso d'este tempo muito me custou, por causa das continuas sahidas e entradas para o hospital, a completar o numero de 80 praças que a final marcharam comigo, numero a que ficou reduzido o de cem que, por ordens anteriores, deviam seguir; reducção ordenada pelo Exm. Sr. ministro da guerra. A final pude marchar n'aquelle dia 28 de Maio por tarde, avançando apenas ao lugar chamado — Taipas — uma e meia legua; no dia 29 aos — Olhos d'Agua, duas e meia leguas; no dia 30 á — California — duas e meia leguas; e no dia 31 á — Ponte de Jundiahy, duas e tres quartos.

Junho 1.°

Falhei por falta de duas bestas das da conducção da bagagem; fiz pagamento ás praças.

2.

Pousei no — Joaquim Pires, — tres e tres quartos de leguas.

3.

Na venda grande do — Monjolinho, tres e meia leguas, aonde falhei no dia 4, por falta de bestas. Na noite de 4 para 5 desertaram-me sete praças.

5.

Ordenei que seguisse a força, que foi pousar na fazenda do Eliseu, tres e tres quartos de legua. Expedi uma escolta para diante, e eu com o ajudante de pedestres, Francisco de Paula Duarte Pinheiro, e duas praças partimos para Campinas, com-uindo prender tres dos fugitivos, que voltavam para a de. A outra escolta nada conseguiu. Officiei a respeito quatro que faltavam a diversos delegados e subdelegados nella circumferencia, e parti de Campinas, com os presos, pousar na dita fazenda do Eliseu no dia 6.

7.

Vim alcançar a força, que estava de pouso a um quarto de a da cidade da Constituição.

8.

Entrei com a força e aquartelei-a ás onze horas da manhã.

Achei quasi promptas dezesete canôas e quatro balças, sendo a maior parte d'aquellas grandes, assegurando-me o machinista Gonçalves Lima, que eram sufficientes para conter as cargas.

Contando sómente com setenta praças para o trabalho, por contar sempre cinco doentes, e tendo o Sr. deputado apenas trinta e tres camaradas, julgo muito diminuto este numero de homens para o penoso serviço das canôas.

11.

Principiou-se no trabalho de carregar as balças e canôas, serviço que tem continuado até hoje 14, e amanhã pro-

seguiremos n'elle. Desde 15 que tem chovido, e pouco se tem feito, por estar o barranco do rio tão escorregadiço que não permitte continuar-se no trabalho.

18.

Continuou a chuva, que só cessou no dia 22, em que proseguiu o carregamento das canôas, e descobriu-se que dezeseis barris compridos contendo — Piche — ou alcatrão em latas de folhas do mesmo comprimento estavam vasando: tratou-se logo de remediar este inconveniente, abrindo-se os barris, soldando-se e remendando-se os lugares por onde vasavam; verificou-se então que as folhas, de que foram feitas as latas, eram muito delgadas, e portanto, estar incapazes de conter o peso de mais de tres e meia arrobas; todavia, remediou-se como foi possivel. Tivemos noticia no dia 18 de que um camarada do Sr. deputado e dois soldados desertores do contingente de artilheria, dos que tinham marchado com o capitão Francisco Nunes da Cunha estavam na Serra-Negra. Deram-se as providencias, sendo presos sómente os dois desertores, que mandei addir ao contingente, e os levarei na expedição, attenta a falta de gente, pois já alguns camaradas se tem evadido. Pedi ao Exm. presidente concessão para leval-os.

Julho.

Desde 23 até 13, em que desertou um soldado, occorreram diversas circumstancias, que não permittiram se verificasse a partida da monção senão no dia 14. Molestias de alguns camaradas e soldados e do machinista Lima, que se achou gravemente enfermo.

14.

Partimos com dezesete canôas pela maior parte gran
quatro balças, que são dois batelões unidos por traves,
necidos todos estes vasos por setenta soldados e trinta cama-
radas inclusive alguns doentes, numero muito insufficiente,
e por isso, n'esse mesmo dia, officiei ao Exm. presidente de
S. Paulo requisitando-lhe que mandasse uma força de vinte
aças a alcançar-nos. Eram cerca de duas horas da tarde,
ndo largou a monção, em cujo acto perguntou-me o Sr.
itado — por conta de quem seguia a expedição? Respon-
— por conta de Sua Magestade o Imperador, e respon-
lidade do Sr. deputado José Delfino de Almeida. Viva
Magestade o Imperador! Viva a familia imperial! Viva a
ção brasileira! Viva o Sr. deputado José Delfino de Al-
a! Estes vivas foram enthusiasticamente respondidos
grande concurso de povo que alli se achava. As canôas
muito carregadas, levando, além das cargas, immensos
saccos de farinha, feijão, muitos caixões de toucinho, de
carne secca e de vacca, assucar, café, barrís de restillo, &c.
Em pouca distancia d'aquelle porto, — passámos a corredeira
do — Enchofre, — sem novidade, e pousámos no pasto do —
Marcellino.

15.

Partimos ás oito e meia horas da manhã, e andando cerca
de meia milha, na corredeira chamada — Algodoal — encalhou
a canôa denominada — Cuyabá, — e por isto tivemos de pousar,
podendo safal-a no dia 16, em que partimos pelo meio dia,
e, vencendo pouca distancia, encalharam tres canôas, desen-
calhadas as quaes, em poucas horas, seguimos e pousámos
pouco acima da corredeira — Itupucú, — d'onde desertou um
dos dois desertores do contingente d'artilheria, que haviam

sido capturados na Serra-Negra, de nome Hyppolito José dos Santos. Empreguei as diligencias possiveis, porém não sendo encontrado pelas escoltas que fiz marchar, officiei ao delegado de policia, não só a respeito d'este, como do outro, que desertara no dia 13.

17.

Chegando-se a mim o doutor segundo cirurgião tenente Benevenuto Pereira do Lago, pediu-me licença para ir á cidade, neguei-a, por saber que nenhuma necessidade tinha d'ella. Estou firmemente resolvido a obrar com a maior energia, não recuando ante qualquer acto que julgar necessario.

18.

O doutor e o ajudante de pedestres partiram acintosamente para a cidade. Passaram-se todas as canôas, finalizando este serviço quasi á noite, e portanto, pousámos pouco abaixo da dita corredeira. Foi-me entregue o soldado que havia desertado no dia 13, enviado pelo delegado de policia.

19.

Partimos pelas nove horas da manhã : em uma parada que fizemos em um lugar chamado — Pasto do Ajudante — nos alcançaram os dois officiaes acima mencionados. Ordenei que fossem presos nas suas barracas, nas canôas, o primeiro por cinco dias, e o segundo por tres.

Andamos cerca de oito leguas, segundo a informação do piloto guia.

20.

Andámos cerca de oito leguas, e pousámos na Praia-Grande.

21.

Partimos cedo: andámos cerca de oito leguas e pousámos no sitio da — Boa-Vista, — sendo forçados a seguir uma hora com a lua. Encalharam duas das maiores canôas, mas não occorreu novidade. Alguns soldados e camaradas tem sido atacados de defluxo, e o Sr. deputado tambem tem soffrido d'elle.

22.

Depois de desencalhar-se as canôas, partimos ás onze horas da manhã, e pousámos na ilha da barra do rio Tieté, tendo andado sete leguas.

23.

Seguimos ás duas horas da tarde, por se ter precisão de fazer provimento de varejões. Em geral o solo de ambas as margens do rio Pyracicaba é arenoso, e seus matos baixos. Em toda a viagem não vimos campos naturaes, os dos estabelecimentos que encontrámos são artificiaes. Pousámos no — Poço do Banharão — onde achámos um veado morto pendurado, carneado e fogo, signaes que nos pareceram de um escravo fugido, ou de algum desertor.

24.

Partimos ás oito horas da manhã por causa da serração, e fizemos pouso no — Ribeirão dos Lençóes — ás duas horas da tarde, por ter um dos pilotos de levar sua mulher ao lugar em que morava perto d'alli, e procurar um camarada do Sr. deputado, que devia unir-se á monção.

25.

Falhámos por se terem demorado o piloto e o camarada, que só appareceram ao anoitecer.

Matou-se um boi, e fizemos provimento de gallinhas, patos, leitões e ovos, tudo comprado ao fazendeiro Eliseu, menos mal estabelecido.

26.

Depois de ensacar-se e embarcar-se onze e meio alqueires de farinha, só nos foi possivel seguir ás onze horas, e depois de tres de viagem, fizemos alto, por terem encalhado duas canôas. que se conseguiu safar no fim de duas horas de serviço; fez-se pouso ás cinco e meia horas da tarde no lugar denominado —Pederneiras— acima da corredeira do mesmo nome, tendo passado as corredeiras —Manoel Poste— e— Potunduba; são magestosos os estirões acima d'esta de cerca de duas e meia leguas.

27.

Principiou-se a passar a dita corredeira —Pederneiras— ás oito horas, sendo preciso dobrar o pessoal das canôas que iam passando, e pousámos uma milha abaixo, por terem encalhado duas canôas, e só poder-se safal-as ás cinco e meia horas da tarde.

28.

Partimos ás oito horas, por causa da serração, e fizemos alto acima da corredeira —Baurú, —podendo-se n'esse dia passar apenas quatro canôas, e ahi pousámos. Fez-se provimento de aves, &c.

29.

Continuou-se a passar as canôas ás oito horas da manhã, a meia carga, não se podendo finalizar este serviço n'esse dia.

30.

Continuou-se ás oito horas da manhã, e concluiu-se a passagem total das canôas ás sete da noite. Pousámos n'uma ilha abaixo da corredeira uma milha.

31.

Principiou-se a passar as canôas no baixo do Baurú ás sete da manhã, e finalizou-se ás sete da noite, ficando ainda uma encalhada. Pousámos uma milha abaixo do baixio.

Agosto 1.°

Partiu gente ás sete da manhã, por causa da serração a desencalhar a canôa, o que conseguimos ás dez, e ao meio dia continuámos a viagem e fizemos pouso abaixo do antecedente uma e meia milha acima da corredeira Bariri-Mirim.

2.

Passaram-se a maior parte das canôas em meia carga. Passou por nós a monção do capitão José Garcia Leal, de quatro balças, que no fim de tres dias, depois da nossa partida de Piracicaba encontrámos no —Paredão-Grande— e agora regressa á villa de Santa Anna do Paranahyba, d'onde é morador o dito capitão, conduzindo sal.

3.

Ao romper do dia continuou-se a passar as canôas, concluindo-se este serviço ás quatro e meia horas da tarde. Pousámos vinte braças abaixo da dita corredeira.

4.

Depois de se carregarem as canôas deixámos o pouso ás onze horas da manhã, e viemos á boca do Bariri-Assú, sendo-nos preciso, por terem encalhado duas canôas abicar meia milha abaixo do pouso antecedente, e conseguindo safal-as em meia hora: reunidas todas partimos. N'esse alto faltou o soldado Vicente José Mendes dos Anjos, pertencente á tripolação da canôa — Cuyabá, — que logo que ella parou se pôz a dormir na prôa, e acordando, tomou um facão, e disse que ia cortar dois varejões. Chamou-se por elle muitas vezes, e não respondeu. Logo que chegámos ao pouso cerca de uma milha do lugar aonde haviamos abicado, ás cinco horas da tarde, fiz sahir uma pequena canôa com três praças em busca do soldado; voltou á noite sem noticia alguma. No dia seguinte fiz partir uma escolta pelo rio, e outra por terra, dirigida esta pelo morador proximo. Voltaram ambas, ás duas horas da tarde, e apenas deram noticia de acharem rasto, que seguia em uma e outra direcção. Suppuz que o soldado se teria perdido, ou sido victima de alguma onça, por não ter levado nem o seu capote; mas tendo-se no pouso dado algumas salvas, tocado bosina no lugar onde desappareceu, e explorado toda a circumferencia d'elle, julguei que tinha desertado. Fiz ainda seguir uma canôa até o Baurú, promettendo trinta mil réis a quem o trouxesse; foi infructifera esta diligencia, ficando o morador do Baurú prevenido e com a promessa d'aquella quantia para o capturar se por lá o descobrir. Vã

esperança, porque em geral os habitantes d'esses sertões são criminosos, e desejam ter outros em sua companhia, para os ajudar em seus afazeres.

Estão restabelecidos os soldados e camaradas, que foram atacados de defluxo, bem como o Sr. deputado.

14.

Os dias desde 5 até hoje consumiram-se em passar as cargas pelo rio nos batelões, e por terra conduzidas pelos camaradas e praças. A's tres horas da tarde do dia 6 passou por nós uma monção de duas canôas, pertencentes a João Gonçalves Peixoto, residente no Salto do Avanhandava, conduzindo sal, a qual haviamos encontrado no rio Piracicaba a 17 de Julho. No dia 7, julgando o guia e outros pilotos que as balças conductoras das peças de maior calibre podiam passar no canal grande da carreira, dirigiram a primeira, contendo uma de calibre 32, e outra de 12, alguns reparos, rodas, caixas e eixos. A balça sossobrou ao entrar na cachoeira, e foi logo ao fundo. As caixas que boiaram foram logo salvas e abertas, e enxugou-se tudo que continham dentro, não se perdendo nada. No dia 8 tratou o Sr. deputado de tirar a balça do fundo, e empregando todos os meios ao nosso alcance, pôde-se safal-a do lugar aonde estava; mas com a força d'agua, atravessou, e n'esse dia nada mais se pôde fazer.

No dia 9 o machinista Lima, a despeito do seu máo estado de saude, offereceu-se para tirar a balça, apoiando-a em dois batelões. Este meio, a principio, pareceu dar bons resultados, mas afinal perderam-se os dois batelões que formaram a balça, pois que sendo sentido todo o peso das peças e dos vasos pelos dois outros batelões que se empregou para salvar a balça, firmando-se cabos sobre as traves que a uniam, a da pôpa estalou, e ao mesmo tempo quebrou-se tambem a

pôpa de um dos batelões, que voltando-se lançou n'agua a peça de 32, ficando a de 12 no outro encalhado perto de terra. Empregando-se n'este mesmo dia, e no seguinte a talha da cabrilha, arrastaram-se para terra não só o batelão que estava com a peça de 12, como a de 32, que se achava no fundo, empregando-se toda a gente n'este serviço. Os dias desde 9 até 13 foram gastos em arranjar outra balça para conduzir as ditas peças. Matou-se uma rêz, e fez-se sortimento de gallinhas, leitões, etc., que foi o que se achou no morador. Partimos finalmente, ás onze horas da manhã, em que se acabou de carregar a nova balça, deixando com tédio o maldito — Bazeriassú —, que tão funesto nos foi; fizemos pouso pelas cinco horas da tarde, depois de passarmos a corredeira — Sapé —, tendo n'este transito encalhado por duas vezes a canôa — Tieté.

15.

Partimos ás oito horas da manhã, a lidar com o segundo baixio d'esta cachoeira. Passáram as primeiras cinco canôas com gente dobrada, e a mais habilitada, e como passassem sem novidade, entendeu o guia, que as mais passariam bem, seguindo umas ás outras; mas, infelizmente, encalháram quatro, e correu perigo uma. Pousámos logo abaixo do mesmo baixio. Passou por nós uma pequena monção do capitão Antonio Leme, morador de Sant'Anna do Parnahyba, que haviamos encontrado nos Lençóes. No mesmo dia safáram-se as quatro canôas, trabalhando-se com a lua até ás dez horas da noite, em descarregal-as em batelões, e conduzil-as ao pouso.

16.

Seguimos viagem ás sete da manhã, e logo no terceiro bai-

xio da mesma cachoeira, na distancia de cerca de cincoenta braças, encalháram as canôas, Guia, Cuiybá e outra; principiou-se logo no penoso trabalho de descarregal-as para poderem safar; a primeira safou em poucas horas, a Cuyabá, porém, ainda depois de estar sómente com as duas peças, que trazia, conservou-se.

17.

Foi gasto em passar-se as canôas a meia carga, e mesmo mais descarregadas, e em empregar bimbarras e alavancas para tirar aquella do baixio, o que se conseguiu sem damno. Matou-se um veado e principiou a abundancia de peixe.

18.

Ainda se acham encalhadas duas canôas, e trabalha-se em safal-as; depois de descarregadas foram conduzidas ao porto, carregaram-se e partimos ás quatro e meia horas da tarde, fazendo pouso as cinco, acima do principio da cachoeira. Congonhas, que é uma continuação de baixios no espaço de legua e quarto, interrompidos por alguns lugares fundos

19.

Depois de se mandar o guia, e outros pilotos examinarem o baixio, tratou-se de passar as canôas, as quaes seguiram sem novidade, abicando em pouca distancia. N'esta manobra a guia quasi que rodou pelo segundo baixio, pois achando fundo além do comprimento dos varejões, desceu bastante, sendo preciso que o piloto deixasse o seu remo ao immediato, e fosse trabalhar de varejão na pôa, com o que se conseguiu abicar. A's onze e meia horas da manhã, principiou-se a transportar as canôas menores, que passáram roçando em

pedras, mas sem novidade; encalhando a — Tieté — viu-se que as maiores não podiam passar com a carga inteira, e passou-se ao trabalho das meias cargas. Choveu toda a noite ficando alguma farinha molhada, e quatro canôas acima do baixio, conservando-se aquella encalhada.

20.

Continuou a chover por intervallos, passáram as quatro canôas á meia carga, desencalhou-se a —Tieté —, e nada mais se pôde fazer; mandou-se esta ultima canôa descer com a farinha molhada a uma praia distante cerca de meia milha, para enxugal-a; mas a chuva não deu lugar a isso.

21.

Passámos outro baixio, e parámos na dita praia chamada — Porto do Balduino —, nome de um morador que tem sua situação a um quarto de legua para o centro, e dizem ser grande criminoso; junto a esta praia entra no Tieté, pela sua margem esquerda, o ribeirão — Congonhas.

Matou se um boi, e fez se sortimento de aves leitões, etc. Ás duas horas da tarde principiou-se a passar as canôas no baixio, logo abaixo da praia, o que se fez aproveitando-se as estiadas que diversas mangas de chuva deixavam, encalhando a canôa — Lourenço —: tirou-se-lhe grande parte das cargas, e ás oito da noite achava-se já no pouso, cerca de cem braças abaixo do baixio; choveu toda essa noite.

22

Amanheceu chovendo, e cessando ás nove horas, carregou-se a canôa, e partimos ás onze e meia; passamos as —

ilhas das Congonhas, — do — Suturno — e do — Corvo Branco —, e com andamento de cerca de cinco leguas fizemos pouso ás cinco da tarde, logo abaixo do ribeirão — Jacaré-pipira-mirim, que entra no Tieté pela sua margem direita.

23.

Partimos ás sete horas da manhã, e ás oito e um quarto passámos o Jacaré-pipira-guassú, que tambem lhe entra pela mesma margem; portámos ás dez e meia acima da corredeira —Vainicanga; só se pôde balizar o canal, e ahi pousámos.

24.

Deu-se principio á passagem das canôas ás dez horas por ser preciso passarem a meia carga, e não se pôde conseguir o transito de todas.

25.

A's oito da manhã continuou o serviço, e findou ás duas da tarde. Pousámos abaixo da dita corredeira. Comprou-se alguns alqueires de feijão e de farinha, fez-se fornecimento de aves, leitões e ovos, tudo havido do morador proximo. Pousou perto de nós a monção de João Patricio de Oliveira do rio Paraná, de quatro balças, que encontrámos no dia 31 de Julho no Baurú, indo para Piracicaba.

26.

Partimos ás onze horas do dia, tendo antes sahido o segundo tenente de artilheria João Antonio Pereira do Lago, recolhendo-se á capital de S. Paulo. Passámos a —ilha do Boqueirão — ás onze e meia: abicáram as canôas ás duas da

tarde na ilha—Tambuá-assú, — acima da corredeira — Tambuá-tiririca;—não podemos adiantar mais a viagem por ter encalhado a canôa -- Trindade, — sendo preciso tirar-lhe meia carga para conduzil-a ao Porto.

27.

Largámos ás oito e meia horas da manhã, depois de carregar-se a canôa; parou a monção para desencalhar-se uma canôa, aproveitando-se o tempo para almoçar-se ao meio dia, seguimos a uma hora da tarde, passámos a corredeira e — Ribeirão dos Fugidos, —e pousámos na ilha do mesmo nome, por terem encalhado quatro canôas no baixio, as quaes só ás oito e meia da noite se conseguiu safar, e conduzir ao porto; pousámos abaixo da corredeira — Tambuá-tiririca-mirim.

28.

Partimos ás oito horas da manhã: ás nove parou a monção acima da corredeira —Tambuá-assú: ás dez continuámos a viagem, passando a corredeira, e deixando, ás dez horas, a Ilha-Secca, lugar onde os caçadores, que costumam frequentar este rio, seccam as carnes dos animaes, e os peixes que matam: na ponta d'esta ilha, do lado do OE, ha uma bonita praia em frente da qual corre o ribeirão dos —Caiambólas, —subindo o qual, dizem existir um grande quilombo de negros; ás onze e meia passámos a corredeira —Tambuá-mirim, —e ao meio dia parou a monção acima da Caimbaiovoca, ácima da qual ha duas ilhas do mesmo nome.

Largámos a uma da tarde só a passar a corredeira: ficaram quatro canôas encalhadas, e fizemos alto de pouso ás duas horas para safal-as, serviço que se findou ás sete da noite. A's

duas da madrugada seguinte, cahiu-nos uma tempestade de S. E. com forte chuva.

29.

Largámos ás nove horas da manhã; ás dez passámos a ilha Bonita; ás tres e meia da tarde o Ribeirão dos Cervos, aonde dizem que se matam muitos d'estes animaes; ás quatro o ribeirão do Cervo-Grande, muito maior que o primeiro, entrando ambos no Tieté pela sua margem direita, em frente ao ultimo; da parte d'E., ha uma ilha do mesmo nome: fizemos pouso ás cinco e meia da tarde, sem novidade.

30.

Partimos ás oito e meia horas da manhã: ás nove passámos o ribeirão da —Barra-Mansa, e á uma da tarde o da — Tartura, — ambos os quaes desaguam no Tieté pela sua margem direita: ás quatro parámos acima da corredeira —Avanhandava-mirim, aonde pousámos.

31.

A's sete horas da manhã deu-se principio á passagem das canôas com pessoal dobrado, apesar do que encalharam duas, pelo que pousámos abaixo da dita corredeira.

Setembro 1.°

Partimos ás seis e meia horas da manhã, e ás oito abicámos acima do salto do Avanhandava, aonde encontrámos Francisco das Chagas, morador da cidade da Constituição, com uma canôa, vindo de volta de Sant'Anna do Parnahyba, e alcan-

çámos a monção de João Patricio de Oliveira, já abaixo do salto, d'onde partiu no mesmo dia.

2.

Principiou-se a descarregar a primeira balça. Chegou ao salto a monção de Manoel da Silva Nogueira, vinda das partes de Miranda, com direcção á cidade da Constituição, tendo principiado essa viagem a 17 de Julho. O primeiro batelão que se varou com uma peça de doze de ferro rachou-se pouco acima do taboão, desde a prôa até a pôpa.

3.

Continuou a varação das cargas e canôas, aquellas em carros, e estas a braços e puchadas por bois.

Outubro.

2.

Na continuação da varação das cargas e canôas se arruinaram mais dois batelões, que passaram com peças, e racharam nos bancos duas das canôas grandes. Reconhèceu-se que não se podia varar batelões com as peças dentro, sem perigo de se arruinarem; fez-se uma especie de zorra, de uma forquilha forte, e n'ella se vararam as peças, o que ainda mais concorreu para a demora por ser preciso armar a cabrilha para as tirar, e tornar a pôl-as nos batelões. No laborioso serviço d'esta varação, e concerto dos batelões arruinados, que foram todos curvados e calafetado , consumiu-se todo o mez, e só podemos seguir n'esta data. No dia seis do proximo passado mez, fugiu um camarada paisano, e a nove dois. Na madru-

gada de vinte quatro para vinte cinco, desertaram oito soldados, inclusive o desertor do contingente de artilheria dos dois que foram capturados na Serra-Negra de nome José Pedro de Farias. Fiz partir em busca d'estes desertores duas escoltas que, demorando-se cinco dias, nada conseguiram. Um dos camaradas paisanos que seguira em uma d'estas escoltas na mesma noite em que ellas se recolheram, ausentou-se levando mais dois, todos pilotos, subindo rio acima em um batelão do morador Peixoto. O Sr. deputado incumbiu a alguns moradores de longe do Salto, que se achavam presentes, da captura de todos estes fugitivos, e alli ficou para partir em demanda da villa de Sant'Anna do Paranahyba, afim de nos trazer soccorros de mantimentos, e camaradas de que temos grande falta, para a subida do rio Ivenhema: No salto do Avanhandava ha apenas o morador Peixoto, ha pouco estabelecido, e ainda sem proporções pois até reside em um muito ordinario rancho de palha. Ha outros moradores uns de um e outros de outro lado do rio, porém em distancias de duas e mais leguas. Um rancho que existe acima do Salto, e outro abaixo d'elle por acabar, foram mandados fazer pelo Sr. deputado percebendo o dito Peixoto cem mil réis por cada um. Este homem, que havia assegurado ao dito Sr. deputado que a encommenda que lhe fizera de viveres em abundancia estava prompta, nada nos forneceu, dizendo que lhe faltaram com os ajustes a respeito. Matou-se oito rezes e seis grandes capados, comprados depois da nossa chegada, e fez-se carne serca. O mesmo Peixoto só appareceu no dia vinte cinco do mez passado, estava abrindo a picada até ao Itapura para conduzir os bois, que nos devem servir na varação. Fez se toda diligencia por farinha, e sómente se pôde haver vinte seis alqueires, e mais doze do encarregado da monção do capitão José Garcia, que já de volta de Sant'Anna do Paranahyba, chegando ao Salto no dia vinte quatro os trazia para a

volta, e se lhe mandou dar igual quantidade na cidade da Constituição. Temos no Itapura mais dezesete alqueires que por encommenda do Sr. deputado ao mesmo capitão alli estão guardados.

O rio tem dado bastante peixe, e no Salto com abundancia: matou-se perto d'alli duas antas e dois veados. Recebí um officio do Exm. presidente, em resposta ao meu de 14 de Julho ultimo, em que declara não poder satisfazer á requisição que lhe fiz de vinte praças para virem ao alcance da monção. Partimos, finalmente, a viajar a segunda parte do rio, considerada inavegavel pelo primeiro tenente de marinha Azevedo, deixando o Salto ás onze horas do dia, e com duas de marcha abicámos acima da corredeira — Escaramuça, — na qual passaram a maior parte das canôas a meia carga, e ainda assim encalharam algumas, sendo preciso descarregal-as até que pudessem safar, gastando-se n'este trabalho até o dia 4.

5.

Carregada a ultima canôa, partimos ás onze horas, e com tres de viagem chegámos acima da corredeira — Itapaucurá — mandou-se logo avisar a picada.

6.

Principiou-se o insano trabalho de conduzir todas as cargas por terra. N'este laborioso e arduo serviço consumimos dez dias. Desmancharam-se as balças, cujos batelões, bem como todas as canôas vazias, foram varadas a braços com a gente n'agua, e aquelles só com a peça. Todas as mais cargas foram conduzidas por terra aos hombros da tripolação. Este trabalho, e o de carregar-se novamente as canôas, e as balças, accrescendo ter-se puchado para terra a canôa guia e um dos

batelões da bolça da cozinha, para se calafetarem, por fazerem muita agua, não pôde ser feito em menos tempo. Faltando brim, abriu-se um caixão da marinha, e tirou-se-lhe oito libras. Adoeceram tres soldados e dois camaradas de sezões: mas estão restabelecidos, restando só um d'aquelles.

Tivemos sempre peixe, e mataram-se dois veados, e duas grandes antas. O machinista Lima, que desde o principio da viagem tem vindo, mais ou menos doente, acha-se quasi restabelecido. Principiou a chover.

16.

Partimos ás nove e meia horas da manhã, e abicámos ás onze, para dobrar o pessoal, e passar a proxima cachoeira da ...ia: encalhou uma canôa, e por isso só podemos seguir ás tres e meia, fazendo pouso ás cinco e meia da tarde, acima da cachoeira do Mato-Secco: n'este transito encalharam em um baixio de arêa quatro canôas; mas safaram se todas depois de algum trabalho, já com noite. A chuva que tem continuado ha feito conhecer que as barracas das canôas, cobertas de encerado, são insufficientes, pois chove bastante dentro, dando-me cuidado a conservação das cargas por não nos restar recursos para minorar este mal: todavia, vou empregando os que me lembra, e aos que se servem das ditas barracas.

17.

Partimos ás seis horas da manhã, e fizemos alto, á boca da dita cachoeira, para passal-a á meia carga: mas a chuva de trovoada, que cahiu, não permittiu que se principiasse o serviço, senão ás quatro horas da tarde. Felizmente, por ter o rio tomado alguma agua, conheceu-se que podiam passar as

canôas com gente dobrada, e passaram sómente as quatro balças e seis canôas, e as mais no dia seguinte.

18.

Seguimos viagem ás dez e meia da manhã, e pouco abaixo encalharam duas canôas e, safas estas, outras duas, pelo que foi preciso abicarmos. Safou-se as duas ultimas, e seguindo viagem ás quatro da tarde, fizemos pouso ás quatro e meia acima da cachoeira —Ondas-Grandes. — Examinado o canal, passaram ainda duas canôas com gente dobrada, e no dia seguinte todas as mais, sendo, porém, indispensavel desmanchar-se as balças para se poder varar os batelões sómente com as peças pelas pedras da beirada do rio, com gente dentro d'agua, conduzindo-se as mais cargas d'ellas nas duas pranchas, que se puzeram a meia carga.

Este processo, e o de novo carregal-as com as suas respectivas cargas, consumiu todo o dia dezenove, e parte do dia vinte.

20.

Seguimos viagem ás dez horas da manhã, e na distancia de um quarto de milha encontrámos a cachoeira —Ondas-Pequenas, — acima da qual fizemos alto ás dez e um quarto para passal a com gente dobrada. Ainda no pouso em que estavamos, abicou uma monção de Sant'Anna do Paranahyba, pertencente a Aprigio de tal, que d'alli havia sahido faziam dezeseis dias. O encarregado da monção ajustou um camarada piloto, que n'aquella vinha de passagem, annuindo a este ajuste pela necessidade que havia de gente, apesar de trazer elle tres crianças, seus filhos. Abeceraram de s[illegible] ua[illegible] dados. Depois de passarem sete canôas sem novidade, encalhou uma das maiores —a Santissima Trindade — sobre duas

pedras, de tal sorte que ainda depois de descarregada de todo custou muito a safar, o que só se pôde conseguir quasi ao anoitecer, e então se conheceu que o vaso soffreu avaria, pois dando sobre uma das pedras ella o estragou bastante, tirando-lhe uma porção de madeira e rachando-a a ponto de logo fazer agua. Se este vaso fosse menos forte, dizem os praticos, iria ao fundo com toda a carga, da qual pouco se salvaria, porque logo junto d'essas pedras o fundo é immenso e a correnteza violentissima.

21.

Passou-se o restante das cargas e canôas todas sem novidade; puchou-se para terra a Trindade para concertar-se.

22.

Pôz-se-lhe duas cavernas, calafetou-se e breou-se, pondo-se-lhe tambem por fóra uma taboa a meia madeira, no lugar em que estava mais estragado, sendo forçoso, por falta de pregos abrir-se dois caixões da marinha para tirar-se d'elles doze de nove pollegadas, e outros tantos de seis. Este trabalho durou até ás quatro e meia horas da tarde, em que foi a canôa lançada ao rio, aproveitando-se o resto da tarde em carregal-a.

23.

Estão restabelecidos os soldados doentes de sezões. Partimos ás seis horas da manhã, e ás sete e vinte minutos, abicámos acima da cachoeira — Funil-Pequeno, — e pelo exame feito conheceu-se que só a meia carga, e na distancia de mais de meia legua, comprehendendo a cachoeira — Funil-

Grande, — se podia passar as canôas, com o que se gastaram muitos dias.

24.

Passou por nós uma monção de tres canôas pequenas, vinda de Sant'Anna do Paranahyba com dezeseis dias de viagem, que nos deu noticia de haver alli chegado na vespera da sua partida o Sr. deputado Delfino. Gastámos no serviço das canôas a meia carga e menos, que foi interrompido por alguma chuva, até o dia trinta, em que partimos ás tres horas da tarde, e com uma hora de viagem abicamos acima da cachoeira — Vaicuritiba, — de mais de um quarto de legua de extensão, que se passára tambem a meia carga.

No dia vinte seis passou por nós a monção do capitão José Garcia, de cinco pequenas balças que, sahindo do salto — do Avanhandava — para a cidade da Constituição em 26 de Setembro, em um mez nos alcançou de volta. No dia vinte sete deu á luz com bom successo a senhora do machinista Lima, e continúa sem novidade, bem como a recem-nascida. Matou-se uma anta e um veado no tempo que ahi estivemos.

31.

Tendo-se principiado o serviço, continuou-se n'elle, interrompido por chuvas até o dia 6 de Novembro, em que á tarde se passáram as balças tambem á meia carga, o que bem me incommodou o espirito, por ser todo o transito de continuadas corredeiras com ondas não pequenas em muitas partes. N'estas cachoeiras ainda á meia carga encalharam muitas canôas.

Novembro.

7.

Tornou-se a carregar as balças, e partimos ás oito e meia da manhã; fizemos alto por ter encalhado a prancha — Diamantina —, que safou ás duas horas da tarde; continuámos a viagem ás duas e dez minutos; ás tres fizemos alto, por terem encalhado quatro canôas, e por estar perto a cachoeira — Araeanguá-merim. Seguimos a ganhar a cabeceira, e n'esta viagem encalhando doze canôas abicámos; desencalhou-se cinco, ficando sete, que saláram-se no dia 8. N'este dia principiou o laborioso serviço das meias cargas; a canôa — Cuyabá —, a maior, assim aliviada encalhou, e foi preciso tirar-se-lhe toda a carga para poder safar.

9.

Passando-se tres canôas, e encalhando uma d'estas, a — Paraguay — de 115 palmos de comprimento, foi tambem de todo descarregada para poder safar, quasi á noite. Passaram por nós duas monções, uma — do Nogueira — de volta para as partes de Miranda, e outra do Martins para Sant'Anna do Paranahyba. N'aquella seguiu o Sr. inspector da thesouraria de Mato-Grosso, José Innocencio Pereira da Costa, por abreviar a viagem.

10.

Passáram sete canôas. Alcançou-nos o Peixoto, que segue para o Itapura, conduzindo um pequeno carro para nos coadjuvar na varação d'aquelle salto, tendo feito seguir por terra os bois, e trouxe-nos tres saccos de farinha. Falhou comnosco.

11.

Concluiu-se a passagem do restante das canôas, e as balças; mas, infelizmente, uma d'estas deu sobre pedras, ficando um dos batelões, o mesmo que se havia rachado, na varação do Avanhandava, trincado de novo, e com o calafeto estragado, seguindo-se fazer bastante agua. Como, porém, temos de parar alguns dias na passagem da cachoeira — Aracanguá-assú, — (hoje chamada das Cruzes), ahi será concertado: pousámos ás cinco horas da tarde.

12.

Ao amanhecer, deu-se por falta de tres pilotos e dois proeiros que, furtando uma das pequenas canôas, fugiram. Já vinhamos muito mal tripolados, e a falta d'estes perversos nos é assaz sensivel; todavia a remediamos como foi possivel, e partimos ás nove horas da manhã, resolvendo não mandar seguir os fugitivos, não só por ignorar-se se subiram ou desceram o rio, como porque teriamos de parar pela falta dos que fossem na diligencia. Tendo o velho piloto Soares, na tarde do dia 11, passado ao lado direito do rio, matou, entre outras caças, tres porcos do mato, e só podendo carregar um, foi com outro companheiro no dia seguinte conduzir os dois, e não os achou, tendo visto sómente vestigios de terem sido levados por onças. Seguimos viagem pelas nove horas da manhã, e com quatro e meia de andamento abicámos e pousamos na cabeceira da dita cachoeira — Aracanguá-assú. Examinando-se o canal achou-se que podiam passar as canôas com alguma carga.

13.

Principiou-se o serviço. Expedi uma pequena canôa com

tres paisanos, á alcançar a monção do — Martins —, afim de levar uma carta minha ao Sr. deputado, communicando-lhe a fuga dos camarados, e pedindo que adiantasse os que pudesse.

14.

Continuação dos mesmos trabalhos.

15.

Idem. Chegou o mesmo Sr. deputado, não tendo encontrado a canôa que expedi, por ter esta viajado de noite. Trouxe onze camaradas, cinco dos quaes muito ruins, que com ande difficuldades e pagando a cada um 100$000 pela viam até ao —Barbocas —, pôde obter, e algum mantimento. ı Sant'Anna achou falta de farinha, e de todos os generos nestiveis, e por isso commissionou um individuo de confiança para d'alli ir ao territorio de Minas-Geraes comprar farinha, e vir nos encontrar no Itapura. O rio baixou logo no segundo dia, tornando o trabalho mais penoso. As balças foram descarregadas, e passáram os batelões cada um de per si com as peças. A varação por terra, porém, era de cerca de quarenta braças, e por isso pôde-se vencer o serviço em menos dias do que pensei, concluindo-se no dia 17.

18.

Partimos pelas duas horas da tarde, e tendo navegado tres quartos de hora abicámos acima da cachoeira—Itapeva (hoje chamada —Canal do Inferno). Levámos n'esta passagem, á meia carga, até o dia vinte dois, tendo encalhado uma das canôas que, ainda de todo descarregada, custou muito a safar, conservando-se desde meio-dia de dezenove até ás duas horsa

da tarde do dia vinte. Na noite de vinte um choveu muito com fortes trovões.

23.

Partimos ás seis horas e um quarto da manhã, e com uma e meia de viagem abicámos acima da cachoeira—Vaccuriteiba (hoje intitulada—Bacury). Tem havido bastante peixe, e no transito de hoje os cães pegaram um veado no mato, aonde os tinham posto os caçadores, que partiram adiante da monção, os quaes tambem mataram uma anta. Gastou-se todo o dia na passagem das canôas, com pessoal dobrado, tendo encalhado tres, e uma balça: pousámos abaixo da dita cachoeira.

24.

Partimos ás sete horas da manhã depois de termos almoçado: encalharam tres canôas, por isso só viajamos até ás quatro e meia da tarde, em que fizemos pouso, pouco abaixo da corredeira—Perataraia: matou-se um veado. Julgo que andamos n'esse dia cerca de oito leguas.

25.

Partimos ás seis horas da manhã, e com meia de viagem abicámos acima da cachoeira—Itupurú—(hoje chamada da Ilha-Sêcca), de meia legua de extensão, N'esse mesmo dia, e no seguinte, passámos a primeira corredeira com pessoal dobrado, e pousámos em uma ilha abaixo, tendo encalhado algumas canôas, e ficando acima as balças: no dia immediato passáram estas, e principiou-se o serviço de conduzir por terra, na distancia de oitocentos passos, a maior parte das cargas, e passar as canôas na trabalhosa carreira logo abaixo.

30

Finalmente, podemos seguir viagem ao meio dia, por ter o rio tomado agua, e teriamos chegado ao Itapura se não encalhasse na ultima corredeira uma das canôas, o que nos demorou tres horas: pousámos acima da cachoeira —Tres-Irmãos.

Dezembro 1.°

Partimos ás seis horas, e tendo encalhado no Itapura-mirim ıa das canôas só podemos chegar ao Salto do Itapura ás. ınze horas. Tratou-se logo de providenciar sobre a varação ıs cargas e canôas. Achámos abaixo do Salto uma canôa ında das partes de Miranda, cuja tripolação tinha ido ajudar aração de uma canôa de taboas com coberta, do padre José ıes, morador da villa de Monte-Alto, em Minas-Geraes, o Salto do Urubúpungá, do rio Paraná: voltaram com ella e o mesmo padre e sua comitiva no dia quatro. No immediato a bordo da sua canôa disse missa este sacerdote, que foi ouvida pelas pessoas que alli se achavam.

Gastou nove dias na varação da sua canôa e partiu no dia quinze.

2.

Deu-se principio á varação, sendo todas as cargas, canôas e peças conduzidas pela tripolação da monção, pois que os bois, que se esperavam, segundo o contracto feito por Peixoto com o Sr. deputado, nunca chegaram, finalizando tão laborioso e forte trabalho, e o de curvar-se, calafetar-se e pôr guardas nos batelões das balças para livral-as das ondas do Paraná, no dia vinte dois, em o qual partimos do Salto pelas quatro horas da tarde, e com uma e meia de viagem: fizemos pouso abaixo da ilha das Guaribas. No Salto achámos grande

abundancia de peixes, a ponto de muitos camaradas e soldados os apanharem com as mãos. Na occasião de carregarem-se as canôas, cahiu sobre o pé do soldado Domingos Antonio Maciel uma barra de chumbo, causando-lhe contusão e ferimento.

23.

Partimos ás cinco e meia horas da manhã; com vinte cinco minutos de viagem entrámos no rio —Paraná, — e com mais duas horas de andamento abicámos no —Sicuriú, — aonde pousámos por termos de pôr ao sol uma porção de carne secca, que se havia mandado fazer, e que d'isto precisava, e mesmo porque o vento que pela manhã soprou, promettia crescer, o que nos seria prejudicial; pois que em taes circumstancias o Paraná se torna perigoso, por levantar terriveis ondas, que submergem as canôas, se não acham algum abrigo.

24.

Seguimos viagem ás cinco e um quarto: almoçámos no Ribeirão do Abrigo, e pousámos em outro abaixo d'este, cerca de duas leguas, pelo meio de uma trovoada que aliás se dissipou.

25.

Partimos ás cinco horas da manhã, e almoçámos no Rio-Verde, tendo andado quatro e meia horas; seguimos ao meio dia, e tendo-se navegado até ás quatro da tarde fomos obrigados a fazer pouso em uma ilha: por uma trovoada com vento forte, valendo-nos ser ella da parte de cima do rio, porque se fosse debaixo teriamos de soffrer bastantes avarias, por se tornarem furiosas as ondas.

26.

Partimos ás cinco e meia horas da manhã, e com quatro e vinte minutos de viagem entrámos no rio—Orelha d'Onça—, aonde pousámos, por não permittir o vento que proseguissemos. Na viagem d'este dia o estado do rio nos deu cuidado, pois com as ondas que levantou alguma cousa a balça da cozinha; mas, felizmente, amainou um pouco dando-nos tempo a ganhar este abrigo.

27.

Por ter continuado o vento todo o dia, em attenção ao pacer do piloto guia e de outros, falhámos.

Os soldados e camaradas aproveitando a falha trataram de ɔcurar mel de abelhas, e tiraram bastante. Perto de um , que alguns haviam derribado e d'este estavam extrahindo o mel, ouviram o ladrar e signal de soffrimento do melhor cão que traziamos — A Carranca —, e pensando que seriam caititús, ou porcos do mato, um paisano seguiu armado de espingarda com chumbo a examinar o que seria; depois de andar cerca de oitenta passos, na distancia de oito, avistou uma grande onça, fez-lhe fogo, ferindo-a bem, mas tratou logo de subir a uma arvore, temendo o resultado. A onça retirou-se, deixando sangue por onde passava, e chegando outras pessoas foram em busca d'ella, e só encontraram os vestigios de sangue e o rasto do feroz animal e de dois filhos. O cão não appareceu mais; de certo foi victima.

28.

A's cinco horas e um quarto da manhã, seguimos viagem e depois de tres e um quarto fizemos alto de almoço na praia de uma ilha: partimos ás 11 horas e tendo passado a foz do

Rio-Pardo, cahiu-nos uma chuva copiosa e fria, ameaçando trovoada: abicámos, portanto, no ribeirão — Dourado — ás 4 horas da tarde, e ahi pousámos.

29.

Seguimos viagem ás seis horas da manhã ; ás dez e meia fizemos alto de almoço, e partimos ao meio dia: ás tres horas da tarde, ameaçando trovoada e cahindo vento forte ao tempo que chegavamos á embocadura do ribeiro — Aguas-claras — n'elle entrámos, e ahi pousámos.

30.

Largámos ás cinco e meia horas, e com andamento de tres e meia fizemos alto de almoço : seguimos viagem ás onze e meia, fazendo pouso ás cinco da tarde.

31.

Partimos ás cinco horas da manhã : ás oito e meia fizemos alto de almoço, e seguimos ás onze: á uma e quarto da tarde abicámos na barra do rio — Sambabaia —, deixando o Paraná, e ahi pousámos , para se fornecerem os trabalhadores de ganchos e forquilhas para a subida. Este braço do rio com a enchente do Paraná estava represado a ponto de descermos por elle, em vez de subir.

1859.

Janeiro 1.

Partimos ás seis horas e tres quartos da manhã ; algumas

barracas das canôas soffreram avarias, por ser o rio estreito, tortuoso e ter forte correnteza. O Sambambaia divide-se em dois braços, um que desagua no Paraná, e outro no Ivinhema. Entrando a monção n'este, abicámos ás tres horas da tarde, e pousámos por estarem muitas das canôas e as balças atrazadas. O Ivinhema está muito cheio, e temos de subil-o a gancho e forquilha. N'este mesmo dia alcançou-nos o soccorro de Sant'Anna do Paranahyba, encommendado pelo Sr. deputado, não vindo, porém, tudo quanto esperava, e apenas cerca de setenta e cinco alqueires de farinha, além da que chegou molhada, e duzentos molhos de rapaduras, dando tão má direcção a esta incumbencia o encarregado capitão Antonio Lemos, que deixou ficar no sitio de José Silvestre, acima do Salto do Urubúpungá dez alqueires de farinha, algum arroz e assucar, pois em vez de vir, mandou camaradas que, em geral, nunca satisfazem ao que se lhes recommenda. Este soccorro, porém, livrou-nos de apuros, pois já tinhamos pouca farinha.

2.

Seguimos viagem ás onze horas da manhã, por ter-se de receber a farinha, dividir a molhada, passal-a para outros saccos, costural-os, etc., andámos tres horas, e pousámos, por estarem muitas canôas atrazadas, e tanto que a ultima balça chegou ás nove horas da noite.

3.

Partimos ás seis horas e trez quartos; fizemos alto de almoço ás dez e meia, e pelo mesmo motivo do dia anterior só podemos seguir ás tres e meia da tarde, fazendo pouso ás cinco e meia; ás sete ainda não estavam reunidos todos os vasos. A viagem diaria, não só por estarem as canôas fracamente tri-

poladas, como porque a maior parte dos trabalhadores não tem a pratica precisa do serviço de gancho e forquilha, assaz laborioso, por depender do movimento constante dos braços. e de andar pelas bordas das canôas, que ordinariamente se acham muito quentes do sol.

4.

Partimos ás cinco e meia horas da manhã; fizemos alto de almoço ás oito, e tão atrazadas ficaram muitas das canôas, que só nos foi possivel seguir ás duas e um quarto da tarde: fizemos pouso ás cinco horas e quarenta minutos, ficando a maior parte dos vasos atrazados, e tanto, que só se reuniram no dia seguinte.

5.

Vão apparecendo sezões, e alguns outros incommodos provenientes do trabalho, e, portanto, ainda mais fraqueando as tripolações das canôas, além de ter augmentado a correnteza do rio.

Partimos ás dez e meia horas da manhã. Fez pouco a canôa guia ás duas horas e tres quartos da tarde, e ainda assim uma das balças ficou pouco abaixo do pouso, alcançando-o no outro dia de manhã.

6.

A's tres horas da madrugada ouviu-se gritos, e accordando a maior parte da gente, conheceu-se que era a prancha—Poconé—que estava alagada, e de tal sorte que, poucos minutos depois, foi a pique, baixando e descendo rio abaixo as cargas que tinham esta natureza: partiu logo a balça da cozinha.

que estava descarregada, na diligencia de as recolher. N'esta prancha vinha accommodado o machinista Lima, e sua familia, e por differença de tres minutos não foram submergidos com o vaso. Logo que rompeu o dia principiou-se a tirar as cargas do fundo, constando de caixões contendo espingardas, bonets, barretinas e balas, de barrís de alcatrão e fardos com fardamentos e outros objectos; á tarde estava a canôa vazia, tendo diversos soldados se empregado n'este serviço com pericia, mergulhando e amarrando os volumes no fundo, sendo d'est'arte puchados para terra. N'este tempo chegou a balça da cozinha, conduzindo diversos fardos, caixões de barretinas, caixas, &c., que, com os já salvos, foram abertos e postos a enxugar, verificando-se mais a falta assaz sensivel de um caixão com oito arrobas de toucinho, e de alguns saccos de farinha. Examinada a causa d'este sinistro, reconheceu-se que o ter o rio augmentado de correnteza durante a noite fez que a grande canôa —Cuyabá— que postava acima da—Poconé—a comprimisse com a pôpa, fazendo-a um pouco abaixar do lado de cima, motivando assim que a agua, que corria com violencia, lhe fosse entrando em pequenas porções pela costura do accrescente de taboas, que se lhe pôz, para melhor conter as cargas, até que a alagou. E' notavel que nem o machinista Lima, nem uma pessoa das da sua familia, que na prancha pernoitavam, e nem tambem o piloto e o proeiro João da Trindade e Joaquim da Silva Boava percebessem este acontecimento senão quando chegou a agua aos pés.

Fiz lavrar o competente protesto d'este sinistro. A' tarde puchou-se a prôa da prancha para o barranco, e depois a pôpa, e firmando-se a talha da cabrilha em uma arvore passou-se-lhe uma corrente forte por baixo, conseguindo-se suspendel-a e esgotal-a. Ainda se aproveitou o resto da tarde, fazendo os soldados mergulharem ao correr do rio, mas foi infructifero este trabalho, porque nada mais se encontrou.

7.

Achando-se o ajudante de pedestres bastantemente doente de um sarcocele com ulcera nos escrotos, e assegurando o Doutor Lago que a operação, que se lhe devia fazer, não podia ter lugar, não só por falta dos ferros precisos, como do regular tratamento e dieta, que não podia ter n'esta viagem, o fiz seguir em uma balça ligeira para Miranda a apresentar-se ao respectivo commandante militar, afim de procurar remedios proprios aos seus padecimentos, acompanhado de tres soldados e um piloto paisano, bem como do official da thesouraria de Mato-Grosso Odorico José da Costa, e do porteiro da mesma Antonio Monteiro de Mendonça Bosó, aproveitando-se a occasião para nos vir soccorros de homens e de mantimentos, de que necessariamente teremos precisão no decurso da viagem, sobre o que officiei ao commandante do Anhuak, e escreveu a outras pessoas o Sr. deputado. Continuou se no trabalho de enxugar os objectos contidos nos fardos e caixões, limpar e azeitar o armamento, &c., bem como em apromptar a prancha para carregal-a, enfardando-se e encaixotando-se o que já estava em estado d'isso.

8.

Proseguiu-se no mesmo serviço.

9.

Concluiram-se os trabalhos por tarde, e mudámos de pouso para um pouco mais acima.

10.

Partimos ás cinco e meia horas da manhã, e com uma e

meia de viagem parou a canôa guia, para deixar avançar as outras, que vinham muito atrazadas. Seguimos ás oito, ás oito e meia fizemos alto de almoço, reunindo-se todas as canôas ás onze horas. Partimos á uma e meia da tarde, e ás quatro fizemos pouso por estarem muitas canôas atrazadas, e por causa da chuva de trovoada que cahiu. Vamos andando muito pouco, pois ha canôas que só trazem dois homens na prôa, e o piloto, porque as febres, constipações, sezões, &c., tem elevado os doentes ao numero de vinte.

11.

Partimos ás seis horas da manhã, ás sete e meia fez alto a canôa guia para esperar as outras: continuou-se a viagem ás oito, e ás oito e meia fizemos alto de almoço, e só ás onze e meia estavam reunidos todos os vasos.

Partimos á uma e meia da tarde, e fizemos pouso ás quatro e meia, ficando atrazadas muitas canôas e as balças.

12.

Partimos ás seis e tres quartos da manhã, por ser preciso remediar as faltas dos trabalhadores, substituindo os novos doentes pelos que se deram por promptos: ás nove horas e vinte minutos fez alto a canôa guia, e ahi almoçámos, porque só ás duas da tarde se reuniram todos os vasos: ás tres seguimos, e ás cinco abicou a canôa guia para pouso, por estarem ainda muitas outras atrazadas, que só se reuniram á noite.

13.

Partimos ás sete horas da manhã pelas mesmas razões do dia antecedente; fizemos alto de almoço ás nove e quarenta

minutos, e só ás tres da tarde estavam todos os vasos reunidos. sendo preciso mandar gente para traz, por ter adoecido o piloto de uma das canôas e um trabalhador de outra, acontecendo isto por termos necessidade de empregar os doentes emquanto estão livres da febre: ahi pousámos, por ter assentado, de accôrdo com o Sr. deputado, de deixar as quatro balças guardadas por seis homens, afim de podermos viajar com mais vantagem, fazendo voltar do porto dos Barbosas gente sufficiente para as conduzir. Desistimos, porém, d'esta idéa, por terem uns soldados que tinham ido pescar encontrado uma flecha das que usam os indios. O rio dá pouco peixe, e o mantimento se vai consumindo, estando o toucinho a acabar-se: a nossa situação não é de desejar.

14.

Tendo chovido bastante na noite antecedente, depois de almoçarmos, partimos ás oito e meia da manhã por julgarmos que assim se tornaria um pouco mais vantajosa a viagem, pois andaria até ás tres da tarde, dando tempo, no resto d'ella, a reunirem-se todos os vasos, mandando, dos primeiros que abicassem, gente para ajudar a conduzir os outros. Depois de uma parada de duas e meia horas, em que se reuniram todos os vasos, por aproveitar o tempo, partimos ás tres da tarde, e fizemos pouso ás quatro e meia.

15.

Depois de almoçarmos, partimos ás oito e um quarto e parámos ao meio-dia, e, reunidos que foram a maior parte dos vasos, seguimos ás duas da tarde, e fizemos pouso ás quatro e tres quartos, para dar tempo a se reunirem com dia as canôas atrazadas.

16.

Partimos ás oito horas da manhã; fizemos uma parada de cerca de duas horas, por causa de uma trovoada, passada a qual, seguimos, e fizemos pouso ás cinco da tarde.

17.

Partimos ás oito horas da manhã, fazendo seguir as balças adiante: ao meio dia parámos, para reunir todos os vasos, e toldal-os por causa da chuva de trovoada que cahiu: partimos ás duas da tarde, e fez pouso a canôa guia e mais algumas ás quatro e meia, reunindo-se as outras e duas balças ao anoitecer.

18.

Seguimos viagem ás oito da manhã; parámos ás onze, e continuámos á uma e meia da tarde, fazendo pouso ás quatro e um quarto; adoeceu um dos pilotos, o que fez andarmos ainda menos, sendo preciso voltar o guia para conduzir a canôa.

19.

Partimos ás oito horas da manhã: parámos ao meio dia para dar descanço aos trabalhadores e esperar que se reunissem todas as canôas: uma forte trovoada não permittiu que seguissemos; pousámos um pouco mais acima.

20.

Partimos ás sete e meia da manhã. Continuam as molestias, além das machucaduras, provenientes das quedas que levam nas canôas os soldados e camaradas, pouco praticos do labo-

rioso serviço de gancho e forquilha. O rio tem enchido mais, o que muito influe para andarmos menos n'esta penosa subida, attentas as fracas tripolações das canôas. Fez alto de descanço a canôa guia, e outras ao meio dia: só se reuniram successivamente todas, e as balças ás duas e meia da tarde, e proseguimos a viagem ás tres, fazendo pouso ás cinco.

21.

Partimos ás oito da manhã: fizemos alto de descanço ao meio dia; reunidas todas as canôas, menos uma balça, seguimos ás tres horas da tarde: fizemos pouso ás quatro e meia, reunindo-se todos os vasos, menos a dita balça, que pousando muito abaixo, foi preciso mandar gente de manhã para conduzil-a, por ter fraqueado a tripolação.

22.

Só podemos seguir viagem partindo as canôas mais pesadas ás dez e meia, e as mais ás onze e meia da manhã, por se ter de apromptar novos ganchos e forquilhas para a referida balça. A' uma hora da tarde, por causa de uma grande trovoada, abicaram as canôas, e a final fez-se pouso por causa da chuva, e mesmo para se cortar um páo de cedro, afim de se fazerem remos de pilotear para duas canôas, que os tinham estragados.

23.

Falhámos para se apromptarem os taes remos, e por continuar a chuva.

24.

Comquanto ficassem promptos os remos, a chuva não nos

deixou seguir senão ás dez horas da manhã; com pouca parada marchámos soffrivelmente, fazendo pouso as primeiras canôas ás quatro e meia da tarde.

25.

Partiram as primeiras canôas ás sete horas e tres quartos da manhã; viajámos até ao meio-dia; fizemos alto de descanço e para se reunirem todos os vasos; seguimos ás duas da de, e ás tres foi preciso parar para soccorrer um soldado, abalhador da guia, que foi acommettido de um ataque de coração, e um paisano da mesma que soffria caimbras nos aços, sobrevindo-lhes tambem uma syncope. Continuámos as quatro horas, e por não acharmos terra para pousar, andou a canôa até ás seis e meia, em que se achou um pequeno reducto, que mal chegou para cozinhar-se, ficando para traz doze canôas: providenciou-se como se pôde para terem a comida. Choveu parte da noite.

26.

Reunidos todos os vasos, partimos ás sete horas da manhã, e só achámos terra em um espigão ás nove e um quarto; ahi tratou-se do almoço, emquanto se reuniam todas as canôas, e quando ás tres horas da tarde pretendiamos seguir, uma forte chuva de trovoada obrigou-nos a fazer pouso.

27.

Sem almoçarmos partiram as primeiras canôas ás seis e meia da manhã; fizemos alto de almoço ás dez, mas dez minutos depois começou a chover muito, e continuou até ás quatro e meia da tarde, estando ainda muitas canôas atrazadas,

e por isso fizemos pouso, vindo a almoçarmos ás seis e meia! Attendendo a que o mantimento que nos restava vai a acabar assentámos, eu e o Sr. deputado, de dar á tripolação só uma ração de feijão por dia, o peixe que se podesse haver, e diminuir a farinha, bem como de fazer descarregar uma das balças, que só conduz rodas, deixando ficar essa carga, afim de, em um dos batelões, seguir o seu encarregado Joaquim Alves Ferreira, a alcançar a fazenda das — Sete Voltas — do Sr. barão de Antonina, situada a cinco leguas da margem direita d'este rio, a cujo porto se póde chegar com cinco dias de viagem, segundo as informações de um camarada morador do Anhuak, afim de nos trazer soccorro de carne secca, e do mais que pudesse encontrar. A nossa situação se vai tornando bem critica; mas n'estes poucos dias esperamos soccorro, trazido pela balça em que seguiu o ajudante de pedestres.

28.

Choveu quasi todo o dia, forçando-nos a falhar. Descarregada a balça, tirou-se um dos batelões que não pôde seguir por causa da muita chuva.

29.

Continuou a chuva, que nos privou de viajar, mas a despeito d'ella partiu o batelão com o encarregado, e tres camaradas. As toldas das canôas estão estragadas; as avarias agora serão certas, pois não nos resta meios de remediar este grande mal. Este rio é tal, que com a enchente, alaga ambas as margens, que se tornam pantanaes, achando-se poucos lugares e restingas cercadas d'agua, para as precisas altas, não se encontrando palha para se fazerem ranchos. E' nosso proposito, logo que acharmos lugar apropriado empaiolar as cargas mais susceptiveis de avaria.

30.

Amanheceu chovendo, e quando, ás tres horas da tarde, fez uma estiada e quizemos aproveital-a, eis que de novo principiou a chover, o que nos privou de seguir. Observando ao Sr. deputado que os fardos e diversas outras cargas se estavam molhando, recebi d'elle um officio em que declarava protestava não ser responsavel pelas avarias causadas pelo inverno. Passei a examinar o estado das cargas e dos motivos deram lugar a que algumas se molhassem, e vim no conhecimento de que o máo estado das toldas que cobriam as canôas, e estarem estragados os calafetos das taboas postas nas [illegible]duras das canôas, causavam esse mal, pelo que protes[illegible] imediatamente, exigindo do mesmo Sr. deputado, que [illegible] bem dos interesses da nação procedesse, logo que fosse possivel, á abertura dos fardos e caixões molhados, para pôr-se ao sol, e enxugar-se os objectos n'elles contidos.

31.

Ainda a chuva não nos deu lugar de viajar até ás duas e meia horas da tarde, em que partimos para mudar de pouso, por ser o em que estavamos muito ruim.

Fevereiro.

1.

Por causa da chuva só podemos partir ás nove da manhã; marchámos com pequenas paradas até ás quatro e meia da tarde, em que fizeram pouso as tres primeiras canôas em um espigão alto do lado direito. Com quanto tenha havido mais ou menos peixe diariamente, a gente que estava acostumada

a comer mais vezes no dia tem estranhado a restricção em que fomos obrigados a pol-a, segundo as circumstancias, e já se lhe nota algum desanimo: pousaram quatro canôas e duas balças para traz.

2.

A's oito e meia horas da manhã chegaram os vasos atrazados; porém a chuva da trovoada, que durou todo o dia, não permittiu que sahissemos do pouso.

3.

Partimos ás seis horas da manhã, e fizemos alto de almoço ás oito, com tenção de empaiolar parte da carga, pois que o lugar se prestava a isso, por ser um espigão pouco acima de uma pequena ilha e haver n'ella palmeiras para se cobrir o rancho. Defronte da dita ilha, entra n'este rio pelo lado direito um ribeirão que está represado pela enchente d'aquelle. Principiou-se a tirar madeiras para o rancho.

4.

Continuou-se no mesmo serviço, e principiou-se a abrir os fardos e alguns caixões para se enxugarem os objectos que se achassem molhados. O tempo tem melhorado, e promette dar-nos lugar para taes serviços. O rancho ficou quasi prompto; tem sido preciso ir buscar a palha mais longe.

5 E 6.

Proseguiu-se nos mesmos trabalhos: o rancho está acabado, e estirado sobre forquilhas, afim de que não chegue a agua ás cargas em tempo nenhum. Nos fardos que se tem

...el o, tem-se encontrado ligeiras avarias, e em um de sobre-casacas algumas bem avariadas.

7.

Continuou-se a abrir fardos, e a enxugal-os: tem apparecido mais ou menos avarias. Descarregou-se a prancha — Diamantino —, que desceu rio abaixo com dez pessoas para conduzirem as rodas, que haviamos deixado em um dos pousos anteriores.

8.

n os serviços: vão-se achando mais avarias. Matou-...pouços do mato e aves, e tem havido algum peixe ...ou a prancha — Diamantino —, com as rodas sendo con-...s pelos pantanaes, que forma o rio, tanto tem elle en-...o: as rodas que haviamos deixado em secco, em um barranco de quatro palmos, estavam dentro d'agua na altura de outros quatro.

9.

Os mesmos serviços; tem-se encontrado mais avarias; descarregaram-se as canôas — Cuyabá e Paraguay —, que tem de ficar com as balças, e todos os fardos, distribuindo-se as cargas d'aquellas pelas que seguem.

10.

Continuou-se neste serviço que ficou quasi concluido. O doutor segundo cirurgião tenente Lago, praticou a extracção

do dedo immediato ao minimo do pé direito do soldado Maciel por se ter arruinado, talvez por não ser bem examinado na occasião de fazer-lhe o primeiro curativo. O atrevimento tem chegado a tanto, que n'esta noite vieram furtar farinha na minha canôa, bem proximo da barraca em que eu estava dormindo : não o conseguiram.

11.

Concluidos os arranjos precisos, e feita nova distribuição da gente, partimos á uma hora da tarde, ficando o Sr. deputado com dez camaradas, parte dos quaes se acham doentes, com o zelador das cargas da marinha, Diogo Machado de Castro Bueno para continuar no exame e abertura dos fardos, feito o que nos viria alcançar, deixando alguns dos ditos camaradas de guarda ao rancho. Dando-se balanço, apenas se achou treze saccos de farinha, quatro de feijão e o toucinho proveniente de uma porquinha que hontem se matou ; d'estes viveres ficou o Sr. deputado com um sacco de farinha, outro de feijão e algum toucinho. Assim vamos seguindo viagem, confiados nos soccorros, que por duas vezes mandámos procurar como fica dito. Pousámos ás cinco horas da tarde ; chegando as ultimas canôas ao anoitecer. São agora quinze por terem ficado duas e as balças com as peças grandes, todas as rodas, armões, reparos, forjas e mais pertences, bem como todos os fardos e caixões de barretinas e bonets. Em todo o tempo d'esta demora, a gente encontrou em abundancia uma fructa que chamam Jaracatiá, a qual de certo lugar por diante tem se achado, semelhante ao mamão, porém em ponto muito mais pequeno, e de que se tem feito grande uso, crús, cozidos, ou assados.

12.

Tendo os pilotos guia e outro ido pescar nos dias em que estivemos de falha, descobriram que por uma bahia se podia atalhar dois dias de viagem; n'esta certeza seguiu a monção; mas ao anoitecer conheceu-se que de certa altura por diante, não se podia romper a ganhar o rio, por ter, segundo diziam aquelles pilotos, abaixado a agua, pelo que, temendo que mais abaixasse, e ficassemos impossibilitados de sahir da bahia por qualquer dos lados, fiz voltar sete canôas, que estavam junto á minha, e pousámos sobre a agua.

13.

Ao amanhecer seguiram viagem estas sete canoas, e a minha, a procurar terra, que se achou ao meio dia, e o guia partiu tambem n'aquella occasião em busca dos outros vasos, que vieram chegando, aportando o ultimo ás tres horas da tarde, e porque, segundo as informações dos pescadores, não poderiamos alcançar terra em outro lugar, ahi pousámos.

14.

Seguimos viagem ás sete horas da manhã, e navegando pelo campo alagado duas e meia horas, sahimos no leito do rio, e fizemos alto de descanço á meia hora da tarde; tendo noticia que a prancha — Diamantino — estava em perigo, atravessada sobre um páo em uma forte correnteza, mandei gente em soccorro. Felizmente, chegou a prancha sem novidade maior.

A's duas horas seguimos, e entrando por uma aguarda no campo, para atalharmos uma immensa volta do campo, chegámos a um espigão, a que não chegariamos a não ser por

esta via; parámos e mandámos examinar se tinha conveniente sahida. E' preciso notar que procuro viajar pelos campos alagados para poupar as forças já debilitadas dos trabalhadores, na forte corrente do rio, cheio como está. Não se achou meio de sahir, tivemos, pois, de voltar, e por serem já cinco e meia horas da tarde, e não podermos alcançar o dito espigão, pousámos em outro dentro da mesma aguada.

15.

Por ser indispensavel concertar-se e curvar-se uma das canoinhas de pescaria, só podemos partir ás onze horas da manhã, e seguindo pelo leito do rio, fizemos pouso em um espigão, que encontrámos em uma bahia perto d'elle, ás quatro horas e tres quartos da tarde.

16.

Partimos ás sete e meia horas da manhã, navegámos pelos campos alagados, e pelo leito do rio, fazendo a marcha de dois dias; passamos a foz do rio Vaccaria, e pousámos acima d'ella cerca de uma milha, chegando a ultima canôa ao anoitecer.

17.

Por dar mais descanço a gente, e por ser necessario mudar algumas cargas de umas para outras canôas, seguimos ás dez horas do dia, andando pouco por causa da chuva de trovoada, que cahiu, e fizemos pouso ás cinco e meia horas da tarde. O rio tem augmentado de correnteza. Felizmente tem havido peixe para uma comida diaria de toda a gente.

18.

Partimos ás oito horas da manhã, e viajando pelo rio e pelo campo alagado andámos bem, fazendo pouso ás cinco da tarde; a ultima ração de feijão foi posta ao fogo para o almoço d'amanhã, e, quanto ao toucinho, acabou-se ha dias: o peixe tem chegado.

19.

Depois de se substituir dois pilotos que adoeceram, partimos ás oito horas da manhã; parámos ao meio dia para esperarmos as canôas atrazadas, e, por causa de uma grande trovoada que nos ameaçava, seguimos ás tres e meia da tarde, e fizemos pouso ás cinco, na ponta de um espigão; passámos uma ilha formada por um furo que abriu o rio, e por onde corre agua com muita violencia. Houve bastante peixe, que chegou para a cêa de hoje e o almoço de amanhã: colheu-se muito jaracatiá.

20.

Partimos ás oito e meia horas da manhã, e por causa de uma trovoada parámos do meio dia até ás tres horas da tarde; todavia andámos soffrivelmente, fazendo pouso a guia ás quatro e meia, chegando a ultima canôa ao anoitecer.

21.

Não tendo apparecido o soccorro esperado, e achando se reduzidos os nossos recursos a quatro e meio saccos de farinha, accedi aos desejos do machinista Lima de adiantar-se da monção com sua familia, constante de sua mulher, uma filha de cerca de onze annos, e outra de poucos mezes, levando comsigo um piloto, que tambem trazia tres crianças, e se

achava doente. E porque não havia canôa ligeira em que seguisse, alliviei uma das menores, e o fiz partir com o dito piloto e quatro camaradas, dando-lhe meio sacco de farinha, e algum sal do pouco que restava. Feitos estes arranjos, partimos ás onze horas da manhã, parámos a uma e meia da tarde para esperar as canôas atrazadas; e sobrevindo uma trovoada só podemos seguir ás tres e meia, fazendo pouso ás cinco. Duas das canôas não puderam alcançar o pouso por haverem escapado e rodado rio abaixo. Só houve peixe para a cêa.

22.

Reunidas as duas canôas, partimos ás sete horas e um quarto de manhã, tendo feito sahir os pescadores ao romper do dia a haverem peixe para o almoço, abicámos ás onze e meia defronte de duas ilhas para esperal-os, e afim de procurar-se alguma fructa e palmitos. Chegáram os pescadores á uma hora da tarde, com peixe sufficiente; almoçou-se, e quando ás tres pretendiamos seguir, uma trovoada nos obstou, e nos obrigou a toldar as canôas, desvanecendo-se ás quatro e meia horas, e por isso ahi pousamos. Houve peixe para a segunda comida.

23.

Partimos ás seis horas da manhã, por não haver peixe para o almoço, seguindo os pescadores antes; passámos duas ilhas, um ribeirão á esquerda, e dois á direita, e por não acharmos lugar capaz para parar andámos até ás onze horas, abicando logo abaixo de um ribeirão em um espigão, tendo-se viajado menos mal. Os pescadores se demoraram até ao anoitecer, e por isso só se comeu á noite. As sezões, febres, etc., tem tornado com mais força.

24.

Crescendo o numero de doentes a ponto de não haver tres homens para conduzir cada uma das canôas foi forçoso falhar. Os pescadores deram pouco peixe até á tarde, porém a outra canôa de pescaria, á noite trouxe muito, além de terem tres pilotos morto no mato dois veados, cinco macacos e um jacú: a gente comeu á noite. Estas vicissitudes vão enfraquecendo a gente por tal fórma que prevejo muitos dias de falha, e terei de tomar uma deliberação para salval-a do flagello da fome, se n'estes poucos dias não nos vier soccorro.

25.

Indo piloteando o segundo cadete primeiro sargento João Isidoro Chaves e o passageiro José Mariano de Paula, partimos ás oito e meia horas da manhã, sem esperanças de avançarmos muito: fizemos pouso ás tres e meia da tarde, e pouco depois appareceu o batelão de soccorro, expedido pelo encarregado Joaquim Alves Ferreira, que gastando dezenove dias na viagem ao porto da fazenda das Sete-Voltas, fiz partir d'alli esse batelão em vinte dois do corrente: constou o soccorro de carne secca, de cinco rezes magras, de quinze mãos de milho em espigas, de duas bexigas de graixa, de dois leitões e tres frangos. Pedia o encarregado que fizesse voltar o batelão para por elle enviar nova e mais sortida remessa. Pelo piloto soube que o ajudante de pedestres e seus companheiros haviam alli chegado com quarenta e dois dias de viagem, por terem afrouxado e adoecido os trabalhadores, vendo-se elles nos maiores apuros de fome e sendo obrigados a desarmar a balça deixando um dos batelões amarrados, e as suas bagagens em terra.

26.

Depois de escrever ao encarregado, apromptar e expedir o batelão, partimos ás dez e meia horas da manhã. E' terrivel esta situação! Amanhece o dia, passa o doutor a examinar os doentes; se alguns se apresentam para o trabalho, igual numero ou maior de impossibilitados apparece, uns de febres outros de sezões e diversos de machucaduras, tumores, etc., de sorte que para completar-se tres trabalhadores por canôa é custoso. Além d'isto, tenho observado que, em geral, os paisanos, e mesmo parte dos soldados desanimam desde que o alimento não superabunda, pois não tendo deixado de o ter mais ou menos, já o peixe, muitas vezes em abundancia, as fructas e palmitos, estavam quasi a reduzir-me ao extremo de deixar as cargas e seguir com a gente em duas canôas descarregadas. Felizmente este pequeno soccorro, e a esperança do outro, além de estar a chegar n'estes poucos dias (como me assegura o encarregado), o que requisitei ao commandante do Anhuak de homens e viveres, ou o que pediu o Sr. deputado ao fazendeiro João Ferreira Ribeiro, os tem de alguma sorte reanimado. Esta gente, porém, parece merecer alguma desculpa, pois na verdade este laborioso serviço é capaz de desanimar. Quanto a mim vivo ha muito tempo e a todos os momentos combatido de desgostos, afflicções e dissabores os mais profundos, por ver esta gente soffrer privações de que eu partilho, pois que todos que vêem n'esta monção se alimentam quasi da mesma fórma, por se achar de todo extincto o grande sortimento, que trouxemos de Iracicaba, e por considerar que muitos que estão na côrte e em outras grandes povoações, gozando de escolhidos alimentos e de outros commodos, terão, talvez, de censurar-me. Fizemos pouso ás quatro e meia da tarde, chegando as ultimas canôas ao anoitecer, e ficando a prancha — Poconé — uma volta do rio abaixo do pouso, por

lhe haver adoecido um trabalhador, de uma quéda que levou na borda. Distribuiu-se a ultima ração de farinha, que, ha muito é de uma chicara por comida.

27.

O numero de doentes augmentou com mais cinco, quando pensava que diminuiria. Apesar d'isto, para mudar do máo porto em que estavamos, de muita correnteza, e por isso perigoso, depois de reunida a prancha, seguimos ás nove horas da manhã; cahiu forte trovoada com copiosa chuva; paráram todas as canôas em diversas distancias, toldando com as estragadas toldas; ainda com chuva passáram algumas para a margem esquerda a alcançar terra, quasi ao anoitecer, ficando dispersas cinco, que se reuniram no dia seguinte ás nove horas. Houve abundancia de peixe.

28.

Partimos ás onze horas da manhã, e ás duas da tarde fizemos pouso, por estar a gente fraca, e ser-nos preciso embarcar os trens do ajudante de pedestres e dos companheiros que ahi estavam debaixo de uma tolda, sendo sete caixas e outros objectos.

N'esse dia passámos a barra do rio dos Dourados, que, seguindo as circumstancias, me foi impossivel mandar explorar convenientemente, todavia, mandei o cadete sargento Chaves, subir por elle, na canôa de pescaria, a ver se descobria vestigios de estada de homens pelas suas margens, e comquanto nada encontrasse, houve as precisas cautelas.

Março.

1.

Partimos ás nove horas da manhã, depois de muito custo em completar gente, para puchar as canôas; pouco tempo depois da partida começáram a adoecer homens, de sorte que ás tres horas da tarde já estavam mais cinco impossibilitados, e, portanto, foi indispensavel fazer pouso a canôa guia ás tres e meia, sendo preciso mandar gente para traz á conduzir duas, que chegáram á noite. Por tal motivo foi (*preciso*) forçoso fazer pouso em um lugar pessimo, que para se ir á terra tinha-se de transitar por agua e lama.

2.

Fazendo trabalhar alguns dos doentes de sezões, afim de mudarmos de pouso, seguimos ás dez horas da manhã, e abicámos á meia da tarde em um espigão, que nos offereceu bom pouso.

Prevejo que por esta forma a viagem mais se prolongará, consumindo-se o pouco mantimento que ha, e quaesquer soccorros que nos venha, porque o rio tem baixado, do que tem resultado reapparecerem as sezões, e dizem os praticos que tem ellas de progredir; accrescendo que os doentes não podem ter o tratamento, dieta e cautelas precisas. Vou, pois, chamar a conselho as pessoas mais gradas, que vão na monção, para tomarmos uma medida que nos livre das calamidades provaveis. Adoecêu de sezões o segundo cadete, primeiro sargento Chaves.

3.

Chamei a conselho o doutor segundo cirurgião tenente Lago, aquelle cadete, o passageiro José Mariano de Paula, os pilotos guia João Corrêa, Pedro Corrêa e José Caetano, e resolveu-se deixar quatro canôas descarregadas, preferindo deixar cargas menos sujeitas a avarias, como tudo consta do termo que se lavrou, em que todos assignaram. N'este mesmo dia se deu principio a este serviço, podendo-se sómente regar duas, por ser preciso tirar cargas de umas canôas ...narem-se n'estas outras das que ficam. As sezões con... n apparecer, e acabou-se o sulphato de quinina, e os ...s remedios proprios. Extinguiu-se o pouco milho que restava, e começou-se a comer peixe ou carne sómente com palitos quando se acha.

4.

Continuou-se no mesmo serviço; o numero dos doentes subiu hontem e hoje ao de trinta e um soldados e tres paisanos. O desanimo em toda a gente vai em augmento; muito me custa a conseguir o serviço. Sinto-me incommodado de saúde, talvez seja accommettido de sezões.

5.

Continuação dos mesmos serviços.

6, 7, E 8.

Arrumaram-se as cargas, e fez-se-lhe um rancho de palha por cima; concluidos estes trabalhos n'este ultimo dia, seguimos viagem ás onze horas da manhã, com as canôas tripo-

ladas a quatro e cinco homens, além dos pilotos; fizemos pouso ás tres e meia, por terem-se atrazado algumas canôas, e ser preciso tratar de um soldado, que foi atacado de uma forte colica.

9.

Partimos ás sete e meia horas da manhã, depois de comer-se o que havia, peixe, palmitos e fructas sylvestres, por estar quasi acabada a carne; parámos ao meio dia, e só ás tres horas e tres quartos da tarde se reuniram todas as canôas, verificando-se terem adoecido no decurso da viagem mais cinco soldados e dois paisanos, declarando dois d'aquelles que só por fraqueza não podiam mais trabalhar: andámos pouco mais, e pousámos ás tres e tres quartos.

Faça-se idéa dos profundos desgostos e atribulações de que sou victima a todos os momentos, esperando soccorro a todas as horas, entretanto que elle se vai demorando dias e dias, sem haver recurso senão no peixe que possam haver os pescadores, e nas fructas e palmitos que se encontram no mato! O meu incommodo de saúde continúa, comquanto não se tenham manifestado as sezões, suppondo o doutor serem affecções nervosas, motivadas pelas continuas atribulações em que vivo. Sinto principalmente, mais ou menos forte, uma palpitação de estomago que me appareceu no pouso do — Vamicanga —, depois de um attaque de colera que me privou dos sentidos. O rio tem estreitado bastante, augmentando de correnteza, e comquanto já alcancem os varejões o fundo, pouco se avança. Os pescadores deram peixe para a cêa, ficando algum para o almoço do dia seguinte, inteirando-se com os ultimos restos de carne.

10.

Não se pôde partir senão ás dez horas e um quarto da

manhã, para dar tempo de cortarem palmitos, etc.: fizemos ás tres e meia da tarde, tendo andado bem pouco, por causa da fraqueza dos trabalhadores.

11.

Pelo mesmo motivo partimos ás dez e meia horas do dia, por só ter havido peixe para a cêa de hontem; ao meio dia fizemos uma parada para colher-se fructas, etc. Sobreveio a grande trovoada, mas antes de cahir a chuva appareceu o batelão, que nos trazia segundo soccorro, um pouco mais adiante, constando de carne secca, onze saccos de farinha, um milho em cangica, dois alqueires do mesmo em grão, um pouco de assucar, um leitão morto com toucinho de um dedo (que custou dezeseis mil réis), etc. Vinha n'este batelão Boró, trazendo umas duzentas rapaduras, que vendeu a mil réis cada uma, porque ordenei que a venda fosse publica e na minha presença, para evitar que alguns comprassem muitas para depois venderem aos soldados (que estão promptos a comprar tudo, por qualquer preço, por exorbitante que seja). Um camarada que foi com o machinista Lima, comprou a outro, que vinha no primeiro soccorro, uma vara de fumo, remettendo-a a outro para a vender a dez mil réis o palmo, e os desgraçados soldados o compraram, vindo eu a saber muitos dias depois. Aquelle mesmo camarada fez pelo segundo soccorro remessa de duas varas de fumo, eu estava prevenido, e por isso a apprehendi, não consentindo que se vendesse. Como o Boró trazia alguma aguardente, não consenti que vendesse, para que os que a comprassem não vendessem depois aos soldados a cinco mil réis a garrafa como aconteceu, no transito do rio Tieté, o que soube posteriormente; comprei-a toda a mil quinhentos réis a garrafa, para distribuil-a regularmente. Tem-se desenvolvido tal usura e

agiotagem, que faz pasmar. tudo se vende por fabulosos preços, basta dizer que constou-me ter-se vendido um palmito por dois mil réis, e uma garrafa de mel por cinco mil réis! A trovoada deu-nos tempo de acondicionar o mantimento, cahindo logo depois copiosa chuva, e horriveis trovões: foi forçoso fazer pouso.

12.

Depois de escrever diversas cartas em resposta ás que conduziu o Boró, passar as cargas d'este para o batelão partimos ás dez e meia horas do dia acompanhados d'elle, (que ainda pousou comnosco). Uma trovoada com chuva que durou toda a tarde, nos obrigou a fazer pouso ás tres e meia horas, e portando uma canôa já com noite.

13.

Partimos ás nove horas e um quarto da manhã depois de mandar castigar dois soldados que commetteram furto no batelão em que ia o Boró, e foram convencidos d'este crime. Fazia-se necessario este castigo, pois na monção ha muito que se commettem furtos constantemente. Fez pouso a canôa guia ás quatro e meia horas da tarde, chegando as duas ultimas ao anoitecer.

14.

Partimos ás oito e meia horas da manhã; marchámos até a uma da tarde, e fizemos alto de descanço até que se reunissem as canôas atrazadas: partimos ás tres, mas uma trovoada com chuva nos obrigou a fazer pouso ás tres e meia.

20.

Por se terem dado por promptos seis homens, pôde-se tripolar as canôas a quatro na prôa. Partimos ás oito e meia horas da manhã, e ás onze encontramos uma pequena cachoeira do lado direito, dando boa passagem pelo opposto; todavia, em uma ponta mais acima com forte correnteza, depois de a passar, fez alto a canôa guia até que as outras passassem, o que se verificou sem novidade, e proseguimos ao meio dia, tendo desde então se tornado mais manso o rio; andamos bem apesar de terem adoecido na marcha tres homens, e fizemos pouso ás cinco e um quarto da tarde, chegando a ultima canôa ao anoitecer.

21.

O soldado Antonio Pereira, um dos que haviam sido castigados, na madrugada de hoje, furtou de um seu camarada doente uma rapadura; mas, dando-se pelo furto a tempo, e temendo, talvez, ser novamente castigado, ausentou-se áquella mesma hora, varando o mato, e sahindo no campo proximo. Não apparecendo ao amanhecer, fiz seguir soldados e paisanos, em busca d'este desgraçado, que se não fôr alcançado irá perecer á mingoa, victima dos indios, cujos vestigios viram hontem os pescadores, ou de algum animal feroz. Recolheram se ao anoitecer quatro das pessoas que sahiram em busca do soldado, dando noticia de que o haviam avistado muito ao longe, e que quando elle as presentiu metteu-se por um banhado, ganhando depois um capão grande, aonde, por mais que o procuraram, não o puderam achar, talvez por ter tomado outra vereda, pois no capão não acharam mais o rasto, por ser de mato alto, limpo e de terra dura. N'estas circumstancias deliberei fazer novas diligencias.

22.

Fiz seguir tres pessoas ao alcance do soldado, devendo ellas percorrerem o campo aonde foi visto, procurarem á margem do rio a encontrarem a monção, que partiu ás oito e meia horas da manhã, e fez pouso ás quatro da tarde, aportando com noite a prancha— Poconé —, por lhe ter adoecido um trabalhador, e não se tendo reunido os tres homens da diligencia.

23.

Depois de os esperarmos, e não terem apparecido, partimos ás oito e meia horas da manhã. Com a espera do costume, para ajudar-se a passar as canôas nas correntezas (que hoje encontramos fortes) fizemos pouso ás quatro e meia da tarde, mandando logo uma canôinha a receber os da diligencia, que haviam dado signal com alguns tiros. Nada conseguimos, a despeito dos esforços que disseram ter empregado, incitados pela gratificação que lhes prometti de 30$ se trouxessem o soldado. Não pôde alcançar o pouso a canôa — Trindade —, por lhe ter adoecido um homem, ficando pouco abaixo. Choveu á noite.

24.

Reunida a canôa, partimos ás oito e um quarto da manhã ; parou a canôa —guia— até que se reunissem as outras, logo acima da barra do rio — Santa Maria— ; partimos, e fizemos pouso ás 5 horas do tarde.

25.

O rio tem estreitado muito. Fazendo hoje vinte seis dias

que fiz voltar para as — Sete Voltas— o batelão que nos trouxe o primeiro soccorro, não tendo elle apparecido com novo, como promettêra o encarregado, e restando-nos já pouco mantimento, além de nos faltar o sal ha muitos dias, expedi uma das canôinhas de pescaria, afim de vir com presteza o soccorro promettido. Seguimos viagem ás oito horas da manhã, e ao meio dia a chuva nos obrigou a parar por duas e meia horas; partimos e fizemos pouso ás cinco da tarde, aportando a ultima canôa ao anoitecer: andamos bem.

26.

Partimos ás oito horas e um quarto da manhã. Nunca nos é possivel sahir mais cedo por causa da revista dos doentes, curativos de causticos, ventosas, etc. Temos um camarada allemão e um soldado bastante doente de hydropisia, motivada das sezões. Depois de termos passado uma forte correnteza, acima da qual paravam as canôas que passavam, encontrou-nos a canoinha que tinha expedido, e logo depois o batelão que conduzia novo soccorro, o qual constou de vinte tres saccos de farinha, e pouca e má carne secca, não se esquecendo, porém o encarregado Joaquim Alves Ferreira de mandar, para vender-se por sua conta, cincoenta e tres varas de fumo, que lhe custára a 2$, segundo disse o conductor, a 5$ a vara, sabão, etc. E porque o Sr. deputado, na minha presença, lhe recommendára, que não consentisse transportar-se na sua canoa quaesquer generos para negocio, apprehendi esse fumo, e o fiz distribuir pelos camaradas e soldados, por conta da mon ã o a 2$300. Estou certo de que ao Sr. deputado aconteceu alguma cousa de extraordinario, pois até hoje não nos alcançou. Por carta do ajudante de pedestres, que melhorou dos seus incommodos, soube que o capitão commandante do Anhuak, Francisco Bueno da Silva,

em razão de não ter ordem do commandante militar do districto de Miranda, não se prestou á requisição official, que lhe fiz, de homens e de viveres, e que o Sr. commandante das armas, que estivera n'aquelle ponto, determinara que o contingente alli estacionasse, dando-se-lhe parte logo que chegasse. Suppõe o mesmo ajudante que esta medida é tomada por causa das sezões amalignadas que grassam em Miranda. Ordenou tambem S. S. que d'aquella villa viessem encontrar a monção vinte indios: Deus os traga.

27.

Partimos ás seis e meia da manhã para irmos almoçar no porto da fazenda das —Sete Voltas,— aonde aportamos ás dez horas, e ahi pousámos, escrevendo logo ao capitão, afim de enviar-me todo o mantimento que tivesse prompto para a monção, e duas rezes para matar-se. Achei alli a canôa em que tinha seguido o machinista Lima, que sahindo por terra para a fazenda de João Ferreira Ribeiro, o encarregado Joaquim Alves a fizera partir para o porto d'aquella fazenda; mas que os camaradas, dando por motivo a immensa correnteza, e estreiteza do rio d'aqui para cima que não puderam vencer, voltaram a esperar a monção. Os camaradas estão descontentes, fantasiando promessas que lhes fizera o Sr. deputado, e fingem receio de subir o rio.

28.

O soldado Manoel Gregorio da Cunha, que, ha muitos mezes, se achava doente, falleceu. Ainda não tive resposta do capataz da fazenda: é forçoso esperal-a e os recursos que pedí. A' noite soube que os paisanos se preparavam para fugirem,

fingindo temerem ser recrutados, por lhes trazerem essa intriga os que tinham vindo adiante.

29.

Ao amanhecer deu-se por falta de quatro soldados que se ausentáram, sendo dois de minha confiança, e tendo um d'aquelles arrombado o bahúzinho de outro seu camarada, e lhe roubado toda a roupa, e o capote de outro.

A minha situação, quando julgava ter melhorado, agora quasi no fim d'esta tormentosa viagem, vai-se tornando ainda mais difficil, pois não tenho, geralmente fallando, em quem me possa fiar com segurança. Fez-se o enterro do soldado, que falleceu hontem, com as honras funebres que lhe competiam. Chegou o encarregado Joaquim Alves com o carro da fazenda, trazendo apenas um sacco de farinha, pouca carne secca e algumas rapaduras do morador, que se venderam a mil réis cada uma, e duas vaccas, que não se pôde matar por chegarem quasi á noite.

30.

Falleceu o camarada allemão Jacob Hué ás duas horas da madrugada. Matou-se e manteou-se as rezes; voltou o carro e o encarregado Alves, para ir apromptar mais mantimento na fazenda de João Ferreira, e mandar a nosso encontro: fiz partir o batelão para este fim ás tres horas da tarde. Tendo-se ao meio dia dado por falta de um camarada, que acompanhou o carro, fiz seguir a seu alcance um paisano e dois soldados. Estes camaradas paisanos é a gente peor que se póde considerar; inventam mil receios, já de serem recrutados, já de não serem pagos, e, emfim, de tudo quanto lhes vem á cabeça, desgraçados dos que precisam de semelhante canalha.

Tem pedido ajuste de contas, ao que não tenho annuido pela certeza, que tenho, de que depois de o conseguirem, se ausentarão deixando-me n'este lugar sem poder seguir viagem. As despezas tem augmentado sobremaneira: a farinha, que nos foi fornecida, tem custado cada alqueire a dez mil réis, afóra o carreto, e tudo o mais n'esta proporção; só ao capitão d'esta fazenda pagou-se 528$520 réis de pouca coisa que remetteu.

31.

A' noite recolheu-se a diligencia trazendo o camarada. Sepultou-se o camarada fallecido.

Abril.

1.°

Apressei-me a partir para aproveitar o repiquete do rio, que, por ter chovido dias antes, tomou mais de dois palmos d'agua, pois a não ser isto, era provavel que não pudessem subir as canôas carregadas como estão. Para poder tripolar nove canôas a seis trabalhadores na prôa, o menor numero preciso para esta subida, foi forçoso deixar duas guardadas por um cabo de esquadra, e tres soldados doentes. Concluidos os arranjos, partimos ao meio dia, e em pouca distancia encontrámos forte correnteza, parando a guia, depois de a passar, para prestar soccorro ás outras quando fosse necessario. Comquanto tenham apparecido diarrhéas, o descanço que teve a gente, reduziu o numero de doentes a dez soldados e quatro paisanos.

Consenti que um, além d'estes, seguisse por terra, pois não havendo probabilidade de prestar serviço, o doutor julgou que este exercicio lhe seria muito util. Depois de passarmos

mais duas correntezas, por se ter atrazado uma das canôas, fizemos pouso ás cinco horas da tarde. Adoeceram tres homens na viagem, sendo um piloto.

2.

Partimos ás oito horas da manhã, indo duas canôas tripoladas a cinco homens; adoeceu um piloto na viagem. Passámos duas fortes corredeiras, na mais dura das quaes, tendo já passado a canôa —Trindade,— e estando abicada, ao seguir para cima rodou rio abaixo por tres vezes, batendo fortemente sobre o barranco, sem poder vencer a correnteza, a despeito de estar com gente dobrada; correu perigo, mas não houve avaria no vaso. Antes de chegarmos a esse lugar, ouvimos da canôa guia gritos adiante, por duas vezes. Depois de passarmos, encontrou-se no capão proximo vestigios de alguem, que alli estivera, cama de palha, pedaços de ananaz do mato e rastos. Suppuzemos ser o soldado Antonio Pereira. Mandei seguil-o, e bradar que se apresentasse: não appareceu. Ao passar, porém, a canôinha, em que ia o piloto guia prestar soccorros á —Trindade—, avistou na beira do rio, encostado a um páo, o dito soldado em miseravel estado, e trouxe-o. Achava-se como póde estar um homem que é alimentado por dias do que encontra no mato e no campo, tendo, além d'isto, uma grande bicheira nas costas. Mandei immediatamente tratar d'elle e dar-lhe alimento, matando-se a unica gallinha que havia.

3.

Adoecendo mais tres homens, e remediando-se como se póde, partimos ás oito horas da manhã: depois de passar-se uma correnteza, fizemos pouso ás cinco da tarde, chegando a

canôa — Trindade — ao anoitecer. Acabou-se a carne que restava.

4.

Partimos ás sete horas da manhã, e fizemos alto de almoço ás dez; cortou-se palmitos, e arranjou-se um leitão para os soldados; o pouco peixe que se pescou deu-se aos paisanos, e todos receberam farinha dobrada da ração do costume. Seguimos á uma hora da tarde, e, com tres de marcha, encontrámos uma pequena cachoeira, que foi passada com gente dobrada, trabalho que durou até ás cinco e um quarto, e por isso fizemos um pouco mais acima o pouso.

5.

Depois de distribuir-se farinha como no dia antecedente, só podemos partir ás nove horas da manhã, e ás dez e meia encontrámos uma outra cachoeira, que tambem se passou com gente dobrada, sendo um pouco peior que a outra, bem como uma igual mais acima; fez-se pouso ás cinco e um quarto da tarde.

6.

Partimos ás oito e um quarto da manhã. O rio cada vez mais estreita, e vai-se tornando quasi um continuado baixio com corredeiras, e pequenas cachoeiras, tudo com pouco fundo, se estivesse mais secco difficil seria passarem as canôas da monção. Teriamos andado tres horas, tendo passado uma cachoeira com gente dobrada; entrámos em um baixio de correnteza, e quando já tinham passado cinco canôas, a Sant'Anna do Paranahyba, de que é piloto o paisano José Martins de Sant'Anna, em substituição ao soldado Lourenço

José Pereira um dos que se ausentaram do porto das — Sete Voltas —, atravessando sobre pedras, sossobrou e foi ao fundo. Saltou toda a gente das outras canôas a salvar as cargas, que desciam rio abaixo, sendo informado que as que boiaram foram salvas; o vaso conservou dentro parte da carga, inclusive cinco peças de bronze, comquanto ficasse adornada, mas com um lado fóra d'agua. Fiz desempacotar uma peça de cabo, que o piloto guia requisitou, para tiral-o do fundo. Principiou-se logo n'este penoso serviço, e apenas se conseguiu arredal-o mais para terra, en lireital-o e tirar-lhe alguns volumes, não se podendo continuar no serviço por chover toda a tarde. Lavrou-se o protesto d'este sinistro. Chegou um batelão, trazendo alguma cangica e rapa luras, e não carne, como pedi por uma canôinha, que expe li ao porto de Santa Rosa.

7.

Continuou-se no mesmo serviço, mas a canôa, depois de se lhe tirar todo o ferro, que ainda conservava, adornou de novo, e lançou as peças ao rio. Li lou-se todo o resto do dia, conseguindo os soldados mergulha lores tirar quatro, ficando a maior de calibre nove, que não encontraram.

8.

Continuou-se a procurar a peça que se achou, e recolheu-se á canôa com immenso trabalho, seriam duas horas da tarde, bem como um terçado de um caixão que se quebrou. Aproveitou-se a tarde em transportar se a monção para cima da forte corre leira proxima, o que se fez passando as canôas, duas a duas, inclusive a do sinistro já carregada, com doze, quatorze, e mais pessoas, sem novidade. Antes d'isto chegou o Nogueira, com outro morador, e deu-me noticia de que o

Sr. deputado que, com toda a gente com que ficára, adoecêra de sezões, escrevera a Ignacio Barbosa, residente na margem do rio Vaccaria, por uma canôa que por alli passara que lhe apromptasse mantimento e cavallos, pois que elle em breve subiria, para mandar soccorro aos seus camaradas, e sahir por terra para o porto de Santa-Rosa.

9.

Depois do almoço, fiz seguir o batelão com gente propria, ao lugar do sinistro a vêr se se consiguia salvar mais alguns caixões de armas, ou outros volumes, promettendo 5$000 de premio por qualquer que salvassem. Este expediente produziu algum effeito, pois salvaram-se cinco caixões de armas, sete terçados e uma pequena barra de ferro, declarando, porém, que nada mais podiam fazer por ter o rio tomado agua, tornando a correnteza muito violenta. Partimos, pois, á meia hora da tarde, passando duas fortes correntezas, com gente dobrada, e chegámos ao anoitecer ao tão desejado porto de Santa Rosa, hoje preferido ao antigo dos Barbosas, e abaixo d'este, por ser d'agua mansa, e evitar uma cachoeira intermediaria. Ahi achamos o encarregado Joaquim Alves, com um boi morto, de dois que havia comprado ao Nogueira a 60$000, por muito favor.

10.

Principiou-se no trabalho da factura, de um rancho grande, para depositar as cargas, visto que o existente a mais de quatrocentos passos da margem do rio é insufficiente, tornando mais trabalhosa a conducção d'ellas.

11.

Continuou-se no mesmo serviço. Chegou um carro conduzindo carne secca de cinco rezes, mandada apromptar pelo dito encarregado. Choveu todo o dia e noite, continuando a molhar parte das cargas, pois quasi todas as toldas estão em pedaços. Tratei de mandar conduzir as duas canôas, que ficaram nas —Sete-Voltas,— mas os camaradas não se quizeram prestar a isso, dizendo que tinham concluido a viagem com nove mezes, quando se lhes disse que era de quatro, etc. Prometti-lhes gratificações, responderam que aceitariam, se logo que aqui chegassem com as canôas os despedissem; não annui.

12.

Continuou-se no serviço do rancho, que já se principiou a cobrir. Os camaradas insistem, e não posso mandar conduzir as duas canôas, porque, se mandar soldados, temo algum sinistro.

13.

Concluiu-se o rancho, e estivou-se.

14.

Principiou-se a conduzir as cargas, e fiz seguir um batelão com dez camaradas, vencendo dois mil réis por dia, e seis soldados, a conduzirem as canôas.

16.

Conduziu-se para o rancho as dez bocas de fogo de bronze;

fez-se ainda algum serviço na arrumação das cargas, e tapou-se o oitão da parte de cima do mesmo rancho.

17.

Fiz seguir o doutor segundo cirurgião tenente, com vinte cinco praças, inclusive doze doentes para o Anhuak.

18.

A' tardinha aportáram as duas canôas.

19.

Descarregáram-se e conduziram-se para o rancho as cargas. A' noite chegou o Sr. deputado, e tomou a direcção da sua monção.

De 20 até 24 fez-se alguns serviços em beneficio do rancho.

A 20 recebi um officio do Sr. deputado requisitando-me cincoenta praças do contingente para serem empregadas na conducção das cargas e canôas, que ficáram em caminho; mas, não me julgando auctorizado desde que cheguei a este porto, a satisfazer semelhante requisição, além de se acharem os soldados cançados e sem roupa, e por tanto incapazes de entrar já em nova viagem, vou submettel-a á decisão da presidencia e do commando das armas d'esta provincia, entretanto que elles descançam das fadigas porque passáram.

Chegáram cinco indios dos vinte que se nos prometteu, que viriam de Miranda, d'onde partiram nove, ausentando-se quatro em caminho!

25.

Parti com o resto das praças para o Anhuak, deixando seis

á requisição do mesmo Sr. deputado, para guardarem as cargas, e fazerem alguns serviços em beneficio d'ellas; pousei na fazenda de João Ferreira Ribeiro a cinco leguas de distancia.

26.

Prosegui na viagem, pousando no Ribeirão da Lage na distancia de seis e meia leguas.

27.

Cheguei ao Anhuak por volta das onze horas do dia, com quatro e meia leguas de viagem; recebi um officio do Sr. commandante das armas, ordenando-me que lhe participasse immediatamente a minha chegada. Achei as quatro praças que se ausentaram das—Sete-Voltas,—vieram-se apresentar ao commandante d'este ponto, o qual não as prendeu, como eu lhe havia requisitado officialmente. Deixei-as soltas, esperando solução do Sr. commandante das armas a quem participei.

28.

Cumpri aquella ordem por intermedio do commandante militar de Miranda, segundo a ordem recebida.

Maio.

9.

Chegou o Sr. deputado a este ponto, tendo conseguido mandar gente para conduzir duas canôas carregadas das quatro que ficáram acima da fóz do rio dos Dourados.

10.

Dois carros, vindos do porto de Santa Rosa, conduziram as primeiras cargas da monção.

16.

Partiu o Sr. deputado para Miranda a tratar por si mesmo de ajustar indios.

Junho.

12.

Até hoje apenas tem chegado a este lugar nove carradas de cargas, o que me faz crêr que muito tempo decorrerá até que aqui estejam todas.

Hontem chegáram vinte indios dos que tem ajustado em Miranda o Sr. deputado, e tem de vir mais com elle, que chegou hoje, ficando mais doze em caminho.

17.

Soube que chegáram ao porto de Santa Rosa as duas canôas que o Sr. deputado mandou conduzir das quatro que ficáram acima da foz do rio dos—Dourados,—tendo as tripolações tirado do fundo d'agua, no lugar do sinistro da Sant'Anna do Paranahyba, mais seis caixões de armas, um de torno da marinha, um de terçados, e uma barra de chumbo, vindo desconcertado um dos caixões, e tres totalmente desmanchados com falta das peças miudas; e que as mesmas tripolações voltáram no dia 7 a conduzirem as outras duas canôas.

Partiu o Sr. deputado com trinta e um indios e quinze praças do contingente, prestadas em virtude de ordem do

commandante das armas, para mandar conduzir ao porto de Santa Rosa os fardos, peças, etc., que ficáram no laranjal, abaixo da foz do rio Vaccaria.

24.

Dou fim a este itinerario com algumas considerações.

O rio Ivinhema, da foz do Vaccaria para cima principalmente, tem fortes e continuadas voltas, que causam terriveis correntezas.

A experiencia d'esta viagem me convenceu de que nunca se deve empregar praças do exercito como trabalhadores, 1.°, porque acostumadas a serem alimentadas abundante e regularmente, e com alimentos com que se tem habituado estranham assaz o que se usa, sem recurso, em semelhantes viagens, mostrando-se desgostosas: 2.°, porque esta circumstancia as obriga a comprarem tudo que se lhes offerece de comida e bebida por preços exorbitantes, vindo assim a consumirem as gratificações que percebem, estragando ao mesmo tempo no serviço suas roupas, e pela falta de lugar proprio para as acondicionar nas canôas carregadas, o seu equipamento, etc.: 3.° porque é provavel que, como aconteceu n'esta, venham n'essas monções encarregados ambiciosos, que procurem locupletar-se á custa das praças, subtrahindo occultamente os mesmos generos de que o Sr. deputado se havia provido para as praças e camaradas, e vendendo-os secretamente aos soldados por preços descommunaes, chegando a exigirem por uma garrafa de restillo dez mil réis, e por um calice d'elle mil réis, e n'esta proporção tudo o mais; e quando, por constar vagamente, se procurava indagar, os mesmos soldados negavam que assim tivesse acontecido; mas era certo: 4.° porque, sendo a maior parte dos soldados estranha á qualidade do serviço, não o satisfazem

como seria para desejar: 5.° finalmente, porque é forçoso afrouxar-se o respeito e a disciplina, por ser muitas vezes indispensavel que os soldados saltem n'agua nús, e mesmo em terra trabalhem n'esse estado, dispersem-se outras vezes pelos matos, e não acudam por isso ás chamadas, tendo sempre desculpas para estas faltas; accrescendo que nenhum castigo se lhes póde applicar que não seja corporal, o que se torna nocivo, por ficarem inutilizados por alguns dias, quando aliás se precisa assaz dos seus serviços. Mas quando as circumstancias, como d'esta vez aconteceu, exijam imperiosamente que soldados sejam empregados em serviços taes, deve haver muita circumspecção na escolha dos subalternos, que com elles tenham de marchar, devendo ser taes officiaes prudentes e isentos dos terriveis vicios da sodomia e de se entregarem a bebidas espirituosas, para que se não reproduzam factos como o referido no officio junto por cópia. Parece-me que esta viagem poderia ser feita em menor espaço de tempo, e com menos avarias, uma vez que se tivesse podido partir do porto do Piracicaba, em tempo que o rio tivesse bastante agua; que os trabalhadores fossem em numero sufficiente e praticos do serviço; que nos saltos, para as varações, houvesse os recursos precisos; que no Avanhandava se achasse mantimento em abundancia; que, finalmente, se tivesse providenciado, afim de que no principio da subida do Ivinhema se encontrasse um abundante soccorro de homens e de viveres, sendo aquelles para substituirem os que até então se achassem inutilizados por molestias. Mas, as difficuldades com que se lutou para conseguir os vasos e camaradas, pois que essa navegação, por semelhante via, se póde bem considerar nascente; e, em summa, a falta de experiencia e conhecimento dos rios, principalmente da foz do Ivinhema para cima, que eram taes que o mesmo piloto, chamado guia, nunca por elle havia navegado, além de outros motivos

mencionados n'este itinerario, deram causa a se tornar tão morosa e tormentosa, como fica descripta a mesma viagem. Todavia, entendo que nunca se deverá navegar com mais de dez canôas, comquanto os rios Tieté, Paraná e Ivinhema sejam abundantes de peixe, e capazes de dar pescaço e caça diariamente, havendo pescadores e caçadores com bons cães; será imprudencia fiar-se n'estes recursos, para maior numero de sessenta a setenta pessoas.

As monções que se dirigem a estes lugares, depois de vencerem todas as difficuldades inseparaveis da viagem fluvial, logo que chegam ao posto tem de lidar para vencer outras de diversa ordem.

Os fazendeiros mais proximos estão situados a cinco e mais leguas da margem do rio, dos quaes para se obter quaesquer mantimentos (sempre por alto preço) passam-se dias, porque é preciso esperar que se procure as rezes no campo, e, muitas vezes, que se faça a farinha. Vencido isto, ainda a demora de pegar os bois, para conduzirem os carros, unico meio de transporte, consome ainda algum tempo.

A conducção das cargas será sempre morosa, pois que dos carreiros, que são os mesmos fazendeiros os que se prestam a este serviço, que aliás lhes é lucrativo, pois percebem por uma carrada 80$000 réis e mais, conforme as arrobas que conduzem, a 800 réis cada uma, poucas dão, já, segundo dizem, por terem de colher as roças, já por tel-as de plantar, e, emfim, por outros motivos que apresentam. Fazem dois mezes e meio que a monção aportou, e apenas tem chegado aqui treze carradas, sendo de presumir, em vista d'este facto, que as ultimas cargas não cheguem a este ponto no fim do anno. Parece que o governo deve quanto antes tomar medidas que façam desapparecer taes inconvenientes, uma vez que tem adoptado essa navegação como preferivel para o transporte de artigos bellicos e outros objectos, pois já ordenou

estabelecimento de um trem naval no Itapura, e enviou para alli um vapor. Com quanto pareça estranho d'este escripto as seguintes observações, todavia, vou aventural-as por dizerem respeito á classe militar.

A experiencia tem mostrado, que os fardamentos para as praças empregadas no serviço da provincia que, ha tempos, são remettidos da côrte, chegam muito tarde, sendo este, aliás grande, o menor inconveniente que occorre, porque quasi sempre chegam estragados, e ainda mais se são conduzidos por via dos rios, por ser pessimo o meio de transporte, qual é o de canôas, apenas cobertas por frageis toldos de algodão americano trançado, que facilmente se arruinarão; e ainda empregando-se maior zelo e cuidado, não se póde conseguir que se não arruinem os ditos fardamentos, por diversos motivos que seria longo mencionar.

Parece que o governo, em vista d'estas succintas observações, deve providenciar de modo que não continue tão grande mal. Acompanham a este Itinerario tres protestos e um termo de deliberação, feitos em caminho, bem como algumas observações do Dr. Lago, com o mappa dos doentes durante a viagem. « Anhuak, 24 de Junho de 1859.—*Luiz Soares Viegas*, capitão. »

ITINERARIO

DO RECONHECIMENTO DO ESTADO DA ESTRADA DA CIDADE DE ANTONINA Á COLONIA MILITAR DO JATAHY, NA PROVINCIA DO PARANÁ.

(Offerecido ao Instituto pelo Sr. conselheiro L. A. da Cunha Mattos.)

ILLM. E EXM. SR.

Tendo V. Ex. feito a honra de encarregar-me de reconhecer o estado da estrada que do porto da cidade de Antonina vai á colonia militar do Jatahy, na provincia do Paraná, afim de verificar se se presta ella ao serviço de rodagem, e do no caso contrario examinar se ella é susceptivel de para tal fim, receber melhoramentos, quaes as obras, o pessoal, tempo e dispendio indispensaveis á realização da mesma, devendo de mais, apresentar eu um itinerario, dia por dia, do quanto se désse tendente á minha commissão; apresso-me em levar ao alto conhecimento de V. Ex., o itinerario de que tratam as intrucções de 29 de Setembro do anno proximo passado, que me foram transmittidas pela secretaria de estado dos negocios da guerra, com o qual julgará V. Ex. dos recursos e difficuldades da dita estrada, bem como dos meios a empregar-se para tornal-a de rodagem, accommodada ás necessidades do paiz.

Com a exploração da via terrestre dou tambem contas, em um relatorio geral, da viagem que fiz do Jatahy á Villa de Miranda pelos rios Tibagy, Paranapanema, Paraná, Sambambaia, Ivinheima e Brilhante, pelo varadouro do Nioac, e

pelos rios Nioac e Mondego. N'elle trato das condições de navegabilidade de todos os rios acima mencionados, dos meios de remover os obstaculos, que difficultam a navegação dos mesmos, bem como de tomal-os navegaveis em todos os tempos do anno; de varias considerações sobre a estrada, que percorri, e no qual apresento, ainda que fracamente, a solução de todas as questões sobre minha viagem fluvial, contidas nas instrucções acima mencionadas.

Reconhecendo que a ligeireza do trabalho me não permittiu profundar todas as questões, que o pouco tempo e o completo desconhecimento da zona de operações me não podiam habilitar a apresentar um trabalho nitido, cingi-me apenas á apreciação de tudo quanto me levasse pelo caminho mais curto, e com a maxima economia e segurança a dar conta da commissão, que V. Ex. teve a bondade de confiar-me.

Partindo da côrte na tarde do dia 15 de Outubro do anno proximo passado, segui todas as escalas do vapor — Conde d'Aquila —, da linha intermediaria de Santa-Catharina, demorei-me vinte e quatro horas em Paranaguá, e pelas tres horas da tarde do dia 22 do mesmo mez cheguei á cidade de Antonina, collocada na parte occidental de uma vasta e magnifica bahia, proximamente a 25° e 22' latitude Sul e 51° 5' de longitude Oeste de Paris. A escassez de meios de desembarque, e o soffrivel numero de passageiros, que para alli se dirigiram me obrigaram a saltar já perto das seis horas da tarde do mesmo dia, com parte de minhas cargas e mais objectos da commissão, desembarcando o resto na manhã do dia seguinte, graças aos bons officios do Sr. Dr. Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, que interessou-se pelo melhor successo de minha commissão.

Meu primeiro cuidado, depois de desembarcar foi tratar de minha conducção para a cidade de Coritiba: o que de prompto consegui, para partir no dia seguinte.

A cidade de Antonina edificada em dois planos, com um desenvolvimento de quinhentas braças de costa proximamente, possue um bom porto de mar, bonitas construcções de alvenaria, sem ter todavia regularissimo alinhamento; quatro mil e quinhentas almas, em toda a freguezia, e um commercio compativel com as suas necessidades, e com suas relações com o interior. A fertilidade de seu sólo, garante-lhe todos os cereaes de nosso paiz, dos quaes ainda exporta as vezes para outros pontos da provincia. Saudavel, com ricas madeiras de construcção naval, urbana e de marceneria, com excellente calcareo, muito granito, em que predomina a mica preta como em algumas especies da côrte, com muita abundancia de agua potavel, e possuindo já algumas fabricas de beneficiar a herva-mate, e pilar o arroz, necessita apenas para o seu engrandecimento, que as artes e officios associados ás outras industrias, despertem em sua população o amor constante do trabalho, inexhaurivel fonte de riqueza de todos os povos civilisados do mundo, e que lhe conquistará um distincto lugar entre as cidades do nosso litoral.

Informado de que duas estradas haviam de Antonina para Coritiba, uma denominada do Itupava, com dois ramaes, um por Morretes e outro pelo — Porto de Cima —; e outra da Graciosa, preferi esta ultima, não obstante ser um pouco mais longa, por ter declives menos bruscos, e melhor alinhamento na parte em que atravessa ella a — Serra do Mar. — Sabendo com antecedencia, de que estava em obras a estrada da Graciosa, por conta da provincia, viajei por ella, limitando-me a verificar o seu estado, a sua longura, e as obras de que necessitava para ser completa de rodagem.

A uma hora da tarde do dia 23 parti de Antonina, acompanhado do tenente Freire, observando que os primeiros tres quartos de legua da estrada, até o lugar onde está collocado um engenho d'agua de beneficiar herva-mate e pilar

arroz, chamado S. João, correm em um leito sensivelmente plano, sendo a sua magistral quasi rectilinea, e seu solo geralmente arenoso: os declives tanto no sentido longitudinal como transversal são diminutissimos; e para que seja perfeita a rodagem, bastam algumas enchadadas que desmoronem os pequenos cómoros, produzidos pelas enxurradas e pelo proprio transito. A uma legua da cidade de Antonina bifurca a estrada da Graciosa a que se dirige á villa de Morretes, cujas primeiras voltas correm ao rumo O. ½ SO; seguindo as sinuosidades d'aquella o rumo N. NO: ainda se presta a rodagem com insignificantes excavações. Atravessei depois a pequena ponte do rio—S. João—observando, além de poucos ranchos, pequenas roças de milho, arroz e feijão, de ambos os lados da estrada. Segue-se o morro do—Bicho—que se não presta a rodagem, tanto pelos declives, que excedem os maximos para aquelle fim adoptados, como pela pequena largura de seu perfil transversal, e grande numero de —caldeirões— alli existentes. Encontrando a estrada em obras, a partir do dito —Morro— com um alinhamento que garantia o maximo declive longitudinal de 6 por °/₀, é muito natural consideral-a, como dando franca rodagem até aquelle lugar. Em seguida passei pelo rio Ipiranga, que dá vão, e onde a estrada corre perfeita de rodagem; avistando-se tambem do mesmo ponto, a uma distancia estimada de um quarto de legua, a parte da serra do mar denominada—Mãi Catira—, atravessada, no sentido de sua largura, pela dita estrada. Passei depois por uma excellente ponte de madeira sobre o rio das — Pedras—; e mais adiante por outra do mesmo genero, igualmente boa, sobre o rio — Mãi Catira —. pouco aquem da barreira do mesmo nome, onde terminei o meu primeiro dia de viagem, tendo feito em todo este trajecto tres leguas e meia nos rumos N. NO. e Oeste ora quarta, ora meio S. O. Entre o Ipiranga e a barreira existem dois pe-

quenos armazens de seccos e molhados e alguns ranchos de trabalhadores.

Na manhã do dia seguinte continuei a marcha, notando, que abstracção feita de algumas voltas mais bruscas, os rumos eram os mesmos da vespera ; menos na descida da serra até até o lugar chamado — Corvo — onde a agulha marcou o rumo medio entre Norte e Noroeste. Todo este ramal da estrada é máo, e de difficil transito ; porque os declives excedem as vezes 30 por °/₀, e a natureza do solo offerecendo rocha viva e pedra solta em varios pontos, n'outros apresenta grandes lamaçaes, cobertos de troncos, a semelhança de um grande estivado, que deslocados diariamente pela passagem dos animaes, peioram consideravelmente a estrada. Muito estreita em alguns lugares, muito irregularmente calçada de pedras lisas nos lugares mais ingremes, a estrada não permitte rodagem, na parte em que atravessa a serra ; dando apenas, ainda que difficilmente passagem ás cargas transportadas por animaes. Com tudo, o interesse commercial tem feito, por alli, passar carros, alliviando-os de parte das cargas nos lugares de mais difficil accesso ! Do Corvo em diante, até a cidade de Coritiba a estrada é sensivelmente plana, os recursos muito pequenos, e completamente incultos os terrenos que costeam a estrada. E' ella muito boa até o lugar chamado —Rio do Meio — por onde corre o rio do mesmo nome, com uma pequena ponte de madeira. D'ahi a tres quartos de legua está a optima ponte do rio Capivary, cujos terrenos são quasi planos e enchutos. Mas nos ulgares em que corre a estrada por dentro da mata, os lamaçaes são frequentes e bastante incommodos, e mais incommodos estavam pelas cavas, que alli se preparavam na epocha de minha passagem. Além do Capivary passa a estrada por um campinho, cortado por um ribeirão de excellente agua, correndo sobre pedras, que dá váo em todas as estações do anno : é um ex-

cellente lugar de pouso. Passando depois por uma pequeno capoeira, conhecida na provincia pelo nome de—Restinga—, chega-se a um vasto campo, denominado—Borda do Campo— onde ha lindissimos pinheiros, do qual se avista, em varias direcções, a Serra do Mar, a distancias nunca maiores de duas leguas, distando elle quatro e meia leguas da Coritiba. Ha na Borda do Campo muito bom pouso; e a dureza das terras permitte alli a rodagem sem outro trabalho artistico que não sejam — aterrados; por causa de pequenos atoleiros e banhados formados pelos differentes corregos, que o atravessam. Ha tambem no dito campo disseminadamente algumas casas de habitação, com pequena lavoura. Duas leguas distante da cidade de Coritiba corre o rio—Palmitá —, que tem uma pequena ponte de madeira; e a uma legua d'este rio ha um pequeno armazem, que com os dois já citados formam a mais importante parte dos recursos da estrada da Graciosa. Depois de ter andado oito e meia leguas, nos mesmos rumos do dia antecedente, com pequenas variações, cheguei á capital da provincia do Paraná, distante da cidade de Antonina doze leguas, de 2821 braças, consideradas de 18 ao gráo, e apreciadas sobre a sinuosa magistral da mesma estrada.

A cidade de Coritiba, como a maior parte de nossas cidades, é mal alinhada, sem esgotos, e quasi sem calçadas; e portanto muito lamacenta com as aguas pluviaes. Seu clima é muito saudavel, não obstante haver na entrada da cidade um ou outro banhado formado pelo rio Iguassú. A fertilidade de seu solo garante-lhe todos os cereaes conhecidos do paiz, tendo tambem pequenas plantações de trigo e cevada. Tem abundancia de carne verde, que recebe dos campos geraes, tornando-se, n'esta parte, superior a Antonina. Possue uma população de perto de sete mil almas, varias fabricas de beneficiar herva-mate e de pilar arroz, e algumas serras

d'agua. A maior parte dos lavradores e negociantes do interior da provincia importando directamente do littoral os generos de que necessitam, diminuem consideravelmente a importancia commercial de Coritiba: todavia, o seu commercio está em proporção com a sua população, e com suas relações com o interior de Paraná. D'esta ordem de cousas resulta muito grande affluencia de animaes de carga para Antonina e Morretes, tornando-se elles raros na Coritiba. Por esta razão, a despeito da grande solicitude de quasi todas as auctoridades do lugar, só com grande custo obtive conducção para o interior, preferindo alongar mais a minha demora ao sugeitar-me á imposição de alguns agiotas, que prevalecendo-se de taes opportunidades, exigiam um preço triplo do valor real do transporte n'aquelle lugar. Esforçando-me seriamente por tirar-me de semelhante crise, consegui fazel-o ajudado de alguns amigos, deixando a cidade de Coritiba no dia 6 de Novembro, pelas nove horas da manhã.

Comecei os trabalhos da estrada por um levantamento de planta á agulha e cadeia de medição, para calcular o tempo provavel da exploração total; porém reconhecendo a lentidão do processo, sem haver immediata utilidade, continuei os trabalhos, no segundo dia, tomando os rumos mais geraes, e medindo a passo dobrado accelerado, convenientemente exercitado para tal fim.

A partir de Coritiba corre a estrada em um campo quasi plano, até a distancia de duas mil trezentas e cincoenta cinco braças, entre os rumos Sul e Oeste, abstracção feita de algum zigzag, n'outra direcção. D'ahi em diante, no rumo O 1/4 S.O ha uma ladeira, que necessita de pequena excavação para se prestar á rodagem, Depois d'ella atravessa-se uma ponte de madeira, em bom estado, com quinze palmos de largo, sobre o rio Bariguhy, que tem pequena largura e fraca correnteza. A' direita, mas um pouco retirado da estrada, fica uma fabrica

de beneficiar herva-mate. Pouco adiante da ponte ha uma deira de cento e trinta braças, que se não presta á rodagem; mas havia já quasi concluido um desvio á direita da mesma, estando-se á aquelle fim. Segue-se outra ladeira, porém de rodagem, no fim e a esquerda da qual está situado o engenho Bariguhy, de beneficiar herva-mate e pilar arroz, em cujo serviço se empregam quatro homens. Da cidade ao dito engenho ha duas mil oitocentas e sessenta cinco braças, e encontram-se varias casas pelo campo. A' uma distancia de cento e trinta duas braças do engenho passa um arroio, cujas aguas são por elle aproveitadas, e sobre o qual ha uma ponte de madeira de vinte palmos de largo. Em frente á ponte começa a estrada a offerecer accidentes mais ou menos sensiveis, porém sufficientes a não permittirem franca rodagem. Estes accidentes, que se podem remover com pequenas excavações, estendem-se novecentas e sessenta braças, além da ponte, havendo em toda esta extensão mata de ambos os lados da estrada, e intermediariamente duas casas de habitação. Entra-se depois em um campo, denominado —Campo-Comprido,— onde ha tres casinhas de palha e uma pequena venda, a cento e cincoenta palmos da estrada, depois da qual passa um pequeno corrego, de fundo arenoso, que dá vão em todos os tempos do anno. Seguem depois cento e cincoenta braças de ladeiras, que não dão rodagem, e onde tambem ha um pequeno riacho, chegando-se em seguida á casa de morada do commendador Roseira, no sitio chamado —Palmares, sempre nos rumos comprehendidos entre Norte e Oeste, e entre Oeste e Sul, onde terminei o meu primeiro dia de viagem. Nos Palmares póde-se contar com munições de bocca, e até oitenta animaes de carga. Continuando a viagem na manhã do dia seguinte percorri trezentas e trinta cinco braças, das quaes cento e trinta cinco de terrenos pouco accidentados, mas que necessitam de ligeiras excavações; e cheguei a um

engenho abandonado, chamado Pussaúna, do nome de um rio que por alli corre, com quarenta e cinco palmos de largo e oito de profundo, sobre o qual ha uma ponte de madeira, em bom estado, com oitenta palmos de comprimento e dezeseis de largura. O rumo mais geral a partir dos Palmares é O. 1/2 S. O.: e a distancia da Coritiba ao Pussaúna é de cinco mil novecentas e vinte cinco braças, ou duas leguas e um decimo, leguas de duas mil oitocentas e vinte uma braças, como se conta na provincia do Paraná. Da ponte do ultimo rio citado apparecem pequenas ondulações no terreno, até uma pequena capoeira ou restinga, da qual crescem os mesmos accidentes, havendo, de mais, varios tócos, que precisam ser extrahidos. Passa-se depois por um arroio, que fornece agua a uma fabrica de beneficiar herva-mate, sobre o qual ha uma pequena ponte de madeira, e chega-se, em seguida, a um arraial denominado Ferraria, com sete casas de habitação de telha, madeira e palha, um armazem de negocio sortido, setenta moradores de todos os sexos e idades, plantações de milho, feijão e pouca mandioca, e com pequenos nucleos de creação de gado vaccum; mas não ha animaes de carga. A Ferraria offerece bom pouso. Do Pussaúna a este lugar ha mil cento oitenta e quatro braças nos rumos geraes NO. 1/2 O e O. 1/2 SO, e se achava em obras, quando passei. Continúa a restinga mil e cem braças além da Ferraria, oitenta das quaes são de rampas e ladeiras, que precizam ser alargadas e excavadas; e chega-se a um campo onde ha um grande pinhal, offerecendo bom pouso. Ha n'esta parte da estrada uma casinha de palha, e uma de telha em construcção. O campo acima citado que tem setecentas braças no sentido longitudinal, termina em doce explanada á margem de um corrego de fundo arenoso, com doze palmos de largo e tres de profundo, que sempre dá váo, chamado —Timbutuva— onde ha uma casinha coberta de taboas e palha. Anda-se mais mil e setenta braças até che-

gar-se ao rio —Verde — com pessima ponte de madeira, que precisa ser substituida. As primeiras trezentas e vinte duas braças correm por bom terreno, onde ha pequeno mato; as outras, em terrenos descampados, porém accidentados, e que se não prestam á rodagem senão depois de excavados e aterros alguns lugares. Aos terrenos de pequeno mato segue-se ma vertente, onde se precisa um aterrado de cento e vinte lmos, por causa de um banhado alli existente; depois um roio chamado —Canatuva, a cento e quarenta palmos do al ha uma casa de telha, da qual se avistam outras seis de a e palha, entre duzentas e quinhentas braças de distancia; rendo mais tres encobertas pelos accidentes do terreno, las com moradores, que tem plantações de milho e feijão, om pequenas creações de gado. Do arroio acima dito ao —Verde— existem tres casas na estrada, a ultima das es, que é um pequeno armazem de seccos e molhados, tá situada no lugar denominado — Rondinha — onde se precisa reparar a estrada, em consequencia das aguas, que transbordam do rio Verde, terem alli feito grandes estragos. Os rumos mais geraes n'esta ultima parte de meu trajecto são NO. 1/2 O e O 1/4 SO, onde se contam trezentas e dez braças de rampas e ladeiras, que carecem de obras, afim de permittirem franca rodagem. Depois do ultimo rio segue-se uma pessima ladeira pedregosa, que não dá rodagem: mil setecentas braças de capoeira com accidentes mais ou menos pronunciados, que reclamam trabalhos para facilidade de rodagem, no fim dos quaes, e á beira da estrada, ha uma casa, com pequenas roças e alguma criação de gado vaccum, d'onde se avistam mais quatro em identicas circumstancias; e chega-se ao arroio chamado —Passo do Borges— de leito arenoso, vinte cinco palmos de largo e um de fundo, que dá váo em todos os tempos do anno, ainda que difficilmente nos tempos chuvosos. A' margem do dito arroio ha uma casa regular de

telha, com pequenas roças de milho e feijão. A trezentas braças do—Passo do Borges—á uma distancia estimada de meia legua, se avista uma serra parallelamente á estrada; e á seiscentas e noventa duas braças do mesmo arroio fica a freguezia de Campo-Largo, junto á qual ha uma vertente, que faz varios alagadiços, e que tem uma pequena ponte em soffrivel estado. Os rumos mais geraes, depois do rio —Verde são NO. 1/2 O, O 1/4 SO e O 1/2 SO. Chegando a aquella freguezia entre quatro e cinco horas da tarde, levantei a planta do lugar, e dei por findo o meu segundo dia de viagem. Ha em Campo-Largo cincoenta e seis casas de morada habitual, entre ellas treze de negocio variado. Além de dois engenhos de beneficiar o mate, e de uma serra d'agua, nada mais alli existe, que mereça menção. Custa-se arranjar quaesquer meios de transporte; e não obstante contar a freguezia uma população de quatro mil almas, tambem com grande custo se poderá obter generos alimenticios em maior escala. Ha de Coritiba á freguezia de —Campo-Largo— treze mil cento e trinta sete braças correntes, ou quatro 2/3 de leguas da provincia do Paraná.

Para quem viaja a cavallo, na provincia acima, ha uma quasi certa e frequente massada, procedida da fuga dos animaes, pela falta de potreiros fechados onde possam os animaes pastar com segurança. Resulta d'ahi uma perda de tempo, que muito contribue para o retardamento das viagens. Devido a isto só conseguí partir de Campo-Largo, no dia oito depois de onze horas da manhã.

Atravessei o suburbio ou rocío da freguezia passando por dois corregos, separados entre si por vinte e duas braças de extensão. A' uma distancia de cento e trinta oito braças do ultimo d'elles, que por seu turno fica a quatrocentas e cincoenta braças da—Matriz,—se precisa de um aterrado de cento e vinte palmos, para que haja franca rodagem. A no-

vecentas braças da — Matriz — da freguezia, se avistam, perpendicularmente á estrada, alguns montes da pequena cordilheira chamada — Serrinha — á distancia estimada de uma legua pouco mais ou menos. Nas primeiras mil duzentas e cincoenta braças, depois de Campo-Largo, facilmente se reconhece, que além da primitiva picada ou derrubada alli feita, nenhum outro beneficio soffreu a estrada, bem como, ıe para tornal-a de rodagem regular basta destocal-a, visto ella sensivelmente plana. Passado o rocío, que é todo ıdo, se entra no campo denominado — Itahí, do nome rıo que o atravessa, e sobre a ponte do qual cheguei com ıais setecentas e oitenta braças de caminho, tendo de novo ıdo alguns montes da serrinha nos rumos N. 1/4 NOO., e 1/2 O. O rio Itakí, de vinte dois palmos de largo e entre s e quatro de fundo, nunca transborda, porém não dá váo tempos chuvosos. A ponte de madeira sobre elle existem setenta palmos de comprimento e quinze de largura, ı está em máo e tado. Em quanto não fôr ella substituida, tem necessidade de varios reparos. Tambem ha no principio do campo do Itakí setenta e oito braças de suave descida, mas onde se precizam alguns aterrados e excavações para haver continuamente franca rodagem. No principio do mesmo campo se divide a estrada em dois ramaes, um chamado da — Serrinha, — menos procurado hoje, e por onde segui, por haver quasi uma legua de menos que o outro, conhecido com o nome de « Capados — mais transitado; e que tambem foi estudado na minha viagem. Nenhum d'elles é de rodagem; porém o dos Capados tendo declives menos bruscos, permitte, ainda que difficilmente, a passagem de carros, tendo-se o cuidado de alliviar parte das cargas; ao passo que pela — Serrinha — de nenhum modo póde passar carros.

Quem segue a direcção dos — Capados — tambem passa po uma ponte de madeira, sobre o rio Itahí; de trinta palmos de

comprido sobre dezeseis de largo, em máo estado. Atravessa depois um arroio chamado—Passo da Campina—outro denominado—Passo do Pecegueiro—e um rio com pequena ponte, em máo estado, chamado—Taboão,—até chegar ao arraial de S. Luiz. Na estrada ha duas casas de morada habitual. Depois de subir-se a serra dos—Capados—chega-se a uma vasta planicie conhecida pelo nome de—Campos-Geraes, que se atravessa nos rumos NO. 1/2 O e O. 1/2 SO, abstracção feita de algumas voltas nos rumos N. 1/2 NO e S. 1/2 SO. O viajante que toma o caminho da—Serrinha—passa por varias casas de morada, antes e depois da ponte do rio Itahí. A' mil trezentas braças da mesma, em frente á estrada se avista a pequena cordilheira, já mencionada, a uma distancia estimada de meia legua. Andando-se mais sessenta duas braças chega-se a um engenho de beneficiar herva-mate e pilar arroz, onde ha poucos moradores, e em cujo lugar se póde contar com animaes de carga, em pequena escala. N'esta ultima extensão percorrida ha duzentas e noventa braças de rampas e ladeiras e cento cincoenta palmos de banhado, onde se precisam de obras; havendo nas proximidades do engenho um ribeirão de excellente agua, sobre o qual ha uma ponte de madeira em bom estado. Distante do mesmo engenho trezentas e setenta braças fica a raiz da Serrinha, perto da qual corre um ribeirão de trinta e cinco palmos de largo e dois de profundo, que me informaram dar váo em todos os tempos do anno, visto não ter eu podido descobrir os vestigios da ultima enchente. Até o ribeirão acima se necessitam de vinte braças de fraca excavação; e entre elle e o engenho existem duas pequenas vertentes, que requerem, para garantia do transito, vinte e cinco braças de aterros. Subi mil duzentas e setenta cinco braças de serra, de um difficilimo accesso, até o cume da mesma, formado de um vasto taboleiro, d'onde se descobre um immenso horizonte. O solo da serra em parte composto de rocha

granitica, e em parte guarnecido de uma rocha novissima (grés), offerece muitas vezes gargantas tão estreitas, que custa passar um animal carregado! Os declives chegam a quarenta por cento; mas nem por isso deixa a estrada de ser frequentada! Quando se chega ao alto da Serrinha, logra-se um delicioso quadro, que sobejamente compensa as fadigas de subil-a! Avista-se logo em frente, á uma legua e meia de distancia estimada, a freguezia de Campo-Largo; e pouco antes do pôr do sol, ou pelas horas da manhã em que os raios solares dissipam o manto de nevoa, que dolorosamente acanha horizonte do Paraná, se avistam, em ordem de successão as des de Coritiba e Antonina, a villa de Morretes e a cidade de Paranaguá. Os rumos da subida e os com que se continúa viagem do lindo —plateau— da Serrinha são ainda os rumos mencionados. Atravessam-se tres mil seiscentas e noventa e es braças de campo, onde ha muito bonitos e extensos capões de pinheiros e outras arvores, a semelhança dos —oasis —do deserto; passa-se, a meia distancia, por um ribeirão, que corre de Sul para Norte; antes e depois d'elle passa-se por duas casas de telha, habitadas e com principios de cultura, observando-se ser quasi todo o caminho coberto de uma formação de grés moderno; e chega-se ao pequeno arraial de S. Luiz, composto de nove casas de palha e telha, com um pequeno armazem de seccos e molhados; tendo quarenta pessoas de todos os sexos e idades; pequenos nucleos de criação de gado vaccum e cavallar, que não excedem setecentas cabeças; plantações de milho e feijão, e onde ha grande falta de meios de transporte. Havendo excellente pouso alli pernoitei, tendo feito uma viagem de oito mil setecentas e trinta braças correntes. Para quem viaja pelos Capados a distancia de Campo-Largo a S. Luiz é de dez mil setecentas e trinta braças proximamente.

É no pequeno arraial acima dito, que nasce o rio —Ri-

beira, — que desemboca perto da cidade de Iguape, na provincia de S. Paulo.

Na manhã do dia seguinte levantei o acampamento, passando a uma distancia de cento e vinte braças do povoado, por duas lagôas de cento e trinta e nove e cento e cincoenta palmos de diametro, havendo uma pequena estiva na segunda: á esquerda da estrada formam as mesmas lagôas um extenso banhado. Depois das lagôas de S. Luiz o trilho corre, em grande parte de sua extensão sobre uma rocha de grés ferruginoso, cimentado por quartzo muito grosseiro. Parte das ditas rochas occupando o costado de alguns coxilhões, tornam a estrada inaccessivel aos carros: é portanto mister algumas obras para tornal-a de rodagem, o que facilmente se póde conseguir, visto serem as rochas muito friaveis. Depois que se galga o primeiro coxilhão, deixa-se á direita do campo um trilho, que é um caminho para a villa de Ponta-Grossa, que não toca na freguezia de Palmeiras; mas que não o segui por não ser a differença de comprimento tal, que me obrigasse a abandonar a estrada mais geral e de mais recursos. De ambos os lados do caminho se observam rochas, talvez da mesma materia das primeiras. No fim de duas mil trezentas e setenta e tres braças se chega a um ribeirão denominado — Papagaios-Velhos, que corre por cima de grandes lages, de S. O para N. E. Se bem que ordinariamente permitta elle franca passagem, as grandes chuvas não lhe consentem o váo, tornando passageiramente intransitavel a estrada. A' setecentas e trinta e oito braças do ribeirão acima, corre um outro, tambem por grandes lages, e sujeito ás mesmas condições do primeiro. Contadas, ainda do primeiro ribeirão, mil quinhentas e quatro braças, e a cento e vinte braças da estrada ha uma fazenda de criação, com pomar e grandes roças, chamada — Papagaios-Velhos. Corre-lhe ao lado um desvio, onde, a um quarto de legua de distancia, está a importante fazenda do Alegrete, que

grandes recursos póde ministrar de bois, cavallos e munições de boca. E pouco distante d'aquella existe a fazenda das — Cancellas, — com maior numerario de gado cavallar. A constituição do campo continúa a mesma; notando-se porém a grandes distancias muitas ilhas de arvoredo, e em alguns pontos amontoadamente penedos erraticos de grandes dimensões.

Distante da fazenda dos — Papagaios-Velhos — tres mil setecentas e treze braças está a fazenda de criação chamada — Capão d'Antas — que póde fazer grandes fornecimentos de carne, farinha, e feijão, e transportar até trezentas arrobas em carretas. Entre as duas ultimas fazendas acima referidas ha um arroio accessivel em todos os tempos, e uma casa no rumo N. E., quatrocentas braças proximamente distante da estrada. Depois do Capão d'Antas torna-se o solo menos pedregoso, e costeia a estrada muito lindas ilhas de arvoredo. D'alli distante mil cento e setenta e cinco braças atravessa-se um ribeirão de fundo arenoso, com vinte palmos de largura sobre tres a quatro de profundidade, e de bem pronunciada correnteza; existindo um outro com a mesma largura, e apenas tres palmos de profundo, a uma distancia de tres mil setecentas e sessenta braças da mesma fazenda. Entre os dois ribeirões mencionados, nos rumos S. S. O e N. NO., a uma distancia média de oitocentas braças da estrada, ha duas casas de telha, de morada habitual; e distante do ultimo mil quatrocentas e cincoenta e sete braças ha, á beira da estrada, cinco casinhas de palha, no lugar denominado — Puga — do nome de um ribeirão, que passa a novecentas braças do mesmo lugar, com quarenta palmos de largo e fundo de arêa muito clara. O ribeirão do — Puga — e os dois de que acabo de fallar dão vão em todos os tempos do anno, lembrando sempre, que na estação chuvosa, é algumas vezes difficil a passagem. Em seguida ao - Puga, — nos rumos O. 1/4 SO. e N. NE., a

distancias estimadas de oitenta e novecentas braças ha duas casas de morada; havendo do mesmo ribeirão ao principio do largo da Matriz da freguezia de Palmeiras mil oitocentas e oitenta braças. Os rumos mais geraes dos dias antecedentes conservam-se os mesmos até as duas ultimas casas da estrada; porém d'ellas em diante até Palmeiras o rumo unico é N. 1/2 NO. Na entrada da freguezia ha um pequeno arroio, correndo sobre pedras chamado —Lageado.— Da planta se verá o que alli existe construido; e exceptuando-se o cemiterio, nada mais merece honrosa menção. A freguezia de Palmeiras é abundante de cereaes e de gado, porém tem grande falta de animaes de carga. Sustenta um commercio variado, talvez superior ás suas necessidades; e conta uma população livre de duas mil e quatrocentas almas, e quinhentos e quarenta e oito escravos de ambos os sexos. A distancia de S. Luiz a Palmeiras, pela Serrinha, é de quinze mil setecentas e sete braças, e pelos —Capados— dezesete mil setecentas e sete braças, o que faz proximamente entre Campo-Largo e a freguezia acima, nove leguas do Paraná, ou nove leguas e mil e quarenta e oito braças, conforme a estrada, que se procura.

Não podendo, por causa dos trabalhos da planta, partir immediatamente, alli estive o dia 10; continuando minha viagem pelas seis horas da manhã do dia 11. O primeiro rumo, ao sahir de Palmeiras, é N. ½ NE. Segue se de N. ½ NO, um dos mais geraes, n'esta parte da estrada, e no qual se atravessa, logo ao sahir da freguezia, em dois pontos diversos, proximos entre si, o mesmo—Lageado — da estrada. A 611 braças passa-se um riacho de pequena largura e profundidade, que sempre dá váo; porém até chegar-se alli, necessita a estrada de alguns reparos, para ser regular a rodagem. Desviado do caminho cento e vinte braças e mil e trinta e quatro braças de Palmeiras, no rumo N. NO ha uma fazenda

de criação, pouco adiante da qual ha um arroio com quatro palmos de largo e bastante correntoso; havendo tambem a uma distancia de mil quatrocentas e setenta e sete braças da freguezia um arraial-zinho chamado—Bemfica—onde ha roças de milho e feijão, e pequenas fazendas de criação de gado vaccum e cavallar. Depois de Bemfica encontram-se algumas casinhas de ambos os lados da estrada; sendo algumas n'uma parte do campo chamado —Lago.— Distante do mesmo ar- mil quinhentas e cincoenta e uma braças costêa a estrada uma rocha muito esbroadiça, que não difficulta o transito; do situada a mil novecentas e setenta e quatro braças do mesmo arraial a cerca de uma fazenda de criação de gado cum e cavallar, conhecida pelo nome de fazenda do — go— onde, além de gado, se póde contar com farinha e eijão. Nos terrenos da fazenda ácima citada ha uma vertente, e um corrego sobre o qual ha uma ponte de troncos cimentados com terra. Seguem-se pequenos accidentes, que se podem facilmente aplanar, e chega se. depois de um caminho de mil cento e quarenta e nove braças, a uma vendinha collocada junto á ponte de um braço do rio Canihú, ponte que precisa ser substituida por outra de cem palmos de longo. Ainda que o pequeno ramal do Canihú tenha, nas immediações da ponte, uma largura inferior á quarta parte do comprimento ácima dado; todavia não póde ser escolhida a parte mais estreita do rio. por ser muito baixa, e muito sujeita a inundações. De Janeiro em diante, quando as chuvas são repetidas. o pequeno braço do Canihú transborda, alaga completamente o campo adjacente, interrompe as communicações: porém não accommette a ponte. Distante da vendinha trezentas e sessenta e sete braças está uma bem construida ponte de madeira de cento e setenta e quatro palmos de comprimento e dezeseis de largura sobre o rio Canihú. que tem setenta palmos de largura e doze de profundo, com

uma velocidade media de pouco mais de uma milha por hora. A mil novecentas braças do pequeno ramal do rio ácima atravessa a estrada um ligeiro —Capão— verdadeiro refrigerio do viajante; atravessando, ao depois, um ribeirão de fundo arenoso, com cincoenta palmos de largo, entre tres e quatro palmos de fundo, que dá váo em quasi todos os tempos do anno. Em seguida ao ribeirão existem pequenos atoleiros, que para segurança dos transportes precisam de trinta braças de aterros. Depois dos atoleiros segue-se uma bem pronunciada ondulação do terreno, profundamente sulcada pelas enchurradas, onde se carecem de entulhos, na extensão de sessenta braças. A' tres mil novecentas e uma braças do Canihú conta a estrada outro pequeno —Capão— distante do qual mil cento e setenta e cinco braças, fica a N. NE, pouco distante da estrada uma fazenda de criação de gado e de lavoura, chamada —Santa Cruz— pertencente a uns libertos, que póde fornecer alguns viveres e poucos animaes de carga. E' uma situação que offerece bom pouso, por haver agua de muito boa qualidade. A pouco mais de trezentas braças da altura da ultima fazenda mencionada atravessa a estrada uma estreita —Restinga— limitada de um lado por uma ribanceira, e por outro, por uma rocha silicosa friavel, que se deve inevitavelmente quebrar para alargar o perfil transversal. Além disto, é mister destócar a estrada, e fazer-lhe pequenos aterros e excavações n'um desenvolvimento de cento e noventa braças. A tres mil duzentas e noventa braças da fazenda — Santa Cruz — com o rio Tibagy, que tem pouco mais de vinte braças de largo, em uma extensa ponte de madeira, que sem estar completamente arruinada, necessita de alguns reparos, taes como um pequeno aterro no centro, e um corrimão que evite a quéda de algum animal no rio. No lugar da ponte o rio não dá váo; mas poucas braças abaixo ha passagem, segundo me informam os praticos

do lugar. Ainda que nos tempos chuvosos o rio não accommetta a ponte, nem alague os terrenos que ficam adjacentes á mesma, ha comtudo de ambos os lados do rio, principalmente do esquerdo, varias lagôas, que n'aquelles tempos tornam a estrada difficil ao transito. Ha bom pouso á margem esquerda do Tibagy. Para que haja franca rodagem até o mesmo rio ha necessidade de uma excavação de sessenta braças, no intento especial de suavisar a descida para o mesmo rio. Cabe-me tambem aqui lembrar, que pouco antes de chegar-se a elle, avista-se, á uma distancia estimada de duas leguas, a villa de Ponta-Grossa. Costeando a estrada a margem direita do rio acima mencionado, atravessa, á uma distancia de quatrocentas e quarenta e seis braças, uma lagôa de sessenta braças de diametro longitudinal, e tres a quatro palmos de fundo, que não póde senão custosamente, e que seja talvez impossivel, dar váo no tempo das aguas. Faz-se pois necessaria a collocação de uma ponte n'aquelle lugar, para não haver interrupção de communicações. A' partir da dita lagôa faz-se uma viagem de quatro mil e setecentas braças até a villa de Ponta-Grossa, onde pernoitei o dia 11, tendo caminhado vinte mil cento e doze braças até o ponto que na planta da dita villa vai notado com a letra —A, sempre nos rumos O 1/2 NO. e N 1/2 NO., não levando em conta o rumo de algum zigzag mais brusco, nem o rumo Norte com que se entra no povoado.

A villa de Ponta-Grossa está situada proximamente a 25° 11' de latitude Sul e a 52° 25' de longitude occidental de Paris. E' um dos pontos importantes da provincia do Paraná, tanto pela fertilidade de seu solo, como pela benignidade de seu clima. Pelo lado das construcções pouco se póde dizer; mas possue um bom cemiterio, para o lugar, e um alinhamento regularmente soffrivel. O municipio de Ponta-Grossa conta uma população de quatro mil almas. Seu solo produz em grande quantidade o milho, o arroz, o feijão, a mandioca,

a uva, muitos legumes, contando varias arvores fructiferas, indigenas do lugar, como a jaboticabeira, de cujo fructo se póde extrahir vinagre de boa qualidade. Ha tambem alli excellentes madeiras de construcção de todos os generos, taes como a peroba, a canella branca e preta, o cedro, a cabriúva, a caviúna, a imbúia e grande quantidade de pinho, que fornece o taboado. Dentro do municipio contam-se algumas fazendas de gado, em estado de prosperidade. Ha tambem um unico engenho de serra e pilões, movido por agua, mas as artes e os officios já vão sendo devidamente apreciados; de modo que encontram-se no lugar, ainda que em pequena escala, carpinteiros, alfaiates, pedreiros, ourives e sapateiros. O commercio de Ponta-Grossa é distribuido por trinta casas, doze das quaes são de fazendas, e dezoito armazens de seccos e molhados Póde-se tambem contar para o transporte das cargas com dois mil animaes, e com algumas carretas, que segundo informações de pessoas de criterio do lugar, se estavam fabricando para aquelle mister. Tendo dado começo á planta do lugar, alli demorei-me até o dia 14, em que parti, pelas sete horas da manhã. Atravessei a villa nos rumos N 1/2 NE. e NE. 1/4 E., notando, logo ao sahir, que são mais frequentes as ondulações do campo, e mais pronunciados todos os accidentes.

No principio da viagem passa-se por um corrego de leito pedregoso, com uma estiva de troncos e terra, que precisa ser substituida por uma pequena ponte de madeira. Antes e depois do dito corrego ladeiras existem que necessitam ser excavadas, bem como tambem existe, em seguida ao mesmo, uma barroca, que precisa de uma pequena ponte para a continuidade da viação. Distante de Ponta-Grossa duas mil quatrocentas e quarenta e quatro braças corre um ribeirão bastante veloz, de quarenta a cincoenta palmos de largo, dois a tres de profundo, de leito pedregoso, denominado — La-

geado-Grande, que dá vão em todos os tempos do anno, salvo nos tempos de grandes chuvas, que dá nado, ainda que por pouco tempo. Depois do —Lageado —sóbe-se cento e sessenta e quatro braças, costeando a estrada uma rocha, que com facilidade se póde quebrar, e onde tambem se precisam de algumas obras, afim de haver commoda rodagem. Corre a oitocentas e quarenta braças do —Lageado-Grande— o rio Pitanguy, com uma boa ponte de madeira de cento e sessenta e seis palmos de comprimento e dezesete de largura ; havendo entre elles um corrego de pequena largura e profundidade. Segue-se ao ultimo rio o campo chamado —Cachoeira— no principio do qual ha uma casinha de palha. A estrada corre em parte sobre rochas, que não embaraçam a rodagem, atravessando tambem um pequeno mato, que deve ser cortado, para não embaraçal-a. A seiscentas e dez braças do Pitanguy se precisa de alguma excavação. Distante do mesmo mil e trezentas braças, um pouco retirado da estrada, no rumo NO 1/2 O., ha uma propriedade meia abandonada, pouco adiante da qual corta a estrada dois corregos, ambos de leito pedregoso. Em seguida aos mesmos o caminho é máo; corre sobre rochas pontudas, onde não póde ter lugar a rodagem. Tornando-se depois o sólo optimamente viavel, e deixando-se de ambos os lados da estrada pequenos lagos de aguas pluviaes, chega-se a uma fazenda de criação, chamada — Boqueirão, onde se póde encontrar, em pequena escala —bois, cavallos, porcos, carneiros alguma farinha e feijão. Ao lado esquerdo da mesma, que está situada á quatro mil e trezentas braças do rio Pitanguy, ha uma estrada, que passando pela freguezia do Tibagy, communica com a colonia militar do Jatahy, sem passar pela cidade de Castro. Depois da fazenda do Boqueirão, o aspecto do sólo torna-se mais pedregoso. Passa-se por uma lagôa de agua da chuva, por um arroio de leito pedregoso, por varias vertentes, que regam o campo, e chega-se, no fim

de duas mil quatrocentas e trinta e duas braças de caminho, á estancia de —Carambehy— rica de creação e com grandes recursos de generos alimenticios. E' perto d'esta estancia, que sahe a estrada, que partindo de—S. Luiz—communica por um ramal com a villa de Ponta-Grossa.

A' uma distancia de cinco mil e cinco braças do Carambehy se atravessa um estivado de achas de pinho sobre um banhado, formado por diversas vertentes, que vai dar a um pequeno bairro chamado —Tronco-Composto de quinze a vinte casas de telha e palha, com um pequeno armazem de seccos e molhados, roças de milho e feijão, e pequenos nucleos de creação de gado vaccum. Para chegar-se ao dito bairro passam-se dois arroios, com pequenas pontes, ao primeiro dos quaes seguem-se varias subidas e descidas, que necessitam de obras; e ao segundo seguem-se varias ladeiras, onde se precisa de noventa braças de excavação. Passa-se tambem por um corrego, de excellente agua, de fundo arenoso, com uma pequena ponte completamente arruinada, depois do qual ha uma forte ladeira, com uma pedreira ao lado, que necessita ser excavada, bem como precisa ser destocada uma parte da estrada, para que haja rodagem regular. No fim do bairro do —Tronco— começa uma capoeira pela qual se faz mil e quatrocentas e cincoenta e sete braças para chegar-se a outro arraialzinho chamado do —Lageado— formada de dezeseis a dezoito casas de moradores pobres, e onde tambem ha pequenas roças e pouca creação de gado. Depois do —Lageado— atravessa-se um riacho de dois a tres palmos de fundo; porém bastante corrente, onde ha uma pequena estiva. Tres outros riachos se succedem, sobre os quaes ha varios ramos ligados por terra; havendo tambem nas proximidades dos mesmos alguns banhados, que convém ser aterrados tanto para dar mais largura á secção transversal da estrada, como para garantir-lhe segura e franca rodagem. A pouco menos

de um terço de legua de Castro passa-se tambem por um estivado sobre o ribeirão da —Ronda— alli represado para mover uma serra, collocada no lugar chamado —Taboão— pouco distante do mesmo ribeirão. Passa-se mais por uma ponte no —Taboão:— por varias ladeiras, que necessitam todas de obras; por tres pequenas pontes sobre tres differentes corregos, por um pequeno corrego, sem ponte, e, entra-se no povoado da cidade de Castro, onde, depois de ter feito mais tres mil seiscentas e dezenove braças, parei no largo da ja de Nossa Senhora do Rosario, que vai representado na ta. São muito variaveis os rumos entre a cidade de Castro e a villa de Ponta-Grossa.

inda que os mais geraes sejam N. 1/2 NO. e NO. 1/4 O. via os de N. 1/4 NE, NE. e NE 1/4 E. se repetem com uencia. A distancia média da villa acima referida á de Castro é de vinte mil e noventa e sete braças, sendo nseguinte a distancia entre Coritiba e Castro, conforme passa pela —Serrinha— ou pelos —Capados— setenta e sete mil setecentas e oitenta e tres ou setenta e nove mil setecentas e oitenta e tres braças, que dá no segundo caso pouco mais de vinte e seis leguas da provincia do Paraná.

A cidade de Castro situada proximamente a 24° 58' de latitude Sul, e a 52° 21' de longitude occidental de Paris, collocada no centro da provincia do Paraná, limitrophe com S. Paulo, e ponto infallivel da estrada, que deve unir o Paraná a Mato-Grosso, faz-se digna de honrosa menção pela salubridade de seu clima, onde se desconhecem molestias endemicas e epidemicas; pela fertilidade de seu sólo; pela riqueza de suas matas, e por suas famosas creações de gado. E' sobremodo lamentavel que possuindo o municipio de Castro tantos e tão variados elementos de riqueza, e contando uma população de perto de sete mil almas, não produza e não crie para o seu consumo, muitos objectos reclamados pelas ne-

cessidades da vida. Todavia ha em Castro recursos sufficientes, em tudo geralmente superiores aos de Ponta-Grossa, mórmente os de creação de gado.

No mesmo dia de minha chegada contratei com o engenheiro civil Feliciano Nepomuceno Prates não só a conducção de todo o material da commissão para a colonia militar do Jatahy, como tambem todos os viveres para a minha viagem até o rio —Brilhante,— o qual prompta e dedicadamente prestou-se ao meu pedido, tendo-me de mais offeresido a prancha que me transportou, sem consentir que lhe pagasse o aluguel da mesma. Poucos dias depois de minha chegada fiz seguir para o Jatahy parte de minhas cargas, reservando o resto para melhor tempo, visto serem n'aquelle as chuvas constantes e copiosas. Em quanto não segui de Castro, levantei, nas estiadas, a planta d'aquella cidade, pela qual se verá não só os alinhamentos, como as construcções alli existentes. Pelo fim da cidade passa o rio Japó, tributario do Tibagy, que possue uma grande ponte em pessimo estado. Em frente á ponte ha uma ladeira, que necessita ser excavada para prestar-se á rodagem, no alto da qual corre, em frente á ultima casa, a estrada que liga Castro, ou antes a provincia de Paraná á de S. Paulo; passando ao lado da mesma casa, no rumo NO 1/4 O, o caminho, que vai de Castro á colonia do Jatahy. Tendo o tempo melhorado consideravelmente, levantei o acampamento, deixando a cidade de Castro pelo meio dia de 7 de Dezembro do anno findo.

No principio do caminho se encontram varios accidentes de terreno, que não permittem franca rodagem, sendo, além d'isto, preciso destocal-o em parte de sua extensão. A duzentas e oitenta braças da primeira casa corre a estrada por uma porção de mato; passando-se ao depois por dois pequenos arroios, que quasi, em tempo algum, não difficultam o transito. A mil duzentas e sessenta e nove braças do ponto de

partida avistam-se as casas do campo de S. Thomé, onde ha um lindissimo e vasto pinhal, plantações de milho e feijão, creação de gado, em numero de seiscentas cabeças; podendo contar-se alli com diminuto numero de animaes de carga. Passando-se uma pequena vertente, um ligeiro aterrado, que conserva de ambos os lados pequenos atoleiros e por varios toucos, chega-se, depois de duas mil cento e sessenta e duas braças contadas da partida, ao ribeirão de S. Thomé, que corta o principio do campo do mesmo nome, correndo soffrivelmente veloz por um leito de seixinhos, com uma largura média de nove palmos, sobre dois a tres de profundo. O S. Thomé não inunda, mesmo com as maiores enchentes, e sua agua é de excellente qualidade. D'ahi em diante corre a estrada em optimos terrenos, sendo preciso fazer duas mil cento e quinze braças para chegar-se ao rio Pirahy, que tem oitenta palmos de largo, e uma ponte de madeira em máo estado. Em quanto não fôr ella substituida, precisa de concertos, que garantam, com segurança, a continuidade do transito. No lugar da ponte o Pirahy não dá váo, porém fal-o um quarto de legua, rio abaixo. Nas proximidades do mesmo rio encontram-se pequenos penedos erraticos, que servem para o empedramento d'aquella porção da estrada. Em frente á ponte fica o caminho geralmente seguido e mais curto, porém estava por tal modo obstruido, na época de minha passagem, que segui por um desvio á esquerda da ponte, no rumo O 1/4 SO. O caminho mais geral passa pela frente de uma propriedade pertencente a uns orphãos, no campo do mesmo nome; corta a fazenda da Taquara, e approxima-se da de S. Amaro, que podem ambas fazer grandes fornecimentos de viveres, e de alguns animaes de carga. Pelo desvio por onde segui ha um atoleiro, que precisa de vinte braças de aterro. Passa-se depois por uma pequena ponte, sobre um arroio, em frente ao qual ha quarenta braças de subida, que se não

prestam á rodagem, e chega-se depois de quatrocentas e setenta braças de caminho, a um arraialzinho chamado —Céo composto de doze casinhas de palha, pequenas roças de milho e feijão, e alguma creação de gado vaccum e cavallar. Do —Céo— ao campo dos orphãos os terrenos são constantemente accidentados; porém com muito ligeiras excavações se consegue alli franca rodagem. Em meio do campo bifurca a estrada uma outra á direita, que communica com a casa dos orphãos, já citada, situada proximamente a cem braças do caminho; ficando á esquerda, sem apparencia de estrada, o trilho que se deve percorrer. Segue-se um arroio de dez a doze palmos de largo sobre dois a quatro de fundo, de muito boa agua, que embaraça o transito nos tempos chuvosos; toma-se de novo á esquerda para atravessar-se um pedaço de mata; sahe-se no campo, e entra-se de novo n'uma capoeira onde, como na mata, precisa fazer-se algum destocamento. Segue-se uma ladeira, que não dá rodagem; depois um arroio; em seguida outra ladeira, que com pequenas excavações presta-se á rodagem; atravessam-se mais quatro arroios, correndo em ordem de successão sobre fundos de pedrinhas, lages, lama e arêa, no terceiro dos quaes é indispensavel um aterro de seis braças, e chega-se a uma casa de telha, situada no lugar chamado —Rio-Abaixo,— por tal conhecido o campinho que se segue ao dos orphãos; tendo caminhado do Pirahy até a dita casa quatro mil quatrocentas e dezoito braças. No mesmo campo existem mais tres pequenas propriedades, todas com pequenas lavouras, e alguma creação de gado vaccum e cavallar. Havendo excellente pouso no lugar, que acabo de mencionar, dei por findo o meu primeiro dia de viagem, a partir de Castro, tendo apenas feito oito mil seiscentas e noventa e cinco braças correntes, nos rumos N. 1/2 NO e NO. 1/4 O, não levando em conta, o rumo de uma ou outra volta mais brusca da estrada.

No dia seguinte tambem fiz pequena viagem, pelo estado de cansaço dos cargueiros da minha caravana, que já tinham estrangulado a minha haste de mira.

No fim de oitocentas braças apresenta a estrada uma errada ou desvio no rumo N 1/4 NE, correndo ella no rumo NO 1[4 O. Pouco além d'este desvio atravessa-se um rio de quinze palmos de largo e 2 1[2 de fundo, que sempre dá váo, chamado —Rio-Abaixo, — onde se precisa de um aterro de quatro braças; e depois do mesmo, tambem se precisam de obras na ensão de duzentas e trinta e cinco braças de ladeiras, sem que não póde haver franca rodagem. Chega-se de novo a um campo, onde ha um extenso e bonito pinhal. Segue-se ao campo uma pequena capoeira, que precisa ser derribada; endo do mesmo modo ser alargada e depois destocada a rada; aterrado um lamaçal de sessenta braças, e excavadas umas rampas e ladeiras, sem o que é impossivel haver dagem regular. Na distancia de duas mil oitocentas e sessenta e sete braças do ponto de partida corre o rio Pirahymirim, de N. E. para S. O, sobre pedrinhas e arêa, com uma largura de setenta e cinco palmos, sobre 4 1[2 de profundo, com uma velocidade média de oitocentas braças por ora, e que não dá váo nos tempos chuvosos; motivo porque reclama urgentemente uma ligeira ponte de madeira. D'este rio em diante começam os campos da —Taquara.

Distante quarenta e cinco braças do mesmo rio passa-se um ribeirão de quinze palmos de largura e tres de profundidade, que com elle conflue, muito perto da estrada. Vem em seguida um lamaçal, que precisa de um aterro de quinze braças; depois um campinho e um corrego com uma ponte, que precisa ser reformada; em continuação uma ladeira pedregosa de cento e quarenta braças de comprimento, que se não presta a rodagem, e que vai ter a um bello pinhal; descendo-se finalmente noventa braças pelas quaes não podem passar

carros. Varios aterrados, sobre corregosinhos, que precisam ser alargados; muitas ladeiras, mais ou menos pedregosas, que precisam de excavações e aterros; atoleiros de differentes dimensões, que demandam obras regulares, e alguns arroios seguem-se até a altura das —furnas— distante tres mil quinhentas e vinte e cinco braças do— Pirahy-mirim. Em meio da distancia acima referida ha uma errada no rumo O 1|2 SO, sendo o curso da estrada a NO 1|2 O. Eleva-se depois um extenso taboleiro, onde sóbe-se quatrocentas e vinte braças sobre pedras frageis, para gozar-se de uma vista deliciosa. Em seu começo offerece elle differentes rochas, na maior parte (grés), formando grandes cavidades ou furnas, d'onde vem o nome á aquelle lugar. E' uma posição, que sem grandes excavações, não permitte franca rodagem. Andei mais trezentas e oitenta braças; e deixando a estrada, tomei um desvio, no rumo S. E. no lugar denominado —Mocambo— pernoitando n'uma pequena habitação alli existente, onde se poderá encontrar alguns pequenos recursos de generos alimenticios. Logo que chegáram os cargueiros, que me acompanhavam, expedi um proprio para a fazenda da —Taquara, a ver novos animaes de carga, visto estarem alguns de minha caravana, já estropiados. Deixando parte das cargas, sahi do —Mocambo— na manhã do dia 9, lamentando ter sido a viagem da vespera de seis mil setecentas e setenta e duas braças! No alto de —Furnas— a estrada não carece de obras. A duas mil cento e vinte braças atravessa-se um ribeirão, que sempre dá váo, chamado —Lageado do Mocambo— cortado pela estrada uma segunda vez, a pequena distancia da primeira passagem. Em seguida ha pequenos lamaçaes, que facilmente se podem reparar. Continuando-se a viagem, deixa-se uma errada no rumo O 1/4 NO; passa-se por um pequeno corrego, e chega-se a um outro—Lageado,— cujo curso é de SO. para NE., que, como o do Mocambo, dá váo em todas as estações

uo anno. D'elle em diante corre a estrada por optimos terrenos; costêa um bonito—Capão;—passa-se por outro arroio, de leito pedregoso; atravessa-se o rincão chamado do corisco, onde tambem ha um bello capão, chegando-se ao depois a um ribeirão denominado —Pedrinho,— que perto da estrada desagua no rio—Fortaleza, confluente do rio Iapó. Distante do lageado do Mocambo nove mil duzentas e cincoenta e nove braças, o ribeirão do Pedrinho corre de NO. para SE.; não váo com as chuvas mais copiosas, e fórma uma pequena banía no seu ponto de juncção com a Fortaleza, de pouco mis de vinte braças de largo. Com mais seiscentas e dez de caminho chega-se á margem esquerda do ultimo rio acima citado, de pessima passagem, e que para ser mais commoda e ser effectuada, a partir da margem esquerda até o meio rio no rumo SE., e do meio até a margem direita, no rumo Se não lançar-se uma ponte sobre o rio Fortaleza póde contar-se interrompida a viagem nos tempos chuvosos, a menos que se não dê, a partir de Castro, uma soffrivel volta pela freguezia do Tibagy. Viaja-se mais tres mil setecentas e sessenta braças para chegar-se ao terreiro da fazenda —Fortaleza,—atravessando-se um pequeno arroio, poucas braças distante do mesmo. Tendo andado n'aquelle dia quinze mil setecentas e quarenta e nove braças, resolvi esperar na dita fazenda, pelo restante da caravana; d'alli partindo no dia 13, pelas nove horas da manhã. A fazenda da —Fortaleza — pertencente ao commandante superior da guarda nacional de Castro, o coronel Manoel Ignacio do Canto e Silva, que é justamente reputada a melhor fazenda da provincia do Paraná, possue proximamente cinco mil cabeças de gado vaccum e cavallar, excellentes pastos, capões riquissimos de uma grande variedade de madeiras de construcção, e terras que abundantemente se prestam a todas as lavouras. Póde-se, na dita fazenda, contratar grande sortimento de viveres e algum

animaes de carga. Depois que se atravessa o cercado da Fortaleza, corre á direita, quasi Norte, a estrada do Jatahy, ficando á esquerda, no rumo O 1/2 SO., a que se dirige a freguezia do Tibagy, que dista pouco mais de tres leguas da mesma fazenda. A' mil novecentas e vinte braças de distancia passa-se o arroio Faisqueiro, assim chamado pelas faiscas de ouro, que tem alli apparecido em differentes épocas. Minerado outr'ora pelos primeiros possuidores da Fortaleza, o arroio Faisqueiro, rico de ouro e diamantes, muito concorreu para a prosperidade em que se acha hoje, não só a fazenda que o possue, como todos os dominios do mesmo senhorio. Não obstante tão valiosas razões, as proximidades do Faisqueiro são más, e não se prestam francamente á rodagem sem quarenta e cinco braças de excavação. A uma legua pouco mais ou menos das casas de habitação da fazenda acima mencionada se avista, no rumo NO. 1/4 O. a fazenda de Monte-Alegre, avistando-se do mesmo lugar, ainda que confusamente, no rumo N. 1/2 NE., á tres leguas estimadas, a freguezia do Tibagy. A estrada corta depois um capão, e sahe de novo no campo no rumo NO., proximo ao qual se chega ao rio do —Alegre, confluente do Tibagy, seis mil cento e dez braças do terreiro da fazenda da Fortaleza. O rio Alegre, que corre de N. NO. para S. SE., possue uma ponte regular de oitenta palmos de comprido e vinte de largo; tendo elle trinta e cinco palmos de largura; não dá váo no lugar da ponte, mas tem uma grande lage que permitte transpôl-o de um salto, em criticas circumstancias. Ao sahir da ponte se precisa de vinte braças de excavação, para que haja commoda rodagem. A um quarto de legua do—Alegre—se chega a um ribeirão chamado —Ponte de Pedra—confluente d'aquelle rio, que tem uma pessima ponte de madeira, que precisa ser substituida por outra de quarenta palmos de comprimento. D'ahi em diante corre sempre a estrada nos rumos NO. 1/2 O. e O. 1/2 SO. até

chegar-se á fazenda de Monte-Alegre, distante do ribeirão da —Ponte de Pedra— duas mil cento e sessenta e quatro braças onde se póde contar com recursos variados em mantimentos, e alguns animaes de carga. Terminando a minha viagem do dia 13, na dita fazenda, depois de nove mil e vinte seis braças de marcha, continuei a derrota na manhã do dia seguinte, passando o cercado da fazenda no rumo NO. D'elle distante duzentas e dez braças ha um desvio, que corre poucos gráos mais ao Norte que a estrada. No fim de mil cento e setenta e cinco braças, cento e vinte das quaes são de descidas, que se não prestam a rodagem, atravessei, no rumo O. 1/2 SO, o rio chamado —Passo do Miranda— que ordinariamente dá váo; deixando de fazel-o, ás vezes, no tempo das grandes aguas. Depois d'este rio corre uma insignificante volta da estrada no rumo N. E. 1/2 E., passando-se em seguida por uma ingreme ladeira, de cento e noventa braças de longura, no rumo O 1/2 NO, que totalmente se não presta a rodagem. Passando-se por mais duas ladeiras, que tambem não dão rodagem, e por varios capões ricos de madeiras de lei, chega-se ao arroio da —Mortandade— duas mil e vinte uma braças do terreiro de —Monte-Alegre. A ponte que alli existe está em pessimo estado, e precisa ser substituida por outra de trinta palmos de longo. Posto que tenha o dito arroio uma largura de vinte palmos e muito pouca profundidade, ainda assim não vale a pena tentar-se o váo, pelo escarpamento de sua barranca. D'ahi a mil e trinta e quatro braças, no rumo NO, e a meia legua de distancia estimada, avistam-se alguns poucos montes, um conico, e outros mais ou menos pontudos chamados — Agudos.— que denomina uma fazenda alli existente, tres mil trezentas e oitenta e quatro braças distante do —Mortandade. A fazenda dos —Agudos— conhecida tambem pelo nome de fazenda da —Lagôa—, pertence ao mesmo proprietario das fazendas da Fortaleza e Monte-Alegre, e possue recursos de

gado vaccum e cavallar, mantimentos e pequenos lotes de animaes de carga. Do cercado da fazenda dos—Agudos—ao principio de uma pequena mata, onde começa a estrada do sertão ha duas mil quinhentas e trinta e oito braças, de terreno sensivelmente plano, onde o rumo mais geral é NO., descambando a agulha uma quarta ora a Norte, ora o Oeste. Das diversas distancias por mim percorridas chega-se ao seguinte resultado: de Monte-Alegre á estrada do Sertão ha nove mil cento e dezoito braças; e da cidade de Castro ao mesmo ponto ha quarenta e nove mil trezentas e sessenta braças ou proximamente dezesete e meia leguas da provincia.

A estrada do Sertão atravessa em seu principio um pedacinho de mata, um pequeno campo, e entra de novo na mata serrada até chegar ao rio—Pinheiro-Secco,—depois de duas mil oitocentas e sessenta e sete braças de desenvolvimento. Esta parte da estrada corre em um leito quasi plano; tem poucas voltas, mas precisa ser alargada; e para que não hajam obstaculos á rodagem é mister destôcal-a em alguns lugares, derrubar uma ou outra arvore destacada em meio do caminho, e aplanar, um pouco mais, as duas pequenas ladeiras adjacentes ás margens do rio. O rumo mais geral d'esta parte da estrada é NO, menos no váo do rio que é N. 1/2 NE. O rio—Pinheiro-Secco,—confluente do Tibagy, apresenta ordinariamente trinta e sete palmos de largura e tres de profundidade, pouca correnteza e fundo arenoso: seu curso é de S. SE. para N. NO. Ainda que constantemente dê váo, fica de nado com as grandes chuvas, ou em estado de não permittil-o, senão com grande custo, passando n'este ultimo caso o animal descarregado. Para estabelecer-se a viação continua é indispensavel a construcção de uma ponte de setenta e cinco palmos de comprimento, sobre o dito rio, ponte de facilima construcção, visto ser a estrada rica de madeiras adaptadas a aquelle mister. Havendo bom pouso

á margem direita do rio, alli pernoitei, concluindo a viagem d'aquelle dia. Na manhã do dia 15 continuei a marcha começando por subir cincoenta braças de ingremes caminhos, onde mais difficil se tornava o accesso, por causa de varios tôcos alli existentes. No fim de mil braças do pouso existe um arroio de boa agua, que sempre dá váo, ao qual se segue uma curta, porém custosa ladeira, que não permitte a rodagem. Continuando-se por terrenos mais ou menos accidentados, onde se póde rodar, mediante pequenas excavações, alargando-se o perfil transversal da estrada e extrahindo-se alguns tôcos, chega-se, depois de ter-se caminhado tres mil oitocentas e quarenta e sete braças a um ribeirão denominado — Lageadinho — correndo sobre rochas, com trinta palmos de largo e pouca profundidade. Tornado bastante caudaloso com as grandes chuvas, consegue o ribeirão acima citado interromper o transito; porém muito provisoriamente. Desde que se entra no sertão nota-se grande falta de caça, sentindo-se porém algumas especies de insectos, que sem deixarem de incommodar, não causam, comtudo, o grande vexame de que constantemente se falla. Depois do ribeirão acima mencionado segue-se uma ladeira de noventa braças, onde se não póde dar franca rodagem sem que hajam algumas excavações. Passa-se depois por um pequeno lamaçal, onde precisa fazer-se um aterro de tres braças; segue-se uma pequena estiva por baixo da qual corre uma ligeira vertente; atravessa-se um pequeno arroio, adiante do qual ha uma ladeirinha, que necessita de obras; e fazendo-se toda esta viagem no rumo médio de NO. abstracção feita de alguma pequena volta onde descamba a agulha a O 1|2 S), chega-se, depois de duas mil e setenta braças de caminho, a outro tributario do Tibagy, o rio das — Antas —, de cento e quatro palmos de largo sobre quatro a quatro e meio de profundo, de leito arenoso, que ordinariamente dá váo, mas que se torna caudaloso no forte

das aguas, de Janeiro em diante. Ha, portanto, indeclinavel necessidade de uma ponte de cento e oitenta palmos de comprimento, sobre o dito rio, uma vez que se tenha de viajar constantemente pela estrada do sertão, ponte que não custará construir-se, por haver á margem do mesmo rio, a maior parte do material necessario a aquella construcção. Em seguida ao rio das—Antas—ha cento e dez braças de ladeiras, que se não prestam á rodagem, senão depois que, para tal fim, receberem os necessarios melhoramentos. O caminho, depois, torna-se soffrivel até o arroio das—Cangalhas,—tres mil e sessenta braças distante do rio das Antas, sendo apenas necessario destôcal-o em parte, e fazer-lhe uma rampa de dez braças de comprimento, para tornar mais suave a descida para o dito arroio. Ha sobre o mesmo uma pequena ponte, que precisa de alguns reparos, e sua agua é de excellente qualidade. Em seguida ha uma ladeira de cento e sessenta braças, que não dá rodagem, e onde se faz mister, além de grande movimento de terras, algum destôcamento, e o córte de varias raizes, que formam uma especie de tecido no leito da estrada. Em continuação passa-se por uma ponte sobre uma pequena vertente, quasi encoberta pela ramagem, antes e depois da qual se tem necessidade de pequenas excavações, para poder-se rodar com segurança. Passando a ultima ponte ha um lamaçal, que de um aterro de tres braças tem grande necessidade, para não ser n'aquelle lugar interrompida a viação. N'um descampado, mil e trezentas braças do arroio das—Cangalhas—corre o Felisbertinho, que para ser alcançado, obriga o viajante a trezentas e quinze braças, muitas bastante accidentadas, porém todas de descidas, que se não prestam á rodagem. Continuando-se na alternativa de descer e subir por caminhos ingremes, pedregosos, lamacentos, cheios de raizes e tôcos, e tambem por alguns supportaveis, chega-se a um aterrado sobre uma porção d'aguas

estagnadas, duas mil novecentas e setenta braças distante do mesmo arroio das — Cangalhas. Ao ultimo aterrado seguem-se tres pequenos lamaçaes, que devem ser entulhados, na extensão de vinte braças. Passa-se depois por uma ligeira estiva sobre uma vertente denominada — Fidelis —, em seguida á qual ha trinta e cinco braças de ladeiras, que não dão rodagem. Desce-se até um estreito valle, onde se precisa de sessenta braças de aterro, que elevando aquelle lugar facilite o esgoto das aguas. No mesmo lugar se precisa tambem reparar um aterrado, existente sobre uma grande porção de aguas estagnadas, bem como de cento e vinte braças de entulho sobre um lamaçal alli permanente. Depois de mais algumas braças de caminho cheguei á margem esquerda do rio chamado — Peixe — ou — Barra-Grande, — tributario do Tibagy, onde pousei, tendo feito no rumo médio de NO, treze mil cento e dezesete braças, supportando durante a viagem um calor intensissimo. O numero de insectos cresceu; a caça ainda foi escassa n'este dia de viagem, porém sou informado, que pouco abaixo do váo do rio ha peixe em grande abundancia. O rio do — Peixe — apresenta uma largura média de sessenta e cinco palmos e tres a quatro de fundo. Seu curso é, no lugar da passagem de N. NE. para S. SO. Ainda que habitualmente offereça váo, o rio acima, como todos os confluentes do Tibagy, que cortam a estrada, deixa de fazel-o, logo que as chuvas se tornam copiosas. Eu mesmo tive occasião de observar o que sobre este ultimo rio acabo de asseverar. Na noite que alli pousei o céo estava perfeitamente sereno; não dava motivo, se quer, á mais ligeira desconfiança de chuva. E de facto, no pouso não choveu; mas pela madrugada, quando começou o movimento no meu acampamento, o rio não dava váo! Supponho que causas muito passageiras, ou antes, que alguma chuva forte e pouco duradoura tivesse havido nas cabeceiras do dito rio, esperava tranquillo, que voltasse elle

ao nivel da vespera, afim de continuar a viagem. Pela manhã ainda o rio continuava a engrossar. Não querendo perder tempo, nem subordinar-me a tão imprevisto obstaculo passei-o a nado com parte de minha comitiva; passando alguma pequena carga na cabeça dos camaradas, e n'uma pelota, ligeiramente feita para tal fim. A's oito horas da manhã consegui pôr-me em marcha com parte de minha caravana: e tendo atravessado uma volta da estrada no rumo NE., cheguei no fim de mil seiscentas e vinte e quatro braças de caminho, no rumo médio de NO. a um confluente do rio do — Peixe — chamado — Lageado, — que tão caudaloso estava, que tornava qualquer observador um pouco vertiginoso. E' este segundo rio, que fazendo barra no rio do — Peixe, — deriva-lhe o segundo nome, com que tambem é conhecido. O curso do — Lageado — é de N. NO. para S. SE., corre sobre grandes lages, sempre com grande velocidade, com cem palmos de largo; mas qualquer chuva copiosa, sem mesmo tornal-o de nado, interrompe o váo, pela sua grande correnteza.

A zona de terreno comprehendida entre os dois ultimos rios não se presta á rodagem, não tanto pela ingremidade dos declives, como pela solubilidade das terras, que dá nascimento a fortes lamaçaes: com tudo, cento e cincoenta braças de entulho e duzentas braças de excavação bastam para tornal-a regularmente accessivel aos carros. Impossibilitado de atravessar o — Lageado — pousei á sua margem esquerda, até que me fosse possivel a passagem. Na mesma tarde abaixou o rio de algumas pollegadas; o abaixamento, verificado em varias horas da noite, tornou-se sempre crescente; e ao clarear do dia, posto que não houvesse ainda elle attingido o seu nivel natural, effectuei a passagem no rumo NO. ¼ O. Uma ponte, á vista do exposto, me pareceu objecto de primeira necessidade. No dia 17, pelas sete horas da manhã continuei a viagem, andando ora a N. ¼ NO., ora a N. ¼ NE.

até chegar ao arroio das — Araras — duas mil setecentas e cincoenta e duas braças distante do — Lageado —, correndo sobre seixinhos, com dez palmos de largo e 1 a 1 ½ de fundo. A partir d'este arroio começa a serra do mesmo nome, onde se sobe uma ladeira de quinhentas braças, que se não presta a rodagem, e onde se precisa de forte excavação. Passa-se ao depois por dois arroios com pequenas pontes de ramos em máo estado; por mais duas ingremes ladeiras, que contam mais quinhentas braças de comprimento; atravessa-se uma grande porção de terreno plano, com grandes lamaçaes, que demandam calçamento; chega-se a uma parte da mata limpa e de terreno enxuto; passa-se por outro arroio de doze a quatorze palmos de largo e um a dois de fundo, alcançando-se finalmente, no rumo N. ¼ NO. um campinho de sessenta braças de diametro, chamado — Rodeio-bonito —, duas mil quinhentas e oitenta braças distante do arroio das — Araras. —Ha no dito campinho um ribeirão com uma ponte de troncos em máo estado, que precisa ser reformada. Depois da ponte do — Rodeio bonito —ha duas ladeiras, que se não prestam a rodagem, outras muitas, mais ou menos abordaveis, e uma escabrosa que vai ter ao arroio geralmente chamado dos —Porungos — de dez palmos de largo, e um a dois de profundo. Em seguida ao arroio acima mencionado sobe-se uma ladeira, que não é de rodagem: varias outras aonde ha muita lama, tôcos e pedras; quatro arroios e vertentes, havendo pontes nos primeiros e havendo vão nas ultimas, e chega-se, depois de um caminho de tres mil oitocentas e setenta braças ao ribeirão do — Lambary — de quarenta palmos de largo e tres de profundo, cujo leito é de terra e seixinhos, de Oeste para Leste; e que quanto ao vão está no mesmo caso dos outros rios de que tenho fallado. Segue-se um pequeno campo; volta de novo a mata; e com pequenos accidentes do terreno, depois de duzentas e sessenta braças de caminho chega-se a um arroio

sobre o qual ha uma pequena ponte de ramos. A partir d'aqui começa a serrinha do — Lambary — cujos accidentes não permittem a rodagem; onde tambem ha muita lama, pedras, tôcos e algumas arvores cahidas no meio da estrada. Passe-se outra ponte de ramos; algumas braças de terreno plano, porém lamacento; sobe-se uma ingreme ladeira; pela estiva de uma pequena vertente, sobe-se a outra ladeira, onde tambem não póde haver franca rodagem. e desce-se depois outra ingreme e escabrosa, que vai dar ao ribeirão da -- Esperança—, de quarenta e cinco palmos de largo e tres de profundo, correndo sobre areia e pedras soltas, de E. NE. para SO. e que dá váo, quando as grandes chuvas não determinam o contrario. Entre as mil trezentas e trinta e tres braças que mediam do ribeirão do — Lambary — ao — Esperança — appareceram alguns jararacussús, que segundo me informam são abundantes n'aquellas paragens. Contigua á margem direita do ultimo ribeirão começa a serra do mesmo nome, onde se sobe, em dois lanços, setecentas e cincoenta braças, que pelos seus declives bruscos não se prestam á rodagem; e onde tambem se encontram grandes seixos rolados, pedras soltas, raizes, lama e muitas fendas no terreno. Havia na primeira ladeira uma bala de artilharia de calibre vinte e quatro, talvez alli deixada por esquecimento! Além das ladeiras já mencionadas, outras se seguem intercaladamente, na totalidade de duzentas braças, que se não prestam á rodagem; até chegar-se a um ponto, em que sendo a mata menos espessa tomam os terrenos seguintes o nome de Serrado, a partir de um arroio, distante tres mil seiscentas braças do ribeirão da — Esperança. Em seguida ao arroio do — Serrado — ha uma ingreme ladeira, de cem braças de comprimento, que não dá rodagem. Passa-se depois por um pequeno arroio chamada — Carijó — ; por mais duas vertentes, com pequenas estivas; por uma extensa ladeira, que não serve á

rodagem ; por outra vertente, em seguida a qual ha tambem uma ladeira, por muitas outras subidas e descidas , e entre ellas a ultima , que é má , porque além de muita pedra solta tem uma grande lage, que carece ser quebrada para facilitar a rodagem, e chega-se ao campinho da fazenda de S. Jeronymo, onde se precisa entulhar um lamaçal alli existente. Dentro do dito campo, perto de um cercado, no rumo N. ¼ NO., ha uma soffrivel ponte sobre um ribeirão chamado da — Olaria —, de trinta palmos de largo , correndo sobre rochas selicosas de E. NE. para O. SO., á distancia de sete mil novecentas e vinte braças do ribeirão da — Esperança. A' margem esquerda do — Olaria — ha grande quantidade de seixos rolados, que servem para o empedramento d'aquella parte da estrada. Da ultima ponte á casa de habitação da fazenda ha trezentas e sessenta braças, que mediante pequenas excavações dão franca rodagem. Alli terminei a viagem , tendo n'aquelle dia feito dezoito mil oitocentas e quinze braças. A fazenda de S. Jeronymo, com alguns campos e boas matas, é mais propria para uma grande fazenda de lavoura , do que para uma pequena fazenda de creação , como hoje existe, constante de trezentos bois e cem porcos , pouco mais ou menos. Considerada posse mansa e pacifica , á vista de sua grande extensão e de sua pequena cultura, é uma posse illegal , devendo ser coartada para plena satisfação da lei de Terras : é porém um ponto da mais subida importancia para o futuro desenvolvimento da estrada, que estou descrevendo. Do principio do sertão á dita fazenda ha trinta e seis mil quatrocentas e vinte e tres braças , pouco mais de doze leguas , de vinte ao grão.

Encontrei em S. Jeronymo dois canhões de bronze de artilheria de campanha de calibre doze, cujos armões estavam um pouco arruinados : com tudo, á vista dos caminhos, é digno de louvor o afan com que foram elles postos n'aquella

localidade. Em um armazem da mesma fazenda, completamente acondicionados, existiam alguns volumes com armamento, fardamento, equipamento e muitos outros artigos bellicos, que deviam seguir para o porto do Jatahy.

Reconhecendo que os cargueiros de minha caravana estavam muito estropeados, forçado por outro lado pela grande chuva, demorei-me em S. Jeronymo o tempo necessario a dar aos animaes de carga o necessario descanço, continuando a viagem na manhã do dia 21. A estrada passa encostada ao terreiro da fazenda por terrenos completamente de rodagem; porém cento e cincoenta braças distante da casa de habitação ha mato de ambos os seus lados, e bem assim, pequenos accidentes, que não prohibem a rodagem; mas que para consentil-a francamente, devem ser melhorados, bem como alargado o perfil transversal da mesma estrada. Seu rumo em frente e pouco além do terreiro da fazenda é N ½ NE., volta que alonga a estrada, obrigando-a, talvez, com publica utilidade a tocar n'aquella fazenda, onde sempre se encontram, ainda que poucos alguns recursos e hospitalidade. Tornado o rumo N ½ NO., chega-se depois de quatro mil braças a uma pequena vertente, subindo-se ao depois uma ladeira de pequeno declive, que dá franca rodagem, com pequenas excavações. Tambem se precisa destôcar e bater o mato em alguns lugares para não estorvar o transito. Desce-se depois por declives muito suaves; atravessa-se um arroio de dez a doze palmos de largo; passa-se por uma pequena estiva sobre uma ligeira vertente, que sempre dá váo, e chega-se ao rio S. Jeronymo, sete mil trezentas e trinta e cinco braças distante do terreiro da fazenda do mesmo nome, a quem serve o rio acima referido de limite, começando a posse no ribeirão da—Esperança—!! Esta parte da estrada ultimamente percorrida, é orlada de pinheiros, os quaes escassêam, depois dos campos da ultima fazenda mencionada. O rio S. Jeronymo, cujo curso, no lugar do váo, é de

E. SE., para O. NO., tem cem palmos de largo e quatro de profundo, corre sobre areia e pedras soltas, acontecendo porém, que o váo feito no sentido N ¼ NO., é sobre um leito completamente arenoso. Com as chuvas copiosas torna-se bastante caudaloso, inunda e impossibilita o váo. E' portanto necessario sobre o dito rio, para que se não interrompa o transito, uma ponte de cento e sessenta palmos de longo. A' margem direita do mesmo rio ha um campinho, que offerece bom pouso, onde tambem ha uma pequena ponte sobre uma barroca. Logo que se entra na mata, depois do rio S. Jeronymo, reconhece-se que o terreno é muito duro, que quasi não ha lama, sendo, em compensação muito escorregadio. Depois do ultimo rio atravessa-se um arroio denominado das — Muchachas — ; passa-se por uma vertente com uma pequena ponte, e por outro arroio de doze palmos de largo e um de fundo, que dá váo em todos os tempos, chegando-se com duas mil setecentas e noventa braças de caminho feito; quasi todo no rumo N ½ NO., ao arroio do — Sabiá — de dezeseis palmos de largura e um de profundo, correndo sobre pedras, e que dá váo em todas as estações do anno. Para alli chegar-se, passa-se por trezentas e cincoenta braças de rampas e ladeiras, pouco ingremes, que necessitam, com tudo, de excavações; havendo em varios pontos da estrada pedras soltas, que se devem retirar, tôcos, que se devem extrahir, e muitas raizes, que devem ser cortadas, para facilidade dos transportes. A consistencia das terras continúa muito dura, e os accidentes de muito menor vulto; todavia, depois do — Sabiá — passam-se por duas ladeiras, que precisam de obras; chegando-se com tres mil trezentas e setenta braças de caminho a um corrego chamado do — José Maria — , nas quaes ha troncos, pedras e raizes, que constituem, ainda que pequenas, legitimas difficuldades. Do ultimo corrego a uma vertente d'elle distante quatrocentas braças existem mais la-

deiras, que tambem carecem ser excavadas; havendo n'aquelle intervallo os ultimos obstaculos mencionados, os quaes proseguem, ainda que em muito menor escala até o ribeirão chamado do — Defunto Paula — distante seis mil quinhentas e vinte braças do —Sabiá— onde encontrei alguns trabalhadores concertando, ou antes limpando o caminho. O ribeirão que acabo de mencionar, tem quarenta e cinco palmos de largo e dois de fundo, e dá váo em quasi todos os tempos do anno ; com tudo, as grandes chuvas o tornam difficilmente abordavel. D'elle em diante, e a partir da margem direita, ha uma ingreme ladeira de cincoenta a sessenta braças de longura, que não permitte a rodagem, e que se a sóbe em varios rumos. Terminada a ladeira apenas havia uma estreita picada, trancada em parte por grossos madeiros, cheia de lama, com muitas pedras, tôcos e raizes, que davam um aspecto horrivel a aquella parte da estrada, até a distancia de mil e trinta cinco braças, em que se atravessa outro ribeirão de trinta palmos de largo sobre dois de fundo, nas mesmas condições de vadeabilidade que o de — Defunto Paula —. Continuando a sinuosa e pessima picada, onde, nem se quer, me foi permittido fixar um rumo médio verdadeiro, chega-se a um terceiro ribeirão, nas mesmas condições, que os dois ultimos, á margem esquerda do qual havia um rancho composto de duas meias aguas de palha, onde pernoitei, com parte de minha comitiva, tendo feito uma viagem de dezoito mil trezentas e dez braças. Reconhecendo que havia bastante actividade em fazer-se certos reparos na estrada, é de justiça confessar, que a não terem sido paralysados os trabalhos, muito melhorada deve estar a picada, que acabo de descrever. Os tres ultimos ribeirões, a partir do — Defunto Paula —, unindo-se em um só tronco, vão ter ao Tibagy, com o nome, muito conhecido, de rio das — Tres Barras —. Ao amanhecer do dia seguinte continuei a

marcha, começando-a por atravessar o ultimo ramal das Tres Barras, á margem do qual tinha pernoitado. Caminhando sempre pela mesma picada, muito cerrada, e cheia de obstaculos, cheguei ao ribeirão do Jetahyzinho, assim chamado do nome de uma abelha, muito abundante n'aquella paragem. Fazendo parte de seu curso sobre pedras, o ribeirão acima citado apresenta uma largura de vinte e quatro palmos sobre dois de profundidade, e dá váo em todos os tempos do anno. Esta parte da estrada, constante de tres mil setecentas e oitenta braças é sensivelmente plana. Sobe-se depois uma soffrivel ladeira e desce-se outra, para chegar-se no fim de vinte minutos de viagem a um corrego de pequena largura, chamado — Tamanduá —. A partir d'este corrego andei dez mil trezentas e vinte braças de caminhos muito encobertos, tendo passado por sete arroios, tres d'elles com pontes de ramos; por varias pequenas ladeiras, onde ha necessidade de obras, e por um lugar chamado — Pouso Queimado — onde se póde pernoitar. Vencida a distancia acima referida, achei o caminho bastante limpo de mato; ainda que com alguns tôcos, pedras e raizes. Vencendo mais mil e quinhentas braças cheguei a um corrego de muito boa agua, sobre o qual havia uma ponte de troncos: n'este curto intervallo ha algumas ladeiras pedregosas, que necessitam de pequenas obras para darem franca rodagem. Passei depois por um pequeno ribeirão, chamado do — Pousinho — onde havia outro grupo de trabalhadores, tratando de alguns reparos da estrada. Passa-se depois por um outro ribeirão, por varias pequenas vertentes, por algumas ladeiras, que mediante pequenas excavações se prestam á rodagem, e chega-se no fim de oito mil e seiscentas braças de caminho, á colonia militar do Jatahy, situada á margem direita do rio Tibagy, onde terminei a minha viagem terrestre na provincia do Paraná, tendo caminhado n'aquelle dia vinte duas mil e setecentas braças cor-

rentes. Uma legua antes da colonia a estrada estava muito cerrada ; porém é muito provavel, senão certo, estar sensivelmente reparada uma parte da estrada, tão importante.

Sempre houve grande falta de caça na minha viagem ; mas não acho motivo sufficiente para concluir, que não existe ella em abundancia, na estrada do sertão, como me asseveram os praticos ; já porque não internei-me na mata para caçar, já porque atravessei o sertão em tempo de muita chuva, tempo em que vive ella acoutada no centro da floresta : e mesmo porque não costuma a caça habitar a beira das estradas, onde a frequencia do transito é bastante para espantal-a. O boato sobre a existencia de féras e indios ferozes, tambem não foi por mim verificado, na estrada do sertão, mas creio que tendo sido elle real no começo da frequencia da dita estrada, hoje, se não é fabuloso, é completamente infundado. Um só individuo tem viajado sempre incolume, a estrada do sertão ! A distancia total de S. Jeronymo ao Jatahy é de quarenta e uma mil e dez braças.

A colonia militar do Jatahy, situada em uma localidade muito saudavel, goza do privilegio de serem as suas terras de uma demasiada fertilidade. Produz quasi todas as fructas dos lugares quentes, e algumas dos climas frios ; todos os cereaes do Brasil, e grande numero de leguminosas e de herbaceas. A canna —assucar— e o café produzem maravilhosamente. Além do arroz, milho, feijão e mandioca, possue bonitas plantações de batatas, amendoim e de uma variedade de abobora, chamada—Morango— com que se alimentam em grande parte, os indigenas do Paraná.

Fronteiro á colonia do Jatahy está o aldêamento de S. Pedro de Alcantara, em identicas, se não em superiores condições de fertilidade e salubridade, que a colonia militar em discussão.

E' sobremodo lamentavel que a defeituosa organização da

dita colonia militar lhe não tenha permittido apresentar os bellos resultados, que d'ella se devia esperar; resultados de grande importancia tanto para a colonização, catechése e aldêamento dos indigenas da provincia do Paraná, como para a nossa fronteira do Baixo-Paraguay, a quem deve ella prestar grandes serviços, uma vez que a sua producção, com a do aldêamento de S. Pedro de Alcantara, e a da colonia indigena do Pirapó, chegue para o abastecimento das tropas, que, por alli, tiverem de seguir para a provincia de Mato-Grosso, bem como para a exportação para alguns pontos da mesma provincia, tão faltos de recursos de generos alimenticios; e onde a vida, além de muito difficil, é muito dispendiosa! Reconhecendo não poder aqui dar todo o desenvolvimento a esta questão de colonia do Jatahy, apresento, sobre tal assumpto, algumas considerações em meu relatorio, dando-lhe porém o justo apreço n'uma carta official, que peço licença a V. Ex. para dirigir ao Exm. Sr. conselheiro director geral das terras publicas do imperio, já por satisfazer a seu pedido, que teve elle a bondade de fazer-me, como tambem porque, entendo, que a execução da lei de terras é sem a menor duvida, uma poderosa alavanca para a prosperidade do dito lugar.

Havendo terminado o meu itinerario da viagem terrestre, passo sobre elle a dar algumas explicações, que associadas ás poucas considerações, que vou fazer sobre a minha viagem fluvial, possam ministrar a V. Ex. alguns dados, ainda que fracos, com os quaes V. Ex. resolverá, como julgar em sua sabedoria, antes de receber o meu relatorio, sobre a adopção ou rejeição da estrada, de cuja exploração fui encarregado.

Tendo asseverado a V. Ex. que a estrada que percorri não é de rodagem, tenho apenas affirmado, que não é ella uma estrada normal, por onde possa subir um carro a trote do animal, nem por onde possa em sua totalidade, transitar um carro carregado, movido pela força muscular dos animaes,

empregados n'aquelle serviço. Ao passo que se não presta ella a uma rodagem regular, póde comtudo servir a aquelle mister, uma vez que o braço do homem, nos lugares de mais difficil accesso, allivie o carro de grande parte de suas cargas. Ainda que o custo de um tal meio de transporte seja muito consideravel; todavia era mister confessar o facto, não só para se ficar sabendo o modo por que se transporta em carros na provincia do Paraná, como tambem porque, a querer ter o governo semelhante trabalho, podem ser transportados de Antonina ao Jatahy, por tal processo, todos os artigos bellicos.

A querer o governo mandar cargas para a provincia de Mato-Grosso, pela do Paraná, o que me parece mais acertado é fazel-as seguir em costas de animaes, desde que os pesos não excederem sete arrobas, distribuidos em volumes taes, que nunca excedam em comprimento ao proprio cargueiro. Os canhões podem ser transportados com mais custo: mas pouco soffrerão na viagem, se já partirem do arsenal da côrte, sobre pequenos rodetes.

Cabe-me agora ponderar, que uma estrada de pouco mais de oitenta leguas, que atravessa duas cidades, sem contar a de Antonina; uma villa, duas freguezias, grande numero de fazendas de criação de gado, e de lavoura; contando dois terços de sua extensão em campos, e na parte montuosa um quarto apenas, que se não presta a rodagem, e completamente pacifica na zona do sertão, nem inspira horror, e antes dá motivos a bem fundada sympathia. O sertão do Jatahy, que está dividido em dois lanços, tem o seu primeiro entre as fazendas dos Agudos e de S. Jeronymo, que podem prestar regulares auxilios; e o segundo entre a ultima fazenda e a colonia militar do mesmo nome do sertão. No instante em que se estabelecerem dois moradores em cada lanço do sertão, o que facilmente se póde conseguir, póde-se tambem dizer que ha recursos em toda a extensão da estrada, porque a

fertilidade d'aquella zona basta para garantil-os abundantemente. Então acabada a solidão do caminho, haverá concurrencia para o Jatahy, onde se deixará de sentir a penuria, ora alli existente. Militarizar a colonia do Jatahy, é, quanto a mim, o meio mais facil, prompto, seguro e economico de conseguir-se todas as vantagens, que se deve esperar d'aquella importante posição.

Pelo lado da viagem fluvial tenho a declarar a V. Ex. que foi ella feita do porto da colonia acima referida ao do—Barbosa,—no—Brilhante,—em vinte e sete dias dos quaes, apenas andei duzentas e dezesete horas 43', 30'', do seguinte modo: 10 horas 20' até a foz do Tibagy; 12 horas 15', 30'' da foz do Tibagy á colonia, nominalmente indigena, do Pirapó, situada á margem esquerda do rio Paranapanema, perto da confluencia, n'este ultimo rio, do que denomina a mesma colonia; 15 horas 52' 30'' até a foz do Paranapanema; 4 horas 26' no Paraná; 4 horas 59' no Sambambaia; 66 horas 32' no Ivinhema até a foz do rio—Vaccaria,—onde existem fazendas de criação e de lavoura, e 108 horas 19' 20'' no—Brilhante, até o fim da viagem: o que dá para o total do tempo em movimento, nos diversos rios citados nove dias 1 hora 43' 30''.

Dos vinte e sete dias gastos, vinte e quatro se empregaram até a fazenda das—Sete-Voltas—de cujo porto, se augmenta apenas de pouco mais de quatro leguas a estrada do varadouro poupando-se porém tres dias de viagem fluvial. O tempo de minha viagem de rio, já bastante reduzido, póde ainda ser consideravelmente diminuido, desde que o Ivinhema e o Brilhante offerecerem mais favoraveis condições de navegabilidade, do que na época de minha passagem, ou quando, a permanecerem ellas taes quaes as encontrei, se applicar maior força nos remos, do que se deu na minha viagem, cujos remadores eram fracos, ou quando se quizer fazer uma viagem puchada.

A viagem foi feita com o mais feliz successo; houve sempre a melhor ordem, abundancia de viveres, e muito boa disposição na camaradagem, que me acompanhou.

Todos os rios que percorri são geralmente saudaveis, piscosos, abundantes de caça, e abrigados de ventanias, salvo na travessía do Paraná e em alguns descampados do Brilhante, onde ha sempre lugares abrigados; sendo todos elles isentos de ataques dos gentios.

As pranchas nunca bateram; e havia no lugar mais raso, quatro palmos afogados. Amortecida em parte a impetuosidade das corredeiras mais celebres dos ditos rios, e muitas outras sem darem o menor indicio de sua existencia, tive quasi franca viagem fluvial. Ainda que nos tempos seccos seja necessario alliviar a carga de algumas pranchas em certas corredeiras, não ha comtudo necessidade de varadouro, o que já é uma grande vantagem. Se na época de minha viagem as condições de navegabilidade dos rios acima referidos, offereciam vantagens á navegação do Tibagy e do Ivinhema; uma das mais importantes, que lhe descubro, é a de se poder navegar pelos —Dourados,— distante dois dias de viagem da —Vaccaria,— e que tem parte de seu curso no mesmo parallelo, que o rio—Apa. O varadouro, que então se fizer entre os dois ultimos rios mencionados, sendo mais curto, do que o ora existente entre o Brilhante e o Nioac, diminuindo consideravelmente a despeza de transporte, muito concorrerá para a prosperidade do Apa, cujos campos passam pelos melhores de —terra-abaixo. O varadouro do Nioac, mediante tres pequenas pontes de madeira e tres pequenos aterros, torna-se uma naturalissima estrada de rodagem, traçada n'um campo de uma rara e prodigiosa belleza, e tão rico de caça, que a exposição póde parecer fabulosa a quem não conhecel-o! Na serra de Maracajú, por onde transitam carros, é preciso alguma excavação, para ser a estrada de franca rodagem.

A viagem que fiz aos rios Nioac e Mondego, foi tambem feliz; batendo apenas uma vez a canôa n'um corredeira do primeiro. Gastei cinco dias do destacamento de Nioac á villa de Miranda, consumindo menos da terça parte dos homens na totalidade da marcha.

Tendo apresentado um resumo de minha viagem, vou terminar este itinerario com uma ligeira consideração sobre as outras estradas de Mato-Grosso, que se utilisam dos rios do interior da mesma provincia, sem fallar na viagem pela cidade da Constituição ou Piracicaba e pelo Tieté, e por uma observação sobre a estrada do Paraná, sendo apenas applicavel ao caso de por ella se transportarem cargas para a fronteira do Paraguay.

Duas são as estradas conhecidas, que gozam das condições, que acabo de estipular. A primeira é a do Piquiry, que na provincia de S. Paulo tem quasi duzentas leguas de extensão, que atravessa um varadouro, para conseguir o rio do mesmo nome, rio que, como o S. Lourenço, se viaja para chegar ao Paraguay. Ninguem desconhece, que quando [illegible] dos ejam os transportes por terra, que elles são sempre superiores ao dobro do valor do transporte fluvial. Ora, sendo a dita estrada duas vezes e tanto mais longa que a do Jatahy, sem ter talvez os recursos d'aquella, duas vezes e tanto maior deve ser a despeza feita com os transportes pelo Piquiry, sem contar com as difficuldades, que naturalmente hão de crescer na proporção de seu comprimento. As despezas com a viagem fluvial pelos rios Piquiry, S. Lourenço e Paraguay, podem ser um pouco menores do que as feitas com a do Tibagy e Brilhante; porém não tanto que compense o grande excesso de dispendio da viagem terrestre. Se pelo lado economico vantagens não apresenta a estrada do Piquiry, que possa ser preferida a do Jatahy: pelo lado da extensão póde aquella estrada ser rejeitada, quando se considera, que as munições

de guerra devem tambem servir as fortificações do Apa, fortificações que necessariamente se devem fazer ou para as eventualidades de uma guerra, ou para a segurança e bem estar na paz. Se os artigos bellicos tambem devem servir no Apa, porque não devem ser elles transportados pelo Ivinhema e pelos Dourados; e para Coimbra pelos rios Nioac e Mondego, cuja viagem é sempre de rodada? Pois será mais difficil subir o Ivinhema e o Brilhante para chegar-se ao Apa e a Coimbra, do que subir o Aquidauane, o Mondego e o Nioac para se transportar de Coimbra ao Apa? O desenvolvimento dos ultimos rios é, com a auctoridade competente da sciencia, muito maior do que o dos primeiros; além de não haver no Ivinhema e Brilhante corredeiras, como existem no Mondego e no Nioac, terriveis contrarios a vencer na subida dos rios. Julgo, portanto, que não ha vantagens na estrada do Piquiry, quando terminar a viagem em Coimbra; e me parece até dever ser rejeitada, quando se considera a fronteira do Apa.

A outra estrada é a de Sant'Anna do Parnahyba, ou antes, uma picada, quasi sem recursos, e que por muito tempo esteve, e continúa a estar abandonada. Porém, admittindo que a estrada do Parnahyba tem os mesmos recursos da do Jatahy, não lhe descubro vantagens sobre esta; porque a sua extensão por terra é quasi o dobro da do Jatahy, o que já apresenta proximamente uma despeza dupla da que, por esta effectivamente tem lugar; ao passo que atravessa-se o Paraná, viaja-se o Sucuriú, passa-se pelo varadouro de Camapoan; chegando-se a Miranda com mais cento e cincoenta leguas, a partir de Sant'Anna do Parnahyba. Se considera-se a Villa de Miranda, como extremidade da estrada, quando não seja mais longa a estrada do Parnahyba, é pelo menos muito mais dispendiosa, por ser feita, quasi toda a viagem por terra; mas se termina a estrada ou em Coimbra ou no Apa, tem a estrada

do Jatahy, grande preferencia pelo lado do Apa; sendo tambem menos dispendiosa para Coimbra. Não acho tambem razões para ser apresentada a estrada de Sant'Anna do Parnahyba, como uma excellente via de communicação!

V. Ex. escolherá a que julgar mais acertado; mas no caso de ordenar V. Ex. a remessa de cargas pela provincia do Paraná, tomo a liberdade de observar, que devem ellas partir da côrte, bem acondicionadas, de modo que se achem em Antonina, até o fim do mez de Março, época em que pódem, até o mez de Setembro, ser transportadas para o Jatahy, por darem váo todos os rios, que cortam a estrada; e descerem o o Tibagy quando as aguas derem franca passagem nas corredeiras. D'esta arte ha seis mezes de viagem fluvial, sem os incommodos, que a tornam desagradavel nos tempos seccos: navegação que assignalará uma nova era de progresso para o nosso paiz.

Villa de Miranda, 13 de Março de 1858.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra. — *Epiphanio Candido de Sousa Pitanga*, 1° tenente de engenheiros.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

4.º TRIMESTRE DE 1863.

HISTORIA DA REPUBLICA JESUITICA DO PARAGUAY

desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, anno de 1861,

PELO

CONEGO JOÃO PEDRO GAY,

Vigario de S. Borja nas missões brazileiras.

(CONTINUAÇÃO.)

CAPITULO XV.

GOVERNO DOS HESPANHÓES NAS MISSÕES JESUITICAS DESDE A SAHIDA DOS JESUITAS ATÉ A CONQUISTA DAS MISSÕES ORIENTAES DO URUGUAY PELOS PORTUGUEZES EM 1801.

DEPOIS da sahida dos jesuitas da provincia do Paraguay, o governo hespanhol concentrou em uma só mão a jurisdicção de toda a provincia de Missões.

O governador residia na Candelaria e tinha debaixo de suas ordens um tenente governador por cada um dos sete departamentos em que se dividiu o territorio inteiro. Este tenente governador era sempre um official de tropa de linha ou de milicias.

Os sete departamentos de Missões foram os seguintes :

1.° S. Miguel, comprehendendo S. Nicolau, S. Luiz, S. Lourenço, S. João, e S. Angelo.

2.° Iapejû, comprehendendo a Cruz, S. Borja, e S. Thomé.

3.° Apostolos, comprehendendo S. Carlos, S. José, Martyres, Conceição, Santa Maria maior, e S. Francisco Xavier.

4.° Candelaria, comprehendendo Santa Anna, Lorêto, S. Ignacio-miri, e Corpus.

5.° Itapûa, comprehendendo Trindade, Jesus, e S. Cosme.

6.° Santa Rosa, comprehendendo Santa Maria da Fé, S. Ignacio-guaçú, e Santiago.

7.° S. Estanisláo, comprehendendo S. Joaquim, e Belem.

Esta divisão era conforme a divisão topographica dos povos.

Quando em 1770 se creou o vice-reinado do rio da Prata, o governador da provincia de Missões ficou directamente debaixo das ordens do vice-rei que residia em Buenos-Ayres. Fizeram-se depois varias modificações á esta divisão. No tempo do tenente governador Doblas, os onze povos do Paraguay e os cinco da costa meridional do Paraná dependiam do bispado da Assumpção, (são os dezeseis povos que até agora são considerados como pertencentes ao Paraguay) e os outros dezesete pertenciam ao bispado de Buenos-Ayres (38).

Padres franciscanos, dominicos e das mercês foram encarregados do espiritual das Missões, e repartidos dois em cada povo, um como vigario e outro como coadjuctor.

Estiveram substituindo em tudo aos jesuitas, mas desde o principio não estando bem determinadas suas attribuições, houve entre elles e os administradores seculares uma completa desorganização.

Os indios continuaram á viver em communidade. Tinha-se conhecido que o melhor meio de os fazer trabalhar e de prover as suas necessidades era seguir o methodo dos jesuitas. Unicamente se fizeram algumas modificações. Os gua-

ranis trabalhavam então uma semana para a communidade e uma semana para si. Continuaram a ir por destacamentos aos hervaes e a cuidar das estancias. A communidade dava a cada familia rações de carne, herva, sal, e certa quantidade de covados de algodão para vestuario. Elles deviam se proporcionar o resto. As indias em geral se occupavam a fiar, e castigava-se com açoutes as que não cumpriam com sua tarefa. Trataremos por extenso d'esta materia no capitulo seguinte.

Pelo que diz respeito á capitação imposta desde mais de um seculo pelo vice-rei do Perú Salvatierra em 1649 e confirmada por cedula real de 1661, continuou estabelecida. Era de um peso forte por cabeça e deviam pagar-lh'a todos os indios varões de 18 á 50 annos, exceptuando os caciques e seu filho mais velho, e os doze membros do cabildo, ou municipalidade.

O cabildo existia no tempo dos jesuitas, porém foi augmentado posteriormente. Compunha-se de indios exclusivamente com os titulos seguintes : um corregedor, um tenente corregedor, dois alcaides, quatro assessores, um alcaide da irmandade, um aguazil-mór, dois mordomos e dois secretarios. Exceptuando os dois primeiros empregos, todos os outros eram amoviveis e cada membro do cabildo podia designar seu successor para o anno seguinte. Sua nomeação era submettida á approvação do governador da provincia que residia em Candelaria. As funcções dos caciques eram puramente militares, dava-se-lhe tambem o tratamento de alferes-real, pois elles conservavam sempre certo numero de indios debaixo de armas tanto para fazer a policia, como para precaver qualquer caso imprevisto. Além d'estes funccionarios indigenas e dos padres havia nos povos, um administrador hespanhól, um mestre de escola, e ás vezes um medico. O administrador era encarregado de dirigir os trabalhos, de fazer pôr em armazens os productos, e de entender-se directamente com o intendente geral das Missões que residia em Buenos-Ayres. Este emprego tinha sido

creado depois da expulsão dos jesuitas para centralizar a cobrança dos lucros que se suppunha estes estabelecimentos haviam de dar. Este intendente recebia os productos que lhe mandavam os collectores particulares em barcos pertencentes aos povos. Eram sempre herva, tabaco, algodão, mel de canna, couros, cerda, graixa, &c., &c., &c., e devia os negociar, e do producto da venda deduzir a capitação, o dizimo que era de cem pesos para cada povo, a congrua dos vigarios, os ordenados dos administradores que eram de quatrocentos á seiscentos pesos annuaes, e comprar alguns objectos de importação indispensaveis, e entregar o resto á fazenda real. Deve-se entender que empregos d'esta natureza que permittiam a concessão com tanta facilidade, haviam de ser mui procurados. A fazenda real recebia pouco apesar das ordens e reclamações do gabinete de Madrid. O mesmo faziam os administradores particulares com o intendente geral. Sem embargo não se perdoava aos indios.

Se bem que se tivesse conservado algumas das antigas instituições jesuiticas que lhes agradavam, como o despertar-se ao toque do tambor, a missa com musica, a marcha ao trabalho com musicos, não se lhes prodigalizavam as attenções que lhes davam os padres da companhia. Governados com dureza, obrigados algumas vezes a um trabalho forçado prejudicial á sua saude, desgostaram-se bem depressa d'este novo regimen e foram fugindo pouco a pouco de seus povos.

Os administradores abusaram as vezes da sua auctoridade inflingindo grandes castigos, suas familias tomavam os meninos como criados ou os mandavam de mimo a seus parentes ou amigos de Buenos-Ayres e de Montevidéo. As rações de viveres eram de má qualidade e as vezes insufficientes. Os templos tão magnificos em outro tempo, os collegios, as casas dos indios principiavam a cahir em ruinas e não se reparavam:

emfim as Missões jesuiticas marchavam rapidamente para sua decadencia.

Os agentes do governo hespanhol, principiando pelos governadores, não consideravam seus empregos senão como um meio de enriquecer-se, e não cuidavam em geral senão de approveitar o que existia, sem tratar de augmentar a prosperidade do paiz, e em consequencia com suas depredações destruiram os estabelecimentos confiados a seu cuidado.

Citarei um exemplo extrahido do *Ensaio historico sobre la Revolucion del Paraguay*. O povo de Santa Rosa, elle só possuia no tempo da expulsão dos jesuitas em 1768, mais de oitenta mil vaccas, das quaes apenas subsistiam dez mil na epoca da independencia em 1810. Estava tão ricamente adornada a igreja d'esta missão, que depois de ter sido successivamente despojada por um vice-rei de Buenos-Ayres, por varios governadores do Paraguay e alguns administradores, ainda depois o dictador Francia, mandou tirar d'ella ornamentos de ouro e de prata, e assim mesmo ella é até hoje ainda o mais rico e mais formoso templo do Paraguay.

CAPITULO XVI.

ADMINISTRAÇÃO DOS POVOS DEPOIS DA EXPULSÃO DOS JESUITAS, CAUSAS DO ABORRECIMENTO DOS INDIOS PELAS COMMUNIDADES EM TODAS AS MISSÕES.

Estabelecido o governo da maneira que acima explicamos, foram collocados ao principio para administradores os homens que a sorte deparou. Eram de pouca habilidade e de nenhuma experiencia para dirigir os indios. Estes habituados a se não moverem sem serem mandados, ficaram na inacção, sem nada fazerem ou nada mais que trazerem gados das estancias para comerem. D'este modo em poucos annos dissiparam e consu

miram todo o que havia nos povos e nas estancias sem pensar em trabalhar e restituir o que consumiam. A isto se accrescentou as epidemias das bexigas e do sarampo que causaram a desolação dos povos, deixando-os sem indios e sem haveres.

Pelos annos de 1773 e 74 estiveram os povos na ultima miseria. Mui poucos povos tinham ainda algum gado. Os armazens estavam vasios, as chacaras arruinadas, as plantações de algodão destruidas, não existia nada para prover a subsistencia dos indios. Conhecendo então o governo este grande damno e prejuizo, tratou de mudar estes administradores inuteis, pondo o maior empenho no restabelecimento das estancias, e se adoptaram todos os meios que pareceram melhores para tornar a pôr os povos em mediania. Como a experiencia tinha dado a conhecer a incapacidade dos indios e sua propensão a tudo gastar sem trabalhar, foi preciso que o governo ampliasse as faculdades dos administradores, subordinando-lhes de certo modo os corregedores e cabildos, para que assim obrigassem os indios ao trabalho e a moderar seus gastos. Porém como desde o principio nada se tinha cuidado, foi preciso attender primeira e quasi unicamente a povoar de gado as estancias.

Assim houve grande descuido sobre os outros objectos que exigem a attenção de um bom governo. Desattendeu-se á reparação e augmento dos edificios, de fórma que as igrejas, os collegios e as casas dos indios se arruinaram. Os hervaes plantados junto dos povos, dos quaes se tirava todo o proveito possivel, sem cuidar de renovar as plantações de arvores, foram se perdendo e envelhecendo. Tratando unicamente do restabelecimento das estancias, houve descuido até de introduzir o asseio nas pessoas e nas casas dos indios, de vigiar que fossem honestos nos seus tratos, e que se lhes subministrasse o necessario para sua subsistencia.

Os indios que olham com indifferença seus proprios bens, como brevemente notaremos, olham com aborrecimento os

bens da communidade, e por conseguinte consideram como se passasem em casas de detenção ou correcção,o tempo que elles empregam em beneficio da communidade. O costume em que foram criados, sua grande sujeição e o medo dos açoutes, são os motivos que os fazem submetter a trabalhar para ella. E assim mesmo custa immenso trabalho reunil-os e conduzil-os as *faenas* ou tarefas. Para cada occupação é preciso nomear um vigiador ou *cuidador*. Ha vigiadores dos tecelões, dos carpinteiros, dos ferreiros, dos cozinheiros, dos sacristães, dos açougueiros, e em fim de todos os officios. O mesmo é mister para os chacareiros e para todos os trabalhos de qualquer especie que seja; e como os vigiadores são indios, é necessario estabelecer outros vigiadores que reparem se os primeiros cumprem com seu dever. Estes segundos cuidadores que ordinariamente são os alcaides e regedores, com pequena differença não merecem mais confiança do que os primeiros; de fórma que se torna necessario que o corregedor cuide, em que todos façam sua obrigação. Assim mesmo acontece muitas vezes que o mesmo administrador deve por si mesmo inspeccionar ao corregedor e a todos os outros, se quer que se faça alguma cousa, e por mais cuidado que elle tenha, nunca se trabalha nem a quarta parte do que se poderia trabalhar.

As tarefas dos povos se reduzem a podar, lavrar e carpir os algodoeiros, recolher o algodão, semear e renovar os mesmos algodoeiros. Estes trabalhos de lavrar, semear e podar são executados pelos indios; mas os de carpir e de recolher o algodão são feitos pelas indias, pelos meninos e meninas. As plantações ou sementeiras de trigo, de milho, de feijão e de toda a sorte de legumes, se verificam na mesma conformidade que o cultivo do algodão. Quando os hervaes estão sazonados se beneficia a herva, para o que cada um conforme póde ou alcançam suas forças é empregado, assim como nas tarefas menores de agricultura. Para estes trabalhos da communidade se destina a

tade do tempo e a outra metade é cedida aos indios para
s lavouras particulares, porém sempre a communidade
ge mais dias para seu serviço, de fórma que apenas fica a
terça parte do tempo para os indios.

As indias se occupam regularmente em fiar para a communidade, e se lhes reparte duas tarefas por semana ou tres quando ha necessidade. Em cada tarefa lhes dão dez onças de algodão em rama, para que entreguem tres onças em fio, e se procura não as tirar d'esta occupação. Quando se deve
ir ou colher algodão, trigo, &c., são designadas para
erviço, senão todas ao menos as mais robustas que não
so embaraçadas ou criando. As que não vão a carpir ocu-
pam-se em fiar.

Os indios de officios como tecelões, carpinteiros, fabricantes
osarios, &c., que se conservam mais por costume do que
utilidade, trabalham em seus officios durante o tempo que
vem fazer para a communidade, e se occupam o resto do
tempo em suas chacaras que devem ter para prover a seu sustento. Os tecelões, unicamente devem permanecer em seus trabalhos em quanto não concluem a peça começada, mas são indemnizados por cinco varas de panno e uma ou mais semanas que lhes deixam livres para trabalharem em suas chacaras, e depois tornam á suas occupações.

Eis o calculo dos trabalhos, rendimentos e despezas de um povo. Calculo feito por D. Gonsalo de Doblas, feito tenente-governador do departamento da Conceição no anno de 1785 e do qual tomamos a mór parte dos promenores d'este capitulo.

Em um povo que tenha trezentos indios de trabalhos e correspondente numero de indias, meninos e meninas, com um administrador de boa conducta, póde em um anno regular recolher os fructos seguintes: oitocentas arrobas de algodão: oitocentas arrobas de herva: cem fanegos (trezentos alqueires) de trigo: duzentos fanegos (seiscentos alqueires) de todas as

especies de grãos inclusive de milho; cincoenta arrobas de tabaco: cincoenta arrobas de mel e quinze mil varas de panno de algodão. A' excepção do panno de algodão, do qual as indias fazem o fio, todo o mais poderia obter-se com vinte e cinco ou trinta piões bem distribuidos e bem dirigidos, sobretudo nos povos de Missões cujos terrenos são extraordinariamente ferteis e que abundam de bois e de todas as providencias que podem facilitar os trabalhos: mas unicamente se trata de passar o tempo. Pôz-se o maior cuidado em restabelecer as estancias que asseguram a subsistencia dos povos, e no espaço de dez annos ellas mudaram quasi inteiramente de face para melhor. A sua melhor administração foi a seguinte: na mais pequena estancia em que não havia a cuidar mais de vinte mil animaes, havia trinta indios que com suas mulheres e filhos faziam um pessoal de mais de setenta pessoas; quando com uma duzia de piões estaria bem servida. Assim consomem cada anno mais de quatrocentas rezes, além das terneiras que roubam que precisamente devem ser muitas, quando a marcação annual nunca excede a sexta parte do gado existente, devendo quando menos a dita marcação ser a quarta parte. Mas como remediar esta desordem? Se se forceja para que os indios das estancias cumpram rigorosamente com seus deveres, elles desertam, como se tem experimentado.

Além d'estas quatrocentas e tantas rezes que annualmente se consomem em cada estancia, eis como se consomem os gados: nos povos cada semana se dá aos indios dois ou tres dias rações de carne segundo sua possibilidade.

Regularmente se mata para cada cem pessoas um touro, e os miudos se distribuem pelos meninos e meninas. Fóra as rezes que se distribuem nos dias de ração, matam-se cada dia uma ou duas rezes para o consumo diario dos curas, administrador, enfermos, corregedor, mordomos, os indios de officio, e em geral os serventes do collegio que são mui

numerosos. Tambem se consomem varias rezes nas tarefas da communidade, pois que regularmente se lhes dá de comer ao meio dia ou na occasião de retirarem-se do trabalho, sobretudo se este trabalho é pesado; de modo que para um povo de trezentos indios de trabalho, se póde calcular o consumo de duas mil rezes annuaes.

Nos povos que estão no seu estado normal, se dá cada anno de vestir aos meninos, meninas, aleijados, velhos, velhas e aos que apparecem em miseravel estado, que não trabalham para si nem para a communidade. Para cujo soccorro e para as mortalhas que tambem se dão, póde regular o consumo de um povo de indios do numero indicado em quatro mil varas de algodão annuaes. Dá-se tambem ração de herva, porém no povo mais numeroso nunca passa de trezentas arrobas a herva distribuida em um anno. Quanto aos outros fructos e objectos pouco disfructam d'elles os indios. O trigo, o tabaco, o mel, o assucar que se beneficia ou se compra, os comestiveis que vem de Buenos-Ayres, comprados com os cabedaes dos indios, todo se gasta na casa principal. O mesmo corregedor, os cabildantes e os enfermos pouca cousa desfructam d'estes objectos.

Ora, sendo assim regulado nos povos que melhor tratam dos indios, calcula-se que todas as despezas que se fazem para seu sustento e vestuario, segundo o preço maximo, não póde exceder a cinco mil pesos annuaes, aos quaes accrescentando aos reaes tributos, dizimos, soldos do administrador e gastos de igrejas, poderá computar-se em oito mil pesos por anno. Um povo de trezentos indios de trabalho poderá ter ao menos mil e duzentas almas entre pequenos e grandes. Sendo que da idade de cinco annos para cima todos trabalham quanto podem, e que os meninos e meninas não tem dias livres, se póde regular oitocentos trabalhadores que empregam a metade do anno em beneficio da communidade

Repartindo entre elles os oito mil pesos de gastos precisos, toca a cada um dez pesos de despeza. Mas em que serviço poderá occupar-se um indio ou india que trabalhando, com uma mediana applicação durante a metade do anno na fertilissima provincia de Missões e que offerece tantas proporções, não produza o seu trabalho quando menos quarenta ou cincoenta pesos durante a metade do anno? Accrescente-se o producto das estancias, que sendo de vinte mil rezes, devem dar annualmente fóra de gastos e custos ao menos tres mil pesos annuaes. Se com estas proporções os povos não prosperam é porque é muita a inacção dos indios ou porque é grande o consumo e desperdicio da casa principal; duas causas, com effeito, que existem produzem tão infeliz resultado.

Acabamos de ver a maneira porque eram governados os povos de Missões, mas nada temos dito ainda dos vexames, das oppressões e violencias que padeciam os indios em consequencia do regimen da communidade a que viviam sujeitos. Vamos agora dizer alguma cousa sobre esta materia de tanta consideração, e para sua maior clareza terei que tomar o fio desde o seu principio.

Posto o governo particular de cada povo á cargo de um administrador secular que cuidasse do temporal, e de religiosos que doutrinassem os indios administrando-lhes os Sacramentos, attendessem á direcção de suas almas, se dividiu o mando que antes estava em uma só pessoa que cuidava do espiritual e do temporal. Estes religiosos como os primeiros administradores foram nomeados conforme se encontraram. Muitos eram moços sem experiencia e sem prudencia. Os indios costumados a obedecer unicamente á seus curas, olhavam com indifferença para as ordens do administrador, e nada faziam sem primeiro consultar ao cura. D'estes principios se originaram graves discordias entre os admi-

nistradores e os curas que contribuiram muito para a ruina dos povos, como se queixa D. Francisco Bruno de Zavala á Sua Magestade Catholica no anno de 1774. Os curas se estabeleceram como donos das casas principaes (collegios) e o mesmo fizeram com as quintas ou pomares e suas fructas; de tudo pretendiam dispôr á seu arbitrio; e como os indios estavam da sua parte, conseguiam tudo o que queriam. Procurou-se dar remedio a estas imprudentes pretenções dos religiosos, porém nada se conseguiu sem occasionar aos indios muitas vexações e incommodidades, porque dispostos sempre a obedecer aos religiosos, que não cessavam de os influir contra os administradores, estes tiveram necessidade de empregar rigor para os sujeitar a seu governo.

Emfim conseguiu-se fazer conhecer aos indios que unicamente nas cousas concernentes a sua salvação deviam obedecer aos religiosos e no demais a seus administradores. Porém nem por isso cessaram as discordias entre administradores e curas, porque como uns e outros viviam na mesma casa e com certa dependencia em suas funcções, nunca se conformavam nas distribuições. Os curas queriam que os indios assistissem todos os dias á missa e ao rosario, as horas que bem lhes parecia e que muitas vezes era intempestiva. Os administradores o impediam umas vezes com razão, outras sem ella, e o que resultava era que o cura mandava açoutar os indios que obedeciam ao administrador, e o administrador os que obedeciam ao cura, e estes castigos se executavam nos miseraveis indios, que não tinham outra culpa senão a de obedecer aquelle que lhes inspirava mais confiança. Os mesmos corregedores e cabildantes não estavam livres d'estas vexações, e muitas vezes viram-se maltratados, pelos curas e administradores sem saberem que partido seguir (pequeno exemplo do que se passa nas *eleições* de nossos dias).

Por motivos menores e particulares se atiçavam cada dia

discordias entre curas e administradores. Os povos tinham obrigação de alimentar os curas, e isso corria á cargo dos administradores que estando inimizados com os curas como ordinariamente succedia, vingavam-se d'elles fazendo-os esperar e dando-lhes o peior e em menor quantidade. Verdade é que nem sempre tinham razão de queixa os curas, que solicitavam a comida com muita abundancia não só para elles e sua gente como para seis ou oito que se lhes costumavam aggregar.

Como nos povos não ha mestres de officio que confeccionem obras feitas para aquelles que as querem comprar, nem se póde ajustar um pião sem dar conta ao administrador, porque todos estão sujeitos á communidade, nem sabem os indios vender o producto do seu trabalho, nem ha onde supprir suas necessidades, se observa o seguinte: se um dos empregados precisa de um par de sapatos, chama o sapateiro dá-lhe os materiaes precisos, e lhe diz; faça-me sapatos, o sapateiro os faz e os traz. Se lhe dão alguma cousa o recebe, e se não lhe dão, retira-se sem nada pedir, o que succede com todos os mestres de outros officios. Se o cura occupa o sapateiro e o administrador tem d'isso conhecimento, immediatamente despacha o sapateiro para as obras da communidade para que elle retarde ou não faça a obra do cura. Este não tarda á saber d'isso e está armada a guerra, e a final de contas quem vem a pagar é o indio ou os indios.

Como nas ordenações se determine que para o serviço da igreja se destinem um sacristão e tres cantores, se pratica o seguinte: ha dois sacristães maiores com tres ou quatro menores e dez ou doze meninos para acolytos, e uma infinidade de musicos. Bem que estes ultimos se occupem em outras cousas, é sem embargo necessario, que fiquem alguns para as occasiões que se podem offerecer. Não estando promptos, ou achando o cura que são poucos os que comparecem,

ha desavença que tende a arruinar o culto divino. Occasiona tambem discussões a pretenção de alguns curas que se julgam auctorizados a occupar todo o dia seus sacristães e acolytos em seu beneficio.

Os bens dos indios são tratados como suas pessoas, distribuindo-se estes com a maior escassez entre os indios necessitados e mesmo enfermos, gastam-se com a maior profusão não sómente com os hespanhóes empregados senão tambem com quantos viajantes chegam e talvez sem motivo nenhum se demoram os dias que querem nos povos, facilitando-se-lhes todas as commodidades que appetecem; o que recebem como uma justiça que se lhes faz, e a não ser assim se mostram queixosos dos administradores que não os tratam como devem, dizem elles, e assim anda apesar das disposições do governo á este respeito.

Ordinariamente se acham empregados um e mais indios para cuidar de cada especie de fructos ou objectos que se beneficiam nos povos; mas é incrivel o que se perde já por incuria dos indios, já pelo abandono dos administradores. Assim é que gastando-se duas mil rezes por anno em um povo, como dissemos acima, se empregam todos os couros em guascas, saccos, etc., quando se poderia por sua venda augmentar os lucros da communidade. O mesmo acontece com o mais. Unicamente para os administradores e religiosos que o povo tem obrigação de alimentar, ha occupados dentro do collegio mais de cincoenta pessoas. Vejamos como. Por um ou dois almudes de trigo que se amassa cada dia, se empregam dois ou tres atafoneiros onde ha atafona, e onde não ha seis pelo menos e quatro ou seis padeiros. Na cozinha o menos que se empregam são seis, e se os religiosos cozinham são outros tantos. Ha dois hortelões, dois aguadeiros, quatro ou mais refeitoreiros e um ou dois cuidadores de cavallos de cada pessoa. Todos estes alternam por semana

com outros tantos, que nem uns, nem outros trabalham para a communidade, porque a semana é livre para elles. Deve-se-lhes accrescentar os meninos serventes. Cada um tem ao menos dois. Além d'isto todos os sabbados cada pessoa do povo tem que trazer um páo para lenha.

Nas festas annuaes dos Santos padroeiros de cada povo se denota tambem com quanta facilidade se dissipam os bens dos indios. Não ha festas d'estas em que não se gaste menos de trezentos á quatrocentos pesos, e os que desfructam menos são os indios á quem unicamente se dá carne com abundancia n'aquelles dias e algum pequeno regalo; mas para os religiosos, administradores e outros hespanhóes que concorrem, assim como para os tenentes governadores e o governador, se assistem, ha exquesitas comidas e regalos finos chamados *tupambaes*.

Outras muitas desgraças e outros prejuizos acompanham os indios em suas pessoas e bens, que se omittem por não serem tão communs como os outros. As mesmas desordens que temos referido não são iguaes em todos os povos; bem que tenham sua origem na communidade, ellas tem tido mais ou menos incremento segundo a direcção dos administradores. Agora porém vou indicar desordens communs á todos os povos e irremediaveis, porque são inseparaveis do estado de communidade a que estão reduzidos.

Os meninos e as meninas durante o regimen hespanhól, foram, como durante o regimen jesuitico de que fallámos no no cap. 11, tirados do poder de seus pais na idade de quatro ou cinco annos. A escolha dos officios que deviam aprender continuou a ser feita não pelos meninos ou por seus pais, mas pelos administradores, e nem se tomou mais precauções, para que as meninas conservassem sua honestidade, deixando-as ir aonde querem sem que os pais que não tem dominio n'ellas as impeçam, de fórma que se prostituem mui

jovens e se entregam a incontinencia, e quando chegam a casar-se já estão relaxadas, e varias até tem perdido a fecundidade com menoscabo consideravel da povoação.

Como em todos os tempos tem sido mui frequente o uso de açoutar os indios, elles tem perdido o medo dos açoutes, tanto os que castigam como os que são castigados ou que presenciam o castigo. Assim se castigam com a maior inhumanidade as crianças quando faltam a qualquer das occupações que lhes são destinadas, acostumando-as d'este modo a soffrer com a maior indifferença os açoutes em qualquer tempo ou idade. Com esta separação dos pais a respeito dos filhos, não tem lugar n'aquelles o carinho com que os pais e as mãis criam seus filhos em todas as outras partes. Ainda que elles vejam maltratar seus filhos, dá-lhes isso pouco cuidado; e da mesma maneira olham os filhos para seus pais, como quem d'elles não necessita ou nada d'elles espera.

Logo que os moços chegam á idade de poder casar-se, não tardam muito para verificar seu casamento; já porque seus pais ou o cura lhes dizem que se casem, já porque os estimulos da concupiscencia os impellem á isso. A mór parte se casam com a mulher que lhes indicam, pois até n'isso tem a vontade tão captiva que não se atrevem a fazer a escolha da que deve ser sua mulher. Como estes casamentos se effectuam sem que da parte dos contrahentes haja precedido a inclinação que une as vontades, se juntam como dois brutos, só com o fim de saciar o appetite da sensualidade. E dispondo a communidade á seu arbitrio das suas pessoas, nunca elles podem conhecer nem disfructar aquellas conveniencias que proporcionam o matrimonio, nem consideral-o como um nó que lhes facilita o cuidar-se mutuamente para sua felicidade e da sua próle. Assim se olham ordinariamente com indifferença até a morte, da qual o consorte sobrevivente não tem sentimento, porque não o priva de nenhu-

ma conveniencia ou de nenhum bem estar. (40) Os indios que fogem ordinariamente levam uma mulher seja qual f r, com a qual passam por casados. Se não levam mulher, procuram casar-se outra vez. Em geral se acham em fuga a oitava parte dos indios de um povo.

Com a mesma indifferença com que tratam os maridos as suas mulheres, estas a seus maridos, e ambos a seus filhos, e estes a seus pais; uns e outros consideram os bens que tem adquirido ou po 'em adquirir, porque estes só lhes podem servir de embaraço e de incommodo e nunca ser para elles de conveniencia. Ponhamos por hypothese um indio de genio activo e laborioso, livre das impressões que a educação tem causado nos outros, e que querendo aproveitar das conveniencias que lhe faci ita o povo dando-lhe terras para semear e bois para lavrar, prepare um grande terreno fertilissimo como geralmente o são todos, que o plante com aquellas sementes que podem produzir muito, que apesar de seus afazeres o cultive com esmero, sosinho sem poder contar com o adjutorio da sua mulher, cujos serviços pertencem á communidade e sem poder conchavar piões que se acham no mesmo caso, e empregando elle mesmo só a metade do tempo n'estes trabalhos, e que por premio da sua act vidade faça uma colheita tres ou quatro vezes maior do que necessita para seu sustento e da sua familia durante um anno. Que fará elle d'estes fructos? Vendel-os? A quem? Aos indios do seu povo ou dos outros povos. Mas que lhe darão em pagamento? Nada tem de seu, e só podem ter alguns fructos semelhantes aos seus. Não os póde levar para fóra da provincia porque os gastos seriam maiores que o valor dos objectos, tem por tanto que deixal-os perder ou distribuil-os pelos necessitados. Conhecendo por experiencia que seu trabalho nada lhe rendeu durante o dito anno, e não consentindo o seu genio que elle fique ocioso, determina semear um bom algodoal, um cannaveal um tabaeal, persuadido que

o algodão, o mel, o assucar e tabaco, lhe darão alguns beneficios. Executa esta resolução, no primeiro anno o algodão e a canna lhe dão pouca cousa, e elle por causa dos serviços da communidade não póde bem cuidar do tabaco, que logo que está maduro requer que não se desampare um instante até seu completo beneficio; de fórma que não recolhe nada delle, ou pouco e máo. No seguinte anno em que elle esperava alcançar maiores beneficios do algodão e da canna, elle é destinado para pião de uma estancia ou para os hervaes, ou para uma outra paragem onde deve demorar-se muito tempo. Tendo que obedecer, abandona tudo, e tudo fica perdido. Elle não póde tão pouco criar animaes, porque não tem tempo para os cuidar nem os póde mandar cuidar por outros. Que fará este indio? Que farão todos os indios? Todos vem e experimentam continuamente o que acabamos de expôr. A resposta é clara. Desanimar, entregar-se á ociosidade ou quando muito plantar o que lhe parece sufficiente para seu sustento e da sua familia durante o anno, ou plantar unicamente para evitar o castigo que é infligido aos que não plantaram; e se o anno é máo de colheita como semeou pouco, para nada lhe serve o que recolhe. Accrescentando á isto as idéas tão mesquinhas que os indios têem de suas pessoas, o pouco conhecimento que têem das commodidades dos que tem bens da fortuna, a falta de ambição de deixar por sua morte heranças á seus filhos, se concluirá que os indios hão de viver em uma continua ociosidade em quanto viverem em communidade.

A repugnancia e opposição que os indios têem á communidade nasce de dois principios. O 1º é inseparavel de toda a communidade de qualquer classe e gente que se compõe. Vemos nas religiões, nos conventos que qualquer de seus membros podendo se escusar da dos actos da communidade, de que não esperam premio, o fazem, emquanto se applicam com gosto aos actos que lhes podem proporcionar

vantagens ou interesses particulares, e para elles o melhor prelado é aquelle que melhor trata da commu idade, mesmo que isso lhes faça falta o depois. O mesmo acontece com os indios que sabendo que da sua applicação só lhes resulta trabalho e não premio, sempre que podem excusar-se com algum pretexto o fazem, e o melhor dia para elles é aquelle em que se gasta parte dos bens communs mesmo que seja com estranhos, por causa da pequena parte que lhes toca. Parecidos aos filhos familias que estão mais contentes no dia, em que seus pais dão uma festa á seus amigos, e que pelo que lhes toca quereriam que todos os dias fossem dias de festa, sem reparar que o que o pai gasta ha de faltar em sua herança. O 2º motivo que faz aborrecer aos indios a communidade, é ver que de todos os objectos e fructos que se recolhem e se guardam, dos mais preciosos só lhes toca o havel-os cultivado e colhido. Elles semeam, cultivam a canna, o tabaco, o trigo, sabem que de Buenos-Ayres vem sal e outros objectos que tanto appetecem, e que tudo se guarda em armazens para nada sahir para elles. A vista do que aborrecêm tudo o que se dirige á bem da communidade. A' todos os homens estimulam dois motivos para obrar bem: a esperança do premio e o medo dos castigos. Estes são os pólos pelos quaes se dirige a recta razão e sobre que se baséa nossa felicidade. Para os indios em communidade não existe senão o pólo do castigo para se estribarem, se este lhes falta, nada se faz e tudo se perde.

E o aborrecimento dos indios pela communidade, da parca assistencia que se lhes dá, dos vexames que justa ou injustamente padecem, resultou, resulta, e resultará o pouco adiantamento para não dizer a decadencia das Missões jesuiticas, qualquer que seja o governo que dirija estas communidades.

CAPITULO XVII.

MISSÕES ORIENTAES DO URUGUAY.

Art. 1.º — Conquista das Missões Orientaes do Uruguay pelos portuguezes. Regimen adoptado pelos conquistadores para o governo das mesmas missões até a invasão de Dom Fructuoso Rivera ou sua destruição.

Não é minha intenção fallar agora dos tratados que tiveram lugar em 13 de Janeiro de 1750 entre suas Magestades Fidelissima e Catholica, pelos quaes Sua Magestade Fidelissima cedia a Sua Magestade Catholica a colonia do Sacramento e Sua Magestade Catholica cedia á Sua Magestade Fidelissima os povos jesuiticos das margens orientaes do Uruguay, dos quaes deviam sahir os missionarios com os seus moveis e effeitos, levando comsigo os indios para os aldêar em outras terras de Hespanha, podendo os referidos indios levar tambem todos os seus bens moveis e semoventes, e as armas, polvora, e munições que tiverem, em cuja fórma deviam-se entregar os povos á corôa de Portugal com todas as suas casas, igrejas, edificios, e a propriedade e posse do terreno. A execução d'este tratado deu lugar a guerras que descreveu o Sr. visconde de S. Leopoldo, no cap. III dos seus Annaes da provincia de S. Pedro.

S. Ex. descreveu tambem a invasão da margem oriental do Uruguay no seu cap. XII, melhor do que eu posso fazer, mas não posso deixar de dizer alguma cousa a respeito.

Os portuguezes sempre alerta e não perdendo de vista seu plano de ha muito formado, e a que tinham direito pelo tratado de 13 de Janeiro de 1750 procuraram a occasião de se vingar da guerra de 1751.

Estavam os indios das Missões descontentes do governo

hespanhól: os indios do povo de S. Lourenço mais expostos ás excursões dos portuguezes que vinham como aventureiros a roubal-os em suas terras, escreveram ao commandante da guarda avançada de S. Pedro, capitão de dragões, Francisco Barreto Pereira Pinto, protestando sinceros desejos de pertencerem á dominação portugueza. Este mandou ao cabo Manoel dos Santos Pedroso, que lhe tinha apparecido com vinte aventureiros, para a guarda castelhana de S. Martinho, que fugiu ao se approximarem os portuguezes.

N'esta conjunctura José Borges do Canto, desertor do regimento de dragões, soldado destemido, se apresentou na guarda de S. Pedro com quinze aventureiros, e dando-lhe mais vinte e cinco homens o commandante da guarda o incumbiu de ir ajudar aos indios de S. Lourenço.

Reuniu-se na estancia de S. Pedro com Pedroso, que tinha sete homens, cavallos e provisões, e caminhou para o lado do povo de S. Miguel, apanhando um bombeiro que lhe declarou que á uma legua do povo de S. Miguel se formava um acampamento de trinta castelhanos e trezentos indios. Pela manhã mandou Canto surprender a guarda avançada do tal acampamento, que elle surprendeu na madrugada do dia seguinte unicamente com trinta e seis companheiros, desbaratando-os, ou antes espantando aos indios que estavam dispostos a coadjuvar á Canto e não de o offender, e os quaes se lhe reuniram. Com este reforço de trezentos indios Canto foi pôr o sitio ao povo de S. Miguel, residencia do tenente-governador d'aquem Uruguay Dom Francisco Rodrigo, e lhe fez intimar que se rendesse. Ao fim de tres dias era extraordinaria a deserção dos indios de S. Miguel para os portuguezes. Cinco dias depois que tinha principiado o sitio, capitulou o tenente-governador, sahindo elle e a guarnição da praça com as honras da guerra, levando a artilheria, armamento e equipagens; mas o cabo portuguez se empenhava principal-

mente em apoderar-se da povoação e dos armazens, nos quaes achou ainda cento e sessenta espingardas nove pistolas, um parque de dez peças de calibre um e tres; cento e noventa lanças, etc., etc. Optima acquisição n'esta circumstancia. Isto se passava em 1[illegible] de Agosto de 18[illegible]1.

Tomado S. Miguel, foi sufficiente que os portuguezes se apresentassem em S. João e em Santo Angelo para tomarem conta d'estes dois povos; assim como do de S. Lourenço.

Chegou n'esta occasião Manoel dos Santos Pedroso com quarenta homens de reforço e marchou a tomar os passos do Uruguay para estorvar os auxilios que tinha promettido o governador geral das Missões, providencia que produziu excellentes resultados, obstando não só a introducção de forças inimigas nas Missões orientaes, como a extradição de alfaias de igreja e outros objectos preciosos que iam em carretas, assim como de varios petrechos de guerra. Entretanto o mesmo Pedroso encontrou com uma deputação dos principaes habitantes do povo de S. Borja, que conduzindo maniatado seu administrador, se tinham declarado a favor de Portugal. Pedroso depois de ter fortificado os passos de Santa Maria, de Santo Isidoro, de S. Lucas e de S. Marcos no rio Uruguay, entrou sem opposição no povo de S. Borja, que foi assaltado na mesma noite da sua entrada pelos inimigos, que batidos pelos portuguezes se retiraram do outro lado do Uruguay. S. Luiz seguiu o exemplo de S. Borja e se submetteu sem resistencia. Apenas um official hespanhól, conhecido pelo nome de Rubio Dulce, fez, como animoso e valente que era, pertinaz resistencia para defender o passo da Cruz, e por duas vezes tentou, porém debalde, reconquistar S. Borja. O tenente de milicias Manoel dos Santos Pedroso (elle tinha sido promovido á este posto pelos seus serviços) por um golpe de mão, depois de ter desbaratado o inimigo no Passo de S. Marcos, se apoderou do povo de S. Nicoláu, onde tomou

tres peças de bronze, sete canôas e varios petrechos de guerra.

Assim se effectuou a união das sete Missões jesuiticas sitas ao Oriente do rio Uruguay ás possessões portuguezas do Brasil, tendo contribuido para isso mais a audacia, bravura e valentia de um punhado de homens do que os tratados dos soberanos reis de Portugal e de Hespanha, que cincoenta annos antes não poderam com seus exercitos combinados, fazer desoccupar estas sete Missões cedidas por Sua Magestade Catholica a Sua Magestade Fidelissima em troca da colonia do Sacramento. Na mesma occasião ou pouco tempo depois os conquistadores portuguezes estenderam para mais longe do lado do sul os limites das Missões orientaes do Uruguay. Posto que os jesuitas tivessem algumas estancias sobre a margem esquerda do rio Ubicuy, e que nas planicies entre este rio e o Quarahim mandassem apanhar gados e animaes cavallares, de que os ditos campos estavam cobertos, especie de negocio que faziam simultaneamente os padres da companhia e seus vizinhos, os charruas e os minuanos, é certo que o Ubicuy era o limite sul das Missões orientaes do Uruguay, mas os conquistadores d'estas Missões foram pouco á pouco sem encontrarem resistencia se apoderando dos campos e terrenos ao sul do Ubicuy, desde este rio até o Arapey, que serviu de limites ás possessões portuguezas e hespanholas até que nas ultimas demarcações feitas entre o imperio do Brasil e a republica Oriental, foi reconhecido por ambas as partes contratantes o rio Quarahim para limites dos dois estados. Em uma d'estas excursões pela costa de Quarahim aonde os conquistadores portuguezes iam ás vezes a exemplo dos padres jesuitas buscar animaes vaccuns e cavallares, pereceu desgraçadamente o capitão José Borges do Canto, principal auctor da conquista, ás mãos dos charruas. Elle e seus companheiros conquistadores tinham sido remunerados por Sua Magestade

Fidelissima, que lhes mandou o titulo do grande rincão chamado de Camacuã, sito entre o rio do mesmo nome, o Uruguay e o rio Piratinim até as estancias que pertenciam aos povos orientaes. O dito rincão de Camacuã, que fórma hoje o terceiro districto do municipio de S. Borja, era antes da conquista, uma ou varias estancias do povo de S. Thomé.

Depois da conquista das sete Missões orientaes do Uruguay pelos portuguezes, os indios n'ellas residentes não melhoraram de sorte; os portuguezes cedendo á necessidade reconhecida, seguiram para a administração d'estas Missões o regimen hespanhól, isto é, o da communidade modificada. Cada homem tinha que trabalhar a metade da semana para o povo, e a outra metade para si. Seguiu-se o systema das rações. Os administradores portuguezes se tratavam com muita grandeza e se mostravam tão ávidos como os hespanhóes.

Os gados dos povos foram roubados, as alfaias mais preciosas das igrejas desappareceram, os filhos dos indios eram enviados para criados em varias partes da capitania do Rio Grande do Sul, quando não engrossavam as fileiras de varios cabos de guerra. A unica medida importante para os indios foi a abolição da capitação.

Na época da conquista dos povos das Missões orientaes, segundo a Corographia Brasilica, sua população era assim repartida.

S. Miguel	habitantes.....	1,950
S. João.....	»	1,600
S. Lourenço	»	960
S. Angelo	»	1,960
S. Luiz	.....	2,350
S. Nicoláu	»	3,040
S. Francisco de Borja.	»	1,300
Total de habitantes		14,010 indios.

Narra o precitado auctor da Corographia Brasilica que depois da conquista das Missões orientaes. ordenou Sua Magestade Fidelissima que a *provincia das sete Missões*, fizesse parte da de São Pedro até que se lhe nomeasse governador ; cujo *titulo de provincia* tenho encontrado em muitos documentos officiosos dado ás sete Missões orientaes, mas que tem sempre continuado a serem governadas pelos governadores, capitães generaes, e presidentes da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul que continuamente tem mandado officiaes ás Missões para os commandar.

O primeiro official portuguez, que veio commandar as Missões orientaes, foi o coronel Joaquim Felix da Fonseca, então sargento-mór da artilharia da côrte. (41) Estes commandantes ao principio residiam no povo de S. Luiz que tinha sido escolhido como um dos mais povoados e dos melhores edificados para capital das Missões orientaes, que o marechal Chagas sendo commandante das Missões transferio depois para o povo de S. Francisco de Borja.

Depois da conquista o governo espiritual das sete Missões orientaes ficou pertencendo ao bispado do Rio de Janeiro, porém ainda se conservaram n'estas igrejas durante alguns annos os religiosos hespanhóes que n'ellas se achavam por não se proverem de sacerdotes portuguezes. Depois que aquelles tiveram ordem de seus prelados de se retirarem para seus conventos, por requisição feita pelos commandantes ao Sr bispo do Rio de Janeiro e ao vigario da vara do Rio Pardo, se mandaram logo sacerdotes para estas igrejas. Porém estes mesmos foram-se retirando de fórma que houve anno em que nos sete povos havia só um frade velho e enfermo ; e isso apesar do zelo de Dom José Caetano da Silva Coutinho, dignissimo bispo do Rio de Janeiro, que em 9 de Fevereiro de 1811, escrevia ao coronel, Chagas commandante da provincia de Missões : « vejo que n'essa remota provincia do Uruguay; e na supor-

« ficie de duas mil leguas quadradas, tenho eu que cuidar « da salvação de mais de oito mil almas de indios guaranis « distribuidos pelas freguezias de S. Luiz Gonzaga, S. Fran- « cisco de Borja, S. Nicolau, S. Miguel S. João Baptista, « S. Lourenço, Santo Angelo, não deixando de me affigir a « noticia de que as duas ultimas freguezias estão sem parocho, « por não haver quem queira aceital-as apesar da sufficiente « congrua de cento e cincoenta mil réis e ração diaria.

E o peior é que eu tambem aqui não acho quem se resolva « a ir para tão distante seara, principalmente por causa do « trabalho e despeza da viagem (42) » Os limites das sete freguezias da provincia de Missões indicados provisoriamente pelo brigadeiro Chagas em 1820 e approvados definitivamente em 8 de Março de 1816 pelo reverendissimo provisor e vigario geral da capitania do Rio Grande do Sul, eram os seguintes:

1° Freguezia de *S. Francisco de Borja;* divide-se pelo norte com a freguezia de S. Nicolau pelo rio Camacuam, pelo sul com o rio Quaraim, fronteira hespanhóla, e pelas vertentes do Ubicuy-miri, pelo leste com a freguezia de S. Luiz demarcando o rio Itú desde a sua barra que faz no Ubicuy-grande correndo a rumo de norte até onde o Camacuam-chico faz confluencia com o da Santa Maria e continuando por este até a entrada do mesmo no dito rio Ubicuy-grande, e pelo oeste com o rio Uruguay.

2° Freguezia de *S. Nicolau:* pelo norte pelo rio Juhy, que divide com a freguezia de S. Angelo, pelo sul com o rio Camacuam e freguezia de S. Borja; pelo leste com a freguezia de S. Luiz pelo arroio que corre á leste da capella de S. Jeronymo, desde o rio Juhy até o rio Piratinim e da parte meridional d'este rio pelas divisas dos campos de Manoel Dias e de Antonio Dias, com a estancia de Itaroquem e outros herões até Camacuam, e pelo oeste com o Uruguay.

3° Freguezia de *S. Luiz Gonzaga:* pelo norte com o Juhy

e freguezia de S. Angelo; pelo sul com o Ubicuy-grande; pelo leste com a freguezia de S. Lourenço demarcando uma legua que ha em meia distancia de um a outro povo correndo de rumo de norte á sul, desde o rio Juhy até o Piratinim, e do lado meridional d'este Piratinim com a freguezia de S. Miguel por um arroio denominado Nhacapetú e pelo rio Jaguary-grande que vai entrar no dito Ubicuy; e pelo oeste com a freguezia de S. Nicolau, e de S. Borja pelos indicados limites das mesmas no rumo de leste.

4° Freguezia de *S. Lourenço:* pelo norte com o rio Juhy; pelo sul com o rio Piratinim; pelo leste com a freguezia de S. Miguel, dividindo o arroio da Santa Barbara, desde o Juhy até o Piratinim; e pelo oeste com a freguezia de S. Luiz pela mencionada lagôa.

5° Freguezia de *S. Miguel:* pelo norte com o rio Juhy e parte com a freguezia de S. João Baptista, dividindo a estrada da coxilha, e principiando no boqueirão, onde encruza a estrada que segue para o dito povo de S. João, á rumo de norte até o dito Juhy, e depois continuam os limites com a dita freguezia de S. João, pela estrada das carretas que vai seguindo para S. Martinho até voltar para o sul ou sud'oeste, pelo campo ou terreno comprehendido entre os rios Jaguary-grande e Toropi até Ubicuy pelo leste o mesmo Toropi com a mesma freguezia de S. João; e pelo oeste com a freguezia de S. Lourenço e de S. Luiz pelas suas respectivas divisões de leste já acima indicadas.

6° Freguezia de *S. João Baptista:* pelo norte os dois rios Juhys e com a freguezia de S. Angelo; pelo sul com as divisões de norte da freguezia de S. Miguel; pelo leste com as vertentes do Jacuhy e serra de S. Martinho; e pelo oeste com a freguezia de S. Miguel desde o Juhy até a encruzilhada da estrada da coxilha e pela mencionada divisão do Toropi.

7° Freguezia de *S. Angelo:* pelo norte e oeste com o

sertão do Uruguay; pelo sul com os dois Juhys; e pelo leste com campos e matos desertos.

Os empregados que tinham estas sete freguezias ou povos, eram além do commandante e administrador geral, um vigario para cada povo percebendo cada um de congrua 150$000 rs. moeda forte; cirurgião percebendo por anno 144$000 rs.; seis administradores percebendo cada um 144$000 rs.; um dito percebendo 240$000 rs.; dois capatazes de estancias percebendo 153$600 rs.; um dito percebendo 307$200 rs.; as casas eram de graça para todos elles.

Além d'estes salarios dos vigarios, dos cirurgiões, administradores, &c., se lhes dava diariamente 16 libras de carne, 1 1/2 libra de pão; mensalmente se lhes dava 16 libras de herva, meia quarta de sal, meio alqueire de milho, meio dito de feijão, arroba e meia de cebo, 1/2 libra de algodão para pavios de velas, 12 libras de assucar, 16 libras de graixa. Se acontecia faltar d'estas cousas nos povos, se lhes dava o importe em dinheiro. Os serventes tambem tinham o seu quinhão. Que o leitor julgue do numero dos indios que estavam occupados a servir, pelos que eram occupados pelos vigarios mesmo depois da conquista. Tinha cada vigario seis ou doze sacristães pequenos, fóra o sacristão-mór, que elle podia occupar á seu bel prazer. Tinha dois piões para o servir em casa, um cozinheiro e um menino ajudante do cozinheiro, uma lavadeira de roupa, um cavalheriço, e um chacareiro porque se lhe facultava uma chacara á sua escolha. E se lhe dava carne com abundancia para toda esta gente!!!!

Entretanto os povos das Missões orientaes iam-se deteriorando e o numero dos indios diminuindo, sendo elles pouco á pouco substituidos por brancos que vinham occupar as suas terras. A invasão que n'ellas fez Andrezito Artigas em 1816, a guerra das Missões occidentaes do Uruguay, nos annos de 1817 e 1818 de que fallaremos em um dos capitulos seguintes

a segunda invasão de Artiguinha em 1819, contribuiram ainda mais á despovoação d'essas Missões Debalde em 1824 o Imperador Dom Pedro I, estabeleceu em S Borja uma mesa de contabilidade de indios e quiz fazer administrar as Missões como uma vasta fazenda, mostrando-se a administração brasileira muito mais paternal para com os indios do que o fôra a administração portugueza e hespanhóla. Debalde se estabeleceu no povo de S. João Baptista uma colonia de allemães que não pôde prosperar e logo se dissolveu, os templos e as casas que se não concertavam iam cahindo em ruinas, as estancias ficavam despovoadas, e diminuia consideravelmente o numero dos indios, que sendo em 1801 de 14.010 como já notámos; de mais de 8.000 em 1811 segundo a carta citada do bispo do Rio de Janeiro, era unicamente de 6.395 indios de ambos os sexos, em 1814, segundo um alistamento que se fez no dito anno e que deu para os sete povos de Missões, uma população de 7.951, repartida assim:

Indios de ambos os sexos	6.395
Habitantes brancos	824
Livres de côr e dos dois sexos	77
Escravos de ambos os sexos.	252
Recem-nascidos no anno.....	403
Total.	7.951

Em 1825 a população indiatica das sete Missões orientaes estava reduzida a 1.847 pessoas de ambos os sexos, segundo um mappa feito pelo administrador geral de Missões com data de 28 de Outubro de 1827, e que mostra não só a população como os estabelecimentos e haveres n'este lugar dos indios no referido anno de 1825, cujo mappa vai appenso por julgar que póde interessar. (43)

A' proporção que diminuia o numero de indios das Missões orientaes, iam-se introduzindo para seu territorio maior numero de habitantes brancos que iam formando novas povoações.

Em 9 de Julho de 1818, o Rev. vigario geral concedia aos moradores de S. Francisco de Assis, filial de S. Luiz, uma provisão para terem uma capella para n'ella se celebrarem os officios divinos, exceptuando quatro festas do anno e as principaes.

Em 19 de Abril de 1820 determinava o mesmo vigario geral, segundo ordens de S. Ex Rvm. que a nova capella de Alegrete e seu districto que era o terreno entre os quatro rios Quarahim, Ibirapuitã, Ubicuhy e Uruguay, fosse contemplada como filial de S Borja.

Em 6 de Julho de 1821, passava o mesmo vigario geral uma provisão a favor dos moradores do districto da Cruz-Alta da freguezia de S. João em Missões para reedificarem a capella de S. Roque no mesmo lugar com a invocação da exaltação de Santa Cruz. E, na mesma data expediu outra provisão elevando a dita capella á capella curada.

Em 25 de Setembro de 1824, o Rev. Sr. conego provisor, vigario geral e visitador Antonio Vieira da Soledade lavrou uma provisão e um despacho creando uma capella nos campos de S Pedro da provincia de Missões, na antiga guarda denominada de S. Martinho da freguezia de S. Miguel com a invocação do apostolo S. Pedro.

Porém estas novas povoações não obstavam a decadencia das sete Missões orientaes que foram totalmente arruinadas pela invasão de D. Fructuoso Rivera, como vamos a ver no capitulo seguinte.

ARTIGO II.

Principaes acontecimentos que tiveram lugar nas Missões brasileiras desde a invasão de D. Fructuoso Rivera em 1828, até nossos dias.

Durante a guerra encarniçada que houve durante tres annos de 1825 á 1828 entre os brasileiros e os orientaes alliados com os argentinos e que acabou pela erecção da Banda Oriental em estado independente, o coronel D. Fructuoso Rivera que se achava ao serviço do Brasil se passou para seus compatriotas.

Estes tanto em Montevideo como em Buenos-Ayres que em uma occasião memoravel o tinham visto se separar do seu chefe o general Artigas, o receberam com certa desconfiança. Em quanto se tomava uma especie de informação sobre sua conducta em Buenos Ayres, Rivera fugiu para Santa Fé, e com o governador d'esta provincia D. Estanislau Lopes com quem tinha antigas relações concertaram uma expedição atrevida, que havia de fazer luzir o patriotismo de Rivera, e dar honra á Lopes, e que era uma operação favoravel ao triumpho das armas argentinas e orientaes e que servia optimamente aos planos secretos de recrutar soldados.

Rivera pois atravessa com ligeireza o Entre-Rios e o sul de Corrientes á frente de cem indios charruas e de sessenta gáuchos. Apresenta-se como a vanguarda do exercito de Santa Fé que o segue, segundo elle mesmo diz, a marchas forçadas; passa o Uruguay em Santa Anna abaixo do Ubicuy.

Uma guarda brasileira de vinte e cinco homens commandados pelo official Boaventura Soares defendia o passo de Mariano Pinto n'este ultimo rio Rivera a rechaça, e se lança precipitadamente sobre as Missões orientaes, (1.) antes que se saiba cousa alguma de sua marcha em Buenos-Ayres e Mon-

tevideo. As negociações que trouxeram a paz tinham principiado. O governo argentino furioso e que anhelava o fim de uma guerra desastrosa, manda ao coronel D. Manoel Oribe para perseguir a Rivera; mas a expedição tinha sido manejada com tanto segredo e com tanta celeridade, que quando a quizeram impedir tudo estava concluido.

O coronel Joaquim Antonio d'Alencastro era commandante da fronteira de Missões e o coronel João José Palmeiro commandava as forças brasileiras que em S. Borja eram de setecentos homens optimamente equipados, fóra os destacamentos parciaes que se achavam nos outros povos. Com a noticia da invasão de D. Fructo Rivera, Alencastro tomou o caminho da Cruz Alta e seguiu para Porto Alegre; Palmeiro com as tropas tomou o mesmo caminho e foi parar do outro lado do Jacuhy em Botucarahy; e o administrador geral dos povos tenente coronel Manoel da Silva Pereira do Lago foi dar ao Passo-Fundo com algumas familias.

Não encontrando pois resistencia alguma da parte das forças brasileiras, nem da parte dos indios que de caracter humano e propenso á doçura, Rivera tratava com brandura, elle á seu bel prazer tomou conta das sete Missões Orientaes.

Incorporou os homens validos á suas tropas, formou das familias um enorme comboy, carregou sessenta e tantas carretas com estatuas de santos, com ornamentos e sinos das igrejas, mandou arrebanhar vinte mil rezes das propriedades dos povos e toda a cavalhada que pôde reunir, e tratou de se retirar, levando parte alliciados, parte forçados a povoação indiatica inteira das sete Missões e carregando tudo o que quiz e pôde. O exercito brasileiro no regresso de D. Fructuoso Rivera composto de um corpo de infantaria, de um corpo de milicias e de algumas tropas de Alegrete, Porto-Alegre e Missões se achava em Alegrete ao mando do general Bento Manoel Ribeiro. Este não incommodou a retirada de Rivera,

sómente depois que este tinha passado alem d'Alegrete tratou de lhe tomar a dianteira em Toropasso, como o fez, deixando a infantaria em Alegrete. Os officiaes e tropas brasileiros ardiam para atacar o caudilho invasor, por causa das mulheres e seus filhos que levava, porque muitos indios missionarios se achavam incorporados ás tropas brasileiras, mas, segundo me tem narrado varios officiaes que se achavam presentes debaixo de cuja responsabilidade faço esta narração, o general brasileiro contentou-se em receber de D. Fructo umas rezes magras de Missões para municio: e pela meia noite mandou marchar de retirada a tropa de Missões que não enxergava aonde ia, dispersou as outras tropas e elle mesmo se retirou para Alegrete, deixando Rivera levar livremente não só os objectos acima referidos dos sete povos de Missões como mais de sessenta mil rezes de fazendeiros brasileiros estabelecidos entre Ubicuy e Quaraim (5). Nos passos d'estes dois rios algumas das carretas que carregavam os sinos se quebraram, e e tes podem se ver ainda no mesmo lugar quando as aguas estão baixas. Uma embarcação que carregava dois dos ditos sinos se virou no Passo dos Curralitos abaixo do Salto no Uruguay os outros chegaram á Montevidéo onde foram distribuidos por varios povos da Campanha. As familias foram accommodadas entre os rios Quaraim e Arapey e com ellas se formaram os povos de Santa Rosa ou Bella União e de Belem.

Quando D. Fructuoso Rivera estava de regresso da sua invasão ás sete Missões Orientaes a paz entre o imperio do Brasil e os governos Argentino e Oriental tinha sido assignada, e como ambas as partes tinham um igual desejo da paz, não se occuparam mais d'este assumpto deixando aos estancieiros do Ubicuy e do Quaraim queixar-se inutilmente da perda de seus gados.

Na mesma epoca a ruina dos estabelecimentos jesuiticos da margem oriental do Uruguay estava consummada.

A' excepção de São Borja, todos os outros povos estavam desertos. Era em fins de 1828.

Rivera fez ás familias de indios que estabeleceu nos povos da Bella-União e Belem a distribuição dos campos comprehendidos entre os rios Quaraim e Arapey pela mór parte já aproveitados por subditos brasileiros. Deve-se notar que muitos d'esses indios ou por inveterados habitos ou por não encontrarem os commodos e vantagens prognosticadas, se evadiram e tornaram ás suas primeiras habitações. Durante a paz, uma parte dos indios que tinham sido soldados iam se reunir á estas familias da Bella-União; mas como se tinham acostumado ás licenças dos acampamentos e aos costumes devastadores dos exercitos d'aquelles tempos, logo este povo veio á ser o flagello da campanha circumvizinha; unidos com os Charruas, roubaram indistinctamente gados aos brasileiros e orientaes, o que motivou varias reclamações do governo do Brasil, e era o centro de grupos á disposição do primeiro caudilho que quizesse perturbar a paz do paiz. O governo de Montevidéo julgou dever mandar tropas contra elles. D. Barnarbé Rivera, irmão do então presidente da republica Oriental D. Fructuoso Rivera foi morto em um d'esses combates. Foi necessario empregar meios mais energicos para acabar com este covil de roubos e de bandidos. No fim de 1832 os ultimos charruas foram exterminados; os guaranis missionarios que lhes estavam reunidos pereceram tambem em parte: e a outra parte foi alistada outra vez ao exercito oriental. As familias de indios que não regressaram para Missões foram levados á capital e distribuidas por casas particulares confundindo-se, pouco á pouco com o resto da povoação.

Quanto aos indios que haviam seguido a fortuna do general Rivera, foram para elle seus soldados os mais fieis e mais addictos em todas as guerras que depois este caudilho teve que sustentar na Banda Oriental, porém mui poucos sobrevi-

veram ás derrotas do Arroyo Grande (Dezembro 1842) e da India-Muerta (Março de 1845.)

Assim acabaram os ultimos indios missioneiros da margem oriental do Uruguay. Desappareceram como grupos de povoação, mas numerosos restos de sua raça ficaram e ficam misturados com os orientaes, entre-rianos, correntinos e rio grandenses com os quaes se vão confundindo todos os dias.

Algumas familias de indios missioneiros que não acompanharam á Rivera ou que regressaram do povo da Bella-União formaram a pequena aldêa de São Vicente debaixo da direcção de um official brasileiro, e ahi cuidavam de uma estancia regular, resto de suas antigas possessões.

Ahi entregando-se tambem um pouco á agricultura, tem passado uma vida mais tranquilla e mais commoda. Tanto é que querendo o general Andréa transferil-os a dez ou doze annos, para o antigo povo de São Luiz elles recusaram fazel-o, e até hoje se conservam satisfeitos na dita aldêa de S. Vicente.

Pelo que diz respeito aos sete povos das Missões orientaes, a serie de desastres porque passaram, os reduziu ao espantoso e misero estado de em 1833 contar apenas entre todos 377 individuos indios, com o patrimonio e moveis de que trata o mappa que vai junto (46).

Das mãos de um administrador particular este patrimonio passou por lei de 3 de Junho de 1833, para a jurisdicção do juiz de orfãos respectivo, porém durante a revolução da provincia do Rio Grande do Sul que durou perto de dez annos, diminuiu ainda mais o numero dos indios missioneiros. Aquelles que eram capazes de pegar em armas eram levados pelas partidas legaes e republicanas que appareciam. Os seus bens moveis desappareceram todos durante este tempo. As propriedades dos indios que não são proprios nacionaes, ou que ainda não se confundiram com o resto da população, se

limitam actualmente á umas pequenas chacaras nas vizinhanças dos extinctos povos, onde plantam algum milho, algumas batatas doces e onde raras vezes tem alguma vacca leiteira. Na mór parte do tempo estão na ociosidade, sobretudo quando as laranjas que abundam em todos os antigos povos estão maduras. Alguns velhos e velhas pedem esmola, porém de uma maneira engenhosa, levando comsigo ordinariamente a imagem de um Santo, e dizendo que pedem esmola para o Santo afim de cumprirem uma promessa.

Durante a invasão de D. Fructuoso Rivera, o honrado capitão Francisco Marques Pereira conseguiu preservar do saque umas quinze arrobas de prata em peças, resto das alfaias de alguns dos povos orientaes.

Ellas ficaram depositadas em poder do administrador particular do povo de São Miguel. Durante a revolução da provincia um empregado da republica mandou-as buscar, e como as não quizessem entregar, enviou uma partida de trinta homens que trouxeram as ditas pratas para o nascente povo de Itaqui.

D'ahi todas ellas ou parte d'ellas foram enviadas para o governo republicano que tinha feito de Caçapava sua capital, onde foi roubada uma caixa que continha 36 ½ libras das ditas pratas, como consta de official inserido no n. 153 do jornal *O Chico*, publicado em Caçapava á 15 de Abril de 1840 (17). [illegible] as alfaias dos sete povos orientaes, [illegible] velhas na villa de S. Borja, que é a unica [illegible] em que constantemente tem [illegible] que ellas passaram por o dominio portuguez e brazileiro e onde ainda se encontram alguns livros parochiaes, tendo completamente *desapparecido as alfaias e livros parochiaes dos seis outros povos.*

Desde o principio da revolução da provincia do Rio Grande

do Sul, o tenente-coronel Manoel dos Santos Loureiro residente em S Borja se declarou para a legalidade, reuniu todos os missioneiros que pôde e foi se juntar ao exercito legal onde se conservou quasi sempre em quanto a revolução durou, com seus irmãos José dos Santos Loureiro, Joaquim dos Santos Loureiro e com a flor dos missioneiros os valentes officiaes Joaquim Rodrigues Lima, Antonio Fernandes Lima, José Joaquim d'Assumpção, Vicente Pereira, José Fabricio da Silva, José de Almeida Santos, José Antonio Guimarães, Vasco José Guimarães, Pedro Geiri, Figueiredo dito Xará, Antonio Cardoso, João da Cunha Silveira, etc.

Outros officiaes não menos briosos acompanharam ao capitão José Corrêa da Silva Guimarães que á testa do esquadrão dos indios de Missões, esteve nas fileiras da legalidade até se concluir a revolução.

D'estes bravos varios succumbiram no campo da honra como os dois irmãos major e capitão Lopes.

Entretanto a republica dominou quasi sempre no territorio de Missões emquanto seus bravos brigavam fóra para a legalidade. Em nome da republica commandaram varios annos em S. Borja o coronel José Ribeiro de Almeida e os tenentes-coroneis Boaventura Soares da Silva e Domingos José da Silveira onde recrutavam quanto podiam para o partido republicano. O capitão Manoel Coelho de Sousa teve o commando da policia republicana em Missões, conservando tudo na melhor ordem, de tal fórma que a julgar pelo que aqui se passava não parecia que houvesse revolução na provincia do Rio Grande do Sul.

Quando os rio grandenses se deram o abraço fraternal da paz no fim da revolução em Março de 1845, as Missões brasileiras das quaes só subsistia a villa de S. Borja principiaram á ser governadas pelo systema geral adoptado pelo governo brasileiro para todas as comarcas do imperio. O governo

imperial nomeou commandantes da fronteira de Missões (48), juiz de direito da comarca, juizes municipaes e de orfãos, delegados, etc. desapparecendo inteiramente todos os vestigios da administração jesuitica.

CAPITULO XVIII

MISSÕES ENTRE OS RIOS PARANÁ E URUGUAY.

ARTIGO I

Principaes acontecimentos que tiveram lugar nos povos jesuiticos entre Uruguay e Paraná desde 1801 *até a prisão e morte do general D. André Artigas.*

Em 1803 D. Bernardo Velasco foi mandado de Hespanha em qualidade de governador da provincia de Missões, com ordem de abolir completamente a communidade. Procurou realisar este plano, porém o descontentamento dos indios acostumados a este regimen e os inconvenientes que encontrou o obrigaram a modificar esta medida. Em 1806, foi elle nomeado governador do Paraguay, conservando o governo provisorio das Missões, sem nunca fazer diligencias para reconquistar as Missões orientaes de Uruguay. Alheios aos grandes acontecimentos que se passavam n'essa epoca na Europa, os habitantes de Missões se conservaram em paz até a conquista da Hespanha pelos francezes e a coroação d'El-Rei José Bonaparte, que produziram uma sensação geral e profunda e occasionaram a manifestação de 25 de Maio em Buenos Ayres, e todas as suas consequencias, a inteira separação das colonias do Prata da sua metropole.

Durante 50 annos que tem corrido desde 1810 até hoje os indios missioneiros tem entrado em todas as guerras que tem desolado o Prata, e seu numero tem diminuido consideravelmente, pois elles tem formado a força principal dos exercitos.

Os differentes caudilhos que se disputavam o poder se disputavam tambem estes grupos de povoação que lhes podiam subministrar soldados. Do socego mais profundo, os guaranis missioneiros, passaram repentinamente á vida agitada dos acampamentos e das batalhas, e sua mansidão se transformou em ferocidade segundo o capricho do chefe que os mandava e á cujas ordens obedeciam cegamente.

Depois de proclamada a independencia dos estados do Rio da Prata, o poder ficou em mãos do sul-americanos os buenos-ayrenses que procuraram buscar apoios, por cujo motivo mandaram um pequeno exercito ao Paraguay debaixo das ordens de Belgrano. Este general sahiu da Bajada do Paraná e caminhou 150 leguas até o passo da Candelaria, achando só dois pontos habitados na provincia de Corrientes que eram Curuzu-Cuatiá e Iaguariti-corá que se compunham de duas dezenas de ranchos. Atravessou as nascentes dos rios Corrientes, Batel e Santa Luzia e os numerosos esteiros banhados das costas occidentaes da Laguna Ibera e chegou depois de immensas fadigas a Candelaria onde pensava passar o Paraná que n'este lugar tem só 800 metros de largura. Candelaria a capital das Missões, estava então com o collegio quasi inhabitavel, com as casas da praça quasi em ruinas e com o templo pouco solido. Em Candelaria Belgrano recebeu um auxilio de duzentos ginetes que lhe mandou o tenente governador de Missões que residia em Japejú. Eram indios estes duzentos homens. Belgrano passou o Paraná e foi batido em Taquarí e em Paraguarí. Sem embargo fez uma capitulação honrosa e tornou a passar o Paraná. Por esta capitulação que foi ratificada pelo governo de Buenos-Ayres, a posse e o territorio dos cinco povos paranaenses, Candelaria, Santa Anna, Loreto, S. Ignacio Mini e Corpus, estavam confirmados ao Paraguay que mandou ahi para governador um tal Martiaura.

Durante quatro annos as Missões estiveram tranquillas;

mas as pretenções de Artigas que pretendia governar o estado Oriental contra a opposição que lhe fazia o governo de Buenos-Ayres, causou agitações em Missões.

Artigas José unido com os de Buenos-Ayres expulsaram os hespanhóes, mas depois de sua expulsão, Artigas proclamou a independencia do estado Oriental de que se fez nomear governador. D. Gervasio Posadas director supremo de Buenos-Ayres ficou furioso contra elle e o declarou fóra da lei, ao que Artigas contesta com hostilidades contra Buenos Ayres. Este perseguido aliás pelos portuguezes, pensou em fazer a guerra de recursos, e de recrutar outros soldados, pois os charruas e minuanos que tinha reunido, principiavam a diminuir consideravelmente de numero.

Então Artigas resolveu-se a intentar uma grande empresa e empregar n'ella os indios das Missões de quem tinha preparado o espirito desde muito tempo. Elle tinha para isso um instrumento maravilhosamente idoneo que era o indio André Tacuarí natural de S. Borja como dizem alguns indios velhos que o conheceram em S. Borja e a sua mãe tambem o qual tendo fugido d'este povo quando Artigas José era capitão commandante do povo de S. Thomé, á elle se aggregou, e depois o considerou como seu filho adoptivo. Effectivamente Andrézito, pois era mais conhecido por este nome, foi acolhido com enthusiasmo por seus compatriotas, reuniu gente sem difficuldade e occupou os cinco povos paranaenses apesar da resistencia que lhe fez Gonzales, governador ahi estabelecido pelo governo de Francia. Ahi tambem encontrou soldados e empregou toda a primeira metade do anno de 1816 em formar um exercito. Quando se julgou bastante forte, formou o projecto de reconquistar as Missões Orientaes, e de fazer uma diversão util a seu pai adoptivo Com este objecto no principio da primavera veio sitiar S. Borja, capital das Missões brasileiras. (No artigo em que se tratar de S. Borja fallaremos d'este sitio.

No dia 3 de Outubro o tenente coronel Abreu veio auxiliar o brigadeiro Chagas que commandava as Missões com 800 soldados veteranos, e Andrézito é derrotado e forçado a repassar o Uruguay perto da fóz que n'elle faz o Butuhy. Entretanto José Artigas sendo batido pelos portuguezes em 4 de Janeiro de 1817 no Passo do Catalan, confluente do Quaraim, pelo marquez de Alegrete passou repentinamente á margem occidental do Uruguay, com o que pôde salvar de suas tropas. Sua intenção era refazer-se em Entre-Rios, Corrientes e nas Missões, onde tinha numerosos partidarios, e onde seu filho adoptivo depois da sua derrota de S. Borja lhe tinha preparado reforços bastante importantes.

O marquez de Alegrete desconfiando de suas intenções, tomou então uma resolução extrema. Elle era governador e capitão general da provincia do Rio Grande do Sul, e o general Chagas estava debaixo de suas ordens. Ordenou á este que passasse immediatamente o rio Uruguay, e que destruisse todos os povos das Missões Occidentaes, e que trouxesse a sua população para a repartir pelas Missões brasileiras.

Nada devia ficar, nem templos, nem habitações, nem capellas, nem estancias, emfim nada do que podesse servir um dia para nucleo de uma povoação.

Com effeito o general Chagas, foi fiel e consciencioso executor d'estas medidas destruidoras e exterminadoras. Em 17 de Janeiro de 1817 passou o rio Uruguay no passo de Itaqui com perto de mil homens de tropa escolhida, e cinco bocas de fogo, tomou o povo da Cruz, que não fez resistencia alguma, pois todos os indios varões tinhão fugido, e ahi estabeleceu seu quartel general.

D'este ponto mandou o major Gama com tresentos homens de cavallaria destruir o povo de Iapejú que tinha sido abandonado por seus habitantes. Gama fez esta operação com descanso, e não deixou subsistir nada d'esta ultima capital das

Missões. Em seu regresso teve algumas guerrilhas com Andrézito, mas foi opportunamente soccorrido por Chagas, e em seguida Chagas e Gama, foram saquear e queimar S. Thomé. A igreja deste povo parecia ser inteiramente nova e ainda não bem acabada. Tendo cumprido esta tarefa se retiraram elles para São Borja. Luiz Carvalho tinha sido encarregado de destruir S. José, Apostolos, Martyres e S. Carlos, e tão fielmente como Gama, cumpriu elle sua missão. Cardoso outro tenente de Chagas, destruiu a Conceição, Santa Maria Maior e S. Xavier. Este ultimo povo não foi assim mesmo tão maltratado como os outros. O general Chagas mandou a cavallaria de que dispunha explorar a campanha e examinar se suas ordens tinhão sido cumpridas. Esta força seguiu toda a costa occidental do Uruguay, e foi até Loreto na costa do Paraná, hostilizando, saqueando e destruindo a ferro e fogo tudo quanto encontrava. « E que actos de horror então se pratica-« ram por esses lugares, diz o auctor da Memoria Historica do « extincto regimento de infantaria de Santa catharina, viu-se « um tenente do regimento guaraní, Luiz Mairá, estrangular « mais de uma criança, e d'isso jactar-se, viu-se a immorali-« dade, o sacrilegio, o roubo, o estupro no seu auge, viu-se « finalmente a religião catholica offendida por todos os lados!!! » Os indios partidarios de Artigas com seus chefes que existiam n'estes povos entre Paraná e Uruguay, acobardados ou pelos revezes que tinhão soffrido em S. Borja quatro mezes antes, ou pela derrota de José Artigas, que poucos dias antes, a 4 de Janeiro, fôra completamente batido no Catalã pelo marquez de Alegrete, fugiram para longe, abandonando á discrição dos invasores todo o territorio das Missões, permittindo-lhes uma plena liberdade de reduzirem á cinzas o seu paiz, e conduzirem suas familias e bens para aquem do Uruguay.

Houve episodios barbaros e sacrilegos n'esta fatal distruição das Missões. Citarei unicamente dois que me são contados

por uma testemunha ocular, brioso e valente official do imperio e excellente cidadão que merece todo o credito.

Em um dos povos, emquanto se lançava fogo ao templo para o queimar, Frei Grabri, cura delle, veio chorando lançar-se aos pés do commandante, supplicando-lhe de poupar o templo de Deus, que elle não poderia sobreviver ao incendio e ruina da sua igreja. Respondeu o commandante, que de proposito não nomeio: « Se você não póde sobreviver á queima do seu templo, entre depressa n'elle, e se queime com elle. »

Um militar fôra entretido a brigar emquanto outros companheiros seus estavam saqueando o altar mór da igreja, e chegando depois que os outros tinham feito sua pilhagem, divisou que não tinha ficado nada no altar mór de que elle podesse lançar mão. Pelo que ficou colerico, mas tendo reparado com muita attenção viu no alto do retabulo do mesmo altar uma estatua de N. Senhora que tinha um par de brincos nas orelhas. Foi ver e principiar a trepar pela escada lateral para ir tomar os brincos da santa imagem, dizendo: « deixem que eu leve os brincos d'esta *garrucha*, de que ella não precisa mais. » Por aquellas paragens dava-se o nome de *garrucha* ás indias velhas. Apenas o individuo pronunciou estas palavras deu-lhe repentinamente uma intensa dôr interna. Em gritos rolou elle da escada abaixo. Apesar de todos os soccorros da arte, este infeliz viveu ainda tres annos sem ter podido obter alivio algum á esta terrivel dôr, que todos consideravam como castigo de Nossa Senhora.

Eis como o general Chagas dava conta da sua missão ao marquez de Alegrete em officio que lhe escreveu de S. Thomé a 13 de Fevereiro de 1817.

« ..... Destruidos e saqueados os sete povos da mar-
« gem occidental do Uruguay; saqueados sómente os povos
« de Apostolos, S. José e S. Carlos: deixando hostilizada e arra-
« sada toda a campanha adjacente aos mesmos povos por espaço

« de cincoenta leguas ; além de que nossa partida de Carvalho
« caminhou mais de oitenta leguas, para perseguir e derrotar
« os insurgentes. Se saqueou e se trouxe d'este lado do rio
« cincoenta arrobas de prata, muitos e ricos ornamentos,
« muitos e bons sinos, tres mil cavallos, igual numero de
« egoas e 1,130$000 réis prata. »

Em outro officio avaliava elle o numero dos inimigos mortos em tres mil cento e noventa, e em trezentos e sessenta o dos prisioneiros. Tinha feito pois uma guerra de exterminio. Dizia tambem ter-lhes tomado cinco canhões, cento e sessenta espingardas, quinze mil cavallos, etc., etc.

Entretanto Francia, dictador do Paraguay não querendo ter motivo de discussão com os portuguezes que ameaçavam os povos jesuiticos da margem oriental do Paraná, e de que estava de posse o governo paraguayo, os fez evacuar e queimar. A população, os objectos preciosos, o gado etc., tudo foi transportado pora a margem direita do Paraná e distribuido pelas reducções visinhas, menos os objectos preciosos que foram levados para a Assumpção, capital do Paraguay. Alguns indios preferiram fugir para os matos, antes que submetter-se a serem transportados. Era em 1817.

Concluidos estes trabalhos o general Chagas com suas forças se tinha retirado d'este lado do Uruguay.

Os despojos como sinos, ornamentos das igrejas e varios objectos foram conduzidos para S. Borja. A prata e os ornamentos mais ricos foram encaixotados e remettidos para Porto Alegre e d'ahi constou que foram enviados para o Rio de Janeiro. Tambem me consta por testemunha presencial que muitos dos ornamentos, foram arrolados no palacio do governo em Porto Alegre, e entregues ao vigario geral, que os fez destribuir pelas parochias que d'elles necessitavam. Em Porto Alegre se recebeu perto de sessenta e cinco arrobas de

prata macissa. Em nota vai a relação da prata e dos objectos que foram remettidos. (...)

Logo que se retiraram os portuguezes, os indios tornáram a visitar as ruinas da sua patria e juraram vingal-a. Andrezito aproveitou-se d'esta exasperação para excital-os mais. Depois de ter procurado em vão com a pouca gente que tinha de resistir ao general Chagas, tinha corrido ao outro lado das Lagunas para buscar reforços, com os quaes tornou a occupar os povos de Missões, e pôz o seu quartel general nas ruinas de Apostolos. Este povo que fôra sómente saqueado, conservava ainda seus edificios, e seu collegio era uma das melhores obras dos jesuitas por aquelles lugares. Avisado o general Chagas dos movimentos do inimigo, e persuadido de que se propunha a hostilizal-o, dispôz-se a procural-o no seu paiz, antes que esperal-o e combatel-o no nosso. Foi com quinhentos homens passar o Uruguay no passo de S. Lucas, e sendo ahi informado do lugar que o inimigo occupava para ahi marchou apesar do frio e das enchentes (era no mez de Julho de 1817) sem estar bem informado do numero de gente que tinha Andrezito, nem do estado das suas fortificações, entendendo (sem duvida confiado em seu grande animo como diz o auctor da Memoria Historica do regimento de Santa Catharina), entendendo que era chegar, ver e vencer. Mas não lhe succedeu assim, por que o inimigo em numero de seiscentos a setecentos homens, bem prevenido e avisado se preparou habilmente para o deixar chegar ver e voltar. Determinado o assalto a infantaria travou um porfiado combate sobre as fortificações do inimigo, pelejando com impeto quando ouviu tocar a retirada. A dificuldade em haver auxilio de prompto, a falta de munições de guerra que se tinham molhado, o frio, a chuva, a magreza dos animaes e a noticia de que um corpo de cavallaria vinha soccorrer os situados, foram motivos que decidiram

ao general Chagas contra a opinião de Gama, a contramarchar pelo mesmo caminho para S. Borja, deixando bem guarnecidos os passos do Uruguay. Senhor então do territorio das Missões entre Uruguay e Paraná, Andrezito reuniu um bom numero de indios, e no anno seguinte appareceu tão ameaçador que o general Chagas julgou dever ir atacal-o. No dia 18 de Março de 1818 com uma divisão de oitocentos homens e duas peças de artilheria, começou no passo de S. Borja a sua passagem para a margem direita do Uruguay (sendo a terceira vez que passava o rio e pisava no territorio das Missões entre Uruguay e Paraná;) e dirigiu-se para o povo de S. Carlos, onde lhe constava achar-se reunido o inimigo que procurava. Com effeito Andrezito ensoberbecido de seu triumpho de Apostolos, se tinha aquartelado em S. Carlos que tinha ainda algum abrigo.

No dia 31 de Março, se apoderou da praça sem resistencia, mas sem d'ella se poder utilizar, porque Andrezito, com seus soldados e suas familias se tinha intrincheirado na igreja e no collegio, e abrindo em toda a extensão das grossas paredes cento e quarenta seteiras, em cujo trabalho foram incansaveis, atiravam muito a seu salvo contra a tropa do general Chagas, sem que podessem receber o menor damno. Andrezito e sua gente eram valentes e activos e estavam resolvidos a venderem caro as suas vidas. Trancaram a porta principal do pateo do collegio, e uma pilha de couros de egoa (que lhe servia tambem de municio) os protegia por dentro. Teve o general portuguez de mandar retirar a tropa aos postos donde sahira, emquanto o intrepido ajudante Manoel José de Mello com vinte soldados destemidos procurava incendiar a porta principal da igreja. No dia dois foi repellida e destroçada a cavallaria inimiga commandada pelo general Aranda que vinha soccorrer os sitiados. As forças que se reuniam em S. Carlos, deviam ir fazer juncção de-

baixo do commando do general Aranda, no ponto combinado com os mais chefes e Artigas para ir surprender a divisão do general Curado no Rincão das Galinhas; mas o ataque inesperado de S. Carlos pelo general Chagas frustrou essa combinação). No dia tres verificou o assalto ao collegio e a igreja. Emquanto uns derribavam o portão do collegio a golpes de machado, outros avançavam e trepavam por uma estreita brecha do muro da quinta aos telhados, ou com escadas feitas com as camas das casas, estendendo a sua linha por cima das cumieiras do edificio, desprezando as balas inimigas que varando as telhas, os vinham ferir, lançavam fogo ao zimborio da igreja, e ao telhado mesmo do collegio, emquanto faziam tambem vivo fogo contra os sitiados que lhes estavam em frente debaixo de uma varanda do pateo.

Um forte vento ateou depressa o incendio que devorava tudo, passando mil perigos os proprios que d'elle foram auctores. Algumas brazas cahiram dentro da igreja, onde havia provisões de polvora; pegou o fogo n'esta, que estalando deu um estrondo horroroso, abalando todo o edificio, matando os mais proximos, queimando a uns, e ferindo a outros. Vendo-se Andrezito e sua gente prestes a serem queimados ou esmagados pelos páos que cahiam do telhado, pelas portas que os machados e canhões acabavam de abrir; fizeram uma sahida desesperada e conseguiram romper a linha portugueza, formada em quadrado na praça, onde muitos foram feridos de morte. Rodeados do fogo e do inimigo os outros capitularam. Trezentas pessoas de ambos os sexos morreram n'este ataque, maltratadas ou queimadas. Trezentos e vinte tres homens entre elles a tenente-coronel Serapio Rodrigues que commandava debaixo das ordens de Aranda ficaram prisioneiros, assim como duzentas e noventa mulheres e crianças. Os prisioneiros foram dirigidos a S. Borja, e no dia 29 de Março o general Chagas mandou destruir tudo o que fi-

cava do povo de S. Carlos. No dia 7 de Abril do mesmo anno 1818 a divisão do general portuguez, foi fazer a mesma operação no povo de Apostolos aonde se tinha refugiado algumas familias; e seguiu para S. Borja pelo passo de S. Lucas, onde deu sepultura ao corpo do valente major Camillo Machado, que tinha succumbido ao ferimento de duas ballas. Alguns dos extraviados se retiraram então para S. Xavier que se achava ainda em estado soffrivel, e donde inquietavam os portuguezes e sobretudo os paraguayos em suas Missões d'este lado do Paraná. Os paraguayos vieram queimar S. Xavier, e não se tendo effectuado inteiramente a queima da primeira vez, ao fim de dois annos vieram queimar todo o povo, não deixando ninguem n'elle á sua retirada.

Andrezito Artigas que se tinha escapado com suas melhores tropas de S. Carlos, onde mostraram intrepidez e bravura, tanto portuguezes como castelhanos, não se acobardou por este desastre. Os indios guaranis, cada vez mais furiosos contra os portuguezes, se lhe tinham inteiramente adherido. D. José Artigas, ajudado do entre-riano Ramires, tinham reunido bom numero de tropas em Entre Rios, e Corrientes e tinha combinado de reunirem as suas forças nas faldas da serra de S. Xavier (n'esta provincia) para tentar um golpe de mão sobre Santa Maria da Boca do Monte, Caxoeira, Rio Pardo e Porto Alegre. Mas fosse qual fosse o motivo, ou que pela difficuldade das communicações Artigas estivesse mal instruido do que fazia Andrezito, ou Andrezito do que fazia Artigas, este retardou as suas marchas, ou mudou de parecer. Andrezito porém seguindo este plano no mez de Março de 1819, com mil seiscentos ou dois mil homens sem ser presentido, passa precipitadamente o Uruguay na cachoeira de S. Izidoro e se apodera do povo portuguez de S. Nicoláo, onde encontra abundantes munições de guerra e alguma artilheria. A noticia da invasão e da tomada de S. Nicoláo,

em S. Borja, onde se achava o general e o grosso da tropa e a mór parte da cavallaria guarani, causou tanto maior surpreza, quanto não era esperada por ninguem, nem mesmo pelo general Chagas. Immediatamente mandou seguir os corpos de que podia dispôr, deu parte da invasão ao conde da Figueira, então governador e capitão general da capitania, e avisou ao coronel José de Abreu, commandante da fronteira de Alegrete. organizou sua divisão e sem perder tempo seguiu para S. Nicoláo, onde chegou de tarde no dia 9 de Maio de 1819. Os indios se tinham entrincheirado na praça, e encerrados nas casas não davam signal da sua presença. Debalde se bombardeou, se fez arrebentar granadas reaes para dentro da praça, e varrer com bala rasa e metralha os bamburraes que encobriam os edificios, tudo era silencio, não parecia haver alli pessoa vivente. O general portuguez suspeitando algum ardil de guerra, demorou o ataque, mas impaciente a tropa, sobretudo a infantaria guiada pelo intrepido tenente-coronel Arouche, se deu o signal do ataque. Apenas a infantaria se embrenhou na espessura e bamburraes, o inimigo descarregou sobre ella um chuveiro de ballas e metralha, e um vivissimo fogo de mosquetaria succedeu ao silencio precedente, cahindo morto nos primeiros tiros o animoso tenente-coronel Arouche. O general Chagas avaliando prudentemente o risco da sua tropa e o funesto resultado da acção se ella se decidisse por Andrezito, mandou tocar a retirada. A infantaria que se achava no maior calor do combate e senhora da trincheira, sempre debaixo de um vivo fogo, se retirou para se reunir á divisão, que não quiz retrogradar sem se apoderar como o fez do cadaver do tenente coronel Arouche. Logo que a divisão portugueza começou a sua retirada, os indios deixando as suas trincheiras carregaram sobre a cavallaria da retaguarda até a distancia de uma milha, onde o general mandou fazer alto, e descarregar sobre

elles a artilheria, sem que perseguissem mais. O general Chagas se retirou á estancia da Palmeira entre os rios Piratinim e Camacuã, para esperar os esforços que tinha pedido ao conde da Figueira e ao coronel Abreu, fazendo no entanto observar os movimentos de Andrezito.

Entretanto Andrezito Artigas ensoberbecido por seu triumpho de S. Nicoláo, deixou n'esse povo seiscentos homens decididos, e com o resto da sua gente avançou pelo territorio das Missões portuguezas na direcção da serra de S. Xavier, procurando de certo fazer juncção com D. José Artigas, que elle suppunha ter penetrado no territorio portuguez. Porém não tendo obtido noticias de seu pai adoptivo e não podendo verificar o plano combinado, regressava elle para S. Nicoláo, quando foi surpreso em Junho, querendo passar o rio Camacuã em Itacuruvi (actual segundo districto do municipio de S. Borja) pelo coronel Abreu, que logo que teve o aviso do general Chagas, marchou com oitocentos homens de Alegrete procurando o inimigo que fugiu em debandada. Entretanto o capitão general conde da Figueira, não menos activo que o coronel Abreu, marchou para Missões com as forças que podéra reunir em Porto Alegre e Rio Pardo, e tendo feito juncção com Chagas em um passo occulto do Piratinim, tres leguas acima do passo geral, (passo de Santa Maria) foi occupar a missão abandonada de S. Luiz, onde esperou alguns dias noticias de Abreu e de Andrezito, contra a opinião do general Chagas que desejava sem perder tempo marchar e cahir sobre S. Nicoláo; prevendo como aconteceu que da demora se aproveitaria o inimigo estacionado para se retirar. Sabendo porém o capitão general da derrota de Andrezito, marchou para S. Nicoláo aonde chegou no mesmo dia em que o inimigo o evacuára, acompanhando os destroços de Artiguinhas e repassando o Uruguay. No passo de S. Lucas, no Uruguay, o sargento Joaquim Antonio S. Thiago, ajudado

do soldado João Bicudo, aprisionaram na sua passagem pelo Uruguay ao general D. André Artigas ou André Tacuari, conhecido pelos nomes de Andrezito e de Artiguinha, que se tinha escapado da refrega de Itacuruvi. Andrezito foi enviado ao Rio de Janeiro onde foi posto em prisão. Ahi poucos mezes depois morreu este general que foi o caudilho que teve mais influencia sobre os indios.

ARTIGO II.

Principaes acontecimentos nas Missões jesuiticas entre Uruguay e Paraguay desde a prisão e morte de Andrezito Artigas até nossos dias.

Apesar do desastre do general Andrezito Artigas, e do seu desapparecimento de Missões, o general D. José Artigas, que acabava de passar dois annos, em Entre-Rios e Corrientes e que por persuasão ou por temor havia reunido bastantes soldados, julgou que podia ainda lutar vantajosamente com os portuguezes que eram senhores da Banda Oriental desde a batalha de Catalã. Porém José Artigas foi por elles completamente batido em Tacuarembó em 22 de Janeiro de 1822, e por cumulo de desgraça para elle, um de seus tenentes D. Fructuoso Rivera se tornou contra elle e o perseguiu até os passos do Uruguay. Refugiado em Entre-Rios com um pequeno numero de soldados que tinham ficado fieis á sua fortuna, José Artigas ahi experimentou a mesma sorte, pois um outro tenente seu Ramires, se levantou contra elle e o bateu com oitocentos soldados.

Ficaram unicamente a Artigas seus fieis indios com os quaes se refugiou ás Missões destruidas da margem direita do Uruguay. Mas o paiz era deserto e sem recursos de qualidade alguma. Resolveu-se então a implorar a hospitalidade do Pa-

ıy. Com mil indios que lhe ficavam apresentou-se em
e da missão paraguaya d'Itapúa sobre a margem esquerda
araná, e mandou pedir ao dictador Francia um asylo para
para sua tropa.

ancia não era amigo de Artigas porque seu tenente An-
to não tinha tido mais consideração para as cinco Missões
araná, dependentes do Paraguay, do que para com as
lependiam de Buenos-Ayres.

ı, com ou sem vontade dos indios e do governo para-
, Andrezito havia recrutado soldados. O que fez determi-
rancia, como já temos dito, a mandar evacuar e queimar
s cinco povos, protestando o direito do Paraguay sobre
territorio das Missões, pois que no tempo da emancipa-
na Hespanha D. Bernardo Vellasco era governador do
ay e das Missões. Além d'isso, Artigas tinha imposto
nes direitos ás embarcações que despachadas na Assump-
avam em frente da cidade de Corrientes. Taes eram
as relações de Francia e de Artigas quando este pediu hospitalidade áquelle.

Francia ordenou que se deixassem entrar os fugitivos, mas que só passasse um certo numero de cada vez no rio Paraná e que se lhes tirasse as armas com cautela. Artigas passou primeiro, e poucos foram os indios que o quizeram acompanhar. Estes acostumados á pilhagem e a indisciplina foram logo apanhados e fuzilados, na primeira desordem que praticaram. Artigas levado a Assumpção não pôde obter uma entrevista do dictador, que o mandou para Curuguaty, povo a oitenta leguas N. O. da capital, e lhe assignou o soldo mensal de trinta e dois pesos. Artigas tinha então 61 annos, e na tranquillidade do retiro se mostrou trabalhador e humano, cultivando suas chacaras, foi o pai dos pobres do seu districto e edificou a todos por sua excellente conducta. O successor de Francia, D. Carlos A. Lopes, deu fim ao desterro de Artigas

permittindo-lhe residir na Assumpção. E em uma chacara de seus arrebaldes viveu elle até 1850, época em que morreu na idada de 90 annos. Ultimamente se mandou trasladar os restos d'este celebre caudilho para Montevidéo, onde vive parte da sua familia. Na capital da republica Oriental se lhe fizeram pomposissimas exequias e se lhe levantou um monumento.

As familias guaranis que sobreviveram, os indios, resto do exercito de Andrezito Artigas, assim como muitos indios da gente de D. José Artigas que recusaram passar o Paraná e acompanhal-o ao Paraguay, foram augmentar as povoações do Brasil, de Corrientes e de Entre-Rios. Alguns indios guaranis sem embargo ficaram no territorio d'essas Missões; porém cansados de serem os instrumentos dos caudilhos se declararam independentes e formaram tres grupos. Em 1817 alguns indios dos cinco povos paranaenses que não tinham querido seguir a Andrezito, nem obedecer a Francia, passando para o Paraguay tinham-se refugiado no mato, mas durante trinta e cinco annos não se ouviu fallar d'elles. Carahipy, indio de S. Thomé, se pôz á testa de um dos tres grupos que acabo de fallar, occupou a serra acima do povo de S. Xavier. Cabañas, indio zambo de Corpus, estabeleceu o segundo grupo perto da capella de Caacarahy (montanha benta) pouco distante dos povos arruinados do Paraná. Emfim o indio Ramoncito collocou seu grupo sobre as costas orientaes da Laguna Ibera. Estes grupos voltaram quasi á vida selvagem, vivendo de caça, de pesca e do gado que podiam roubar aos brasileiros e correntinos. Assim viveram até 1826, época da guerra de Buenos-Ayres e de Montevidéo contra o Brasil. Alguns missioneiros refugiados tinham formado mui pouco tempo antes o povozinho de S. Roquito sobre a margem direita do Mirinay em um departamento correntino. O congresso que se havia reunido em Buenos-Ayres no tempo da presidencia de Riva -

davia, tentou com estes fracos elementos fazer reviver a provincia de Missões, a cujo territorio o Paraguay e Corrientes pretendiam ter direitos. Ainda se nomearam deputados, porém não havia ninguem nos povos destruidos e os Cabildos verdadeiros proprietarios do paiz tinham desapparecido. O coronel Aguirre que residia em S. Roquito como commandante do territorio usou de toda a sua influencia para induzir os tres chefes dos grupos para se reunirem ao exercito nal argentino para brigar contra os brasileiros succes- os portuguezes seus eternos inimigos. Carahipy e Ra- ito consentiram e com sua gente se reuniram ao exer- nacional argentino. Cabañas recusou, mas sua gente se rsou e se misturou com as povoações mais proximas. nto aos indios que se tinham retirado ao mato, aconte- em 1851 que uns paraguayos remontando o rio Paraná do porto de Jesus para os hervaes de Tapuru-Pucu, aram nos galhos do pequeno rio Pira-Pitayn creaturas anas. Como os paraguayos e indios fallavam guarani, lhes foi facil entenderem-se. Os indios de Pira-Pitayn eram indios refugiados dos cinco povos paranaenses que como temos dito, em 1817 não querendo seguir a Andrezito nem ir ao Paraguay haviam remontado cincoenta leguas o rio Paraná, levando alguns viveres, sementes e utensilios de ferro, e haviam desembarcado nas matas do Pira-Pitayn, pequeno rio que desce da cordilheira do Paraguay e desemboca no Paraná, dez leguas abaixo da foz do Iguassú. Celebraram uma alliança com uma tribu selvagem visinha de Guayanas. Sem nenhum animal domestico, limitados a agricultura mais primitiva, estes refugiados principiaram a viver mui quietos; seguindo com muita exactidão as praticas religiosas que tinham aprendido nas Missões, como o baptismo, o matrimonio, as orações e a celebração do domingo. Um indio velho que sabia ler, antigo secretario do Cabildo de Corpus, foi director d'esta sociedade.

Um cacique estava encarregado das funcções militares. Os guayanos adoptaram uma parte de suas praticas religiosas.

Desde 1851 se tem estabelecido algumas relações entre esta colonia e o resto do Paraguay. Estes indios levam herva ao porto de Jesus e a trocam. O governo paraguayo fez abrir uma picada para os pôr em relação mais directa com os povos de Jesus e da Trindade. O cacique actual, Carlos, foi nomeado commandante militar. O total das tribus reunidas sóbe a trezentas familias.

Assim pois em 1826 as quinze Missões, outr'ora tão florecentes, com habitações bellas e elegantes, com templos sumptuosos, estavam completamente arruinadas e destruidas. Iapejú (Santos Reis), Vera Cruz, S. Thomé, S. Carlos, Santos Apostolos, S. Francisco Xavier, Santa Maria Maior, Conceição e Santos Martyres do Japão, afóra algumas capellas. Nove povos tinham sido saqueados, queimados e arrasados pelos portuguezes. O povo de S. José fôra saqueado pelos portuguezes e queimado pelos indios de Andrezito. Os povos da Candelaria, Sant'Anna, Lorêto, Santo Ignacio Mini e Corpus, na costa do Paraná, foram tambem saqueados e abandonados, e depois queimados e arrasados pelos paraguayos ou pelos mesmos indios, e não havia mais n'elles, um habitante d'estes numerosos indios que dez annos antes n'elles viviam. O territorio mesmo todo d'estas missões, tinha sido por elles evacuado como acima referimos.

Depois da quéda de D. José Artigas e de seu successor Ramires, que no mesmo anno 1822 succumbiu em uma guerra contra Santa Fé, o dictador Francia quiz segurar o territorio das ditas Missões e ter como sua chave em suas mãos. Por isso quinze leguas á Oeste de Itapûa sobre a margem esquerda do rio Paraná, escolheu um lugar nomeado antigamente Tronqueira de S. Miguel e que elle fez chamar Tronqueira de Loreto, onde a lingua da terra que separa o rio Paraná da La-

guna Ibera é mais estreita. Ahi ao longo do pequeno salto do Paraná, entre a costa e a grande ilha Apipé, havia uns potreiros com vallos cavados no tempo dos padres da companhia. O dictador aproveitou estes trabalhos e fez abrir um canal mais comprido e mais fundo para poder em caso de necessidade fazer communicar as aguas do rio com as da Laguna. Fechou a altura com uma cerca de taquaras grossas deixando unicamente no meio um portão cuidadosamente guardado por uma guarnição numerosa. Com estes trabalhos a communicação das Missões com o norte da provincia de Corrientes ficou inteiramente interceptada, e Francia adquiriu toda a acção possivel sobre estas Missões onde não consentiu que se formasse estabelecimento algum. Além da Tronqueira de Loreto, o dictador em frente de Itapûa, mas sobre a margem opposta do rio Paraná, fez construir com o nome de Trincheira dos Paraguayos, um grande circulo de pedra de seis palmos de alto e de seis mil palmos de circumferencia, cujas extremidades se apoiam sobre o rio. Para esta construcção se empregaram os materiaes dos cinco povos paranaenses arruinados.

O povo de Itapûa recebeu uma forte guarnição, e uma guarda avançada foi collocada sobre as ruinas da Candelaria. Com estas precauções o Paraguay ficou realmente dono de todo o territorio até o Aguapey. Por ahi fez suas transacções commerciaes com o Brasil emquanto a politica do dictador Rosas lhe cerrava as vias mais commodas dos rios Paraguay e Paraná. Itapûa veio a ser um centro commercial de bastante importancia, pois quasi toda a importação para o Paraguay de paiz estrangeiro se fazia de S. Borja e do Hormiguero, pequeno povo que se tinha fundado na beira occidental do Uruguay, bem em frente do passo de S. Borja.

Desde 1840 até 1849, o transito por esta parte de Missões foi bastante activo, o que animou não só a fundação do povo

de Hormiguero, como a creação de um outro povo na mesma margem occidental do Uruguay, oito leguas abaixo do extincto povo de Iapejú. Foi em 1843 que se fundou o povo, hoje villa de La Restauracion, em frente da villa de Uruguayana da qual é unicamente separada pelo rio Uruguay que terá ahi como oito mil palmos de largura.

Com este commercio o antigo povo da Cruz reanimou-se um pouco, e cresceu alguma cousa o numero de seus habitantes. Este commercio bastante activo influiu muito para que varios habitantes correntinos, brasileiros e estrangeiros formassem alguns estabelecimentos de criação de gado vaccum e cavallar entre os rios Aguapey e Uruguay, cujo territorio principiava a se povoar de novo, porém repentinamente em 1849, aproveitando algumas difficuldades que tinha com o governo provincial de Corrientes, o actual presidente do Paraguay D. Carlos A. Lopes, mandou as guarnições de Itapúa e da Trincheira ao mando do seu filho o general Francisco S. Lopes sobre estas planicies que fizeram uma *razzia* geral, queimaram o Hormiguero, levaram o gado das estancias e os estancieiros, e tudo ficou outra vez deserto, como o tinha sido antes.

Durante o ultimo semestre de 1850 disseram-me que tinha chegado ao lugar onde tinha sido situado o Hormiguero uma força correntina que ia restabelecer o povo. Mandei indagar do facto e fui informado que um official correntino D. Filippe Jará que tinha emigrado com sua familia para este lado do Uruguay fôra sózinho n'uma pequena canôa ao lugar das ruinas do Hormiguero para ver se n'ellas se poderia estabelecer outra vez, e que elle era o commandante, o inferior de todas as praças da fantastica força que tinha chegado de Corrientes. Quando o exercito brasileiro, alliado com os generaes Urquiza e Garçon, foi em sua expedição contra Oribes e Rosas, varios desertores dos batalhões de tropa de linha e dos corpos de

guarda nacional d'esta fronteira de S. Borja ganharam o territorio da margem direita do Uruguay que estava completamente deserto e principiaram a levantar alguns ranchinhos nas costas do Uruguay. Alguns desertores correntinos vieram augmentar o numero dos desertores brasileiros.

Em 1852 tive curiosidade de ir visitar as ruinas do Hormiguero e n'elle encontrei estabelecido D. Filippe Jará com sua familia em um rancho de pouco mais de quinze palmos de cada face e que não era fechado pela frente de Este

Depois da queda de Rosas, foi nomeado governador da provincia de Corrientes o illustrado Dr. D. João Pujol, ao qual varios correntinos e brasileiros pediram licença de se estabelecer nos campos entre Aguapey e Uruguay, cujas petições foram benevolamente attendidas por este illustrado governador, que não tardou em nomear commandante e juiz de paz para o departamento de S. Thomé, que se foi povoando de dia em dia durante as duas creadoras e esclarecidas governanças do Sr. Dr. Pujol, e que continua em prosperidade sob o paternal governo actual do Sr. Dr. Rolon, que já decretou a fundação do povo de S. Martin perto de Iapejús, onde nasceu este distincto general, e que fomenta o augmento do povo do Hormiguero, que principiou a se reedificar sob a administração do Sr. Dr. Pujol, e que situado n'um lugar humido, pantanoso e alagadiço, se trata actualmente de mudar para o antigo e delicioso lugar onde estava o povo jesuitico de S. Thomé. Apesar do que, depois da abertura dos rios Paraguay e Paraná o commercio do Paraguay se faz quasi todo por elles, sem embargo se faz sempre algum por via da villa de La Encarnacion (Itapûa), e alguns negociantes de S. Thomé, lá vão buscar sobre tudo tabaco e mais alguns generos que compram a dinheiro ou á troco de animaes. Quasi todos os campos do departamento de S. Thomé, estão na actualidade cedidos em emphyteusis a particulares pelo illustrado governo de Corrien-

tes, e povoados principalmente por brasileiros. Os campos do departamento de S. Xavier principiam a sel-o. O mesmo departamento de S. Xavier offerece uma brilhante perspectiva de prosperidade para o futuro por estar situado na bocca dos unicos hervaes da confederação, d'onde se extrahe hervas, havendo já n'elle duas fabricas em grande escala, e por causa da grande abundancia de madeiras de todas as qualidades nas costas de um rio tão magnifico como o Uruguay.

CAPITULO XIX.

Principaes acontecimentos das Missões jesuiticas ao norte do Paraná desde que o Paraguay se emancipou da Hespanha até nossos dias.

As Missões jesuiticas no Paraguay, sitas ao norte do rio Paraná, tiveram melhor sorte do que as do sul d'este rio e das visinhas do Uruguay. Estes estabelecimentos duraram até 1848 quasi com o mesmo regimen adoptado pelos hespanhóes desde a expulsão dos jesuitas. Porém se no dito anno de 1848 foram dissolvidas estas communidades, ao menos não se espalhou nem dissolveu a povoação indigena que vivia n'ellas, e se deixaram subsistir seus povos com seus collegios e igrejas.

Em 1810, depois de terem batido ao general Belgrano que tinha ido invadir o seu paiz, os paraguayos, principalmente os creoulos, formaram um congresso em 1811 no qual depozeram o governador hespanhol D. Bernardo Vellasco, e nomearam em seu lugar uma junta que devia governar em nome de Fernando VII, mas que logo proclamou a independencia do Paraguay. A junta composta de um presidente, de dois vogaes e de um secretario com voto deliberativo (este foi o Dr. D. Gaspar Rodrigues de Francia) principiou a governar o paiz por si.

Até 1814, a luta entre os diversos partidos, foi animada

porém não sanguinolenta. N'aquelle anno o Dr. Francia teve a habilidade de supplantar seus competidores e fazer-se nomear dictador por tres annos, e em 1817 dictador supremo e perpetuo. D'este 1811 e sobretudo desde o principio da dictadura de Francia, o Paraguay recusou misturar-se nos acontecimentos do Rio da Prata. Desde a mesma época entrou elle em uma isolação e uma escravidão de que não sahiu ainda apesar das modificações que o successor de Francia, o actual presidente D. Carlos Antonio Lopes, fez apparentemente na administração d'aquella republica.

O territorio das Missões jesuiticas do Paraguay, como já tive occasião de dizer, comprehende todo o paiz entre os rios Paraná e Tebicuari, rio que descendo da cordilheira interior e recebendo varios affluentes vai depois de um curso de cento e vinte leguas desaguar no rio Paraguay. Este territorio formava a quarta parte de toda a provincia do Paraguay, e n'elle existiam os povos de Jesus, Itapúa, Trindade e S. Cosme sobre o Paraná, e S. Thiago, Santo Ignacio Guaçú, Santa Rosa, Santa Maria de Fé entre este rio e o Tebicuari. Os outros tres povos jesuiticos de S. Joaquim, S. Estanislão e Belem ficavam mais ao norte, fóra da provincia de Missões, e faziam parte do Paraguay propriamente dito.

Durante a dictadura de Francia continuou o regimen antigo n'estas Missões jesuiticas e em outras Missões não jesuiticas, estas ao norte do rio Tebicuari, estando abandonadas aos administradores que se enriqueciam quanto podiam a custa do estado e dos indios. Mas em 1823 Francia se fez prestar uma conta circumstanciada das propriedades de cada povoação. Ao mesmo tempo restringiu os poderes dos administradores, e lhes prohibiu de comprar e vender sem sua licença. Desde então fez trabalhar os indios por conta do governo, já na fabrica de algodão para vestir as tropas, já na construcção de casas e no córte de madeiras de construcção ou em outras obras pu-

blicas. Um cura encarregado do espiritual se achava em cada povo, e quasi sempre n'elle envelhecia; porque o dictador gostava muito da inamobilidade. Um mordomo nomeado por elle, fazia executar os trabalhos aos indios, que eram mais ou menos felizes, segundo o bom ou máo caracter do mordomo. O auctor do Ensaio Historico sobre a revolução do Paraguay impressa em Pariz em 1828, diz: a condição dos indios guaranis, que ainda existem nas Missões é peor que a dos escravos. Estes indios se bem que no tempo dos jesuitas estavam no mesmo estado de escravidão e de ignorancia em que se acham hoje; estavam ao menos vestidos e bem nutridos; e nos dias de festa, que eram sem numero, os divertiam com procissões, bailes e musica. Por esta fórma sabiam aquelles padres fazer-lhes olvidar o estado de dependencia em que os tinham, e tiravam partido do seu trabalho para aliviar a sua sorte. Porém desde a expulsão dos jesuitas, os administradores que lhes tem succedido, não só cooperaram para o saque das povoações e abusaram do trabalho dos indios, como aggravaram sua condição deixando-os na maior miseria.

Assim se conservaram as Missões jesuiticas do Paraguay até a morte do dictador Francia em 1840. Ainda depois do fallecimento d'elle não houve mudança n'ellas até 1848. Então o actual presidente do Paraguay D. Carlos Antonio Lopes houve por bem dissolver as communidades de indios e collocar seus habitantes sob o regimen geral. Assim foi que as onze Missões jesuiticas, de que acima fallei, e dez de estabelecimentos não jesuiticos, ao todo vinte e um povos, foram solemnemente declarados livres e assemelhados ao resto dos habitantes do Paraguay. Mas, diz Mr. Martin de Moussy, em sua Memoria Historica sobre a decadencia e ruina das Missões jesuiticas que traduzimos no trecho seguinte: « mas ao mesmo tempo o es-
« tado se fez dono do territorio inteiro das Missões, das cha-
« caras, das casas, dos templos, e sobretudo das estancias

« que continham um numero consideravel de gado. O se-
« questro d'este immenso gado era na realidade o verdadeiro
« motivo d'esta medida intitulada liberal e a qual se elogiou
« de mais. Na verdade não era senão uma espoliação; porque
« em troca d'este gado, d'estas terras, d'estas casas edificadas
« por seus antepassados que é que se dava a esses indios? Al-
« gumas vaccas leiteiras e alguns bois de trabalho, empresta-
« vam-se-lhes instrumentos de lavoura e sementes, e se lhes
« alugava um pedaço de terreno, o unico favor que se lhes
« fazia era a isenção do dizimo durante oito annos. Além
« d'isso os indios ficavam aptos para o serviço militar mui ri-
« goroso em um paiz onde desde mais de quarenta e cinco
« annos não se tem dado um tiro de espingarda, e sujeitos a
« prestar os auxilios de toda natureza que pesam sobre os
« paraguayos a cada momento. Sua condição veio a ser
« muito peor do que antes, porque então tinham casa, ali-
« mento e vestuario em troca do trabalho que faziam em
« communidade, em quanto hoje abandonados a si mesmos

« cujos mordomos são o Sr. Lopes e seus filhos, com a diffe-
« rença que os socios não são nem sustentados, nem vestidos,
« nem tem parte alguma no beneficio geral. »

Segundo mesmo Dr. Martim de Moussy que em 1856 visitou as Missões Jesuiticas, a população das Missões Jesuiticas do Paraguay, se achava n'aquelle anno reduzida a terça parte do que contavam sessenta annos antes quando as visitou Azara, como se póde ver pelo quadro seguinte que levantou o mesmo auctor, incluindo n'elle a população dos cinco povos paraguayos da margem esquerda do Paraná de cuja destruição já fallámos.

População em 1796.		*População aproximativa em 1856.*	
Belém	361	Esta população foi mandada por Francia para os povos Jesuiticos da margem direita do Paraná. Só não foram os indios que fugiram e foram fundar a colonia do Pira-Pitayn que tem: almas	400
Corpus	2:267		
S. Ignacio Mini	806		
Loreto	1:519		
Sant'Anna	1:430		
Candelaria	1:514	Em 1856	300
Jesus	1:185	»	400
Trindade	1:017	No povo do Carmen	800
Itapûa	1:409		900
S. Cosme	1:036		800
Santiago	1:097		500
S. Ignacio Guassú	864		300
Santa Rosa	1:283		400
Santa Maria de Fé	1:144	perto de	1000
S. Estanisláu	729		
S. Joaquim	854		
Total em 1796	18:515	Em 1856	5:800

Esta população é com pouca differença a mesma em 1861, mas pelo quadro acima se vê que a população puramente india tem diminuido duas terças partes em sessenta annos nas Missões Jesuiticas do Paraguay, não por perseguições nem por guerra, mas naturalmente nos mesmos lugares; porque é necessario saber que o indio como o paraguayo não tem faculdade de mudar de departamento sem uma licença especial do chefe do estado, e que esta licença se pede poucas vezes e se concede ainda menos. Esta diminuição em consequencia provém da direcção e do regimen a que a população guarani foi submettida. E hoje que ella se acha abandonada a si mesma, se vai tornando mais notavel esta diminuição, sem duvida por causa do máu regimen alimentario que dimana da preguiça e do descuido dos indios. Em compensação o numero dos mestiços tem crescido consideravelmente e formam uma grande parte da população paraguaya. Os mesmos povos jesuiticos estão agora quasi povoados por elles e por moradores brancos que alugam as casas do estado e estabelecem suas chacaras nas vizinhanças, pagando ao fisco unico proprietario actual um aluguel aliás modico.

A paz de que tem gozado o Paraguay tem pois contribuido para conservar a mór parte das Missões Jesuiticas situadas ao Norte do rio Paraná com suas igrejas, seus collegios e suas casas. No tempo da comunidade os mordomos estavam incumbidos de mantêl-as e de compôl-as. Desde sua abolição o estado se incumbiu d'esta tarefa e a desempenha convenientemente. Como o diremos logo, todos os edificios em geral se concertam e se mantém habitaveis. No Paraguay unicamente se encontram as Missões Jesuiticas, pouco mais ou menos com o mesmo aspecto que tinham a noventa e tres annos quando foram expulsos os seus fundadores; sómente ahi se podem ver templos que dão uma idéa da ar-

chitectura, da decoração interna, da riqueza d'estes edificios na epocha da sua prosperidade.

Poucas regiões ha no mundo mais proprias para a mansão dos homens como aquellas em que os jesuitas tinham fundado sua republica do Paraguay, e que sejam capazes de conter e sustentar com abundancia mais habitantes quando a civilização, a industria, o commercio e a colonisação tiverem penetrado sobre as margens superiores do Paraná e do Uruguay.

CAPITULO XX.

HISTORIA DOS POVOS DA MARGEM DIREITA DO RIO PARANÁ.

ARTIGO I.

Itapûa.

Itá-pûa que quer dizer *Pedra em pé* ou *levantada*, era o nome de um grande cacique que governava varias tribus de indios sobre a margem direita do rio Paraná, e d'elle provavelmente tirou seu nome o povo de Itapûa, hoje villa de la *Encarnacion*. Pelo anno de 1614 os padres jesuitas Claudio Aquaviva e João Vasco fundaram uma reducção chamada de N. Senhora do Carmo, de que trata o manuscripto guarany em seu art. 7.°, como temos visto, da qual nada pude encontrar nos escriptos antigos e modernos, e era precisamente situada nas paragens onde foi estabelecido o povo de Itapûa n'um lugar pouco distante da sua posição actual. E' certo que o padre Roque Gonsalves da Cruz fundou em o dito anno 1614, o povo de Itapûa, onde recebeu a visita do seu cunhado o governador Sáavedra, que os guaranis desconfiados quizeram matar, e o qual o padre Roque salvou fa-

zendo frente aos indios com a cruz, e fazendo sahir Sáavedra para não passar a noite no povo.

No anno 1624 foram-se reunir aos indios christãos d'Itapûa os restos da colonia da Natividade que os jesuitas tinham estabelecido na serra dos Tapes e que foi destruída pelos portuguezes; assim como em 1637, se lhes foram aggregar 360 indios, restos da colonia de Santa Theresa de Igay ou Yacuy que fôra tambem arruinada pelos portuguezes. Em 1703 o povo d'Itapûa transladou-se do lugar da sua fundação, para o que occupa actualmente. Está situada em uma collina sobre a margem direita do Paraná a tres quartos de legua d'este rio. Tem uma vista magnifica sobretudo do lado do rio Paraná, que parece um lago semeado de ilhotes e rodeado de ondulações pittorescas e que vai-se perder ao longe no horizonte. Itapûa foi um povo florescente no tempo dos jesuitas que d'elle extrahiram indios para fundar o povo de Jesus. Foi tambem cabeça de um departamento no tempo da dominação hespanhóla depois da expulsão dos padres da Companhia. Francia fez d'elle uma praça de guerra e de commercio. Continúa a ser hoje a praça de guerra que fecha a entrada do Paraguay pelo Su-Este, mas seu commercio desappareceu quasi completamente depois da abertura do rio Paraguay ao commercio estrangeiro. Muitas das casas antigas d'Itapûa tem desapparecido, e as que ficam sendo proprios nacionaes são alugadas em proveito do governo Paraguayo. O collegio está bem conservado e serve de quartel. O edificio contém a alfandega e uma sala para bailes populares que cá algumas vezes a auctoridade militar. Este edificio está bem reparado. O templo (50) que era formosissimo foi desmanchado a uns doze annos em consequencia da parte que deu ao governo um commandante pouco intelligente, que vendo abaixar-se um pouco as fortes e bem torneadas columnas que sustentavam

o telhado na frente do edificio, por indisposição com o encarregado dos reparos, informou ao governo que julgava que tudo ia cahir, quando nada era mais facil do que recompôl-as como se fez em casos identicos em outros povos do Paraguay, onde os templos ainda existem lindos e seguros. Os fieis repartiram entre si as imagens e estatuas e o altar foi collocado em uma pequena capella insufficiente para a povoação, e que até hoje serve de matriz ao povo de Itapûa ou villa de la Encarnacion. (51) Os arrabaldes d'esta villa são lindissimos e contém varias chacaras e plantações de laranjeiras e outras arvores fructiferas, que se achariam em melhor estado se não fosse tudo propriedade nacional, e se os cidadãos as possuissem e cultivassem como suas. O terreno é excellente para agricultura; mas posto que bem regado não é proprio para criação de gado, por não serem bastante salgados os pastos Produz o arroz, a canna para fazer assucar, o milho, a mandioca, etc., e sobretudo o tabaco; e a gente trabalharia se podesse encontrar sahida para seus productos (52). Como durante a dictadura de Francia, Itapûa e Nhiembucú eram os unicos pontos abertos ao commercio estrangeiro, Itapûa fazia um commercio soffrivel com S. Borja, e se tinha tornado bastante florescente, mas em consequencia da interrupção quasi completa do seu commercio de transito com a villa brasileira desde a abertura do rio Paraguay, Itapûa tem ficado um povo pobre e sem recursos. Todavia como n'estes ultimos annos tem-se povoado de novo o territorio do departamento de S. Thomé entre Uruguay e Paraná, parece que os habitantes da villa da Encarnacion, principiam de novo a exportar alguns productos, especialmente tabaco para S. Thomé; mas são tão diminutas estas exportações que não remediam as necessidades dos seus habitantes. Os habitantes d'Itapûa são unicamente brancos e mestiços. Em 1848 os guaranis que habitavam no povo d'Itapûa foram transferidos

ao povinho do *Carmen* que se formou unicamente para elles á sete leguas d'Itaqui sobre a estrada que vai á capital e que era uma capella dos jesuitas chamada *Tuparaú*, que quer dizer filho de Deus.

O *Carmen* é uma especie de grande fazenda administrada como as estancias de Missões. N'elle sómente é bem edificado o alojamento do mordomo. As outras casas são ranchos miseraveis. No meio da praça ha uma capellinha que se trata de substituir por uma igreja mais propria. O terreno assignalado para estes indios é fertil, e seu clima salubre, mas suas chacaras e seus ranchos são mal attendidos e todos parecem estar mui pobres; mas apesar d'isso elles não parecem sentir o ter sahido d'Itapûa. Ha no Carnem excellente terra para louça que alimenta uma pequena industria de talhas, jarros, pratos, fogareiros, etc., etc. Ahi fabricam tambem tijollos e telhas de excellente qualidade; o que não deixa de ser util aos indios. O numero de habitantes do dito povinho do Carmen e da villa da Encarnacion é de oitocentas almas.

ARTIGO II.

Trindade.

Uma colonia de indios da missão jesuitica de S. Carlos foi fundar o povo da Trindade no anno 1706, e principiaram a edificar as casas no lugar em que actualmente se acha o povo em 1712. Trindade está situada a sete leguas N. E. d'Itapûa. As casas d'este povo são pouco a pouco abandonadas dos indios, que fazem ranchos nos arrabaldes que são cheios de arvores de congonha e de laranjeiras formando matos. A igreja está em bom estado, mas não tem nada de mais notavel do que a sua torre que é bastante elevada e que tem sinos que foram fundidos em

Apostolos. O terreno produz os mesmos fructos que Itapûa. Ahi se semeia um pouco de trigo, mas em geral a agricultura é mui descuidada. Os unicos brancos que habitam este povo são o mordomo e sua familia. O resto da povoação que é de perto de quatrocentas almas é composta de indios e de alguns mestiços.

ARTIGO III.

Jesus.

Este povo que é filial do de Itapûa foi fundado pelos jesuitas em 1685, sobre as margens do rio Monday, perto da sua fóz no Paraná. Em seguida se mudou sobre o arroio Ibaroty não longe do Monday. E continuando suas mudanças sobre as margens do Mandizoby e depois do Capivary chegou a se estabelecer definitivamente no lugar que hoje occupa a tres leguas N. N. O. do povo da Trindade, e á cinco leguas do rio Paraná. Este povo está situado na beira dos matos virgens que se estendem indefinidamente ao Norte entre a cordilheira e o rio Paraná. As suas casas abandonadas aos indios que gostam mais de ranchos mui baixos aonde vivem, principiam a cahir em ruinas. O governo fez reparar o collegio que é bastante lindo. A igreja se acha em um estado regular. Os jesuitas tinham principiado a construcção de um novo templo mui grande a um quarto de legua de Jesus, cujos trabalhos foram suspensos á sua sahida. As paredes espessas e solidas estão em pé, mas muitas arvores crescem em seu recinto e não tardaráõ a pôr abaixo esta grande construcção. Um bom caminho conduz de Jesus a um porto do Paraná, onde ha alguns ranchos habitados por indios guayamazes meio selvagens. O porto de Corpus está meia legua acima sobre a margem opposta do rio. D'estes pontos ha alguma communicação com os guaranis de Pira Puytayn.

Jesus unicamente o mordomo e sua familia são brancos, indios em numero de trezentos formam o resto da povoação se planta algum trigo e algumas outras plantas como em indade e Itapêa, encontrando-se muitas laranjeiras e pés congonha para o fabrico da herva mate nos seus arrabaldes.

ARTIGO IV.

S. Cosme.

Retrocedendo de Jesus á Trindade e Itapêa e seguindo a costa do Paraná para Oeste, se encontra S. Cosme edificado sobre uma alta collina a um quarto de legua do rio. O jesuita Formoso em 24 de Janeiro de 1634 estabeleceu o povo de S. Cosme sobre a serra dos Tapes á Leste do Uruguay, porém receioso dos portuguezes transferiu-o em 1638 para um lugar entre o povo actual da Candelaria e o rio Aguapey. Passou em seguida para a margem septentrional do Paraná, d'onde regressou para se encorporar á Candelaria, da qual se separou em 1718 para estabelecer-se uma legua á Leste d'este povo. Enfim, em 1759 o dito povo passou ao norte do Paraná e se estabeleceu tres quartos de legua ao norte do povo actual que principiou á se construir em 1760. A sua situação é sobre uma alta collina a um quarto de legua do rio Paraná. A igreja que nada tem de extraordinario se acha em bom estado, assim como o collegio. A povoação que se eleva a novecentos individuos é quasi exclusivamente composta de indios que vivem de agricultura como os de Carmen. Cultivam principalmente a canna de assucar que produz com abundancia, além do mellaço que serve para a distillação, se fabrica em S. Cosme um assucar amarello bastante grosso, que é o unico que se fabrica no Paraguay, pois o summo da canna todo se consome quasi

geralmente nos mesmos lugares da sua producção ou em confeitaria, ou em fazer aguardente.

ARTIGO V.

Santiago.

Um caminho que costeia o grande banhado de Nhembucú mui parecido a Laguna Ibera, conduz de S. Cosme á Santiago que se acha situado a N. O. do primeiro. Em 1592, Dom João Cabalero Bazan com sua companhia d'hespanhóes fundou as colonias de Tarey, Bambay e Caaguazú na provincia de Itahy a L. do rio Paraguay, e encarregou sua direcção ao padre secular D. Hernando Cueva. Em 1632 se entregou a direcção da colonia de Caaguazú aos jesuitas, á qual trocaram o nome pelo de S. Ignacio. Os portuguezes atacaram este povo em 1649 e lhe roubaram muitos indios; os que ficaram se refugiaram nas costas do Piray no paiz chamado Aguaranamby. Ao fim de sete annos regressaram elles para S. Ignacio; mas em 1661 tendo os indios Mbayá arruinado Santa Maria de Fé, os indios que escaparam vieram se reunir ao povo de S. Ignacio, e todos se refugiaram em um mato doze leguas á E. do rio Paraguay. Finalmente, em 1672 os jesuitas estando sempre com medo dos Mbayá, fizeram collocar estas duas colonias sobre as margens do Paraná onde se acham actualmente. Porém como na vizinhança já existia o povo de S. Ignacio-Guaçú e na margem esquerda do Paraná o de S. Ignacio-Mini, para não confundir entre si tantos povos com a invocação de S. Ignacio, deram aquelle que tinha sido fundado com o nome de Caaguazú o appellido de Santiago. Esta Missão tem bastantes mestiços e brancos que com os indios elevam sua população ao numero de oitocentas almas. No territorio de S. Thiago os pastos são

ns para criação de gado, e n'elle se encontram algumas ancias, mas a mór parte dos habitantes se occupam de ricultura. A igreja e o collegio d'este povo são bem cuidados, que não acontece com as casas que estão cahindo como nos outros povos.

Dizem que na terra vermelha de que é formado o terreno Santiago se tem encontrado signaes de vermelhão e de ercurio vivo, e que o governo não se tem importado d'este scobrimento, se bem que lhe enviassem amostras.

ARTIGO VI.

Santo Ignacio-Guaçú ou Maior.

De Santiago vai-se directamente á S. Ignacio-Guaçú que é a d'aquelle povo, porém dirigindo-se directamente d'Itapúa ao Carmen sobre o grupo de S. Ignacio-Guaçú, Santa Rosa e nta Maria de Fé, se atravessam vastas planicies semeadas de capões de altas e frondosas arvores, e regadas pelos arroios Aguapehi e Carumiay, que na estação chuvosa sahem de seus diques e inundam vastos espaços. Estas planicies são unicamente destinadas a criação de gado, e n'ellas se observa frequentemente o phenomeno do *mirage*. Este caminho que se dirige á S. Ignacio-Guaçú é realmente delicioso. Vai serpenteando atravéz de valles cheios de sombra e de frescura, cortados por arroios de aguas clarissimas. Transita-se por collinas cobertas de palmeiras e em cujos declives ha bastantes chacarinhas e terrenos cultivados. E' difficil encontrar um paiz mais agradavel e mais attractivo. S. Ignacio-Guaçú é o mais antigo dos estabelecimentos jesuiticos no Paraguay. No manuscripto guarani vimos tratar da sua fundação que foi feita em 1609 pelo jesuita Marcello de Lorenzana e seus companheiros, devendo accrescentar que elles foram ajudados

pelo padre Dom Hernando Cueva. Este povo foi ao principio povoado por um destacamento de indios da colonia hespanhóla de Jaguarão, aos quaes brevemente se reuniram os guaranis circumvizinhos reduzidos pelos hespanhóes e pelos padres da companhia.

Dezoito annos depois da sua fundação, S. Ignacio-Guaçú foi transferido para perto do oratorio de S. Angelo, e ao fim de quarenta annos, assentado definitivamente no sitio em que se acha actualmente. Em 1640 sua povoação foi augmentada com trezentos guaranis que foram apanhados na costa do Uruguay e levados para o dito povo, que muitos annos foi a capital da republica jesuitica do Paraguay, e residencia do superior dos jesuitas. S. Iguacio-Guaçú é o melhor conservado de todos os povos jesuiticos posto que seja o mais antigo. Tem ainda tres quadros de casas da antiga Missão. O collegio, a igreja e o cemiterio formam um lado da praça grande, que em cada canto tem uma grande cruz de páo rodeada de palmeiras. O collegio é espaçoso, formoso e perfeitamente conservado. O jardim ou pomar já não existe, e o cemiterio está mal cuidado. O templo é mui grande, mas não tem tanta decoração interna como o de Santa Rosa. O côro está completamente coberto de imagens, estatuas e esculpturas, e todo o fundo é dourado, sem que seus adornos tenham a profusão e riqueza do de Santa Rosa. O piso da igreja é cheio de sepulturas que signalam quadros de madeira embutidos no chão. Uma enorme lampada de páo lavrado pende da abobada e allumia o côro; ella substituiu a outra que serviu de modelo, e que era de prata macissa e que foi levada em 1848 para a Assumpção. Este magnifico edificio foi ultimamente restaurado, e se substituiram as columnas arruinadas por esteios quadrados de madeira que descansam sobre cubos de alvenaria, de fórma que actualmente o templo é mui seguro e bem aceado. O tempo destruiu as pinturas do portico que é inteiramente

formado de madeiras como em quasi todas as outras Missões. A povoação de Santo Ignacio-Guaçú, entre brancos, mestiços e indios é de quinhentas almas que vivem como os habitantes de Santa Rosa e de Santa Maria de Fé de que vamos tratar.

ARTIGO VII.

Santa Rosa.

Desde a antiga estancia de S. Ramon que dista seis leguas do povo de Santa Rosa de que depende, o terreno fica mais alto e fórma uma série de collinas geralmente montuosas em cujos declives ha casas espalhadas, cujos habitantes se entregam á agricultura. S. Ramon tem ainda um pequeno oratorio e algumas fabricas. Dirigindo-se d'esta estancia para Santa Rosa se passa pelas lindas lagôas de Tambory, e em seguida por lugares pittorescos cobertos de palmeiras abandonados ao gado, e que cobrem ondulações arenosas mas ferteis, e logo se descobre ao longe o povo de Santa Rosa. Esta Missão foi fundada em 2 de Abril de 1698 pelos jesuitas que para ahi trasladaram uma porção dos indios de Santa Maria de Fé. Santa Rosa está perfeitamente situada sobre uma alegre collina adornada de uma esplendida vegetação. Por suas fraldas um formoso arroio faz correr suas aguas crystallinas sobre um leito de arêas; as arvores que o rodeiam estão cobertas de plantas parazitas que produzem o effeito mais estranho.

A povoação actual de Santa Rosa entre brancos, mestiços e indios que estão em minoria, se eleva ao algarismo de trezentas almas, que vão em augmento e que cultivam principalmente a canna de assucar e o tabaco, e gozam de certo bem-estar. Os indios como nas outras Missões Paraguayas tem ido construir ranchos nos arrebaldes da Reducção antiga.

Sem embargo ficam a fileira de casas da praça, o collegio e a igreja que é summamente interessante e curiosa.

O collegio é um grande edificio quadrado que foi concertado em 1857 e que serve de residencia ao mordomo e ao cura. Seu jardim já não existe e as arvores fructiferas se perderam. Entre a igreja e o grande portão do collegio, existe uma torre de pedra quadrada que nunca foi concluida, e que dizem o governo do Paraguay tenciona terminar para collocar n'ella os sinos.

A igreja de Corpus e de Santa Rosa eram as mais esplendidas dos povos jesuiticos, e como foi totalmente arruinada a d'aquelle povo, trataremos com mais alguns pormenores do templo d'este. Este edificio cujas paredes são de grossas pedras de grés collocadas umas sobre outras sem cimento, e cujo telhado e columnas que o sustêm assim como o portico são formados de enormes troços de madeira, tem de comprimento na nave principal duzentos e oitenta palmos.

A vista fica offuscada quando se entra n'aquella igreja pelo numero e pela riqueza dos ornamentos que enchem o interior do edificio.

O côro de baixo acima está coberto de estatuas de santos. Um S. Miguel colossal derrubando o diabo, corôa a cornija do altar mór. A meia laranja ou zimborio lavrada e pintada de ouro, e ponço tem em seus quatro pendões a estatua de um papa. As doze columnas dobradas que sustém a nave de cada lado tem em seu intercolumnio a estatua de um apostolo, maior do que o natural; e as capellas lateraes não são nem menos ricas nem menos adornadas.

Quatro confessionarios ricamente lavrados e pintados estão collocados entre estas capellas. O baptisterio se acha em uma capella particular ao entrar no templo á esquerda. Ahi se encontra um grupo representando o baptismo de Nosso Senhor. A sacristia na cabeceira do edificio, está igualmente adornada

com um altar carregado de esculpturas. Grandes armarios collocados contra as paredes estão trabalhados com o mesmo luxo e o mesmo esmero. Um lavatorio de marmore quebrado e incompleto derrama agua em uma bacia de prata, unico vestigio das antigas riquezas d'este templo. A concha do portico é igualmente esculptada e pintada, mas as pinturas têem desapparecido pela acção do tempo.

Como a uns sessenta palmos á esquerda do templo, está uma pequena fabrica quadrada que encerra uma capella de Nossa Senhora de Loreto.

As antigas pinturas avariadas pela humidade tem sido substituidas por grosseiros debuxos, obra de algum indio, que representam a mysteriosa viagem da casa Nazareth. Mas um bom numero de quadros religiosos de bons mestres, feitos sobre cobre e uma collecção de retratos dos mais celebres jesuitas decoram as paredes d'esta linda capella. Estas pinturas parecem de origem italiana e datar do principio do seculo dezoito. Tenho em meu poder uma d'ellas que me foi enviada de mimo do Paraguay, a qual representa o mysterio da Encarnação, e que foi feito por Pfeffel, celebre pintor da cidade de Ausburgo.

Em frente da igreja e como a dois mil palmos ao Norte, ha uma grande capella dedicada a Santo Isidro Lavrador, e que está quasi em ruinas e que não encerra senão um altar arruinado, estatuas toscas e pinturas extravagantes. Seu melhor ornamento são as magnificas palmeiras que a rodeiam, os grandes pés de laranjeiras que formam uma alaméda até a praça. Seus arrabaldes formam matas de laranjeiras, goyabeiras, palmeiras, etc.

Todas as antigas riquezas do povo de Santa Rosa foram desapparecendo durante o governo dos vice-reis de Buenos-Ayres, em 1810, durante a dictadura de Francia, e finalmente em 1848 durante a presidencia do Sr. Lopes. Só lhe resta

uma bacia de prata na sacristia e candelabros grandes com chapas de prata.

Verdade é que se cuida com esmero de conservar este templo, porém como observa judiciosamente Mr. Martin de Moussy, é preciso confessar que não póde durar muito tempo (assim como todas as construcções jesuiticas), porque como as paredes estão edificadas sem cimento ellas se enchem de fendas, os caibros do telhado apodrecem, as columnas mesmo de paus mais duros apodrecem, e se encolhem com o tempo; de fórma que, segundo o juizo do mesmo auctor, o templo de Santa Rosa não póde durar mais de cincoenta annos, qualquer que seja o cuidado que d'elle se tenha, ao menos que se lhe faça um concerto geral equivalente a uma reconstrucção.

O templo de Santa Rosa com o do povo de Corpus eram a melhor amostra da architectura jesuitica em todas as Missões, se bem que deixassem muito a desejar sobre a arte propriamente dita, porque as estatuas são bastante toscas, os ornamentos de um gosto nem sempre puro, e as pinturas nem sempre regulares; porém o conjuncto d'estas obras era fascinador, e quando se reflexiona em que paiz, com que meios e a distancia da Europa em que os jesuitas executaram estas maravilhas, o assombro se apodera dos que as consideram.

ARTIGO VIII.

Santa Maria de Fé.

A. O. S. O. do povo de Santa Rosa e a tres leguas ao Norte do povo de Santo Ignacio Guaçú se acha a missão de Santa Maria da Fé. Do caminho que vai de um d'estes ultimos povos a outro, se enxerga de uma collina as tres reducções de Santo Ignacio Guaçú, de Santa Rosa e Santa-Maria de Fé.

Como o temos visto tratando do povo de Santiago em 1592 dom João Cabalero Bazan com sua companhia de hespanhóes fundou as colonias de Tarey e de Bambay, de que foi encarregado o padre doutor Hernando Cueva. O medo que estas colonias crearam dos portuguezes as moveram a se reunirem em 1632, debaixo do nome São Bento. O estabelecimento foi então confiado á direcção dos jesuitas. Estes lhe mudaram o nome e chamaram a reducção Santa Maria de Fé. Este povo ameaçado e arruinado dos mbayás depois de ter-se estabelecido em varios lugares veio finalmente se fixar no lugar que occupa na actualidade, dez leguas ao Sul do rio Tibicuari, limites septentrionaes das Missões jesuiticas. Santa Maria de Fé tem quatrocentos habitantes que são indios. O templo é de um tamanho regular e seu peristilo é adornado de dátiles que causam um effeito singular. Do portico a vista se estende para os cerros visinhos que estão cobertos de lindos matos. O collegio assim como a igreja estão mui limpos e perfeitamente cuidados. O povo se resume á fileira das casas da praça. Ahi tudo respira ordem e socego, e os indios parecem mais alegres que nas outras Missões. Se bem que Santa Maria de Fé esteja em vinte e seis graus de latitude, ahi se cultiva o trigo, cuja colheita é muito desigual. Em 1855 só dava cinco por um e o mordomo queria abandonar esta cultura. O terreno é arenoso porém fertil.

Entre os povos de Santa Maria de Fé e Santa Rosa existiu mais de nove annos prisioneiro do dictador Francia, o meu especial amigo o finado naturalista doutor Amado Bompland, preso nos ultimos dias de Dezembro de 1821 pela gente do dictador na margem esquerda do Paraná, onde o grande sabio tratava de estabelecer uma grande fazenda de fabricação de herva-matte no povo de Sant'Anna. A uma legua do povo de Santa Maria de Fé existiu uns dez annos o illustre compa-

nheiro de A. de Humboldt em um lugar chamado — Cerrito — administrando medicamentos aos enfermos do paiz, ensinando-lhes regras de agricultura, plantando hervarios artificiaes e augmentando o numero de suas colleções scientificas, até que por empenho de varias côrtes da Europa e sobretudo pela influencia do gabinete do Rio de Janeiro, o celebre viajante naturalista teve a liberdade de sahir do Paraguay, tendo eu depois tido a fortuna de o encontrar e de ser seu particular amigo na villa de São Borja.

ARTIGO IX

S. Joaquim. S. Estanislau e Belém.

Estes tres povos foram fundados pelos jesuitas poucos annos antes da sua expulsão, para se pôrem em relação com as reducções do Mojos e de Chiquitos fóra da provincia de Missões estabelecidos na provincia propriamente dita do Paraguay. Consta que São Joaquim, de que já fallamos no capitulo nono foi fundado em 1720 sobre a margem do rio Turamá com o nome de Rosario. Quatro annos depois se reuniu com o povo de Santa Maria de Fé, etc., e teve que passar por outras contrariedades até que em 1846 se estabeleceu no lugar que hoje occupa.

Pelo que diz respeito a este povo e ao de São Estanislau fundado pelos jesuitas em 1749, e de Belém fundado pelos mesmos em 1760, nada encontrei nos auctores antigos e modernos, a não ser o que narra Azara em seu capitulo decimo terceiro para o qual envio os leitores, e no Sr. Martin de Moussy que dá mil habitantes a estes tres povos.

CAPITULO XXI

HISTORIA DOS POVOS ENTRE OS RIOS PARANA' E URUGUAY.

ARTIGO I.

Corpus.

O povo de Corpus que como os demais povos entre os rios Paraná e Uruguay estão inteiramente destruidos e que com os quatro de que subsequentemente trataremos, pertence actualmente ao governo do Paraguay, se acha como estes quatro collocado na margem esquerda do rio Paraná. E' o povo mais septentrional de todos e distante unicamente um quarto de legua do rio Paraná. Está situado sobre uma pequena altura, seu templo era de immensa riqueza e de duas meias laranjas. Suas paredes ainda existem, porém seu interior está cuberto de arbustos e hervas.

Este povo foi fundado pelos jesuitas em 1622 á margem direita do Paraná sobre as costas do arroio Yniumbey, onde recebeu incremento pela metade da colonia da Natividade que se lhe reuniu. Em 1647 se estabeleceu á distancia de tres leguas do lugar que occupa actualmente. Em 1701 se principiou a edificação do povo que actualmente está inteiramente arruinado e sem habitantes. Consta-me que nos seus arrabaldes se tirou ouro e coral.

ARTIGO II.

Santo Ignacio Miry.

Santo Ignacio Miry está tres leguas do Sul de Corpus e perto do Paraná. Este povo foi primeiramente formado perto do de Loreto na provincia do Guayrá sobre a margem do rio

Yabebiry no anno de 1555 pelos hespanhóes. Em 1631 de medo dos paulistas e dos tupys sua povoação fugiu; e em 1639 o dito povo se assentou definitivamente no lugar que ainda hoje occupa. O portico da igreja de Santo Ignacio Miry é construido de marmore não polido que se extrahiu de uma collina visinha. Está na actualidade inteiramente arruinado e sem habitantes. Se bem que este povo com os de Loreto, de Santiago e de Santa Maria de Fé fossem de instituição hespanhóla, sua direcção foi confiada aos jesuitas quasi desde a entrada dos padres da companhia na provincia do Paraguay, e foram sempre governados pelos jesuitas como os que eram de instituição jesuitica.

ARTIGO III.

Loreto.

Tres leguas mais ou menos ao Sul de Santo Ignacio Miry, e a pouca distancia do rio Paraná, se encontram actualmente as ruinas do florescente antigo povo do Loreto, que fôra fundado em 1555 por Nuflo de Chaves, nas margens do rio Paraná-Pané, na provincia de Guayrá. Os indios seus primeiros povoadores tinham sido distribuidos ao principio em commendas aos hespanhóes d'aquellas paragens. Em 1611 este povo foi restaurado pelos jesuitas como o vemos no manuscripto guarani. Em 1631, os habitantes de Loreto com medo dos portuguezes de São Paulo e dos tupys emigraram para perto de Santo Ignacio Miry; e em 1686 Loreto se estabeleceu definitivamente no lugar em que hoje vemos suas ruinas. Loreto era edificado em uma linda planicie e nada tinha de notavel. Teve a mesma sorte que os dois ultimos povos de que fallámos. Não ha n'elle hoje um habitante. (53)

De Loreto para o Norte é mato virgem, ia-se por umas

picadas a Santo Ignacio Miry e Corpus. O arroio Iavevuiri entre Loreto e Santo Ignacio impede o transito quando ha chuvas grandes, por ser mui correntoso e haver muitas pedras no terreno em que se acha o passo.

Ao Norte de Corpus, que era uma das habitações mais deliciosas, por não dizer a mais deliciosa de Missões, até o rio Iguassú ou rio grande de Coritiba, e até os rios Santo Antonio e Pepery-Guassú ao N. E. e a Leste, ha serras pouco elevadas cobertas de matas virgens aonde se acham immensos hervaes.

ARTIGO IV.

Sant'Anna.

O povo de Sant'Anna foi fundado pelos jesuitas á Leste do Ygay ou Jacuhy em 1633. Porém assustados pelos portuguezes estes colonos emigraram em 1636 para as costas do Paraná, e se estabeleceram n'um lugar pouco distante da sua posição actual, onde se fixaram definitivamente em 1660. Sant'Anna está a duas leguas do Paraná e duas leguas ao S. de Loreto, sobre uma collina rodeada de dois arroios. Sua posição é excellente e o paiz magnifico. Sant'Anna teve a mesma sorte que os outros povos da margem esquerda do rio Paraná. Está inteiramente deshabitada. Ha bons hervaes em seus arrabaldes. Em 1820, o celebre naturalista D. Amado Bompland foi-se estabelecer nas ruinas de Sant'Anna, e preparou um estabelecimento para fabricação da herva-mate, com os indios que pôde ajuntar dos restos dos exercitos dos generaes Artigas; mas em fins de 1821, os soldados de Francia vieram atacar seu estabelecimento, matando-lhe dois indios, ferindo-lhe varios outros, recebendo elle mesmo uma ferida na cabeça, e foi levado prisioneiro a Itapûa e d'ahi a Santa Maria de Fé, como já temos visto.

Durante esta viagem Monsieur Bompland, se bem que não tivesse feito ou fizesse alguma resistencia, tinha os grilhões nos pés, e olvidando que ia por meio de inimigos, dava remedios e curava os soldados feridos e doentes. Sem embargo quando o dictador soube da maneira porque tinham tratado a Monsieur Bompland, ordenou que lhe tirassem os grilhões e que lhe restituissem todos seus effeitos que tinham podido escapar a pilhagem dos soldados. No *Cerrito* esteve dez annos o grande naturalista, separado de todos os objectos do seu terno affecto, faltando-lhe frequentemente cousas de primeira necessidade, e não tendo outra sociedade senão os empregados do dictador e dos indios, sorte verdadeiramente deploravel para outro qualquer que não tivesse o genio resignado de Monsieur Bompland.

ARTIGO V.

Candelaria.

A Candelaria foi fundada em 1627, perto da nascente do arroio Pirajú que desagua no rio Piratinim não longe do sitio que occupa presentemente (54) o povo de S. Luiz nas Missões Orientaes do Uruguay.

Fallaremos mais tarde e por extenso d'este estabelecimento. Em 1637 por causa do medo que infundiam os portuguezes aos colonos do novo povo, elles se retiraram para o norte do Paraná e pararam perto d'Itapûa. Em seguida passaram para Leste do Paraná e se situaram perto da fóz do Ygarapé em baixo do lugar que occupa actualmente a Candelaria e onde se fixou definitivamente em 1665. Candelaria que foi muito tempo a capital das Missões depois da expulsão dos jesuitas, está situada seis leguas ao Sul de Sant'Anna e perto do rio Paraná que n'aquelle lugar é bastante estreito, pois terá ahi pouco mais ou menos setecentos metros de largura. Os Para-

guayos tem á beira do rio um quartel e como já temos visto uma trincheira com uma guarnição. O commandante d'esta, manda á miudo partidas correr a Campanha em distancia de dez, quinze e vinte leguas para impedir que se formem estabelecimentos n'aquelle territorio de que se chama á posse o governo do Paraguay. Sem isso o paiz se teria tornado a povoar porque o territorio é excellente e mui productivo. O povo está inteiramente destruido.

ARTIGO VI.

S. Carlos.

S. Carlos foi fundado pelos jesuitas em fins de 1631 n'um lugar chamado Caapy ao Oriente do Uruguay. Porém assaltado e arrazado pelos portuguezes, seus restos serviram para formar o povo de S. Carlos, no lugar onde ainda existem suas ruinas, como a umas seis leguas S. O. da Candelaria, nas cabeceiras do rio Aguapey. S. Carlos foi assaltado pelos portuguezes e por elles destruido em 1817, como já narrámos.

Desde aquella época ninguem tem posto o pé em suas ruinas, que estão cobertas por um mato espesso que se avista de longe, e que tem fama de ser infestado de tigres. Nem se quer se anima alguem a ir buscar laranjas, de que dizem, abundar a quinta dos padres. Na vizinhança de S. Carlos ha uma collina de cima da qual se goza uma vista magnifica sobre a pequena serra de Imam que principia á N. E. e se vai reunir á grande serra de Missões. O paiz é realmente encantador: são alturas cobertas de matos com valles mui verdes e alguns declives limpos. Ha pequenos lagos e arroiozinhos que vão reunir-se ao Aguapey, o que tudo junto fórma uma paizagem deliciosa; mas falta a presença do homem, não se vê por ali senão veados e abestruzes. Os matos são povoados

de bugios e de porcos silvestres. Os lagos são cobertos de patos e de aves aquaticas.

ARTIGO VII.

S. José.

S. José foi fundado pelos jesuitas em 1638 n'um lugar chamado Ytaquatiá perto das montanhas dos tapes no territorio portuguez. Com medo d'estes fugiram seus habitantes e foram estabelecer-se entre Corpus e Santo Ignacio-Miry. Por fim em 1660 fixaram-se definitivamente no lugar que occupa hoje S. José duas leguas á Leste de S. Carlos. Estes dois povos com Apostolos e Martyres formam um grupo em uma altura plana um pouco quebrada. mui montuosa e cortada por varios arroios, no lugar em que termina a grande serra de Missões que costeia o Uruguay, e que é continuação da cordilheira que atravessa o Brasil do Norte ao Sul. Em S. José não ha senão ruinas informes de que pouco proveito se póde tirar.

Sem embargo, quando as laranjas estão maduras de vez em quando se vai ahi procurar d'essas fructas.

ARTIGO VIII.

Apostolos.

As cinco leguas ao S. do povo de S. José se encontra o povo de Apostolos, que dista tambem cinco do povo da Conceição situado a Leste.

Foi este povo de Apostolos fundado pelos jesuitas na serra dos tapes em 1632, debaixo do nome de Natividade de que já fallámos. Em 1637, perseguidos pelos portuguezes seus

habitantes se refugiaram ao lugar onde se acha actualmente o povo de Apostolos, e tomaram este nome. Apostolos está collocado sobre uma elevação que se avista ao longe e d'onde se enxerga o fim da serra geral como a legua e meia ao N. E.

Este povo era um dos mais bem edificados e povoados, e as columnas de suas varandas eram em geral de grossas pedras lavradas de uma só peça. Existem ainda em pé pedaços de parede, porém sem telhado. Penetra-se no povo por uma senda aberta que conduz até a praça que tem ainda algum terreno limpo; mas são tantas as arvores e arbustos que a cobrem, que pela mesma senda tem que regressar o visitante, não podendo romper o mato por outra parte. Na frente da igreja sobre a praça se encontram algumas estatuas de santos feitas de pedra e mutiladas.

Torna-se notavel uma de dimensão extraordinaria que jaz o chão sem pernas nem braços, faltando-lhe a parte anterior da cabeça. Havia no tempo dos jesuitas uma alameda de arvores chamadas Ibaró, cujas fructas podiam servir de sabão ás indias, e que ia desde a praça de Apostolos até a fonte do mesmo povo. Esta fonte era coroada de uma cruz de pedra bem lavrada de dez palmos de altura. Por baixo do seu pedestal sete bicas lançavam agua crystallina em um pequeno tanque rodeado e soalhado com pedras de cantaria, e do mesmo tanque a agua corria para um maior que lhe era adjacente de fórma redonda e tambem rodeado e soalhado com pedras da mesma especie. Ainda existem dentro do mato estes tanques e esta cruz, se bem que em máo estado. A agua está coberta de espuma e taquaras do reino cobrem as suas beiras.

Não ha caminho que leve a essa fonte. O local de Apostolos fórma um bosque de immensas laranjeiras que se encontram dentro da igreja como tambem dentro das casas.

Ha laranjas de um tamanho extraordinario. Ahi vimos um

espectaculo que nos cortou o coração. Carreteiros da vizinhança ou que vem de longe, costumam em tempo proprio ir carregar laranjas que são excellentes no povo de Apostolos, mas com preguiça de treparem nas laranjeiras, que são mui altas para apanhar as fructas, estes novos vandalos tem tomado o expediente de as cortarem para apanhar laranjas. Vimos quadrados de trezentos á quatrocentos palmos de cada face onde se tinha cortado uma infinidade de laranjeiras para esse fim. O general Carriega era natural d'este povo.

Alguns dizem que tambem n'elle nasceu o general Alvear, mas a mór parte pretendem que era oriundo do povo de S. Miguel.

ARTIGO IX.

Martyres.

Em 1630 os jesuitas fundaram no territorio denominado Ybiticaray a colonia de Jesus Maria, e em 1633 as de S. Christovam e de S. Joaquim perto das de S. Pedro, de S. Paulo e de S. Carlos de Caapi nas montanhas de Capé. Porém tendo sido destruidas em 1638 pelos portuguezes, o que ficou d'aquellas colonias formaram o povo de Martyres, perto de Santa Maria Maior e da Conceição. Em 1704, ella occupou o lugar onde se acha presentemente á tres leguas N. O. do povo da Conceição e a tres S. O. de Santa Maria Maior com os quaes fórma um triangulo á angulos quasi iguaes. O povo de Martyres está edificado nas montanhas da Serra e por causa da difficuldade do transito e do pouco numero dos visinhos, ninguem chega a elle que está inteiramente destruido e deserto.

ARTIGO X.

Santa Maria Maior.

Santa Maria Maior com S. Francisco Xavier e Conceição formavam um grupo perto do rio Uruguay, do qual este rio distava uma legua e onde havia um ponto e um passo pelo qual seus habitantes se communicavam com o povo de S. Nicolau edificado á tres leguas do mesmo rio na sua banda Oriental.

Em 1633 a colonia de Santa Maria Maior que se tinha ao principio estabelecido em outra parte, com medo dos portuguezes veio-se fundar nas vizinhanças de Martyres, e posteriormente no lugar que hoje occupa. Santa Maria Maior está situada em uma altura nas fraldas da qual serpenteam uns galhos do arroio Santa Maria que á pouca distancia vai desaguar no Uruguay. O templo d'aquelle povo era mais pequeno que o de varios outros, mas seu frontespicio que ainda hoje está quasi todo em pé, parecia trabalhado com mais esmero. N'elle se vêem ainda hoje umas enormes columnas de pedra bem torneadas, e está ainda ornado com seis estatuas de santos collocados em cornijas na parede da frente. Os ladrilhos do soalho eram polygonos de oito faces. Como o de Apostolos o sitio de Santa Maria é um mato de laranjeiras. A pouca distancia ha um cerro alto de cujo cume se divisa um magnifico panorama. Santa Maria Maior tinha grandes estancias sobre a costa do Paraná até a tronqueira de S. Miguel (hoje de Loreto) que separava as Missões Jesuiticas do territorio hespanhól. Ellas estendiam desde o Paraná até a Laguna Ibera. A pouca distancia ao N. de Santa Maria principia a serra e o mato virgem.

ARTIGO XI.

S. Francisco Xavier.

Posto que distante unicamente tres leguas para Leste de Santa Maria Maior, S. Xavier é separado d'aquelle povo pelos arroios Itacaruaré, Taquará, Porteira, Monjolo e Molino mui correntosos e que no tempo de grandes chuvas tornam o caminho intransitavel. S. Francisco Xavier foi fundado pelos jesuitas em 1629 da maneira que já temos visto, e sobre o arroio Itahy, um tanto ao norte da sua posição actual.

O povo de S. Xavier está situado n'uma elevação que dista um quarto de legua do Uruguay, e seu porto no mesmo rio dista mais de meia legua, e a elle se vai por um declive de terra meio arenosa e povoada de capões onde se encontram alguns pés de Congonha para fabricação de herva-mate.

O dito porto é um passo por onde ha communicação com os brasileiros que em uma duzia de ranchos habitam as fraldas do famoso Cerro Pellado, e onde o Sr. tenente coronel Nobrega, commandante da expedição das *Vaccas Brancas*, demarcou ha dois annos uma colonia militar por ordem do governo brasileiro. Poucas posições temos visto mais agradaveis e mais pitorescas. O local de S. Xavier é actualmente um denso mato onde se encontram grande numero de laranjeiras. Do antigo povo (55) que era um dos mais bem construidos, apenas existem uns pedaços de paredes, columnas de pedra quasi todas traçadas e um lavatorio de pedra na sacristia.

Nos arrabaldes do povo existem alguns moradores que fizeram tristes ranchos, occupando-se de um pouco de agricultura e da fabricação da herva-mate. No tempo dos jesuitas, os indios se dedicavam á mesma occupação que lhes rendia sufficientemente para seu sustento e para supprir suas necessidades.

S. Xavier tinha estabelecido uma estancia á Leste do Uruguay e ao norte do Juhy nos campos do *Cerro Pellado*, mas a crueldade dos infieis d'estas paragens, obrigaram a abandonar. A alguma distancia para o norte se acha um grande cerro chamado *Cerro do Monge* aonde se refugiou em fins de 1852, o celebre monge italiano das Aguas Santas de Santa Maria da Bocca do Monte. Este monge ahi mandou levantar uma cruz de madeira e o vulgo diz que ao cavoucar-se no chão para fazer buraco para enterrar a cruz, se encontraram pedrinhas de ouro. Este cerro tem sido e é a romaria de alguns visinhos que ahi tem concorrido; mesmo de S. Borja algumas pessoas ahi tem ido com o fim de obter allivio em algumas enfermidades. Não é raro ver-se fazer promessas na vizinhança dos antigos povos, á cruz do *Cerro do Monge* para ganhar a aposta das carreiras, etc., etc.

Nas idéas progressistas de Monsieur Bompland, S. Xavier era excellente para estabelecer uma fazenda modelo de fabricação de herva-mate, cujas idéas foram propaladas pelos jornaes argentinos e orientaes e mesmo de Porto-Alegre. Este grande estabelecimento devia assegurar ás hervas correntinas sua superioridade sobre as hervas paraguayas e brasileiras. Porém se o governo correntino pouco ou nada fez n'este sentido: um cidadão argentino suppriu em parte este deleixo: D. Manoel Toledo estabeleceu uma fabrica de herva-mate em grande escala entre Santa Maria-Maior e S. Xavier.

Chega a fabricar annualmente de quatro a cinco mil arrobas de herva, que tem a preferencia sobre a herva brasileira nos mercados argentinos. O cidadão Manoel Borges posto que em escala um pouco menor fez a mesma cousa nas margens do arroio Santa Maria. Os fabricantes de herva na serra de S. Xavier já abriram nos sertões da serra uma picada de vinte e tantas leguas e chegaram perto do Salto-grande do Uruguay.

Por sua parte os paraguayos desde alguns annos, exploram a mesma serra á Leste de Sant'Anna e da Candelaria, e quasi fizeram juncção com a gente de Toledo e de Borges.

Só faltam braços n'aquelles povos para agricultura, para fabricação da herva, e para explorar e desfructar as immensas e preciosas madeiras das margens do Uruguay, dos arroios e dos matos virgens da extensissima serra de Missões. N'este anno o engenheiro allemão Francisco Rave propôz ao governo de Corrientes o estabelecimento de uma colonia de correntinos no territorio do dito povo, de cuja direcção offereceu elle se encarregar. Oxalá se realise este plano civilizador e humanitario.

ARTIGO XII.

Conceição.

O povo da Conceição teve os mesmos principios que o de Santa Maria-Maior ao norte do rio Iguassú no anno de 1620. Em 1633 veio se estabelecer nas margens occidentaes do Uruguay no lugar onde se vêm hoje suas ruinas. (56) A Conceição é situada sobre uma eminencia que tem a serra geral a duas leguas N. N. Oeste, o rio Uruguay duas leguas á Este, Santa Maria-Maior perto de cinco leguas ao norte, e o povo de Apostolos a cinco leguas á Oeste. Este povo acha-se destruido como os demais, e substituido por um mato de laranjeiras, palmeiras e outras arvores. Nas vizinhanças ha uma especie de ponte do tempo dos jesuitas que serve para passar uns banhados ao Oeste do mesmo povo. Os habitantes da Conceição se occupavam de agricultura, e tinham suas estancias entre a lagôa Ibera e o Aguapehy, as melhores que até hoje existem n'estas paragens, pois que do caminho que segue de S. Thomé para Itapûa as melhores estancias são as

que estão ao lado esquerdo do caminho, e as do lado direito são muito inferiores. Ao norte da Conceição ha o rio Capivary ou Pecegueiro que separa seu territorio do de Santa Maria, e a O. o da Conceição que o separa do de Apostolos. Era corregedor do povo da Conceição o bravo Nicolau Languirú, que os jesuitas intitularam Nicolau I, rei do Paraguay, e que a testa de dois mil e quinhentos indios pereceu em 10 de Fevereiro de 1756 nas collinas de Caybaté, quando queria embargar o passo aos exercitos portuguezes e hespanhóes alliados.

ARTIGO XIII.

S. Thomé.

Segundo Azara S. Thomé foi fundado na margem oriental do rio Uruguay, junto do pequeno arroio Tebicacuay, perto do Ubicuy. Nós já temos visto por extenso a fundação d'este povo, por tanto não nos animamos a decidir esta questão. Em 1639 este povo se estabeleceu no lugar que occupa hoje. S. Thomé se acha em uma elevação, quinze leguas ao sul do povo da Conceição á meia legua do rio Uruguay, e á duas leguas norte do povo de S. Borja pouco ao sul do arroio Icacuá. Este povo por sua construcção e pela sua posição era um dos mais importantes das Missões jesuiticas. Foi n'elle que o jesuita Dom Christovam Altamirano residiu, quando nas guerras de 1751 veio da Europa, para persuadir á seus collegas de entregarem as Missões Orientaes do Uruguay aos portuguezes, e d'onde fugiu com medo dos indios. Foi n'elle que se reuniram muitos jesuitas na sua expulsão, para d'ahi seguirem para Buenos-Ayres. Quando em 1817 o general Chagas foi destruir este povo, a igreja parecia perfeitamente nova: d'ella só subsiste actualmente a parede da

cabeceira do templo, formada de grandes pedaços de pedra arenosa. Uma parte das paredes lateraes existe tambem. Uma porção de enredadeiras n'este como nos povos de que fallámos acima e que cobrem as paredes, tem formado d'estas ruinas um aspecto estranho. As paredes do collegio tambem existem em parte e são feitas de pedra lavrada. Alguns traços lavrados que se encontram no chão, indicam que o edificio era construido com algum esmero. A praça do antigo povo é em geral limpa e serve de cemiterio aos moradores dos arrabaldes e do Formigueiro. O chão d'este povo, como dos de Iapejú, da Cruz, de Apostolos, de S. Luiz, de S. Lourenço, etc., etc., tem sido cavoucado em muitas partes para descobrir pretendidos thesouros escondidos pelos jesuitas á sua sahida. Não consta officialmente que se encontrasse cousa alguma, porém a voz publica tem feito encontrar thesouros em varios povos como em Santa Maria-Maior, etc. Sem embargo estas excavações em S. Thomé tem feito encontrar vestigios de mercurio. Seria para desejar que se tivessem feito as mesmas excavações do lado do rio Uruguay, onde dizem, com ou sem razão, que os jesuitas exploraram uma mina de ouro. Trata-se actualmente de restaurar o mesmo povo de S. Thomé, e julgamos que esta transferencia do Hormigueiro para S. Thomé que pelo presente não offerece vantagens, será para o futuro muito vantajosa para os habitantes do mesmo povo. S. Thomé tinha suas estancias a Leste do Uruguay entre este rio e o Camacuã.

ARTIGO XIV.

A Cruz.

O povo da Cruz ou de Mbororé foi edificado pelos jesuitas

em 1629 na margem e ao occidente do Uruguay e ao confluente do arroio Mbororé n'aquelle rio, como a umas dezoito leguas ao sul de S. Thomé.

Foi ao principio aggregado ao de Iapejú, do qual se separou e se estabeleceu definitivamente no lugar que hoje occupa, pelo anno de 1657. A Cruz está collocada sobre uma collina que fazem distinguir de longe suas altas palmeiras. Sua posição é mui pittoresca. O Uruguay rega os pés d'esta collina emquanto a antiga Missão corôa a parte superior; d'onde a vista se estende até a villa de Itaqui, duas leguas acima da Cruz sobre a margem opposta do rio Uruguay, e d'onde se avistam do lado do Poente os tres cerros, que se levantam como enormes tumulos ou pequenas pyramides na planicie. Do cume dos ditos cerros se divisam ao longe os banhados da Laguna Ibera que se acha á dez leguas O. do povo da Cruz. A mór parte das casas que formavam a praça da Missão existem ainda, porém muitas já não tem telhado. O collegio está arruinado em parte e se vê no chão o arco do portão toscamente esculpido. A parte conservada do edificio hospeda o commandante militar e sua familia. As paredes do jardim ainda existem em pé porém diversos arbustos, trepadeiras, enredadeiras, tem afogado uma parte das laranjeira, figueiras, romeiras, etc., que dão fructas excellentes. Em outro tempo os jesuitas tinham alli grandes plantações de parreiras que cultivavam e das quaes faziam um vinho estimado, principalmente no povo da Cruz, se bem que conste que fabricavam algum vinho em outros povos.

Hoje só ha na Cruz algumas parreiras velhas mal cuidadas e que por conseguinte nada produzem. No pateo existe ainda sobre uma columna de grés lavrada, um quadrante solar de 18 pés de altura que tem a era de 1730 com a legenda: *A solis ortu usque ad occasum laudabile nomen Domini*. Seu ponteiro marca ainda as horas, e tem contado os momentos

de prosperidade e de infortunio que experimentou successivamente este triste povo. Ao magnifico templo incendiado pelo general Chagas (e devo declarar que alguns soldados pediram ao mesmo general de os dispensar de cumprir a ordem de incendiar o templo e de lhes dar outra commissão). succedeu um humilde rancho de páo a pique, cuja pobreza interna é extraordinaria. Como reliquia se conserva na dita igreja uma bandeira do cabildo do povo da Cruz. Ordinariamente ha um cura no povo da Cruz, que é o unico dos povos jesuiticos entre Uruguay e Paraná que conserva uma pequena povoação de indios, mas quando por circumstancias não ha cura, como tem acontecido n'estes ultimos annos. nos domingos e dias de festa a pequena povoação de indios e de mestiços enchem a igreja; um joven sacristão guarani celebra o officio da tarde, e uma india velha dirige o côro que acompanham algumas guitarras, uma flauta e algumas violas. O cemiterio perto da igreja está bem cuidado e limpo. Uma alta e magnifica palmeira adorna cada um de seus cantos; a parede do fundo está coberta de uma espessa fileira de laranjeiras. Varias sepulturas antigas tem ainda sua pedra com uma inscripção em guarani. O povo está cercado de uma alta e espessa muralha de pedra secca, formando um parallelogrammo de quatrocentos metros de diametro.

Numerosas tunas de diversas classes crescem sobre esta parede e fazem cahir as pedras, que em muitos pontos estão cobertas de plantas cujas flôres deslumbram quando estão florecidas.

A collina de grés colorado sobre que está edificada a Cruz, assim como os tres cerros encerram provavelmente mineraes mercuriaes, pois se tem encontrado algumas vezes mercurio vivo na pequena planicie que está perto do arroio Ytaquy. Em 1856, Monsieur Bompland, por convite do Doutor Pujol,

governador de Corrientes, foi explorar os tres cerros para ver se descobria mineral mercurial. Nunca cheguei a saber do resultado d'esta exploração, que julgo não foi bem concluida.

Os estabelecimentos de pastoreio do povo da Cruz eram situados entre os rios Ubicuy e Butuhy á Leste do Uruguay no chamado rincão da Cruz que fórma hoje o primeiro districto do municipio de Itaqui. Estes campos são mui criadores. O departamento da Cruz póde ter hoje duas mil almas que se occupam de pastoreio. Em 1640 um numeroso exercito de brasileiros e de tupys vieram parte por terra de S. Paulo, e parte embarcados no Uruguay para se apoderar do povo da Cruz, chamado tambem Mbororé, e já temos visto que elle foi batido e d'esde aquella época os portuguezes e os tupys não inquietaram mais as Missões da costa do Paraná e do Uruguay.

ARTIGO XV.

Iapejú.

O povo de Iapejú chamado tambem *Santos Reys* pelos jesuitas foi por elles fundado em 1626 (57), sete leguas ao sul do povo da Cruz na margem meridional do rio Uruguay sobre um terreno ondulado completamente, livre das inundações ou crescentes do rio e uma legua ao Sul da foz do rio Ubicuy que pela margem esquerda desagua no Uruguay. Era o povo mais meridional de todas as Missões jesuiticas, e depois de Santo Ignacio-Guassú foi a capital das Missões no tempo dos jesuitas. N'ella residia o seu superior no tempo da sua expulsão. Era uma verdadeira cidade, que no tempo da visita de Azara faz 64 annos, ainda tinha 5,500 habitantes. Um mato quasi impenetravel cobre o lugar onde existia Iapejú, e para visital-o é preciso abrir-se caminho com ma-

chadinhas ou fouces. Podem-se reconhecer as paredes da igreja do collegio, habitação dos padres e dos armazens. A fileira de casas da praça era abrigada de uma dupla varanda com esteios de páo que descansavam sobre cubos de pedra arenosa vermelha bem lavradas. Alguns d'estes esteios meio queimados estão estendidos no chão, outros se têem ainda em pé. Vive uma duzia de familias n'estas ruinas, e de vez em quando queimam uma porção de mato para plantar milho. Seu machado destruidor não respeita nem as magnificas palmeiras, nem os *samus* (grandes algodoeiros em arvore) plantados pelos padres na praça dos torneios e dos quaes vimos alguns pés nos arrabaldes do povo de S. Thomé. Nos arrabaldes de Iapejú se encontram capões de laranjeiras que dão fructas de excellente qualidade. Como á uma legua do povo, o campo é inteiramente limpo e não se encontram mais arvores. Em frente de Iapejú ha uma formosa ilha no rio Uruguay a qual tem uns cem moradores que n'ella vivem de agricultura, para a qual tem pouca intelligencia.

Iapejú é patria do celebre general S. Martin que se immortalisou por seus altos feitos a pról da independencia das colonias hespanhólas sul americanas. O governo de Corrientes acaba de decretar a restauração do povo de Iapejú sob o nome de *General S. Martin*, na vizinhança do antigo povo jesuitico. A proximidade que ha d'aquelle sitio á villa da *Restauracion* que se acha sete leguas ao sul, e a villa Uruguayana que está collocada em frente da Restauracion, promettem prompto augmento ao novo povo—*General S. Martin.*

A extremidade sul do territorio das Missões jesuiticas entre os rios Uruguay e Miriñay fórma hoje o departamento correntino da Restauracion. A villa d'este nome que é sua capital, data sómente do anno de 1843, como a villa brasileira de Uruguayana situada em frente e da qual é separada pelo rio Uruguay, que ahi tem dois mil metros de largura. A villa

da Restauracion é um ponto mui commercial; é um deposito do commercio de herva-matte e das fazendas que se importam para as Missões occidentaes. Tem prosperado mais ou menos segundo os rigores ou branduras dos inspectores da alfandega da villa Uruguayana; mas sua industria principal consiste na creação de gado, que ás vezes tem exportado para o Brasil. A villa da Restauracion tem mais de mil habitantes entre os quaes se contam muitos estrangeiros.

N'essa villa se acha sepultado o naturalista Amado Bompland, que tendo fallecido em sua estancia de Sant'Anna Velha, sete leguas ao sul d'esta villa; para ella foi conduzido e tão mal embalsamado, que poucos mezes depois se teve de enterrar seus restos.

Em 1679, um insigne capitão portuguez que navegava para entrar no Rio da Prata e ir coadjuvar a Manoel Lobo que fundava a colonia do Sacramento, por ordem de Dom Pedro rei de Portugal, naufragou perto do cabo de Santa Maria e caminhava com vinte e quatro pessoas a pé para ir a Buenos-Ayres, quando foi encontrado por uma expedição exploradora de mais de quatrocentos indios dos povos, que trataram optimamente os naufragos, e os trouxeram, caminhando mais de cem leguas para o povo de Santos Reys ou Iapejú, onde foram hospedados e regalados, mandando depois o padre Christovão Altamarino, superior de todos os missionarios e que residia em São Thomé, conveniente conducção pelo rio Uruguay até Buenos-Ayres, fazendo-os acompanhar e servir em todo o trajecto por quatrocentos indios das reducções jesuiticas.

Algumas leguas ao sul de Iapejú, os antigos jesuitas e entre elles o padre Francisco Ricardo, flamengo, (que morreu em 1672 cheio de merecimentos, e sendo superior de todos os missionarios) tinham formado na terra dos jarós uma reducção, composta de jarós e de guanaás com o titulo de

Santo André Apostolo; cuja fundação custou immensos trabalhos ao venerando e santo padre Francisco Ricardo. Porém n'um dia de grande festividade depois da celebração solemne das vesperas, quando todos pareciam possuidos da maior alegria, os indios se apresentaram a esse padre que os tinha reduzido, dizendo-lhe que estavam resolvidos a abandonar o povo e a entrar de novo na sua vida antiga; e a unica razão que deram por causa da sua resolução foi, que os padres lhes prégavam um Deus immenso que se acha presente em toda a parte, e que vê tudo que se passa, e que elles não queriam uma divindade tão incommoda. Assim se retiraram todos os indios do povo de Santo André, situado á margem direita do Uruguay, poucas leguas ao sul de Iapejú, deixando unicamente n'elle os dois jesuitas que chorando a perda do seu rebanho, tiveram que retirar-se para as outras reducções e procurar empresas mais fructiferas.

CAPITULO XXII.

HISTORIA DOS POVOS JESUITICOS DA MARGEM ORIENTAL DO URUGUAY.

Antes de escrever a historia particular de cada um dos sete povos jesuiticos brasileiros da margem oriental do Uruguay, como acabamos de o fazer dos povos jesuiticos situados entre o Uruguay e o Paraná, e ao norte d'este ultimo rio, julgo conveniente dizer alguma cousa dos estabelecimentos jesuiticos a leste do rio Uruguay e na provincia do Rio Grande do Sul que foram abandonados e destruidos pouco tempo depois da sua fundação; dividiremos pois este capitulo em dois artigos. No primeiro trataremos de alguns povos e colonias que os jesuitas fundaram nas Missões orientaes e na provincia do Rio Grande do Sul e dos quaes não se falla mais

hoje por terem sido destruidos poucos annos depois da sua fundação; e no segundo trataremos da historia particular de cada um dos povos das sete Missões orientaes do Uruguay.

ARTIGO I.

Povos fundados pelos jesuitas a leste do Uruguay na provincia do Rio Grande do Sul, e que foram logo destruidos.

Parece que os primeiros colonos da provincia do Rio Grande do Sul foram os das colonias de Santa Theresa, do Jacuhy, e da Natividade, fundadas pelos jesuitas nos primeiros annos da sua entrada na provincia do Paraguay. A primeira foi fundada a leste do rio Jacuhy e a segunda sobre a serra dos Tapes.

Santa Theresa do Jacuhy foi logo arruinada pelos portuguezes, e o resto de seus habitantes foram augmentar o nascente povo d'Itapûa pelo anno de 1614.

A colonia da Natividade se destruiu pela mesma fórma. Em 1622 a metade da sua gente foi augmentar o povo de Corpus, e o resto em 1624 se ajuntou ao povo d'Itapûa.

Em 1632 os jesuitas formaram de novo no mesmo lugar sobre a serra dos Tapes a colonia da Natividade, mas seus habitantes perseguidos dos portuguezes tiveram que retirar-se, passaram o rio Uruguay e foram fundar em 1637 o povo de Apostolos.

Em 1633 os jesuitas fundaram o povo de São José em Itaquatia, perto da serra dos Tapes. O medo dos portuguezes os fez abandonar esta posição, e seus habitantes tendo tambem passado o Uruguay procuraram um abrigo entre os povos de Corpus e de Santo Ignacio Miry, e fundaram depois o povo de São José entre Uruguay e Paraná.

No mesmo anno 1633, os jesuitas fundaram o povo de

Sant'Anna a leste do rio Jacuhy. Mas espantados dos portuguezes, seus habitantes em 1636 emigraram para a costa do rio Paraná onde posteriormente fundaram o povo do mesmo nome.

Em 1634, o jesuita Formoso fundou o povo de São Cosme sobre as montanhas dos Tapes, e o receio que criaram dos portuguezes os fez retirar em 1638, para além do Uruguay, perto da situação actual do povo da Candelaria e perto das cabeceiras do rio Aguapey.

Desde o anno de 1627, os jesuitas tinham estabelecido sobre as nascentes do arroio Pirajù, que desagua no rio Piratinim perto do sitio actual da missão de São Luiz, o povo da Candelaria. Mas o mesmo medo que seus habitantes criaram dos portuguezes os obrigou a emigrar para além do Uruguay e do Paraná. Depois repassaram elles este ultimo rio e fundaram o actual povo da Candelaria.

D'estes povos que os jesuitas fundaram na actual provincia do Rio Grande do Sul e de outros que talvez principiassem, não ha mais vestigios nem quasi lembrança, por isso julguei opportuno consignar os seus nomes n'esta historia; e como não tenho encontrado em nenhuma parte a relação circumstanciada da fundação de nenhum dos povos jesuiticos das Missões orientaes, espero que o leitor me perdoará de transcrever aqui a relação do estabelecimento do povo da Candelaria que, como acabamos de dizer, foi ao principio situado sobre as nascentes do rio Pirajú, perto do actual povo de São Luiz. Colho estes pormenores na vida do celebre jesuita Francisco Dias Faño, publicada em 1687 pelo doutor Francisco Xarque, escripta em castelhano.

Os jesuitas já tinham sido rechaçados pelos infieis guañanás que elles queriam converter ao christianismo. Porém sabendo que a peste fazia crueis estragos n'aquella nação selvagem, julgaram a occasião opportuna para tentarem outra

vez sua conversão. Estes indios não fallavam a lingua guarani e viviam em guerra com os que fallavam aquella lingua; e eram tão crueis, que havia eminente perigo de morte de procurar entrar nas suas terras. Por isso os jesuitas Antonio Ruiz de Montoya e Francisco Dias Taño, que eram companheiros, com receio de perecerem ambos n'esta expedição, se apartaram. Elles se achavam sobre a margem direita do Paraná; o padre Antonio Ruiz tomou o caminho de Villa Rica e o padre Francisco seguiu pela parte que offerecia mais difficuldades e perigos, pelo lado dos guañanás que estavam sempre com as armas na mão. Pôz-se em jornada com quarenta soldados que eram indios dos mais valentes e mais religiosos, capitaneados por dois caciques principaes, mui conhecidos da nação guañaná pelos encontros e refregas que tinham tido. Caminharam doze dias, procurando o lugar mais accommodado para entrar no territorio dos selvagens. Deram com um numeroso exercito de guañanás, que sabendo por seus espiões de que os companheiros do padre eram poucos, se emboscaram nas espessuras dos matos, para ver com que intento tão pouca gente e com tanta seguridade procurava penetrar no seu territorio.

O padre Francisco Dias Taño fez alto em uma ilha (de certo do Uruguay) bem em frente do campo inimigo: armou sua tenda, e n'ella celebrou a missa com tanta tranquillidade, pausa, devoção e seguridade, como o poderia ter feito em um dos seus collegios.

Pensando os guañanás que o padre ia para lhes fazer guerra e que não era pacifica sua vinda, o cercaram com tenção de o accommetter ao soar dos seus clarins, de seus pifanos e de suas caixas. O padre Dias sahiu ao encontro com santa ousadia, e valorosa intrepidez; e tendo chegado á tiro de fréchas reconheceram os guañanás que a gente do padre não ia como inimigo, e seus soldados deram lugar a que o padre Francisco

chegasse ás trincheiras dos selvagens. O padre deu ordem á sua gente de parar e de ficar na expectativa até novo aviso seu. O padre se adiantou sómente com dois companheiros que carregavam cada um uma espingarda, arma mui importante para espantar os tigres, que traidores accommettem particularmente nas noites de chuva e escuras. Um d'estes companheiros, quando o padre como ovelha desarmada se approximava dos lobos crueis, disparou sua espingarda como quem dava uma salva, e o estrondo foi tal e fez tal effeito que como os guañanás nunca tinham ouvido um instrumento semelhante, cahiram por terra, e imaginaram que choviam raios do céo, e quanto mais se approximava o ministro de Deus, tanto mais fugia o esquadrão contrario, julgando que elle os havia de destruir com sua artilheria ruidosa. O padre os tranquillizou com seu semblante quieto e pelas palavras que lhes dirigiu, assegurando-lhes que vinha pacificamente á sua procura, pois que só trazia alguns companheiros; que seu objecto era dar-lhes noticia do verdadeiro Deus, fazendo-os seus queridos filhos, por meio do santo baptismo; e que vinha tambem como medico do corpo, curar os numerosos enfermos que lhe constava haver em suas terras, os quaes morriam sem remedio; e que elle os havia de assistir de dia e de noite com muito amor e caridade. Ao principio não acreditaram ao padre Francisco, receiando os guañanás que elle fosse um espião que os procurava para os levar captivos como o faziam os paulistas e tupys, mas felizmente entre estes infieis, se encontrou um que na ermida de Nossa Senhora de Pequeri havia visto outro padre da companhia de Jesus.

O espirito de Deus moveu este indio á fallar assim a seus companheiros: *Tranquillizai-vos, e não estejaes com sobresalto, nem tenhaes medo porque este homem que vem a nossas terras, ha de ser nosso amparo, nos ha de defender de nossos contrarios, nos ha de curar em nossas enfermidades, e nos dará de comer,*

pois assim o fez outro que eu vi nas terras dos hespanhóes, mui parecido e semelhante a este pelo habito e por seus ademães.

O interprete deu parte ao sacerdote da favoravel relação que acabava de fazer o soldado guañaná, do que o padre deu graças a Deus. E sabendo que os indios gostam de presentes, e que dons abrandam as pedras, fez elle immediatamente encher dois cestos de farinha de mandioca e de milho, que enviou agradecido ao indio que tinha fallado como orador christão em favor dos ministros de Deus. Chegou a dadiva em tão boa occasião que os infieis não tinham comido, nem tinham munição para aquelle dia. Porém tendo-o recebido não agradeceram, nem deram signal de o apreciar.

Voltaram as costas e comendo retiraram-se deixando o padre Francisco, que depois de ter consultado com os seus e de ter-se recommendado á Deus, resolveu seguir atraz d'elles. Alcançou-os antes da noite, foi á seus ranchos e procurou mostrar-lhes familiaridade, se bem que elles estivessem ainda um tanto desconfiados. O padre mandou collocar suas barracas ao abrigo de uma serra, e para experimentar os intentos dos selvagens, fez-lhes entender que tencionava marchar para diante. Porém os indios que por experiencia são meteorologistas, presumindo que havia de chover ou cahir neve n'aquella noite, lhe pediram com benevolencia de ficar com elles aquella noite, deram-lhe alojamento que o padre recebeu agradecendo, e elle descançou socegado e esperançado.

Em recompensa do bom agasalho que lhe deram, e do bom recebimento que lhe fizeram, o padre repartiu pelos infieis algumas pequenas dadivas de anzóes, canivetes, etc., que os indios receberam promettendo cuidar do padre, seguir seus conselhos, ouvir sua doutrina, e fazer-se seus irmãos de armas.

Bem que infieis, desde então acreditaram na sinceridade das palavras do padre Francisco e no cumprimento de suas promessas.

Desde então iam marchando o pequeno esquadrão do padre e o dos infieis guanãnás, unides e confederados. Não tardou muito que os alliados avistassem os inimigos. Eram uns infieis mui barbaros e carniceiros que os vinham atacar.

O padre Francisco sabendo por experiencia de quanto lhe poderia valer o ruido dos tiros de espingarda, deu ordem aos seus indios que pelo que podesse succeder, levassem sempre suas duas espingardas com mecha calada e bala em boca. Os guanãnás instaram aos companheiros do padre, para que fizessem uso da sua artilheria para atemorizar os barbaros inimigos. Para lhes dar gosto estes dispararam as duas bocas de fogo que tinham boa carga, e ao ouvirem o écho dos tiros reproduzidos pelas montanhas, os inimigos que estavam á vista, se atterraram, ficaram desmaiados, julgando que o céo cahia em cima d'elles, fugiram e não se atreveram a brigar.

Os infieis alliados do padre Francisco Dias Taño, deram-lhe noticia de um cacique de grande fama chamado Gohe, que tinha em seu povo sua numerosa familia e numerosos vassallos feridos de peste. O zeloso operario partiu logo em sua procura, e caminhando apressadamente, em breves dias chegou ao lugar indicado. Os campos circumvizinhos estavam semeados de corpos mortos, cobertos de chagas e com toda a hediondez que offerece uma terrivel epidemia de bexigas, quando não se conhece nem se emprega remedio algum para atacar seus desastrosos effeitos. Encontrou no alojamento innumeraveis corpos estendidos no chão sem outro abrigo que o firmamento, sem outro cobertor que a sua pelle; uns todos crivados de bexigas, outros cheios de postemas, uns defuntos, outros moribundos. O espectaculo de tantas dôres comprimiu e dilacerou o coração do ministro de Deus. Os indios engolfados no mar de suas tribulações receberam o ministro de Deus como um anjo do céo, pedindo-lhes em altas vozes de os soccorrer. O padre Francisco, com a presteza que reclamava

tão grande necessidade, não descansava dia e noite, administrando remedios, catechizando e baptizando. Serviram-lhe de muito n'estes officios quatro meninos que faziam o officio de sacristães e de enfermeiros, e que sendo elles mesmos atacados da epidemia com grande sentimento do padre Francisco, foram curados repentinamente pelas orações d'este grande servidor de Deus.

N'este ministerio se occupou durante dez mezes o padre Francisco Dias Taño, até que rendido por seu continuo exercicio, seus inauditos trabalhos, e pela falta do preciso alimento, cahiu elle mesmo perigosamente enfermo, e reduzido por causa da falta de mantimentos na convalescença dos indios a tomar para subsistencia, uma fructinha como grãos de uvas chamado ibapurú, e de tão má digestão que lhe agravava a febre, promovendo-lhe delirios frequentes e accidentes mortaes. Por fim um indio, ou antes a providencia, por intermedio de um indio, lhe proporcionou um hydromel feito de mel de abelhas, que salvou das portas da morte ao santo varão que ficou repentinamente são sem passar pela convalescença.

O primeiro uso que o padre Francisco Dias Taño fez da sua saude, tão maravilhosamente recobrada, foi erigir uma reducção á qual deu o nome de *Candiaria*. Reuniu o numeroso gentio dos contornos, levantou a igreja, formou sua casa a ella contigua; collocou na testeira da capella-mór curiosamente adornada uma devota imagem de Nossa Senhora, e alli deu principio ao ensino dos mysterios da nossa Santa Fé, que os infieis aprendiam com muito gosto. E tanto foi o seu zelo, apesar de ter de se servir de interprete de catechismo e de vocabulario, pois que a lingua dos guanânás era muito diversa da dos guaranis, que como se os guanânás fossem christãos antigos, não tardou que desde a manhã até a noite a igreja estivesse cheia de ferverosos cathecumenos.

Como narra o Sr. visconde de S. Leopoldo em seus Annaes

pag. 33 e seg. que os jesuitas das Missões deram a invocação de S. Pedro ao Rio-Grande, que elles vagavam por suas campanhas a cata dos indios; que uma expedição de portuguezes composta de quarenta homens brancos e de vinte cinco escravos encontrou nas margens do Rio-Grande um lote de quarenta indios das reducções jesuiticas, que tinham sido mandados, pelos seus padres, a escolher sitio para novas reducções.

Os riscos da barra do Rio-Grande e sua encapellada costa sem abrigo e surgidouro, foram sem duvida os obstaculos que retardaram seus estabelecimentos n'estas planicies. E quando elles quizeram mais tarde, os portuguezes da Laguna, defenderam o territorio, d'elle se apossaram e n'elle fundaram algumas estancias.

ARTIGO II.

Historia dos sete povos jesuiticos da margem oriental do Uruguay.

§ 1.º

Santo Anjo ou Santo Angelo.

O povo de santo Anjo, o mais septentrional dos sete povos da margem oriental do Uruguay, foi fundado em 1707 por uma colonia do povo jesuitico da Conceição, e é situado sobre a margem direita do Juhy-Grande (58). Foi tomado e occupado em 1756 pelas tropas portuguezas, que n'elle persistiram dez mezes á espera dos commissarios hespanhóes para continuar a interrompida demarcação de limites. Tendo o tra-

tado de 12 de Fevereiro de 1761 annullado o de 1750 que cedia as Missões orientaes ao rei de Portugal, este com os outros povos continuaram a pertencer á corôa de Hespanha até que foram conquistados em 1801. Nada existe d'este antigo povo jesuitico, nem templo, nem collegio, nem casas. Sem embargo, tendo-se augmentado o numero dos visinhos d'este povo, por onde passa quasi todo o commercio das hervas, foi elevado ha tres annos á categoria de freguezia, que se acha actualmente provida de um parocho. Se bem que esta parochia conte na ultima qualificação mil e vinte dois votantes, o que denota um numero consideravel de moradores, me consta que não passa de meia duzia de casas a povoação reunida da dita parochia. Suas divisas antigas abrangiam o immenso territorio então deserto ao Norte do Juhy e á Leste e Sul do Uruguay, onde hoje se faz uma grande exploração de herva-mate. Com o crescido numero de fabricantes de herva, de carreteiros, de negociantes que se foram estabelecer nos ditos hervaes, e sobretudo na villinha da Palmeira, a assembléa provincial houve por bem criar n'este ultimo lugar uma nova parochia que ainda não foi provida. Haveria possibilidade de abrir uma estrada por terra de S. Anjo ao Uruguay nas proximidades de S. Nicolau, mas talvez seja menos dispendiosa e mais vantajosa a abertura da projectada estrada do herval de Santo Christo, passando pelo Cerro Pellado ao novo porto de S. Xavier em frente do antigo povo d'este nome. Tambem seria possivel estabelecer de S. Anjo navegação pelo Juhy até o Uruguay, apesar da cachoeira de Pirapó (39), que se acha no Juhy quatro leguas á N. E. do povo de S. Nicolau. A abertura de uma das estradas ou do rio Juhy seria de um incalculavel proveito para os fabricantes de hervas, e para aquelles que quizessem desfructar as ricas e numerosas madeiras de que está coberto quasi todo o territorio ao Norte do Juhy, até o Uruguay á Oeste, e até o mesmo rio ao Norte.

§ 2.°

S. João Baptista.

O povo de S. João está situado á tres leguas S. O. do povo de S. Anjo, como uma legua e meia S. da fóz do Juhyzinho no Juby-Grande. Foi fundado em 1698 por uma colonia do povo jesuitico de S. Miguel. No tempo da sua florescencia tinha quarenta ruas e era bem povoado. O seu collegio estava edificado sobre uma eminencia natural ou artificial, e para n'elle entrar era preciso subir pelos dois lados por uma rampa. Este povo foi tomado pelos portuguezes em 1756 e por elles conquistado em 1801. Actualmente n'elle se encontram unicamente ruinas que em nada se podem aproveitar.

Seus dois maiores sinos foram enviados em 1831, por ordem superior, pelo capitão Francisco Marques Pereira ao procurador da irmandade do Santissimo Sacramento d'aldêa dos Anjos de Viamão o Sr. José Angelo da Fonseca, e asseguram-me que sua custodia é a que serve actualmente na matriz de S. Borja. Ouço dizer que ha indicios de haver na sua vizinhança terrenos auriferos. Ao menos vi folhas de pão de ouro e de prata ahi fabricado. Em 1824, o governo paternal de Dom Pedro I, mandou estabelecer no povo de S. João uma colonia de allemães que logo se dispersou. Este povo pertence actualmente á freguezia de S. Anjo.

No territorio que abrangia a extincta freguezia do povo de S. João Baptista existem agora: 1.° A freguezia do Espirito Santo da villa da Cruz Alta, erecta em capella filial de S. João por provisão de 6 de Julho de 1821 (60). Esta villa ou parochia, que tem dois mil novecentos e vinte dois votantes qualificados, é bastante povoada e florescente. 2.° A freguezia da villa do Passo-Fundo que conta setecentos e oitenta e oito votantes e que estando situada na estrada commercial que

vai d'esta provincia para as do Paraná, e de S. Paulo muito tem prosperado. 3.º Emfim, a freguezia da Soledade que conterá mil e quarenta e seis votantes qualificados, e que se acha muito aquem dos hervaes de Botucarahy explorados antigamente pelos jesuitas.

Estes dois municipios, da Cruz Alta (comprehendendo as freguezias de S. Martinho, da Villinha e de S. Anjo), e do Passo-Fundo, formam a importante comarca da Cruz Alta.

§ 3.º

S. Miguel.

O povo de S. Miguel foi fundado em 1632 pelo jesuita Christovão de Mendonça (depois martyr, segundo o manuscripto, no territorio de S. Borja) sobre a serra dos Tapes. Seis annos depois para se subtrahir, segundo Azara, ás invasões dos portuguezes, ou, segundo diz uma nota dos Annaes do visconde de S. Leopoldo, para fugir dos tigres que avançavam aos habitantes da nova colonia, elles desampararam o lugar.

E' porém certo que os colonos de S. Miguel foram se estabelecer nos arrabaldes do povo da Conceição do outro lado do Uruguay, d'onde em 1687 regressaram para se estabelecer no lugar que occupa hoje este povo, á tres leguas S. O. do antigo povo de S. João, sobre a margem esquerda do arroio Santa Barbara, confluente do rio Piratinim. Os jesuitas hespanhóes chegaram ajuntar n'este povo até dez mil indios de diversas nações. Depois de S. Nicoláu foi S. Miguel a capital das Missões Orientaes do Uruguay, titulo que conservou até a conquista dos portuguezes. Em 1751, o cacique d'este povo Tyarayusepê, á testa de uma multidão de indios obrigou por algum tempo os portuguezes e hespanhóes a suspenderem os

trabalhos que de commum accordo faziam para a demarcação dos limites dos dois respectivos reinos. Diz o visconde de S. Leopoldo nos seus Annaes, pag. 64. « Já o reconhecimento e demarcação tocava á capella de Santa Thecla (perto de Bagé) estancia e posto avançado das Missões Orientaes do Uruguay, eis que se resentem vislumbres de conspiração. Sahiu-lhes ao encontro o alferes real do povo de S. Miguel, José Tyarayú, que adiante veremos figurar com o appellido de Sepê, acompanhado de uma tropa de indios, que recrescia a todo o momento, e depois de varias mensagens, que cifravam-se em *que não havia direito para tirarem-lhes aquellas terras, que Deus e S. Miguel lhes tinham dado*, conseguiram por fim attrahil-o á tenda do primeiro commissario hespanhól, onde perguntado: *por ordem de quem vinham embaraçar o passo, e não davam cumprimento ás ordens d'Elrei?* — Respondeu: *que de ordem do padre superior e do padre cura* (61). Do que se lavrou auto solemne, e retiraram-se portuguezes e hespanhóes. Era em 1753.

Ufano com os primeiros successos e secretamente instigado pelos jesuitas, marchou Sepê o anno seguinte contra o forte do rio Pardo, e mandou-o investir sem successo. Tentou, passado tempo, um segundo assalto, acompanhado de dois jesuitas com duas peças d'artilheria de ferro (62), e levando comsigo muito mais gente, porém teve a infelicidade de ficar prisioneiro juntamente com o filho. O general portuguez os tratou com humanidade, os vestiu e os restituiu á liberdade, cuidando que com aquelle acto de generosidade os trazia á razão. Porém Sepê em Fevereiro de 1756 por instigações dos padres estava outra vez a testa dos indios entre Santa Thecla e Batovi para embaraçar a marcha dos exercitos portuguezes e hespanhóes outra vez combinados, e tendo attrahido com apparencia de amizade dezeseis batedores hespanhóes, os assassinaram perfidamente a todos. Em um combate renhido que

houve alguns dias depois foram os indios destruidos, e seu chefe derribado do cavallo com uma lança, morre de um tiro de pistola que lhe disparam. Morto Sepê, em uma terrivel batalha os exercitos combinados esmagaram os indios ao mando de Nicoláu Languirú, perecendo este e seus principaes cabos, e continuaram sua marcha para Missões. Antes de chegar ao Monte Grande cuja subida pelo Passo de S. Martinho, unico então conhecido, offerecia um obstaculo formidavel, o exercito alliado bateu e pôz em fuga uma numerosa partida de indios, e tendo conseguido com muitos esforços passar o rio Churieby, que os indios tinham fortificado e defendido com arte não vulgar, foi-lhe franqueada a entrada de Missões. Commandava o exercito portuguez o capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrada, e o hespanhól o governador de Montevidéo D. José Andonaegui.

Um indio, feito prisioneiro por uma partida, informou á 14 de Maio que os padres já haviam abandonado a Missão de S. Luiz, d'onde elle era, levando as mulheres, crianças e o mais precioso da igreja, e ensinando aos que não accompanharam que queimassem o restante. Parece que este foi um expediente de antemão concertado, pois que entrando os alliados a 16 de Maio de 1756 no povo de S. Miguel, lavrava alli o incendio, e já prendia o templo que á muito custo salvaram, bem que despojado dos seus ornamentos e preciosidades, quebradas as imagens e despedaçado o sacrario, havendo-se os habitantes retirado para os montes com o seu cura o celebre padre Lourenço Balda. Com energico pincel descreve José Basilio da Gama este incendio no seu poema, *O Uruguay*, canto IV; e o Sr. visconde de S. Leopoldo em seus Annaes na nota da pag. 84, faz uma elegante bem que succinta descripção do povo de S. Miguel e do seu templo, cujo frontispicio foi depois litographado (63).

Em 13 de Agosto de 1801 foi por Francisco Borges do

Canto e seus companheiros portuguezes tomado o povo de S. Miguel, e por elle principiou a conquista das Sete Missões Orientaes do Uruguay.

O povo de S. Miguel se acha collocado sobre uma collina, quarteada de alguns bosques, entre os quaes serpenteam abundantes mananciaes que vão se confundir no arroio Jucaripy, pouco distante das abas d'esta se estendem viçosas campinas. Nove ruas desembocavam a uma grande praça quadrangular, em cuja frente se achava o sumptuoso templo, o qual era de pedra e barro, as paredes eram muito grossas e branqueadas de tabatinga. N'elle se entrava por um alpendre de cinco arcos sustentados por columnas de pedra, rematado por uma vistosa balaustrada, e sobre uma gradaria da mesma pedra que coròava o frontispicio, elevava-se a imagem de S. Miguel, e dos lados as de seis apostolos. O corpo da igreja era de tres naves com seu cruzeiro e meia laranja com trezentos e cincoenta palmos de comprido de vão, com cento e vinte de largura e quarenta e cinco palmos de pé direito, com muitos outros accessorios, assim como cinco altares de talha dourada. A torre era de pedra e tinha seis sinos, bem que inclinada ella se acha ainda em pé. Era coròada por um gallo amarello, que ha pouco tempo já desthronado, e que foi cobiçado por muitos aventureiros que imaginavam que era d'ouro. Se exceptuar o frontispicio do templo e alguns pedaços de parede, nada mais sobra actualmente do dito povo que pertence á freguezia de Santo Anjo e ao municipio da Cruz Alta. S. Miguel passa por patria do general Alvear. Dizem que em seu terreno existem minas de cobre e de azougue, principalmente na estancia ou pacigo dos bois de Santa Fé.

Por provisão de 25 de Setembro de 1824 foi creada a capella de S. Pedro na antiga guarda de S. Martinho no territorio da antiga freguezia de S. Miguel de que foi filial a nova

capella, hoje freguezia de S. Martinho, que tem setecentos e trinta e nove votantes qualificados, o que indica uma numerosa povoação.

O ultimo vigario de S. Miguel foi fr. José de S. Avertano, nomeado á 28 de Junho de 1822, e encarregado das freguezias de S. João e de Santo Anjo, o qual exerceu o seu ministerio largos annos, morrendo velho decrepito e quasi inteiramente surdo na Cruz Alta ha sete ou oito annos.

§ 4.°

S. Lourenço.

O povo de S. Lourenço é situado a tres leguas O. do povo de S. Miguel, do qual é separado pelo arroio Santa Barbara, e seu territorio encerrado pelo dito arroyo a Leste pelo rio Piratinim ao Sul e o Juhy ao Norte. Foi fundado em 1691 por uma colonia de Santa Maria-Maior. Está collocado sobre uma eminencia d'onde se divisa o povo de S. Miguel e onde se goza de uma bella perspectiva de todos os lados. A igreja era muito grande e foi incendiada casualmente. Está ella cheia de arvores e só n'ella se encontra escondida entre arbustos e trepadeiras uma pia de baptismo de um tamanho extraordinario. As columnas do collegio que tem ainda alguns quartos em pé, posto que muito arruinados, eram de pedra redonda e collocadas por pares debaixo de um mesmo capitel, eram de linda architectura. Vi ainda portas e janellas dos quartos, os quaes não existem mais, e eram primorosamente lavradas. Os visinhos do povo tiraram d'elle telhas, caibros e tudo o que poderam approveitar, e adiantaram sua destruição. Existem todavia em um quarto algumas estatuas de santos que por sua estatura ninguem póde carregar, entre ellas ha uma estatua collossal do archanjo São Miguel.

pisando aos pés o diabo representado por uma figura hedionda composta de varios membros dos animaes mais temidos dos homens. Estas imagens são guardadas com esmero por duas indias velhas e pobrissimas, unicas que ainda habitam o povo de São Lourenço. Acha-se estendida ao meio do cemiterio uma cruz enorme de pedra macissa em uma só peça e com dois braços de cada lado. Foi derrubada esta cruz sem se quebrar felizmente, por um individuo que esperava achar um thesouro debaixo do seu pedestal. O lavatorio do quarto onde se acham recolhidas as imagens e que é embutido na parede, tem a data 1694. A pedra do relogio solar que ainda está no claustro tem a de 1717. No cemiterio se encontram lousas com inscripções em guarani e datas. Não longe de São Lourenço se encontra a bocca de uma grande escavação fechada de nome: *quarepoti* (prata) onde se diz que os jesuitas extrahiram d'esse metal. Nos arrabaldes do mesmo povo ha barro de que os jesuitas se serviam nas pinturas, para as quaes não mandavam vir tintas de fóra. Em principios de 1858 mandei amostras d'este barro ao presidente da provincia do Rio Grande do Sul.

O povo de São Lourenço foi sorprendido e tomado pelos portuguezes e hespanhóes alliados na madrugada de 17 de Agosto de 1756, e ahi ficaram prisioneiros tres jesuitas. A força alliada era de mil tantos homens, sendo oitocentos hespanhóes e duzentos portuguezes, nos quaes se incluiam oitenta dragões commandados pelo tenente-coronel José Ignacio de Almeida, sendo commandante geral o governador de Montevidéo Andonegue. Havia em São Lourenço quatro mil e tantas pessoas que pouca resistencia fizeram. Os padres que ficaram prisioneiros foram os jesuitas Cosme e Miguel Xavier, curas d'esta missão, e o padre Thadeo, superior, que fugira de São Miguel, e que alguns auctores dão como auctor da rebellião e como general de todas as batalhas, se bem

que se dê o maior quinhão d'estes trabalhos ao padre Lo
renço Balda.

Foram os indios de São Lourenço que em 1801, expo
como os dos outros povos missioneiros, ás excursões dos ma
teiros portuguezes, cruzavam em continuas cavalgatas pelo
campos comarcãos, sem serem protegidos pelas autoridad
hespanholas, impossibilitadas por causa dos successos pas
antes occorridos, se persuadiram que melhorariam de sor
ado de vassallagem, e abrindo os primeiros o exemp
seus correligionarios, em pleno cabildo escreveram a
andante da guarda avançada portugueza de São Pedr
de dragões Francisco Barreto Pereira Pinto, pote
sinceros desejos de se renderem á dominação port
com tanto que fossem auxiliados. E a consequenci
ticipação foi a conquista das sete Missões Orientaes
ço pertence á freguezia de São Luiz e ao mun
de São Borja.

§ 5.

São Luiz

A cinco leguas Meio de São Lourenço, como a quatro ao Sul do Jahy e a tres do rio Piratinim sobre uma linda collina se acha magnificamente collocado o antigo povo de São Luiz. Esta missão foi fundada em 1632 pelos jesuitas sobre o rio Jacuhy com o nome de São Joaquim, mas em 1638 o medo que os portuguezes infundiram a seus habitantes os fez retirar para perto da [illegible] da confluencia ao occidente do Uruguay. Elles abandonaram este ultimo logar para se irem estabelecer na antiga colonia de Caaçapa-Mirí em 1687. Deixaram tambem esta ultima colonia e engrossado o seu numero com os restos de tres outras colonias destruidas pelo

portuguezes e que se chamavam Jesus Maria de Ybiticaray, Visitação de Caapi, e São Pedro e São Paulo de Caaguazu, vieram fundar uma reducção n'um lugar visinho d'aquelle em que se acha hoje o povo de São Luiz. Em 1756, quasi todos os moradores de São Luiz ao aproximarem-se os exercitos alliados, fugiram para os matos, sem que fosse queimado o povo como o foi o de São Miguel. Quando em consequencia da guerra declarada entre a Hespanha e Portugal, esta ultima nação se assenhoreou das sete Missões Orientaes do Uruguay, o povo de S. Luiz parecia inteiramente novo e foi o que se conservou mais tempo, e ainda hoje o mais conservado se bem que arruinado. Ainda estão em pé dezoito quartos na praça, oito salas do collegio das quaes uma serve actualmente de matriz; são assaz conservadas se se exceptuarem os telhados que precisam ser concertados e de novo branqueados. Os quartos do collegio paralellos a igreja tambem estão em pé mas sem telhados. A frente do lado da praça ainda está fechada e no claustro cresceram algumas larangeiras e alguns pecegueiros. Desmanchou-se o relogio solar que estava no meio, e entre as fendas das pedras do seu pedestal cresceram duas lindas larangeiras. As columnas do collegio que se acham nos seus lugares e as do frontispicio e dos corredores lateraes da igreja que em mór parte cahiram são de enormes pedras de uma só peça. O pé direito do dito collegio é mais alto n'este povo do que nos outros das Missões orientaes. O templo de São Luiz (64) que tinha trezentos palmos de comprimento e cem de largura tem ainda seu frontispicio em bom estado. N'elle se vêem frizos, e cornijas de pedra branca e vermelha. No interior, que era de tres naves com pilares de grandes troços de arvores, se vêem ainda alguns d'estes pilares em pé, uns direitos, outros pendidos, outros estendidos no chão, e mutilados pelo machado que não respeitou nem os que ainda estão direitos, tirando-lhes

pedaços nas suas bases até a altura a que a mão do homem póde alcançar, que não respeitou nem o altar-mór primorosamente lavrado, todo dourado e que eu vi, faz bem poucos annos, cobrir todo o fundo da capella-mór, (65) e do qual só se encontram agora quatro pedaços mutilados de quatro columnas redondas e bem torneadas, misturadas com as ruinas das paredes do templo que sendo feitas ora de pedra ora de tijollo crú se desmoronaram aqui e alli á proporção que o adobe se foi molhando e cahindo. O zimborio ou meia laranja ainda existe, se bem que muito desprumado a ponto de se ter receio de passar por baixo d'elle. Alli se veêm pinturas que parecem frescas nos lugares que não foram molhados. De todos os ornamentos d'este templo só restam algumas estatuas de santos, um altar pequeno collocado no quarto do collegio, que serve de matriz, onde se encontra uma pia de baptismo de tamanho ordinario, de pedra lavrada. Não ha alfaias algumas. Os paramentos que servem foram emprestados de São Borja em Fevereiro de 1860. A quinta está cheia de arvores inuteis, se bem que n'ella haja muitas larangeiras como em todo o povo de São Luiz.

Depois da conquista do povo de São Luiz foi designado pelos portuguezes para capital das sete Missões Orientaes de Uruguay. Foi elevada a categoria de villa, por alvará de 13 de Outubro de 1817, com o nome de São Luiz da Leal Bragança e com o patrimonio de uma legua quadrada, dando-se-lhe por districto o termo das sete Missões. No tempo em que a assembléa geral dividiu esta provincia em cinco comarcas, a villa de São Luiz foi escolhida para ser cabeça da das sete Missões. A falta de pessoal foi tal, que dezesete annos se passaram sem que se podesse installar a villa até que se ordenou que os titulos de villa e de cabeça de comarca fossem transferidos para o povo de São Borja. Tendo o general Chagas estabelecido seu quartel general para este ultimo povo,

esta determinação contribuiu muito para sua importancia e conservação em quanto diminuiu a de São Luiz, d'onde por portaria de 3 de Dezembro de 1819, S. Ex. Reverendissima transferiu a cabeça da comarca ecclesiastica para São Borja. Por provisão de 9 de Julho de 1818 o reverendissimo vigario geral concedeu aos moradores de São Francisco de Assis uma capella filial da freguezia de São Luiz, (66) porém depois da invasão de Dom Fructo, São Luiz ficou abandonado e deserto e perdeu mesmo seu titulo de freguezia que lhe foi conferido de novo pela assembléa provincial em 1858. Acha-se provida esta nova freguezia desde principio de 1860. Ha mui poucos indios nos arrabaldes de S. Luiz, porém varios moradores tem vindo de outras partes estabelecer-se no rincão dos Tres Povos, que está principiando a reviver e que de certo brevemente prosperará. Esta freguezia dá quatrocentos e cinconta votantes, o que indica um bem crescido numero de freguezes. Pertence ao municipio de São Borja. Nos seus arrabaldes, disse-me Monsieur Bompland ter encontrado pedra iman, e consta-me haver minas de cobre e de ferro na capella de São Francisco de Assis que tambem agora é freguezia.

§ 6.º

São Nicoláo.

A sete leguas N. O. de São Luiz, a distancia de uma legua para o Norte do rio Piratinim, e tres a Leste do rio Uruguay se encontra sobre uma amena altura o povo de São Nicoláo que os jesuitas fundaram em 1627 sobre um pequeno galho do rio Piratinim (67). Esta missão nascente foi atacada em Janeiro de 1638 pelos portuguezes que obrigaram seus habitantes a fugir. Passaram elles o rio Uruguay e foram se estabelecer nas

margens do arroio Aguarapucahy, entre Santa MariaMaior e São Xavier. Em 1652 foram-se unir aos moradores do povo de Apostolos até que em Fevereiro de 1687 repassaram o Uruguay e definitivamente se fixaram no lugar onde hoje se vêem as ruinas d'este antigo e opulento povo. Era um dos povos mais bem construidos. A frente do templo assim como uma parte de suas paredes lateraes bem que em parte desprumadas ainda estão em pé e são feitas de pedra lavrada. As columnas tanto do frontispicio da igreja como do collegio eram de pedra e quadradas, quasi todas de uma peça só, excepto as das habitações dos indios que, posto que de pedras, eram formadas de cubos quadrados sobrepostos. O cabildo agora desprumado, e que faz bem poucos annos se achava ainda em muito bom estado, era um edificio de sobrado com portaes e peitoris de pedra. Nada mais se encontra no collegio senão pedaços de parede de uma ou duas varas de altura e troços de columnas quebradas e de pedras esparsas, e cobertas de trepadeiras e arbustos. Matos de larangeiras cobrem todos os terrenos que avizinham as antigas casas, das quaes uma unicamente está em pé e não tardará a cahir por seu pessimo estado. No cemiterio, que tem do lado de Leste uma formosa fileira de laranjeiras, se encontram algumas lousas com inscripções em guarani. Na quinta, que era extensa e bem plantada existe um alto pinheiro que domina todo o povo e que se avista de muito longe; mas ella é impenetravel por causa das arvores, dos arbustos, das enredadeiras e das plantas que n'ella tem crescido. Faz trinta e tantos annos (no anno em que se jurou a constituição do Brasil; me disse um soldado velho que foi testemunha) um horrivel tufão de vento de S. O. cahiu sobre o povo de São Nicolão, atravessou pela praça, arrancou as telhas e as taquaras dos telhados que desmanchou quasi todos, arrancou arvores e tudo o que encontrou em sua passagem: foi desde esta epocha que não

sendo reparados estes estragos se principiaram a arruinar as casas, o collegio e o templo que acabou por ser queimado, faz vinte e tres annos, pegando-se-lhe o fogo de uma vela acesa por devoção. Faz cinco annos que houve de novo um tufão de vento em São Nicoláo vindo do mesmo rumo, porém este ultimo foi um pouco mais brando que o primeiro. Em 1850 se edificou na praça de São Nicoláo uma casa de pedra debaixo da direcção do engenheiro capitão Martins. Era destinada para deposito dos utencilios dos trabalhadores á projectada estrada na costa do Uruguay, mas não se tendo effectuado esta empresa, os habitantes de São Nicoláo transpotaram para a dita casa uma duzia de estatuas de santos que tinham tirado das ruinas da igreja. Entre estas estatuas torna-se notavel uma de São Nicoláo, maior que o natural, dourada e bem conservada. Aos domingos se reunem os indios que moram em pequenos ranchos debaixo do mato das laranjeiras, e fazem suas orações diante das imagens que beijam com devoção, e depois se retiram á suas guaridas por pequenos atalhos que ninguem distinguiria. O telhado da dita casa já está arruinado e não tardará a se destruir completamente, então se perderão tambem as estatuas de santos, das quaes já algumas tem sentido o effeito da intemperie por causa do mau estado do telhado. A Leste da praça se achava uma capella de Santa Barbara, e ao Norte uma de São Isidoro. Perto d'esta ultima existia uma linda fonte cujas aguas por pesarem muito no estomago são pouco procuradas. N'estes ultimos annos tem diminuido consideravelmente o numero dos indios de São Nicoláu, que pela mór parte mui velhos falleceram; mas em compensação dois negociantes vieram alli estabelecer-se, e familias numerosas attrahidas pela fertilidade das terras vieram de Porto-Alegre e de outros lugares para as vizinhanças d'este antigo povo, onde fizeram grandes plantações de canna, mandioca, tabaco, milho, feijão, etc., que dão

optimamente no seu territorio, que é sem contradição o melhor das Missões para a agricultura. São Nicoláo está mais vantajosamente collocado para o commercio do que os cinco povos orientaes de que já fallámos. Sua posição perto de dois rios navegaveis com excellentes portos, sua proximidade dos hervaes brasileiros, se se abrissem caminhos por terra, ou se se pudesse conseguir embarcar as hervas no alto Uruguay, sua proximidade dos hervaes correntinos e da fronteira da republica do Paraguay de que São Nicoláu é o ponto mais proximo sobre o Uruguay, promettem a este povo um brilhante porvir se conseguir levantar-se de suas ruinas, ou que na beira do Uruguay não se formem outros povos em posições mais proprias para o commercio do que o está actualmente São Nicoláo. A nova colonia que acaba de se demarcar na margem direita do Juhy, sobre o Uruguay e no qual já tem tres ou quatro povoadores; assim como a colonia militar projectada no porto de São Xavier estão optimamente situadas; e se o governo tratar de as povoar e augmentar, ellas poderáõ causar algum prejuizo ao augmento de São Nicoláo; porém este povo sempre será mui importante por não serem seus portos expostos aos obstaculos das cachoeiras de São Isidoro e de Santa Maria, no Uruguay, obstaculos que terão que vencer em tempo das baixas do rio os habitantes do Juhy e de São Xavier. Na epocha da conquista em 1801, era São Nicoláo o povo mais importante das sete Missões e o mais povoado, pois tinha tres mil novecentos e quarenta habitantes; brevemente tornaria a sel-o, se estivesse edificado na barranca do Uruguay sobre um dos numerosos e excellentes portos d'este magestoso rio, como no passo de São Isidoro ou no passo de Santa Maria, que apenas distam tres leguas da situação actual de São Nicoláo. Durante as guerras de 1751 e de 1801, São Nicoláo seguiu a sorte dos outros povos orientaes que foram primeiramente invadidos, mas depois da conquista pelos portu-

guezes, São Nicoláo tornou-se a principal praça d'armas das Missões Orientaes, até a completa destruição das Missões Occidentaes e o completo exterminio dos indios. Já tivemos occasião de notar que em 1819 São Nicoláo foi tomado por Andrezito Artigas, e que para recuperar a sua posse o marechal Chagas teve que empregar muitos esforços. Quando estiverem povoadas as Missões Occidentaes, São Nicoláo tornará a tomar sua importancia militar e commercial. São Nicoláo pertence á freguezia de São Luiz e ao municipio de São Borja.

§ 7.°

São Francisco de Borja.

São Borja que é o mais meridional dos povos jesuiticos da margem Oriental do Uruguay, é edificado vinte leguas ao Sul de São Nicoláo, e arredado tres quartos de legua do rio Uruguay. A' distancia de legua e meia d'este rio para o Norte do lado occidental existia o povo de São Thomé, que em 1690 tinha mandado uma colonia fundar o povo de São Borja com indios charrúas, sendo os outros seis povos orientaes formados por guaranis. O povo de São Thomé no tempo dos jesuitas e dos hespanhóes foi o ponto mais commercial de ambas as margens do Uruguay, aonde ora pelo rio, ora por estradas, se levavam os productos dos outros povos situados mais ao Norte, ficando São Borja reduzido á seus proprios recursos e n'um estado secundario, até que depois da conquista o intelligente marechal Chagas, vendo as vantagens que reunia São Borja para o commercio por causa da sua posição, o escolheu para seu quartel general, o que foi o principal motivo porque poucos annos depois veio a ser a capital das Missões Orientaes. Pouco antes de mudar de dominio, São Francisco de Borja

soffreu uma invasão de minuanos que graves estragos lhe causaram e motivaram em parte seu atrazo. São Borja era povoado unicamente de indios, e em 1801 o seu numero era sómente de mil e trezentos.

Em 1816 o general Dom André Artigas, de quem já fallamos, querendo fazer uma util diversão á seu pai adoptivo o general Dom José Artigas que se via perseguido pelos portuguezes na Banda Oriental e pelo exercito de Buenos-Ayres, correu ás Missões entre Paraná e Uruguay e n'elle reuniu um exercito de dois mil e tantos homens, e quando se julgou bastante forte formou o projecto de reconquistar as Missões Orientaes. Com este fim em principios de Setembro com seu exercito e duas peças de artilheria se apresenta repentinamente no Passo de Itaqui no Uruguay, que era defendido pelo furriel Athanazio José Lopes com doze milicianos. Estes acommettidos de improviso por uma força tão superior se aquarteláram em S. João Velho, estancia do mesmo furriel Athanazio, onde foram sitiados por Andrezito que caminhava sobre S. Borja. Depois de alguns dias, depois de uma porfiada resistencia, succumbiram, morrendo todos á 12 de Setembro (1816). A mulher de Athanazio morreu tambem, e sua familia muito maltratada foi conduzida prisioneira ao outro lado do Uruguay, sendo sua casa rica em prataria inteiramente saqueada (68). O general Chagas que se achava no commando de Missões, sabendo d'este successo desastroso em S. Borja, onde tinha seu quartel general, mandou o capitão Joaquim Ferreira Braga com duzentos ou trezentos homens de cavallaria, explorar o campo do inimigo, afim de reconhecer a sua força. Braga apesar da sua reconhecida valentia, foi atacado e destroçado no rincão da Cruz no dia 16 de Setembro, morrendo dezeseis portuguezes, e o seu proprio filho que era porta-estandarte. Não encontrando obstaculo André Artigas caminhou para S. Borja. Ao amanhecer o dia 21 de Setembro, estava a tiro

de peça da praça, e ao som de instrumentos marciaes, cercando a povoação. Não direi (observa o autor da Memoria historica do extincto regimento de Santa Catharina, que seguimos n'esta narração) que Andrezito observara tactica alguma adoptada pelos exercitos sitiadores; mas fanatizado o seu exercito por um frade apostata que nos seus discursos persuadira aos indios que morrendo no combate, resuscitariam além do Uruguay entre suas familias; e ao mesmo tempo, observando-se no exercito muita disciplina, não podia deixar de ser um inimigo corajoso e temivel; além de que os indios das Missões (de que se compunha em quasi totalidade a força de Andrezito) são soffredores e valentes, quando os dirige um chefe da sua fé, como então era André Artigas.

Eis como o mesmo auctor continúa a narração. « O briga-
« deiro Chagas, commandante da fronteira de Missões, não
« tinha tomado bem (ou confiava demasiadamente em sua
« valentia) as precauções e medidas necessarias para se não
« expôr á um sitio, dentro de uma praça, cento e trinta
« leguas distante da capital e mais de oitenta do general
« Curado, sem segurança de auxilio e falto de alguns meios
« para sustentar-se; porque afóra d'artilheria (sem ar-
« tilheiros), polvora e ballas que tinha bastante, de tudo o
« mais carecia para acudir á mais de duas mil pessoas de
« ambos os sexos e differentes idades, das familias dos indios,
« e outros extra-naturaes que existiam ou se recolheram á
« praça contando com a protecção das armas portuguezas.
« A força de que dispunha o general, pouco excedia á cento
« e vinte homens de cavallaria miliciana portugueza e alguma
« do regimento de cavallaria miliciana guarani, e de neces-
« sidade teria succumbido, se á 13 de Setembro, oito dias
« antes do sitio, não lhe tivesse chegado uma companhia de
« granadeiros do brioso regimento de Santa Catharina com
« oitenta e cinco baionetas. Com este contingente, Chagas a

« quem nunca faltou valor e presença de espirito, contou á « seu lado duzentos e tantos combatentes. Nomeou imme- « diatamente os commandantes das bocas das ruas ou en- « tradas da praça, e mandou assestar uma peça de artilheria « em cada uma. Formou-se, para impedir a entrada, uma « especie de barricadas com couros empilhados, que pro- « tegiam as peças, ao serviço das quaes dividiu os valentes « soldados da companhia de granadeiros, indo a cavallaria « guarnecer a quinta. O general nomeou para major da « praça o capitão José Maria da Gama, official que possuia « os predicados necessarios para um posto tão importante « em occasião perigosa. O alferes Antonio Agostinho Capis- « trano com trinta granadeiros foi posto de piquete em logar « conveniente, para acudir ao ponto onde occorresse maior « perigo ou fosse necessario. »

Logo que Andrezito estabeleceu o assedio, teve S. Borja que soffrer varios, porém mal dirigidos ataques do inimigo, que foram sempre rechaçados pela guarnição.

Com tudo, official houve da cavallaria que, temendo algum fim desastroso se atreveu a lembrar ao general Chagas uma escapula; rompendo-se em uma noite a linha dos sitiantes: felizmente para honra dos portuguezes esta lembrança não mereceu resposta alguma. Ao amanhecer do dia 28 os sitiantes carregáram com tal furor que a cavallaria dos sitiados teve de recuar, cedendo alguns passos do terreno que occupava, e sua infantaria de sustentar um vivo fogo e de rebater o inimigo de mui perto e quasi braço a braço. Com machados trabalhou para arrombar as portas exteriores da praça e conseguiu abrir uma, e alguns soldados poderam pôr pé dentro, mas um tiro de artilheria portugueza, tinha desmontado uma peça do inimigo que mais damno causava á guarnição da praça, dando a balla (calibre quatro) em um dos munhões deixando a peça inservivel e mortos dois artilheiros, o que

fez esfriar seu valor, e elle horrorizado da mortandade abandonou o ataque e se retirou para suas linhas com perda de muitos dos seus.

O general Chagas que presenciou attentamente a valentia da guarnição e sobretudo os actos de bravura e de intrepidez dos granadeiros, congratulou-se com elles.

Entretanto iam faltando os viveres na praça sitiada, e tornava-se mais sensivel a falta d'agua. Um cadete (José Joaquim de Almeida) da companhia de granadeiros, já bem conhecido por seu genio denodado (sem que ninguem lh'o encommendasse) encarregou-se de expôr a vida para suavisar os soffrimentos de seus patricios sitiados; com seis ou oito granadeiros d'armas suspensas á tiracollo pelas bandoleiras, e uma pequena peça de amiudar, puxada á mão, quando mal pensava o inimigo, estava na sua frente, desafiando-o e fazendo-lhe fogo e foscas. Ao abrigo d'esses granadeiros muitos indios da praça e outras pessoas corriam a encher potes e barris d'agua não tão boa como se desejava, mas como o permittiam as circumstancias, porque era tirada de uma pequena lagôa no meio do campo, á cento e cincoenta braças de distancia da povoação, misturada de barro vermelho, e algumas vezes em quantidade tal que não era sufficiente para matar a sede dos sitiados, pela retirada precipitada dos protectores. O general, logo que lhe constou a temeridade, ousadia e perigo á que se expunham esses granadeiros, mandou immediatamente alguns homens de cavallo protegel-os, que sempre eram destimidos e da sua escolha e confiança.

N'este estado se achavam as cousas, quando começava a raiar o dia 3 de Outubro, e tão nublado que não se podia divisar objecto algum ao longe, todavia sentindo-se na praça grande rumor na linha inimiga, a guarnição se dispôz para um novo combate. Poucos minutos depois o tenente do

regimento de cavallaria miliciana guarani, Antonio Erip
do cume do zimborio da igreja, aonde subira para observ
melhor o rumor e movimentos do inimigo, avisa que u
corpo volumoso de cavallaria atravessava o extenso banhad
ao Sul de S. Borja, demandando o campo do inimigo. E
o tenente-coronel José de Abreu, que tendo aviso (69) d
general Chagas, correu com oitocentos homens que com
mandava, não só em soccorro de São Borja, como para ving
nos sitiadores o arrasamento da nova povoação do Nha
duhy, cuja erecção fôra por elle animada e protegida, e f
com marchas tão occultas que só foi presentido pelos inva
sores quando começavam a ser batidos e derrotados. Ni
sem experimentar algumas perdas, Abreu levou de rojo
inimigo, forçando-o a abandonar o apertado sitio com qu
desde treze dias cercava São Borja, e perseguindo-o at
pôl-o além do Uruguay, ajudado pela companhia de gran
deiros, que instantaneamente deixando as trincheiras, se lh
reuniu e acompanhou até a barra do Butuby.

Depois de ter principiado a immortalizar o seu nome, n
dia 3 de Outubro, fazendo levantar o sitio de S. Borja a
exercito de André Artigas, e tenente coronel José de Abreu
[depois general e barão do Serro Largo] retirou-se logo co-
berto de benções pelos habitantes d'este povo, e da bem me-
recida gloria de ter derrotado e afugentado para longe os
inimigos do Brasil.

Por portaria de S. Exa. Rvma. de 3 de Dezembro de 1819
a cabeça de comarca ecclesiastica dos sete povos orientaes fo
transferida de S. Luiz para S. Borja « por pertencer, diz a
« mesma portaria, á esta freguezia grande porção dos povos
« vassallos de Sua Magestade que Deus guarde, e ser aquella
« povoação o assento do commando geral d'aquella provincia
« de Missões. » Em observancia do Codigo do Processo, dividida
a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul em cinco comar-

cas; a cabeça da de Missões passou para S. Borja. Esta comarca até 1850 comprehendia além do termo de S. Borja, os de Alegrete, Uruguayana, Cruz Alta e Vaccaria. Actualmente ella se acha reduzida ao municipio de S. Borja e ao de Itaqui. Não tendo sido possivel effectuar-se a creação em villa do povo de S. Luiz da Leal Bragança, conforme o alvará de 6 de Outubro de 1817, apesar de que a lei de sua creação prevendo a difficuldade de encontrar homens que podessem servir na vereança, tinha permittido que podessem ser vereadores os officiaes de milicias, cargos que então eram incompativeis; a falta de pessoal foi tal que dezesete annos se passaram, sem que se podesse installar a villa. O povo de S. Borja foi designado para succeder-lhe n'essa cathegoria. No dia 4 de Abril de 1834 foi juramentado em Rio Pardo o seu primeiro presidente o Sr. João José da Fontoura Palmeiro, e a camara municipal de S. Borja foi effectivamente installada á 21 de Maio d'este mesmo anno.

Foi creada uma alfandega em S. Borja, e organizada segundo a tabella annexa ao regulamento para as alfandegas do imperio, mandado observar pelo decreto de 20 de Junho de 1835, mas posteriormente a alfandega de S. Borja foi transferida para a villa de Uruguayana, e S. Borja actualmente tem uma administração de mesa de rendas e uma collectoria provincial. Até agora tem existido a prohibição da exportação directa dos portos de S. Borja e d'Itaqui contra o determinado no decreto n. 1140 de 11 de Abril de 1853, o que tem causado graves entraves aos negociantes d'estas praças. Como fronteira de grande importancia, foi decretado que S. Borja fosse a parada do batalhão oitavo de caçadores, que era insufficiente, bem que ajudado por parte do regimento n. 25 de cavallaria miliciana que estacionava tambem no mesmo lugar, para guardar a extensa barreira do Uruguay que é no verão vadeavel em alguns lugares. Desde muitos annos o serviço mi-

litar da fronteira de S. Borja é feito pela guarda nacional, que acaba de ser substituida antes das eleições de 30 de Dezembro de 1860, por uns trinta soldados de tropa de linha, que de certo se retirarão logo que tiver passado a crise eleitoral.

Desde que o general Chagas estabeleceu seu quartel general em S. Borja pelo anno de 1810 mais ou menos, varias familias do Rio Pardo, Viamão, Triumpho, Porto Alegre e sobretudo de Santo Antonio da Patrulha, etc., se mudaram para S. Borja; acudiram varios negociantes para fornecer a tropa e aos habitantes que foram progressivamente augmentando em S. Borja e seu territorio até hoje. Os indios, unicos moradores de S. Borja em 1801, foram pouco a pouco desapparecendo. As guerras de 1816, 1817, 1818 e 1819, de que já fallámos, fizeram desapparecer quasi todos os indios varões de S. Borja, e com a invasão de D. Fructo em 1828 desappareceram elles inteiramente. Não admirará o total desapparecimento dos indios ou familias indias em S. Borja, considerando que quando um indio sahe destacado ou para qualquer expedição leva comsigo sua familia, se a tem: além de que as indias conservando a facilidade de costumes de que fallaram varios auctores, estiveram sempre promptas para acompanhar militares ou outros que as quizessem levar em sua companhia. Na actualidade, se bem que se faça de Missões, de que S. Borja é capital, uma idéa mui desfavoravel sobre as raças de seus habitantes, é certo que os indios formam uma parte muito diminuta d'elles, e que se acham em muito maior numero em outras villas e freguezias.

Alguns auctores, como o meu amigo Dr. Martin Moussy, valendo-se até do meu nome, assegura que na campanha de S. Borja se falla exclusivamente guarani, quando é certo que o guarani não é fallado mais na margem oriental do Uruguay, e que bem que muitos o entendam e fallem, ficam vexados se

se lhes fizer perguntas em guarani respondem á ellas em portuguez.

O povo jesuitico de S. Borja não foi destruido nem queimado como os povos da margem occidental do Uruguay, nem abandonado como os demais da margem oriental do mesmo rio. O seu collegio e as casas da praça foram continuamente occupados por tropas portuguezas, brasileiras e outros particulares.

Estes edificios (70) que não igualavam em segurança e elegancia os de S. Luiz, de S. Nicoláo, de S. Thomé, Apostolos, S. Xavier, etc., tiveram que desmoronar-se, não sendo concertados. O seu systema de construcção, posto que superior e mais duradoura do que os *ranchos* actualmente habitados (não fallo das boas casas construidas desde dez annos na villa de S. Borja e em todo o seu municipio) não permittem longa duração. No tempo da revolução rio-grandense, os quartos da praça de S. Borja foram arrematados por ordem do governo republicano, e os particulares que os compraram e pagaram, perderam o seu dinheiro, porque o governo imperial não reconheceu a validade d'esta venda. Em Setembro de 1850, o governo de S. M. o Imperador mandou pôr de novo em leilão as ditas casas, que foram arrematadas e compradas, e desde então foram melhor reedificadas. Das antigas casas, apenas subsiste a ala do fundo do collegio que está bastante arruinada, um hospital que serve de matriz, mas que foi reparado em 1856 por esmolas dadas pelas senhoras de S. Borja e alguns quartos da praça, mui poucos que seus donos ainda não mandaram reedificar. Faz annos que o magnifico templo que os jesuitas tinham edificado em S. Borja desappareceu completamente. Este templo, que era do tamanho de uma bella cathedral, tendo trezentos e tantos palmos de comprido e cento e tantos de largura, sem contar as numerosas sacristias que lhe eram annexas na parte posterior e cujos

alicerces ainda se vêem, e não têem menos de oito palmos de largura, era quasi todo de pedra. Pouco depois do anno de 1820 se manifestaram goteiras no telhado as quaes principiaram a arruinar o edificio. Em 1827 fez-se uma subscripção entre os habitantes de S. Borja, e se conseguiu uma somma avultada em animaes com o fim de reparar a igreja, mas como houvesse demora em tomar as devidas providencias, os estragos foram-se augmentando até que um commandante (71) julgando que seria menos custoso fazer uma igreja nova do que reparar a velha, mandou tirar d'ella uma porção de telhas e de pedras que se venderam, sem que se tratasse da nova igreja. Assim não se recolheu o importe da subscripção e desappareceu o valor das telhas e das pedras. Verdade é que com as mesmas pedras se deu principio á uma casa, a qual não teve tempo de se concluir, pois uma tormenta espalhou as pedras, fez cahir as paredes já feitas, o que foi considerado como castigo do céo pela mór parte dos habitantes. Em 1830 a mór parte do telhado do qual tinham tirado as telhas, cahiu com um rumor espantoso. Sem embargo ficaram ainda na igreja os ricos retabulos e numerosas estatuas de santos. Não se pense que foram levados a outras povoações á beneficio do culto divino. Eis a narração do destino que tiveram. Durante a revolução rio-grandense, estando em certo anno a praça de S. Borja em poder dos republicanos, n'ella entrou um batalhão legalista, o qual durante quatro dias se acampou no meio da praça. O coronel commandante do batalhão requisitou de um official superior legalista que se achava em S. Borja os mantimentos precisos e em particular lenha para fazer fogo. O official superior mandou dizer ao coronel, que mandasse fazer fachina na costa do Uruguay que estava perto. O coronel respondeu que pagava dinheiro á vista e que queria lenha posta na praça. Então o condescendente official superior (72) mandou-lhe dizer que lançasse mão das madeiras da

igreja velha. Em vinte e quatro dias de estada na villa de S. Borja, o referido coronel fez pôr o machado aos seis retabulos que possuia o templo jesuitico de S. Borja, de que nem vestigio ficou, nem tão pouco das imagens que foram sacrilegamente cortadas, mutiladas e queimadas para cozinhar para o batalhão. Assim como desapparecu o templo jesuitico de S. Borja, desappareceram tambem suas preciosas alfaias; dizem-me que sua rica custodia serve na matriz de Porto Alegre e seu sino grande na matriz do Salto Oriental. Tinha a igreja de S. Borja uma lampada de prata massiça que pesava duas arrobas e meia, não se sabe o destino que ella teve, como se ignora o destino que tiveram os outros paramentos. Para substituir a lampada de prata, mandou-se vir um lustre de vidro pintado pouco mais ou menos do mesmo tamanho e da mesma fórma, o qual pouco antes da completa destruição da igreja, cahiu por arrebentar a corda com que estava suspenso, e se fez em migalhas. Logo que se concluiu a revolução rio-grandense, a assembléa legislativa provincial decretou a edificação de uma matriz na villa de S. Borja, a qual foi principiada em 1846.

Esta nova matriz se acha com a capella-mór prompta, faltando-lhe unicamente o forro, e com as paredes do corpo da igreja na metade da sua altura. Espero que com o producto das loterias que a beneficio d'esta igreja obteve o Exm. Sr. barão de Porto-Alegre, e que mandou extrahir o Exm. Sr. conselheiro Ferraz, presidente do conselho dos ministros, ao menos o corpo da igreja possa-se cobrir.

Segundo Mr. Martin de Moussy, que visitou S. Borja em fins de 1856, a villa de S. Borja situada sobre uma amena collina (73) que domina a campanha, está transformada em cidade moderna, e suas antigas casas de pedruscos grandes e toscos, são substituidas por construcções modernas de tijolo, mais vistosas, alegres e commodas. Se bem que a

arêia e a cal são summamente caras (74). Tem-se edificado muitas casas que em elegancia vencem ás melhores de Itaqui e Uruguayana. E' certo de que desde 1846, o commercio das hervas que se fazia em S. Borja, se tem effectuado quasi unicamente em Itaqui, o que tem dado um impulso immenso ao augmento d'este novo povo. Desde 1852, depois da queda do general Rosas se abriu o rio Paraguay, o que fez quasi completamente cessar o grande commercio que antes se fazia entre S. Borja e Itapûa, principal ponto então de importação e exportação da republica do Paraguay, mas nem por isso S. Borja, reduzido á seus proprios recursos, tem ido em decadencia. Se desappareceram muitos habitantes do Passo de S. Borja (outra povoação quasi igual á villa e situada no porto á beira do Uruguay, e quasi toda composta de correntinos emigrados) S. Borja não se sentiu da sua ausencia, pois que de então para cá, se bem que não se augmentasse muito o numero dos habitantes da villa, suas casas se reformaram todas para melhor, e os seus negociantes gozam do melhor conceito (o que não acontece com outras praças commerciaes) em todas as praças onde elles se fornecem, o que pela maior parte é em Porto-Alegre.

A villa de S. Borja conta dois mil habitantes, e com sua campanha conta dez mil. Em 1858 antes de se ter desligado o municipio d'Itaqui do de S. Borja, contava-se n'elle duzentas e cincoenta mil rezes, cento e oitenta mil animaes cavallares, trinta mil ovelhas e mil merinós mestiços, varios rebanhos de cabras, muitas invernadas de mulas que pastando nos campos de S. Borja e Itaqui são levadas para os mercados de S. Paulo. Este numero augmentou depois pela crescente prosperidade em que tem ido estes dois municipios. Suas terras, sobre tudo as de S. Borja, são excellentes para a agricultura, e produzem toda a especie de arvores fructiferas tanto dos climas quentes como dos temperados, entre as quaes

as larangeiras e pecegueiros produzem prodigiosamente, sem fallar nas parreiras, amoreiras, algodoeiros, bananeiras e mamoneiros. O trigo, a cevada, a canna, o anil e sobre tudo o tabaco, o feijão, o milho a mandioca n'elle produzem com abundancia, sem fallar das riquissimas madeiras uteis que se encontram em abundancia nos seus matos,

O mais brilhante porvir está reservado á villa de S. Borja que dá dois mil e sessenta e um votantes, se as intrigas politicas não lh'o cortarem, se seu commercio de hervas tomar um maior desenvolvimento, e se sua população industriosa tiver algum incremento.

Filiaes do povo de S. Borja são :

1°. A villa de Itaqui. Esta povoação principiou em 1821. N'aquelle anno o capitão Fabiano Pires de Almeida, foi com uma guarda de 150 praças acampar-se na barra do arroio Cambahy, onde agora se abrigam os barcos que demandam o porto de Itaqui. Uma grande enchente o fez sahir do acampamento e elle ganhou a altura onde hoje se acha a villa de Itaqui (Pedra molle). No mesmo anno houve uma emigração de correntinos debaixo das ordens do capitão Rua e de seu irmão Fernando Pires, fugidos de Aguire (ao todo 50 homens e varias familias), que se estabeleceram em Itaqui, e lhe deram augmento. Em 1837, foi Itaqui elevado á freguezia, sob a invocação de S. Patricio. Até 1848, a sua povoação esteve estacionaria, porém, n'aquella época, tendo os hervateiros deixado de procurar o mercado de S. Borja, para demandar o de Itaqui, desde então tem tido esta povoação um augmento extraordinario, tanto no seu commercio, como no numero de seus habitantes. Calcula-se que entram annualmente em Itaqui quatro mil carretas carregadas de herva matte. O numero dos habitantes da villa que foi installada a 30 de Março de 1859, póde igualar o de S. Borja, que é de dois mil, mas o de seu termo é inferior e não deve exceder a sete mil habitantes, pois

o numero de seus votantes juntos com o de S. Francisco de Assis, do mesmo termo, é só de mil duzentos e setenta e sete, emquanto o de S. Borja junto com o de S. Luiz de seu termo, é de dois mil quinhentos e onze.

2°. A cidade d'Alegrete. No *Jornal do Commercio*, publicado no Rio de Janeiro, em 29 de Junho de 1849, n. 176, tratei de uma maneira mais extensa do que o posso fazer agora, da fundação da então villa d'Alegrete. O general Abreu foi o fundador da dita povoação, e o marquez d'Alegrete, seu grande protector. Foi estabelecida nos limites da freguezia de S. Francisco de Borja, de que ao principio foi filial como claramente se vê de uma carta official do reverendissimo provisor vigario geral, de 19 de abril de 1820, segundo as ordens de S. Ex. Rvma. e registrada no archivo ecclesiastico da comarca de S. Borja.

Alegrete foi logo elevada á freguezia, e por decreto de 25 de Outubro de 1831, se concedeu a esta parochia, o titulo de villa. Em 1858, se lhe concedeu os fóros de cidade.

Tem o municipio de Alegrete quasi a povoação de S. Borja, pois conta mil nove centos e setenta e nove votantes, incluindo n'elles os das varias recentes freguezias de S. João Baptista do Quarahim, e de Caverá, que ainda não foram providas.

Em 1846, se desligou de Alegrete a freguezia de S. Anna do Uruguay, elevada á villa, com o titulo de Urugayana e que não dá menos de mil quatro centos e treze votantes, a qual villa é uma das mais povoadas e commerciantes da provincia do Rio Grande do Sul, e que foi principiada em 1843, por alguns moradores do Passo de Santa Anna Velha, que por ordem do governo republicano, se mudaram para o lugar onde agora está situada a opulenta villa de Uruguayana.

Em 1847, se desligou de Alegrete, a freguezia de Santa Anna do Livramento, que a tres annos foi elevada á cathe-

goria de villa, e que conta oito centos e vinte nove votantes, a qual vai em muita prosperidade.

O territorio da cidade de Alegrete, das villas de Itaqui, de Uruguayana, de Santa Anna do Livramento, e das novas freguezias, creadas nos seus termos, pertenciam á freguezia de S. Borja, por decisão de S. Ex. Rvma. de 8 de Março de 1810, e o mesmo territorio se estendia sobre toda a margem esquerda do rio Santa Maria até o forte de Santa Thecla, perto de Bagé.

Assim tenho concluido a historia dos trinta e tres povos jesuiticos. Se bem que alguns auctores façam entrar no catalogo dos povos dos jesuitas, outros nomes que os que apontei, é certo que elles não tiveram outras reducções alem das de que escrevi a historia, e estes auctores escrevendo longe dos lugares, tomaram por povos, simples estancias ou fazendas que tinham os padres da companhia, como as estancias de Itú, Assumpção, Santa Maria Martyr, etc., etc.

Concluirei este artigo, com o § seguinte:

§ *Nota da epoca da fundação dos povos jesuiticos da margem esquerda do Uruguay na provincia actual do Rio Grande do Sul, e da fundação das mais antigas e das principaes povoações da mesma provincia, por ordem chronologica.*

1627 — Fundação do povo jesuitico de S. Nicoláo que foi primeira capital das Missões Orientaes — do povo da Candelaria que foi destruido dez annos depois.

1631 — Fundação do povo jesuitico de S. Miguel, que foi a segunda capital das Missões Orientaes do Uruguay.

1632 — Fundação do povo de S. Luiz Gonzaga que foi a terceira capital das Missões Orientaes, depois da nossa

dos portuguezes, e foi elevado a villa em 1817, sem que sua camara nunca funccionasse.

1690—Fundação do povo de S. Francisco de Borja, actual capital das Missões Orientaes, creado villa em 4 de Abril de 1834. Foi colonia do povo jesuitico de S. Thomé.

1691—Fundação do povo de S. Lourenço.

1698—Fundação do povo de S. João Baptista por uma colonia do povo jesuitico de S. Miguel.

1707—Fundação do povo de S. Angelo ou S. Anjo por uma colonia do povo jesuitico da Conceição, que é o mais moderno e o ultimo dos povos jesuiticos da margem esquerda do Uruguay.

1737—Em 19 de Fevereiro d'este anno o brigadeiro José da Silva Paes pousou na praia do Sul do Rio Grande do Sul. Ahi levantando logo um forte com a invocação de *Jesus, Maria, José*, e depois os de S. Anna e de S. Miguel, deu principios á povoação do Rio Grande.

1740—Em 25 de Janeiro d'este anno já era considerada matriz a ermida de Jesus Maria José. N'essa matriz á 27 de Fevereiro de 1743 se baptizou Manoel, filho de Antonio Simões e de Quiteria Marques, que foi ao depois o general Marques.

1741—Provisão do bispo, de 14 de Setembro, Fr. João da Cruz, para se erigir a capella da *Conceição*, conhecida depois por *Capella Grande*, e mais adiante por *Capella de Viamão*, sendo fundador Francisco Carvalho da Cunha, formando-lhe o patrimonio por escriptura de doação na Laguna á 26 de Abril d'esse anno, de uma porção de animaes vaccuns e cavallares e de uma legua de campo, o que se realisou no sitio: *Estancia grande*.

1742—Fundação da capella da Conceição do Arroio em 24 de Abril.

1747—Carta regia mandando o ouvidor geral de Paranaguá crear uma villa no presidio do Rio Grande, assignalando o seu termo com o da villa da Laguna pela costa do mar e com o da villa de Curitiuba pelo sertão e serra acima, remettendo as instrucções que tinham sido approvadas e enviadas ao ouvidor do Ceará para crear uma villa no lugar *Arecaty*.

Em 3 de Dezembro principiaram os actos sacramentaes da igreja de N. S. da Conceição de Viamão. A sua extensão era desde Rio Pardo até a Laguna.

1751—16 de Dezembro, creação da villa do Rio Grande pelo ouvidor de Paranaguá Dr. Manoel José de Faria.

1753—Provisão de Gomes Freire á favor de Fr. Faustino Antonio de S. Alberto para ir residir no porto de Viamão (hoje Porto Alegre) e ser capellão dos casaes.

1754.—Em 20 de Outubro, criação da freguezia do Senhor Bom Jesus do Triumpho, conhecida por freguezia nova, e desmembrada da de Viamão.

1755.—N'este anno se inaugurou a nova matriz de São Pedro do Rio-Grande do Sul em cujo frontispicio se encontra a era 1755.

1760.—Rio-Grande é elevado a governo em 29 de Agosto. A 31 do mesmo mez e anno foi elevada a capella curada a que desde 1725 existia no sitio chamado *Guarda-Velha* ou *Patrulha* da freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão.

1761.—Em 20 de Março. Portaria criando a capella curada de Nossa Senhora de Oliveira da Vaccaria, em cujo districto está a guarda de Santa Victoria ao pé do rio Pelotas. Em 21 de Dezembro do mesmo anno, passaram as aldêas á classe de parochias. A aldêa dos Anjos era de indios tapes extraviados de Missões.

1762.—15 de Dezembro. Portaria criando a capella de São Angelo no Rio-Pardo.

1763.—12 de Março. Foi elevada a freguezia a capella de Santo Antonio da Patrulha.

1763.—A 14 de Outubro foi criado o curato de Santo Amaro na margem esquerda do Jacuhy.

No mesmo anno de 1763, invadida a villa do Rio-Grande pelos hespanhóes, uma parte de seus dispersos habitantes seguindo o governador Ignacio Eloy de Madureira foi com elle, com o corpo da camara e com a provedoria da fazenda real, firmar o seu assento na *Capella-grande* hoje freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, que então pertencia ao districto da Laguna.

1764.—Criação do curato de São José de Taquary em 11 de Maio.

1765.—Principio da freguezia das *Barrancas* do Estreito por portaria do bispo de 7 de Janeiro.

1766.—Criação da capella de São Nicoláo do Rio-Pardo para os indios sómente, 11 de Janeiro.

1769.—Em 8 de Maio, criação da freguezia de Nossa Senhora do Rosario do Rio-Pardo em substituição á capella de São Angelo.

1770.—Criação da capella da villa real de Sant'Anna perto da estancia de Itapúa.

1772.—A 26 de Março, frei D. Antonio do Desterro nomea ao padre José Gomes de Faria primeiro vigario encommendado dos Casaes, cuja parochia tinha então o titulo de São Francisco dos Casaes, sendo n'este anno desmembrada da freguezia de Viamão.

No mesmo dia 26 de Março, criação da freguezia de Santa Anna das Lombas no Morro-Grande, districto da Conceição de Viamão (já não existe).

1773.—A 18 de Janeiro é substituida a freguezia de São

Francisco dos Casaes pela freguezia da *Madre de Deus* por ser esta Senhora madrinha do governador José Marcellino de Figueiredo, que n'aquelle anno mudou a séde do governo para o *Porto dos Casaes*.

A 17 do mesmo mez foi criada a freguezia da Conceição do Arroio, e a 18 a de São Luiz de Mostardas.

Em 6 de Setembro do dito anno, houve a primeira sessão da camara no Porto dos Casaes hoje Porto Alegre.

1779.—Em 10 de Julho mudança da capella de São Nicoláo do Rio-Pardo para outra da mesma invocação de São Nicoláo de Butucarahy no passo do Fandango sobre o Jacuhy. Esta serviu de nucleo á freguezia da Cachoeira. Fizeram parte d'esta freguezia as capellas de Nossa Senhora d'Assumpção de Caçapava, de Santa Maria da Boca do Monte, de São Gabriel, e tambem, diz Pizarro em suas *Memorias Historicas* titulo 5, pagina 150, o districto de São Sebastião de Bagé, junto ao antigo presidio de Santa Theela.

1805.—Porto-Alegre é elevada a villa, e lhe foi confirmado este titulo em 1808.

1807.—Rio-Grande foi elevado a capitania geral por decreto de 25 de Fevereiro.

1810.—Criação da freguezia de Piratini que foi elevada á villa em 1830.

1811.—Criação da freguezia de São Francisco de Paula de Pelotas desmembrada da do Rio-Grande, e é elevada á villa em 7 de Dezembro de 1830.

1812.—Em 31 de Janeiro, criação da freguezia de Canguçu.

No mesmo dia, criação da do Espirito Santo do Serrito de Jaguarão. Pelo mesmo tempo mais ou menos foi elevada á freguezia a capella d'Assumpção de Caçapava, que foi elevada á villa á 19 de Outubro de 1831.

1819.—Criação da freguezia da Encruzilhada.

1820. —Criação da freguezia de Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte.

Em 19 de Abril, criação da capella curada de Nossa Senhora da Apparecida de Alegrete, desmembrada da freguezia de São Francisco de Borja. Alegrete foi elevada á villa á 25 de Outubro de 1831, e posteriormente á cidade.

1822.—Porto Alegre é elevada á categoria de cidade por decreto de 14 de Novembro de 1822, e tem sido até hoje a capital da provincia.

Pelo resumido esboço chronologico que acabo de dar se vê claramente de que as primeiras povoações da provincia de São Pedro do Rio-Grande do Sul, foram os povos fundados pelos Jesuitas na margem oriental do rio Uruguay.

N. B.—A maior parte das datas acima mencionadas foram extrahidas de um manuscripto de meu particular amigo o Sr. A. A. P. Coruja, cujos apontamentos foram por elle mesmo colligidos, tanto por inspecção propria dos respectivos documentos, como por informações de amigos.

---

em leguas
êem entre
ticos sitos
Jruguay e

gan
E
da
Fra
Out
I
dec
cap
P
clar
Pec
jesu
ext
A.
col
me

CAPITULO XXIII.

GEOGRAPHIA DAS MISSÕES JESUITICAS DO PARAGUAY.

Como n'esta obra não tratei exclusivamente da provincia Jesuitica do Paraguay, composta dos trinta e tres povos de que fiz a historia, mas que n'ella inclui muitas cousas da historia da antiga provincia do Paraguay pertencente a corôa de Hespanha, julgo dever dizer alguma cousa resumidamente tanto da geographia da provincia propriamente jesuitica do Paraguay como da antiga provincia hespanhóla do Paraguay, no meio da qual se achava a outra encravada, por isso dividirei este capitulo em dois artigos.

ARTIGO I.

Geographia da provincia propriamente jesuitica do Paraguay.

Este mesmo artigo deve-se dividir em tres partes, tratando na 1ª, da geographia da parte d'esta provincia situada ao Norte do rio Paraná, na actual republica do Paraguay; na 2ª, da parte da mesma provincia, situada entre os rios Paraná e Uruguay, e pertencente actualmente á Confederação Argentina; e na 3ª, da parte d'esta mesma provincia jesuitica situada ao Oriente do rio Uruguay e que actualmente pertence á provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul no imperio do Brasil.

§ 1º.

Missões jesuiticas da actual republica do Paraguay.

O territorio d'estas Missões encerra todo o paiz entre os rios

Paraná e Tebicuari. Este rio nasce nas vertentes occidentaes da grande serra coberta de matos, que atravessa a republica do Paraguay quasi de Norte a Sul e que finda perto dos povos de Jesus e de Corpus, acompanha durante muitas leguas o rumo da mesma serra no seu curso, depois dirigindo-se para Oeste recebe á direita o rio Piraporaru, depois o Tebicuary-mini bastante grande que rega Villa-Rica, e Ypetu; se engrossa depois pela mesma margem do Albujapey, do Jaguary e de outro rio consideravel que atravessando o lago Ypoa vem em dois galhos juntar-se á elle. A' esquerda o rio Tebicuary recebe unicamente alguns rios de pouca importancia e depois de um curso de cento e vinte leguas vai desaguar no rio Paraguay. Este territorio das Missões jesuiticas do Paraguay, não incluindo n'elle o territorio dos povos jesuiticos de S. Joaquim, S. Estanisláo e Belém situado fóra de Missões ao Norte da provincia propriamente dita do Paraguay, tem mais de duas mil leguas quadradas. Produz todas as fructas dos paizes tropicaes e temperados, sobretudo canna de assucar, algodão, tabaco, etc., e tem proporções excellentes para exportar seus productos pelos rios Tebicuary ao Norte e pelo rio Paraná ao Sul, por cujo ultimo rio se entretinha uma navegação continua dos povos jesuiticos das margens do Paraná, apesar do salto da ilha Apipé, com as cidades de Corrientes e de Buenos-Ayres, tanto no tempo dos jesuitas como posteriormente, antes que fossem arruinados os povos da margem esquerda d'este grande rio e que os da direita fossem fechados pelo dictador Francia ao commercio das outras nações.

§ 27.

Missões jesuitas que se achám entre os rios Paraná e Uruguay.

O territorio d'esta parte das Missões, fórma um triangulo

comprehendido entre o rio Uruguay a Sueste, a Sudoeste o rio Miriñay, a O. a laguna Ibera e o rio Paraná, e ao Norte a impenetravel serra, que contém riquissimos hervaes, e que se prolonga indefinidamente até os rios Yguaçú e Peperyguaçú. Do lado do Sul este territorio fórma uma vasta planicie ondulada com numerosos capões e arroios que correm para o Uruguay. A serra geral que se eleva entre os rios Paraná e Uruguay, e que é coberta de matos, vem se concluir uma legua ao Norte do povo de Apostolos. Em sua falda meridional se encontram as ruinas dos antigos povos de S. Carlos e de S. José. Em suas cahidas para o Oriente se achavam os povos da Conceição, Santa Maria Maior e S. Francisco Xavier, e sobre a mesma serra o dos Santos Martyres do Japão, todos pertencentes ainda á provincia de Corrientes como os de S. Thomé, da Cruz e Iapejú que se acham mais ao Sul sobre a margem direita do Uruguay.

Nas vertentes occidentaes da mesma serra geral e sobre a costa esquerda do rio Paraná se encontram as ruinas dos povos de Candelaria, Sant'Anna, Loreto, S. Ignacio-mini e Corpus, que pertencem ainda á republica do Paraguay. O rio Aguapehy nasce na vertente meridional da referida serra geral e n'um curso de sessenta leguas atravessa as planicies do Sul d'este territorio, que são excellentes para criação de toda a especie de gado. Esta segunda parte das Missões jesuiticas é mais extensa que as outras, e em geral tem as mesmas producções que as Missões orientaes do Uruguay e muitas do Paraguay. N'ella existiu maior numero de povos dos jesuitas e os mais importantes de toda a republica jesuitica do Paraguay. Se ella fosse bem povoada e cultivada, offereceria immensos recursos, que facilmente se aproveitariam pela grande facilidade de os transportar pelos rios Aguapehy, Uruguay e Paraná.

---

§ 3º.

Missões jesuiticas á Leste do Uruguay, pertencentes actualmente ao Imperio do Brasil.

O territorio das Missões orientaes estava comprehendido entre o rio Uruguay ao Oeste, o mesmo e seus matos ao Norte: á Leste a serra do Herval, e ao Sul o rio Ubicuy. Aguns auctores querem fazel-o chegar ao Norte até o Iguaçú ou rio Grande de Curitiba. Em geral se lhe dá mil e quatrocentas leguas quadradas, mas considerando que os jesuitas se estendiam ao Norte até o mato castelhano, e que ao Sul tinham varias possessões além do Ubicuy, como a estancia de S. Luiz no termo da cidade de Alegrete, e a de S. Thecla perto da cidade de Bagé, cujas possessões ficaram em poder do Imperio do Brasil, pode-se calcular em mais de duas mil leguas quadradas o territorio que os jesuitas occupavam nas Missões orientaes do Uruguay.

Este immenso terreno em que os jesuitas tinham fundado sete Povos, era e é como aquelle, situado á margem direita do rio Uruguay, o mais favorecido da natureza para habitação dos homens por suas variadas e ricas producções, de que fallarei no capitulo seguinte, por seu excellente clima, e o mais proprio para um immenso commercio por causa de suas ricas vias de communicação. Os povos das Missões orientaes eram quasi todos situados proximos ao Uruguay, tendo este rio e seus numerosos affluentes por esse lado para facilitar seu commercio.

Os rios sobre que podem ser embarcados os productos das Missões orientaes, além do Uruguay que póde receber os dos sete povos, são: ao Norte o Juhy grande, onde podem embarcar os productos de São Angelo, de São João, de São

Miguel, de São Lourenço; o Piratinim por onde podem navegar os productos dos mesmos povos, de São Luiz, e de São Nicoláo; o rio Camacuã offerece navegação para uma parte dos productos da campanha de São Borja, assim como o Butuhy, o Itú, o Taquary, o Nhacundá, o Jaguary, o Toropé, tributarios do Ubicuy guassú do lado de Missões, offerecem uma sahida conveniente aos productos da parte occidental e meridional da serra dos Hervaes até a villa de Santa Maria da Boca do Monte.

ARTIGO II.

Noticia resumida da geographia da antiga provincia hespanhóla denominada do Paraguay.

Se quizesse dar uma noticia exacta da geographia da antiga provincia hespanhóla do Paraguay seria preciso escrever volumes, mas para dar uma noticia resumida d'ella, adoptarei um plano pouco usado pelos geographos, que é fazer conhecer a dita provincia pela relação e descripção dos grandes rios que a banham ou atravessam, dividindo-os segundo as bacias naturaes que formam, indicando ao mesmo tempo seus principaes affluentes em ambas as margens. Para diminuir de alguma fórma a insipidez d'esta comprida enumeração de rios cujos nomes são quasi todos indigenas, traduzi e fiz traduzir todos os nomes que pude, em portuguez, como meus leitores se inteirarão na leitura dos paragraphos seguintes; e no ultimo reproduzi uma descripção antiga dos mesmos rios e dos territorios que elles banham.

§ 1.°

Bacia do rio Uruguay ou Ururuguay.

O rio Uruguay, cujo nome quer dizer rio *colla* (ou *cauda*)

de galinha, (75) principia na falda occidental da serra geral do Brasil que se prolonga com o oceano perto da ilha de Santa Catharina. Na vertente occidental da dita serra nascem dois arroios; o mais septentrional tem o nome de arroio dos *Cachorros*, e o mais meridional o nome de *Canoas*. As nascentes d'estes arroios estão em igual latitude e proximas ás nascentes do rio Itajahimirim ou pequeno, que nasce na vertente oriental da mesma serra e seguindo o rumo N. E., vai se reunir ao Itajahi (*pedra chagada*) e vão unidos desembocar no oceano ao Norte de Porto-Bello e da ilha de Santa Catharina. O Cachorros e Canoas fazem logo juncção, e correndo rumo S. O. se unem depois de umas seis ou oito leguas de curso, recebem pela margem esquerda na longitude de 6° ½, do meridiano do Rio de Janeiro; e na latitude de 28° o rio *Caveiras* que banha a villa de Lages, e sahe da falda mais meridional da mesma serra geral.

Depois de cinco leguas de curso no mesmo rumo, estes rios recebem pela margem esquerda o rio *Pelotas* engrossado á esquerda pelo rio *Turvo*, e á direita pelo *Pelotinhas*, correspondendo as nascentes d'este ás do rio *Tubarão* que vai desaguar na Laguna, e as do Pelotas ás do *Ararangua* (dia que esta para ser), e do *Mampituba* (padre e filho), que correm para o oceano. Corre então o Uruguay com o nome de Pelotas para N. O. e depois de um curso de quatro leguas pela margem direita recebe o rio *Caupas* (todo bebado) que vem da provincia de Santa Catharina.

Os arroios das *Pedras* e *Corrente* formam as cabeceiras do rio Caupas e são parallelos em latitude e mui proximos ás cabeceiras do Itajahi, de que acima fallei. Quasi sempre entre ribanceiras de rocha á pique continúa o rio Pelotas seu curso, deixando á direita os campos novos e recebendo um arroio que os rega até que pelo mesmo lado recebe o rio Timbó que quer dizer *rio de muito vapor*, e que corre na falda oriental

de uma serra que serve de divisa ás provincias de Santa Catharina e do Paraná ; tambem desde sua nascente mais meridional e mais proxima ás cabeceiras do rio Mampituba o rio Pelotas serve de divisa ás provincias de Santa Catharina e de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, e continuando sua marcha com o nome de Uruguay serve de limites á mesma provincia e a do Paraná, e mais adiante á mesma provincia do Rio-Grande do Sul com a Confederação Argentina. Dirigindo-se para Oeste, o Uruguay recebe pelo lado do Norte o *Chapecó-mirim* ; o *Chapecó-guassú* ou grande engrossado de varios arroios, cujas cabeceiras são proximas ás do rio *Chapim* (rabão) um dos poderosos affluentes do Iguassú, outros rios pequenos, o rio *Actou* (ou rio que soa muito), e emfim uma ou duas leguas acima do salto grande do Uruguay, chamado *Mucunan*, recebe pela mesma margem o Pepery-guassú engrossado do Pepery-mirim. O Pepery-guassú (que quer dizer: ahi está o rio côr de palha grande) nasce de uma cordilheira que se dirije de Este a Oeste corre sempre para o Sul. Da mesma cordilheira e a uma distancia bem diminuta das cabeceiras d'este rio nasce o rio Santo Antonio que corre sempre para o Norte até que desagua no Iguassú. O Pepiry-guassú e o Santo Antonio servem de limites á provincia do Paraná e ao imperio do Brasil com a Confederação Argentina.

Pelo lado esquerdo como a uma legua mais adiante da foz do Timbó, o Uruguay recebe o *Uruguay-Puitá*, (ou vermelho) que deixa á sua direita os campos chamados antigamente : *Vinte mil vaccas*, e hoje *Vaccaria* ; o Uruguay-mirim ou rio *Passo-Fundo* ; o Mberuy e outros, antes de chegar ao salto grande de Mucunan. Este salto, segundo a descripção feita pelo viajante Joaquim Antonio de Moraes Dutra, no itinerario que escrevi em 18 de abril de 1858, não impede a navegação nas enchentes ordinarias do Uruguay pelo meio do rio, e no tempo de secca, póde-se varar pelo lado do Norte,

onde ha um profundo canal, ficando apenas um salto de seis ou oito palmos por onde elle passou com suas canôas. Segundo o mesmo viajante, o salto grande de Mucunan tem 8 palmos de altura nas maiores seccas e é composto de pedras soltas que alguns homens poderiam reparar em poucos dias. Segundo outros viajantes, que tenho depois consultado, o salto tem perto de 20 palmos; seja o que fôr, em uma relação de uma nova viagem feita em Outubro ultimo, gastando-se apenas oito dias, do Passo do Goym (Goym quer diz Uruguay) na barra do rio Passo-fundo ao passo de S. Borja, cuja relação me foi confiada e mandei publicar, se vê que estes novos viajantes passaram o salto grande, sem o perceber, que pareceu ao piloto por arbustos, cujos cimos appareciam no meio do salto, que n'aquella occasião elle não devia ter menos de trinta palmos d'agua acima do natural, e que o mesmo salto era menos impetuoso do que as cachoeiras que anteriormente tinham atravessado.

Desde o salto grande de Mucunan, o rio Uruguay que corria a rumo d'Oeste, principia a correr para S.O., e em S. Xavier principia a correr directamente ao S. Desde este mesmo salto até pouco acima de S. Borja no passo dos Garruchos, o Uruguay corre quasi parallelo ao rio Paraná em distancia, ora de vinte, ora de quinze leguas pouco mais ou menos.

O citado viajante Joaquim Antonio de Moraes Dutra, desde a barra do rio Passo-Fundo no Uruguay até a barra do Commandahy, quasi em frente de S. Xavier, encontrou sobre a margem direita do rio Uruguay treze rios de foz navegavel que denominou, como na nota (76), não conhecendo seus verdadeiros nomes. Na mesma extensão de terreno, eu pude conseguir o conhecimento dos rios seguintes: *Chapecó-Mirim*, *Chapecó*, outro rio sem nome nos mappas, Acton e Panirv-guazú que desaguam acima do salto de Mu

e dos seguintes, em geral de pouca consideração abaixo do salto: *Ipané* (arroio que ora corre e ora não corre), (77) *Iganaquia*, (aguas sujas), *Guirahy* (passaro pequeno), *Pindayty* (lançar o anzol n'agua), *Acaragué* (cabellos da cabeça), *Mbororé* (fazer dormir), e o pequeno arroio de S. Xavier com uma legua acima do antigo povo do mesmo nome. Do salto a S. Xavier ha vinte e cinco leguas, e a navegação é inteiramente franca.

Continuarei a relação dos rios e arroios que desaguam no Uruguay pela direita até a sua juncção com o rio Paraná, para depois concluir a relação dos que n'elle desaguam pela margem esquerda.

Não me consta que nenhum auctor citasse os arroios que entre S. Xavier e S. Thomé cahem no Uruguay e que pelo declive das collinas em que correm, offerecem excellentes proporções para moinhos e engenhos de toda qualidade. Ei-los, logo abaixo de S. Xavier, o arroio Molino, onde os jesuitas tinham um moinho para trigo; em seguida os arroios Monjolo, Porteira, Taquara, Itaquararé, Santa Maria, formado de tres galhos; Pecegueiro ou Capivari formado tambem de tres galhos, Conceição, Tunas, Cheminay, cujas cabeceiras são proximas ás do Aguapehy. O Cheminay passa junto do antigo povo de Apostolos, em seu curso se acha um ponto natural para collocação de um engenho. S. Gabriel. S. Alonso, Cyriaco. Juyaçú (rà que passou) Itacua (que quer dizer buraco de pedra) logo acima de S. Thomé. Quatro leguas ao Sul d'este povo, o Quais (buraco pequeno) e o Aguapehy cuja barra é meia legua ao Sul do Passo de Itaqui, varios arroios até a villa de la Restauracion, onde o arroio Iatahy, (Datil fruta) desagua no Uruguay Quasi em frente á barra do Quaraim, pouco mais ao Norte desagua o rio Miriñay (Vamos parar um pouco,) mais ao Sul o Tymboy (Timbahuva,) o Mocoreta (que

engole muito,) o Yugueriguazu (unha
Yuguerimirim , o Yerua (porongo am
Grande, o Palmar, o Popos, (Saltar),
feitiço,) o Perucha-Berua (Peruchebé,
o Molina, o China, o Oruia (dono da
checelo, o S. Lourenço, o rio Gualeg
Venerato, Tala (planta medicinal,) N
mitos, Perdizes, o rio Nancay, os arro
o Mosquito, poucas leguas ao Norte do
o primeiro d'este lado por onde se e
Paraná-guassú com o Uruguay.

Vamos agora continuar a relação do
pela margem esquerda desaguam no

O viajante Joaquim Antonio de M
quinze rios de foz navegavel que des
Passo Fundo até o Passo de S. Borja
lado no Uruguay, e os dou na nota
que elle lhes designou. N'esta relação cin
antes conhecidos, e só relatarei os rios
obter dados, seguindo a ordem em a q
no Uruguay continuando desde o salto

Estes rios são o *Sebollaty* (rio de
rio de anzol ou de cabo de anzol,) qu
zem ser o rio de Santo Christo; o *M*
filho da filha) que atravessa grandes
Commandahy (rio de feijão miudo), o *I*
rio de rãas grandes); nasce este rio d
da serra do Herval, sobre a qual est
Cruz Alta, rega o povo de S. Angelo,
o Juhy-Mirim, corre rumo N. O. e se j
em 27° 30' de latitude. Estando meio
gação até o povo de São Angelo, sem
salto de Pirapó de que tenho fallad

Angelo. O rio *Piratiny* ou *Pirà-tinim* (rio de peixe que tine), nasce da vertente occidental da serra geral, corre rumo N. O. rega São Miguel, São Lourenço, São Luiz e São Nicoláo, recolhe á esquerda o arroio Nhacapetum ou Iacâupitûm que quer dizer (arroio de cabeça escura), á direita os arroios *Santa Barbara*, *Chimbocú*, ou *Ximbucú*, (arroio de nariz comprido), o *Pirajú* (rio do peixe dourado), o *São Nicolas*, e se lança no Uruguay cinco leguas ao Sul da barra do Juhy. E' navegavel por varias leguas, e algumas leguas mais ao sul na magnifica volta das Mercês que o Uruguay dá, recebe elle os dois arroios Manuá e *Urucutahy* (gallinha baixa), e pouco mais de duas leguas ao Norte de São Borja recebe o rio *Camacuã* ou *Ycamba cua* (agua de buraco de negro). Este rio é tambem navegavel durante algumas leguas. Outros escrevem *Icabacuã* e traduzem *rio de peitos com poços ou furados*. Nasce da vertente mais meridional da serra geral. corre rumo S. O. recebendo á esquerda os arroios Taquarembó, *Itacuruvi* (arroio de pedras miudas) o Igruyoça que nasce de uma serrinha d'este nome, Ibirahiaça e quer dizer *serra aonde se encerravam madeiras para conduzir*.

A tres leguas ao Sul de São Borja recebe o arroio Santa Luzia. A sete ou oito leguas o *Butuhy* ou *Botú-y* (rio de mutuca miuda) Na villa de Itaqui (pedra molle) desagua o pequeno arroio *Cambú-y* (arroio do negro.) Em vinte e nove e meio gráos de latitude o Uruguay recebe o magestoso *Ubicuy*, o *Ybi-cuy* (rio de arêa): segundo a opinião geral, tem suas cabeceiras na serra de São Martinho, onde é conhecido pelo nome de Ubicui-mirim ou de Ubicui do Norte, que correndo a rumo S. O. se engrossa ao sahir da falda da serra pela margem direita com as aguas do *Toropy* (rio do couro do touro) augmentado este do Toropy-mirim. Pelo mesmo lado recebe as aguas de dois arroios que banham o rincão de São Vicente dando grandes voltas; e em uma que elle dá para o Sul recebe as aguas volumosas do rio

Santa Maria, pela margem esquerda, cujo rio é tambem chamado Ubicui-grande e é tomado por varios pelo Ubicui verdadeiro. O rio Santa Maria tem sua origem nos campos chamados antigamente Iapú-guassú (mentira grande) perto da cidade de Bagé e a poucas leguas de distancia do rio *Pirahy*, *Pirá-y* (ou rio de peixe miudo) uma das nascentes do Rio Negro que atravessa a republica Oriental. O rio Santa Maria caminha primeiramente varias leguas á Oeste, e depois volta-se para o Norte em cujo rumo anda vinte e cinco leguas, recebendo logo pela esquerda o arroio Ponche Verde, pela direita o *Taquarembó chico*, o *Taquarembó* (rio de raizes de taquarinhas), o Jaguary ou *Jaguá-ry* ou rio do Cão ou de Tigre, alguns arroios e emfim o Cacequi (Cacique-y ou rio do Cacique) que em suas nascentes tem o nome de Inhatuin (passaro). A origem d'este arroio e do Jaguary se acha na falda occidental do serro *Batoby* (ou Serro Comprido) em cuja falda opposta nasce o rio Vaccacahy (rio da Bosta de Vacca), ou bem Vaccarahy, que quer dizer rio do Terneiro. Das immediações da cidade de São Gabriel, situada sobre este rio, haveria possibilidade de abrir um canal para unir as aguas do Vaccacahy com o Caciqui e Santa Maria, como foi projectado.

Como a meia legua da confluencia do Caciqui, o Santa Maria recebe pela margem opposta o Ubicui-guaçú engrossado do Ubicui-mirim que nascem ao Norte da cochilha de Santa Anna do Livramento e se augmentam com o pequeno tributo das aguas da Vacàcuá (rio de escondrijo de vaccas). Menos de meia legua adiante o Santa Maria pelo mesmo lado recebe as aguas do rio Saican ou *Içaicán* que vem do rincão do mesmo nome, e quer dizer; *rincão aonde se larga ou derrama qualquer cousa*. Juntas as aguas do Santa Maria com as do Ubicui do Norte e que formam um rio caudaloso que toma desde aquelle ponto até a sua foz no Uruguay, o nome Ubicui-guaçú, este toma o rumo do Occidente, engrossando-se com varios rios

que vem de Missões e se lhe juntam pelá direita, os quaes são: o Jaguary ao qual se unem o Jaguary-mirim ; o Nhacundá (ou rio que tem aves d'este nome) augmentado do *Carahy-passo* (arroio do passo do homem branco) ; o Taquary (rio das taquaras) ; o correntoso *Itú* ou rio da Cachoeira. E pela esquerda se lhe juntam os arroios Tapevy (Itapebi ou arroio lageado), *Yaquaquá* ou arroio do buraco do tigre ou do cachorro, alguns lageados), o rio *Ybirá-puitan* (rio de páu vermelho) que se recolhe á sua direita o Ibirapuitan-chico, e á sua esquerda o Inhanduhy ou Nhânduhy (rio de avestruz pequena), os arroios Ibiraocáy (arroio do páo queimado), e o Ipané. A corrente do Ibicui-guaçú é sempre tranquilla, e este rio dá navegação em todo o seu curso, que é assás tortuoso, a barcos e canôas segundo as localidades por espaço de cem leguas,

Mais possante com o tributo das aguas do Ubicui, o Uruguay continúa seu curso recebendo á esquerda os arroios *Tapechay* (caminho frangido), Sauce, (salseiro, chorão), *Imbahá* ou *Imbahé*, e d'elle *Ipaha* (acabou-se, é o ultimo), Ibahá rio e porto da Uruguayana; Tapiticahy (bosta de coelho do mato); *Chico*, *Ararupa* (cama do dia), *Jaguary*, *Juico* até que se lhe misturam as aguas do rio Quarahim que serve de divisas ao Imperio do Brasil com a Republica Oriental do Uruguay, Quarahim, Guanei, Guarachaim, Guarai nomes dados á este rio, quer dizer *rio do Sol*. Tem origem na vertente occidental da cochilha de Santa Anna e corre rumo Oeste, recebendo do lado direito que vem do Brasil os arroios *Catim* (catinga), *Areal*, *Quarahim*, *Chico*, *Jarão* (Ojaro, diminuição), *Garópa* (Garópa arvore,) *Caumulim* (maribondo), *Caguati* (especie de maribondo) *Taquary*, *Tapitangui* (especie de coelho); e do lado esquerdo, que vem da republica Oriental, os arroios *Invernada*, *Sepulturas*, *Catalan*, *Pintado*, Guau (embroma), *Tres-Cruzes*, *Coaró* (ou *arroio do buraco amargoso*).

Ao Sul da foz do Quarahim o rio Uruguay continúa a receber

os arroios *Aquaracoy* (guará tomou agua), *Sacue*, *Itacumbu*, *Nayuinandi*, *Curuçucarape* (cruz baixa), *Jacuhy* (rio dos jacús) 79(). Em seguida recebe as aguas do *Ygarupa* ou *Arapehy* (Yárapéy ou rio em que navegam muitas canôas), engrossado de varios arroios á direita e á esquerda. Continúa o Uruguay a receber os arroios *Touro*, *Ceibo* (planta), *Tapevy* ou *Tabebuy*, abaixo da foz do qual se acha o Salto Grande, (31° 12' lat.); e o arroio Santo Antonio, abaixo do qual se acha o salto Chico, (31° 23' 5"); e o rio *Dayman* (de pedra iman) ou Aranguá; os arroios Chapicoy, Guabiju (fructa), Velhaco, Martim Chico, o rio *Queguay* (rio do pente) augmentado do Quebrado, o arroio S. Francisco, o Negro, o S. Gabriel até que poucas leguas (talvez cinco) antes da sua juncção com o Paraná recebe o maior de seus tributarios que é o poderoso rio Negro que em seus numerosos affluentes recolhe as aguas de mais da metade do territorio da republica Oriental. Ao Sul da foz do rio Negro ao rio Uruguay este apenas recebe o arroio S. Salvador e alguns outros de pequena monta.

Depois começam pela margem opposta os numerosos canaes, que se succedem sem interrupção por espaço de doze leguas e trazem pouco a pouco ao rio Uruguay a quantidade prodigiosa d'aguas dos rios Paraná e Paraguay. E' d'este ponto e depois que todas as aguas se ajuntam em quinze gráos de longitude meridional pelo meridiano do Rio de Janeiro, e trinta e quatro gráos de latitude austral, que o Rio da Prata toma este nome. O curso do Uruguay é pouco mais ou menos de duzentas e cincoenta leguas, não entrando n'esta conta o Rio da Prata. Descreve muitas tortuosidades, fórma numerosas ilhas, dá navegação á embarcações grandes até o Salto Grande Oriental: e apesar das cachoeiras de S. Gregorio do Butuhy, das Mercês e dos Garruchos, em tempo de crescentes ordinarias dá navegação franca á lanchas menores até Uruguayana, Itaqui, S. Borja e até a barra do rio Piratinim perto

de S. Nicoláo. Para que embarcações de pequeno lote possam subir mais adiante no Uruguay e vencer as cachoeiras de S. Isidoro e de Santa Maria, que se acham no Uruguay entre as barras do Piratinim e do Juhy, por cujas cachoeiras em todo o tempo passam canôas, é preciso que o rio Uruguay esteja mais crescido do que ordinariamente o é; então sem tropeço estas pequenas embarcações poderão chegar ao antigo povo de S. Xavier e mesmo ao salto grande de Mucunan. Posto que, segundo dizem, canôas grandes possam subir acima d'este salto até o rio Pelotas, são tantas as correntezas e as cachoeiras do Uruguay por aquellas paragens, que julgo mui difficultosa a subida das ditas canôas. Porém canôas, pequenas embarcações e jangadas descem facilmente pelo mesmo rio quando elle está crescido, o que em geral acontece mais da metade do anno.

Tendo-me o Sr conselheiro Ferraz, presidente da provincia do Rio Grande do Sul pedido algumas informaçãoes sobre as ilhas que fórma o rio Uruguay n'esta fronteira, sobre sua situação, população, etc; fiz um pequeno estudo sobre esta materia, e formei o mappa que vai junto, sob o n. 3, (§ 2.°), e que talvez meus leitores não desgostem de ver, apesar da sua imperfeição.

Acompanha tambem um mappa dos barcos que actualmente navegam pelo alto Uruguay, (Vide o mappa n. 4, § 3.°)

§ 4.°

Bacia do rio Paraná até que recebe o rio Paraguay.

Quando Solis descobriu o grande Rio da Prata achou que os naturaes o chamavam *Paraná-guassú*, pelo que queriam dizer *Rio como Mar*. Porém tendo os europeos dado o nome de Rio da Prata á immensa bacia aonde vão parar todas as

aguas da então extensissima provincia do Paraguay, conservaram o nome de Paraná ao rio principal e mais caudaloso que bebe a maioria dos rios que correm por aquella provincia, ou que dos limitrophes lhe enviam o tributo de suas aguas. Paraná quer pois dizer: rio principal, e começarei por fazel-o conhecer desde suas cabeceiras.

Como umas dez leguas a Leste da cidade de Goyaz aos quatro gráos de longitude do Rio de Janeiro, e aos 16° 30' de latitude austral na continuação da *Serra Dourada* nascem dois arroios; o mais occidental toma o nome de rio dos Patos e o mais oriental o de S. Bartholomeu. Estes arroios se juntam na povoação de Santa Luzia e caminhando de N. á S. recebem a bastante distancia pela sua margem direita o rio *Caramb* (que significa cágado, tartaruga) e na margem esquerda o rio *Verissimo* engrossado do rio Palmitas e o rio dasVelhas, engrossado do rio Paranahyba, (arvore do Paraná)e do rio dos Dourados não mui distante das cabeceiras do rio S. Francisco. Continuando o seu curso com o nome de Paranahiba, recebe na margem direita o rio do Meio, outro rio engrossado do rio Verde, do rio dos Pasmados, do rio dos Aricins, do rio dos Bois, do rio Corrente, do rio Apura (que significa da ponta) do rio Caiapó (ir fazer aguas maiores) do rio Bacuhy (aonde ha bicho bravo), e do rio Acortixa, cuja nascentes são proximas ás do grande rio Tocantins. E pela margem esquerda recebe por Passa-Tres o rio da Piedade o rio Tejuco (lingua de lagarto), e por fim o Rio Grande que separa a provincia de Minas Geraes da de S.Paulo, o qual nascendo da serra da Mantiqueira na provincia do Rio de Janeiro, recebe numerosos affluentes tanto da provincia de Minas Geraes e doRio de Janeiro como da de S. Paulo; pelo Sul recebe o rio Mugi-Assú, que é consideravel. Correndo então já com o nome de Paraná á umas quinze leguas ao S. pela mesma margem esquerda recebe o rio *Tiété* que quer dizer ourina mesmo), o qual nasce em Mugi das Cru-

zes na provincia de S. Paulo e tem varios galhos. O Tiété recebe em seu curso na margem direita o Jundiahy (jundiá peixe) o Capivary, o Piracicaba (tem pena do peixe), o Jacaré Pipira, o Pipira (se abre a força), e pela margem esquerda o rio Sorocaba, (Maribondo roto), que em varios galhos nasce da serra *Paranabicaba* (pé de maribondo) e rega a cidade de Sorocaba, antes da sua juncção com o Tiété, que banha as cidades de S. Paulo, Itú, Porto Feliz, etc. O Tiété que é tambem conhecido pelos nomes de Ypané ou Anhembi, na sua barra com o Paraná tem um salto que impede a navegação. Para o desviar, antigamente os portuguezes fizeram na foz do Tiété, que se acha aos 20°. 35' de latitude S. um canal chamado Paranambucu e que tinha vinte passos de comprido e doze de largo.

Poucas leguas ao Sul da foz do Tiété pela mesma margem, o Paraná recebe o rio Agoapehy (onde ha muita aguapé) ou Anhembimini (comer escondido), e que tambem é chamado Turvo, e depois os pequenos rios S. Anastacio e Pirapó (peixe que pula). Pouco acima do tropico de Capricornio pela mesma margem esquerda recebe o rio Paraná-pané ou Panema (pane logrado) que nasce na vertente occidental da serra de Paranabicaba, á cuja falda oriental corre o rio Iguapé (que significa dá agua), e se engrossa, em sua comprida carreira, de numerosos rios e arroios de ambos os lados. Varios povos da antiga provincia de Guayrá se achavam sobre o Parana-pané. Umas dez leguas da foz d'este ultimo rio, o *Guaibay* ou *Guibay* (em baixo feio) ou Ybay (agua feia) corre entre a serra dos Agudos e a serra da Esperança, onde se encontrava a antiga *Villa Rica* dos hespanhóes, e desagua no Paraná. Mais ao Sul, pelo mesmo lado desagua o *Piquiry* (rio de sardinhas ou de peixes miudos), em cuja barra se achava a cidade Real dos hespanhóes. Por suas immediações era o centro da antiga provincia de Guayrá que em geral era pouco sadia, e que se estendia a Leste do Paraná, havendo n'ella antigamente quinze colonias

entre o Paranú-pané e o Tietê, que foram destruidos pelos portuguezes. (Vide o Cap. 1.º)

O grande salto do Guayrá se acha logo em baixo da foz do Piquiry, pelos 24° 7' 27" de latitude S. Eis um resumido bosquejo d'esta obra da natureza.

A espaçosa bacia de aguas que o Paraná engrossado de tantos rios caudalosos, como temos visto, e que nas planicies de Guayrá tem ao menos uma legua de largura, principia a se estreitar em um canal profundo e tão estreito que uma margem dista da outra apenas um tiro de espingarda (duzentos palmos mais ou menos). Estando assim recolhidas e estreitadas as aguas, se apresentam no cume da cordilheira á beira de um precipicio de oitenta palmos em um plano inclinado de 50° cujo declive posto que menos sensivel, continúa no espaço de mais de trinta leguas. Onze são os canaes por onde as aguas se despenham no abysmo, precipitando-se por entre riscos e penedos e subdividindo-se em muitas torrentes. Azotados os caudaes d'este grande rio, se encrespam, se levantam antes de tomar novo curso, formando no ar uma contenda d'aguas encapelladas, que se disputam o passo para prevenir-se umas ás outras em occupar espaço e seguir sua carreira. As vezes se sepultam em conductos subterraneos e correm algum tempo escondidas, arrebentando com formidaveis detonações, vomitando agua a grande altura e deixando-a cahir com espantoso ruido, que ordinariamente se ouve a distancia de oito leguas. Do choque de tantas aguas entre si e contra os rochedos, se levanta uma columna de vapores que com os raios solares formam admiraveis refracções que se avistam de muitas leguas. Quando o Paraná acabou de se precipitar da cordilheira continuam ainda seus rodomoinhos e o encrespamento de suas aguas, que tornam inevitavel o naufragio aos incautos e atrevidos que as ousam sulcar. (80)

Do salto grande de Guayrá á fóz do Iguaçú no Uruguay

que se acha a 25° 41' de lat. S. é impossivel a navegação. Sua long. contada do Rio de Janeiro é de 11° 30'. Um dos galhos do *Iguaçú* ou *Rio Grande* de Curitiba nasce junto da villa Antonina pouco acima de Cananéa, e outro na vertente occidental da serra sobre cuja banda oriental está sentada a colonia D. Francisca. Recebe em seu extensissimo curso, no qual quasi sempre segue o rumo d'Oeste, numerosos rios e arroios em suas margens. O ultimo tributario que n'elle desagua pelo lado esquerdo é o rio Santo Antonio, cujas cabeceiras correspondem com as do Pepery-guaçú, cujos rios servem de limites ao imperio do Brasil com a Confederação Argentina ; sendo estes limites desde a barra do rio Santo Antonio no Iguaçú, o mesmo Iguaçú até encontrar o Paraná, depois o mesmo Paraná subindo rumo Norte até encontrar a foz do rio Jaguary, que pelo lado d'Oeste desagua no mesmo Paraná. No rio Iguaçú, duas leguas antes de sua juncção no Paraná, existe tambem um salto que a approximação do salto grande do Guayrá tem tornado menos celebre do que o teria sido em outros paizes. Como o do Guayrá, o salto do Iguaçú tem seu ruido, sua columna de vapores, sua vista refractiva dos raios solares, sua cataracta perpendicular de mais de duzentos e cincoenta palmos na extensão de perto de quatro mil palmos de terreno.

Pela margem direita poucos são os rios consideraveis que desaguam no Paraná até a foz que n'elle faz o rio Pardo ou Colorado pouco ao Sul da barra do Tiété. O rio Pardo nasce da vertente oriental de uma serra que em sua vertente occidental dá nascimento ao rio Taquary (rio de muitos canudos de taquaras) ou Camapoá (peito redondo) que seguindo o rumo N. O. e dando uma grande volta e depois tomando o rumo S. O. vai desaguar no rio Paraguay acima da cidade de Albuquerque. O rio Pardo seguindo o rumo S. E. recebe muitos arroios antes de misturar suas aguas com as do Paraná

Antigamente os paulistas depois de ter descido embarcados pelo rio Tiété e uma parte do Paraná subiam pelo rio Pardo ou Colorado até onde podiam chegar, e arrastando suas canôas por terra as levavam para o rio Camapoá ou Taquary que os conduzia ao rio Paraguay por onde subiam o Cuyabá e Mato Grosso.

Quasi em frente do Anhenbunini, pelo lado direito desagua o rio Ygueiry ou dourado (ou aguas douradas).

Quasi em frente do Paraná-pané desagua com muitas bocas o rio Ibineyma que alguns chamam tambem Yaguarey (cão á toa), Jaguari ou Monecio ou Meneci formado do rio Vacana do rio Brilhante e outros. Corre rumo S. E. e suas cabeceiras são proximas com as do rio Mondego ou Mbetetey que correndo ao N. O. vai desaguar no Paraguay junto a Albuquerque. Nas margens do Mbotetey (agua fechada) estava assentada a antiga cidade de Xeres, capital da provincia d'esse nome.

Pouco mais ao Sul o Paraná recebe as aguas do Amambaiguaçú (barba de velho, grande) em cujas vizinhanças dizem existir indios coroados.

Logo ao Norte da serra de Maracajú quasi em frente do Pequery (81) e nos arrabaldes do salto grande de Guayrá no Paraná desaguam pela direita o *Ijatemi* (amontoado) o Jaguary ou Iguarey ou Guarey (rio de muita unha de gato ou rio do pai dos tigres) que nascem na cordilheira antigamente chamada de S. José e correm rumo S. E. Ao occidente da mesma cordilheira nasce o rio que os portuguezes chamavam Corrientes e conhecido hoje pelo nome de Appa, e que correndo rumo S. vai desaguar no rio Paraguay mais ou menos aos 22° de latitude e 14° de long. do Rio de Janeiro. Dizem que este rio Appa desde sua confluencia até seu nascimento e a cordilheira de S. José ou de Maracajú até que esta encontra a foz do rio Jaguary no Paraná, servem de limites ao imperio do Brasil e á republica do Paraguay.

Pouco ao N. da foz do Iguaçú no Paraná e quasi na latitude em que se achava na margem esquerda o destruido povo de Santa Maria Maior, desagua pelo lado direito no Paraná o rio *Acaray* que significa (ah! homem) formado de varios arroios.

Pouco ao sul da barra do Iguaçú e sempre pelo lado direito desagua o rio *Monday* (rio de chuva de pedras miudas) bastante consideravel. Sobre suas margens estava o antigo povo de Jesus, e o caminho que ao principio tomavam os jesuitas de Santo Ignacio Guaçú para virem reduzir os indios do Paraná e do Uruguay.

Pouco ao Sul da embocadura do Iguaçú no Paraná pelo lado oriental, principia uma grande cordilheira coberta de immensos matos dirigindo-se rumo Este entre os rios Iguaçú e Uruguay, e dando origem a varios rios que n'elles misturam suas aguas. Nas planicies septentrionaes d'esta cordilheira é que em 1541 atravessou, partindo do ponto da ilha de Santa Catharina, D. Alvaro Nunes de Vera Cabeça de Vacca para ir á Assumpção do Paraguay, cujas vastas planicies elle denominou provincia de Vera e que se estendia á Leste do rio Paraná até o salto de Guayrá, e onde houve onze colonias hespanhólas que foram destruidas pelos portuguezes. (Vide capitulo 1.°). Na falda meridional d'esta cordilheira corre um rio que tem o nome de Uruguay e que se chama tambem *Maranpu*, que quer dizer—para que será este rio? E vai desaguar na costa oriental do Paraná. O *Aguaray* (guará pequeno), o *Piray* (peixe miudo); o Parnay ou Paranay (agua do Paraná), o Curuguapebe, o *Curuguape* (Porongo cheiroso chato), o Guendy, *Ybnay* (terra em que se faça agua) são outros tantos rios pequenos que se lançam pelo mesmo lado no Paraná, acima do povo jesuitico de Corpus. Elles nascem das vertentes occidentaes de uma serra coberta de matos, e onde existem grandes hervaes e que corre quasi de Norte a Sul

entre os rios Paraná e Uruguay e em muitos lugares a igual distancia d'estes dois grandes rios. Na falda da mesma serra e já mui proximo aos povos jesuiticos do Paraná se acha o afamado *Nhuguaçu* que significa *campo grande*, que é uma especie de potreiro grande no meio do mato e em cujos arrabaldes dizem que se póde fabricar muita herva.

Chegado ao antigo povo da Candelaria em frente de Itapúa aos 28° lat. S. o Paraná, que offerece ahi um passo bem estreito, dirige seu curso para Oeste. Este rio deixa a pouca distancia a esquerda umas pontas do Aguapeby que vai desaguar no Uruguay, deixa os riquissimos campos que formavam as estancias dos jesuitas, fórma a grande ilha *Apipe*, cujo nome significa *pasto chato*; no braço que passa ao Sul da ilha dá um salto que fez regressar o primeiro europeu (Gaboto) que n'essas alturas veio sulcar suas ondas, mas que nas enchentes ordinarias não intercepta a navegação a embarcações de pouco calado; deixa sempre á esquerda a trincheira do Loreto e o pequeno canal que póde unir suas aguas com as pontas da celebre laguna *Ibera* (agua que brilha) que se acham mui proximas; e como para se despedir das cordilheiras e dos rochedos deixa ao mesmo lado o serro Ytayhate (pedra alta), as cidades de Caacaty (pá e catingoso) ou Caacatyi (herva mate hortelá) e Itatí, e continuando seu curso parece desprezar reunir mais aguas, pois que desde Candelaria até Corrientes só recebe numerosos porém insignificantes arroios pela margem esquerda. O mesmo lhe acontece pela margem direita desde a barra do rio Monday.

Eis a relação d'esses rioszinhos. O Pirapitanga (é de peixe colorado), o Itatí (lugar de muita agua correntosa); o Jeguary; o Yasoy (agua de gusanos); o Toboy (venha prompto); o Yaguy (cachorro pequeno); o Campichuelo, pouco acima de Itapúa, aonde está a guarda do Paraguay em frente da Candelaria; o Ibú (olho d'agua); o Yacon; o Jaguary; o Aza-

pehi; o Atingi (montão forte); o Itú, e o Laurdes (tecer). N'essa margem direita como para despedir-se da republica do Paraguay, o Paraná deixa o comprido banhado de Nhembucu (cousa prolongada), e glorioso do rico thesouro de aguas que recolheu durante a espaçosa carreira de trezentas leguas, e como que ambicioso de fazer-se mais poderoso, se apresenta para absorver o não menos portentoso rio Paraguay em frente da cidade de S. João de Vera das Sete Correntes aos 28° de latitude austral e aos 16° de longitude do Rio de Janeiro.

§ 5.°

Bacia do rio Paraguay, até juntar-se com o Paraná.

Na vertente Sul da serra Diamantina, nas Sete Lagoas, pouco mais ou menos na longitude de 12° meridiano do Rio de Janeiro e de 13° de latitude austral, nasce o rio Paraguay, cujo nome póde-se traduzir *rio dos payaguás* ou antes rio do Cacique Pará. *Pará* quer dizer *oveiro*, *gua* quer dizer *além da agua* e *y* agua. Corre ao rumo Sul, engrossando-se de varios arroios á direita e á esquerda que nascem da mesma serra. Quasi na latitude da cidade de Cuyabá recebe á direita o Sipotuba (*Sipotuja*, velho) que nasce da serra de Tapirapuan, e mais ao Sul pela mesma margem o Jaurú, bastante caudaloso, engrossado pelo Aguapehy do lado do Oeste, o qual tem na sua origem que é a mesma para o rio Guaporé, um varadouro de tres mil duzentas e trinta e cinco braças. O Guaporé rega a cidade de Mato-Grosso, e é uma das principaes nascentes do rio Madeira. O Jaurú vem da vertente mais occidental da mesma serra de Tapirapuan, onde suas nascentes são mui proximas ás do Juruema, cabeça do grande rio Topasio, um dos principaes affluentes do Amazonas. As cabeceiras do rio Paraguay tambem se acham perto

das do Rio-Negro uma das nascentes do mesmo Topasio. Mais ao Sul e do lado esquerdo o Paraguay recebe o S. Lourenço engrossado pelo rio Guyabá, que nasce da continuação para Este da mesma serra Diamantina, na proximidade dos rios Barubó e Paes que correm rumo Norte e são as cabeceiras do grande rio Xingú, tambem um dos principaes affluentes do Amazonas. O Guyabá segue a falda oriental da serra de Ararapés (sempre dia), banha a cidade de Cuyabá, engrossa-se com varios rios, e se lança no rio S. Lourenço que vem de Leste e cujas nascentes vizinham com as do rio das Mortes e com outras cabeceiras do celebre rio Tocantins.

Os terrenos que banham o Paraguay quasi desde a barra do Jaurú até a do S. Lourenço são por elle frequentemente innundados. D'este ponto o Paraguay dá uma grande volta ao Oeste deixando extensos pantanaes á Leste, pelo me o dos quaes corre o Paraguay-mirim, que um pouco mais ao Sul se lhe junta, assim como o pequeno rio Negro; e menos de legua mais ao Sul o Taquary ou Camapoá. Uma legua ao Sul da barra d'este o Mondego tambem chamado Mbotetey, em cujas nascentes se achava a antiga Xeres, desagua no rio Paraguay. Sobre a margem opposta e quasi em frente está sentada a cidade de Albuquerque. Pelo mesmo lado direito, algumas leguas mais ao Sul, desagua o Icubaca (a vacca tem lingua) em cujas cabeceiras se achava o povo do Coração de Jesus, e na proximidade de cuja barra se acha Nova Coimbra. Continúa o Paraguay o seu curso rumo de N. á S. quasi parallelo á cordilheira de S. Fernando. No territorio que existe entre a cordilheira e o rio se encontram os povos destruidos de Itati (pedra branca) e de N. S. de Fé. Como á umas oito leguas de Coimbra sobre a mesma margem em frente á foz que faz no Paraguay pelo lado esquerdo o rio Vabileque, está o antigo porto da Candelaria de que fallei no cap. 1º, e pouco mais ao Sul o forte Bourbon ou Olympo. Como duas leguas ao Sul

d'este forte desagua no Paraguay pela margem esquerda o rio Tareyry ou Avelar (rio de peixe d'este nome) e pouco mais abaixo da sua fóz se encontra o Pão d'Assucar. Pelo mesmo lado recebe depois o Paraguay o rio Ventania ou Tapote ou Tepoti (rio do excremento), e pouco mais abaixo o rio Corrientes ou Appa (rio aleijado) de que já fallei. Em frente d'este desagua o rio dos Guanás que vem da serra de S. Fernando.

Pela margem esquerda o Paraguay recebe em seguida os rios que correm no interior da republica do Paraguay na ordem seguinte : o Burecyo ou Mburey (tira debalde), o Itapucumini (pedra comprida pequena), o Aquidavan ou Aquidabanage , outra vez um Itapucumini, o Ipané (rio de grande logro), o Ipané mirim ou Mbaery (rio de que será ?), o Guarambaré, o Iujui (rio da rã cozida), consideravel que vem da cordilheira de S. José ou de Mandacaju (papagaio amarello), em cujas pontas se acha a cidade de Curuguati (lugar de muita planta ou fructa de Curuguá), que tem muitos affluentes, entre os quaes se deve enumerar o mais septentrional, que é o rio Aguaray, que posto que pouco consideravel tem um salto de quatrocentos palmos de altura em linha perpendicular, o qual está aos 23° 28' de latitude S. ; o rio Tobaty ou Mandubira (de uma planta parecida a mandubin), pouco ao Norte da cidade da Assumpção ; e o Tebicuary (rio de assento d'agua) que engrossado de muitos arroios atravessa o territorio da republica do Paraguay e desagua no rio d'este nome, umas dez ou doze leguas antes da sua juncção com o Paraná.

Pela margem direita ao oriente da serra de S. Fernando que se finda poucas leguas ao Norte da cidade d'Assumpção, o Paraguay recebe alguns rios de pouca importancia como o Iabé (ao tempo de ir), o Ibebiry (rio da raia), que se chama tambem confuso, e o Tacones (a traducção é palavra indecente) que desagua em frente do Tobaty. Mais ao Sul do mesmo

lado direito o Paraguay recebe ainda o Pilcomayo e o rio Vermelho.

O rio Pilcomayo, ou Araguay ou Itica (cauda do dia) nasce na republica de Bolivia; á poucas leguas de distancia da nascente mais septentrional d'este rio, passam as nascentes mais meridionaes do rio Mamoré que tem suas cabeceiras em Bolivia, atravessa a antiga provincia de Santa Cruz de la Sierra, que depois de um extenso curso, com o nome de rio Madeira, vai desaguar no rio Amazonas. Por este rio uns dos primeiros conquistadores e descobridores do Paraguay subiram, e foram pelo Amazonas desembarcar ao oceano Atlantico e seguiram para Cadiz.

O Pilcomayo rega as cidades de Chuquisaca e de Potosi, e atravessando immensos terrenos vem desaguar no rio Paraguay logo abaixo d'Assumpção, formando antes da sua juncção uma mui grande ilha.

O rio Vermelho cujos galhos sahem uns da cidade de Tarija (gracejo), e outros de Jujuy (rã amarella) atravessa tambem terrenos extensissimos e vem se lançar no Paraguay quasi em frente da foz do Tebicuary.

Com esta immensa massa d'agua que o rio Paraguay tem recolhido em uma carreira tambem gigantesca, cuja massa se não iguala em quantidade ás que o Paraná ostenta, questão que não ouso decidir, tem sobre ellas a superioridade de offerecer melhor navegação em um curso dilatadissimo: o soberbo rio Paraguay se avança para a cidade de Corrientes, como que envergonhado de ir se alliar ao irmão que lhe tirára o nome, e confuso d'esta alliança recusa algum tempo misturar com elle suas aguas, que durante algum espaço rolam juntas por sete correntes sem se misturarem, maravilha de especie particular que fez dar o nome de Sete Corrientes á cidade que todos os dias goza d'este estranho espectaculo.

---

§ 6º

Bacia do Rio Paraná desde que se lhe junta o rio Paraguay até o Rio da Prata.

Com o augmento de tantas aguas o rio Paraná cada vez mais possante alarga a sua bacia á proporção que o engrossam seus numerosos e poderosos tributarios, formando a cada passo ilhas, umas grandes e outras pequenas, povoadas de bosques e de feras, e aformoseando suas margens de alegres primaveras. Como testemunhas da alliança pacifica das aguas do Paraná com as do rio Paraguay em frente da cidade de Corrientes pela margem direita vem-se-lhes unir como um triplice sello as ondas dos tres pequenos rios *Verde*, *Anteguera* ou Anguera (rio de defuntos) e o *rio Negro*. Pela mesma margem mais ao Sul desemboca no Paraná o rio Natiú (rio de mosquitos).

Seguirei de uma vez a relação dos rios que pela margem direita desaguam no Paraná, que segue o rumo S. S. O. até a cidade de Santa fé para tomar ahi o rumo S. E. até o rio da Prata, para depois fazer a relação dos que n'elle desaguam pela margem esquerda.

Pouco ao Sul da barra do Natiú desagua no Paraná em frente da Bella Vista o rio Capivary, e um arroio a uma legua mais pelo Sul. Em frente de Santa Luzia desagua o rio Guaicurús, deixando o povo de S. Jeronymo ao septentrião da sua foz; e em frente de Goya o Paraná recebe as aguas do rio d'El-Rei. D'este ponto, tanto na margem direita como na esquerda o rio Paraná como que presentindo a vizinhança do elemento liquido, cioso de invadir o arido, para me servir da expressão do Genesis, forma tão grande numero de lagôas, de braços, de ilhas, de lagos, de canaes, com os rios Salado, rio segundo, rio terceiro, rio quarto, rio quinto do lado occidental, e

com os rios Paraná-chico, São Lourenço, Pavão, Lechiguana, Gualeguay, e seus numerosos canaes que vão misturar suas aguas ás do Uruguay do lado oriental, que, abstracção feita dos edificios e da população, formaria por assim dizer uma Veneza de mais de oitenta leguas de comprimento com a competente largura de quatro, seis, oito ou dez leguas; cujo labyrintho de aguas é impossivel enumerar quanto mais descrever. O rio d'El-Rei, de que acima fallei, vem do occidente e tem sua origem formada da lagôa das Viboras que alimenta o rio Platina que vem do Norte e um braço do rio São Thomé ou Salado que vem do Sul. Este braço do Salado, chamado Saladilho-grande, depois de depositar suas aguas na lagôa das Viboras sahe rumo SE. e encontrando-se com o rio Malabrigo fórma o lago do Crystal a duas leguas da bacia do Paraná. D'este lago sahem quatro rios ou canaes: o mais septentrional com o nome de Malabrigo seguindo o rumo NE. vai desaguar no rio Paraná pouco ao Sul da fóz do rio d'El Rei: o segundo seguindo rumo E. vai desaguar em frente da barra do rio Corrientes; o terceiro tomando o rumo SE. vai desaguar pouco acima da barra do Guaygarasó; e o quarto com o nome de Saladilho-grande tomando o rumo de S. SO. e deixando á esquerda como uma ilha gigantesca onde se acham os povos de São Xavier, Cayutá, Silva, Napire Cayutá e um potreiro formado por um canal do Paraná que vem se lhe unir em sua barra, se une ao rio Paraná, pouco acima da cidade de Santa Fé, formando a lagôa Setubal. Ao occidente e na latitude da cidade de Santa Fé, sita na margem direita do Paraná chega o rio Salado ou São Thomé, que ahi reparte suas aguas; enviando para Este metade d'ellas que logo se juntam ao Paraná, e dirige a outra metade rumo S., que depois de algumas leguas de curso, deixando a Coronda á Oeste e formando a grande ilha de Santa Fé a Este, vem se reunir ao Paraná, pouco acima da barra do rio Terceiro ou de Ca-

racanhua, rio mui consideravel. Em seguida os principaes rios e arroios que desaguam no Paraná pelo Oeste são: o São Carlos, Saladilho, Secco, Pavão, o rio Quarto ou arroio do Meio, o Oratorio, o Obligado, o Tala, o Baradero, o Canhadafunda, o Areco, e finalmente o rio da Cruz acima da boca das Palmeiras

Ao sahir de Corrientes o Paraná pelo lado oriental recebe os arroios Cuacara, Cruz, Empedrado e Tabaco, Barreto, Saladas, Chamuriró, Santa Luzia, Bateles, Corrientes, Aguarachay, Guayquiraró (rio dos papos) (que serve de limites a Corrientes e Entre-Rios) engrossado do Sarandi e Matas, o Fundo ou rio dos Seibos, o rio de São José ou Feliciano, o Hernandeiras, o rio das Conchas ou Conchinhas e Ponta-Gorda; e mais ao Sul o Paraná chico, formando a lagôa dos Pescados, o rio São Lourenço, formando a ilha do Pilho, o rio Pavão, o rio Lecheguano nos quaes vêem desaguar o rio Gualeguay, e em seguida em varios canaes o Paraná vai se juntar com o riò Uruguay.

§ 7.º

Bacia do Rio da Prata.

As aguas reunidas do Paraná e do Uruguay formam o Rio da Prata. Ao occidente o Rio da Prata recebe o tributo das aguas dos rios do Pilar ou Lujan, das Conchas, acima de Buenos-Ayres, do Riachuelo, sobre cuja margem esquerda está Buenos-Ayres, do Barragan, do Magdalena, e emfim do rio Salado engrossado pelo rio das Flôres, e mais alguns arroios antes de chegar ao Cabo de Santo Antonio, limite meridional da fóz do Rio da Prata. Ao Oriente o Rio da Prata recebe os rios das Vaccas ou Viboras, Dois Irmãos, São Francisco, São João do Cão perto da colonia do Sacramento,

Molinas, Rosario, Cafré, Pavão, São Miguel, e rio Santa Luzia engrossado do São José que recolhe o São Gregorio e Cagancha, e do Santa Luzia-Chico; o Santa Luzia faz barra perto do serro de Montevidéo. Continúa a receber a Leste de Montevidéo o Solischico, o Solisgrande, os arroios do Pão d'Assucar, do Potreiro, de Maldonado perto da cidade d'este nome, e alguns arroios que desaguam em lagôas que communicam com o Rio da Prata pouco antes de chegar ao Cabo de Santa Maria, limite septentrional da fóz do Rio da Prata.

Do Cabo de Santo Antonio ao Cabo de Santa Maria ha mais de cincoenta leguas, estuario immenso que não tem igual no mundo. As aguas são mui doces até algumas milhas de Montevidéo; ahi mesmo muitas vezes são ellas potaveis. São carregadas de lodo amarello, o que se deve de certo attribuir a grande diversidade de terras que banham no immenso desenvolvimento do seu curso e das quaes necessariamente devem tomar as côres principaes. As praias dos dois lados são muito baixas principalmente as do Sul; bem que as do Norte de vez em quando sejam um pouco mais altas e orladas de rochedos, nunca são faceis de distinguir-se de longe. O canal da ilha dos Lobos sita á SO. de Maldonado, o da ilha das Flôres a O. de Montevidéo, os pedruscos de que é semeado em quasi toda a sua extensão, seus baixios, seus bancos de arêa entre os quaes se fazem notar o banco Inglez, o banco Ortiz e o banco Indio não são os unicos obstaculos que tem a vencer os navegantes. Elles tem que temer sobretudo a impetuosidade dos ventos de SO chamados *Pamperos*, porque por intervallos varrem as planicies dos Pampas, e não poucas vezes se precipitam sobre o Rio da Prata com uma violencia que não póde arrefecer a vizinhança de nenhuma terra. Em frente á Colonia do Sacramento se acha no Rio da Prata a pequena ilha de São Gabriel; e quasi em frente da barra do pequeno rio de São João se encontra a ilha de Martim Garcia que domina

a entrada para os rios Paraná e Uruguay. Do lado do Sul da barra do rio Paraná se acham as ilhas das Palmas, e do lado do Norte da barra do rio Uruguay as ilhas Solas.

Descrever miudamente o grande Rio da Prata, enumerar um por um todos os rios em numero de mais de quinhentos, uns de limitado cabedal, outros de tanta molle que quasi lhe disputam a primazia e que lhe fornecem suas aguas: descrever os que immediatamente se descarregam sobre suas margens e os que engrossam seus tributarios, e que estendem seus braços tão immensamente por um lado e outro que ao Oriente pelo Uruguay, pelo Iguassú, pelo Paraná-Pané, pelo Tieté e pelo Paranahiba se dilata até os confins do imperio brasilico e quasi até o Oceano Atlantico: ao occidente pelo Pilcomayo, pelo Vermelho, pelo Salado, pelo Caracanhal recolhe todas as vertentes da cordilheira chilena desde Cordova até os Chichas e Charcas; e ao Norte pelo rio Paraguay e seus tributarios se estende sem limites ou ao menos sem limites bastante averiguados; descrever as ilhas que formam todos estes rios grandes e pequenos, enumerar seus saltos, suas cachoeiras, suas correntezas; descrever a qualidade de todas as terras que banham, seus rochedos, suas producções em todos os reinos; seria um trabalho immenso que exigiria muito tempo para sua execução, e que pediria habilitações que não tenho. O leitor poderá obter d'isso uma ligeira noticia registrando os mappas existentes.

Concluida a descripção das bacias dos rios Uruguay, Paraná, Paraguay e Rio da Prata, cuja imperfeição perdoaráõ nossos leitores, e que esperamos alguma penna mais habil aperfeiçoará, julgamos interessante que se veja a descripção das mesmas bacias e de seus territorios escripta no anno de 1612, e é o que vamos fazer no seguinte paragrapho.

---

§ 8.º

Descripção das referidas bacias e de seus territorios, extrahida de um livro que foi escripto no anno de 1612, onde se vê o que eram as provincias do Rio-Grande do Sul, de Santa Catharina, de Matto-Grosso etc., em aquelles tempos.

Tendo de tratar n'este livro do descobrimento e da povoação das provincias do Rio da Prata, não é fóra de proposito descrevel-as com suas partes e qualidades, dizer o que ellas contém em longitude e latitude, tratar dos caudalosos rios que se confundem no principal, enumerar a multidão de indios de diversas nações, costumes e linguas que se acham dentro de seus confins.

Em consequencia se deve saber que esta *gobernacion* (que este governo) é um dos maiores que S. M. Catholica tem e possue nas Indias, porque além de que Sua Magestade lhe determinou quatrocentas leguas de latitude austral na costa do oceano atlantico, tem mais de oitocentas leguas de comprimento desde o mesmo oceano até os confins da *gobernacion* de Serpa e Silva. Por este meio corre o grande Rio da Prata e vem ao oceano ao qual desemboca com tão grande largura que tem mais de oitenta e cinco leguas de bocca, havendo um cabo de cada lado. O que se acha ao Sul, á mão esquerda da nossa entrada, se chama *Cabo-Branco* 82; o que se acha ao Norte e á mão direita se chama *Cabo de Santa Maria*, junto ás ilhas dos Castilhos que são medões de alto que de muitas leguas se avistam do mar. Está este cabo a pouco mais de trinta e cinco gráos, e o outro á trinta e sete e meio gráos, do qual para o Estreito que descobriu o portuguez Magalhães ha dezoito gráos.

Ao Sul do *Cabo-Branco*, Sua Magestade concede duzentas leguas de costa sobre o oceano a este governo. Toda esta costa

é mui rasa, falta de lenha, com mui poucos portos e rios, excepto um que se chama do *Inglez*, que se encontra na primeira volta do Cabo, e outro mui adiante que se chama a *Bahia Sem Fundo*, que se acha além de um grande rio que em 1605 Saavedra com gente de Buenos-Ayres sahindo em busca da noticia dos *Cesares* descobriu, sem que achasse cousa de consideração sobre o objecto da sua expedição, se bem que haja certeza de que, se procurasse em outro lugar, na cordilheira que vai de Chile para o Estreito de Magalhães, seria mais feliz. Mais adiante ha o rio dos Gigantes e o de Santa Ursula que se acha aos cincoenta e tres gráos quasi sobre o Estreito.

Do Cabo de Santa Maria para o Norte do lado do Brasil este governo tem perto de duzentas leguas até a Cananéa, (83) onde o adelantado Alvaro Nunes Cabeça de Vacca collocou armas para determinar os limites dos terrenos da sua jurisdicção.

Esta costa do Rio da Prata e do Cabo de Santa Maria para o Norte é rasa e desabrigada até a ilha de Santa Catharina com dois ou tres portos para navios pequenos. O primeiro é junto aos Castilhos. O segundo é o Rio-Grande que dista sessenta leguas do Rio da Prata. Sua entrada offerece difficuldades por causa da grande correnteza com que este rio entra no mar; mas tendo-se entrado n'elle é seguro e grande e se estende como um lago; sua entrada é escondida por uma ilha que a encobre. Em suas margens estão estabelecidos mais de vinte mil indios guaranis, que em aquella terra chamam *Arachanes*, não porque em seus usos, costumes e linguagem se differenciem dos indios da nação guarani, senão porque trazem o cabello alçado, encrespado para cima. E' gente corpolenta e bem parecida que tem frequentemente guerra com os charruas do Rio da Prata, e com outros indios que moram no interior chamados guayanás, se bem que este nome se dá á todos os indios que não são guaranis e que não tem nome proprio.

O Rio-Grande e seu porto se acham a trinta e dois gráos, e

correndo a costa para cima ha alguns povos de indios da mesma nação. Todo seu territorio contém excellentes pastos para gados de toda qualidade, grandes e pequenos. Na falda de uma cordilheira não distante da que vem do Brasil (que n'aquelle tempo elles consideravam ao Norte de Cananéa) se vêem cannas de assucar e algodoaes de que elles (os indios) se aproveitam. E' cousa certa haver n'aquella terra ouro e prata (até agora não se tem encontrado na provincia do Rio-Grande do Sul e de Santa Catharina ouro e prata que mereça a pena, se fosse certa a noticia os indios nossos antecessores sabiam á este respeito mais do que nós) pelo que hão visto alguns portuguezes que têem estado entre estes indios, e pelo que se tem descoberto de mineraes n'aquellas immediações do lado de São Vicente, onde está estabelecido Dom Francisco de Sousa.

Quarenta leguas mais ao Norte ha outro porto chamado Laguna de los Patos, que tem em sua entrada uma barra difficultosa. Seu céo e clima são bons; é mui fertil em mantimentos e mui commodo para se fazer engenhos de assucar. Dista vinte e oito e meio gráos da linha. Em sua comarca ha mais de dez mil indios guaranís mansos, trataveis e amigos dos hespanhóes.

D'aqui ao porto de Dom Rodrigo (84) haverá quatro leguas. Este é accommodado para o commercio d'esta gente, e seis leguas mais adiante está a ilha de Santa Catharina um dos melhores portos d'aquella costa, porque entre a ilha e a terra firme ha bahias e ancoradouros mui grandes e seguros, capazes de conter muitos navios grandes. Este porto tem duas bocas uma ao SO. e outra ao NE. Foi esta ilha mui povoada de indios guaranís, e em este tempo (1512) está deserta, porque se retiraram os naturaes para terra firme, deixando as costas para procurar os campos e pinheiraes. A ilha tem mais de sete leguas de comprimento e mais de quatro de largura.

Tem grandes matos e montanhas, muitas e mui boas aguas e correntosas para engenhos de assucar.

D'ahi para o Norte toda a costa é aspera e montuosa, com grandes arvores e muitas fructas da terra. De cada quatro ou cinco leguas se encontra um rio e um porto para navios, e particularmente em São Francisco que é tão fundo e tão seguro que podem atracar em terra as maiores embarcações.

De São Francisco a Cananéa ha trinta e duas leguas. Ahi são os limites do Paraguay. A Cananéa tem um rio caudaloso que sahe ao mar, com um porto rasoavel e tres ilhas pequenas em sua frente. Seu termo é povoado de indios caribes do Brasil.

Toda esta costa é cheia de pescaria e de caça, assim de javalís, porcos montezes, antas, veados e outros diversos animaes, muitos macacos, papagaios, aves de terra e d'agua.

Acham-se em muitas partes d'esta costa, perolas grossas e miudas, em conchas e ostras em quantidade, e muito ambar que o mar lança na praia e que os animaes e aves comem.

Foi antigamente esta costa mui povoada de indios, os quaes com as guerras que tiveram entre si, se destruiram, e outros abandonando suas terras, seguiram os rios para o interior e chegaram as alturas aonde hoje (1612) estão se estabelecendo nos campos que confinam com o Rio da Prata e que chamamos de Guayrá, por cujo nome foi conhecido o territorio a Leste do rio Paraná, e que era proximo ao salto grande do Guayrá, e o territorio da cidade de Porto-Real e seus arrebaldes.

Até agora descreví o que se acha na costa da *gobernacion* do governo do Rio da Prata: agora vou fazer a descripção do que se acha no interior das terras. E para melhor desempenhar minha tarefa seguirei o curso do grande Rio da Prata, no qual como em sua madre principal vem desaguar todos os rios que correm pelas provincias e povoações de diversas nações de indios da provincia do Paraguay. E assim tomarei para fazer esta descripção o mesmo Rio da Prata, principiando

região do ar pelos vapores que causam. D'ahi para baixo é impossivel navegar com tantas vertentes, correntes e rebatentes, que faz com grandes rodomoinhos e burbulhões que se levantam como nevadas serras. Cahe toda a agua n'este salto em uma penha como em uma caixa guarnecida de duras rocas e penhas, em que se estreita todo o rio em um tiro de frecha (tendo em cima do salto mais de duas leguas de largura), e então se reparte pelos canaes, que não ha olhos nem cabeça humana que o possa olhar sem devanear-se e perder a vista. O ruido do salto se ouve a oito leguas de distancia e se enxerga a fumaça e o vapor d'estas cataractas a mais de seis leguas, apparecendo como uma nuvem embranquecida.

Tres leguas acima está fundada a cidade de Porto Real na boca do rio Pequiri. Está no mesmo tropico de Capricornio, por cuja causa é lugar doentio, assim como toda a provincia commummente chamada Guayrá, que era o nome de um cacique d'aquella terra. Doze leguas mais adiante entram dois rios. Um á mão direita chamado Ubay, e outro á mão esquerda chamado Munhey que baixa da provincia de Xeres. O outro vem de Leste onde está fundada cincoenta leguas no interior a villa do Espirito-Santo, em cuja jurisdicção e comarca ha mais de duzentos mil indios guaranis povoados tanto na margem dos rios e nas montanhas, como nos campos e pinhaes que se estendem até S. Paulo, povoação do Brasil.

Correndo Paraná acima se encontra outro rio mui caudaloso que vem do Brasil, chamado Paraná-Pané, no qual entram outros muitos e todos são mui povoados, especialmente o que tem o nome de Atibajiba que tem mais de cem mil indios. O Paraná-Pané nasce de uma cordilheira chamada Sobaré, que dista pouco de S. Paulo, juntando-se com outros se torna caudaloso e rodeia o serro de Nossa Senhora de Monserrat, que tem cinco leguas de circuito. A' sua falda, os portuguezes da costa do Brasil tiram muito ouro, rico de 23 quilates, e no alto

do mesmo serro encontram muitas veias de prata: ahi D. Francisco de Sousa, cavalleiro portuguez, fundou um povo que continúa tirando grandes beneficios das minas de ouro e de prata.

Mais acima o Paraná recebe á mão direita outro rio mui grande, se bem que tenha muitos recifes e saltos que os indigenas chamam Ayembé (Tieté). Este nasce das espaldas de Cabo Frio (85) e passa pela villa de S. Paulo, em cuja margem está edificada. Não tem indios nenhuns, porque os que por ahi existiam foram expulsos e destruidos pelos portuguezes por causa de uma rebellião e levantamento que intentaram pondo sitio á villa de S. Paulo, para a saquear e destruir, no que não sahiram com seu intento. Actualmente por este rio se communicam os portuguezes da costa do Brasil com os castelhanos da provincia de Guayrá.

Mais adiante no Paraná entram á uma e outra mão muitos outros rios, especialmente o Paranahyba-huy, e outro que dizem sahir da laguna do Dourado, que vem do Norte, e é tão afamada que os portuguezes dizem que tem muitas riquezas os que moram em sua vizinhança. Dizem os portuguezes que este rio tem sua origem na paragem e altura da Bahia, cabeça das cidades do Brasil.

Temos seguido o curso do rio da Prata pelo lado direito, e feito a descripção do que se acha no interior das terras pelo mesmo lado. Vamos outra vez seguir o seu curso fazendo a descripção do que ha no interior pelo lado esquerdo.

Do Cabo Branco a Buenos-Ayres a terra é mui rasa e desabrigada, com máos portos, falta de lenha com poucos rios, excepto um que se acha a vinte leguas do dito cabo, que chamam Tubichamini, nome de um cacique d'aquella terra Este rio baixa da cordilheira do Chile, e é chamado Desaguadoro de Mendonça que é uma cidade que se acha d'este lado da cordilheira grande nas planicies que vão se prolongando

até a cidade de Buenos-Ayres que dista vinte leguas da foz d'este rio. A terra é toda muito chata, os campos são tão extensos e dilatados que n'elles se não encontra uma arvore; tem pouca agua, mas é abundante de caça sobre tudo de veados, abestruzes e perdizes. N'ella se encontram poucos indios, e os que existem são bellicosos, mui corredores e alentados e se chamam querandís. Não são lavradores e se sustentam de caça e pescaria, e d'esta fórma não edificaram povos; não têem paradio certo, andam de ordinario pelos campos procurando fructos para sua subsistencia. Correm d'esde o Cabo Branco até o rio das Conchas que se acha cinco leguas acima de Buenos-Ayres, e se estendem mais de sessenta leguas pelo interior do lado da Cordilheira. Estes indios foram repartidos com os outros da comarca, pelos visinhos da Trindade, porto de Buenos-Ayres, situado sobre o proprio Rio da Prata. Este porto é mui desabrigado, e correm risco os navios que estão surtos no lugar a que chamam o Passo, por ser um tanto distante de terra; mas a Divina Providencia o proveu de um arroio (Riachuelo) que está como a uma milha abaixo da cidade, tão accommodado e seguro, que mettidos dentro d'elle os navios não sendo mui grandes, podem estar sem amarra com tanta seguridade como se estivessem dentro de uma caixa. Este porto foi povoado antigamente pelos conquistadores, e por causas forçosas tiveram que o abandonar, e parece que ahi deixaram cinco egoas e sete cavallos, que em menos de setenta annos se multiplicaram tanto, que hoje é impossivel numeral-os, porque ha tantos cavallos e egoas, que ao longe parecem montanhas, e occupam os planicies e campos desde o Cabo Branco até o forte de Gaboto, espaço de mais de oitenta leguas, e se estendem pelo interior até a cordilheira.

De Buenos-Ayres para cima ha algumas nações de indios e bem que tenham differentes linguas, têem os mesmos modos e costumes que os querandís; todos são inimigos mortaes dos

hespanhóes e todas as vezes que podem, lhes são traidores. Ha outros mais acima chamados timbús, caracarás a quarenta leguas de Buenos-Ayres na Boa Esperança, que são mais affaveis, de melhor trato e costumes que os que se acham mais abaixo. São lavradores e têem seus povos estabelecidos sobre a costa do rio. Furam-se os narizes cujas aberturas tapam por gala com uma pedra azul ou verde. São mui engenhosos e habeis e aprendem bem a lingua hespanhóla. Antigamente èstes indios eram em numero de mais de oito mil, mas agora são mui poucos.

Deixando atráz os rios Lujan e dos Arrecifes e subindo o Paraná se encontra o forte de Gaboto, assim chamado porque muitos hespanhóes companheiros de Sebastião Gaboto ahi foram mortos, encaminhando-se para a cidade de Santa Fé; encontram-se algumas povoações de indios chamados gualachos e que occupam umas quarenta leguas de territorio. Poucas leguas aoS. da cidade de Santa Fé desagua o rio Salado que é caudaloso. Nasce nas cordilheiras de Salta e Calchaqui, atravessa toda a provincia de Tucuman , passa a doze leguas de Santiago del Estero, rega muitas ter ras e povos de indios chamados tonocotes e juris e de outras nações antes de vir desaguar no Paraná. A cidade de Santa Fé está fundada a 32 gráos Este Oeste com a de Cordova. Seu districto tem muitos indios que foram repartidos aos habitantes da cidade. Os outros indios da sua jurisdicção não são lavradores e têem por pão certa qualidade do barro de que fazem uns bolos que colloc am sobre cinzas quentes e que depois de cozidos ensopam em azeite de peixe para os comer, e assim os comem sem que lhes causem damno algum. Todas as vezes que lhes morre um parente se corta uma articulação dos dedos da mão, de maneira que muitos d'elles estão sem dedos pelo numero dos parentes que lhes têem morrido.

Adiante de Santa Fé se encontram outros rios povoados de

indios pescadores até uma lagôa chamada das Perolas, porque n'ella ha perolas finas e de bom quilate, porque a agua da lagôa é doce. Até agora não se tem tratado de as pescar. Os indios trazem d'essas perolas aos hespanhoes, porém estas perdem muito de seu lustre e da sua estimação e valor por terem sido fervidas.

Da lagôa das Perolas á cidade de S. João de Vera das Sete Corrientes de que já fallamos, ha seis leguas. Em frente d'esta cidade existe o porto da Conceição, cidade edificada sobre o rio Vermelho a 44 leguas para Oeste dos rios Paraná e Paraguay. Na comarca da Conceição ha muitas nações de indios commummente chamados frentones, se bem que cada nação tenha seu nome proprio; tem quatorze linguas distinctas, vivem entre lagôas, porque o territorio é todo chato e alagadiço. Por elle corre o rio Vermelho que nasce nas Chichas do Perú juntando-se em um só com os rios Tarija, Toropalca, S. João, Humaguaca e com o Jujui, e sahindo ás planicies passa por muitas nações de indios barbaros, deixando ao Norte nas faldas da cordilheira do Perú os indios chiriguanos que são os mesmos que no rio da Prata chamamos guaranis, e que occupam as fronteiras de Misque, de Tomina, de Paspaia e de Tarija. Averiguado que esta nação era originaria do Rio da Prata, d'onde vieram, se assenhorearam d'essa terra que possuem, devastando uma grande parte d'ella, excepto a que confina com Tucuman por ser montuosa e fechada, e por serem bellicosos os indios que n'ella vivem.

Deixando a fóz do rio Vermelho e seguindo Paraguay acima a mesma mão esquerda ha algumas nações de gente mui barbara a que chamam mahomas, calchonas e mogolas, e mais acima outros de nome guaycurús, mui bellicosos, os quaes não semeam nem recolhem planta, fructa, ou cereaes para se sustentar, vivendo unicamente de caça e de pesca. Estes guaycurús conservam em continuo sobresalto os ha-

bitantes da Assumpção que é a cidade mais antiga e a capital do governo, e apesar de ter n'ella muitos hespanhóes e indios, e de ser a comarca mui povoada, os guaycurús têem tido bastante força para apertar a republica, de maneira que hão despovoado mais de oitenta chacaras, e fazendas excellentes dos vizinhos e morto muita gente.

Quatro leguas ao Sul da cidade d'Assumpção, entra do lado do occidente outro rio no Paraguay que os d'aquella terra chamam Araguay, que os chiriguanos da cordilheira chamam Itica, e é denominado Pilcomayo pelos indios do Perú. Nasce nos charcos por entre umas serras que pouco distam de Potosi e de Oruro, juntando-se-lhe muitas vertentes sobre o rio Tarapaya, que é o ribeiro onde estão fundados os engenhos de prata de Potosi. Dirigindo-se para Este junta-se com o rio Cachimayo, sobre o qual está edificada a cidade de la Plata, e tomando depois o rumo Sul até o valle de Oroncutú, entra pela comarca de Paspayá, deixa á esquerda a de Tomina, corta a grande cordilheira geral, sahe ás planicies onde atravessa por meio de muitas nações de indios quasi todos lavradores, se bem que os chiriguanos consumiram quasi todos os povos dos indios que occupavam os terrenos do Norte chamados Llanos del Manso, e correndo então direito para Leste vem desaguar no rio Paraguay em duas bocas, sendo a mais meridional quatro leguas ao S. da Assumpção onde os antigos hespanhóes tiveram porto por onde estabeleceram communicação e travaram amizade com muitos povos de indios guaranís que existem na comarca d'Assumpção.

A cidade d'Assumpção é edificada sobre o mesmo rio Paraguay, aos 26° da Equinocial. E' terra fertil e de bom temperamento, abundante de caça, de pescaria e de toda sorte de aves. E' sadia em todos os tempos excepto nos mezes de Março e Abril em que se declaram algumas febres e algumas ophtalmias. N'ella dão algumas fructas da Hespanha e muitas

da terra, especialmente vinhas e canaviaes que dão bom proveito. Na comarca d'Assumpção alistaram-se vinte e quatro mil indios guaranís que foram encommendados pelo governador Domingo Martinez de Irala aos conquistadores antigos. Rio acima estão se estabelecendo e se encommendando os naturaes até a provincia de Xeres, havendo muitos rios caudalosos que entram no Paraguay como são o Jejui, o Pané e o Picay.

Por essas paragens ha outras nações de indios chamados napabos e payaguás, que navegam em canôas grande parte do rio até o porto de São Fernando, e que commummente param em uma lagôa chamada de João de Oyolas, cento e vinte leguas ao Norte d'Assumpção. Acima d'esta lagôa está a passagem de Santa Cruz de la Sierra, provincia mui distante e que assim mesmo foi povoada pelos conquistadores do Rio da Prata, cuja provincia foi descoberta primeiramente por João de Oyolas e conquistada depois pelo capitão Domingo de Irala, que n'ella achou grande multidão de indios lavradores e estabelecidos em grandes povos, se bem que no dia de hoje se tem acabado e consumido.

ubindo o rio Paraguay está parallela a cidade de Santa Cruz com a de Xeres, estando esta a trinta leguas á mão direita do rio, e a outra a sessenta leguas á mão esquerda. A cidade de Xeres dista cento e tantas leguas d'Assumpção, está aos vinte gráos da equinoccial e é edificada sobre um rio que os naturaes chamam Mboteteyú. Tem boas terras para pastos e plantações. Esta provincia está dividida em alta e baixa. Em ambas as partes existem muitas nações de indios que todas são lavradoras. Os que habitam no alto se chamam cutaguás e curumiás e têem os mesmos costumes, a mesma lingua; não são mui barbaros e são bem inclinados, nem usam de bebidas que os possa embriagar. Os que habitam na parte baixa, têem varias linguas e estão estabelecidos entre rios e lagôas, e dos

legumes que colhem, tem perto das lagôas muito arroz silvestre que lhe subministra grandes provisões. Em toda a provincia de Xeres colhe-se muito algodão que produz em grande quantidade sem cultura. E' tão grande o numero de abelhas silvestres que todos os matos e mesmo todas as arvores têem seus cortiços, dos quaes os indios tiram grande quantidade de mel e de cêra que beneficiam no Paraguay e Tucuman. E' mui abundante de pastos para toda especie de criação, abastecida de mantimentos, e produz todos os legumes e fructas das Indias. Finalmente é uma provincia de muita estimação, das mais ricas do Rio da Prata, situada tambem á falda de uma cordilheira, onde se tem encontrado mineraes de ouro, com muitos indicios de metaes de prata.

Sabe-se que existem pigmeus a Este d'esta provincia, os quaes vivem debaixo da terra e sahem ás suas correrias e expedições para os campos. Ao norte da mesma provincia ha muitos povos de indios até ás terras dos colorados, que vivem perto dos patetis que descobriram os habitantes de Santa Cruz de la Sierra. Esta Santa Cruz dista cento e tantas leguas de Xeres, e é certo que no seu territorio ha grande multidão de indios, divididos em quatorze comarcas bem povoadas, tanto na parte do Norte como pela de Este e do meio-dia e tem fama de conter muita riqueza.

Tornando a subir o rio Paraguay desde a paragem de Santa Cruz até o porto chamado dos Reis, existem por ahi algumas nações de indios com povoados, que costumam navegar pelo rio e chegar a uns povos de indios chamados orejones, os quaes vivem em uma ilha que fórma o rio, de mais de dez leguas de comprimento e de duas ou tres de largura, que é uma amenissima floresta abundante de mil generos de fructas silvestres, e entre ellas de uvas, peras, amendoas, e azeitonas. Estes indios têem toda a ilha plantada e occupada com chacaras; semeam e recolhem todo o anno porque ahi não ha inverno,

nem verão, e sim existe uma perpetua primavera. Os indios orejones, assim chamados por se furarem as orelhas e embutir nos buracos certas rodinhas de madeira ou pontas de mates, são trataveis e amigos dos hespanhóes. Vivem em galpões redondos, não em forma de povo, mas cada parcialidade vive sobre si. Conservam uns com outros muita paz e amizade. Os antigos chamaram a esta ilha *Paraizo terrestre*, por causa da sua abundancia e das maravilhosas qualidades que tem.

D'ahi aos jarayes ha sessenta leguas, rio acima. E' uma nação de mais policia e de mais razão de quantas n'esta provincia se têm descoberto. Está povoada sobre o mesmo rio Paraguay. Os que habitam do lado de Xeres se chamam parabazanes, e os que moram do lado de Santa Cruz se chamam manezes, e em geral se appellidam jarayes. Ha povos d'estes indios que têem sessenta mil casas, porque cada indio vive em sua casa com suas mulheres e com seus filhos. Elles sujeitaram a seu dominio outras nações circumvizinhas até os indios chamados portuguezes. São mui lavradores e possuem todos os legumes das Indias. Criam muitas gallinhas, muitos patos, e certos coelhos domesticos. Obedecem a um cacique principal, se bem que tenham muitos caciques particulares, porém todos consideram o cacique principal ao qual dão o nome de Manés como a seu senhor. Vivem em fórma de republica, e os caciques castigam os ladrões e os adulteros. As mulheres publicas vivem á parte e não devem se misturar com as honestas, e mesmo que muitas d'aquellas se casem depois, não são por isso tidas como estas. São pouco bellicosos, mas previdentes e recatados. Seu bom governo os faz temer e respeitar das outras nações. Têem sido sempre leaes amigos dos hespanhóes, tanto que chegando a seu porto Domingo de Irala com toda sua armada, foi por elles bem recebido, e deram hospedes a cada soldado para que lhes forneces-em todo o necessario. E tendo que fazer sua entrada terras dentro, Irala lhes deixou

com confiança todos os navios, canôas, balsas, velas, ancoras e os demais petrechos que não podia carregar, e ao fim de quatorze mezes, que tardou de regressar da sua viagem, nada faltou do que tinha deixado em seu poder. Esta gente deseja muito se aparentar com os hespanhóes, e assim lhes entregavam alegremente suas filhas e suas irmãs para terem filhos da sua raça. Fallam uma lingua mui cortada e facil de se aprender, de maneira que com facilidade seráõ convertidos e attrahidos ao conhecimento de Deus.

Mais adiante ha outras povoações de nações differentes até o Calabrés, que é um cacique guarani que habita a distancia de sessenta leguas, no lugar onde se juntam dois rios, um que vem da parte de Este e outro do Oeste. D'ahi adiante não se tem navegado, se bem que até esses rios tenham chegado barcas e brigues. Por serem os rios pequenos e de pouca agua, os hespanhóes não têem entrado n'elles. A noticia que se tem é que por aquella parte ha muitas nações de indios que são possuidores de ouro e de prata, principalmente mais ao Norte onde se crê que está a celebre lagôa del Dourado.

Tambem se tem sabido que do lado do Brasil ha certos povos de gente mui preta e bellicosa, e se acredita que são negros que os portuguezes trouxeram, e que se têem misturado com os indios d'aquella terra que é mui dilatada até o Maranhão, que recolhe todos os rios que nascem no reino do Perú desde a comarca de Tominá d'onde sahe o rio São Marcos e se junta com o rio grande chamado Chunguri, e com o Parapiti, e correndo ao Norte vai para a cidade de São Lourenço na provincia de Santa Cruz onde é conhecido pelo nome de Guapá, que quer dizer: *rio que tudo bebe*. E d'ahi atravessando aquellas planicies vai recolhendo todos os rios que sahem das faldas e serranias do Perú, como são o Pozona, Cochabamba, Chiquiago e os rios de Cuzco e Chicuito até o Cabo de Quito, de maneira que vem a ser o rio mais caudaloso

de todas as Indias, que sahe ao mar do Norte no primeiro grão da equinoccial; exceptuando todavia outro mais caudaloso que se acha mais do lado do Brasil, e conhecido pelo nome de Amazonas.

Concluirei dando um pequeno resumo da entrada que em 1548 o general Domingo Martinez de Irala, governador do Paraguay fez por terra ao Perú, procurando caminho pelos paizes que acabamos de descrever.

Tendo Domingo de Irala empregado todo o anno de 1545 em aquietar os alvorotos passados, se determinou a fazer jornada á parte do Norte para descobrir a terra onde tinha noticia existir muita riqueza. Em consequencia juntou trezentos soldados com alguns cavalleiros e pessoas de consideração e mais de tres mil e quinhentos indios amigos, e em fins de 1546 partiu com sua armada, em quatro brigues e grande numero de pequenas embarcações, e mandou por terra o resto dos indios para se lhe incorporarem no rio Itati. Subiu o Paraguay acima até o porto dos Reis, e d'ahi passando á ilha dos Orejones chegou aos povos dos indios jarayes ou xarayes e parabanazes, que é a gente de mais policia d'estas provincias, como já tenho notado. Ahi parou o general e enviou Francisco de Rivera e a Monroy rio acima, e tendo estes caminhado sessenta leguas, topáram com duas boccas de rio que vinham juntar-se em um corpo. Entrando pela bocca da mão direita que corre do lado do Brasil, reconheceram que este rio tinha pouca agua; e entrando pelo rio da mão esquerda que vinha do Norte, navegaram dois dias, e encontrando que este rio se dividia em muitos braços alagadiços, resolveram regressar do ponto em que se achavam, que era mais de quatrocentas leguas da cidade de Assumpção e mais de trezentas e quarenta leguas de distancia do Oceano Atlantico.

Chegados aonde estava o general, este ouvindo o relatorio determinou fazer sua entrada pelo lado d'este ultimo rio, que

vinha do Norte, e deixando suas embarcações recommendadas aos indios jarayes, assim como os seus trens, tomou sua derrota entre o Oeste e o Norte. Em caminho os indios timbús, moradores n'aquellas paragens, lhe sahiram em pé de guerra e foram pelo general desbaratados. Estes indios lhe déram noticia de um poderoso rio que corre do Sul ao Norte ao contrario do Rio da Prata, e julgaram ser o rio Maranhão um dos maiores das Indias. Estes indios noticiaram tambem ao general Domingo de Irala que entre o Brasil, o rio Maranhão e as cabeceiras do Rio da Prata, existia uma provincia de muita gente que tinha suas povoações na beira de uma grande lagôa, e que eram possuidores de uma grande quantidade de ouro, de que se serviam; pelo que os hespanhóes deram a lagôa por denominação: *El Dourado*. Estes naturaes indigenas declararam mais confinar com um povo habitado só por mulheres, que tem um unico peito do lado esquerdo, porque ellas se consumiam o peito direito com certo artificio, para poderem brigar com arco e frechas, no que ellas eram mui destras e mui exercitadas, alludindo ás mulheres da Scithia, das quaes fallaram os escriptores antigos; e os hespanhóes chamavam *Amazonas* a este povo de mulheres.

Incerto o general sobre o rumo que devia tomar para seguir sua jornada, lembrou-se de procurar ao Occidente certos povos de indios que tinham muito ouro e muita prata, conforme noticias que havia, e que se chamavam sambocosis e sivicosis. Indo para estes povos, o general arribou á um rio chamado Guapá, que é um dos principaes braços do Maranhão, e chegou á estes povos que se acham nas faldas de uma serrania vizinha do Perú. Irala e sua gente foram mui bem recebidos por estes indios que são amigaveis, domesticos e grandes lavradores. Ahi acharam muitas amostras de prata e de ouro.

CAPITULO XXIV.

ARTIGO I.

Descripção do territorio da provincia jesuitica de Missões, suas producções, seu clima em geral, etc.

Só a materia tratada n'este capitulo seria capaz de encher volumes, se a mão habil de um escriptor esclarecido quizesse delinear a descripção topographica da vasta região de que me occupo, expôr o clima de cada fracção do seu territorio, e fazer a relação exacta das suas variadas e numerosas producções. Eu apenas esboçarei a materia.

Tempo, meios e conhecimentos me faltaram para estudar o territorio da provincia jesuitica do Paraguay em relação á sua geologia. Como eu o disse no prefacio, um amigo meu profissional teve a bondade de se incumbir d'esta tarefa á meu pedido, mas elle ainda não concluiu o seu trabalho. Como poderia eu pois tratar de tão delicada materia, descrever a fórma exterior, a natureza, a posição, as propriedades dos materiaes que formam este territorio, a maneira porque foram formados e postos na sua situação actual, segundo os differentes pontos de vista, debaixo dos quaes se considera a sciencia geologica, sem que se tenha feito um prévio exame? O illustre auctor dos *Ensaios Estatisticos* da provincia do Rio-Grande do Sul se achou no mesmo embaraço, se bem que tivesse conhecimentos sobre a materia infinitamente superiores aos meus. Para dizer alguma cousa sobre este objecto, imitarei o exemplo do Exm. Sr. conselheiro Camara que pediu emprestada aos *Annaes da Provincia* a descripção seguinte, que o seu nobre auctor com louvavel modestia declarou ter recebido do sabio naturalista Frederico Selow.

« A natureza e formação do sólo variam conforme as situa-

« ções, a cordilheira geral do Brasil que reparte esta provincia
« em duas fachas quasi iguaes, e lá onde principia a mergu-
« lhar-se no Uruguay, é encontrada por outra semelhante
« serrania escalvada, que partindo das vizinhanças do salto-
« grande d'esse rio, separa de um lado aguas para o Dacinan
« e o rio Negro, e de outro para o Arapey e Quarahy; estas
« serras e todo o territorio ao Norte e Oeste d'ellas; isto é,
« quasi todo o districto de Entre-Rios, de Missões, de São
« Martinho, da Cruz Alta, da Vaccaria, e Cima da Serra cons-
« tam inteiramente de terreno basaltico. »

Esta descripção se adapta ás sete Missões Orientaes do Uruguay, e quando muito póde convir ao territorio propriamente dito das Missões Jesuiticas de Entre-Rios, hoje Corrientes, aquem do Paraná.

Que immensa tarefa não é a de fazer uma descripção exacta e geologica de todos os terrenos que banham não só o Uruguay como o Paraná, o Paraguay e seus poderosos e numerosissimos affluentes? Ao nobre auctor dos Ensaios Statisticos da provincia pedirei tambem emprestado algumas descripções que convém ao territorio das Missões Jesuiticas em geral, e depois de concluir com a ultima parte da citação que elle faz do Sr. visconde de S. Leopoldo... « Os lugares mais baixos
« d'esta subdivisão, o valle do Guayba, o territorio banhado
« peloVaccacahy e pelo Santa Maria, são cobertos de uma for-
« mação composta de argila schistosa, calcareo e grés, e toda
« a fralda meridional das serras basalticas, é occupada por um
« grés de formação terceira frequentemente interrompido, ora
« coberto, ora não de basalto. Tão consideravel desenvol-
« vimento de basalto, e a existencia de porphiros de transição,
« são phenomenos geognosticos os mais interessantes que of-
« ferece esta provincia, não constando até agora que em al-
« guma outra parte do vastissimo Brasil, se haja descoberto
basalto, ou porphiro, aponto de duvidarem celeberri-

« mos geognostas da existencia d'estas rochas, a Leste dos
« Andes.»

Até aqui o auctor dos Annaes da Provincia; vamos agora ler o auctor dos Ensaios Statisticos:

« A simples lição da descripção que venho de citar, apre-
« senta-nos a superficie do solo na mesma serie, collocação,
« ou de jasida, e ao lado dos terrenos de recente formação;
« quasi todos os grupos que lhes deviam ser sotopostos desde
« as rochas primitivas, as stratificadas intermediarias de se-
« gunda e terceira formação; esta confusão de grupos diffe-
« rentes, esse aspecto tão occidentado e variado de nosso
« terreno (o mesmo em todas as missões) que desde logo
« attrahe, e involuntariamente subjuga a attenção do mais
« indifferente observador; denunciam grandes transtornos,
« fortissimas commoções do solo nos tempos que passaram,
« talvez em parte causadas pela acção subversora, de podero-
« sas correntes electricas, através das camadas inferiores,
« acaso não menos activa dos fogos subterraneos, seguida
« provavelmente de assombrosas alluviões; quiça ainda pelos
« esforços simultaneos d'estes agentes de destruição, a que
« certamente se aggregaram as propriedades erosivas das
« aguas pluviaes, e do hydrogeneo do ar, posto que lentos não
« menos motores efficientes de ruina e de demolição.»

Aqui o auctor cita alguns factos em apoio da sua supposição, os quaes se têem dado tambem na provincia jesuitica do Paraguay. A presença de fogos, nas circumvizinhanças de S. Francisco de Assis, como nas vizinhanças das Dores e da villa de Lages, e que se tem manifestado nas Tunas e em muitas partes das Missões orientaes e occidentaes do Uruguay, e que occupam valles de mais de legua de comprido e pouco menos de largo. Os que se assegura, foram vistos muitas vezes elevarem-se em columnas do seio das aguas, confirmam a mesma supposição. Em outras partes em Missões como na

provincia do Rio-Grande do Sul, apparecem signaes bem sensiveis de consideraveis depressões do solo, que devem ter por origem aquelles mesmos terremotos, que abalando e commovendo as abobadas interiores formadas pela passagem de aguas infiltradas, ou por seus grandes depositos batentes, como diz o mesmo auctor, determinaram a formação de muitos de nossos lagos, alguns d'elles assaz profundos e que nenhuma sahida ou communicação tem com o exterior.

A extensissima e encantada laguna Ibera que do Norte ao Sul atravessa quasi toda a provincia de Corrientes, occupa o lugar que em outras partes occupam serras ou montanhas, Os fogos que n'ella se divisam de longe e que supersticiosamente têem afastado os homens que não se têem animado a atravessal-a com as melhores embarcações, corroboram a minha asserção e fazem suppôr que o terreno padeceu uma consideravel depressão no lugar que elle occupa. Os tres serros na vizinhança do povo da Cruz, o serro do Jaráo e varios outros, onde por vezes se ouvem partir sons profundos e continuados, cuja fórma conica, como a do serro de Butucarahy, é precisamente a fórma que affectam as porções sacudidas do solo pelas exalações e forte desenvolvimento dos gazes subterraneos, devem provavelmente sua apparição ás torrentes electricas, e aos fogos interiores.

« As massas consideraveis de linhito, prosegue o nobre « auctor dos Ensaios Estatisticos, prodigamente espalhado « quasi á flôr da terra, assignalam de maneira incontestavel a « existencia d'estas horrendas catastrophes que atormentaram « o paiz, e que poderosamente actuáram a deslocação, tran- « sporte e submersão de florestas inteiras, que para sempre « desappareceram dos montes, e dos prados que as viram « nascer. »

Profundas e extensas camadas de turba se encontram em São Francisco de Assis e outras partes das Missões jesuiticas.

« A configuração do terreno em muitas partes ondulado,
« affectando a fórma, a quéda e direcção que sóem dar-lhe
« as poderosas correntes d'agua que o inundaram, a multidão
« consideravel de pedras (blocs errastiques) que por elles se
« acham semeados, o pendor, inclinação e direcção das al-
« turas adjacentes aos valles, por onde as aguas se arreme-
« saram formando-os; sobram a determinar a occorrencia
« em outras épocas das fortes alluviões que aqui tiveram lugar,
« d'essas épocas calamitosas em que surgiam do seio da terra
« tantos grupos destacados das collinas, outeiros e serras que
« retalham o paiz por toda a parte, e sob tão varias direcções,
« compostos pela maior parte de rochas igneas como a trachyte,
« a metaphira, a serpentina, o porphyro-quartzifero, basalto
« e outras. Mas esta mesma manifestação, e exposição á
« superficie de tão differentes rochas, concorre a fazer a pro-
« vincia de São Pedro a mais abundante e rica porção do
« sólo brasileiro em producções mineraes. (86)

« Nem sei que em parte alguma do mundo se vejam com
« tanta profusão espalhados á superficie, todas ou quasi
« todas as substancias do reino mineral empregadas pelo
« homem, e que darão algum dia espantoso desenvolvimento
« á nossa industria fabril... Com effeito, creio estar suf-
« ficientemente habilitado, para asseverar que abunda o paiz
« para as construcções e edificações grosseiras, de pedras e
« rochas de toda a descripção; como nos sobram para os
« corpos de construcção rica ou custosa, a pedra lioz, o grés,
« o basalto, granitos tão procurados pela sua dureza, e parte
« d'elles pela sua inalterabilidade, a mica schistro, o schisto
« argiloso (ardosia) para cobrir edificios nas localidades menos
« expostas á impetuosidade dos ventos; argilas excellentes
« para telha; crescido numero de minas de ferro, chumbo e
« até de cobre, cujas folhas servem tambem á cobrir edificios
« como a varios outros usos, etc, (faltando unicamente em

« Missões a pedra de cal) para as joias o topazio, agua marinha,
« esmeralda, opala, lindas cornalinas (87), o mesmo diamante
« posto que não tão commum: para pintura e outros usos a
« greda e finissimos ocres, muitos saes ou sulphureos metal-
« licos... um grande numero de quartzos, de schistos ar-
« gilosos para afiar instrumentos cortantes; o esmeril de util
« emprego no polimento das pedras e metaes, a pedra de
« fuzil, (silex pyromaque) o crystal de rocha, de que o celebre
« Canchoix se serviu recentemente para fazer excellentes
« objectivas para oculos de alcance, além de muitos outros
« mineraes e metaes, que necessariamente devem existir no
« paiz no meio da multidão de rochas que o cobrem, e de
« que não posso dar noticia por me terem faltado meios para
« adquiril-a. » O mesmo digo tambem eu sobre a provincia jesuitica do Paraguay.

Direi agora alguma cousa do clima da provincia jesuitica do Paraguay.

Não basta ter nascido n'um paiz, ou ter feito n'elle larga residencia, diz optimamente o Sr. conselheiro Camara, para fallar com precisão do seu clima, se esse largo viver não foi acompanhado de observações continuadas e exactamente comparadas entre si. E' summamente difficultoso caracterisar e determinar a natureza do clima de uma região, porque além das constantes observações que este estudo exige, seria preciso que elle se fizesse em todas as localidades, em todas as configurações e exposições do terreno, que concorrem para variar o clima. Ora, como precisar a natureza, a propriedade do clima em todas as localidades da extensissima provincia jesuitica da antiga provincia do Paraguay? Cingir-me-hei pois a algumas observações geraes.

E' no interior das terras em que se acha collocada a provincia jesuitica do Paraguay, que se notam mais os extremos da temperatura. A' proporção que nos apartamos das costas

maritimas mais se vai augmentando a differença entre as temperaturas médias do estio e do inverno. A provincia de Missões está pois á este respeito mui diversamente situada em relação a seu afastamento do mar e a posição local de cada uma de suas povoações; tendo uma temperatura mais alta no estio e muito menos alta no inverno, as povoações mais entranhadas no centro.

Antigamente em certas estações do anno havia formidaveis furacões que de setenta annos á esta parte se têem repetido de longe em longe, mas apresentando sempre menos intensidade de acção. A intensidade do frio tambem diminuiu consideravelmente d'este tempo para cá.

O clima da provincia jesuitica do Paraguay se presta á agricultura e á industria, e se a terra se tem negado as vezes a favorecer o desenvolvimento de certas producções (a do trigo por exemplo), esta contrariedade, diz o distincto auctor dos Ensaios, deve ser menos attribuida á intemperie de seu clima, do que á causas que lhe sejam bem estranhas; quaes a pessima escolha da semente, a impropriedade do terreno semeado, a falta de intelligencia e de experiencia na direcção dos trabalhos ruraes (88).

Em geral o clima de Missões, pouco ou nada tem perdido da sua reconhecida salubridade. Se ás vezes as bexigas, o sarampo, a escarlatina tem causado mortandades em illusão, é porque não se applicaram os remedios proprios que fizeram cessar em grande parte as mortandades todas as vezes que foram empregados. Pelo contrario felizmente até agora a provincia jesuitica do Paraguay tem sido livre d'estas terriveis epidemias, que assolaram as grandes cidades maritimas da America e das outras partes do mundo; e não se póde indicar uma molestia que seja propria a esta provincia, ou de que os habitantes d'ella sejam mais affectados do que os dos outros paizes da America. Exceptuando algumas localidades, como

alguns povos antigos da destruida provincia de Guayrà, e algumas outras localidades que por sua posição topographica perto de pantanos ou aguas estagnadas são sujeitos á enfermidades, póde-se assegurar em geral que em toda a America do Sul, não se encontra provincia mais sadia do que a provincia jesuitica do Paraguay.

Já em 1785 Dom Gonzalo de Doblas, tenente governador del Departamiento de la Conception, tinha escripto um quadro que dá uma idéa do clima e das producções da republica jesuitica do Paraguay: se bem que não o possa seguir no que vou dizer, todavia lhe serei devedor de varias cousas da minha narração.

O clima da provincia de Missões é benigno e saudavel. Se bem que n'ella se distinguam as estações do inverno e do verão, nem uma nem outra são rigorosas, succedendo o que é commum ás provincias de Buenos-Ayres e do Paraguay e tambem do Rio Grande do Sul, de experimentarem-se muitos dias de calor no rigor do inverno, e outros frios no verão, tornando-se notavel, segundo nota o visconde de S. Leopoldo, que na provincia de Missões como na do Rio Grande do Sul, as noites de verão são excessivamente quentes e não refrescam como em outros paizes.

A atmosphera é mais humida que secca por causa da multidão dos matos e dos rios. Nos povos que lhe são immediatos, no inverno se experimentam frequentes cerrações que duram até ás dez horas da manhã. São assaz frequentes os furações, e mais ainda as tormentas com raios que algumas vezes cahem, mas não se sentem terremotos. O territorio é regularmente dobrado, não se encontram serros de grande elevação nem planicies dilatadas. Não ha tão pouco serranias, e as que principiam entre Paraná e Uruguay perto dos povos de S. José e de Santa Anna, passando pelo povo de Martyres, e se estendendo até os de Corpus e de S. Xavier; e as que se

devisam logo ao Norte de S. Luiz e de S. Nicoláo, são de pouca elevação, e todas ellas são cobertas de matos inaccessiveis por sua espessura.

No restante da provincia ha muitos capões de madeiras, uns no cume das collinas, outros nos terrenos baixos, nas beiras dos rios e dos arroios, ficando o resto do terreno inteiramente limpo; de fórma que onde ha matos, é tanta a espessura das arvores, são tantos os abrolhos e espinhos, que é mui difficultoso penetrar n'elles, ao mesmo tempo que apenas se encontra uma arvore nos terrenos descobertos. N'esses bosques, tanto nos que se acham nas eminencias e alturas, como nos que estão nas planicies e córtes de rios e arroios, se encontram muitas madeiras de varias especies, excellentes para construcção de embarcações, fabrico de casas e trastes, e algumas bastantes preciosas; e precisaria de uma extensa relação para especifical-as. Não posso sem embargo deixar de designar algumas, e de citar uma relação d'ellas extrahida de um manuscripto guarani escripto por um jesuita nas margens do Uruguay. N'este manuscripto se tratava da construcção das igrejas, da edificação das casas e do fabrico das carretas (Sic).

Não devo deixar de apontar algumas arvores preciosas que se encontram na provincia de Missões, como o *Guayacan*, (Palo santo, sassafrás) madeira muito cheirosa e empregada sua casca e raiz na medicina, mui abundante no alto Uruguay da qual as aguas frequentemente arrastam troços. A arvore chamada *Incenso* cuja resina dá um incenso mui fino de que se fazia uso nas igrejas. A *Ybaro*, de que havia uma extensa alameda no povo de Apostolos, cujos fructos serviam de sabão ás indias. A celebre *Aguaraibay* que se acha em abundancia em toda a provincia de Missões, das folhas da qual exprimidas depois da fervura, se fazia e ainda se faz em algumas partes uma panacéa que passava por ser remedio universal. Existe tambem na provincia de Missões sobre tudo ao Norte do Paraná

uma arvore crescida e forte chamada *Samechii*, que produz formosos casulos de algodão amarello em geral e ás vezes branco, brandissimo ao tocar, mas no qual as fiadeiras não encontram consistencia. Parece esta arvore differente de todas as mais que produzem algodão, e que faz suspeitar uma qualidade indigena. Existe uma arvore d'esta qualidade bem na barranca do Uruguay em frente do Passo de S. Borja. A casca do *Curapahy* ou tembauva, do *Araçá* e da *Canafistula*, e as folhas de outras arvores são empregadas utilmente para cortumes em alguns pontos, onde curiosos se dedicam á esta industria quasi unicamente para seus misteres particulares. Tambem os jesuitas plantaram em Missões o *Curiy*, especie de pinho cuja fructa se come. Os pinheiros no alto Paraná e no alto Uruguay são de um comprimento e de um tamanho extraordinario. A *Opinion* de Corrientes n. 550 de 16 de Maio de 1858, narra que as aguas do Paraná arrastaram um pinheiro que tinha sido arrancado pela raiz e que tinha mais de cem palmos de comprimento e de vinte oito de circumferencia. O individuo que o encontrou o vendeu por 144$000, e o seu segundo dono o vendeu por 384$000 ; o que demonstra a riqueza dos pinhaes d'estes dois gigantescos rios. (90)

Toda a provincia de Missões é atravessada por estes dois grandes rios Paraná e Uruguay (91), que se aproximam entre si, o Paraná desde Corpus até Candelaria se avisinha do Uruguay, que se inclina tambem para o Paraná desde S. Xavier até a Conceição, de fórma que entre elles n'aquella paragem mediavam apenas quinze ou dezoito leguas castelhanas. Ouvi dizer, não sei com que fundamento, que os jesuitas tinham formado o projecto de unir estes dois rios por um canal; o certo é que se a provincia de Missões estive se independente ou debaixo da dominação de uma unica potencia, e que as Missões tornassem a ser florescentes e fossem bem povoadas, etc., seria facil unir o Paraná ao Uruguay, abrindo um canal

desde o Paraná até encontrar o Aguapehy que vem desaguar no Uruguay. Creio que esta communicação se acha já naturalmente feita pelo canal da tronqueira do Loreto, que une o Paraná á laguna Ibera, e atravessando esta se entra no rio Mirinay, que nasce da mesma laguna e vai tambem desaguar no Uruguay. As gerações vindouras verão provavelmente vapores sahirem de Porto Alegre sulcarem as aguas do Jacuhy, do Vaccacahy, atravessarem o canal que deve unir este ultimo rio com o de Santa Maria, navegar por este até entrar no Ubicuhy, seguir o curso d'este, penetrar no Uruguay, procurar a fóz do Aguapehy ou do Mirinay, e por elles irem ao grande Paraná, por onde poderão commerciar com o Paraguay, Mato Grosso, etc., sem terem que ir passar pelo Rio da Prata. No Paraná, e principalmente no Uruguay, desaguam muitos arroios e riachos, que dentro da provincia de Missões têem sua origem, e que pela Providencia foram a proposito collocados para fomentar a agricultura e a industria.

A qualidade da terra é gredosa, misturada de lodo com muito esmeril, ou jacutinga, ou titaneo, e alguma areia. Sua côr se parece á almagre, e unicamente em alguns baixios se encontra terra negra, que parece composta do resto de vegetaes que crescem por causa da humidade dos sitios. Ella é assim mesmo pedregosa e muito em varios lugares, o que não impede que seja bem fertil, principalmente na fralda das collinas, perto dos matos e nos roçados. Tudo o que se planta, principalmente os legumes e verduras, produz bem e dão abundantes colheitas. Se bem que o trigo não dê tanto como em Buenos Ayres e Montevidéo, comtudo elle dá umas vezes dez por um, e outras trinta e mais por um. O arroz se cria bem e produz com abundancia, e tem um sabor que o faz preferir em geral ao arroz vindo de fóra. O milho, o feijão, aboboras, melões, melancias, e todas as fructas commerciaes dão extraordinariamente. As arvores com que se fabrica a ce-

lebre herva dita do Paraguay, *Ilex mate paraguarensis* (Saint-Hilaire) se criavam mui bem nos mesmos povos jesuiticos, e d'ellas existem immensas florestas tanto nas missões paraguayas, como nas correntinas e nas brasileiras (92). Actualmente pouca é a exploração de herva mate que se faz nas missões paraguayas. Esta industria principia a renascer nas missões correntinas, onde já se fabricam annualmente perto de dez mil arrobas. Os hervaes das missões brasileiras, são mais explorados, pois que se exportaram só do porto de Itaqui trezentas mil arrobas no anno de 1859. sem fallar das que se embarcaram em S. Borja ou que foram enviadas por terra a outros mercados.

E' para admirar que esta industria que é uma das principaes das missões, pelo lucro que della obtêm os que a ella se dedicam, como pelas vantagens que d'ella tira o fisco do imperio, esteja tão atrazada no modo de fabricação da herva mate. O systema seguido nas missões brasileiras para a preparação da herva, em cujos pormenores não me compete agora entrar, desgalhando os ramos novos e verdes, além de prejudicar a qualidade do genero, tende a destruir mais ou menos proximamente os hervaes brasileiros. Poderia invocar o testemunho de varias pessoas sobre este objecto como o do Sr. tenente coronel Tristão de Araujo Nobrega, e do Sr. Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado, mas limito-me ao do celebre naturalista Dr. Amado Bompland, que publicou uns artigos sobre o mesmo assumpto em Montevidéo e em Porto Alegre. Em uma carta aberta que elle me remetteu para o Dr. Caldre Fião, com data de 1° de Novembro de 1856, Mr. Bompland escrevia as linhas seguintes: « Se como espero comsigo estabelecer uma fazenda modelo da cultura e fabricação da « herva sobre o Uruguay, e outra sobre o Paraná, a provincia « de Corrientes poderá dar as hervas a um preço mais accommodado que o Brasil, e sobretudo que o Paraguay. Importa

« muito ao imperio de cuidar dos hervaes de Santo Angelo e
« que se faça methodicamente a extracção da herva para não
« arruinar as arvores. Então o Brasil depois de Corrientes
« poderá vender suas hervas mais accommodadas que o
« Paraguay.»

É um facto certo, que se o governo do Brasil não tomar alguma providencia, como a que foi indicada pelo Sr. Dr. Pinheiro na assembléa provincial de 1859, que foi tão mal interpretada por varios moradores de Missões, ou outros, os hervaes brasileiros hão de ir em decadencia, e hão de se destruir finalmente. Não é só na preparação da herva que se nota este descuido; torna-se tambem notavel em sua conducção para os mercados, porque poderiam as hervas com aberturas de estradas ser levadas aos portos de S. Xavier ou de S. Nicoláo e embarcarem-se no rio Uruguay, o que tornaria dez vezes menor a despeza que fazem mais de quatro mil carretas annualmente empregadas a transportar hervas dos hervaes a Itaqui em uma distancia de oitenta, cem leguas e mais, quando só se teria que caminhar dez ou vinte leguas para as carregar a S. Xavier ou a S. Nicoláo. Os jesuitas embarcavam suas hervas de exportação em S. Xavier e alguma e a S. Thomé; é de estranhar que não se tenham posteriormente aproveitado as commodidades dos transportes fluviaes já conhecidos no tempo dos padres da Companhia. Além dos hervaes agora explorados nas missões correntinas e brasileiras, estou auctorisado, por manuscriptos antigos que tenho em meu poder, a asseverar que ha outros hervaes na margem direita do Uruguay, nos quaes anteriormente se fabricaram hervas, e ha probabilidade de que tambem se encontrem na margem esquerda do mesmo rio, pelo resultado que obteve o descobrimento do *Campo das Vaccas Brancas*. Diz o referido manuscripto que um hespanhol que morava em Missões, desde os ultimos annos do seculo proximo passado, assegurava que os habitantes de Entre-Rios, então se entendia

por esta denominação os entre-rianos e correntinos), e principalmente os habitantes do povo de Martyres, remontavam de S. Xavier o Uruguay durante oito dias, indo embarcados e levando carne secca e mais mantimentos, e que pouco tempo depois regressavam com duas ou quatro mil arrobas de herva que tinham preparado e que traziam em balsas, gastando unicamente no seu regresso dois dias de viagem (93). Estendi-me demasiado a fallar d'esta industria, mas como ella é summamente importante, ninguem ha de estranhar minha diffusão sobre ella. Os algodoeiros dão com profusão na provincia de Missões, e os ha de muitas qualidades. Em nenhuma parte vi algodoeiros tão viçosos e tão crescidos como em Missões. Se bem que este ramo de industria esteja agora quasi perdido ou abandonado, sem embargo daria um grande producto independente da intemperie do tempo a que estão sujeitas outras plantas como o milho, o feijão e a canna.

A canna do assucar posto que não dê tambem nas outras missões como nas do Paraguay, amadurece bem em todas e em algumas até melhor; só faltam especuladores para a beneficiar. O cacáo que produzem todos os povos de Missões é de excellente qualidade e melhor que o da mesma provincia do Paraguay. O anil se cria mui frondoso na provincia de Missões; encontrei-o como silvestre e em grande quantidade em todos os povos e quasi em todos os sitios de ambas as margens do Uruguay, mas até agora ninguem tem apparecido para o beneficiar. A mamona de que se fabrica oleo de ricino está no mesmo caso que o anil e produz com a mesma abundancia. As batatas inglezas são bem acclimatadas em Missões onde produzem bem. As batatas doces (94) e a mandioca são quasi os principaes mantimentos com que se têem sustentado, e se sustentam os indios. Emfim, tudo quanto se planta na provincia de Missões ou sejam sementes da zona torrida, como ananaz, romeiras, bananas, ou sejam da zona temperada como peras,

maçãs, figos, parreiras, produzem em geral com abundancia; e se houvesse um meio de obrigar os habitantes de Missões a se dedicarem á agricultura (em geral os indios são summamente preguiçosos) não faltariam durante todo o anno nos pomares e jardins as fructas e verduras, que nos outros paizes só dão em certas estações do anno. As larangeiras, limoeiros, pecegueiros, parreiras, chegam a uma corpulencia desmedida. Em alguns povos de Missões, as laranjas se conservam todo o anno, e as uvas, que são excellentes, têem servido para fazer bom vinho em outro tempo. As amoreiras se criam e produzem de uma maneira extraordinaria no territorio de S. Borja em Missões, e julgo que em todas as Missões, pois basta plantar na terra um galho de um ou dois palmos para obter uma arvore que produz folhas mui frondosas e grandes.

Ora segundo o calculo feito em um dos annos anteriores, pelo *Correio do Sul n.* 228, o total das libras de seda da Italia era de 11.850.000 lib. que valendo a termo medio 20 francos a libra, resulta que esta cultura recebia annualmente a somma de 237 milhões de francos. Apesar de todos os esforços do governo francez para animar aquella industria, tanto nas provincias do sul da França como nas de Argel, apesar das grandes porções de materia prima que já recebe e recolhe para alimentar suas grandes fabricas de tecidos, a França paga annualmente 60 milhões de sedas brutas ao estrangeiro.

Ora, tem-se fabricado seda na provincia do Rio Grande do Sul, onde a amoreira produz perfeitamente como em Missões, onde dá folhas de uma medida extraordinaria. Concluo pois que se deve fazer ensaios que hão de produzir excellentes resultados.

No caso contrario me comprazo em apontar o que se procura fazer em França a este respeito, certo de que sempre n'esta natureza virgem havemos de obter os melhores resultados (95).

Varias plantas oleaginosas produzem as Missões, como: *mamona*, para fazer oleo de *ricino*, *amendoim*, de que se extrahe oleo mui apreciado; mas esta industria está ahi totalmente desconhecida.

As Missões, como a Banda Oriental e a provincia do Rio Grande do Sul antes da sua emancipação da mãi patria, produziam uma quantidade de cereaes, inclusive de trigo, que excedia ordinariamente o seu consumo, e era o objecto de exportação ás vezes consideravel para o Brasil. Percebe-se que os habitantes d'estes paizes de Missões não podendo n'aquelle tempo commerciar senão com a Hespanha, que não tinha cereaes para lhes fornecer, eram obrigados a cultivar a terra para prover á sua subsistencia. Depois da sua emancipação, julgaram elles mais commodo deixar-se sustentar pelo estrangeiro. Sem embargo, como nada se compra sem pagamento, elles têem que pagar este sustento que o estrangeiro lhes fornece; mas pagam-o com productos que podem conseguir com um trabalho menos constante e menos duro que o da agricultura. A ociosidade em que a facilidade de obter estes productos tem deixado a mór parte dos habitantes das extensissimas provincias do Rio da Prata, tem sido causa do luxo que n'ellas se tem introduzido e das repetidas convulsões politicas que a tem agitado.

Ha uma industria que prometteria grandes lucros na provincia de Missões e no Rio Grande do Sul, e de que ninguem tem tratado. E' a da *fabricação da manteiga*. Tiro os seguintes pormenores da excellente obra de Monsieur Isabelle já citado: sobre a fabricação da manteiga nos Estados-Unidos. O Commercio del Plata de 5 de Fevereiro de 1848, deu, segundo um diario de Philadelphia (The Dollar news paper) os informes estatisticos seguintes, realmente curiosos e geralmente desconhecidos. Foram extrahidos do Relatorio apresentado á *Sociedade de Agricultura de New-Yorck* por uma commissão da mesma.

« A commissão pede que se lhe permitta fazer notar que a
« industria de *fabricar manteiga* constitue a parte mais in-
« teressante da agricultura do estado de New-Yorck. Ex-
« aminando os ultimos orçamentos, parece á primeira vista,
« que o trigo seja a producção mais importante. Sem embar-
« go não é assim. O numero de *bushels* (boisseaux, alqueires)
« que se recolhe annualmente é de 13,391,770 que em razão
« de noventa *cents* por bushel, preço tido por termo médio, á
« vista dos annos anteriores sobre todos os pontos do estado
« dão 12,052,593 *dollars*. A quantidade de manteiga que foi
« fabricada durante o mesmo anno foi de 78,501,733 libras,
« que termo médio avaliadas a 12 ½ *cents* dão 9,937,716
« *dollars*, 51,700,000 francos. Deve-se accrescentar a isso,
« como producto da industria da manteiga o que segue:

« Pouco mais ou menos 500,000 terneiros, que conforme
« o uso, são mortos dois ou tres dias depois de seu nascimento,
« e que se vendem no mercado a 2 dollars cada um, fazem
« uma quantia de 1,000,000 dollars. Mais de 528,114 porcos,
« cuja criação e sustento é devido quasi exclusivamente á
« industria do leite, cujos restos se vem de alimento á estes
« animaes, e que em razão de 3 dollars por cabeça produzem
« annualmente 1,584,342 dollars. Estas diversas quantias
« formam o producto total da industria da manteiga em dollars
« 12,522,058. Producto do trigo acima apontado 12,052,593.
« Differença a favor da manteiga — 469,465 dollars.

« Se se acredita que a commissão avaliasse mui alto o preço
« dos terneiros ou de porcos que se criam pela industria da
« manteiga, póde-se fazer algum abatimento, mas se terá
« sempre uma differença a favor do producto da manteiga.

« Outra vantagem apresenta o producto da manteiga sobre
« o do trigo que é nos gastos de producção e de transporte.
« Para fabricar a manteiga ordinariamente se empregam
« mulheres e crianças, cujo salario é muito inferior aos dos

« homens que lavram, semeam, beneficiam o trigo e o levam « ao mercado. »

A industria da manteiga unicamente no estado de New-Yorck dá annualmente o producto de 12,522,058 dollars ou patacões, isto é 25,044,116$000 réis pouco mais ou menos moeda brasileira. Quanto dá esta industria na provincia de Missões e do Rio Grande do Sul onde se cria tanto gado vaccum? Não prometteria esta industria grandes vantagens para o estado e para os particulares?

Os gados de todas as especies se conservam e se multiplicam muito na provincia de Missões, sobretudo na margem esquerda do rio Aguapehy e na margem esquerda do rio Paraná. Nas Missões Orientaes, o rincão da Cruz é o mais afamado para a dita criação, e é reconhecido que a comarca de Missões é uma das mais aptas da provincia do Rio Grande do Sul para criação do gado, que é uma das principaes para não dizer a principal industria de Missões com a da herva-mate. Os habitantes que emigram de Rio-Pardo, de Taquary e do littoral maritimo da provincia para Missões, encontram uma grande superioridade nos campos missioneiros para criar gados de todas as especies.

Esta industria é mui lucrativa, diz Mr. Arsène Isabelle, quando é exercitada com ordem, economia e intelligencia por pessoas costumadas aos trabalhos do campo. Póde-se julgar do beneficio que dá aos estancieiros a criação do gado vaccum pelo calculo seguinte feito em 1835 por um estancieiro da Banda Oriental.

Um capital de nove mil pesos correntes, empregado em compra de tres mil cabeças de gado de criar, e collocadas em um estabelecimento já prompto, dá producto liquido, pagas as despezas, no fim de seis annos a quantia de 30,850 pesos, isto é, que esse rebanho de tres mil cabeças cresce annualmente na progressão de trinta e um á trinta e dois por cento, e que deduzindo os animaes carneados para sustento dos

piões, e aquelles que estiveram em estado de ser vendidos para os saladeiros ou charqueadas, a estancia no fim de seis annos de trabalho e de cuidados, teria dez mil quatrocentas e quatorze cabeças de gado.

E' sufficiente um pião para mil cabeças de gado, e visto a falta de pastos artificiaes, a natureza do terreno e a qualidade do capim em geral, se calcula que uma legua quadrada póde criar duas mil vaccas.

E' preciso mais cuidado, mais trabalho e mais terreno para criação de animaes cavallares.

A educação ou criação de rebanhos de ovelhas prospera muito e offerece mais lucro sem comparação. Esta industria dá quasi trinta por um no espaço de dez annos sobretudo se se cuidar de melhorar a qualidade da lã, attendendo á natureza dos pastos e cruzando as raças. Segundo a experiencia feita por Mr. Bonpland, pelo coronel Corrêa e outros, o cruzamento de merinós com as ovelhas do paiz, produzem uma terceira especie, cuja lã é mui linda e incomparavelmente mais fina e mais macia que a melhor lã dos carneiros ordinarios.

Os rebanhos de cabras se augmentam extraordinariamente.

Nas immediações do Paraná ha minas exquisitas de cobre perto dos povos da Candelaria e de Sant'Anna, as quaes foram exploradas ainda depois da expulsão dos jesuitas, mas que foram abandonadas porque os beneficios não cobriam os gastos. E posto que se assegure que em Missões ha minas de azogue e outros metaes, não se tem visto provas que assegurem a existencia d'estes metaes. Encontram-se em quasi todas as paragens minas de crystal de rocha muito superior. Este se cria no coração de pedras ôcas de varios tamanhos, e que crescem no conceito de muitos. Ahi estão embutidas as pedras por toda a circumferencia interior como os grãos de uma granada deixando ôco o centro, até onde todas terminam

em ponta em varias superficies, tão iguaes que parece que foram lavradas e collocadas com arte. Algumas d'essas pedras são azues, tão diaphanas e duras que não duvidava Doblas que fossem amethystas finas, dizendo que se nas paragens em que ellas se encontram na superficie, se buscasse no interior, talvez se encontrassem algumas de valor.

Em toda a provincia ha pedreiras que fornecem excellentes pedras para edificios, mui brandas para lavrar e de muita consistencia para durar. D'essas pedreiras tiraram os jesuitas columnas de mais de vinte palmos de comprido mui solidas e bem polidas, como já tivemos occasião de notar. Em algumas partes d'estas pedreiras as pedras têem a propriedade da ardosia, e são compostas de varias veias que se desunem com muita facilidade, tornande-se louzas de superficie tão igual que não é preciso lavral-as. No portico de S. Ignacio-Mini ha tres d'estas louzas. A maior tem mais de quinze pés de comprido e mais de dez de largura, e as outras são um pouco menores. Actualmente na villa d'Itaqui existem muitas d'estas louzas que ahí se preparam e de que se fazem mesas de todo tamanho e fórmas, e são susceptiveis de um rico polido. Existe outra especie de pedra mui tosca, mas facil de cortar e lavrar. N'ella se divisam signaes de ferro, e seu peso não deixa duvida que ella não tenha veias d'este metal. Esta qualidade foi mais commummente empregada pelos jesuitas na construcção dos edificios em todos os povos.

Mr. Aimé Bonpland estando hospedado em minha casa me mostrou em 4 de Agosto de 1856, um livro manuscripto no qual este sabio naturalista tinha feito a descripção de 355 rochas, mineraes e pedras da republica Oriental, da Confederação Argentina, do Paraguay, Rio Grande do Sul, e da provincia de Missões. No dia 22 de Julho de 1856, o mesmo botanista me mostrou tres volumes manuscriptos, estando o terceiro incompleto, nos quaes estava feita em latim a descripção de 2813

plantas e arvores até o mez de Abril de 1853, época em que elle principiou sua ultima viagem de S. Borja a Montevidéo. Em suas viagens a Missões descreveu desde o nº 936 até 2557 inclusive. Este trabalho de immensa importancia e feito por mão de tal mestre e com uma perseverança de quasi 40 annos, está até agora perdido para a sciencia e para o mundo. É de esperar que o governo da provincia de Corrientes que possue estes thesouros, que darão a conhecer os productos vegetaes e mineraes da provincia de Missões e das circumvizinhanças, se apresse em dar á luz a estas grandes obras.

São muitas as hervas medicinaes que se encontram na provincia de Missões: os indios se serviam d'ellas em suas enfermidades dando-lhes nomes proprios em seu idioma; mas, como diz Mr. Doblas, o beneficio do seu conhecimento não poderá ser de muita utilidade, em quanto um homem intelligente não descubra suas virtudes e determine seus usos.

Esta gloriosa tarefa foi em parte preenchida por Mr. Bonpland no extenso catalogo das plantas de Missões que elle descreveu, e que seu trabalho era destinado a fazer conhecer. Não duvido que elle, que foi o medico dos pobres na provincia de Missões, não descobrisse tambem a virtude de muitas d'estas plantas (96). O que ainda mais faz anciar pelo momento que sejam publicados os livros e quadernos manuscriptos do celebre companheiro do barão de Humboldt.

Entre as numerosas hervas medicinaes que espontaneamente crescem na provincia de Missões, mencionarei a *herva da Vibora* mui frequente e abundante, conhecida desde antes de 1689, pois que d'ella faz menção o Dr. Xarque, se bem que ultimamente os periodicos a déssem por recem-descoberta em uma provincia do imperio ao Norte do Brasil. Assim se exprime o Dr. Xarque descrevendo a entrada dos jesuitas aos barbaros guanoás, pagãos mais immediatos ás reducções sobre o Uruguay, e que vagavam entre este rio e as costas do

mar do Norte, entre o Cabo Santa Catharina e o Rio da Prata.

«« As cobras são ahi mui frequentes, e com o veneno tão efficaz, que picando o pé de um cavallo, ainda que ande á disparada, o faz parar logo destillando sangue por todos os póros do corpo, e morre em poucos instantes. A cobra cascavel assim chamada, porque cada anno lhe cresce um annel na cauda, que ao mover-se sôa como guizo ou cascavel, com um zunido não mui vivo, mas bastante forte para avisar aos viventes que se guardem de sua mortifera peçonha, tambem é abundante; mas o Supremo Artifice da Natureza cria n'aquellas regiões um contraveneno em uma herva, que por isso se chama *herva de cobra*, cujas flôres são da mesma côr, fórma e tamanho, que os guizos da Cascavel, e lhes servem por sua semelhança de letreiro para dar a conhecer sua virtude, a qual é tal que mastigada verde e applicada ao membro mordido o cura, assim como bebendo a agua em que esta herva secca ou verde tem sido cozinhada, etc., e applicando a herva á parte offendida » (97).

Dos precisos á vida necessarios em Missões, continúa Doglas só dois faltam em Missões, que são o sal e a cal.

Verdade é, que é preciso que o sal venha de fóra, se bem que se encontram na provincia de Missões muitos olhos d'agua salgada e barreiros que escusem o sal para a criação. Estes olhos d'agua e barreiros podem indicar a existencia de minas de sal, mas eu não estou habilitado para fallar n'esta materia.

Em quanto a cal, é certo que os jesuitas que rebocavam seus edificios com tabatinga, tão commum em algumas partes de Missões como em São Borja, os branqueavam com cal feita de caramujos que calcinavam para este effeito. Faz treze annos que me occupo em descobrir a pedra calcarea em Missões, e ainda não obtive resultado, se bem que não desespero de o conseguir.

Na provincia de Missões ha insectos como em outras partes,

sem fallar das pulgas, piolhos, percevejos, existem alguns outros communs a quasi toda a America da zona temperada e torrida que não deixam de ser incommodos, como o *chupão* ou *finção*, animalejo que de noite vem comer no corpo do individuo, e pela manhã apparece o sujeito como crivado de bexigas, no lugar da mordedura. O *bicho do pé* ou *pique* que é preciso extrahir logo se não se quizer expôr a consequencias desagradaveis se não funestas. O *micuim* ou *bicho colorado* que causa uma comichão extraordinaria, se não se lavar a parte com arnica ou cachaça e que póde occasionar molestias graves da pelle. O *carrapato* que poucas vezes ataca o homem, mas que lhes causa bastantes incommodos se elle não se cuidar, e que tem causado um damno gravissimo nos gados vaccum e cavallar. O lura ou vernes é quasi de insignificancia em Missões, porque em treze annos eu só o vi uma vez.

Os matos são povoados de onças, jaguars ou tigres, leões, antas, tamanduás, porcos montezes, guarás, cotias, pacas, bugios, macacos, sobretudo na margem dos rios, coatís, lebres, tatús, gambás.

Os campos são povoados de abestruzes, emmas, veados, guarachains, tigres, leões, zurrilhos, tatús etc.

Os rios produzem varios peixes de diversos tamanhos e especies.

Entre as aves distinguem-se os jacús, tucanos, aráras, papagaios, periquitos, sabiás, canarios, pombas, patos grandes e pequenos, pavões, corvos brancos etc.

Seria immenso fazer a relação ou descripção especial de todos estes individuos ou objectos que resumiremos brevemente nos mappas seguintes.

Esta provincia é saudavel, tanto que não se encontra outra que seja mais; nem consta que n'ella se haja visto nenhum louco ou demente (o que está demonstrado pela experiencia posterior).

Miguel Marimon, que habitou as Missões, e mui conhecedor em historia natural, disse que na provincia jesuitica do Paraguay se encontrava cento e tres especies de aves, quarenta e cinco especies de quadrupedes e quarenta de peixes; das quaes fez a nomenclatura em lingua guaraní. (Peramas).

ARTIGO II.

Mappa dos principaes productos da industria na provincia de Missões.

Herva mate: Paraguay, S. Xavier, S. Angelo, e Missões Orientaes.
Redes ou hamacs: Paraguay, S. Borja.
Chergas: Paraguay, S. Borja.
Couros cortidos: Paraguay, S. Borja.
Couros em geral: Paraguay, Corrientes, Missões Orientaes.
Couros de tigre, tamanduá: toda a provincia.
Clina: Toda a provincia.
Lã de ovelhas: Toda a provincia.
Queijos, manteiga: Corrientes, S. Borja.
Fabrica de charutos: Paraguay, S. Borja.
Fabricas de assucar: Paraguay, S. Borja (poucas).
Fabrica de mellado: Paraguay, S. Borja (mui pouco).
Dita de aguardente: Idem, idem, idem.
Fabrica de telha, tijollos, talhas: Paraguay, S. Borja.

ARTIGO III.

Mappa dos principaes productos naturaes da provincia de Missões.

Trigo: Paraguay, Corrientes, Missões Orientaes.

Tabaco: Paraguay, Corrientes, Missões Orientaes.
Uvas: Idem, idem, idem.
Canhamo: Idem, idem, idem.
Assucar: Idem, idem, idem.
Milho: Idem, idem, idem.
Arroz: Idem, idem, idem.
Mandioca: Idem, idem, idem.
Feijão: Idem, idem, idem.
Aboboras: Idem, idem, idem.
Melões: Idem, idem, idem.
Melancias: Idem, idem, idem.
Laranjas: idem, idem, idem.
Limas de todas as qualidades: idem, idem, idem.
Cidras: idem, idem, idem.
Marmelos: idem, idem, idem.
Bananas: idem, poucas, poucas.
Ananazes: idem, idem, idem.
Mamona: idem, idem, idem.
Anil: idem, idem, idem.
Batatas inglezas: idem, idem, idem.
Ditas doces: idem, idem, idem.
Maçãs: idem, idem, idem.
Grumichamas: idem, idem, idem.
Guayabas: idem, idem, idem.
Algodões: idem, idem, idem.
Amoreiras: idem, idem, idem.
Romãas, idem, idem, idem.
Cerejas: idem, idem, idem.
Ameixas: idem, idem, idem.
Peras: idem, idem, idem.
Azeitonas: idem, idem, idem.
Nogueira da Europa: idem, idem, idem.
Cacáo: idem.

ARTIGO IV.

Mappa dos principaes productos do reino mineral na provincia de Missões.

Ouro: Corpus, S. Thomé, S. João, Nhacundá (indicios).
Prata: S. Lourenço (indicios).
Cobre: Corpus, S. Francisco de Assis, S. Borja em S João Mirim.
Ferro: Em toda parte com abundancia.
Aguas salubres: S. João Mirim, S. Lucas, Itati de S. Borja.
Pedra manganesia: S. Nicoláo, S. Luiz, S. Borja.
Crystaes: em toda a provincia.
Coral: Corpus — no fundo do leito do rio Uruguay, principalmente na foz do Aguapehy, especie de polypeiro fluvial.

ARTIGO V.

Mappa dos principaes productos do reino animal em Missões.

Gado vaccum: em toda a provincia.
Idem cavallar: idem.
Idem lanigero cerdum: idem.
Abelhas: sem uso. mas produzem muito.
Bichos de seda: podem criar muito em toda a provincia.
Macacos, bugios: em toda a provincia.
Veados, abestruzes, tigres, leões, tatús, guarachains, etc.: em toda a provincia.
Peixes, capivara, jacaré, raia, bagre, pati, pacú dourado: em toda a provincia.
Aves, jacús, tucanos, araras, papagaios, periquitos, sabiás, canarios, corvos brancos, pavões, patos de toda a qualidade, e muitas aves aquaticas (cariamas ou sarias), pombas de varias qualidades, garças brancas, e toda a especie de aves domesticas.

Deve estar se imprimindo actualmente na Europa, em francez e em allemão, uma preciosa obra intitulada *De la Colonisation dans la province de S. Pierre de Rio-Grande du Sud, Brésil*, par Jean Charles Moré, que se póde consultar com muita vantagem. N'ella se acham relatados os varios productos da provincia do Rio-Grande do Sul, faz-se a descripção do seu clima, indica-se o caracter dos seus habitantes. Dá esta obra toda a legislação vigente no imperio sobre a colonisação, encerra muitos conselhos para os colonos, e faz realçar as grandes vantagens que elles colheráõ se emigrarem para a provincia do Rio-Grande do Sul, da qual o prestante auctor se esmera em dar uma idéa exacta. Em minha passagem na cidade de Porto-Alegre capital da provincia, estando eu hospedado em casa do Sr. barão d'Oruano vice-consul de França, este distincto cavalheiro me fez obsequio de dar-me para ler um dos manuscriptos do illustrado Sr. Moré, e posso affirmar sem receio de errar que tudo o que n'esta obra se diz do Rio Grande do Sul, diz respeito as Missões jesuiticas, como se fosse escripto de proposito para ellas.

Foi impresso em 1860 em Paris o primeiro volume de uma obra intitulada : *Histoire physique, économique et politique du Paraguay et des établissements des Jesuites par L. Alfred Demersay*, que póde ser consultada e lida com muita vantagem, pois o seu auctor, como professional trata por extenso varias materias que unicamente esboçamos, e mesmo omittimos n'esta nossa historia.

CAPITULO XXV.

ARTIGO I.

Povoadores actuaes da provincia de Missões.

Já tenho tratado dos habitantes das Missões paragu

Nas Missões correntinas a povoação é misturada em côres. As mulheres sustentam quasi todo o fardo dos trabalhos, em quanto os homens só tratam de fumar, tomar mate e passear em bons e lindos cavallos. Assim era, ha bem poucos annos. Desde o governo do Sr. Pujol têem-se tornado mais laboriosos.

Nas Missões do Paraguay a lingua geral que se falla é o guaraní, bastante degenerado do guaraní antigo. As pessoas brancas só entendem o castelhano que pouco fallam.

Nas Missões correntinas geralmente se falla tambem o guaraní porém excessivamente adulterado do velho guaraní. Sem embargo ouve-se algumas vezes fallar o castelhano, o portuguez e mesmo o italiano e o francez por causa dos moradores de varias nações que n'ellas se acham. Dentro de poucos annos n'ellas haverá uma confusão de Babel á respeito da lingua.

Nas Missões brasileiras geralmente se falla o portuguez. As vezes se ouve tambem fallar o castelhano ou algum outro idioma estrangeiro, mas o guaraní é quasi unicamente entendido pelos poucos indios que existem, e elles até têem pejo de fallar sua lingua perante outras pessoas.

As Missões brasileiras são actualmente povoadas quasi unicamente de emigrantes de Santo Antonio da Patrulha, de Porto-Alegre, Rio-Pardo, Taquari, Viamão, Triumpho, de São Paulo, etc., que conservam os costumes e usos dos lugares que os viram nascer. Ha tambem habitantes nascidos em outras provincias do imperio, mas são pouco numerosos e de ordinario militares que aqui ficaram. Existem alguns estrangeiros sobretudo allemães, que procuram fazer fortuna trabalhando em officios. O numero dos escravos é resumido, assim como o das pessoas de côr. Os indios puros formam a parte mais diminuta da população, e são os mais preguiçosos e os mais viciados, se bem que se mostrem mais affectos ás ceremonias religiosas, mais devotos com as imagens e mais

respeitosos para com os sacerdotes aos quaes ainda n'estes tempos, vão beijar a mão quando os encontram.

Nota-se muita humanidade nos habitantes das Missões brasileiras, entre elles a hospitalidade é um dever sagrado, e qualquer póde viajar sem despender um vintem. Por pobre que seja um missioneiro, se lhe chega um hospede, lhe cede sua cama se não tem outra para offerecer-lhe, dá-lhe a comida que tinha preparado para si, e vai comprar ou pedir mantimentos emprestados senão os tem para dar refeição ao hospede que nada d'isso suspeita. Ordinariamente se lhe empresta cavallo e as vezes para toda a jornada.

A generalidade dos habitantes de Missões são religiosos, mas a religião não póde ter sobre elles o seu concurso efficaz, porque ou seja pela distancia que ha entre suas habitações e a igreja parochial, ou seja pelo descostume em que se habituaram durante a revolução da provincia, elles pouco frequentam os Sacramentos. « Com freguezias de tantas leguas « de extensão, escreveu o Sr. Manoel da Cunha Galvão em 7 « de Janeiro de 1861 no Rio de Janeiro, de tantos mil ha- « bitantes, como exigir do parocho que elle possa curar de « seus parochianos como eu tanto desejaria e como se pratica « em França, na diocese d'Orleans, onde as parochias apenas « têem pouco mais de mil habitantes e nunca chegam a ter « uma legua quadrada de extensão? » Se é impossivel aos parochos, cujas freguezias são extensissimas cuidar bem de seus parochianos, á estes é impossivel cumprir bem com todos os seus deveres religiosos, que infelizmente muitos olham com indifferença. Actualmente os parochos, carregam sobre si as culpas de seus parochianos; diz-se a cada instante: os povos estão sem religião porque os padres não lhes dão o exemplo da virtude. Verdade é que varios parochos não são tão santos como desejariam seus freguezes, que em razão inversa dos seus vicios, desejariam ver a virtude praticada no ultimo grão

de perfeição pelos seus vigarios, quanto mais elles se affastam d'ella. Mas pergunto: são mais virtuosos os freguezes de um vigario santo do que os freguezes de um vigario perverso? Ordinariamente acontece que é canonisado um vigario perverso, em quanto passa como iniquo aquelle que cumpre com os seus deveres. Os parochos que se amoldam aos vicios de seus parochianos, que lhes põem almofadas, como dizia o propheta, para que vivam á seu gosto, são excellentes parochos, mas aquelles que como Isaias gritam contra suas prevaricações, não lhes merecem maior consideração do que aquelle propheta mereceu de seus contemporaneos. Na actualidade, ha muito que fazer para endireitar o clero, porém mais tem que se fazer para endireitar os christãos, que por um falso abuso da liberdade se julgam exemptos de todas as praticas da religião catholica. Nem sei como haveriam-se os Apostolos e mesmo Jesus Christo com a geração actual.

ARTIGO II.

Meios de fazer prosperar as antigas Missões jesuiticas (98).

Seja, por causa da maior facilidade de obter os productos, seja por causa do diminuto numero de habitantes espalhados em uma extensissima porção de terrenos, a industria principal e a mais productiva é ainda a criação do gado, de animaes cavallares e lanigeros em todas as Missões jesuiticas menos em aquellas que estão situadas ao Norte do rio Paraná e que pertencem ao Paraguay, onde os terrenos menos favorecem esta industria e onde os habitantes se dedicam mais a agricultura. Mas, com o augmento crescente da população, as estancias destinadas á criação têem-se já dividido entre varios possuidores, e hão de se subdividir successivamente, de fórma que em mui poucos annos não existirão mais estas grandes

fazendas de uma, duas, e mesmo mais sesmarias, mas sim chacaras resumidas onde será impossivel a criação do gado em grande escala. O retalhamento das estancias que já se têem tornado tão prejudicial á esta criação em toda a provincia do Rio-Grande do Sul e tambem em Missões, ha de fazer de mais a mais diminuir os productos do fazendeiro. E como cada morador cujo numero se augmentou e augmentará rapidamente, necessitará para seu sustento e da sua familia de recorrer a novas industrias; uma das principaes para não dizer a principal industria que em Missões ha de supprir a insufficiencia da da criação do gado, é incontestavelmente a industria agricola, para o que se presta admiravelmente o terreno temperado de Missões, tão rico em varias producções. Direi pois alguma cousa dos meios que me parecem mais proprios para fomentar a agricultura nas Missões jesuiticas, que hoje fazem parte da provincia do Rio-Grande.

Os terrenos das Missões jesuiticas sitas ao N. do rio Paraná e as situadas na sua margem oriental (hoje desertas), pertencentes ao Paraguay são excellentes para a agricultura. Mas, como todos os terrenos pertencem a nação e o systema actual de governo da republica do Paraguay pouco se presta aos melhoramentos e progressos encetados nos paizes vizinhos, guardarei silencio sobre os meios que poderiam fazel-os prosperar. Os terrenos das Missões sitas entre os rios Paraná e Uruguay e pertencentes á provincia de Corrientes do povo de Apostolos para o Norte até o Iguassú ou rio grande de Coritiba, tambem são excellentes para a agricultura, e os ao Sul do dito povo entre o rio Uruguay e a laguna Ibera onde existiam os povos jesuiticos de São Thomé, da Cruz e de Japejú, são excellentes para a criação de animaes e ao mesmo tempo aptos para a agricultura. Porém como todas essas terras em geral são ainda propriedade nacional, sendo cedidas a mór parte em emphiteusis pelo governo de Corrientes e por certos

annos determinados a particulares ; por causa da incerteza que têem os particulares de vir a possuil-as em propriedade, em consequencia das frequentes revoluções que têem havido na republica Argentina, e da pouca segurança que muitos vêem para seus estabelecimentos n'aquellas paragens, em quanto não se gozar mais annos de paz e de tranquillidade; é difficil estabelecer os meios de tornar prospera aquella interessante parte das Missões jesuiticas. Cingir-me-hei a fallar das antigas Missões situadas ao Oriente do Uruguay.

Este vasto territorio ao Norte do rio Piratinim, onde se achavam seis povos, é excellente para a agricultura e menos proprio para a criação do gado do que o territorio situado ao Sul do dito rio, onde se acham São Borja e Itaqui que tambem serve para a industria agricola.

Ora, quaes são os meios, que em meu alcance, diviso proprios para em pouco tempo fazer florecer as Missões jesuiticas do Brasil na provincia do Rio-Grande do Sul ?

1.° Fazer executar as leis sábias, liberaes e protectoras do imperio por magistrados intelligentes e justos, e criar as que podem faltar, para que o trabalhador possa gozar do fructo de seus serviços, que muitas vezes aproveitam aos vadios que se deve obrigar ao trabalho.

2.° Ensinar aos habitantes d'estas regiões os preceitos da agricultura, fazer ensinar officios a varios; fazer-lhes conhecer o proveito que podem tirar das innumeraveis riquezas de que a natureza dotou o seu paiz, ensinar lhes a economia, inspirar-lhes aversão á preguiça e amor ao trabalho que moralisa o homem. Conceder premios aquelles que se distinguirem em alguma industria util para o paiz, e para exportação v. g. Conceder um premio ou uma condecoração áquelle que fizer algum descobrimento ou de algum metal ou de alguma navegação ou de alguma industria ; áquelle que primeiro fabricar certa quantidade de anil, de seda, de tabaco ; obstar os en-

tores do commercio, fomentando por todos os meios possiveis as communicações, os transportes por agua e por terra.

2.º Dividir as estancias 99, que ao dizer do general Andréa em seu Relatorio de 1.º de Junho de 1858, apresentado á assembléa provincial do Rio-Grande do Sul, são um dos maiores obstaculos que se têem apresentado na provincia ao progresso da agricultura, e mesmo da povoação.

Um estancieiro, dizia este presidente, que possue uma sesmaria, é senhor de tres leguas quadradas de terrenos, se possue duas, tres ou mais sesmarias, é senhor e dono de seis, nove ou mais leguas quadradas de terras, grandes desertos cujos possuidores tratam mal e da mal criação do gado, e tem o direito de fazer sahir do seu campo familias infelizes que não sabem onde fazer descançar suas cabeças. Varios estancieiros juntos tornam deserta uma porção de terreno do tamanho de alguns estados da Europa. Entretanto as familias pobres correm de um lado a outro procurando um abrigo que ninguem lhes concede. [illegible] que a povoação augmente [illegible] agricultura. A divisão gradual dos grandes estancieiros, como vamos fazendo, porem com maior velocidade, [illegible] beneficio immenso para o augmento da povoação, da industria agricola e de todas as mais. O mesmo presidente indicava os meios de conseguir esta divisão das grandes propriedades, que não podemos deixar de indicar. O primeiro é obrigar os estancieiros a mandar medir suas fazendas, sendo as sobras vendidas, alugadas ou dadas em pequenos lotes a lavradores pobres. Se os titulos das sesmarias fossem duvidosos, conforme as leis, maior quinhão ficaria a repartir. O segundo é comprar todos os annos o governo umas tantas leguas de terras para o mesmo fim. O terceiro é que a fazenda nacional se constituisse co-herdeira quando tem que perceber direitos sobre legados ou heranças e te-

cebesse em terras uma parte d'estes direitos, á cujas terras se daria o destino acima indicado.

A divisão das grandes estancias, acrescentarei, seguindo as idéas de Mr. A. Isabelle, em vez de ser prejudicial aos estancieiros e nociva á criação do gado, só lhes poderia ser vantajosa. Vantajosa aos estancieiros que imaginavam fazer um immenso sacrificio cedendo uma ou duas leguas de seus desertos, onde nem viviam cincoenta pessoas, para melhorar a sorte de alguns milhares de homens pobres e infelizes, porque immediatamente sua fortuna subiria pela alta do preço de suas terras adjacentes como aconteceu em Montevidéo e em Pelotas, e pela facilidade da exploração dos seus productos e rapidez das communicações com as praças de comercio (100). Vantajosa á propagacão do gado no duplo respeito da quantidade e qualidade em virtude da melhoração dos pastos e dos cuidados mais assiduos e mais intelligentes dos rebanhos Eis um exemplo: Em França cujo territorio é apenas duplo do da provincia do Rio Grande do Sul, e cujas propriedades são bastante divididas, e as culturas infinitamente variadas, onde os matos, as capoeiras, os montes, as montanhas tomam lugares extensissimos, assim como os rios, as estradas e os canaes em todos os sentidos, as cidades, as villas, as freguezias povoadas actualmente por quarenta milhões de habitantes: conta-se mais de oito milhões de vaccas e mais de trinta e tres milhões de carneiros (101). Qual seria o numero de cabeças de gado em França se a consumição da carne fosse menor, e que como aqui a principal industria fosse a da criação do gado!!

4.° Conceder as terras devolutas proprias para agricultura, os matos, porém em pequenos lotes, aos cidadãos brasileiros pobres, sobretudo aos veteranos do exercito, aos soldados que deram baixa, aos lavradores laboriosos; e se não forem sufficientes as terras devolutas, distribuir-lhes as ter-

ras de que fallamos no numero tres anterior. Julgo proveitoso para o imperio que as ditas terras se concedam com preferencia a brasileiros que a ellas têem um direito especial, do que a estrangeiros, comtanto que sejam obrigados a trabalhar, porque por seus usos, costumes e lingua, elles são mais convenientes e aptos para fazer parte da grande familia brasileira. Em minha opinião, uma colonia bem dirigida e organizada de lavradores brasileiros é muito mais util para o paiz do que duas colonias de allemães, de suissos, ou de subditos de outras nações, se bem que estes podessem por seus conhecimentos fazer augmentar mais a industria agricola e outras.

5.ª Em falta de cidadãos brasileiros, conceder as vantagens do n. 4 acima a estrangeiros qualquer que seja a nação a que pertençam. Deve portanto procurar o governo destruir os prejuizos que Portugal e Hespanha tinham infundido nas veias dos seus colonos para não fraternizarem com os estrangeiros. As colonias allemães e mesmo as colonias suissas têem provado bem no grande imperio do Brasil, se bem que a raça brasileira de origem latina seja differente da raça allemã e suissa de origem slava: porque é que não provaram bem no mesmo imperio os descendentes da raça latina? Como é que não poderam se ligar hespanhóes, portuguezes, francezes e italianos que fallam uma lingua que foi uma na sua origem? Deus fez o mundo para seus habitantes. Todos os habitantes do globo são filhos de Deus e portanto irmãos, e devem-se supportar e coadjuvar para que se cumpram os preceitos do Creador.

6.º Chamar para Missões, como se faz nos Estados Unidos, na America central, no Chile, como em varias provincias do Brasil, como mesmo na provincia do Rio Grande do Sul, de que em seus beneficios a antiga provincia de Missões não tem feito parte, homens laboriosos, activos, intelligentes, que moralizem pelos laços da familia e da propriedade, o caracter

apathico, desconfiado, vingativo, ciumento e insubordinado do indio.

Com os braços trabalhadores hão de vir os capitaes estrangeiros, elementos que faltam absolutamente em Missões para tirar do nada suas riquezas naturaes.

Com os braços, com os capitaes, com a cessão das terras, com as leis liberaes e protectoras, virão as idéas de empresas, o espirito de associação entre estrangeiros e filhos do paiz.

Então veremos os barcos de vapor vir de Montevidéo e Buenos-Ayres á Missões trazer-nos os artefactos da Europa, e levar os ricos productos de Missões. Então veremos que a industria missioneira duplicará, decuplicará, centuplicará talvez o valor das terras da provincia jesuitica do Paraguay.

7° Estabelecer colonias. No relatorio já citado, do Sr. general Andréa, este presidente censura a apathia e a indifferença dos lavradores brasileiros, e diz que existem na provincia do Rio Grande do Sul, leguas continuas de territorio onde não se vê uma só arvore plantada, nem semente alguma lançada na terra, e sem embargo esta terra daria de tudo; poucas ha tão ferteis. Não se trata mais de plantar trigo. Apesar do subido preço das farinhas de mandioca sua plantação é descuidada. Muitos outros productos agricolas o são da mesma fórma. E' absolutamente necessario, continuava o mesmo general, entreverar os colonos agricultores n'estes vastos desertos para por seu exemplo excitar as inclinações da povoação indigena. O que em 1849 escrevia este distincto administrador da provincia, é ainda verdade em 1861, sobretudo em Missões. Existem ainda muito grandes desertos em todas as Missões jesuiticas, collocadas em parte na beira de rios magestosos e navegaveis, que poderiam ser o assento de cidades e povoações opulentas, e sustentar milhões de habitantes. Porque é que o governo não faz a acquisição de quinze ou vinte leguas de terrenos agricolas sobre a margem do Uruguay e de qualquer outro

rio navegavel como o Ubicuy, o Camacuã, o Piratinim perto de sua fóz ao Uruguay em lugares azados para o estabelecimentos de grandes cidades e n'elles funda tres ou quatro colonias? Temos o exemplo da colonia hoje villa de S. Leopoldo para provar o quanto as ditas colonias haviam de prosperar se fossem bem dirigidas. Eu não quereria que os colonos fossem todos da mesma nação, se bem que fosse muito para desejar que todos elles professassem a religião catholica, e que fallassem senão a mesma lingua ao menos uma das linguas que se formaram da latina.

Em uma colonia eu quereria brasileiros, e ha tantos que não possuem um palmo de terra para n'elle descançar sua cabeça; quereria pois portuguezes laboriosos e tambem italianos, francezes virtuosos, intelligentes e activos. Não é meu objecto delinear a maneira de conseguir os colonos e de lhes distribuir as terras; unicamente notarei que julgo conveniente que a primeira d'estas colonias, que se estabelecesse não devia ser afastada mais de cinco a seis leguas de alguma das povoações já existentes, para d'ella poder tirar os recursos tão necessarios ao principio. A segunda colonia deveria ser collocada a igual distancia da primeira, que por sua vez lhe facilitaria recursos. Mas se de repente se cria uma colonia no centro dos matos virgens á trinta leguas ou mais de distancia de qualquer outra povoação, longe dos principaes soccorros, e as vezes sem ter ainda estradas de communicação, é evidente que esta colonia, se principalmente é formada de estrangeiros, não só não prosperará, mas se destruirá pouco tempo depois da sua formação, como aconteceu á colonia de allemães que se tinha estabelecido no antigo povo jesuitico de S. João.

Porém providenciando as necessidades dos colonos durante dois ou ao menos um anno, cedendo a cada familia um canto de terra gratuitamente, a colonia infalivelmente ha de prosperar e em pouco tempo elles utilizarão em proveito da nação,

d'elles e de todos, as terras agricolas, as madeiras, os matos, as minas e todos os productos naturaes que hoje não têem valor ou são desconhecidos, e são perdidos para os homens e para o bem estar da humanidade. Estes colonos que hoje vivem na maior miseria, que padecem fome com suas familias porque não possuem um pedaço de terra, merecem nossa compaixão e nosso interesse porque são homens como nós, e com o fructo de seus trabalhos nos pagarão generosamente os sacrificios que podermos ter feito para os collocar na posição de viverem com commodidades.

Se se estabelecessem sobre a margem do Uruguay tres ou quatro colonias ao Norte de S. Borja, desde a foz do Camacuã até a foz do rio Commandahy, em bem poucos annos numerosos vapores cruzariam o Uruguay, o transporte das hervas se faria todo por agua e seriam principiadas a explorar as immensas matas virgens á Leste d'este rio, que cobrem talvez mais de mil leguas quadradas e que podem encerrar riquezas incalculaveis hoje desconhecidas. A provincia do Rio Grande do Sul e o imperio teriam n'esta fronteira uma povoação compacta, activa e rica que a guarneceria e defenderia contra qualquer tentativa de algum inimigo vizinho. Cresceria extraordinariamente a segurança e a fortuna particular e publica.

NOTAS

(38) Quando o tenente governador do departamento da Conceição Dom Gonçalo de Doblas tomou conta do seu emprego em 1781, seu departamento continha os oitos povos de Candelaria, São Carlos, São José, Apostolos, Conceição, Santos Martyres, Santa Maria Maior, e São Francisco Xavier; porém Candelaria logo se separou para pertencer ao bispado da Assumpção.

(39) Os indios em suas casas se tratam com muita indecencia e sem limpeza. Ordinariamente andam nús os pais e as mãis perante os filhos e filhas mesmo sendo adultos e estes perante seus pais; e não unicamente os de uma mesma familia, seriam tambem os de outras que vivem dentro da mesma habitação, pois que são inclinados á viver muitos juntos por acharem n'isso conveniencia, cozinhando para muitos n'um mesmo fogão, allumiando-se, aquentando se juntos e unindo os seus manjares. E como fazem tudo isso dentro do mesmo aposento, o tem tão immundo que é repugnante entrar n'elle. Seu pouco asseio contribue muito para suas molestias.

(40) Posto que tratem regularmente as suas mulheres, os indios as consideram como muito inferiores a si, e as carregam de todos os trabalhos pesados escusando-se elles em quanto podem; e estas as vezes mesmo maltratadas nunca se queixam apesar de saberem que se lhes faria justiça.

(41) Os commandantes das Missões têem sido o coronel Joaquim Felix da Fonseca; o coronel José de Saldanha então sargento mór de engenheiros; o tenente-general João de Deus Mena Barreto então capitão de dragões: o coronel Thomaz da Costa; segunda vez o coronel Joaquim Felix da Fonseca; o marechal Francisco das Chagas Santos; o barão do Serro-Largo; o coronel Antonio José Paulete; o tenente coronel Joaquim Ferreira Braga, interino; o coronel José Pedro Cesar; o coronel João José Palmeiro; o tenente coronel Claudio José de Abreu; o coronel Olinto; o brigadeiro José Maria da Gama; e o coronel Joaquim Antonio de Alencastro, que era commandante em 1828 na occasião da invasão de Fructuoso Rivera.

(42) Para cuidar melhor das suas ovelhas das missões, S. Ex. Revma. em 15 de Fevereiro de 1811, criou uma vara ecclesiastica no povo de S. Luiz, e no mesmo dia passou provisão de vigario da vara ao reverendo José Paim Coelho de Sousa, a cuja vara eram subordinadas as sete freguezias de Missões. A dita vara foi transferida de S. Luiz para S. Borja por portaria de 3 de Dezembro de 1819.

(43) Vide o mappa n. 1 no fim das notas.

(44) Do Passo de Mariano Pinto, Dom Fructo se dirigiu ao Passo d'Itaqui sobre o Uruguay, onde considerando-se senhor das Missões Orientaes, enviou varios officios aos commandantes dos districtos.

Eis um d'esses officios :

Quartel general em Itaqui, 9 de Setembro de 1828.

Dom José Constantino de Mello passe a ese destino encarregado del general infra escripto de ajustar com el comandante del districto la provision de la carne diaria que se debe subministrar al esquadron de dragones del mando del teniente coronel Dom José Augusto Posolo que debe estacionar-se em S. Francisco, previniendo al Sr. comandante, que se le devolvera de cada vez el cuero y sebo dando-se le papel de la carne sola para ser pagada por el tesoro del exercito, a todo aquel que la haya subministrado. Lo que el general que firma comunica al Sr. comandante a quiem se dirige para su intelligencia y fines conseguintes : saludando-le com su aprecio y distincion particular. Fructuoso Rivera. Sr. comandante de S. Francisco.

(45) Segundo me asseguram, Dom Fructo enviou ao general brasileiro um recibo de trinta mil rezes para que o governo oriental as pagasse.

(46) Vide o mappa n. 2. no fim das notas.

(47) Eis a copia do dito edital. —Manoel Martins da Silveira Lemos, inspector do thesouro publico nacional.

Faço saber que no dia 21 de Março proximo passado desappareceu da igreja matriz d'esta capital uma caixa bastante usada conteudo porção de prata velha, vinda de Missoes e pertencente ao estado, com opeso de 35 e meia libras nas seguintes peças. Uma custodia grande. Uma lança de estandarte. Uma caldeirinha grande. Um perfumador com colhér. Um resplandor do Senhor dos Passos. Um arco. Uma cruz grande. Quatro ditas pequenas. Uma coroa dourada. Uma dita pequena. Uma dita mais pequena. Uma dita de metal. Um sacrario

Uma bacia grande. Uma dita mais pequena. Uma serventia de viatico. Tres vasos de páo com serventia de prata. Tres vasos pequenos de prata. Uma boceta de guardar hostias com caixa de prata. Dois resplandores. Uma palma. Sete canudos. Trinta e oito peças de prata differentes. Tres chaves de sacrario. Uma argola. Um par de brincos de pedras ordinarios. Um adereço de ditas ditas. Um par de coldres com bocaes de prata.

Quem souber onde exista a dita prata e d'ella dér noticia ou entregar n'esta repartição receberá o premio de 100$ em moeda. E para que chegue á noticia de todos se passou o presente e affixou-se nos lugares mais publicos d'esta capital. Secretaria do thesouro em Caçapava. 8 de Abril de 1840. Assignado:—*Manoel Martins da Silveira Lemos.*

(48) Depois da invasão de Rivera foram commandantes da fronteira de Missões o coronel Oliverio José Ortiz, e o tenente-coronel Manoel da Silva Pereira do Lago até a revolução da provincia.

Depois da revolução exerceram successivamente estes empregos os coroneis, Manoel dos Santos Loureiro, Feliciano Antonio Falcão, o mesmo Loureiro, José Corrêa da Silva Guimarães, brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, tenente-coronel Antonio Fernandes Lima, coronel José Luiz Mena Barreto e o coronel Antonio Fernandes Lima commandante actual.

(49) Relação da prata. Onze custodias com o peso de tres arrobas, seis libras e duas onças; sete ambulas com vinte e tres libras e duas onças; quarenta e nove patenas com oito e meia libras; cincoenta e dois calices com uma arroba e trinta e uma e meia libras e quatro onças dos quaes cinco quebrados, indo a prata quebrada; dez cruzes grandes com duas arrobas dezoito libras e dez onças; quinze ditas pequenas com seis e meia libras e trinta oitavas, as quatro corôas com duas libras e sete onças; oito purificadores com tres libras e doze onças; cinco hostiarios com seis libras, trinta e sete sacras com cinco arrobas e cinco libras, dezeseis vasos de santos oleos com seis libras, quatro onças e sete oitavas; cinco palmas todas de prata liquida com treze libras e seis onças; duas placas com cinco libras e seis onças; duas bacias uma grande e outra pequena com quatro libras, e seis onças; doze estantes com duas arrobas vinte e nove libras e duas onças; vinte e oito pares de galhetas, sendo oito pares sem tampas com vinte e nove libras; um par de ditas com prato e campainha tudo dourado com tres libras e quatro onças; quatorze thuribulos com uma arroba e meia libra; doze navetas com quinze libras e dez onças; dois sal-

eiros com salvas com tres libras e quatro onças; seis vasos para flôres com treze libras; tres ditos para agua com quatro libras e sete onças; dois jarros com bico com cinco libras e seis onças; uma serpentina para sete luzes com quatro libras e seis onças; um bordão de São José com dez onças; dezenove campainhas com sete e meia libras e duas onças; duas salvas de galheteiros sobredourados com cinco libras e duas onças; oitenta e dois castiçaes com treze arrobas cinco libras e dez oitavas; dois christos de prata com seis oitavas; dois barrilinhos de prata com quatro e meia libras; um braseiro com uma libra e onze onças; dois incensadores com quatro libras; duas chaves de sacrario com duas onças; vinte sete pratos de galhetas com vinte nove libras e dez onças; nove ditos grandes com dezenove libras e doze onças; tres caldeirinhas com hysope com treze libras e duas onças; sete varas de ciriaes com trinta e nove canudos com uma arroba, oito libras e doze oitavas; quarenta e quatro canudos vasios com vinte tres libras; quatro ciriaes com dezeseis libras e dez oitavas; uma concha de baptismo com sete onças; uma espadinha e coração com cinco onças; seis copões com duas libras quatro onças e quatro oitavas; trinta e cinco colheres de calices com cinco onças e quatro oitavas; sete relicarios de prata com uma libra, nove onças e quatro oitavas; duas laminas de dar a paz com doze onças; prata quebrada e em pedaços liquida de dezeseis arrobas e trinta e uma libras; um rosario de ouro com topazio com o peso de dezeseis oitavas; um relicario de dito com o peso de quatro onças e cinco oitavas; uma bengala com um pequeno castão de ouro; uma imagem do Santo Christo de prata com cruz e peanha de jacarandá e guarnições de prata; uma dita de marfim com guarnições de prata; treze moedas de dois reales cada uma; um par de coldres de solla com ponteiras de prata; dois pares de capelladas de velludo bordadas; uma sella de velludo com galões; dois chairéis de velludo bordado; um dito de velludo liso; uma imagem do menino Jesus com sua corôa de prata; uma dita da Senhora das Dôres com uma corôa e espada com pedras; uma dita do Senhor dos Passos; uma dita da Senhora do Rosario; quatro chaves de sacrario de ferro e de latão; quatro ferros de fazer hostias; uma cruz de páo; tres fabricas de relogios de parede inuteis; cinco vasos de páo dourados; nove campainhas de bronze; um cordão de barretina tecido com fio de ouro; um enfeite de pedras falsas; cinco rosarios de missangas; um laço e brincos de pedras amarellas; tres saias de seda para santas; tres roupinhas de seda

para Nossa Senhora; um vestido de velludo preto; uma saia de lilla preta com renda de prata; tres vestidos roxos do Senhor dos Passos; uma sanefa do andor do dito Senhor de seda roxa; uma toalha de altar, de algodão com franja azul; uma caixa de páo de ter frasquinhos de santos oleos; um cofrezinho de filagrana tecido de prata e ouro.

Accrescentarei aqui que a prata pertencente ao povo de São Borja, fôra saqueada pelos hespanhóes no anno da conquista das Missões Orientaes do Uruguay, e em 16 de Fevereiro de 1817 foi retomada á gente d'Artigas. A dita prata tinha sido occulta na capella de Tarahiri inventariada pelo capitão Alexandre José de Campos em presença do coronel Pedro da Silva Gomes, e enviada a Porto-Alegre juntamente com a prata dos povos do outro lado do Uruguay. A prata do povo de São Borja, constava da relação seguinte:

Uma cruz parochial, dois tocheiros grandes, um terno de sacras, duas estantes, um Santo Christo, dois thuribulos, uma naveta, tres calices com patenas, uma caldeirinha com hysope, um jarro, um vaso, um purificador com tampa e prato, uma custodia dourada, uma alampada pequena, uma serpentina de sete luzes, uma caixa para hostias, doze campainhas, quatro castiçaes grandes de banqueta, um relicario de prata, um bordão de São José, duas arandelas de castiçaes, duas corôas de Nossa Senhora, sendo uma dourada; um par de galhetas com salva dourada, uma campainha dourada, um rosario de Nossa Senhora de ouro com topazios; o que tudo pesava quatro arrobas e tres e meia libras. Esta relação foi feita em São Borja a 22 de Março de 1817 por Alexandre José de Campos, e assignada por Manoel da Silva Freire.

Devo a cópia d'estas duas relações a meu finado amigo Antonio Pedro Frazão de Lima, que exercia o emprego de almoxarife quando as ditas pratas chegaram a Porto-Alegre.

(50) N'elle existia um relogio singular que além de muitas designações, marcava tambem os dias da lua: foi levado para a capital do Paraguay.

(51) Aproveitou-se a frente da igreja para construir ahi um edificio que serve para repartições publicas. As paredes de pedra estão ainda quasi inteiramente em pé: quinhentos indios trabalharam de balde durante um mez para desmoronar o zimborio que até agora subsiste.

(52) Nas vizinhanças d'Itapúa em um rochedo á beira do rio Paraná ha uma gruta grande formada pela natureza, e que se parece a um

quarto, no fundo do qual existe uma janella natural que deixa ver uma outra profundidade, aonde todos têem receio de entrar. No mesmo rochedo se distingue na superficie uma imagem natural de Nossa Senhora, a qual naturalmente está embutida na pedra.

(53) Os jesuitas tiveram uma typographia no povo de Corpus; vi um ritual ahi impresso, o qual se acha em poder dos reverendos padres jesuitas actualmente residentes em Porto-Alegre.

(54) No mesmo anno de 1627 o padre Roque Gonçalves da Cruz, tendo subido as cabeceiras do Ubicuy-guassú, como a umas quarenta leguas da sua fóz, principiou um estabelecimento com o nome de Candelaria, o qual foi immediatamente destruido pelos selvagens.

Nomesmo anno formou com o mesmo nome outro povo sobre o rio Piratini, que parece ser o mesmo á que o Doutor Xarque deu por fundador o padre Francisco Dias Taño.

Vide capitulo 22 art. 1.º Chamavam-se Caçaapa-minas os indios que entraram na fundação d'esse povo pelo padre Roque.

(55) No povo de São Francisco Xavier os jesuitas tiveram uma typographia. Tenho em meu poder uma obra intitulada *Sermões y exemplos em la lingua guarani* por Nicolas Yapuguai impressa no povo de São Xavier no anno de 1727. Pelo exame dos typos, differentes um tanto dos que se usavam n'aquelle tempo na Europa, tenho encontrado outras obras ás quaes faltam varias paginas do principio, que julgo foram tambem impressas em o povo de São Francisco Xavier.

(56) Parece certo que o padre Roque deu principio a este mesmo povo a 8 de Dezembro de 1620. O sitio se chamava Ibitaraguá; perto d'elle corria o arroio Aracana.

(57) Já temos visto que o padre Roque Gonçalves da Cruz foi o seu fundador.

(58) Temos visto que o padre Roque Gonçalves da Cruz com alguns jesuitas andáram pelo Juhy em 1627, onde colheram a palma do martyrio.

(59) *Pirapó*, do guarani pira *peixe* e pó *saltar* que quer dizer: *peixe que salta*; é um salto que se acha no rio Juhy, umas dez leguas antes da sua embocadura no rio Uruguay. No mez de Setembro uma immensidade de peixe, subindo pelas aguas do rio, acha-se repentinamente detido pelo salto e principia á saltar e pular para vencer o obstaculo; d'ahi veio o nome de Pira-pó dado ao salto. Sahindo de São Nicoláo para ir visitar o salto de Pira-pó toma-se a direcção de

NE. e a distancia de uma legua deixa-se meio retirada para a esquerda uma linda collina, onde os jesuitas faziam extensissimas plantações de algodão, e até a distancia de pouco mais de uma legua do rio Juhy, atravessa-se por collinas de terra vermelha, ora mais altas, ora mais baixas, cobertas de gramineas, deixando á direita a extremidade de uma pequena montanha, cuja elevação vai crescendo ao longe, atravessando dois pequenos arroios e varios riachinhos. Então por uma picada se entra em um mato que cobre a extremidade e aparte mais baixa de uma montanha, que se estende de Este para Oeste. E emfim, depois de muitas voltas se chega a barranca do Juhy em cima do salto, onde existe um campo bastante extenso de terra preta, que parece que a natureza de proposito ahi formou para offerecer aos viajantes um lugar seguro e commodo para esperar as enchentes ou as baixas do rio. Das elevações, antes de chegar ao Juhy divisa-se do outro lado planicies extensissimas cobertas de uma vegetação esplendida, e o engenho de serrar estabelecido na margem direita do rio junto ao salto. Ahi o Juhy tem perto de dois mil palmos de largura. Em cima do salto divisa-se uma linda ilha, e atraz d'ella o curso magestoso das aguas que correm de Este para Oeste. De repente antes de se precipitarem no salto, as aguas fazem frente ao Norte, e depois placidamente tornam a se dirigir para Oeste, encaixadas em montanhas altas das quaes seguem o rumo. O salto fórma um angulo aberto do lado da fóz do rio, e é unicamente no meio do rio e do lado direito que as aguas saltam de mais alto. Na occasião em que visitei Pira-pó, o Juhy estava tão baixo que se passava a pé pelo leito de pedras e de lages sobre o qual corre antes do salto; e este poderia ter a altura de vinte palmos nos lugares onde o salto era maior, e seis nas extremidades da direita e da esquerda. Por onde é de presumir que nas crescentes e sobretudo nas grandes que frequentemente têem lugar, todo o salto fique coberto. Ao centro do angulo que fórma o salto encontra-se um bosquezinho de Sarandis que pelo continuo movimento dos seus galhos, torna mais saliente o pitoresco do lugar. Ao lado e ao meio das aguas acha-se em pé uma linda palmeira. A rocha que fórma o leito do rio, cortada por massas quartzosas é mui pesada e parece conter muito ferro.

Bem que pouco consideravel, o salto de Pirapó é imponente pela sua extensão, enorme quantidade d'aguas, e ruido que faz. Pousei a meia legua do salto, e a julgar pela maneira com que d'ahi ouvia o seu ruido, não duvido que elle se perceba a uma legua de distancia.

(60) Em Novembro de 1824 foi approvada e benzida a nova capella da Cruz Alta, e tomou conta o primeiro capellão cura o reverendo Antonio Pompeu Paes de Campos.

(61) O padre Lourenço Balda cura de São Miguel avisado pelo padre Thadeo Henis, empregado como em atalaia no curato de São Antonio o Novo, mandou Sepé a esta expedição: emquanto por outro lado afugentava para Buenos-Ayres o padre jesuita Altamirano, commissario geral dos jesuitas enviado de Roma para exhortar os indios a transmigrarem, e que se achava em São Thomé, fazendo-lhe entender que os indios irritados marchavam tumultuariamente sobre sua residencia.

(62) Um historiador do Brazil, Mr. Southey, assevera que os canhões que empregavam os indios eram *grossas cannas*, vulgarmente *taquaras*, cobertas de couro crú e atarracadas com arcos de ferro: porém o Sr. visconde de São Leopoldo á vista de documentos authenticos e ouvindo testemunhas oculares fidedignas, assegura que algumas d'essas peças eram de ferro e que consta que por esses tempos passaram pelo Rio de Janeiro para Buenos-Ayres fundidores e engenheiros estrangeiros vestidos de roupeta. No Diario do capitão Jacintho Rodrigues da Cunha, que se lê na *Revista do Instituto Historico* de 1853, em mais de um lugar, e especialmente a pag. 253, falla em *peças de couro crú*.

(63) No povo de São Miguel os jesuitas tiveram tambem uma typographia. Acham-se ainda livros n'elle impressos.

(64) A igreja de São Luiz principiou a cahir em Novembro de 1851. No dia 7 do dito mez cahiu o telhado desde as portas da frente até o meio da igreja. Depois pouco a pouco foram cahindo outros pedaços do telhado e successivamente foram-se desmoronando pedaços das paredes.

(65) Depois que desappareceu o altar mór em uma columna de madeira embutida ao meio da parede, se encontrou a inscripção: *S. Aloysio P. N. 1728, 15 de Mayo.*

(66) Por provisão de 16 de Março de 1824, a capella de São Vicente na comarca de Missões foi annexa á capella curada de São Francisco de Assis, e nomeado para seu cura frei Martinho Mariano Teixeira pelo tempo de tres annos.

(67) Já tenho dito que o padre Roque Gonçalves da Cruz foi o fundador de São Nicoláo. Nos seus arrebaldes o mesmo padre Roque e seu companheiro João de Castilho fundáram a capella d'Assumpção

em 15 de Agosto de 1628, e o cacique Nieçú os ajudou edificando para isso uma casa. Quando foram martyrisados os tres sacerdotes jesuitas em Novembro do mesmo anno de 1628; os padres Miguel Ampuero e Mastrelli se achavam em São Nicoláo.

(68) Um anno depois foi retomada aos indios a familia do heróe Athanazio. Entre ós seus filhos existiam o major Athanazio e o capitão José que morreram gloriosamente pela legalidade na acção do Funchal, e Dona Antonia Lopes Loureiro, a unica que ainda vive, viuva do sempre lembrado coronel Manoel dos Santos Loureiro, a qual era muito menina e estava abraçada com seu pai, quando a gente de Andrezito o mataram. Ella mesma foi ferida em um braço.

(69) O aviso de Chagas a Abreu foi conduzido pelo paulista miliciano Antonio de Moura, que em uma noite muito escura, póde romper a linha e sentinella inimigas: Abreu, achava-se na fronteira de Alegrete, á cincoenta ou mais leguas de São Borja, quando recebeu o aviso.

(70) Alguns viajantes que tenham conhecimento das pomposas descripções feitas dos tão celebrados povos jesuiticos pelos chronistas hespanhóes, por Charlevoix, Funes e outros, experimentárão desagradaveis decepções ao visitar os povos dos jesuitas, e em particular isto aconteceu ao Sr. Arsène Isabelle que visitou São Borja em Novembro de 1834. Vide « Voyage à Buenos-Ayres et Porto Alegre, cap. XVI, pag. 391. N'aquelle tempo ainda existia, se bem que em ruinas, a antiga igreja de São Borja, que eu não cheguei a ver. Ella tinha como quinhentos pés francezes de comprimento e quatrocentos de largura, e era ao dizer de Mr. Isabelle um verdadeiro *Theatro* quanto ao luxo de ornamentos e de detalhes internos. No exterior nada tinha de notavel... só a porta principal se distinguia por ter sido esculpida mui artisticamente pelos *indios*, sob a direcção dos jesuitas, e por não ter entrado ferro nenhum na sua construcção, assim como na dos outrôs edificios. » Os ornamentos do côro se achavam encerrados em duas sacristias lateraes. Os dourados eram ainda mui frescos, e não tinham sido poupados pelos jesuitas, assim como as pinturas e as imagens de todos os tamanhos, diz o mesmo auctor a que não se mostra muito amigo do governo theocratico dos jesuitas. Em minha humilde opinião, os povos jesuiticos eram estabelecimentos notaveis relativamente ao tempo em que foram fundados, e aos meios de que os jesuitas dispunham n'aquellas solidões. Mas sob o respeito da arte, do gosto, e da solidez, etc., elles eram infe-

riores ás construcções que nos mesmos tempos se faziam na Europa, e que actualmente se fazem em todas as cidades e villas da America, sobre os quaes sem embargo os edificios religiosos dos jesuitas se avantajavam pela profusão e deslumbrante explendor dos dourados, pinturas e esculturas.

Pela inspecção da planta que demos do povo da Candelaria, que era uma das principaes cidades da republica jesuitica, se percebe que estes afamados povos não eram superiores ás villas agora existentes nas provincias do Brasil, se se exceptuar todavia a magnificencia dos templos jesuiticos que excediam as nossas modestas matrizes.

(71) Não quero citar seu nome.

(72) Não nomeio tambem nem o official superior, nem o coronel.

(73) Sobre um terreno argilloso (ferruginoso) onde as aguas dos póços são em geral salobras, e que os habitantes não costumam beber.

(74) A areia custa 16$000 a carrada, a cal 5$000 o alqueire, o tijollo 32$000 o milheiro e a telha 120$000 tambem o milheiro.

(75) Mr. Arsene Isabelle em sua *Viagem a Buenos-Ayres e Porto-Alegre* diz que a palavra *Uruguay* quer dizer *rio de Caramujos, rivière de limaçons d'eau* ou por outra rivière des ampullaires (moluscos), nome que lhe vem das numerosas conchinhas que n'elle se acham: porém a maior parte das pessoas que conhecem bem o guarani dão a explicação que eu dou no texto: rio *colla de gallinha*, por haver muitas gallinhas nas aguas e margens do mesmo rio, que disparando a approximação dos homens faziam reflectir suas azas e colla nas aguas do rio. Temos uma prova do grande numero d'estas aves pelo mesmo rio, pois existem rincoes na margem d'elle como no Estado-Oriental que até hoje por este motivo são chamados: *rincão das gallinhas*.

As beiras do Uruguay assim como seu leito abundam em pedrinhas *galets*, de quartzo e de suas variedades, de agatha, cornalina, calcedonia sardoaix etc. Ossos de ichthyosauro se acharam nas margens do Arapey um dos affluentes do Uruguay na Republica Oriental.

(76) 1° *Chapecó*, rio maior que o Juhy-Grande que vem dos campos da Palma, 2° *Rio dos Tres Serros*; 3° *Rio Manso*; 4° *Rio das*

Arreranhas; 5º *Rio da Lontra*; 6º *Rio Verde*; 7º *Rio Suruby*, pouco acima do salto, 8º *Rio dos Patos*, grande pouco abaixo do salto, 9º *Rio Preto*; 10º rio de *S. Lourenço*; 11º rio *Bonito*; 12º rio *Lavanceiro* e 13º rio da *Cruz*.

(77) Ypané o mais consideravel d'estes rios, parece-me ser o rio denominado actualmente *Tajo* que offerece navegação. A' legua e meia da sua fóz se encontra o *Nhuguaçú*, ou Engenho dos Jesuitas para fabricar herva-mate.

(78) 1º Passo Fundo; 2º Rio Negro; 3º Rio da Vargem; 4º Rio da Garça; 5º Rio Pardo; 6º Rio dos Macacos; 7º Rio Claro; 8º Rio de S. José; 9º Rio Negro; 10º Rio do Cachorro; 11º Rio de S. Christo; 12º Rio Commandahy; 13º Rio Juhy Grande, 14º Rio Piratinim, e 15º Rio Camacuan.

(79) Desde S. Rosa ou Bella União ao Sul da barra de Quarahim, nas margens do Uruguay, se perde a magnifica vegetação que n'ellas se admira nas Missões e no Alto Uruguay.

(80) Antigamente o Paraná offerecia outro prodigio. No meio do rio antes de chegar aos rodomoinhos havia um grande pico da cordilheira que dominava o rio, e se devisava de muito longe. Emquanto os hespanhóes estiveram em guerra com os indios do Paraná e não poderam examinar de perto este rochedo, que banhado pelas crescentes e polido pelo roçar das areias reflectia os raios solares, formando visão prateada, o tomáram por rochedo de prata. Os indios diziam que o tal pico que elles viam ás vezes desapparecer com as crescentes e reapparecer nas seccas, era um gigante, o espanto e assombro do paiz, que subia sobre o cume da pedra para divertir se a pescar.

Quem sabe se os annos que tudo mudam não terão occasionado mudanças no prodigio do pico e da cataracta da antiga provincia de Guayrá?

(81) O Grande salto se acha tres leguas ao Sul do Pequiry. Pelo lado esquerdo pouco abaixo do salto desagua o rio *Itaté* (pedregal) que corre na fa da Norte da serra de Maracayá, que passando o Paraná do lado occidental se prolonga varias leguas no lado oriental d'este rio. Mais abaixo, pela mesma margem esquerda, o Paraná recebe os pequenos rios Taquary ou Jaguary, Arahi (dia chuvoso), Rutai (filho de gallinha) que desagua perto de um recife do mesmo nome, *Yoyapaba* que quer dizer *rio igual*. *Ytucuaba* que quer dizer *buraco de seu pai*. Depois vem o Iguaçú ou grande rio de

Curitiba de que já fallei. A significação de Curitiba é: *Curi, algum dia*, e *tuba pai* ou *padre*. Existem grandes pinheiraes por onde corre este grande rio.

(82) N'aquelle tempo davam o Cabo Branco como bocca meridional do Rio da Prata, emquanto agora se dá o Cabo de S. Antonio que resume muito a largura da fóz do rio.

(83) Em aquelle tempo que as provincias de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul eram desertas ou só habitadas por selvagens os governadores do Paraguay as incluiam na sua jurisdição.

(84) Deve se reparar pelo tempo em que esta descripção foi feita, 1612. Julgo que o porto de D. Rodrigo de que aqui falla é o porto de *Embituba* na freguezia de Sant'Anna de Villa-Nova hoje quasi inteiramente abandonada.

(85) Se sabe agora que não é de Cabo Frio que nasce o Tiété.

(86) O que se diz aqui do Rio Grande do Sul com relação ao Brasil, póde-se dizer da provincia jesuitica do Paraguay em relação a toda a America do Sul.

(87) Ultimamente passando pelo povo de Itapúa, hoje villa de la Encarnacion na margem direita do Paraná, uma senhora regalou ao Sr. Eduardo Opkins com uma pedrinha, para ella insignificante, do Serro de Itacanguaçú das vizinhanças d'este povo, e de regresso de uma viagem aos Estados-Unidos o mesmo Opkins mostrou a dita senhora a mesma pedra soberba cornalina encaixada em um anel.

(88) O clima é salubre e temperado. Poucas regiões no mundo são regadas com mais profusão que as Missões. Nenhum paiz é mais proprio e mais favoravel á colonização Européa. As fructas das regiões equinoxiaes abi crescem ao lado dos da zona temperada. Em nenhuma parte da America do Sul, que é o paraizo terrestre do universo, se acham productos mais variados do que em Missões, e em nenhuma parte se encontram tantas industrias a criar, e que offerecem tantas perspectivas de riquezas e de bem estar aos colonos laboriosos e intelligentes. Ninguem ha que ignore os lucros que os emigrantes europeus têem achado em Montevidéo e Buenos-Ayres, apesar das guerras quasi continuas que têem desolado aquelles bellos paizes. Pois bem os productos de grande exportação são quasi os mesmos, diz Mr. Arsene Isabelle, na provincia do Rio Grande do Sul do que em Montevidéo e em Buenos-Ayres. Demais de mais no Rio Grande do Sul o recurso do *ouro em pó, da farinha de mandioca, de castaça, de feijões, de couros curtidos, de madeiras de marcenaria, de tintura, de carpinteria, de construcção de navios, de construcção de navios*, etc. Estes artigos só pedem braços e capitaes para serem explorados com utilidade. Ora, as vantagens que sobre Montevidéo e Buenos-Ayres n'este assumpto têm a provincia do Rio Grande do Sul, lhe são communs com as Missões jesuiticas, tendo ainda estas sobre o Rio Grande a vantagem dos seus immensos herbaes, e da profusão de suas ricas madeiras e da extraordinaria fertilidade do seu territorio. Os obreiros laboriosos devem ter a certeza de serem bem acolhidos tanto em Missões como no resto da provincia do Rio Grande do Sul.

e que por modicos que sejam seus recursos, com alguma intelligencia podem esperar um prospero porvir. Mas infelizmente os emigrantes que chegam nas capitaes ou principaes cidades da bacia do Rio da Prata, n'ellas ficam desanimando-se de passarem além pela escassez de seus recursos, pelas difficuldades resultantes do idioma, dos usos, das prevenções nacionaes, da ignorancia do valor dos objectos, e do ridiculo de serem *estrangeiros recem-chegados*, tratados por appellidos *carcamãos, gringos, etc.*, e emfim da legislação, etc. Se animosos elles vencessem estes obstaculos, que são verdadeiros, mas que logo desapparecem com uma residencia de um, dois ou tres annos; ou melhor se fossem dois ou tres associados, mesmo que os socios fossem membros da mesma familia, emprender uma industria qualquer nas Missões, aonde todas as *industrias estão para se criar*, logo elles seriam premiados de seus primeiros sacrificios, e chegariam á possuir uma regular fortuna. Durante a minha residencia em Missões, sempre tenho visto os estrangeiros industriosos e laboriosos adiantar a sua fortuna em bem poucos annos. Muitos exemplos poderia eu citar em abono da minha asserção.

A provincia do Rio Grande do Sul assim como as Missões Jesuiticas são dignas de fixar a attenção dos capitalistas e dos emigrados que tem fundos para empregar, com as vantagens que promettem a uberdade do territorio, com a grande protecção do governo brasileiro para as associações, elles podem se futurar um porvir certo e brilhante.

(89) Algarrobo; Alfarroba, Anguai, arvore de balsamo; Ayui negro, louro negro; Ayui, louro; Ayui guassú, louro grande; Amarello; Arazaee, goiabeiro; Anhangaperú, pitangueira; Caaberai; Cabera; Curupay, angico; Cedro; Chambae; Guabiju; Guabiray, guabimba; Guabijay; Guaycay; Guayaiby; Iberapêtá, páu vermelho; Icanguy; Iuquipitanguy; Yba aroy, Ibararo; Yaquyrepey; Ybaporoitû; ibera acay; Ibambopee; Ibera poro, pau ralado; Ybera pêpê, pau chato; Yba hay; Yatii; Nogal do pays; Larangeira; Pereira; Quirandy; Urundey, pau ferro; Tayibo, timbaúva; Tarumay; Timboy; Tembetary guassú; Tembetary; Zuynandy guassú.

(90) Existe uma especie de pinheiro cujos fructos se chamam *Curibay*, que quer fizer pinhões de purga, que comidos causam violentos vomitos e copiosas evacuações. Dizem ser especifico contra a gotta.

(91) As aguas d'estes dois rios e de varios de seus affluentes, têem a propriedade de petrificar. Não é averiguado se esta propriedade transmutativa sem distincção de especies se estende universalmente a todas as madeiras, mas a experiencia mostra que a sua actividade é interna nas arvores mais solidas. No arroyo Santa Barbara que divide o municipio de S. Borja do da Cruz Alta se encontram frequentemente, assim como em alguns affluentes do rio Piratinim troços semi-petrificados, convertida em pedra a parte que a agua banha emquanto a superior que não a toca, conserva a mesma substancia lenhosa; e assim com mais ou menos abundancia tem-se encontrado

petrificações nas margens do Uruguay e do Paraná. Acham-se tambem ossos petrificados.

Mr. Isabelle diz em sua *Viagem* que os troncos de *arvores* e os ossos que assim se acham estão no estado fossil, e não são petrificações, pg. 299.

(92) Para mostrar a variedade de opiniões que houve sobre a herva em nossos dias tão apreciada, citarei o que d'ella diz o Dr. Charque no cap. XIII da vida do V. P. Francisco Dias Taño em 1689.

« Nos arrabaldes do povo de Maracayù: se beneficia a herva commummente chamada do Paraguay, tão usual viciosamente em todas aquellas provincias do Perú, que não ha casas de hespanhóes nem rancho de indios, em que ella não seja pão quotidiano e bebida. E se tem espalhado tanto este asqueroso sumo que tem chegado á côrte, a muitas cidades da America e da Europa seu conhecimento, uso e consumo. Em meu parecer o demonio por meio de algum feiticeiro a inventou. Sendo eu cura da imperial cidade de Potosi e não sendo medico, escrevi um memorial em que provava com razões poderosas que o uso d'esta herva occasionava febres vermelhas e outras febres. »

(93) Em matos mui distantes dos povos jesuiticos da provincia do Paraguay existem hervaes immensos. Assim declara o padre jesuita Peramas em sua obra em que compara a republica jesuitica do Paraguay com a republica do Platão, e disse que a arvore da herva do Paraguay n'ella é commum, nasce e cresce espontaneamente nos matos desertos de *Maracayù*, *Monday Yeyù*, *Aracay Mbaye-rà* e outros, que muito distam das cidades edificadas dos jesuitas para os guaranis, e onde d'esses povos nunca se mandou beneficiar a herva. (Josephi Emmanuelis Peramas de Vita et moribus tredecim virorum Paraguayorum, pag. 84, in annotationibus).

(94) As batatas inglezas que são o sustento de varias regiões da Europa, e que produzem com muita abundancia na provincia do Rio Grande do Sul, e onde já são cultivadas com cuidado em varios pontos, até hoje estão absolutamente descuidadas em Missoes, cujo territorio as produziria tão bellas e com tanta abundancia. Póde-se dizer que a summa abundancia e a facilidade de viver no doce *far niente* mata todas as industrias e a agricultura.

(95) Bichos de seda de verniz de Japão, que offerecem maiores resultados e lucros.

Em França em 1859 se tratava com ardor da acclimatação dos bichos de seda principalmente dos de verniz do Japão. Segundo o que tenho lido Mr. Aiguillon, proprietario em Foulon e Mr. Lamde Baracé tem conseguido excellentes resultados fazendo suas experiencias dentro de casa, dentro de estufas e no ar livre, e julga que se com os elementos de que dispunham se fizesse experiencias nesta parte de America, havia de conseguir mais felizes resultados. Veja pois cada um o que póde recolher, segundo as forças de que dispoe. Existe na provincia jesuitica do Paraguay, um arbusto chamado verniz que desconfio ser o verniz do Japão.

(96) Em prova da minha asserção citarei uma nota que li em uma viagem de Mr. Bompland, de São Nicoláo á São Borja em 1831

« *Serraja*, 1831. Sonchus à feuilles radicales lanceolées et comme épi-
« neuses. Le suc qu'on obtient en pilant cette plante mêlé avec une
« égale quantité d'eau et un peu d'eau de vie est un excellent remède
« contre la piqûre des serpents. On m'assure avoir donné ce remède
« avec succès à trois personnes qui avaient été piquées et qui ren-
« daient du sang par l'urètre, l'anus, les yeux et tout le corps. La
« même personne affirme que l'excrément delayée dans l'eau et bue
« par un individu piqué, arrête les effets et guérit. Elle m'a cité
« plusieurs exemples ».

Mr. Bompland descobriu em Missões a *Salsa branca* cujo uso elle ensinou, e que tomada em infusão como a Salsaparrilha das boticas produz o mesmo effeito. Encontra-se na arêa á beira e debaixo das aguas do Uruguay. Esta raiz tem ás vezes o comprimento de trinta e quarenta pés francezes, e pertence a um arbusto espinhoso.

Se encontra tambem nas Missões *ruibarbo*, *alcaçús* e *quina*; e varias cascas como as da *Caroba* que se empregam com vantagem.

(97) Não posso resistir a tentação de citar textualmente a descripção, que este antigo e estimavel auctor faz d'estas regiões, que em meu entender são precisamente a actual provincia do Rio-Grande do Sul: a terra é fria, mui destemperada por causa dos ventos tempestuosos que durante a mór parte do anno reinam, com grandes aguaceiros, tempestades de raios, trovões e pedras. Em geral o terreno é chão e sem arvores como os paizes frios. N'elle ha muitos rios, lagôas e sangas que servem para aguadeiros de muitas vaccas e cavallos que se hão criado e multiplicado em campos tão extensos por centenares de leguas, e sempre cobertos de crescido pasto para toda a sorte de animaes. Ahi todo o anno os pagãos têem á mão a caça, as raizes, fructas silvestres e em tanta abundancia que sem cultivar a terra, e mudando de sitio de tres em tres mezes encontram com que sustentar suas familias. O frio os obriga a não andar nús. Cobrem-se com as pelles dos animaes que caçam e curtem mal com cinza e graixa até que sejam flexiveis para se adaptar ao corpo. Não lhes tiram o pello para serem mais abrigados no inverno applicando a lã ou pellos ao corpo, que no tempo de calor viram para fóra, tendo n'ella vestido para mudar segundo a estação, o qual tambem lhes serve de cobertor durante a noite. Suas casas são feitas de junco ou capins grossos que crescem nos banhados. Fixam uns esteios no chão e a elles atam as esteiras de capim que formam as paredes, telhado e até de colchões, segundo as necessidades de cada familia. São mui guerreiros e têem sempre as armas na mão, e se bem que morem distantes uns de outros, se convocam de longe com fogueiras que cada um accende em seu territorio para avisar que ha inimigos, e que é preciso reunirem-se para defesa.

Algumas tribus d'estes pagãos costumam uma barbaridade singular, como já referi. Morrendo um parente seu, elles se cortam uma articulação dos dedos e assim á proporção que fallecem outros, de fórma que os velhos em geral não têem dedos na mão, e tambem costumam carregar com os ossos de seus defuntos em qualquer parte que vão. Quando a crescente dos rios não impede as viagens d'estes barbaros, elles procuram os povos de Iapejú, Cruz e S. Thomé

para comprar alguns generos. (Note-se que isto foi escripto antes da fundação do povo de S. Borja.) Outros roubam gados, mesmo que estejam bem guardados, por isso os padres solicitam sua conversão.

Abundam aquellas paragens de féras, e em particular de tigres que alli se multiplicam mais pela abundancia de terneiros e de outros animaes de que se cevam. Por isso são tantos que cada dia se deixam vêr dos caminhantes. Têem seus caminhos trilhados para as aguadas assim como os gados. São tão crescidos que parecem terneiros de anno com o corpo mais grosso, cabeça grande e redonda como a dos leões d'Africa. Dizem que as canellas dos pés e mãos são massiços, o que lhes dá grande fortaleza. Apesar de ser formidavel esta féra, é delicada, porque descarregando-lhe um pequeno golpe nos lombos, cahe e póde com facilidade ser morta, e não come se a caça não é do seu gosto, por isso agarrando um terneiro, o degolla e bebe-lhe o sangue, e aberto o ventre come-lhe os intestinos e vai enterrar o resto. Estando já meio corrupto desenterra e vai comel-o. Por esta viveza e olfato costuma desenterrar os cadaveres dos que morrem por estes desertos, e é preciso enterral-os debaixo de pedras ou pesos que o tigre não possa mover.

(98) Houve homens mui intelligentes como o Sr. general Andréa assim como Mr. Bompland, que tivessem idéa de fazer prosperar as Missões, restaurando o antigo regimen jesuitico modificado, reunindo outra vez os guaranis dispersos, em reducções ou povos; mas, por minha parte julgo que foi sufficiente a experiencia que com elles fizeram os jesuitas, que d'elles conseguiram fazer meros automatos; julgo que foi sufficiente a experiencia que com os mesmos indios fizeram os hespanhóes, portuguezes e brasileiros, que só conseguiram tornar patentes a natural indolencia e inaptidão dos mesmos, para fundamentar a opinião que adoptei, de que com os indios *puros* nunca ha de se conseguir a prosperidade das Missões, nem de nenhum estabelecimento de alguma importancia.

E' mister, para que o paiz prospere que os indios sejam desseminados, que sua raça se cruze, e no fim de algum tempo seus descendentes misturados com o sangue hespanhól, portuguez, etc., terão perdido seus costumes indolentes e perversos, e se confundirão com os habitantes do paiz, com os quaes trabalharão para a prosperidade geral.

(99) Pelo nome de *estancias* tanto nas republicas do Prata como na provincia do Rio-Grande do Sul, e em Missões, se entende geralmente uma extensão de algumas (ordinariamente tres) leguas de terreno occupado á criação de rebanhos de gado, de animaes cavallares e de ovelhas. Ha estancias de trinta mil cabeças. No centro ha uma casa de material onde reside o proprietario com sua familia. O mordomo ou capataz com os piões e suas mulheres proprias ou alheias habitam uma casa vizinha ou uns ranchos proximos. O serviço da estancia é de marcar, cuidar o gado da estancia e mandar matar as rezes que são precisas para o consumo diario do estabelecimento; o trabalho dos piões é de laçar, derrubar e carnear as rezes, no que têem tanta pratica que em um instante a esquartejam, tiram-lhe o couro, o estaqueam e preparam a carne em tiras para *charque*.

O pião, á que chamam *gaucho* na Confederação Argentina, se levanta antes do sol, dirije-se aos curraes, faz sahir os rebanhos e quando elles se têem espalhado pelos campos, regressa então para casa, toma mate, fuma e ordinariamente não faz mais nada até que de tarde vai recolher os rebanhos quando é uso, porque muitos não os fazem recolher. Seus outros serviços são reunir o gado em certos dias em lugares designados chamados *rodeios*, e ahi se curam as bicheiras, se apartam os touros e potros para capar, faz-se a marcação das crias, etc. Se não tem algum d'esses serviços a fazer, o pião ou gaucho, para empregar seu tempo procura uma venda ou *pulperia* como chamam em castelhano, e ahi busca na cachaça e no jogo uma recreação no meio de seus iguaes.

A venda ou pulperia é em geral um triste rancho situado a duas, a quatro, a seis leguas da estancia, onde se encontra vinho detestavel, canha, queijo, pão, fumo, etc., e é o ponto de reunião ou o *rendez-vous* dos piões de dez leguas de circumferencia. Ahi entre o tinir dos côpos, o estrondo das gargalhadas, o murmurio das violas, o rum-rum das chilenas, (esporas) e ás vezes o estridor das facas e dos punhaes, se formam as reputações collossaes, e os homens de grande prestigio, que mais tarde apparecem á frente dos piões e gauchos para impôr a lei á sociedade culta das cidades.

Artigas, Quiroja, Rosas, etc., etc., todos os caudilhos se têem encostado mais de uma vez sobre o sujo e gordurento mostrador de uma pulperia antes de se sentar na cadeira do poder, e ahi têem merecido os applausos da *pionada* antes de mandar esquadrões e exercitos. Nestas reuniões se falla de carreiras, se atam novas, se falla de marcações, de animaes extraviados, de assassinatos e disputas que têem havido na semana, de eleições, etc., e de tudo o que póde occupar uma vida vagabunda, desoccupada. Sempre ha entre elles um *tocador* ou cantor que em sua linguagem tosca, mas a miudo poetica e vehemente improvisa, acompanhando-se com a guitarra cantos mais ou menos extensos, cujo assumpto é tomado de suas conversações ou dos trabalhos e das desgraças de um caudilho famoso, dos indios ou de suas proprias aventuras.

Assim o *pião*, o *gaucho* é o typo mais proeminente da sociabilidade nos paizes da bacia do Rio da Prata, onde a industria pastoril é a principal, na republica Oriental, na Confederação Argentina, na provincia do Rio Grande do Sul e nas Missões jesuiticas. Desde o berço elle tem o seu cunho particular. Apenas póde suster-se a cavallo isto é, desde a idade de cinco a seis annos; o cavallo é uma parte integrante da sua pessoa; chegado á puberdade elle o encilha ao romper do sol e não o desencilha senão para comer, jogar e dormir, levando o mesmo cavallo, nos arreios, a cama do cavalleiro. Cria-se domando potros, degollando novilhos, correndo carreiras, vagando sósinho na immensidade dos campos sem mais armas que seu *laço*, suas *bolas*, seu *punhal* e raras vezes uma *pistola*, cruzando os rios a nado, preendido com uma mão ás crinas do seu corcel e com a outra nadando e empurrando o cavallo contra a correnteza; lutando com os animaes ferozes como tigres, exposto aos ataques dos malfeitores capazes de o assassinar pelas grandes *esporas* que costuma levar ou pelo *poncho*

unir o de ser amigo de mulheres e do vinho e jogador consumado porque isso está entendido.

Acostumados a ser donos de suas acções, não gostam de obedecer á ordens de outros: o sentimento da sua igualdade e independencia, é n'elles tão natural que nada o póde apagar e dobral-os á obediencia. Nas guerras, nas revoluções, nas eleições mesmo, se lhes falla que estão ameaçados de uma tyrannia que nunca conheceram, se lhes mostram inimigos, antagonistas que os querem reduzir á servidão, á escravidão, á condição de negros, se lhes falla em nome de uma liberdade que não comprehendem, e então instinctiva e involuntariamente se enrolam sob as bandeiras liberaes que têem heroicamente sustentado, derramando o seu sangue na metade do continente americano.

Esses piões, esses gauchos que vivem correndo pela campanha sem paradeiro fixo, quasi sem familia, se tornariam optimos colonos, excellentes pais de familia, laboriosos agricultores se se lhes désse em propriedade um canto d'estas estancias, d'esses campos onde numerosos existem quasi vagabundos. Em uma estancia isolada como são todas ordinariamente, sem visinhos, quasi sem commercio com o resto dos homens, cada familia fórma uma pequena colonia, cujo isolamento detem e impede os progressos da civilazação, que não póde accrescentar-se senão á medida que a sociedade se fizer mais numerosa, e que os laços que a unem se tornarem mais intimos e multiplicados. Este resultado se obterá com a divisão em pequenos lotes das grandes estancias. N'elles mais convenientemente poderão subsistir com mais decencia, mais morigerados e mais instruidos, maior porção de familias laboriosas.

A população mui exigua comparada com o territorio da provincia, e de suas povoações apparece ainda mais insignificante pela maneira por que está disseminada nas vastas solidões. Cada municipio ou parochia, algumas tanto ou mais extensas que varios departamentos de França, apenas conta uma pequena cidade, villa ou freguezia, cuja população ordiriamente não excede mil almas, estando a maior parte dos moradores espalhados pelos campos nas *estancias* destinadas á criação dos gados As villas e parochias n'estas Missões fronteiras da provincia do Rio Grande do Sul, os estabelecimentos e as estancias se acham separadas pela distancia de duas, quatro e ás vezes mais leguas uns dos outros os povoadores das estancias; e a dez, vinte e trinta leguas uma das outras as parochias e villas. A população está sempre derramada sobre uma superficie extensissima, collocadas as habitações vizinhas e mais proximas a leguas umas das outras, possuindo e occupando em geral um proprietario de estancia com seus poucos piões e aggregados um territorio do tamanho de um *cantão* ou municipio em França, sendo aquella superficie apanagio de uma unica familia emquanto na Europa sustentaria milhares de familias. Póde a fortuna levantar um edificio com algumas commodidades n'aquelle deserto os gozos do luxo não são mesmo incompativeis com aquella sol dao; mas falta-lhe o estimulo; a necessidade de manifestar-se com dignidade que se faz sentir nas cidades populosas não se faz sentir alli. As privações indispensaveis, a frugalidade

nos gozos justificam a preguiça natural, e fazem que o proprietario assim isolado descuide toda outra industria, todo outro trabalho que não seja o cuidado de seus rebanhos, que lhe fornecem uma especie de abundancia quasi sem trabalho algum.

A facilidade e costume de empregar os escravos e ás vezes os indios na cultura das terras, e nos officios mechanicos e em todos os misteres do serviço de braços, fazem considerar estas occupações com o maior desprezo pelos brancos. Mui urgente seria que os governos obrigassem ao trabalho como na Europa, diminuiria assim o grande numero de vagabundos e ociosos que enchem estes paizes... Os brancos crêem que não póde sem deshonrar-se executar certa parte de trabalhos que são em geral feitos pelos indios e pelos escravos: os indios mesmos repugnam muito fazer estes serviços, e aproveitando a liberdade que lhes é concedida, vivem mais ociosos e mais vagabundos do que todos, sujeitando-se apenas a servir de piões em alguma estancia, onde em geral param poucos mezes; e se por grande necessidade têem que sujeitar-se á algum trabalho, querem ganhar em um dia o salario de quinze, e em um mez o salario de um anno.

E' impossivel em Missões as mesmas auctoridedes encontrarem um criado ou uma criada branca; e com summa difficuldade se encontra um indio ou uma india para cozinheiros ou para criados internos em uma casa, á menos que sejam de idade mui provecta ou achacados de molestias, e que se sujeitem a esta especie de jugo por grande necessidade, e n'este caso é maior a caridade que se tem para com elles ou a esmola que se lhes faz, do que os serviços que elles prestam.

Os pardos, negros livres ou libertos se entregam a todos os vicios, reunido ás más qualidades caracteristicas dos indios o orgulho, a insolencia e o cynismo.

A situação das ultimas classes sobre tudo de brancos, seria em extremo precaria, não havendo em Missões fabricas de genero algum, nem artes e officios que exercitar, pois estes se reduzem aos mais indispensaveis, se não fosse a hospitalidade que nas estancias ordinariamente se concede a todos os que n'ellas chegam e ás vezes por mezes e annos; se não fosse a fabricação da herramatte, em que varios se empregam, e tambem a facilidade com que se lhes fia alguns generos de pouco valor e que elles vão vender pela campanha.

(100) Em 1837 em Montevidéo a vara quadrada de terreno valia tres reaes. Por causa da emigração europea em 1840 a mesma vara quadrada se vendia de seis a nove patacoes. Em Pelotas quasi aconteceu o mesmo.

(101) Segundo um calculo feito em 1835 existiam em França 236,000 touros, 1.870.000 bois ou novilhos de córte: 4,326,000 vaccas: 900,000 terneiras: 450.000 terneiros de criação: carneiros 33.000 000. porcos 5,500,000; cabras 2,500,000. Total gado vaccum 7.782,000, total carneiros, porcos, cabras, 41,000,000. O consumo da carne em França em 1835 foi de 699,555,000 kilogrammas (60,830,334 arrobas hespanhólas) que ao preço de 80 cent. (155 réis fórtes o kilo), representa o valor de 559,640,000 francos.

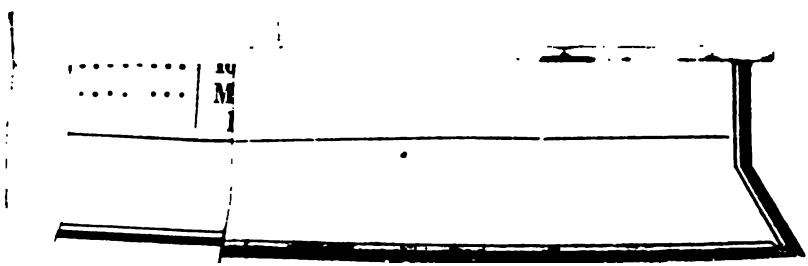
lise teres.

OLHEITA DESTE ANNO.							
vaccas.	Favas, alqueires.	Algodão, arrobas.	Arroz, alqueires.	Cevada, alqueires.	Ervilhas, alqueires.	Lentilhas, alqueires.	Herva-matte, arrobas.	Igrejas.
1	89	254	»	»	»	»	796	1
2	212	85	»	»	»	»	350	»
60	»	»	»	»	»	»	»	1
»	50	100	»	30	»	»	»	1
»	238	»	»	»	10	5	450	1
»	»	»	»	»	»	»	800	»
.0	22	156	»	»	»	»	129	*1
.6	611	595	»	30	10	5	2.525	5

o d
es carne e legumes. Sua bebida ordinaria é a agua, mas elles
re vestir como se deve, porque com elle se compra o gado para
en gativos, sem conhecimento da principal virtude, a caridade.
u Feito pelo administrador geral o tenente-coronel Manoel

STANFORD LIBRARY

Missões Brasileiro de 1834.



rio Arapeh cipiando pelo Sul.

ções.	Observações.
.....	
.....	
.....	
ultura.....	
.....	
.....	
agricultura.	
.....	
cultura....	estas tres ilhas invernam barcos, e n'ellas
.....	desertores e malfeitores
.....	N
.....	*foi impossivel obter a situação das ilhas que*
.....	*ao norte da barra de Juhy-grande; por isso*
	to quasi unicamente seus nomes.
.....	C
.....	C
.....	A
.....	I
.....	T
.....	C
.....	M
.....	C
.....	C
.....	P
.....	C
.....	I
.....	M
.....	C
.....	I
.....	I
.....	U
.....	I
.....	M
	I

ay.

ARROBAS	BANDEIRAS	CAPITÃES
800	Brasileira	Lopes Segundo.
800	»	Antonio Costa.
1,200	»	Hyppolito Mendonça.
600	»	Isidoro Sanches.
1,100	»	Apolinario Mendonça.
1,000	»	Mathias Guilhermovich.
400	»	Aniceto Arieira.
300	»	José Marcenaro.
600	»	Francisco Caneppa.
600	»	Nicoláo Bianqui.
600	»	Pedro Ochedo.
700	»	José Rodrigues.
700	»	Anacleto Noruega.
500	»	José Vieira.
700	»	Gio Batto Veppo.
400	»	Paulo Romão.
600	»	João Gonçalves.
400	»	José Vigna.
1,100	Argentina	Domingos Galhatine.
1,000	Brasileira	Segundo Gallarça.
1,800	»	
1,800	»	João Gonçalves.
800	»	Gil Rodrigues.
600	»	Vicente Bianqui.
300	»	Anacleto Arialta.
800	»	Sebastião Diogo.
1,000	»	Mathias Barcachivich.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

TOMO XXVI. — SUPPLEMENTO. — 1863.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1863.

PRIMEIRA SESSÃO EM 13 DE MARÇO DE 1863

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, Lagos, Carlos Honorio, Filgueiras, Claudio, Vital de Oliveira, Pinheiro de Campos, Dr. Silva, Coruja, Sebastião Soares, e Moreira de Azevedo; sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente declarou aberta a sessão, occupando o Sr. Dr. Carlos Honorio o lugar de 1.º secretario e o Sr. Dr. Filgueiras o de 2.º; por aquelle foi lido o expediente, que constou do seguinte:

Participações, dos Srs. Drs. conego Fernandes Pinheiro e Sousa Fontes, de não poderem comparecer á sessão por incommodados.

Avisos do Sr. ministro do imperio:

1.º Remettendo ao Instituto, nos termos do officio de 17 de Janeiro do anno passado, amostras de barro-salão encontradas nos municipios das villas da Independencia e Cabeceira da provincia da Parahyba, bem como cópia do officio do presidente da mesma provincia que as acompanhou.

2.° Declarando ficar inteirado de haver o Instituto Historico celebrado a sua sessão anniversaria no dia 15 de Dezembro do anno proximo passado.

3.° Accusando o officio que lhe dirigiu este Instituto, dando conta do resultado das eleições a que procedeu para membros da mesa e commissões que têem de funccionar no corrente anno.

Officio do Sr. presidente da provincia do Espirito Santo Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior, remettendo dois exemplares do relatorio que apresentou a assembléa legislativa da mesma provincia no acto de sua installação em 1862.

Dito do Sr. Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça, presidente da provincia de Sergipe, offerecendo um exemplar do Relatorio com que no dia 4 de Março do anno passado abriu a assembléa legislativa d'aquella provincia o ex-presidente Dr. Thomaz Alves Junior.

Dito do Sr. conselheiro Antonio Coelho de Sá Albuquerque, presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do Relatorio com que o Sr. conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão lhe passára a administração da mesma provincia; e outro exemplar da Falla com que abriu extraordinariamente a assembléa legislativa provincial em 15 de Novembro de 1862.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello, remettendo um exemplar do Relatorio que apresentou á assembléa geral legislativa d'aquella provincia no anno passado, e oito exemplares da obra Noções Práticas para o cultivo e preparação do tabaco em folhas, que seu auctor o Sr. Sergio Antonio Vieira offerece ao Instituto.

Ditos dos Srs. presidentes das provincias do Rio-Grande do Sul, Paraná e Parahiba enviando as collecções de leis promulgadas pelas respectivas assembléas em o anno passado.

Offertas.

Pelo Sr. Manoel Affonso da Silva Lima, foi offerecido ao Instituto um exemplar do drama—a Independencia do Brasil por elle escripto.

Pelo Sr. Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães as obras seguintes: Lições sobre a infallibilidade do poder temporal dos Papas; Estudos sobre o ensino publico. Discurso ao assumir a regencia da cadeira de direito ecclesiastico, e varios opusculos.

Pelo Sr. Innocencio Francisco da Silva o 6.° volume do seu Diccionario bibligraphico portuguez.

Pelo Sr. Francisco Sotero dos Reis, um exemplar das Postillas da grammatica geral.

Pela redacção do Indicador Militar, cinco numeros do seu jornal.

Pelo Sr. Antonio Joaquim Damaso, o Tombamento dos bens immoveis da Santa Casa da Misericordia da Bahia, em 1862; por elle organisado.

Pelo Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, o seu Almanak de lembranças brasileiras.

Pelo Sr. Pedro de Alcantara Lisbôa, um exemplar do seu Systema metrico decimal.

Pelo Sr. Dr. Abilio Cesar Borges, o Discurso que proferiu por occasião da abertura do Gymnasio Bahiano a 3 de Fevereiro de 1862, bem como o que proferiu a 23 de Novembro por occasião da distribuição dos premios.

Pelo Instituto Historico Geographico do Rio Grande do Sul, o volume 3.° de sua Revista.

Pelo Sr. Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro um exemplar do mappa da fronteira do Norte do imperio, por elle publicado.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. Dr. Filgueiras obtendo permissão, teve a honra d offerecer a S. M. o Imperador um enfeite de jaspe, com q os indios Chernites, que habitam a provincia de Goyaz, ado nam o beiço inferior; um figo petrificado, um vocabulario d dialecto botucudo, original manuscripto pelo fallecido Sr. c ronel Thomaz Guido Marlière, governador dos indios; um porção da têa de uma enorme aranha negra e outros objecto

Ordem do dia.

O Sr. Dr. Pinheiro de Campos mandou á mesa a seguint proposta:—Proponho que haja no Instituto Historico um liv com o titulo de Fastos do feliz e glorioso reinado do Sr. D Pedro II, no qual se escrevam todos os factos de importanci politica, moral e religiosa á juizo do Instituto.—Ficou sobre mesa para ser discutida na primeira sessão.

O Sr. Dr. Lagos requereu, e assim se deliberou, que o map pa offerecido pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeir fosse á 2.ª commissão de geographia para ella dar parece sobre elle.

O Sr. Dr. Claudio, obtendo a palavra, continuou a leitur do seu trabalho intitulado—Chronica do instituto dos menino cegos. Terminada esta o Sr. presidente, com permissão d S. M. I. levantou a sessão ás sete e meia horas da noite.

Carlos Honorio de Figueiredo, 1.º secretario supplente

SEGUNDA SESSÃO, EM 10 DE ABRIL DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis e meia horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Capanema, Lagos, Carlos Honorio, Claudio, Silva, Coruja, Jardim, Lopes Netto, Pinheiro de Campos, Filgueiras, Moreira de Azevedo, Fernandes de Barros, Vital de Oliveira, Gabaglia, Marques de Carvalho, Borges, e Boulanger, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual sendo recebido com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão. Tendo faltado por incommodado, o Sr. Dr. Fontes, occupou o lugar de 2º secretario o Sr. Dr. Carlos Honorio, que lendo a acta da sessão antecedente foi ella approvada. Em seguida, o Sr. 1º secretario deu conta do seguinte :

Expediente.

Um officio do Sr. Dr. Perdigão Malheiro declarando não poder comparecer á sessão por incommodado.

Um aviso do Sr. ministro de estrangeiros acompanhando a carta que Sua Alteza Real o Sr. Infante D. Sebastião Gabriel dirige ao Sr. presidente d'este Instituto, agradecendo o titulo de presidente honorario que lhe foi conferido pelo mesmo Instituto. (E' recebida com muito agrado).

Um aviso do Sr. ministro do imperio, remettendo nos termos da requisição do Instituto de 17 de Janeiro do anno passado, duas pedras e dois embrulhos contendo amostras de barro salão encontradas na provincia das Alagôas, e copia do officio do presidente da mesma provincia ácerca d'estes obje-

Pelo mesmo ministerio os seguintes relatorios :

1°. Do Sr conselheiro Vicente Pires da Motta passando a presidencia da provincia de Santa Catharina ao Sr. commendador João Francisco de Sousa Coutinho, em 25 de Setembro de 1862.

2°. Do Sr. 1° vice-presidente da mesma provincia ao passar a administração ao actual presidente capitão tenente Pedro Leitão da Cunha.

3°. Relatorio com que o Sr Dr. João Jacintho de Mendonça entregou a presidencia da provincia de S. Paulo ao Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Grugel, 1° vice-presidente da mesma provincia no dia 24 de Setembro de 1862.

4°. Dito com que o Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Grugel passou a administração da provincia de S. Paulo ao Sr. conselheiro Vicente Pires da Motta, em 16 de Outubro de 1862.

5°. Dito apresentado á assembléa legislativa da provincia de S. Paulo, no dia 2 de Fevereiro do corrente anno.

6°. Dito com que o Sr. conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão, passou a administração da provincia da Bahia, ao Sr. conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, em 30 de Setembro de 1862.

7°. Falla com que o Sr. conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque abriu extraordinariamente a assembléa legislativa da Bahia em 15 de Novembro de 1862.

8°. Relatorio apresentado a assembléa legislativa do Rio Grande do Sul pelo Sr. presidente da mesma provincia Francisco de Assis Pereira Rocha.

9°. Dito apresentado a assembléa provincial de Sergipe, no dia 4 de Março de 1861, pelo Sr. presidente da mesma provincia Dr. Thomaz Alves Junior.

10°. Dito apresentado pelo Sr. presidente da provincia do

Piauhy Dr. José Fernandes Moreira, á assembléa legislativa provincial em 10 de Novembro de 1862.

11°. Dito com que o Sr. Dr. Antonio de Brito Sousa Gayoso passou a administração da provincia do Piauhy ao Sr. José Fernandes Moreira em 13 de Junho de 1862.

12°. Dito apresentado pelo Sr. Dr. Manoel Francisco Corrêa ao passar a administração da provincia de Pernambuco ao Sr. Dr. João Silveira de Sousa em 2 de Outubro de 1862.

13°. Dito do Sr. Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, presidente da provincia do Pará, apresentado á assembléa da mesma provincia na abertura da sessão do 1°. de Setembro de 1862.

14°. Dito que á assembléa legislativa do Maranhão apresentou o presidente da mesma provincia o Sr. conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello, em 27 de Outubro de 1862.

15°. Dito apresentado á assembléa legislativa do Ceará pelo Sr. presidente da mesma provincia Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior.

Pelo Sr. Luiz Francisco da Veiga foi offerecido o seu livro intitulado—Cartas chilenas— (treze) em que o poeta Critillo conta a Dorotheo os factos de Fanfarrão Minezio governador do Chile, etc — com uma introducção.

Pelo Sr. Manoel José de Figueiredo Leite o Relatorio que apresentou á Santa Casa da Misericordia da cidade da Bahia, em 21 de Março do corrente anno.

Pelo Instituto scientifico de S. Paulo o n° 3 de sua Revista.

Pelo Instituto de Coimbra, o n° 7 do vol. XI do seu jornal.

Pelo Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos, o manuscripto intitulado—Memoria historica-politica-militar— ou sustentação do voto do marechal de campo graduado Raymundo José da Cunha Mattos, vogal do conselho supremo militar e de justiça, sobre o processo do coronel do 1° batalhão de caça-

dores de 1ª linha João Chrisostomo da Silva, pelo seu comportamento na villa de Caçapava.

Pelo Instituto dos advogados da côrte o 4º nº da sua Revista.

Pelo Sr. Antonio Joaquim Damazio, o seguinte:

Os volumes 4º, 5º, e 6º das obras do finado arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, e o testamento impresso do mesmo prelado.

Oito relatorios da thesouraria da provincia da Bahia dos annos de 1854 a 1861.

Seis Memorias historicas dos acontecimentos notaveis da faculdade de medicina da provincia da Bahia, dos annos de 1855 a 1860.

Relatorios de presidentes da provincia da Bahia de 1845, 1847, e 1852.

Dito do presidente de Pernambuco de 1858.

Ditos de presidentes do Maranhão de 1848 e 1857.

Ditos de presidentes de Sergipe, de 1835 e 1846.

Quatro ditos de directores dos estudos da Bahia de 1853, 1855, 1856 e 1858.

Seis opusculos diversos sobre a rebellião de 7 de Novembro de 1837.

Acta da camara municipal da Bahia, em 11 de Novembro de 1837 sobre a mesma rebellião.

Doze proclamações, um officio e uma ordem do dia de diversas auctoridades, em varias épocas criticas na provincia da Bahia.

Dois impressos que publicou em 1828, o presidente José Egydio Gordilho de Barbuda, depois visconde de Camamu, em sua defeza.

O n. 1º da gazeta — *Despertador Constitucional*, publicado no Rio de Janeiro em 1827, ácerca da batalha de Ituzaingó.

Exposição dos motivos que decidiram o brigadeiro João Carlos de Saldanha e Oliveira e Daum (hoje duque de Salda

nha) a não aceitar o commando da expedição para a Bahia em 1823.

Oração funebre, recitada pelo padre-mestre Fr. Arsenio da Natividade Moura, nas exequias do Rvm. arcebispo D Romualdo Antonio de Seixas.

Oração gratulatoria que recitou o padre-mestre Fr. José de S. Bento Damazio na igreja do collegio d'esta cidade (da Bahia), no Te-Deum celebrado por occasião do nascimento da serenissima princeza a Sra. D. Januaria.

Sermão recitado pelo cenego José Joaquim da Fonseca Lima, perante SS. MM Imperiaes no dia 7 de Outubro de 1859, por occasião da feliz chegada de tão augustas pessoas á cidade da Bahia.

Noticia biographica do padre-mestre João Querino Gomes, por José Antonio Teixeira.

Cinco numeros do peridico—Guaycurú (de 1846), contendo a necrologia do brigadeiro Antonio de Sousa Lima, um dos heróes da nossa independencia.

Biographia (manuscripta) do conselheiro Antonio Augusto da Silva, composta pelo professor Guilherme Balduino Embirossú Cammacan.

Um manuscripto antigo contendo: 1°, noticia da expulsão do governador de Pernambuco Sebastião de Castro Caldas, no anno 1711; 2° successo e tragedia das mortes que houveram no sitio de Paraguassú, chamado dos Barbalhos, 1714; 3°, noticia da extincção dos jesuitas da cidade da Bahia.

Outro manuscripto intitulado: Resumo chronologico historico da veneravel Ordem Terceira de S. Domingos da Bahia d'esde a sua fundação em 1723, pelo padre João Querino Gomes.

Chronica do mosteiro de N. S. do Monte-Serrate da Parahiba do Norte, pelo Sr. Joaquim José da Silva Castro.

Demonstração da necessidade da abolição do celibato cle-

rical pela assembléa geral do Brasil.— Pelo deputado Diogo Antonio Feijó, em 1828.

Pelo Sr. Dr. Caetano Alves de Sousa Filgneiras a Revista de Edimburgo, jornal critico, 71 vol. in 8°.

O Sr. capitão-tenente Vital de Oliveira, offereceu por parte do Sr. Constantino do Amaral Tavares, ex-primeiro tenente d'Armada e stereometra d'alfandega da Bahia, o drama historico *«Os tempos da independencia; lição para meninos, por elle escripta»*.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Ordem do dia.

Passando-se á ordem do dia, votou-se unanimemente para que fosse remettida á commissão de historia a proposta do Sr. Dr. Pinheiro de Campos, que havia ficado adiada na ultima sessão.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro propôz que se pedisse ao governo imperial uma collecção da legislação brasileira impressa na typographia nacional. Posta a votos passou unanimemente.

O Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, obtendo a palavra, leu o seu trabalho. —*«Questões Americanas»* terminada esta, o Sr. presidente com venia de S. M. I levantou a sessão ás oito horas.

Carlos Honorio de Figueiredo, 2.° secretario supplente.

TERCEIRA SESSÃO EM 24 DE ABRIL DE 1863

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. Visconde de Sapucahy.

A's seis e meia horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Candido Baptista, Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Lagos, Filgueiras, Coruja, Claudio, Sebastião Soares, Dr. Silva, Pinheiro de Campos, Perdigão Malheiro, Jardim, Freire Allemão, Capanema, Moreira de Azevedo, Gabaglia, Conego Pinto de Campos, Borges e Boulanger; annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador o qual sendo recebido com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão. Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.° secretario deu conta do seguinte

Expediente:

Um officio do Sr. Dr. Sousa Fontes communicando não poder comparecer á sessão por contínuar os seus incommodos de saude, remettendo os documentos relativos ás despezas que fez com a conservação dos ossos de Estacio de Sá e declarando que os artistas José Bento Garcia, que promptificou a lapida de marmore e R. G. Ramsay o caixão de chumbo, offereciam os mesmos objectos gratuitameute ao Instituto. O Sr. presidente, em nome do Instituto, agradece o Sr. Dr. Fontes pelo resultado satisfatorio com que cumpriu o encargo que lhe foi commettido, assim como recebe as offertas com agrado.

O Sr. D. Pascual communica não poder comparecer a sessão por incommodado.

Officio do Sr. presidente da provincia de Goyaz Dr. José Vieira Couto de Magalhães, remettendo um exemplar do relatorio com que o 1.° vice-presidente lhe passou a administração da mesma no dia 8 de Janeiro do corrente anno.

Dito do S. presidente da provincia do Rio Grande do Su Dr. Esperidião Eloy de Barros Pimentel, remettendo um exemplar do relatorio com que o ex-presideute Dr. Francisco de Assis Pereira Rocha passou a administração da mesma ao 2.° vice-presidente.

Dito do Sr. presidente da provincia do Ceará José Bento da Cunha Figueiredo Junior remettendo 1 exemplar dos tomos primeiro e segundo da compilação das leis da mesma provincia, dos annos de 1835 a 1861.

O Sr. José Soriano de Sousa offereceu a sua obra *Ensaio medico legal.*

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções,

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Ordem do dia.

A commissão subsidiaria de geographia mandou á mesa o segninte requerimento:

A commissão subsidiaria de geographia, a quem de ordem do Instituto foi remettido para examinar o mappa da fronteira do Norte do imperio, organizado pelos senhores conselheiros Duarte da Ponte Ribeiro e Major Izaltino José Mendonça de Carvalho, tendo-se reunido e conferenciado sobre o modo de verificar a sua exactidão, reconheceu a necessidade de consultar os diversos planos e documentos que serviram de base aquelle trabalho, e que pertencem uns ao archivo militar, e outros á secretaria d'estado dos negocios estrangeiros.

A mesma commissão, pois, requer que o Instituto Historico solicite dos respectivos ministerios a precisa auctorização para

lhe serem confiados pelo tempo que for absolutamente indispensavel, os referidos planos e documentos; sendo que já o mencionado conselheiro, nosso distincto consocio, pôz a disposição da commissão alguns dos trabalhos geographicos que possuia, e que ella devia consultar. Em 24 de Abril de 1863. Ricardo José Gomes Jardim — Giacomo Raja Gabaglia. »

Foi approvado, e o Sr. secretario incumbido de officiar aos senhores ministros da guerra e estrangeiros solicitando a auctorização no sentido que requer a commissão.

O Sr. Pinheiro de Campos, obtendo a palavra, pede á commissão de Historia para, com urgencia, dar parecer acerca de sua proposta, a mesma commissão declarou que satisfaria ao pedido, apresentando na proxima sessão o seu trabalho á respeito do conteúdo da proposta.

Passando-se á ultima parte da ordem do dia, o Sr. Joaquim Norberto, obtendo a palavra, leu o quarto capitulo da Historia da revolução mineira de 1789.

Não havendo mais nada a tratar, obtida a imperial venia, levanta-se a sessão ás oito horas da noite.

Felizardo Pinheiro de Campos, 2.° secretario interino.

QUARTA SESSÃO EM 8 DE MAIO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis horas da tarde no paço da cidade achando-se reunidos na sala do costume os socios Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Freire Allemão, Dr. Macedo, Dr. Pereira Pinto,

conselheiro Cunha Mattos, Dr. Lagos, Vital de Oliveira, Dr. Pinheiro de Campos, Dr. Joaquim Caetano da Silva, conego Dr. Pinheiro, Coruja, Dr. Moreira de Azevedo, Joaquim Norberto, Borges e Boulanger, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que sendo recebido com as formalidades do costume, assentou-se á cabeceira da mesa, e o Sr. presidente visconde de Sapucahy declarou aberta a sessão

Tendo participado o socio Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo achar-se doente e não poder por isso comparecer á sessão do Instituto, o Sr. presidente nomeou para o substituir no lugar de 2.° secretario o Sr. Dr. Pinheiro de Campos, que leu a acta da sessão antecedente, a qual foi approvada.

O 1.° secretario, o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro deu conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar da Falla da abertura da assembléa legislativa provincial em Março do corrente anno.

Dito do presidente do Rio-Grande do Norte, remettendo a collecção das leis da mesma provincia do anno de 1862.

Pelo Instituto de Coimbra foi remettido o n. 8 de seu jornal.

Pelo Sr. conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos foram remettidos os manuscriptos:

Memoria sobre a defesa da capital do Brasil, por um official do corpo de engenheiros;

Cópia de um officio do encarregado de negocios de Portugal em Pariz, para o governo provisorio d'aquelle reino, sobre a restituição da Cayenna em 1814;

Correspondencia do ministro portuguez junto á Santa Sé, para o governo provisorio de Portugal, sobre a innovação da companhia de Jesus, 1814.

Pelo auctor, o Sr. Dr. Antonio José do Amaral; Nomencla-

tura explicada de artilheria, Rio de Janeiro, 1861, 1 volume; Guia do fogueteiro de guerra, Rio de Janeiro, 1862, 1 volume; Indicador da legislação militar, Rio de Janeiro, 1862, 1 vol.

A commissão de fundos apresentou o seu parecer a respeito das contas do Sr. thesoureiro, orçando a receita e despeza do anno social corrente.

O Sr. Lagos propôz para membro correspondente o Sr. João Carlos Pereira Pinto, consul geral do Brasil, em Buenos-Ayres.

Foi a proposta remettida á commissão de admissão de socios.

O Sr. Antonio Pereira Pinto offerece ao Instituto por parte de seu irmão João Carlos Pereira Pinto os livros, documentos e mais objectos que são os seguintes: Dominguez, Historia Argentina, 1 volume; Pietro Metastazio, Tute le opere, 1 dito; Dr. Moreno, Arengas 1 dito; Robinson, Memorias da revolução do Mexico, 1 dito. Em brodchuras; Registro estatistico de Buenos-Ayres, 1859, 2 ditos; Inice do departamento geral da policia de Buenos-Ayres desde 1812 até 1850, 2 ditos; Indice do archivo do governo de Buenos-Ayres correspondente ao anno de 1810, 1 dito; Collecção de Memorias annuaes da municipalidade de Buenos-Ayres desde sua fundação até 1861; Collecção de Annaes da educação commum do estado de Buenos-Ayres, e relatorio do chefe da repartição das escolas publicas de 1858 a 1860, quando se terminou esse trabalho; Debates sobre a convocação e installação do Congresso Argentino, 1862; Mensagem do poder executivo argentino ao soberano congresso, 1862; Annuario da administração geral dos correios de Buenos-Ayres, 1862. Em manuscriptos: Diques seccos de Nova-Yorck, 1814; Navegação dos affluentes do Prata, 1846; Projecto de regulamento da marinha militar do Brasil.

Os mappas: Collecção de mappas desde Santa Catharina até o Rio da Prata, Paraná e Uruguay, pelo tenente Sidney; mappa do banco Ortiz e ilha de Martin Garcia, manuscripto,

dito do rio Vermelho; dito da confluencia do Paraguay com o Paraná; desenho de uma machina para puchar navios para terra, por meio do vapor ou de animaes: Para o museo do Instituto; uma téla de seda representando o escudo de armas da republica Rio-grandense, e a bandeira da mesma republica cercada de medalhões com a inscripção das batalhas entre os republicanos e os legalistas.

Modelo em metal destinado para cunhar a moeda metallica da mesma republica (unico); medalha em cobre commemorativa da reconstrucção da nacionalidade argentina, 1860.

O Instituto recebe com agrado estes documentos.

O Sr. Dr. Macedo, como relator da commissão de historia, leu o seguinte parecer:

Foi confiada ao estudo da primeira commissão de historia a seguinte proposta, que o digno membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil o Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, apresentou em sessão de 13 de Março do corrente anno: — Proponho que haja no Instituto Historico um livro com o titulo de Fastos do feliz e glorioso reinado do Sr. Dom Pedro II, no qual se escreverão todos os factos de importancia politica, moral e religiosa á juizo do Instituto.—

A commissão de historia, reconhecendo as nobres intenções e patrioticos sentimentos que inspiraram esta proposta, não póde comtudo aconselhar a sua adopção, e julga que lhe cumpre offerecer ao Instituto as principaes considerações, em que firmou o seu parecer.

Não se póde disputar a quem quer que seja a um homem ou a uma sociedade, o direito de escrever sobre factos da historia contemporanea do seu paiz; é porém certo que, usando d'esse direito, o escriptor é sempre um juiz mais ou menos suspeito, e portanto incompetente para desempenhar cabalmente a empresa difficil a que se arroja.

Sujeito ás impressões vehementes da actualidade, ás paixões,

ao espirito de partido, á sympathias e antipathias, e, em uma palavra, sendo actor no drama de que procura dar conta, aquelle que escreve sobre a historia contemporanea do seu paiz escreve sempre um pouco a sua propria historia, preside ao processo das idéas que tem sustentado e das idéas que tem combatido ; e por consequencia apparece aos olhos da posteridade como parte interessada com pretenções de ser juiz.

A proposta do nosso digno consocio offerece esta grave inconveniencia.

No livro que o illustre proponente pede que se crie com o titulo de —Fastos do feliz e glorioso reinado do Sr. Dom Pedro II teriam de se escrever todos os factos de importancia politica moral e religiosa a juizo do Instituto.

As palavras—á juizo do Instituto—indicam que o nosso illustre consocio propõe que o Instituto aprecie os factos de importancia politica, moral e religiosa, manifestando o seu juizo sobre elles, e portanto eis-ahi o caso de sentenças lavradas por juiz incompetente na historia contemporanea.

Não se podem interpretar as palavras —á juizo do Instituto —significando que ao juizo d'este ficasse a escolha dos factos a registrar ; porque diz a proposta que no livro de que trata se escreverão todos os factos de importancia, etc., e é claro que desde que houvesse escolha de factos, não se poderiam escrever todos os factos.

Admittindo-se porém esta mesma interpretação das palavras a juizo do Instituto, haveria em todo o caso juizo, apreciação do merecimento dos factos a registrar, preferencia e exclusão de factos e por consequencia não só o grave inconveniente já mencionado. mas ainda o evidente senão de uma obra incompleta pelo esquecimento premeditado de factos que por erro de que é susceptivel, o Instituto deixasse de considerar dignos de serem registrados.

Attenda-se bem que sob o titulo Fastos do feliz e glorioso

reinado do Sr. Dom Pedro II, o livro proposto deverá receber o registro de todos os factos de importancia politica, moral e religiosa.

O digno auctor da proposta pensou como todos, e como não podia deixar de pensar, que o Sr. Dom Pedro II e a nação brasileira tem uma só historia, historia que não se póde separar, e por tanto os Fastos do feliz e glorioso reinado do Sr. Dom Pedro II, registro de todos os factos de importancia politica, moral e religiosa a juizo do Instituto, seriam forçosamente a historia contemporanea do Brasil.

Assim pois, esse importante livro trataria absolutamente de tudo quanto se refere á religião, á civilização, ás questões internacionaes, e ainda mais ás questões de politica interna, ás lides dos nossos partidos politicos, ao embate e luta de todas as nossas idéas, ao combate generoso emfim, em que todos nós entramos, e que com todos nós entram aquelles que teriam de ser encarregados da redacção dos Fastos; por que emfim, todos nós somos interessados na grande causa do estado, e nem podemos deixar de sêl-o sem sacrificio do santo dever do patriotismo.

A commissão, reflectindo ainda na proposta, comprehendeu que talvez estivesse no pensamento do seu digno auctor a idéa de um registro de extrema simplicidade, em que se faça menção dos factos que se fôrem passando sem apreciação alguma; mas tambem n'esta hypothese a commissão entende que a proposta não é muito conveniente, e pelo menos é desnecessaria.

Não é muito conveniente, porque seria difficilimo estabelecer regras precisas, pelas quaes o redactor ou redactores dos factos se limitassem ao registro dos factos sem deixar escapar palavras de uma dissimulada apreciação.

E desnecessaria, porque se o Instituto julgasse util a

criação de um registro, assim entendido, aliás o unico admissivel, bastar-lhe-ia fazer continuar o trabalho das Ephemerides que por proposta do nosso finado consocio o conego Januario da Cunha Barbosa, o Instituto mandou escrever, e foram escriptas durante alguns annos; devendo além d'isso considerar-se que seria mal cabido o titulo brilhante de— Fastos do feliz e glorioso reinado do Sr. Dom Pedro II, em um registro tão simples, secco e árido.

Pensando assim, a commissão entende que, se o Instituto não deve tomar sobre si a tarefa proposta pelo digno membro, nem por isso seriam menos bem recebidos pela nossa associação um e muitos trabalhos d'esta ordem espontaneamente feitos por aquelles que quizessem metter hombros a tão difficil empresa. Trabalhos suspeitos de parcialidade seriam sempre; mas a responsabilidade d'elles pesaria sobre seus auctores e a posteridade esmerilharia n'esses escriptos a verdade dos factos, comparando-os uns com os outros e com todos os impressos, memorias, livros e documentos do nosso tempo. Mas o que um individuo póde fazer n'este sentido, não convém que o faça o Instituto Historico e Geographico do Brasil, pelo caracter que tem, e pelas condições de sua organização e de sua alta importancia.

A' vista d'estas considerações, a commissão de historia é de parecer que a proposta do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos seja archivada.

Joaquim Norberto de Sousa e Silva — Joaquim Manoel de Macedo.

O Sr. presidente declarou que o parecer ficava sobre a mesa para entrar em discussão na seguinte sessão.

O Sr. Dr. Pinheiro de Campos pediu a urgencia para entrar logo em discussão, e assim se venceu unanimemente.

Tomaram parte na discussão o mesmo Sr. Dr. Pinheiro de Campos, sustentando a sua proposta, e mostrando que, se-

gundo os principios da nobre commissão, nunca teremos uma collecção de factos colligidos e methodisados pelo Instituto com relação ao actual reinado: que se igual idéa de se irem colligindo os factos do actual reinado já tivesse tido execução desde vinte e dois annos, que fôra iniciada pelo fallecido conselheiro José Clemente Pereira e approvada pelo Instituto, já teriamos hoje um rico reservatorio de factos, que abrilhantariam as paginas da nossa historia; que elle não deseja que o Instituto seja o historiador, mas sim o compilador dos factos, pois é a sua missão e principal incumbencia, segundo os estatutos, preparar os materiaes para um dia formar-se a historia do paiz, etc., etc.

O Sr. Dr. Macedo sustentou o parecer.

O Sr. Joaquim Norberto, para illustrar a materia, apresensentou o seguinte esboço de outro parecer.

A' commissão de historia foi presente a proposta do digno consocio o Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, na qual se pede que haja no Instituto Historico um livro com o titulo de —Fastos do feliz e glorioso reinado do Sr. Dom Pedro II, para n'elle se escrever os acontecimentos de importancia politica, moral e religiosa a juizo do Instituto, e com quanto a commissão de historia louve as intenções do seu auctor não póde comtudo annuir a adopção de sua proposta, e por isso é de parecer que por deferencia ao assumpto da mesma convém mandal-a archivar.

Os Fastos do feliz e glorioso reinado de Sua Magestade Imperial são a historia contemporanea do Brasil, que não póde ser escripta a juizo do Instituto Historico por membros commissionados. Tornar uma tal obra de obrigação restricta é tirar-lhe todo o merito da espontaneidade, é prival-a do cunho da imparcialidade aos olhos do vulgo e das gralhas politicas, e todos nós nos julgamos pequenos para emprehen-

del-a, sem que comtudo tenhamos animo de declinarmos da honra de querer cada um para si tão gloriosa tarefa.

A geração que vive tem a historia do Imperador ante os olhos. As suas paginas que se desenrolam dia por dia sempre adornadas com um novo e brilhante facto se gravam na memoria de todos os cidadãos, e os Fastos do reinado de Sua Magestade Imperial são de sobejo importantes e gloriosos, para que necessitem de ser escriptos a juizo do Instituto Historico, a medo que elles possam desapparecer no oceano dos tempos como esses acontecimentos frivolos e dignos de eterno esquecimento, que se abysmam no golfão do passado com os proprios annos que os presenciaram.

A imprensa, que como a Argos dos antigos, véla com os seus cem olhos, compete registrar esses factos e ella os registra. Ha mesmo entre nós pessoas que se occupam com as memorias do nosso tempo, em que a primeira personagem não póde deixar de ser senão o chefe que tão gloriosamente dirige os destinos da nação, rodeado de todas as acções que o ennobrecem e o recommendam aos olhos d'essa posteridade, que mais feliz do que nós tem de vêr o imperio americano em toda a sua pompa de illustração, grandeza e prosperidade.

E de mais, uma obra de tanta transcendencia e de tão grande e elevado assumpto jámais encheria as vistas da expectativa publica, e antes deixaria o Instituto Historico muito a quem do fim a que se propuzesse. E' o mesmo que acontece com as maravilhas da natureza, que a força de exageradas discripções tornam-se mesquinhas aos olhos do observador prevenido, como a constellação do cruzeiro ou a cataracta do Niagára, que muitas vezes deixam a desejar as mais ardentes, atrevidas e caprichosas imaginações.

Os Fastos do reinado de S. M. o Sr. Dom Pedro II ahi estão; e a posteridade não condemnará o Instituto Historico por deixal-os de colligir, quando toda a nação o collige.

Façamos antes o que está por fazer, e não o que está já feito por si mesmo.

Sala das sessões do Instituto Historico, em 24 de Abril de 1863.—*Joaquim Norberto de Sousa Silva.*

O Sr. Dr. Pereira Pinto disse que os Fastos gloriosos do reinado do Sr. Dom Pedro II estavam escriptos em caracteres mui legiveis em todos os grandes melhoramentos moraes e materiaes que o paiz tem presenciado n'estes ultimos tempos; e que esses factos se achavam registrados nos documentos officiaes da maior importancia. Para que pois estabelecer o Instituto em seu seio uma chronica que não podia ter a authenticidade d'aquelles documentos? Se porém o nobre consocio tinha querido fallar dos actos puramente individuaes de Sua Magestade, em relação á notoria philanthropia e beneficencia de que quotidianamente dava evidentes signaes, n'esse caso acreditava o orador que seu illustre auctor quereria que taes actos ficassem escondidos na religião de sua consciencia. Assim, pois julgava que a commissão de historia procedêra mui judiciosamente lavrando o parecer que fôra lido, e tanto mais porque, sendo o Instituto amparado pela valiosa protecção do Imperador do Brasil, a chronica de que se tratava, escripta por seus membros poderia no futuro, talvez sem razão, ser acoimada de parcial, e tida como fonte historica de pouca exactidão.

Reconhecendo, pois, as boas intenções e as vistas patrioticas que tinham levado o nobre consocio a apresentar a proposta que se discutia, entendia o orador acertado que fosse adoptado o parecer da commissão de historia.

Posto o parecer a votos foi approvado.

O Sr. Joaquim Norberto requereu que o parecer fosse impresso na *Revista*, e o Sr. Dr. Pinheiro de Campos que se fizesse o mesmo com o transumpto da discussão havida a respeito. Assim se decidiu.

Os socios Srs. Capanema e Pascual communicaram não poderem comparecer a sessão por doentes.

Não havendo mais nada que tratar, o Sr presidente obtida a imperial venia, levantou a sessão, retirando-se Sua Magestade com as mesmas formalidades com que entrára.

No impedimento do Dr, Carlos Honorio de Figueiredo,

Felizardo Pinheiro de Campos.

QUINTA SESSÃO EM 22 DE MAIO DE 1863

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

Ás seis horas da tarde achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Dr. Macedo, Joaquim Norberto, Conego Fernandes Pinheiro, Lagos, Carlos Honorio, Coruja, Claudio, Pinheiro de Campos, Dr. Silva. Lapa. Sebastião Soares, Gabaglia, Moreira de Azevedo, Boulanger e Cunha Mattos, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador o qual foi recebido com as formalidades do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão: o Sr. Dr. Carlos Honorio 2.° snpplente. leu a acta da antecedente sessão que foi approvada.

O Sr. 1.° secretario deu conta do seguinte

Expediente.

Uma participação do Sr. Dr. Capanema, de não poder comparecer por se achar enfermo.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul remettendo o relatorio por elle apresentado á assembléa provincial na sua abertura.

Outro do Sr. presidente da provincia de Pernambuco remettendo o relatorio que apresentou a respectiva assembléa no dia 1.° de Março do corrente anno.

Offertas.

Pela academia de Vienna foram remettidos ao Instituto alguns volumes de suas memorias em continuação aos já existentes por ella offerecidos:

Pela sociedade da Pennsylvania as suas Memorias publicadas em 1860.

Pela redacção do Indicador Militar os numeros 6 a 9 do seu jornal.

Pelo Instituto Smithsonian as suas memorias.

Pelo Sr. conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos os seguintes manuscriptos:

1.° Reconhecimento da estrada que da cidade de Antonina leva a colonia do Jatahy, pelo capitão de engenheiros Epifanio Candido de Sousa Pitanga.

2.° Tarifa de direitos da alfandega grande de Lisbôa em 1782.

3.° Processo sobre a achada de varias moedas de ouro e prata de cunho estrangeiro que haviam sido enterradas na vizinhança da capital da Parahyba em 1820.

4.° Minuta da correspondencia do ministerio de ultramar para o governador da Capitania do Rio Grande do Sul e capitão general da do Pará nos annos de 1799 e 1800.

5.° Extracto das cartas do marquez de Lavradio relativas a negocios da capitania do Rio Grande do Sul desde Março de 1772 até Julho de 1773.

Pelo Sr. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva a sua obra intitulada—Historia da Independencia do Maranhão.

Pelas respectivas redacções varios jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Ordem do dia.

Os Srs. Drs. Carlos Honorio e conego Pinheiro mandaram á mesa a seguinte proposta: Propomos para socio correspondente do Instituto Historico Geographico Brasileiro, o Sr. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, formado em direito civil em uma das universidades da Allemanha, ex-deputado á assembléa geral legislativa, e auctor da obra—Historia da Independencia do Maranhão. Sala das sessões do Instituto em 22 de Maio de de 1863.—Carlos Honorio de Figueiredo—Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.—Foi remettida á commissão de admissão de socios.

Entrando em discussão o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento, que havia ficado sobre a mesa na sessão anterior, relativo ás contas do anno findo, foi unanimente approvado, bem como o orçamento da receita e despeza do anno corrente, depois de algumas observações feitas pelos Srs. Sebastião Soares, Fernandes Pinheiro e Coruja.

Parecer.

Illustrissimo Sr. — Na qualidade de membro relator da commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tenho a honra de devolver á V. S. as contas prestadas pelo socio thesoureiro o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, relativas ao anno de 1862, acompanhado do parecer da commissão de exame, e do orçamento da receita e despeza para 1863, que V. S. se dignará de submetter á ap-

provação da mesa administrativa.—Deos guarde a V. S. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro 24 de Abril de 1863.—Illustrissimo e Reverendissimo Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro 1.º Secretario do Instituto Historico e Geographico.—*J. J. Sousa Silva Rio.*— — *Alexandre Maria de Mariz Sarmento.*

A commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro tendo procedido a minucioso exame nas contas prestadas pelo socio thesoureiro o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, relativas ao anno de 1862, extrahiu d'ellas o seguinte balanço resumido :

RECEITA.

Prestações dos socios, a saber :		
Vencidas em 1862.....	1:026$000	
» » annos anteriores....	978$000	
		2:004$000
Venda da Revista trimensal, e de outras obras		346$000
Juros vencidos no banco rural e hypothecario pelo capital em conta corrente.....		149$913
Dividendo de 25 acções do dito banco em 1 semestre.....		275$000
		2:774$913
Subvenção do thesouro nacional.....		5:000$000
		7:774$913
Saldo que passou de 1861, a saber :		
Em conta corrente no banco rural e hypothecario.....	6:409$402	
Em caixa.....	10$870	
		6:420$272

DESPEZA.

Vencimento dos empregados.....		2:306$800
Expediente.....		404$460
Impressão e reimpressão da Revista trimensal..... ..	3:926$000	
Idem de outras obras.....	210$000	
		4:136$000
Compra de livros e encadernações.....		543$720
		7:390$980
Agio na compra de 25 acções do banco rural e hypothecario.....		850$000
		8:240$980
Saldo que passa para 1863, a saber:		
Em caixa.....	244$890	
Em conta corrente no banco.....	709$315	
Em 25 acções do banco.....	5:000$000	
		5:954$205
Rs.		14:195$185

As contas acham-se exactas e devidamente legalizadas pelo que é a commissão de parecer:

1.° Que sejam approvadas as contas do socio thesoureiro o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, relativas ao anno social de 1862.

2.° Que se lhe dê um voto de agradecimento pelo zelo e dedicação com que se tem prestado a esta ardua tarefa.

Sala das sessões, 24 de abril de 1863. — *J. J. Sousa Silva Rio.* — *Alexandre Maria de Mariz Sarmento.*

A commissão de fundos e orçamentos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em observancia do art. 21 dos estatutos, tem a honra de submetter a approvação do conselho o orçamento da receita e despeza para o anno de 1863, organizado pela maneira seguinte:

Art. 1.° A receita para o anno de 1863, é orçada em ..... 13:904$205

A saber:

§ 1° Joias de socios		100$000
2° Prestações dos ditos		2:000$000
3° Venda da Revista		250$000
4° Dividendo de acções		550$000
5° Juros de dinheiro em conta corrente		50$000
6° Subvenção do Thesouro		5:000$000
		7:950$000
Saldo de 1862:		
Em dinheiro	954$205	
Em acções do banco	5:000$000	
		5:954$205
	Rs.	13:904$205

Art. 2.° A despeza é fixada em ..... 7:950$000

A saber:

§ 1.° Vencimentos dos empregados:

Escripturario	600$000
Amanuense	400$000
Conservador, e revisor	480$000
Porteiro-continuo	480$000
	1:960$000

Transporte.....		1:960$000	
Agente, ordenado.....	300$000		
Dito, commissão.....	50$000		
		350$000	
			2:310$000
§ 2° Expediente.....			640$000
3° Impressão da Revista.....			2:000$000
4° Reimpressão do 4° tomo da dita e de parte do 5°.....			2:500$000
5° Compra de livros, encadernações, etc...			500$000
		Rs.	7:950$000

Art. 3.° O thesoureiro continuará a depositar no Banco em conta corrente o saldo que se verificar.

Art. 4.° Com as contas do anno de 1863, apresentará ó thesoureiro:

1.° A relação nominal dos socios residentes no imperio, que ainda não satisfizeram a joia de entrada.

2.° Relação nominal dos socios que deverem mais de tres annos de prestações, com declaração da importancia da divida.

Sala das sessões, 24 de Abril de 1863. — *J. J. Sousa Silva Rio.* — *Alexandre Maria de Mariz Sarmento.*

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente, tendo obtido a imperial venia, levantou a sessão ás sete e meia horas.

Carlos Honorio de Figueiredo, 2° secretario interino.

SEXTA SESSÃO EM 5 DE JUNHO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis horas da tarde, reunidos na sala das sessões os Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, Joaquim Norberto, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Lagos. Claudio, Pinheiro de Campos, Pereira de Barros, Silva, Filgueiras, Coruja, Gabaglia, Vital de Oliveira, conselheiros Freire Allemão, Cunha Mattos, Sebastião Soares' Moreira de Azevedo e Borges, annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador que foi recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão, em seguida o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 2° secretario, leu a acta da antecedente a qual foi approvada.

O Sr. 1° secretario conego Fernandes Pinheiro passou a dar conta do seguinte

Expediente.

Um aviso do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, remettendo cópia do officio do Dr. Emmanoel Liais, acompanhando a lista de algumas posições geographicas muito approximadas de diversos pontos do curso do rio das Velhas na provincia de Minas Geraes, e as determinações magneticas que poderáõ servir para a rectificação do trabalho do Sr. Halfeld.

Uma carta do Sr. D. Michele Ferrini, auditor da Nunciatura Apostolica, remettendo o mappa das descobertas do mar polar arctico, e juntamente uma Memoria sobre os mais recen-

tes progressos da geographia, que S. Ex. Mr. Francisco Nardi offerece ao Instituto.

Dita do Sr. Dr. Luiz Alvares de Azevedo Macedo, secretario interino do Instituto dos Advogados da côrte, remettendo o 5° numero da *Revista* do mesmo Instituto.

Dita do Sr. Dr. Francisco da Costa Araujo e Silva, remettendo os ns. 6 a 9 do jornal *Indicador Militar*.

Dita do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, participando não poder comparecer á sessão por doente e offerecendo ao Instituto os seguintes manuscriptos: 1.° Memoria economica e metallurgica, sobre a fabrica de ferro de S. João de Ypanema na provincia de S. Paulo, escripta pelo conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva (original). 2.° Carta (autographa) do rei Luiz XVIII dirigida ao Sr. D. João VI, agradecendo-lhe os subsidios com que sem seu conhecimento prévio, o auxiliava na época da emigração. 3.° Descripção da capitania de Minas-Geraes acompanhada de diversos e importantes quadros estatisticos, etc.

Pelo Sr. conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos, foi offerecido o manuscripto: «Cópia de variada correspondencia de diversas auctoridades da provincia do Pará por occasião da revolução alli succedida em 1834.

Pelo Sr. Francisco A. de Varnhagen, o catalogo dos manuscriptos respectivos ao Brasil e a Portugal, existentes no Museu Britannico. Habana, 1863.

Pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, as seguintes obras: — Historia do Chile physica e politica por Claudio Gay, comprehendendo 5 volumes de historia, 2 de documentos, 8 de botanica, 8 de zoologia e 2 atlas, ao todo 25 volumes; Memoria de justiça, culto e instrucção publica — S. Thiago de Chile, 1860; — Annaes da universidade do Chile, 11 volumes; Memoria que o ministro da fazenda apresentou ao congresso do Chile em 1860; Documentos justificativos sobre a

expedição libertadora do Perú, ou refutação das Memorias d Lord Cochrane. S. Thiago, 1861; Tratado de ensaios tant por via secca como por via humida de todas as classes de mineraes cobre, plomo, prata, ouro, mercurio, etc., por Ignacio Domeyko. Valparaiso, 1858, 1 volume; Codigo civil da republica do Chile. S. Thiago, 1858, 1 volume; Memoria que o ministro de estado das relações exteriores apresentou ao congresso nacional do Chile em 1860; Elementos de mineralogia por Ignacio Domeyko, 1860, 1 vol.; Memoria que o ministro de estado do interior apresentou ao congresso nacional do Chile em 1860; Annuario estatistico da republica do Chile, 3 volumes em folio; Censo geral da republica do Chile, levantado em 1854; 1 volume em folio; Observações astronomicas feitas no observatorio nacional do Chile em 1859, 1 volume em folio.

Pela sociedade de Geographia de Paris o seu Boletim de 1862, 2 volumes em oitavo.

Pela faculdade do Recife, o seu jornal academico intitulado *Sciencia Patria e Liberdade* — n. 1.

Pela secretaria de estado dos negocios da guerra, 10 exemplares do relatorio apresentado a assembléa geral legislativa na 3ª sessão da 11ª legislatura pelo ministro respectivo.

Pelo Instituto de Coimbra, o seu jornal.

Pelo Sr. João Carlos Pereira Pinto, Memoria (manuscripta) sobre os limites do imperio com a republica de Bolivia, com dois annexos.

Varios jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com especial agrado.

Ordem do dia.

O Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos mandou á mesa a seguinte proposta:

« Proponho que o Instituto nomeie uma co

posta de cinco dos mais respeitaveis membros, maiores de 60 annos de idade e que pela sua alta e a mais elevada posição social se possa razoavelmente entender que não nutrem mais aspirações algumas, aos quaes incumba a tarefa de registrar exactamente tudo quanto o imperador disser e fizer digno de menção interessante para o bem do Estado, devendo este trabalho á proporção que se for fazendo, ficar escripto em folhas de pergaminho depois de assignadas por toda a commissão e guardado em um cofre, o qual não se abrirá senão depois da morte do Imperador. Com estes materiaes assim colligidos, com a imparcialidade humanamente possivel, se escreverá a historia do seu reinado. Sala das sessões do Instituto, aos 5 de Junho de 1863. — *Felizardo Pinheiro de Campos.*

Entrando em discussão foi esta proposta sustentada pelo seu auctor, combatendo-a o Srs. Drs. Lagos e Filgueiras aquelle por entender que era a mesma proposta já apresentada na penultima sessão e mandada archivar, e este combatendo-a pelo fundo, pela fórma e pela inexequibilidade: não obstante ambos estes dois illustres membros reconhecerem e louvarem os sentimentos patrioticos de seu auctor.

E sendo pelo Sr. presidente posta a votos, não passou por julgar o Instituto que proposta identica já foi apresentada e archivada.

O Sr. Dr. Lagos obtendo a palavra leu um parecer da commissão de admissão de socios, favoravel ao Sr. João Carlos Pereira Pinto, proposto para membro correspondente do Instituto: cujo parecer ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na seguinte sessão.

O Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, leu a 1ª parte do seu trabalho *Os ultimos vice-Reis do Brasil.*

Terminada a leitura o Sr. presidente levantou a sessão ás sete horas depois de obtida a imperial venia.

Carlos Honorio de Figueiredo, 2º secretario.

SETIMA SESSÃO, EM 19 DE JULHO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis horas da tarde, achando-se reunidos na sala das sessões do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, Dr. Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Silva, Carlos Honorio, Lagos, Filgueiras, Claudio, Pinheiro de Campos, Jardim, Homem de Mello, Coruja, Braz Rubim, Marques de Carvalho, Lapa, Perdigão Malheiro, Moreira de Azevedo, Gabaglia, Boulanger e Vital de Oliveira, annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador, o qual foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão. Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

Expediente.

Um aviso do Sr. ministro do imperio, remettendo quatro volumes encadernados e varios papeis avulsos contendo copias dos manuscriptos dos archivos portuguezes, relativos á historia nacional, colligidos pelo fallecido commendador João Francisco Lisboa e enviados de Portugal áquella secretaria, os quaes fazem parte da collecção já remettida ao Instituto.

Outro do Sr. ministro de estrangeiros, declarando em solução ao officio que lhe dirigiu o Instituto em 25 de Abril proximo passado, que acaba de auctorizar ao director geral da secretaria a cargo de S. Ex. para pôr á disposição da commissão de geographia os planos e documentos de que esta necessitar para o seu importante trabalho do exame do mappa

da fronteira do imperio, organizado pelos Srs. conselheiros, Duarte da Ponte Ribeiro e major Isaltino José de Mendonça Carvalho. — Ficou o Instituto inteirado.

Carta do Sr. Antonio Joaquim Damazio (da cidade da Bahia) remettendo a falla que recitou na abertura da assembléa legislativa da provincia da Bahia o Sr. presidente conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque; e dois numeros das Memorias historicas dos acontecimentos notaveis da faculdade de medicina da Bahia escriptas pelo Sr. Dr. Domingos Rodrigues Seixas.

Pelo auctor, por intermedio do Exm. Sr. internuncio apostolico. — Patalogia nuova sui roderi dell' Autica, del Dr. Napoleone Salaghi. Forti, 1859, 2 vol. 8°.

Pelo Exm. internuncio apostolico o seguinte: Alcune recherche meteorologi que sulle tempeste occorse nel 1859 — 1860; Memoria del P. Angelo Sechi. Roma, 1860—um folheto; Memória dell' Osservatorio delle collegio romano—Roma, 1857, 4 folhetos; Mesura della base trigonometrica e seguita sulla via Appia, per ordine del governo pontificio — Roma, 1858, 1 vol. fol.; Passagio del planete mercurio avanti al sole — Roma, 1861, 1 folheto; Memorias del P. A. Sechi.

Carta do Sr. Pompilio Manoel de Castro, presidente do Monte-Pio da cidade da Bahia acompanhando um exemplar do relatorio apresentado em sessão d'assembléa geral da mesma associação, em 19 de Abril do corrente anno.

Pela secretaria do imperio foi remettido o relatorio que o Exm. Sr. marquez d'Olinda, ministro da mesma repartição, devia apresentar á 3ª sessão da 11ª legislatura da assembléa geral legislativa; assim como os relatorios das presidencias da provincia do Rio Grande do Sul, Sergipe e Goyaz.

Pela secretaria de estado dos negocios da fazenda o relatorio e proposta que tinha de ser presente á 3ª sessão da 11ª

legislatura da assembléa geral legislativa pelo Sr. marquez d'Abrantes

Pela secretaria d'estado dos negocios d'agricultura e obras publicas o relatorio que tinha de ser presente á 3ª sessão da 11ª legislatura d'assembléa geral legislativa.

Pela secretaria de marinha, o relatorio apresentado á mesma assembléa geral legislativa.

Pela commissão de redacção da sociedade — Ensaios litterarios do Rio de Janeiro, o n. 1º da sua revista.

O Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, em nome do Sr. Demetrio Acacio Fernandes da Cruz, offereceu os Apontamentos historicos, topographicos e descriptivos da cidade de Paranaguá, trabalho do mesmo Sr. Cruz.

Cartas da academia hespanhóla d'archeologia e geographia, pedindo que o Instituto estabelecesse com ella uma troca de relações scientificas. Resolveu-se que o Sr. 1º secretario respondesse annuindo ao seu pedido.

O Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, como orador da commissão nomeada pela mesa do Instituto, para assistir ás exequias do Rev. bispo conde de Irajá D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, apresentou o discurso que proferiu n'essa occasião.

Ordem do dia.

O Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro fez a seguinte proposta: Proponho para membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Sr. Frederico Francisco de Figanière, secretario da legação de S. M. F. n'esta côrte e auctor das «Memorias das Rainhas de Portugal» de que offereceu ao Instituto um exemplar. Sala das sessões, em 19 de Junho de 1863. — Remettida á commissão de admis[illegible] socios.

Votou-se sobre o seguinte parecer, que havia ficado sobra e mesa, favoravel ao Sr. João Carlos Pereira Pinto, para membro correspondente do Instituto, o qual assim foi proclamado pelo Sr. presidente.

Parecer :

A commissão de admissão de socios attendendo á proposta inclusa para que o Sr. João Carlos Pereira Pinto, consul geral d'este imperio na Republica Argentina, seja admittido membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao qual, além de varios impressos e manuscriptos de valor offerecidos em diversas occasiões, acaba de apresentar uma memoria por elle mesmo escripta, sobre os limites do Brasil com a Bolivia, acompanhada de importantes documentos: é de parecer que o Instituto proceda á approvação do candidato na fórma determinada pelos estatutos.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 5 de Junho de 1863. — *Agostinho Marques Perdigão Malheiro.* — *Manoel Ferreira Lagos.* — *Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.*

O Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro occupou a attenção do Instituto lendo a 2ª parte de seu trabalho : « *Os ultimos vice-reis do Brasil* ».

Não havendo mais nada a tratar-se, o Sr. presidente tendo obtido a imperial venia, levantou a sessão ás oito horas da noite.

Carlos Honorio de Figueiredo, secretario supplente.

OITAVA SESSÃO, EM 3 DE JULHO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Filgueiras, Lagos, Pinheiro de Campos, Sebastião Soares, Cunha Mattos, Dr. Silva, Braz Rubim, conselheiro Freire Allemão, Moreira de Azevedo, Vital de Oliveira, Boulanger e Coruja, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente declarou aberta a sessão.

Lida pelo Sr. 2° secretario interino a acta da antecedente: foi approvada. O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

Expediente.

Officios dos Srs. conselheiro Candido Baptista de Oliveira e Dr. Claudio Luiz da Costa, participando não poderem comparecer a sessão; aquelle por incommodo de saude, e este pelos afazeres do seu emprego.

Carta do Sr. Dr. Carlos Frederico Taylor remettendo um atlas hydrographico que o Sr. Constantino Fischer offerece ao Instituto.

Dita do Sr. Francisco Ezequiel Meira Junior, secretario da sociedade *Ensaios Litterarios*, enviando ao Instituto o primeiro numero da sua Revista mensal.

Offertas.

O Sr. Vital de Oliveira por parte do Sr. 1° tenente da ar-

mada nacional Francisco Leopoldo Cabral do Canto e Teive offerece dois exemplares do Manual do Marinheiro-artilheiro, trabalho do mesmo Sr. 1º tenente.

Pelo Sr. Dr. Carl. Fred. Chil. von Martius, foi offerecido um exemplar da sua obra *Glossaria linguarum brasiliensium*. A qual por deliberação do Instituto, foi remettida ao Sr. Dr. Silva para emittir seu juizo a respeito.

As associações Recreio Instructivo de S. Paulo, Ensaio Philosophico Paulistano, e faculdade do Recife enviam as suas ultimas Revistas.

Varios jornaes, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Ordem do dia.

O Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, leu um seu trabalho, que intitulou *Bosquejo* do actual reinado desde a declaração da maioridade de Sua Magestade Imperial ou *Apontamentos* para a historia do Brasil.

Terminada a leitura, o Sr. presidente, com venia de Sua Magestade Imperal levantou a sessão ás 8 horas da noite.

O 2º secretario interino, *Carlos Honorio de Figueiredo.*

NONA SESSÃO, EM 17 DE JULHO DE 1853.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr visconde de Sapucahy.

Ás seis horas da tarde, achando-se presentes os senhores

visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Coruja, Pinheiro de Campos, Lagos, Claudio, Perdigão Malheiro, Moreira de Azevedo, Dr. Silva, Gabaglia, Sebastião Soares, Borges, Braz Rubim e Boulanger, annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr 1° secretario deu conta do seguinte

Expediente:

Uma carta do Sr. Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras communicando não poder comparecer á sessão por ter fallecido seu tio o Dr. Antonio Fortunato de Brito.

Um aviso do Sr. ministro dos negocios de estrangeiros remettendo para a bibliotheca do Instituto cinco atlas relativos á viagem exploradora feita no interior dos Estados-Unidos por Charles Wilker por ordem do seu governo.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Espirito Santo André Augusto de Padua Fleury, remettendo dois exemplares do relatorio que o seu antecessor apresentou á assembléa legislativa provincial no dia vinte e cinco de Maio do anno passado.

Dito do Sr. João Chrispiniano Soares, presidente de Minas Geraes, remettendo um exemplar da carta geographica da dita provincia, confeccionada pelo engenheiro Gebert, bem como um exemplar das « Noções Geographicas e Administrativas da referida provincia pelo mesmo Sr. H. Gebert.

Carta do Sr. Dr. Francisco da Costa Araujo e Silva, remettendo os ns. 10 a 12 do « Indicador Militar ».

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com especial agrado.

Ordem do dia.

O Sr. Dr. Perdigão Malheiro, relator da commissão de admissão de socios, leu os dois seguintes pareceres da mesma commissão, favoraveis aos Srs. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, e Frederico Francisco de Figanière, propostos para membros correspondentes do Instituto. Cujos pareceres ficaram sobre a Mesa para serem votados na proxima sessão.

Pareceres.

A commissão de admissão de socios, tomando na devida consideração a proposta de 22 de Maio do corrente anno, assignada pelos consocios Srs. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, e Carlos Honorio de Figueiredo, é de parecer que o candidato Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva está no caso de ser admittido ao gremio d'este Instituto na qualidade de socio correspondente.

Sala das sessões, em 17 de Julho de 1863.—*Agostinho Marques Perdigão Malheiro.—Manoel Ferreira Lagos.*

Noticia.

Luiz Antonio Vieira da Silva, filho legitimo do conselheiro senador Joaquim Vieira da Silva e Sousa e D. Columba de Sousa Gayoso Vieira da Silva, nasceu no Maranhão em o anno de 1828.

Tendo feito os seus preparatorios no Rio de Janeiro, seguiu para a Allemanha, onde foi graduado doutor em direito civil pela universidade de Heidelberg.

Regressou ao Maranhão em 1850; onde serviu de secretario do governo desde 1854 a 1858.

Foi então nomeado director geral das terras publicas; lugar que exerceu até sua extincção em 1860.

Tambem fôra nomeado terceiro vice-presidente. E
a mercê de fidalgo cavalleiro da casa imperial.

Foi deputado provincial na legislatura de 1860 a 1861

Eleito deputado geral, tomou assento desde 1861 até
de 1863, em que teve lugar a dissolução da camara
poraria.

Publicou em 1855 no Rio de Janeiro a sua —Histori
Direito Romano. E em 1862 no Maranhão a sua —Histor
Independencia da provincia do Maranhão,— offerecida
titulo de admissão ao Instituto.

Consta que tres distinctos maranhenses, a saber, o
mendador João Francisco Lisboa, o Dr. Luiz Antonio V
da Silva, e o Dr. Felippe da Motta de Azevedo Corrêa, ha
entre si concertado escreverem a historia e estatistica de
provincia natal; escrevendo Vieira da Silva desde 18
1840, pois que de tempo anterior existiam as obras de
redo, Gayoso e José de Moraes etc.; o Dr. Lisboa de 18
1850; e o Dr. Azevedo o Diccionario estatistico historic
topographico.

A prematura morte do Dr. Lisboa veio frustrar este pl

O Dr. Azevedo, porém, continúa no seu trabalho
espera publicar breve.

O Dr. Vieira da Silva publicou já a primeira parte da
—Historia da Independencia do Maranhão; e consta que
balha na continuação, (segunda parte).

A *Historia Geral* do Brasil, e por conseguinte a da indep
dencia (época gloriosa do imperio) está ainda por fazer
Para ella devem ser poderosos e valiosos auxiliares as m
graphias.

O trabalho especial do Dr. Vieira da Silva, se não abu
em juizos e apreciações, se pecca mesmo em alguns lug
por laconismo, e outros pequenos defeitos, é no entanto
de factos, e sobretudo de documentos compulsados, ex

hidos, e copiados da secretaria da provincia: é antes uma chronica; e como tal é de incontestavel merecimento. Rio, 17 de Julho de 1863.— O relator, *A. M. Perdigão Malheiro.*

A commissão de admissão de socios, tendo em devida consideração a proposta de 19 de Junho do corrente anno assignada pelo consocio o Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, é de parecer que o candidato o Sr. Frederico Francisco de la Figanière está no caso de ser approvado socio correspondente d'este instituto.

Sala das sessões, em 17 de Julho de 1863.—*Agostinho Marques Perdigão Malheiro.—Manoel Ferreira Lagos.*

Noticia.

Frederico Francisco de la Figanière, filho legitimo do conselheiro Joaquim Cesar de Figanière e Morão e D. Catharina Stuart Gilfillan, nasceu em New-York, nos Estados-Unidos, a 2 de Outubro de 1827.

Seu pai foi ministro de Portugal na côrte do Rio de Janeiro em 1838—1840. E actualmente é enviado extraordinario e ministro plenipotenciario nos Estados-Unidos.

Frederico Figanière fez seus estudos na Universidade de Paris, onde os concluiu em o anno de 1846.

Serviu como addido á legação portugueza nos Estados-Unidos, de onde passou para a de Londres (1847 a 1850).

Recolhendo-se a Portugal em 1853, voltou depois (1856), a Londres como secretario da legação. Passou depois a servir alli como encarregado de negocios interino.

Serviu depois, como secretario da legação portugueza nos Estados-Unidos (1861).

E ultimamente é secretario da legação effectivo n'esta côrte, desde 23 de Dezembro de 1862.

Foi agraciado pela Sra. Dona Maria II (de gloriosa e saudosa

memoria) com o habito de Nossa Senhora da Conceição d
Villa-Viçosa (1852).

E' socio honorario do Instituto de Coimbra (diploma d
1860).

Em 1853 publicou elle o seu—Catalogo dos manuscript
portuguezes existentes no musêu britannico.

Em 1859 as—Memorias das rainhas de Portugal—desd
D. Theresa até Santa Isabel: trabalho offerecido como titul
de admissão.

O seu auctor revela preciosas habilitações litterarias, gost
e critica, assim como paciente investigação e exame dos fat
e sobretudo de documentos: do que tudo dá evidente pro
aquelle seu importante trabalho, que, comquanto por em
não refira ao Brasil, todavia nos interessa particularmen
como tudo quanto se prende á historia da mãi patria; al
de que consta que o seu auctor pretende continual-o, co
prehendendo então nas épocas de 1500 em diante histori
nossa patria. Rio, 17 de Julho de 1863.—O relator, *A.*
Perdigao Malheiro.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro occupou a attenç
Instituto lendo a 3ª parte do seu trabalho « Os Ultimos V
reis do Brasil.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente, t
obtido a imperial venia, levantou a sessão ás sete horas e
quartos da noite.

Carlos Honorio de Figueiredo, 2º secretario suppl

DECIMA SESSÃO EM 14 DE AGOSTO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, Drs. conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Lagos, Pinheiro de Campos, conselheiro Carvalho, Claudio, Coruja, Filgueiras, Dr. Maximiano, Dr. Silva, Sebastião Soares, Cunha Mattos, Gabaglia, Borges, Moreira de Azevedo e Boulanger, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador o qual foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente declarou aberta a sessão. O 2° secretario interino Dr. Carlos Honorio, leu a acta da antecedente, a qual foi approvada. Pelo Sr. 1.° secretario Dr. conego Fernandes Pinheiro foi lido o seguinte

Expediente.

Um officio do Sr. conselheiro Candido Baptista, communicando não poder comparecer á sessão por incommodado.

Dito do Sr. presidente da provincia da Bahia remettendo um exemplar da obra—Rudimentos da nova sciencia da economia politica e moral, que o seu auctor Dr. José Ferrari offerece ao Instituto.

Carta do Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira offerecendo um exemplar do Elogio Historico do Dr. Antonio Americo de Urzedo.

Offertas.

O Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daut, por intermedio do Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, offereceu ao Instituto a obra escripta pelo Dr. Martin O'Brennan intitulada — Dissertação sobre as antiguidades da Irlanda.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa offereceu um volume da Historia e Memorias da Academia, classe de sciencias moraes, politicas e bellas letras.

A sociedade dos Antiquarios do Norte cinco numeros das suas Memorias.

O Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida o Discurso inaugural que proferiu da cadeira de historia universal do seminario archiepiscopal.

O Sr. Dr. Joaquim Antonio Alves de Brito a sua Memoria sobre o mal triste ou hematuria enzootica do gado bovino no Ceará.

O Sr. presidente da provincia do Maranhão o relatorio apresentado pelo Sr. conselheiro Campos Mello quando entregou a presidencia da mesma provincia ao seu successor.

O Instituto de Coimbra um numero do seu jornal, bem como as redacções do *Indicador Militar*, *Ensaio Philosophico Paulistano*, sociedade Academica de São Paulo.

Pelo Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos os manuscriptos seguintes:

1.° Relation historique e géographique des mines de Sardaigne; 2.° Relation sur la qualité et quantité des bois qui sont sur les côtes du royaume de Sardaigne; 3.° D'ella naturale pozizione et indole d'elle regie miniêre d'Igleseas.

Todas as offertas foram recebidas com agrado.

Ordem do dia.

Correndo o escrutinio sobre a admissão dos Srs. Dr Luiz Antonio Vieira da Silva e Frederico Francisco de Figanière, cujos pareceres haviam ficado sobre á mesa, foram approvados e proclamados socios correspondentes do Instituto.

Os Srs. Drs. Moreira de Azevedo, e Filgueiras occuparam a attenção do Instituto, o 1.°, lendo a primeira parte do seu trabalho Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro; e o 2.° alguns capitulos das suas Paginas da historia contemporanea.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente, tendo obtido a imperial venia, levantou a sessão ás oito horas e um quarto da noite.

Carlos Honorio de Figueiredo. 2.° secretario supplente.

DECIMA PRIMEIRA SESSÃO, EM 28 DE AGOSTO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy

As seis horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Candido Baptista, Freire Allemão, Joaquim Norberto, Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Coruja, Homem de Mello, Pinheiro de Campos, Lapa, Filgueiras, Moreira de Azevedo, Dr. Silva, Claudio, Sebastião Soares, Boulanger e Borges, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte :

Expediente.

Um officio do Sr. Dr. José Vieira do Couto Magalhães, presidente da provincia de Goyaz, remettendo um exemplar do relatorio que apresentou á assembléa da mesma provincia no acto de sua installação no 1° de Julho ultimo

Uma carta do Sr. Frederico Francisco de Figanière agradecendo o diploma de membro correspondente do Instituto e mostrando-se penhorado por tal honra.

Outra do Sr Henrique Gerber, offerecendo ao Instituto um exemplar da carta geographica, e das noções geographicas e administrativas da provincia de Minas, por elle ultimamente publicadas.

Os Srs. Dr. Capanema e Lagos communicam que não comparecem á sessão por incommodados.

Offertas.

Pela secretaria d'estado dos negocios da justiça foi remettido o relatorio da mesma repartição que devia ser apresentado á assembléa geral legislativa na 3ª sessão da 11ª legislatura.

Pelo Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello um exemplar da sua obra «A constituinte perante a historia».

Pelo Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, o 2° vol. das suas «Lições da historia do Brasil».

Pelo Sr. conselheiro Candido Baptista de Oliveira, alguns mappas hydrographicos; sendo parte d'estes mappas enviados pela commissão da fragata «Novara», e parte remettidos pelo Sr. ministro d'Austria.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Ordem do dia.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, obtendo a palavra, continuou a leitura do seu trabalho «Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro»; terminada esta, o Sr. presidente obtendo a imperial venia, levantou a sessão ás oito horas da noite.

Carlos Honorio de Figueiredo, 2° secretario.

DECIMA SEGUNDA SESSÃO, EM 11 DE SETEMBRO DE 1863

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

A's seis horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, marquez de Abrantes, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Silva, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Perdigão Malheiro, Coruja, Filgueiras, Claudio, Pinheiro de Campos, conselheiro Carvalho, Braz Rubim, Marques de Carvalho, Lapa, Borges, Vital de Oliveira, Moreira de Azevedo, conselheiro Freire Allemão, Cunha Mattos, Gabaglia e Figanière, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que é recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente declara aberta a sessão. Pelo Sr. 2° secretario foi lida a acta da antecedente a qual foi approvada.

O Sr. 1° secretario deu conta do expediente que constou das seguintes

Offertas.

Pela secretaria do imperio, do relatorio apresentado á assembléa legislativa de Goyaz pelo presidente da mesma provincia o Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, e o relatorio com que o Sr. Dr. Pedro Leão Velloso, presidente da provincia do Rio Grande do Norte passou a administração da mesma ao Sr. tenente-coronel Trajano Leocadio de Medeiros Murta no dia 4 de Março do corrente anno.

Pelo Sr. Dr. José Agostinho Moreira Guimarães, varios documentos que dizem respeito aos titulos e serviços do fallecido conego Januario da Cunha Barbosa.

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, o 3° volume do seu «Pequeno Panorama do Rio de Janeiro.»

Pelo Sr. Dr. Mello Moraes, o tomo 1° da 2ª parte da sua Corographia Historica.

Pela faculdade do Recife os ns. 5 e 6 do seu jornal academico intitulado « Sciencia, Patria e Liberdade. »

Pelo Sr. C. Abreu, um exemplar de sua obra « A Innocencia e o Crime. »

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. visconde de Sapucahy, participa ter no dia 7 do corrente mez, em commissão do Instituto, felicitado a S. M. Imperial, dignando-se o mesmo augusto senhor responder que se associava ao jubilo que esse dia causava ao brasileiros.

Ordem do dia.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, obtendo a palavra, terminou a leitura do seu trabalho « Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. presidente obtendo a imperial venia, levantou a sessão ás oito horas.

Dr. Sousa Fontes, 2° secretario.

DECIMA TERCEIRA SESSÃO EM 25 DE SETEMBRO DE 1863

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. conselheiro Candido Baptista de Oliveira.

Ás seis horas da tarde, achando-se presentes os Srs. conselheiro Candido Baptista, Joaquim Norberto, Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Lagos, Coruja, Dr. Silva, Cunha Mattos, Fernandes de Barros, Perdigão Malheiro, Pinheiro de Campos, Braz Rubim, Moreira de Azevedo, Sebastião Soares, Filgueiras, e Macedo, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que foi recebido com as honras do estylo. O Sr. presidente declarou aberta a sessão. Lida a acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte :

Expediente.

Participação do Sr. visconde de Sapucahy, communicando não poder comparecer á sessão por incommodado.

Officio do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo um exemplar do relatorio com que foi aberta a assembléa legislativa provincial no corrente anno.

Uma carta do Sr. secretario do Instituto dos advogados da côrte, remettendo o 2° n° da Revista do mesmo Instituto, publicado no corrente anno.

Dita do Sr. Rodolfo Wachnelds acompanhando uma «Des cripção de sua ultima viagem pela provincia de Mato-Grosso e dois mappas geographicos dos lugares da mesma provinci por elle explorados, que offerece ao instituto.

Offertas.

Pelo Sr. conselheiro Cunha Mattos, foram offerecidos o seguintes manuscriptos: 1°. Representação a S. A. Real principe regente em 24 de Agosto de 1801 pelo governado da capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, Sebastiã Xavier da Veiga Cabral da Camara, sobre a conveniencia d se crear um bispado n'aquella capitania; 2°. Mappa do rendi mento da alfandega d'aquella capitania (Rio Grande do Sul) em 1805; 3°. Tabella comparativa da renda arrecadada n mesma capitania pela provedoria em 1802, e pela junta d fazenda em 1805, acompanhando-as uma relação das despeza que se deveriam effectuar em 1806.

Pelo Sr. Henrique Fleuss, por intermedio do Sr. Lagos o quadro representando o desastre que se deu no dia 7 d Agosto do corrente anno, na fortaleza de S. João.

Pelo Sr. D. José Maria Torres Caicedo, por intermedio d Sr. D. Pascual, « Ensaios biographicos e de critica litterar ria» sobre os principaes poetas latino-americanos, e um vol de poesias intitulado «Religião, Patria e Amor».

Pelo Ensaio Juridico do Recife, o n° 2° do seu jornal.

Pelo Instituto scientifico de S. Paulo, o n° 7 da sua revista

Pelo Sr. Dr. Joaquim Antonio Alves Ribeiro um n° d seu jornal de medicina, physiologia, cirurgia, etc., intitulad a «Lanceta», impresso no Ceará.

Varios jornaes e periodicos offerecidos por diversos re dactores.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Proposta.

Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao Sr. Dr. George Martinho Thomaz, bibliothecario da bibliotheca real de Munich, auctor de varias obras interessantes, entre outras a denominada — Athlante— servindo para a historia do descobrimento da America; impressa em Munich em 1859.

Sala das sessões do Instituto, 25 de Setembro de 1863.— Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.— Foi remettida á commissão de admissão de socios.

Ordem do dia.

O Sr. Dr. Perdigão Malheiro, relator da commissão de admissão de socios leu os dois seguintes pareceres favoraveis aos Srs. Drs. Francisco Ferreira de Abreu e D. José Maria Torres Caicedo cujos pareceres ficaram sobre a mesa para serem votados na proxima sessão.

Pareceres.

A commissão de admissão de socios, tendo em devida consideração a proposta feita pelos consocios Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes, Joaquim Norberto de Sousa e Silva e Carlos Honorio de Figueiredo, é de parecer que o candidato Dr. Francisco Ferreira de Abreu está no caso de ser approvado membro correspondente d'este Instituto, attentas as suas reconhecidas habilitações scientificas, e o auxilio pelo mesmo prestado ao Instituto relativamente ao exame dos restos mortaes de Estacio de Sá. Sala das conferencias, 25 de Setembro de 1863.— *Manoel Ferreira Lagos.— Agostinho Marques Perdigão Malheiro.*

A commissão da admissão de socios, apreciando a propos do consocio A. D. de Pascual, é de parecer que o candidat D. José Maria Torres Caicedo está no caso de ser approvad socio correspondente d'este Instituto. Sala das conferencia 25 de Setembro de 1863.— *Manoel Ferreira Lagos.—Agos tinho Marques Perdigão Melheiro.*

Noticia.

D. José Maria Torres Caicedo, descendente de nobres fami milias de Hespanha, nasceu em Nova Granada aos 30 d Março de 1830. Seu pai D. Julião foi mathematico, jurisco sulto, peeta, e conhecia sete linguas. Prestou serviços rel vantes ao seu paiz, com proverbial honestidade.

Orphão de pai e mãi na idade de 4 annos, tudo quanto ve a ser e actualmente é, deve-o aos seus proprios esforços, merecimento. Formado em direito civil e canones, entrego se á nobre profissão de advogado.

Deputado ao congresso de Granada, secretario de legaçõ em Paris e Londres, secretario de uma missão extraordinari em Washington, consul de Venezuela e agente confidencia e actualmente encarregado de negocios de Venezuela e Paris e Haya, além de outros encargos que tem exercido; ta são os lugares em que tem D. José prestado serviços á s patria.

A medalha de Bolivar, a cruz de merito de Venezuela, as de S. Mauricio e S. Lazaro (Italia), são distincções q provam merito e serviços de D. José.

Cedo (aos 17 annos) começou elle na carreira litterari como poeta, como collaborador em diversos periodicos.

Em 1852 publicou o seu livro de poesias, que denomin Religion, Patria e Amor, o qual mereceu um especial elo de Jules Janin no «Journal des Debats» de 19 de Fevereiro

1862, já anteriormente de Lamartine, além do de outros escriptores da America Hespanhola.

Em 1863 publicou dois volumes dos seus — Ensaios Biograficos y de critica litteraria, — que contém noticias e apreciação das obras, vida e trabalhos dos mais illustres escriptores poetas, e homens distinctos das republicas hispano-americanas: obra, cuja apparição foi saudada com louvor no periodico «La Patrie» de 31 de Março de 1863, e na «Revue du Monde Colonial» de 15 de Abril.

O mesmo auctor tem entre mãos, e a publicar muito breve: 1° *Estudios sobro el gobierno inglez y sobre la influencia anglo-sajona*; 2° *Miscelanea de articulos politicbs, economicos, filosoficos, y literarios*; a 1ª em 2. e a 2ª em 3 volumes.

Aquella outra — Ensaios Biographicos, — promette elle continuar.

Não contente, ha D. José desde longa data redigido diversos periodicos, como, *El Progresso*, — *El Dia*, — *Nuevo eco de ambos mundos*, — *La America* (Madrid), e ultimamente em chefe o — *Correo de Ultramar* — (Paris).

D. José Caicedo jámais se esquece de que é americano, e de raça latina. Os interesses e direitos dos povos do novo-continente, a justiça da raça leo-latina mal apreciada pela sua rival, tem achado n'elle um defensor illustrado, imparcial e patriotico.

Ainda por occasião do conflicto ultimo entre o Brasil e a Inglaterra, um artigo d'esse distincto americano foi publicado no — *Correo de Ultramar* — de 24 de Fevereiro de 1863, em favor da causa do imperio.

D. José Caicedo é membro da sociedade de geographia de França, da dos economistas de Paris, da sociedade Promotora das Sciencias de Bruxellas, &c. — 25 de Setembro de 1863. O relator, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro*.

O Sr. Joaquinm Norberto, obtendo a palavra leu um trabalho intitulado Breve discussão chronologica acerca do descobrimento do Brasil, offerecido ao Instituto pelo Sr. Beaurepaire Rohan, seu auctor.

Achando-se a hora adiantada e obtida a imperial venia, o Sr. presidente levantou a sessão ás oito horas.

Dr. Souza Fontes, 2° secretario.

DECIMA QUARTA SESSÃO, EM 9 DE OUTUBRO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

Ás seis horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Lagos, Coruja, Claudio, Dr. Silva, Lapa, Vital de Oliveira, conselheiros Carvalho e Freire Allemão, Moreira de Azevedo, Gabaglia, Boulanger e Filgueiras, e sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão: lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

Expediente.

Um officio do Sr. Dr. Pinheiro de Campos, participando não poder comparecer á sessão por incommodado.

Outro do Sr. Dr. Polycarpo Lopes de Leão, presidente da provincia do Rio de Janeiro, remettendo dois exemplares d

relatorio com que abriu a sessão da assembléa legislativa da mesma provincia no dia 1° de outubro do corrente anno.

Uma carta do Sr. Dr. J. M. Latino Coelho, secretario geral da Academia Real das Sciencias de Lisboa, agradecendo, em nome da mesma, a remessa que este Instituto lhe fez de suas Revistas.

Um officio do Sr. Dr. João Carlos Pereira Pinto, agradecendo a sua nomeação de membro correspondente do Instituto.

Uma carta do Sr. José Franklin Massena e Silva, escripta de Roma, fazendo considerações e dando noticia de varias obras e documentos que dizem respeito ao Brasil e especialmente sobre a invasão hollandeza, existentes nos diversos archivos e bibliothecas d'aquella cidade de Roma, e pedindo que o Instituto lhe envie uma relação das obras que possue, a este respeito, para por ella se guiar na pesquiza de que se occupa, e extracção de cópias do que existir concernente ao Brasil, e que por ventura o Instituto já não tiver collegido.— Ficou inteirado e o Sr. 1° secretario encarregado de responder.

O mesmo Sr. Franklin remette ao Instituto por intermedio do Sr. Dr. Lapa e offerecidas por seu auctor o padre Angelo Secchi, as seguintes memorias:

1.ª Sulla constituzioni fisica del sole ragionamento letto alla Pontificia Accademia Tiberina. 2.ª La luna, discorso letto nella pontificia accademia. 3ª. Intorno alla vita e alle opere del P. Giambat ista Pianciani. 4.ª Sui recenti progressi della meteorologia 5.ª Sulle variazione periodiche d'el magnetismo terrestre. 6.ª Memoires de l'observatoire du collége romain. 7.ª Observazioni e richerche astronomiche sulla grande cometa del jugno 1861. 8.ª Intorno alla relazione che passa trai fenomine meteorologici e le variazione del magnetisme terrestre (quatro memorias). 9.ª Idem, idem, memoria 2ª.

10. Passagio del planeta Mercurio avanti al sole il giorno 12 novembro 1861. 11. Memorie del nuovo osservatorio del collegio romano. 12. Letra del P. A. Secchi a B. Boncompagni.

O Sr. Augusto Leverger, da cidade de Cuyabá, offereceu ao Instituto a cópia do mappa do rio Paraguay, por elle levantado, a qual veio acompanhada de uma carta que dirigiu ao Sr. conselheiro Pedreira concebida nos seguintes termos:

« Illm. e Exm. Sr. A commissão de redacção da Revista trimensal do Instituto teve a bondade de mandar inserir alguns trabalhos meus no trimestre do anno proximo passado.

« A estes trabalhos acompanharam mappas por mim levantados, que foram remettidos ao ministerio da marinha ha cousa de quinze annos. Alguns foram lithographados e publicados; mas creio que até agora ficou inedito o do rio Paraguay — desde a foz do rio Sepotuba até a do S. Lourenço — cuja cópia será com esta carta entregue a V. Ex.

« Em 1859 o capitão Th, Jefferson Page, da marinha americana, veio reconhecer a mesma parte do rio Paraguay com os vapores *Argentina* e *Alpha*; e é provavel que não tarde, se ainda se não tiver effectuado, a publicação da sua exploração.

« Confesso a V. Ex. que sinto não constar, de algum modo que a mesma exploração fôra feita anteriormente a 18 por um official da armada brasileira, destituido aliás dos amplos e efficazes meios de que dispunha o capitão Page. E, por este motivo, rogo ao Instituto que se sirva aceitar para a sua bibliotheca a referida cópia.

« Occorre-me ainda dizer a V. Ex. que ultimamente veio ás minhas mãos um reconhecimento da parte do rio Paraguay comprehendida entre os «Dourados» e Villa Maria feito em 1857 pelo 1° tenente da armada H. A. Baptista que declara em uma nota, ter-se *servido de alguns trab*

« *lhos que ha existentes, e principalmente* da minha carta.
« Se alguma das commissões de geographia dignar-se lançar
« os olhos sobre o trabalho do 1° tenente Baptista e o meu,
« persuado-me de que reconhecerá que não é perfeitamente
« exacta essa declaração *suum quique*.

« A honra de uma resposta será mais um favor que terei
« de acrescentar aos muitos que já devo a V. Ex.— Sou com
« o maior respeito de V. Ex. fiel servo, amigo e muito
« obrigado.— *Augusto Leverger*.— Illm. e Exm. Sr. con-
« selheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, membro da com-
« missão de redacção da Revista do Instituto Historico e Geo-
« graphico Brasileiro.—Cuyabá, 12 de Agosto de 1863.»—
Deliberou-se que fosse trancripta integralmente na acta.

A redacção do «Indicador Militar», remetteu os ns. 16, 17 e 18 do seu jornal.

O Instituto Scientifico de S.Paulo o n. 1° da 2ª serie da sua Revista.

A secretaria do imperio um exemplar do relatorio com que o Sr. Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça, presidente da provincia de Sergipe passou a administração da mesma ao 6° vice-presidente o Sr. Dr. Joaquim José de Oliveira no dia 13 de Junho do corrente anno.

O Sr. Dr. Francisco Sotero dos Reis offereceu os Commentarios de Caio Julio Cesar por elle traduzidos em portuguez.

Pelo Atheneu Paulistano o n. 13 dos seus «Ensaios Litterarios.

Todas as offertas o Instituto recebe com agrado.

Ordem do dia.

Os Srs. Drs. Lapa e Lagos mandaram á mesa a seguinte proposta: Propomos para socio correspondente do Instituto

Hitsorico e Geographico Brasileiro o Sr. padre Angelo Sch
director do observatorio do collegio romano, servindo
titulo de admissão as Memorias offerecidas ao mesmo In
tuto na sessão de hoje. Sala das sessões, em 9 de Outu
de 1863.— A qual, na fórma dos estatutos vai remetti
commissão de admissão de socios.

Em seguida votou-se sobre os dois pareceres da commis
de admissão de socios, que haviam ficado adiados, favora
aos Srs. Drs. Francisco Ferreira de Abreu e D. José Ma
Torres Caicedo, sendo estes senhores proclamados mem
correspondentes do Instituto.

O Sr. Dr. Claudio Luiz da Costa, obtendo a palavra, c
tinuou a leitura do seu trabalho sobre a fundação e progr
do Instituto dos Meninos Cégos.

Achando-se a hora já adiantada, o Sr. presidente levant
sessão depois de obtida a imperial venia.

Dr. Sousa Fontes, 2° secretario.

DECIMA QUINTA SESSÃO, EM 23 DE OUTUBRO DE 1

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERAD

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

Ásseis horas da tarde, reunidos os Srs. visconde de S
cahy, Candido Baptista, Macedo, Joaquim Norberto, co
Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, L
Pinheiro de Campos, Coruja, Lapa, Dr. Silva, Sebastião
res, Figanière, Gabaglia, Moreira de Azevedo, Borges,
gueiras e Claudio, annunciou-se a chegada de S. M. o I

rador, que é recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.° secretario deu conta do seguinte :

Expediente.

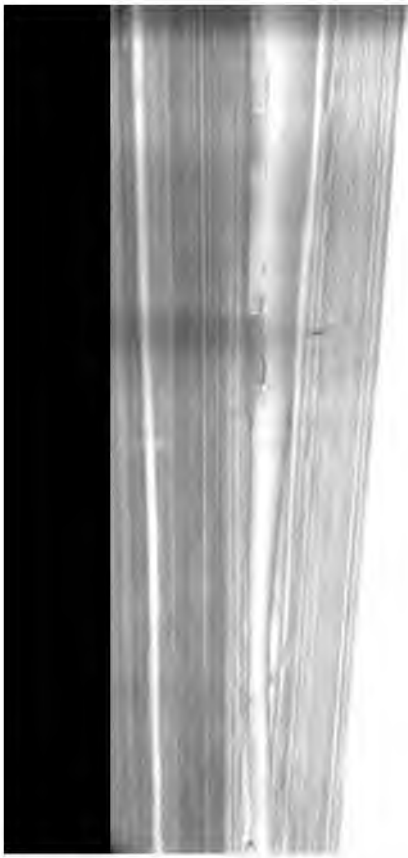
Um officio do Sr. Manoel Antonio Vital de Oliveira, communicando que tendo, por ordem do governo imperial, de sahir da côrte, afim de proseguir nos trabalhos hydrographicos da costa do Sul, deixava por isso de comparecer ás sessões do Instituto.

Uma carta do Sr. Boulanger communicando que por se achar de nojo, pelo fallecimento da senhora sua mãi, não podia comparecer á sessão.

Outro do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho acompanhando uma copia da provisão, e estatutos da fundação do seminario episcopal de S. José da cidade do Rio de Janeiro, provisão mandada passsar a 5 de Setembro de 1739 pelo bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, e os estatutos organizados pelo bispo D. José Caetano da Silva Coutinho á 30 de Março de 1813 e a 28 de Fevereiro de 1815.

Outra do Sr. A. E. Zaluar, acompanhando uma relação de varias obras que offerece, as quaes existindo n'alfandega d'esta côrte, pede que o Instituto solicite do respectivo ministro que sejam despachadas livre de direitos. O Instituto resolve que o Sr. secretario officie n'este sentido.

O mesmo Sr. Zaluar offerece um exemplar do seu trabalho intitulado=Peregrinação pela provincia de S. Paulo— e pedindo ao mesmo tempo que seja recebido como titulo para sua admissão ao gremio do Instituto. O Instituto resolveu que se remettesse a obra á 2.ª commissão de geographia para ella emittir seu juizo.



...ente anno
Pelo Sr.
Pela aca
cador Milit
Todas as

O Sr. Dr.
artigo —Bra
Terminada
oito horas da

DECIMA SEX

HONRADA CO

Presi

A's seis hor
conde de Sapu
conego Fernand

foi recebido com as honras do estylo. Aberta a sessão, lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º secretario deu conta do seguinte

Expediente.

Um officio do Sr. director do Archivo Militar, remettendo um exemplar da carta da provincia de Minas-Geraes, levantada por Frederico Wagner, gravada e impressa na officina de lithographia d'aquelle estabelecimento.

Uma carta do Sr. Dr. Silva em que agradece ao Instituto a honra que lhe fez incumbindo-o do exame e juizo acerca da obra do Sr. Zaluar, bem como supplicando dispensa de semelhante commissão á vista do lastimoso estado de sua saude, ficando restringidos os seus serviços aos trabalhos das Questões Americanas.

O Instituto attendendo os justos motivos allegados pelo Sr. Dr. Silva, ordenou que a obra fosse enviada ao membro immediato da segunda commissão de geographia.

Offertas.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo offereceu ao Instituto um exemplar da sua obra em dois volumes intitulada — Passeio pela cidade do Rio de Janeiro.

O Sr. Dr. Fernando Francisco Lessa, por intermedio do Sr. Dr. Silva, offereceu um diploma de familiar do santo officio passado a um medico do Rio de Janeiro em 1755.

A secretaria do imperio remetteu o relatorio que á assembléa provincial de Minas-Geraes apresentou no acto de sua abertura, no corrente anno, o Sr. conselheiro João Chrispiniano Soa da mesma provincia.

Diversas sociedades litterarias, e redacções de jornaes enviáram as suas ultimas publicações.

Todas as offertas foram recebidas com agrado.

Ordem do dia.

Não havendo propostas nem pareceres de commissões passou-se a segunda parte da ordem do dia; obtiveram a palavra os Srs. Joaquim Norberto, que leu um seu trabalho denominado —Hans-Staden,— e Dr. Claudio que continuou a lêr a sua historia do—Instituto dos Meninos Cegos.

A's oito horas, depois de obtida a imperial venia, o Sr. presidente levantou á sessão.

Dr. Sousa Fontes, 2° secretario.

DECIMA SETIMA SESSÃO, EM 20 DE NOVEMBRO DE 18[illegible]

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

Ás seis horas da tarde, reunidos na sala das sessões do Instituto, os Srs. visconde de Sapucahy, Norberto, Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Pinheiro Campos, Lapa, Perdigão Malheiro, Silva, Moreira de Azevedo, Pereira de Barros, Filgueiras, Claudio, Coruja, Braz Ruiz e Boulanger; annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual sendo recebido com as formalidades do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da anterior, o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

Expediente

Um aviso do ministerio do imperio, remettendo por copia, um requerimento em que D. Violante Luiza da Cunha Lisboa, viuva do commendador João Francisco Lisboa, pede lhe seja entregue um masso de papeis, contendo documentos sobre a historia do Maranhão, e outros de propriedade exclusiva de seu fallecido marido, que suppõe terem sido inadvertidamente entregues á legação imperial em Portugal com os papeis pertencentes á commissão de que se achava encarregado pelo governo imperial, o mesmo finado, e que foram remettidos com o aviso de 13 de Junho ao Instituto.

Resolveu o Instituto que se entregasse á peticionaria os papeis que reclama, visto serem de propriedade particular de seu marido.

Um aviso do ministerio d'estrangeiros, declarando ter recebido da legação do Brasil na Belgica, communicação de ter Sua Magestade o rei dos belgas se dignado aceitar o titulo de presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro que fôra unanimemente proclamado pelo mesmo Instituto. O Sr. presidente determinou que se expedisse com urgencia o respectivo diploma acompanhado dos estatutos.

Um officio do Sr. Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes, communicando não poder comparecer á sessão por incommodo de pessoa de sua familia.

Idem do secretario do club academico de S. Paulo pedindo as relações do Instituto e seu auxilio.

Idem do Sr. conselheiro Ricardo José Gomes Jardim, relator da 2ª commissão de geographia, solicitando dispensa do exame e juizo sobre a obra do Sr. Zaluar, allegando achar-se occupado com os exames da escola central, e além d'isso, ter de retirar-se para fóra da côrte afim de tratar de sua saude. — Inteirado.

Offertas.

O Sr. Dr. Perdigão Malheiro offereceu ao [illegible] exemplar do discurso, que, como presidente da [illegible] advogados da ordem, pronunciou no dia 7 de [illegible] corrente anno, acerca da illegitimidade da propriedade [illegible] Manifestou sobre o assumpto, materia de tal gravidade, [illegible] a conveniencia da abolição da escravidão no Brazil, [illegible]

O Sr. Dr. Luiz Francisco da Camara Leal, por [illegible] do Sr. Joaquim Nabuco, offereceu de seus [illegible] sobre emigração e colonisação nos publicados [illegible] ta, e sobre o impedimento que [illegible] [illegible] dos trabalhadores [illegible]

O Sr. Dr. Melo Morais [illegible] [illegible] da Bahia.

A commissão de [illegible] [illegible] [illegible]

O Sr. Augusto Leite [illegible]

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. Dr. Silva continuou com leitura do seu trabalho «Questões Americanas», em seguida o Sr. Dr. Moreira de Azevedo a Biographia do religioso franciscano Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho.

Levantou-se a sessão ás oito horas da noite.

Felizardo Pinheiro de Campos, 2° secretario interino.

DECIMA OITAVA SESSÃO, EM 4 DE DEZEMBRO DE 1863.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

Ás seis horas da tarde; achando-se reunidos no paço imperial da cidade e sala do costume os socios Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro de estado Candido Baptista de Oliveira, Dr. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, commendador Lagos, Dr. Pinheiro de Campos, Gabaglia, Coruja, Dr. Lapa, conselheiro Cunha Mattos, Drs. Moreira de Azevedo, Claudio, Silva, Maximiano e Filgueiras, annunciou-se a chegada de Sua Magestade que foi recebido com as formalidades do costume, e o Sr. presidente declarou aberta a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo communicou não lhe ser possivel comparecer á sessão por achar-se doente, e o Sr. presidente nomeou para substituil-o o Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, o qual fez a leitura da acta da antecedente sessão e foi unanimemente approvada com uma pequena observação do Sr. Coruja. O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

Expediente.

Um officio do Sr. Boulanger participando não poder comparecer á sessão por achar-se incommodado.

O Sr. Dr. Francisco Ferreira de Abreu, communica aceitar o lugar de membro do Instituto e agradecendo a nomeação, pede desculpa de não comparecer á sessão de hoje por motivos de sua profissão. — De tudo ficou o Instituto inteirado. Por parte do orador do Instituto foi apresentado o discurso, com que teve a honra de felicitar a S. M. o Imperador no dia 2 de Dezembro trigesimo oitavo anniversario de seu natalicio, e é o seguinte:

Senhor.— O Instituto Historico e Geographico Brasileiro nos envia em solemne deputação perante o throno Augusto de Vossa Magestade Imperial, para unirmos suas respeitosas felicitações ás de todos os brasileiros pelo faustoso anniversario de Vossa Magestade Imperial.

Senhor! — Entre os dias mais brilhantes e bemditosos do Brasil, ha de sempre fulgurar o dia 2 de Dezembro, em que nasceu aquelle que pelo berço, pelos sentimentos, pela sabedoria, pelo coração e pelo espirito pertence todo á patria, honra e defende o legado do Ypiranga, mantendo illesa a soberania e a dignidade nacional, escuda e sustenta a constituição do imperio, e por ella e com ella ovante marcha a frente de um povo livre na estrada esplendida das ideas emancipadoras das nações.

Senhor. — O Instituto Historico Geographico saúda a Vossa Magestade Imperial o penhor da felicidade e das esperanças da patria. Pedro II não é somente o nome do imperador, é um symbolo: quer dizer, liberdade, ordem, unidade, imperio, honra nacional, moralidade, virtude, illustração, paiz, progresso, civilisação, virtude e gloria.

Sua Magestade o Imperador agraciou-se responder [illegible] o agradecimento [illegible] os sentimentos que lhe manifestava [illegible] discurso [illegible] do Brasil [illegible].

Esta resposta foi recebida com [illegible] agrado e [illegible] profundo reconhecimento do Instituto.

Um officio do inspector da alfandega d'esta côrte, remettendo outro com um pacote, que foram encontrados no armazem de bagagem, com direcção ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Um dito, do presidente da provincia do Espirito Santo, remettendo dois exemplares do relatorio que devia ser apresentado pelo seu antecessor o Exm. Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior á respectiva assembléa provincial no corrente anno.

Um dito datado em 19 de Novembro proximo passado de Petropolis do ministro dos Estados-Unidos da America do Norte n'esta côrte, offerecendo por parte do regente da universidade de New-Yorck os volumes 19 e 20 da Historia Natural de New-Yorck, tendo já remettido os volumes anteriores.

Um dito do secretario geral da Academia Real das Sciencias de Lisboa J. M. Latino Coelho, offerecendo ao Instituto as seguintes obras que a Academia acaba de publicar—Memorias da Academia, — nova serie 1ª classe tomos 1º e 2º completos, — Idem, idem, 2ª classe, tomo 1º completo — 2º tomo 1ª parte.

Todas estas offrendas, assim como as de diversos jornaes que foram remettidos ao Instituto são recebidos com especial agrado.

Não havendo propostas, fizeram-se inscripções no livro competente para trabalhos historicos e geographicos, do anno futuro dos socios que se quizessem inscrever.

O Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro inscreveu-se para dissertar sobre a batalha dos Guararapes.

O Sr. Dr. Jeaquim Caetano da Silva para a continuação das — Questões Americanas—de que já leu alguns capitulos.

O Sr. commendador Lagos inscreveu-se para o seguinte :

1.º Continuação dos apontamentos sobre o estado de civi-

lização, industria, usos e costumes do interior da provincia do Ceará

2.° Analyse das viagens do naturalista brasileiro Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

3.° Memoria sobre as perolas que se encontram no Brasil, em parte na provincia de Goyaz.

O Sr. Dr. Pinheiro de Campos inscreveu-se para continuar no— Bosquejo de historia contemporanea do reinado de S. D. Pedro II, cuja 1ª parte já leu.

O Sr. Dr. Lapa, para — Apontamentos da biographia do fallecido Dr. Domingos Peixoto. barão de Guarassú.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, inscreveu-se para dissertar sobre este ponto — Influencia do espirito philosophico sobre espirito publico no Brasil.

O Sr. Gabaglia para escrever sobre qualquer ponto de historia e geographia, que lhe occorrer, que agora não especifica, tomando, porém o compromisso de o fazer.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo sobre historia patria.

Os mais senhores não se inscreveram porque já têem compromissos no livro, e Sua Magestade pelo vivo interesse que toma pelas letras e pelo progresso do Instituto houve por bem recommendar o cumprimento d'esses compromissos, cuja recommendação foi ouvida com profundo respeito.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente, obtida a imperial venia, encerrou a sessão depois das oito horas da noite.

Felizardo Pinheiro de Campos, 2° secretario interino

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1863

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

Ás cinco horas da tarde, achando-se reunidos na sala das sessões do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, conego Dr. Pinheiro, Carlos Honorio, Pinheiro de Campos, Coruja, Gabaglia, Moreira de Azevedo, Cunha Mattos, Lapa, o Sr. presidente abriu a sessão em assembleá geral para eleições dos membros da mesa e das commissões que devem servir no anno social de 1864, e nomeados para escrutadores os Srs. Drs. Carlos Honorio e Pinheiro de Campos, procedeu-se a eleição, sendo eleitos os Srs:

Presidente,

Visconde de Sapucahy. (Reeleito)

1º *Vice-Presidente,*

Conselheiro Candido Baptista de Oliveira. (Reeleito)

2º *Vice-Presidente,*

Dr. Joaquim Manoel de Macedo. (Reeleito)

3º *Vice-Presidente,*

Joaquim Norberto de Sousa e Silva. (Reeleito)

1º *Secretario,*

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. (Reeleito)

2º Secretario,

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes. (Reeleito)

Secretarios supplentes,

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo (Reeleito)

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (Reeleito)

Orador,

Dr. Joaquim Manoel de Macedo. (Reeleito)

Thesoureiro,

Antonio Alvares Pereira Coruja. (Reeleito)

Commissão de fundos e orçamento,

João José de Sousa Silva Rio. (Reeleito)

Conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento (Reeleito)

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

Commissão de Estatutos e redacção da Revista.

Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz. (Reeleito)

Dr. José Mauricio Fernandes Pereira de Barros. (Reeleito)

Dr. José Martins Pereira de Alencastro.

Commissão de trabalhos historicos,

Joaquim Norberto de Sousa e Silva (Reeleito)

Dr. Joaquim Manoel de Macedo. (Reeleito)

Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras. (Reeleito)

Commissão subsidiaria de trabalhos historicos,

oão Manoel Pereira da Silva.
oaquim Caetano da Silva. (Reeleito)
rancisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

Commissão de trabalhos geographicos,

nel Henrique de Beaurepaire Rohan. (Reeleito)
Guilherme Schüch de Capanema. (Reeleito)
da Costa Rubim.

Commissão subsidiaria de trabalhos geographicos,

selheiro Ricardo José Gomes Jardim. (Reeleito)
Giacomo Raja Gabaglia. (Reeleito)
tão Tenente Manoel Antonio Vital de Oliveira. (Reeleito)

Commissão de archeologia e ethnographia,

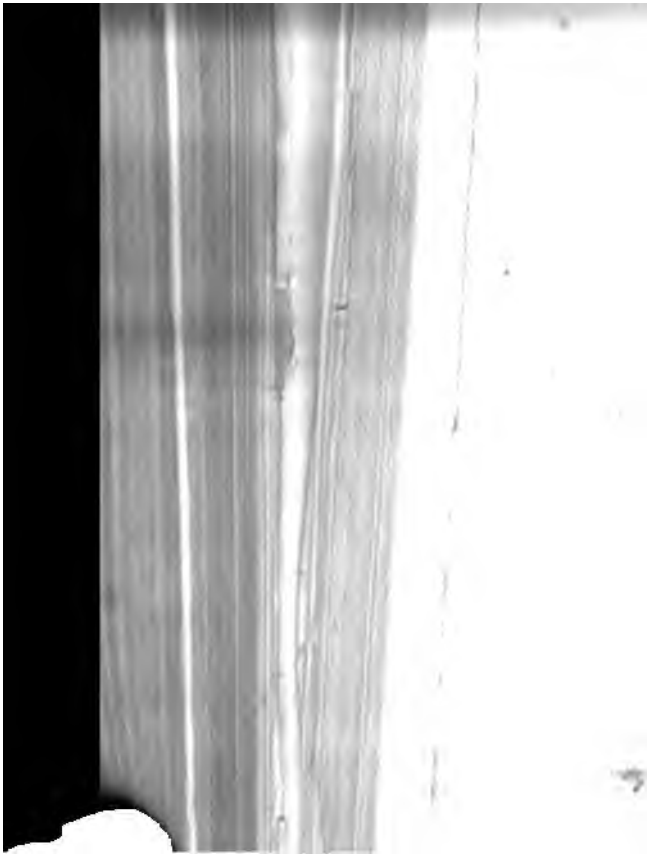
selheiro Francisco Freire Allemão. (Reeleito)
Claudio Luiz da Costa. (Reeleito)
Felizardo Pinheiro de Campos.

Commissão de admissão de socios,

Agostinho Marques Perdigão Malheiro. (Reeleito)
mendador Manoel Ferreira Lagos. (Reeleito)
Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

Commissão de pesquiza de manuscriptos,

selheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos. (Reeleito)



Dr. L
Sebas

Termi
tuto ent
da tarde.

Ca

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil

No dia 15 de Dezembro de 1863.

DISCURSO

DO PRESIDENTE O SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Senhores. — Os suffragios benevolos de meus illustres consocios ainda uma vez me collocaram n'esta cadeira, para, em cumprimento da lei organica do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro, abrir a sessão anniversaria commemorativa de sua inauguração e regeneração.

Não é este acto solemne simples festa natalicia, imaginada com o unico fim de mutuas congratulações pela vida e duração da sociedade : seria isso uma solemnidade, se não frivola, ao menos de duvidosa utilidade. Outro foi o pensamnto dos collaboradores dos estatutos, revelado por suas proprias disposições.

Cumpre aquelles a quem a sociedade commetteu a importante superintendencia dos seus negocios dar contas do honroso mandato que aceitaram.

Releva outro sim que o publico brasileiro tenha conhecimento do estado da associação, e do modo como se ha esta reunião de amigos das letras no nobre intento de grangear honra e nome para a nação.

No longo estadio de mais de um quarto de seculo percorrido de primeiro entre espinhos e difficuldades, o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro, com o auxilio poderoso de seu augusto immediato protector, tem conseguido entrar em uma carreira desempeçada e gloriosa.

As provas d'esta asserção, no que respeita aos annos anteriores, foram opportunamente exhibidas em suas respectivas épocas, e se acham estampadas nas paginas da *Revista Trimensal*.

Quanto ao espaço que medêa entre esta e a ultima sessão anniversaria, tereis d'aqui a pouco no bem elaborado relatorio do illustrado 1º secretario e no eloquente discurso do prestante orador, amplissimas e cabaes informações.

Vereis quanto o Instituto se esmera no louvavel empenho de continuar a merecer a consideração e confraternidade dos sabios nacionaes e estrangeiros, e especialmente a benevolencia, nunca adormicida, de seu augusto protector, que, não contente com dispensar tantos favores á associação, dignou-se hoje, com sua imperial presença e de S. M. a Imperatriz, honrar esta sessão, accrescentando assim os motivos de nossa devoção e profundo reconhecimento.

RELATORIO

DO PRIMEIRO SECRETARIO O SR. CONEGO DOUTOR JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO.

Senhores. — E' sempre com um sentimento de jubilo travado de temor que vos dirijo a palavra n'este dia, para nós de tão grata recordação. Folgo por ver o nosso Instituto, através de um quarto de seculo, lançar profundas raizes no sólo da patria, e receio-me da debilidade das minhas forças, instruindo-me a consciencia do quão indignamente hei correspondido á honrosa confiança que em mim depositastes. Habituado porém a olhar para a vossa indulgencia como seguro apanagio, d'ella ainda hoje escudo-me para ser benignamente ouvido.

Circumstancias imprevistas fizeram com que mais cedo do que de costume começassem este anno as nossas sessões, que com a maior regularidade foram celebradas, jámais faltando-lhe a imperial assistencia, que de tanto prestigio a circumda, dentro e fóra do paiz.

Vasta foi a messe colhida no campo das letras, e não poucos obreiros trouxeram-nos as pareas do seu talento e proveitosa erudição. Ouvimos interessantes leituras, cujo breve elencho passo a numerar, com risco de desbotar-lhes o frescor, stenographando-as em minha tosca phrase.

No louvavel empenho de arrancar do olvido factos que constituirão no porvir immorredouro padrão de nossa época,

proseguia o Sr. Dr. Claudio Luiz da Costa na leitura da *Historia do Imperial Instituto dos Meninos Cégos*, que tão intelligente e caridosamente dirige, escasseando-se-lhe o tempo para chegar á conclusão do seu trabalho. Havendo anteriormente emittido a seu respeito o meu mesquinho juizo, a elle inteiramente me reporto.

O nosso erudito consocio o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva occupou por duas vezes a attenção do Instituto com a leitura da 2ª parte das suas *Questões Americanas*, consagrada ao exame philologico da palavra — *Brasil*. — Juntando singular perspicacia á longa paciencia que outr'ora tanto distinguiu os discipulos de S. Bento e de S. Mauro, pôz o nosso sabio collega em contribuição todos os subsidios que lhe puderam ministrar as linguas e dialectos da Europa e da Asia, consultou profundos orientalistas, e em seu ardente zelo pela sciencia, que fructuosamente cultiva, foi até esmerilhar nos armazens dos mercadores de páos de tinturaria, nas officinas dos molinheiros e extractadores, as significações technicas do vocabulo estudado, chegando após laboriosas indagações aos seguintes corollarios: Que a palavra — Brasil — tem sua etymologia no termo *Brazé* do dialecto genovez, por sua vez oriundo do veneziano — Verzé, — onde se entroncam os vacabulos francezes *Brésil*, *Brisil*, *Berzil*. Para completar a serie de suas pesquizas, propoem-se o douto escriptor examinar a importancia philologica do vocabulo veneziano, assignado como manancial de todas as derivações anteriormente já estudadas.

Anno algum se passa sem que o nosso prestimoso 3º vice-presidente deixe de constituir o secretario do Instituto o grato dever de proclamar seus novos triumphos alcançados na campanha das letras. Duas vezes tivemos a satisfação de ouvil-o: a primeira communicando-nos o 4º capitulo da sua magistral *Historia da conjuração mineira de* 1789, e a se

gunda na *Analyse da viagem de Hans-Stadens*. Abundando nas considerações que havemos feito por mais de uma vez quanto ao merito intrinseco e á elegante fórma do primeiro d'estes trabalhos, julgo-me dispensado de repetir, com ligeiras variantes, minhas antigas e inalteraveis convicções.

Semelhante a esses infatigaveis operarios cujos honestos ocios são á novos onus destinados, o Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva achou tempo para seguir as pisadas do audacioso hamburguez, que embrenhando-se em nossas virgens florestas, e convivendo com os anthropophagos tupinambás e tamoyos, tantos e tão curiosos pormenores colheu dos seus habitos, usanças, lingua e tradições. Com a proficiencia que o caracterisa, rectifica as inexactidões do primitivo viajante, buscando descobrir a correspondencia entre os nomes de lugares e acontecimentos infielmente reproduzidos com a genuidade dos factos e das denominações geographicas. Intuitivo é o valor de semelhante monographia, cuja derradeira parte opulentará o espolio litterario do proximo peryplo academico.

Perfunctoriamente discutido pelo Sr. coronel H. de Beaurepaire Rohan, foi um ponto chronologico de magna transcendencia, porquanto vem conciliar contradictorias e auctorisadas opiniões, e fixa com mathematica precisão a primeira das nossas datas historicas.

N' uma memoria endereçada ao Instituto, e lida em sessão de 25 de Setembro pelo Sr. Norberto, exhuberantemente demonstrou o nosso laborioso consocio que a discordancia das datas de 22 de Abril e de 3 de Maio, que encontramos nos mais acreditados chronistas e historiadores do Brasil, provém de haverem seguido estes diversa chronologia, servindo-se uns do calendario juliano e outros da correcção gregoriana, que só, pelos fins do XVI seculo começára a vigorar.

Produziu a differença de onze dias que se nota entre um e outro calendario o resultado que todos nós conhecemos,

mas cuja explicação constituia um enigma que por largo tempo aguardou o seu Œdipo.

Convencido de que a historia de um paiz deve ser escripta ao passo que se fôrem desdobrando os acontecimentos, leu o Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, em uma das sessões do Instituto, o seu *Bosquejo Historico do reinado do Sr. D. Pedro II desde o sua maioridade até a época actual*.

A natureza do assumpto e o temor que me acompanha de requeimar a penna na lava ardente de apreciação dos factos contemporaneos, veda-me de aquilatar, como devêra, o trabalho do nosso illustrado collega.

Por algumas sessões occupou o Sr. Dr. Moreira de Azevedo a attenção do Instituto com a leitura da sua memoria intitulada *Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro*.

Circumscrevendo-se a um limitadissimo circulo por falta de seguros dados que lhe permittissem amplial-o, entregou-se o nosso diligente consocio a um minucioso estudo das peripecias por que teve de passar na cidade de Mem de Sá o maravilhoso invento de Faust e Guttenberg. Rende os devidos encomios ao benemerito conde de Bobadella, que, rompendo os diques da suspeitosa politica colonial, animou os tenazes esforços de Antonio Izidoro da Fonseca, protomartyr da imprensa brasileira.

Desde a *Gazeta do Rio de Janeiro*, balbaciante verbo do jornalismo, até as publicações contemporaneas, nenhuma gazeta, ou periodico deixou de passar pelo campo de seu kaleidoscopo, nenhum deixou de merecer-lhe um estudo mais ou menos detido. Bem haja o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, que dedicando a tão arduas pesquizas os poucos momentos que lhe sobram de sua afanosa existencia, busca arrancar á voracidade do tempo os padrões da nossa historia.

Como se ainda não fôra sufficiente o tributo de actividade e talento pago ao Instituto pelo novo adepto, fez-nos pender

de seus labios. na penultima sessão, a narrativa dos serviços prestados á religião e á patria pelo eximio franciscano Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho, primeiro elo d'essa magnetica cadeia de oradores sagrados que fizeram esquecer a principe illustrado e piedoso a colorida e varonil palavra de Agostinho de Macedo.

E' sobre o campo dos grandes homens que se devem plantar as flôres de um esperançoso futuro; a pura, ainda que tardia homenagem, paga aos bemfeitores da humanidade, é o mais poderoso e fecundo incentivo de novas e brilhantes acções.

Esperançado de que o Instituto, á semelhança do caudaloso Nylo de que nos falla o Pindaro Luzitano, não desprezaria o pobre feudo de incognito regato, tambem lhe trouxe o contingente dos meus lazeres, tambem mereci-lhe momentos de honrosa e animadora attenção.

Para assumpto do meu estudo escolhi o governo dos vicereis, que empunharam o bastão do mando nas margens do Guanabara. Começando pelo conde da Cunha, benigno executor de crueis ordens, examinei sucessivamente as administrações do marquez do Lavradio, espirito elevado, e Luiz de Vasconcellos, alma generosa, que identificando-se ambos com a sorte do paiz que lhes fôra dado para governar, deixaram na memoria dos fluminenses burilados seus preclaros nomes. Forçou-me a deficiencia de tempo o quedar-me n'este ponto, esperando mais tarde proseguir em minhas indagações.

Para cada lidador que succumbe na batalha da vida busca o Instituto um successor; e no renhido prelio que com a morte trava, por vezes consegue fazer sobrepujar o numero dos novos adeptos ao dos socios fallecidos.

No livro de ouro da nossa associação registrámos o excelso nome de um soberano, cujo voto no conselho das nações pesa mais do que o gladio da violencia. S. M. o Sr. Leopoldo I,

rei dos Belgas, dignou-se de annuir á supplica que lhe endereçámos, de ser nosso presidente honorario, sendo em sessão de 20 de Novembro solemnemente proclamado com as formalidades costumadas.

Depois de tão augusto personagem seguem-se os nomes dos seguintes cavalleiros: João Carlos Pereira Pinto, autor de uma erudita Memoria sobre os limites do Brasil com a Bolivia, acompanhada de valiosos documentos; Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, que, historiando a independencia do Maranhão, comprehendeu a missão do analysta sem abdicar a do litterato; Frederico Francisco de Figanière, que por seus trabalhos bibliographicos e as importantes Memorias das minhas de Portugal, revelou-se digno herdeiro de um appellido tão caro aos que nas duas margens do Atlantico fallam a lingua de Camões; D. José Maria Torres Caicedo, nobre paladino de raça neo-latina, melodioso poeta, elegante e fecundo prosador, que com tanto brilho mantém no velho continente a dignidade da patria americana; e por ultimo o conhecido e estimado professor da nossa faculdade medica Dr. Francisco Ferreira de Abreu que já antes de pertencer ao nosso gremio tão eminentes serviços nos prestára, chimicamente analysando os ossos de Estacio de Sá.

A mór parte das propostas submettidas á consideração do Instituto versaram sobre a admissão de novos socios, recebendo quasi todas a sua inteira adhesão. Destaca-se, porém, d'essa uma sobremodo importante, não só pela sua materia, como pelas circumstancias que a acompanharam: refiro-me á idéa aventada pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, para que houvesse no Instituto um livro com o titulo *Fastos do feliz e glorioso reinado do Sr. D. Pedro II*, no qual se deverão escrever todos os factos de importancia politica, moral e religiosa, relativos ao mesmo reinado, avaliados a juizo prudente do Instituto.

Remettida á primeira commissão de historia, apresentou ella em sessão de 8 de Maio um luminoso parecer abundando em considerações de ordem mui elevada, e mostrando a todas as luzes os inconvenientes que enxergava em constituir-se o Instituto contraste de factos que por contemporaneos não podem ser com imparcialidade julgados, e terminava propondo que fosse archivada a proposta do nosso collega: alvitre este por grande maioria adoptado.

Ao nunca desmentido zelo do nosso benemerito thesoureiro devo o Instituto o prospero estado do seu cofre, que lhe permittiu não só fazer face ás suas normaes despezas, como ainda a algumas extraordinarias, taes como as da solemnidade da trasladação dos ossos de Estacio de Sá, e a da acquisição de 74 obras formando 142 volumes. Grande totalidade d'estas obras foi comprada em Lisboa por preços relativamente infimos, graças á solicitude do nosso dignissimo socio correspondente o Sr. commendador Jorge Cesar de Figanière, a quem n'este solemne momento reitero os votos de gratidão que lhe exprimi em nome do Instituto.

Com a maior regularidade tem sido publicada a nossa *Revista* que já por esse motivo, já pela crescente importancia de suas publicações, vê annualmente augmentar-se o numero dos seus assignantes. Hei envidado todos os esforços para terminar a reimpressão dos volumes que nos faltam, e nutro grata esperança de que no anno proximo vindouro possamos terminar esse trabalho, completando dest'arte as collecções da mesma *Revista*, avidamente solicitadas pelas academias e sociedades estrangeiras.

Mediante o auxilio dos empregados, que continuam a bem merecer do Instituto, em dia se acha a nossa correspondencia e todos os trabalhos accessorios ao expediente.

Em cumprimento do meu dever, esforcei-me por manter as relações scientificas e litterarias com todas as associações

comnosco fraternaes relações.

Continuamos a receber dos altos poder
santes provas de estima e consideração, j
nevolamente ás nossas tão justas requisiçõ
nos abundantes subsidios para os fins da
Recebam todos os sinceros votos de recon
tituto por seu obscuro orgão.

Crescido foi o numero de obras e manusc
particulares recebeu o Instituto, das quae
nha, mencionando as que mais especial
esphera dos nossos estudos, sem que por
trar-se o Instituto menos penhorado p
omittidas.

As *Lições de Historia do Brasil* do dign
materia no imperial collegio de Pedro II
orador, offertadas por elle ao Instituto, sã
de seu brilhante talento, mais uma gri
louros que lhe adornam a fronte. Respin
copiosa seára dos nossos annaes, coorden
e mestria, exhibindo n'um só quadro o n
painel de nossa historia.

Ao mesmo illustre escriptor devemos a
interessante obra de lavra sua, denominad

por novas e brilhantes faces, fez homenagam ao Instituto da sua recente producção intitulada *A Constituinte perante a Historia*. Através da atmosphera inflammada dos eventos quasi contemporaneos, arrojou-se o Sr. Dr. Marcondes Homem de Mello, e ousou congregar para o Josaphat da posteridade os venerandos vultos que voltêam em torno da nossa primeira assembléa politica. Felicito o nosso collega pela sua bella composição, e muito mais por não haver ella passado desapercebida, como sóe de acontecer entre nós ás mais patrioticas e succulentas obras.

Trazendo ao lume publico as *Trese Cartas Chilenas*, attribuidas a um dos poetas da florescente escola de Villa-Rica, prestou o Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga relevante serviço á nossa historia litteraria. Fallece-me os dados para emittir voto em assumpto em que se empenháram adestrados paladinos.

Nosso sabio e prestimoso consocio o Sr. Dr. Martius remetteu-nos uma obra sua em que de ha muito trabalhava. Refiro-me aos *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Se o severo esmeril da critica póde encontrar algumas imperfeições em trabalho de tão longo folego, pede a justiça que reconheçamos as difficuldades com que teve de lutar o nosso illustre consocio, e o nobre empenho que manifestou de ser mais uma vez util ao paiz, que, depois do seu, estremecidamente ama.

Continúa a obsequiar-nos o Sr. Dr. Mello Moraes com a pontual remessa dos seus trabalhos historicos e biographicos. A' 1ª serie pertence o 1º volume da 2ª parte da sua *Corographia Historica*; e a ultima a *Biographia do Exm. Sr. barão de Cayrú*.

Os valiosos e rarissimos documentos de que estão repletas estas duas obras revelam o zelo com que seu auctor busca arrancar do esquecimento memoraveis factos dos nossos annaes.

briand e de Cooper, tantos e tão vivos
da esplendida natureza americana.

Entre os trabalhos geographicos offe
commendam-se ás *Noções Geographicas*
Provincia de Minas Geraes, pelo Sr. H
perfeito conhecimento das localidades e
que se acha revestido o seu auctor, assi
como um dos mais importantes que sobre
se tem elaborado.

Muitos mappas, cartas, planos e pl
decurso de nossas sessões; valiosas da
geral e provincial, ou de generosos part

Eis, senhores, o breve e mal alinhado
lhos do Instituto Historico e Geographic
social que hoje finda.

DISCURSO

DO ORADOR O SR. DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

Não é raro ver-se disfarçada no panegyrico dos mortos a lisonja incensadora dos vivos, então o thuribulo se colloca sobre o tumulo; mas o fumo odorifero se lança para longe do jazigo. A adulação é sacrilega: derrama o seu veneno até no pó das sepulturas.

Todavia, ninguem ousará confundir com os louvores tecidos pelo calculo do lisongeiro o elogio que, nascendo da consciencia e firmando-se na verdade, é o cumprimento de um dever de honra que se desempenha com honra.

O elogio academico de um finado não póde ser uma biographia escripta com toda a severidade dos preceitos da historia, porque n'esta deve sómente fallar a justiça e n'aquella podem desafogar-se a estima e a saudade; em uma a imparcialidade sentencia, no outro a gratidão paga um tributo; sentença e tributo porém que são igualmente generosos e nobres quando nascem da consciencia e firmam-se na verdade.

Os elogios justos, diz Voltaire, são um perfume que se reserva para embalsamar os mortos.

A familia que em vestes de luto visita a sepultura onde um dos seus descansa dormindo o somno da morte, lembra saudosa os dotes e o merecimento do parente perdido, e, ou não recorda seus erros, ou, se os recorda, desculpa-os: a familia não julga, louva.

E como a familia, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, commemorando annualmente aquelles dos seus membros que passaram á eternidade, paga uma divida sagrada de reconhecimento na recordação das virtudes e dos serviços d'esses benemeritos, e nem pudera erigir-se em presumido Minos de homens vivos ainda hontem, tentando invadir a alçada dos vindouros que haviam de annullar-lhes as sentenças. No grande tribunal da historia os contemporaneos dos varões notaveis são apenas testemunhas, e o juiz é sómente a posteridade.

Aquelles que com rigor desabrido têem visto só parcialidade e lisonja n'estas honras modestas que prestamos aos nossos consocios finados, já talvez plantaram cyprestes junto de alguns tumulos, cobrem de saudades e perpetuas em um dia solemne do anno algumas sepulturas, e tambem já escreveram na eloquente concisão de alguns epitaphios o elogio dos seus parentes e amigos mortos.

Commemoremos pois os nossos finados. Falle a verdade no elogio d'elles, e basta.

No anno de 1863 perdemos seis dos nossos consocios.

Desappareceram da afadigosa e ardente scena politica dos vultos notaveis, os conselheiros Sebastião do Rego Barros e Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, ambos distinctos membros do nosso Instituto.

Sebastião do Rego Barros, filho legitimo do coronel Francisco do Rego Barros e de D. Maria Anna Francisca de Paula Cavalcanti de Albuquerque, nasceu na provincia de Pernambuco a 1[illegible] de Agosto de 1803.

Destinado a carreira militar, teve praça de cadete em Setembro de 1817: aos ouvidos de menino soldado tinham acabado de soar os brados de uma revolução que rebentara, hasteando uma bandeira de nacionalismo e de liberdade, e a seus olhos corria então a jorros o sangue dos vencidos. Qua-

tro annos depois joven de 18 annos, pagou um nobre tributo ás idéas liberaes excitadas pela revolução de Portugal, sendo pelo governador Luiz do Rego mandado preso para Lisboa, onde, solto em breve, pediu e teve licenca para seguir na Uuiversidade de Coimbra o curso de sciencias mathematicas e philosophicas; mas a independencia do Brasil accendeu em 1823 perigosos ciumes entre os estudantes brasileiros e portuguezes da celebre universidade, e Sebastião do Rego passou a concluir os seus estudos em França; no anno de 1825 fez uma viagem á Allemanha, e em 1826 recebeu o grão de bacharel em mathematicas na Universidade de Göttingen, e em Dezembro do mesmo anno saúda a terra da patria, cujas auras respira de novo.

Vindo ao Rio de Janeiro, Sebastião do Rego Barros obtem passagem do corpo de caçadores a que pertencia para o de engenheiros, e com a patente de capitão volta á sua provincia que altamente o distingue, elegendo-o seu deputado á assembléa geral.

Tomando assento na camara temporaria em 1830, o nosso digno consocio começa então a sua vida politica, que só terminou no dia da sua morte.

A excepção da legislatura de 1845 e da de 1848, aliás dissolvida no mesmo anno, Sebastião do Rego Barros teve sempre uma cadeira no parlamento brasileiro, e n'elle foi um dos mais influentes dos deputados de Pernambuco. Sem possuir notaveis condições para brilhar na tribuna, era, quando fallava conciso e energico, e sempre ouvido com attenção.

Foi duas vezes ministro da guerra: em 1837, em uma época difficil e dolorosa, em que a rebellião talava os campos do Rio-Grande do Sul, e erguia o collo em outras provincias, e em 1859, quando certamente já desde alguns annos a ordem publica tinha como tem as mais solidas garantias no espirito e no coração de todos os brasileiros, mas ainda gra-

vissimas questões se debatiam na arena da economia politica. Foi tambem presidente da provincia do Pará desde 1853 até 1856, e tanto nos ministerios como no governo provincial conquistou bem merecida reputação de administrador activo, zeloso e probo.

Desempenhou ainda com esmero importantes commissões que o recommendaram á gratidão do paiz. Em 1831 foi nomeado commandante geral dos guardas municipaes da côrte: assustadoras, criticas eram então as circumstancias: ao dia 7 de Abril succedera o que o eloquente conde Louis de Carné chama o tormento das grandes perplexidades e das longas incertezas: a nobre e gloriosa abdicação do primeiro imperador, e a gloriosa e nobre dedicação do partido liberal victorioso poderiam não ser sufficientes para salvar a monarchia constitucional e a integridade do imperio: ellas o foram; mas houve horas e dias dos mais profundos abalos: o exercito indisciplinado fôra milagrosamente dissolvido sem consequencias desastrosas; a guarda nacional, que devia tornar-se admiravel pela sua fidelidade e pelo seu patriotismo, ainda não estava creada. Os guardas municipaes da côrte foram chamados a cumprir a mais honrosa, brilhante e arriscada tarefa na capital do imperio; a escolha do commandante d'esse corpo foi um titulo de gloria para o nomeado.

Em 1850 annunciava-se proxima a guerra a que por tanto tempo nos provocava de Palermo o dictador de Buenos-Ayres, e o governo imperial incumbiu ao nosso digno consocio a difficil commissão de contratar na Europa as tropas estrangeiras, que effectivamente vieram ganhar com os nossos bravos os louros de uma campanha libertadora de povos oppprimidos, e demonstradora do desinteresse, da civilização e da honra do Brasil.

Depois de tantos trabalhos e serviços relevantes, o nosso distincto consocio, agraciado pelo Imperador, sempre consi-

lerado pelos seus comprovincianos, e justamente apreciado por todos os seus compatriotas, quando se preparava para prestar novos tributos de civismo e amor á patria, vigoroso ainda, apesar do labor e dos annos, teve de dobrar a cerviz ao golpe da morte, e lá descansa na terra nobre de Pernambuco.

Sebastião do Rego Barros foi um cidadão prestante, e administrador desvelado: sobretudo uma unica e simples palavra faz o seu mais bello elogio, exprimindo uma verdade, que nunca foi contestada, nem pelos seus adversarios politicos nas mais ardentes lutas das paixões dos partidos. Sobre a campa que cobre os restos mortaes d'esse homem, ninguem talvez escreveu ainda essa palavra, mas todos a lêem sem que esteja escripta: essa palavra é — *probidade.*

Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos filho legitimo do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos e de D. Maria do Carmo Barradas, nasceu a 28 de Dezembro de 1812 em Villa-Rica, ulteriormente cidade do Ouro Preto, e na sua provincia natal fez com distincção os seus estudos de humanidades.

Em 1831 o esperançoso estudante matriculou-se na academia juridica de S. Paulo, e ahi recebeu o gráo de bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas em 1835, tendo portanto pertencido a essa pleiade brilhante de jovens talentosos, muitos dos quaes tiveram como elle de subir ás mais altas posições do Estado.

De volta á sua provincia, e entrando logo na vida publica, Francisco Diogo não descansou mais um dia. Obreiro infatigavel e dedicado, trabalhou no monumento da patria desde 1836 até 1863, prestando importantes serviços na magistratura, na administração e na politica.

Nomeado juiz municipal e de orphãos do termo do Ouro Preto, passa logo a exercer o lugar de juiz de direito substi-

tuto da comarca de Parahybuna, e em 1839 é despacha juiz de direito da comarca do Rio das Mortes. No anno s guinte o voto dos seus comprovincianos o leva á assemblé provincial de Minas Geraes, na qual, em diversas legislatur occupa dignamente a cadeira da presidencia.

Em 1842 Francisco Diogo é pela sua provincia eleito dep tado á assembléa geral legislativa, sendo depois constan mente reeleito, menos em 1844 e 1848, em que aliás l coube a supplencia proxima, tendo por isso sempre asse na camara temporaria, apenas com interrupção do an de 1845.

Em 1843 é nomeado segundo, e posteriormente primei vice-presidente da provincia de Minas-Geraes.

Em 1844 é removido para juiz de direito da segunda v crime do Pará.

Duas vezes é chefe de policia da sua provincia natal, 1842 a 1844, e em 1859, passando a sêl-o do municipio côrte no anno seguinte.

Presidente de Minas-Geraes de 1853 a 1856, vai n'e anno presidir a provincia de S. Paulo; e no seguinte, te sido eleito deputado pelo 1° districto de Minas-Geraes, to assento na camara a 3 de Maio, e no dia immediato mere honra de ser chamado aos conselhos da corôa, e é ministr justiça até quasi o fim de 1858; um anno antes sua provi o apresentára em uma lista sextupla para senador, e Magestade o Imperador o elevára á camara vitalicia por creto de 4 de Novembro de 1857.

Em 1861 é nomeado juiz dos feitos da fazenda naciona primeira instancia e no anno seguinte outra vez presid da provincia de Minas-Geraes, torna a ver e a saudar a t do berço, da infancia, da juventude, a terra dos sonhos rados, e do amor, a terra do coração; torna a vêl-a, da-l ultimo sorrir da vida e morre.

Desde algum tempo a saude do conselheiro Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos achava-se profundamente alterada, e os amigos d'este prestante varão previam com acerba magoa que proximo estava o termo de seus dias. O illustre mineiro, aceitando a presidencia da sua provincia, como que cedeu a um impulso mysterioso que o levou a morrer onde tinha nascido. A cidade do Ouro-Preto que lhe déra o berço deu-lhe a sepultura. Mickiewicz, o poeta polaco, descrevendo no seu poema de Thadea as florestas da Lithuania, repete uma legenda popular, segundo a qual as aves e os animaes nascidos n'aquelle deserto immenso, quando sentem que se approxima o seu fim, embora muito longe estejam, voam ou correm para morrer no seio umbroso do patrio sanctuario. Eis, diz Mazade, a imagem tocante e poetica d'esse instincto que nos faz desejar dormir o ultimo somno na terra natal.

Tal foi o homem que perdemos: na magistratura, juiz recto e honrado; na alta administração, habil, moderado e activo, mostrou-se no parlamento e no governo capaz de carregar com o peso da reputação do seu nome.

E o seu nome era em verdade cheio de recordações que poderiam esmagal-o: porque ha nomes que despertam comparações, que abatem o homem da actualidade com o prestigio e a fama do homem do passado, nomes emfim que o mundo sobrecarrega de imposições e deveres; porque são legados de gloria, e os legados de gloria são como o sol que deslumbra e offusca radiante aquelle que não tendo olhos d'aguia para fital-o, não póde merecer o verso de Petrarca:

E quanto il mira piu, tanto piu luce.

Francisco Diogo era irmão de Bernado Pereira de Vasconcellos, o mais aulado e sagaz, e um dos mais profundos dos estadistas e dos parlamentares brasileiros, e nunca podia

olhos a pouco amortecidos, e no sembla
enfermidade, quebrar lanças com os ma
versarios, e vibrar contra elles os raios
ou do ridiculo mais pungente.

O nosso distincto consocio não foi ne
profundo, nem tão audaz e sarcastico n
irmão, foi porém mais nobre na palavra,
certame, mais louvavel nos sentimentos,
da argumentação e na energia da defesa
fazer sorrir de orgulho a sombra que a s
acudindo ao seu nome.

Francisco Diogo foi sobretudo recomm
destia e pela sua probidade: a sua mod
que falla Boiste, a verdadeira que não s
cabeças vigorosas e nas grandes almas.
tinha o merito do esforço, tinha o encan
ingenito: elle era probo como a flor é od
essa veneranda qualidade pela vida simpl
sempre viveu e pela pobreza em que mo
annos passados nas mais altas posições s

E devemos fallar da probidade exem
dos nossos servidores do Estado: nós os
trangeiro que anda esmerilhando aleives
e satyras, artigos apaixonados da imprensa
ex-ravados lutadores políticos para [illegible]

no registro da corrupção não deslustra a nossa historia, ou todas as historias estão deslustradas: as manchas do sol não desmentem o brilho do luminoso astro; e não ha nação, como o Brasil, onde os ministros, os altos funccionarios, e os empregados publicos sejam mais mesquinhamente pagos, e onde menos vezes se vejam escandalos de prevaricação, e onde mais vezes se vejam gloriosas agonias em duros leitos de pobreza e de miseria, admiraveis embora tristes paineis, em que o leito da miseria é um throno, sobre o qual fulgura a magestade da honra.

Morreu este anno na Europa o nosso digno consocio o conselheiro Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva, que depois de trinta annos de activo serviço, e tendo sido por ultimo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Imperio do Brasil em Roma, fôra aposentado, descansando na velhice e á sombra da gratidão nacional dos seus longos e notaveis trabalhos, primeiro na secretaria dos negocios estrangeiros e em seguida na diplomacia.

Justamente, apreciado pelo nosso governo, e pelos governos de diversas nações do velho mundo, este zeloso servidor do Estado mereceu e teve as provas mais solemnes de elevada consideração, como o attestam as graças com que foi honrado. O nosso consocio era commendador da ordem de Christo e da Imperial da Rosa, official da Imperial do Cruzeiro, e tinha ainda a carta do conselho, e mais a commenda da muito nobre e antiga ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito de Portugal; a commenda da Legião de Honra de França, a grã-cruz da ordem Pontifical de S. Gregorio Magno, sendo tambem cavalleiro da ordem de Malta.

Tambem longe da patria, e ainda na Europa, na cidade de Lisboa chegou a sua hora derradeira e baixou á sepultura um outro nosso consocio o estimado litterato e habilissimo es-

criptor João Francisco Lisboa, em quem a nobreza do co
ção igualava a robustez da intelligencia.

João Francisco Lisboa nasceu na freguezia de Nossa S
nhora das Dôres do Iguará, na provincia do Maranhão, a
de Março de 1812: foram seus pais o agricultor João Franc
de Mello Lisboa e a Sra. D. Gertrudes Rita Gonçalves M
que ainda vive e cuja velhice foi amargurada pelo golpe m
profundo que póde receber uma mãi.

Embora muito cedo se patenteasse o talento e primor d
espirito de João Francisco Lisboa, correu descuidado e tab
contrariada a sua educação litteraria até 1829; porque mesm
viu-se elle na fazenda paterna solto e livre como as aves d
campo que habitava, e joven achou-se preso e constrangi
em uma casa commercial; mas aos dezesete annos a ind
do mancebo revoltou-se, quebrou as cadêas que prendia
sua intelligencia, que, desforrando-se da incuria do passad
conquistou em arrojados vôos os estudos de humanidades n
capital da provincia.

Os acontecimentos politicos de 1821 não podiam deix
de influir na alma enthusiasta e generosa do joven Lisboa
que alistando-se logo no partido liberal, fez-se o mantenedor
de nobres idéas na arena da imprensa, e jornalista aos vin
annos de idade, foi redactor do *Brasileiro* em 1832, do *Phar*
rol desde Novembro do mesmo anno até o fim do seguinte
e do *Echo do Norte*, de Maio de 1834 até 1836, e emfim d
Chronica, que escreveu de Janeiro de 1838 até Março d
1841.

Durante dez annos o jornalismo fôra a sua tunica de Nesso
não lhe serviram para arrancal-a dos hombros nem os cu
dados da administração, na qual prestou bons serviços com
secretario do governo da provincia em 1835, por nomeação
do presidente Antonio Pedro da Costa Ferreira, ulteriormente
barão do Pindaré, nem os trabalhos legislativos da assembl

provincial de que foi membro distincto na primeira legislatura e na de 1838.

O que não pôde a fadiga, a luta incessante, a aggressão dos contrarios, pôde o desamor e a ingratidão dos alliados. Ha na vida politica desillusões que arrefecem a fé; contradicções inexplicaveis que apadrinham o scepticismo, essa morte do coração; ciumes egoisticos e esquecimentos crueis que ás vezes accendem na alma do offendido um justo resentimento e despertam um nobre orgulho onde sómente florecia a modestia.

O adestrado e consciencioso jornalista politico é a alavanca do seu partido: a imprensa é a tribuna que nunca se fecha, o jornalista o orador que falla todos os dias: o jornalista sacrifica no altar das suas crenças a luz dos seus olhos, o somno das suas noites, os thesouros do seu espirito: não ha para elle nem folga nem descanso, os alliados o impellem, os adversarios o provocam, a calumnia o persegue: trabalho incessante, e nunca chega ao fim do trabalho: a tarefa recomeça todos os dias: é um novo Prometheo encadeado a uma mesa; a sua vida é um martyrio como o martyrio das Danaides.

João Francisco Lisboa fôra dez annos o jornalista do seu partido; era além d'isso um orador de merecimento, e um homem illustrado: em 1840 apresentou-se candidato á assembléa geral pela sua provincia, e em breve reconheceu que o ciume e a má vontade dos proprios correligionarios politicos lhe preparavam uma triste derrota. Então seu ciume resentiu-se, e o seu orgulho alterou-se. Não se suicidou como Chatterton; quebrou a penna desamada: lembrou-se do eloquente conselho do grande orador sagrado, que dizia ao velho guerreiro esquecido pela patria — Morre e vinga-te! — Elle não morreu, mas calou-se.

Entregue ao mister da advocacia, que lhe deu honrosa e [illegible]ida nomeada, o nosso illustre consocio descansou

onze annos das lides da imprensa; mas em 1852 volt
novo a ella, não como d'antes, para defendér as idéas d
partido, sómente porém para castigar os abusos de tod
partidos, fulminar a desmoralisação, e tambem para es
a historia da sua provincia: foi então que começou a d
prélo esses interessantissimos folhetos sob o titulo de
de Timon, nos quaes, como diz um seu digno biog
com o lapis de Gavarni na mão de Juvenal, expôz diar
mundo quadros profundamente verdadeiros, onde a s
o ridiculo atacaram o vicio, o desregramento e a vaidad
bresahindo os dois ultimos dos doze numeros d'esse j
em que estudando os antigos historiadores do Mar
combinando raros documentos e investigando os archi
passado, apresentou curiosissimos trabalhos sobre a h
civil, economica e administrativa da sua provincia.

A reputação do nosso consocio como litterato, philo
e historiador firmou-se para sempre com o *Jornal de I*
S. M. o Imperador agraciou o distincto brasileiro com
menda da ordem de Christo: o Instituto Historico cha
para o seu gremio, e o seu nome desde muito conheci
vantajosamente no Maranhão foi repétido com louvor
tima em todo o Brasil.

Em 1855 João Francisco Lisboa vem ao Rio de Jane
pouco depois parte para Portugal incumbido pelo go
imperial de colligir documentos relativos á historia patri
borioso e incansavel, desempenhava com solicitude esta
missão, e ao mesmo tempo escrevia a historia do padre
e enthesourava preciosas notas para escrever mais co
e até uma época contemporanea a historia do Mar
quando a 26 de Abril d'este anno falleceu depois de
padecer.

Da tarefa encarregada ao nosso illustre consocio pe
verno de Sua Magestade, colheu o paiz cópias de impo

manuscriptos e memorias que enriquecem o archivo do nosso Instituto, e serão opportunamente publicados; e das suas espontaneas lucubrações, dos trabalhos de sua penna illustrada e patriotica ficou um thesouro de trabalhos profundos, alguns dos quaes infelizmente incompletos.

João Francisco Lisboa casára-se no Maranhão em 1834 com a Sra. D. Violante Luiza da Cunha, que em amargurada viuvez tornou á patria, onde chora com ella a perda que a ambas cobriu de luto.

E grande foi realmente a perda, porque o nosso finado consocio era um dos mais laboriosos e illustrados membros d'essa familia muito limitada de homens de letras que escrevem e que pesam tão pouco ao Estado e que tanto fazem por elle. A vida d'esse distincto varão foi uma sementeira abundante e um campo fertilissimo: sua morte uma bella sementeira perdida e um campo que se esterilisou.

Perdemos recentemente o nosso respeitavel consocio o conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araujo. O orador do Instituto não conseguiu receber a tempo informações detalhadas a respeito da vida e feitos d'este illustre brasileiro, e por isso é obrigado a limitar-se a uma simples menção do nome d'aquelle que na magistratura subiu ao gráo mais elevado, sendo ministro do supremo tribunal de justiça, e como jurisconsulto, litterato e philosopho deixou obras importantes e escriptos estimaveis que lhe asseguram um lugar honroso no registro bibliographico do Brasil.

José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araujo foi fidalgo da casa imperial, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo e cavalleiro das imperiaes ordens do Cruzeiro e da Rosa.

Na primeira hora do dia 11 de Junho de 1863, os dobres lugubres dos sinos das igrejas da capital annunciaram a orphandade da diocese fluminense, a morte do nosso venerando

consocio D. Manoel do Monte Rodrigues
capellão-mór, conde de Irajá.

Filho legitimo de João Rodrigues de
rina Ferreira de Araujo, nasceu aquelle
sabio e piedoso varão na cidade do Reci
de 1796; de seus pais recebeu elle desd
as mais suaves lições de virtude; e lo
mostrou a mais decidida vocação para
em humilde berço; mas teve junto d'e
anjo da caridade, e nascendo, trouxe e
vilegios da mais alta nobreza, duas flam
da intelligencia no espirito, a flamma

Antes de chegar á idade exigida par
tinha já Manoel do Monte concluido
de estudante applicado e talentoso os
alguns de sciencias ecclesiasticas; ma
o padre, o enunciador da palavra de
damente esclarecido, applicou-se log
tudar em Pernambuco; na sciencia d
cipulo do muito illustre padre-mes
Marianna, posteriormente bispo de C
tempo que se tornava mestre na li
franceza, a italiana e a ingleza, e
lingua dos dois Homeros, o gran
S. João Chrysostomo, quando rebe
revolução de 1817.

O joven Manoel do Monte não
mento politico; acompanhou-o por
mesmo dizia, e formou votos pelo
quella revolução um sentimento d
despertava as sympathias dos per
tudante não podia ser indifferente
céo do coração, como o céo é a

Vencida a revolução, seguiu-se o terror, o immenso banho de sangue, a serie de vinganças brutaes em que se deshonrou a toga do magistrado; advinhava-se o crime na consciencia do suspeito, via-se a denuncia do crime na lagrima da piedade, achava-se a confissão do crime na fidelidade ao amigo proscripto; a virtuosa mãi de Manoel do Monte, já então viuva receou por seus filhos relacionados com alguns dos compromettidos, e abandonando o tecto querido de seus annos de felicidade, passou-se do Recife para Olinda, onde Manoel do Monte continuou os seus estudos como collegial interno do seminario fundado pelo bispo Azeredo Coutinho, merecendo em breve a honra de ser designado para reger interinamente a cadeira de theologia moral, e finalmente, estando então vaga a diocese de Pernambuco, veio para o Rio de Janeiro, onde recebeu todas as ordens até o presbyterado na capella episcopal da Conceição, a 17 de Fevereiro de 1822.

Tornando a Pernambuco, o padre Manoel do Monte encetou, essa vida de retiro modesto, de lucubrações profundas e de exemplar piedade que o tornaram tão notavel : nem mesmo um cataclysma politico pôde arredal-o da sua luminosa solidão; solidão, porque o era no seio da cidade e no meio dos homens a simples e silenciosa sala dos seus trabalhos litterarios; luminosa, porque alli havia um mundo — o da sciencia — e n'elle radiavam planetas, que eram os livros dos padres da igreja, dos grandes philosophos e dos sabios.

O grave erro politico da dissolução da constituinte brasileira produzira o seu primeiro resultado na desastrosa revolução que se chamou da Confederação do Equador, que principalmente pronunciou-se em Pernambuco. Os governos e os povos prepararam os seus proprios destinos.

O padre Manoel do Monte conservou-se alheio a todos esses acontecimentos; não que o estudo das cousas divinas o fizesse esquecer os padacimentos dos homens, e a dôr da

patria, não que o livro de um sabio o tornasse surdo ao trovão da artilheria de dois exercitos de irmãos inimigos, como o problema que não deixou Archimedes, ouvir o alarido das tropas de Marcello que tomavam Syracusa, o piedoso sacerdote lastimava a luta fratricida, e orava, pedindo a Deus o perdão dos erros do governo e do povo, o perdão de todos, e o bem do Brasil.

Fundado o curso juridico em Olinda, o mestre correu a ser discipulo, o padre Manoel do Monte matriculou-se n'elle; e com a mais vantajosa nomeada tocava o termo d'esses estudos, quando, em consequencia de uma desavença entre seu irmão que tambem se matriculára, e um dos lentes da faculdade teve de deixar a academia, levando, porém, conhecimentos que o tornáram, na opinião de auctoridades competentes, um abalisado jurisconsulto.

Embora estranho a todas as questões do mundo politico, o padre Manoel do Monte gozava tal reputação de sabedoria e virtude, que a provincia de Pernambuco espontaneamente o elegeu deputado á assembléa geral legislativa em 1834. Os romanos, nomeando Cincinnato dictador, foram encontral-o no seu campo, dirigindo a charrua; os eleitores pernambucanos, elegendo deputado ao padre Manoel do Monte, foram encontral-o entre um crucifixo e um livro, entre a oração e o estudo. A oração e o livro são as charruas do padre.

O nosso venerando consocio obedeceu ao voto de confiança dos seus concidadãos; na camara temporaria teve sempre por guia a sua escrupulosa consciencia, e em 1839, descansando das fadigas legislativas na sua provincia, quando foi surprehendido pelo decreto de 10 de Fevereiro de 1839 que o elegia bispo do Rio de Janeiro, e expedidas pelo Santo Padre Gregorio XVI as bullas de confirmação, tomou posse do bispado a 24 de Maio de 1840.

Em 1844 a provincia do Rio de Janeiro incluiu o seu

tuoso prelado no numero dos seus deputados; terminada porém a legislatura, acabou tambem a carreira politica do illustre e venerando Manoel do Monte, que aliás só em obediencia á voz da patria se distrahira assim dos seus altos deveres episcopaes.

Bispo do Rio de Janeiro durante vinte e tres annos, não viveu um dia que não fosse dedicado ao bem do seu rebanho. Promoveu o desenvolvimento dos estudos ecclesiasticos no seminario de São José, ajuntando ás cadeiras existentes as de francez, geographia e historia universal, rhetorica e poetica, mathematicas elementares, inglez, instituições canonicas, historia sagrada e ecclesiastica, e theologia exegetica, augmentando tambem as proporções do seminario, que ainda lhe deveu a reivindicação de importantes propriedades, e emfim um legado de dez apolices da divida publica de um conto de réis cada uma.

Foi em sua vida uma fonte inesgotavel de caridade; não poucos jovens talentos, mas orphãos sem fortuna, recebêram d'elle os abençoados soccorros para proseguirem no cultivo das letras; o seu palacio episcopal era a casa dos pobres; o nosso distincto collega o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro á referiu um facto que resume todos os elogios: o bispo subia a ladeira do morro da Conceição, e avistando numerosos pobres que o esperavam para receber esmola, disse com angelico sorriso ao seu digno secretario particular que o acompanhava: « Eis alli a guarda de honra dos bispos. »

O venerando prelado era sempre accessivel a todos, e o mais exigente dos queixosos ou dos pretendentes o achava com o sorriso nos labios e com um abysmo de paciencia no coração; nunca uma palavra acerba, nunca um movimento de desagrado; sua palavra ao injusto era um conselho de amor e de sabedoria; e sua despedida ao menos respeitoso dos pretendentes era uma benção de caridade.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

do bem. Não comprehendia os enredamentos da maldade; sincero e leal, tomou as vezes a mascara pelo rosto, o fingimento pela verdade, e naturalmente ninguem podia ser tão facil de cahir nos laços dos hypocritas e dos ambiciosos.

Eis o unico defeito do venerando bispo! E' um peccado que Deus castigará com um sorriso.

O bispo conde de Irajá durante o seu governo episcopal dirigiu as mais solemnes e grandiosas ceremonias religiosas, ou n'ellas tomou parte. Concorreu no acto da sagração e coroação de S. M. o Imperador o Senhor Dom Pedro II, abençoou o consorcio do mesmo augusto Senhor com a virtuosissima princeza actual imperatriz do Brasil, celebrou o matrimonio das duas princezas brasileiras, Suas Altezas Imperiaes as Sras. D. Januaria e D. Francisca, e derramou as aguas do baptismo sobre as cabeças dos serenissimos principes, filhos do imperador.

Tão venerando e benemerito prelado não podia nem com a sua modestia, nem com a sua humildade, escapar ás honras da terra. S. M. o Imperador do Brasil o fez seu capellão-mór, conde de Irajá, do seu conselho, grande dignitario da imperial ordem da Rosa e commendador da de Christo, e o bispo foi ainda prelado domestico de Sua Santidade e assistente ao solio pontificio, grã-cruz das ordens de São Januario e de Francisco I de Napoles.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Episcopal Religioso, a Sociedade dos Antiquarios do Norte, a Academia das Artes e Sciencias de Roma e outras muitas, tanto nacionaes como estrangeiras, se ufanáram de contar o venerando bispo entre os seus membros.

Era um varão tão distincto e preclaro, que ainda quando não fosse principe da igreja, teria uma corôa immarcescivel que bem mereceu pelos fructos sazonados de uma intelligencia esclarecida. As suas duas obras magistraes—*o Compendio*

de theologia moral, e os *Elementos de direito ecclesiast*
são verdadeiros monumentos de que se gloriam a patri
igreja.

O nosso venerando consocio deixou ainda ao clero
sileiro, e especialmente ao da sua diocese, dois sublim
gados que não podem ser esquecidos: — o exemplo da
virtudes e a lição da sua sabedoria.

E é indispensavel que esses legados se aproveitem em
da religião e da patria: o exemplo e a lição do finado
estão clamando que o padre, para ser verdadeiro pa
digno sacerdote, deve mostrar-se virtuoso e sabio. A
o tumulo do bispo proclamam esta verdade: é precis
ella seja ouvida.

Aquelle que enuncia a palavra de Deus, deve ter e
espirito thesouros de sciencia para não amesquinhar
gradas idéas de que é o interprete e que lhe cumpre en
Os apostolos de Christo, tirados das classes mais rude
rificáram a humildade; mas a inspiração divina lhe
sabedoria para conquistar os idolatras, os barbaros e o
vagens. O padre ignorante é o compromettedor das
doutrinas e incapaz de alimentar a tocha da fé.

E a virtude, a moralidade e os costumes são devem
impenetraveis armaduras com que o sacerdote se defen
golpes do vicio e dos ataques do mundo. Não póde ter
nem auctoridade, nem influencia sobre o coração do p
padre que contradiz os preceitos da religião com as n
de uma vida desregrada e com os delirios das paixões: o
ignorante é um grande erro, o padre desmoralisado
grande crime, e aquelles que por ventura são ao mesmo
ignorantes e desmoralisados, aquelles que fazem do al
simples meio de vida, pertencem á familia dos nego
sacrilegos que Jesus-Christo expelliu do templo onde
dejavam.

O padre deve ser sabio para a lição, e virtuoso para o exemplo.

Abençoados sejam pois o exemplo e a lição legados pelo nosso venerando consocio o bispo conde de Irajá; exemplo e lição que parecem determinados por Deus para mostrar-nos um grande mal e um perigo, e ensinar-nos o remedio e o caminho da regeneração.

Temos no clero brasileiro sacerdotes que fazem a ufania da patria e que são dignos do altar, e a sua sabedoria e as suas virtudes ensinam a lição e dão o exemplo que legou o nosso venerando consocio.

Esses repetem o brado que sahiu da vida que acabou a 11 de Junho de 1863, e que sahe ainda do tumulo recentemente levantado.

Mais alto porém que os vivos, falla o morto que já está diante de Deus.

Em sua vida de sessenta e sete annos aquelle que foi bispo do Rio de Janeiro disse aos padres—sêde como eu!—O tumulo repete hoje o conselho dado pelo exemplo da vida. E' preciso que se estude o exemplo d'aquella vida e que se obedeça á voz que sahe d'este tumulo.

Desenhos, medalhas, retratos, etc., offerecidos ao Instituto durante o anno de 1863.

Pelo Sr. S. A. Sisson.

Um retrato de S. M. o Imperador.

Pelo Sr João Carlos Pereira Pinto.

Desenho de uma machina para puchar navios para terra, por meio de vapor ou de animaes.

Uma téla de seda representando o escudo de armas da republica rio-grandense, e a bandeira da mesma republica cercada de medalhões com a inscripção das batalhas entre os republicanos e os legalistas.

Modelo em metal destinado para cunhar a moeda metallica da mesma republica.

Medalha em cobre commemorativa da reconstrucção da nacionalidade argentina. 1860.

Manuscriptos offerecidos ao Instituto durante o anno de 1863.

Pelo Sr. Antonio Joaqnim Damazio.

Noticia da expulsão do governador de Pernambuco Sebastião de Castro e Caldas no anno de 1711.

Biographia do conselheiro Antonio Augusto da Silva.

Pelo Sr conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos.

Memoria sobre a defeza da capital do Brasil, por um official do corpo de engenheiros, 1822.

Reconhecimento da estrada que da cid
á colonia do Jatahy. Pelo capitão do co
Epiphanio Candido de Sousa Pitanga em

Tarifa de direitos da alfandega grande

Processo sobre achada de varias moe
de cunho estrangeiro, que haviam sido
nhança da capital da Parahyba. 1820.

Minuta da correspondencia do ministe
o governador da capitania do Rio Grande
de 1772 até Julho de 1773.

Cópia de variada correspondencia de c
da provincia do Pará. por occasião da
dida em 1834.

Relation historique et géographique
daigne.

Relation sur la quatilé et quantité des
côtes du royaume de Sardaigne.

Della naturale posizione ed indole
d'Iglesias.

Representação dirigida a Sua Alteza Re
em 24 de Agosto de 1820, pelo govern
Rio Grande de S. Pedro do Sul, Sebasti

Rio Grande do Sul, pela provedoria em 1802, e pela junta de fazenda em 1805, acompanhando-as uma relação das despezas que se deviam effectuar em 1806 (Original).

Pelo Sr. João Carlos Pereira Pinto.

Diques seccos de Nova-Yorck, 1844.

Navegação dos affluentes do Prata, 1846.

Projecto de regulamento da marinha militar do Brasil.

Memoria sobre os limites do imperio com a republica de Bolivia e annexos.

Pelo Sr. Rodolfo Waehnelds.

Relatorio ou descripção da ultima viagem feita na provincia de Mato-Grosso pelo offertante.

Pelo Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto,

Memoria economica e metallurgica sobre a fabrica de ferro de S. João de Ypanema na provincia de S. Paulo, escripta pelo conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva (Original).

Carta autographa do rei Luiz XVIII, dirigida ao Sr. D. João VI, agradecendo-lhe os subsidios com que, sem seu conhecimento prévio, o auxiliava na época da emigração.

Descripção da capitania de Minas-Geraes, acompanhada de diversos e importantes quadros estatisticos, etc., etc.

Pelo Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

Cópia da provisão e estatutos da fundação do seminario de S. José da cidade do Rio de Janeiro.

Pela secretaria do imp

Cópias dos manuscriptos dos archivos
á historia nacional, collegidos pelo com
cisco Lisboa (hoje fallecido), 4 volumes

Mappas offerecidos ao Ins
de 1863.

Pelo Sr. conselheiro Duarte da

Mappa da fronteira do Norte do imper

Pelo Sr João Carlos Pereir

Collecção de mappas desde Santa Cat
Prata, Paraná e Uruguay, pelo tenente S
Mappa do banco Ortiz e ilha de Martin
Dito do Rio Vermelho.
Dito da confluencia do Paraguay com

Pelo Exm. Monsenhor Franci

Mappa das descobertas no mar polar

Pelo Sr. João Crispiniano Soares, presidente de Minas.

Carta geographica da provincia de Minas Geraes, confeccionada pelo engenheiro Henrique Gerber, 1862.

Pelo Sr. Henrique Gerber.

Carta geographica da provincia de Minas Geraes, por elle levantada em 1862.

Pelo Sr conselheiro Candido Baptista de Oliveira.

Mappas hydrographicos; sendo parte d'estes mappas remettidos pela commissão da fragata «Novara», e parte remettidos pelo Sr. ministro d'Austria.

Pelo Sr. Rodolfo Waehnelds.

Mappas geographicos dos lugares da provincia de Mato-Grosso explorados pelo mesmo offertante. 2 mappas.

Pelo Sr. capitão de fragata Augusto Leverger.

Carta do rio Paraguay desde a foz do rio Sepotuba até o rio Paraná, 1862. (Manuscripta.)

Pelo Archivo Militar.

Carta corographica da provincia de Minas-Geraes, coordenada e desenhada em vista dos mappas corographicos antigos e das observações mais recentes de varios engenheiros, por F. Wagner. Ouro Preto, 1855.

Relatorios e documentos remettidos pelas secretarias de estado, no anno de 1863.

Secretaria do imperio.

Relatorio apresentado ao Exm. Sr. presidente da provincia de Santa Catharina o capitão-tenente Pedro Leitão da Cunha pelo vice-presidente João Francisco de Sousa Coutinho, em 26 de Dezembro de 1862 por occasião de passar-lhe a administração da provincia. Desterro, 1863.

Relatorio apresentado ao Exm. 1° vice-presidente da provincia de Santa Catharina o commendador João Francisco de Sousa Coutinho, pelo presidente, o conselheiro Vicente Pires da Motta. Desterro, 1863.

Relatorio que o Exm. presidente da provincia do Piauhy Dr. José Fernandes Moreira, apresentou á assembléa legislativa provincial por occasião de sua installação no dia 10 de Novembro de 1862.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Antonio de Brito Sousa Gayoso, passou a administração da provincia do Piauhy ao Exm. Sr. presidente Dr. José Fernandes Moreira no dia 13 de Junho de 1862. Theresina, 1862.

Relatorio apresentado á assembléa provincial de Sergipe no dia 1 de Março de 1861 pelo presidente Dr. Thomaz Alves Junior.

Relatorio que a assembléa legislativa provincial do Maranhão apresentou o presidente da provincia, conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello. S. Luiz. 1862.

Falla com que o Exm. Sr. conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, presidente da provincia da Bahia abriu a assembléa legislativa provincial no dia 15 de Novembro de 1862. Bahia, 1862.

Relatorio apresentado pelo Exm. Sr. Dr. Manoel Francisco Corrêa, presidente da provincia de Pernambuco ao passar a administração da mesma ao Sr. Dr. João Silveira de Sousa em 2 de Outubro de 1862. Pernambuco, 1863.

Relatorio apresentado pelo presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul o desembargador Francisco de Assis Pereira Rocha, na abertura da primeira sessão da decima legislatura da mesma provincia. Porto Alegre, 1862.

Relatorio com que o Exm. Sr. conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão, passou a administração da provincia da Bahia ao Exm. Sr. conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque em 30 de Setembro de 1862. Bahia, 1862.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. João Jacintho de Mendonça, entregou a presidencia da provincia de S. Paulo ao Exm. Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. S. Paulo, 1862.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa de S. Paulo, pelo Sr. conselheiro Dr. Vicente Pires da Motta no dia 2 de Fevereiro de 1863.

Relatorio com que o Ex. Sr. conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, passou a administração da provincia de S. Paulo ao Exm. Sr. conselheiro Vicente Pires da Motta no dia 16 de Outubro de 1862. S. Paulo, 1862.

Relatorio com que o desembargador Francisco de Assis Pereira Rocha, entregou a presidencia da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao Exm. Sr. vice-presidente o commendador Patricio Corrêa da Camara no dia 18 de Dezembro de 1862. Porto Alegre, 1863.

Relatorio que devia apresentar a assembléa geral legislativa na terceira sessão da decima primeira legislatura o ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio, Marquez de Olinda. Rio de Janeiro, 1863.

Relatorio com que foi aberta a 2ª sessão da 14ª legislatura

da assembléa provincial de Sergipe pelo presidente Dr. João Jacintho de Mendonça, 1863.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. João Bonifacio Gomes de Siqueira, vice-presidente da provincia de Goyaz, passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães. Goyaz, 1863

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial do Rio de Janeiro na 2.ª sessão da 15ª legislatura no dia 1.º de Outubro de 1863 pelo presidente da mesma Dr. Policarpo Lopes de Leão. Rio de Janeiro, 1863.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa da provincia do Paraná pelo presidente Antonio Barbosa Gomes Nogueira, na abertura da 2.ª sessão da 5.ª legislatura, em 15 de Fevereiro de 1863. Coritiba, 1863.

Relatorio que á assembléa legislativa provincial de Minas Geraes apresentou no acto da abertura da sessão ordinaria de 1863 o conselheiro João Chrispiniano Soares, presidente da mesma provincia. Ouro Preto, 1863.

Relatorio com que ao Exm. Sr. Dr. João Marcelino de Souza Gonzaga, presidente da provincia das Alagoas, entregou a administração da mesma provincia o Dr. Antonio Alves de Sousa Carvalho. Maceió, 1863.

Secretaria da guerra.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na terceira sessão da decima primeira legislatura pelo Exm. Sr. ministro d'estado Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão. Rio de Janeiro, 1863. 10 exemplares.

Secretaria da fazenda.

Proposta e relatorio do ministerio da fazenda apresentado

á assembléa geral legislativa na terceira sessão da decima primeira legislatura pelo ministro e secretario d'estado marquez d'Abrantes. Rio de Janeiro, 1863.

Secretaria d'agricultura, commercio e obras publicas.

Relatorio que devia ser apresentado á assembléa geral legislativa na terceira sessão da decima primeira legislatura, pelo ministro e secretario d'estado conselheiro Pedro d'Alcantara Bellegarde, e annexo. Rio de Janeiro, 1863. 2 exemplares.

Secretaria da marinha.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na terceira sessão da decima primeira legislatura pelo ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha, o chefe de divisão Joaquim Raymundo de Lamare. Rio de Janeiro, 1863.

Secretaria de estrangeiros.

Relatorio da repartição dos negocios estrangeiros que tinha de ser apresentado á assembléa geral legislativa na terceira sessão da decima primeira legislatura pelo respectivo ministro d'estado, marquez d'Abrantes. Rio de Janeiro, 1863.

Atlas relativos á viagem exploradora feita no interior dos Estados-Unidos por Charles Wilkes, por ordem do governo, —5 atlas folio.

Secretaria da justiça.

Relatorio do ministerio da justiça que devia ser apresentado á assembléa geral legislativa na terceira sessão da decima

primeira legislatura pelo respectivo ministro conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú. Rio de Janeiro, 1853.

Relatorios e documentos remettidos pelos presidentes das provincias no anno de 1863.

Rio de Janeiro.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial do Rio de Janeiro na segunda sessão da decima quinta legislatura no dia 1° de Outubro de 1863, pelo presidente da mesma provincia Dr. Polycarpo Lopes de Leão. Rio de Janeiro, 1863, 2 exemplares.

Rio Grande do Sul.

Collecção das leis, actos e regulamentos expedidos pela presidencia da provincia de São Pedro do Rio-Grande do Sul tomo XVIII. Porto-Alegre, 1862.

Relatorio com que o desembargador Francisco de Assis Pereira Rocha entregou a presidencia da provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul ao Exm. Sr. vice-presidente, o commendador Patricio Corrêa da Camara, no dia 18 de Dezembro de 1862. Porto Alegre. 1863.

Relatorio apresentado pelo presidente da provincia de São Pedro do Rio-Grande do Sul. Dr. Speridião Eloy de Barros Pimentel na segunda sessão da decima legislatura da assembléa provincial. Porto-Alegre, 1863.

Minas Geraes.

Noções geographicas e administrativas da provincia de

Minas-Geraes, por Henrique Gerber. Rio de Janeiro, 1863, 1 volume.

Sergipe.

Relatorio apresentado á assembléa provincial de Sergipe no dia 4 de Março de 1861, pelo presidente Dr. Thomaz Alves Junior. Sergipe, 1862.

Relatorio com que foi entregue a administração d'esta provincia ao sexto vice-presidente Dr. Joaquim José de Oliveira, pelo presidente Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça no dia 23 de Junho de 1863. Sergipe, 1863.

Paraná.

Leis, decretos e regulamentos da provincia do Paraná, tomo IX. Coritiba, 1862.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa da provincia do Paraná pelo presidente Antonio Barbosa Gomes Nogueira na abertura da segunda sessão da quinta legislatura em 15 de Fevereiro de 1863. Coritiba, 1863.

Goyaz.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. João Bonifacio Gomes de Siqueira, vice-presidente da provincia de Goyaz passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães. Goyaz, 1863.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa de Goyaz, pelo presidente Dr. José Vieira Couto de Magalhães no dia 1° de Julho de 1863. 2 exemplares.

Rio Grande do Norte.

Collecção de leis provinciaes do Rio Grande do Norte, ano de 1862, 2 volumes em oitavo.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Pedro Leão Velloso, ex-presidente da provincia do Rio Grande do Norte, passou a administração da mesma ao Exm. Sr. tenente-coronel Injano Leocadio de Medeiros Murta, quarto vice-presidente, no dia 14 de Maio de 1863. Natal, 1863.

Espirito Santo.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial do Espirito Santo no dia da abertura da sessão ordinaria de 1862, pelo presidente José Fernandes da Costa Pereira Junior. Victoria, 1862.

Bahia.

Falla com que abriu extraordinariamente a assembléa legislativa da Bahia, o conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, presidente da provincia, em 15 de Novembro de 1862. Bahia, 1862.

Relatorio com que o Exm. Sr. conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão passou á administração da provincia da Bahia ao Exm. Sr. conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque em 30 de Setembro de 1862. Bahia, 1862.

Falla que recitou na abertura da assembléa legislativa da Bahia, o presidente da provincia conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque no dia 1º de Março de 1863. Bahia, 1863.

Pernambuco.

Relatorio apresentado na abertura da assembléa legislativa provincial de Pernambuco em o dia 1° de Março de 1863, pelo Sr. Dr. João Silveira de Sousa, presidente da mesma provincia. Pernambuco, 1863.

Ceará.

Relatorio apresentado a assembléa legislativa provincial do Ceará pelo presidente Dr. José Bento da Cunha Figueiredo. Ceará, 1863.

Compilação das leis provinciaes do Ceará, comprehendendo os annos de 1835 a 1861 pelo Dr. José Liberato Barroso. Rio de Janeiro, 1863. 2 volumes em oitavo.

Parahyba.

Collecção das leis provinciaes da provincia da Parahyba do Norte, anno de 1862. Parahyba, 1862, 1 volume 4°.

Maranhão.

Relatorio que á assembléa legislativa provincial do Maranhão, apresentou o presidente da provincia conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello, por occasião da installação da mesma assembléa no dia 27 de Outubro de 1862. S. Luiz, 1862.

Relatorio que á assembléa legislativa provincial do Maranhão, apresentou o conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello, no dia 3 de Maio de 1863. Maranhão, 1863.

Pará.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa da provincia do Pará na 1ª sessão da decima terceira legislatura pelo Exm. Sr. presidente Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque.— Pará, 1862, 2 exemplares.

Obras e impressos offerecidos ao Instituto por diversas pessoas e associações, durante o anno de 1863.

Pelo Instituto de Coimbra.

Jornal Scientifico e Litterario. Coimbra, 1862, os ns. 5, 7, 8, 9, 11 e 12.

Pelo Instituto Historio e Geographico da provincia do S. Pedro do Sul.

O n. 3º da sua Revista. Porto Alegre, 1862.

Pela redacção do Indicador Militar por intermedio do Sr. Dr. Francisco da Costa Araujo e Silva.

Dezeseis numeros do seu jornal do corrente anno.

Pelo Instituto da Ordem dos Advogados da côrte.

Tres numeros do jornal do mesmo Instituto. Rio de Janeiro, 1862—1863.

Pelo Instituto Scientifico de S. Paulo.

Nove numeros da sua Revista. S. Paulo, 1862—1863.

Pela Academia de Vienna.

Memorias da mesma academia (continuação) 72 numeros. — Almanak de 1858, 1 volume.

Pela Sociedade de Historia da Pennsylvania.

Dois volumes de suas memorias.

Pelo Instituto de Washington.

Cinco volumes de suas Memorias.

Pela Academia imperial de S. Petersbourg.

Bolletins da mesma academia. 9 numeros.

Pela sociedade de Geographia de Paris.

Bulletin de geographie redigé sous la direction de la section de publication por M. V. A. Malte-Brum et M. Barbié du Bocage. Paris, 1862. 2 volumes 8°.

Pela faculdade do Recife.

Jornal Academico, com o titulo «Sciencia, Patria e Liberdade». Recife, 1863, os 7 primeiros numeros.

Pela Sociedade Ensaios Litterarios do Rio de Janeiro.

Revista mensal. Rio de Janeiro, 1863

Revista mensal. S. Paulo, 1863, ns.

Pelo Ensaio Academico de

Os seus — Annaes — de 1863; 1 fo

Pelo Athenêu Paulis

O n. 13 do seu jornal: São Paulo, 1

Pelo Ensaio Juridico do

Revista mensal: Recife, 1863.

Pela Academia Litteraria de

O n. 10 de sua *Revista*: São Paulo, 1

Por uma sociedade de estudantes do

Revista Scholastica de Sciencias e Let

raes, politicas e bellas letras. Lisboa, 1861, parte 2ª do tomo II, 1 volume.

Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal etc. Pelo visconde de Santarem. Paris, 1846 a 1853, 8 volumes em 8.º

Pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte.

Mémoires de la Société Royale des Antiquaires du Nord Copenhague, 1861, cinco numeros.

Pelo Sr. Manoel Affonso da Silva Lima.

O Drama nacional, intitulado a — Independencia do Brasil. Rio de Janeiro, 1862, 1 volume.

Pelo Sr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.

Discurso ao assumir a regencia da cadeira de Direito Ecclesiastico. Recife, 1861, — 2 exemplares.

Estudos sobre o ensino publico. Recife, 1860—61, 2 exemplares.

Lições sobre a infalibilidade do poder temporal dos papas. Pernambuco, 1860, 1 volume.

Pelo Sr Innocencio Francisco da Silva.

Diccionario bibliographico portuguez. Lisboa, 1862, o tomo VI.

Pelo Sr. Sergio Antonio Vieira.

Noções praticas para o cultivo e preparação do tabaco em

folhas, precedido de um esboço historico da mesma plant
São Luiz, 1862, 8 exemplares.

Pelo Sr, Dr. Abilio Cesar Borges.

Discurso que por occasião da abertura do Gymnasio B
hiano a 3 de Fevereiro de 1862, proferiu seu direct
Bahia, 1862.

Discurso que por occasião da distribuição de premios
Gymnasio Bahiano a 23 de Novembro de 1862, profer
seu director. Bahia, 1862.

Pelo Sr. Francisco Sotero dos Reis.

Postillas da grammatica geral etc., pelo mesmo, 1 vo
Commentarios de Caio Julio Cesar, traduzidos pelo offert
1863. O 1° folheto in 8° gr.

Pelo Sr. Dr. Cesar Augusto Marques.

Almanack de lembranças brasileiras, 1 volume.

Pelo Sr. Pedro de Alcantara Lisboa.

Systema metrico decimal. 1 vol.

Pelo Sr. Manoel José de Figueiredo Leite.

Relatorio do Provedor da Santa Casa da Misericordi
capital da Bahia. Bahia, 1863. 1 vol.

Pelo Sr. Constantino do Amaral Tavares.

Os Tempos da Independencia, drama historico em 3 actos, prologo e epilogo. Bahia, 1861, 1 vol. em 8.°

Lição para meninos, Bahia, 1861, 2 exemplares.

Pelo Sr Luiz Francisco da Veiga.

Cartas chilenas (treze) em que o poeta Critillo conta a Dorotheu os factos de Fanfarrão Minezio, governador do Chile, etc. Com uma introducção. Rio de Janeiro, 1863, 1 volume em 8.°

Pelo Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.

Diccionario de plantas medicinaes brasileiras. Rio de Janeiro. 1862, 1 vol.

Rapidas considerações sobre o maravilhoso, o charlatanismo e o exercicio illegal da medicina e da pharmacia. Discurso em sessão solemne da Academia Imperial de Medicina em 30 de Junho de 1862, pronunciado pelo offertante. Rio de Janeiro, 1862, 1 folheto em 8.°

Elogio historico de Antonio Americo de Urzedo. Rio de Janeiro, 1863.

Pelo Sr. Antonio Joaquim Damazio.

Tombamento dos bens immoveis da Santa Casa da Misericordia da Bahia, feito em 1862 pelo offertante, 1 vol. em 8.°

Falla que recitou na abertura da assembléa legislativa da Bahia o presidente da provincia conselheiro Antonio Coelho

Pelo Sr. Dr. Caetano Alves de

The Edinburgh Review or critical jo
a 1845, 71 volumes em 8.°

Pelo Sr. José Soriano d

Ensaio medico-legal sobre os ferime
physicas com applicação á legislação cr
de algumas considerações sobre o infa
1862, 1 volume em 8.°

Pelo Sr. Dr. Martin

Zum Gedächtnis Jean Baptiste Biot. G
fentlichen Sitzung der K. b. Academie d
28 März 1862 von Carl Friedrich Phil.
chen, 1862, 1 folheto folio. Denkred
Wagner. München, 1862. Glossaria Lin
(Glossario de diversas linguas e dialectos
no imperio do Brasil). Erlangen, 1863, 1

Ayres. 1859, 2 vols. Indice do archivo do governo de Buenos-Ayres, correspondente ao anno de 1810, 1 vol. Indice do departamento geral da policia de Buenos-Ayres, desde 1812 até 1850. 2 vols. Collecção de Memorias annuaes da municipalidade de Buenos-Ayres, desde sua fundação até 1861. Collecção de annaes da educação commum do estado de Buenos-Ayres, o relatorio do chefe da repartição das escolas publicas, de 1858 a 1860 quando se terminou esse trabalho. Debates sobre a convocação e installação do congresso argentino, 1862. Mensagem do poder executivo argentino ao soberano congresso, 1862. Annuario da administração geral dos correios de Buenos-Ayres, de 1862. Navegação do Uruguay. Rio de Janeiro, 1863, 1 vol. 8°.

Pelo Exm. Sr. Monsenhor Francisco Nardi.

Memorias sobre os mais recentes progressos da geographia. Roma, 1862, 1 vol.

Pelo Sr. F. A. de Varnhagen.

Succinta indicação de alguns manuscriptos importantes respctivos ao Brasil e a Portugal. Habana, 1863.

Pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro.

Historia fisica y politica do Chile por Claudio Gay, Paris, 1846, 23 vol. ; a saber : Documentos — 2 vol. 8°. Parte historica — 3 vol 8°. Parte botanica — 8 vol. 8°. Parte zoologica — 8 vol. 8°. Atlas — 2 vol. fol.

Memorias de justiça, culto e instrucção publica. Santiago de Chile, 1860. 1 vol.

Tratado de ensayos, tanto por la via seca como per la humeda de toda la classe de minerales y pastas de cobre, pl plata, oro, etc. Por Ignacio Domeyko — Valparaiso, 1858, 1

Elementos de minerologia, por Ignacio Demeyko, San go, 1860.

Annales de la Universidad de Chile — Santiago, 12 vol

Codigo civil de la republica de Chile, Santiago de C 1858, 1 vol.

Observações astronomicas feitas no observatorio de Sa go do Chile pelo Dr. Carlos Guilherme Moesta. Sant 1859, 1 vol. fol.

Memoria que el ministro de estado en el departamie relaciones exteriores presenta al congresso nacional de Santiago de Chile, 1860, 1 vol.

Documentos justificativos sobre la expedicion liber del Perú. Refutacion de las Memorias de Lord Cochran Santiago, 1861, 1 vol.

Annuario estatistico de la republica de Chile. Santi Chile, 1860, 2 vols. fol.

Estatistica commercial de la republica de Chile, corr dente al ano de 1859. Valparaiso, 1860.

Memoria que el ministro de estado en el departamie hacienda presenta a el congreso nacional de 1860. Sa de Chile, 1860.

Memoria que el ministro de estado en el departamie interior presenta al congreso nacional, 1860. Santia Chile, 1860.

Censo jeneral de la Republica de Chile, levantado en de 1854. Santiago de Chile, 1858.

Pelo Sr. Internuncio Apostolico.

Memorie del osservatorio del Collegio Romano nuov

dell' anno 1857 al 1859 publicato dal P. Angelo Secchi Roma, 1859, 2 numeros.

Patalogia nuova sui rudere dell' antica del Dr. in medicina e filosophia Napoleon Salaghi Forli. 1859 — 2 vol. 8°.

Misura della base trigonometrica eseguita sulla Via Appia, per ordine del Governo Pontificio nel 1854-55: dal P. A. Secchi. Roma, 1858. 1 vol. fol.

Passagio del Planeta al sole il giorno 12 Novembre 1861 osservato alla specola del collegio Romano con aggiunta di altre osservazione diverse. Memoria del P. A. Secchi. Roma, 1861. 1 vol, fol.

Alcune richerche meteorologiche sulle tempeste occorse nel 1859—60. Memoria del P. Angelo Secchi. Roma, 1860. 1 vol. fol.

Pelo Sr. Demetrio Acacio Fernandes da Cruz.

Bibliotheca brasileira. Apontamentos historicos, topographicos e descriptivos da cidade de Paranaguá. Rio de Janeiro, 1863. 2 vol. in 8.

Pelo Sr. Pompilio Manoel de Castro.

Relatorio do conselho do Monte Pio da Bahia. Bahia, 1863.

Pelo Sr. 1° tenente da armada Francisco Leopoldo Cabral Canto e Teive.

Manual do Marinheiro-Artilheiro. Rio de Janeiro, 1863. 2 exemplares.

Pelo Sr. Luiz L. Doming

Historia argentina, 2ª edicion. Buen
1° vol. 8.°

Pelo Sr. Dr. Francisco Manoel Rap

Discurso inaugural da cadeira de Histo
minario Archiepiscopal da Bahia. Bahi

Pelo Sr. Dr. Joaquim Antonio A

Memoria sobre o mal triste, ou Her
gado bovino no Ceará: 1 folheto. *A Lanceta*,
physiologia, cirurgia, etc., etc. Ceará, 18
numeros.

Pelo Sr. Dr. José Ferra

Rudimentos da nova sciencia da econo
1863. 1 vol. 8.°

Pelo Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

A Constituinte perante a Historia. Rio de Janeiro, 1863.

Pelo Sr. Henrique Gerber.

Noções geographicas e administrativas da provincia de Minas Geraes. Rio de Janeiro, 1863.

Pelo Sr. Dr. Mello Moraes.

Corographia historica, genealogica, nobiliaria e politica do imperio do Brasil. Rio de Janeiro, 1863. O 1° volume da 2ª parte.

Biographia do barão de Cayrú. Rio de Janeiro, 1863.

Pelo Sr. C. Abreu.

A Innocencia e o Crime. Rio de Janeiro. 1863.

Pelo Sr. José M. Torres Caicedo.

Religion, Patria y Amor; colleccion de versos. Paris, 1859, 2 vol. in-8 gr.

Pelo Sr. padre Angelo Secchi.

As seguintes Memorias: 1.ª Sulla constituzione fisica del sole, ragionamento letto alla pontificia accademia Tiberina. 2.ª La luna, discorso letto nella pontificia academia. 3.ª Intorno alla vita e alle opera del P. Giambattista Pianciani. 4.ª Sui recenti progressi della meteorologia. 5.ª Sulle variazione periodiche del magnetismo terrestre. 6.ª Mémoires de

avanti al sole il giorno. 12 Novembre 1
nuovo osservatorio del collegio romano
A. Secchi a B. Ben Gampagni.

Pelo Sr. A. E. Zab

Peregrinação pela provincia de S. P
1 volume in-8.

Pelo Sr. F. M. Dup

O Brasil agricola, industrial, commer
rario e noticioso, impresso em Pernambu

Pelo Sr. Luiz Francisco da C

Apontamentos sobre suspeições e rec
e no administrativo &c. Curitiba, 1863

Pelo Sr. Dr. Agostinho Marques

Discurso pronunciado em sessão ger

provincia de S. Pedro. Porto Alegre, 1862—1863, os numeros 1.° e 2.° do vol. 3.°

Pela Associação—Club Academico de S. Paulo

Estatutos da mesma associação e o 1.° n da sua Revista, S. Paulo, 1863.

Relação das obras compradas no decurso de 1863 pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Annaes de El-Rei Dom João Terceiro por Fr. Luiz de Sousa, publicados por A. Herculano. Lisboa, 1844, in-4.

Annaes do Rio de Janeiro, contendo a descoberta e conquista d'este paiz, a fundação da cidade com a historia civil e ecclesiastica, até a chegada d'El-Rei Dom João VI, além de noticias topographicas, zoologicas, e botanicas, por Balthazar da Silva Lisboa. Rio de Janeiro, 1834—35, 7 volumes in-4.

Bibliotheca lusitana historica, critica, cronologica. Pelo Abbade Diogo Barbosa Machado. Lisboa, 1741-59, 4 vol. in-folio.

Castrioto Lusitano. Entrepresa, e restauração de Pernambuco, e das Capitanias confinantes. Por Fr. Raphael de Jesus. Lisboa, 1679, in-folio.

Céo aberto na terra (O) Historia das sagradas Congregações dos Conegos seculares de S. Jorge em Alga de Veneza, e de S. João Evangelista em Portugal. Pelo Padre Francisco de Santa Maria. Lisboa, 1697, in-folio.

Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho. Pelo P. Dom Nicoláo de Santa Maria. Lisboa, 1668, 2 vol. em 1 in-folio,

Chronica da Provincia da Piedade, primeira capucha toda a Ordem e regular observancia de nosso serafico Pa S. Francisco. Composta por Manoel de Monforte. Lis 1751, in-folio.

Chronica de Cister onde se contam as cousas princip d'esta Ordem, e muitas antiguidades do Reino de Portu Composta pelo Dr. Fr. Bernardo de Brito. Lisboa, 17 in-folio.

Chronica de D. Affonso Henriques primeiro Rey de P tugal, composta por Duarte Galvão. Lisboa, 1727. folio.

Chronica de D. João o III d'este nome, composta por Fr cisco d'Andrada. Coimbra, 1796. 4 vol. in-4.

Chronica do Principe D. João, escrita por Damião Goes. Coimbra, 1790, in-4.

Chronica do Rei D. Emanuel, escrita por Damião de Go Coimbra, 1790, 2 vol. in-4.

Chronica dos valerosos, é insignes feitos del Rey D João II, per Garcia de Resende. Coimbra, 1798, in-

Chronicas dos Reis de Portugal, pelo Licenciado Du Nunes do Lião. Lisboa, 1774, 2 vol. in-8 gr.

Collecção de livros inedito de Historia Portugueza, reinados de D João 1, D. Duarte, D. Affonso V, e João II. Por José Corrêa da Serra. Lisboa, 1790-5 vol. in-folio.

Collecção de Memorias sobre a Quassia amarga e Si ruba. Traduzidas por Fr. José Mariano Velloso. Lis 1801, in-8 gr.

Collecção de noticias para a historia e geographia das ções ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes lhes são visinhas: publicada pela Academia das Scienc Lisboa, 1812-41, 7 vol. in-4.

Collecção de opusculos reimpressos relativos a Hist

das navegações, viagens e conquistas dos Portuguezes, publicada pela Academia Real das Sciencias. Tomo 1°. Lisboa, 1844-58, 3 n.os in-4.

Compendio da doutrina christãa na lingua portugueza e brasilica. Composto pelo P. João Filippe Betendorf; reimpresso por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1800, in-8.

Compendio sobre a canna, e sobre os meios de se lhe extrahir o sal essencial, ao qual se ajuntam muitas memorias ao mesmo respeito, por J. F. Dutrone. Traduzido por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1801, in-8 gr.

Copia de huma carta sobre a Nitreira artificial de Santos da Capitania de Santos, dirigida a esta Côrte por João Mãso Pereira, e publicada por Fr. José Mariano Velloso. Lisboa, 1800, in-8 gr.

Corpo Diplomatico portuguez contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do Mundo, desde o seculo XVI até os nossos dias, publicado de ordem da Academia, por Luiz Augusto Rabello da Silva. Tomo 1. Lisboa, 1862, in 4 gr.

Corpo Diplomatico Portuguez, contendo todos os tratados de paz, de alliança, de neutralidade, de tregua, de com mercio, de limites, de ajustes de casamento, de cessões de territorio e outras transacções entre a coroa de Portugal e as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia até aos nossos dias. Pelo Visconde de Santarem. Tomo primeiro. Portugal e Hespanha. Pariz, 1846, in-8.

Descripção da arvore assucareira e da sua utilidade e cultura, impressa de ordem superior por Hippolyto José da Costa Pereira. Lisboa, 1800, in-8 gr.

Diario da Assembléa geral Constituinte e legislativa do Brasil. Rio de Janeiro, 1823, 2 vol. in-folio.

Historia Sebastica, contém a vida do Augusto Principe e Senhor D. Sebastião Rey de Portugal, e os successos memoraveis do Reyno, e conquistas no seu tempo. Author Fr. Manoel dos Santos. Lisboa Occidental. 1735, in-folio.

Instrucções para o transporte por mar de arvores, plantas vivas, sementes e de outras diversas curiosidades naturaes. Dadas a luz por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1805, in-8.

Justa acclamação do Serenissimo Rei de Portugal Dom João o IV. Tratado analytico dividido em tres partes. Ordenado e divulgado em nome do mesmo Reyno em justificação de sua acção. Composto pelo Dr. Francisco Velasco de Gouvea. Lisboa, 1644, in-folio.

Memoria sobre a bronchocele, ou papo da America Septentrional, por Benjamin Smith Barton. Traduzida do Inglez por Hyppolito José da Costa Pereira. Lisboa, 1801, in-grande.

Memoria sobre a cultura da Urumbeba e sobre a criação da Cochonilha, por Mr. Bertholet, etc. Copiada do V tomo dos Annaes de Chimica por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1799, in-8.

Memoria sobre a cultura do Loureiro Cinamomo, vulgo Canelleira de Ceilão, que acompanhou a remessa das plantas da mesma feita de Goa para o Brasil pelo Illm. Francisco da Cunha Menezes, etc. Publicada por Fr. José Mariano da Conceição Velloso, (Lisboa), 1798, in-8.

Memoria sobre o Loureiro Cinnamomo vulgo Caneleira de Ceylão, por Ordem de S. A. R. O Principe N. S. Composta por Manoel Jacintho Nogueira da Gama. Lisboa, 179[illegible] in-8.

Memorias e extractos sobre a Pipereira negra que produz fructo conhecido vulgarmente pelo nome de Pimenta

continuação á Alcobaça Illustrada do Chronista mór Fr. Manoel dos Santos, por Fr. Fortunato de S. Boaventura. Lisboa, 1827, in-folio.

Historia da fundação do Real Convento e Seminario de Varatojo, com a compendiosa noticia da vida do veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, e de alguns varões illustres, filhos do mesmo Convento, e Seminario. Por Fr. Manoel de Maria Santissima. Porto, 1799-1800, 2 vol. in-8.

Historia da independencia da Provincia do Maranhão (1822-1828) pelo Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva. (Maranhão) 1862, in-8 gr.

Historia de Portugal desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Affonso III por A. Herculano. Terceira edição. Lisboa, 1862-63, 4 vol. in-8 gr.

Historia do Brasil traduzida do inglez de Roberto Southey pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Paris, 1862, 6 vol. in-8.

Historia do descobrimento da America, viagens e conquistas dos primeiros navegantes ao Novo Mundo, escripta em allemão por Campe, etc.; traduzida em portuguez, e accrescentada de notas criticas e historicas por J. I. Roquete. Paris, 1836, 2 vol. in-12.

Historia dos principaes actos e procedimento da Inquisição em Portugal. Organisada ávista de auctorisados documentos, com a relação dos autos de fé celebrados n'este Reino; etc. Lisboa, 1845, in-8 gr.

Historia geral do Brasil isto é do descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento d'este Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autenticos recolhidos nos archivos do Brasil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, por um socio do Instituto Historico do Brasil. Madrid, 1854-57, 2 vol. in-4.

Escripta por Fr. Apollinario da Conceição. Lisboa
cidental, 1733, in-4.

Quadro elementar das relações politicas e diplomatica
Portugal com as diversas potencias do mundo, des
principio da Monarchia portugueza até aos nossos
ordenado e composto pelo Visconde de Santarem. P
1843-60, tomo 3, 4 p. 1ª p. 2ª, 5, 7, 8, 14, 16 a 18, i

Quinographia portugueza ou collecção de varias memo
sobre vinte e duas especies de Quinas, tendentes ao
descobrimento nos vastos dominios do Brasil, copiad
varios auctores modernos. Collegida por Frei José Mar
Velloso. Lisboa, 1799, in-8.

Recueil complet des Traités, conventions, capitulations,
mistices et outres acts diplomatiques de tous les Etat
l'Amérique latine compris entre le golphe du Mexiqu
le cap de Horn, depuis l'année 1493 jusqu' à nos jo
precedé d'un memoire sur l'état actuel de l'Amérique
tableaux statistiques, d'un Dictionnaire diplomatique,
une notice historique sur chaque traité important.
Charles Calvo. Paris, 1862, tom 1 a 6, in-8.

Reise durch-Brasilien im Jahre 1859, von Dr. Robert
Lallement. Leipzig, 1860, in-8.

Reise durch Sud-Brasilien im Jahre 1858, von Dr. Ro
Avé-Lallement. Leipzig, 1856, in-8.

Relação das moedas dos paizes estrangeiros, com o
de cada uma, redusido ao dinheiro portuguez, etc. P
cada por Fr. José Mariano Velloso. Lisboa, 1800, i

Reposta apologetica ao poema intitulado o Uraguay,
posto por José Basilio da Gama, e dedicado a Francisc
vier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião Jos
Carvalho, etc, Lugano, 1786, in-8.

South American sketches; or a

organ mountains, La Plata. and the Paraná. By Thomas Woodbine Hinchliff. London. 1863, in-8.

Systema universal de historia natural, incluindo a historia natural do homem, dos Orang-Outangs e toda a tribu de Himia, traduzido pelo bacharel José Feliciano Fernandes Pinheiro. Lisboa, 1801, in-8 gr.

Thebaida portugueza: compendio historico da congregação dos monges pobres de Jesu Christo da Serra de Ossa, chamada depois de S. Paulo I eremita em Portugal. por Fr. Manoel de S. Caetano Damasio. Lisboa, 1793, 2 volumes, in-8.

Tratado da agua relativamente á economia rustica, ou da rega, ou irrigação dos prados por M. Bertrand, traduzido (por Josè Mariano Velloso). Lisboa, 1801, in-8 gr.

Tratado sobre a cultura, uso, e utilidade das batatas ou papas e instrucção para a sua melhor propagação, por D. Henrique Doyle, traduzido por Fr. José Mariano Velloso. Lisboa 1800, in-8.

Tratado sobre o Canamo, composto em francez por Mr. Marcandier. Traduzido por Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Publicado por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1799, in-8.

Vida de Gomes Freyre de Andrada, general da artilharia do Reyno do Algarve, governador e capitão general do Maranhão. Pará e Rio das Amazonas no Estado do Brasil, composto por Fr. Domingos Teixeira. Lisboa Occidental, 1724 27, 2 vol in-8.

Vida e feitos d'El-Rei D. Manoel (Da) XII livros dedicados ao cardeal D. Henrique seu filho, por Jeronymo Osorio, bispo de Silves: vertidos em portuguez pelo padre Francisco Manoel do Nascimento. Lisboa. 1804—6, 3 vol, in-8.

Vozes saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo e eminente sabedoria do padre Antonio Vieira, a Companhia de Jesus, etc. Pelo P. André de Barros. Lisboa Occidental, 1736, in-4.

Socios admittidos ao gremio do Instituto no anno social de 1863.

PRESIDENTE HONORARIO.

Sua Magestade o Rei dos Belgas.

CORRESPONDENTES.

João Carlos Pereira Pinto.
Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva.
Frederico Francisco de Figanière.
Dr. Francisco Ferreira d'Abreu
D. José Maria Torres Caicedo.

INDICE

DOS ARTIGOS CONTIDOS NO XXVI VOLUME.

Primeiro trimestre.

Pag.

Historia da republica jesuitica do Paraguay, desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, anno de 1861, pelo conego João Pedro Gay 5

Dissertação ácerca do systema de escrever a historia antiga e moderna do imperio do Brasil, pelo marechal Raymundo José da Cunha Mattos 121

Considerações sobre o estado de Portugal e Brasil, desde a sahida d'el-rei de Lisboa em 1807 até ao presente, indicando algumas providencias para consolidação do reino unido 145

Segundo trimestre.

Historia da republica jesuitica do Paraguay, desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo conego João Pedro Gay (*Continuação*). 185

Questões americanas, por Joaquim Caetano da Silva . 269

Documentos relativos á exhumação dos ossos de Estacio de Sá 301

Itinerario da viagem terrestre da cidade de Santos, na provincia de S. Paulo á Cuyabá, feita pelos engenheiros major bacharel José de Miranda da Silva Reis e capitão bacharel Joaquim da Gama Lobo d'Eça. . . 317

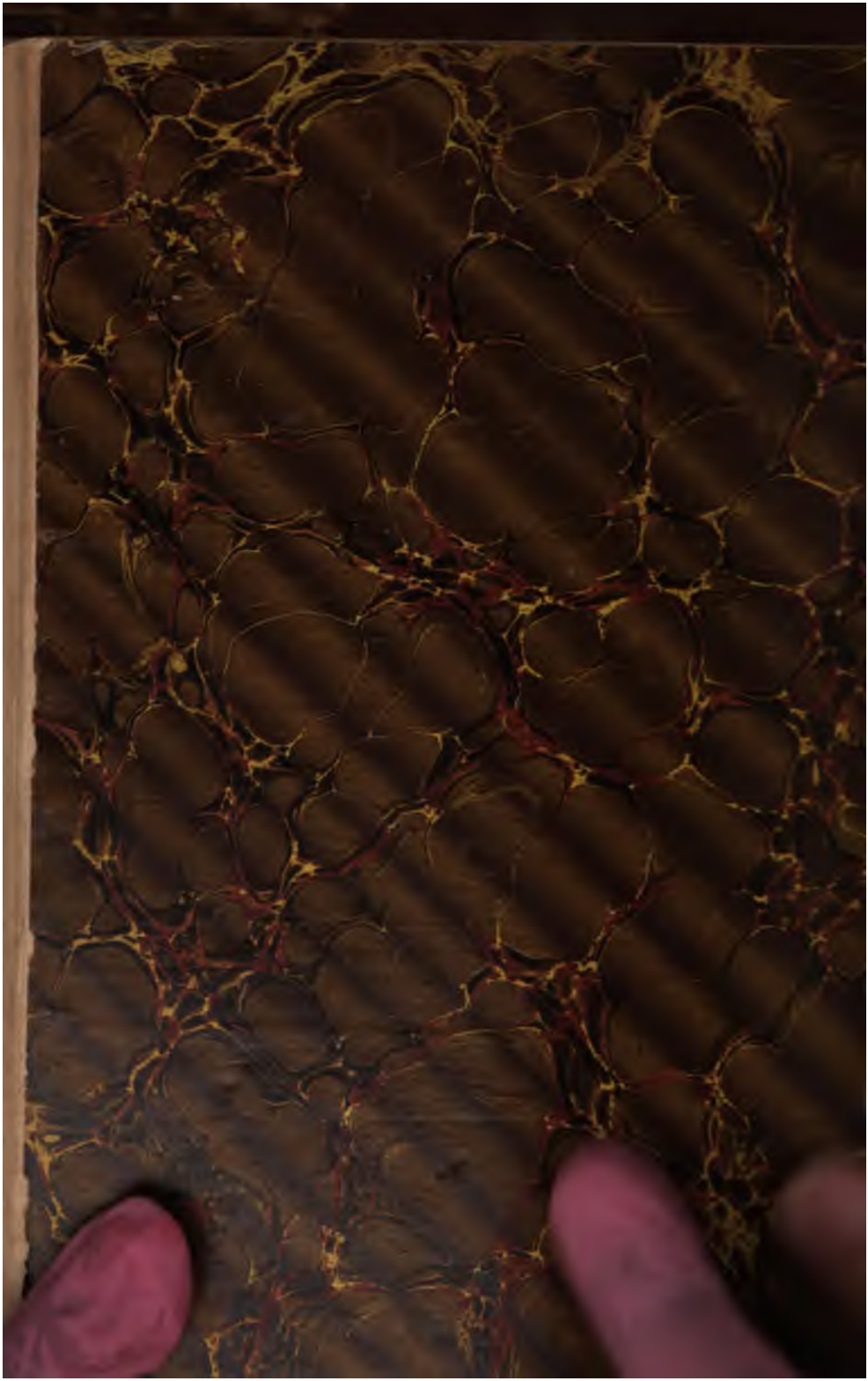
Terceiro trimestre.

Historia da republica jesuitica do Paraguay desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo conego João Pedro Gay (*Continuação*) 35
Memoria sobre a defesa militar da capital do Brasil, e dos pontos que será bom fortificar, afim de a pôr ao abrigo de um desembarque repentino, acautelando o estabelecimento mais util, e o mais exposto dos seus suburbios, de qualquer tentativa hostil de um inimigo vigilante e emprehendedor. 4
Itinerario da viagem da côrte á villa de Miranda, provincia de Mato Grosso, feito em cumprimento de ordem do Exm. ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra, brigadeiro J. Francisco Coelho . . 4
Itinerario do reconhecimento do estado da estrada da cidade de Antonina á colonia militar do Jatahy, na provincia do Paraná. 5

Quarto trimestre.

Historia da republica jesuitica do Paraguay, desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo conego João Pedro Gay (*Continuação e fim*) 8
Actas das sessões de 1863 8
Sessão magna anniversaria — Discurso do presidente do Instituto o Exm. Sr. visconde de Sapucahy . . . 9
Relatorio do primeiro secretario do Instituto o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro 91
Discurso do orador do Instituto o Sr. Dr. J. M. de Macedo 92

Desenhos, medalhas, retratos, etc., offerecidos ao Instituto durante o anno de 1863. 947
Manuscriptos offerecidos ao Instituto durante o anno de 1863 947
Mappas offerecidos ao Instituto durante o anno de 1863 950
Relatorios e documentos remettidos pelas secretarias de estado em 1863 952
Relatorios e documentos remettidos pelos presidentes das provincias, no anno de 1863. 956
Obras e impressos offerecidos ao Instituto durante o anno de 1863 960
Relação das obras compradas no decurso de 1863 pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro . . . 973
Socios admittidos ao gremio do Instituto no anno social de 1863 983



3 6105 013 855 031

JUL 11 1983

DATE DUE

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD, CALIFORNIA
94305

981.0
I59
V.2